

# TERCEIRA PARTE DA MONARCHIA LVSITANA.

Que contem a Historia de Portugal desde Conde  
Dom Henrique, até todo o reinado del Rey  
Dom Afonso Henriques.

*Dedicada ao Catholico Rey Dom Felipe terceiro de Por-  
tugal, & quarto de Castella nosso senhor.*



Por o Doutor Fr. Antonio Brandão Abbade do Conuento de N.  
S. do Deserto de Lisboa da Ordem de S. Bernardo,  
& Comissário-mór de Portugal.

*Com todas as licenças necessárias.*

Impressa em Lisboa em o Mosteiro de S. Bernardo por Pedro Craesbeck,  
Impressor do Rey. Anno 1632.



## *Licenças da Religião.*

**V**I estes liuros que se intitulaõ terceira, & quarta parte da Monarchia Lusitana, cõpostos pello D. Fr. Antonio Brandão Coronista mór de S. Magestade Monge deste Real mosteiro de Alcobaça: parece-me obra muy digna de impressãõ, porque demais de não ter cousa que encontre nossa santa Fé Catholica, & bons costumes contem muitas que serueem ao bem comum à honra, & ao credito de nosso Reyno. Descobre o Autor as cousas dos principios de Portugal com grande diligencia, apurandoas com muito exame, & verdade: o estylo he grãve, & acomodado à historia, tras noticia de muitas cousas nouas, & homosas, por onde entendendo que serão muy bem recebidos. Alcobaça 2. de Janeiro de 1630.

*O Doutor Fr. Remigio da Assumpção.*

**L**a terceira, & quarta parte da Monarchia Lusitana que compos o Doutor Frey Antonio Brandão, Monge de nossa Ordem, & Coronista mór de Sua Magestade nestes Reynos de Portugal. Parece-me obra excellente, em que o Autor não descobre menor talento do que mostrou nos estudos da sagrada Theologia, lendoa muitos annos na Religião, & algum tempo na Vniuersidade de Coimbra. Examinaõse as cousas antigas do Principo de Portugal com singular juizo, emendaõse os erros de nossos historiadores, descobremse verdades nam sabidas. Tiraõse a luz muitas cousas do credito deste Reyno que a pouca diligencia dos Coronistas passados deixarão fazer sepultadas, & sobre tudo se confirmão estes escritos com tantas prouas, & autoridades de doações, que não deixão lugar a duuidas, nem ha mais que deſcejar em se humana. Por todas estas rezoões, & sobre não terem cousa que encontre nossa santa Fé, & bons costumes me patecem estes liuros não só dignos de impressãõ, mas de grande credito, & honra deste Reyno. S. Ioaõ de Tarouca, 18. de Março de 1630.

*O Doutor Fr. Pedro do Horta.*

**O** Doutor Fr. Feliciano Coelho Dom Abbade do Real Mosteiro de Alcobaça Geral, & Reformador de todos os de sua congregação nestes Reynos de Portugal, & Algarue, damos licença ao Doutor Fr. Antonio Brandão, Coronista mór desta Coroa, Monge de nossa obediencia, para que auidas as licenças ordinarias possa dar à impressãõ dous liuros intitulados Terceira, & Quarta parte da Monarchia Lusitana, vista a informaçãõ dos Padres, a quem cometemos o exame dos ditos liuros. Fr. Manoel Machado Secretario a fez por mandado de sua Reuerendissima Paternidade, Alcobaça 22. de Abril de 1630.

*O Doutor Fr. Feliciano Coelho,  
Abbate Geral.*

**P**or mandado do nosso Reuerendissimo Padre Geral Frey Bernardo de Attayde vi estes liuros intitulados, Terceira, & Quarta parte da Monarchia Lusitana, compostos pello Doutor Fr. Antonio Brandão Coronista mór de Portugal, & Abbade de Nossa Senhora do Deserto de Lisboa, parece-me obra digna de muito louvor, em que o Autor mostra acertado juizo, boa eleiçãõ, estylo facil & grãve, muita verdade na historia, & sobre tudo grande diligencia em descobrir, & appurar as matérias de que trata, que era o que faltaua às historias de Portugal. Por estas razões sobre não terem cousa repugnante à nossa santa Fé, & bons costumes, me parecem estes liuros muy dignos de impressãõ. Coimbra no Collegio de S. Bernardo em 10. de Setembro de 1630.

*O Doutor Fr. Paulo Brandão.*

**C**onfirmamos a licença do Reuerendissimo Padre Geral nosso antecessor para se imprimirem a Terceira & Quarta parte da Monarchia Lusitana, que compos o Padre Doutor Fr. Antonio Brandão, Abbade de N. S. do Deserto, & Coronista mór de Portugal. Alcobaça a 30 de Setembro de 1630.

*Frey Bernardo de Attayde,  
Abbate Geral.*

## *Licença da Santa Inquisição.*

**V**I estes liuros intitulados, Terceira, & Quarta parte da Monarchia Lusitana compostos pello Doutor Fr. Antonio Brandão da Ordem de S. Bernardo Coronista mór deste Reyno de Portugal, não tem cousa que encontre nossa Santa Fé, & bons costumes: antes he obra que me parece será muy aceita, & estimada de todos, principalmente os que zelaõ a honra de sua patria; por concorrerem nella (demais de outras excellencias) nouidade, verdade, & reputaçãõ. As cousas novas ategora não sabidas, nem tratadas que se descobrem são tantas, que em certo modo se pode dizer, que he mais o que de nouo se acrescenta, que o antigo de que tinhamos noticia. A verdade se prova com tanto exame, & confirma com taes fundamentos, que nem aos mais esrupulosos pode ficar duuida. A reputaçãõ finalmente que a todo Reyno se grangea com esta historia he muy grande, porque se tiraõ a luz muitas cousas de honra, & credito, de que ategora não auia muita noticia. Pello que me parece muy digna de se estampar. Em Lisboa nella casa de S. Roque da Companhia de IESV, em 10. de Fevereiro de 1631.

*Doutor Jorge Cabral.*

**V**i a Terceira, & Quarta parte da Monarchia Lusitana, compostas pello Doutor Fr. Antonio Brandão professo na familia Cisterciense, Coronista mór desta Coroa, & não achei cousa algũa em que se vã contra a nossa santa Fé, ou que possa corromper os bons costumes, ou desuiar da guarda delles. antes sendo historia tão diffusa, que corre da vinda do Conde Dom Henrique illustissimo progenitor dos Reis de Portugal, ate a morte de Dom Afonso Terceiro. em todo o dissenso desta se ha o Autor com notavel modestia, erudiçãõ, curiosidade, & Certeza de juizo, trazendo à luz muitas antiguidades dignissimas de se perpetuarem nas

memórias, & prouandoas tão solidamente, que não ha mais que desejar, pello que me parece não só merecer o Auto r a licença que pede pera a impressão, se não muitos agradecimentos, & louvores. Em Santo Eloy de Lisboa em 25. de Abril, de 631.

*O Doutor Vicente da Resurreição.*

Vistas as informações pode-se imprimir a Terceira, & Quarta parte da Monarchia Lusitana que se apresentou, & depois de impressas toinem confidenciais com seu original para se dar licença para correr, & sem ella não correrão. Lisboa aos 30. dias de Abril de 631.

*G. Pereira.*

*D. J. da Sylva.*

*D. Miguel de Castro.*

*Francisco Barreto.*

*Fr. Antonio de Sousa.*

#### *Licença do Ordinario.*

Dou licença para se poder imprimir esta Terceira, & Quarta parte da Monarchia Lusitana, compostas pello Doutor Fr. Antonio Brandão Monge de São Bernardo, Coronista mór de Portugal. Lisboa 12. de Mayo de 1631.

*João Bezerra Iacome*

*Chantre de Lisboa.*

#### *Licença do Paço.*

Por mandado de V. Magest. vi a Terceira, & Quarta parte da Monarchia Lusitana, compostas pello Coronista mór o Doutor Frey Antonio Brandão, Monge da Ordem de São Bernardo ao presente Abbade do Conuento de Nossa Senhora do Deserto nesta cidade de Lisboa. E se as Coronicas se escreuem pera se seguiem os bons exemplos, & se evitarem os maos, esta he hrm exame de verdades: & por isto mais necessaria visto o que trata do valor, & piedade Christãa dos Portuguezes, muito declinada nos tempos presentes; lição que os incitará a cobrar o perdido. Mostra-se muitas cousas que se não sabião, & muito importantes para o tal effeito, de que os Autores não tiuerão noticia. pello que não somente se lhe deve dar licença pera imprimir, mas tambem obrigarlo V. Magest. com fauores, & merces pera que o faça. Guarde Deos a Catholica, & Real pessoa de V. Mag. como seus vassallos desejamos. 29. de Agosto, de 631.

*Henrique Correa da Sylva.*

Que se possa imprimir a Terceira, & Quarta parte da Monarchia Lusitana, vista a licença do S. Officio, & ordinario. Lisboa 1. de Setembro. de 1631.

*Araujo.*

*Salazar.*

*Barreto.*

---

*Conferi este liuro da Terceira parte da Monarchia Lusitana impresso com seu original, está conforme, pello que pode correr. Em Lisboa nesta casa de S. Roque da Companhia de I E S V S, 8. de Junho de 632.*

*D. Jorge Cabral.*

*Vista a conferencia pello Doutor Jorge Cabral, pode correr este liuro intitulado, Terceira parte da Monarchia Lusitana. Lisboa 12. de Junho de 1632.*

*Gaípar Pereira, Dom João da Sylva. Francisco Barreto.*

*Taixão este liuro em seiscientos & sincoenta reis em papel, a 9. de Junho de 632;*

*Cabral,*

*Salazar.*

*Barreto.*



# A ELREY NOSOSENHOR.

SENHOR.



Bonando o grande Rey Atalarico ao Senado Romano a Pessoa de Calsiodoro, que promovia a Prefecto pretorio (dignidade principal no Imperio) teue respeito particular á occupação da historia que lhe compusera, relatando com verdade as cousas daquelle tempo, & a antiga genealogia dos seus Principes Godos. Sendo grande esta merce com que elRey Atalarico

*Calsiodoro  
ro varia-  
rum lib.9  
epist.25;*

acrecentou à Calsiodoro, muito superior he a que tenho em mim experimentado da grandeza de V. Magest. pois não appresentando eu a V. Magest. escritura de obras proprias, como Calsiodoro a Atalarico, mas estes dous volumes em que aueriguei com certesa a historia dos primeiros Reys Portugueses: procedeo V. Magest. com tanta magnificencia, quenão só os aceitou benignamente, mas quis que eu os publicasse com titulo de Chronista mór de Portugal, que vagara por Dom Manoel de Menezes, mandando que eu lhe succedesse no mesmo cargo. Faço esta lembrança não como escritor officioso, mas como vassalo agradecido, para que em quanto não estampo outras obras da grandeza de V.M. se veja logo na entrada de meus escritos hũa imagem de sua Real beneficencia, a qual mostre claramente ao mundo, quanto todos se deuem empregar no seruiço de V. Mag. pois quando assi gratifica V. Mag. os seruiços alheos, com muito mayor grandeza remunerarã os proprios. E tambem seruirã para a fiança da verdade com que escreuerei as acções de V. Mag. pois comeei esta historia pellas vidas dos Reys antepassados, dos quais era impossivel esperar recompensa. Porem em quanto o tempo me não dà lugar a me ocupar

todo em tão gloriosa empresa, offereço aos Reaes pês de V. Mag. esta obra com grãde confiança; porque sendo escrita com verdade, & tendose V. Mag. mostrado satisfeito della, nem a ella fica que temer, nem eu lhe podia mais desejar. Deos guarde â Catholica pessoa de V. Mag. largos annos para bem vniuersal da Christandade, & defensão de sua Igreja. Deste Conuento de Nossa Senhora do Desterro de Lisboa em 25. de Abril de 1632.

O Doutor Fr. Antonio Brandão.

# PROLOGO

## A TERCEIRA, E QVARTA PARTE

### DA MONARCHIA

Lusitana.



*S*endo tão proueitosa, & necessaria lição da historia, julgou Plutarco que lhe prejudicava muito o receo com que os leitores ficão as mais das vezes, não se dando por seguros da verdade della. Porque sendo de cousas antigas, a mesma antiguidade faz difficullosa a aueriguação, & certeza: & sendo das que os escritores alcançaraõ com a vista, se pode temer que a affectão, & outras paixões a não deixem tão pura, que ao menos não tõe a apparencia das accões, quando lhe não altere a substancia. Liures ficão em grande parte desta segunda difficuldade; os que escreuem cousas que ha muito tempo passaraõ, & tratão de pessoas de quem ja se não espera, nem se teme: mas cahem em o outro primeiro, & não menor inconueniente, qual he não poder assegurar seus escritos pella confusão, & incerteza do passado: donde veo a confessar Tito Livio no principio do sexto liuro, que ate aquelle ponto corria sua historia com menos certeza, por se ter perdido no incendio de Roma pellos Francezes o principal das escrituras daquella Republica, & sairem as tradições por mais antigas mais confusas, o que não seria dali em diante em que auia noticia mais certa, & liuros da historia mais verdadeiros. Esta foi a causa porque os antigos chamarão sò tempo historico àquelle que se cõtinuou depois da primeira Olympiada, pella verdade com q̃ della por diante se começaraõ as historias a escrever, como particularmente nota Marco Varrão.

Plutarco  
na vida  
de Pe

Livio lib.  
6.

M. Varr.  
apud Cen  
seni c. 21

Para satisfazer aos Leitores nesta parte, & fazer criuel a verdade da historia de Portugal, que apresento na terceira, & quarta parte da Monarchia Lusitana, apliquei toda a diligencia possivel, pondo mais cuidado nesta parte, que em nenhũa das outras, que a esta obra pertencem, porque os outros requisitos são accidentes, mas a verdade he alma da historia, sem a qual não se lhe deue nome, & com ella fica izenta de toda a calumnia: pois com razão merece o claro elogio de testemunha dos tempos, luz da verdade, mestra da vida, & vida da memoria, com que Tullio, & Quintiliano a descreuem: & admise o grande Doutor da Igreja São Hieronymo quando escreuendo ao nosso Portuguez São Damazo lhe diz, que melhor parecião verdades toscas que mentiras elegantes.

S. Hiero  
nini. epist  
4.

Em comprimeto pois desta tão presisa obrigação gastei perto de dez annos em buscar, & ler as doações, privilegios, escrituras, & liuros dos principaes archivos das Sës, & Mosteiros d'este Reino, & alguns das cidades, & villas delle, & principalmente o cartorio da Torre do Tombo, que he o Archiuo Real, & está no castello de Lisboa: & do que colhi com este trabalho conferindoo com as historias impressas, & manu escritas (de que se não deue admittir cousa alguma sem fazer estas conferencias) reei, & pus em limpo os dous volumes que offereço: & porque aos corio-

fos não enfastiãõ particularidades, declaro que na torre do Tombo alem dos originaes, & papeis soltos, & liuros de mão de leitura noua, que são muitos, ha alguns de leitura antiga, entre os quais vi dous liuros pequenos dos foraes velhos, ouiros dous de doações, & foracs del Rey Dom Afonso o terceiro: cinco tocantes a el Rey D. Diniz, & dous de inquirições do mesmo Rey, & de seu pay Dom Afonso, & tres del Rey Dom Afonso segundo seu auo. Nesta conformidade se seguem outros liuros tambem de leitura antiga dos Reis subsequentes, de que darei mais particular relação nos tomos adiante. Na Se de Coimbra ha hum volume antigo, que contem as principaes cousas daquella Igreja des do tempo del Rey Dom Fernando o primeiro de Leão, & Castella, pay del Rey Dom Afonso o Sexto. A Se de Braga tem hum insigne liuro, que chamão, Liber fidei. em que estão escritas as cousas mais notaveis desta Igreja. Em S. Cruz de Coimbra ha dous volumes escritos antes em tempo del Rey D. Afonso Henriquez, ao primeiro dos quais chamão o Livro dos testamentos. Nõs mosteiros de Lorvão, Alouca, & Salzeda ha tambem destes liuros antigos escritos ha mais de quatrocentos annos. E no Real mosteiro de Alcobaça ha muitos liuros de leitura noua copiados das principaes escrituras daquella casa em tempo del Rey D. João o Terceiro, a que se dá tanto credito por privilegio Real, & do Summo Pontifice (por cuja ordem forão examinados, & reuísos, como aos originaes proprios, que tambem se conseruão.

Com estes liuros, & outros semelhantes, a que nenhũ prudente por à escrupulo allego no discurso desta obra, quando não cito as mesmas escrituras originaes donde se copiarão. Allego mais algũas relações, & memorias antigas q̃ vi em algũs cartorios, s. a tomada de Santarem, a de Alcaccere do sal no de Alcobaça, hũ Epitome em Latim, que se intitula, Historia dos Godos, & contem muitas cousas antigas de Espanha, atè a morte del Rey D. Afonso Henriquez. O Mestre Andre de Resende tinha esta historia, & a cita em seus escritos, como tambẽ fez o Bispo de Pamplona D. Fr. Prudencio de Sandoual, & achei della fragmentos na liuraria de Alcobaça, & o mesmo original, que foy de Andre de Resende, com algũas notações escritas de sua mão me cõmunicou o Chantre de Euora Manoel Severim de Faria.

Destes liuros, & escrituras originaes se coihe fundamentalmente a verdade da historia de Portugal: & así se veráõ nesta obra muitas cousas auerigoadas, q̃ ategora andauão incertas, & outras se saberão, que totalmente se ignorauão, sendo todas de grande reputação para este Reyno. Segue-se com grande clareza a ordem dos tempos, & o que em cada anno econteceo, así na paz, como na guerra, particularizando as emprezas contra os Mouros, cercos, tomadas de lugares, batalhas, cortes, premissas, fundações de nouas pouoações, antiguidades das familias, origem de seus appellidos & armas: & sobre tudo as cousas do estado Ecclesiastico, de que ategora não tratarão as nossas histórias, como se não fossẽ materia desta Republica, sendo o augmento de mayor sustancia, & as obras que nelle fizerão os nossos Reys, & seus vassallos as em que alcançarão mayor gloria. Pello que escreuemos cõ toda a diligencia as erecções dos novos Bispados, restauração dos antigos, as successões dos Prelados delles, primeiras entradas das Religioes no Reyno, a grande & piedosa liberdade com que os Principes, & particulares edificarão seus Conuentos, & finalmente casos milagrosos, vidas de Santos, & particulares prerogatiuas espirituales com que Deos nos fez merce honrar esta nossa patria. Destas nouas relações vai tão accrescentada, & enriquecida esta historia, que sò qualquer dos dous volumes della occupão mayor leitura, que as primeiras dez Chronicas de Portugal.

Em todos os liuros manu escritos, & principalmente nas doações, & pergaminhos soltos

soltos adverti com particularidade no numero dos annos, & nas letras com que se sinalão, por quanto antigamente se usauão algũas cifras que hoje estão esquecidas, & causão embaraço a quem não faz aduertencia dellas: & assi achei erros em algũs Autores por falta desta aduertencia. Escreuiase o numero mil cõ a letra M. & as vezes com hũa cruz nesta forma T. O numero 50. ordinariamente se acha escrito deste modo ʒ. & sobre tudo a letra X. valia hũas vezes dez, & outras quarenta: quando valia dez se escreuia como ordinariamẽte se faz nesta maneira. X. por em quando valia 40. se ajuntaua às duas pontas de cima hũa virgula, ou plca desta forma ̄X. ou destoutro ̄X. Entendo q̃ ao principio se começou ajuntar hum L. a letra X. como ainda oje se costuma, & pello discurso do tempo, & descuido dos que escreuião se veio a corromper na virgula que dizemos, ajuntandose em forma que parece hũa so letra. Fazẽ graues Autores menção desta verdade: Damião de Goes em hũ liuro dos foraes da Torre do Tombo de leitura noua: Estuão de Garui no seu primeiro tomo: o nosso Frey Athanasio de Lobera na vida de S. Froilano: & Fr. Antonio de Tepes no prologo das centurias. Que tenha a letra X. valia differente na forma que dizemos, alem da autoridade dos escritores referidos se pode prouar com euidencia de algũs lugares.

Seja o primeiro tirado do liuro das doações, & foraes del Rey D. Afonso o Terceiro, que està na Torre do Tombo enquadernado em pasta preta, o qual às folhas 53. tem hũa escriptura que começa deste modo. In nomine Domini nostri Iesu Christi, Amen. Nouerint vniuersi presentis scripti futiem inspecturi, quod Era M. CC. LXVIII. Et Anno Dominicæ Incarnat. M. CC. LXI. mense Aprilis cum ego Alfonsus Tertius Dei gratia Rex Portugalliæ incepissem facere monetam meam, &c. Quer dizer. Em nome de Iesu Christo Senhor nosso, Amen. Saibaõ todos os que o theor desta presente escriptura virem, que na Era de 1299. & no anno da Encarnação do Senhor de 1261. começando em Dom Afonso Terceiro por graça de Deos Rey de Portugal a fazer a minha moeda, &c. Consta deste lugar que na primeira parte val a letra X. 40. & na segunda 100. que se proua, porque se em ambas tiuera a mesma valia, não leuara de excessso a Era de Cesar à de Christo mais que oito annos, o que he contra o parecer de todos, contra a verdade, & certeza dos tempos: porq̃ se sabe que a Era de Cesar leua de excessso à de Christo 38. annos, os quais correm do numero 61. aos 99. No liuro dos Mestrados do mesmo Archiuio Real as fol. 63. ha outra doação feita por D. GiiBERTO Bispo de Lisboa aos Canaleiros do Templo da Igreja de Santiago de Santarcm, a qual remata. Facta carta Era M. C. LXVII. mense Februario. Neste lugar necessariamẽte val a letra X. 40. porq̃ a valer dez somente, ficaua sendo a Era anno de 1129. tempo em q̃ era impossivelauer Bispo em Lisboa; porque estaua então em poder de Mouros, & o estue até o anno do Senhor de 1147. em que soy eleito por Bispo D. GiiBERTO. Muitas outras escripturas pudera trazer em confirmação desta verdade, mas em o discurso da obra se irão allegando. Nem contra ella faz algũa cousa o que diz certo Autor moderno de hũ liuro manuescrito da Igreja Collegiada de Guimarães, em o qual (segundo lhe parece) a letra X. cerrada, & aberta por cima tem sempre a mesma valia; porque se assi he, seria ignorancia de quem tresladou o liuro fazer o X. cerrado quando val dez. O q̃ o Autor fez mal soy deduzir daqui doutrina geral, sem ter noticia de cartorios, nẽ de escripturas mais que daquella Igreja. Mas para que se saiba em ainda nestas não alcançou a verdade, hũa que refere em o capit. 11 num. 4. em q̃ hũ Afonso Viegas dà ao Conde D. Henrique a herdade de Pausada de Calde feita na Era de mil & cento & quarenta & hu, não està errada como elle afirma, mas val nella o X.

quarenta,

quarenta, & responde ao anno do Senhor de 1103. em que o Conde Dom Henrique viuia, & governaua este Reyno.

João Vasco na Cronica de Hispan. cao. 6. Resende na epistola a Ambrosio de Morales. Plinio da prefacio a Vespano. Casiodor. variar. li. 8. epist. 110.

Alem dos liuros manuscritos, & dos Autores impresos que alego, me ajudarão muito algũas pessoas doudas com particulares aduertencias, lugares, & curiosidades, das quais me pareceo fazer lembrança, por ser obrigação de semelhante diuida gratifico muitas vezes com palauras, quando se não pode fazer com obras, pois segũdo Hesiodo os que recebem beneficios, hão de imitar a condicãda boa terra, q̃ torna cõ grande vztura os fruitos q̃ lhe entregarão. Ouue-se nisto generosamente João Fazeu, & por esta causa merece ir aqui nomeado, como agradecido, o que não tene o nosso Gaspar Barreiros de quem o Mesire Rezende se queixa sentidamente, por q̃ cõ municandolhe mais de vinte lugares illustrados para sua Chorographia, se não lēbrou de o dar por autor de nenhũ delles: caindo na infelicidade de ser cõprehendi do em furto, como diz Plinio, por deixar de confessar o emprestimo: em contrario do q̃ succede aos que gratificão as boas obras, que recebendo cõ este animo o alheo o podẽ por voto de Casiodoro vender por proprio.

São as pessoas a que mais deuo nesta materia Antonio de Tauarcs Esmolero mior de sua Magestade, Conego da Sē de Lisboa, pessoa de grandes merccimentos. Occupa o tempo na lição dos liuros com tanta continuação, que causa enueja aos mais curiosos, com tanto proueito como se verá de suas obras, querendoas dar a luz, entre as quaes tem o primeiro lugar hum excellente liuro, que tem composto dos Prelados da Sē de Lisboa, & das antiguidades da mesma cidade, que descobre bem o maduro juizo, & grande talento de seu Autor.

Manoel Scuerim de Faria Chantre de Euora, digno de illustres elogios, pello zelo que tem da honra de sua patria, & pello credito que lhe tem alcançado com seus estudos. Tem composto varias obras, entre as quaes me cõmunicaõ dous volumes muito copiosos & curiosos, que intitula, Noticia de Portugal. A historia dos Bispos de Euora: & dous liuros das vidas de varoẽs illustres Portugueses, que florecerão assi nas armas, como nas letras. Não necessitão estas obras de encomios, & particularmente as vidas illustres, pois se abonão com as que ja publicou dos nossos dous insignes escriptores João de Barros, & Luis de Camoẽs nos seus discursos varios, em que quis dar hũa instrução politica das artes em que hão de ser doctrinados os mancebos nobres da Republica, conforme aos preceitos do Philosopho.

O Licenciado Gaspar Alures Louzada reformador dos Padroados da Coroa Real, & Escriuão da Torre do Tombo de muita noticia nas antiguidades deste Reyno, & de toda Espanha, em cujo estudo se tem mostrão incansavel com tanto fruito, q̃ por elle souberão muitas cousas algũs dos historiadores do nosso tempo, como elles mesmos confessão em seus escriptos. Tem composto hũ liuro que intitula, Escudo Real de Portugal, de tanta erudição, que ha de confirmar com os Estrangeiros a grande opinião que tem de seu autor, & com os naturaes como em todas as idades os sujeitos superiores viuerão desfavorecidos.

O Doutor Simão Torresão Coelho, que foi em Coimbra Collegial de S. Pedro, & Deputado do santo Officio da Inquisição, & o he da S. Cruzada, Ouuidor da Capella Real, & Prior de S. Martinho desta cidade Lisboa, aonde pella muita noticia que se tem de suas letras na faculdade de Canones, de que foy Lente alguns annos em a Vniuersidade de Coimbra, he consultado nos principaes negocios desta Corte: & a eminencia com q̃ possue as letras humanas o faz ser estimado des mais politicos.

O Licenciado João Pinto Ribeiro Luiz de fora que foy de Pinhel, & Ponte de Lima consummado Iurista, o que tem bem mostrão em algũs tratados em materias de sua

sua profissão, que darà cedo à luz, mui perito nas linguas, de cuja eruação nao vulgar, que ja aparece na mão de seus amigos em discursos, & opusculos historicos, & politicos darà total testemunho o excellente commento que tem feito às obras do nosso Camoës.

O Licenciado Francisco Rodriguez Casão, grande Medico, & Mathematico, como he notorio na cidade de Coimbra, & muitas partes do Reyno de grande noticia, & applicação nas historias.

O Padre Fr. Francisco Brandão meu sobrinho, & de minha ordem Leitor de Theologia no Collegio de S. Bernardo de Coimbra de cujo talento para todas as boas letras he bem que não fale por não parecer suspeito: só digo com Casiodoro sobre os sujeitos aqui referidos, & outros de que está fertil a nossa patria, que não são desiguais os engenhos do nosso tempo aos passados, pois temos tantos que imitam, & fazem ventagem aos antigos, como elle encarecia do Questor Ambrosio.

Tambem cuidei de me aproveitar de hum liuro mana escrito do Doutor Fr. Bernardo de Brito Chronista mor que foi deste Reyno intitulado Terceira Parte da Monarchia Lusitana, mas não achei cousa que me servisse, porque fora do que dizem as Chronicas de mão tem pouco mais: & como allega com hum autor chamado Mengomes, & com outros liuros que não pude ver, me pareceo não devia meter os leitores nos escrupulos que ja tiverão com Laimundo, posto que sem fundamento, porque na verdade ouue este liuro em Alcobaca, & alem das mais pessoas que o virão foi hũa o Archebispo Primaz Dom Fr. Augustinho de Castro estando presente o Licenciado Gaspar Alures Louzada, o qual me deo certidão disso. A historia da terceira parte da Monarchia, que o Doutor Fr. Bernardo deixou imperfeita foi a primeira cousa que elle fez sendo ainda muito moço (como elle proprio diz nella) antes de ver os Cartorios, & ter a noticia q depois alcançou em o discurso de sua vida, & assi he obra de principiante, & q não responde ao credito de seu nome: Falo com esta clareza, porque a tem visto algũas pessoas doutas: O Chantre de Euora Manoel Seuerim de Faria, o Doutor Simão Torresão Coelho deputado da Santa Cruzada, o Doutor Fr. Remigio da Assumpção deputado do Santo Officio, o Doutor Fr. Feliciano Coelho, ambos Geraes que forão da Ordem de Cister neste Reyno, & a tenho em minha mão, aonde a podem ver os curiosos, & escrupulosos: Ainda q en para quem me trata, & conhece tinha pouca necessidade destas justificações, & testemunhas, pois se sab, quão riguroso censor sou da verdade.

Resta dizer como a obediencia me mandou continuar esta empresa: porque vindo os Prelados de nossa sagrada Religião de S. Bernardo de Portugal o grãde aplauso com que se receberam a primeira, & segunda parte da Monarchia Lusitana do Doutor Frey Bernardo de Brito, & como ficou com ellas illustrada a historia deste Reyno, quizerão que não acabasse com sua vida tão excellente intento, antes se continuasse ate o presente, como a Magestade del Rey Dom Filipe o Segundo tinh ordenado. Eu posto que avia annos que estava lendo Theologia no Real conuento de Alcobaca, & no nosso Collegio de Coimbra, & applicado a outros estudos, contudo nunca larguei o dalicão da historia pella grande utilidade que della se alcança, e ao fim deixando a outra occupação me dediquei a esta, na qual ha perto de de annos que trabalho. O que delle tem resultado para poder sabir a luz são estes dois volumes, q a presentei a Sua Magestade, que Deos guarde muitos annos, & elle n fez, merce de os receber não somente com a benignidade cõ que costuma acceitar obras em que se conseruão os efeitos heroicos de seus vassallos, mas ainda foi seuido que eu os publicasse com o titulo, & officio de Chronista mor deste Reyno, q

por morte de Dom Manuel de Meneses estava fago, cõ que me poz outra noua obrigação para continuar esta historia em quanto me durar a vida; & assi dou agora estes dous volumes como em penhor dos outros que fizo compondo.

Nelles, & nos que se seguirem escreuerei no tocante às familias sò o que basta para dar noticia do tronco, & antiguidade, sem continuar, & particularizar as successões, pois a materia o não require; & à conta dos autores que tratão da nobreza, & se allegaõ, ficará o credito da escriptura nesta parte: não deixarei contudo de apurar algũas cousas como fundamento de doações, & memorias autenticas que tenho visto. Sobre a origem das armas, bem sei que mais pertencia à historia dar a causa dellas, que descreuer as partes, & cores de que são compostas: mas o primeiro argumento he muy incerto, & não falta quem o tome a sua conta, & do segundo posto que menos importante, se satisfarão algũs curiosos. Valete.

#### E R R A T A S:

**N**O prologo ao Lector fol. 1. pag. 2. perto do fim onde diz liberdade com que os principes, diga, liberdade com que, &c.

- Fol. 9. col. 4. regra penult. onde diz, 919 diga, 619.  
 Fol. 25. col. 2. reg. 19. onde diz mãy destas princezas, diga, desta princeza.  
 Fol. 30. col. 3. reg. 11. tirese a palavra, era, & às reg. 14. tirese, & assi.  
 Fol. 58. col. 1. reg. 28. onde diz, capitulo, diga, titulo.  
 Fol. 59. col. 1. reg. 37. onde diz fosse pay, diga, fosse auô.  
 Fol. 60. col. 1. reg. 27. onde diz Martinho, diga, Moninho.  
 Fol. 83. col. 1. reg. 2. onde diz Capitão. Frances, diga, Alemão.  
 Fol. 90. col. 3. reg. 29. onde diz, a matia, diga, a materia.  
 Fol. 116. col. 2. reg. penult. onde diz, gretado de praua diga, de prata.  
 Fol. 117. col. 3. reg. 31. onde diz, ameaua, diga, ameaçaua.  
 Fol. 121. col. 2. reg. 14. onde diz, aduirtão, diga, aduirtição.  
 Fol. 129. col. 2. reg. 3. onde diz, copeiro mór, diga, veador da casa. A mesma emenda se faça as fol. 202. col. 3. reg. 30.  
 Fol. 132. col. 1. reg. vii. onde diz alteraõ diga, alteração.  
 Fol. 133. col. 1. reg. 10. onde diz dozer, diga, poder.  
 Fol. 146. col. 1. reg. 9. onde diz, 1146. diga, 1148.  
 Fol. 170. col. 3. reg. 29. onde diz, entrados, diga, enterrados.  
 Fol. 174. col. 1. reg. 39. onde diz, continuou, diga, continua.  
 Fol. 174. col. 2. nomeo, onde diz, Lacomí, diga, La Corni.  
 Fol. 181. col. 1. reg. 8. onde diz 31. diga, 13.  
 Fol. 208. col. 1. no fim, onde diz, tres belantes, diga, seis.  
 Fol. 211. col. 1. reg. 24. onde diz Moradino, diga, Noradino.  
 Fol. 220. col. 4. reg. 9. onde diz, Catão, diga, Capitão.  
 Fol. 222. col. 4. reg. 3. onde diz a terra com que se orna, diga, com que se orna a terra.  
 Fol. 231. col. 3. reg. 13. onde diz D. Sueiro Aluares, diga, D. Sueiro Ayres.  
 Fol. 232. col. 4. reg. 14. onde diz, cinquetado & prata, diga, de vermelho, & prata.  
 Fol. 233. col. 4. no fim, onde diz, lugar de Mira, diga, villa.  
 Fol. 234. col. 1. reg. 3. onde diz, sette pontas, diga, teis, & acrescente: & por timbre meyo cavallo celado de cõr sanguiha com freo de ouro.  
 Fol. 235. col. 2. reg. 14. onde diz mais de 80 diga, mais de 70.  
 Fol. 236. col. 4. reg. 15. onde diz Pedro Afonso, diga, Fernão d'Afonso.  
 Fol. 254. col. 4. reg. 33. onde diz Siuil diga, Siuilha.  
 Fol. 269. col. 1. reg. 13. onde diz ornado, diga, armado.

As fol. 73. col. 3. faltou dizer, que se o nome Dapifer responde a Veador da casa, pertence ao Conde de Castel nouo da familia dos Mascarenhas, da qual ha hoje tres casas titulares. Se he o mesmo que Trinchante, ha se de aduertir, que neste officio auia dous fidalgos que seruião às fomanas, & hum he da familia dos Cunhas, como alli se disse, & outro da geração dos Lobos, & assi se ha de tirar a palavra mór, q se ajuntou ao Trinchante.

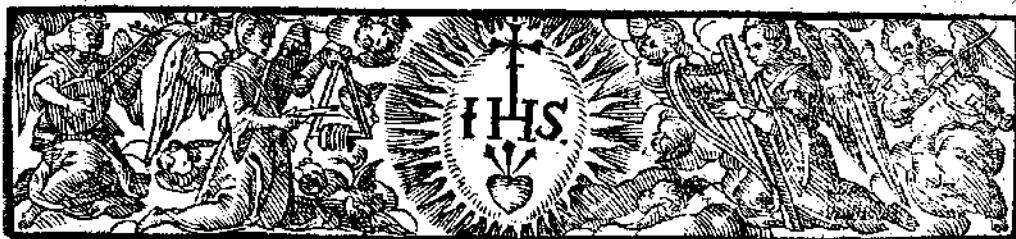
As fol. 120. col. 4. reg. 3. aonde se fala na izenção do Mosteiro de S. Cruz se ha de aduertir que elRey D. Afonso Henriques foy causa de se fazer, contrangendo alguns Conegos da Sé que viessem nella, & por isso o Papa Innocencio Terceiro despois de varias duuidas que sobre isto ouue, annullou o contrato. Contudo aonde se diz, porque elRey faz isençõ, diga, porque se faz izento.

As fol. 147. col. 4. se diz que o Brasil tem 400. legoas de coista, deuse entender sò da terra pouoadã, que comprehendendo toda a prouincia, ou região, he muito maior.

As fol. 148. col. 2. se diz que a armada do senhor D. Duarte se fez para França, despois tiue relação a que dom muito credito, que affirma se fez para a liga dos Principes Christãos contra o Turco.

As fol. 224. col. 4. no fim, se diz que os Marqueses de Portugal tem cadeia sem coxim, fui admittido que nas Cortes celebradas em Lisboa no anno de 1619. se lhe deu coxim.





LIVRO VIII.  
DA  
MONARCHIA  
LUSITANA.



## CAPITULO I.

*Da vinda do Conde Dom Enrique a Espanha, varias opiniões que ha de sua linhagem.*



He meu intento escrever a historia de Portugal, desde o tempo em que el Rey de Leão, & Castella Dó Afonso Sexto o deu ao Conde Dó Henrique ate o presente. Empresa grande pella multidão de gloriosas victorias, & famosas conquistas, com que se illustrou este Reyno, & se fez hum dos mais celebres, & florentes da Christandade, & não inferior ás Monarchias que a antiguidade celebra: estendendo a sua na Europa, na Africa, Asia, & America por religião, por armas, & po-

licia, em forma; que computando-lhe o tempo em que oje corre de 537. annos despois desta entrega ao Conde Dom Henrique, & lançando os olhos ao que nossos naturaes por este discurso de annos tem obrado, pode com razão parecer mais impossivel, do que Lucio Floro imaginava das obras valerosas dos Romanos, passados ja mais annos de seu imperio. He esta escriptura por outra parte difficilissima, & cheia de impedimentos, por nos ficarem as cousas dos principios de Portugal, & ainda dos progressos tão escondidas, & se tratarem até agora com tão pouco exame, que

Lucio Floro.

A he

### *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

he forçado gastar mais tempo na inuestigação & aueriguação dellas, que na composição, & ornato da hiltoria, o qual se não acomoda em materia tão diffusa, & embarçada. He ella com tudo capaz de ser bem vista, & recebida de todos, pois a novidade, & excelencia das cousas pode suprir com ventagens qualquer falta. A verdade com que se escreuem, o trabalho & estudo có que se alcançarão, não abono, que os mesmos escritos fazem demonstração de hũa, & outra cousa. E né por se ter dado principio a esta hiltoria da Monarchia Lusitana nas primeiras duas partes imaginé que emprendi, & obrei menos em a continuar desta terceira adiante: q̃ por acção superior aualiou a eloquência de Ennodio o continuar as cousas, ao darlhe principio; donde veo tambem o Philosopho Seneca a julgar por mayor beneficio conseruar hum filho a seu pay a vida que possuia, que o dar o pay de nouo vida ao filho, que a não tinha. Era obrigação precisa de sairmos a luz com a obra presente, em que se continua a hiltoria deste Reyno; porque sendo principiada pello Doutor Fr. Bernardo de Britto Monge de Alcobaca, conuinha continuar se por outro Monge da propria casa; & tanto có mayor razão, quãto o principal argumento desta terceira parte he o glorioso Rey Dom Afonso Henriques fundador & tam benemerito daquelle insigne Conuento. Estaua só a difficul-

dade de minha parte, p̃or auer de tratar cousas tão leuaniadas, succedendo a hum escritor de tão nome (que foi sem duuida gloria da nação portuguesa) mas esta se venceu com os preceitos de meus maiores, a que he obrigação, & merecimento obedecer, & mais quando o que se manda he mais difficuloso. E assi começando a narração pello Conde Dom Henrique, darei primeiro noticia de sua ascendencia, & de algũas cousas que succederão em Portugal antes d'elle vir a España, para mayor clareza desta hiltoria.

No tempo que senhoreaua muita parte de España Dom Afonso Sexto do nome entre os Reys de Leão, & primeiro de Castella, que começou a reinar em Leão no fim do anno do Senhor de 1064. E passado algum tempo, por morte, & expulsão de seus irmãos Dom Sancho & Dom Garcia, ficou absoluto senhor de Castella, Portugal, & Galiza: Ouue em España occasião de grandes conquistas, que parece não contente a fortuna de engrandecer este principe com lhe grantear o senhorio dos irmãos, lhe offereceo os lanços de mayor gloria, que em muitos tempos se auiaõ visto nestes Reynos.

Ao pregaõ da fama que celebraua estas empresas, vierão por vezes capitães, & soldados estrangeiros, com intento de seruir a Deos, & militar debaxo das bandeiras deste Principe. He celebre a memoria que

*Ennodio  
no pane-  
gírio a  
Theodori-  
co.  
Seneca de  
Beneficijs  
Lib. 3. c. 35*

Guilher-  
me Arce-  
bispo de  
Tyro da  
guerra sa-  
grada li.  
1. cap. 173

que se faz de tres Principes France-  
ses, pella nobreza de seu sangue, va-  
lor de suas pessoas, & vêturoso suc-  
cesso com que emparentaraõ em  
Espanha, casando com tres filhas do  
proprio Rey Dom Afonso. Era o  
primeiro Raymundo. Conde de  
Tolosa, & S. Gil, o qual ocupando-  
se algum tempo nas guerras de Es-  
panha, tornou a França, & se achou  
na geral expedição da terra Santa  
em companhia dos Principes do  
Occidente, que a ella passarão. O  
segundo tinha o mesmo nome de  
Raymundo. Era filho de Guilher-  
me Conde de Borgonha, irmão de  
Esteuão, & Guidó, o primeiro dos  
quais soccedeo a seu pay nos esta-  
dos, & o segundo veyo a ser Sum-  
mo Pontifice, & se chamou Calixto  
Segundo deste nome. Este Princi-  
pe se deixou ficar em Espanha, go-  
vernou algum tempo o Estado de  
Portugal, & ao fim morreo com o  
Senhorio de Galiza, deixando hum  
filho por nome Afonso Ramon, o  
qual pello tempo adiante veio a  
ser grande Rey, & foy dos Afon-  
sos o Septimo, segundo a melhor  
cõputação, & se intitidou tambem  
como seu auó Emperador de Es-  
panha. O terceiro dos senhores que  
vierão de França se chamaua Dom  
Henrique, a quem foy dado Portu-  
gal, & d'elle tiueraõ principio com  
succeção continuada os esclareci-  
dos Reys, que despois possuirão es-  
ta Coroa.

Acerca da origẽ, & ascendencia  
deste Principe ha grande contro-

uerfia, entre os escritores, q se bem  
todos concordão em em ser illu-  
strissima, não acabaõ de se resolver  
cõ certeza de q casa era. Desgraça  
q ja se acõtece a Principes excel-  
lentissimos. Sobre a patria do Em-  
perador Aureliano ouue grandes  
duuidas entre os escritores Roma-  
nos. Flauio Vopisco o confessa em  
sua vida. E ainda q elle para aliuar  
esta falta diga, que nos Principes se  
não deue especular tanto a Prouin-  
cia em que nacerão, como o bem  
que governarão o q lhe coube em  
sorte: com tudo foy notauel des-  
cnido de nossos antepassados dei-  
xarem em esquecimento hũa cou-  
sa de tanta importancia, seja não  
foy ordẽ superior, & particular se-  
greto cõ que o Ceo ordena nos fi-  
quẽ escondidas muitas couças. Vio-  
se nos Principes deste Reyno o q  
acõtece a grandes rios, os quais vẽ  
a entrar no mar com grande nome  
tendo seus principios escondidos.  
Quatro opinioes mais principaes se  
me offerecẽ acerca da ascendencia  
do Conde Dõ Henrique, q parece  
necessario propor distintamẽte, pa-  
ra fazer eleição da mais prouauel.

He a primeira da Chronica ma-  
nu escrita del Rey Dom Afonso  
Henriques, copiada em tempo del  
Rey Dõ Manuel, & por seu man-  
dado pello Chronista Duarte Gal-  
vão, pessoa de grãde authoridade,  
na qual resolutamente se diz, ser o  
Conde Dõ Henrique filho de hum  
Rey de Vngria, que algũs querem  
que fosse o santo Rey Esteuão, &

Vopisco  
na vida de  
Aureliano

A Chronica  
del Rey  
Dõ Afonso

## *Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.*

outros Pedro seu successor.

Em segundo lugar temos o parecer dos Bispos de Carthagená, & Burgos D<sup>o</sup> Afonso, & D<sup>o</sup> Rodrigo, a quẽ seguem graues autores modernos, os quais affirmão ser o C<sup>o</sup> de D<sup>o</sup> Henriq da casa de Loreina filho de Guilherme irmão mais moço dos Reis de Ierusalẽ Gotfredo, & Balduino. Hũ nosso escritor diz duas causas. A primeira q<sup>e</sup> o C<sup>o</sup> de D<sup>o</sup> Henriq não era filho de Guilherme. A segunda, q<sup>e</sup> em caso q<sup>e</sup> o fosse, não era da casa de Loreina, por quanto Guilherme foy meyo irmão por parte de seu pay, dos Reis de Ierusalẽ, a quẽ pertencia a casa de Loreina por via de sua mãy Ida, filha de Gotfredo Duq daq<sup>u</sup>lle estado. Porẽ neste segundo ponto se enganou totalmente, porq<sup>e</sup> Guilherme era irmão inteiro dos Reis de Ierusalẽ, & filho da mesma Ida. Assim o diz expressamente o Arcebispo de Tyro autor graue daquelle tempo, o qual escreuendo que el Rey Gotfredo tiuera tres irmãos inteiros, declara ser Guilherme o terceiro, & assi se o C<sup>o</sup> de D<sup>o</sup> Henriq fora filho de Guilherme, bẽ se pudera dizer, que era de casa de Loreina, como seu pay, & tios.

Deu occasião a terceira opinião nesta materia o Arcebispo de Toledo D<sup>o</sup> Rodrigo, c<sup>o</sup> dizer q<sup>e</sup> o C<sup>o</sup> de D<sup>o</sup> Henriq era de Besançon, & primo irmão do C<sup>o</sup> de D<sup>o</sup> Raymũdo, pay do Emperador D<sup>o</sup> Afonso vij. Das quais palavras deduzirão algũs autores, q<sup>e</sup> sem falta foy filho

de Guido, C<sup>o</sup>de de Vernol, o qual era irmão de Guilherme, pay do C<sup>o</sup>de D<sup>o</sup> Raymũdo; porq<sup>e</sup> para ser primo irmão de Raymũdo, & natural de Besançon cidade principal de Borgonha, auia de proceder de Principe ou Princesa daquelles estados. Guilherme, & Guido não tiuerão mais que hũa irmãa, por nome Adelaiz, a qual casou em Saboya, & della não podia nacer o C<sup>o</sup>de D<sup>o</sup> Henrique, porq<sup>e</sup> não ha autor que o affirme, alẽ de outra repugnancia q<sup>e</sup> adiante veremos, foy logo filho de Guido irmão de Guilherme, & se algũ affirmar q<sup>e</sup> seria o C<sup>o</sup>de D<sup>o</sup> Henriq primo de Raymundo por parte das mãis, se cõuence q<sup>e</sup> não podia entã ser natural de Besançon, nẽ da casa de Borgonha, porq<sup>e</sup> ou as mãis destes Principes casarão c<sup>o</sup> senhores desta casa, ou não. Se casarão, seria c<sup>o</sup> Guido, & Guilherme (q<sup>e</sup> não auia outros) & assi alẽ de ficarẽ primos Henriq & Raymũdo, por parte de seus pais, o q<sup>e</sup> se não suppoem nesta opinião, q<sup>e</sup> só os faz primos por parte das mãis; tẽ isto impossibilidade, porque os dous irmãos Guilherme & Guido tiverão mulheres de diversas nações; Guilherme de Alemanha, & Guido de França, como affirmão graues autores. Se aq<sup>u</sup>llas Princesas q<sup>e</sup> se suppoẽ serẽ mãis de Raymundo & Henriq casarão fora da casa de Borgonha, mal se pode dizer, que era o Conde D<sup>o</sup> Henrique de Besançon, nẽ de Borgonha, & assi se fica contrariado ao Arçobispo D<sup>o</sup> Rodrigo.

Resta

*Afonso  
Bispo de  
Carthagená.*

*Rodrigo  
de Burgos  
Vasco lo.*

*Mariana  
tom. li. 9.  
ca. 20. &  
alij.*

*Damião  
de Goes  
na chronica  
del Rey  
D<sup>o</sup> Man.*

*Duarte  
Nunes na  
chronica  
fol. 69.*

*Guilhel.  
Tyrol. 9.*

*D. Rodrigo  
Arcebispo  
de Toledo.  
Nunes  
Fr. Bernardino  
de Brito.  
Mantua  
no. & ou  
trous.*

Restá logo na opinião deste autor seré Raymundo, & Henrique primos irmãos por parte de seus pais, os quais erão Principes da casa de Borgonha.

Em quarto lugar se offerece hũa noua opinião, q̃ ou pelloser, ou por ter melhores fundamentos vay contentando a muitos. Fez della copia hũ liuro impresso em Francfordia no anno de 1596. cujo original se tem q̃ foy do Mosteiro Floriacése, & se achou na liuraria de Pedro Pitheo: (he hũ tratado de poucas folhas de papel, anda impresso em hum volume có a Historia de Glaber Heugaldo, & do Abbade Sugerio, & outros q̃ tratão das cousas de Frãça.) Neste tratado estão escritas as vidas dos Reys de Frãça, Roberto, Henriq̃, & Phelipe, & se achão algũas cousas de España, que concordão marauilhosamente có nossas historias. As palauras q̃ pertencê a este ponto traduzidas do Latim dizê así. *El Rey Dõ Afonso quão valeroso foy nas armas, quantas vezes desbaratou os Mouros, & q̃ jornadas fez cõtra elles, não tratamos de relatar. O qual tomãdolhe muitas terras, sogeitou a seu imperio a grande cidade de Toledo. Casou cõ Constança filha de Roberto Duque de Borgonha, do qual tene hũa filha, que deu por molher ao Conde Dõ Raymundo (cujõ Cõdado estã alem do rio Arariz.) Outra filha não legitima deu a Henriq̃, hũ dos filhos do filho do mesmo Duque Roberto, & ambos estes Principes oppos cõtra o imperio dos Agarenos nas fronteiras de Espanha. Conforme a este autor*

*Liuro q̃ se imprimio do Archiue de Floriacése.*

*Este rio vulgarmente se he chamada do Sõne.*

he o Conde Dõ Henriq̃ da casa de Borgonha, não do Cõdado, mas do Ducado (estados em q̃ estaua, & esta diuidida aq̃lla prouincia) neto do Duq̃ Roberto, o qual era filho de Roberto Rey de França filho de Hugo Capeto, em q̃ se dá princio à terceira successão dos Reys daquelle Reyno.

Que o Duq̃ Roberto fosse este q̃ dizemos, cõsta dos annaes de Frãça: así o diz Roberto Guaguino, quando cõta os filhos del Rey Roberto, & Paulo Emilio diz na vida del Rey Roberto, q̃ em tẽpo deste Rey possuia o Ducado de Borgonha seu tio Henriq̃, & por morrer sem filhos o dera o proprio Rey a seu filho Roberto, excluindo a Lãdrico Conde de Niuernia, o qual o pretendia. O filho deste Duq̃ Roberto ainda q̃ se não nomea naq̃lle liuro, sabemos de outras historias se chamaua Henriq̃, porq̃ foy pay de Odo Duq̃ de Borgonha, fundador do insigne Mosteiro de Cister & benemerito de nossa Religião sagrada. Así o apõta (alẽ de outros) Ioão Picardo Conego de S. Viçtor de Paris nas annotações das epistolas de S. Bernardo, & declara o nome do Duq̃ dizêdo, ser o Mosteiro de Cister grãdiosa fabrica de Odo filho de Hériq̃ Duq̃ de Borgonha. Tene mais Henriq̃ otro filho mais velho, por nome Hugo, o qual foy també Duq̃ de Borgonha, & fazêdose Monge deu lugar a succeder no Ducado seu irmão Odo.

*Paulo Emilio na vida de Roberto fol. 157.*

*Ioão Picardo nas annot. as epist. de S. Bernar.*

CAPITULO II.

*Resoluese como cousa mais prouauel ser o Conde Dom Hêrique filho dos Duques de Borgonha, & decenden- te por varonia dos Reis de França.*



Rande credito tem alcã- çado aultima opinião re- ferida no capitulo ante- cedête, pois alem do ap- plauso geral com que anda diuul- gada, a segué, & approuão em seus escritos authores graues, de nosso tempo. Pode-se confirmar com os fundamentos seguintes.

*Saudou- na Chron- nic. de A- fonso 71. fol. 82. p. 2. Suizo nos anna- les de Flã- dr. to. 1. an. 1091. pag. 119. Vasconce- los nos Elo- gios. Lauanha em hũ tra- tado de mão.*

O primeiro que tem por si au- tor antigo Frances cõtemporaneo do Conde Dom Henrique, & que expressamente diz cujo filho elle era. Muito valem nas materias de antiguidades os authores antigos, que escreuem as cousas de seu tem- po. E claro he serem dignos de mayor fê os naturaes, que são co- mo testemunhas de vista, & podem saber as cousas de raiz, que os es- trangeiros, os quais sò se valem de relações, que hũas vezes saẽ faltas, outras viciadas, ordenadas a cau- sar muitos erros na historia. Alem disto differente fê merece hũ au- tor, quando diz expressamente al- gũa cousa, ou quando samente a daá entêder, & se pode colher del-

le por discurso, porque no primei- ro caso não ha que duuidar do di- to, & só se pode mouer questão, se vai bem fundado; & no segundo ainda do proprio ditto ha lugar de mouer duuidas. Todas estas qua- lidades concorrem naquelle liuro, & no autor delle. He antiquo, do mesmo tempo do Conde Dó Hen- rique, pois viuia no anno de 1108. quando diz que apparecerão tres soes, & que os vio no lugar de Seirs junto ao rio Garonna. He natural de França, ou escreveu estando ne- ste Reyno, por ser, segundo dizem, Monge do mosteiro de Floriaco, declara expressamente quem era o Conde Dom Henrique, dizendo ser neto do Duque de Borgonha Roberto, & hum dos filhos de seu filho.

Não concorrem estas circumstã- cias nas outras opinioes, como se pode ver discurrendo por ellas. A primeira carece da antiguidade ne- cessaria, pois ha pouco mais de cê annos que se copiou a Chronica del Rey Dom Afonso Henriques por Duarte Galvão; & ainda que este autor se funda em algũa tradi- ção, ou fama antiga, poderia ella ser pouco certa, como o são outras cousas da mesma historia; alem de proceder o autor confusamente sê nomear o Rey de Vngria, que faz pay do Conde Dó Henrique, sem dar causa à vinda deste Principe a Espanha, & sem a corroboração de autores, ou escrituras daquelle tẽ- po. Na segunda opinião corre a mesma

*Duarte Galvão.*

mesma falta, que os autores, nem são antigos a respeito do Conde Dom Henrique, nem são naturaes de França; & assi não he muito q̃ desacertassem na genealogia da casa de Loreina; & mais sendo esta materia de decendências couza mui embarçada, & que a penas se alcança pellos naturaes, & que fazê mais diligência. Na terceira opinião parece que auia mais fundamento, por ser o Arcebispo Dom Rodrigo autor antigo, & de credito. Mas também he posterior ao Conde Dom Henrique mais de cem annos, fálta-lhe ser natural de França, & saber mos, que não tratou as couzas de Portugal mais que a caso, pois elle mesmo confessa, que para escreuer em dous capitulos dos Reis de Portugal, se diuertira de seu proposito. Quanto mais que o Arcebispo Dom Rodrigo não diz expressamente quais eraõ os pais do Conde Dom Henrique, & sò declara o parentesco que elle tinha com o Conde Dõ Raymundo, pello que seu dito se pode explicar, & assi não fica sendo aquella sua opinião, mas dos autores modernos que o interpretarão.

O segundo fundamento he terem nesta opinião melhor saída as difficuldades, que contra as outras se offerecem. Contra a primeira q̃ os authores antigos não dão filhos ao santo Rey Esteuão, nem al Rey Pedro de Vngria, posto que de seu tempo, & reinado ha larga memoria. O mesmo defeito se acha na

segunda opinião, pois nenhum autor dos antigos faz o Conde Dom Henrique filho de Guilherme o irmão mais moço dos Reis de Ierusalem: antes Nicolao Trellio, escreuendo a successão da casa de Loreina diz, que Guilherme casou com Eliza filha de Theobaldo Conde de Campania, & lhes dá por filho a Theodorico sem falar no Conde Dom Henrique, o qual se fora irmão de Theodorico, de crer he, q̃ também se nomeara por aquelle author, quando particularizaua a successão destes principes. Também os autores Franceses tratando do Conde Guido, não dizem que tiuesse filho algum, antes Luis Gollut dá a entender que o Cõde Dõ Henrique era filho de Guilherme pay de Raymundo, & Guido (taõ longe estã de o fazer filho do mesmo Guido) mas a esta sua opinião não dá fundamento. E dado caso que os argumentos tirados de autoridade negatiua (quais são estas) não costumem ter muita força, todauia no caso presente são de muita consideração, pois parece couza increiuel, passarem tantos autores em silencio hum ponto taõ importante ao fio de sua historia, se lhe acharam fundamento. Liure destas objecções estã a quarta opinião, pois o autor della trata dos netos de Roberto Duque de Borgõia, & entre elles nomea o Conde Dom Henrique.

Ha mais razões particulares que fazem improuaueis algũas das ou-

Nicolao  
Trellio  
dos Du-  
ques de  
Lorba-  
ring.

## *Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.*

*Guilhelmo Tyrio de bello sacro l. 2. c. 5.*

tras sentenças. Contra a segunda se tira hum forte argumento da circumstancia do tempo. He certo que o Duque de Loreina Gotfredo era ainda mancebo, quando passou á conquista da Terra santa: assi o afirma o Arcebispo de Tyro, & lhe dá grandes louvores por conseruar a virtude nesta idade, entre a militar licença, & demasia dos soldados. E esta jornada (como consta das historias) se decretou no anno de 1094. & concluiu no de 1099. O Conde Dom Henrique ja no anno de 1080. estaua em España, varão perfeito, que exercitaua a milicia. Como he logo possivel que fosse filho de Guilherme irmão mais moço de Gotfredo, se o mesmo Gotfredo neste tempo era de muy poca idade? Quanto mais que se conuence estar o Conde Dom Henrique em España, quando Guilherme casou cō a filha do Conde de Mossalanda, dos quais dizê que elle naceo, como bem proua

*Manoel Sueiro. 1. annal. Frãdr. no ant. test.* Manoel Sueiro nosso Portugues, diligente escriptor das cousas de Frandes.

Faz contra a terceira opinião o casamento de Adelaiz, irmãa de Guilherme, & Guido na casa de Saboya; porque segundo escreue Guilherme Paradino, & outros, casou esta Princesa com Amadeu primeiro do nome, Conde de Moriana & Saboya, & delles naceo Húberto pay do segundo Amadeu, cuja filha era a Rainha Dona Mafalda mulher del Rey Dom Afonso Henri-

*Paradin. 1. histor. de Saboya.*

ques, & assi se o Conde Dom Henrique fora filho de Guido, irmão de Adelaiz ficaua sendo primo irmão de Humberto, & seu filho Dō Afonso Henriques primo segundo de Amadeu, & parente dentro do quarto grao da Rainha Dona Mafalda sua mulher, o que se não pode admitir, pella dificuldade de alcançar dispensações naquelles tempos, como cōsta dos matrimonios de algũas infantas de nosso Reyno, & de outros de Espanha dirimidos por esta causa. Em outro lugar se mostrará ser a Rainha Dona Mafalda da casa de Saboya, & se conuencerá o engano dos que a fazem Castelhana da casa de Lara.

Ha tambem na vltima opinião o fundamento certo da vinda dos tres Principes Franceses a Hespanha, o que nas outras sentenças se não apontaua. E he que vierão todos em companhia da Rainha Dona Costança, mulher del Rey Dō Afonso o Sexto. Para o que supponho, que este casamento se celebrou no anno do Senhor de 1080. & que no mesmo tempo vierão os senhores Franceses, o Conde Dom Henrique como sobrinho da mesma Rainha, o Conde de Tolosa como primo que era de seu pay o Duque Roberto, por quãto a Rainha de França mulher del Rey Roberto era tia do Conde de Tolosa irmãa de seu pay. Por outra parte o Conde Dom Raymundo o de Borgonha era sobrinho do Conde de Tolosa Raymundo; porq̃ Rainaldo



naldo auô do de Borgonha, & o pay do Conde de Tolosa foraõ ca-  
sados cõ duas irmãas filhas de Ri-  
cardo Duque de Normandia. E  
assi por cousa deste parentesco tão  
estreito que tinhão entre si, & com  
a Rainha Dona Costança aquelles  
Principes a vierão acompanhando  
a Espanha, ao que ajudaria també  
o desejo de seruir a Deos nas guer-  
ras dos Mouros.

Suppostos estes fundamentos se  
pode seguir por mais prouauel a  
quarta opinião referida, & ao teste-  
munho do Arcebispo Dõ Rodri-  
go, o qual afirma ser o Conde Dõ  
Henrique primo irmão do Conde  
Dom Raymundo; dizem algũs q̃  
se chamaua primo irmão do Con-  
de, por ser primo irmão da Rainha  
Dona Vrraca sua molher, filha da  
Rainha dona Costança. Estilo he  
muy viado em Espanha de se no-  
mearem os parentes por affinida-  
de com os nomes proprios dos q̃  
são conjuntos por consanguinida-  
de: assi vemos que os cunhados se  
chamão irmãos, os sogros chamão  
filhos aos genros, & estes pais aos  
que o são de suas molheres. Assi o  
costumaua fazer (deixando outros  
exemplos) a el Rey Dom Ioão o  
Terceiro de Portugal o Catholico  
Rey Dom Phelipe II. por ser ca-  
sado com sua filha a Princesa dona  
Maria, como temos obseruado de  
algũas cartas de sua mão, q̃ vimos  
na Torre do Tombo.

Nam me satisfaz esta resposta,  
ainda que a vejo approuada por

graues autores; porque se o paren-  
tesco destes Principes não era ou-  
tro senão por via da Rainha Dona  
Vrraca, mais facil era ao Arcebispo  
Dom Rodrigo dizer, que o Conde  
Dom Henrique era primo desta  
Princesa, pois assi ficaua declarado  
o grau de affinidade que tinha cõ  
seu marido. Mas dizendo expressa-  
mente que era primo do Conde  
Dom Raymundo, sem falta quis  
declarar o parentesco particular  
que por outra via tinhão estes Prin-  
cipes. E assi me parece que elles  
deuião ser primos por parte de  
suas mãis, & ainda se se admittir  
(como querem pessoas doudas) que  
o nome, *congermanus*, de que vta o  
Arcebispo signifique outro grau  
de parentesco, sem ser forçado to-  
mar-se por primo irmão, diria que  
estes Principes erão parentes por  
consanguinidade, o que me parece  
se não pode negar, pois alé do ditto  
do Arcebispo, ha outro de Iuliano  
Arcipreste de Santa Iusta de Tole-  
do, que tambem o afirma. Como  
se verá no capitulo seguinte em  
proua de outra verdade.

## CAPITULO III.

*Em que tempo veyo a Espanha  
o Conde Dõ Henriq̃, como  
se occupou na guerra antes  
de lhe ser dado Portugal, &  
se effectuar seu casamento.*



Omo nossos autores as-  
finem por causa da vir-  
da dos tres Principes Frã-  
ceses,

## Livro VIII. da Monarchia Lusitana.

Garibai  
lib. 34. c. 3.

Hieroni.  
Zuriti. li.  
1. c. 25.  
Mariana  
lib. 10. c. 1.

Duarte  
Nunes na  
vida do  
Conde D.  
Henrique

Brit. li. 7.  
ca. 39 da  
hist. Lusit.  
Lusit.

ceses, a ajuda que derão a el Rey Dom Atonio para a guerra dos Mouros, así a allentão no tempo da mayor necessidade que lhes occorre. Por esta razão dizem huns ser a entrada do Conde Dom Héríq em Espanha no anno de 1089. em o qual Iacob Aben Texefin Rey dos Almorauides passou com grande exercito de Africa a estas partes, & intentou renonar o senhorio que nellas alcáçarão seus antepassados. Por este mesmo respeito apontaõ outros esta vinda do Conde no anno de 1092. porque também então passarão muitas gentes de Africa, & teue el Rey D.º Afonso necessidade de conuocar socorros de estrangeiros. Pouco discrepa destes autores quem diz, viria o Conde Dom Henrique a Espanha no anno de 1088. ate o de 1092. Teue opiniaõ muy differente o Doutor Frey Bernardo de Britto, Chronista mór deste Reyno na segunda parte da Monarchia. Persuadiose por certas doações dos Mosteiros de Loruão, & Arouca, ser a vinda dos Principes a Espanha muitos annos antes do que alsinão os outros authores. Porque os Condes Dom Henrique, & Dom Raymundo de Tolosa tinhão chegado a Espanha em tempo del Rey D.º Fernando, & que morto elle, & diuididos os Reynos entre seus filhos, seguirão a Corte del Rey de Leão, por ser Principe mais liberal, & de mayor policia, com cujas filhas estauão casados, quando mui-

tos annos adiante veyo a Espanha Dom Ray mundo o de Borgonha, a quem el Rey deu por molher outra sua filha de menor idade que as outras.

Ja o Obispo de Pamplona aduirtio ser a letra X. a causa deste engano em que cahio o autor referido, por quanto val 40. & não 10. Nas escrituras de Loruão, & Arouca q se apontão, remata hũa dellas: *Faēta carta mense Octobrio Era M. C. X. & a outra: Faēta cartula vēditionis notū die quod erit 3. Idus Octobris Era. M. CXIII.* & não respondem estes annos de 1072. & 1075. senão aos de 1102. & 1105. pello valor da letra X. naquelles lugares. Ja aduerti no prologo desta obra com graues autores ser isto cousa muy vsada em tempo dos Godos, & depois na restauração de Espanha hum exemplo apontarei na occasião presente. Fez el Rey D.º Afonso Henriques doação a nosso Padre S. Bernardo, sendo ainda viuo da Abbadia de Alcobaça, & de suas terras, & conclue así: *Faēta carta Era M. C. L. XI. vj. Idus Aprilis. E acrescenta: Ego Alfonso, & vxor mea Regina Mafalda hanc chartam proprijs manibus firmissime roboramus.* Quer dizer: que elle, & sua molher a Rainha Dona Mafalda confirmam a doação sobredita. Neste lugar a letra X. ha de valer 40. necessariamente; porq se tiue- ra a valia ordinaria de 10. seguiaõ-se dous grandissimos absurdos. O primeiro vsar ja el Rey do titulo Real no anno do Senhor de 1123. a que

Sando-  
na Chro-  
nica del  
Rey Don  
Alonso 6.  
fol. 33.

que então respondia a era da escriptura. O segundo, & mayor, ser já casado, o que tudo bem se refutella pelas historias, & escripturas antigas das quais sabemos tomar este principe o titulo de Rey no anno de 1139. & casar no de 1146. He logo forçoso, que a letra X. tenha a valia de 40. & a era da escriptura responda ao anno de 1153. em que se verificação bẽ aquellas duas cousas. Do mesmo modo nas duas escripturas de Lornão, & Arouca, & em outras allegadas pello mesmo autor. Tem a letra X. valia de 40. & assi nos não obrigaõ a anticiparmos tanto tempo a vinda do Conde Dom Henrique a Espanha. O Doutor Frey Bernardo teue algũa desculpa neste engano, por seguir hús pergaminhos antigos, em que estão tresladas as escripturas daquelles Mosteiros. E nelles por culpa do escreuente falta á letra X. a plica com que val 40. Porem eu vi os originaes, & examinei bem o ponto, & assi se pode ter o que digo por cousa certa. E neste passo faço aos leitores a aduertencia, que já deu Paterculo emendando o tempo da idade de Pompeyo, em que os autores Romanos errauão sinco annos, que declaro esta duuida, não com intento de notar, mas por não ser notado.

Deixada pois esta opinião que procedeo de inaduertência, & as dos outros autores que se fundão sò em conjeituras. Digo que a vinda do Conde Dom Henrique, & dos

outros Principes Franceses a Espanha foy no anno de 1080. Assi o resolve Iuliano Arcipreste de Santa Iusta de Toledo, autor daquelle tempo. E o approua com certa resolução o Bispo de Páplona. As palauras de Iuliano são estas. *Cemues Raymundus, & Henricus consanguinei, postque generi Adefonsi Imperatoris, venerunt ad obsidionem Toleti, illicque interfuerunt.* Quer dizer: os Condes Dom Raymundo, & Dom Henrique parentes por consanguinidade, & despois genros do Imperador Dom Afonso, vieraõ ao cerco de Toledo, & se acharaõ presentes a elle. O cerco de Toledo se principiou no anno de 1079. & assina- mos no seguinte a vinda dos Principes Franceses, por nos parecer vierão em companhia da Rainha Dona Costança naquelle anno, o que assegura o Bispo de Pamplona, & se confirmará adiante.

Duuida se pode mouer, qual dos Raymundos era este de que fala Iuliano, porq̃ parece não vir mais de hum, pois não nomea o outro. Respondo que o autor sò trata de Dom Raymundo de Borgonha, por ficar em Espanha com o Conde Dom Henriq̃ o restante de sua vida, & assi não nega vir tambem o de Tolosa, mas delle se não faz memoria por se tornar a França passados alguns annos. Fazem em confirmação outras palauras do mesmo Iuliano, quando refere o milagre do Breuiario Mucarabe, a q̃ diz se acharão presentes el Rey,

o Arce-

Iulian.  
Sandott.  
na Chro-  
nica de  
Afonso 6  
fol. 81.

## Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.

o Arcebispo de Toledo, os Condes Dom Raymundo, & Dom Henrique. *Prasente Rege, Archiepiscopo Bernardo, Raymundo, & Henrico Comitibus, qui inuerant captiorem Toleti.*

*Baron to. 11. anno 1088. Onuphrio na Chronolog.*

E neste lugar fala de Dom Raymundo o de Borgonha, por ser prouauel não estar o de Tolosa ja em Espanha. Porque isto socedeo, sendo Pontifice Urbano segundo, cuja eleição foy a 4. de Março de 1088.

E o caso foy, que mandando o Papa Urbano hum Legado a Espanha, por nome Richardo, trattou elle com el Rey Dom Afonso, se vsasse do Breuiario & Missal Romano, deixando o Gottico chamado vulgarmete Muçarabe, por servir nas Igrejas dos Christãos que permanecião entre os Arabes. Ouue cõtradição (que os costumes recebidos são maos de tirar) & ao fim se resolverão se auerigoasse pellas armas aquelle caso, entrarão em campo dous caualeiros, & como fuisse vencido o que defendia o breuiario Romano, se tratou ainda de outro meyo mais disparatado; acenderão hũa grande fogueira, & lançarão nella os dous Breuiarios, para que Deos manifestasse cõ milagre de qual se auia de vsar: dizem que o Breuiario Muçarabe saltou fora do fogo, & que o Romano permaneceu nelle sem lesão, & ao fim veyo el Rey a mandar se refasse pello Romano, o que no principio se deuera fazer sem chegarem as cousas áquelles termos.

*Sandou. na Chronica de Afonso 6. fol. 65.*

A este successo diz Iuliano, que se acharão presentes os Condes Dom Raymundo, & Dom Henrique, & como elle acontecesse no anno do Senhor de 1090. pouco mais ou menos (ja que foy despois da eleição de Urbano) se conuence a assistência dos Condes com el Rey até aquelle tempo; no qual tenios por mais prouauel estaria ja o Conde de Tolosa em suas terras. E como em diante se seguissem as guerras dos Mouros, por cujo respeito dizẽ muitos autores que foy a vinda daquelles Principes, claro he se não auerãtarão os dous de Espanha despois que a ella vierão.

Em todo este tẽpo, & nos mais annos antes de se dar Portugal ao Cõde Dom Henrique, seguiu este Principe a Corte del Rey Dõ Afonso, & o acompanhou em todas as occasiões de guerra, obrando com a espada, & conselho grandes cousas em augmento da Christandade. O Bispo de Palencia confessa hũa cousa, & outra, affirmando ser a assistência & ajuda do Conde, de grande momento a el Rey Dom Afonso em suas empresas. Acompanhou el Rey no cerco de Toledo, como diz Iuliano, o qual se rematou no anno de 1085. Achouse na grãde batalha de Sagulias junto a Badajoz, no anno de 1087. Nesta batalha em que o Bispo de Pamplona diz, que sabio el Rey Dom Afonso desbaratado, posio que a matança dos Mouros foy grande; dá a entender a historia dos Godos

*Roderic. Santh. p. 16. 14.*

*Sandou. na Chronica de Afonso 6. fol. 74.*

que

Historia  
dos Godos  
da qual se  
fa' a no  
prologo.

que ouue melhoria da parte do exercito Real, & declara como nella se acharão muitos senhores Francezes, são as palauras da historia as seguintes. Era M. C.

XXV. Rex Donnus Alfonsus magnū praelium habuit cum Rege Sarracenorum transmarino Ioseph Aben Texafin ad faciem ciuitatis Badalioz in loco qui dicitur Saguias. Interfuerunt huic praelio multi Christiani externi, & inter eos multi Franci, qui venerant in adiutorium Regis Alfonsi. Em vulgar dizem assi. Na Era de 1125. (he anno de 1087.) el Rey Dom Afonso teue hũa grande batalha no lugar de Saguias deifronte da cidade de Badajoz com Ioseph Aben Texefin Rey de alem mar. E nesta batalha se acharão muitos Christãos estrangeiros, & entre elles muitos Francezes, os quaes vierão em socorro del Rey Dom Afonso. O successo desta batalha celebra a hiltoria referida com estas elegantes palauras. Rex inuicta

Hist. dos  
Godos.

planè animo aggressus hostes, infinitam ferè eorum multitudinem (aderant enim fere omnes Sarraceni Hispani, & inultra quoque millia transmarinorum) vsque ad noctem pugnando profligauit, & Regem barbarorum planè castris exuisset, nisi à suis reuocatus esset ad tuenda nostrorum castra, quæ hostes in discrimen adduxerant. Isto he. El Rey acometendo os inimigos com animo inuenciuel, com pelejar até a noite, desbaratou hũa

multidam delles quasi infinita (porque alem dos Mouros Africanos se ajuntarão neste exercito quasi todos os Espanhoes) & ganhara sem duuida os arraiaes ao Rey barbaro, se o não obrigaram os seus a ir defender os alojamentos dos Christãos, que o inimigo tinha posto em grande perigo.

Hum nosso autor diz, rompe- Faria no  
ra o Conde Dom Henrique a que da hi  
certo Rey Mouro junto a Cor- storia de  
doua, quando os Christãos toma- Portug. p.  
rão a vingança da morte do In- 30.1. fol.  
fante Dom Sancho, que pere- 142.  
ceo na batalha de Vices. Porem em caso que assi fosse, seria ja o Conde senhor de Portugal, porque a perda daquelle Infante (segundo a opinião mais recebida, Mariani  
foy no anno de 1100.

Tambem se attribue ao mes- Nunes na  
mo Conde a tomada de Lisboa rida do  
no anno de 1093, & affirmão Conde D.  
nossos autores possuia ja o esta- Henrique  
do de Portugal, ainda que bem & outros  
confessam não intentou esta empreza sem ajuda, & presença do proprio Rey Dom Afonso. Mas com termos por sem duuida, que se achou o Conde Dom Henrique nesta conquista, não he bem que deixemos de a attribuir a el Rey Dom Afonso. como a causa principal, não em dar ajuda ao Conde, como os nossos querem, mas em ser proprio autor desta guerra, que a mouia em

B suas

## *Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.*

suas terras, as quais ainda não pertencião ao Cōde Dō Henrique. Poré para q̃ melhor se alcance o tēpo em que o Cōde deixadas as badeiras del Rey Dō Afonso, começou por si a fazer guerra aos Mouros nas terras q̃ lhe forão assignadas, importa ver breuemente o estado das cousas de Portugal por estes annos, em que se descobrião algũas antiguidades importantes, que pertencem como materia propria a esta historia.

### CAPITVLO III. *Do Conde, & Governador de Coimbra Dō Sifnando & do que ouue em Portugal mais notauel em seu tempo:*

**Q**Vando o Conde Dom Henriq̃ entrou em Espanha, estaua diuidido o gouerno de Portugal por algũs senhores. As terras entre Douro & Mondego (como mais arriscadas, & vezinhas aos Mouros) estauão cometidas a hũ illustre Capitão chamado Sifnando, a quem as memorias antigas chamão hũas vezes Cōde, & outas Consul, o qual tinha o assento de sua casa na cidade de Coimbra. Auia ja algũ tēpo q̃ possuia este senhorio, & o sostetava cō grãde valor; & porq̃ dos limites de seu estado, & do tēpo, & modo cō q̃ o alcançou dà elle mesmo testemu-

nho em certa doação q̃ faz a Rodrigo presbitero, do lugar de São Christouão, q̃ está entre Sosa, & Allibro, não vê fora deste lugar referir suas mesmas palauras, que estão em o liuro das doações antigas da Sè de Coimbra, & dizê assi.

*Tempore illo quo Serenissimus Rex Donnus Fernandus, ego Consul Sifnandus accepi ab illo potestate Colimbrice, & omniũ ciuitatũ siue castellorũ quę sunt in omni circuitu eius, s. ex Lameco vsq; ad mare, per aquã Durij, vsque ad omnes terminos quos Christiani ad Austrũ possidēt, quę ille gladio, & Regali dominatione adiuvante Deo abstulit Sarracenis, & restituit Christianis: deditq; supradictus Rex mihi supradictã terrã ad edificandũ, & populandũ, & faciendũ cuncta quę mihi bene visa fuerint: & ut omnia quę ego mandauero, & firmauero, sint firma & bene stabilita in omnibus seculorũ tēporibus. Post mortē igitur supradicti Regis obtinuit regnũ gloriosissimus filius eius Rex Donnus Alfonso, qui omnia quę mihi suus pater mandauerat confirmauit, & corã Comitibus, & cunctis maioribus sui palatij scriptũ priuilegiũ roborauit. Itaq; ego supradictus Sifnandus auctoritate Regia fretus facio cartam firmitatis tibi Roderico Presbitero, &c. Em nosso vulgar significação.*

No tempo em que reynaua o Serenissimo Rey Dō Fernando, eu o Consul Sifnando recebi delle o senhorio de Coimbra, & de todas as cidades, ou castellos que estão em seu circuito; conue a saber de Lamego ate o mar, pella agoa

agoa do rio Douro ate os limites q' possinẽ os Christãos para a parte do Meyo dia, os quais lugares elle cõ sua espada, & poder Real, fauorecendo Deos tomou aos Arabes, & restituiu aos Christãos; & toda esta terra me deu o sobredito Rey para apouoar, & edificar nella, & para a gouernar a meu arbitrio, de sorte q' o que eu mandar, & ordenar seja firme & estauel para todo sempre. E vin do a reinar por morte do sobredito Rey, seu filho o glorioso Rey Dõ Afonso, me cõfirmou tudo o que seu pay me tinha dado, & em presença dos Cõdes, & grãdes de sua Corte firmou a doação q' tenho. Pello que eu Sifnãdo fundado na autoridade Real faço carta de firmeza a ti Rodrigo Presbitero, &c. Ate aqui são palauras da doação.

Sandou.  
na Chronica del-  
Rey Dom  
Fernando  
fol. 11. pa-  
gina 2.  
Liuro de  
Coimbra

O Bispo de Pamplona diz na Chronica del Rey Dõ Fernando q' Sifnãdo o Governador de Coimbra era Bispo de Iria, porẽ mais caualeiro, q' religioso. As memorias autenticas q' temos na Sã de Coimbra não dão a entender tal cousa, antes suppoẽ ser caualeiro secular. Em certa doação q' faz o Abbade Pedro da Igreja de São Martinho do Bispo, jũto a Coimbra, se apontão estas palauras. *In diebus illis erexit ipse honorificus Rex principẽ ibi, magnum Ducẽ, & consule fidelem, dominum Sifnuandum. Querẽ* dizer, que despois da restauração de Coimbra, de q' se vay falando,

pos el Rey Dom Fernando por principe daquella terra (illo he Senhor) o grande Capitão, & fiel Consul Dõ Sifnando. O mesmo se colhe de outras muitas escrituras, & principalmẽte do testamẽto do Cõde, o qual se trasladará no appendice deste tomo com as demais escrituras q' cõfirmão n'os escritos; porq' nelle faz menção o Conde de sua filha Dona Eluira, a quẽ deixa por sua herdeira, &c. o que mais he, q' ao marido della senhora fez el Rey Dõ Afonso Governador de Coimbra por morte do Conde Sifnando, como adiante veremos, & todas estas cousas confirmão ser o Cõde secular, & não Ecclesiastico.

O Doutor João de Mariana <sup>Mariano</sup> faz este caualeiro natural de Toledo. Mais me parece q' foy Portugues da comarca de Coimbra, dõ de forão taõbem seus pais, porq' o acho cõ grãdes heranças em Portugal nas terras de Coimbra; elle mesmo o cõfessa em seu testamẽto, deixando a Igreja de Mirraos ametade da villa de Tentuguel, a qual diz lhe viera por herança de seus paes. Em Toledo não sabemos herança algũa a este fidalgo, alẽ de ser esta terra então de Mouros. Do principio de sua vida nos não consta; sõ sabemos como alguns annos antes da conquista de Coimbra, residia em Seuilha muy estimado dos Mouros. Fez volta a terra de Christãos, trazẽdo em seu animo traçada hũa em

Testamen-  
to do Con-  
sul Sifnã-  
do.

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

preza tão notauel, como foy a de Coimbra, a qual persuadio com euidentes razões a el Rey Dom Fernando. Ajudaraõ tambem cõ suas ofertas, & auisos os Monges de S. Bento de Loruão, o qual se conseruou na ruina de Espanha, sem ser destruido pellos Arabes.

Deu Sisnando tais mostras de esforço, & pratica militar nesta conquista, que julgou el Rey Dõ Fernando despois de ganhar a Cidade, que a elle se deuia comerer a defensão della. Nê sahio a eleição del Rey pouco acertada, porque o Conde Sisnando não só defendeo Coimbra com raro valor em todo o tẽpo de sua vida, mas ainda por morte a deixou muy acrecentada, & melhorada, do que lha entregarão. Afsi o cõ-

*Liuro de  
Coimbra  
fol. 2.*

fessa el Rey Dom Afonso o sexto no foral que deu a esta Cidade com estas palauras. *Elle (entẽde Sisnando) pouou esta cidade, & a sustentou com grande valor contra todas as gentes.* Achouse com a gente de guerra de seu estado com el Rey Dom Afonso na grande batalha que teve com os Mouros junto a Badajoz, como ja dissemos, & nesta occasiã por ser perigosissima, ordenou seu testamẽto, como se colhe, alẽ da circumstancia do anno, de suas mesmas palauras, pois diz, q̃ quando fez aquelle testamento, estaua de caminho para ir resistir aos Mouros, com el Rey Dom Afonso, & com todos os Christãos, &c.

*Liuro de  
Coimbra  
fol. 11.*

Ganhou mais o Conde a Vilariño, que deuia entã ter algũ castello, ou seria o de Loulãa, o qual fica perto: afsi se declara em hũa doaçã feita pello mesmo Conde ao Mosteiro da Vaccariça. *O mesmo liuro.* Pouou, & restaurou muitas terras, outras leuãtou de nouo, & fortaleceo, entre as mais se nomeão as villas de Cãtanhede, & Tentugal, os Castellos de Foz de Arouce, & Penella, a nobre villa de Mõtemór o velho, a qual em seu tẽpo começou a leuãtar cabeça das ruinas, & oppressões passadas. Isto quãto aos negocios da guerra.

Na administração da justiça, & gouerno pacifico se assinalou tambem muio o Consul Sisnando. Estaua em certa occasiã el Rey D. Afonso no lugar de Froila cõ toda sua Corte, & corria o Anno do Senhor de 1078. auendo certa duuidã entre o Bispo de Braga Dom Pedro, & o de Orense por nome Hefronio, el Rey cometeo a decisão della ao Consul Sisnando, tẽdo por certo que daria sentença com toda a inteireza & justiça, no que se não enganou, como cõsta da relaçaõ deste caso, q̃ estã escrito no liuro fidei da Sã de Braga. Teue mais o Conde Sisnando grãde cuidado das cousas pertencentes ao culto diuino. Em seu tẽpo se restaurou a Igreja de Coimbra, & se pos nella o primeiro Bispo do tẽpo de sua reduccã, como adiante tocaremos. Fudou, & dotou algũas Igrejas por todo este Bispoado.

*Naquelle tempo se chama-uaõ Bispos os Alcega politanos.*

No



No anno de 1080. mandou fazer a Igreja de S. Martinho. Fundou outra, que se dezia Mirallos, a qual segundo se dá a entender, estava perto de Coimbra, ou dentro da mesma Cidade, & nella depositou muitas Relíquias, em particular hũa do santo Lenho de notavel grandeza. Ao mosteiro da Vaccariça dotou o lugar de Orta, & à Sé de Coimbra muitas terras alé do rio Mondego junto a Igreja de Santa Eufemia. Chega sua memoria até o anno de 1092. dizem que está sepultado no adro da Sé de Coimbra em hũ dos arcos da parede, o que deuia ser, porque naquelle tempo se não sepultauão dentro das Igrejas, nem ainda os mayores Principes.

Neste tempo auia outros senhores nas mesmas terras do estado de Coimbra, que, segundo parece, deuião ter algũa subordinação ao Conde Sifnando. Em terras de Arouca erão senhores pellos annos de 1085. Egas Ermiguo, Odorio Tellez, & Gauino Froylas. Consta de hũa doação que fez Ero filho de Zacharias ao mosteiro de Arouca. Ia no anno de 1092. auia mudança nestes senhores, & o erão daquellas terras Monio Viegas, Odorio Tellez, & Aluaro Tellez, como consta de outra escritura de Frey Adefonso Confesso, feita a mesma casa.

O castello de Santa Maria ( he

o da Feira) estava cometido a hũ Capitão chamado Flacencio, & auia nesta terra hum fidalgo principal chamado Sueiro Fromariguiz. Faz elle huma doação ao Mosteiro de Grijó a tres de Outubro do anno de 1093. a que se acharaõ presentes, alem das pessoas Religiosas, os seculares seguintes: Flacencio Alcaide do Castello de Santa Maria, Gonçalo Ozoriz, Athan Froylaz, Paio Fromariguiz, Gonçalo Gondezindiz, Mendo Zalamiz, Paio Zalamiz, Gonçalo Cediz, Tello Cediz, todos confirmão a escritura por pessoas notaveis, on parentes do dotador.

Nas terras dentre Douro, & Minho, & tralos montes, estauão outros Capitães & Governadores. Faltára algũs annos antes o Conde Nuno Mendez, a quem reconheciam por principal cabeça todos os Portuguezes, foy sua morte em hũa batalha que deu a el Rey Dom Garcia, que scandalizados os Portuguezes do termo com que el Rey. os tratava, por indução (segundo dizem) de hum seu priuado chamado Ver-na (ainda que não falta quem o disculpe) se puserão em armas. Deuse a batalha em dezoito de Janeiro do anno de 1071. no lugar de Pedroso entre Braga, & o rio Cauado, & ficou o Capitão Portuguez morto, & os seus desbaratados. Assim o conta a historia dos Godos com

Cartorio  
de Grijó.

Cartorio  
de Arou-  
ca.  
Titulo das  
doações.

O mesmo  
Titulo.

Sando-  
na Chro-  
nica deste  
Rey.

Hist. dos  
Godos.

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

estas palauras, que pareceo referir em credito deste caso pouco sabido, q̃ nê por ser em nollô dâno he bem que o encubramos. Era M.C.VIII. Kal. Febr. *Portugaleses commiserunt praelium aduersus Regem Donnum Garciam, filium Regis Domni Fernandi, habebantque tunc caput in ipso bello Comitem Nuno Menendi. Perist ipse ibi, & cuncti alij sui fugerunt. Obiit Rex de illis victoriâ in loco qui dicitur Petroso inter Bracharam, & fluium Canado.* Não damos a tradução destas palauras, porq̃ ja em suma ficam relaradas. Era este Conde sobrinho da Condessa Dona Gontrode, a qual estaua casada cõ o Conde Rodrigo Vazques, senhor de Chaues, & outras terras neste tempo da vinda do Conde Dom Henrique. Consta o primeiro ponto do parentesco por hũa venda feita pello Conde Sifnando a Eira Gofêdiz no anno de 1074. a qual esta no liuro fidei *dei da Sê de Braga* de ipsa villa medietatem, sicut fuit de Comite Nuno Menendis, quomodo habuit diuisa cum sua Tia donna Gontrode, & dedit nobis illam Rex Donnus Alfonsus. Quer dizer: Damos a vos a metade daquella terra, assi como foy do Conde Nuno Medes, como a teue partida com sua tia D. Gontrode, & nos a ouemos del Rey Dom Afonso. O segundo ponto do senhorio do Cõde Rodrigo Vazques, se prona de outra escritura do mesmo liuro a qual remata. *Facta carta Era*

M.C. XX.III. Kal. Augusti regnante illustrissimo Rege Afonso in legionense, mandante Elias Comite Rodrigo Velaszi, &c. Isto he, que se fez aquella escritura en 30. de Julho do anno de 1082. (neste tempo cae a era sobredita) reinâdo em Leão o illustriſſimo Rey Dom Afonso gouernando a terra de Chaues o Conde Dom Rodrigo Vazques. He esta hũa doação que faz Galindo Aluitiz neto de Dona Patrina â Sê de Braga. Do casamento deste Conde cõ D. Gontrode sabemos por outras escrituras do mesmo liuro, do qual tambem se colhe ser esta senhora filha do Conde Don Nuno Aluitiz, & da Côdesa Dona Elduara. Era Nuno Aluitis (segũdo algũs) filho de D. Munia, ou Muma dona de Guimaraes do sangue Real dos Reys de Leão, fundadora do Mosteiro de S. Saluador, & S. Maria, que he oje Igreja Collegiada daquella insigne villa. Dona Elduara foy filha do Conde Hermenegildo do Porto, & da Côdesa Dona Toda, ou Tuta Velaiz.

Mas porque de Dona Munia, ou Muma Dona ha muita noticia em escrituras daquelle tempo, sobre que pode auer algũa duuida; direi o que nisto tenho alcançado. Em doação do Mosteiro de Loruão feita a 9. das Calendas de Setembro da era 657. que he a 24. de Agosto do anno do Senhor de 919. hũs fidalgos que se nomeão Gundesindo, & outros daõ

Archivo de Loruão no liuro. 1. das doações de leiſura anti ga.

ao dito Mosteiro a villa de Gondellim, & outras terras. E dizem os dotadores, que seus pays D<sup>o</sup> Aluito, & Dona Munia, possuirão primeiro a ditta Villa. *Sicuteã obtinuerunt parentes nostri Donno Aluito, & Donna Munia pie memorie.*

O mesmo  
liuro.

De outra escritura do mesmo Mosteiro da Era de 1019. que he anno de 981. consta, que Gonçalo Moniz grãde Senhor em Portugal estava casado com Muma Donna, & dotaõ ambos à mesma casa a villa de Treixede. Era G<sup>o</sup>çalo Moniz genro del Rey Dom Bermudo de Leão, como se colhe de outra celebre escritura da mesma casa do mes de Julho da Era de 1102. q<sup>o</sup> he anno de 1064. em a qual el Rey Dom Fernando o primeiro declara como tomou Coimbra aos Mouros. De sorte, que Muma Donna mulher de Gonçalo Moniz era filha del Rey (pois não consta q<sup>o</sup> tiuesse aquelle fidalgo segunda mulher) & pela circumstancia do tempo he este Dom Bermudo o segundo do nome.

Escritura  
original  
de Lornão

A Condeffa Muma Donna, q<sup>o</sup> fundou o Mosteiro antigo de S. Salvador & Santa Maria de Guimaraes, foy casada (segundo escrituras da mesma Igreja) c<sup>o</sup> Hermenegildo Gonçalvez, & era tia del Rey Dom Ramiro de Leão, & sua memoria corre do anno de Christo de 929. até o de 999. E sendo este Dom Ramiro imediato antecessor de Dom Ordonho

o terceiro (como se colhe do mesmo cartorio) era necessariamente o segundo do nome.

Conforme a estas memorias, temos em Portugal tres senhoras do mesmo nome, Muma Donna, illustres, & quasi do mesmo tempo, & se estuermos pella semelhança do nome, parece ser o C<sup>o</sup> de Dom Nuno Aluitiz (de que atraz falamos) não filho da que fundou a Igreja de Guimaraes, mas de outra de que fala a primeira escritura de Lornão, & foy casada com Dom Aluito.

Na doação atraz referida de Galindo Aluitiz, confirma Paio Goterres (que he o da Sylva) com titulo de Vigairo del Rey: isto he que tinha as suas vezes, & governava as terras da comarca de Braga, aonde se fez a escritura, & o mesmo Paio Goterres restaurou o Mosteiro de Tibaes, & jaz sepultado.

Tambem de escritura de Pombeiro consta ser Egas Gomez (he o de Sousa) senhor em terras de Sousa, & Pombeiro, pois a elle se recorria nas duvidas, & demandas, & como se ve em hũa do anno de 1072. que trazia Flamula Ketas com sua irmã Adofinda. Deste fidalgo se tratará largamente em algũs lugares desta obra, porque viueo muitos annos, & foy hum dos companheiros de Gonçalo Mendez de Maia, o Lidador em tempo del Rey Dom Afonso Henriques.

## Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.

Estes, & outros senhores, cuja memoria não achamos particularizada nas escrituras que nos vierão a mão, possuíam a terra de Portugal, & governauão o que lhe tocava com dependencia del Rey Dom Afonso o sexto, quando o Conde Dom Henrique entrou em Espanha.

### CAPITULO V.

*Do estado ecclesiastico de Portugal, quando o Conde D. Henrique chegou a Espanha. Trata-se dos primeiros Bispos de Braga, & Coimbra despois de sua restauração.*

**Q**uando chegou a Espanha o Conde D. Henrique, estava já as Igrejas de Braga, & Coimbra restauradas a seu antigo estado; & seus novos prelados tratavaõ com todo o cuidado de assentar, & promover as cousas ecclesiasticas daquellas cidades. Não escreuê nossos historiadores cousa alguma nesta materia, antes parece querem encontrar na restauração de Braga a supposição que fazemos, attribuindo ao Conde Dom Henrique a erecção daquella Igreja, & o prouimento de seu primeiro Bispo. Mas porque destes principios temos certeza, será bem fundar a verdade desta ma-

teria, de que resultará a noticia de algumas cousas não sabidas, bẽ dignas de se diuulgarem. A restauração de Braga se refere em hũa escritura do liuro fidei, que diz

*Liuro fidei da sede de Braga*

*Postquam Hispania paganorum gladio cesa est propter peccata inhabitantium, & in solitudinem versa Christianicola Deo miserante recolectis viribus ceperunt paulatim undique dilatari, longo temporum decursu, & omnia loca que obtinere potuerunt suis voluptatibus subdiderunt. S. Ecclesias, quae quondam Domino consecrata fuerant, laicales possessiones fecerunt. Alij autem e contrario in villulis, & quibusdam laicalibus locis, nonas Ecclesias, & monasteriola constituentes, tradiderunt illis Ecclesias olim praeclaras, & celeberrima monasteria seruituti manciparunt. Ex quibus Rex quidam Ordonius nomine, Bracharam quae Metropolis & mater esse totius Hispaniae debet, loci Sancti Iacobi tradidit seruitutem, usque ad murum ipsa penitus destructa manente, & in lapide congerie versa. Multis igitur annis hoc modo transactis, noster nuper temporibus moriens Christianissimus Rex Dominus Ferdinandus, diuisit regnum suum tribus filiis suis, Sancio videlicet, Aldefonso, atque Garcia. Ex quibus Garcia accepit Occidentalem regni partem, in qua est ipsa Brachara. Ad quem accedentes Vestrius Episcopus Lucensis, & Cresconius Iriensis cum alijs religiosi hominibus, & terra militibus, rogauerunt eum, ut Ecclesiam Bracharensensem iuberet restaurari, & Episcopum in ea ordinari. Quibus*

has benigne fauens misit, & vocauit, omnes maiores & nobiliores, qui habitant ad locum Sancti Iacobi. & illis beneuolentibus dedit eis monasterium quoddam Regium nomine Cordarium, & accepit ab eis omnia quae ipsi habebant apud Bracharā, quae sibi insuper à dicto Rege Ordono fuerant tradita. Restituitque ea supra nominatus Garcia Rex Ecclesiae Bracharensi, & Vicarijs eius, qui obtinuerunt eam, & omnes redditus eorum, & coeperunt ipsi iam nominati Pontifices aedificare Bracharensem Ecclesiam in memoriam Beatae Dei Genitricis Mariae. Accedente itaque dilatazione, nondumque ordinato Episcopo, interea erexit se Rex Sancius aduersus fratrem suum Garciam, & accepit Regnum eius. Huius namque perturbationibus agitat, habitatores Sancti Iacobi presumptuosè absque iussu Regis acceperunt ea quae iam Regi Garciae dederunt ad utilitatem Bracharensis Ecclesiae profutura retinentes pariter, & Monasterium praenominatum Cordarium, quod proinde acceperunt, Rex deinde Sancius fecit ordinari Petram Bracharensem Episcopū, sed nihil ei contulit neque de suis, neque ea quae frater suus Garcia dederat, idē Sancius moriens pro temporis paucitate nihil dignum reliquit memoria. Postea verò Rex Adonfus obtinuit omne Regnum patris, & exercuit bella plurima aduersus Sarracenos, & saepe congregauit Synodos, iussitque coram Ecclesiae sanctae legatis legi, & firmari sanctorum decreta Canonum, Sed praedictus Petrus Bracharensis Episcopus, non fuit talis meriti ut charus amicus

fieri posset Regis, & ab eo, vel à compresulibus atque Cardinalibus in Synodo ad profectum Ecclesiae suae aliquid profuturum mereretur impetrare. Qui ante uitae suae finem inuitus à Pontificatu deiectus est, & in Monasterio usque ad mortem fuit. Bracharensis autem Ecclesia ob segnitiam inutilis pastoris pauperrima remansit, & propter discordiam, quae inter Principes terrae orta est, interrupta, & iniuriata funditus constitit. Huius siquidem rei testes fuerunt. Facta fuit haec concambriatio in Era M.C.IX. Reduzida ao portugues diz deste modo.

Depois que pellos peccados de seus moradores foy Espanha destruida, os Christãos recobrãdo pella misericordia de Deos forças, começaram a ganhar o perdido, ainda que em largo numero de annos. Porem das terras adquiridas vsauão a seu gosto, trocando hús em possesões seculares as Igrejas dedicadas ao culto diuino, & sojeitando outros os Templos, & Mosteiros celebres antigamente a outros de menos consideração, os quais de nouo fundauão. Entre estes foy hum Rey chamado Ordonho, que sojeitou a Igreja de Braga (a qual deue ser Metropoli, & mãy de todas as de Espanha) à de Santiago quando a cidade de Braga estaua destruida, & feita hum monte de pedras. Passados nella forma muitos annos, por morte do Christianissimo Rey Dom Fernando, a qual succedeo ha pouco em

### *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

em nossos tēpos, diuidioſe o Rey no entre ſeus filhos Dom Sancho, Dom Afonso, & Dom Garcia, ao qual coube a parte Occidental, em que cae Braga. A elle vierão Veltrio Biſpo de Lugo Creſconio de Iria com outras peſſoas Religioſas, & caualeiros da terra, & lhe rogarão mādaffe reſtaurar a Igreja de Braga, & por nella Biſpo. El Rey parecendoſhe bem eſta petição, mandou chamar os principaes de Santiago, aos quaes deu o Moſteiro Cordario de ſeu padroado pellas terras que elles poſſuiam em Braga, & lhas dera el Rey Dom Ordonho, & quis que foſſem reſtituidas á Sē da dita cidade. E os prelados nomeados começaram a edificar a Igreja de Braga da inuocação da Glorioſa Virgem Maria. Paſſado algũ tēpo ſem ſer ainda eleito Biſpo, ſe leuantou el Rey Dō Sancho contra ſeu irmão Dom Garcia, & o excluio do Reyno, & neſta occaſião de reuoltas ſe tornaraō os moradores de Santiago ( ſem el Rey interuir niſſo ) a meter de poſſe, do que tinhaō deixado a Braga por ordem del Rey Dom Garcia, retendo juntamēte o Moſteiro Cordario, que o proprio Rey lhe dera. Dom Sancho depois fez eleger em Biſpo de Braga a Dom Pedro, porem nem lhe deu rendas, nem tratou que ſe recuperaffe o que ſeu irmão Dom Garcia lhe auia dado; & finalmēte não fez eſte Rey couſa de cō-

fideração, por ter pouco tempo de vida. Dō Afonso veyo a poſſuir todo o ſenhorio de ſeu pay, & teue muitas guerras cō os Mouros. Fez celebrar Synodos, alcançando dos Legados Apoſtolicos ſe guardaſſem em ſeus Reynos os ſagrados Canones. Porē o Biſpo de Braga Dom Pedro não alcançou a graça del Rey, & aſſi nē delle ouue doações para ſua Igreja, nem dos Legados Apoſtolicos fauores; antes foy excluio do Biſpado no fim de ſua vida, & o cōſtrangerão a ſe recolher em hum Moſteiro, onde acabou ſeus dias. E aſſi a Igreja de Braga por ſua pouca agencia ficou pobre, & por cauſa das diſſenções que ſe mouerão entre os principaes da terra ſe não acabou de edificar, & ficou expoſta a muitos agrauos. Do que ha teſtemunhas. Eſta troca, ou eſcambio ſe fez na Era de 1109. (No que ſe deue alludir a troca que fez el Rey Dom Garcia com os moradores de Santiago, dandolhe outras terras pellas que poſſuiam em Braga.)

Deſta notauel eſcritura cōſta como a reſtauração da Igreja de Braga ſe fez em tempo del Rey Dō Garcia de Portugal & Galliza. A eleição de ſeu primeiro Biſpo foy feita em tempo que ja reinaua em Portugal Dom Sancho irmão de Dō Garcia; & aſſi ſe conuence que não pode o Conde Dō Henrique ordenar primeiro Biſpo em Braga, & ſò tomaria a ſua

conta

conta a perfeição da Igreja começada, & dar-lhe Bispo na vacante de Dom Pedro.

Aduirto aos leitores, que do Bispo Dom Pedro de quem não trata bem esta relação, temos melhores informações por outras escrituras do mesmo livro fidei, a q̃ eu dou mais credito por dous respeitos. O primeiro porque cõ iguaes testemunhos cõtrarios devemos julgar sempre em fauor da parte. O segundo, porque não sei q̃ tem os desfavorecidos dos Principes, & poderosos, que todos se lhe atreuem, miséria grande, & triste abatimento da condição humana. E porque não pareça que tenho pouco fundamento, allego as mesmas palauras q̃ fazem em credito do Bispo Dom Pedro, & são estas, tiradas do livro fidei de Braga. *Hæc sunt quæ acquisiuit Petrus Bracharensis Episcopus. Hoc igitur testamentum est hereditatum, quas bonæ memoriæ Petrus Bracharensis Episcopus probitate sua acquisiuit. Cum enim Sedes Brachara ruina, & desolationi subiaceret, & pastor qui eam procuraret non haberet, ipse venerabilis Petrus pastorale officium in ea suscepit, & de hereditatibus multis, quas Brachara Metropolis antiquitus habuerat, istas in scriptis supra commemoratas pro posse suo recuperauit, qui nimirum dum vixit ad honorem Ecclesiæ suæ recuperandū vehementer desudauit, &c.* Reduzidas a nossa linguagem dizem assim. Estas são as coulas que acqui-

rio o Bispo de Braga Dom Pedro. Este he o testamento das heranças que o Bispo de Braga Dõ Pedro da boa memoria adquirio por sua virtude. Porque como a Igreja de Braga estiuessẽ destruida, & arruinada, & não tiuessẽ pastor que procurasse por ella; o venerauel Pedro recebeo o officio de seu prelado, & das muitas heranças que antigamente forão desta Metropoli, recuperou, segũdo suas forças todas as que atrassicaõ nomeadas, & não satisfeito com isso trabalhou em quanto viueo, que sua Igreja alcançasse a honra, & dignidade que se lhe deuia.

Bastantemente ficão abonados com esta relação os procedimentos do Bispo Dom Pedro, & assi pera a causa de sua deposição & reclusão no Mosteiro de que se trata na outra escritura, não temos que buscar outro fundamento, quando chegou a ter o Principe alienado, & pouco fauorauel. Permaneceo na sua Igreja até o anno de 1093, como consta de certa doação que lhe fez Manualdo Presbitero, cuja data he a 11. das Calendas de Março da Era de 1131. que cae no vltimo de Feueiro do anno referido. E sendo sua entrada no Bispado em tempo del Rey Dom Sancho, & como aponta o Cathalogo dos Bispos de Braga no anno de 1067. se cõuence que possuiu a dignidade Episcopal 26. annos, & assi se de-

ue

## Livro VIII. da Monarchia Lusitana.

Duar. Nu  
nes na vi-  
dade Cen  
de D. H.  
rique fol.  
17.

ue emendar o erro de Duarte Nunes, que lhe dá só nove annos do governo de seu Bispado. O anno de 1094. & 1095. Esteue recolhido em hum Mosteiro até que por sua morte foy eleito o Arcebispo S. Giraldo no principio do anno de 1096. sendo ja senhor de Portugal o Conde Dom Henriq, como adiante veremos.

A restauração da Igreja de Coimbra se fez em tempo del Rey Dom Afonso. Pretendeo el Rey Dom Fernando tanto que ganhou estacidade de lhe dar logo Bispo, & ordenar as cousas ecclesiasticas della, & para este effeito tinha falado a Dom Paterno Bispo de Tolosa, o qual viera ter com elle a Santiago por ordem do Rey de Caragoça. Mas como a este Principe não durou então muito a vida, & despois com a diuisão dos Reynos, & guerras que ouue entre seus filhos, não puderão as cousas alcáçar a quietação que conuinha, se ouue de dilatar a vinda do Bispo, até que em tempo del Rey Dom Afonso se conseguiu este effeito. São bem dignas as palauras de hũa escriptura do livro das doações antigas da Sé de Coimbra (a qual vay toda tresladada no appendice) de se apontarem neste lugar, & são as que se seguem.

*Deinde Rex predictus reuersus est ad locum Sancti Iacobi orationis causa, & inuenit Dominum Patrum Episcopum venientem ad se missum à Rege*

*Casar Augusta urbis, qui supradictus Episcopus eo tempore Tortosana urbis Sedem tenebat, sed propter societatem paganorum, officium & ordinem suum minimè adimplere valebat. Rogauitque eum Rex praefatus cum supradicto Domino Sisenando Consule, ut veniret Colimbriam, & moraretur ibi. Spondit autem Episcopus venire, sed in diebus ipsius Regis non venit, quia cito mortuus praedictus Rex, cui beata sit requies. Deinde successit Dominus Adonsus Rex in regno patris sui, qui valde dilexit Consulem Sisenandum praedictum, & confirmauit ei omnia quae suus pater illi dederat, insuper & multa ei addidit. Postea Episcopus praedictus vocatus à Consule, & Rege praedicto, venit Colimbriam, in qua omnem Episcopatum cum omni diocesi accepit, qui simul cum Consule praedicto pueros nutrit, & eos docuit in Sede Episcopali Sanctae Mariae praedictae ciuitatis, atque ad ordinem praebiterij applicauit, & ordinauit eos communiter habitare secundum regulam Sancti Augustini. Deinceps placuit praedicto Consuli, nec non Pontifici studium eorum quod habebant in ordinibus tenendis, & domibus edificandis, secundum possibilitatem eorum fecerunt ei testamenti cartam, ut haberent in supradicto loco, & possiderent eum, & ut non proponatur eis alius dominator, sed ex eis eligatur semper praepositus sub regimine Episcopi secundum quod relictum est. O sentido dellas he.*

Despois o sobredito Rey (entende Dom Fernando) se foy a Santiago a fazer oração, & achou Dom



Dom Patrino Bispo que viera ter com elle por mandado do Rey de Caragoça. Ao qual Bispo naquelle tempo estaua encarregado o gouerno da Igreja de Tortosa, mas por causa da guerra dos Mouros o não podia exercitar. E rogandolhe o sobredito Rey com o Conde Sifnando, que se viesse morar a Coimbra, elle prometendo de vir, o não fez em tempo deste Rey, o qual faleceo dentro de poucos dias, & possuiue o descanço eterno. Entrou el Rey Dom Afonso no reinado de seu pay, o qual amou muito o Conde Sifnando sobredito, & lhe confirmou tudo o que seu pay lhe auia dado, acrescentando algũas couças. Despois o sobredito Bispo com recado del Rey, & do Consul se veyo a Coimbra, & tomou posse de todo o Bispado, & de sua Diocesi: & juntamente com o Conde deu ordem a hum Seminario de moços na propria Sé Episcopal, & Igreja de Santa Maria da mesma cidade, a estes doutrinou, & foy dispondo para receberem o grao do presbyterio, quis que viuessem em communidade segundo a regra de Santo Agostinho. E approuando despois o mesmo Bispo, & o Consul seu bom procedimento, & boa ordem com que viuiam, & cuidado que tinham de fundar sua casa, lhe fizeram doação do mesmo lugar em que morauão, &

prometerão que dentre elles se escolheria o que os auia de gouernar, & não seria estranho, ficando com tudo a obediencia do Bispo, como era razão que fosse, &c.

Ate aqui são palauras daquelle constituição, & nomeão se despois algũs dos Clerigos fundadores daquella primitiua Igreja, & o Prelado delles, por nome Martinho, & declarão se algũas ordẽs pertencentes a seu modo de vida, & remata a escriptura. *Faēla testamenti carta Idus Aprilis Era M. C. XXIIII.* que val tanto como dizer: Foy feita aquella carta de testamento em os Idos de Abril da Era de 1124. que he aos 13. deste mes do anno de 1086. quando ja auia alguns annos, que o Bispo Dom Patrino chegara á cidade de Coimbra, & dera principio áquella cõgregação religiosa, como bem se manifesta das palauras atras referidas. E este costume louuauel de viuerem os Conegos em cõmunidade durou algum tempo neste Reyno, não só em Coimbra, mas em Braga, & outras partes, como de alguns lugares de escripturas antigas temos aduertido. Ha memoria do Bispo Dom Patrino, ate o anno do Senhor de 1087. Ia no anno seguinte confirma Martinho Bispo eleito de Coimbra, como consta de certa doação feita por Zoleima Presbitero a Sé de  
C Coimbra,

*Liuro das  
doações de  
Coimbra.*

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

Coimbra. Sucedeolhe Dom Cresconio, como adiante mostraremos.

### CAPIT. VI.

*Como governou o estado de Coimbra Martim Moniz genro do Conde Sifnando, das cousas mais notaveis de seu tempo.*

**E**Uma só filha ficou ao Consul Sifnando herdeira de sua casa, por nome Geluira, ou Eluira Sifnandez. Estava casada esta senhora, quando o Conde morreo, cõ hũ fidalgo illustre chamado Martim Moniz, a quẽ el Rey Dó Afonso entregou o governo das terras de Coimbra, ou por remunerar cõ esta merce os seruiços do Cõde Sifnando, ou por ver em Martim Moniz merecimentos dignos de tão grande premio. Não me sei resolver de que familia seria este fidalgo, porque o appellido de Moniz o não declara, por ser naquelle tempo sobrenome patronimico, de Monio, ou Moninho, o qual se podia achar em muitas gerações diferentes. Ao que posso alcançar tinha Martim Moniz muita fazenda em

terras de Arouca, para onde se retirou despois de deixar o cargo que se lhe cometera.

Do tempo de seu governo temos algũas memorias autéticas. Hũa venda que faz Nuno Paes de hum casal no vale de Moldes ao Mosteiro de Arouca, cuja data he a tres dos Idos de Junho da Era de 1130. (vem a ser a 11. de Junho do anno de 1092.) diz no fim, que reynauão o Principe Dom Afonso na cidade de Toledo, & em Coimbra o Capitaõ Martinho. E que este seja Martim Moniz consta de outra escriptura da mesma casa de Frey Adofonso Confesso, cuja data he a 25. de Junho deste proprio anno, & nella se diz que era senhor de Coimbra Martim Moniz. O mesmo se ve em outra escriptura que faz Ioão Gozendiz a Sê de Coimbra a 27. de Feuereiro do anno seguinte de 1093. Mas o que de todo nos assegura deste governo de Martim Moniz he a cõfirmação do foral de Coimbra, dado por el Rey Dom Afonso a 22. de Abril deste anno de 1093. a qual diz assi. *Ego Martinus Manionis prases Comimbrice, & gener Consul Domni Sifnandi, qui pro eo in eius locum successi, hoc quod domino meo Imperatori complacuit confirmo, & observare veraciter promitto.* A significação destas palavras he: Eu Martim Moniz Presidente de Coimbra, & genro do Consul Dom Sifnando, que

*Liuro das doações de Arouca num. 12.*

*Confesso he o mesmo q̃ proffo.*

*Liuro da Sê de Coimbra. fol. 12.*

*O mesmo fol. 8.*

*Cartorio da Camara de Coimbra.*

que entrei em seu lugar, confirmo, & prometto de guardar em toda a verdade o q̃ meu senhor o Emperador tem ordenado.

Neste anno de 1093. gouernando o estado de Coimbra Martim Moniz se fizeram grandes conquistas em Portugal. Refereas a historia dos Gogos com estas palavras. *Era M. C. XXXI. n. Kal. Maij Sabbatho hora nona capitur ab eodem Alfonso Santarem anno regni sui 28. mense quinto, sexta die mensis. Item eadem hebdomada pridie Nonas Maij capitur ab eodem Vlixbona, & post idibus Maij Sintria.* A significação dellas he : Na era de 1131. a 11. das Calendas de Mayo (vem a ser a 21. de Abril do anno de 1093.) em hum Sabado a horas de véspera foy tomado Santarem por el Rey Dom Afonso no anno 28. de seu reynado no mes quinto. & sexto dia do mes. Alem disto na mesma somana a seis de Mayo foy ganhada pello mesmo Rey a cidade de Lisboa, & pouco despois a 15. do proprio mes Sintria. Bem sey que o Padre Mariana, & outros autores difficultam esta jornada, porem não ha duuida que a ouue. No liuro das doações da Sé de Coimbra está o foral de Santarem dado por el Rey Dom Afonso o Sexto em 13. de Nouembro do anno de 1095. no qual diz el Rey deste modo. *Certum namque vobis est qualiter Omnipotens Dominus non meis meritis neque virtutibus, sed pro-*

*pria voluntate sicut ipse voluit tradidit ciuitatem Sancte Herene in manibus meis, quod incredibile ab omnibus aliquando erat.* Em vulgar: Todos estais lembrados, de q̃ modo o Senhor todo poderoso se auer de minha parte merecimentos, né virtudes, só com seu proprio querer, como a elle mais aprouue, me entregou a cidade de Santarê, cuja conquista em algũ tempo se não podia crer. Confirmaõ neste foral Bernardo Arcebispo de Toledo, Gomez Bispo de Burgos, Raymundo de Palencia, Pedro de Leão, o Conde Dom Peranfures, o Cõde Nuno Valazquez, o Conde Martim Flainez, o Conde Froila Dias, Gonçalo Nunes, & Fernão Raymundo.

Assegura mais a conquista de Santarê em tẽpo de el Rey Dõ Afonso o Sexto, certa escriptura do Mosteiro de Alcobaça, feita por seu neto el Rey Dom Afonso Henriques, da qual faz ja menção o Bispo de Pamplona, & nella fazendo el Rey de Portugal demonstração do insigne feito que obrara, ganhando cõ poucos soldados Santarem, pella fortaleza do sítio diz que seu auô a não podẽ render por combate, & que se lhe entregara obrigada da fome, *Non potuit eam debellare, nisi famis deditione.* E assi como he certa a tomada de Santarem neste tempo, tenho por sem duuida a conquista de Lisboa, & de outras terras, pois alem de o affirmar a historia dos

*Esta escriptura he bũa relação da vltima tomada de Santarem por el Rey Dõ Afonso Henriques, está em o liuro de mão q̃ contém as obras de S. Fulgençio.*

Hist. dos Godos.

Mariana lib. 10. c. 1.

Liuro de Coimbra fol. 11.

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

Godos referida, a affirmão graues autores.

Sò na circumstancia do tempo, & breuidade com que se concluirão tão grandes cousas pode auer escrupulo. No tempo, porque estando el Rey Dom Afonso o Sexto em Coimbra a 22. de Abril de 1093. como consta do foral da mesma cidade atras referido, mal podia a 21. do proprio mes, & anno ganhar Santarem, como diz a historia dos Godos, & muito menos podia render esta praça por fome, se a breuidade, ou impossibilidade do tempo foi tanta. Respondo que a Era da historia dos Godos deue estar errada em algũs dias, o que se ve bem das mesmas palauras que acrescenta, pois diz ganhou el Rey Lisboa na propria formana em que tomou Santarem, & a tomada de Lisboa assina a seis de Mayo, & assi he forçado que Santarem se não entregasse a 21. de Abril, mas algũs dias despois, em que aueria lugar de el Rey chegar de Coimbra a esta villa. A outra difficuldade nascida da breuidade do tempo digo, que esta praça estaria cercada antes da vinda del Rey espaço bastante para seus defensores se verem opprimidos de fome, & assi seria facil com a chegada del Rey renderem se logo. E quanto à tomada de Lisboa, & Sintra, entendo que não foraõ por combate, mas que os proprios Mouros se en-

tregarão, temendo as armas, & felicidade del Rey Dom Afonso, & ficarão seus tributarios, como se vsaua naquelle tempo, o que daria tambem causa os annos seguintes a se rebellarem àquellas terras, & tornarem ao senhorio dos Arabes.

Suppostas estas conquistas em que não temos duuida, fica manifesto o muito que nellas obraria o Governador de Coimbra Martim Moniz, & os mais senhores Portugueses daquelle tempo, pois alem de seu valor proprio em todas as idades, estas empresas particularmente lhe pertencião, pois erão dentro em Portugal, & em restauração das melhores terras deste Reyno. Mas as cousas illustres daquella idade merecedoras de perpetua lembrança nacerão destinadas ao esquecimento pella rudeza dos antigos.

### CAPIT. VII.

*Como foy Portugal entregue ao Conde Dom Raymundo. Das cousas de seu tempo, & successão dos Bispos de Coimbra.*



Quando el Rey Dõ Afonso o estado de Portugal accrescentado, parecendo-lhe conueniente ser

Hist. dos  
Godos.

fer emparado com mayor cuidado, & assistência de algũa pessoa Real, o entregou ao Conde Dom Raymundo seu genro, & por Capitão gèral desta fronteira nomeou Sueiro Mendez pessoa de grande reputação, & esforço. Assim o diz a historia dos Godos, depois das palauras atras referidas. *Præposuit Rex his locis à se captis generum suum Comitem Raymundū maritum Donæ Vrracæ, & sub nomine eius Suarium Menendi. Ipse autem reuersus est Toletum.* Querem dizer, que nos lugares nouamente conquistados deixara el Rey por governador seu genro o Conde Dō Raymundo casado com Donna Vrraca, & por seu lugartenente Sueiro Mendez, & cō isto fizera volta a Toledo. Era este Sueiro Mendez aquelle celebradissimo Capitão, o qual indo a Roma vèceo publicamente em desafio, hū caualeiro que pretendia sustentar por parte do Imperio de uer Espanha sujeição aos Emperadores, & por esta & outras obras de valor feitas em seruiço da patria, lhe derão o sobrenome de bom, a que se acrescentou o appellido da Maia, ( que era a terra desde o rio Douro até o Lima ) pella auerem ganhado seus antepassados, de cuja nobreza se falará adiante, quãdo tratarmos de Góçalo Mendes o Lldador, que foy irmão do mesmo Sueiro Mendes.

Conforme a esta memoria,

entraria o Conde Dom Raymundo no gouerno de Coimbra no fim do anno de 1093. depois de el Rey Dom Afonso se deter algum tempo por estas partes, compondo o nouo estado das cousas, & terras conquistadas. Por escrituras originaes consta estar o Conde de assento em Coimbra no anno seguinte de 1094. He a primeira certa doação que elle mesmo faz ao Abbade Tructefindo, & outros pouoadores de Montemor o velho de tudo o que lhe pertencia na dita villa, cuja data he a vinte & dous de Feureiro do sobredito anno de 1094. Em treze de Nouembro do mesmo anno faz o Conde hūa notauel doação à Sē de Coimbra do Mosteiro da Vaccariça, & diz nella como residia em Coimbra com a Rainha Dona Vrraca sua mulher, & que ambos fazião aquella esmola à dita Igreja, por saberem do Bispo Dom Cresconio, como estaua muito pobre. Este Mosteiro da Vaccariça, de que o Conde fez doação à Sē de Coimbra, era de Monges do Patriarcha São Benio, & o Abba-de que então o gouernaua, se chamaua Aluito, a quem o mesmo Conde Dom Raymundo dera antes o lugar de Orta. Sua inuocação era de São Saluador, & São Vicente, foy celebre antigamente, & teue muitos mosteiros, & Igrejas sujeitas, como

Liuro dos  
testamen-  
tos de S.  
Cruz de  
Coimbra.Liuro das  
doações de  
Coimbra.

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

erão os Mosteiros de Tresoi, de Soure, de Lomedo, de Roças, de Seuer, & o de Leça, o qual ainda oje permanece, & pertence à ordem Militar de São Ioaõ. Só no Bispado de Coimbra tinha este Mosteiro mais de vinte lugares, & algũas villas, como bem lê deiza ver de muitas escrituras da Sé de Coimbra. Permaneceo muitos annos foygeito a esta Igreja pella doação do Conde Dona Raymundo, até que auidas as licenças necessarias, se annexou ha poucos annos ao Collegio dos Hermitaës de S. Agostinho da mesma cidade. Confirmaõ nesta doação do Conde Dõ Raymundo os Prelados, & senhores seguintes, cujos nomes pareceo bem pôr neste lugar, para se ver o apparato do Conde, & sua Corte, & vão na propria forma em que estão escritos no original.

*Ego Raymundus Dei gratia Comes, ac totius Gallicie dominus conf. Ego Vrraca Adefonsi Imperatoris filia conf. Forfan Guterrez. Comes Sancius conf. Petrus Froylaz conf. Suerius Nunes conf. Pelagius Gontiniz conf. Egas Paes conf. Menendus Venegas conf. Gumice Venegas conf. Dalmatius Sancti Iacobi Episcopus conf. Raymundus Amortacensis Episcopus conf. Pet. Mag. supradictæ Vrracæ filia Regis conf. Aluazir donnus Menendus conf. Suerius Fromariguiz conf. Midus Cresconiz conf. Zacharias Dauid conf. Aluitiz Ramiriz conf. Raymundus iudex conf. Petrus Pelais conf.*

*Canonici Sancti Iacobi qui presentes fuerunt. Froyla Rachemundez iudex conf. Segereans presbiter conf. Odoarius Archidiaconus conf. Pelagius Didadi, & clericus conf. Petrus Astroarici & diaconus conf.*

*Milites. Supranotatus Comes Arias Nuniz conf. Ioannes Didaci conf. Gumice Nunes conf.*

*Hec sunt nomine eorum qui presentes fuerunt Conimbricentum Floridi Godiniz conf. Viarigus Didaci test. Didacus Roderici test. Alfonsus Fromariguiz test. Recamundus test. Arias Menendi test. Didacus Gelmirij Ecclesie Sancti Iacobi Canonicus, & supradicti Raimundi Comititis scriptor, hanc donationis paginam manu propria scripsi, & una cum cæteris affirmavi, & ad rei vigorem signum meum inieci.*

Este Diogo Gelmires, o qual feruia então ao Conde de Cancellario, foy despois promovido á Igreja de Santiago, & Prelado illustre, de que se conservaõ naquella Sé grandes memorias, entre as quais não he de menos consideração auer alcançado do Summo Pontifice a preminencia dos sete Conegos Cardeaes, que tem aquella Igreja, & vltimamente a dignidade de Metropolitana, que daquelle tempo até o presente conserva, sendo antes foygeita á Igreja de Braga.

Do tempo do Conde Dom Raymundo não acho cousa notavel succedida em nosso Reyno.

Hũa escritura do Mosteiro de Arouca

Arouca me veyo a mão, por que se mostra vencer elle em batalha hūs Alcaides Mouros, que lhe vierão correr a terra junto a Coimbra. Mas como não he mais que treslado, & a letra não he muy antiga, a não posso assegurar com a certeza das outras escrituras que allego, & assim deixo de referir este successo com as particularidades notaveis que nelle ouue, não duuidando, que assi nesta occasião, como em outras daquelle tépo daria o Conde boas mostras de valeroso. Cae a data desta escriptura no principio do anno de 1095. o que bem poderia ser, pois temos dado certeza de assistir o Conde Dō Raymundo em Coimbra até o fim do anno passado de 1094.

Em seu tépo presidia na Igreja de Coimbra hū Religioso varão chamado Cresconio, o qual foy posto nesta dignidade no anno do Senhor de 1092. como se ve de hūa doação feita pello Abade Pedro à Sē de Coimbra, cuja data sendo a quatro de Fevereiro do anno de 1094. diz ser no segundo do Pontificado de Cresconio, & o 29. do reinado del Rei Dom Afonso. Era tio (segundo affirmão algūs autores) de S. Theotónio, & ambos Portugueses, o Santo natural de Ganfei lugar de entre Douro & Minho, como em sua vida mostraremos, & o Bispo de terras de Arouca, & ainda Mōge do proprio Mosteiro, como se

colhe de algūas escrituras daquelle casa. Seu pay se chamaua Mouqueme Cresconio, & sua māy Louesenda. Tomou o habito de São Bento em tempo do Abade Dō Godinho, & corria o anno do Senhor em 1052. o que passou na religião se não declara, mas bem se dà a entender a santidade de sua vida, pois o forão buscar ao Mosteiro para Bispo de Coimbra. E como a criação da religião tiuesse feito em Cresconio outra natureza, quando se foy gouernar suas ouelhas leuou algūs religiosos, có a cōpanhia dos quais lhe parecia que se não ausentana do Mosteiro. Entre os mais hia hum por nome Gondesindo sacerdote, & pessoa de grão virtude, de quem o Bispo Fazia muito caso.

Exercitou Cresconio o cargo de Pastor com a satisfação que se esperaua, engrandeceo sua Igreja não só no espiritual, mas ainda no temporal. Por seu respeito se lhe fizeram algūas esmolas, & ainda a outras casas de religião de seu Bispado, como consta de hūa notauel feita ao Mosteiro de Grijó por Sueiro Fromarigues, de que dà por causa este Religioso Prelado. Com os subditos era muy compassiuo, & brando, & tão zeloso de sua saluação, que não perdoaua a trabalho nenhū por esta causa. Estaua em Arouca no artigo da morte Gauino Froylaz, & mandando recado ao

Cartorio  
de Arouca.

Cartorio  
de Grijó.

Cartorio  
de Arouca.

## Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.

Bispo Dom Cresconio o não desamparasse naquella riguroso trãse, & ou elle proprio, ou o Mõge Godesindo lhe assistisse, se pos o Bispo ao caminho, & achando ja o enfermo morto, tratou as cousas de sua alma, & de seu testamento com tanto cuídado, como se não tiuera outra occupação em todo seu Bispado. Não durou nelle muito tempo, porque o chamou o Senhor para si a 19. de Junho de 1098. como diz hũa doação de Arouca. Seu corpo foi sepultado em S. João de Almedina, segundo diz hũ liuro de mão das vidas dos Bispos de Coimbra, o qual se conserva na Sê daquella Cidade.

Liuro das  
vidas dos  
Bispos de  
Coimbra.

### CAPIT. VIII.

*Do tempo em que foy dado o  
estado de Portugal ao Conde  
de Dom Henrique, & se  
celebrou seu casamento.*



Primeira memoria q̃ achei neste Reyno do Conde Dom Henriq̃ foy em hũa doação de Arouca feita por Garcia Odoriz, na qual se declara como reinava Dom Afonso em Toledo, & em Coimbra o Conde Dom Henrique. *Regnante Adefonsus Rex in Toledo, in Colimbria Comes Henricus.* Mostra ser sua data a 15. das Ca-

Escriptura  
original  
Archiep  
de Arouca

lendas de Janeiro da Era de 1133. que vem a ser a 18. de Dezembro, do anno de 1094. Em 13. de Fevereiro do anno seguinte parece que estaua ja casado o Conde cõ a Rainha Dona Tareja filha del-Rey Dom Afonso, porque em hum priuilegio dado por el Rey ao Mosteiro de São Seruando se ve a sua firma com estas palauras. *Henricus gener Regis, cum uxore mea Tarasia quod fover fecit confirmo.* Isto he: Henrique genro del Rey cõfirmo com minha mulher Dona Tareja o que fez meu sogro.

Repetido  
6.

Nos annos seguintes se vay continuando a memoria do mesmo Conde Dom Henrique nas escripturas deste Reyno sem interpollação algũa. Nuno Soares faz esmola de certa herdade em Moura junto ao Prado à Igreja de Braga, & a S. Giraldo ja Arcebispo della, he sua data a 24. de Abril do anno de 1096. & conclue. *Regnante Adefonso Rege, dominante terre Comite Henrico, sedente Archiepiscopo Domino Giraldo in Brachara.* que he dizer, se fez aquella escriptura reynando Dom Afonso, & sendo senhor daquella terra o Conde Dom Henrique, & S. Giraldo Arcebispo de Braga. O mesmo se colhe da confirmação que deu o Conde à eleição de S. Giraldo, a qual se fez no principio deste mesmo anno de 1096. como adiante veremos. E peltos annos seguintes se allegarãr outras escripturas, de que consta como o Conde

Liuro fi-  
dei da Sê  
de Braga



Conde Dom Henrique continuava em seu governo.

Supposta a verdade destas escrituras, & o que deixamos provado no Capitulo antecedente do governo do Conde Dom Raymundo, se ha de dizer, que antes do fim do anno de 1094. nem o Conde Dom Henrique teve o senhorio de Portugal, nem era casado. Porque como pello casamento da Rainha Dona Tareja lhe foy dado Portugal em dote (o qual como vimos possuia o Conde Dom Raymundo em Novembro do mesmo anno) ficam manifestos que antes daquelle tempo não recebeu sua mulher, pois não alcançou a posse das terras desta Coroa. E ainda se pode dizer, q passarão algũs mezes depois de a receber, sem vir tomar posse de Portugal, se he certa aquella batalha do Conde Dom Raymundo atras referida, a qual se deu ao principio do anno de 1095.

Algũs argumentos se offerrecẽ contra esta resolução. O primeiro que consta de todas as historias ser o nascimento del Rey D. Afonso Henriques no anno do Senhor de 1094: & assi he forçoso que seus pays casassem antes deste tempo. Respondo ser cousa muy incerta o tempo do nascimento deste Principe, & assi não se poder tirar delle firmeza para ponto solido na historia. Adiante mostrarei duas couzas. A primeira, que não naceo este Princi-

pe no anno que se aponta. A segunda, que foy seu nascimento depois do anno do Senhor de 1106. & como isto se ha de confirmar com escrituras, não importa dar aqui mayor satisfação a esta duvida.

O segundo argumẽto, que bẽ se tem mostrado como o Conde Dom Henrique não foy, nem podia ser senhor do estado de Coimbra antes do anno de 1094. Porẽ que antes deste tẽpo foy senhor do Porto, & de outras terras. O que approuaõ em seus escritos o Doutor Frey Bernardo de Britto com hũa escritura de Arouca, & o Bispo de Pamplona, com lhe parecer, que assi como ao Conde Dom Raymundo foy primeiro dada Coimbra, & depois Galliza, assi tambem se assignaria primeiro ao Conde Dom Henrique a cidade do Porto, & outras terras, antes de se lhe dar tudo o que Portugal continha. Digo ser imaginação do autor, que ao Conde Dom Raymundo foy dada primeiro Coimbra, que Galliza, ou que quando estava de assento naquella Cidade, não era tambem senhor de Galliza. No capitulo passado se tratou da doação da Vaccariça feita por este Principe à S. de Coimbra, da qual conta possuia juntamente Portugal, & Galliza, pois governando Coimbra, se chamava tambem senhor de Galliza. Ao outro fundamento da doação de Arouca digo, que se

Britto na  
2.ª par.

Sandoval  
na chroni-  
ca del Rey  
D. Afonso  
6.º

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

se devia reger o autor por algum treslado viciado. E para satisfação dos curiosos oponto as formaes palauras della, a qual está no liuro de pergaminho de Arouca da leitura antiga numero 70. & começa así.

*In Dei nomine. Ego Gundarico Sögemiriz, & vxor mea Söfgunda Elosendiz, &c. E remata. Facta cartula vëditionis notum die VI. Kal. Martij, Era M.C.XXX. regnante in Toledo, & in omni Galicia, & Spania Adelfonfus filius Fredenandi Regis. In Colimbria dux Martino Moniz, iudex in Aranca Iusto Domenguiz, mandantes Aranca Odorio Tellez, Alvaro Tellez, Monio Veniegas, &c. E não se fala cousa algũa no Conde Dó Henrique, & así mal se pode dizer com o fundamêto desta doação, ser elle neste anno senhor do Porto. Pello que a resolução proposta me parece que não tem duvida.*

No fim deste mesmo anno de 1095. em que dizemos teue principio o governo do Conde Dom Henrique, ou no principio do anno seguinte foy a eleição de S. Giraldo em Arcebispo de Braga, & porque do tẽpo della se confirma tambem ser ja o Cõde Dó Henrique senhor de Portugal, farei demonstração delle pelas escrituras.

Ia vimos como em Abril do anno de 1096. governaua S. Giraldo a Igreja de Braga. Digo que ainda não era eleito em 29. de No

uembro do anno de 1095. Proua se de hũa doação do liuro fidei, que fez neste mesmo tempo Toda Paez ao Archidiago Pedro Bermudes, & à Igreja de Braga. E se S. Giraldo estiuera ja nomeado em Bispo, a elle se ouuera de fazer aquella doação, como a cabeça de sua Igreja; donde se ve, que estava a Igreja vaga, & que despois deste tempo foy eleito o Santo, ou no fim do mesmo anno, ou no principio do seguinte, pois ja em Abril governaua.

E que o Conde Dom Henrique tiuesse o dominio de Portugal, quando se fez a eleição do Santo, se proua das seguintes palauras, com que a notifica o liuro o liuro fidei tantas vezes allegado. *Post cuius decessum clero, & po-*

*Liuro 8.  
dei.*

*pulo volentibus, nec non & Archiepiscopo Toletano, & Rege Aldefonso, commiteque Henrico simul concordantibus Giraldu venerabilis Monachus in Episcopum praelectus est, atque canonicè praelectus in Bracharensi cathedra solenniter est intronizatus.* Sua significação he. Que despois da morte do Bispo Dom Pedro foy eleito o Monge Giraldo, & canonicamente collocado na Sê de Braga, & que a sua eleição alem do clero, & pouo (como enrão se costumaua) deu seu consentimento o Arcebispo de Toledo, el Rey Dó Afonso, & o Conde Dom Henrique. Daqui se infere, que no tẽpo desta eleição era o Conde Dó Henrique senhor de Portugal, q  
ao

a o ser, não tinha para que dar nella seu consentimento. A aprovação do Arcebispo de Toledo era como de Legado Apostolico, cujo cargo exercitava.

## CAPIT. IX.

*Em que forma foy Portugal dado ao Conde D<sup>o</sup> Henrique, mostrase como os Reis de Portugal não reconhecerão superioridade a outro Rey.*

**R**atando algũs escrito res esta materia, affirmam não resolutamete ser feita doação ao Conde Dom Henrique das terras de Portugal com obrigação de vassalagem, & conhecimento de superioridade aos Reis de Leão, & o que mais he que ouzão dizer, durou este feudo, & vassalagem em Portugal até o tempo del Rey Dom Afonso Terceiro.

Duas cousas se deuem exaninar nesta materia. A primeira em que forma foy concedida a doação. A segunda, de que modo possuirão o Reyno de Portugal o Conde Dom Henriq, & os Reis seus descendentes até el Rey D<sup>o</sup> Afonso Terceiro. Quanto ao primeiro ponto, a mi me parece que se não pode resolver com algũa certa, por quanto a doação feita ao Conde não se acha nos ar-

chiuos de Portugal, nem de Castella. Fiz diligencia na Torre do Tombo, & consultei pessoas dou-  
tas, & não descubri luz algũa. Nã  
ainda ha noticia do testamento  
del Rey Dom Afonso o Sexto, no  
qual se poderia declarar o que ba-  
stasse. E ainda que o Bispo de  
Tui diga que Portugal ficou por  
testamento deste Rey a sua filha,  
não declara se colheo isto do  
mesmo testamento, ou se o refe-  
re só pello que vulgarmente se  
diz, & escrevem alguns autores.  
Por onde em quanto se não sabe  
da doação, ou testamento del  
Rey, ou apparece algũa escriptura  
de que conite a forma em q Portugal  
foy dado, não podemos  
tratar este ponto com certeza.

Para se proceder com clareza  
no segudo, auemos de distinguir  
tres tempos ou estados deste Rey.  
no, o primeiro do anno de 1094  
atè a morte del Rey Dom Afonso  
o Sexto. O segundo deste tem-  
po até ser leuanteado por Rey no  
campo de Ourique Dom Afonso  
Henriques. O terceiro deste lu-  
gar até o Reinado del Rey Dom  
Afonso terceiro, Conde de Bo-  
lonha.

Quanto ao primeiro, o Arce-  
bispo Dom Rodrigo afirma,  
que o Conde Dom Henrique  
acudia às Cortes del Rey Dom  
Afonso, mas tambem diz, que em  
vida do mesmo Rey se foi izen-  
tando, & tratando como senhor  
absoluto, & que nem ao proprio  
Rey

*Sandoval  
na Chron.  
de Afonso*

*Marian.  
lib. 10. c. 1.  
Illesto. 10. 1  
in fine  
Sandoval  
na Chron.  
nica do  
Empera-  
dor Afon-  
so 1.*

*D. Rodri-  
go Arceb.  
de Toledo  
lib. 7. c. 5*

## Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.

Rey daua disso, respeitando o grande parentesco que tinha com elle. Este modo de falar seguem alguns modernos.

Nas escripturas antigas algũa cousa se descobre nesta materia. He muy notauel hũa carta del Rey Dom Afonso para o Conde Dom Henrique a qual estã no liuro da Sé de Coimbra, & diz así: *Alfonsus Dei gratia Imperator vobis dilectissimo filio meo Comiti Domino Henrico in Domino salutem. Venit ad me querela de ipso Episcopo de Colimbria de villa Vopeliaris, que est sub testamento de suo Monasterio de Vacariça, quam habent minus, & dicunt mihi, quia ego dedi illam ad Donnum Ciprianum, sed non venit mihi in mente, & quamuis ego eam dedissem si in testamento erat de illo monasterio, ego nec autorigo, nec autorigabo eam, sed vos quantum mihi bene queritis causam de illa sede, & de illos monasterios inderenzate illas. Valete.* Traduzida em Portugues diz.

Afonso por graça de Deos Emperador, a vos amantissimo filho meu o Conde Dom Henrique saude em o Senhor. Fez me queixa o Bispo de Coimbra, que lhe falta a villa de Vopeliars, a qual pertence ao seu Mosteiro da Vacariça, & dizem que eu a dei a D<sup>o</sup> Cypriano, do que não estou lembrado. E dado caso que eu a desse, se ella era do dito Mosteiro, eu nem autorizo, nem autorizarei a doação. Vos pello bem que me quereis encaminhai la, & re-

soluei a contenda destas Igrejas. Deos vos goarde.

Esta carta del Rey D<sup>o</sup> Afonso, & de outros actos como elegerse por sua ordem Arcebispo em Braga, parece não só estar o Conde Dom Henrique subordinado, & deuer sogeição a el Rey, mas pender delle no actual governo, pois auendo duuida, não determinaua o Conde a causa se ordem del Rey a que se recorria. Por outra parte se pode dizer q foy consultado el Rey D<sup>o</sup> Afonso naquelle caso que refere a carta, para se saber se tinha dado aquella villa, & não para determinar o que de nouo se auia de fazer. Tambem na eleição de São Giraldo o dar el Rey seu consentimento ou seria por estar em Portugal, dando posse deste Reyno ao Conde Dom Henrique, ou seria lanço de cortezia de que vsaua o mesmo Conde, & así ainda que se achem algus actos em que se mostre dependencia, ou subordenação a el Rey, se não colhe bastantemente se possuia o Conde o estado de Portugal sogeito, se liure de obrigação; que bem poderia ter o dominio de suas terras izento & liure, & acudir a el Rey com estas demonstraões de sogeição, & mais correndo cõ elle em amizade tão estreita, como se mostra em o modo daquella carta. Pello que neste tempo que viueo el Rey Dom Afonso se não pode determinar cousa certa

certa no ponto presente.

Depois da morte del Rey digo, que né o Conde Dom Henrique, nem os Reis que lhe succederaõ tiuerão fugeição aos Reis de Leão, ou exercitarão acto algum de vassalagem. E antes que deça a prouas particulares, peço aos que quizerem defender a parte contraria, apontem algũa escriptura, ou memoria antiga digna de fé em confirmação della; q̃ não são estas cousas de calidade, que se algũ ora se pusessem em execução, deixasse de ficar disso algũa memoria. Nem o Arcebispo Dom Rodrigo autor do tempo del Rey Dõ Afonso Segundo, & Dõ Sancho Segundo (quando se suppoem, que Portugal estaua ainda sogeito) ouuera de faltar na declaração desta sogeição, se a ouuera. Considere-se bem o que escreue este autor, & achar-se ha, que depois de tratar como o Conde Dom Henrique se foy eximindo em tempo del Rey Dom Afonso da obediencia deste Rey, não repete cousa algũa de sogeição que os Reys de Portugal deuessem: antes quando refere o caso de Badajoz, em que el Rey Dom Afonso Henriques ficou preso em poder del Rey Dom Fernando de Leão, diz que el Rey de Portugal offerencia ao de Leão seu Reyno, para dispor delle a sua vontade, & que o de Leão lhe respondeo, que com o seu se contentaua, que

lhe restituisse as terras, que em Galiza, & outras partes lhe tinha tomado, & ficasse em bora com o de Portugal que lhe pertencia. E o que neste passo affirmam algũs autores modernos, que el Rey de Portugal prometteo de ir às Cortes de Leão, tanto que se pudesse pór a cavallo, & melhorasse da perna quebrada, & que depois estando ja são usara sempre de coche, por não estar obrigado a cumprir a promessa. He mera fabula, & encontra o que deixarão escrito os autores antigos. O Arcebispo Dom Rodrigo não affirma tal cousa, antes dà por razão de el Rey Dom Afonso Henriques audar em coche, não poder subir a cavallo, pello máo tratamento da perna. O mesmo diz com expressas palavras Dom Lucas Bispo de Tuy, autor tambem antigo, & graue, & se affirma na Chronica geral del Rey Dom Afonso. A quem se pode ajuntar Rogeiro de Houeden, autor Ingres, que alcançou os tempos del Rey Dom Afonso Henriques, & seu filho Dom Sancho, o qual tratando este caso da prisão del Rey de Portugal, diz, que el Rey Dom Fernando o pos em liberdade, por lhe restituir 25. lugares que lhe auia tomado, & dar sobre isto certa soma de dinheiro, o q̃ nossas historias não particularisam; & de sogeição, & promessa não diz cousa algũa.

D E assi

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

E assi não sei donde naceo aos autores de nosso tempo, & ainda a nossos Portuguezes affirmarem cousa tão sem fundamento, como a promessa da logeição del Rey Dom Afonso, & a causa de não querer subir a caualo? Mas venhamos ja a pronas particulares de nossa resolução.

Suppondo dous principios, poderão proceder nossos argumentos. He o primeiro, que o Conde Dom Henrique, tanto que faleceo seu sogro tratou de se fazer senhor de Leão, & Castella, proseguindo pellas armas o direito que julgaua pertencer a sua molher, como filha mais velha, & legitima do Rey defunto, & assi claro he q̃ não reconheceo superioridade à Rainha Dona Vrraca de Leão. pois trataua de conquistar este Reyno. Mas porque este fundamento he pouco vulgar, & requiere para sua firmeza noticia de algũas cousas, que se hão de examinar nos capitulos seguintes, queremos proceder suppondo outro principio recebido, o qual he, que por morte

*Saudoual na chronica de D. Afonso Emperador. c. 3. Mariana lib. 10. c. 8.*

del Rey Dom Afonso o Sexto quizerão algũs senhores de Leão, & Galiza que reinasse logo seu neto o Infante Dom Afonso Ramon, & para este fim o Conde Dom Pedro de Traua, principal cabeça neste negocio se valeo do fauor do Conde Dom Henrique, segundo dizem, & com sua ajuda fez guerra à Rainha

Dona Vrraca, & aos que não queriaõ jurar o Infante. Assina-se este successo no anno 1110. hum anno despois da morte del Rey Dom Afonso. Despois se leuantarão guerras entre a mesma Rainha, & os Aragoneses, & nestas confessam quasi todos, que o Conde fauoreceo as armas de Aragaõ, & foy causa de se ganharem algũas victorias. Assi o diz o Doutor loão de Mariana, & outros.

*Mariana lib. 10. c. 8.*

Alem disto, quando o Conde Dom Henrique morreo, segundo nossas chronicas, & muitos outros autores, tinha ganhadas muitas terras em Galiza, as quaes permanecerão annos na Coroa de Portugal, & emprazara a Cidade de Leão para lhe ser entregue, se não tiuesse socorro em certo tempo, & o da morte do Conde foy no anno de 1112. tres annos despois de falecido el Rey Dom Afonso. Supposto isto consta clarissimamente, que não ouue lugar, nem tempo para o Conde Dom Henrique exercitar acto algum de vassalagem, pois quasi sempre moueo guerra à Rainha Dona Vrraca, & conquistou as terras de seu estado.

Por morte do Conde Dom Henrique gouernou o estado de Portugal por espaço de dezaseis annos a Rainha Dona Tareja, como agora supponho, & proquarei adiante. Em todo este tempo

po se não assinará acto algum de sujeição que a Rainha fizesse a sua irmã, & tanto se não pode assinar, que muitos autores ignorarão este tempo do governo da Rainha de Portugal; mas he elle certo, & tambem he certa a isenção, & soberania com que sempre sustentou seu estado. Antes mostrarei adiante como a Rainha de Castella celebrou contrato com a de Portugal, no qual promete a sua irmã grande numero de terras em Leão, & Castella, com condição que lhe não fizesse guerra, nem desse fauor a seus côtrarios, mas permanecesse em boa paz, & amizade. E se a Rainha de Portugal denega algum reconhecimento, não ha duvida que se fizera então memoria desta obrigação, & ainda não sei como se lhe offereceriaõ terras, & nouos estados, pello fauor & ajuda se eraõ devidos.

Entrou no governo, & senho-rio de Portugal no anno de 1128. el Rey Dom Afonso Henriquez Principe dos mais valerosos, & bellicosos que teve Christandade. Como he possivel fizesse acto de reconhecimento que seu pay não teve, nem se goardou em tempo de sua mãy viua, & sem forças? Bem sei dizem nossas historias, que em seu tempo intentou el Rey de Leão, & Castella de o fazer seu tributario. Mas tambem confessaõ o não conseguio, antes ficou vencido,

& em outra occasião se retirou com promessas que fez Egas Moniz, as quais não tiuerão effeito. Eu digo que estas guerras entre Portugal, & Castella tiueraõ outras causas ignoradas de nossos autores, & así não admitto, nem o intento, que neste particular se concede a el Rey de Castella.

Sabida cousa he nas historias de Espanha, como el Rey Dom Afonso o Septimo alcançadas algumas vitórias dos Mouros, & de Aragoão, & Nauarra celebrou Cortes na cidade de Leão em o anno do Senhor 1134. & nellas tomou titulo de Emperador, sobre o qual ponto escreue o Padre João de Mariana. *Que lhes parecia, pois tinha por sujeitos, & feudatarios os Aragoneses, os Navarros, os Catalães com parte de França, que bem lhe quadrava aquella Coroa, & Magestade.* Se em algum tempo Portugal foy sujeito, seria nesta occasião, pois foy antes da batalha de Ourique, com que el Rey Dom Afonso tomou o titulo Real, porem nem então se fez conhecimento algum por parte de Portugal, nem o escritor referido se atreueo nomear os Portugueses entre as outras nações feudatarias á Coroa de Leão, & Castella. No tempo do successo de Badajoz se não exercitou acto algum de vassalagem por parte del Rey de Portugal, como ja toquei, & mostrarei ain-

*Arcebispo  
Do Redr.  
Sandoual  
na Chrona  
desse Rey.  
Mariana  
ubi sup.*

*Mariana*

### *Liure VIII. da Monarchia Lusitana.*

da. E assi não se pode assinar occasião alguma em que el Rey Dom Afonso Henriques fosse fogeito.

*D. Rodri-  
go Arceb.  
de Toledo  
li. 7. c. 24.*

Tomou o sceptro de Portugal D<sup>o</sup> Sancho o Primeiro no anno de 1185. & logo teue guerras com Leão, como se dirã em sua vida; & o Arcebispo Dom Rodrigo dá a entender que el Rey de Portugal as moueo, & que o de Leão procurou de casar com sua filha, para o t<sup>er</sup> de sua parte contra Castella, o que mostra bem não auer superioridade entre estes Principes, & na mesma conformidade vay falando o proprio autor, até o tempo del Rey Dom Sancho o Segundo, o qual reinaua quando elle escreueo.

Entrou neste Reyno o Infante Dom Afonso C<sup>o</sup>de de Bolonha no anno de 1245. & começou reinar no principio do anno de 1248 (como se c<sup>o</sup>firmarã em seu lugar c<sup>o</sup> doações autenticas.) Nossos Chronistas dizê que a este Rey se deu o Algarue ou em dote com a Raynha Dona Brites, ou despois a petição desta Princesa, & que se lhe impos obrigação de acudir com sincoenta lanças a el Rey Dom Afonso o 10. de Castella, q<sup>ue</sup> era o dotador em sua vida somente. Esta obrigação das sincoenta lanças fazê alg<sup>u</sup>ns autores de Castella de 300. & querê permanecer se em Portugal do principio até o reinado deste Rey, em cujo tempo dizem se eximio Portu-

gal de Castella. Digo breuem<sup>en</sup>te, que Portugal nunca foy fogeito, nem feudatario, & este ponto se confirmará ainda em alg<sup>u</sup>ns lugares alem do que fica dito. E assi não ha para que c<sup>o</sup>fundir a obrigação do Algarue com a de Portugal. Digo mais que o Reyno do Algarue não foy dado a el Rey Dom Afonso Terceiro em dote, nem por petição de sua mulher, mas antes que este Rey casasse, & seu sogro reinasse em Castella, ja elle estaua absoluto senhor do Algarue. A occasião que ouue para se lhe impor a obrigação das sincoenta lanças, foy muy differente do que se imagina. Tomando o sceptro de Castella D<sup>o</sup> Afonso o Sabio moueo guerra a Portugal, quer por se persuadir lhe pertencia este Reyno por alg<sup>u</sup>a concessão del Rey Dom Sancho Segundo de Portugal, quer por lhe parecer que os Portugueses lhe entraão por suas terras com as conquistas que fazião. El Rey Dom Afonso de Portugal como entrara por linha transtuerfal na successão, & não estaua ainda nella bem firme, tendo contra si muitos senhores Portugueses no Reyno de Castella; ouue por bem de dimittir o vso & fructo do Algarue (o qual ja era seu) a el Rey D. Afonso o Sabio em sua vida somente, ficando o dominio & directo senhorio daq<sup>u</sup>lle Reyno a Portugal. Este vso & fructo largou el Rey de Castella despois a

instancia



instancia de sua filha, & em lugar delle impos a obrigação das cinquenta lanças que nossos autores confessam, as quaes tambem dimittio breuemente. Daqui naceo a occasião de se enganarem autores graues, como o que resoluem neste ponto tão alheio da verdade, que não sei se acuse nelle mais a ignorancia dos nossos, se a temeridade, & contumacia dos estranhos. E para que se veja o como são dignos de reprehensão hūs & outros, será necessario tocar breuemente os fundamentos que alcançamos destas verdades, as quaes parecerão nouas, pois até este tempo andarão escondidas, reservando a mayor confirmação dellas para seus lugares proprios.

## CAPIT. X.

*Como as conquistas de Portugal não serão limitadas & comprehenderão sempre o Algarue, mostrase como este Reyno não foy da do pellos Reis de Castella.*

**Q**ue ate este tempo se admittio sem cõtradicação entre nossos historiadores he, que o senhorio dado em dote ao Conde Dom Henrique por el Rey Dom Afonso o Sexto comprehendia a

Beira, entre Douro & Minho, & Tralos montes com algũas terras de Galiza até o Castello de Lobeira, & a conquista das mais terras de Portugal até a cidade de Eluas, & a diuisam que este Reyno faz do Reyno do Algarue. E bem se proua esta sentença com dous casos notaucis succedidos em Espanha. O primeiro da guerra de Badajoz, & prizão del Rey Dõ Afonso Henriques, por querer ganhar aquella cidade que pertencia aos Reis de Leão. O segundo da doação do Algarue feita (segundo dizem) por el Rey Dom Afonso o Sabio, & a licença concedida por elle a nossos Reis para acabarem de conquistar esta prouincia. Sinal manifesto que a conquista de Portugal antiga, não passaua da cidade de Eluas, nem chegaua ao Reino do Algarue.

Digo que igoalmẽte errão nossos escriptores em assinar os limites do senhorio do Conde Dom Henrique para as partes do Norte, que em limitar suas conquistas para o meyo dia. Primeiramente o senhorio do Conde Dom Henrique não passaua do rio Minho. Alem disto não comprehendia terra algũa no Reyno de Galiza. No liuro das doações de Coimbra está o treslado de hũa venda feita no anno do Senhor de 1097. por Sancho Telles ao Bispo Dõ Crescenio, & diz q̃ reinaua Dõ Afonso, & tinha de

*Liuro da  
sẽ de  
Coimbra.  
fol. 197.*

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

reino 32. annos, & salando do Cõ de Dom Henrique diz assi. *Comite Domno Henrico genero supradicti Regis dominante à flumine Minio vsque in Tagum.* Que he dizer, se fez aquella escritura, sendo o Cõ de Dom Henrique genro do sobredito Rey senhor desdo rio Minho até o Tejo. Pello que entre estes dous rios se limitaua o que então possuia, & consequentemente o que dous annos antes lhe fora dado em dote. Bem sei que quando morreo o Conde tinha algũas terras em Galiza, as quaes estiueraõ despois sogeitas à Coroa de Portugal algum tempo. Porem estas foraõ ganhadas por guerras, como adiante mostraremos, & assi não pertencião à doação que lhe fora feita.

No que toca ao distrito das conquistas para a parte do meyo dia, sabida he a entrada do Infante Dom Sancho filho del Rey Dom Afonso Henriques pellas terras de Andaluzia, & a victoria que alcançou dos Mouros de Seuilha. Desta entrada, & de outras que el Rey Dom Afonso Henriques fez no Algarue, não ha duvida ficarem muitas terras de infieis sogeitas ao senhorio dos Portugueses, em forma que a breue historia dos Godos attribue a felicidade del Rey Dom Afonso Henriques a dilatação da fè desde o rio Mondego ate o Guadalquivir & o mar Oceano. *A Mun-*

*Historia  
dos Godos*

*da flauio vsque ad Betbim, qui His-*

*palim præterfluit, propagauit imperiũ, & ad Oceanum vsque bella gessi plurima.* Estas terras como não podião ficar presidiadas de soldados Portugueses, pella muita falta de gente que auia naquelle tẽpo facilmente se rebellaraõ.

Morto el Rey Dom Afonso Henriques, reinou em Portugal seu filho Dom Sancho, em cujo tempo confessaõ todos os autores ganhataõ os nossos a cidade de Sylues no Algarue. E aos que dizem não chegauaõ as cõquistas de Portugal a esta prouincia, quizeram perguntar com que licença se fez esta de Sylues; á qual eu acrecento a de todas as outras cidades & vilas do Algarue, porq̃ todas vieraõ a poder del Rey Dõ Sancho, & assi absolutamente se intitulou Rey do Algarue. Algũs

*Torre do Tombo.  
Liuro dos  
forais velhos de Leitura*

exemplos trarei em sua vida, agora baite a remissão dos lugares, q̃ he em doação do mosteiro de Grijõ, & outra de Alcobaça, ambas as quaes estão lançadas em liuros da Torre do Tombo; a primeira no dos foraes velhos; a segunda no 12. da Estremadura. Destes & outros lugares consta como el Rey Dom Sancho primeiro se nomeaua Rey do Algarue.

*Liuro 12.  
da Estremadura,  
fol. 111.*

Ainda em vida deste Rey se perderaõ estas, & outras terras que os Portugueses tinhaõ ganhado, as quais vindo ao senhorio dos Mouros, se foraõ restaurando pellas armas Portuguesas nos annos seguintes, em tempo de,

ste

Dom Rodrigo Arcebispo de Toledo. Duarte Nun. dez. que el Rey Dom Sancho 2. não teve guerra alguma.

Dom Rodrigo.

ste Rey, & de seu filho, & netos. Dō Afonso Segundo tomou Alcaccer, & outras terras, como diz o Arcebispo Dom Rodrigo. Dō Sancho segundo (de quem algũs nossos historiadores dizem que não teue guerra algũa, & todos affirmão ser froxo, & pouco bellicofo.) conquistou Eluas, Iurumenha, Serpa, & outras muitas terras, como dà testemunho o mesmo Arcebispo Dom Rodrigo, o qual então viuia. E debaixo do nome das muitas terras que elle não particulariza, nomeo eu Aliezur, Alfajar de Pena, Mertola, o Castello de Marachic, Cacella, Ayamonte, & Tauria. De todas estas me cōsta por doações certas (as quaes se refrirãõ na vida deste Rey) que foraõ ganhadas por suas armas. Agora baste apontar a doação de Tauria feita pello mesmo Rey à ordem de Santiago a 9. de Janeiro do anno de 1244. a qual estã no archiuo Real no liuro das ordens militares as folhas 186. Vejaõ em cōfirmiação os curiosos hũa bulla do Sũmo Pontihce Gregorio IX. a qual acharão no primeiro tomo das bullas do Archiuo Real as folhas seis, & desenganar-seãõ se fazia el Rey Dom Sancho guerra aos Mouros, pois nella se relata como em o anno de 1240. (o proprio em que se tomou Mertola, & Ayamonte pellos Portugueses) estava el Rey preparado para a guerra dos Mouros com

grande exercito nual, & terrestre.

El Rey Dom Afonso Terceiro nos primeiros annos de seu reinado, rematou cõ grande felicidade a conquista do Algarue, & ganhou algũas terras em Andaluza. Ia no primeiro Março do anno de 1250. tinha concluida a empresa do Algarue, como se pode ver em a doação de Albuçeira feita pello mesmo Rey a Dō Martin Fernandes Mestre de Avis, a qual estã no liuro das doações, & foraes deste Rey as folhas 106. porque quando a el Rey fez, estava na Igreja de Santa Maria de Faro, final bem claro de estar ja esta cidade em seu poder. E antes da doação de Albufeira fizera o mesmo Rey merce do castello Porches a Esteue Annes seu Cancellario, & gram prinado, & em fim se trataua como senhor absoluto do Reyno do Algarue. Neste anno de 1250. reynaua ainda em Castella, & Leão Dom Fernão, que chamão o Santo, conquistador de Cordoua, & Seuilha, & viueo até o anno de 1252. como consta de todas as historias de Espanha, & então começou a reynar seu filho Dom Afonso o Decimo, que chamarão o Sabio. E se o Reino do Algarue estava conquistado aos Mouros pellas armas Portuguesas antes do principio do reinado deste Principe, como temos apontado, & demonstraremos euidentemente na hi-

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

storia daquelles annos, como se compadece que este Rey desse ao de Portugal a conquista do Algarue, ou por casamento de sua filha, ou por petição della? Quem cegou os escritores de Espanha para inuentar, ou autorizar hũa fabula tão notoria?

Que el Rey de Castella Dom Afonso o Sabio mouesse guerra ao de Portugal no principio de seu reinado, mostraremos clarissimamente na historia daquelles annos, entretanto vejaõ os curiosos ao Doutor Bzouio no tomo 10. 13. ad an. 1253. dos annaes do Cardeal Cesar Baronio; & saberaõ como no anno do Senhor de 1253. se meteo de por meyo o Papa Innocencio III. para fazer pazes entre os Reys de Portugal & Castella; os quais contendiaõ entre si sobre o Reyno do Algarue. As pazes se assentaraõ com el Rey de Portugal dar ao de Castella em sua vida somente o vsofruito do Reyno do Algarue, & assi possuio el Rey Dom Afonso o Sabio as terras do Algarue até o anno de 1263 em que dimitio estas rendas, & em lugar dellas impos obrigação que lhe acudissem de Portugal com sincoenta lanças, quando tiuesse necessidade dellas, a qual obrigação não durou mais de tres annos. De sorte que esta imposição não era por el Rey de Castella auer dado o Algarue, ou sua conquista a Portugal, como dizem nossos autores, mas em lugar das

rédas que ouuera de possuir em sua vida. Muitas escrituras ha no Archiuo Real de q constaõ estas verdades, as quais para bẽ ouueraõ de ter visto os Chronistas de Portugal, que leuaraõ os salarios & as merces dos Reys, todas referiremos quanto baste na narração daquelle répo. Agora ja que foy necessario tocar anticipadamente estes pontos, relato só as palauras seguintes de hũa carta del Rey Dom Afonso o Sabio para el Rey de Portugal Dõ Afonso Terceiro que dizem assi. *Todas las omenages que fueron puestas, y escritas, y selladas por qualquier guisa que fuesen fechas entre nos, y vos, y Don Diniz, y vuestros fijos, e vuestras fijas sobrerazon del Algarue, que nos tenemos de vos en nuestros dias, y no mas; el qual nos demos a Don Deniz assi como lo teniamos por vuestro otorgamiento, que nos fizesse ende ayuda en vuestra vida con sincoenta cavallos, contra todos los Reyes de España, sino contra vos, assi Moros, como Christianos, &c.*

Não me parece que se pode dizer mais nesta materia, pois el Rey de Castella confessa as mesmas verdades que pretendemos fundar, desterrando os erros introduzidos, & assi como a certeza dellas sabemos que o Reyno de Portugal não teue obrigação, nem imposição algũa em tempo dos primeiros Reys, como algũs suppoem enganados cõ este tributo das sincoenta lanças. O Rey  
no

Torre do Tombo. Livro das doações del Rey D. Afonso 3. fol. 87.

no do Algarue pertenceo sempre á Coroa de Portugal, & como tal foy ganhado algũas vezes pellas armas dos Portuguezes; & por suas rêdas as quaes el Rey de Castella dimittio podêdoas gozar em sua vida (conforme os côtratos que se fizerão) se impos a obrigação das sincoenta lanças, não a el Rey de Portugal, mas ao Infante seu filho, a quem se largarão. Pello que se conuence fizerão os escriptores pouco exame nestas cousas, & se não cansarão muito por saber a verdade, & para se ver como em tudo errarão.

Acrefento, que não só para a parte do Algarue foraão sem limite as conquistas de Portugal, mas taõbem para as terras de Andaluzia, & así digo, que a guerra de Badajoz não teue a causa que nossos autores dizem de intentar el Rey de Portugal a conquista q̃ era de Leão, mas que acudio o Rey deste Reyno a defender a cidade que lhe era fogueita. E se el Rey de Portugal primeiro intentara sua conquista, sem duuida algũa ficara com ella. Mostra-se bẽ esta verdade nas outras terras de Andaluzia, as quais sendo ganha das pellos Portuguezes, ou ficaraõ á Coroa de Portugal, ou se fez por ellas recompensa equivalente. E porque el Rey Dom Afonso Terceiro quando fez pazes cõ el Rey Dom Afonso o Sabio não só lhe largou as rendas do Algarue, como ja dissemos, mas algũas

terras de Andaluzia, & fez isto por se conseruar no Reyno, seu filho Dom Diniz Principe valeroso, não sofreo esta alienação, mas obrigou por armas aos Reys de Castella a lhe entregare estas terras, ou outras por ellas. Temos escripturas na Torre do Tõbo de que isto consta, & sera bem referir algũas palauras dellas; o q̃ se fará com mayor facilidade no Capitulo seguinte.

## CAPIT. XI.

*Em que se prosegue a materia dos limites da conquista de Portugal, referem-se escripturas antigas, mostra-se como este Reyno não foy nunca Condado.*

**D**iuulgadas andão em nossas historias, & nas de Castella as guerras que el Rey de Portugal Dom Diniz moueo a el Rey Dom Sancho de Castella, filho del Rey Dom Afonso o Sabio, & a Dom Fernando o Quarto, filho de Dom Sancho; ainda que as causas dellas se não declarão cõ a particularidade necessaria. Os motiuos principaes que teue el Rey Dom Diniz, foy por se lhe restituirem algũas terras de Andaluzia adquiridas em outro tẽpo pellas armas Portuguezas, & alienadas da Coroa por contra-

tos

## Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.

Torre do  
Tombol.  
3. dos di-  
reit. Reaes  
41 fol. 150

tos de pazes feitos entre os Reys Dom Atonso o Sabio, & Dó Afonso o Terceiro, & por ficarem a Portugal as terras de Riba de Coa, algúas das quais ganharaõ os Reys deste Reyno, & así como conquista propria lhe pertênciao. Estas ganhou outra vez el-Rey Dó Diniz aos Castelhanos, & continuando com a guerra se celebrou contrato entre elle, & Dom Fernando Rey de Castella em doze de Setembro da era de 335 annos (he anno do Senhor de 1297.) de que importa referir algúas palautas, & são estas.

Yo el Rey Don Fernando sobredicho entendiendo, y conociendo que los castillos y villas de tierra de Aroche y Aracena, con todos sus terminos, e todos sus derechos, y con todas sus pertenencias que eran de derecho del Reyno de Portugal, y de su señorio, y que los vuo el Rey Dó Alfonso mio abuelo del Rey Don Alfonso vuestro padre contra su voluntad, siendo estos lugares del Rey Don Alfonso vuestro padre; y que otro si los tuiera el Rey Don Sancho mio padre y yo, y por esso pase con vosco en Cibdad Rodrigo, que vos diessse, e vos entregasse effas villas, y effos castillos, o cambio por ellos a par de los nuestros Reynos, de que vos vos pagassedes desde dia de San Miguel que passò de la Era de 1334. annos fasta seis meses, è porque vos así no lo compli, douos por effas villas, y por effos castillos, è por los sus terminos, y por los frutos dellos q' ende ouemos el Rey mio abuelo Dó Alfonso, y mio padre el Rey Dó

Sancho, y yo, y otro si fasta el dia de oy, s. Olivença, y Campo mayor, que son apar de Badajoz, y San Felizes de los Gallegos con todos sus terminos, &c. E logo adiante. Y otro si meto en vuestro señorio, y de los vuestros successores, y del Reyno de Portugal para siempre el lugar que dizem Duquella que es cabe Campo maior.

Poucas regras adiante vay proseguindo.

Y otro si yo el Rey Don Fernando entendiendo, y conociendo que vos auiedes derecho en algunos lugares de los castillos y villas de Sabugal de Alfaiates, y de Castel Rodrigo, y de Villa maior, y de Castelbueno, y de Almeida, y de Castel mellor, y de Monfortes, y de otros lugares de Riba de Coa, que vos Rey Don Diniz teneis agora en vuestra mano, y porque me vos partiedes del derecho que auiedes en Valencia, y en Ferrera, en Esparregal, que agora tienela orden de Alcantara a sumano, y que auiedes en Ayamonte, y en otros lugares de los Reynos de Leon, y de Galicia, y otro si porque me vos partiedes de las demandas que me faziedes sobre razon de los terminos que son entre el mi señorio, y el vuestro, por esso me vos parto de los dichos castillos, y villas, y lugares de Sabugal, y de Alfaiates, &c.

Tambem de húa carta do Infante Dom Henrique, tio, & tutor deste Rey Dom Fernando se aclara muito esta materia, as palautas que nos seruem são estas.

Conoscan quantos esta carta vieren, y ler oyeren, que yo Infante Don Henrique,

Torre do  
Tombol.  
3. dos di-  
reit. Reaes  
fol. 138.

*rique filho del muy noble Rey Dõ Fernando, y tutor del muy noble Don Fernando mio sobrino Rey de Castilla, y de Leon fijo del muy noble Rey Don Sancho, entendiendo, e sabiendo por ver-  
dade que los castillos, y las villas de Mora, y Serpa, de Aroche, de Aracena fueron, y de derecho deuen ser del señorio de Portugal, y que fueron, y son ende alienados muy sin razon, prometo, e fago tal pleito a vos muy noble Rey Don Diniz Rey de Portugal, y del Algarue, que vos faga dar y entregar fasta seis dias andados del mes de Otobre primero que ven los castel-  
los y villas de Mora, y Serpa con sus terminos derechos quales auian quando erã del señorio de Portugal, &c. E pouco abaixo. Y otro si vos prometo, e fago pleito que vos faga dar, y entregar los castillos, y las villas de Aroche, y Aracena, con todos sus terminos derechos, quales auian quando eran del señorio de Portugal, &c.*

Destes lugares, & de outros q por breuidade se não referé, cõsta clarissimamente, como a conquista de Portugal não soy limitada até o rio de Goadiana, pois dentro em Andaluzia ganbarão nossos Principes terras, & as possuirão, & sendo alheadas por violencia que fez el Rey Dom Afonso o Sabio, alcançou el Rey Dom Diniz restituição, & recompensa dellas, & así possuiue oje a Coroa de Portugal, Oliuença, Câpo mayor, & Ouguella em lugar de Aroche, & Aracena, que dimittio a Castella; tem em lugar de Ayamõ

te, & outras terras que erão suas, os lugares de Riba de Coa, alem de lhe pertencerem por direito de conquistas antigas, & finalmente possuiue Moura, & Serpa, & seus termos, por seré terras ganhadas pellas armas de seus naturaes, as quais se restituirão em tempo del Rey Dom Diniz, de pois de estarem algũs dias violentadas pello poder de Castella.

E daqui se conuence que não sabia destes fundamentos o Padre Ioão de Mariana, pois attribue á dote da Rainha Dona Brites molher del Rey Dom Afonso o Quarto de Portugal filho del Rey Dom Dinis o dimittir el Rey Dom Fernando a este Reyno as villas de Oliuença, & Ouguella, pois como temos mostrão estas villas não vierão por dote á Coroa de Portugal, mas em retorno de Aroche, & Aracena que largou a Castella. Tambem se deixa ver não ter lido isto Duarte Nunes no Archiuo Real, pois deixou escrito, que as villas de Moura, Serpa, & outras vizinhas as ouera el Rey Dom Diniz em virtude de certa doação feita por el Rey Dõ Afonso o Sabio á Rainha Dona Brites mãy do mesmo Rey Dom Diniz; porque ainda que seja verdade que esta doação se fez, por ella não daua el Rey mais á Rainha que o senhorio daquellas terras em sua vida della, & así não se podia deriuar o direito a el Rey Dom Diniz. Pello que o funda-

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

fundamento que ouue para se alcançarem aquellas praças, he o q̃ fica apontado, & se colhe das escrituras referidas, porque Pertência a Portugal. E a razão de lhe pertencerem he sem duuida por terem ganhadas aos Mouros pelos Reys, & senhores Portuguezes. Donde fica claro, como as terras que os Reys de Espanha tomauão aos Mouros, eraõ de quê primeiro as occupaua, & así não pode ser que a occasião da guerra entre os Reys de Portugal, & Leão em Badajoz fosse porque el Rey de Portugal tomara a cidade q̃ era da conquista de Leão, mas porque a tomou sendo ja sogeita, & tributaria a el Rey de Leão. E vltimamente se fica vendo de todo este discurso a soberania, & izenção dos Reys de Portugal, pois alem dos mais fundamentos allegados, não dependião nas conquistas de outros Reys, mas liuremente as fazião por onde podião, até que se limitaraõ com os contratos celebrados em tempo del Rey Dõ Afonso Terceiro, & del Rey Dom Diniz seu filho.

E em confirmação da soberania de Portugal, não deixarei de allegar outro fundamẽto, o qual he que o Reyno de Portugal se não abateo a titulo de Condado, como communmente se diz : mas ao Conde Dom Henrique se deu o estado de Portugal, o qual em outro tempo fora Reyno separa-

do. Esta resolução por nenhũa outra via se proua melhor, que pello modo de falar das escrituras, & doações antigas em nenhũa das quais se nomea o Conde Dom Henrique Conde de Portugal: massó este Principe se chama Conde, ou pello vto de sua terra, ou que em tempos antigos auia estes titulos sem limitação de terras. Confirmase mais esta sentença do estylo com que era tratada sua mulher Dona Tareja, que ou se nomeaua Rainha, ou Infanta, & do que vsou seu filho Dom Afonso Henriques, o qual nunca vemos nomeado Cõde de Portugal, & se este senhoria fora dado com titulo de Cõdado, claro he que antes da batalha de Ourique ouuera nollõ Principe de vsar d'elle, mas vemos que se nomeaua Infante, ou Principe, & algũas vezes Rey, & nunca Conde, pello que o nome de Conde que teue seu pay, se lhe não deriuou da terra de Portugal, mas era titulo que ja dantes lhe conuinha; o que se pode confirmar com a autoridade de Italiano, referida no Capitulo terceiro deste liuro, na qual se dà o titulo de Conde a Dom Henrique, quando socedeo o caso do Breuiario Muçarabe, o qual segundo a computação que fizemos dos tempos, foy antes de ser dado Portugal ao mesmo Cõde Dom Henrique. Nem contra isto faz a comum opiniaõ dos autores,



tores, os quais suppoem, ou affirmão ser dado Portugal em titulo de Condado a Dom Henrique, porque ja de outras cousas atras escritas se deixa ver a pouca diligencia, & exame, com que escreuerão.

Em hũa doação achei nomeado o Conde Dom Henrique, Conde dos Portuguezes, em outra Duque, & em outra Principe. Mas todos estes titulos não teruê mais que de significar, como elle era senhor, a quem os Portuguezes reconheciam, sem se inferir delles ser o estado de Portugal Cōdado, Ducado, ou Principado. Pelo que a mi me parece, que o discurso proposto vay bem fundado, o qual não quero que valha mais, que o que julgarem, & approvarem os mais doutos, & de sapiaxonados.

## CAPIT. XII.

*Em que se trata da calidade da Rainha Dona Tareja. Disputa-se se foy filha legitima del Rey Dõ Afonso o Sexto.*



Ambem deste fundamento de ser legitima a Rainha Dona Tareja, & ter aução á herança de Leão, & Castella, se

fica conuencendo bẽ a soberania de nossos primeiros Reys, & a isenção que Portugal teue de senhorio eitranho. Mas não importa ja confirmar com mais argumentos a primeira verdade que deixamos prouada. Trate-mos agora desta segunda, em que se offerecem nouas difficuldades.

Os autores Castelhanos, & alguns estrangeiros dizem, ser a Rainha Dona Tareja mulher do Conde Dom Henrique, filha illegitima del Rey Afonso o Sexto. Assim o tem o Arcebispo Dom Rodrigo, o qual escreuendo que Dona Ximena Munoz mãy de stas Princesas não fora mulher legitima, mas concubina, acrescenta, que della ouuera el Rey Dom Afonso a Dona Tareja mulher do Conde Dom Henrique. Os mais autores de Espanha fazem disto texto, & como tal o seguem, & ate o Chronista Portuguez q̃ escreueo a historia del Rey Dõ Afonso Henriques se deixou levar da opinião dos outros, sem fazer mais exame da verdade.

O Mestre Andre de Resende varaõ douto, & de grande noticia de cousas antigas, tem opinião contraria a todos os demais autores, & diz assi. O grande Rey de Espanha Dom Afonso, que ganhou Toledo, & se chama Emperador, de diuersas mulheres teve tres filhas, Elaira, Tareja, & Vrraca. O Arcebis-

D. Rodrigo  
Arcebispo  
lib. 6. f. 23

Resende  
das anti-  
guedades  
de Port.  
lib. 4.  
do Cã-  
po de Our-  
ique

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

pô de Toledo Dom Rodrigo, o qual, fala nas cousas de Portugal com pouca afeição, & os que o seguirão dizem, que Dona Elvira, & Dona Tareja nacerão de Dona Ximena Munoz concubina del Rey. Porem em meu poder está hũa Chronica de lingoagem Castelhana antiga, escrita setenta annos antes do Arcebispo Dom Rodrigo, na qual expressamente se diz, que Dona Ximena foy molher del Rey legitima, & Rainha. Até aqui são palauras de Refende.

Deste mesmo parecer he o licenciado Christouão Rodriguez Azinheiro, natural de Euora no compendio que fez das Chronicas de Portugal em tempo del Rey Dom Ioão Terceiro, & cita a mesma Chronica antiga Castelhana, & outra antiquissima do Reyno de Galiza, que diz tinha em seu poder, ambas as quais affirmauão, como el Rey Dom Afonso se casára com a Rainha Dona Ximena. A mesma opinião segue Frey Hieronimo Romano na vida que compôs do Infante santo Dom Fernando, filho del Rey Dom Ioão o Primeiro. E ultimamente Duarte Nunes, o qual em confirmação della apon-  
tôu as razões que se seguem. Que o estilo del Rey Dom Afonso era, morta hũa molher casarse logo com outra, ainda que não fosse filha de Rey, & que Dona Ximena era de sangue tão illustre, que bem poderia ser molher del Rey. Que bem se argue

dos casamentos das filhas de Dona Ximena, ser sua mãy casada com el Rey, & ellas filhas legitimas, pois casarão com tão grandes senhores, & em particular se vê esta verdade no dote da Rainha Dona Tareja, filha de Dona Ximena, o qual foy não menos de hum Reyno. Mostra mais ser filha legitima a Rainha Dona Tareja, & pello conseguinte sua mãy casada com el Rey Dom Afonso, os titulos com que era tratada, pois sempre a vemos nomeada Rainha nas escrituras, & algũas vezes Infanta, o que lhe não podia competir, se fora auida fora de matrimonio.

Esta vltima razão de se chamar sempre Rainha, ou Infanta a Rainha Dona Tareja, para mi he demonstração, pois tenho alcançado pellas doações antigas não se darem aquelles titulos às filhas dos Reys illegitimas. Quem diz que a idade antiga chamaua Infanta a Dona Costança Sanches filha bastarda del Rey de Portugal Dom Sancho primeiro, & que não era o erro grande, quando às legitimas daua nome de Rainhas, deuia de falar por conjectura, & mal fundada, pois he certo não terem estas Princesas tal titulo nas escrituras, & ainda algũas vezes se lhe não concedia o titulo de Dom, o qual vemos oje em gente de tão differente calidade, & sorte. Maria Afonso  
el

Na hist.  
de S. Do-  
ming. 1.ª p.  
lib 3. 14.ª

chama el Rey Dom Diniz a hũa  
sua filha bastarda, & el Rey de  
Castella Dom Afonso o Sabio  
tambem não dá Dom a outra sua  
filha, como se pode ver em seu re-  
frameto. Dona Costança Sanches  
he verdade que se nomea có Dô  
no testamento da Rainha Dona  
Mafalda sua irmã, q está em Arou-  
ca, & em outras doações, mas nũ-  
ca Infanta. Hũa notauel escriptura  
está na Torre do Tóbo, em que

ella dá a mayor parte de sua fa-  
zenda á Infanta Dona Sancha fi-  
lha del Rey Dom Afonso Ter-  
ceiro, & ainda que se atribue Dô,  
não se nomea Infanta, & bem se  
deixa ver como ella propria se  
deuia lembrar dos titulos que ti-  
nha. Pello q se tenha por sem du-  
vida, que só as filhas dos Reys le-  
gítimas erão nomeadas así em  
Portugal, como nas mais partes  
de Espanha Rainhas, & algũas ve-  
zes Infantas, nome que despois  
se perpetuou nestas Princesas, &  
nos mais filhos legítimos dos  
Reys, que não são herdeiros.

E así como a Rainha Dona  
Tareja filha del Rey Dô Afonso  
Sexto se nomea ordinariamente  
Rainha, & algũas vezes se lhe dá ti-  
tulo de Infanta, q erão appellidos  
proprios das filhas legítimas dos  
Reys, fica claro não ser certa a opi-  
nião do Arcebispo Dô Rodrigo;  
go, & que não satisfaz o mesmo  
autor com dizer se chamaua el-  
la Rainha, por ser filha de Rey,  
mas que se deue acrescentar se não

meua Rainha, pór ser filha de  
Rey legitima.

Bem pudera passar esta opi-  
nião na forma em que a deixa-  
mos confirmada; se não tiuera  
outros fundamentos pella parte  
contraria, a que importa respon-  
der. He o primeiro tirado da au-  
toridade de Paio Bispo de Oue-  
do, autor antigo, o qual affirma  
ser concubina del Rey Dô Afon-  
so, & não molher legitima Dona  
Ximena mãy da Rainha Dona  
Tareja. São suas palauras tratan-  
do del Rey Dom Afonso o Sex-  
to. Teue el Rey duas concubinas, com  
tudo a primeira nobilissima, a qual era  
Ximena Munon, de que ouue Gelouira  
(aliás Eluira) molher do Conde Dom  
Raymundo de Tolosa, da qual elle teue  
Dom Afonso Iordão; & Tareja, mo-  
lher do Cõde Dom Henrique, dos quaes  
naceo Vrraca, Geloira, & Afonso. A  
segunda concubina se chamou Zaida,  
era filha de Abenabet Rey de Seuilha,  
& della ouue el Rey Dom Sancho, o  
que morreo na batalha de Vcles. Até  
aqui o Bispo de Ouedo.

Segundo argumento se tira  
do Epitafio da sepultura de Do-  
na Ximena, referido pello Me-  
stre Frey Antonio de Yepes, no  
qual se mostra ser Dona Xime-  
na amiga del Rey no tempo em  
que esteue viuuo, & así ficão suas  
filhas naturaes, & não legítimas.  
Começa o epitafio.

E. 2      Quam

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

*Quam Deus à pœna defendat diſſa Semen  
Alfonſi vidui Regis amica ſui.  
Copia, forma, gentes, dos morum, cultus amœnus  
Me regnatoris proſtituere ihoris.  
Me ſimul & Regem mortis perſoluere legem,  
Fata coegerunt, quæ  
Ter denis demptis, ſuper hac mille ducentis,  
Quatuor eripies quæ fuit era.*

Quer em ſuma dizer, q̃ ao tempo q̃ el Rey eſtaua viuuo, tomou cõuerſaçã cõ Dona Ximena, ſendo as ocaſiões deſte erro da parte della, riqueſas, fermofura, geraçã illuſtre, brádura de cõdiçã, & ornato de ſua peſſoa. Aponſale como ambos pagarão ſeu coſtumado tributo â morte, & daſe a entender que a de Dona Ximena foi no anno de 1128. porq̃ ſe diz que tirados 30. á era de 1200. ſe haõ de diminuir mais 4. cõ que ficaſendo a era de 1166. & reſponde ao anno de 1128.

Para reſponder a eſte ſegũdo argumento ( que do primeiro ſe dirã adiante ) importa ver o que

El Rey Al mudafar  
de C. ara-  
goç e reue  
2. filhos, f.  
Culeima,  
& Benal-  
fage, mor-  
to o pay.  
Culeima  
dom o ſa-  
uor do Cid  
foy Rey de  
C. a. ago-  
ça Benal-  
fage, foy  
Rey de De-  
nia,  
diz a chronica antiga, em que ſe funda o Meſtre Andre de Reſende, a qual differe muito do letreiro, dizendo aſſi. Quando fue muer-  
to el Rey Don Sancho en C. amora, tor-  
noſe para la tierra el Rey Don Alphonſo  
ſu hermano que era en Toledo, y fue  
Rey de Caſtilla, y conquirio a Toledo  
de Moros, y tomò muger Mora, que ſe  
deza la Zaida, ſobrina de Aben Abẽ  
Alfaga, y vao en ella vn fiyo, el que  
dixeron Don Sancho, y por ſobrenom-  
bre dixeronlo Sancho Alphonſo, y deſ-

pues lo mataron Moros en la batalla de  
Vcles. Y deſpues vuo eſte Rey otra mu-  
ger, que vuo nombre Ximena Munoz,  
è vuo en ella dos ſijas, la Infanta Doña  
Eluira, y la Infanta Doña Tareja. Ca-  
ſò la Infanta Doña Tareja con el Con-  
de Don Henrique, y vniéron ſiyo al Rey  
Don Alphonſo de Portugal, &c. E a-  
dianta acreeſcenta. Murio Ximena  
Munoz, y deſpues el Rey Don Alphonſo  
tomo otra muger la Reyna Doña Co-  
ſtança, &c. E em outro capitulo  
diz aſſi. Deſpues que finò la Reyna  
Doña Ximena Munoz, caſoſe el Rey  
Don Alphonſo con la Reyna Doña Coſtã-  
ça, que era de Francia, &c.

Todos eſtes lugares daquella  
antigua hiſtoria ſão contrarios á  
reſoluçã do Epitafio; & não a-  
uendo outros argumẽtos por am-  
bas as partes, claro he ſer mayor  
a autoridade da hiſtoria, que a  
dos letreiros, pois nos erros da-  
quella corre perigo o credito do  
autor; o que não he neſtes, por ſe  
não ſaber quem he o culpado em  
ſuas faltas. E daqui nace porem-  
ſe algũs Epitafios em ſepulturas,  
& noutros lugares publicos, que  
fora ſerviço grande de Deos, &  
bẽ da Republica mãdarẽ ſe riſcar.

Bem

Bem pudera apontar algũs neste Reyno, mas não pode ser, sem descobrir faltas alheas. Quanto ao letreiro de Dona Ximena, digo, que foy feito muitos annos depois della morta, com o fundamento de algũs autores, que a fazem amiga del Rey; & assi não dá mayor firmeza a esta opinião que os mesmos autores, o engano dos quais se refutarà logo, & se mostrará donde procedto. E tambem pode ser, que se pusesse aquelle Epitafio, por mandado de quem teria conueniencias em se mostrar, que não fora Rainha Dona Ximena; que fazerse por ordem della, ou dos seus, parece cousa increiuel, ainda que na verdade fora amiga del Rey, pois ninguẽ apregoa seus defeitos. Pello que o Epitafio não he certo, pois erra na resolução principal, & no tempo da morte desta Rainha.

Mas deste assento que tomamos em o tempo da morte da Rainha Dona Ximena, & dos annos em que esteue casada; nasce outro argumento de grande difficuldade contra a mesma opinião, & he, que se Dona Ximena foy Rainha, & esteue casada com el Rey Dom Afonso antes do matrimonio de Dona Costança, como diz aquella historia antiga, auião de herdar os Reynos de Leão, & Castella as filhas de Dona Ximena, & não Dona Vrraca filha de Dona Costança. Sendo pois certo que Dona Vrraca

foy herdeira daquelles estados, bem se conuence não serem legitimas suas irmãas mais velhas, nẽ a mãy dellas molher del Rey Dom Afonso.

## CAPIT. XIII.

*Prosegue-se a materia da legitimidade da Rainha Dona Tareja, citase hũ Breue do Papa Gregorio Septimo, do qual consta a resolução deste ponto.*



Viz propôr todos os fundamentos pella parte contraria, para que cõste como trato só de descobrir a verdade, & me não mouo a seguir opiniões particulares, & encontrar o que dizem graues autores por respeito algũ, mas com zelo de se saberem nossas cousas, as quais nos deixarão os anrigos tão incertas, & duvidosas.

A resolução verdadeira no pto presente he, que el Rey Dom Afonso casou com Dona Ximena, & o matrimonio se dirimio por causa de parentesco que auia entre ambos. Daqui procede a variedade de opiniões, & razoes que temos visto, o vemos como nas escrituras são nomeadas as filhas de Dona Ximena cõ titulo de Rainhas, & Infantas,

## Liure VIII. da Monarchia Lusitana.

sò deuidas às filhas legitimas dos Reys, porque ainda que algũs casamentos dos Reys de Espanha se annullassem, por se achar impedimento de parentesco entre os contrahentes, toda via os filhos auidos em o tempo deste matrimonio eraõ tidos por legitimos. Não importa referir exemplos, porque he cousa mui vulgar nas historias de Espanha. Daqui nasceo tambem chamar-se Dona Ximena Rainha, como se vio nas palauras da Chronica antiga. Por outra parte se mostra a occasião que ouueraõ algũs autores para não tratarem em seus escritos a Rainha Dona Ximena com este titulo, & julgarem suas filhas por illegitimãs, porque como o casamento del Rey Dom Afonso cõ esta senhora foy nullo, & ao fim se dirimio por mandado do Summo Pontifice, ouueraõ, se não deuia o titulo de Rainha á mãy, nẽ o nome de legitimas às filhas. Aũtar-se hia o serem estes autores sogeitos a Principes a quem conuinha escurecer-se de todo a sombra daquelle matrimonio, que como ha este respeito, não sò verdades pouco sabidas, mas ainda as mui claras, & notorias se escondem.

*Sandoual na chronica de Dõ Afonso 6* O fundamento desta resolu-  
ção se tira de hũa bulla do Summo Pontifice Gregorio Septimo, eferida a el Rey Dom Afonso no anno do Senhor de 1080. referida na Chronica do mesmo Rey, que ha poucos annos se impri-

mio em Pamplona, autor Dom Frey Prudencio de Sandoual, Bispo da mesma cidade. São as palauras da carta as seguintes.

*Gregorius Episcopus seruus seruorũ Dei. Dilectissimo in Christo filio Regi Aldefonso salutem, & apostolicam benedictionem, si obedierit. Dicit non potest fili charissime quantum nos, referente filio nostro Apostolica Sedis Legato Richardo nobis cognita praelara tua obedientia letificauerit. Tu enim coram Deo in visceribus nostris habes. Tu apud homines maximũ nobis exemplum egregie virtutis erat: de te apud alios Reges gloriabamur: te uerẽ christianum Regem, & ideo uerẽ Regem nos habere ex parte Domini lesu contra membra diaboli gaudebamus. Vnde & bona sua fragantia multas iã regiones aspererat, & uelut Sol quidã in occiduis natus orientem uersus, celestis luminis radios emittebat. At nunc comperto quod diabolus tue salutis, & omnium qui per te saluandi erant more suo inuidens, per membrum suum quendam Robertum pseudomonachum & per anti quam aduicicem suam perditam feminam, uiriles animos tuos à recto itinere deturbanit. Quantum de te primo fueramus gauisi, tantum nunc confundimur, erubescimus, & contristamur. Quapropter ut cognoscas quãtum circa te piẽ solliciti sumus, per bonitatẽ, & gloriam Christi te paterna voce monemus, & contestamur remoue à te quantocius consiliarios falsitatis: corrumpunt quidem bonos mores colloquia praua. Acquiesce autem per omnia Legato nostro fratri Richardo, quẽ nisi prudentem*

dentem, & religiosum cognovissem, nostras ei vices nullatenus comissem: non te à salutaribus monitis, atque institutionis nostris incestæ mulieris amor abripeat, quia mulieres apostatare faciunt sapientes, ipsum quippe Regem sapientissimum Salomonem incestus mulierum turpiter amor deiecit, & florentissimum Regnum Israel Dei iudicio penè totum de manu posteritatis eius abruptit. Proinde per Dominum nostrum Iesum Christum, & per potentiam aduentus eius, nec non & ex autoritate Beatissimorum Apostolorum petri, & Pauli iterum monemus, atque precipimus, ne te ipsum despicias, ne in gloria tua maculam ponas, ne posteritatem carnis tue inutilem, & reprobam facias. Vires resume, illicitum connubium quod cum uxoris tue consanguinea iniisti penitus respue. De tua emendatione nos, & totam Ecclesiam Dei cito letifica, ne si inobediens, quod avertat Deus esse malueris, iram Dei omnipotentis incurras, & nos, quod valde inuiti dolentesque dicimus, Beati Petri gladium super te euaginare cogamur. Prædictum sane nefandissimum Robertum Monachum seductorem tuum, & perturbatorem Regni ab introitu Ecclesie separatim intra claustra Monasterij Cluniacensis in penam retrudi decernimus Abbas Cluniacensis nos imitando id faciat, eadem enim via, eodem sensu, eodem spiritu ambulamus. Deus autem omnipotens nos de tua correptione cito exhibere dignetur fili charissime.

Duas cousas aponta aqui o Summo Pontifice nesta Bulla, & de ambas faz cargo a el Rey D<sup>o</sup>

Afonso A primeira ter dado muito fauor ao Monge Roberto, por cujo conselho se desuiava da sujeição do Pontifice, & de seu legado; pellas quais culpas mandaua o Papa encarcerar, & castigar o sobredito Monge em Cluni. A segunda de ter celebrado casamento com parenta de sua mulher, da qual lhe amoesta, & manda, que se aparte; como se pode ver naquellas palauras, em que esta todo o fundamento desta resolução. *Vires resume, illicitum connubiū quod cum uxoris tue consanguinea iniisti penitus respue.* E querem dizer; esforçaiuos, & totalmente vos apartai do matrimonio illicito que celebrastes com a parenta de vossa mulher.

Não resolve o Bispo de Pamplona o grao de parentesco, que auia entre el Rey Dom Afonso, & a Rainha Dona Ximena; porque em hum lugar a faz prima irmãa do mesmo Rey, filha de seu tio Dom Garcia Rey de Navarra. Em outra parte lhe parece mais prouauei ser ella do Reyno de Leão, & parenta muy chegada da mulher difunta do mesmo Rey Dom Afonso, & na verdade as palauras da carta do Pontifice mais assegurão este segundo modo de dizer, pois não falam mais que no parentesco de affinidade entre el Rey, & Dona Ximena. Mas ainda assi fica muy incerta a noticia de sua linguagem posto que conste de sua grãde ca-

## Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.

lidade, pois nem da Rainha que lhe precedeo ha muita memoria. E para mayor clareza demos hũa relação das mulheres deste Rey, & do que se sabe de suas familias.

No anno do Senhor de 1074. em dez de Dezembro estaua el Rey casado com a Rainha Dona Isabel, como se ve em hũa escriptura referida pello Mestre Yepes no tomo 6. numero 49. Esta Dona Isabel tenho por muy prouauel ser Zaida a filha del Rey de Seuilha, a qual morreo de parto do Infante Dom Sancho, o que perdeo a vida na batalha de Vcles; & deuse ella (segundo graues autores) no anno de 1100. tempo em q o Infante deuia ter idade acomodada para capitaneiar exercitos. Em 17. de Nouembro de 1076. achamos el Rey Dom Afonso casado com Dona Ines, como se vé de hũ foral dado pello mesmo Rey aos moradores de Sepulueda, o qual se conserua no Archiuo do Mosteiro de Loruan, refereo o Doutor Frey Bernardo de Brito, & eu o vi naquella casa, & he escriptura original, em q não pode auer duuida. Tambem o Bispo de Tuy faz el Rey casado com Dona Ines por este mesmo tempo. Do anno de 1080. até o de 1092. tinha el Rey por mulher a Rainha Dona Costança, como consta de varias escripturas; hũa do Mosteiro de Sahagum, mostra estar ja casado com Dona Costança a 8. de Mayo do an-

no de 1080. E outra do Conuento de Arouca faz ainda viua a Rainha aos tres das Calendas de Janeiro da era de 1130. que he a 30. de Dezembro do anno de 1091. Destas duas Rainhas não escreuê os autores antigos a familia, nem ainda declaraõ de que nação fossem. E posto q o liuro da biblioteca Floriacense pouco ha diulgado mostre ser Francesa a Rainha Dona Costança, de Dona Ines não sabemos ainda a patria nem os parentes. Dona Bertha era mulher del Rey Dom Afonso em 13. de Feureiro do anno de 1095. como consta de hum priuilegio dado em fauor do mosteiro de saõ Seruando de Toledo, & chega sua memoria ate o anno de 1099. Desta Princeza diz o Bispo de Ouedo Dom Paio, ser natural de Toscana; & despois della casaria el Rey com Dona Britis, a qual afirma o mesmo autor, que morto el Rey se tornou para sua terra, sem nomear qual fosse.

Conforme a esta computação, o casamento del Rey Dom Afonso com a Rainha Dona Ximena deuia ser do anno de 1076. ate o de 1080. entre Dona Ines, & Dona Costança, pois o Summo Pontifice o mandou separar no anno de 1080. E assi a Rainha com que teue parentesco Dona Ximena, foy Dona Ines, como fica claro da relação proposta, & como da Rainha Dona Ines se não saiba patria, nem parentes, assi de Do-

*Cartorio  
de Arouca  
no liuro  
das doas.  
gêis.*

*Mariana  
lib. 10. c. 5.*

*Brit. hist.  
Lusit. li. 7  
c. 30.  
Sandoual  
na fund.  
domost. de  
Sahagũ.*

*Yepes. 6.  
Brito ubi  
sup.*

na



na Ximena não podemos affirmar cousa certa. Só sabemos que deuião ser filhas de grandes Principes, pois alcançauão matrimonio de hum Rey tão poderoso; & temos por muy prouauel serem ambas de Espanha decendêtes dos Reys antigos de Leão.

Seguindo esta resolução, se pode responder a autoridade do Bispo de Ouedo (que era o primeiro argumento referido no capitulo passado) que vsaria daquelle modo de falar, & nomearia por concubina Dona Ximena, por ver que seu matrimonio foy nullo, & como tal dirimido. Quanto mais que este autor (não desfazendo em seu credito) nomea as molheres del Rey Dom Afonso com pouca ordem, encontrando nisto a certeza das escrituras, & assina tambem por concubina a Zaida, mãy do Infante Dó Sancho, a qual todos os autores Castellhanos fazem molher del Rey legitima; & parece que se conuece, pois seu filho se viuera, ouuera de herdar a Coroa; pello que o dito deste autor não tem força cõtra nossa resolução, a qual supposta a modificação apontada de ser este matrimonio celebrado, & despois dirimido, fica sendo certa, & mais tendo em confirmação o Breuallegado do Sumo Pontifice.

Resta a duuida principal tocada no capitulo antecedente. Que ouueraõ de herdar os Reynos

de Leão, & Castella as filhas da Rainha Dona Ximena, ainda q o matrimonio de sua mãy fosse annullado; porque quando em Espanha se fazião semelhantes apartamentos entre os pays, os filhos auídos até aquelle tempo não perdião aução à herança dos Reynos. E para que deixe outros exêplos, basta o del Rey Dó Fernando o Terceiro, que chamaão o São, filho del Rey de Leão Dom Afonso, & da Rainha Dona Berenguella Infanta de Castella; o qual sendo o matrimonio de seus pais julgado por nullo, succedeo com tudo em ambas as Coroas; pello direito que seus pais lhe comunicarão. Porem a esta duuida de tanta importancia se darà satisfação em o capitulo que se segue.

## CAPIT. XIII.

*Mostrase como a Rainha Dona Tereja teue aução à herança dos Reynos de Leão, & Castella, referẽse escrituras notauels.*



Em primeiro lugar supponho, o que he certo, & admittem os escriptores mais attentados, que quando el Rey Dom Afonso Sexto casou suas filhas com os Principes Franceses, se não persuadio viesse algũ dells, ou seus filhos

*Sandoval  
na chron.  
de Afonso  
6. fol 83.  
& na chron.  
de Afonso  
7. fol 7. 619*

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

filhos a herdar os Reynos de Leão & Castella; assi por ter então Principe herdeiro, como por estar casado, & poder esperar varão successor. Acrescento que o casamento do Conde Dom Raymundo com a Rainha Dona Vrraca nunca foy aprasiuel a el Rey Dom Afonso, nem o Infante Dom Afonso filho destes Principes foy muy fauorecido do auô; o que se vio bem claro, pois por morte do Cõde Dom Raymundo, fez casar segunda vez a Rainha com el Rey de Aragão, com intento de procederem delles successores, & se não alienar o Reyno da varonia dos Principes Espanhoes. O que se confirma bem, pois limitou por seu testamento ao Infante Dom Afonso filho de Dona Vrraca só o senhorio de Galiza, como algũs escreuem, o que parecia delnecessario, se este Principe fora herdeiro forçado por via de sua mãy.

Suppostos estes principios recebidos em historias de Espanha, digo que por morte del Rey Dõ Afonso ouue guerras sobre a successão de seus estados. E quanto aos outros Principes, bem confessão quasi todos os autores pretenderão a successão cada hũ por sua via. El Rey de Aragão, a Rainha Dona Vrraca, & o Infante Dom Afonso seu filho, & assi (dizem) se diuidirão os Reynos em tres parcialidades. Eu digo que tambem o Conde Dom Henriq

pretendeo esta herança pello direito da Rainha Dona Tareja sua mulher. Confirmame neste pensamento alem da legitimidade da Rainha na forma referida, o ver as terras de Leão, & Galiza que adquirio o Conde pellas armas, & saber, como estas perseverarão no senhorio de Portugal ainda despois de sua morte, & vltimamente hum contrato celebrado entre as Rainhas de Portugal, & Castella, o qual logo relatarei, de que se colhe bé a aução da Rainha de Portugal à Coroa daquelles Reynos.

Primeiramente consta de nossas historias, como o Conde Dõ Henrique, morto el Rey Dom Afonso se enuolueo nas guerras de Galiza, & Leão, tomou muitas terras, & tinha tratado com os da cidade de Leão, para se lhe entregarẽ até certo tẽpo. Isto confessão nossos autores, sem inquirir a causa destas guerras) antes suppoem como algũas terras de Galiza pertencião ao Conde Dõ Henrique, por occasião do dote de sua mulher, o que he falso, pois seu senhorio ao principio não passaua do rio Minho, como temos mostrado por escritura autentica, & antiga. Os autores de Castella dizem, que o Conde Dõ Henrique se embarçou nas guerras de Leão, & Galiza, fauorecendo ora hũs Principes, ora outros, primeiro ao Infante Dõ Afonso contra sua mãy, despois a el Rey de

Na hist.  
de S. João  
da Pena

de Aragão contra a mesma Rainha. Mas contra esta resolução temos o parecer de graues autores Aragoneses, os quaes dizem que el Rey de Aragão não moueo as armas contra Castella, & Leão, senão despois da morte do Conde Dom Henrique, & assi mal se podia valer de sua ajuda. E eu não sei qual ella podia ser em fauor daquelle Rey, ou primeiro do Infante; se o Conde Dom Henrique retinha em si as terras que conquistaua. Pois isto era tratar de sua conueniencia, & não da alhea.

Mais. He certo, que as terras de Galiza adquiridas pello Conde Dom Henrique, não só se conseruarão em tempo da Rainha Dona Tareja sua molher, mas dellas se fazia então guerra, em que se mostra se proseguia o mesmo direito intentado pello Conde. Em o primeiro liuro dos foraes da Torre do Tombo ha hũa doação de São João de Alpendorada, feita pella Rainha Dona Tareja a Sarracino Viegas, em 8 de Janeiro do anno de 1123. em que se contém as palauras seguintes notauéis a este intento. *Et pro eo quod stetiisti in seruitio meo apud Lobeiram per vnum annum integrum cum tua expensa, &c.* E mais abaixo. *Et pro alijs seruitijs quos mihi fideliter fecisti in terra Christianorum, & Sarracenorum.* Dá a Rainha as razões porque fazia aquella merce a Sarracino Viegas, & hũa era auer esta-

do em o castello de Lobeira a sua custa hũ anno; outra, varios seruiços que lhe fizera em terra de Christãos, & de Mouros. A assis-tencia em Lobeira terra de Galiza, bem mostra auer ali presidio de Portugueses, os seruiços em terra de Christãos, & de Mouros, bem dão a entender como em ambas as partes auia guerras; que eraõ os seruiços ordinarios daquelle tempo.

Faz mais em confirmação o contrato seguinte celebrado entre as duas Irmãas Rainhas de Portugal, & Castella, em que a de Castella offerece muitas terras a sua irmã, para que lhe seja boa amiga, não lhe faça guerra, antes a fauoreça cótra seus inimigos. A escriptura he importantissima, & assi pareceo conueniente propola na forma que está em o liuro fidei da Sè de Braga, & diz assi.

*Hoc est iuramentum, & conuenientiam, quod facit Regina Donna Vrraca ad sua germana Infanta Donna Tareja, que le sedat amica per fide sine malo engano, quomodo bona germana ad bona germana, & quod non faciat morte de suo corpore nec prisione nec consilio prefacere, & si lo consiliado tenet que lo desfaiat, & dat Regina ad sua germana Zamora cum suis directos, Exemea cum suis directos, Salamanca, & Ripa de Torme cum suis directos, Auila cum suis directos, Arzualo cum suis directos, Manlas cum suis directos, Tudela, & Medina de Zo-*  
frangue

Torre do  
Tombo li.  
1. do foral  
da leitura  
velha fol.  
25.

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

*frangue cum suis directos, Touro cum suis directos, Torre cum suis directos, Medina Pausada cum suis directos, Senebria & Riparia, Valdaria & Baroncelli cum suis directos, Talaueira, & Couria cum suis directos, Simancas & Morales, que stant pro ad iudicio de Egas Gundezindis, & de Gueda Menendiz, & de el cum Domino Munio cum Fernando Ioanni, & Exemeo Lopez qui se potuerunt aduenire que sit, & si non mittant sortes quales iurent, & quos iurarent leuent illam. Et que sit ista honor que la Regina da a sua germana quomodo aliera que illa tenet, que le adiuret de emparar, & defender contra Mauros, & Christianos, per se & sine malo engano, & hermia, & populata quomodo bona germana ad bona germana, & quod non coliat suo vassalo cum suo honore, aut aleiuoso qui voluerit ex cumduzer cum iudicio directo, quod si illa Regina isto iudicio non attenderit, que des illo die que le demandar la Infanta ad X. dies si illa noluerit integrare quod nos sedemus soltos, & vos periuratos extra quantum la Infanta voluerit attendere atenante.*

*Liuro fi-  
dei.*

Este latim he tão barbaro, que mal se pode declarar, parece que diz assi. Este he o juramento, & contrato, que faz a Rainha Dona Vrraca a sua irmãa a Infanta Dona Tareja, para que lhe seja amiga a boa fé sem mau engano, como boa irmãa a boa irmãa. Que não trate de sua morte, nem prize, nem dê para isto conselho, & se o tem dado que o desfaça.

E dá a Rainha a sua irmãa Cãmora com seu termo, Exemea com seu termo, Salamanca, & Ribeira de Tormes com seu termo, Auila com seu termo, Areualo com seu termo, Manles com seu termo, Tudella & Medina de Zofrangue com seu termo, Touro com seu termo, Medina, & Pousada com seu termo, Seabra, & Ribeira de Valdes, & Baroncelli com seu termo, Talaueira, & Coria com seu termo, Simancas, & Morales. Que estaão pello parecer de Egas Gonzendes, & de Gueda Mendes, & com o que der Dom Munio, Fernam de Annes, & Exemeo Lopez, os quais se se puderem auer, que seja assi, & se não que lancem sortes, & as jurem, & estejam pela que cair, & que seja esta a honra que a Rainha dà a sua irmãa, como outra que tem, a qual lhe jure de a amparar, & defender contra Mouros, & Christãos por fé, & sem mau engano, ou a veja só, ou acompanhada, como deue fazer boa irmãa a boa irmãa, & que não recolha seus vassallos com honra, ou empare aleiuoso que quizer escapar da ordem direita da justiça. E em caso que a Rainha não esteja por este juramento, que do dia que a Infanta lhe requeira a promessa a quarenta dias se lhe não quizer fazer entrega, que nos sejamos liures do juramento, & vos auidos por perjuros desde o tempo que a Infanta quizer atentar por isto em diante.

Duas

Duas cousas importantes se colhem desta escritura. A primeira a soberania, & isenção do Reino de Portugal, pois vemos como a Rainha de Castella para alcançar o fauor de sua irmãa lhe offerece tão grande parte de seus estados, & de uendose algũa ajuda, ou se não faria semelhante promessa, ou se faria della algũa memoria. A segunda cousa que cõ muita probabilidade se deduz, he o ponto que imos tratando, que a Rainha de Portugal pretendia a herança daquelles Reynos, & por bem de pazes, para que lhe não mouesse guerra por esta causa, dimittio de si a Rainha de Castella tão grande parte de seu senhorio. E ainda que esta promessa não veyo a effeito, nem por isso se deue pôr em duuida o contrato, & as causas delle, pois a estas fazem prouaueis as conjeituras, & discurso proposto, aquelle assegura o Archiuo de Braga, & o liuro fidei escrito ha mais de quatrocentos annos. E quanto a não se pôr em execução a promessa da Rainha Dona Vrraca, seria porque seu filho o Emperador Dom Afonso, não consentiria no contrato, ou aueria outras razões, q̃ nos agora não alcãçamos.

Hum argumento efficaç a primeira vista se pode oppôr ao discurso presente, & he, como não tratou el Rey Dom Afonso Henriques de proseguir o direito que lhe tocava, sendo hum

Rey de tanto brio, & valor, como a todos he notorio. Respondendo, que por morte do Conde Dom Henrique ficou este Principe minino de dous, ou tres annos, como mostrarei adiante, & quando entrou no gouerno de Portugal, ja seu Primo o Emperador Dom Afonso estaua seguro na posse de seus Reynos, & tinha firme seu senhorio, sendo o poder de Portugal era naquelle tempo mais limitado, pois não comprehendia ametade do Reyno, & assi mal poderia preualecer contra o Emperador, & mais estando diuertido com as discordias domesticas, & com a guerra continua dos Mouros. Acrescento mais que entre el Rey Dom Afonso Henriques, & os Reys de Leão ouue algũas vezes guerras, a noticia das quais em muita parte não chegou a nossos escriptores (como veremos.) E muito menos as causas dellas: as quais segundo a historia dos Godos, & outras forão da parte del Rey de Portugal, proseguir o mesmo intento do Conde D. Henrique na conquista de Galiza, & Leão, & da parte do Emperador querer tomar Portugal, pella concessão da Rainha sua tia, ou para pagar a seu primo na mesma moeda. Pello que me resoluô teue a Rainha Dona Tareja aução aos Reynos de Leão, & Castella, a qual se proseguio pellas armas, & pudera preualecer, se a morte do Conde

## Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.

Dom Henrique a não atalhara. E que della se conuence bem a legitimidade da mesma Rainha, & a soberania, & isenção de Portugal, ainda que não limitamos só a estes fundamentos á certeza destes pontos, pois por outras muitas vias se mostraõ prouaueis como fica prouado.

### CAPIT. XV.

*Do principio do Governo do Conde Dom Henrique, dos Principes Christãos, que então auia, refere-se a ida do Conde á Igreja do Apostolo Santiago.*

1095.

**Q**UANDO o estado de Portugal foy dado ao Conde Dom Henrique, presidia na Igreja de Deos o Papa Urbano Segundo venturoso pella insigne expedição da terra Santa, que emprendeo (como adiante veremos.) Teue trabalhos nacidos da rebelião do Emperador Henrique Quarto, o qual deu causa a se continuar Schisma. Faleceo o Pontifice no anno do Senhor de 1099. deixando as cousas de Italia se não de todo quietas, mais pacificas. Foy varaõ de vida exemplar, muy deuoto de Nossa Senhora, ordenou se refasse seu Officio menor. Foy douto, compôs

algũs liuros, acrecentou decretos importantissimos no direito Canonico.

O Imperio do Occidente governaua Henrique Quarto do nome, desobediente a Santa Sé Apostolica, & causa de grandes perturbacoẽs na Republica Christãa. Estaua discorde com seu filho, & successor Henrique Quinto, & quasi desapossado do Imperio q̃ governou até o anno de 1096. Iusto juizo de Deos em ser perseguido do filho, pois encontraua a liberdade Ecclesiastica, & perseguia a sua mãy a Igreja Catholica. Imperaua no Oriente Aleixo Comneno, Principe de grande valor, & bemafortunado, faleceo no anno do Senhor de 1110. Succedeolhe, seu filho Ioão Comneno.

Rey de França era Phelippe, cuja felicidade se acreditou com os augmentos da Religião Christãa, promovida com as armas, & foygeitos de seu tempo, & Reyno; pois por aquellas se deu felice remate á jornada da Terra Santa, propria da nação Francesa, com estes se acrescentou a multidão de Santos, Pontifices, & Fundadores de Religioes, qual foy da Cartuxa, & a nossa Cisterciense. Veyo a morrer no anno de 1109. Tomou o sceptro seu filho Luis que chamarão o Gordo.

Em Espanha alé do q̃ possuia elRey Dom Afonso o Sexto, governaua o tocante a Aragão, & Navarra Dõ Afonso o I. O restante

stante pertencia ao senhorio dos Arabes.

1096. Tomando o Conde D<sup>o</sup> Henrique o gouerno de seus estados, tenho por prouauel conuocou logo Cortes a Guimaraes, de que ha memoria em algus autores, & nellas aconteceu o milagre que se refere na vida de São Giraldo, de liurar este Santo hum homem principalissimo do poder do diabo, o qual se tinha apoderado delle por ouzar a entrar na Igreja, & assistir á Missa estando excomungado. Chamauase Egas Paes, & he prouauel ser o de Penagate, fundador do Mosteiro de Rendufe.

Nesta occasião, ou pouco depois entendo se deu o foral á nobre villa de Guimaraes, de que ha memoria na Torre do Tombo, tratando este Principe logo de engrandecer esta villa, de que fez eleição para assento de sua Corte; & o Ceo a tinha destinada para patria do felicissimo Rey Dom Afonso Henriques.

1097. No anno seguinte de 1097. temos hum testemunho celebre da piedade do Conde Dom Henrique, & de sua mulher a Rainha Dona Tarcja. Pertencia á Igreja do glorioso Apostolo Santiago á villa de Cornelhã por concessão del Rey Dom Ordonho Segundo, & de sua mulher a Rainha Dona Eluira. Dom Afonso o Magno, pay de Dom Ordonho deixara ao glorioso Apосто-

lo certa quantidade de dinheiro, & em seu lugar applicou D<sup>o</sup> Ordonho a villa de Cornelhã, & seu termo, para com suas rendas fazer a esmola perpetua, & foy feita a doação em 15. de Janeiro da era de 954. que he anno de 916.

El Rey Dom Fernando o primeiro confirmou esta esmola no principio de seu Reynado, dando grandes fauores, & isenções aos moradores desta terra; & sendo despois informado como eraõ maltratados, & oprimidos por algus pessoas poderosas (nomeaõse Diogo Tructelindez, Sifnande Annes, & Tedom Telles) passou carta de fauor para impedir a oppressão daquelles pouos, & obrigar as justicas a que os defendessem, he sua data em Março do Anno de 1064. estando el Rey em Santiago com toda sua Corte, & pellas circunstancias do tempo, & grande numero de senhores, & Prelados que acompanhauão a el Rey, se mostra foy esta visita pouco depois da tomada de Coimbra, & em reconhecimento da grande merce que o sagrado Apostolo fez aos fieis, ajudandoos visivelmente naquella empresa, como consta de graues autores, os quais referem retelações, & milagres feitos em proua della verdade.

Não se teue muito cuidado de pôr em execução o que el Rey

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

Dom Fernando mandára. Os mesmos ministros del Rey, a quem tocava mais a obſervancia dos ſeus mandados, forão os primeiros que encontraraõ aos moradores de Cornelhã ſuas liberdades. Entravaõ por ſeus coutos, deſtruiaſ ſuas deuezas, impedião o paſto a ſeus gados, & finalmente os trataraõ em forma, que vendo elles a pouca juſtiça de ſeus naturaes, ſe valerão dos eſtranhos, recorrendo por vezes à ſanta Sé Apoſtolica, com cujo fauor bem poderão ſer defendidos, ſe a peruerſidade dos maos ſenão atreuera ainda contra os preceitos ſagrados. Quando o Conde Dom Henrique tomou o gouerno de Portugal, ſe perſeueraua em o mau tratamento, & agrauo dos vezinhos deſta terra. Não ſofreo o piedoſo Principe, ſendo aduertido diſſo, que os innocentes padeeſſem mais pena, nem que a impiedade dos maos preualeceſſe. Interpôs ſua autoridade, & vindo com a Rainha Dona Tareja ſua molher tomou muito a ſua conta a deſenſaõ deſta terra, patrimonio do glorioſo Apoſtolo Santiago, como bem ſe deixa ver na eſcritura ſeguinte, a qual tambem ſe conſerua no Archiuo Real junto com as outras dos Reys paſſados, de que fiz menção.

*Glorioſo, & venerabili patrono noſtro Domino Iacobo, cuius corpus tumulatum digna ſepultura manet in fi-*

*nibus Ameæ.*

*Ego Henricus Comes Portugalenſis, pariter cum vxore mea Tareſia Imperatoris Toletani Domini Adeſonſi filia, conſentientibus noſtri palatii maioribus, quia in noſtro dominio, & di-  
ctæ Eccleſiæ conſiſtit omnis Portugaleſis prouincia, huic Apoſtolo fieri hoc commiſſorium, & teſtamenti ſcripturam elegimus, qualiter de noſtra uſſione, & firmo præcepto viuetur omnis penuria ab omnibus habitantibus in villa Corneliana, quam illis inferbant Regij Saiones in colligendis lignis, & materia, vel exitu, & ſuorum pecurum paſcuo, vnde dum plerumque dominis, & ſenioribus Apoſtolica aule fuiſſet prolata querimonia; & nos amore huius Apoſtoli venientes cauſa orationis, eorum præcibus rogati, inuenimus, quod prædicta villa Corneliana cum medietate de Monte maior, ou Nabor per ſuos terminos antiquos fuit conceſſa a prioribus Regibus ad hunc locum ſanctum, quod nos poſt eius pietate. & ſuorum Clericorum ab omni integritate confirmamus. Et quia contra Regales villas, & caſtella noſtra plus habentur nemora, de hodie die in illo noſtro damus licentiam cunctis habitatoribus de ipſa villa, vt colligant ligna, & materia, & habeant exitum, & paſcua in omni circuitu vbi voluerint, & non ſit auſus aliquis, neque Vicarius, neque Saion, aut poteſtas, qui impedimentum ei faciat, vt ſecundum ipſi habuerint licitum, ita & nos mereamur in die iudicii cum omnibus Sanctis huius Apoſtoli præcibus ſuffulſi introire in regna Celorum. Amen, &c.*

*Faêla*



*Ecce huius scripturæ confirmatio V. Idus Decembris. Era I. C. XXXV. Henricus Comes, & coniux mea Tareja, qui sunt ibi de Portugali. Suarius Nunici confirmat. Nunnus Pelatij confirmat. Pelagius Guterrici confirmat. Rodericus Froilaz confirmat. Petrus Songemirez confirmat. Suarius Menendici confirmat. Pellagius Ollidiz confirmat. Veremundus Guterris confirmat. Petrus Aluanici confirmat. Pellagius Godesteis iudex confirmat. Petrus Danielis iudex confirmat. Traduzida em Portugues diz assi.*

Ao glorioso, & veneravel padroeiro nosso o senhor Santiago, cujo corpo jaz dignamente enterrado em os confins de Ameal.

Eu D<sup>o</sup> Henrique Conde dos Portugueses, juntamête com minha molher Dona Tareja filha do Emperador de Toledo D<sup>o</sup> Afonso consentindo nisto os Grandes de nossa Corte; porque debaixo de nosso dominio, & da dita Igreja se comprehende toda a prouincia de Portugal, nos pareceo offerrecer a este S. Apostolo esta dadiua, & escriptura de testamento, para q<sup>ue</sup> por nosso mandado, & ley firmissima os moradores de Cornelhã fiquem liures da pobreza em que os punhão os ministros Reais, impedindolhe a colheita da lenha, & as entradas & saídas necessarias ao pasto de seus gados, por cuja causa algũas vezes se queixarão aos Principes da See Apostolica. E nos vindo em ro-

maria, pello grande amor que temos a este Sagrado Apostolo, achamos (mouidos de suas petições) q<sup>ue</sup> a sobredita villa de Cornelhã, & ametade de Montemayor ou Nahor nos seus limites antigos foraõ concedidas pellos primeiros Reys a este lugar sagrado. E isto mesmo confirmamos inteiramente, assi pella deuacão do Santo, como, como pella piedade que temos de seus clérigos. E porque para a parte das villas Reais, & Castellos de'nosso senhorio ha mais bosques, & matas, damos licença doje em diante no que he nosso a todos os moradores desta villa, que possaõ cortar paos, & madeira, & tenhaõ sua entrada liure, & escolhão pastos em todo o circuito da terra, onde quer que quizerem, & não seja algum ouzado, quer seja Vigairo, quer Alcaide, ou Potestade, que lhe ponha a isso impedimento: para que conforme a licença que lhe damos, assi taõbem nos por intercessão do Santo Apostolo mereçamos alcançar no dia do juizo a entrada do Reyno do Ceo em companhia dos mais Santos. Amem. Foy feita a confirmação da presente escriptura a cinco dos Idus de Dezembro, na Era de 1135. Henriq<sup>ue</sup> Conde, & sua molher Dona Tareja. Os que estauão ahi de Portugal. Sueiro Nunes cõfirma. Nuno Pais cõfirma. Paio Guterres confirma. Rodrigo Forjas confirma.

## Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.

Pedro Songemiris cófirma. Sueiro Mendes cófirma. Payo Ollides cófirma. Vermuy Guterres cófirma. Pedro Aluares cófirma. Payo Godeltes Iuiz cófirma. Pedro Daniel Iuiz cófirma.

### CAPIT. XVI.

*Dos principios que teue a sagrada Ordem de Cister, & como os Chriſtão, fizeram jornada à terra Santa, & ganharaõ a Ierusalem.*

1098.



Grandes cousas succederaõ no fim deste seculo, & o fizeram famoso, & bem afortunado. Duas forão principaes, a primeira a instituição da Sagrada ordem de Cister; a segunda, a conquista da terra Santa, as quizes merecem ser particularizadas; nem vem fora de nosso instituto, pela grande correspondencia que ouue entre esta Religião, & o Rey no de Portugal logo em seus principios, & porque a expedição de Palestina foy geral a toda a Chriſtandade, & denemos aueriguar a parte q̃ coube a nosso Reyno.

Teue a Ordẽ de Cister, a qual por outro nome se chama de S. Bernardo, principio no Reyno de França, no Ducado de Borgonha em hum lugar solitario chamado Cister, donde tomou nome. Seu primeiro fundador foy

São Roberto de sangue illustre, & santidade rara, & natural da prouincia de Campania, que he no mesmo Reyno de França. Sendo primeiro religioso de S. Bento, & Abbade do mosteiro de Molismo, com desejo de mayor perfeição monastica se retirou para Cister com algũs religiosos, que o quizerão imitar nella santa empreza, & fundando noua Abbadia, & noua Ordem Floreceo com mayores finaes de santidade, mostrando bem ser esta mudança ordenada pello Ceo, & principiada por hum Santo, que estando ainda no ventre de sua mãy fora adoptado pella ſacratissima Virgem Maria com hum anel q̃ a sagrada Virgẽ lhe offereceo em ſinal de celestial despoſorio. Daqui naceo ficar noſſa religião sagrada auinculada ao ſerviço da mãy de Deos, que tanto dante mão a eſcolhera, dedicar a ſeu ſantissimo nome todas ſuas caſas, & reconhecera ſempre por particular padroeira, & auogada; titulo que a Sagrada Virgem reconheceo muitas vezes, & confeſſou com grandes milagres. A ſanta Leogarde inspirou, & agradeceo deſpois a mudança que fez do habito negro para a Ordem de Cister, por eſtar fundada eſta religião debaixo de ſeu emparo. Ao confeſſor do Papa Innocencio Terceiro mandou que aduertisse, & impedisse certa penſam. que ſe impunha a eſta Ordem q̃

*Surto na vida de S. Robert.*

*Iacobo Vatriaco na hiſtor. do Occiden. cap. 14.*

*Varios autores navi da de Lucgarde. Vide Bernardin. de Villegas.*

*Bzeuius an. 1207. n. 9.*

*Cefario no dialog.*

era

Repeto 7  
an. 1099.  
fol. 11.

Chron. da  
Ordem de  
Cister.  
Repeto 10.  
7.

Cathalo-  
go de Fr.  
Angelo  
Mantij  
Melan.  
nas ad li-  
gois dos  
Santos de  
Frades.

Montalu.  
na Chron.  
de S. Ber-  
nardo.

era sua. Outros lanços ouue ordenados a este fim, de que estão cheas nossas Chronicas; entre os quais aponto a mudança do habito negro em Branco, que ou fez por Ordem da gloriosa Virgê, ou por conuersão sua milagrosa. A vocação de nosso Padre S. Bernardo, flor, & lume da Igreja do Senhor, & tão grande deuoto, & fauorecido da Mãe de Deos, como todos sabem. Com a entrada deste Santo na casa de Cister se dilatou marauilhosamente esta noua planta em forma, que em breue tempo se fundaraõ pello mundo 700. Abbadias, & as 160. por ordem do Santo. Depois por discurso de annos com augmento notauel chegaraõ a dez mil, as seis mil de Monges, & quatro mil de Religiosas. Daqui se encheo a Igreja do Senhor de pessoas insignes em santidade, letras, & dignidades. Causa admiracão considerar o que grandissimos autores deixaraõ escrito destas graças. Ha cathalogo em que estão escritos os Santos mais principais desta Ordem pellos dias do anno, & se conta em algũs delles hũ grande numero. Ia em certa occasião impidio o capitulo geral de Cister se uão canonizassem mais Santos de sua Ordem, porque a multidãõ lhe não diminuiffe o respeito. De Summos Pontifices contão sete os autores, que examinão melhor este ponto, & escreuem com mais limite. De Car-

deaes, & Prelados inferiores hum grande numero. O certo he, que so do mosteiro de Claraual lairãõ em pouco mais de trinta annos hum Papa, seis Cardeaes, Bispos & Arcebispos quatorze. De escriptores, & Doutores fazem nossos Chronistas relaçoẽs copiosas, que a mi se me não concede pôr neste lugar, nem fazer mais detença nas excellencias desta Religião sagrada. Os doutos as terãõ sabido de varios escriptores, para gente de menos lição ha liuros em vulgar que trataõ dellas; nos quais poderãõ ver os Cathalogs de Santos que dizemos, numero grã de de milagres, de fauores do Ceo, de seruicos feitos a Igreja de Pontifices, de Ecclesiasticos escriptores. Hũa sô cousa apontarei por vltimo remate, & he, que cõfer esta sagrada Ordem benemerita da Igreja Catholica, & de todos os Reynos da Christandade, o Reyno de Portugal lhe está em mayor obrigação, pois alem de o illustrar com a santidade de seus Monges communicada nos primeiros annos, parece que tomou a sua cõta a protecção deste Reyno, alcançandolhe multiplicados fauores do Ceo, & terra. Em abono daquelles veremos no discurso desta historia as conquistas de Santarem, de Lisboa, de Trancoso, jornada de Seuilha, vitoria de Aljubarrota, & outros prosperos successos, nos quais interueo particular socorro de São Bernardo,

Gaufredo  
nauida de  
S. Bernardo.  
do.  
Repeto cen-  
sur. 7.

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

& de seus filhos: em testemunho dos fauores da terra baste o que nosso Santo alcançou a el Rey Dom AfonsoHenriques na inueftidura do Reyno, por cuja causa o mesmo Rey fôgeitou seu Rey no ao mosteiro de Claraua, tomando por padroeira delle a mesma Rainha dos Anjos, que era auogada da Ordem Cisterciense, como adiante mostraremos. Dônde não sem particular mysterio parece que ordenou o Ceo tiuefsem principio o Reyno de Portugal, & a Ordem de Cister quasi em hum mesmo tempo, pois alé de outras correspondencias no emparo da Mãe de Deos auiaõ de ser semelhantes.

A segunda cousa que de todo illustrou este século, & lhe deu glorioso remate foy a celebre conquista da santa cidade de Ierusalem, a qual se ganhou de poder dos infieis a 15. de Agosto do anno de 1099. Tinha os annos passados o Summo Pontifice Urbano Segundo mouido a esta empresa os Principes da Christandade a instancia do Santo Pedro Heremita, o qual visitando os lugares sagrados, vira com seus olhos as misérias, & oppressões dos Christãos daquellas partes, & fazendo volta a Italia soube representar aõ Papa o miseravel estado daquelles pouos, q̃ ajuntando o Pontifice Concilio em Claramonte, persuadio aos Principes Christãos a muita importancia

que auia de se pôr em liberdade a Christandade de Syria, & liurar de catiueiro o santo Sepulchro do Saluador do mundo. Parece que fauoreceo Deos o zelo do Pontifice comunicando extraordinario esforço aos fieis que se acharaõ presentes, o qual se deriuou em breue por toda Europa; não sô se approuou a empresa, mas quasi a competencia se offereciaõ para ella, populares, nobres, Principes, & Reys aceitaraõ a insignia da Santa Cruz (diuifa q̃ então se começou a dar aos que se alistauão para a guerra sagrada, pondolhe no ombro hũa Cruz de grãa, ou panno vermelho, dônde depois se vieraõ a chamar os Cruzados.) Os príncipaes senhores que então se resolueraõ de passar a Syria, forão Hugo o grande irmão de Filippe Rey de França, Roberto Conde de Normandia, o Conde de Flandes, o de Bles, o de S. Gile Tolosa géro del Rey Dõ Afonso o Sexto de Leão, & Castella, & ontros muitos, entre os quais era muy celebrado Godfredo Duque de Loreina Principe de valor, & piedade rara, a qual manifestara bẽ naquella occasiõ, vendendo, & empenhando seus estados para os gastos da guerra.

Não he meu argumento contrar cõ particularidade os varios acontecimentos que os Christãos tiueraõ no caminho, as difficuldades que se lhe offereceraõ, as batalhas que vencerão, as cidades que

1099.

Gaithel.  
Tyri. Ar-  
chiepisc.  
da guer-  
ra sagra-  
da lib. 1.  
cap. 14. & 15.  
17.

Vitriac.  
na histor.  
Occident.

Paul. E-  
mil. na vi-  
da de Phi-  
lippe 1.

que ganharaõ, nem o tempo que gastaraõ em todas estas couças. Basta sabermos que no anno, & dia referido puserão feliz remate a seus trabalhos, & entrarão por força de armas a santa cidade de Ierulãlem, depois de a terem cercada, & combatida 15. dias continuos. A alegria que causou a todos os fieis a noua deste successo não he necessario referila. Só he de considerar, que não foi o Senhor seruido a gozasse o Summo Pontifice Urbano, principal autor de taõ santa obra, porq̃ falleceo antes de chegar a noua. Parece q̃ na celestial Ierusalem (aonde he de crer que o leuou Deos em premio de suas grandes virtudes) quis que foubesse, & se alegrasse deste bom successo. Na santa cidade elegeraõ os Christãos por Rey o Duque de Loreina, & em Roma puserão os Cardeaes em lugar de Urbano a Pascoal Segundo do nome, Monge do mosteiro de Cluni, como seu antecessor o auia sido. Deste Summo Pontifice alcançou o Arcebispo de Braga S. Giraldo grandes preminencias para sua Igreja, & para este effeito se foy a Roma. Mas

desta jornada, successos, & dependencias della trataremos com mais opportundade nos capitulos seguintes.

## CAPIT. XVII.

*Da jornada que fez a Roma o Arcebispo de Braga S. Giraldo, das preminencias, & fauores que alcançou do Summo Pontifice.*



Arcebispo de Braga S. Giraldo tanto que se vio có a obrigação de Pastor, & encargo daquella Igreja, tratou com muito cuidado de a restaurar no espiritual, & temporal ao estado da antiga felicidade, que com a entrada & oppressão dos Arabes estaua diminuido em ambas estas couças. Acudio com orações, doutrina, & exemplo de vida á conuersão espiritual de suas ouelhas. Oppozse á violencia de algũs poderosos inuasores dos bens Ecclesiasticos, dos quais auia algũs nestes tempos antigos, em que se peccaua nesta materia parte por ignorancia, & parte tambem por malicia. Contra estes se mostrou bem o zelo do Santo, & seu grande animo, com que não só pode conseruar os bens daquella Igreja adquiridos em tempo de seu predecessor Dom Pedro, mas ainda restaurou no seu nouas possesões que estauão vsurpadas. E por que foubes por relação dos antigos, & escrituras que achou no Archiuo de Braga a grande dignidade

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

nidade, & preminencias desta Sè nos seculos passados; & como fora de grande resplendor entre todas as de Espanha, se resolveo em alcançar do Summo Pontifice a restituição de suas preminências, & para este effeito não duuidou pôr se a caminho para a Corte de Roma. Não relataõ as memorias antigas de que vou colhendo a força desta historia em que tempo fez o Santo sua jornada. Mas dizendo que era ja Summo Pontifice Pascoal Segundo, & dando a entender que São Giraldo a fizera pouco tempo despois de sua eleição em Bispo de Braga, a relatamos com fundamento no primeiro tempo do Papa Pascoal, & de seu Pontificado: Na terceira lição do Officio de São Giraldo, que està no Breuiario Bracharense, se cõtem estas palauras, tiradas fielmente do Latim. Foy eleito canonicamente naquelle tempo São Giraldo em Arcebispo de Braga, & consagrado por authoridade Apostolica: & indose logo a Roma foy recebido com honra do Papa Pascoal, de quem alcançou o pallio com seu privilegio, & recuperou inteiramente a dignidade Metropolitana da Sè de Braga, interrompida por causa da destruição, que os barbaros fizeram nesta cidade, &c. De sorte que faz subsequente, & immediata a ida de S. Giraldo a Roma à eleição do mesmo Santo; & como isto se não possa verificar nos annos passados até o de 1099. em que ainda era vivo

o Summo Pontifice Urbano Segundo, se conuençe seria no principio do Pontificado de Pascoal Segundo, de quem alcançou o Santo as graças referidas.

Desta jornada de S. Giraldo, & da causa della ha testemunho quasi do mesmo tempo no liuro fidei da Sè de Braga, & traduzido de Latim diz assi. Sabendo o Arcebispo S. Giraldo, & alcançando também por escrituras, que Braga fora Igreja Arcebispal, & florescera grandemente em tempos passados, como prudente, & sabio se foy a Roma a procurar lhe a dignidade antiga, a qual alcançada, & confirmada pella Santa Sè Apostolica se tornou à sua Igreja.

O grande fauor, & honra com que o Summo Pontifice tratou ao Santo, se colhe bem não só das graças, & preminencias, que lhe concedeo para a Igreja de Braga, mas de hũas palauras que escreue ao Conde Dom Henrique em recomendação delle, as quais tiradas do liuro fidei, em que também està a carta, dizem assi. *Commemoramus etiam ut ipsum fratrem nostrum Giraldum veneratione debita completaris, atque ad recuperanda ipsius Ecclesie bona deuotus adiutor existas.* He o sentido. Amoestamos vos da grande reuerencia, & veneração com que aueis de tratar a nosso irmão Giraldo, & da ajuda que lhe deueis dar na recuperação dos bens de sua Igreja.

Aduirto aos leitores que debaxo do nome de dignidade Arcebispal

*Liuro fidei da Sè de Braga. da eleição de S. Giraldo.*

*Liuro fidei citados.*

cebispal se deue entender nos lugares referidos Metropolitana, porque o nome de Arcebispos, & dignidade Arcebispal he mais prouauel se não vſou em Espanha, se não do tempo da restauração dos Mouros em diante. Mais lembro que com a preminencia de Metropolitana, que então se restituiu a Braga, se lhe renouou o direito da Primazia de Espanha que sempre teue, & por que o lugar parece accomodado para tocar este ponto, o farei cõ summa breuidade, ja que para se tratar como conuinha erão necessarios liuros inteiros.

## CAPIT. XVIII.

*Do direito da primazia de Espanha, o qual pertence à Igreja de Braga.*

**D**Vas cousas podemos considerar nesta materia; a primeira he o vſo da Primazia; a segunda o direito desta dignidade, no qual se deue aduirtir, q̃ por duas vias pode tocar a alguma Igreja a aução da Primazia; ou por antiguidade, ou por privilegio; em todos estes tres modos se propõe os fundamentos da justiça de Braga, & se responde ao que se diz pella parte de Toledo, pois he a Igreja que conserua o titulo de Primaz assi como Braga.

Quanto ao vſo se diz que sempre em Braga ouue algũs actos de Primazia. S. Pedro de Rates <sup>Sandonal no liuro do Bispo de Tuy.</sup> primeiro Bispo desta Sê ordenou Bispos em algũas cidades, como em Tuy, & no Porto, exercitando nisto officio de Primaz. Patro <sup>Ferrer no liu. 1. da hist. de S. tiago.</sup> no, ou Paterno Bispo de Braga presidio no primeiro Concilio Toledano. E no primeiro Concilio Bracharense se nomea o Bispo de Braga Bispo da primeira cadeira, & assi vemos que nos mais Concilios celebrados nesta Cidade sempre presidirão os Bispos de Braga, sendo assi que <sup>Britona 2. p. da Monarc. Lusitana. Stacio nas antig. Sebast. Cesar. no li. da Hierarchia Ecclesiast. & outros.</sup> assistião algũs Metropolitanos mais antigos na consagração. Celebrandose Concilio em hum lugar de Galiza chamado Celenas, se remeterão os decretos d'elle a Balchonio Bispo de Braga, para que os confirmasse. Os Bispos de Lugo sempre reconhecerão os de Braga por seus superiores, ainda depois que Lugo alcançou a dignidade de Metropolitano.

Costumaraõ sempre os Prelados de Braga de trazer Cruz leuantada nas terras de outros Metropolitanos, que he outro indicio de Primazia, assi o fez o Arcebispo Dom Fernando entrando em Lisboa, o Arcebispo Dom Jorge indo a Luora. O Arcebispo Dom Fr. Bartholamen dos Martyres nas Cortes de Thomar em tempo do Catholico Rey Dom Phelippe Segundo, & d'elle mesmo

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

mo se refere, que passando por Toledo, & Madrid leuou diante a Cruz leuantada, em testemunho irrefragavel de sua preminencia.

Tambem no modo de falar se confirmou sempre este uso, porque os Prelados de Braga tiuerão sempre o titulo de Primazes não só de seus vassallos, mas dos proprios Reys de Portugal, & nesta posse os conseruaõ ainda oje os Catholicos Reys de Espanha, nomeandoos Primazes nas cartas q' lhe escreuem, & ordens que lhe dirigem.

Mas porque o principal acto da Primazia consiste na sujeição vniuersal dos outros Metropolitanos, & no recurso de suas causas ao Primaz, & este pella mayor parte se não goarde, né goardasse em Espanha a respeito de algũa Igreja, deixamos este fundamento, presuppõdo o q' he certo, & confessa o Doutor João de Mariana, que tambem em Toledo falta este reconhecimento, & que fora do nome de Primazes, de q' vsaõ seus Arcebispos, são pouco mais reconhecidos, que os outros Metropolitanos de Espanha; alem de não poderem allegar os outros actos cõ a certeza, & igualdade que mostramos.

Quãto ao direito da Primazia & ao primeiro fundamento da antiguidade se diz, que a Igreja de Braga foy fundada pello Apostolo Santiago, nella ordenou o

mesmo Santo por primeiro Bispo seu discipulo S. Pedro de Rates, o qual assi como foy primeiro nomeado que nenhum outro em Espanha, assi foy o primeiro que deu a vida pella confissão da Fè nesta prouincia, & ainda em toda Europa. Chegara o Apostolo sagrado por mar á costa de Galiza, como he tradição recebida, & teue logo respeito á cidade principal cabeça desta prouincia, qual era então Braga, para ordenar nella Bispo, & assento da Primazia de Espanha. Não falta quem diga por authoridade de hũ certo Breviario Armenio, q' desembarcou o sagrado Apostolo em Carthagená, poré não nega que pella via de Merida se foy logo a Braga, & residio o mais do tempo em Galiza, confessando tambem que em Braga se ordenou primeiro Bispo que em nenhũa outra parte de Espanha.

Duas supposições são necessarias pera confirmação desta verdade. He a primeira, que a cidade de Braga foy illustrissima em tempo antigo, Colonia insigne dos Romanos, hum dos Conuentos juridicos de Espanha, a quem reconheciaõ por cabeça muitas outras cidades. A segunda, que foy ordem do Apostolo São Pedro, & de todo o collegio Apostolico que as Primazias da Igreja se ordenassem nas principaes cidades das prouincias, cabeças no temporal das outras terras, para que  
donde

*Oxea na  
hist de Sã  
tiago.*

*Idem 6. 55*



donde se promulgauão as leis hũamanas, & pendia o gouerno secular, se deriuasse tambem o Ecclesiastico. Supposto isto em algum dos Conuentos juridicos se deuia fundar a Primazia de Espanha, & como Braga fosse hum delles, cabeça da prouincia de Galiza, á qual apportou primeiro o Sagrado Apostolo, santificou com sua mayor assistencia, & escolheo para sua sepultura, bem se deixa ver que nella se instituio a Primazia, pois concorrião todas as condições que erão necessarias, & mayores que em nenhũa outra cidade.

Ia a respeito de Toledo parece o direito que Braga tem á Primazia indubitauel, por não ser Toledo em aquelle tempo cidade das que podião ter aução a esta preminencia, pois era couza pouca, & assi nunca os Romanos a escolherão para ser cabeça de Prouincia, nem assentaraõ nella algũa das Chancelarias que tinhão em Espanha. Quanto mais que reconhecendo Toledo por seu primeiro Bispo a Santo Eugenio, o qual floreceo nesta cidade peltos annos do Senhor de 64. mal pode competir em antiguidade com Braga, cujo primeiro Bispo São Pedro padeceo Martyrio (segundo dizem) no anno do Senhor de 44.

Bem viraõ algũs autores que defendem as partes de Toledo

a força destas razões, & outras, & assi deixado o direito da antiguidade, recorrem a outro de priuilegio, & huns dizem que a Primazia de Toledo tomou principio do tempo dos Godos, quando esta cidade se elegeo para cabeça de Imperio. Outros querem que só emanasse do priuilegio do Summo Pontifice Vrbaño Segundo, quando restaurada esta cidade do jugo dos Arabes ao poder dos Christãos, Dom Bernardo seu primeiro Arcebispo neste tempo alcançou para sua Igreja a dignidade da Primazia. E a este parecer como mais solido se acosta o Doutor Ioão de Mariana, reprouando o que dizem os mais autores, que recorrem a tempos antigos.

Pella parte de Braga se diz, que nem os Reys Godos podião dar Primazia, nem o Summo Pontifice, ainda que concedesse algum priuilegio teue intento de a tirar a cuja era. Porque primeiramente o Papa nãd tira o direito às partes, sem fazer d'isso especial menção, & no caso presente se não particulariza nos priuilegios de Toledo, que se priuaua a Igreja de Braga, ou outra algũa da aução que tinhão, ou podião ter á Primazia. Responde-se mais ser esta concessão em dano de terceiro, no qual caso não costuma o Principe, nem ainda pode derogar a justiça da parte; antes qualquer fauor

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

que se faça he julgado por inualido. Tambem se allega, que este priuilegio no qual se funda Toledo não foi admittido, & recebido pollas outras Igrejas, o que se verifica clamente em Portugal, aon de nunca os Arcebispos de Toledo foraõ reconhecidos por Primazes. Quanto mais que ainda que o Priuilegio de Toledo fosse admittido em algũa occasião (o q se não concede) ja ha muito que está derogado, por se não vlar delle, pois o priuilegio que por tempo de quarenta annos se não executa, fica inualido, & sem força. Allegão tambem certas nullidades no priuilegio do Papa Urbano concedido a Toledo, por lhe faltar era, subscripções, & outras solenidades com que fica perdendo o valor, & não pode dar aução algũa a Primazia.

### CAPIT. XIX.

*Em que se profegue a mesma materia da Primazia, & se mostra como pertence ao Arcebispo de Braga.*



Algũs autores Doutos, que escreuerão ha pouco sobre a Primazia de Toledo, vendo a força destas vltimas razões que se apõrão pella Igreja de Braga, não

querem desistir do direiro que Toledo pode ter à Primazia pella antiguidade. Para o que dizem que Santo Eugenio não foy o primeiro Arcebispo de Toledo, mas Santo Elpidio discipulo do Apostolo Santiago, & querem q o mesmo Apostolo indo em pessoa a Toledo, fizesse à Igreja desta cidade Primaz de toda Espanha. Em fauor desta opinião citão a Dextro, & outros autores antigos, que pouco ha se diuulgão.

E quanto ao fundamento do priuilegio, porque também querẽ que Toledo goze a mesma dignidade, dizem que não só o Papa Urbano o concedeo áquella Igreja, mas declarou competilhe de tempo antigo, o q cõfirmatão algũs Pontifices seus successores, ficando com isto os Metropolitanos de Espanha sogeitos ao Arcebispo de Toledo, como se vio em algũas acções particulares, qual foy a deposição de Mauricio Arcebispo de Braga, feita por Dom Bernardo Arcebispo de Toledo, & a obediencia que deu ao Arcebispo de Toledo Dõ loão Arcebispo de Braga.

Vltimamente querem, que no Concilio Lateranense em tempo do Papa Innocencio Terceiro vencesse o Arcebispo de Toledo nesta causa da Primazia aos demais Metropolitanos de Espanha, com o que se lhe confirmou de todo esta dignidade. Estes são

O Doutor  
D. Thom.  
Tamayo  
em o liuro  
da defen-  
sa de Fla-  
uio Dex-  
tro.

os principaes fundamētos (deixá-  
do outros de menor importácia)  
com que o Doutor D<sup>o</sup> Thomas  
Tamayo Coronista de sua Mage-  
stade confirma a Primazia de To-  
ledo no liuro que fez em defen-  
ção de Flauio Dextro.

Não se poderá respóder com  
a particularidade que a materia  
requere, mas breuemente se dará  
satisfação a tudo. E em primeiro  
lugar digo, que não deixa de ser  
grande indicio da pouca justiça  
que Toledo tem nesta causa, não  
poderem os autores que a defen-  
dem tomar assento no fundamē-  
to della. Porque huns pretendem  
prouar que a Primazia de Tole-  
do foy desdo tempo dos Aposto-  
los, outros querem que seu prin-  
cipio fosse do tempo del Rey  
Recharedo. E outros finalmente  
reprouando estas opinioēs, & mo-  
strando como o Prelado de To-  
ledo muito tempo não reue al-  
gũa preminencia, assinão o prin-  
cipio da dita Primazia do tempo  
em que a cidade de Toledo se  
ganhou aos Mouros. E posto que  
o Doutor D<sup>o</sup> Thomas Tamayo  
trabalha por reduzir estas opi-  
nioēs a concordia, bem se deixa  
ver a variedade dellas. Só os au-  
tores que defendem a Primazia  
de Braga seguem o mesmo fun-  
damento vniforme, & constante-  
mente, & dizem ser sua Prima-  
zia desdo tempo que vindo San-  
tiago a Espanha pôs nella o pri-  
meiro Bispo de toda esta prouin-

cia, o qual foy São Pedro de Ra-  
tes.

E esta mesma verdade deixou  
escrita Flauio Dextro, autor em  
quem se fundão os defensores  
de Toledo, porque tratando da  
vinda do Sagrado Apostolo a Es-  
panha, diz, que ordenou em Bra-  
ga o primeiro Bispo, *Brachara pri-  
mum reliquit Episcopum*, o que não  
quer dizer (como algũs errada-  
mente interpretão) o primeiro  
Bispo dos que ouue só em Bra-  
ga, pois não era necessario decla-  
rarle isto, quando Santiago o no-  
meaua, antes do qual não podia  
auer Bispos: mas pella palavra,  
*primum*, quis dar a entender, que  
São Pedro de Rates foy o pri-  
meiro Bispo que o Santo Aposto-  
lo fez em toda Espanha. O que  
se confirma mais do intento do  
mesmo autor, pois para prouar  
que Espanha foy a primeira pro-  
uincia de Europa que recebeu  
a Fé, tras que Santiago vindo a  
ella ordenou o primeiro Bispo  
em Braga.

Confirma-se mais esta verda-  
de do que refere o mesmo autor  
tratando dos outros Bispos que  
Santiago fez em Espanha, por-  
que auendo de os nomear, poem  
em primeiro lugar São Basileu,  
segundo Arcebispo de Braga suc-  
cessor de São Pedro; de sorte que  
quando trata dos primeiros Bis-  
pos de outras cidades de Espa-  
nha, hũa das quais era Toledo,  
já fala em segundo Bispo de Bra-

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

ga, & suppoem o primeiro.

A rezão fundamental de competir a Primazia de Espanha à Igreja de Braga se colhe da instituição de São Pedro, & dos mais Apostolos, os quais todos mandaraõ, & ordenaraõ, que as primazias das prouincias se fundassem nas cidades que entre os gentios erãõ mais famosas, & cabeças no temporal das outras terras pella razão que ja temos allegado. E como Braga em Espanha era hũa das principais, ou a mais principal Chancellaria dos Romanos, & a primeira em que se promulgou a fé Catholica, claro està que nella se auia de fundar a Primazia.

Não satisfaz quem diz ser Toledo cidade mais acomodada, por estar em meyo de Espanha, porque as terras se não escolhiaõ para Primazes pello lugar que occupauão, se não pella grandeza, & preminencias que dantes tinhão. Toledo era naquelle tempo hũa cidade piquena ( como diz Plinio ) de pouco nome, & reputação entre os Romanos, pois assentando em Espanha algũas Chancellarias, ou conuentos juridicos, não escolherão Toledo para nenhum delles. Braga era conuento juridico, hũa das insignes cidades que então auia, illustre por antiguidade, vitorias, & riquezas, como sabem todos os que tem algũa noticia das antiguidades de Espanha; pello

que a ella se auia de dar a Primazia conforme o mandado de São Pedro, & dos mais Apostolos, & não a Toledo.

Menos fuge a força deste argumento, quem diz se deu a Primazia a Toledo, por auer então nella Sinagoga de Iudeus; & porque podia auer competencia entre as cidades de Espanha, que erãõ Chancellarias, à qual dellas se auia de dar. Primeiramente o auer Sinagoga em algũa cidade fazia pouco ao caso para este intento, quando se trataua da promulgação do Euangelho, feita principalmente ao pouo gentio, & assi declarou o Papa Lucio expressamente, que os Primazes fossem aquelles que em tempo dos gentios erãõ cabeças nos negocios da Republica, & para cujas cidades se appellaua como supremo tribunal. E bem mostrou o Apostolo São Pedro na eleição que fez para a cadeira do Summo Pontificado, primeiro em Antiochia cidade principal de Syria, & despois para Roma cabeça da gentilidade, & do mundo todo: que de outro modo mais facil lhe fora deixar sua cadeira em Ierusalem cabeça da Sinagoga.

A contenda das outras Chancellarias de Espanha facilmente se euita com dizermos se fundou a Primazia naquella cidade, que era a principal de todas ellas, & sobre tudo naquella que foy tão venturosa

venturosa que recebo primeiro a doutrina Euangelica, & teue primeiro Bispo ordenado pello Apostolo Santiago.

Outro fundamento ha contra estes mesmos autores de grande efficacia, & he q a cidade de Toledo, ou fosse sen primeiro Bispo Santo Elpidio como diz Dextro, ou Santo Eugenio, como até agora se teue por cousa certa, tão longe esteue de ser Primaz em o tempo da primitiua Igreja, que nem a dignidade de Metropolitana pode alcançar: pois esteue muitos annos sujeita á Igreja de Cartagena, até que por decreto particular de Gundemaro Rey Godo se fez Metropol, ordenándose que o Prelado de Toledo fosse dahi em diante superior dos Bispos que até então eraõ subditos de Cartagena. E esta he a principal causa, porque algũs autores doutos que defendem as partes de Toledo recorrem a privilegio, vendo que na antiguidade não podem achar fundamento.

Porem nem este segundo recurso lhes pode valer, como ja no capitulo passado fica tocado, pois nem o dito privilegio podia prejudicar a quem tinha a justiça, nem foy algũa hora admitido principalmente em Portugal, alem de outras inhabilidades q ja ficão allegadas. E faz pouco ao caso dizer o Papa nelle, que a Primazia pertencia a Toledo de Tempos antigos, pois he certo

que seguio nisto a proposta, & allegações que por parte de Toledo lhe ferião feitas. Os Arcebispos de Braga nunca reconhecerão ao de Toledo por Primaz, & quanto a deposição de Mauricio, & sujeição de Ioão que se aponta, feita ao Arcebispo de Toledo, seria como a Legado do Papa, porque o era naquelle tempo. E para que se veja como só esta preminencia tinhão então os Arcebispos de Toledo sobre os de Braga, & que os mesmos que dizem lhe concederaõ a Primazia, entendião isto assi, me pareceo referir o breue seguinte do Papa Pascoal Segundo, o qual tirado fielmente do liuro fidei da Sé de Braga diz assi.

*P. Episcopus servus servorum Dei, venerabili Fratri Bernardo Toletano Archiepiscopo Apostolicae Sedis Legato salutem, & Apostolicam benedictionem. Pro iniurijs confratris nostri Mauricij Bracharensis Episcopi fraternitatem tuam saepe monuimus, sed adhuc à te vehementer grauari conquæritur. Colimbriensis enim Episcopi obedientiam ei contra Romane auctoritatis privilegia subtraxisti. Item in Lucensi Ecclesia ad eius Metropolim pertinente Episcopo præter iudicium eiectionis subordinari aliũ præcepisti. Id ipsũ in monasterio B. Petri de Monte factũ conquæritur. Bracharensis Ecclesie bona ab alijs distrabi consensisti, & ipse cum familiaribus tuis mora diutina consumpsisti. Per totam prouinciam inuito, & ignorante eo potestatem tuam*

Liuro fidei da Sé de Braga.

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

*voluntatis exerces. Asturicensis Ecclesie parrochiam, ut Salmantinam augeres inuito eo imminuisti. Nos autem in his vehementer Regni perturbationem, & dignitatis tue grauedinem, infirmitatisque pensamus idcirco te ab iniuncta super Archiepiscopum, & prouinciam Bracharensem cura legationis absoluiamus, ut liberius ipse valeat in prouincia sua iusticiam suam exercere. Datum Agnania 3. Non. Nouembris.*  
Traduzido em nosso utilgar quer dizer.

Pascoal Bispo seruo dos seruos de Deos ao venerauel irmão Bernardo Arcebispo de Toledo, Legado da S<sup>e</sup> Apostolica, saude, & benção Apostolica. Muitas vezes vos auemos amoestado acerca das injurias feitas a nosso irmão Mauricio Bispo de Braga, porem ainda que agora se queixa q<sup>e</sup> he de vos graueamente oprimido, porque contra os priuilegios que goza da Igreja Romana, lhe tirastes de sua obediencia o Bispo de Coimbra. Tambem na Igreja de Lugo, a qual he de sua Metropoli, fizestes eleger nouo Bispo, excluindo o antigo, sem preceder forma juridica. O mesmo diz que se fez em o mosteiro de S. Pedro de Monte. Mais consentistes em a dissipação dos b<sup>e</sup>s da Igreja de Braga & vós mesmo com gente de vossa casa os ajudastes a consumir, fazendo a detença demasiada naquella terra. Exercitais vossos poderes como quereis em toda aquella prouin-

cia, sem lhe dar conta de couza algũa, & ainda contra sua vontade. Assim mesmo contra seu parecer diminuiestes os limites da Igreja de Astorga por acrescetar a de Salamanca. Nós em tudo isto considerando não só a perturbação do Reino, mas tãobem vossa muita idade, & falta de saude. por tanto vos desobrigamos do officio de Legado que tinheis sobre a Igreja, & prouincia de Braga, para que o dito Arcebispo possa vzar com mais facilidade do que for justiça em sua prouincia. Dado em Agnania a 3. das nonas de Nouembro.

Bem se deixa ver do termo desta Bulla como o poder do Arcebispo de Toledo Dom Bernardo sobre Braga era somente de Legacia, pois só nelle fala o S<sup>u</sup>mo Pontifice, quando isenta a Igreja de Braga da de Toledo. E se ouuera outra subordenação entre estas Igrejas, & Prelados dellas por respeito de Primazia, ou outro qualquer, não ha duuida que a declarara o Papa nesta occasião para a confirmar, limitar, ou annullar como lhe parecesse. Mas dizendo absolutamente que absoluiu o Arcebispo de Toledo dos poderes que tinha sobre a Prouincia, & Igreja Bracharense, & declarar setem estes os da Legacia, he final manifesto que não auia outros, & mais deuese considerar, que este mesmo Pontifice he hum dos que concederão a Toledo

Toledo a Primazia, segundo affirmão os autores da opinião contraria, & Dom Bernardo o mesmo Prelado, a quem dizem foy concedida esta preminencia. Pel-lo que supposto que este Papa sò em poderes de Legacia fala, estes somente se deuen concedera Toledo, & fundado nelles poderia seu Arcebispo em algũa occasiã nomear Prelado em Braga. E quanto a deposição do Arcebispo Mauricio, a qual se lhe attribue, claro he pertencer à Sè Apostolica, & executar-se por seu mandado, quando este Prelado ambiciosa, & inconsideradamente se consintio acclamar Pontifice cõ o fauor, & violencia do Emperador Henrique Quinto.

Ao que vltimamente se pretende, que o Arcebispo de Toledo venceo em demanda que corria sobre a Primazia aos demais Metropolitanos de Espanha, digo que a causa não ficou determinada, mas indecisa. Assim o confessa o Doutor João de Mariana no liuro 12. cap. 4. posto que em o cap. 9. do liuro 19. diz o contrario. Mas não obstante esta variedade, o mostraremos em o tempo do Papa Innocencio III. & do Concilio Lateranense, do qual auemos de apontar algũas cousas, & assi por ora deuem bastar na materia presẽte asque deixamos escritas, as quais não quero que valhão mais, do que julgarem os mais doutos, & acreditar a mes-

ma verdade da causa, a qual sò se pretende.

## CAPIT. XX.

*Como o Conde Dom Henrique que reprimio certa rebelião dos Mouros de Lamego, & repartio as terras desta comarca por algũs Caualleiros.*

**O**uernaua neste tempo o imperio dos Arabes de Africa & Espanha Ioseph Aben Texefin Rey dos Almorauides, poderoso em forças, & numero de vassallos, & espantoso pella grã de prosperidade com que tinha dilatado seu Reyno. Os annos atraz passãra com exercito a Espanha, aonde fez & recebeu dan nos conforme a seu grande poder, & ao valor dos Espanhoes que o contrariauão. Naquella occasiã se fez reconhecer dos Reys Mouros de Espanha, que algũs com a gloria, & appetite de mandar ( que não admite companhia) se tinhão rebellado de antes aos Principes de Africa mais poderosos Ficarão com tudo algũs destes Regulos menores sogeitos aos Principes Christãos, os quais ganhando-lhe as terras, os deixauão viuer nellas com imposição de tributos, por não auer gente Christãa de que podesse ser habitada.

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

Hum Rey de Lamego a quem os Reys de Leão fogueitarão por força de armas ( ou decendente daquelle que em tempo del Rey Dom Fernando perdera o dominio daquellas terras ) tributario do Conde Dom Henrique, & seu vassallo, se rebellou neste anno; & com exercito de infieis entrou pelas terras dos Christãos fazendo grandes males. Acudio o Cōde Dom Henrique de Guimaraes onde então estaua, com a gēte de guerra que a breuidade do tempo, & necessidade do caso requeria, & veio buscar o inimigo aonde soube que andaua. Encōtrou em hūs valles junto de Arouca posto em boa ordem cō sua soldadesca, a bagagem, & prisioneiros no recosto de hū monte aspero quais ha por aquella terra, retirados a lugar seguro. Alojou nosso Principe seu campo no mesmo valle não longe dos contrarios, & dando a seus capitães a ordem que lhe pareceo conueniente, acometeo despois os inimigos, & pelejarão os Portugueses com tanto esforço, que a pesar da braua resistencia dos contrarios os romperão, & catiuaraõ o Rey, alcançando taõbem victoria da gente que cō os prisioneiros se retirara ao lugar mais forte. Hum dos Capitães que neste feito deu maiores mostras de seu esforço, foy Egas Moniz aio pelo tempo auiante del Rey Dom Afonso Henriques, & grande co-

luna do Reyno de Portugal em seus principios. A memoria que ficou deste successo diz o Padre Fr. Bernardo de Britto que vira em escritura original do Mosteiro de Arouca, eu alcancei sō o treslado della em hūs cadernos que continhão algũas cousas daquella casa. E diz assi traduzida do Latim.

*Britto na  
chron. de  
Cister. li.  
5. c. 1.  
Arch. do  
mosteiro  
de Arouca.*

*Eu Henrique Conde dos Portugueses juntamente com minha molher a Rainha Dona Tareja, filha de Dom Afonso illustre Emperador das Espanhas, faço carta de firmeza, & segurança a Esba Martim senhor de Lamego, a qual ninguem despois de nos possa violar, nem quebrar, mas conforme as leis dos Godos seja tão firme esta doação, como se fora venda, a qual lhe faço da terra de Lamego, como a elle sempre possuio, por lhe vir de seus antepassados que abi reinarão. E porque eu o venci detras do monte Fuste no valle de Arouca, junto ao rio Alarva, & o predeo abi o bom caualleiro, & rico homem Egas Moniz, & catiuou Axançures, lhe dou para sempre, & a seus decendentes ( se forem fieis ) o lugar de Lamego com toda a sua jurdição, & elle nos pagarà cada anno a quadragesima parte das rendas de sua terra. E n' nossa conta ficará defendelo de seus inimigos, & a sua goardar a fidelidade, & bom animo que nos deue. Feita em Guimaraes na Era de 1140. ( he anno de 1102. ) ao 13. de Novembro. Seguemse as firmas do Conde, da Rainha sua molher, & de alguns senhores.*

*Esta*



Esta doação de que consta o successo atraz referido, fez o Conde Dom Henrique a este caualeiro Mouro despois que se persuadio a receber a agoa do santo Baptismo, para que constasse á gente pagãa a estima em que se tinham as pessoas de qualidade convertidas, & assi não duvidassem alguns por esta via de deixar sua falsa feita, lanço verdadeiramente de Principe Christão, & que zelava a propagação da Fè, & dilatação da Christandade, no qual deue ser imitado de seus decendentes. Contudo como não fosse apraziuel aos outros Mouros a mudança da crença deste, ainda que no principio dissimularão, despois leuantarão tantas alterações, que foy necessario reprimilas por força de armas, & acudio a isso outra vez o Conde Dom Henrique, & foygeitando os rebellados, repartio por alguns fidalgos as terras da comarca de Lamego, para assi tirar aos Mouros a esperança de outra rebelião, & segurar aquellas terras. Refere estas cousas mais largamente o Doutor Frey Bernardo no lugar apontado, & sem falta as deduzio de hum liuro de mão antigo de Salzeda mosteiro principal de nossa Ordem, do qual ponho só o traslado das palanras, que fazê em confirmação desta historia.

In nomine Domini Amen. Quem quizer saber donde esta terra foy povoada que era toda de Mouros do Dou-

ro aquem. Filhou o Conde Dom Henrique a hum Eycha Martim, que era Mouro, & era Rey de Lamego, & de sta terra toda, & fez-se Christão, & fez o Dom Henrique caualeiro, com outros muitos Ricos homens que vierão das Esturias. Era ende hum Egas Moniz, que se ve casado com Meana Dona Tareja, que fez a Salzeda. E Dom Henrique por se filhar melhor com os Mouros, leixoulhes auer quanto filhauão, & contaualho, & assi fez a Dom Garcia Rodrigues, & a Dom Paiam seu irmão, que lhes contou o conto de Liomil, que filharão a Mouros. Dom Egas Moniz quando filhou esta terra aqui, toda pobrou logo Britiande, & fez abi quinta, & morada, &c.

Vay continuando a relação cõ a decendencia de hum caualeiro de casa de Egas Moniz, por nome Paio Cortês, o qual fez assento na quinta de Gouueaës, & acaba: *Fuit scriptum Idus Octobris, Era M. CCC, LXIII Frey Estenão de Villachã me fecit.*

Com esta escritura, que passa ja de trezentos annos, se confirma parte do que neste capitulo escreuemos. E a quem occorrer serem estas terras da comarca de Lamego ja dantes ganhadas aos Mouros, pois segundo algũas historias de Espanha, a quem segue o Compendio da dos Godos as conquistou el Rey Dom Fernando no anno do Senhor de 1047. se pode responder, que neste anno seria a primeira conquista, & em tempo do Conde Dõ Henrique

*Epi. d. h. i.  
flora dos  
Godos es-  
criu de  
mão.*

*Liuro antigo das  
doações do  
mosteiro  
de Salzedã.*

## Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.

Henrique socederia a redução dos leuantados, & a vltima fogueira em que ficarão os Arabes, quando se repartiraõ aquellas terras pellos senhores Portuguezes.

### CAPIT. XXI.

*Da nobreza de Egas Moniz, & de outros fidalgos. Trata-se que couza era antigamente Rico homem.*



Porque em ambas estas memorias de Salzedo, & de Arouca vemos feita menção do insigne cavaleiro Egas Moniz, cõ quem auemos de encontrar por vezes na historia dos annos seguintes, será bem darmos hũa sumaria noticia delle, & de sua familia. Diz o Conde Dom Pedro, que em tempo del Rey Dom Ramiro de Leão (pellas circunstancias que concorrem, se tem que era o terceiro) veyo de Gascunha a Portugal hum Capitaõ illustre chamado Moninho Viegas, & aportando na foz do rio Douro, teue grandes batalhas cõ os Mouros, que então occupauão aquella terra, & com insignes vitorias a foy liurando de suas mãos, & restituiu ao poder dos Christãos. Vinha com elle hum seu irmão, chamado Dom Sifnando, segundo diz o mesmo Conde, o qual foy feito Bispo do Porto, cidade

que achandose destruida, se começou então a restaurar. Vinhão mais dous filhos do proprio Moninho Viegas. O primeiro se chamaua Dom Egas Moniz, o segundo Dom Garcia Moniz, a quem o Conde dá a alcunha de Gastos, que deuia ser seu appellido.

*Algũs escreuẽ Gastos, mas nos liuros mais correctos do Conde D.º Pedro se nomẽa Gassus.*

Casou Dom Egas Moniz o Gasto cõ Dona Toda Ermigues Alboazar decendente del Rey Dom Ramiro de Leão, delles nasceo Ermigio Viegas, o qual teue por filho a Moninho Ermiguez, pay de Egas Moniz, de quem tratamos, & a quem o Conde Dom Pedro dá titulo de Honrado, & bemauenturado, & se nomea tambem de Riba de Douro, como seu irmão Mem Moniz, por respeito das terras que possuirão nesta comarca.

Aduirto na decendencia destes fidalgos os sobrenomes patronimicos de que vsauão, donde se infere que o appellido de Monises não era naquelle tẽpo mais que patronimico, & assi não podia ser proprio a geração algũa. Enganaraõse nossos autores em cuidar que Mem Moniz, & Martim Moniz, de que fazem memoria na batalha de Ourique, forão filhos de Egas Moniz; porq̃ (como mostraremos em outro lugar) todos os filhos de Egas Moniz tiuerão o sobrenome de Viegas, que he o patronimico de Egas. Não pretendo pello ditto excluir da successão deste fidalgo

*algũs*

*O Conde Dom Pedro tit. 36*

algũs que ainda conseruaõ seu appellido: mas declarar sómente como naquelle tempo não eraõ estes sobrenomes de familia, se não patronimicos, que sò dos pais se derivauão, pello discurso de annos se poderião perpetuar em algũas gerações, que tudo o tempo muda.

Nomease na escritura de Arouca Egas Moniz por Rico homem, & pois he a primeira vez que encontramos com esta dignidade, não será fora de nosso argumento, se dissermos breuemente que cousa era.

Algũas pessoas doudas se persuadem, que o nome de Ricos homẽs (o qual se começou a vsar em Espanha em tempo dos Godos) se attribuiu primeiro aos q̃ decendem de sangue Real, por quãto entre os Godos ouue muitos Reys, cujos nomes acabauão nesta dicção, Ricos, como Amalaricos, Euricos, Theodoricos, &c. & despois se foy ampliando a outros nobres, que em paz, & guerra se mostraraõ mais asinalados.

Outros autores se não cansaõ em deriuar a ethimologia deste nome mais que dá riqueza, a qual em todas as idades foy sempre authorizada. Tiuesse o nome de Ricos homens qualquer destes principios, o certo he que por elle se significaua antigamente hũa grande excellencia muy semelhante a da grandeza que hoje tanto se estima em Espanha. E ja com

estes nomes de Proceres, & Magnates acho eu nomeados em escrituras antigas os ricos homẽs daquelle tempo. No juramento del Rey Dom Afonso Henriques sobre a villa do Saluador do mundo no Campo de Ourique se chamaõ Magnates, *Cum reliquis Magnatibus Regni mei.* Em hũas Cortes que el Rey Dom Afonso Terceiro celebrou em Leiria no anno de 1254. se nomeaõ Proceres. *Celebrauit Curiam apud Leirenã mensis Martij cum Episcopis, atque Proceribus.* Isto he que fez el Rey Cortes em Leiria no mes de Março com os Bispos, & Grandes. Hum titulo, & outro dá el Rey Dom Sancho Segundo aos Ricos homẽs de seu Reyno em a doação da villa de Mertola feita a Dom Paio Peres Correa Comẽdador de Alcacer (despois foy Mestre da Ordem de Santiago) & saõ suas palauras. *Notum sit omnibus has litteras inspecturis, quod ego Sancius Secundus Dei gratia Portugallie Rex de mea bona, & libera voluntate, & de consensu, & auctoritate meorum Procerum, & Magnatum, &c.* Quer dizer: Seja notorio a todos os que virem esta carta, que eu Dom Sancho Segundo por graça de Deos Rey de Portugal, de minha boa, & liure vontade, & de consentimento, & authoridade de meus Proceres, & Magnates, &c. Mostra esta escritura ser feita em Lisboa a 16. de Janeiro da Era de 1277. que he anno de

Archiuo  
Real noli  
dos foraes  
& doações  
del Rey  
Afonso 3.  
fol. 6.

Nomes-  
moliuro  
fol. 147.

Jeronymo  
Blanc. nos  
Cõment.  
de Arag.  
tit. de op-  
rimat.

Idem vbi  
sup.

Gudiel. c.  
2. na ge-  
nealog da  
casa de  
Uffuna.

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

de Christo de 1249.

*Alfonso  
X. Rey de  
Castella,  
ley 10. tit.  
25. p. 4.*

El Rey Dom Afonso o Sabio declara no liuro das partidas, que Ricos homês, segundo o costume de Espanha eraõ Baroës, ou Condes. Mas nem parece que estas dignidades tinham a mesma igualdade, como nem os nomes eraõ conuertiuéis, pois auia Ricos homês sem ser Condes, & nas doações em que confirmam os Ricos homês, precedem os Condes, como temos obseruado nas escrituras, & por outra parte Baroës eraõ os que possuiaõ Baronias, & podia soceder auer algũs senhores de terras sem a preminencia de Ricos homês, como bẽ aduittio Ieronymo Blancas. *Blancas  
sup.* Contudo como aos Ricos homês eraõ dadas Baronias, que eraõ terras de que colhião rendas para sustentação de seus vassallos, & a dignidade de Condes parece que incluia a de Ricos homês, com razão disse el Rey que os Ricos homês eraõ Baroës, ou Condes.

Chamauãose Ricos homês de pendão, & caldeira, porque traziaõ pendões nas guerras, a que obedeciaõ muitos nobres seus vassallos; & a caldeira era por respeito do mantimento que lhes dauão. Eraõ do conselho dos Reys, & por seu parecer se faziaõ as cousas de mais importancia da Republica. Tinhaõ autoridade para ajudar com seus vassallos os Reys estranhos, quando no Reyno não era necessaria sua assiste-

cia; & o que mais he podiaõ fazer guerra a seus Reys proprios em certos casos, sem disso resultar dano, ou infamia a seus parentes. Seus vassallos, & particularmente os lauradores de suas terras tinhaõ grandes isenções, porque conuinha não faltarem as rendas àquelles, que sempre deuião estar preparados para as guerras com grande numero de vassallos: mas não eraõ obrigados a ir a ellas, se não quãdo el Rey hia em pessoa, o que seria ordinariamente, pelas muitas em que os Reys daquelle tempo se achauão. Finalmente era tanta a autoridade de Ricos homês, que seus filhos eraõ chamados algũas vezes Infantes, como os filhos dos proprios Reis, & aos decendentes dos Ricos homês querem alguns que se attribuisse o nome de Infanções, que he diminutiuo de Infantes, em q se denotaua outra dignidade preminente do tempo antigo, posto que inferior á de Ricos homês.

Durou esta em nosso Reyno, segundo tenho aduertido das escrituras, até o tempo del Rey Dõ Afonso o Quinto, em que se multiplicaraõ notauelmente os titulos de Duques, Marqueses, Condes, que hoje permanecem, & assi foy esquecendo o de Ricos homês, que tanto se continuaua no outro tempo. Não se deriuaua esta preminencia muitas vezes pellos decendentes, mas eraõ necessarios merecimentos pessoais, ou

ou fauor do Principe; contudo nos filhos de Egas Moniz a vejo sem interrupção, donde se colhe bem a grande estima com que foy tratado este insigne varaõ, & todas suas cousas. De sua decencia se tratarà adiante.

De outros dnus fidalgos se faz menção na memoria referida do Mosteiro de Salzeda, que são Dom Garcia Rodriguez, & Dom Paiam. Tambem na Torre do Tombo em hum liuro de inquirições antigas se fala nelles. E Garcia Rodrigues confirma, como Rico homem no foral de Ferreira concedido pella Rainha Dona Tareja em o Anno do Senhor de 1126. E noutra doação, que faz a mesma Rainha a Garcia Garces, & a sua mulher Eloira Mendes do anno de 1128. cujo original vi em São João de Tarouca, mosteiro principal de nossa Ordem.

Ha tradição que de Garcia Rodrigues decende hum Ramo dos Fonsecas, & delles os Coutinhos, & não ha duuida que os Condes de Marialua (principal casa dos Coutinhos) se intitularão senhores do Couto de Leomil, & o possuirão, como vi em escrituras autenticas, por onde se faz muy pro uauel, que decendiaõ de Garcia Rodrigues, a quem foy dado primeiro aquelle Couto. Permanecem ainda desta familia as casas titulares do Redondo, & do Marichal do Reyno, & muitas outras

illustres, & ricas, & he hũa das que tem dado mais fogeitos insignes, principalmente em armas. As de seu brazão são cinco estrellas de vermelho com cinco pontas cada hũa postas em aspa, & por timbre hum Leão Pardo vermelho com hũa estrella de ouro na espada, armado de amarello.

Dos Fonsecas não ficou casa titular neste Reyno (posto que ha algũa nobreza) por se passar a Castella a principal decendencia no tempo das guerras del Rey Dom João o Primeiro. La fundarão a casa dos Marqueses de Orelhana, & outros morgados, & casas ricas. Trazem os Fonsecas por armas as mesmas dos Coutinhos, & por timbre hum Touro vermelho, com os cornos, & vnhas douradas, & hũa estrella de ouro na espada.

## CAPIT. XXII.

*Da jornada que fez o Conde Dom Henrique à Terra Santa. Tocaõse algũas cousas que socederão em Palestina, & como o Conde tornou a seus estados.*



Sta foy hũa das cousas que pretendeo reformar Duarte Nunes em seus escritos, parecen-

H

dolhe

Duarte Nunes na vida do Conde D. Henrique

Na Torre do Tombo no liuro das foras da escritura nova.

Cartorio de S. João de Tarouca.

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

dolhe defacerto fazer ido o Conde Dom Henrique á guerra de Syria, em tempo que tinha tantas com os infieis de Espanha. Confirma seu pensamento, em ser esta a occasião de mayor perigo, por causa do cerco que os Mouros vieraõ pôr a Lisboa em o mesmo tempo que fazem o Conde ausente de suas terras; & que contrarião a esta jornada muitas doações que ha em Portugal em todos os annos do gouerno do Conde, & así se mostra sua assistência em Espanha em todo este tempo. Diz mais não ser possiuel sendo a ida do Conde certa, que os autores estrangeiros, os quais trataõ particularmente a conquista de Ierusalem, & nomeão os senhores principaes della, não fizessem memoria de hum Capitão tão illustre, como era o Conde Dom Henrique. Confirma-se mais neste parecer, porque quando o Conde intentara semelhante jornada o proprio Rey Dom Afonso seu logro, a ouuera de impedir, vendo ser erro manifesto buscar os inimigos de longe, deixando os de casa, com quem a guerra não era menos hõrosa, sendo de mayor importancia.

Persuadem a ida do Conde Dom Henrique a Ierusalem primeiramente a tradição recebida em tanto numero de annos, como ha de seu tempo até o nosso. As Chronicas de mão que temos escritas, de nossos Princi-

cipes, os liuros da Historia de Portugal diuulgada por nossos autores, & muitos dos estranhos, que a caso tocarão este ponto. Porem com serem todos concordes em afirmar esta jornada do Conde, não conuem em assinar o tempo, nem circumstancias della.

Huns dizem, que a ida do Conde Dom Henrique foy no tempo da primeira expedição, quando se ganhou aos infieis a santa cidade de Ierusalem; & nesta conformidade afirma hum autor, ser o Conde Dom Henrique hum dos doze capitaes, que o Papa Urbano Segundo nomeou para aquella empresa; & conclue, que no fim do anno de 1099. estava ja o Conde em Espanha victorioso daquella conquista, & ainda diz, q se a idade del Rey Dom Afonso Henriques, que chegou a 91. annos, & o nascimento, que foy no anno do Senhor de 1094. não estiueraõ de por meyo, ouzara afirmar com os fragmentos de hũa Chronica antiga, que o anno referido de 1099. foy o primeiro em que o Conde Dom Henrique entrou em Espanha. No qual ponto eu lhe concederia facilmente não ser certo o que se diz do nascimento, & tempo de vida del Rey Dõ Afonso, negando a conclusão que pretende da primeira vinda do Conde.

Outros authores affirmão, que a ida do Conde a Ierusalem foy

*Faria no  
epilo. da  
hist. Lusit.  
p. 3. 6 1.*

*Chronica  
escripta de  
mão del  
Rey Dom  
Afonso 1.  
cap. 4.*

*Li. dos re  
flamens de  
S. Cruz  
de Coimbr.  
no princ.*

*Cap. 70*

*Liuro das  
doações de  
Coimbr.  
fol. 169.*

no anno de 1103. despois de ser ganhada esta cidade, quando Guido de Lusinhano, & outros Principes do Norte foraõ socorrer os Christãos de Palestina, & dar ajuda aos nouos conquistadores daquella terra. Esta opinião me parece mais prouauel, porque primeiramente sabemos, q̃ neste anno foraõ algũs Portugueses á terra Santa. No liuro dos testamentos de Santa Cruz se refere, que indo a Ierusalem o Arcediago de Coimbra Dõ Tello, era muy estimado do Bispo de Coimbra Dõ Mauricio, em cuja cõpanhia foy, & tinha particular cuidado da Corte, & do mesmo Bispo, por espaço de tres annos que durou a viagem. E que esta jornada do Bispo de Coimbra fosse no anno q̃ dizemos se colhe prouauelmente de dous lugares. O primeiro he de hũa doação de Arouca ja referida de que consta ser a morte do Bispo de Coimbra Dom Cresconio antecessor de Mauricio no fim do anno de 1098. & assi não poder succeder antes deste tempo Dõ Mauricio, & não parecer verisimil, q̃ sendo eleito se fosse logo a Ierusalem, pois deuia compor primeiro as cousas de seu Bispado. O segundo lugar he de hũa escriptura do liuro das doações de Coimbra, na qual se refere certo castigo que o Bispo deu quando veyo de Syria a hum homem de seu Bispado, o qual em sua ausencia cometera graues insultos. Diz

a escriptura. *Munio Ferrarius de Paradella postquam Donnus Mauricius Episcopus Hierosolymam perrexerat, disentionem, & vastationem in villa prædicta, & Seuer per se, & consilio suo operatus est, & de illo cellario multa diripuit; unde prædictus Episcopus ut reuersus hac experimento cum didicit nimium indignatus, &c.* E remata. *Acta roborationis carta III. Kalendas Iunij Era I. C. X. VI.* Quer dizer o que ja temos apontado; pôrem o que mais nos serue he, que se fez aquella escriptura em tres das Calendas de Junho da era de 1146. que vem a ser a trinta de Mayo do anno de 1108. quando o Bispo Dom Mauricio tinha vindo de Ierusalem, & despois de sua chegada mandara titar inquirição, prendera aquelle homem, & finalmente lhe perdoara, o que tudo mostra ser sua partida para a terra Santa no anno do Senhor de 1103. & não antes, nem despois, porque se deue supôr (como atrasfica prouado) que gastou tres annos na viagem, & que tanto que veio entendeu naquelle negocio.

Que o Conde Dom Henrique fosse á terra Santa neste tempo, parece que se colhe daquelle palaura do primeiro lugar referido em que se mostra que auiam Corte na companhia do Bispo Dom Mauricio, *totius Curie.* Fazem em confirmação algũas memorias antigas, & principalmente hũa do Mosteiro de Cate

### *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

do Bispaado do Porto, em que se declara que fez o Conde Dom Henrique viagem á Terra Santa no anno de 1103. Nem contra esta resolução tem muita força os argumentos de Duarte Nunes; o primeiro, porq̃ nestes annos não esteue Lisboa cercada; o segundo, porq̃ não ha escrituras que conueção a assistência do Conde em Portugal, ainda q̃ se fizesse algũa em seu nome, como de senhor da terra. O terceiro, porq̃ a jornada do Cõde seria por mar, & não em cõpanhia dos outros Principes, & assi não he muito faltar o seu nome entre elles, & mais indo de Espanha, dõde acudia por causa da guerra dos Mouros pouca gente áquella empresa. O vltimo, da pouca conueniencia desta ida, por que nẽ sempre se executa o que parece de mais prudencia, & mais porque não sabemos de todas as razões que então aueria, & se antecedeo obrigação, ou voto para se fazer esta jornada. E assi supposta ella recorramos aos successos da Chriftandade daquellas partes.

Paul. E. mil. na vi da de Phelippe. Era falecido o inclito Rey Godofredo, do anno de 1100. tendo gastado o breue tempo de seu Reinado, em reedificar a cidade de Ioppè, & assentar as cousas com geral satisfação. Entrou em seu lugar Balduino seu irmão, & com panheiro na jornada, o qual com algũas vitorias tinha reprimido os Ascalonitas, & outros infieis q̃

vinião alem do rio Iordão, & conseruaua o Reyno com reputação, & honra. Mas faltauão ja muitos dos soldados, & importante para as conquistas restaurar-se em breue o numero delles Sobreueio a bõ tempo socorro de França, Hugo o grande irmão del Rey Phelippe, o qual segunda vez emprendia esta jornada. Esteuão Cõde de Bles, outro Esteuão Cõde de Borgonha, Guido de Lusinhano irmão do Conde de Tolosa, & outros senhores, os quais todos partirão no anno do Senhor de 1103. Não foy tão prospera esta viagem como se esperaua; porque muitos dos Chriftãos perecerão às mãos dos inimigos. Attribuese á culpa de Aleixo Emperador de Costõtinopla, por cuja ordem se armou cilada aos nosos na prouincia de Bithinia, se cõ fundamento, ou sem elle, não resoluemos. O certo he que nunca aos Gregos foy agradauel a prosperidade dos Latinos em aquellas conquistas, & assi he possivel intentasse algũas traças pouco justificadas, para lhe impedir a corrente de suas victorias. Miserauel artificio, impedir cõ perfidia as obras illustres dos que se auentajaõ. São razões que algũs chamão de estado, porque o poder dos visinhos se não acrecente, não vendo como saem vaõs os intentos humanos, quando se oppoem á virtude, & decretos diuinos.

O restante

*Guilhel. Tyr. li. 10. cap. 11. P. Enil. vbi sup. Baron.*



Guilhel.  
Tyr. lib. 10  
c. 15.  
Emil. vbi  
sup.  
Baron. &  
alii.

O restante do exercito Latino se recolheo a Antiochia, & proseguindo o caminho de Ierusalem, chegou em salvo aos lugares sagrados. Tinha el Rey Balduino entretanto acrecentado muito seu estado, & ganhara aos contrarios algũas forças importantes, entre as quais foy a principal a cidade de Cesarea, em cujo cerco, & cõbate obraraõ muito os Ginouesẽs, os quaes com socorro importante tinhão chegado por mar àquellas partes. Junto despois hum, & outro exercito, se foy proseguindo a guerra com variedade. Em o primeiro recontro ficaraõ os nossos desbaratados, & morreraõ os dous Côdes de Bles, & Borgonha. Porem suas mortes foraõ bem vingadas dentro de poucos dias em hũa cruel batalha, na qual os infieis foraõ vencidos, & se fez nelles grande matança.

Suppostos estes successos, & estado das cousas do Oriente se pode presumir, que chegaria o Conde Dom Henrique na conserua dos Ginouesẽs, & de outros Christãos que foraõ por mar naquele tempo, & conforme a esta computação se acharia na conquista de Cesarea, & de outras terras maritimas, & depois nas batalhas & recontros que ouue em terra. Porem assegurar nisto cousa certa, & declarar os companheiros do Conde, & obras particulares de seu esforço, temos por escusa:

do, tão escura nos ficou a memoria daquelles tempos no que toca a estas cousas, por a grande falta de escriptores de nosso Reyno, & por se não cansarem os estranhos mais que com o tocante a sua nação. Dizem que da volta veio o Conde Dõ Henrique por Constaminopla, aonde o Emperador Aleixo o festejou, & enriqueceo de algũas Reliquias, entre as quas lhe deu hum braço do Euangelista São Lucas, o qual se conserua ao presente na Sé de Braga. Ea vinda dos Portuguezes por Constantinopla se confirma com a relação que se faz desta jornada em o liuro do testamento de Santa Cruz de Coimbra, na qual se declara que se detiueraõ naquella cidade por espaço de meyo anno, posto q se não faz expressa menção do Conde Dom Henrique.

Liuro dos  
est. fol. 20

Esta foy a primeira vez (de q nos conste) que nossos Portuguezes ajudarão por sua parte à conquista da Terra Santa. Em os annos seguintes achamos Caualeiros particulares offerecidos ao trabalho desta guerra. E se as dos Mouros de Espanha impeditaõ a nossos Reys o passar a ella com seus vassallos, não tirarão o fauor das esmolas, & sobre tudo a liberalidade com que enriqueceraõ os Caualeiros de S. João, & do Templo para este effeito, & ainda os admitiraõ em seu Reyno logo em seus principios.

H 3

Não

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

Não me consta que ounesses guerras em Portugal na ausencia do Conde, & a algũas que se offerecessẽ acudiriaõ os Portuguezes, & ainda el Rey Dom Afonso o Sexto, o qual viuia, & com a fama de seu nome enfreaua o poder dos Arabes, & conseruaua cõ reputaçãõ seus estados, entre os quaes se incluia a parte que dera a sua filha. O Conde Dom Henrique chegou a Portugal com os seus a saluamento, & ja em o anno do Senhor de 1105. o achou de assento em Coimbra, como consta de certa composiçãõ que mandou fazer entre os Monges de Loruão, & moradores de Pena Coua, na qual se aponta como mandou iuizes arbitros a dirimir o caso, & lhe encarregou muito a composiçãõ das partes. São as palauras da escriptura que o declarãõ estas. *Mandauit el Conde D. Hērici bonos homines de Colimbria ad illam Castellum, & dixit eis vt vidiſſent directum inter Fratres, & inter Castellum, &c.* Começa a escriptura: *Era M.C.XIII. orta fuit intentio inter homines de Pena Coua, & Fratres de Laurbano.* E quer dizer: Na era de 1143 (he anno de 1105.) se leuantou contenda entre os moradores de Pena Coua, & Monges de Loruão.

(2.)

### CAPIT. XXIII.

*De algũas doaçõs feitas pelo Conde Dom Henrique & Rainha Dona Tareja às Igrejas, & Mosteiros, foraes de algũas terras.*

**C**upados viuião nolos Principes na restauraçãõ das Igrejas de seu Reyno, & na pouoaçãõ das terras deshabitadas. E tão to que o rigor das armas abrandaua, & deixaua lugar ao gouerno pacifico, dauão singulares mostras de sua religiãõ, & piedade. A Sê de Coimbra recebeu por estes annos notauẽs fauores do Conde Dom Henrique, & da Rainha Dona Tareja, porque lhe annexarão as Igrejas de Santa Comba, São João de Axas, de Oliveira, de Currelos, de Parada, & muita parte da renda da Igreja de Miranda. Tambem lhe logeitarão o antigo mosteiro de Loruão, o qual então era de Religiosos, & permaneceu algum tempo à obediência dos Bispos de Coimbra. De sua annexaçãõ se conserua hũa celebre escriptura na Sê da mesma cidade.

A este Mosteiro tinha dado o Conde Dom Henrique ametade da villa de Cacia, sendo seu Abade

Arquivo  
do Mostei-  
ro de Loruão.

Arquivo  
da Sê de  
Coimbra.

Arquivo  
da Sê de  
Loruão.

bade Eusebio em o Anno do Senhor de 1106. & o fauorecera até aquelle tempo. Despois julgou por mais conueniente socorrer com parte de suas rendas a Igreja de Coimbra, a qual naquelles principios era porextremo pobre, Temos desta verdade testemunho em hũa escritura do cartorio da Sê de Coimbra. E outra q̃ declara sua pobreza, he feita à mesma Sé poucos annos antes pello Conde Dom Raymundo, na qual diz se compadecia muito das necessidades daquella Igreja.

Archiuo  
da Sê de  
Coimbra

Não tinham menos lembrança os piedosos Principes de fauorecer a Sê Primacial de Braga, a qual com a assitencia do santo Prelado Giraldo florescia, & se augmentaua grandemente. Aeste Santo dotaraõ o couto de Moura, a Igreja de Santo Antonino, & outras terras. Não se pode deixar de fazer particular lembrança da escritura de couto que fez a esta Igreja a Rainha Dona Tareja, referindo suas mesmas palauras, que dizem assi. *Ego ancillarum Dei humilima famula Taresia, Toletani Imperatoris filia, vobis gloriosissima Genitrici Dei Mariae, perpetuum in Christo munus, & antiquarum, & presentium pagina testatur, Bracharensem Ecclesiam Comprovincialiū Sedium matrem esse, ac ideo plus honorari debere. Querem dizer: Eu Dona Tareja serua de Deos a mais humilde de suas escravaes, filha do Emperador de Toledo, a vos gloriosissima*

Archiuo  
da Sê de  
Braga.

Virgem Maria mãy de Deos, offereço em Christo este perpetuo seruiço. A escritura de coulas antigas, & modernas dà testemunho ser a Igreja de Braga mãy de todas as Sês da prouincia, & que deue ser por elle respeito mais honrada, &c. Vay despois fazendo demarcação das terras pertencentes ao couto da Igreja de Braga, na forma que as demarcara el Rey Dom Afonso seu bisauo. Mostra ser feita esta doação em Outubro do anno de 1110. por onde não me espanto passarse só em nome da Rainha, por quanto neste tempo andaua o Conde Dom Henrique (como veremos) ausente na guerra dos Leoneses.

Foy este  
Rey quin-  
to do no-  
me entre  
os de Leão.

Ambos estes Principes fizeram hũa esmola muy notauel à Igreja de Charidade, sita no Reyno de França. Ha na Torre do Tombo memoria desta antigoalha, a qual contem o seguinte.

*In nomine Patris & Filij, & Spiritus Sancti. Ego Comes Dominus Henricus, & vxor mea Dōna Taresia, Dōni Regis Aldefonsi filia, facimus cartam per huius testamenti firmitudinem vobis Priori de Sancta Maria de Charitate, & vestro conuentui de illa Ecclesia, quæ vocitatur Sancti Petri de Ratis, in qua Ecclesia vna cum vxore mea Tarastia primitus misimus fundamentum, cum à longis retroactis temporibus esset heremita, & derelicta. Nos verò eam fecimus populari, & sano animo, & integra voluntate pro remedio animarum nostrarum, & parentum*

Archiuo  
Real do li-  
bro del Rey  
Dom Di-  
nis fol 9.

H 4      nostrorum

## Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.

nostrorum offerimus illam heremitam Sancta Mariae de Charitate cum suis terminis, & cum quantum ad ius nostrum pertinet, ita ut prior de Charitate, & conuentus eiusdem habeant potestatem faciendi in ea quidquid voluerint, unde igitur in orationibus religiosorum inde habitantium nos plurimum confidimus, & in eorum collegio cum omnibus Sanctis in die iudicii ante tribunal Domini cupimus apparere. Idcirco hoc paruum manuscriptum Sancta Mariae de Charitate offerimus, quatenus in die iudicii ipsa nos offerat, & genus nostrum Iesu Christo filio suo, ut ab ipso postmodum recipiamus mercedem aeternam. Damus siquidem, & offerimus Ecclesiae Sancta Mariae de Charitate omnes decimas de pane, vino, & lino omnium Regalium quam habemus, & habere debemus ego, & uxor mea Domna Tarsasia a flumine Dorij usque ad flumen quod nunquam eas antea presoluebamus, similiter pro animabus nostris, & parentum nostrorum, omnibus autem tam ex progenie nostra, vel extranea, qui hoc nostrum factum illesum conseruauerint, sit pax, & veritas, & animas eorum postmodum à Deo omnipotente recipiatur in aeterna tabernacula, Amē, &c. Facta carta testamenti, & elemosinae huius mense Martij apud Colimbriam. E. M. C. XXXV/III. Em nosso vulgar dizem.

Em nome do Padre, & do Filho, & do Spirito Santo. Eu o Cōde Dom Henrique, & minha mulher a Rainha Dona Tareja, filha del Rey Dom Afonso, fazemos

doação pella firmeza deste papel a vos Prior de Santa Maria de Charidade, & ao vosso Conuento daquella Igreja de São Pedro de Rates, que eu, & minha mulher leuantamos dos fundamentos achandoa toda destruida, & herma desde muito tempo, & nos a fizemos pouoar, & com perfeita vontade, & bom animo, a offerecemos por remedio de nossas almas, & de nossos paes a Santa Maria de Charidade com todos seus termos, & com tudo o que nos pertence paraque o Prior de Charidade, & o Conuento do mesmo lugar possaõ fazer della o que quizerem. E porque nós temos grande cōfiança nas orações dos varoões Religiosos moradores deste Mosteiro, & em sua cōpanhia desejamos apparecer entre o numero dos Santos no dia do Iuizo diante do tribunal de Christo: por tanto offerecemos este piqueno dom á Santa Maria de Charidade, para que no dia do Iuizo apresentandonos a Iesu Christo seu filho reeebamos delle a bemaumentança perpetua. Damos taõbem a Santa Maria de Charidade por nossas almas, & de nossos paes todas as dizimas do pão, vinho, & linho, pertencêres a mim, & a minha mulher Dona Tareja desde o rio Douro até o rio as quais dantes se não pagauão. E todos aquelles ou sejaõ de nossa geração, ou estranhos, que conseruaré esta nossa  
doação

doação em seu vigor, tenham paz & verdade, & os receba despois o Senhor nas moradas da bemaventurança eterna. Foy feita esta carta de testamento, & esmola na cidade de Coimbra no mes de Março da Era de 1138.

He esta escriptura testemunho da grande piedade destes gloriosos Principes, cuja Real grandeza & liberalidade se estendia até a Reynos estranhos. E desta memoria se fica taõ bem sabendo, como a fundação de São Pedro de Rates pertence a estes Principes, & não a Rainha Dona Mafalda mulher del Rey Dom Afonso Henriques, como erradamente se refere nas historias Portuguezas.

A Igreja de S. Maria de Charidade, de q se faz memoria em esta escriptura, era Mosteiro de Monges Cluniacenses, o qual estava fundado na Prouincia de Aquitania, não longe da cidade de Altifiodoro (hoje se chama Auxerre) como de tudo dá expresso testemunho Ioão Arcebispo Bituricense, Primaz de Aquitania, o qual vendo em o sobre-ditto Mosteiro a doação original do Conde Dom Henrique, & da Rainha Dona Tareja atraz escripta, mandou a Portugal o treslado della, & este se lançou em a Torre do Tombo em o anno do Senhor de 1268. reinando Dõ Afonso o Terceiro, & daria a isso occasião faltar-se neste Reyno com aquella esmola offerecida pellos

primeiros Principes delle, & mal executada por seus decendentes em aquelle tempo, em que ouue outros descuidos semelhantes, como veremos no discurso da historia.

As terras a que acho ter dado foraes o Conde Dom Henrique, são as seguintes. A cidade de Coimbra, a qual posto que estiuessse ja habitada pellos Christãos antes do tempo deste Principe, & se gouernessse pello foro que lhe auia dado el Rey Dom Afonso o Sexto, do qual ha memoria em o Archiuo da Se da mesma Cidade; contudo quis o Conde renouar nella com este fauor a confiança que fazia de seus moradores com parte principal de seus estados. Deuse mais foral às villas de Tentugal, & Soure, à Certã, Zurara, São Ioão da Pelqueira, à illustre villa de Guimaraes, & a outras pouoações menores, que não aponto, por parecer couza de menos consideração, como tambem as particularidades dos foraes, por não achar nelles que notar. Só aduirto, que do foral da Certã passado a 9. de Mayo do anno do Senhor 1111. consta auer estes Ricos homens senhores de terras. Mem Viegas de Santa Cruz, Egas Gozendes de Baiam, Egas Moniz de S. Martinho, Gomez Nunez de São Christouão, Mendo Nunez de Peñafiel, Paio Soares de Amaya, & Fernão Fernandez de Lamego. Todos con-

firmac

*Liuro da  
Sede Coim  
bra fol.  
153.*

*Na Torre  
do Tombo  
no liuro  
dos foraes*

*Este he S.  
Martinho  
de Mouros  
naõ longe  
de Lame-  
go do rio  
Louro.*

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

firmão aquella escriptura, com declaração de terem debaixo de seu senhorio aquellas terras, o que se denota pella palaura, *Continens sanctam Crucē, continens Baiam, &c.* muy usada nas escripturas daquelle tempo.

Differentes quasi todos são os que confirmão o foral de Coimbra em o mes de Junho do mesmo anno, pois se nomeão Fernão Telles, Fafez Luz, Paio Paes, Pero Gonçalves, Mem Viegas, Gomez Nunez, & Pero Paes. Não entram aqui os da casa do Conde, & do governo de Coimbra, que também se acharão presentes, & se comprehendem nestas palauras, *& omnis schola Comitatus, & omne concilium Colimbria*, que estão no fim da escriptura.

Mais asinão no Foral de Soure (o qual he do mesmo tempo) alem de muitos ja nomeados, Pedro Correa, Garcia Enhegues, Sueiro Viegas, Egas Spina, Paio Mendes, & Gomez Olores.

### CAPIT. XXIII.

*Do cerco de Coimbra, em q̃ os Portugueses resistirão a todo o poder dos Mouros. De algũas duuidas que o Conde Dom Henrique teve com os moradores desta cidade.*



Aõ cessaua por este tẽ 1107.  
po a guerra dos Mouros, em que o Conde Dom Henrique com a gente de Portugal obraua grandes cousas, das quais sabemos a menor parte. Hum de nossos autores afirma rompeo este grande Capirão os Mouros em dezaete batalhas, numero que ainda pode parecer limitado a respeito das muitas occasiões daquelle tempo. Em o Anno de 1107. ouue hũa de muita gloria à nação Portuguesa, & aos moradores de Coimbra, que foy a resistencia de hum duro cerco posto a esta Cidade pello Emperador dos Mouros cõ a grandeza de seu poder junto. Celebra a historia dos Godos a gloria deste illustrissimo feito, cõ a singeleza destas palauras.

*Era M.C.XV. Colimbria obsessa est ab Hali Aben Ioseph Rege trásmarino, cuius copie innumerabiles soli Deo cognita. Sed viginti diebus grauissimè expugnata capi non potuit. Querem dizer. Na era de 1145. (que he o anno referido de 1107.) esteve cercada Coimbra por el Rey Mouro de Alem mar, Hali Aben Ioseph, cujo exercito era tão copioso, que sò Deos parece o podia numerar. Foy a cidade combatida fortissimamente por espaço de vinte dias, mas não pode ser tomada. Magoa grande he não se poder relatar mais particularmẽte este cerco tão memoravel,*

rauel, nem dar os devidos louvores aos capitães, & soldados Portuguezes que nelle mais se afsinalaraõ. E así remetermos à consideração dos prudentes, o que neste ponto deuia ficar em lembrança; pois se reprimiraõ com hum poder tão limitado, como então era o de Portugal, as armas do mais poderoso, & esforçado Principe Pagam daquelle tempo, cuja fama se auia engrandecido muito com a vitoria de Vcles contra os Castelhanos, com a fogueira dos Reys Arabes de Espanha, & entradas que fez por terra dos Christãos cõ grande gloria. Mas tudo se humilhou ao valor dos Portuguezes, & do Conde Dom Henrique, cujo louvor deue ser o principal nesta materia.

Em hum dos annos seguintes encontro com hũa nouidade entre este Principe, & os moradores de Coimbra, de que não julgo a relação por alhea desta historia.

*Liuro da  
Sã de Co-  
imbra fol.  
157.  
Archiuio  
da cidade  
de Coimb.* *Promittimus ( diz o Conde Dom Henrique em o foral de Coimbra) non tenere in corde, vel mente malam voluntatem, vel ira de hoc quod vsque egistis aduersum nos: sed habebimus gratum quod collegistis nos, & honorabimus vos vt melius poterimus, & neq; in vestra re vel in vestris corporibus habebitis dishonor, vel perdita. Significa isto. Prometemos de não ter em o coração nẽ na alma algũa má vontade, ou ira do que atẽgora contra nos fizestes: mas sempre vos agradecer.*

mos o auernos recolhido, & por este respeito vos honraremos como melhor pudermos, de sorte que não recebais deshonra, ou perda algũa em vossos corpos, nẽ fazenda.

Embaraçado me vi com estas palauras, & ainda não acabo de entender a causa deste agrauo, ou desobediencia dos moradores de Coimbra ao Conde, & à Rainha, pois se dà a entender que por algum tempo os excluiraõ, & não quizerãõ recolher na cidade. Não são faceis de penetrar estes segredos. Poderia ser, que o Conde impusesse ao pouo de Coimbra obrigação de dinheiro, ou gente, para as guerras de Leão, ao que elles não acudiriaõ, necessitados de hũa, & outra couza para a defenõ de sua cidade, a qual ficaua exposta à irrupção dos Barbaros, & em mayor perigo pella ausencia do Conde, & diuisão das forças de seu estado. Vindo o Conde a facilitar este negocio, ou castigar os amutinados, lhe fechariaõ as portas, & não obedeceriaõ.

Tinhão em aquelle tempo os vassallos mayores brios, & os Principes dissimulauãõ prudentemente alguns excessos, porque a confusão da guerra, & importancia dos soldados fazia os Reys menos absolutos. Nem todos os tempos requerem hum mesmo gouerno. Deuẽ os Principes medir a estima de seus vassallos pella neces-

## Livro VIII. Da Monarchia Lusitana.

necessidade, & passar com dissimulação algũas cousas, que tambem a oppressão, & mileria dos poucos em tempo de guerras he muy grande. Não erão estas razões occultas ao Conde Dom Henrique, por isso admittio com clemencia aos de Coimbra, que parece encontraram seu mandado. E aos moradores de Certã, por quanto lhe aviaõ obedecido com hum termo cortezão, agradeceo com palauras muy notaveis esta boa obra, não obstante ser obrigatoria, como de vassallos a seu senhor natural. *Placuit nobis* (se diz em o foral desta terra dado pello Conde) *ut demus vobis bonum forum pro captis, & honore quo fecistis super nos primo, & collegistis nos in vestra casa.* Quer dizer: He nossa vontade darvos bom foro pello bom termo, & honra que com nosco vsastes, recolhem donos primeiro em vossa casa. Tal era o estado das cousas daquelle tempo, que às obrigações dos vassallos se mostravão os Principes devedores.

*Archivo  
Real lli.  
dos foraes  
fol. 12.*

### CAPIT. XXV.

*Da morte de S. Giraldo Arcebispo de Braga, & del Rey Dom Afonso o Sexto. Como se rebelou Sintra, & a tornou a ganhar o Conde Dom Henrique.*

**E** Altou neste anno de 1109. o grande Arcebispo de Braga S. Giraldo. Andava este bea- 1109.  
uenturado Santo em a Prouincia de Tralos montes de seu Arcebis-  
pado ensinando, & prégando cõ  
marauilhoso fervor, & exemplo  
de vida, quando aprouue ao Sen-  
hor de pór limite a seus traba-  
lhos, & remunerar os serviços q̃  
lhe tinha feito. Sobreueolhe a úl-  
tima enfermidade, & sem aver  
lugar de o trazerem a Braga, veio  
a falecer della em breues dias. Cõ  
o corpo do santo Pastor se puse-  
raõ os seus em caminho para sua  
Igreja (deuia ser por ordem do  
mesmo Santo) & antes de chegar  
a ella notificou o Senhor com al-  
gũs milagres a gloria de sua al-  
ma. Hum se refere de grande ad-  
miração, & foy deter o rio Ta-  
maga sua corrente quando ouue  
de passar o santo corpo, & os de  
sua companhia, como fez o rio  
Iordão, & o Mar Roxo em oca-  
sões mais antigas.

Não he de nosso instituto co-  
piar os milagres q̃ o Senhor por  
este Santo ha obrado, pois he cou-  
sa propria da relação de sua vida:  
So aduirto, que foy ella tão ex-  
plar, & bem reputada, que ainda  
sendo viuo lhe grangeou accla-  
mações de Santo, & beauentura-  
do. Corria demanda entre a Sê  
de Braga, & o mosteiro de Ti-  
baes, de que alcançou sentença o  
santo



santo Arcebispo, ficando o mosteiro condenado em certa somma de dinheiro. Não quis elle fazer execução, antes perdoou tudo aos Religiosos, admitindo-os em sua graça, como dá testemunho Nuno Abbade do mesmo mosteiro, dizendo: *Vos veluti probus, ac sanctus homo non solum nos ad vestram gratiam collegistis, verum & totam illam calumniam de 50. soldos instè seu iniustè super memoratum monachum oppositam, vos quoque ex toto pepercistis.* Quer dizer: Vos como varão Santo, & justo não contente de nos admitir a vossa graça, perdoastes toda a condenação, &c. Nesta escriptura, cuja data he a 21. de Agosto do anno do Senhor de mil & cento & sinco se dá titulo de Duque, ou Capitão ao Conde Dom Henrique, & ao Conde Dom Raymundo, com estas palavras. *Duce Henrico Portugalliam tenente, Raymundo Duce Galleciam mandante.*

A vinte de Julho do anno seguinte de mil & cento & seis, faz Guterre Soares doação á Sé de Braga de hũa Quinta no lugar de Margatanes, junto a hũa cidade, que chama Torroso, (da qual hoje não temos memoria) & nomea a São Giraldo Arcebispo glorioso. *Sedente in illa Sede glorioso Archiepiscopo Donno Giraldo.* Com estes termos era tratado o Santo sendo viuo, calificando ja todos então sua sanctidade, & declarando o

grãde conceito que delle tinhaõ. A memoria deste Santo se venera com reza propria entre os Arcebispos Santos de Braga. Foy promovido a seu lugar Mauricio Bispo de Coimbra, o qual aspirou despois ao summo Pontificado, & causou algũs escandalos na Igreja Catholica.

Tambem este anno foy designado pella morte do grande Rey Dom Afonso o Sexto, sogro do Conde Dom Henrique. Morreo em Toledo em hũa quinta feira o primeiro dia de Julho, tendo padecido hũa larga doença. Louvase neste Principe entre outras virtudes a modestia nas prosperidades, & a constancia nos trabalhos & reuezes da fortuna, que se bem he prudencia impedilos, não deixa de ser grandeza de animo soffrelos com fortaleza. Ouue grandes inquietações em Espanha com a morte del Rey Dom Afonso de que ao Reyno de Portugal coube não pequena parte. Porque o Conde Dom Henrique, ou proseguindo pelas armas o direito que sua mulher tinha aos Reynos de Leão, & Castella, como tenho por mais prouavel, ou dando ajuda ao Infante D. Afonso, filho do Cõde D. Raymundo, & despois a el Rey de Aragão, como escreuem alguns autores, se enuolueo em guerras com os Galegos, & Leoneses, as quais lhe duraraõ atè o fim da vida, & posto que

I adquirio

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

acquirio algũas terras por estas partes deu occasiã a lhe tomarem os Mouros outras, que nunca as differenças dos Principes Christãos deixão de custar caro, quando ha inimigos da Fé, que vigiaõ as occasiões de nosso dano.

Hũa das terras que se rebelou ao Conde Dom Henrique, foy a villa de Sintra, & posto que o Conde a tornou a recuperar, não se pode sostentar, nem as outras terras vizinhas de mais importancia. Faz menção a historia dos Godos desta rebelião, & tomada de Sintra depois da morte del Rey Dõ Afonso com estas palauras. *Et paulõ post, primo sequente circiter anno, cum Sintria defecisset audita morte Regis Alfonsi, recuperata est à Comite Henrico Regis genero, & patre Alfonsi primi Regis Portugallie.* Isto he: Pouco despois da morte del Rey Dom Afonso, no seguinte anno, como Sintra se rebellasse sabida a morte del Rey, foy recuperada pello Conde Dom Henrique seu genro, & pay de Dom Afonso primeiro Rey de Portugal.

Estauão Sintra, Lisboa, & outras terras vizinhas, posto que à obediencia do Conde Dom Henrique pouoadas de Mouros, os quais pagauão tributo do tempo que el Rey Dom Afonso o Sexto fogueitara aquellas praças. Vsaue de este estylo nas terras conquistadas, por quanto falta-

ua a gente para se pouoarem, & os soldados para o presidio, & daqui nacia perderemse, & ganharemse tantas vezes as terras, como temos aduertido. São pouco firmes os senhorios que tem fogueitas nações inimigas, porque como nellas falte o amor com que se seguraõ os Imperios, permanecem sòmente obedientes em quanto vem razoës de remer o poder de seus Principes, & ao contrario em faltando occasiã de temor, começão a executar logo o odio encuberto. Assim fizeraõ os de Sintra na occasiã presente, & tornaraõ a repetir pouco tempo despois, como veremos, donde resultou perderse Lisboa, Santarem, & as mais terras da Estremadura, com grande danno, & não menor dífredito da gente Portuguesa.

### CAPIT. XXVI.

*Examina-se o anno em que naceo el Rey Dom Afonso Henriques. Citãose varias escrituras ao intento.*



Têgora se recebeo cómunmente ser o nascimento del Rey Dõ Afonso Henriques no anno do Senhor de 1094. Assim dizem os Chronistas antigos, & modernos

modernos deste Reyno, aos quaes seguem todos os estranhos. Desuiou-se deste parecer cômum & errado o insigne escritor João de Barros, o qual na terceira Decada de sua Asia deixou aduertido, que o Anno de mil cento & seis foy o do nascimento deste Principe, por quanto em o de mil cento & doze, em que faleceo o Conde Dom Henrique seu pay, não tinha mais que seis deidade. Impugna esta resolução hum autor moderno no liuro que fez de varias antiguidades com estas formaes palauras:

Stacio das  
antiguid.  
cap. 22.

*E quanto ao Principe, dizer que ficou menino de seis annos, não pode ser, porque Duarte Nunes de Leão diz que naceo elle no anno do Senhor de 1094. &c.* Pudera servir a este autor, ja que se professaua antiquario, o dito de tão graue pessoa, como João de Barros, para fazer algum exame neste ponto, & não cuidar o conuençe com autoridade menor, & mais moderna. Eu digo tres cousas. A primeira, que não naceo el Rey D<sup>o</sup> Afonso Henriques no anno de mil & nouenta & quatro, como nossos historiadores dizem. A segunda, que foy seu nascimento do anno mil cento & seis, ate o de mil cento & dez. A terceira, que mais prouauel me parece nacer em hum destes annos derradeiros, não farei nisto largos discursos, que nem a materia o requer, nias com toda a verdade

citarei memorias antigas, para que o leitor faça juizo do que lhe proponho.

Que naceffe el Rey D<sup>o</sup> Afonso no anno de mil & cento & seis, se colhe da vida de São Theotónio manu escrita, a qual se conserua em Santa Cruz de Coimbra com grandes mostras de antiguidade. Nella se diz (ainda que por metafora) que quando o Santo morreo (que foy, como mostraremos em seu lugar, no anno do Senhor de mil & cento & sessenta & dous) tinha el Rey D<sup>o</sup> Afonso 56. de idade. *Anno memorati Regis Alfonsi* (são as palauras da relação) *primi Portugalensis, sub quo Christi vestem suscepit* 56. E así se conuençe naceo em o anno do Senhor de mil & cento & seis, pois só seis annos faltão para encher o numero de sessenta & dous em que faleceo o Santo.

Archivo  
de Santa  
Cruz de  
Coimbra.

O mesmo contem huma memoria do Real Conuento de Alcobaga, a qual está em hum liuro escrito ha mais de trezentos annos, que tem por titulo, *Tertia pars passionum*, & contem alguns martyrios de Santos, & entre elles a tresladação de São Vicente do Algarne a Lisboa escrita por mestre Esteuão Chantre da S<sup>e</sup> da mesma Cidade, & do proprio tempo del Rey Dom Afonso, o qual diz así: *Quae translatio iocunda celebrisque statuitur* 17. *Kalendas Octobris anno 1173. Regni autem Regis Alfonsi 45. vite vero eiusdē 67.* Quer

Archivo  
do mostei-  
ro de Al-  
cobaga.

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

dizer. A qual tresladação se ordenou com muita festa a 17. das Calêdas de Outubro (são quinze de Setembro) do anno de Christo de 1173. do Reinado del Rey Dom Afonso 45. & de sua vida 67. E assi se conuence nacer el Rey em o anno de 1106. por quanto de 67. para 73. faltão somente seis.

Hũa relação de São Vicente de fora acrescenta hum anno ao nascimento del Rey Dó Afonso. He do liuro da fundação deste mosteiro, o qual começa assi. *Anno ab Incarnatione 1147. Christianissimus Portugallie Rex Alfonsus Comitis Hē*  
*Archiuo de S. viñe*  
*re de fora*  
*de Lisboa*  
*rici, & Regina Taresie filius, inimicorum Crucis Christi mirificus extirpator ac voluntarius 18. Regni sui, anno atatis autem X collegit exercitum suū, vt annis singulis solitus est aduersus Saracenos, aplicuique ad Vlixbonam.* A significação he: No anno de mil cento & quarenta & sete o Christianissimo Rey de Portugal Dó Afonso, filho do Conde Dom Henrique, & da Rainha Dona Tareja, grande perseguidor, & flagello dos inimigos da Cruz de Christo tendo dezoito annos de Reynado, & de idade quarenta, ajuntou seu exercito contra os Mouros, & veyo cercar Lisboa. (Aduirto que neste lugar a letra X. val quarenta, & não dez, o que se proua bem das palauras referidas, pois se diz nellas, que el Rey tinha dezoito annos de Reynado, & que antes de pór

cercar a Lisboa, cossumaua sair em campo todos os annos com seu exercito.) Se pois el Rey no anno de mil cento, & quarenta & sete tinha quarenta de idade, como diz esta memoria, claro he que naceo no anno de mil & cento & sete.

Dous annos differe desta conta hum Breuiario de mão da liuraria de Alcobaça escrito em pergaminho, no fim do qual estã hũa breue relação dos Reys de Portugal até el Rey Dom Afonso o quarto; & tratando do nascimento del Rey Dom Afonso Henriques diz estas palauras. *Era M. C. XLVII. natus est Aldonsus primus Rex Portugallie, filius Comitis Henrici.* Quer dizer: Na era de mil & cento & quarenta & sete naceo Dó Afonso primeiro Rey de Portugal, filho do Conde D. Henrique. A era de mil & cento & quarenta & sete ja se sabe; que responde ao anno de Christo de mil & cento & noue.

Ultimamente se proua nacer el Rey Dom Afonso em o anno de mil & cento & dez, de hum liuro antigo de mão das obras de São Fulgencio da mesma liuraria de Alcobaça, em o fim do qual ha hũa memoria da tomada de Santarem, a qual contem estas palauras. *Capta est Idus Martij il-lucescente die Sabbati in Era M. C. LXXXV. quo anno Mauri, qui Arabicè Momazida vocantur, ingressi Hispaniam, distruxerant Hispaniam, Civitatem,*

*Archiuo  
de Alcob  
ça.*

*Ciuitatem, me tunc agente tricesimū ferme ac septimū etatis annum, & Regni decimum nonum.* Tomou-se a villa de Santarem (diz el Rey Dom Afonso, o qual vay falando nesta relação) Sabado pella manhã em os Idus de Março da Era de mil & cento & oitenta & cinco (São 15. de Março do anno de Christo de mil & cento & quarenta & sete.) No qual anno os Mouros, que em Arabigo se chamão Momazidas, ou Musmidas entrado por Espanha destruíraõ a cidade de Sevilha, tendo eu quasi trinta & sete annos de idade, & de Reyno defanoue. Celebre testemunho, & digno de todo o credito, pois o proprio Rey D. Afonso confessa nelle, q̃ naceo no anno de 1110. pouco despois do mes de Março, pois a quinze deste mes do anno de mil & cento & quarenta & sete tinha quasi trinta & sete annos de sua idade.

De todos estes lugares se tira nossa resolução atras proposta, q̃ o nascimento de el Rey D. Afonso Henriques, não podia ser em o anno de 1094. mas que foy entre o anno de 1106. ate o de 1110. pois as escrituras que temos visto correm dentro deste tempo, & he impossivel moralmente falando estarem todas erradas. E que o nascimento del Rey fosse mais neste ultimo anno alem da ultima autoridade se proua pellos lugares & conjeituras seguintes. A historia dos Godos diz assi. Era

1163. *Infans inclitus Alfonsus Henrici Comitis filius etatis anno 14. in Ecclesia Zamorenci, ab altari Saluatoris, ipse sibi manu propria sumpsit militaria arma.* Isto he na Era de 1163. o inclito Infante Dom Afonso filho do Conde D. Henriq̃ tendo 14. ann. de idade tomou por sua propria mão as insignias militares do altar do Saluador na Igreja de Camora. A era de 1163. responde ao anno de 1125. & se neste anno tinha o Conde 14. annos de idade (deue-se entēder que tinha 14. perfeitos, & entrava nos 15.) he final que nasceo no anno de 1110. como temos dito.

Mais o Conde D. Pedro no liuro das gerações affirma, que el Rey Dom Afonso Henriques viveo 76. annos, & como sua morte fosse no anno de 1185. como todos confessão, segue-se nasceria no anno de 1110. tendo perfeitos os 75. de sua idade, & muita parte do ultimo anno, por quanto faleceo em o mes de Dezembro do anno referido.

Nossas historias affirmão constantemente, que el Rey Dom Afonso Henriques começou a senhorear Portugal tendo 18. annos de idade (posto que se enganam com contar este tempo da morte do Conde Dom Henrique pois he certo que se não deue numerar se não do anno do Senhor de 1128. como mostraremos adiante.) E assi bem concorda o nascimento deste Principe

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

em o anno de 1110. com o principio de seu Reinado no anno de 1128. tendo 18. annos de idade, como lhe assinaõ nossos historiadores.

E. que o Principe não ficasse de de 18. annos quando morreo seu pay, se mostra com euidencia pela razão seguinte. A Rainha Dona Tareja gouernou o estado de Portugal por morte do Conde Dom Henrique 16. annos, como se cópadece, se o Principe ficara em idade de 18. annos, que não fosse participante do gouerno? Que a Rainha gouernasse em todo este tempo sem companhia de seu filho, se mostrará no principio do liuro seguinte.

Ultima razão, & de muita força. Se o Principe por morte de seu pay ficara de 18. annos, se ouuera de ocupar logo nas guerras de seu tempo. Mostrarei em o liuro seguinte, como não seguiu a milicia, nem a podia seguir senão muitos annos adiante. Como he falso o que nossos Chronistas dizem da conquista de Leiria no anno de 1117. Como as guerras Ciuis entre a Rainha Dona Tareja, & o Principe, & outras de Castella tiuerão principio despois do anno de 1128. pello que não ficou por morte de seu pay da idade que dizem, nem naceo em o anno de 1094. antes foy seu nascimento em o anno de 1110. ou em hum dos antecedentes, como temos mostrado por escripturas.

Duas duuidas se me offerecem contra esta resolução. A primeira do foral dado pello Cõde Dõ Henrique á villa de Constantim de Panoias em terra de Villa Real, o qual segundo se nelle mostra, foy feito em a era de 1134. que he anno de 1096. & contem no fim estas palauras. *Ego Infans Donno Alfonso filius Henrici Comiti, & Infante Donno T. autorizo, & confirmo, & roboro ista carta, quæ fecit pater meus, & mater mea regnante Donno Alfonso in Legionæ.* Seguemse despois as firmas de algũs Grãdes, como são Gomez Nunes, Egas Moniz, Mem Viegas, Gueda Medez, Mem Moniz, Ermigio Moniz. Destas palauras (nas quais se contem a firma do Infante) consta como elle era viuo no anno de 1096. pois confirmaua nas doações q se faziaõ. Assim que naceo no anno de 1094. como se diz comumente, por ser estilo tanto que nacião de se nomearem logo nas escripturas.

Respondo, não ser a firma do Infante do tempo em que se passou o foral. No liuro da Sé de Coimbra temos outro caso semelhante. Deu el Rey Dom Afonso Sexto foral a Coimbra na era de 1123. que he anno de 1085; nelle confirma Martim Moniz dizendo: *Martinus Moniz quæ post obitum prædicti consulis Imperator præfatus Alfonsus ciuitati prædictæ præposuit cons.* Isto he Martim Moniz, a quem por morte do sobredito Consul (tinhasse nomeado a tras o Conde

*Torre do  
comto em  
o liur. dos  
foraes ve-  
lhos.*

*Cartorio  
da Sé de  
Coimbra  
liuro das  
doações.*

Conde Sifnando) O mesmo Emperador Dom Afonso fez Gouvernador da dita Cidade confirmo. Esta firma não se podia fazer em o anno de 1085. pois se suppoem ser ja falecido o Conde Sifnando o qual (como vimos) chegou ao anno de 1091. por onde foy feita em outro tempo, & não deuia ser outro se não o anno de 1093. em que Martim Moniz governava Coimbra. Do mesmo modo confirmou o Infante Dom Afonso, quando ja governava Portugal este foral de Constantim de Panoyas, que seu pay fizera antes delle nacer. E vele isto claro pois faz aduertencia despois de o assinar, que os moradores daquella terra guardem o foral de Guimaraes. Mostra semais pellos senhores que confirmão despois do Infante, que são todos do tempo de seu governo. Em o ann. de 1096. não ha ainda delles memoria nas escrituras.

Torre da  
Tombona  
liuro dos  
foraes ve-  
lhos.

Outra duuida se pode mouer do foral de Zurara, dado pello mesmo Conde Dom Henrique, no qual assina tambem o Infante Dom Afonso, & a Era se escreue assi. Era M.C.X. não se pode dizer, que a letra X. neste lugar val dez somente, porque fica então respondendo a era ao anno de Christo de 1072. tempo em que o Conde Dom Henrique não estava em Espanha. Pello que a letra X. val 40. & responde a era ao anno de 1102. E assi he falão di-

zer que o Infante Dom Afonso naceo do anno de 1106. por diante, pois ja confirmava no anno de 1102.

Com facilidade digo que a letra X. val dez somente, porem a era não he de Cesar, se não anno de Christo. Prouale por hūas palauras do mesmo foral, em as quais se diz, que Dom Gonçalo Bispo de Coimbra o escreuera, & como este Bispo não fosse eleito até o anno de 1109. quando se promoveo seu antecessor Dom Mauricio à Sêde Braga por morte de S. Giraldo, consta clarissimamente q̃ antes deste anno se não escreueo o foral, & conseguintemente, que sua data foy no anno de Christo de 1110. quando ja o Infante era nacido.

## CAPIT. XXVII.

*De algũas cousas tocantes à criação del Rey Dõ Afonso Henriques, & de suas irmãs as infantas.*



Naceo o Infante Dom Afonso na nobre villa de Guimaraes em o anno que temos apontado. Sua primeira criação foy em a propria villa, donde dizem que era natural Dona Auzenda sua ama de leite. Os annos seguintes da mininice passou na comarca de Lamego nas quintas de Cres-

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

conhe, & Refende sob a tutela do illustre fidalgo Egas Moniz, o qual em o tempo da paz residia por estes lugares, que eraõ todos de seu patrimonio. Em a Torre do Tombo ha hum liuro de inquiriçoẽs do tempo del Rey Dõ Diniz, que diz hũa cousa, & ou-

*Liuro de inquiriçoẽs del Rey D. Dinis na Torre do Tombo.*

*tra. Item a freguesia de Santiago de Peaiçes a quinta que chamão Cresconhe, que foy de Dom Egas Moniz he prouado que a virão as testemunhas sempre honrada desque se acordão, e que ouuiraõ dizer, que o foy de muy lãge, e que citaraõ hi el Rey D. Afonso o primeiro. Prouase mais a assistencia de Egas Moniz por estas partes, de hũa escriptura de Arouca do anno do Senhor de 1220. em a qual auendo certas duuidas entre Froyla Veliniz, & Toda Viegas, se diz q̃ recorreraõ a Cresconhe diante de Egas Moniz. Senhor da terra. Et deuenimus inde in*

*Archino de Arouca*

*Cresconi ante Domino Egas Moniz.* Alem do que pollas escripturas se mostra ser Egas Moniz Senhor de São Martinho de Mouros, & ter debaixo de sua mão o castello de Lamego, com cujo senhorio ficou por sua morte seu filho Sueiro Viegas, donde he cousa indubitauel que residio muito tempo por esta comarca.

E de caminho não deixarei de aduertir, ainda que seja contra o parecer de alguns autores, que el Rey Dom Afonso se não criou em os paços de Dona Tareja Afonso molher de Egas Mo-

niz junto ao Mosteiro de Salzeda; por quanto esta Senhora viueo nelles, quando despois da morte de seu marido tratou de fundar aquella casa, tempo em que ja el Rey Dom Afonso era varaõ perfeito, & gouernaua o Reyno. Mais me parece que quando este Principe esteue em casa de seu ayõ Egas Moniz, era elle casado a primeira vez com Dona Mor Peres da Silua, & tinha seu filho Lourenço Viegas quasi da mesma idade do Principe, por cujo respeito lhe tomou o Principe grande affeição, & o chamaua irmão, como diz o Conde Dom Pedro. E a ser este fidalgo casado segunda vez com mais razão chamára el Rey irmão algum de seus filhos do segundo matrimonio, que fosse de sua idade.

*Conde D. Pedro III.*

36.

Nos paços de Salzeda não ponho duuida se criaraõ, & residiraõ algum tempo os filhos do proprio Rey Dom Afonso, por quanto o mesmo Rey os entregou a Dona Tareja Afonso, sendo ella viuua, como cõsta de muitas escripturas da Salzeda. Em hũa Era de 1202. que he anno de 1163. em que compra a mesma senhora a Pero Viegas algũas terras em Queimada Fontello, & Baldigem da el Rey seu consentimento dizendo. *Ego quoque Alfonsus Rex Portugallie, vnã cum filiis meis Rege Donno Sancio; & Regina Donna Tareja, vobis Donna Taresie, eorundem filiorum meorum nutrici banc cartam*

*Liuro das doações de Salzeda da leitura antiga. fol. 14.*

*sicut*



*sicut superius resonat confirmo.* Isto he. Eu Dom Afonso Rey de Portugal juntamête com meus filhos el Rey Dom Sancho, & a Rainha Dona Vrraca confirmo a vos Dona Tareja Afonso ama dos ditos meus filhos a escritura proposta. Ficaram estes Principes de pouca idade por morte da Rainha Dona Mafalda sua mãy. El Rey Dom Afonso com a occupação das guerras, não tinha lugar de attêder á criação & disciplina delles. A illustre matrona Dona Tareja Afonso, viuia cõ muito exemplo occupada na fundação da Salzeda mosteiro insigne da Ordê de Cister. Pareceo conveniente fazerlhe a entrega dos Infantes.

Mais velhas que o Principe foram as Infantas suas irmãas, as quais segundo boas conjeituras nacerão tambem em Guimaraes ordinario assento da Corte de nossos Principes naquelles primeiros annos. Não longe desta villa ha hum lugar em que se crião estas Princesas, & por seu respeito chamaõ Villa noua das Infantas. Assim consta de escritura que està no mosteiro de S. Tyrão, em a qual se nomea este lugar, *Villa noua Infantiarum.*

Muito desacertaõ nossos autores em o que escreuem destas Infantas, & ainda em os nomes que lhe dão, porque dizem que as filhas do Conde Dom Henrique foraõ Dona Tareja, & Dona

Vrraca. A primeira fazem casada com Dom Vermudo Paes, irmão do Cõde Dom Fernando, ambos os quais dizem, que successivamente, tiueraõ por molher a Rainha Dona Tareja mãy desta Infanta. A segunda dizem celebrar matrimonio com Fernão Mendez grande senhor naquelle tempo.

Deixados os erros destes casamentos para outros lugares, quanto aos nomes das Infantas acho pellas escrituras, que as filhas do Conde Dõ Henrique, & da Rainha se chamaraõ Dona Vrraca, & Dona Sancha. Em hũa doação da Ermida de Castrume feita pela Rainha Dona Tareja ao Bispo de Coimbra Dõ Gonçalo confirma a Infanta Dona Vrraca, dizendo: *Ego Vrraca Henrici Comitis filia, & eiusdem supradictae Taresiae* eu Dona Vrraca filha do Conde Dom Henrique, & da sobredita Dona Tareja fiz com minha mão propria esta firma. He a data da escritura a quinze de Abril da era de mil cento & sincoenta & hum, que he anno de Christo de mil cento & treze.

Da Infanta Dona Sancha consta por muitas escrituras. Hũa doação faz ella da Igreja de Villar a Dom João Arcebispo de Braga em tres de Mayo do anno do Senhor de mil & cento & quarenta & sete, a qual começa assim. *Ego famula Dei Sanctae Reginae Tarasiae, ac Comitis Henrici filia, &c.* Quer dizer,

*Liuro das  
doações de  
Coimbra.*

*Liuro fi-  
del da sã  
de Braga.*

## Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.

dizer. Eu a serua de Deos Dona Sancha, filha da Rainha Dona Tareja, & do Conde Dom Henrique. Esta princeza foy a que casou com Fernão Mendez, porque em a mesma escriptura se seguem immediatamente estas palauras: *Vna cum concilio mariti mei Fernaudi Mendes.* Quer dizer q̃ faz aquella doação com o parecer de seu marido Fernão Mendes. Esta mesma verdade se proua de outra escriptura feita á mesma Sé de Braga de hum Casal em São Pedro de Gostem na Era de 1185. anno 1147. na qual se diz que dá seu consentimento Dō Fernão Mendes, & sua molher a Infanta Dona Sancha. *Concedente Donno Fernando Menendis, & vxor sua Infantis Donna Sancia.* O mesmo consta de outras escripturas, que deixo por breuidade. Quem fosse Fernão Mendes marido da Infanta, se verá adiante.

Archiuo  
da Igreja  
de Braga.

A outra Infanta Dona Vrraca foy a que casou com Dō Vermudo Paes, como mostra o mestre Frey Antonio de Yepes de escripturas de sobrado. Porem não ouue neste casamento a indecencia que os historiadores escreuē de ser este fidalgo casado primeiro com a Rainha Dona Tareja; como mostraremos em algũs lugares do liuro seguinte.

Alem destas duas Infantas entendendo que ouue outra irmãa por nome Dona Tareja, & que esta foy a que casou com Dom San-

cho Nunes, filho, ou decendente do Conde Dom Nuno de Cel-la noua. Mouome ao primeiro ponto, por ver que dizem nossos historiadores tiuerão estes Principes hũa filha chamada Dona Tareja; & não ser bem, & conueniente reprouar seus ditos, quando não incluem contradicção, & podem ser explicados. Ao segundo ponto do casamento com Dō Sancho Nunez me obriga o Conde Dom Pedro, afirmando ser este fidalgo casado com a Infanta Dona Tareja. E posto que elle a nomea por filha, & não por irmãa del Rey Dom Afonso Hêriques, todauia de escripturas authenticas consta ser o Conde Dom Vasco filho deste Dom Sancho Nunez sobrinho, & não neto del Rey Dom Afonso Henriques. Porem desta materia auerá ainda lugar de tratar em outras partes.

Archiuo  
de Santa  
Cruz de  
Coimbra.

Alem destes filhos dizem teue o Conde Dom Henrique fora de matrimonio a D. Pedro Afonso, o qual primeiro foy illustre caualeiro no mundo, & depois seguiu a milicia de Christo no Real mosteiro de Alcobaça, de cujas cousas se tratará em hum dos

liuros seguintes em particular Capitulo.

(.)

CAP.

## CAPIT. XXVIII.

*De como o Conde Dom Henrique ganhou algumas terras em Leão, & Galiza. Como se perderão outras na Estremadura.*

140.

**N**O R morte del Rey Dom Afonso o Sexto ouue grandes mouimentos de guerras entre os Principes Christãos de Espanha, de que ao Reyno de Portugal coube boa parte. Deixara este Principe duas filhas, a quem pertencia a herança de seus estados. Era a primeira a Rainha Dona Tareja, casada com o Conde Dom Henrique. A segunda se chamaua Dona Vrraca, ja viuua do Conde Dom Raymundo, de quem lhe ficara hum filho por nome D. Afonso Ramon: & de nouo casada com el Rey de Aragoão Dom Afonso chamado o Batalhador. Todos os autores suppoẽ que a herança de Leão, & Castella pertencia à Rainha Dona Vrraca, por cuja causa dizem tratou el Rey de Aragoão de se fazer senhor daquelles Reynos, o que continuou por força de armas, ainda depois de se fazer diuorcio, que logo ouue entre elle, & a Rainha.

Por outra parte os senhores

de Galiza aonde se criaua o Infante Dom Afonso Ramon, o quizerão levantar por Rey, oppondo-se aos intentos dos Aragoneses. Dom Pedro Conde de Traua principal autor desta obra, & ayo do Infante (dizem) se valeo do Conde Dom Henrique, para proseguir seus intentos. Outros senhores de Castella, o principal dos quais era o Conde Dom Gomez de Candespina, & o Conde Dom Pedro Gonçalues senhor de Lara, querião que só preualecesse a facção da Rainha Dona Vrraca, quer por julgarem o partido por mais justo, quer por fauorecidos da Rainha, a cujo casamento (segundo dizem) aspiraraõ ambos. Neste estado tornou el Rey de Aragoão a renouar a guerra que ja dantes tinha principiado: & valendose do Conde Dom Henrique, fez effeitos de muita importancia contra Castella.

Duas vezes vieraõ à rompimento os dous exercitos contrarios, ficando em ambas desbaratados os Castelhanos. Deose a primeira batalha nos campos de Candespina, em a qual o Conde D. Gomez morreo valerosamente, & o Conde Dom Pedro fogio com muito discredito. Na segunda batalha dada entre Leão, & Astorga, mataraõ o Conde D. Fernando Ozorio, ficou preso o Conde Dom Pedro de Traua, & se arruinarão muito as cousas da Rainha Dona Vrraca, & do Infante

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

Infante Dom Afonso Ramon seu filho, todas estas cousas acontecerão do anno 1110. até o anno de 1112. em que morreo o Conde Dom Henrique, o qual segundo referem os mesmos autores, se achou nestas duas batalhas.

Não ponho eu duvida de andar por este tempo emuolto em guerras contra os Leoneses, & Gallegos o Conde Dom Henrique, pois nossas historias o affirmão, & se sabe que quando morreo, tinha ganhado muitas terras naquelles Reynos. Sô me causa difficuldade as razões dellas, que os autores apontão, por quanto tenho por mais prouuel que este Principe pretendeo a herança daquelles Reynos por aução de sua mulher a Rainha Dona Tareja. Ia em outro lugar tratei este pōto, & o confirmei com rezões, & autoridades que me pareceraõ conuenientes, & não he a menor ver que o Conde adquiria terras pellas armas, muitas das quais ficarão despois a seus decendentes, como mostraremos (alem do que fica dito) no progresso desta historia. E quanto a se dizer que el Rey de Aragaõ diuidiria com elle as conquistas alem de não ser cōforme ao que escreuem os antigos, se faz mais difficuloso, por auer autores graues a quem parece que as guerras del Rey de Aragaõ contra os Castelhanos foram despois da morte do Conde, por onde parece, que as do Cō-

de Dom Henrique se fizeraõ em outro tempo, & tiueraõ differente intento.

Mas seja o que for das causas, do effeito das guerras se não pode duuidar, nem das conquistas de muitas terras em Galiza, & Leão feitas pello Conde Dom Henrique. He proua desta verdade ver, que não alcançando o Conde pello dote de sua mulher (como temos visto) terra algũa em Galiza, deixou muitas sogeitas ao estado de Portugal por sua morte. Nossas historias, dizem, que antes de falecer tinha ganhado Astorga, & obrigara aos da cidade de Leão a se lhe entregarem, se ate certo tempo não fossem socorridos. Eu pellas escrituras acho, que a Rainha Dona Tareja possuia terras em Galiza, ate o Castello de Lobeira, do qual, segundo se dá a entender se fazia em seu tempo guerra.

Não he necessario tornar a repetir, o que ja nesta materia fica bẽ prouado, nem dos successos destas guerras se pode fazer a relação larga, pois a mayor parte delles nos ficou escondida pello deseuio dos antigos. Mas em lugar destas particulidades se podem referir outras deste mesmo tẽpo nascidas, segundo bẽ se entende destas mesmas cousas. Pois em quãto os Principes Christaõs se perseguião com odios, & movidos de ambição sujeitauão as terras de seus vizinhos, não dormião

*Assi escreue o autor da historia de São João de la Peña*

mião os Mouros côfinantes sempre intentos ao dano, & destruição da Christandade. E así foy, que hum Rey dos Arabes por nome Cyro, vendo o Conde Dom Henrique occupado em terras tão distantes, & impedido com guerras, entrou com grande exercito pella Estremadura, & pos cerco a villa de Santarem. Não me consta que Capitão Portugues a defendia, que as memorias antigas vão nisto muy succintas, só ley que se sustentaraõ os Portugueses que na villa estauão largo tempo, & que ao fim a não veyo a ganhar o Rey Mouro se não por causa de fome, que opprimia os cercados. Así o declara el Rey

*Memoria de Alcobaga da tomada de Santarẽ.*

Dom Afonso Henriques em a relação que fez quando despois ganhou esta Villa, da qual atras fizemos memoria, porque dizendo como el Rey Dom Afonso o Sexto seu auô não ganhara Santarem por combate, mas que se lhe entregaraõ os cercados por falta de mantimento; acrescenta, q̃ do proprio modo a ouuera el Rey dos Moabitas chamado Cyro. *Moabitarũ etiã Rex Cyrus similiter.* (Nomeaõse Moabitas os Mouros Africanos em algũas memorias antigas, a distincção dos Espanhoes, q̃ se chamauão Ismaelitas.)

Em o tempo que durou o cerco de Santarem, & o Conde D. Henrique não podia abrir mão das guerras de Leão em que andaua occupado, se alistou algũa

gente de guerra em Portugal, & debaixo da capitania de alguns fidalgos (deuia ser por ordem do mesmo Conde) partio de Coimbra com intento de socorrer os cercados. Não tiuerão bom successo os nossos nesta jornada; antes com a perda que receberaõ derão occasião aos de Santarem se entregarem. E foy o caso, que como alojassem em hum lugar, que a hystoria dos Godos chama Varalandi, sem fazer as precauções necessarias (grande descuido) deraõ os Mouros repentinamente sobre elles, & passando os mais á espada, de todo os desbaratarão. Morreo pelejando Sueiro Fromarigues, que era Capitão desta gente, & Mido Cresconhes, & outros muitos nobres, & socedeo este lastimoso caso em o anno de mo. antes de 26. de Mayo, porque neste dia se entregaraõ despois os de Santarem, como tudo relata a historia dos Godos, cujas palauras não apôto por maior breuidade.

*Hist. dos Godos.*

Sueiro Fromarigues, o q̃ nesta occasião foy morto, he aq̃lle Capitão, de q̃ ja atras se fez memoria, q̃ tinha seu assento na terra de Santa Maria. O Conde D. Pedro lhe dá por filho a Nuno Soares (de quem vê os Valconcellos por fêmea) do qual diz q̃ fundou o mosteiro de Grijó. Mais me parece q̃ este fidalgo o acrescentaria em rendas, & edificios, q̃ ser o primeiro fundador, por q̃ acho escripturas do tempo de seu pay Sueiro Fromarigues,

K

em

## Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.

em que ja se faz menção desta casa. Mas não ha duuida ser sua fundação dos desta familia, da qual não pude descobrir direita successão, como tambem nem de Mido Cresones, o outro capitão que morreo na rota de Vetalandi, posto que lhe ficou hum filho por nome Ioão Midiz, do qual ha memoria em algũas escrituras,

Não se trata nas memorias antigas da perda de Lisboa, Sintra, & outras terras da Estremadura, sendo certo que todas ellas se reduzirão por estes annos ao senho-rio dos Arabes. Porque como todas (segũdo temos por mais pro-uauel) estauão presidiadas dos mesmos Mouros, & sô reconhe-ção subjeição com algum tribu-to ao Conde Dom Henrique, não seria difficuloso eximirem-se de todo, quando vissem suas cousas fauorecidas com a entra-da del Rey Cyro naquella pro-uincia. Em Santarem se nomeou por Alcayde hũ valeroso pagaõ, chamado Abzecri, o qual o de-fendeo por muitos annos, & for-taleceo em forma, que de todo ficara inexpugnauel; se não faci-litara sua conquista a grande ven-tura del Rey Dom Afonso Hen-riqs, & o modo quasi milagroso

com que nos annos seguintes  
veyo a ganhar esta infig-  
ne praça.

(.2.)

### CAPIT. XXIX.

#### *Da morte do Conde Dom Henrique, & de algũas cousas tocantes a seu en-terro, & sepultura.*



Eyo a falecer o Conde Dõ Henrique no ma- 1112.  
yor feruor das guerras de Leão. & Galiza, cor-rendo o anno do Senhor de 1112. Nisto conuem todos os historia-dores, em qual dos meses deste anno foisse sua morte, acho algũa differença. Em o liuro dos obitos de Santa Cruz se diz, que foy em o primeiro de Nouembro, no proprio dia em que també mor-reo dahi algũs annos a Rainha Dona Tareja, molher do mesmo Conde. São as palautas do liuro. *Calendis Nouembris obiit Comes Dõ de Santa. nus Henricus, et vxor eius Donna Cruz de Coimbra. Tarasta.* Em doação feita pella Rainha Dona Tareja à Froila Spaço, se dá a entender ser a mor-te do Conde algũs meses antes. Desta escritura se verá a copia em hum dos capitulos do liuro seguinte. E em outra doação de Pombeiro, que he o Couto do proprio mosteiro, que mandou fazer a Rainha Dona Tareja em o primeiro dia do mes de Ago-sto do sobredito anno de 1112. se dá a entender ser o Conde

ja falecido, porque diz a Rainha, que o faz pella alma de seu marido o Conde Dom Henrique, & por remedio de seus peccados della. *Pro anima de viro meo ille Comes Henrico, & pro remedio de peccatis meis, &c.* Mas como nos confite da certeza do anno em que faleceo o Conde, pouco importa a duvida de algũs meses que se acha nestas memorias.

Teue o Conde conhecimento de sua morte, & fez antes della os actos de Christão, que se podiaõ esperar de hũ Principe Catholico. Relata o Conde Dom Pedro em o liuro que fez das lynchagões nobres de Espanha hũa larga pratica feita pello Conde Dom Henrique ao Infante Dom Afonso seu filho, ao qual diz mandara chamar de Guimaraes, onde residia. Ao Conde Dom Pedro seguem nossos autores, trazendo em seus escritos a summa daquella pratica, que he dirigida toda ao seruiço de Deos, administração de justiça, & bom tratamento de seus vassallos que o Conde encomendaua a seu filho. Eu como tenha assentado o nascimento do Infante Dõ Afonso em diuerso tempo do que o apontaõ nossos autores, & me pareça mais certo, que quando seu pay faleceo era elle ainda menino de pouca idade, escuso de referir as aduertencias que então lhe faria o Conde. E fundado em o mesmo principio, não approuo

dizerem os mesmos autores, que a terra de Leão conquistada pello Conde Dom Henrique, se leuantara na ausencia que fez o Infante Dom Afonso acompanhando o corpo de seu pay à cidade de Braga, porque para se rebelarem terras pouco firmes ainda no senhorio deste Principe, bastante causa era sua falta, & a mudança que logo ouue no gouerno. A verdade he, que por morte do Conde Dom Henrique ficou gouernando os estados de Portugal a Rainha Dona Tareja sua molher, senhora proprietaria delles, & nesta forma continuou alguns annos, até ser excluida pellas armas do Infante Dom Afonso seu filho. Com a occasião desta mudança tão notauel a terião os Leoneses de Astorga, & outros lugares para negarem a obediencia à Rainha, & ainda permanecerem as terras de Galiza, se deue muito ao valor de seus vassallos, & bom acordo da propria Princeza.

Faleceo o Conde Dom Henrique na cidade de Astorga, a qual como ja aduertimos tinha por sua & deixou ordem o leuassem a sepultar á cidade de Braga. Seu mandado se pos em effeito, & trazido a Braga foy enterrado na Sé em hũa Capella particular fora da Igreja. Não era costume naquelle tempo darse sepultura dentro das Igrejas, ainda que fosse a Reys, & Principes soberanos, por esta cau-

## Livro VIII. da Monarchia Lusitana.

Paulo I  
uione li-  
urinho da  
embarca-  
da dos  
Mo. coui-  
tas ao Pa-  
pa Clemen-  
te VII.

sa se fundação de fora algúas capellas, ou arcos, de que ainda se vê em os vestigios nas paredes de algúas Sés do Reyno, em estes se da ua sepultura às peíloas mais insignes daquelle tempo. Neste nosso abrio a piedade ja lugar nos mosteiros, & Igrejas principaes às peíloas de menos calidade, quanto mais às illustres. Não falta qué re proue este estylo, & o tenha por grande abuso, no que por hora não fazemos disputa.

A Rainha Dona Tareja foy sepultada despois quando morreo na propria Capella em que jazia o Conde Dom Henrique. Nella estiueraõ os corpos destes dous Principes até o anno do Senhor de 1513. em o qual o Arcebispo de Braga Dom Diogo de Sousa seu descendente mandou fundar a Capella mayor da Sé com grande sumptuosidade, por ser a outra antiga muy piquena, & fez tresladar a ella os ossos do Conde & da Rainha, & os collocou em hũa nobre sepultura, a qual fica da parte do Euangelho. Por ordem do mesmo Arcebispo se escreueo nella hum Epitaphio, que diz deste modo.

DEO OPTIMO MAXIMO.  
Donno Henrico Vngarorum Regis filio,  
Portugallie Comiti D. Diegus  
Sousa Archiep. viro clarissimo, a quo  
Portugallie Reges esse, Regnumq; ac-  
cepisse constat, de Republica Christia-  
na, patriaq; sua optime merenti posuit

anno a Christo nato M.D.XIII.

Em vulgar diz assi. No anno de nosso Senhor Iesu Christo. de mil quinhentos & treze o Arcebispo Dom Diogo de Sousa pos esta sepultura ao Conde Dom Henrique, filho de el Rey de Vngria, Conde de Portugal, varão esclarecido, & benemerito da Republica Christãa, & de sua patria, do qual tiueraõ principio os Reys & Reyno de Portugal.

Aduirto que se nomca aqui o Conde Dom Henrique, filho del Rey de Vngria, conforme a Cronica de Duarte Galuão, a qual naquelle tempo em que se escreueo o Epitaphio tinha sahido a luz. Mas isto temos por menos certo, como tambem o chamar-se Conde de Portugal, segundo o que nestes pontos resolueos em algús Capítulos deste livro.

Auia duuida se estauão na sepultura do Conde Dom Henrique com os ossos do mesmo Conde os da Rainha Dona Tareja, pello que hum Sabbado à tarde a 28. de Nouembro do anno de mil & quinhentos & nouenta & oito mandou o Arcebispo Dom Frey Agostinho de Castro abrir o sepulchro do Conde, estando presentes alguns Conegos, & peíloas outras Ecclesiasticas, & assi mesmo fícos, & forgiaõs da Cidade, & achouse estarem ossos de dous corpos, homem, & mulher, pellos exames, & experiencias que se fizerão. Estauão em uol-



emuoltos em cendais de damasco aleonado, mandou o Arcebispo apartar os ossos da Rainha, para os pôr no sepulchro, que lhe fica de fronte, á parte da Epistola, por estar de vasio. O Licenciado Gaspar Alueres Louzada, que se achou presente, compôs por mandado do dito Arcebispo hum Epitaphio á mesma Rainha, o qual se porá adiante, quando tratarmos de sua morte.

## CAPIT. XXX.

*De algũas pessoas insignes do tempo do Conde Dom Henrique, & do que pertence a suas familias, & decendencia:*



Companharaõ ao Cô de Dom Hérique nas conquistas, & guerras de seu tempo muitos Capitães illustres, hũs vieraõ com elle de França, & de outras partes de Espanha, outros viuião ja de assento, & có casas neste Reyno. De hũs, & outros tocaremos o que parecer mais conueniente, fazendo aduertencia, que não tratamos de dar precedencias, nem pretendemos terê suas gerações principio em o tẽpo em que delles se faz memoria. Mas terse ha respeito ao lugar, em que as apõ-

ta o Conde Dom Pedro em seu liuro, ou aos annos em que tiuermos noticia dellas pellas escrituras, & esta lembrança se aja por feita pera outros lugares desta obra.

O primeiro Capitaõ companheiro do Conde Dom Henrique he Dom Fafez Luz seu Alferes, de quem diz o Conde Dom Pedro, que foy Rico homẽ muito bom, & honrado, palauras có que califica grandemente sua nobreza, & pessoa. Casou neste Reyno com Dona Froilhe Viegas, filha de Egas Paes de Penagate, o que fundon o Mosteiro de Rendufe. Della teue dous filhos, que foraõ tambem Ricos homẽs, & dos insignes caualeiros daquelle tempo. Do primeiro, que teue nome Dom Godinho Fafes, procedem os Fafez. (Algũs crem, que tambem os Godinhos, porem vê de outro Godinho Fafez, tambẽ Rico homem, filho de Fafez Sarrazins de Lanhoso, o que morreo em Agoa de Maias diante del Rey Dom Garcia de Portugal.) O segundo filho de Fafez Luz se chamou Dom Egas Fafez, que casou com Dona Vrraca Mendez de Souza, & tiueraõ entre outros filhos o insigne Capitaõ Gôçalo Viegas Mestre da Ordẽ de Auís, em tẽpo del Rey D. Afonso Henriques, & entre outros seus descendentes, que refere o Conde D. Pedro vierão os fidalgos do appellido de Teixeira, cuja successão

O Conde  
D. Pedro  
lib. 39.

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

(segundo os nobiliarios) se conferua em parte nos Correas Baharens.

Os Fafes tem por armas o câpo partido em palla, o primeiro esquartellado de ouro, & vermelho de tres esquaques em faxa, & outros tantos em palla, & o segundo de azul, & prata de outras tâtas peças esquaquetadas, & por timbre hum Sol de ouro.

As armas dos Teixeiras são em campo azul hũa Cruz de ouro potente, vazia do campo, & por timbre meyo Vnicornio de sua côr, com o corno, & vnhas de ouro.

Os Correas Baharens tem por armas o escudo esquartellado, no primeiro em câpo vermelho, hũa cabeça de hum Rey Mouro, cortada em sangue com turbante & coroa. No segundo, & terceiro hũa aguia preta com o escudo dos Correas no peito. E no quarto (que he partido) na primeira parte hũa Cruz dos Teixeiras, & na segunda cinco flores de Lis em campo verde dos Motas. Por timbre tem hum braço armado com a cabeça do Rey Mouro.

Trazem os Godinhos por armas o escudo partido el palla, o primeiro esquaquetado de ouro & vermelho de duas peças em faxa, & o segundo esquaquetado de ouro & azul de outras duas peças em faxa: fazê em todo ambas as pallas de vinte peças, & por timbre hũa Hydra de ouro de

sete cabeças, a do meyo maior que as outras, & seu resgoardo armado de vermelho, & azas estendidas de azul.

Faz tambem memoria o Conde Dom Pedro de Dom Guterre, & de Payo Guterres seu filho, dizendo, que vieraõ de Gascunha a Portugal com o Conde Dom Henrique. Louua muito as obras de valor do pay, & filho, sua bondade, & grande entendimento, & particulariza como Payo Guterre edificou o mosteiro de S. Simão da lunqueira, o de Souto, & o de Vilella, que para fidalgo particular em aquelle tempo he grande cousa. Bem lhe pagou Deos estas obras de piedade ainda em bens temporaes, pois dilatou sua familia, & a fez hũa das mais ricas, & principaes que hoje ha em Espanha; porque sem lançar mão do que tem em Portugal, que são muitos Morgados de grossas rendas, sabemos que em Castella se diriuão por varonia do Conde Martim Vasques da Cunha, (o qual passou aquelle Reyno em tempo del Rey Dom João o primeiro) as grandes casas dos Marqueses de Vilhena Duques de Escalona, as dos Duques de Ossuna, & de seu irmão Lopo Vasques, a dos Condes de Buen dia, & outras que dellas procedem, posto que as menos conferuão o apellido de Cunha. Dos sugeitos desta familia que ouue em nosso Reyno insignes dará a historia noticia

noticia em seus lugares.

Os Cunhas tem por armas em campo de ouro noue cunhas de azul de ferro firmadas, postas em tres pallas, & por timbre hum meyo Grifo de ouro acunhado de azul, com azas acunhadas de ouro.

Conde D.  
Pedro tit.  
59.

Dom Aniam da Estrada, que he outro fidalgo cõpanheiro do Conde Dom Henrique foy tambem natural das Asturias, & se achou com aquelle Principe nas empresas do seu tempo, & por sua morte seguiu as bandeiras victoriosas del Rey Dom Afonso Henriques, de quem diz o Conde Dom Pedro, que ouue o senhorio de Goes com todos seus termos, muitos das quais elle fez pouoar, & reduzio a cultura. Porem eu vi a doação de Goes, & he feita pella Rainha Dona Tareja, & pello Infante seu filho a Dom Anião Trestaris, ou Vestraris, que he outro fidalgo do mesmo tempo de quem fala o mesmo Conde no fim do capit. 59. Mas como em os decendentes de D. Aniam de Estrada se perpetuasse o senhorio de Goes. pouco importa a qual dos dous se fizesse a primeira doação. Chamaraõse estes senhores de Goes do mesmo apellido, até que por casamento se vniraõ aos Sylueiras, geração das illustres do Reyno, de q̃ fairaõ Capitães muy valerosos, & por esta causa pertéce hoje o senhorio de Goes aos Condes da Sortelha.

Teue Dom Aniam da Estrada dous filhos, & ambos pessoas muy insignes, o primeiro se chamou Dom Ioão Anaia, & foy Bispo de Coimbra, Prelado de valor, & constancia, de quem aue-mos de tratar adiante. O outro se chamou Martim Aniam, ou Anaia, de quem o Conde Dom Pedro diz, que casou com Dona Toda Randufes, molher que fora de Mendo Strema. Em escriptura do mosteiro de Semide se acha estar elle casado com Eluira Afonso em o anno do Senhor de 1154. Porem o Conde Dom Pedro respeitaria a successão, a qual diz serem os de Goes, os Redondos, & os de Sequeira, aos quais podemos ajuntar os Farinhas, & outros fidalgos, que todos procedem de Dom Aniam. Duuida ha na decendencia dos Sequeiras, por quanto o mesmo autor nomea em outro lugar por tronco delles a Dom Pedro Coronel, mas esta se resolverá adiante, quando tratarmos particularmente de Martim Anaia, entre as aventureiros, que se acharaõ com el Rey Dom Afonso Henriques na batalha de Ourique.

Os Goes tem por armas em campo azul seis cadernas de crecentes de prata postas em duas pallas, & por timbre hum Drago azul armado de prata com lũa quaderna das armas nos peitos.

As armas dos Sylueiras são tres faxas de vermelho em campo de

K 4      prata,

## *Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.*

prata, & por timbre meyo Vſſo de prata armado de vermelho cortado em ſangue.

Os farinhas trazem por armas em campo azul noue beſantes de prata em aſpa, entre quatro Cruzes de ouro floridas vaſadas do campo, & por timbre hum molho de trigo de ſeis eſpigas em aſpa, tres por cada banda, atadas com hum torçal azul.

*Conde D. Pedro tit. 604* Dom Mem de Gundar he outro Capitão, que veyo de Aſtu-rias, & ſe achou com o Conde D. Henrique. Diz delle o Conde D. Pedro, que foy Caualeiro muy bom, & honrado, que para os termos de que uſa o Conde, não he pequena abonação de ſeu valor, & nobreza. Caſou Dó Mem de Gundar com hũa ſenhora de Galiſa, que auia nome Dona Goda, da qual houue alguns filhos muy valeroſos nas armas, de quem ſe falará adiante, quando tratarmos da batalha de Ourique. Ruy Gomez de Gundar da Mota foy biſneto de Dom Mem de Gundar, & o primeiro deſte appellido, de quem ficou decendencia, como affirma o Conde Dom Pedro. Em tempo del Rey Dom Ioão Primeiro ſe moſtrou muy valeroſo, & zeloso da deſenſão deſte Reyno Ioão Rodriguez da Mota. Dos que mais ſe ſeguirão, & fizeram obras dignas de louuor em ſeruiço da patria, ſe falará em ſeus lugares.

Os Motas tem pnr armas em

campo verde ſinco flores de Lis de ouro em aſpa, & por timbre dous penachos verdes goarnecidos de ouro, & entre os penachos hũa flor de Lis de ouro.

### CAPIT. XXXI.

*De outros fidalgos deſte tempo do Conde Dom Henrique, dos quais ſe ſabe pelas eſcrituras, & pello liuro das linhagēs.*



ESTES fidalgos ſão os q̃ particularmente diz o liuro das linhagēs q̃ vierão com o Conde Dom Henrique. Alem delles temos noticia de outros deſte meſmo tempo pellas eſcrituras. Em a doação da Cornelham feita pelo Conde Dom Henrique à Igreja de Santiago, cuja data he a 9. de Dezêbro do anno do Senhor de 1097. confirma entre os Ricos homens Rodrigo Froyaz, o qual não ha duuida ſer da illuſtre familia dos de Pereira, aſſi pello appellido de Froyaz tão ordinario nos deſta caſa, como pello lugar de Rico homem deuido à ſua nobreza, & de ſeus antepaſſados. Faz o Conde Dom Pedro tronco deſta familia ao Conde Dó Mendo, o qual (ſegũdo algũs autores) era decendente dos Reys Longo bardos de Italia, & entrou em Eſpanha, reynando em Leão el-Rey

Rey Dom Afonso o Primeiro. Seus decendentes foraõ senhores do estado de Trastamara, & o pos-  
suirão com titulo de Condes, cõ-  
tinuando nesta grandeza até o  
principio de Portugal, para on-  
de se veo Gonçalo Rodrigues  
Froyaz por desgostos que teve  
com el Rey de Leão, sendo  
Rey Dom Sancho o Primeiro, de  
quem foy bem recebido, & her-  
dado neste Reyno, & seu neto o  
Conde Dom Gonçalo foy hum  
dos grandes senhores que nelle  
ouue; & venturoso na successão  
que deixou, pois seu bisneto o  
grande Condestable de Portugal  
fundou a casa de Bragança ver-  
dadeiramente Real, pois não só  
vem dos Reys por muitas vias,  
mas della procedem quasi todos  
os Reys, & Principes da Christan-  
dade. E outros decendentes do  
Conde Dom Gonçalo derão prin-  
cipio à casa dos Condes da Feira,  
à dos senhores de Riba de Visel-  
la, & a ouros ramos illustres.

Hũa duuida me occorre na  
decendencia dos desta familia (q̃  
tece o Conde Dom Pedro, & ou-  
tros que o seguem) a qual he, não  
parecer pois uel que o Conde D.  
Rodrigo Froyaz, o que venceu  
em Santarem a el Rey Dom San-  
cho de Castella, & morreo glo-  
riosamente diante de seu Rey D.  
Garcia, fosse pay (como elles di-  
zem) do outro D. Rodrigo Fro-  
yaz, que seruió a el Rey de Ca-  
stella Dom Fernando o Terceiro,

& se achou com elle no cerco de  
Seuilha, porque isto foy pellos  
annos de 1248. & o Conde Dom  
Rodrigo era morto em o anno  
de 1070. Parece-me que entre o  
Conde Dom Rodrigo, & o vlti-  
mo Dom Rodrigo do tempo del  
Rey Dom Fernando o Terceiro,  
se ha de nomear o Dom Rodri-  
go Froyaz, que confirma na doa-  
ção do Conde Dom Henrique,  
& que este foy o que casou com  
a filha de Gonçalo Mendez da  
Maya o Lidador: mas a resolu-  
ção desta duuida fique para os es-  
critores dos nobilitarios, pois a  
elles pertence como materia pro-  
pria.

Os Pereiras tem por armas  
em campo vermelho hũa Cruz  
de prata florida, vazia do cam-  
po, & por timbre hũa Cruz ver-  
melha florida, & vazia entre dous  
cotos de azas de Anjos.

Em o foral de Soure dado pel-  
lo Conde Dom Henrique em o  
anno de m. achó o nome de Pe-  
dro Correa entre outros que as-  
finão, o que se deue ter por cou-  
sa bem notauel, por serem rarís-  
simos naquelle tempo os appel-  
lidos, que só se vsauão os sobre-  
nomes patronimicos. E posto q̃  
deste appellido não ficarão em  
Portugal casas titulares, ha con-  
tudo algũs Morgados ricos, & ca-  
sas principaes, de que sairão pes-  
soas insignes, & baltaua hũa só pa-  
ra dar lustre a esta familia, pois  
o deu a toda Espanha, qual foy o  
famoso

*Do anno  
do cerco de  
Seuilha  
consta de  
muitos au-  
tores.*

*Do tempo  
da morte  
do Conde  
D. Rodri-  
go fala o  
Bispo de  
Palma  
na Chroni-  
ca del Rey  
D. Sancho,  
& del Rey  
D. Afonso  
o Sexto.*

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

famoso Mestre de Santiago D<sup>o</sup> Paio Peres Correa Portuguez de nação, & hum dos mais illustres Capitaes que teue a Christandade. Da familia dos Correas fala o Conde Dom Pedro em titulo 62, & lhe dá principio em D. Pedro Ramiro. Na historia de Santiago escrita por Dom Mauro Castella Ferrer se diz, que os Correas de Portugal estiuerao sempre juntos com os Lopez de Galiza, & estes diz que procedê de Dona Lupa, ou Loba primeira fundadora do Têplo do Apostolo Santiago, & do tempo do mesmo Santo.

Os Correas tem por armas o campo de ouro fretado de cortiças, ou correas de vermelho repassadas hûas por ourras, & por timbre dous braços armados em aspa, atados com hûa fita vermelha.

Em hûa escritura do mosteiro de Arouca do anuo de 1098. acho nomeado Fernão Geremias com sua molher Ermesenda Garcia, & este fidalgo pello que se colhe da computação dos annos deue ser o ascendête dos Pachecos, de que fala o Conde Dom Pedro, posto que elle lhe dá outra molher, da qual tira os filhos que aponta. Ouue Capitaes mui insignes desta familia, da qual ficou em Castella (por se passarem de Portugal a este Reyno os filhos do grã-de Diogo Lopez Pacheco) a mesma decendencia a que assina-

dos Cunhas, por quanto hum filho do Conde Martim Vasques da Cunha casou com a filha herdeira de João Fernãdez Pacheco, senhor de Belmonte, dos quais procedê os Duques de Escalona, Marqueses de Villena, & os Duques de Ossuna, & aquelles conseruão o apellido de Pacheco.

São as armas dos Pachecos em campo de ouro duas caldeiras de preto em palla, cada hûa có tres faxas de ouro, & vermelho veiradas, & contraviradas, & nas azas de cada caldeira quatro cabeças de Serpes de ouro, duas para dentro da caldeira, & duas para fora com as lingoas vermelhas, & por timbre hum pescoço de Serpe de ouro com duas cabeças batalhantes tambem de ouro.

Por escrituras de Braga, & Póbeiro atraz citadas sabemos de Paio Guterrez, & de Egas Gomez. Conde D. Pedro 1<sup>st</sup>, 58. Era Paio Goterrez o da Sylua Rico homê, como se vê das doações daquelle tempo. Seu pay se chamou Guterre Alderete, em quem o Conde Dom Pedro principia a familia dos Syluas, da qual ouue em todas as idades pessoas muy finaladas, & ha hoje grandes casas em Portugal, & Castella. O filho de Payo Goterrez foy Conde, & vltimo Governador do Castello de Santa Olaya, como adiante veremos. Seu decendente era Ayres Gomez da Sylua, o qual passando a Castella em tẽpo del-Rey Dom João o Primeiro, fundou

dou as casas dos Condes de Cifuentes, dos Marqueses de Monte Mayor, & outras. Em Portugal ficarão os Regedores do Reyno os Condes de Portalegre, hoje Marqueses de Gouvea, & outros Morgados sem titulo, entre os quais he muy notavel o dos senhores de Vlme, & Chamusca, de que em tempo de nossos auos se derinou em Castella a grande casa dos Duques de Pastrana, a dos Condes de Salinas, que em Portugal possuem o Marquesado de Alenquer, & em Aragão o Ducado de Hixar. Trazem os Sylvas por armas em campo de prata hũ leão de púrpura armado de azul, & por timbre o mesmo Leão das armas.

O Conde D. Pedro tit. 22. Egas Gomez de Sousa, de qué se faz menção na outra escriptura de Pombeiro, era filho do Conde Dom Gomez, & de Dona Gótrode Muniz, sobrinha del Rey Dom Afonso Sexto, filha de seu meyo irmão Dõ Martinho Fernandez.

A antiguidade da familia dos Souzas he tão grande como se pode ver no Conde Dom Pedro titulo 22. Basta sabermos, que muito antes de auer Reys em Portugal tinha Condes, & Santos que a illustração; & que vindo a faltar a decendência masculina nos principais ramos desta geração, casou el Rey Dom Diniz dous seus irmãos com duas senhoras herdeiras daquelles Morgados. Hoje

estã diuidida esta familia em muitos ramos, entre os quais se conseruão as duas casas titulares dos Condes de Miranda, Governadores do Porto, & dos Condes do Prado, senhores de Biringel, que no titulo são mais antigos. Os senhores de Gouvea de Tamega, os senhores de Baiam, os senhores de Alcoentre, & outros Morgados. Das armas dos Souzas, & de sua variedade direi em outro lugar.

Hum ramo dos Souzas dizem que são os fidalgos do appellido de Pinto, o qual começou em D. João Garcia de Sousa, neto do Conde Dom Mendo, & bisneto de Gonçalo de Sousa. Foy chamado Pinto, por suas muitas perfeições natutales, & gentileza. Seus descendentes conseruaraõ este appellido deixando o de Sousa. Haddelles os senhores de Ferreirós, & Tendaes Alcaides Mores de Chaves, & outros Morgados. Isto dizem algús escriptores de nobilitarios. O contrario tem para si pessoas doutas, por acharem Pintos antes de Dom João Garcia, & lhe parecer que não ficou delle descendencia, no qual ponto resolverão o que for mais certo os q tomão a seu cargo tratar de decendencias. Eu acho pellas inquirições del Rey Dom Afonso Terceiro, que em tempo que vivia Dom João Garcia, tinhão honras como fidalgos Eilenão Pinto, & seus filhos em terra de Basto, & Domingos

Liuro da  
inquiri-  
ções

## *Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.*

Domingos Pirez Pinto era Iuiz de Gaia, & corria com a fazenda del Rey Dom Afonso Terceiro na cidade do Porto. O Conde D. Pedro diz, que Vasco Pinto de Riba de Bestança, & seus irmãos decendião de Dom Egas Mendez, filho de Mem de Gundar, de cuja nobreza fica dito.

As armas dos Pintos são cinco crecentes de Lúas vermelhas em alpa, & por timbre hũ Leão pardo de prata armado de vermelho com hum crecente das armas na espada.

Lo liuro antigo das linhagēs, que esteue na Torre do Tombo, & foy treslادado por Martim Annes de mandado do Daiaõ de Lisboa em a Era de 1381. que vem a cair no anno de 1343. se nomeaõ algũs fidalgos Portuguezes, que diz florecião em tempo del Rey Dom Afonso o Sexto, & he o cathalogo delles o seguinte. Dom Egas Gomez de Sousa. Dõ Gonçalo Traстамires de Maia. Dom Mendo Alam de Bragança. Dom Egas Gozendes de Riba Douro. Dõ Monio Viegas de Riba Douro. Dõ Suer Guedes o de Varzea. Dom Fafes Sarazis de Lanhoso. Dom Egas Paes de Penagate. Dõ Guterre Alderes da Sylua. Dom Paio Guterres de Tuichaes. Dom Vasco Nunes de Brauaes. Dõ Rodrigo Froyas de Traстамar, que casou em Portugal. Dom Vermui Perez, que casou em Portugal. O Conde Dom Nuno de Cella no-

ua, que casou em Portugal. Ayras Carpinteiro, donde vem os Ramiracs. Pay Reimundo, donde vem os Corteyaos. D. Ayras Nunes, donde vem os Valadares, & outros muitos. Dom Aluaro Fernandez, donde vinha Dom Gil Vazques. Dom Pedro Nunes. D. Nuno Fromariguiz, donde vem os de Riba de Visella. Dom Diogo Gonçalves, donde vem os de Belmir. Dom Sueiro de Brito. Ayras Caluo de Buyro. O Conde Dom Pero Pirez da Traua. Nuno Soarez de Grijõ. Egas Soarez Vsurci. Atequi o liuro antigo.

Não ha duuida que estes eraõ da principal gēte que então auia, & que delles procede muita da nobreza não sò de Portugal, mas de toda Espanha. De algũs temos ja dito, & de outros se escreuerã no discurso desta obra, aonde lhe couber melhor o lugar por algũs decendentes, que são mais vezes nomeados em as historias deste Reyno, & será pella mayor parte, quando tratarmos dos que se acharaõ com el Rey Dõ Afonso na batalha de Ourique, dos companheiros de Gonçalo Mendez de Maia o Lidador, dos que assistiraõ no cerco de Seuilha, assi dos nomeados pello Conde Dõ Pedro, como dos que ficaraõ em Castella, & tiuerã quinhão na repartição das terras que fez el Rey Dom Afonso o Sabio, & em outros lugares onde he forçado fadar nas pessoas particulares, por algũs



algũs casos que lhe aconteceraõ, ou obras insignes que fizerão. Nestes lugares se tocarã sòmente o que parecer mais necessario, & for de mais credito das familias, que as particularidades das successões, & exames desta materia pertencem aos nobiliarios. E se na breuidade que seguimos parecer a alguem que se ha faltado em algũas cousas, ou que dizemos mais de hũas familias, que de outras, saiba que escreuemos sem paixão algũa, & que dizer as vezes mais, não procede de querer antepôr, ou dar precedencias, mas de mayor noticia que poderiamos tẽr pellas escrituras. Donde serã fìcil de remediar o danno em os tomos seguintes com o que formos descobrindo, & alcançando nesta materia, posto que sempre nella se escreuerã com limitação, pois não he o principal argumento de nossa historia.

## CAPIT. XXXII.

*Como a vida heremitica teue principio em Portugal. Trata se particularmente dos Heremitães da Serra de Ossa, que começaram em tempo do Conde Dom Henrique.*



VMA das cousas que mais illustraõ o Reyno de Portugal, he auer se dado nelle principio à vida heremitica, que tem sido de tanto proueito, & ornamento à Igreja Catholica. Foy o primeiro que instituiu esta vida hum Santo Varaõ chamado Felix, o qual viuco em hum môte junto a Rates, em tempo do primeiro Arcebispo de Braga S. Pedro, o qual (como he notorio) foy discipulo do Apostolo Santiago, & floreceo pellos annos de Christo de 45. De Felix, & seu modo de vida faz mẽção o Breuiario de Braga na vida do mesmo S. Pedro. Este instituto de vida heremitica floreceo depois por todas as partes da Christandade, & parece que se deriuou de Portugal, por quanto em todas as Prouincias se acha que vsaraõ do mesmo nome, & habito que trouxeraõ os Hermitães Portuguezes antigos, & se cõseruou até nossos tempos nos religiosos da Serra d'Ossa.

Despois da geral destruição de Espanha feita pellos Mourõs de Africa, se deixarão ficar alguns Christãos viuendo entre elles, & porq̃ entre outras muitas vexações que recebião, a principal era pollos apartar da Fé, & Religião Catholica: muitos assi por não poder soffrer estes combates, ou dan dolhe a vexação entendimento para se darem de todo a Deos,

L deixauão

## *Liuro VIII. Da Monarchia Lusitana.*

deixauão os pouos, & se hião às ferras, & charnequas, buscando lugar acomodado em que ouuelle agoa, & frutas siluestres de que se sustentassem, para que seguros dos Mouros viuessem em contemplação das cousas do Ceo.

Por este modo se foy continuando em Espanha a vida heremitica principiada nella em a primitiua Igreja. E assi lemos, que aquelles famosos Hermitaës João Voto, & Felix, e suas exhortações derão principio à recuperação dos Reynos de Aragão, & Navarra. Sabemos que João Guarim Floreceo em Catalunha, & foy causa de se fundar a celeberrima casa de nossa Senhora de Monsarrate. E de nossas historias consta, que o Abbade João viueo retirado nas matas de Ceissa, & deu occasião a se edificar pello tempo adiante aquella casa. Tambem sabemos, que o Santo João Cirita fazia vida heremitica em o mosteiro de São Christouão de Lafoés, não longe das ribeiras do rio Vouga, quando o vieraõ buscar aquelles santos Monges de Claraua, os quais por revelação diuina, lhe dirigio o Patriarcha São Bernardo, para que neste Reyno se plantasse a Religião Cisterciense.

Nas partes de Alentejo posto que estiuessse então debaixo do jugo dos Mouros, não falta-

ua tambem quem seguisse este modo de vida, pois quando se deu a batalha do Campo de Ourique, ania hum Hermitão de muitos annos de penitencia, o qual (segundo se lê na Chronica del Rey Dom Afonso Henriques) lhe annunciou a victoria, & os fauores com que Deos queria dar principio a este Reyno.

Porem em nenhũa parte nem com mais firmesa, nem com mayor exemplo se continuou a vida heremitica que na Serra de Ossa. De que ainda são testemunhas estes nossos tempos. Os primeiros de que ha memoria que habitarão este lugar, & começaram a fazer nelle vida solitaria, foraõ quatro varoës de excellente virtude, os quais (segundo tradição) viuerão em tempo do Conde Dom Henrique, & de seu filho Dom Afonso. Chamauãose Gil, Bento, Lazaro, & Abrahão, os quais apartados em differentes lugares da Serra, viuião em perpetua solidão, & contemplação das cousas diuinas. O Gil moraua em hũa coua, que ainda oje conserua seu nome, a qual está ao pé do mosteiro da Serra para a parte do Norte, junto a hũa pequena fonte. Em outra que fica detras de hum oiteiro q̃ do mosteiro apparece, estava o Bêto ao longo de hũ piqueno ribeiro q̃ por alli passa. De Lazaro té ainda nome o mes-

mo

mo valle, junto a Val de Infante, onde em hũa lapa daquella rocha fazia sua habitação, & he todo este valle cuberto de arvoredo sylvestre, & regado de hum fresco ribeiro. O mesmo se diz de Abraham, de quem se nomea també outro sitio naquella serra, a que chamaõ Val de Abraham.

Passados alguns annos, & correndo a fama da santa vida que faziaõ aquelles Santos Hermitaës, se retirou a mesma Serra hum Caualeiro principal da milicia de Euora, (a qual mudada depois a Auís, ficou com este nome) & se dizia Fernam de Annes, o qual leuou consigo hum Capellão chamado Rogeiro de nação Irlandez, & deuia ser dos Ecclesiasticos, que vieraõ na armada Ingresa ao cerco de Lisboa. E parecendo-lhe que viuendo com os Hermitaës juntos ao modo de Cenobitas, teria melhor aparelho de servir a Dcos, & comunicar com elles as cousas de sua salvação, que era o intento com que se recolhera àquelle sitio. Fez com os quatro companheiros que morassem todos juntos, & para isso ordenou hũas casas humildes (de que ainda apparecem rastros na Serra) com hum Oratorio em que o Capellão Irlandes lhes dizia Missa, & ministrava os Sacramentos.

Com a conuerção de pessoa tão notauel, houve grande abalo

em muitos para deixar o mundo; & juntamente se tomou occasião de serem mais respeitadoss, & tidos em mayor estima os Hermitaës daquella Serra. Continuou naquelle modo de vida Fernão de Annes com grande opinião de virtude ate o anno do Senhor de mil & cento & nouenta & cinco, sendo ja Rey de Portugal Dom Sancho o primeiro. E como então se tiuessem diminuido muito as cousas da Christandade pella entrada que fizera o Miramolim de Marrocos neste Reyno o anno de mil cento & nouenta & hum, & pella vitoria que neste anno de mil cento & nouenta & cinco alcançara del Rey de Castella em Alarcos, em a qual fora morto pelejando valerosamente o Mestre da Canalaria de Euora, chamado Gonçalo Viegas, que fora em socorro daquelle Rey com os Caualeiros da Ordem, dos quaes morreraõ alguns, & os outros se tornaraõ a este Reyno. Parecendo aos que ficarão se deuia proouer aquelle lugar em pessoa, que não sô o esforço, mas a santidade da vida tiuesse acreditado, deraõ seu voto em Fernam de Annes, o qual vendo ser seruiço do Senhor não desamparar os feis naquelle tempo de tanta tribulação, aceitou o cargo, & deixou a contemplação, & quietação propria pello bem cõum da Republica.

## *Liuro VIII. da Monarchia Lusitana.*

Nem foy com pouco fruito da Christandade esta eleição do Mestre Dom Fernão de Annes, porque daquelle tempo em diante fez cruel guerra aos Mouros, & conquistou para a parte de Monforte, & Portalegre algũas fortalezas, que ainda estauão por elles, & nos recontros que auia se mostraua tão valeroso de sua pessoa, que pellos grandes golpes que daua, se trazia entre os Mouros em prouerbio, golpe de Fernão de Annes que te alcanse, dando a entender, que ninguem podia escapar de suas mãos.

Os Hermitaës que ficarão na Serra de Offa forão continuando com seu instituto, & como lhe acudissem cada dia novos discipulos, vendo que não cabião nas casas que tinhaõ edificado, escolherão outros dous sitios, que forão o de Val de Infante, & val de Abraham, em que fundarão casas, nas quais, & em outras que se forão edificando em Alemtejo, & alem do rio na Estremadura conseruaraõ seu modo de vida até nossos tempos com grande exemplo de virtude, & floreceraõ entre elles alguns varoës insignes em santidade como os dous Hermitaës, de que se faz menção na Chronica do grande Condestable, que distribuirão as esmolas que elle mandou fazer no tempo da grande fome. E o outro santo Varão, a quem Nosso senhor reuelou o

nacimêto do Beato Ioão de Deos como se elcreue em sua vida, & outros que o tempo nos encobrio.

Hum indicio ha muy claro da santa conuersação destes Religiosos, o qual he, que mandando o Papa Gregorio Vndecimo por Visitadores gèraes de Espanha ao Bispo de Coimbra Dom Pedro, o de Tuy Dom Ioão, & Vasco Chantre de Braga, sahemos que por sua ordem se extinguiraõ os Hermitaës que auia em algũas partes de Espanha, & com os de Portugal da Serra de Offa se não innouou cousa algũa, que foy final certo de ser sua vida tão virtuosa, que os deixarão ficar para exemplo, & proueito cõmũ de toda a Igreja.

Neste tempo (que era do Reynado del Rey Dom Fernando) floreceo Frey Vasco, o qual trouxe a Espanha os Hermitaës, que fundarão a Religião de São Hieronimo em Portugal, & Castella, & se tem ser primeiro dos Hermitaës da Serra de Offa. Pouco tempo adiante dizem, que foy do mesmo instituto Mestre Ioão (despois Bispo de Lamego) & que por sua ordem veyo a Portugal a Religião de São Iorje de Alga, a que vulgarmente chamão dos Loyos.

Mouido o Cardeal Infante Dom Henrique do bom exemplo de vida dos Hermitaës da Serra de Offa, tratou em o anno do

do Senhor de mil & quinhentos & setenta & oito de lhe alcançar confirmação da Santa Sé Apostolica, & reformação em algũas cousas, principalmente no estudo das letras de que careciaõ, para que applicandose a ellas estes Religiosos, seruiſſem á igreja Ca-

tholica não só como exemplo de suas vidas, como ate então tinham feito, se não com a luz de sua doutrina, como de então para qua fizeraõ, & fazem em grande beneficio do pouo Christão.

(2)

*FIM DO OITAVO*

*LIVRO.*



L3

LIVRO





# LIVRO IX. DA MONARCHIA LUSITANA.

## CAPITULO I.

*Por morte do Conde Dom Henrique, governa o estado de Portugal a Rainha Dona Tareja.*

1112.



OR morte do Conde D<sup>o</sup> Henrique ficou o governo de Portugal à Rainha Dona Tareja, & nelle continuou por espaço de deza seis annos, até ser excluida pellas atmas do Infante Dom Afonso seu filho. Resolução he esta muy noua, & que causará admiração aos leitores, os quais não terão ouvido cousa algũa deste tempo do senhorio particular da Rainha; antes fundados no que dizem nossas historias, terão para si, que as differenças entre esta

Princesa, & seu filho se principiarão pouco despois da morte do Conde Dom Henrique; & assi que não ouue tempo liure em q a Rainha só governasse. Mas como o fundamento desta verdade conste de escrituras em que não pode auer duuida, né se deue temer o espanto que a nouidade causa; nem se pode arreçar de não seguir o que dizem nossos autores; pois os vemos contrarios às relações mais certas do tempo antigo. No ponto presente me consta, que a Rainha Dona Tareja foy senhora absoluta de Portugal, sem dependencia, ou com-

## Liuro I X. da Monarchia Lusitana.

panhia de outra pessoa, ate o anno de 1128. Sei que entao ouue discordias entre a mesma Rainha & seu filho, de que resultou ficar ella excluida do governo, & o Infante com o senhorio do Reyno. E assi me não moue o que huns escreue, affirmando tuerão principio as differenças entre a Rainha, & o Infante seu filho logo depois da morte do Conde D<sup>o</sup> Henrique, com occasião do segundo casamento desta Princeza cō o Conde Dom Fernando de Trastamara. Nem o que outros resoluem, negando as mesmas discordias em todo o tempo, & o segundo matrimonio da Rainha, que suppoem ser o fundameto, & causa dellas.

Primeiramente do governo particular da Rainha ha muitos indicios, em o modo cō que procedem as escrituras, & doações daquelle tempo, de que se fará bastante demonstração em a historia dos annos seguintes. Ha outras escrituras em que expressamente se diz como a Rainha Dona Tareja era senhora de Portugal, & o governaua; & destas importa neste lugar referir algũas.

Entre os papeis de Pedroso mosteiro antigo de São Bento (hoje annexo ao Collegio de Coimbra da Companhia de IESV) ha hũa notauel doação feita á mesma casa por Ermesinda Onoriz, em que lhe concede muitas herdades entre os Rios Aue,

& Agueda, & cõtem no fim estas palavras. *Regnante Regina nostra Tarasia Portugalensi, & Antistite nostro Gonsaluns Episcopus Colimbriensis facta series testamenti notum dierit V. Kal. Ianuarij E.M.C.LII. Que* rem dizer: Reinando a nossa Rainha Dona Tareja em Portugal, & sendo Prelado de Coimbra nosso Bispo Dom Gonçalo, foy feita esta carta de testamento no dia sabido, que cahio a cinco das Calendas de Janeiro da Era de 1152. & vem a ser a 28. de Dezembro do Anno de 1113.

Outra escritura do mesmo mosteiro, em que Payo Ludiudez lhe dá por sua morte tudo o que possuia desdo rio Leça até Agueda, a qual consta ser feita a quatro das Calendas de Janeiro da Era de 1156. que vem a ser a 29. de Dezembro do anno de 1115. mostra como reynaua em Portugal a Rainha Dona Tareja, & era Bispo de Coimbra Dom Gonçalo com estas palavras que o declarão. *Regnante Principe nostra Regina Tarasia Portugalensi, & Antistite nostro Gonsaluo Episcopo Colimbriensi.*

No mosteiro de Arouca ha algũas escrituras que confirmão a mesma verdade. Hũa do anno de 1117. que he carta de venda de certas herdades feita por Sueiro Odoriz, & sua molher Elduara, a Dona Toda Paes, que depois foy Freyra do mesmo mosteiro, tem no fim estas palavras. *Facta carta*

*vendi-*

Archivo  
do mostei-  
ro de Pez-  
doso.

Livro de  
Arouca  
num. 96



*venditionis notum die quod erit III. Nonas Iulij Era M.C.LV. imperante Infante Donna Taregia in Portugalensis, Episcopus Gonsalvus Colimbriensis, & cet.*

*Liuro de  
Coimbra  
fol. 279.*

Em o liuro antigo da Sé de Coimbra está hũa escritura de cõcordia celebrada entre os Clerigos de Viseu, & o Bispo de Coimbra Dom Gonçalo, ( da qual em outro lugar se fará mais particular memoria) & nella se promete foygeição ao Bispo por parte do Clero de Viseu; com declaração, que duraria em quanto elle permanecesse na obediencia da Rainha Dona Tareja, que era a mesma q se deuia ao verdadeiro Rey, & senhor da terra. *Ipsa permanente in fidelitate Reginae Donnae Tarasie, sicut Episcopus fidelis debet esse suo Regi, & domino terræ.* E mostra ser feita esta escritura na Era de Cesar de 1158. que he anno do Senhor de 1120.

*Archiuo  
de Santa  
Cruz de  
Coimbra.*

Em o anno de 1125. mandou a Rainha Dona Tareja pouoar a villa de Soure, a qual estava destruida de hũa entrada, que no anno de 1117. fizeram os Arabes em terras de Coimbra, & declarase ser a Rainha Dona Tareja a que mandou restaurar esta pouoação & nomeou Capitão nella, o qual a auia de ter em seu nome. *Placuit diuine voluntati per eximiam Reginam Tarasiam præsidentem eidem Castello Gonsaluam Gonsaluz pro principe manu teneri.* Isto he, que aproue à diuina bondade fazerse

a restauração de Soure ( de que vay falando) por meyo da excellente Rainha Dona Tareja, a qual nomeou por Capitão daquella fortaleza Góçalo Gonçaluez para que a sustentasse em seu nome. A palavra, *principe*, refere se à mesma Rainha, & val tanto como senhora, como se pode ver na escritura de Pedroso atras referida.

Do anno de 1126. ha hũa doação no liuro fidei da Sé de Braga, na qual deixa Paio Paez à dita Sé o quinhão que tinha em os mosteiros de São Pedro de Capareiros, & de Santa Eulalia. E no fim se diz, que reinaua em Toledo, & Leão Dom Atonso, & em Portugala Rainha Dona Tareja. *Regnante Rege Donno Adifonso in Toledo, & Legionis, in Portugali Regina Donna Tarasia.* Confirmação nesta escritura Dom Paio Arcebispo de Braga, Dom Hugo Bispo do Porto, & Dom Afonso Bispo de Tuy. Donde se vê que estava então esta cidade á obediencia da Rainha.

Todos estes lugares, & outros muitos que deixo de referir por breuidade, prouão muito bem nosso intento, de ser a Rainha Dona Tareja muitos annos absoluta senhora de Portugal. E de chegar seu gouerno até o anno de 1127. darão testemunho outros lugares dos Capítulos seguintes. O que por ora se pode confirmar com argumento negatiuo de não cõstar das escrituras, ser o Infante Dom

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

Dom Afonso senhor de Portugal ate este tempo, & vemos del-  
le em diãte se nomea por senhor  
da terra. Em o testamento de Mu-  
nio Viegas, filho de Egas Monis  
(outro diuerſo do ayo, & gram-  
prinado del Rey Dom Afonso) o  
qual se conferua entre os papeis  
de Pedroſo, & parece ſer feito em  
17. de Agoſto da Era de 1166. an-  
no de 1128. ſe declara, que quan-  
do ſe eſcreueo, era ja ſenhor de  
Portugal o Infante Dom Afon-  
ſo, & Biſpo de Coimbra Dom  
Bernardo. *Facta ſeries teſtamenti ſub  
temporibus Adeſonſi Infantis, & Ber-  
nardi Colimbriens ſis Episcopi ſub Era  
de M.C.LXVI. Kal. Septembris.*

De permanecer o Infante Dõ  
Afonſo em concordia com ſua  
mãe até o principio deſte anno  
de 1128. dão teſtemunho muitas  
eſcrituras dos annos ſeguintes,  
em que o Infante confirma, &  
approua o que a Rainha ordena-  
ua, & ſobre tudo a autoridade  
que temos do tempo em que ſe  
principiarão as guerras ciuis, da  
qual ſe fará copia adiante. Pode-  
ſe tambem corroborar eſta ver-  
dade com ſabermos não caſou  
ſegunda vez a Rainha, ou ſe o ca-  
ſamento ſe reduzio a effeito, não  
foy no tempo que ſuppoem noſ-  
ſos Chroniſtas, pello que não po-  
dia cauſar as guerras tão antici-  
padas. Mas porque eſte ponto do  
ſegundo caſamento tem grande  
difficuldade, & ha de ſer de mui-  
ta importancia ao que auemos de

dizer, ſerã bem que ſe examine  
com todo o rigor poſſiuel.

### CAPIT. II.

*Em que ſe trata ſe caſou ſe-  
gunda vez a Rainha Do-  
na Tareja, & ſe apontão  
razões por ambas as par-  
tes.*



Randes indicios ha de  
ſe caſar ſegunda vez a  
Rainha Dona Tareja,  
fortes ſão os argumen-  
tos que moſtraõ não ſer caſada.  
Ocaſiã ouue ſem duuida para os  
eſcritores falarem com variedade  
neſta materia. Em o Archiuo de  
Loruão eſtã a doação do lugar  
de Pinheiro ( he junto ao Caſtel-  
lo de Marnel, de que oje ha ve-  
ſtigios entre o rio Vouga, & o mõ-  
te de Meiamfrio) feita por Pedro  
Paes, & ſua mulher Geluira Nu-  
nes, ſendo Abbade de Loruão  
Dom Daniel, a qual remata em  
eſtas palauras. *Facta eſt carta teſta-  
menti VIII. Kal. Februar. Era M.C.  
LVIII. Gundisaluo Episcopo regente  
Colimbrienſem Sedem, Conſule autem  
Dono Fernando dominante Colimbrie,  
& Portugalli.* Querem dizer: foy  
feita a carta de teſtamento a 9.  
das Calendas de Feureiro da Era  
de 1159. ( ſão 24. de Janeiro do  
anno de 1121) gouernando a Sé de  
Coimbra o Biſpo Dom Gonça-  
lo, & ſendo ſenhor, ou dominan-  
do

*As do-  
ações eraõ  
chamadas  
antigamẽ-  
te teſtamẽ-  
tos.*

do em Coimbra, & no Porto o Consul Dom Fernando. Bem se declara em estas palauras, como neste anno referido estaua casado o Conde Dom Fernando com a Rainha Dona Tareja, pois sendo ella por este tempo senhora de Portugal (como temos visto) mal podia o Conde ter absoluto mando em suas terras em forma que se nomee senhor dellas, sem ser casado com a Rainha.

Em o mesmo Archiuo ha outra escritura, a qual começa deste modo. *Orta fuit intentio inter Episcopum Donnum Gundisaluum, & Abbatem Donnum Danielem cum Vincta Elias, & cum Pelagio Gundisaluis, & cum Menendo Pinionis de testamento Laxbimensi Cœnobio de villa, que vocant Medones, ante illam Regina Dona Tarasia, & Comite Donno Fernando, & indicarunt ut reliquissent illos ipsa villa.* Em summa quer dizer, que correndo demanda entre o Bispo Dom Gonçalo de Coimbra, & o Abade de Loruão D. Daniel, com outras pessoas sobre a vila de Midoes, a qual pertencia ao mosteiro de Loruão, apparecerão diante da Rainha Dona Tareja, & do Conde Dom Fernando os quais julgarão que deixassem elles a villa, &c. He a data desta escritura em Nouembro do sobredito anno de 1121. Parece q̃ tambem della se proua o casamento do Conde com a Rainha, pois em presença de ambos se decidão as causas mais graues, & am-

bos concorriaõ na resolução dellas.

Ha outros indícios de que se colhe o mesmo casamento, como fazerse nas escrituras particular exceição entre o Conde Dom Fernando, & os mais senhores Portugueses, como em certa concordia celebrada entre os Bispos de Coimbra Dom Gonçalo, & do Porto D. Hugo a cinco de Abril do anno de 1122. de que ha memoria no liuro da S.ª de Coimbra, se declara ser feita em presença da Rainha Dona Tareja, & do Conde Dom Fernando, & dos senhores Portugueses. *Hæc omnia* (são palauras da escritura *firmata est in presentia Regine Tarasie & Comitum Donni Fernandi, & Baronum Portugallensium.* E seguesc logo a firma dos senhores seguintes: o Conde Dom Gomez, Paio Soarez, Egas Gozendez, Gonçalo Rodriguez, Sueito Médez, Men-do Moniz, Sarracino Odoriz, Paio Guterrez. E assi parece que particularizandose entre todos o C.º de Dom Fernando, não só lhe precedia, (porque para isso bastaua nomearse em primeiro lugar) mas que estaua casado com a Rainha.

Sobre tudo parece que conuenice por esta parte a doação de São Martinho de Ioyue citada por Dom Fr. Prudencio de Sandoval, despois Bispo de Tuy, & Pamplona no tratado da familia dos Cunhas, na qual diz estar a firma



Liure an.  
tigo das  
doações da  
S.ª de Co-  
imbra.  
fol. 134.

## Livro IX. da Monarchia Lusitana.

firma do Conde Dom Fernando deste modo. *Ego Comes Ferdinandus Paes filius Comitiss Petri vnâ cum filia mea nata de Regina Donna Tereixa conf.* Isto he: Eu o Conde Dom Fernando Paes, filho do Cõde Dom Pedro juntamente com minha filha nacida da Rainha D. Tareja conf. He a data desta escriptura no anno de 1131. como refere o mesmo autor, & della se confirma bem o casamento da Rainha & Conde, com se apontar o fruto d'elle, razão forçosa, a qual obrigou (com outros fundamentos, como he chamar-se o Conde D. Fernando, *Comes Portugalensis*, Conde de Portugal) a se retratar o Padre Frey Bernardo de Brito na segunda parte desta historia do que tinha affirmado na Chronica de Cister, & approuar o segundo casamento da Rainha.

Pella parte que nega o casamento entre estes Principes, ha as razões seguintes. A primeira, que em nenhũa escriptura do Reyno de Portugal (de que me conste) se nomea o Conde Dom Fernando casado com a Rainha, nem se fazem as doações em nome de ambos, como se vsaua em tempo do Conde Dom Henrique, as quaes ordinariamente principiauaõ: Eu o Conde Dom Henrique com minha molher a Rainha D. Tareja. *Ego Comes Henricus vnâ cum vxore mea Regina Tarasia, &c.* Deste modo parece que ouue-

ra de correr o estylo em tempo do Conde Dom Fernando, se fora casado com a Rainha. Mas que todas as escripturas se fação em nome desta Princesa, & em nenhũa se faça menção do Conde Dom Fernando como de seu marido, he argumento forçoso, para oizermos que não foraõ casados.

Poderse ha dizer se não diulgaria este casamento pella inferioridade do Conde, porem franco remedio era o silencio das escripturas para se encubrir o que estava feito, & se auia de saber por algũa via, & diulgar-se depois por muitas. Quanto mais q o Conde Dom Fernando era illustissimo, como se pode ver em o Conde Doro Pedro, & o aduer te o Bispo de Tuy, & a não inferior aos Condes de Castella, com que os senhores daquelle Reyno quizerão casar sua Rainha Dona Vrraca, irmãa de Dona Tareja.

A segunda razão he, que de algũas escripturas consta como entre o Conde Dom Fernando, & os outros senhores Portugueses não auia differença nas firmas, & em outras se mostra positiuamente como era vassallo da Rainha Dona Tareja. Na Sé de Coimbra vi escriptura original feita a 24. de Mayo da Era de 1122. na qual a Rainha Dona Tareja dá ao Conde Dom Fernando a villa de Sea, para que elle a possua, & fique a seus decendentes, & diz estas palavras. *Do tibi illam pro bono seruitio*

*Escriptura original da Sé de Coimbra, a qual está na gaveta 5.ª do 1.º livro do primeiro repartimento.*

quod

*quod mihi fecisti, ut habeas tu illam, & omnis posteritas tua omni tempore.* Sua significação he. Douuos a sobredita villa pello bom seruiço que me fizestes, para que a possuais, & todos vossos decendentes para sempre. Começa esta escritura. *In Dei nomine, Ego Regina Donna Tarasia Alfonsi Regis filia una cum, filio meo Alfonso Henriques, placuit mihi per bonam pacem, & voluntatem, nullius quoque gentis imperio, nec suadentis articulo, sed propria mihi accessit voluntas, ut facerem tibi fidelissimo Comiti Donno Fernando filio Petri Comitis cartam donationis per scriptum firmitatis de hereditate mea propria, quam habeo ultra flumen Mondeci, ad radicem Montis Hermeni, que vocatur Sena, &c.* A summa d'isto he, que faz a Rainha Dona Tareja doação da Villa de Sea ao Conde Dom Fernando na forma que ja temos dito. Bem se conuence não estar o Conde casado com a Rainha Dona Tareja quando se fez esta escritura, pois a Rainha o trata como a criado, & diz lhe faz mercê pello bom seruiço que lhe fez, & amplia por este respeito a doação a seus decendentes.

Do proprio modo o trata a Rainha Dona Tareja em a doação do Castello de Santa Olaia (esteue abaxo de Monte mór o velho junto ao Mondego) & do lugar de Quiajóz, o qual lhe dá pella villa de Coja, na qual escri-

tura se acrescentaõ estas formaes palauras. *Et adicio vobis pro seruitio quod mihi fecistis illud castrum quod vocatur Saurum.* Quer dizer: E ajunto mais ao que vos dou, pello seruiço que me fizestes, o Castello que se chama Soure. He a data a tres de Nouembro do anno de mil & cento & vinte & dous, & está tambeim a escritura na Sè de Coimbra, assi em o liuro das doações, como em original proprio.

Architro  
da Sè de  
Coimbra  
acima ci-  
tados, &  
no liuro  
das doa-  
ções fol.  
216.

Por este modo correm as doações dos annos seguintes. E em o anno de mil & cento & vintoto, o ultimo do gouerno da Rainha Dona Tareja (como mostarei) tenho notado algũas doações, he hũa dellas original do Mosteiro de Arouca, a qual começa assi. *In Dei nomine: Ego Regina Tarasia Toletani Imperatoris filia in Domino salutem. Placuit mihi ut facerem tibi Garsia Garfeas, & uxori tue Elvira Menendis cartam donationis de hereditate mea propria, que habeo inter Taranca, & Ferraria in loco qui dicunt Francas, &c.* E remata. *Facta carta donationis, & firmitatis II. Kalend. Aprilis Era M. C. LXVI. Ego Regina Tarasia banc cartam iussi fieri, & manu mea roboravi.*

Escuritura  
original  
de Arouca

*Infans Adefonsus Regina Tarasia filius propria manu conf.*

*In Sede Brachara Archiepiscopo Pelagio.*

*Sede Portugali Episcopo Hugo.*

*Colimbria Archidiacono Tello.*

*In Viseo Odorio Priore.*

M

In

## Liuro I X. da Monarchia Lusitana.

*In Sede Lameco Archidiacono Moni-  
no. Pro testibus. Petrus, Pelagius,  
Gonsalvus.*

*Nuno Osoris quos vidi.*

*Garcia Rodriguez quos vidi.*

*Garcia Suarez quos vidi.*

*Comite Fernandus continentis Colim-  
bria eos vidi, & propria manu conf.*

*Veremundo Petris continentis Viseo*

*Pelagio Suarj cont. Amaia conf.*

*Gonsalvo Rodriguez cont. Veremun-  
di conf.*

*Egas Gofendis cont. Baiam conf.*

*Petrus cognomento Episcopus pinxi.*

A summa disto he, que faz a Rainha Dona Tareja doação do lugar de Fragoas a Garcia Garces, & a sua mulher Eluira Mendez em 30. de Março de 1128. & nella confirma o Conde Dom Fernando despois do Infante D. Afonso Henriques, como qualquer dos outros senhores vassallos da Rainha, pois cada hum se nomea fronteiro, ou tenente, q he senhor de sua terra, o Conde Dom Fernando de Coimbra, Bermudo Perez de Viseu, Paio Soares de Amaia, & assi os mais, pello que parece coula certa não estar o Conde neste anno casado com a Rainha, & consequentemente em nenhum tempo, pois neste mesmo anno foy ella excluida do Reyno, & delpois viueo pouco tempo, & todos conuem, que não celebrou casamento.

Estas razões pella parte nega-  
tua mostrão maior força, & aos

argumentos em côtrario se pode responder. Aos primeiros, que se declara naquellas escrituras o grã de poder do Conde, & a muita valia que tinha com a Rainha, & não seu casamento. Ao vltimo da escritura referida pello Bispo de Tuy se responde com outras palavras do mesmo autor, o qual no cap. 25. da Chronica do Emperador Dom Afonso 7. diz assi: Por <sup>Sandoval</sup>algũas escrituras do liuro de Astorga <sup>na Chroni</sup> deste anno acbo, que chamauão al Rey <sup>ca del Rey</sup> Dom Afonso Emperador, & dizem <sup>D. Afonso</sup> ser filho de Dona Vrraca, & por bũa <sup>7. 1. 25. no</sup> <sup>cabo.</sup> em que a Condesa Dona Loba faz doação ao Mosteiro de São Martim de Ioyba da Ordem de São Bento em Galiza do Couto de Carranca, & a confirma o Conde Dom Fernando Perez filho do Conde Dom Pedro juntamente com sua filha, que diz era neta da Rainha Dona Tareja, & esta Rainha forçosamente ha de ser a de Portugal mulher do Conde Dom Henrique, &c.

Suppondo que a filha do Cõ-  
de Dom Fernando era neta da Rainha Dona Tareja (como diz o autor) se colhe bẽm não serem casados o Conde, & a Rainha. E assi ou da escritura de São Martim de Ioyba se mostra a impossibilidade deste casamento, ou se não proua coula algũa, pois o autor escreue com tanta variedade, que em hum lugar nomea por filha, em outro por neta, & eu accreento que o nome de neptis, o qual deue estar na doação, pois se

se fazia em Latim, significa não só neta, mas sobrinha em qualquer grau, & não seria cousa impossivel ser a filha do Conde parenta da Rainha por parte de sua mãy, no que não podemos affirmar cousa certa.

O outro ponto de se chamar o Conde Dom Fernando *Comes Portugalsis*, se pode explicar, por ter o senhorio do Porto, & nem ainda este foy de propriedade, pois em o anno de mil cento & vinte & oito o vimos senhor, ou fronteiro de Coimbra, ou se pode dizer (o que tenho por mais certo) que este nome se daua ao Conde despois que tornou a Castella, para se denotar sua assistencia em Portugal. Tenho para confirmação deste pensamento hum exemplo mui conforme. Em a doação que faz a Rainha Dona Tareja do Castello de Soure aos Templarios, (da qual logo farei mais expressa memoria) confirma o Conde Dom Rodrigo com estas palauras. *Comes Rodericus Gallicianus confirmat*. Isto he. O Conde Dom Rodrigo de Galiza confirma. Não quer isto dizer, q̃ era este Conde senhor de Galiza, mas que viera de Galiza. Assim também nomearse o Conde Dom Fernando em Castella (digo em Castella, porque nas escrituras de Portugal não ha este titulo) *Comes Portugalsis*, Conde de Portugal, he o mesmo que dizer, tinha vindo de Portugal, como tam-

bem oje nomeamos Africanos, & Indiaticos, os que estiueraõ algum tempo nestas partes do mundo.

## CAPIT. III.

*Em que se prosegue a mesma materia, & se assenta como mais prouauel, que não casou segunda vez a Rainha Dona Tareja.*

**E**M podia proceder esta segunda opinião, que nega o casamento da Rainha Dona Tareja fundada nas razões propostas, se de nouo não occorreraõ outras difficuldades, que importa vencer primeiro, ou confessar que he mayor sua força, & mais solido seu fundamento. A mayor difficuldade desta materia consiste na doação feita pella Rainha Dona Tareja ao Mosteiro de Monte de Ramo em Galiza, porque nella se nomea a Rainha por molher do Conde Dom Fernando com palauras tão expressas, que não sofrem explicação, nem podem deixar de ser admitidas. Tras esta doação o Mestre Yepes graue historiador da Ordem do Patriarcha São Bento, & he em numero a 32. do setimo tomo de suas Centurias, & diz assi; *Ego Tarasia bone memorie Alfonsi Magni Hispaniarum Regis filia, Magni*

M 2 Comitiss

Consta da  
doação de  
Arouca a  
cada acimã

Yepes no  
tomo 7o

## *Liuro IX. da Monarchia Lusitana.*

*Comitis Henrici quondam vxor, nunc vero Comitis Fernandi, Dei gratia Portugallis Regina à Mari Oceano vsque ad rinulum Hispaliosium, qui currit inter Tibres, & Gueures, &c. E conclue. Hanc cartam fieri iussu vnâ cum viro meo Comite Fernando Perez, & cum filio meo Alfonso Henriques propria manu roborauit. Facta carta donationis XII. Kalend. Septembris Era M. C. LXII. Regnante Regina Tarasia in Portugallia, & Limia vsque ad rinulum Hispaliosium, sorore eius Regina Donna Vrraca in Castella, Legiona, Galetia, Asturijs, & Estremadura. A significação destas palauras he no primeiro lugar: Eu Dona Tareja filha do grande Rey de Espanha D<sup>o</sup> Afonso de boa memoria, molher que foy do grande Conde Dom Henrique, & agora estou casada com o Conde Dom Fernando, por graça de Deos Rainha de Portugal desde o mar Oceano até o rio Hispaliosio, o qual leua sua corrente entre Tibres, & Gueures, &c. E no segundo. Esta carta mandei fazer juntamente com meu marido o Conde Dom Fernando Perez, & com meu filho Dom Afonso Henriques, & a confirmei com minha propria mão. Foy feita aos doze dias das Calendas de Setembro da Era de mil cento & sessenta & dous (he a vinte de Agosto do anno de mil cento & vinte & quatro) reinando em Portugal, & Lima até o rio Hispaliosio Dona Tareja,*

& sua irmãa Dona Vrraca em Castella, Leão, Galiza, Asturias, & estremadura.

Se esta doação he verdadeira, parece que conclue por parte da opinião affirmatiua, & aos fundamentos apontados pella parte negatiua se pode dizer, não aueria em Portugal noticia deste matrimonio, ou pellas razões atras allegadas, ou por outras que não sabemos, & em Galiza constaria della como de cousa certa. Digo se esta doação he verdadeira, não por duuidar da relação do Padre Yepes, cuja autoridade he grãde, mas por me não constar se vio elle o original, ou allega com algum treslado, o qual poderia estar viciado, porque como escreueo muito, não pôde ver todos os memoriaes em que se funda, como algũas vezes confessa; & assi será necessario fazer ainda algum exame nesta materia, o qual deue aceitar bem o beneuolo Leitor, pois he só para mayor aclaração da verdade.

Digo ser cousa muy difficiltoza, que só nas escriturra de Galiza se nomee por casada a Rainha Dona Tareja, sem auer disso memoria nas de Portugal. Neste mesmo anno de mil cento & vinte & quatro, a quatro do mes de Nouébro deu a mesma Rainha hũa herdade a Pelagio Mendez, & à sua molher Maria Garcia em Percira, & diz ser demarcação della



della In termino de Castineira per cima de Lamosa subius Mons Alabrer discurrantes agoas Pania, & Vanga Lamecensi territorio. E nesta doação confirmão os senhores seguintes pella ordem, & palauras que proponho. Ego Pelagius Bracharensis Episcopus conf. Ego Consul Fernandus conf. Ego Egas Gosendiz conf. Suarias Venegas conf. Qui presentes fuerunt. Suarius testis, Pelagius testis, Sefnandus testis. Menendus propria aure Notarius depinxi. Tê hũa Cruz abaxo, & à roda estas letras. Ego Regina Tarasia hanc cartam confirmo. Vi a propria escriptura original em o Mosteiro de São João de Tarouca de nossa Ordem, & nella acho que confirma o Conde Dom Fernando como qualquer dos outros vassallos da Rainha Dona Tareja, sem se dar a entender que estaua casado, antes mostrandose que o não era, pois a Rainha sò faz doação, & poem sua firma separada, conforme o estylo dos Reys. Não sei que diga com esta diuersidade de escripturas, & modo de falar tão differente.

No mesmo anno faz a Rainha Dona Tareja doação à Sé de Braga do Couto de Faloës, como consta do liuro desta Igreja intitulado, *Liber fidei*, & não se nomea molher do Conde Dom Fernando, mas mostra-se senhora absoluta. Em o anno seguinte de mil & cento & vinte & cinco se deu foral a Ponte de Lima, o qual e

stá na Torre do Tombo, & na confirmação delle está o nome da Rainha, & de seu filho com estas palauras. Ego Regina Tarasia, & filius meus Alfonsus Rex in hac carta manus nostras roborauimus. E despois se seguem, Comes Fernandus confirmat, Comes Gomezis confirmat, Pelagius Velasquis Curia dapifer confirmat. Sub manu Regine dominante Ripa Limie Sefnandus Ramires confirmat, & multi alij bonorum hominum. Archiepiscopus Pelagius in Brachara. Petrus notauit. Vam estas firmas propostas na forma em que estão no latim para mayor credito. Nesta escriptura noto tres circunstancias. A primeira, dizer a Rainha que faz aquelle foral juntamente com seu filho, o qual ja se nomea Rey. A segunda, confirmar o Conde D. Fernando como qualquer dos outros fidalgos Portugueses. A terceira affirmar Sefnando Ramires (hum dos q confirmão) como possuia as terras de Ribeira de Lima por doação, & mercê da Rainha. Todas estas particularidades mostraõ não ser a Rainha casada, nem o Conde Dom Fernando ter superioridade algũa em Portugal mais que os outros senhores.

Nem só as doações de Portugal feitas neste tempo corrião nesta forma, mas ainda as que se celebrauão no Reyno de Galiza. O Bispo de Tuy traz em o liuro que fez dos Prelados desta Igreja, hũa doação muy notauel

Sanpoat  
dos Bispos  
de Tuy fol.  
3.

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

da Rainha Dona Tareja, & diz assi: Era 1163. a 3. de Settembro a Rainha de Portugal Dona Tareja mãy de Dom Afonso os dous juntamente com palauras mui denotas dizendo ella. *Ego Tarasia Regina Adefonsi Imperatoris filia, offerecem, & concedem, & confirmão à Igreja de Santa Maria de Tuy, & a seu Bispo Dom Afonso as Igrejas, & cousas seguintes, da maneira que as auia dado el Rey Theodomiro dos Suenos em sua doação que diz. Testamentum Regis Theodamiri, &c.* E despois de o autor relatar extensamente o que continha esta doação, poem a firma da Rainha, & as vltimas palauras da escriptura no latim seguinte. *Ego prefata Regina Tarasia hanc donationis cartam, vel testamentum propria manu roboro, Menendus propria aule Notator depinxi. Ego Pelagius Bracharensis Archiepiscopus conf. Ego Infans Adefonsus ipsius Regine filius confirmo. Ego Comes Fernandus confirmo. Ego Comes Gomez conf. Ego Fernandus Ioannidis conf. Qui presentes fuerunt, & viderunt, & audierunt. Petrus testis, Pelagius testis. Martinus testis.*

Nesta escriptura se ve bem como a Rainha Dona Tareja com seu filho fazião as merces, & doações, & ella principalmente. E como o Conde Dom Fernando não tinha outro lugar mais que o de cõfirmar, como qualquer dos outros senhores, & Ricos homês, a mesma proua fazem as outras escripturas deste Reyno, como ja disse, & por não cansar os leitores,

aponto hũa feita a 15. de Março do anno 1128. a qual está no liuro das Ordens Militares da Torre do Tombo, & cõcede nella a Rainha o Castello de Soure aos Templarios, & confirma o Conde Dõ Fernando dizendo. *Ego Comes Fernandus donum quod domina mea Regina Militibus Templi donat, laudo, & concedo.* Quer dizer: Eu o Conde D. Fernão louuo, & outoigo nesta doação a qual faz a Rainha minha senhora aos Caualeiros do Templo.

Todas estas escripturas se oppoẽ grandemente à de Monte de Ramo referida pello Padre Yepes, & nellas não ha q̃ pór duuida, porque de todas vi os originaes, tirando a referida pello Bispo de Tuy, & a que está no liuro da Torre do Tombo, mas ambas vão bẽ fundadas na authoridade do autor, & do liuro; & posto que nellas se não diz expressamente, q̃ o Conde Dom Fernando não estava casado com a Rainha (o que na escriptura de Monte de Ramo se afirma) com tudo he cousa muito para espantar, que só naquella escriptura se faça menção do casamento, & em nenhũa outra se aponte cousa semelhante, o que se deuia fazer para bem ao vso antigo, em que as Rainhas ainda que fossem senhoras proprietarias dos Reynos, fazião as mercês juntamente com seus maridos, antes elles se nomeauão primeiro, o que consta tambem de

Torre do Tombo em liuro das Ord. Militares fol. 211.

de todas as escrituras feitas em tempo do Conde Dom Henrique, pello que não sem grande fundamento se pode ter por sospeitosa aquella doação de Monte de Ramo, na qual noto tambem as difficuldades seguintes.

Aquella demarcação do estado de Portugal até o rio Hispalio, & os nomes de Tibres, & Gueures por onde corre he cousa deusada nas escrituras, & assi não carece de sospeita. Tambem dizerse que no anno de 1124. reinava Dona Vrraca em Castella & Leão, tem duuida por affirmar o Bispo de Tuy, & o confirmar có escrituras, que do anno de 1122. por diante se acaba em os priuilegios daquelles Reynos a memoria de Dona Vrraca, & começa a de seu filho Dom Afonso dizendo, que reinava em Leão, Castella, Toledo. &c.

Toda esta disputa, razoës, & autoridades que se accumularão pareceo conueniente propor na resolução deste ponto; assi ficará facil aos leitores fazer eleição do que for mais verisimil; que eu có me parecer mais prouauel a opinião que nega o segundo casamento da Rainha, não ouzo a resolver de toda a materia, & assi a remetto a juizos superiores.

Resta dizer, qué era o Conde Dom Fernando, pois quando não fosse casado có a Rainha, se não pode negar teue o principal lugar no gouerno de seu tempo. O Cõ-

de Dom Pedro trata em o titulo primeiro de seu liuro da antiga; & illustre familia dos de Pereira, <sup>Conde D. Pedro tit. 13.</sup> que diz proceder do Conde Dõ Mendo, Principe decédente dos Reys de Lombardia, segundo alguns autores, o qual veo a Espanha em tempo dos primeiros Reys de Leão, & nella deixou decendencia, que foy continuando na grã deza de seus antepassados. Deste Conde Dom Mendo diz, que decendia o Conde Dom Pedro Fernandes de Traua, pay do Conde Dom Fernando, de que ao presente escreuemos, & de Dom Bermudo Pires, o qual (como veremos) casou com a Infanta Dona Vrraca, irmãa del Rey Dõ Afonso Henriquez. Conforme a esta decendencia era o Conde Dom Fernando illustrissimo, como diz o Bispo de Pamplona, & se presaua de seu parentesco toda a nobreza de Galiza. E assi não era muito que aspirasse ao casamento da Rainha Dona Tareja. <sup>Sandoval na Chronica del Rey D. Afonso 7.</sup>

### CAPIT. III.

*Intentão os Mouros algũas nouidades, & são atalhados. Na cidade do Porto se poem o primeiro Bispo, a quem a Rainha Dona Tareja faz bũa doação amplissima.*

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.



Anto que se soube da morte do Conde D<sup>o</sup> Hériq, & a noticia della chegou aos Mouros confinantes, ouue algũs que vendo o gouerno de Portugal em mão de molher, & o Principe D. Afonso. minino em tutorias, tiue- raõ para si se lhe abria caminho para se satisfazerem dos agraues antigos causados pellas armas do Conde. Entre estes hum Rey cha- mado Brasimi (nã se declara em particular a terra onde reinaua) ajuntando exercito deu mostras de cometer a terra dos Christãos & a propria cidade de Coimbra, parecendolhe que com a confu- sãõ do estado presente, & pouca ordem das cousas lhe nã. pudes- sem os nossos fazer a resistencia que conuinha. Porem como em aquelle tempo auia em Portugal muitos Capitaes experimẽtados, & soldados de valor, se pos tanto cuidado na defenõ da Cidade, & das terras visinhas, & se fizeraõ preparaçoẽs com tanta diligẽcia, que bastou o pregaõ da fama del- las para deter as bandeiras Mou- riscas, & desuiar o Rey barbaõ de seu intento. Ha memoria de- ste caso em doaçaõ da Rainha D.

Archiuo  
do mostei-  
ro de An-  
fedeo qual  
se guarda  
no mostei-  
ro de S. Do-  
mingos de  
Lisboa.

Tareja feita a Froyla Spassõ da Igreja de Santa Leocadia em ter- ra de Baiam, a qual pertence ao Mosteiro de Anfede, annexo de algũs annos a São Domingos de Lisboa, & contem estas palauras.

*Et ista carta fuit scripta in ipso tempo- re de illa Regina, & de ipso Comit no- mine Ferdinandus in vigilia Pasche, & quando voluit venire ipso Mauro Re- ge nomine Brasimi, ad ipsa ciuitate Co- limbria, & non venit ad illa ciuitas.* Significaõ. Foy escrita esta carta no tempo daquelle Rainha (en- tende Dona Tareja de quem auia falado) & do Conde Dom Fer- nando em vespora de Pascoa, quando o Rey Meuro chamado Brasimi queria vir contra Coim- bra, aonde nã. ousou chegar.

Declara se ser feita esta escritu- ra na Era de 1150. que he o pro- prio anno em que morreo o Cõ- de D. Henrique, dõde se ve cla- ro que foy sua morte no princi- pio do anno antes da Pascoa, pois em vespora de Pascoa se fez a es- critura. Nella confirma o Infan- te Dom Afonso, filho de Dona Vrraca, o qual deuia de assistir en- tãõ na Corte de sua tia, ou por lhe vir dar os pesames da morte do Conde, ou por outras causas que nã. sabemos; as palauras cõ que firma saõ estas. *Adefonsus fi- lius Regina Donna Vrraca quos videt confirmat.* E para mayor certeza de ser este, & nã. estar errado o nome, se segue a firma do Infan- te de Portugal deste modo: *Alius Infans nomine Adefonsus quos videt cõ- firmat.* Seguem se despois o Con- de Dom Fernando, o Conde D<sup>o</sup> Gomez, Gõçalo Rodrigues Mor- domo da casa da Rainha, Paio Soares, Egas Moniz, Ioãõ Viegas, & dos

& dos Prelados Dom Gonçalo Bispo de Coimbra, & Dom Hugo Bispo do Porto. E esta he a primeira vez que encontro com Bispo do Porto despois de sua restauração.

Na Torre do Tombo se conserua a doação da cidade do Porto feita a este Prelado pella Rainha Dona Tareja, de que importa referir algúas palauras, & são as que se seguem. *Quapropter ego*

Torre do Tombo no lin 2. das foras da leitura ve lha fol. 75

*Regina Tarasia gloriosi Imperatoris filia ad laudem, & gloriam Domini nostri Iesu Christi, & ob amorem Beatissimæ Virginis Mariæ, & pro remissione peccatorum nostrorum, & redemptione animæ meæ, & parentum meorum, facio testamentum, & cartulam donationis per huius scripturæ firmitatem Port. Sedi de toto illo Burgo sine alio herede cum omnibus suis redditibus & adiacentijs, & cum Ecclesia Santi Petri, & Redondela, & Basa, & Castello, quod à vulgo dicitur Lunata cum omnibus pertinentijs, & Germinandi, quod primitus soror mea Regiua Vrraca dederat, & cum omnibus Regalibus hereditatibus que intra ipsum Cantu continet. Dono itaque & concedo perpetua stabilitate supradictas hereditates, siue piscarias Sanctæ Mariæ Portuensis. Sedis, & Donno Hugo eiusdem Ecclesiæ Episcopo, eiusque successoribus, & facio cautum firmissimam per suos terminos, &c. E conclud. Facta autem cartula Era M. C. LVIII. & fuit roborata in die sancto Paschate mense Aprilis id est, XIII. Kalend. Maij, Luna decima quatr. Anno In-*

*carnationis dominicæ M. C. XX. Indictione VIII. Epact. nulla, Pontificatus autem domini Hugonis eiusdem Ecclesiæ Episcopi anno VI. Quer dizer.*

Por tanto eu a Rainha Dona Tareja filha do glorioso Emperador, em louvor, & gloria de nosso Senhor Iesu Christo, & por amor da Beatissima Virgem Maria, & por remissão de meus peccados, & redempção de de minha alma, & de meus paes, faço testamento, & carta de doação pella firmeza desta escriptura á Sê do Porto de todo aquelle Burgo, sem que aja delle outro herdeiro, com todas suas rendas, & lugares vezinhos, & com a Igreja de São Pedro de Redondela, & Balto, & o Castello chamado Lueda, com tudo o que lhe pertence, & o Castello chamado Germello, o qual princiro lhe auia dado minha irmã a Rainha Dona Vrraca, & cõ todas as herdades Reais comprehendidas em o mesmo Couto. Afli que dou & concedo com firmeza perpetua as sobreditas herdades, ou pesqueiras a Santa Maria da Sê do Porto, & a D. Hugo Bispo da mesma Igreja, & a seus successores, & lhe faço firmissimo Couto, &c. Foy feita esta escriptura na Era de 1158. & firmada no dia santo da Pascoa no mes de Abril, a saber, a 14. das Calendas de Mayo, Lúa decima quinta. anno do Senhor de 1120. na indição quarta, Epacta nenhũa, no anno sexto do Pontificado de Dõ Hugo

## *Liuro IX. Da Monarchia Lusitana.*

go Bispo da mesma Igreja.

Conforme a esta escritura a restauração da Sé do Porto, & entrada de seu primeiro Bispo se fez no anno do Senhor de 1114. pois se diz como no anno de 1120. auia seis annos que governaua aquella Igreja, & assi ou esta escritura está errada, ou a outra de Ansele, na qual confirma Dom Hugo ja no anno de 1112. E como a escritura de Ansele seja original, & a da Torre do Tombo ainda q̃ treslada da em liuro mereça todo o credito pellas circumstancias, & particularidades que aponta, não deixa de causar embaraço. Parece-me que nesta doação da Torre do Tombo se respeitaria só o tempo em que Dom Hugo governou a Igreja do Porto depois de ser confirmado pelo Summo Pontifice, & na escritura de Ansele se atentaria ao tempo de sua nomeação, & eleição, a qual se faria no anno de 1112. Deste modo ficão conformes as duas escrituras, & se vê claramente, como o primeiro Bispo do Porto foy collocado nesta dignidade em tempo da Rainha Dona Tareja, & não em vida do Conde Dom Henrique, como alguns escreuem.

E como a Rainha Dona Tareja restaurou esta Igreja, assi parece que tomou a sua conta enriquecê-la com doações, & esmolas. Pellos annos adiante lhe dotou muitas terras. O Couto, & Igreja

da Regoa, o Mosteiro de Santa Maria de Crestume, o de Bouças, parte da agoa do Rio Douro para colher os direitos da pesca, & outras cousas que se podem ver em o Cathalogo dos Bispos do Porto, composto doutamête pelo Bispo Dó Rodrigo da Cunha, que hoje he meritissimo Arcebispo de Braga, & Primaz de toda Espanha.

Nem só a esta Igreja se estendeu a liberalidade da Rainha, mas tambem coube grande parte della ás outras Cathedraes de seus estados. A tres de Abril de 1125. dotou a Sé de Braga o Couto de São Mamede em terra de Panoias (he a comarca de Villa Real, como consta de escrituras antigas.) E ja de antes tinha dado a mesma Igreja certas herdades, que tomou a hum homem poderoso por nome Pedro Osores, em pena da descortesia feita por elle ao Arcebispo Dom Mauricio, & a hum seu Arcediago. E mostrou neste lanço a prudente Rainha, não só liberalidade, mas valor, & constancia, & tanto mayor, quanto naquelle tempo com a occasião das guerras, & turbulencia dos têpos se fazião os nobres mais insolentes.

A Igreja de Coimbra fez tambem a Rainha Dona Tareja muitas esmolas. Doação desta Princesa são as villas de Coja, & Arganil de que oje se intitulaõ os Bispos de Coimbra, Condes, & senho-

*D. Rodrigo de Aca  
nhana Ca  
thalog dos  
Bispos do  
Porto p. 16.*

*Consta de  
varias es-  
crituras  
da Sé de  
Braga.*

*Liuro de  
Coimbra  
fol. 86.  
res.*

res. Dotoulhe mais a villa de Lourosa, & nesta doação feita a 13. de Março do anno de 1115. estão as firmas das pessoas seguintes, as quaes me pareceo conueniente apontar para que se veja como a Rainha possuia terras em Galiza, adquiridas (segundo ja mostramos) pellas armas do Conde D<sup>o</sup> Henrique.

*Pelagius Archiepiscopus Bracharensis conf. Petrus Abbas Cellanouensis cum ceteris Monachorum meorum conf. Ildefonsus Tudensis Episcopus conf. Didacus Auriensis confir. Gonsalvus Episcopus Colimbriensis conf. Suarius Menendus qui vidit. Menendus Moniz qui vidit. Fernandus Guntadis qui vidit. Pelagius Velasquez palatii prepositus conf. Pelagius Vermuiz Notarius testis. Alfredus Magister conf. Petrus testis. Aldefonsus testis. Guadinas testis. Pelagius testis.*

Aduirto, que não vão estas firmas postas em seu lugar, pois precede o Abbade de Cella Noua aos Bispos, o que deuia de ser por desatento do que tresladou a doação no liuro donde as tirei. E quis pôr anticipadamente assi esta, como as demais, por deixar impressos estes sinaes de piedade, & liberalidade da Rainha Dona

Tareja, ja que nossos autores não lembrão della mais que para a desacreditar em seus escritos.

# CAPIT. V.

*Dos officios principaes da casa Real, conuem a saber Maiordomus, Dapifer, & Signifer: Tocãose algũa antiguidades.*



Ma doação feita pela Rainha Dona Tareja a Froyla Spasso, referida em o capitulo antecedente se fala em Mordomo da casa da Rainha na pessoa de Gonçalo Rodrigues, & são as palauras formaes da escriptura Gonsalbo Rodrignis Maiordomo de sua casa de illa Regina confirmat. E pois he a primeira vez que encontramos com este officio, será bem dar algũa razão delle, & dos outros da casa Real, q<sup>ue</sup> são Signifer, & Dapifer, os quaes se particularizam nas escripturas.

Tres officios auia antigamente de muita estima na casa Real, quaes eraõ o de Signifer, Dapifer, & Maiordomus. Signifer era o mesmo que Alferes mór, & tinha então maiores preeminencias: porque comprehendia muitas das que oje pertencem ao Condestable. Hũa das preminencias do Alferes antigo era, que só elle tinha comedia particular no acompanhamento Real, quando el Rey visitaua as terras de seu Reyno. Para o que he de saber que costumauão

## Liuro I X. da Monarchia Lusitana.

*Cromero  
no liro 2.  
da descrip  
ção de Po  
lônia.*

flumauão os nossos Reys antigos (o que tambem Cromero aduer- te com particularidade dos Reys de Polonia) visitar de ordinario as terras de seu senhorio a fim de alcançarem com os olhos o de q̃ necessitava a boa administração da justiça, & a defensão, & fortificação dellas. E posto q̃ os Reys de Portugal taixaraõ sempre com grande parcimonia os gastos ordinarios de sua casa, reseruando as demasias para as necessidades publicas da guerra, aonde nunca ha excessõ que se possa censurar com nota de superfluidade: ordenarão prudentemente que nestas jornadas feitas em utilidade dos pouos, lhe acudisse cada hum delles com certa copia de mantimentos, de que ha memo-

*Liuro das  
inquiri-  
ções del  
Rey Dom  
Afonso 3.  
fol. 40.*

ria no liuro segundo das Inquiri- ções del Rey Dom Afonso Ter- ceiro, & diz desta maneira, quan- do trata da colheita da terra de Figueredo. *Item deuemlbe de dar a el Rey onze teigas de pão coito à saque- taria, & hũa teiga de puõ coito à costi- nha, & tres quartas de vinho à escan- saria, & hum quarto de vinagre à costi- nha, se o ouuer na terra, & se não da- rão por elle hum quarto de vinho; & hũa vaca, & tres porcos, & seis carnei- ros, & hum carneiro ao Alferes. E des- pois de nomear outras miudezas acrecenta adiante. Item deuem dar no dia de pescado à cozinha del Rey, ou Mordomo sessenta peixotas, & doze peixotas ao Alferes. De sorte que em ambas estas verbas, & assentos*

se particulariza ao Alferes por- ção certa, cousa que a nenhum outro official da casa competia.

O officio de *Dapifer*, ainda que pareça ser o de Trinchante, toda- uia considerada bem a etymolo- gia do nome, deduzindoo à *seren- dis dapibus*, que no latim quer di- zer trazer as igoarias, mais se dei- xa uer que era o Veador da casa, porque trazia as igoarias á mesa Real per mãos de mocos fidal- gos, & alsistia com hũa cana de bengala na mão em hum dos can- tos da casa, & noutro o Mordo- mo mór, & despois o Mestre sala, ou Trinchante com hũa toalha lancada ao hombro descobria as mesmas igoarias, & as admini- straua á pessoa Real.

O terceiro officio de Mordo- mo, que hoje se conhece por Mor- domo mór, era de mayor prehe- minencia que todos: & para teste- munho tresladarei o que delle se acha no liuro del Rey Dom Di- nis, em que estão os regimentos dos officiaes da casa. *Mordomo nos- so, quer dizer, como mayor homem da casa del Rey, para ordenar quanto ha em seu mantimento. Em algũas terras lhe chamão Senescal, que quer tanto di- zer como official sem o qual se não de- ue fazer despeza em casa del Rey. E ainda chamaraõ os sabedores antigos, assi como, senex, que quer tanto dizer em latim, como velbo, por razão que tem officio honrado, & calculus, que significia a pedra com que os antigos fa- ziaõ suas contas: & perende tanto se mostra*



*mostra por este nome como official hõ-  
rado sobre as cousas. Até aqui as pa-  
lauras deste liuro.*

Todos estes officios eraõ re-  
mouiveis naquelle tempo, & assi  
vemos grandes mudanças, & va-  
riedades nelles. O officio de Mor-  
domo, que (como vimos) tinha  
Gonçalo Rodrigues em o anno  
de 1112. exercitaua em o anno se-  
guinte de 1113. Egas Gozendes, co-  
mo se vê em a doação da villa  
de Goes, feita pella Rainha Do-  
na Tareja a Dom Aniam Tresta-  
riz, ou Vestraris, & no mesmo  
officio permaneceu em o anno  
de mil & cento & deza seis, como  
se vê na escritura de venda que  
fez a mesma Rainha a Gosendo  
Alures, & a sua molher Ausenda  
Mendes.

O officio de Trinchante, ou  
Veador da casa reue nos primei-  
ros annos do Reynado del Rey  
Afonso Henriques Hermigio Mo-  
niz seu gram priuado, entrou em  
seu lugar Egas Moniz, a Aio do  
mesmo Rey, & do anno de mil  
cento & trinta & cinco até o de  
mil cento & trinta & noue se  
acha seu nome nas escrituras com  
o titulo de, *Dapifer*. Em o anno  
de mil cento & quarenta exerci-  
taua o mesmo officio o Cõde D.  
Rodrigo, a quem outra vez socce-  
deo Egas Moniz, até o anno de  
1145. & despois entrou Fernão  
Pirez.

No anno de 1130. era Fernão  
Catiuo Alferes do Infante Dom

Afonso Henriques, como consta  
da doação dos banhos de Coim-  
bra feita pello mesmo Infante ao  
Arceidiago Dom Tello. Ia no an-  
no de 1135. era Garcia Mendes Al-  
feres, como se proua da doação  
do Reguengo de Britto, que deu  
o mesmo Infante ao mosteiro de  
Grijo, & no anno seguinte de 1136  
tornou a ser Fernão Catiuo Alte-  
res, q' assi firma no foral de Mi-  
randa: & tinha o mesmo cargo  
outra vez Garcia Mendez no an-  
no 1138. como se ve na escritura  
de São Romão, que o Infante D.  
Afólo fez a S. Cruz de Coimbra.

Não somente auia esta varie-  
dade de se mudarem ora hũs, ora  
outros ao mesmo officio, se não  
que à mesma pessoa se dauão em  
diuersos tempos diferentes offi-  
cios destes, & o que era hũa vez  
Alferes, o achamos em outra par-  
te Mordomo, & o que era Dapi-  
fer, ou Mordomo da casa, torna-  
ua a ser Alferes, ou Mordomo da  
Corte. Gonçalo Mendez de Sou-  
za contemporaneo del Rey Dom  
Afonso Henriques, foy muito tẽ-  
po Mordomo da casa, & se assina  
nas escrituras com este nome, *Da-  
pifer*. Tenho escrituras do anno  
1158. até o de 1163. em que conti-  
nuadamente parece que exerci-  
tou este officio: contudo no anno  
de 1164. confirma com o titulo de  
Mordomo na doação q' el Rey D.  
Afonso Henriques fez ao Mostei-  
ro de S. Ioaõ de Tarouca da quin-  
ta de Palhacá, cujo original vi na

N propria

*Torre do  
Tombo no  
liuro dos  
foraes ve-  
lhos fol. 36*

*Liuro dos  
testamen-  
tos de S. Cruz  
fol. 49.*

*Cartorio  
de Santa  
Cruz de  
Coimbra*

*Torre do  
Tõbe liu-  
do, forais  
velhos fol.  
46  
Liuro dos  
forais da  
leitura no  
ua fol. 54.*

*Cartorio  
de Santa  
Cruz liu-  
dos testa-  
mentos  
fol. 26.*

*Cartorio  
de S. Ioaõ  
de Tarou-  
ca*

## Liuro IX. Da Monarchia Lusitana.

propria casa o mesmo Gonçalo Mendez se afsina com o titulo de *Dapifer*, ou Mayordomo da casa na doação do Castello de Santa Olaya feita no mes de Dezembro do anno de mil & cento & sessenta & seis. Fernão Catão (o qual mostramos ser Alferes do Infante Dom Afonso Henriques) achamos Veador da casa do mesmo Rey em escritura da Igreja de São Martinho de Gaya, feita por elle a Dona Tareja Afonso fundadora do mosteiro de Salceda.

Deixo outros exemplos, porque os referidos bastão ao intento da variedade com que se exercitauão os officios da casa Real, os quaes se vieraõ pello tempo adiante a perpetuar em familias particulares, & oje vemos o officio de Mordomo mór na casa dos Syluas Condes de Portalegre, & Marquezes de Gooquea, na qual persevera ha mais de cem annos. O officio de Trinchante mór, se he o mesmo que o de *Dapifer*, está ao presente na familia dos Cunhas. O cargo de Alferes ha annos que pertence aos Meneses, & o Conde de Tarouca tem pretenção a elle, porque seus antepassados o exercitaraõ muito tempo. Porem ha se aduertir, que ha dous officios de Alferes, em que he bem fazer distincção. Hum dos que leuão o guiaõ Real nas batalhas; & outro dos que propriamente são Alferes Mayores

do Reyno assi na paz, como na guerra, & nas Cortes, & juramento dos Principes costumão levar a bandeira Real; destes se deue entender o que neste Capitulo fica ditto. E pode ser, que antigamente ambos estes officios que agora são distintos andassem vnidos, & competissem a huma mesma pessoa.

### CAPIT. VIII.

*Como Nossa Senhora fez milagre em o Infante D. Afonso, & se fundou por este respeito o Mosteiro de Carquere. Tocaõ se algumas curiosidades.*



SCREVEM nossos autores, que quando naceo o Infante Dom Afonso filho do Conde Dom Henrique, & da Rainha Dona Tareja, com ser de presença agradavel, & proporcionado em todas as partes do corpo, trazia hum grande defeito nas pernas, que vinhão pegadas em parte hũa na outra, com que deu muito que sentir a seus pais, & vassallos, parecendo-lhes, alem da deformidade do minino, que não poderia ser habil para a guerra. Com tudo não se deniam de esquecer de pedir a nosso Senhor remediasse tão grande

grande dano, & em particular o illustre Caualeiro Egas Moniz (o qual, como vimos se encarregou da criação do Infante) como tão interessado na saúde d'elle parece que fez ao Senhor, & a sua gloriosa Mãe mais deuotas petições, acompanhadas de esmolas, & boas obras, como se manifestou bem no successo, & effeito dellas.

Sendo o Príncipe de cinco annos, & correndo segundo nossa conta o anno do Senhor de mil & cento & quinze. Apareceo em sonhos a Virgem Sacratissima Mãe de misericordia a Egas Moniz Aio do Infante, & lhe mandou fosse a hum lugar que lhe limitou, pouco distante da cidade de Lamego, & que nelle acharia hũa sua imagem, que tratasse de a fazer venerar, ordenando-lhe hũa Igreja; porque se assi o fizesse, & offerrecesse nella o Infante Dom Afonso, receberia logo perfeita saúde. Mais dizem nossos Historiadores aerecentou a Virgem Sacratissima, como daquelle Infante tinha se bendito filho feito confiança para cousas grandes, & o escolhera para dilatar por seu meyo, & industria a Santa Fé, & destruir os inimigos da Igreja; o que se cumprio á risca nelle, & em seus decendentes.

Ja tenho dito, como por estes annos tinha Egas Moniz o assento de sua casa em Cresconhe, &

era senhor de muitas terras naquella Comarca de Riba Douro, & assi lhe ficaria mais a mão fazer diligencia sobre a inuenção da Sagrada Imagem, & pôr em execução o que a Rainha dos Anjos lhe mandara. Foise ao lugar apontado, & descobrindo o thesouro Celestial, levantou hũa Igreja em honra da Virgem nossa Senhora, á qual levou o Infante Dom Afonso, & precedendo a vigilia, & orações estabelecidas pella Mãe de misericordia, a vltou o senhor cõ o minino, & recebeu logo perfeita saúde.

Deste milagre temos noticia (alem do dito de nossas Chronicas, & da tradição recebida) em hũa commemoracão antiga do mosteiro de Alcobaça, ordenada pellos Padres daquelle Conuento em louuor do glorioso Rey Dom Afonso Henriques, o qual não só deixou entre os seus a fama de valeroso, mas a estimacão de Santo. Darei della copia em o fim deste volume, por ora me siruo das palavras seguintes. *Qui mox à puero in fide Beata Virginis matris Dei, Domine nostra susceptus, cuius oraculo, & patrocinio tuiarum sanitatem recepisti, &c.* Querem dizer. Que el Rey Dom Afonso Henriques logo desde minino foy posto debaixo do emparo da Bemaventurada Virgem Mãe de Deos Senhora nossa, por cuja revelacão, & intercessão alcançou a saúde das

## Liuro I X. da Monarchia Lusitana.

pernas,&c. No que se allude sem falta ao apparecimento da Sagrada Virgem a Egas Moniz, & o milagre que obrou no Infante Dom Afonso em o Mosteiro de Carquere.

Não está longe deste mosteiro a quinta de Resende, a qual foy de Egas Moniz, & delles veyo por herança aos fidalgos do appellido de Resende seus decendentes, dos quais a vieraõ herdar os Castros senhores de Roriz. E para esta quinta he pro-  
*os Castros  
posso que  
herdarão  
os senho-  
res de Re-  
sende, não  
são seus  
decenden-  
tes, mas  
vê de Egas  
Moniz por  
outra via,  
& por se-  
mea, como  
outros  
muitos.*  
 uauel se mudou este fidalgo na occasião do milagre referido, assi para assistir á fabrica da Igreja, como para dar as graças á Rainha dos Aujos. E ainda se ve na mesma Quinta hum campo com o nome de Tauolado, aonde pode ser se exercitassem alguns daquelles jogos, a que os antigos eraõ muy afeiçoados, com occasião da merce que a gloriosa Virgem fizera ao Infante Dõ Afonso, & ao Reyno todo.

O jogo do Tauolado se vsaua antigamente, porque faziaõ nelle os Caualeiros experiencia de suas forças, & era deste modo. Fabricauase hum castello de madeira, em que se vnião as taboas por tal ordem, que nem por si podiam cair, nem deixariaõ de vir ao chaõ, se fossem mouidas com grande força. Faziaõ os Caualeiros proua de suas forças cõ tiros de arremesso, & o que derribaua aquella fabrica leuaua o

preço da festa. Este era o jogo do Tauolado, & o nome se conferua em o campo daquella quinta, & pertencer ella a Egas Moniz se affirma em o liuro das Inquiriçoës del Rey Dom Afonso Terceiro com estas palauras. *Tote ista villa sunt de honore de Resende, que fuit de Meonio domino Egea, &c.* Val tanto como dizer, que as quintas todas de que atras se fizera menção pertenciaõ á honra de Resende, a qual fora do senhor Dom Egas,&c. O nome de honra he muy vlado em escrituras antigas, & attribuiase naquelles tempos a certos lugares privilegiados, os quais permanecião debaxo do emparo dos fidalgos principaes, & estes tinhaõ a seu cargo defender, & emparar os moradores delles, os quais eraõ obrigados a certo foro em cada hũ anno. E porq̃ algũs fidalgos cõ occasião destas honras vsurpauão as vezes terras que lhe não pertenciaõ, deraõ occasião aos Reys mandarem deuassar dellas. E neste sintido se ha de entender, quando se achar escrito que algũ Rey mandou deuassar das honras, & não cuidar que estas deuassas se fazião das fidalguias vsurpadas, como Duarte Nunes, & Gaspar Staço se persuadirão.

Por estes lugares de Resende, Cresconhe, & Mosteiro de Carquere passaua os annos de sua puericia o grande Rey Dom Afonso Henriques, tratando seu  
 Aio

Torre do Tombo no liuro das inquiriçoens del Rey Dom Afonso 3.

Aio Egas Moniz de o instruir em todos os bons exercicios pertencentes àquella idade, em quão o Ceo o hia habilitando com raras dotes, & fauores particulares, para dar a execução as grandes coufas que despois fez em seruiço de Deos, & dilatação da Fé, como a gloriosa Virgem pronosticara. Mas em quanto este tempo não chega, será bem dar noticia de outras coufas, & ver o que passaua em Portugal, pois a visinhança, & pouca constancia dos Mouros o não deixauão estar quieto.

## CAPIT. VII.

*Das entradas que fizeram os Mouros em Portugal: da batalha de Miranda, cerco de Coimbra, & outros successos.*

1117.



Ouernaua por este tempo a Monarchia dos Arabes de Africa, & Espanha Hali Aben-tesfim, ou Texefim, como em o liuro passado fica dito. Este Rey foy muy bellicoso, & por vezes passou a Espanha, causando com suas armas graues danos à Christandade destas partes. Contra Portugal mostrou mais seu poder, parecendo-lhe que como parte então mais pequena fizesse menor resistencia, & fosse a pri-

meira que se lhe fogitasse. Ia em vida do Conde Dom Henrique intentou de ganhar a cidade de Coimbra, & lhe pos cerco muy apertado, mas foy rebatido pelas armas do Conde, como em o liuro passado deixamos escrito. Nesta occasião em que gouernaua a Rainha julgou a mesma empresa por acertada, & así a repetio com a mesma vontade que dantes; & posto que os Portugueses nesta occasião fizeram brava resistencia, não deixaram de experimentar em suas vidas, & terras a furia dos barbaros. Temos destas guerras não sabidas ategora, nem tratadas de nossos historiadores, relações verdadeiras, as quais importa referir, & despois se irão ajustando à certeza dos annos, & liurando de algúas duuidas que podem ocorrer.

Em o liuro intitulado dos testamentos de Santa Cruz de Coimbra, o qual foy escrito em tempo de São Theotonio, está escrita a vida do Santo varão Martinho Vigairo de Soure (do qual tratarei em outro lugar) & delle são as palauras seguintes importantes aos successos destes annos.

*Mortuo vero supra memorato eodem Rege Adelfonso, nefandissima Maurorum rabies aduersus Christicolarum fidem iterum cepit aspirare. Ibensatima namque Rex Maurorum nefandissimus ingenti Agarenorum multitudine*

Do Arl  
no d: São  
Cruz e  
Coimbr.  
fol. 46.

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

*circumfusus, Colimbrianos fines crudeliter diripuit, factaque belli congressione apud Municipium, quod dicitur Miranda, complures Portugalsium nobiles sceleratissimus ipse necando denecit. Nihilominus quoque municipio S. Eolalæ nata munitissimo ab eodem Rege ad solum vsque interfecit hominibus redacto ad propria rediens in oppidum Sauriensium frustra venisse cognouimus; nam Saurienses serocem eius aduentum p.uentes, de prætaxati oppidi ædificio sibi diffidentes, ingenti percussu timore, eidem imposito igne Castello, in urbem Colimbriam profugose redierunt. Per septem igitur annorum curricula ferarum cubilia depopulati existens, per nobilissimæ denuo Regine Tarasie consensum à præfata urbis restauratione anno LXL. in habitatione hominum reuocari conualuit.*

Vai o autor tratando como foi eleito o santo varão Martinho em Vigairo de Soure em o tempo da restauração desta villa, & a caso toca a destruição della, & as mais cousas succedidas na entrada dos Arabes alguns annos antes. A tradução das palauras latinas he a seguinte.

Morto el Rey Dom Afonso, de que atras se fez menção, se levantou outra vez contra os Christãos a furia dos Mahometanos, porque seu cruel Rey Ibemfatima ajuntando hum copioso exercito de Agarenos destruiu com grande crueldade a comarca de Coimbra. E saindo-lhe os nossos ao encontro junto à villa de Mi-

randa, ficaraõ vencidos, & mortos muitos Portugueses nobres. Não se contentou com estes males, mas ganhou o castello de Santa Olaia, o qual por natureza era fortissimo, & passados a espada seus defensores, o arruinou de todo, & deixou destruido. O mesmo intentaua fazer ao castello de Soure, se os nossos temerosos de sua vinda, & desconfiados de lhe poder resistir, não puserão primeiro fogo ao lugar, & se vierão fugindo para Coimbra. E así por espaço de sete annos estue Soure despouado, & feito morada de feras, até que por consentimento da nobilissima Rainha Dona Tareja se pôde restaurar em o anno 61. da tomada de Coimbra. Atéqui as palauras daquela memoria.

Mais facil fora ao autor declarar o anno da restauração de Soure com palauras expressas, que dizer por rodeo fora o 61. da tomada de Coimbra. Mas como seja certo que esta Cidade se ganhou aos Mouros em o fim do anno de 1064. se fica concluindo ser esta pouoação restaurada em o anno de 1124. ou no principio do anno seguinte, & como antes de se tornar a poudar estuessa por espaço de sette annos sem moradores, consta ser destruida em o anno do Senhor de 1117.

Confirma-se esta computação dos annos, & em parte se acreditaõ os successos referidos com as palauras

Liuro de  
Coimbra  
fol. 1.5.

palavras de hũa carta escrita pelo Cardeal Bernardo Legado apostolico ao Papa Pascoal Segundo, cujo treslado vi em o liuro das doações de Coimbra, & diz assi.

*Paschali Catholice Romana Ecclesie Summo Pontifici B. tituli Sancte Anastasie Cardinalis, & servorum vltimus debite servitutis obedientiam in Concilio quod 12. Kal. Burgis vestra celebravimus auctoritate.* Despois de escreuer algũas cousas tocantes à Sê de Coimbra, acrescenta.

*Ceterum dum affines Episcopi veteres ruinas Castellorumque, vel villarũ dispersiones, post Alfonso Regis mortem illatas, vera inquisitione memorarent, literis Portugalensis Reginae, vel Baronum eius, quibus ipsi pro certo noverant edocli, hoc in anno multis hominum millibus amissis, suburbio etiã Colimbria cremato intra muros civitatis Reginam vix vitam servasse, populis qui consilio aderant concedentibus, auctoritate veraci nobis intimarunt.* Em Portugues significação.

Ao Summo Pontifice da Catholica, & Romana Igreja Pascoal, Bernardo Cardeal do titulo de Santa Anastasia, & o menor de seus servos offerece obediencia, & fogueição devida. Quando celebramos Concilio em Burgos a 18. de Feuereiro por vossa auctoridade, &c. Os Bispos visinhos em quanto relatão o que tinhaõ sabido por verdadeira inquirição, tocante às ruinas antigas, destruições de villas, & castellos feitas despois da morte del Rey

Dom Afonso, souberaõ com certeza por cartas da Rainha de Portugal, & de seus Baroẽs, como em este mesmo anno foraõ mortos muitos mil homens, & que abrafados os arrabaldes de Coimbra, escaltamente teue a propria Rainha lugar de se pôr em saluo, & defender dentro da cidade, & isto nos affirmaraõ com toda a verdade, fazendo a isso se as mais pessoas que vieraõ ao Concilio.

Não tem esta carta firma, nê se aponta o anno em que foy feita, mas sabemos de certo que foy escrita antes do anno de 1118. porque o Papa Pascoal Segundo, a quẽ se escreueo faleceo em Janeiro deste anno; & assi feria escrita em o anno antecedente, conforme à outra memoria da restauração de Soure.

Alem destas relações ha outras em o liuro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, as quais fazem muito em confirmação dos successos referidos, & do tempo delles. Diz a primeira. *In E. M. C. LIII. Non. Iulij fuit introitus in Castello Sancte Eulalie de gentibus Sarracenosque feria tertia.* Isto he. Na era de 1154. em as Nonas de Julho (vem a ser a 4. de Julho do anno de 1116.) em hũa terça feira foy a entrada dos Mouros em o castello d Santa Olaia. A segunda memoria do mesmo liuro diz assi. *In Era M. C. LV. obsedit Rex Hali Colimbriam X. Kal. Iulij, & fuit ibi per tres benedictas.* Significa. Em a Era de 1155.

Onuphris  
in Chrono  
lo. fol. 153.  
Baron ad  
ann. 1118.

## *Liuro IX. Da Monarchia Lusitanã.*

a dez das Calendas de Julho ( he a 21. de Junho do anno de 1117.) cercou el Rey Hali a cidade de Coimbra, & perseverou em o cerco por tempo de tres somanas.

Não faço duuida nomear-se Hali o Rey que em outra memoria se diz Iben Fatima, porque o nome do Emperador dos Mouros neste tempo era Hali Abentefim, ou Texefin, & assi concorda com aquellas relações, ainda que em ellas se não ponhão todos os appellidos deste Principe, ou se escreua seu nome com alguma variedade. Maior duuida pode causar contarem-se estas cousas em dous annos distintos por estas ultimas memorias, as quais se affinão juntas em as outras relações, porem nisto não ha difficuldade, que as primeiras relações tocão a caso estes successos, & assi não serua ao intento da historia, a noticia delles com mayor particularidade. E nestas ultimas memorias como se especifica o tempo, lhe deuemos dar inteiro credito, pois no principal não differem das primeiras.

De todas estas relações consta das grandes calamidades que padeceo o Reyno de Portugal em o anno de 1117. & assi se conuençe ser falso o que dizem nossos autores da toinada de Leiria em este tempo por el Rey D. Afonso Henriques. Quando este Principe naquelle anno exercitara a milicia, & gouernara Portugal,

ainda auia impossibilidade neste successo, pois não tiuerão os Portuguezes anno menos acomodado para fazer conquistas que este de 1117. Quanto mais que o Infante era então minino de sette annos, como deixamos assentado, & sua máy governaua, o que bem se colhe das memorias referidas, pois em ella só falão sem tratarem cousa alguma do Infante seu filho.

Auerá quem julgue por menos importante a relação destas cousas, as quais não sendo de muita honra da nação Portuguesa, parece que não conuinha resuscitarem do esquecimento em que jazião sepultadas. Porem também a noticia dos casos aduersos tem sua utilidade, & destes que referimos não resulta pequena gloria a nossos antepassados, pois com numero tão desigual de gente como então se podia ajuntar em Portugal, ouzaraõ fazer rosto a hum Principe tão poderoso como Hali, & presentar batalha, a quem as forças dos Christãos de Espanha vnidas ficauão inferiores, & o que mais he, poderem despois da rota de Miranda sostentar o cerco de Coimbra contra gente vitoriosa em tempo raõ contrario. Grande louuor se deue (sem falta) aos Capitaes, & soldados Portuguezes daquelle tempo, pois hũs morrerão em seu officio, outros defenderão sua terra. E a misma Rainha Dona

Tareja



Nicol. de  
Lyra.  
Paralip.  
cap. 27.

Tareja he digna de honrosa memoria, pois sendo molher não fugio o perigo, mas quis assistir em Coimbra, & acompanhar os seus em tempo da mayor difficuldade. Quanto mais que ainda que destas relações se não colhera outro fruto mayor, que o dar satisfação às leis da historia, bastante disculpa auia para diuulgarmos estas cousas, pois corre igoal obrigação aos escriptores de relatar fielmente os vituperios, assi como os lououres.

CAPIT. VIII.

*De algũas cousas tocantes ao Arcebispo de Braga Dom Mauricio, & a sua deposição.*

1118.



Mo principio do anno de 1118. chamou o Senhor para si (como piamente se pode crer) o Summo Pontifice Pascoal Segundo, depois de ter governado dezoito annos, cinco meses, & nove dias. Foy dotado de virtude, sciencia, & animo qual conuinha a tempo das perturbações causadas pello Emperador Henrique Quinto, ao qual se oppoz em todo o tempo de seu Pontificado, até o declarar porexcomungado, & priuar do Imperio. Em seu lugar foy eleito Gelasio segundo do nome, Monge primeiro de

Monte Cassino, & depois Cardenal, & Cancellario Apostolico. Sua eleição foi a 23. de Janeiro do mesmo anno de 1118. Era Gelasio de grande coração, & assi não duvidou proseguir contra o Emperador Henrique as differenças passadas em defensão da liberdade Ecclesiastica, & magestade Pontifical. Mas como o Emperador viesse a Roma com grande exercito, foy necessario ao Pontifice retirar-se a Gwaeta, & depois a Fráça, aonde residio algum tempo no Mosteiro Floriacense.

Entretanto Henrique insolente com o bom successo, quis ter Pontifice de sua mão, & fez eleger o Arcebispo de Braga Dom Mauricio, a quem cūmunmente chamão Burdino, nome de que vsaua antigamente. Achaua-se Mauricio nesta occasião em Roma, & mal afeito ao Papa Gelasio, por lhe não conceder (segundo algũs escreuem) a Igreja de Toledo que pretendia, allegando insufficiencia no Arcebispo Dom Bernardo, por causa de sua muita idade. Não nos consta a causa de sua ida a Roma, só sabemos que aceitou a dignidade Pontifical, & a fôstêrou por espaço de tres annos cõ fauores do Emperador, causando graue escandalo na Igreja Catholica.

Marian.  
lib. 19. c. 11

Neste tempo falecera o Papa Gelasio segundo, & fora nomeado em verdadeiro Pontifice Calixto Segundo, que d'antes se chamaua

## Liuro I X. da Monarchia Lusitana.

*Liuro 8. cap. 1.* maua Guido, filho de Guilherme Conde de Borgonha, irmão (como em outro lugar se aduirtio) do Conde D<sup>o</sup> Raymundo genro del Rey Com Afonso o Sexto. A morte de Gelasio foy a 29. de Janeiro do anno de 1119. É a eleição de Guido em o primeiro de Feuereiro do proprio anno. Entre outras cousas que este Papa fez dignas de perpetua memoria foy restituir a paz á Igreja, com a prisão do antipapa Mauricio, o qual ouue as mãos em breue tempo, & o mandou desterrado para França, aonde acabou o restante de sua vida, encarcerado em o Mosteiro da Santa Trindade da Caua com a occasião, & probabilidade de auer feito primeiro penitencia de suas culpas. Não se pode deixar de condenar a ambição de Mauricio, pois por illicitos meynos pretendeo a summa dignidade. Mas de seus espiritos altiuos, que lhe foraõ muita causa de se precipitar na occasião presente, naceraõ outras acções em quanto esteue em Braga, que nos parecem louuauéis, qual foy alcançar a isenção de sua Igreja da superioridade que nella tinha o Arcebispo de Toledo Dom Bernardo como Legado do Summo Pontifice (como ja em outro lugar aduirtimos) & fazer que os Bispos de Coimbra, os quais por autoridade do mesmo Legado tratauaõ de negar a obediencia deuvida à Braga, o reconhecessem.

Ha disto hũa carta do Papa Pascoal para o Bispo de Coimbra Dom Gonçalo, a qual traduzida diz assi.

*Liuro fido da Sé de Braga.*

*Pascoal Bispo seruo dos seruos de Deos, ao venerauel irmão Dom Gonçalo Bispo de Coimbra saude, & benção apostolica. Quão grande crime se fa despresar a autoridade Ecclesiastica se deixa bem ver das palavras propheticas, quando se diz, ser como peccado de idolatria a pouca foygeição neste caso. Temos amonestado a vossa fraternidade por hũas cartas, & outras, que deis a reuerencia, & obediencia deuvida a nosso irmão Dom Mauricio Arcebispo de Braga, como aquelle que he vosso verdadeiro Metropolitano. Vós despresastes nossos mandados, & fizestes pouco caso dos privilegios que temos concedido à Igreja de Braga com a autoridade da Sé Apostolica. Usando ainda da paciencia vos mandamos, que da qui em diante obedeçais ao dito Arcebispo como a vosso Metropolitano. E se faltardes por espaço de quarenta dias depois de receber esta carta em lhe dar a deuvida obediencia, desse tempo em diante vos auemos por suspenso do officio Episcopal. Dada em Agnania a 3. das Nonas de Novembro.*

Por este modo se reduzio o Bispo de Coimbra á foygeição de Braga com a industria de seu pastor Dom Mauricio.

Em Braga foy nomeado por Arcebispo Dom Paio Mendez; o Cathalogo dos Prelados daquella Igreja aponta sua entrada no anno de 1116. deuia ter respeito ao tempo

Liuro de  
Coimbra  
fol. 135.  
nadação  
que a Rai-  
nha Dona  
Tareja  
faz ao Bis-  
po D. Gon-  
çalo.

tempo em que Mauricio se au-  
sentou della, sendo assi que a elei-  
ção de Dom Paio não podia ser  
antes da exclusão de Mauricio,  
a qual nos parece se fez algum  
tempo adiante. O certo he, que  
no principio do anno de 1119.  
estaua Dom Paio confirmado no  
Arcebisado, & como tal confir-  
maua as doações Reais daquelle  
tempo. Permaneceu nesta digni-  
dade quasi vinte annos, por onde  
auerá lugar de o nomearmos ain-  
da algũas vezes.

## CAPIT. IX.

*Da primeira entrada que fize-  
rão os Monges de Cister  
nesto Reyno. Tocão-se par-  
ticulares prebeminencias  
que Portugal tem nas con-  
sas Ecclesiasticas de Es-  
panha.*

1119.



Britto na  
Chron. de  
Cister.  
Yepes na 2.  
Centuria  
Relatorio  
antigo do  
archiue de  
S. João de  
Tarouca.

OR este tempo en-  
trou no Reyno de Por-  
tugala Religião de Ci-  
ster, q poucos annos  
antes se instituirá. Gouernaua a  
Abbadia de Clarual no Reyno  
de França do anno do Senhor de  
mil & cento & quinze o grande  
Patriarcha, & lume da Igreja São  
Bernardo, ocupado em exerci-  
cios de vida santissima, & na fun-  
dação de nouas Abbadias, de que  
coube ao Reyno de Portugal ne-

ste principio a boa sorte de hũa  
dellas por modo marauilhofo.  
Estaua o santo Abbade em ora-  
ção feruorosa despois de Mati-  
nas em dia de São João Baptista,  
de que foy muy particular de-  
uoto, contemplando as grandes  
virtudes daquelle prodigio de  
santidade, quando lhe appareceo  
o mesmo Santo na forma em q  
ordinariamente se pinta, & o mo-  
ueo da parte de Deos a mandar  
Monges de sua casa ao Reyno de  
Portugal a fundar hũa Abbadia,  
& sem limitar lugar certo, o asse-  
gurou, que o Senhor o manife-  
staria.

Não pos duuida São Bernar-  
do no mandado do Santo pre-  
cursor, antes nomeou logo oito  
Monges, cujos nomes eraõ Boe-  
mundo, o qual auia de ser Abba-  
de, Aldeberto, João, Bernardo,  
Alberico, Sizinando, Rolando, &  
Alano, aos quais mandou se par-  
tissem para Espanha, & nas vlti-  
mas partes della trataffem de fun-  
dar hum Mosteiro no lugar que  
o Ceo lhe finalasse. Aduirtioos tã-  
bem o Santo, que na prouincia  
adonde os mandaua achariaõ hũ  
santo hermitão, chamado João  
Ciritra, o qual os acompanharia,  
& ajudaria naquella obra, por-  
que como era pessoa santa, o ti-  
nha escolhido o Senhor para esta  
obra. Chegaraõ os Monges de  
Clarual a este Reyno, & não  
longe da cidade de Lamego en-  
contraraõ o santo Hermitão, que  
por

## *Liuro I X. da Monarchia Lusitana.*

por ordem do Ceo ja os buscava, & em sua companhia foraõ dar conta aos Principes da terra do intento que traziaõ, & pedirão as licenças necessarias para fundar o mosteiro.

Dizem nossos escriptores, que se partirão para Guimaraes aonde residia o Infante Dom Afonso Henriques, de quem alcançaraõ fauores, & a licença para fundar o Mosteiro, por governar ja este Reyno: mas como neste tempo não governasse ainda aquelle Principe senão sua mãy a Rainha Dona Tareja, como se tem mostrado com evidencia no principio deste liuro, & em muitos lugares desta obra, diremos que se o Principe teue parte nesta licença, foy fauorecendo os Monges para que a alcançassem, ou dando por comissão da Rainha, como em algũas occasiões (ainda que poucas) temos aduertido que o fazia.

Fizeraõ volta os Monges de Claraual, & seu companheiro ao lugar aonde se encontraraõ, & chegando ao rio Baroza, que fica apartado da cidade de Lamego pouco mais de legoa & meia, seguirão o caminho para onde nasce, & a pouco espaço deraõ na caída de hũas serras, que quasi em circuito vaõ cercando hũ pequeno valle, por onde corrẽ dous rios de pouca agoa, os quaes entraõ no mesmo Baroza. Este lugar (por ser solitario) escolheraõ

para morada sua os santos Monges, & fundaraõ hũa hermida, q̃ despois mudaraõ para o lugar, onde hoje se vêo Mosteiro de S. João de Tarouca, por occasiã de hũas luzes que por algum tempo viraõ naquelle sitio. E a tudo deu boa ajuda com sua assitencia, & industria o santo hermitaõ Ioaõ Ciritta, o qual despois tomou o habito de Cister em São Christo uão de Lafoes, como se dirã em seu lugar proprio.

O Infante Dom Afonso fazendo hũa jornada contra os Mouros que vieraõ cercar a villa de Trancoso (da qual tratarei adiante) visitou esta casa, & despois mandou fundar a Igreja della, fez cotto das terras do Mosteiro, & o engrandeceo com doações, & esmolas. E posto que algũs assine o principio desta vltima fundação, & ida de Trancoso no anno do Senhor de mil & cento & vinte & hum, tenho por sem duuida que estã errado o numero dos annos, & que ha de ser anno mil cento & trinta & hum, porque no de 1121. era o Infante ainda menino, & não exercitava a guerra, nem tinha o governo deste Reyno: & assi passaraõ quasi doze da primeira entrada dos Monges de Claraual, & principio que deraõ àquelle Mosteiro, à fundação da Igreja presente, & ampliação daquella casa, a qual he digna de toda a veneração, pello modo milagroso de sua fundação, pella obser-

obſervancia Regular, em q̃ ſempre floreceo, donde procedeo ſogear em ſelhe algũas caſas, aſſi neſte Reyno, como fora delle, & ficarão filhações ſuas, admitindo ſua viſitação, & doutrina, & finalmente por ſer a primeira que a Ordem Cisterciense, que vulgarmente chamão a Ordem de São Bernardo, teue neſte Reyno.

E não ſò neſte Reyno de Portugal, mas em toda Eſpanha fica ſendo a caſa de São João de Tarouca a primeira em antiguidade da Ordem de Cister, ſe reſpeitamos ſua primeira fundação, & o tempo em que os Monges de Claraual vieraõ a eſte Reyno, porque as de Caſtella, & mais Reynos ſe fundarão deſpois do anno de mil & cento & vinte, como ſe pode ver nos hitoriaadores que trataõ eſta materia: particular preheminencia que teue o Reyno de Portugal nas couſas Eccleſiaſticas de Eſpanha, ſer ſempre, ou pella mayor parte o primeiro q̃ tinha lugar nellas.

O primeiro Biſpo que em Eſpanha fez o Apoſtolo Santiago foy S. Pedro de Rates Arcebiſpo de Braga, ſegundo affirma Dextro.

O primeiro Martyr de Europa foy o meſmo São Pedro de Rates, como teſtifica Fr. Prudencio de Sandoual, falando de Santo Epitacio.

As primeiras martyres de Eſpanha foraõ as filhas de Catel-

lio Bracharenſe, como confessa o meſmo autor no liuro dos Biſpos de Tuy, folhas 4.

O primeiro Anachoreta de Europa foy Felix junto a Rates no anno de Chriſto 45. como ſe vê do Breuiario Bracharenſe na vida de S. Pedro de Rates, & o nota o Doutor Padilha na hitoria Eccleſiaſtica de Eſpanha, Centuria primeira cap. 16.

O Santo Frey João de Matta, autor da Religião da Santiffima Trindade, pos nome de, *Domus Luſitanie*, caſa de Portugal ao primeiro moſteiro que fundou, como confessa Roberto Gaguino, & o nota o Padre Frey Bernardino de Santo Antonio no ſeu epitome das redempções liuro 1. cap. 13. §. 2. Pello que parece que era Portugues, ou filho de Portugues; o que ſe colhe tambem do ſeu appellido de Matta, & do de ſeus companheiros, que forão Frey Rodrigo de Penalua, fundador do Conuento de Segouia, & Frey Helias do Valle, que fundou o Moſteiro de Toledo.

O principal hermitão dos que fundarão a Ordem de São Ieronimo, & que como cabeça os trouxe de Italia a Eſpanha. Foy Frey Vaſco de nação Portugues, fundador do Moſteiro de Pena Longa, & deſpois de Val Paraifo, junto a Cordoua, como refere largamente Frey Joſe de Ciguencia.

O primeiro que instituio Religião

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

ligião, a qual tiueſſe ſó por inſtituto curar nos hofpitaes todas as enfermidades, foy Ioão de Deos Portugueſ, natural de Môte mór o nouo.

A primeira requeira da Serafica Ordem de S. Francisco q̃ ouue em Eſpanha foy a da Piedade, poſto que os que a vieraõ fundar eraõ Caſtelhanos.

A ſanta Donna Beatriz da Sylua decendente das caſas de Villa Real, & Portalegre, foy a inſtituidora da Ordẽ da Conceição em Caſtella, & taõbẽ a q̃ fez inſtituir naq̃lle Reyno o tribunal da S. Inquiſição por reuelação q̃ teue, a qual comunicou a el Rey D. Fernando o Catholico, q̃ a deu a execução, como eſcreuẽ o P. Gonzaga, & o noſſo F. Franc. de Biuar.

O Moſteiro de Loruão da Ordẽ do Patriarcha S. Bento, & agora de Mongas de noſſo P. S. Bernardo, edificado em vida de S. Bento parece o mais antigo de Eſpanha como ſe pode ver nos Padres Britto, & Yepes.

O Moſteiro de S. Domingos de Santarẽ parece o mais antigo de Eſpanha, como ſe vê da Chronica do P. Fr. Luis de Souſa.

O moſteiro de S. Francisco de Alenquer parece o mais antigo de Eſpanha, como ſe collige da Chronica de Frey Marcos.

O moſteiro de Penafirme he o mais antiguo de Eſpanha, ſegundo confeſſa o P. Marques na ſua apologia da Ordẽ de S. Agostinho.

A primeira caſa q̃ os Pp. da Companhia de Jeſus tiueraõ no mudo foy a de S. Antão em Lisboa, & o primeiro Collegio o de Coimbra.

### CAPIT. X.

#### *De algũas couſas tocantes ao gouerno. & jurisdição da ſe de Coimbra.*

**E**M o anno de 1120. ha hũa memoria perten. 1120. cente à ſe de Coimbra, que merece particulariſarſe. Tinha concedido o Summo Pontifice Paſcoal ſegundo ao Arcebiſpo Dum Mauricio, quando ainda era Biſpo de Coimbra, às Igrejas de Viſeu, de Lamego. em quanto ſe não reſtituião a ſuas dignidades. Ha copia deſta concheſſão no liuro fidei Bracharenſe, a qual ſe treſladarã no appendice, baſtem por ora as palauras ſeguintes. *Quas præterea Episcopatum quondam Cathedralium Ecclesias tue tuorumque ſucceſſorum curæ prouiſionique comittimus.* Isto he, Cometemos a vos, & a voſſos ſucceſſores o cuidado, & gouerno das duas Igrejas Cathedraes Viſeu, & Lamego.

*Li. fidei da ſe de Braga.*

Sempre foy couſa natural ſoſfrerem os homens mal qualquer ſombra de ſogeição alhea. O clero, & pouo de Viſeu parecendoſe que não poſſuiaõ ſua liberdade, em quanto duraua aquella

a quella subordinação aos Bispos de Coimbra, se resolverão em eleger Bispo que os governasse, (concorrião então os poucos em a nomeação dos Prelados). Foy eleito Dom Odorio Prior que então era da mesma Igreja por renunciação de São Theotonio Prior despois o primeiro de Santa Cruz de Coimbra (o qual renunciara aquella Igreja para poder visitar os lugares da Terra Santa.) As cousas que são feitas sem fundamento não permanecem. Cairão os moradores de Viseu no erro que cometerão, & se tornarão a fogueitar ao Bispo de Coimbra, que então era Dom Gonçalo, se obrigados com censuras, se de sua vontade, não consta. Porem em presença da Rainha Dona Tareja, & dos Grandes de sua Corte fizeram a promessa seguinte.

*Episcopatum recipiat, nec alteri consentiat ad recipiendum sine voluntate Episcopi Domni Gundisalvi ipso permanente in fidelitate Reginae Donnae Tarasie, sicut Episcopus fidelis debet esse suo Regi, & Domino terrae, & sic ipse iuravit sine arte, & malo ingenio, ita & omnes clerici Visesenses iuraverunt, & ei fidelem obedientiam promiserunt. Imprimis Tedon Presbiter. Didacus Presbiter. Stephanus Presbiter. Nomina quibus hac acta sunt.*

*Pelagius Gundisalvi.*

*Gunsaluus Gunsalvi.*

*Egas Gundesindiz.*

*Egas Moniz.*

*Menendus Moniz.*

*Ermigius Moniz.*

*Nuno Vida.*

*Menendus Venegas.*

*Gueda Menendiz.*

Traduzida em vulgar diz assi.

Na vida de S. Theotonio que se guarda em Santa Cruz de Coimbra,

Liuro de Coimbra fol. 179.

*In Era M. C. LVIII. Visesenses Clerici coram Regina Donna Tarasia, & suis Baronibus dimiserunt, & abrenunciaverunt Episcopo Donno Gundisalvo electionem que fecerant de Don Odorio tali modo. Imprimis Dominus Gunsaluus qui Episcopus, & dominus eorum est, sine cuius voluntate electionem illam fecerant dimisit illis mali violentiam, ut ab illo nullam lesionem eorum corporibus, vel rebus recipiant pro omnibus adversitatibus sibi nunc usque illatis. Et ille Dominus Odorius abrenunciavit illam electionem, & iuravit super quatuor Euangelia, ut illam electionem non requirat, nec Visesense*

Na era de mil & cento & cincoenta & oito (he o anno de mil & cento & vinte) os clérigos de Viseu em presença da Rainha D. Tareja, & dos Grandes de sua Corte dimitirão, & renunciarão nas mãos do Bispo Dom Gonçalo a eleição que fizeram de D. Odorio de tal modo. Primeira-mente, que o mesmo Dom Gonçalo, a quem reconheciam por Bispo, & senhor, sem cujo consentimento se fizera aquella eleição, lhe perdoava o agravo daquella violencia, & né delle, né das mais injurias que lhe foraõ feitas

## Liuro IX. Da Monarchia Lusitana.

tomaria vingança em seus corpos ou fazendas. E o mesmo Dom Odorio renunciou a eleição que delle se fizera, & jurou nos Santos quatro Evangelhos não consentiria ser nomeado em Bispo de Viseu nem elle, nem outro algum sem consentimento do Bispo Dom Gonçalo, em quanto o ditto Bispo fosse leal vassalo da Rainha Dona Tareja, & lhe guardasse a fidelidade que os Prelados leais deuem ter a seus Reys, & senhores, & assi tambem jurou o mesmo Bispo sem fraude, nem engano, & juraraõ os clérigos de Viseu, & prometeraõ de lhe ser fieis, & obedientes. Primeiramente Te dom sacerdote, Diogo sacerdote, Esteuaõ sacerdote. Despois se nomeaõ os Ricos homens diante de quem se fez aquelle côcerto, cujos nomes não he necessario repetir.

Assi ficaraõ então quietos os moradores de Viseu, & esta Igreja foyeita aos Bispos de Coimbra, até que pello tempo adiante se lhe pos proprio Bispo, como tambem em Lamego em o anno que a historia mostrará. E ja de agora se pode notar o erro dos que dizem se elegeraõ Bispos nestas cidades em tempo do Conde Dom Henrique, pois vemos aqui por escritura autentica como em o anno do Senhor de mil & cento & vinte, oito annos despois da morte do Conde, ainda em Viseu o não auia. Deu oca-

fiaõ a este engano o Arcebispo de Toledo Dom Rodrigo, com fazer pouco exame nas couças de Portugal, & as tocar como couça que lhe não pertencia. Mas nossos escriptores a quem corria obrigação differente, puderam fazer mayor diligencia.

Outra couça se pode aduertir desta escritura, a qual he o gouerno da Rainha Dona Tareja, & o pleuario poder que tinha em Portugal neste tempo, donde se colhe que não era casada, nem gouernaua seu filho Dom Afonso. O mesmo se deixa ver de outra concordia celebrada entre os Bispos de Coimbra, & do Porto, a qual está no liuro das doações da Sé de Coimbra, & diz deste modo.

*Gundisalvus Colimbriensis Episcopus, & Hugo Portuensis Episcopus faciunt inter se firmissimam amicitiam remota omni deceptione ita scilicet, ut Hugo Portugalensis Episcopus nullo modo inquietet, id est, neque per se, neque per alium, nec per suum ingenium, honorem quem tenet hodie Colimbriensis Episcopus, vel tenuerit a flumine Dorij vsque ad flumen Tagum, quamdiu praefatus Colimbriensis Episcopus Colimb. Ecclesiae tenuerit. Gundisalvus vero Colimbriensis Episcopus similiter promittit, ut nullo modo inquietet. i. neque per se, neque per aliū, neque per suum ingenium, honorem quem tenet vel tenuerit Portugalensis Episcopus a flumine Dorij vsque ad Tudem, quamdiu praefatus Portugalensis Episcopus*

Liuro de  
Coimbra  
fol 134.



copus Portugalen. Ecclesie tennerit. Et hac amicitia est firmata in praesentia Reginae Donnae Tarasia, & Comitum Domni Fernandi, & Baronum Portugalensium, & hoc totum sancitum in fide, puritate, & sui ordinis sanctitate. Non. Aprilis Era M. C. LX. Comitum Domni Gomez, Pelagij Soares, Egas Gozendez, Goncalui Rodriguez, Suarij Menendez, Petri Pelaez, Egas Moniz, Pelagij Velasquez, Ermigij Moniz, Menendi Moniz, Sarracini Odoriz, Pelagij Gutierrez, atque aliorum bonorum.

O sentido disto em summa he, que em presenca da Rainha Dona Tareja, & dos Grandes de Portugal firmaraõ entre si amizade, & concordia os Bispos de Coimbra, & Porto, declarando, que o distrito do Bispado de Coimbra se comprehendia entre os rios Tejo, & Douro, & o do Porto desta cidade ate Galiza. Não he o sentido pertencer a estes Bispados tudo o que se continha nestes limites, pois entre o Porto, & Galiza esta a cidade de Braga, mas que naquelles desfritos auia terras pertencentes àquellas Igrejas. He a data da escriptura a finco de Abril do anno de mil & cento & vinte & dous. Onde fica claro não se celebrar o contrato, como alguns escreuem no Concilio de Burgos, o qual se fez em tempo do Papa Pascoal segundo, & no anno do Senhor de mil cento & deasete, como ja deixamos aduertido.

Frey Luis  
dos Anjos.  
ao Catha  
logo dos  
Bispos do  
Porto fol.  
441.º 2.º

CAPIT. XI.

*Restaurase o Castello de Santa Olaya, & a villa de Soure. São admitidos os Cavaleiros Templarios neste Reyno. Do principio desta Ordem, & da de São João.*



Não só nas cousas Ecclesiasticas se tomava modo, & assento mais conueniente, mastambem nas seculares auia grãde cuidado. E a Rainha Dona Tareja se mostraua zelosa de lhe dar a satisfação deuida. E porque da entrada dos Mouros estauaõ ainda destruidas algũas fortalezas, tratou de se restaurarem, fazendo entrega dellas aos Capitaes de mais confiança. Era pessoa principalissima no Reyno o Cõde Dom Fernando, & muy fauorecido da Rainha, a este fidalgo fez entrega do Castello de Santa Olaya ja reedificado, & cometeo a restauração, & defensão de Soure. Ha disto memoria em o liuro da Sè de Coimbra, como ja em differente lugar remos mostrado. Fortaleceo o Conde a Santa Olaya, & lhe pos grosso presidio de soldados, a pouoação de Soure ou por se não obrigar a tanto, ou por o tempo não dar entãõ

Liuro de  
Coimbra  
fol. 216.  
Neste lim.  
cap. 1.

O 3 lugar,

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

lugar, se referuou para outra occasião. Em o mesmo liuro da Sé de Coimbra ha outra relação tocante a este ponto a qual diz así.

Liuro de  
Coimbra,  
vbi sup.

*In nomine Domini. Cum illud castrum quod appellatur Sauriū, ob frequentem guerram Sarracenorum raro incoleretur habitatore, placuit diuine voluntati, per eximiam Reginam Tarasiam præficientem eidem Castello Gonsaluum Gonsaluz pro Principe manu teneri. Quo Ego Gonsaluus Episcopus Colimbriensis cõpertum habuit, utilitati nostræ sedi prouidens sollicitus fui, Canonicos nostros Martinum Præbiterum, Arias, fratremque suum Mennendum ad Ecclesiam quæ ibi iacebat destructa reedificandam, atque obtinendam dirigere, &c.*

Contem em nosso vulgar. Que estando despoouado o Castello de Soure por causa da continua guerra dos Mouros, approue a diuina bondade, que fosse habitado por meyo da excellente Rainha Dona Tareja, a qual cometeo a Capitania do dito Castello a Gonçalo Golçalues. E tendo disto noticia o Bispo de Coimbra Dom Gõçalo sollicito do bem de sua diocese, escolheo a Martinho Presbitero, Arias, & seu irmão Mendo Conegos de sua Sé, para que fossem reedificar a Igreja do dito lugar, a qual estava destruída, &c.

Com summo gosto referi as palauras desta memoria, por nella encontrar com o santo varão Martinho Vigairo de Soure, cuja

vida inculpauel, & santa morte com os trabalhos de seu cautiuero nos dará materia de superior escriptura nos annos seguintes. Do Capitão Gonçalo Gonçaluez se faz honrosa memoria na tomada de Santarem, & se mostra como capitaneou uaquella insigne expedição parte da gente Portuguesa, & así auera ainda lugar de seus lououres. Não deuia permanecer muito tempo a villa de Soure em sua obediencia, porque em os annos seguintes ainda em tempo da Rainha Dona Tareja acho cometida a tenencia della aos caualeiros do Templo, sendo así, que se fez a entrega a Gonçalo Gonçaluez em o anno de 1125.

A ordem dos Templarios tão afamada por seus illustres principios & progressos, como pella miserauel ruina com que foy extinta, se fundara em o anno de mil & cento & dezoito na santa cidade de Ierusalem. Forão seus primeiros instituidores dous Caualeiros nobres chamados Hugo, & Iofre, os quais tomaraõ por deuiação elles, & outros noue companheiros de emparar os peregrinos que passauão a Ierusalem de varias partes da Christandade, & de segurar os caminhos de ladroões, & gente facinorosa. Tomaraõ em o principio assento junto ao Templo de Ierusalem, donde lhe resultou o nome de Templarios. Nosso Padre São Bernardo oraculo daquelle seculo lhes ordenou

*vitriac.  
hist. Oriẽ  
tal. 1. 63.  
Tep. cent.  
7 fol. 163  
Aubert.  
Dionysius  
Chronica  
Cister.*

denou constituições por que se gouernaraõ. E em quanto foraõ obſervantes dellas, ſe fizeraõ reſpeitados, ritos, & temidos. Não auia Reyno algum na Chriſtandade aonde ſe lhe não aſſinaſſem rendas, & lugares. Vieraõ a faltar no mudo ( que tudo o tempo deſbarata) quãdo eſtauaõ na mayor gloria, ſe com ocaſiaõ merecedora de tão grande queda, ou ſem ella, não determinamos.

O Reyno de Portugal foy hũ dos que primeiro, & com mão mais liberal deu entrada a eſtes caualeiros. Ia no anno de 1126. os acho de aſſento nelle, & com terras proprias, das quais fazião côcertos, & eſcrituras. Em o liuro dos foraes da leitura noua ha eſtas palauras junto ao foral de Ferreira dado pella Rainha Dona Tareja. *Hac eſt charta conuentionis, & firmitadinis, que Magiſtro Galdino, & Arnaldo de Rocha, ceteriſque Templi fratribus, & ſimul iunctis cum Pelagio Fernandez, & Pelagio Petriz, & vxoribus eorum; videlicet Marina Soaris, & Maior Soaris placuit fieri de illa villa noſtra, que appellatur Ferreira, quam inſimul habemus.* A ſuma diſto he: Que Dom Galdim, & Arnaldo de Rocha, & os mais Caualeiros do Templo fazião côtrato com Paio Fernandez, Paio Perez, & ſuas molheres ſobre a villa de Ferreira. E declaraſe ſer feita a eſcritura no mez de Junho do anno referido de 1126. Onde ſe colhe ſer a entrada deſta Ordẽ

em Portugal pouco deſpois de ſua fundação, pois em tempo tão proximo a ſeu principio eſtauaõ de aſſento, & herdados neste Reino: Do que reſulta grande louuor à Rainha Dona Tareja, aſſi por admitir em ſeu tempo gente de tanta importancia, como na breuidade cõ que os enriqueceo em ſuas terras.

Dom Galdim o qual naquella eſcritura ſe nomea Meſtre, teue eſte titulo em Portugal todo o tempo de ſua vida, não por ſer o gram Meſtre da Ordem, que eſte reſidia em Ierusalem, mas por ſer o principal dos Caualeiros Templarios deſte Reino, a quem os mais obedeciaõ. Era de nação Portugues, natural da cidade de Braga, de fidalguia antiga (como ſe pode ver em o titulo 56. do Conde Dõ Pedro) Filho de Paio Ramires, neto de Ramiro Aires, & biſneto de Aires Carpinteiro, todos fidalgos conhecidos; de quem faz expreſſa menção o Cõde. Por ſua mãy Dona Gontrode Soares era o Meſtre da familia dos Correas, de cuja nobreza, & antiguidade fica dito. Foy valeroſo nas armas, como dá teſtemunho o meſmo autor. E de hũa pedra que eſtã no Conuento de Thomar ſobre a Capella do Meſtre Dom Lopo Diaz de Souſa, conſta que Dom Galdim paſſou à Terra ſanta, & ſe achou com o Gram Meſtre na tomada de Aſcalon, & em outros feitos de ar-

Conde Dõ  
Pedro 1.  
56.  
Hũ lei-  
ro que eſ-  
tã no Con-  
uento de  
Thomar.

Torre do  
Tombo no  
lu. da lei-  
tura noua  
fol. 133.

## Livro IX. da Monarchia Lusitana.

mas insignes por espaço de cinco annos, aonde deu boas mostras de seu valor. Fundou os Castellos de Thomar, Pombal, Ceres, Idanha, Monsanto, & Almourol, como se relata em a mesma pedra, & em parte testifica o Conde D. Pedro.

*Vitriac. c.  
da histor.  
Orient.*

*Repet.*

Tambem a Ordem do Hospital de São João, a que vulgarmente chamão de Malta, teve entrada neste Reyno poucos annos despois dos Templarios, & pello tempo adiãte foi adquirindo grande reputação, & rendas. Fora ella fundada em Ierusalem poucos annos antes da do Templo na forma seguinte. Auia naquella cidade hum hospital antigo, no qual com licença do Califa do Egitto se curauão os Christãos pobres, que vinhão das partes Occidentaes visitar os santos lugares. Despois que se ganhou esta terra aos Infieis, hum singularvaraõ administrador deste hospital por nome Gerardo deu ordem com que ouuesse alguns soldados para defensão dos peregrinos, os quais com grande cuidado começaraõ a vigiar o caminho que corre do mar ate a santa Cidade. Foraõ elles com isto crescendo em reputação, & bons successos, & assi facilmente alcançaraõ do Papa Pascoal Segundo a fundação de sua noua Religião, & isenção do hospital ( o qual auia de ser cabeça della ) de hum mosteiro chamado nossa Senho-

ra a Latina, a que antes estaua foy geito. O mesmo Gerardo foy o primeiro Mestre, & a noua Religião aceitou a Regra de Santo Agostinho, ainda que o mestre a quem dantes reconhecia o hospital por cabeça era de Monges do Patriarcha São Bento. Creceo esta Religião, & adquirio muitas rendas em todos os Reinos dos Christãos, & principalmente depois que se extinguiu a Ordem dos Templarios. Primeiro fez seu assento em Palestina, despois na Ilha de Rodes, & vltimamente permanece em Malta, & em todas as partes foy, & he escudo dos fieis, & terror dos Mouros, & Turcos.

*Repet. c. 7.*

### CAPIT. XII.

*Como não sô os Reis mas senhores particulares dauão foras às terras. Do modo do gouerno q̃ então auia.*



Auão foras as terras, (que eraõ as leis particulares por que se gouernauão ) não sô os Reis, & Principes soberanos, senão taõbem algũs fidalgos, a quem os Principes concediaõ a pouoação, ou gouerno dellas. Os primeiros que encontro nas escrituras deste tempo, que dessem foral, sãõ Egas Gofendez, & João Viegas dalcunha, Ranha, decen-

1124.

dentes de Dom Arnaldo de Ba-  
iam hum illustre Capitão Frances  
queaportou a este Reyno no tem-  
po que vieraõ os Gastos ascendê-  
tes de Egas Monis, pouco mais,  
ou menos. Algũs imaginão, que  
veo D. Arnaldo em companhia  
do Conde Dom Henrique a Es-  
panha, porem parecem opinião  
falsa, porque seu neto Egas Go-  
zendes he sò o que se acha no-  
meado nas escrituras do tempo  
do Conde Dom Henrique até o  
principio do Reinado del Rey  
Dom Afonso Hériques, & de seu  
pay, & auó se não acha memoria;  
por onde parece que eraõ ja fa-  
lecidos, & faleceraõ em tempo  
dos Reys antecedentes.

O foral que deu Ioão Viegas  
com Egas Gozendes foy o de Ser  
nancelhe villa conhecida na co-  
marca da Beira, na qual ha ainda  
Castello em sitio forte, que de-  
mostra antiguidade, he sua data  
a sete das Calêdas de Nouembro  
da era mil & cento & sessenta &  
dous, que vem a cair em vinte &  
seis de Outubro do anno presen-  
te de mil & cento & vinte & qua-  
tro, & diz nelle que reinava en-  
tão em Portugal a Infanta Dona  
Tareja, & era Bispo de Coimbra  
Dom Gonçalo. *Regnante in Portu-  
galia Infanta Tarasia, Colimbriense  
Episcopo Gunfalu,* que he ponto  
notauel para confirmação do tẽ-  
po, que governou esta Rainha an-  
tes de se leuatarem as discordias  
que despois teue com seu filho.

Pellos annos adiante foraõ dã-  
do foraes os Infantes do Reyno,  
os Prelados Ecclesiasticos, & os  
fidalgos particulares, de que apõ-  
tarei algũs exêplos para ficar mais  
firme este antigo costume, & mo-  
do de gouerno. O foral de Na-  
mão denominado Monforte foi  
dado por Fernão Mendez junta-  
mente com seus filhos a oito de  
Iulho da Era mil & cento, & ses-  
senta & oito, & declara que rei-  
naua em Leão, & Estremadura el  
Rey Dom Afonso, & que o Infan-  
te D. Afonso imperaua em Por-  
tugal. *Regnante Rege Alfonso in Li-  
gione, & in tota Estremadura, impe-  
rante in Portugal Infante Donno Al-  
fonso.* Este Fernão Mendez enten-  
do que era o Braganção, pella  
concurrência dos annos. Nẽ ob-  
sta que lhe asinem filhos, o que  
parece encontrar o Conde Dom  
Pedro, quando afirma que a ter-  
ra de Bragança ficou á Coroa de  
este Reyno por via da Infanta mo-  
lher do mesmo Fernão Mendez,  
porque sem falta teue filho, que  
chamaraõ Pero Fernádez, o qual  
possuio parte daquellas terras, &  
delle vem os do appellido de Cha-  
cim, fidalgos muy estimados no  
tẽpo antigo, como adiante mo-  
straremos.

A Infanta Dona Tareja filha  
del Rey Dom Afonso Henriques  
deu foral à villa de Ourem, & de-  
clara ser esta villa de seu senho-  
rio, donde manifestamente se co-  
lhe, que foy a primeira terra que  
se

*Torre da  
Tãbo lu-  
dos foraeis  
velhos fol.  
23.*

## *Liuro I X. da Monarchia Lusitana.*

se dotou às Infantas de Portugal, & foy a data deste foral no mes de Março do anno do Senhor de mil & cento & oenta. Antes deste tempo tinha dado Dom Pedro Afonso, o que entendo ser filho del Rey Dom Afonso Henriques, foraes às villas de Figueró & do Pedrogão aquelle no anno de mil cento & setenta & quatro, & este no de mil cento, & setenta & seis, & Gil Sanchez filho del Rey Dom Sancho o Primeiro deu foral as Sarzedas no anno de mil & duzentos & treze.

Os Capitaes estrangeiros que vieraão ao cerco de Lisboa deraão foraes às terras que lhe foraão assignadas: a saber, Dom Alardó a Villa verde, correndo o anno de mil & cento & sessenta, Dom Iordão á Lourinhãa, Guilhelmo de la Corni á Attouguia, & finalmente Ruy Fernandez decendente de D. Rolim a Azambuja.

Dauão também foraes às terras que lhe pertencião os Prelados Ecclesiasticos, & assi o deu Dom Sueiro Bispo de Lisboa á villa de Alhandra no anno de mil & duzentos & tres, o Bispo de Euora Dom Paio á Benauente, & finalmente os Abbades de Alcobaca deraão foraes a algũas villas daquella Abbadia, & as mandaraão pouoar, como em outro lugar diremos.

Em todos estes foraes, ou nos mais delles, alem de se limitar o que os pous auiaão de pagar aos

senhorios destas terras, se dauão leys particulares que dispunhaão o modo da justiça que se auia de guardar no crime, & ciuel, & por estas leis se gouernou o Reyno até o tempo del Rey Dom Afonso Segundo, que foy o primeiro (de que nos consta) que fez ordenações, & leis geraes, as quaes se cõseruaão ainda na Torre do Tombo, & relataremos em seu lugar proprio. O modo com que se julgauão as causas conformandose com a ordem dos foraes de cada hũa das terras, era fazerse junta da gente principal daquella terra ante o Governador, Conde, Rico homem, ou Adiantado, que naquelle tempo se chamaua às vezes, *Tiunphado*, & pellos mais votos se tomaua assento no que conuinha fazerse. Dousexemplos temos temos a este intento, hum delles antes do principio do Reyno de Portugal, & outro do tempo que gouernaua a Rainha Dona Tareja.

He o primeiro da Era de mil cento & noue, que cae no anno do Senhor de mil & setenta & hũ, quando correndo demanda entre Flamula Ketas, que he o mesmo que Chamoá Ketas, & sua irmã Adozinda Ketas, sobre certas herdades em Lodares, diz que uieraão a Pombeiro aonde estaua Egas Gomez, & com elle outros muitos homẽs nobres, os quaes apaziguaraão a contenda. Consta de doação original do Mosteiro de

*Deriuase da palavra gottica Thiuph.*

Cartorio  
de Pom-  
beiro.

de Pombeiro. *Deuenimus inde ad consilium hic in acisterio de Palumbaris, vbi fuit Egas Gomiz, & alij multorum nobilium hominum, & prouiderunt bene in ipso consilio, vt roborassemus vnas ab alijs, vt nunquam nobis inquietaremus.*

O segundo caso aconteceu no mes de Março Era de mil cento & sincoenta & oito, que he anno de Christo de mil & cento & vinte, querendo Froyla Belindez trocar certas herdades de Villa meã, & de Parada com Toda Viegas, a qual lhe daua outra herdade em Rio de Galinhas, diz que vieraõ a Cresconhe diante de Egas Moniz, & de outros nobres para confirmar a troca daquellas terras, as quaes pertenciaõ de algũ modo ao mosteiro de Arouca, & elles aueriguaraõ o que na materia auia. *Et deuenimus inde Cresconi ante domino Egas Moniz, & ibi Sefnando Odoris, & alij filij benenatorum, & exquirunt vt ego Froila non habebat ibi in illas hereditates nulla causa, nisi herentia in Sancto Petro de Arouca. Et viderunt homines bonos, & domino Egas, vt ipsa cambiatione firmiter extitisset pro hac sententia, & ideo placuit mihi.* Naõ ha que reparar na barbaria do latim, basta tomar-se o sentido das palauras que ja fica dado, & aduirto que parte dellas aponteij em outro lugar, para mostras que viuia Egas Moniz nesta quinta de Cresconhe, & que nella & em outras terras suas da mesma comarca de

Doações  
de Arouca  
num. 98.

Lamego se criou el Rey D. Afonso Henriques em seus primeiros annos.

CAPIT. XIII.

*Proseguese a mesma materia do modo da decisaõ das causas. Trata-se da dignidade dos Infanções.*



O tempo del Rey D<sup>o</sup> 1124. Afonso Henriques temos exemplos mui notauéis acerca do modo com que se decedião as causas, fazendo-se juntas de gente nobre que as resoluião. Em escriptura do mosteiro de Pedroso do anno de 1132. se diz, como auendo certas duuidas entre o Abbade do mesmo Mosteiro, & o de Paço, se forão à cidade de Santa Maria (que he a do Porto, por incluir a comarca da Feira, que se dezia terra de Santa Maria) & em presença do Capitão geral Hermigio Moniz se ajuntaraõ os bons da terra, que eraõ Egas Odoris, Nuno Soares, Ero Telles, Tello Alures, & Gomes Vazquez, os quais assentaraõ se partisse pello meyo a herdade de que era a contenda, & ficasse a cada mosteiro sua parte. Saõ as palauras formaes da escriptura estas. *Et venerunt ad consiliũ in ciuitate Sancte Marie ante illum imperatorem Ermigium Moniz & alios homines bonos qui ibi fuerunt, & con-*  
uenerunt,

Escreuira  
original  
de Pombei-  
ro.

## Liuro IX. Da Monarchia Lusitana.

*tuenerunt. & indicauerunt illas, Egas Odoris, Nuno Soares, Ero Telles, Tello Aluares, & Gomiza Velasquis, que partissent per medium illa hereditate, &c. Declarase na escritura, que reinaua então o Infante D. Afonso, & era Bispo de Coimbra D. Bernardo. In temporibus regnante Infans Adefonsus, Bernardus Episcopus Colimbriensis.*

Hermigio Moniz, que aqui se nomea Emperador (isto he Capitão geral, ou Fronteiro mór) acho que foy o mayor priuado do Infante Dom Afonso, como se declara em o liuro dos testamentos de Santa Cruz de Coimbra, quando se trata do exordio daquella casa, porque se diz que deste fidalgo se valeo o Arcediago Dom Tello, para os fauores que pretendia do Infante na fundação daquelle Conuento, por fazer ventagem aos mais. Não pude alcançar de que familia fosse, nem o sobrenome de Moniz o pode declarar, por ser patronimico. Parece que não viuio muitos annos porque seu nome falta nas escrituras anticipadamente.

Outra diuida se moueo entre Gonçalo Afonso Prelado do mosteiro de São Martinho de Sui-lhaes em terra de Baiam, & Pero Paes, & diz que se ajuntaraõ em Coimbra os senhores do conselho, por chamado de Fernão Catuio, & Gonçalo Mendez, a quem se dá titulo de Vigairo del Rey, que vem a ser Regedor supremo

da justiça; & delarase como se acharaõ presentes os Prelados de Portugal, & os Infanções, que erão Gonçalo Góçaluez, Reimão Garcia, Gofendo Moniz, & Sarra-cino Espina. *Et erat Episcopus nomine Domno Odorio de Viseu, & Domno Menendo Lamecensi, & Domno Petro de Portingaya, & Archiepiscopus Domno Ioannes Bracharenfis, & illos Infancones, qui erant in Portugalle Gúndifaluis Gundifaluis, Reimondus Garfia, & Gofendo Moniz, & Sarrazino Spina, &c.*

Resolueose nesta causa, que Pero Paez entregasse a Gonçalo Afonso a herdade sobre que era a contenda, foy dada a sentença no primeiro de Abril da era de 1191. que he anno de 1153. Confirma el Rey, & algus dos Grandes, que se acharaõ presentes.

O nome de Infanções que encontramos nesta escritura pede fazermos digressão sobre a qualidade desta preminencia. Primeiramente he cousa certa ser a dignidade de Infanção inferior à de Rico homem, porque de Infanções erão algus promovidos a Ricos homens, como aconteceu a Ruy Gomez de Britteiros de quem trata o Conde Dom Pedro tit. 23. E mais porque el Rey Dom Afonso Terceiro nas Cortes de Guimarães celebradas na era de 1294. que he anno de 1256. tratando do acompanhamento que auiaõ de trazer os fidalgos quando viessem à Corte, acentaja muito o dos

Liuro dos  
testamẽt.  
de Santa  
Cruz de  
Coimbra

Escritura  
da Torre  
do Tombo  
do liuro  
dos forais  
antigos  
fol. 2.ª



par. 2. tit.  
1. l. 13.

dos Ricos homêes ao dos Infançoês, pois concede que o Rico homem venha acompanhado com gente de caualo sem permitir ao Infanção mais que tres lacaios, sem escudeiro algum de caualo. Donde se infere a precedencia q̃ fazia a dignidade de Rico homê á de Infançam. O que confirma el Rey Dom Afonso o Sabio, & outros autores.

Contudo algũs ouue que iinaginarão ser o titulo de Infanção tão autorizado que competia aos netos dos Reys, filhos de seus filhos os Infantes, & que por essa razão tomaraõ o nome de Infançoês, quasi alludindo com pouca variedade ao nome dos meismos Infantes. E com o fundamento de algũs autores que o affirmão, & de cõjecturas outras, que o persuadem, chegaraõ a dar sentença na casa da supplicação, que os Infançoês eraõ filhos dos Infantes.

Não posso segurar esta opinião com o fundamento de escrituras antigas, porque não descobri em nenhũa dellas cousa que a fauoreça, antes vão suppondo todas ser muito inferior a dignidade de Infançoês á de Rico homem, porque nem os Infançoês tinham a preheminencia de firmar nas escrituras, como os Ricos homens, & se algũas vezes eraõ nomeados, era com distincção, & depois dos meismos Ricos homêes, como se pode ver na

escritura referida de São Pedro de Suilhaês, aonde depois dos Ricos homens, se nomea Gonçalo Gonçalues, & os mais Infançoês que se seguem : & a serem os Infançoês netos de Reys, bẽ se lhe podia dar lugar entre os Ricos homêes mais calificados.

Poderse ha dizer, que os primeiros a que se deu o titulo de Infançoês, ou fosse em tempo dos Reys Godos, ou dos Reys de Leão, serião filhos de Infantes, & que pello discurso dos annos, como o tempo tudo varia, se estenderia este titulo a fidalgos de menor qualidade. Destes filhos dos Infantes, a quem se daua o titulo de Infançoês pode ser que alguns viessem morar na terra de Santa Maria, que chamamos da Feira na comarca do Porto, que em algum tempo se chamou Cidade de Santa Maria porque (como se colhe de Escrituras do Mosteiro de Pedroso) esta terra foy habitada de gente illustrissima pellos annos de noventa e cinco até mil, quais foraõ o Duque, ou Capitão Mem Guterres, & o Conde Mem Lucidio, & os senhores de Marnel, muy chegados todos em parentesco aos Reys de Leão. Por esta causa nos privilegios que os Reys de Portugal foraõ dando aos Infançoês, costumauão dizer, que os auiaõ pôr iguais nas honras. & mais graças, & isençoês aos antigos Infançoês da

P. terra

## *Liuro I X. da Monarchia Lusitana.*

terra de Santa Maria. Ha hum liuro na Camara desta cidade de Lisboa, em que estão alguns priuilegios concedidos por el Rey Dom Ioão o Primeiro aos cidadãos della, os quais priuilegios se diriuarão por especial graça às cidades do Porto, & Braga, & Guimaraes, nos quais se fala por este modo, & se declara, que aquelles Infanções participassem as mesmas honras, & priuilegios que tinhaõ os Infanções antigos da terra de Santa Maria.

### CAPIT. XIII.

*O Infante Dom Afonso Henriquez se arma Caualeiro em a Cidade de Camora.*

1125.



Elebre, & glorioso se pode reputar entre nossa gente o anno do Senhor de mil & cento & vinte & cinco, pois nelle tomou a ordem de Caualaria o Infante Dom Afonso, filho da Rainha Dona Tareja, com cujas armas se illustrou o nome Portugues, foy sublimado a sua grandeza o Reyno de Portugal, se dilatou a Fè de Christo com grande gloria do pouo bautizado, & abatimento dos inimigos da Fè Catholica. E porque o acto foy muy notauel, & o saõ tambem as palauras com que o refere a historia dos Godos, serã bem tres-

ladalas neste lugar, para satisfação dos curiosos leitores, & saõ as que se seguem.

*Era M. C. LXIII. Infans inelytus Alfonsus Henrici Comitiss filius etatis anno decimo quarto in Ecclesia Zamorensi Cathedrali ab altari Saluatoris ipse sibi manu propria sumpsit militaria arma, ut mos est Regum induit se Lorica, ut Gigas, qui magnus erat corpore, similis factus est Leoni in facinoribus suis, & sicut catulus Leonis rugiem in venatione. Fuit pulcher aspectu, vultu desiderabilis, clarus ingenio, corpore decorus, animo intrepido. Rex Alfonsus Variatus Christianus merito appellari potest, ob immensos pro Christo labores pro re Christiana exhaustos, & plurima facinora clarissime gessit. Totam Portugalliam armis à diuersis hostibus protexit, & à Munda fluuiò ad Bethim, qui Hispalim præterfluit, propagauit imperium, & ad Oceanum vsque bella gessit plurima, partim cum Sarracenis, partim cum Christianis, qui eius felicitati vel inuidentes, vel parum facientes Regnũ illi eripere tentarunt, sed vbique serè victor euasit. A tradução he a seguinte.*

Na Era de 1163. (he anno de 1125.) o inclito Infante D. Afonso filho do Conde D. Henriq, tendo 14. annos de idade, se armou Caualeiro na Igreja Cathedral da cidade de Camora. Elle mesmo cõ suas proprias mãos tomou as insignias militares do Altar do Salvador, a vso dos Reys, & se vestio a Loriga, & como gigãte (que era

era grande de corpo) se mostrou semelhante em suas façanhas ao Leão, & ao filho do Leão, quando anda mais feroz na montaria. Foy de gentil presença, amavel por sua fermosura, de engenho claro, de corpo bem composto, & agradauel, de animo intrepido. Com razão podemos chamar a este Rey Dom Afonso o Viriato Christão, ou o primeiro Hercules Lusitano, respeitado os immensos trabalhos que passou na dilatação da Fê, & as obras de valor estranho que executou. Elle foy hum escudo de Portugal, que o defendeo de varios inimigos. Dilatou seu imperio das correntes do Mondego até o rio Bethis, o qual passa por Seuilha, & até os remotos limites do mar Oceano. Teue muitas batalhas não só com os Mouros, mas também com os Christãos, os quais enuejando, ou não respeitando sua prospera ventura, tratarão de lhe tomar o Reyno, porem quasi sempre sahio victorioso.

Com estas palauras celebra o autor daquella antiga historia não só o primeiro acto militar do grande Rey Dom Afonso Henriques, mas faz hum breue, & verdadeiro elogio de seus louvores, os quais requerem abreviações, ja que pella multidão, & excellencia das cousas não podê dignamente ser relatados. No mase neste anno de mil & cento & vinte & cinco o Infante Dô

Afonso de quatorze sómente, porque deuia ser em o principio do anno, antes de elle chegar aos quinze de idade, os quais se cumprirão alguns meses adiante, supposto ser o seu nascimento no anno de mil & cento & dez, como ja mostramos. Dizerse que dilatou este glorioso Rey seu imperio até o rio Bethis, & o mar Oceano, se entende pella jornada que em seu tempo fez o Infante Dom Sanchô a Seuilha, & por outras do proprio Rey ao Algarue, com as quais lhe ficaram os Mouros daquellas provincias reconhecendo vassalagem, como ja em outros lugares temos advertido. De tomar a ordem da milicia mais na cidade de Camora que em outra parte, pode nacer escrupulo, supposto que esta cidade pertencia a Rey estranho, & mais fazendo se declaração como o Infante Dom Afonso não foy armado Cavaleiro por outrem, se não por si mesmo.

Com muita probabilidade se pode affirmar estaria entrão a cidade de Camora sujeita á Coroa de Portugal pello contrato celebrado entre as duas irmãs Rainhas de Castella, & Portugal; o qual contrato ja em o liuro antecedente está relatado, & poderia ser que as terras de que nelle se trata, ou parte dellas se entregassem a nossos Principes, & permanecessem algum tempo

## Liuro IX. Da Monarchia Lusitana.

Sandoval  
na Chronica  
de D.  
Afonso 7.  
cap. 9.

debaixo de sua obediencia. O Bispo de Tuy faz memoria de hũa chegada da Rainha Dona Tareja a Camora a fim de firmar tratos de paz com seu sobrinho Dom Afonso, & se valer de suas armas contra seu proprio filho. São suas palavras. Neste tempo a Rainha Dona Tareja molher do Conde Dom Henrique de Portugal andava tambem em guerra com seu filho Dom Afonso Henriques, que se chamava Rey, pella demonstrada amizade que a Rainha Dona Tareja tinha com o Conde Dom Fernando de Galiza. Desejando a amizade del Rey D<sup>o</sup> Afonso de Castella, & vierão a Camora d<sup>o</sup> de fizeram tratos de paz por muitos dias de favorecerse os hũs a outros. Até aqui o autor. Porem se nesta ida da Rainha, a qual aponta despois do anno de 1122, ha certeza nas causas que allega a não pode auer por termos auerigoado, que as differenças entre a Rainha de Portugal & seu filho tomaraõ principio, & feneceraõ em o anno de mil cento & vinteito, & así não se podia antes deste tempo procurara concordia de Castella pella razão allegada. Bem pode ser fosse esta ida da Rainha a Camora em o tempo que fez o contrato com sua irmãa Dona Vrraca, & a tomar posse da Cidade, que era humas das que nelle vinhão incluidas, & por esta causa, (como ja diffemos) tomasse despois o Infante Dom Afonso a ordem da eualaria na Igreja del-

la. O certo he, que não só o Infante de Portugal tinha paz com sua mãy por estes annos, mas começaua ja a exercitar alguns actos de gouerno, & dominio em suas terras. E deixados outros exemplos, baste por ora hũa doação feita no anno de mil & cento & vinte & quatro, a qual se conferua no mosteiro de Refoios de Conegos Reglares, & diz así.

In nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti. Sub Dei pietate Ego Infans Dominus Alfonsus in Domino Deo eternam salutem. Placuit mihi ut facerem tibi Menendo Alfonsi scripturam de vno Condado, quod est in Refoios, pro bono seruicio quod mihi facis, & facies ex hodie, &c. E conclude. Hac carta exarata est idus Maij Ego Infans Dominus Alfonsus filius Henrici Comitis in hac carta manu mea roboranti. Era M. C. LXII. Em summa quer dizer, da o Infante Dom Afonso seu Condado de Refoios a Mem d'Afonso por seruicos que lhe auia feito, & esperaua receber delle. Não deixa de ser consideraueo o nome de Condado de Refoios. Mas ja o Conde Dom Pedro no titulo 21. atalhou esta duuida, aduertindo que antigamente chamauão Condados as grandes terras dadas pelos Reys aos fidalgos.

Estas terras, ou Códado doou o mesmo Mendo Afonso com sua molher Gontina Paez em o anno de 1140. no mes de Junho

Archivo  
do Mosteiro  
de Refoios.

Escritura  
de Refoios  
de Lima.

ao Mosteiro do Refoios, & a seu irmão Fr. Pedro, que era Prior da dita casa, & na escritura lhe chama também Condado, & faz menção que auia nelle huns paços, & que tudo lhe auia dado em remuneração de seus serviços o inclito Infante Dom Afonso, filho do Conde Dom Henrique, & da Rainha Dona Tareja. Este Mendo Afonso seguiu a Corte, & foy do serviço del Rey Dom Afonso Henriques, como se collhe de certa memoria de S. Cruz de Coimbra do anno de mil ceto & sincoenta & sinco, que adiante relatarei. Também se acha em algúas escrituras seu nome entre as firmas dos Ricos homens, como em o conto de Santa Comba feito em Junho do anno de 1137. na doação do direito Real de Tarouquella, que largou el Rey D<sup>o</sup> Afonso ao Prior de Grijo Tructefindo em Julho do anno 1142. & em outras. Não me consta de sua linhagem. Hũa sua filha casou com Salvador Gonçalves, bisneto de Dom Aniam da Estrada, & delles vem os Farinhas, & Mouras, & outros fidalgos.

*Memoria de Santa Cruz de Coimbra*

*Cartorio de Grijo.*

*Conde D.  
Pedro tit.  
59.*

CAPIT. XV.

*Das discordias que se leu-  
taraõ entre a Rainha Do-  
na Tareja, & seu filho.  
Da batalha de Guima-  
raes, & outros successos.*



A Chronica manu es-  
crita del Rey D. Afonso 1128.  
so Henriques se refe-  
re, q casando sua mãy  
segunda vez cõ o Conde D. Fer-  
nando, intentou de excluir da su-  
cessão de Portugal a seu filho, por  
cujo respeito se moueraõ guerras  
civis entre o Infante, & seu padra-  
sto, as quais se vieraõ rematar em  
hũa memorauel batalha junto a  
Guimaraes, de que resultou ficar  
a Rainha em prisão, o Conde des-  
casado, & excluido de Portugal, &  
o Infante vitorioso, & senhor de-  
ste estado.

*Chronica  
del Rey D.  
Afonso  
cap. 6a*

Destes principios (os quais as-  
sentão, ou suppoẽ pouco depois  
da morte do Conde Dom Hen-  
rique) vaõ deduzindo outros su-  
cessos, como saõ o socorro q deu  
a sua tia Dom Afonso o septimo  
Rey de Leão, & Castella, a bata-  
lha de Valdeuez, o cerco de Gui-  
maraes, a ida de Egas Moniz a  
Castella, offerecendo sua vida a  
troco da palaura mal cumprida.  
A amoeção do Papa ao Infan-  
te Dom Afonso feita primeiro  
pello Bispo de Coimbra, des-  
pois por hum Cardeal Legado,  
o pouco que a ella differio o In-  
fante, com algúas cousas de me-  
nos importancia (como o termo  
indecente com que el Rey obri-  
gou ao Legado leuantasse as cen-  
suras que tinha postas, & a elei-  
ção de hũ Bispo negro em a Sê  
de Coimbra) as quais pareceraõ

## *Liuro I X. da Monarchia Lusitana.*

taõ mal ao Licenciado Duarte Nunez, que se resolveo em negar o segundo casamento da Rainha, & as guerras que dizem teue com seu filho, parecendolhe que destruidos estes fundamentos, se arruinava todo o mais edificio q nelles se funda, importa referir algũas palauras deste autor na resolução presente, o qual despois de relatar o que se escreue em nossas Chronicas, diz assi.

*Estas são as historias que entre gente vulgar andauão naquele tempo, que todas dependem de hũa, que he o casamento da Rainha, & sua prisão, a qual confundida, ficam todas no ar, como cousa vãa que eraõ. Porque se a Rainha Dona Tereza não casou, nem deu padrasto a seu filho, nem auia porque seu filho a prendesse, nem causa por onde virem a batalha, & o Infante D. Afonso vencer o padrasto, & destrualo, & prender a mãy, & se não prendeo a mãy, não auia para que vir el Rey de Castella, & tornar armado cercar ao Infante, nem podia ir desbaratado, nem deixar sete Condes presos, nem podia tornar outra vez a pôr outro tal cerco, & Egus Moniz fazelo tornar com preito, & omenagem que lhe fez, & por o não camprir, ir nu cõ sua molher, & filhos despidos com barraços ao pescoço ante el Rey de Castella. E se a Rainha não foy preza, não podia ser verdade que o Papa mandasse excomungar el Rey pello Bispo de Coimbra, & el Rey fazer a hum negro Bispo, & ordenalo. E se tambem o não elegio por Bispo, & ordenon, não*

*podia ser verdade, que o Papa mandava ensinar el Rey Dom Afonso como a be-reje por hum Cardeal. Atequi o autor referido.*

Os fundamentos que allega para excluir o segundo casamento da Rainha, são (alem da afeição que lhe mostraua o Infante Dom Afonso em se nomear sempre seu filho nas doações) em o Arcebispo Dom Rodrigo não fazer memoria de tal casamento, & em a Rainha se mandar sepultar com o Conde Dom Henrique, & finalmente hũa doação em que a Rainha dá o direito da cidade do Porto ao Bispo Dom Hugo, feita em o anno de 1120. na qual confirma o Infante Dom Afonso, & suas irmãas, & assi se conuence não estar sua mãy casada.

Todos estes fundamentos são de pouco momento, como se pode ver em o que tratamos desta materia no segundo & terceiro capitulo deste nono liuro. A doação do Porto ja atras fica referida, della não se proua cousa algũa contra o casamento da Rainha, pois nem o Conde D. Fernando se nomea como seu vassallo (o que em outras escrituras temos visto): & por outra parte ainda que o casamento não estivesse celebrado neste anno de 1120. se podia celebrar em algum dos seguintes.

Contudo tenho por mais prouauel que a Rainha não casou segunda vez: mas não obstante este parecer

parecer digo, que he certo o q se refere da batalha de Guimaraes, & das guerras entre a Rainha, & seu filho, sem ter dependencia do segundo casamento da Rainha; porque ou nelle se figa hũa opiniao, ou outra, sempre consta da verdade dellas. E a occasiao le o casamento se effectuou, seria o que dizem noílos escritores, & se não chegou a se pôr em execucao seria a sospeita causada da muita valia do Conde, & de sua familiaridade com a Rainha, que esta não se pode negar, pois na vida de São Theotónio (a qual se conserva de mão em Santa Cruz de Coimbra escrita pouco depois da morte do Santo) se diz, como pregando este Santo hũ dia chegou a reprender a Rainha Dona Tareja, & o Conde Dom Fernando, os quaes se acharão presentes, & nota o autor, ser tão conhecida a virtude do seruo de Deos, q não causou esta liberdade, indignação, mas confusão àquelles Príncipes. Esta fama corria então da Rainha, ainda que não saberei affirmar se teue bastante fundamento, por constar da nação Portuguesa pello grande recato que tem na honestidade das molheres, ser demasiadamente escrupulosa, & credula, & que nota muito estas faltas, por quaisquer causas, & indícios leues. Mas deixado este ponto, façamos proua da resolução proposta.

No liuro dos testamentos de

Santa Cruz (ja aduerti como fora escrito em vida de S. Theotónio por hum dos primeiros doze companheiros deste Santo) se contém as palauras seguintes. *Telo* *Archidiaconus honestior vita omni clero, & moribus; querebatur precibus à clero, & populo Episcopus, quod & tunc fieret Regina Tarasia, & Comite Fernando in hoc nitentibus, nisi diuino nutu Regina una cum suo Comite à Regno expulsis, eius filius auorum seu auorum propago dignissima una die bellando (quod forte videbitur mirum) susciperet principatûm.* Vay o autor tratando do credito, & reputação em que viuia o Arcebispo Dom Telo, & diz como por ser na vida & costumes exemplar entre todos os Ecclesiasticos o pretendia por Bispo o pouo, & clero de Coimbra (estaua então, à Se vaga por morte do Bispo Dom Góçalo) & acrescenta, que isto sem falta se pusera em effeito, se não acontecera que excluidos do Reyno a Rainha, & o Conde Dom Fernando (não sem vontade diuina) seu filho dignissimo decendente de seus mayores com a batalha, & vitoria de hum dia (o q não deixa de causar espanto) se fizera senhor absoluto do Reyno.

Com esta memoria digna de toda a veneração, & credito, concorda quanto aos pontos principais a historia dos Godos, & diz así. *Era M. C. LXVI. mense Iunij, die Ioannis Baptiste inijt Regnum,*

*Liuro dos  
testamen-  
tos. Cruz  
no princ.*

*Hist. dos  
Godos.*

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

*vel potius principatū Portugallie Alfonso, victis aduersarijs, qui Tharasia matre Regnum inuasiant, & Regno pulsus praelium commissum est in campo Sancti Mamantis, vulgo Mametis, prope castellum Vimarense in regione Interamni.* Em vulgar quer dizer. Na Era de 1166. (he anno de Christo de 1128.) no mes de Junho em dia de S. Ião Baptista começou a reinar Dom Afonso, ou a ter o senhorio de Portugal, vencidos primero seus contrarios & excluidos do Reyno, o qual lhe queriaõ vſurpar com ajuda, & consentimento de sua mãy Dona Tareja. Deuse a batalha no câpo de São Mamede junto a Guimaraes na prouincia dentre Douro & Minho.

Destes dous lugares consta, como ouue guerras entre a Rainha, & seu filho, & deste segndo se vê, como a batalha foy junto a Guimaraes em dia de São Ião Baptista do anno de 1128. O tempo destas guerras não deuia ser muito, pois em o fim de Março deste mesmo anno vejo conformes estes Principes, & assinar o Infante nas doações que sua mãy fazia, como se pode notar na escriptura de Fragoas, a qual deixo referida em o Capitulo segundo deste liuro. Ia em 27. de Mayo deste anno parece que auia rompimento de guerra entre a Rainha Dona Tareja, & seu filho. Faz o Infante neste tempo doação amplissima do Couto de Figuei-

redo, & do Castello de Penafiel, com mais algũa ajuda de dinhei-  
ro, à Sê de Braga, & ao Arcebispo Dom Paio, & nella diz estas palavras. *Et quando habuerò terram Portugalensem acquisitam, ciuitatem, & Sedem tuam, & ea quæ ad eam pertinent, tibi, tuisque successoribus in pace dimittam.* Quer dizer: Quando eu chegar a adquirir a terra de Portugal, vos farei entrega, & a vossos successores de vossa cidade, & Sê, & de tudo o que lhe pertence. Parece que tratava então de adquirir o Reyno por armas, porque aquella palavra, *acquisitam*, não denota herança, mas conquista. E daqui se deixa ver como o Arcebispo de Braga fauorecia as partes do Infante, o que deuião fazer muitos outros senhores do Reyno, parte pella esperança que nelle tinham, & parte também pella emulação do Conde Dom Fernando. E assi mais deuiam de ser as terras nesta occasião por parte do Infante, que os dous Castellos de Neiva, & Faria, que nossas historias lhe assinaõ.

Sobre o successo da batalha de Guimaraes escreuem nossos auctores, que o Infante sahio desbaratado do primeiro recontro, & que tornando à peleja por conselho de seu Aio Egz Moniz (o qual lhe acudio com algũa gente de refresco) alcançou a vitoria. Eu nas memorias autenticas que deixo citadas, não acho relação desta variedade, mas simplesmente se

*Liur. fidei  
da sê de  
Braga.*



se attribue a vitoria ao Infante, o que tenho por mais certo.

Sobre a prizão da Rainha Dona Tareja não posso concordar com nossos escriptores, porque elles a fazem muy dilatada, tanto que ate despois da rota de Badajoz (a qual foy no anno de 1169.) affirma o Poeta Portuguez durar a prizão da Rainha, sendo certo (como veremos adiante) que falleceo ella no anno de 1130. Nem tambem a posso pôr em duuida, pois sei que a Rainha esteve cercada, & veyo a poder de seu filho. Refere-se em o liuto fidei da Sé de Braga, como na Era de 1188. (que he na era de 1150.) ouue differença entre o Arcebispo Dom João (este foy o que chamaraõ peculiar successor de Dom Paio) & dous irmãos chamados Pero Godinho, & Mendo Godinho sobre hũa herdade de Pitaães, a qual o Arcebispo dezia pertencer-lhe por concessão de Nuno Soarez, de quem fora primeiro, por doação da Rainha dona Tareja feita à Sé de Braga; & os dous irmãos allegauão, que a mesma Rainha lha dera, quando esteve cercada no castello de Lanhoso. *Fratres verò prædicti* (são as palauras da escriptura) *qui eam tenebant prædictam hereditatem dicebant se eam accepisse à Regina prædicta, cum obsessa teneretur in Lagenoso.*

O castello de Lanhoso he fortissimo por sitio, & para o tempo antigo parece inexpugnauel,

está distante da villa de Guimaraes só duas leguas, he muy proauuel, que perdida a batalha se retirasse a elle a Rainha, se ja não he que se deixou ficar nelle em quanto o Conde Dom Fernando se foy encontrar com o Infante junto a Guimaraes, a qual villa me não cõsta quais partes seguia, sendo prouuel se inclinaria ao Infante, como a seu natural, & de qué esperaria faouores, ainda que nossas Chronicas daõ a entender, que fauorecia as partes da Rainha.

Que a Rainha viesse a poder de seu filho, conta assi do successo das couças, pois vemos ficar o Infante com o senhorio absoluto de Portugal deste tempo em diante; & parece deduzir-se hũas palauras do liuro dos testamentos de Santa Cruz, que dizem assi. *Petenerat namque quondam, ipse præbiter à Regina, & promissum non dederat, quia tunc omnia perturbata, nec sui ipsius potestatem habuerat.* Vai tratando do Arcediogo Dom Tello, o qual para fundar o Mosteiro de Santa Cruz, se diz que tinha pedido à Rainha Dona Tareja o sitio delle, & sendolhe prometido o não alcançara, por estarem então as couças perturbadissimas, & nem a mesma Rainha ser senhora de si propria.

Porem não entendo que ouue nesta prizão os encarecimentos referidos por nossos historiadores, de se pôr a Rainha em ferros, & amal-

Liui. fidei  
da Sé de  
Braga.

& amaldiçoar seu filho, pois he contra todo o bom discurso, & se conuence de falsidade em vermos a Rainha breuemente reconciliada cõ elle, & até o mesmo Conde Dom Fernando, ainda que se passou a Castella acho reduzido a amizade do Infante D.º Afonso, & confirmando nas doações deste Principe, de que adiante se proporaõ exemplos, pello que tenho por sospeitoso tudo o que nisto se funda em particular, o caso do Bispo negro de Coimbra, como adiante mostrarei.

CAPIT. XVI.

*Como el Rey de Castella entrou com exercito em Portugal em fauor de sua tia a Rainha Dona Tareja, & como ouue batalha com seu primo o Infante Dom Afonso Henriquez.*

1128.



M o tempo q a Rainha Dona Tareja (perdida a batalha de Guimaraes) se vio cercada em o Castello de Lanhoso, he pro uauel escreueo a seu sobrinho D. Afonso Rey de Leaó, & Castella, & lhe pedio o socorro que confessão nossos autores. Confirmaõ a jornada del Rey de Castella a Portugal na occasiaõ destas guerras, não só os Portugueses, mas tambẽ

os Castelhanos, & assi com pouco fundamento a negou Duarte Nunes. Em a circunstantia do tempo não falão com a particulatidade, & diligencia necessaria, por que nossos autores affentaõ estes successos, & os referidos em o Capitulo antecedeute, pouco despois da morte do Conde Dom Henrique (o qual he falso.) Os Castelhanos como a materia não he propria sua, se não cãsaõ em aueriguar o tempo della. Eu o assi no em o anno presente não só cõ muita probabilidade suppondo o que todos admitem, ser esta vinda del Rey de Castella a Portugal em socorro da Rainha Dona Tareja, & por petiçaõ sua; mas ainda com certeza, pois o cerco de Guimaraes, que socedeo a esta guerra, foy em o anno seguinte de mil cento & vinte & noue, como mostrarei adiante.

Tanto que em Portugal se soube das preuenções que fazia el Rey de Castella, se vniraõ os Portugueses não só os q ate entrão seguirão as bandeiras do Infante D. Afonso, mas muitos da parte contraria, por se temer que el Rey de Castella com sombra de dar fauor à Rainha tratasse de sogear a terra de Portugal, & fazerse senhor della, offerta que segudo algũs escreuem lhe fizera a mesma Rainha, para o obrigar a vir em sua ajuda. O Infante D. Afonso sabendo que seu primo o vinha cometer pella parte de Gali-

za, lhe sahio ao encontro na veiga de Valdiviez, a qual por causa desta batalha se chama ainha hoje a Veiga de Matança, & está entre a Villa dos Arcos, & a freguesia de S. Andre de Guilhadeies, aonde não auendo lugar de concerto, se deu a batalha, que foi hũa das bem feridas daquelle tempo. Venceraõ os Portugueses, & o Infante Dom Afonso fez por seu braço óbras marauilhosas. Cõ tão nossos autores, que el Rey de Castella se sahio da batalha ferido em hũa perna, & que entre os prisioneiros se acharaõ despois sete Condes. Alcançou o Infante entre outros despojos hũa grande Reliquia do santo Lenho, a qual se depositou na Igreja de Grade, distante hũa legoa do lugar da batalha, & se conserva ainda hoje com memoria continuada de muitos milagres, & singular consolação, & deuação da gente da terra, & he também abonado testemunho desta vitoria.

Esta he a primeira batalha entre Portugueses & Castelhanos das que pertencem a nossa historia, conforme ao tempo de que escreuo, & a noticia que alcansei; não duuidando de outras mais antigas, así em vida do Conde Dom Henrique, como em tempo del Rey de Portugal D.º Garcia, de que em parte se tem tratado no segundo tomo desta historia. E pois esta he a primeira vez que escreuo as discordias destas

duas nações, & na historia se ha de offerecer muitas vezes esta materia, desde agora prometo de escrever com tão pouca paixão, & tanta chaneza o que for mais conforme à verdade, que todos conheção não ser meu intento mais que tratála, pois alem de ser cousa indecente ao historiador fazer exaggerações nas cousas de sua patria, & vlar nas alheas de palauras acerbos, & ditos mordaces, mais proprios de inuectiuas, que de historia; ou saltar na verdadeira relação, & louvores devidos ( como vejo que tem feito alguns escritores Castelhanos, & outros estrangeiros, tratando as cousas de Portugal ) he certo que se não grangea com isto credito: antes se da occasião a notarem, & vituperarem todos a paixão de quem escreue. Ia Polybio notou por esta causa a Fabio Romano, & a Filino Carthaginense, porque escreuendo as guerras destas Republicas, cada hum afeitaua as acções dos seus, & reprovaua as dos outros. Note-se em bora este vicio em outros escritores, que a mi se me não poderá imputar cõ verdade; & tanto mais quanto as cousas de Portugal tem pouca necessidade de exaggerações, & menos de se defraudar a alhea gloria, pois a que nossa gente alcançou em todas as idades, foy grande, como foraõ as obras, das quais ouzou dizer o Poeta Portugues.

*Polybio  
no libr. I.  
da hist. sol  
21.*

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

*As verdadeiras nobzas são tamanhas,  
Que excedem as sonhadas fabulosas.*

Muitas guerras ouue entre a nação Portuguesa, & Castelhana em todo o discurso de tempo q̃ tiueraõ Reys separados. Grande-mente se admira Franqui da continuação, & porfia com que estas duas nações se fizeraõ mal hũa à outra, & posto q̃ elle fazendo força nos odios capitaes de ambos, não tire outra vtilidade destas guerras mais que serem causa de se exercitar a milicia, podemos levantar mais o discurso, & affirmar sem temeridade, permitio Deos o exercicio das armas entre Portugueses, & Castelhanos (nações escolhidas por elle entre todas as do mūdo, para mayor augmento da Christandade) para servir a emulação antiga ao mayor fructo de suas emprezas. E assi vemos, que firmadas as vltimas pazes destes dous Reynos, & diuidida entre elles a conquista do Mundo (que sô o restante do mūdo se podia offerecer como a matia igoal a estas nações, quando se punha fim a suas contendias) se occuparaõ como em competencia huns & outros na conquista de novas terras. Ganhou se pellas armas dos Castelhanos hum nouo mundo cheo de varios Reynos, & senhorios, de que tem entrado no gremio da Igreja Catholica milhares almas. Pello valor, & na-

uegação dos Portugueses se adquirio o Brasil na America, muitos Reynos, & senhorios em Africa, estados importantissimos na Asia, sem muitas Ilhas em diuersas alturas do mar Oceano, de q̃ tem resultado grande augmento á Igreja do Senhor, com que se vai renouando de novas plantas em lugar dos troncos velhos, que nas partes do Norte, & em outras por causa das heregias estão della separadas.

El Rey de Castella magoado ao presente da ruina de seu exercito, & cheo de indignação, & proposito de se satisfazer ao diante, se retirou a seus Reynos O Infante Dom Afonso alcançada tão importante vitoria, reduzio breuemente a sua obediencia todo o senhorio de Portugal, & sua propria mãy se lhe deuia entregar cõ toda a gente de guerra que estaua em Lanhoso, de sorte que ja no anno de 1129. não auia quem leuãtasse contra elle lança, como consta de certa doação de Arouca feita pello mesmo Infante a Monio Rodriguez em 8. dos Idos de Abril da Era de 1167. que são seis de Abril do anno de 1129. na qual diz estas palauras. *Ego Infans Alfonsus Henrici Comitii filius, ab omni pressura alienus, & Columbriensium, ac totius vrbium Portugal. Dei prouidentia dominus securus effectus, &c.* Isto he: Eu o Infante Dom Afonso, filho do Conde D. Henriq̃ liure ja de todo o cuidado, & oppressão,

Arquivo  
do Mostei-  
ro de Arou-  
ca e regi-  
nal. & no  
liuro das  
doações.

oppressão, & por diuina prouidencia feito senhor em pacifica posse de Coimbra, & de todas as cidades de Portugal, &c. Bem se deixa ver destas palauras não só a breuidade com que o Infante se fez senhor do estado de Portugal como imos mostrando, mas também as guerras, & differenças antecedentes, as quais ficão relatadas, & confirmadas. E assi se pode ter por cousa sem duuida, que do anno do Senhor de mil & cento & vinte e oito começou o senhorio deste Principe, & antes deste tempo não ha d'elle memoria. E nesta conformidade pertence a seu reinado a historia, que ja daqui em diante se for escreuendo.

CAPIT. XVII.

*Como o Infante Dom Afonso tomou o gouerno de Portugal. Do estado das cousas da Christandade, em particular de Espanha.*

1128.



Chegamos a dar principio ás cousas do Infante D. Afonso Henriques, materia illustre, gloriosa, & a mais importante desta historia; porque este felicissimo Principe não só com as armas & valor deu lustre ao nome de Portugal, & estendeo seu

senhorio : mas foi o primeiro que alcançou com sua espada o titulo Real; o defendeo com a mesma das forças dos Principes Christãos, & engrandeceo contra as dos Mouros com vitorias continuas, & milagrosas. Necessario era hum engenho igoal à grandeza de suas obras, mas em quanto o Ceo o não concede, professarei hum diligente inuestigador, & fiel relator de suas façanhas tantas em numero, & tão grandes na excellencia, que faltando a noticia de muitas, as que ficarão são bastantes a dar lugar a este inclyto Rey entre os mais insignes em paz, & guerra que o mundo teue. Quando torrou o gouerno de Portugal, este era o estado das cousas da Christandade.

Faltâra em Roma no fim do anno de mil & cento, & vinte & quatro o insigne Pontifice Calixto Segundo, venturoso na pacificação da Igreja com a prisão do Antipapa Mauricio (de quem ja tratamos) & com a restituição que por meyo della deu, de paz vniuersal á Christandade. Por sua morte foy eleito Honorio Segundo do nome, natural de Bolonha, o qual antes se chamaua Lamberto, & era Bispo de Ostia. Este Pontifice acabou de extirpar as reliquias do scilima passado com a renúnciação que fez o Antipapa Celestino, successor de Gregorio, o qual tambem

Q tinha

## Liuro IX. Da Monarchia Lusitana.

tinha renunciado. Presidio Honorio na Igreja de Deos ate o anno de 1130. em que foy eleito Innocencio Segundo.

As cousas da terra Santa estavam nesta occasião prosperas, & florentes. El Rey Balduino ( de que ja falamos) governou aquelle nouo Reyno dezoito annos cõ grande valor, & cuidado. Cõ suas armas, & socorro dos Principes Occidentaes se ganharaõ aos infieis as cidades de Tripol, Ptolemaida, Beritho, & Sidonia, posto que em hũa batalha ficaraõ as cousas dos Christãos notavelmente affligidas, as quais com animo, & prudencia, foy el Rey sustentando até o anno do Senhor de mil & cento & dezoito, em q̃ lhe sobreueio a morte, fazendo jornada contra os infieis do Egipto. Estaua então em Hierusalem Balduino de Burgo, Conde de Edeffa, parente do Rey defunto, & hum dos senhores que passaraõ de França à primeira conquista, o qual se julgou por digno da succellão daquelle Reyno por concorrerem nelle partes de bõ Capitão, & Religioso Principe, ainda que auia em França Eustachio irmão de Balduino, a quem pertencia a Coroa, mas julgouse a vinda deste Principe por muy dilatarada, & que poderia arriscar o estado do Reyno, o qual requeria assistencia da pessoa Real. Balduino tomando o sceptro teue logo que sentir os reuezes da for

tuna, ficando em certo recontro catiuo de Balac Rey dos Turcos, o qual o teue em prisão dezoito mezes. Ganhoulse entre tanto pelas armas dos fieis a Cidade de Tyro fortissima em sitio, & de grande importancia, & foy nesta empreza o principal lounor dos Venezianos, os quais assistiraõ nella com grande armada. El Rey restituído aos seus por grande copia de dinheiro alcançou algũas vitorias, primeiro dos Tuicos, logo dos Ascalonitas, & finalmente dos Damascenos, & corria ja o anno do Senhor em mil cento & vinte & seis. Ao fim veyo a morrer no de mil & cento & trinta & hum cheo de dias, & boas obras, deixando por herdeiro Fulcon, casado com sua filha Melesenda, dos quais era nacido Balduino Rey pello tempo adiante daquelles estados.

O Imperio Occidental administraua do anno de mil cento & vinte & cinco Lothario Duque de Saxonia com mayor ventura da Igreja Catholica, a qual fora grandemente perseguida pellos Emperadores Henriques antecessores de Lothario. Não careceo sua eleição de duuidas, que teue por oppositoies Conrado, & Frederico Duques de Fráconia, & Sueuia, sobrinhos do ultimo Henrique: mas em breue se reconciliaraõ por meyo de nosso Padre S. Bernardo coluna do pouo Christão, & refugio nas perturbacões daquelle

Guilbe.  
Tyrolib.  
10. ca. 7.  
& lib. 11.  
c. 10. 13. 14  
15. & 31.

Idem lib.  
12. 64.

Idem lib. 5.  
12 c. 17 -

Ibid. c. 23

Pannitz.  
in Cbro. 1125.  
log. do a 12.  
1125.  
Baron. lib. 2  
Mexia 7.  
vida de L. o  
thario.  
Baptista  
Foner  
outros.

daquelle tempo. Lothario administrou o gouerno do Imperio até o anno de 1138. em que faleceo, deixando illustre fama, por socorrer á Igreja, & ao Pontifice Innocencio Segundo, no tẽpo em q se moueraõ as perseguiçoẽs, de q ainda trataremos.

*Panuino vbi sup.* Em Constantinopla reinaua o Emperador Ioão Comneno, & reue o sceptro do anno de mil & cento & dezoito ate o de mil cento & quarenta & tres.

*Emilius na vida del Rey Roberto, & mais addicte.* Rey de França era Luis o Grosso filho de Felipe, o principio de seu reinado foy no anno de mil cento & dez, & chegou ao de mil cento & trinta & sete; era segundo primo do Conde Dom Henrique, por quanto Felipe seu pay fora filho del Rey Henrique, irmão do Duque Roberto, o qual como temos mostrado era auô paterno do Conde Dom Henrique.

Reinava em Castella D. Afonso o Septimo do anno de 1122. pouco mais o menos. Em Aragão, & Nauarra o valeroso Rey D. Afonso, o qual fora casado com a Rainha de Castella Dona Vrraca, & por este respeito he contado taõ-bem de alguns autores entre os Reis desta Coroa com nome de Afonso Septimo Foy muy bellicofo, & despois de auer feito cousas insignes em armas, veio a morrer desgraciadamente no anno de 1134. em hũa batalha q lhe deraõ os Mouros estando no cerco de Fraga. Por sua morte se diuidiraõ

& diminuiãõ seus estados. Os Aragoneses leuantaraõ por Rey a D. Ramiro seu irmão, Monge então do Patriarcha S. Bento. Os Nauarros derão o Reyno a Dom Sancho bisneto de D. Sancho o vltime Rey de Nauarra, a quem matou em batalha seu irmão D. Fernando o primeiro Rey de Castella pay de D. Afonso Sexto, & bisauô del Rey D. Afonso Henriques. E para mayor clareza desta ascendencia, & do parentesco dos Reis Christãos de Espanha naquelle tempo.

Deuemos aduirtir q pellos annos de 1015. começou a reinar em Nauarra D. Sancho o Mayor, filho del Rey D. Garcia o Tẽbloso; tempo em q possuia o Reyno de Leão D. Bermudo o Terceiro, o qual foy o Rey 24. em numero daquella Coroa, começando a contar del Rey D. Pelaio, & gouernaua Castella cõ titulo de Cõdado D. Sancho neto do grande Conde Fernão Gonçaluez. Foy casado el Rey D. Sancho o Mayor cõ Dona Nuna filha do Conde Dõ Sancho, & herdou por via de sua molher o senhorio de Castella, quando o Conde Dom Vela, & outros seus parentes mataraõ a traição a Dom Garcia, filho, & successor do Conde Dõ Sancho, cujo triste caso aconteceo no anno do Senhor de mil & vinte & noue.

Veyo a falecer el Rey Dom Sancho no anno do Senhor de

*Mariana na tabla dos Reis de Espanha. Carri. na hist. Chronolog. & outros.*

## *Liuro I X. da Monarchia Lusitana.*

1035. deixando seus estados reparados na forma seguinte. A Dom Garcia o mais velho de seus filhos ficou Navarra, Reyno naquelle tempo mais dilatado. Dó Fernando alcançou Castella, Dó Gonçalo Sobarue. A outro filho natural (ou de outra primeira mulher, como affirmão algũs autores) fez entrega das terras de Aragoão, ordenando se intitulassem todos Reys, & assi tiueraõ principio em hum mesmo dia os Reynos de Castella, Aragoão, & Sobarue nos filhos del Rey Dom Sancho. Não viveo el Rey Dom Gonçalo muito tempo, nem seu Reyno de Sobarue permaneceu, antes se vnio breuemente com os estados de Aragoão, & Navarra vi-finhos. El Rey Dom Fernando de Castella casou com hũa irmãa del Rey de Leão Dom Bermudo com o qual teve guerra, & matandoo em hũa batalha ficou senhor de ambos estes Reynos, os quais deixou muy acrescentados a seus tres filhos Dom Sancho Rey de Castella, Dom Afonso de Leão, & Dom Garcia de Portugal & Galiza; todos os quais Reynos breuemente se tornaraõ a vnir em el Rey Dom Afonso o Segundo dos irmãos, a quem chamamos o Sexto, respeitando os Reys de Leão seus antecessores, que se ouermos de attentar sò a Castella era o primeiro do nome. Não tenho q̃ declarar aqui sua decendencia, pois temos mo-

strado, como por sua morte ficaraõ duas filhas, Dona Vrraca Rainha de Castella & Leão, Dona Tareja de Portugal, mais dos dous Principes Afonlos, que possuaõ estas Coroas na occasiã presente, em q̃ vai correndo nossa historia.

Dom Ramiro Rey de Aragoão (hũ dos filhos del Rey D. Sancho o mayor) foi morto pollos Mouros junto a Grauz no anno do Senhor de 1063. depois de ter reinado 28. annos, deixou por herdeiro a seu filho D. Sancho Ramirez; o qual morreo de hũa setada no cerco de Huesca, correndo o anno do Senhor em 1054. Depois delle reinaraõ successivamente seus filhos Dom Pedro, que morreo no anno de 1104. & D. Afonso o batalhador, de quem temos escrito ser morto desgraciadamente junto a Fraga, correndo o anno de Christo de mil & cento & trinta & quatro.

Dom Garcia Rey de Navarra filho mais velho del Rey D. Sancho o mayor, moveo guerra a seu irmão D. Fernando Rey de Castella, & sendo nella morto, deu causa a se diminuir o Reyno de Navarra, tomando nesta perturbação algũas terras delle os Aragoneses; & outras os Castelhanos. Ficaraõlhe dous filhos, o mais velho se chamaua Dom Sancho, o segundo Dom Ramon; & este matando a seu irmão com intento de o herdar, não sò ficou excluido da herança, mas foy occasiã



ocasião de se vnr Nauarra com Aragaão, porque em seu odio nomearaõ os Nauarros por seu Rey a Dom Sancho Ramires Rey de Aragaão, de quem temos falado, o qual possuio em sua vida esta Coroa, & a deixou em successão a seus filhos Dom Pedro, & Dom Afonso, que a governaraõ.

Morto Dom Afonso sem filhos, se tornaraõ a separar os dous Reynos. Em Aragaão foi nomeado Dom Ramiro, irmão do Rey defunto, Monge então do Patriarcha S. Bento. Os Nauarros fizeraõ eleição de Dom Garcia, neto de Dom Sancho o que dissemos ser mor morto por seu irmão Dom Ramon. Era este Dõ Garcia filho de hũ filho del Rey chamado Dom Ramiro, o qual por ser minino quando mataraõ seu pay, perdeo por então o Reyno, que os Nauarros em odio de Dom Ramon o fraticida busca-raõ Rey de idade, & valor, que os defendesse de sua tyrannia.

Conforme esta decendencia el Rey Dom Garcia de Nauarra successor de Dom Afonso o batalha dor era sobrinho do mesmo D. Afonso, filho de seu primo segundo. O mesmo Dom Afonso era primo segundo da Rainha de Castella Dona Vrraca, com quem esteue casado, & da Rainha de Portugal Dona Tareja, bisnetos todos tres de D. Sancho o maior Rey de Nauarra. E assi fica claro o parentesco do Infante Dom

Afonso de Portugal com os outros Reys de Espanha, por via de Dom Sancho o mayor Rey de Nauarra; alem do qual tinha cõ el Rey de Castella mais estreita consanguinidade, pois eraõ netos ambos por via materna del Rey Dom Afonso o Sexto, não falando em o outro parentesco que tinhão por via de seus pais os Condes Dom Raymundo, & Dõ Henrique.

Comprehendia então o estado do Infante Dom Afonso algumas terras em Galiza, toda a provincia de entre Douro, & Minho a que chamamos Tralosmontes, & as terras da Beira entre os Rios Douro, & Mondego. Com tão estreito, & limitado poder fez cõtinue guerra aos Mouros, & quasi sempre com prospera fortuna, ganhoulhes toda a terra da Estremadura, a qual se dilata de Coimbra até Sintra por espaço de quasi quarenta legoas. Conquistou Alentejo, foygeitou o Algarue, & muitas terras de Andaluzia, como expressamente o diz a historia dos Godos, posto que estas vltimas se rebellaraõ pello tempo adiante, por não auer Christãos que as habitassem, nem presidios que as enfreassem. O modo com que possuio seus estados foi sempre de senhor independente. Por sua grande piedade quis fazer seu Reyno feudatario à Santa Sè Apostolica, & ao mosteiro de Claraual de nossa Ordem Cisterciense.

## Liuro IX. Da Monarchia Lusitana.

Nunca vſou titulo de Conde, de ordinario ſe nomea Infante, & algũas vezes Principe, não na forma que oje ſe intitulaõ os filhos dos Reys herdeiros, mas por ſer ſenhor dos Portugueſes. Em a doaçãõ do Couto de Regalados feita pello Infante ao Arcebiſpo de Braga Dom Paio, eſtãõ eſtas palauras no principio. *Ego Infans Adefonſus per diuinam clementiã Portugalenſium Princeps.* Eu o Infante Dom Afonſo pella diuina clemẽcia Principe dos Portugueſes, iſto he, ſenhor dos Portugueſes. De ſorte, que o nome de Infante lhe competia por filho de Rainha, que andaua no predicamento dos outros filhos de Reys; o de Principe tomaua pello ſenhorio da terra. Se algũa vez o acharem intitulado com eſta palaura, *Dux*, deue ſignificar Capitãõ, & não Duque. O titulo de Rey tomou deſpois da batalha de Ourique, ainda que antes della o vejo nomeado algũas vezes Rey, como em o foral de Ponte de Lima, em hũa eſcritura de Sãõ Ioãõ de Alpendorada, na eſcritura do Couto do moſteiro de Sãõ Chriſtouãõ de Lafoẽs, & em outros lugares, o que deuia de ſe lhe attribuir como a Principe abſoluto ſenhor de

Reyno.

(r)

### CAPIT. XVIII.

*De algũas couſas tocantes ao gouerno da paz. Dos primeiros annos do Infante Dom Afonſo.*



M primeiro lugar ſe me offerece a eleiçãõ do Biſpo de Coimbra Dom Bernardo, com a qual ſe hãõ de reſutar algũs erros de noſſas historias. Ia atraz moſtrei como eſtaua vaga a Igreja de Coimbra por morte do Biſpo Dom Gonçalo em o tempo das guerras ciuis entre a Rainha Donna Tareja, & ſeu filho, & como preualecendo o Infante foy nomeado por Biſpo Dom Bernardo, excluindo o Arcediago D. Telo, a quem dantes os priuados da Rainha ſe inclinauãõ. E conforme a eſta reſoluçãõ de que dã certeza o liuro do teſtamentos de Santa Cruz, ſeria a eleiçãõ de D. Bernardo do mes de Iulho de mil cento & vinteito em diante, pois em o fim de Junho tomou o Infante Dom Afonſo o gouerno do Reyno. A tres de Setembro deſte meſmo anno confirma Dom Bernardo, com o nome de Biſpo eleito, como ſe pode ver em a eſcritura do Couto de Coja, que lhe fez o Infante Dom Afonſo. Confirmaõ mais na meſma eſcritura Paio Soares, Nuno Vida, Aluito

Recha.

*Liuro da  
Sẽ de Co-  
imbra.  
fol. 87.*

*Archizo  
dameſma  
Sẽ da ga-  
ueia 16.  
no ſacco-  
de Alagoã*

Rechamundez, Gonçalo Diaz, Ermigio CurieDapifer. E são testemunhas, Randulfo, Paio Diaz, & Fernando, Pedro escriuão do Infante notou a carta, & tem ella por firma o nome de Portugal com hũa Cruz no meio.

Tambem consta da eleição do mesmo Bispo de hũa confirmação de certos casaes em São Pedro do Sul, que lhe fez o mesmo Infante, no fim deste proprio anno, sobre os quais auia precedido grande contenda. E foi o caso que deixando Ioão Gozendez (hum dos fidalgos principaes daquelle tempo, como se colhe da fugeição do mosteiro de Loruão aos Bispos de Coimbra feita pello Conde D<sup>o</sup> Henrique, na qual confirma) entre outros legados, muitas herdades à Sé de Coimbra, se oppuserão Mendo Nunez Sueiro Nunez, & Eluira Nunez filhos de hũa sua irmãa a esta herança, dizendo q seu tio lhe auia deixado parte della. E como lhe faltasse escritura, & Dom Gonçalo Bispo então de Coimbra os contrariasse, se diz foraõ a Viseu ante Gonçalo Gonçaluez, & os Infanções, & Baroões de Alafoes, os quais trataraõ de os concertar com o Bispo, allegando serẽ bõs Caualeiros, & seus parentes. Foy feita a composição com se deixarem certos casaes áquelles fidalgos, fazendo elles renunciação de toda a outra fazenda, & desta q ficou á Sé de Coimbra fez confir-

mação o Infante Dom Afonso ao Bispo Dom Bernardo em o anno referido de 1128. & nella estão asinados Ermigio Moniz, Paio Soarez, Vida Nunez, Afonso Paez, Afonso Conde, Aluito Rechamundes, & seguense outros com nome de testemunhas. Adquirto que as folhas 189. do mesmo liuro está outra escritura sobre a mesma materia, a qual tem dez annos menos na Era por falta de quem tresladou o liuro, porque confirma nella o Bispo Dom Bernardo, & não podia ser antes do anno de 1128.

Em o fim de Feuereiro do anno seguinte de 1129. largou o Bispo Dom Bernardo a Don<sup>o</sup> Hugo Bispo do Porto por emprestimo a Villa de entrambos os Rios, & diz que o faz pello grande amor que entre elles auia.

No anno de 1130. ha muitas escrituras das quais consta ser Bispo de Coimbra Dom Bernardo, & asistir em Portugal. Em hũa faz o Infante Dom Afonso doação à Sé de Braga da terra de Regalados, he sua data a 20. de julho, & confirmão nella os senhores seguintes nesta forma. *Bernardus Columbriensis Episcopus confirmat, Comes Fernandus confirmat, Fernandus Captiuus Alferaz conf. Gueda Menendiz conf. Ermigius Moniz Curie Dapifer conf. Petrus Cancellarius Infantis notauit.*

Outra doação ha tambem do mesmo anno muy notauel, he da

Liuro da  
Sé de Co-  
imbr. fol.  
87. & fol.  
115.  
Archiuo  
da mesma  
Sé.

Liur. das  
doações  
da Sé de  
Coimbra  
fol. 177.

Liur. fidei  
da Sé de  
Braga.

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

Torre do  
Tombo no  
liuro das  
ordens mi-  
litares  
fol. 20.

Villa de Soure feita aos Templarios pello Infante Dom Afonso, em que diz lhes concede esta Villa pello bem de sua alma, & de seus paes, & pella grande affeição com que os tratava como irmão de cada hum. Nella estão as firmas dos senhores deste modo. *Bernardus Colimbriensis Episcopus confirmat, Egas Gofendiz conf. Pelagius Goterrez da Sylua conf. Ermigius Venegas conf. Ioannes Rania confir. Suertus Menendiz conf. Ermigius Moniz Carie Dapifer conf. Egas Moniz conf. Laurentius Alferez conf. Reimandus Garfe confirmat, Petrus Pacs confirmat.*

Nesta conformidade se acha o nome do Bispo Dom Bernardo nas escrituras dos annos seguintes as quais agora não cito por breuidade. E sendo certo (como mostraremos) ser a morte da Rainha Dona Tareja em o anno de 1130. se fica refutando bastante-mente o dito de nossas Chronicas acerca da eleição de hum Bispo negro em Coimbra, & da vinda de hum Cardeal a ensinar a Fé a el Rey Dó Afonso Henriques. Escreue o autor da Chronica del Rey Dom Afonso, que estando prelá a mãy deste Principe, se mandou queixar ao Summo Pontifice do mau termo que com ella se vsaua. E vindo o Bispo de Coimbra, o qual então assistia em Roma, a fim de reduzir à concordia estes Principes, & não podendo conseguir este effeito, se

tornou a Roma, deixando promulgadas censuras contra el Rey Dom Afonso, o qual dizem fez então Bispo de Coimbra hum clerigo negro, por nome Martinho. Isto alem de não ter verosimilidade algũa, se conuence ser falso destas escrituras alegadas, & do modo da eleição do Bispo D. Bernardo, do que faço a demonstração seguinte.

Se algum Bispo de Coimbra podia aduirtir el Rey Dó Afonso no tempo da prizão de sua mãy, foy Dom Bernardo, por ser sua eleição no principio do gouerno deste Principe, & não auer outro Bispo de Coimbra quando a Rainha Dona Tareja ficou em poder de seu filho até o tempo em que morreo. Não he possiuel que fosse Dó Bernardo, por onde he falso o que se diz nesta materia. Que neste tempo não ouuesse outro Bispo em Coimbra, consta clarissimamente das escrituras propostas; & que a Dom Bernardo não pudesse acontecer o que se refere daquelle Bispo de Coimbra, que veio de Roma a amonestar el Rey Dom Afonso, & se voltou na forma referida, se prova primeiramente de sua assistencia em Portugal em o discurso destes dous annos em que viueo a Rainha. Mostra-se mais em ser este Bispo da facção do Infante Dom Afonso no tempo destas alterações, pois (como ja em outro lugar aduertimos) tratando a Rainha

Liuro dos  
testame-  
n. de S. a  
Cruz de  
Coimbra.

nha Dona Tareja de se eleger em Coimbra em lugar do Bispo D.º Gonçalo o Arce-diago Telo. Succedeo neste meyo tempo a guerra ciuil entre a mesma Rainha, & seu filho, de que resultou a vitoria do Infante, & a eleição de Dom Bernardo, por parecer & approuação dos priuados do Infante, & assi he couza muy difficulcosa que este mesmo Bispo fauorecesse depois as partes da Rainha. Quanto mais que nesta prizaõ da Rainha não ouue as indecencias particularizadas por nossos autores, como tambem não durou muito, pois a vida desta Princeza foy breue, & antes da morte estaua conforme com seu filho, & ainda o mesmo Conde Dom Fernando, principal occasiã daquellas guerras, pois em hũa das escrituras allegadas vemos sua firma entre a dos outros senhores, & não sabemos de outro Conde Dom Fernando a quem se attribua.

Deste principio se fica destruindo o que mais se refere da vinda do Cardeal a este Reyno, depois do successo do Bispo de Coimbra, & dos termos indecetes que el Rey viu com elle; pois não durando a prizaõ da Rainha o tempo quedizem, nem auendo nella os apertos que fingem, nem auia lugar para o successo do Bispo de Coimbra, nem para a vinda do Cardeal Legado. Por differente caminho a exclue Duarte Nunez, parecendolhe ser neste tem-

po tão pequena a autoridade dos Cardeaes, que não podião bem exercitar o officio de Embaxadores do Summo Pontifice. pois eraõ só meros Curas das Igrejas de Roma. Porem ja moltramos em outro lugar, como exercitauão o officio de Legados Apostolicos os Cardeaes daquelle tempo, & ainda veremos algũs exemplos. Nem esta dignidade he tão moderna como pareceo áquelle autor, pois ja no anno do Senhor de 765. faz menção della o Cardeal Cesar Baronio, como de couza principalissima, dizendo. *Aqui se faz a primeira vez memoria de sete Bispos Cardeaes, aquelles, que tendo seus Bispados mais vestinhos a Roma, assistião ao Summo Pontifice como adjuntos, &c.* E assi mal se pode negar a vinda daquelle Cardeal a Portugal, pello respeito allegado. Com mayor fundamento a excluimos, pois não precederão as causas que della se asinão.

Não deixarei de apontar aqui o que escreue Rogerio de Houc- dem autor Ingres contemporaneo, del Rey D.º Afonso, donde pode ser se tomasse occasiã do que se finge da vinda do Cardeal. Diz elle, que vindo o Cardeal Iacinto por Legado a Espanha (o que foy muitos annos adiante) suspendeo algũs Bispos, & Abba-des, & querendo fazer o mesmo ao Bispo de Coimbra. el Rey D.º Afonso Hériques o não consintio, & lhe mandou dizer fuisse de suas

Baron no  
anno de  
765. n.º 12

Rogerio  
na h.ª. del  
Rey Hen-  
rique 2.  
fol. 640.

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

suas terras, se não que lhe cortaria hũa perna. E que o Cardeal com grande medo se pos logo a caminho. Pode ser que isto desse causa às outras fabulas que se contaõ.

### CAPIT. XIX.

*Do cerco de Guimaraës posto por el Rey de Castella. Da ida de Egas Moniz a Toledo. Da probabilidade destes successos, & da causa delles.*

1129.

*Chronica  
escrita de  
mão cap.  
8, 9, & 10*



Vy celebrada he em nossas historias a ida de Egas Moniz a Castella com sua mulher & filhos, por dar satisfação ao Emperador Dom Afonso da promessa feita no cerco de Guimaraës. E foy o caso segundo dizẽ, que sentido o Emperador da desgraça passada na rota de Valdevez, & desejando sanearse desta quebra, fez preparação de gente de guerra com o mór segredo possiuel, & entrando em Portugal pella parte de Galiza, se veio quasi repentinamente lançar sobre a villa de Guimaraës, aonde entaõ residia a Corte, & assistia o Infante Dom Afonso.

Neste cerco não pode auer duuida, porque o confessa el Rey Dom Afonso Henriques, sendo

ainda Infante em hũa doação do cartorio de Pedroso, que faz a Mem Fernandez de certas herdades no Conto de Osselloa em terra de Vouga, cuja data he no mes de Mayo da Era de 1167. que he anno de 1129. & diz que lhe faz esta merce pollo auer bẽferuido com Sueiro Mendez o Grosso, & outros de sua geração no cerco de Guimaraës que lhe pusera el Rey de Castella seu parente. São as palauras formais que declaraõ isto. *Proseruiui quod mihi fecisti in obsidione Vimarennensi aduersus Regem Alfonsum meum consanguineum vnã cum Suario Menendi di-Elas Grossus, & cum alijs de suo genere.* Assim que ja em Mayo de 1129. tinha precedido o cerco em Guimaraës.

Auia pouco que esta Villa fôra ganhada pello mesmo Infante, que segundo dão a entender nossos escritores, deniaõ seguir as partes da Rainha Dona Tareja, & assi se conquistaria, ou entregaria com o Castello de Lanhofo, & mais forças de sua parcialidade; & por esta causa, & breuidade do tempo não estaua ainda tambem fortalecida como conuinha, nem auia nella a gente da guerra necessaria. Por estas razões julgou o prudente Capitão Egas Moniz aão do Infante, & principal ministro de suas cousas, ser conueniente vsar entaõ de cautela com o inimigo. E assi passado algum tempo do cerco, sahio fora da Villa, & pedindo

pedindo audiência particular ao Emperador lhe soube propor có-  
rão boa ordem o estado das cou-  
tas presentes, como a empreza era  
de graão difficuldade pella fortale-  
za da Villa, valor do Infante D.  
Afonso, & da gente Portuguesa  
que dentro estava, a qual era pel-  
la mayor parte exercitada em  
guerras, & com a memoria fres-  
ca da vitoria de Valdeuez estava  
mais animada. Que considerasse  
como Principe Catholico, não  
seruião para mais estas dissensões  
entre os Reis Christãos, que de  
consumirem suas forças, de pro-  
por aos Mouros alegre especta-  
culo, & lhe facilitar as empresas.  
Com estas, & outras razões obri-  
gou Egas Moniz ao Emperador  
levantar o cerco; ajuntandose (se-  
gundo dizem) a promessa que  
fez de obrigar o Infante a ir às  
Cortes de Leão nas occasiões que  
as ouvesse. O que eu não appro-  
uo, fundado no que fica dito da  
soberania de Portugal, & só ad-  
mito a promessa de se restituíre  
algũas terras que os Portugueses  
possuião em Leão, & Galiza.

Não soube o Infante Dom  
Afonso destes tratos, & assi ficou  
admirado, quando vio repenti-  
namente levantar-se o cerco; &  
cheo de indignação quando lhe  
constou da promessa que fizera  
sem Aio. Mas elle como tinha tra-  
çado o cumprimeto della por or-  
dem differente do que se imagi-  
nava, soube aplacar a ira do Prin-

cipe na occasião presente com ra-  
zões efficaces, & pello tépo adian-  
te dar satisfação ao que auia pro-  
metido, por hũ modo raro, qual  
foy ir-se a Toledo com sua mo-  
lher & filhos, & apparecer ante o  
Emperador Dom Afonso em  
trajos humildes com cordas ao  
pescoço, offerecêdo sua vida pro-  
pria, & dos seus, a troco da pala-  
ura mal cumprida. E posto que  
este espectáculo causasse ao prin-  
cipio indignação naquelle Prin-  
cipe, contudo tomando melhor  
acordo, & cõ o parecer dos Grã-  
des de sua Corte fez bom acolhi-  
mento à illustre familia, & deu  
por quite o leal vassallo de sua pro-  
messa. E com isto fizeraõ volta a  
Portugal, & todos alegres pello  
bom successo, & com exemplo de  
fidelidade, & imitação pouco vul-  
gar aos futuros.

Reprouão alguns autores esta  
historia, & se persuadem ser equi-  
uocação, ou engano de outra se-  
melhante, que poucos annos an-  
tes acontecera em Castella. E foy  
que quando el Rey Dom Afon-  
so de Aragoão fazia guerra em  
Castella contra sua molher a Rai-  
nha D. Vrraca, o Conde Dó Pe-  
ransures não obstante que auia  
feito omenagem a el Rey de al-  
gũas fortalezas, as entregou des-  
pois á Rainha. E ainda que a ac-  
ção parecia justificada, por ser  
aquella Princesa Rainha proprie-  
taria, a quem seus vassallos deniaõ  
obediencia; cuidadoso despois da

Duar. Na  
nez.

fe

## *Liuro IX. da Monarchia Lusitana.*

fê que a el Rey de Aragaõ tinha dado, se foy offerecer como reo com hũa corda o peçoço, para q̃lhe desse o castigo merecido. Alterou-se el Rey ao principio com aquella vista, & reportando-se depois, & ainda aduertido pellos seus, como aquelle Cavaleiro cumpria bem com o que devia a sua lealdade, o tratou bem, & com palavras de louvor, & honra lhe perdoou aquella offensa. Com este successo querem se enganarem nossos historiadores, referindo outro semelhante de Egas Moniz, o qual tem por fabuloso. Mas não sei que contradição ou duvida pode auer no exemplo de lealdade que deu Egas Moniz, por auer precedido outro no Conde Dom Peransures, quando a verdade do primeiro facilita mais a possibilidade, & verdade do segundo.

Reprouão mais a ida de Egas Moniz a Castella na forma referida, por notarem indecencia em elle, & seus filhos irem meios despidos, & a mulher em trajo pouco decente, não vendo, que alem do exêplo do Conde D. Peransures varão insigne, & veneravel daquelle idade, ja antigamente precedera outro no consul Mancino sem o julgar por indecente a antiguidade. Estando no cerco de Numancia o Consul Mancino Hostilio, se mandou entregar despidido & maniatado aos inimigos, vendo que faltauão os Roma-

nos aos de Numancia em alguns concertos que tinham feito. Porêlles que se não presauão menos de vencer os Romanos com primores, que com esforço & armas, deixaraõ ir o Consul liuremente, dizendo se não satisfazia bem a quebra da fé publica com o castigo de hũa particular pessoa, ainda que tão principal como era o Consul. Feito insigne, & bemafortunado, & de igoal louvor a ambas as partes, a que não ficou inferior a ida do illustre Portugues a Castella; a qual não he bê que se negue só por conjecturas mal fundadas.

Ja tenho aduertido, que as historias antigas não deuem ser reprouadas com facilidade, pois a tradição he de muita força, & só se deuem emendar, quando ouner escrituras, & doações autenticas que as contradigão. Mas querer annullar o que ellas dizê sem fundamento de escrituras, por parecer proprio, & discurso particular (como fazem alguns) nem merece louvor, nem acêixa de ser atreuimento. Esta ida de Egas Moniz a Castella está fundada na tradição antiga, escrita por nossos autores, & pellos estranhos, não contem indecencia, ou impossibilidade algũa, nem se reproua por escrituras, ou doações, não vejo porque se aja de negar.

O Doutor Frey Bernardo de Brito allega em confirmação desta ida de Egas Moniz certa memo-

*Brit. h.  
de Cist. f. 2.  
5. 6. 7.*

ria



ria da fundação de Santa Maria da estrellla mosteiro de nossa Religião, hoje annexo ao Collegio de São Bernardo de Coimbra, a qual se continha em hum liuro antigo das fundações das casas de nossa Ordem. E nellas se dezia expressamente como aquelle mosteiro se fundara pello bom successo de Egas Moniz, & por voto que fizera quando foy a Castella. Ajuntandose tamõem o milagre de dous Vffos. de que a a Virgê Senhora nossa o liurara andando a caça. Este successo dos Vffos, & do perigo em que se vio Egas Moniz, achei eu cõfirmado em hũa memoria do Mosteiro de Carquere, q me veio á mão.

Memoria  
escripta de  
mão do  
mosteiro  
de Carque  
re.

Faz tambem muito em proua desta ida de Egas Moniz a Castella, & do modo que foraõ elle, & os seus, levando cordas ao pescoffo, o debuxo que ostã no sepulchro deste fidalgo em Paço de Sousa, aonde se vê a sua imagem a cavallo com outras que parecem de filhos, & criados todos meios despídos com cordas ao pescoffo, os quais parece representaõ esta ida a Castella, & o modo della, conforme a tradição antiga. Estaua esta sepultura em Capella particular à entrada da Igreja, não ha muito tempo que se mudou para a Capella mór, aonde permanece, ainda que oje se não pode ver toda em circuito, por ficar encostada na parede da mesma Capella.

No assento que tomou Egas Moniz em Guimaraes com el Rey de Castella, de fazer que o Infante fosse a suas Cortes, não conuenho com nossos Chronistas, por me parecer que a occasião das guerras entre Portugal, & Castella em aquelle tempo tiueraõ outros fundamentos. E que nunca os Reys daquelle Reino intentaraõ soberania em Portugal, o que se proua bem do que deixamos escripto, & da aução de nossos Principes à Coroa de Castella, & se verá mais claramente quando se escreuerem as guerras del Rey Dom Fernando o segundo de Leão com el Rey Dom Afonso Henriques, & o recontro de Badajoz, em cuja relação desfertaõ nossos escriptores. Poderia fer que ouesse promessa da restituição de algũas terras de Galiza, que o Emperador pretendia, & o Infãte tinha em seu poder.

O tempo desta volta del Rey de Castella a Portugal foi em o principio do anno de 1129. pois (como fica prouado) ja em Mayo do dito anno tinha passado o cerco de Guimaraes. E o mesma se cõfirma do que dizê nossas historias, q passada a batalha de Val deuez, cõ breuidade fez este Principe volta a Portugal (posto q desfertaõ no anno) & a razão isto mesmo persuade, suppondo a magoa, & desejo de vingança que leuaua. A ida de Egas Moniz seria algum tempo adiãte, & como


R nos

## *Liuro I X. da Monarchia Lusitana.*

nos não possa constar. a certeza delle, não sem causa a incluímos com a historia das outras cousas destes annos.

### CAPIT. XX.

*Da morte da Rainha Dona Tareja, em que tempo succedeo. Referemse alguns exemplos de piedade desta Princeza.*

1130.  M o anno do Senhor de mil & cento & trinta ao primeiro dia de Nouembro faleceo a Rainha Dona Tareja, mãy do inclito Rey Dõ Afonso Henriques. Em o Epitome da Historia dos Godos se declara esta verdade cõ as palautas seguintes. *Era M. C. XVIII. obiit Regina Tarastia mater Alfonsi, Kalendis Nouembris anno secundo Regni eius.* Que he : Nas Calendas de Nouembro da Era de mil & cento & sessenta, & oito (vem a ser o primeiro dia de Nouembro do anno referido de mil & cento & trinta) morreo a Rainha Dona Tareja mãy de Dõ Afonso no segundo anno do reinado deste Principe. Em particularizar o segundo anno do reinado de Dom Afonso, declara mais ser a morte desta Princeza em o anno de mil & cento & trinta, pois (como deixamos bem pro-

*Epit. da  
Hist. dos  
Godos*

uado) em 24. de Junho do anno de mil & cento & vinteito tomou o Infante Dom Afonso o estado de Portugal, & seu governo.

Tambem o liuro dos obitos de Santa Cruz concorda em parte com esta memoria, quãdo diz que a Rainha Dona Tareja faleceo em o primeiro dia de Nouembro, posto que não declara o anno. Vicio ordinario dos que antigamente apontauão estas lembranças nos liuros das Calendas; escriptuão pellos dias dos meses os obitos das pessoas insignes, & deixauão de dizer o anno. Parecia-lhes seria facil de saber aos futuros o que a elles era parente; & mayor bem nos fizera deixando a memoria dos annos, ainda que não particularizassem os mezes nem os dias. Mas elles respeitauão a obrigação de encomendar a Deos as almas destes defuntos, & para isto notauão os dias de sua morte, sem curar da certeza, ou embaraço que podia resultar a nossas historias com a duuida dos annos.

Ha quem julgue ser falecida a Rainha Dona Tareja em Julho deste proprio anno de mil & cento & trinta; porque em doação do Infante seu filho á Igreja de Braga da terra de Regalados se aponta por causa o bem da alma de seu pay, & de sua mãy. Mas como o Infante D. Afonso diga, que faz aquella esmola por sua alma,

*Stalio da  
antiguid.  
cap. 22.*

Liur. fidei  
da S<sup>a</sup> de  
Braga.

alma, & de seu pay, & mãy, & se verifique bem offerecella por si, sendo ainda viuo, o mesmo se pode dizer de sua mãy, que não era ainda morta. Outra cousa noto eu nesta doação (da qual tenho a copia do liuro fidei de Braga) bem digna de se aduirtir, a qual he confirmar nella o Conde Dom Fernando, o qual segundo boas conjeituras he o mesmo que teue guerra com o Infante os annos passados, pois não ha noticia de outro pellas escrituras daquelle tempo, donde se califica bem o pensamento de se reduzir o Conde â concordia com o Infante, & ainda de se cõgragar a Rainha Dona Tareja com o mesmo Infante antes de sua morte.

Brito na  
Chronica  
de Cister,  
lib. 2. c. 6.

O Doutor Frey Bernardo de Brito Chronista mór deste Reyno, não só approua esta conformidade entre a Rainha, & o Infante seu filho, referindo certa carta que a Rainha lhe escreueo antes de morrer, mas tem para si, que acabou ella santamente em nosso habito de Cister, os fundamentos se podẽ ver em o Capitulo sexto do segundo liuro da Chronica da Ordem. E não duuido eu que acabasse religiosamente esta Princeza, pois não só foy espelho de perfeições, & graças, dotada de gentis partes; mas viuendo teue algũs lanços de rara virtude, & dignos de fazermos delles particular memoria.

Na Chronica  
de Cister.

Alem das partes naturaes de fermosura, & brandura de que foi dotada a Rainha Dona Tareja, não se pode negar que foy insigne em algũas virtudes, Na liberalidade, na piedade com os pobres, & sobre tudo na humildade. De todas estas cousas irei apontando algũas memorias, & exemplos. Na carta de foral, dada pello Conde Dom Henrique aos moradores de Tentuguel em o anno de mil & cento & oito, se contem estas palauras. *Ego Comes Henricus una cum uxore mea formosissima Tarasia.* Que he: Eu o Cõde Dom Henrique juntamente com minha molher a fermosissima Dona Tareja. E na firma està o final da Rainha nesta forma. *Ego supradicta dulcissima Tarasia confirmo.* Eu a sobredita dulcissima Dona Tareja confirmo. Chaneza grande daquelle tempo, deixaremse escritas estas particularidades, mas boa confirmação de nossa verdade, & destes dotes naturaes da Rainha.

Liuro 1  
Coimbra  
fol. 116.

Sua grande liberalidade se declara nas doações, fundações de Templos, & merces feitas a toda a sorte de pessoas, de que dão em parte testemunho nossos escritores. E em particular o cuidado dos pobres, que he digno de mayor louvor, se nos particulariza em hũas palauras do liuro terceiro del Rey Dom Diniz, que dizem: *Notum facimus quod Santum de Madoes, quod iacet*

Torre do  
Tombo no  
liur. 3. del  
Rey D Di  
nis fol. 17.

## Liuro IX. Da Monarchia Lusitana.

*in termino Lamecensi, quod quidem Sautum illustrissima domina Tarasia quondam Regina Portugallie reliquit, legavit, seu & donavit pro pauperibus sustentandis, &c.* Em vulgar. Fazemos saber, que chegando a nossa noticia como o Souto de Madoes sito em o termo de Lamego, o qual deixou em legado, ou doação para sustentação dos pobres a illustrissima Dona Tareja, antigamente Rainha de Portugal, &c. Vai el Rey Dom Diniz mostrando a obrigação que tinha de fazer se continuasse obra de tanta piedade, & faz sobre isto certo contrato com Dom Vasco Bispo de Lamego, o qual nos não pertence. A escriptura delle foy passada em Leiria a quinze de Abril da Era de mil trezentos & trinta & nove, que he anno de mil & trezentos & hum.

Para a humildade da Rainha Dona Tareja tenho entre outros aduertido hum passo na vida de São Theotónio mui notavel. Estava este Santo reueftido para dizer Missa (entendo que seria em Viseu, aonde servio de Prior antes da restauração dos Bispos daquelle Igreja) chegou a Rainha Dona Tareja, mandoulhe dizer que fosse breue na Missa. Não se moveo o Santo com este recado, antes com muita inteieza respondeo: Que no Ceo avia outra Rainha muito mais excellente a quem elle tinha determinado de offerecer aquella Missa cõ

summa veneração, & pausa, & por tanto se resolveste em acudir o tempo que ella durasse, e tornar-se para casa, & apartar-se da Igreja. Constancia he esta propria dos Santos, que se não sabem fogueitar ao appetite dos Principes. A qualquer senhora de muito menos calidade a quem hoje acontecera este lance, tiveramos que satisfazia bem a sua obrigação, se com silencio, & paciencia venerara o zelo do culto divino, com que se deu a resposta, & assistira ao sacrificio da Missa. Mais fez a Rainha, que acrescentou lagrimas, & penitencia, & se prostrou aos pes do Santo, pedindolhe perdão da culpa que cometera. São dignas de notar as palauras com que se nos descreve esta acção tão heroica, & traduzidas dizem assi.

Conhecendo então a Rainha sua culpa se accusava por miseravel peccadora confessando ser o Santo varaõ Theotónio justo, & verdadeiro, & mandandoo chamar despois da Missa, se lançou a seus pés, nem se quis levantar se não por rogos do mesmo Santo, a quem pedio com lagrimas, & humildade, he desse penitencia por aquelle excessõ, & rogasse ao senhor por ella: & sendo amoeftada, que outro dia se acatellasse, & não falasse ociosamente em materia tocante ao culto divino, o prometeo firmemente, & se apartou delle com melhoria

melhoria de sua consciencia.

Quando confidero este lanço tão louuavel, & digno de espanto, me confundo em mi mesmo, pois hũ descuido tão leue, & tão comum a todos, como querer ouir hũa Missa breue, julgauão os Santos antigos por cousa muy culpauel, & (o que mais he) chora-uão os Principes do outro tempo como graue peccado: donde não posso deixar de me admirar de nossos escriptores tratarem cõ tão pouco decoro (como o fazem em seus escriptos) a hũa Princeza tão pia, & religiosa, que quando em toda sua vida não ouuera outro final de virtude, & religiãõ christãa, este nos bastaria para calificar sua bondade. E assi me persuado, que as sospeitas que della ouue com o Conde Dom Fernando foraõ mal fundadas, & o casamento com Dom Bermudo irmão do Conde mera calumnia, pois este fidalgo foy casado com hũa filha da mesma Rainha, como adiante mostraremos, & ser casado primeiro com a mãy, & despois com a filha he cousa tão barbara, que louuo muito o zelo de quem disse fora semelhante patranha introduzida em nossas historias por algum Mouro, ou Iudeu em discredito do santo Sacramento do Matrimonio. Pello menos não se podem liurar nossos escriptores de mal aduertidos em diuulgar hũa cousa tão infame, & mais quan-

do repugna a todo o bom discurso, & a mesma verdade.

Dizem que em pena deste peccado se fundou em Galiza o Mosteiro de Sobrado. Isto he tão falso como a causa que se lhe assigna. Pode-se ver o que escreue o Mestre Frey Antonio de Yepes na Centuria quarta da fundação deste mosteiro, & achar-se ha como foy edificado muitos annos antes de nacer a Rainha Dona Tareja. Como he possiuel que de hũa cousa tão notauel, como estar hũa filha da Rainha Dona Tareja casada com seu padraсто. E a mesma Rainha (se he certo que casou segunda vez) com hum irmão de seu marido, não ficasse algũa memoria autentica? Sabemos do liuro da vida de São Theotónio, como se suspeitaua mal da familiaridade do Conde Dom Fernando com a Rainha (ainda que, segundo nos parece, sem causa.) Consta da historia dos Godos, que Dom Bermudo irmão do Conde foy genro da Rainha, dos outros excessos se não escreue cousa algũa, como nos persuadirão nossos escriptores a lhe darmos credito sem authoridade de escripturas antigas, sendo por outra parte estas cousas tão pouco crediueis? Nem os Summos Põtifices daquelle tempo ouerão de soffrer tão grande exorbitancia sem fazer hũa demonstração muy notoria, da qual com tudo não consta, sabendo

*Staciadas  
antigua.*

## *Liuro I X. da Monarchia Lusitana.*

nos por outra parte as muitas vezes que por mandado dos mesmos Pontífices se annullarão casamentos dos Reys de Espanha, por auer entre os contrahentes alguma razão de parentesco não dispensada. Fique logo como couza sem duuida, que Dom Bermudo genro da Rainha Dona Tareja não foy primeiro casado cõ ella, nem esta Princeza teue dous irmãos por maridos. O casamento com o Conde Dom Fernando permaneça na mesma contingencia em que o deixamos.

O corpo da Rainha Dona Tareja se leuou à Sé de Braga, aonde jazia o Conde Dom Hérrique, & vemos oje as sepulturas destes Principes na Capella mór da mesma Sé, aonde se mudaraõ por ordem do Arcebispo Dom Diogo de Sousa em o anno do Senhor de 1513. como ja diffemos. O Epitafio que se pos no sepulchro da Rainha por mandado do Arcebispo Dom Frey Agostinho de Castro, he o seguinte.

D. O. M.

*Regina Tarasia Alfonsi Castelle, &  
Legionis Regis Imperatoris nuncupati  
filie, Comitiss Henrici uxori; Didacus  
à Sousa Archiepiscopus Brach. Hisp.  
Primas M. P. Anno à Christo nato  
M. D. XIII.*

Quer dizer: A Deos, Optimo,  
& Maximo, Dom Diego de Sou-  
sa Arcebispo de Braga, & Primaz

de Espanha, mandou fazer este sepulchro à Rainha Dona Tareja filha del Rey Dõ Afonso de Castella, & Leão, que chamaraõ Emperador, molher do Conde Dom Henrique. Em o anno do Senhor de 1513.

### CAPIT. XXI.

*Acometem os Mouros a villa  
de Trancofo. Acode o  
Infante Dom Afonso, &  
alcança algumas victorias.  
Da ajuda que nellas deu  
hum Monge de Cister por  
nome Aldeberto.*



NAM ha memoria de- 1131.  
estas guerras em nossas  
historias, que assi nel-  
las como em outros  
pontos essenciaes foraõ defei-  
tuosas. O primeiro que as tirou  
a luz com seu trabalho, & boa  
diligencia foy o Doutor Fr. Ber-  
nardo de Brito Chronista mór  
deste Reyno na historia que cõ-  
pós de nossa Religião sagrada. A  
mão me veio hum relatorio an-  
tigo, no qual entre os principios  
do mosteiro de São João de Ta-  
rouca, se contão algumas cousas to-  
cantes ao Reyno de Portugal, en-  
tre as quais está tambem a jorna-  
da de Trancofo, & dependencias  
della, por cujo respeito darei no  
appendice deste liuro o treslado  
deste

*Brito na  
Chronica  
de Cister  
lib. 2. c. 4.*

deste memorial, & farei nelle algũas aduertencias, porque como he treslado, & não original, tem algũas faltas, moormente na computação dos annos, de que os antigos não fazião muito caso.

E para proceder com a distincão necessaria, aduirto em primeiro lugar, que não posso concordar como autor nem memorial referido em quanto affirmão ser o anno de 1122. ou 1121. o proprio desta empreza, por quanto me parece ser ainda neste tempo o Infante Dom Afonso minino de pouca idade; & ter por certo que não governa o estado de Portugal, de que o relatorio vai fazendo supposiçãõ. E assi julgo, que em lugar do anno de 1121. se ha de mudar 1131. em que bem se poderia fazer esta guerra, sendo ja o Infante senhor absoluto do Reynn.

Hũa sô duuida se pode offerecer contra esta resoluçãõ forçosa á primeira vista, a que quero satisfazer por liurar de trabalho os que despois especularem estas materias: a qual he, que do mesmo relatorio consta, como el Rey Dom Afonso Henriques lançou a primera pedra na Igreja de São João de Tarouca, quando tornaua victorioso desta guerra de Trácoso, & isto parece que se fez no anno de 1122. como consta do letreiro seguinte, o qual permanece junto da porta da mesma Igreja.

*Fundata fuit ista Era M.C.LX. II. Kalend. Iulij.* Que vem a ser se fundou aquella Igreja na Era de 1160. a dous das Calendas de Julho, & he o mesmo que no anno do Senhor de 1122. a 30. de Junho. Logo bem se infere que no mesmo anno se fez a jornada de Trácoso, pois se affirmã que a Igreja se começou a fundar quando el Rey vinha della.

Bem concluia o argumento, se a Era do letreiro fora a que se pretende, & tiuera a significação apontada. Porem deue se aduirtir estar elle escrito cõ estas palauras. Era M.C.LX. & assi fica respondendo ao anno do Senhor de 1152. por valer a letra X. escrita naquella forma 40. & não 10. (como ja em outras partes fica aduirtido.) E ainda digo que o sentido das palauras não deue ser que no anno de 1152. se começou a fundar a Igreja, mas que então se acabou, sendo principia da vinte annos antes. Isto se conuence do proprio relatorio, porq se diz nelle, como el Rey Dom Afonso despois de se principiar a obra da Igreja fez Couto da casa ao Abbade João Ciritta. E a escriptura do Couto foi feita em Junho do anno do Senhor 1140. como consta do Archiuo do mesmo mosteiro. Pello que he certo q a Igreja de S. João se começou a fundar antes deste anno de 1140. E assi naquelle letreiro da porta da Igreja, em que se allude ao an-

Archiuo  
de S. João  
de Tarou-  
ca.

## *Liuro IX. da Monarchia Lusitana.*

no de 1152. se não aponta seu principio, mas o remate.

Isto supposto digo, que el Rey de Badajoz por nome Albucaza conuocando neste tempo o mayor exercito que pode, fez entrada pellas terras da Beira, & destruindo algũas pouoações dos Christãos menos fortificadas, chegou a pôr cerco à villa de Trancofo. Teue recado o Infante destas cousas, & recolhendo a gente de guerra nas terras de entre Douro & Minho, aonde estava, veio buscar o inimigo com summa breuidade. A cidade de Lamego fica em caminho, a quẽ vem daquelle prouincia demandar estas partes da Beira. Nella se alojou o Infante, & teue nouas que viuião pouco distantes hũs Monges santissimos da Ordem de Cister, os quaes alguns annos antes vieraõ a Portugal por mandado de nosso Padre São Bernardo, & tinhaõ principiado o Mosteiro de S. João de Tarouca. Era o Infante religioso Principe, que tratava de fundar em Deos todas suas obras; & nesta empreza (a qual parecia perigosa) quis ter ao senhor mais propicio. Bem entendeu de quãta importancia lhe seria a intercessão dos seruos de Deos, a quẽ seu modo de vida Angelica, & rara virtude fazia cada hora mais conhecidos, por mais que viuião retirados, & tratauão de se sepultar ao mundo. Visitou o Infante o lugar onde viuião, & não pou-

co admirado de sua pobreza, & aspereza, pediu aos Religiosos todos rogallem a Deos por elle; & ao Prior Aldeberto o acompanhasse naquella jornada. Satisfizerão os seruos de Deos a hũa & outra cousa, o Prior foy com o Infante, & leuou ordem para dizer Missa, & entre as peças sagradas se particulariza hũa Cruz, a qual dizem se perdeu em hũ dos recontros que despois tiueraõ.

Entre tanto os Mouros se tinhaõ apoderado da villa, & executado crueldades barbaras. Chegou o exercito Christão à vista dos inimigos, & despois de algũs recontros de menor importancia ao fim alcançou perfeita vitoria. Aduertese na memoria referida, que venciaõ os Christão em quãto o seruo de Deos Aldeberto, como outro Moyfes, fazia oração a Deos, & combatia o Ceo cõ seus rogos, & el Rey declara em hũa doação feita a S. João de Tarouca, como em hũa das batalhas que teue com os Mouros sem assistencia do varaõ de Deos, ficaraõ elles superiores, em forma que parece não consistia a vitoria dos Christãos, mais que no bom despacho que alcançauão do Ceo as orações de Aldeberto. Tornou a recuperar a villa de Trancofo, & os Mouros se foraõ desbaratados.

Das reliquias deste exercito, & de outra gente que sobreueio refez o Rey Mouro seu campo, & deter-



determinou de provar segunda vez ventura. Sahio ao encontro ao nosso exercito em lugar que lhe pareceo acomodado, mas tão-bem então alcançaraõ os Christãos a vitoria, & fizeram grande matança nos Arabes. Tinha o Infante prometido de fudar o Mosteiro de São Ioaõ, por a morada dos Religiosos até aq̃lle tẽpo ser muy humilde, & os edificios pobres, & limitados, lembrado de sua promessa tornou a visitar o lugar onde viuião os Religiosos, & mandou abrir os alicerces da Igreja, & deixando renda competente, se foy continuando a fabrica. Auia hum architecto natural de Tarouca, a quem se deixou encomendada a obra, & foy nella tão diligente, & a traçou com tanto primor, & ordem, que contente despois do edificio, quis deixar seu nome entalhado em hũa pedra com estas palauras, em que se relata ser elle o autor da obra.

*Ioannes Froylaci de Tarauca  
fecit hoc.*

Isto he: Ioaõ Froylaco de Tarouca fez este edificio.

E na verdade não teue o autor pouca razão de se jactar daquella obra, por lhe sair o templo (ainda que não muy grande) de tão boa proporção, & tão bem fabricado, que causa deleitação á vista, & deução ao animo com sua

bem ordenada capacidade. As palauras do relatorio mais importantes ao que temos dito são as seguintes.

*Post paucos dies Mauri uenerunt, & depopularunt Trancosũ, & ipse Rex venit cum suis cohortibus Lamecum, & transibat iuxta Barosam, & recurdatus est fratrum, qui erant in illis locis, & iussit cum bonis hominibus videre locum de sua uinenda, & cum inuenisset eos pauperes, uiuentes in tuguriis, compassus est de illis, & rogauit ut mitterent cum eo Fratrem Aldebertum, ut oraret Domino pro sua oste, & miserunt eum, & unam Crucem, & unum Calicem, ut celebraret, quia tunc sacerdos erat; & dum bellum committeret, & ipse oraret, Rex uicit Mauros, & tulit Trancosum, sed in bello amisit Crucem quam tulerat de Monasterio, & consecutus est per suam orationem alia multa bona, & ut satisfaceret illi, & suis Fratribus, & Domino Deo, promisit edificare Monasterium, & dum rediret uicit iterum per Dei adiutorium, & bonis orationibus Aldeberti magnam multitudinem Sarracenorum. Propter quod uenit in hunc locum, & astantibus Fratribus, & Ioanne Cirilla, & alijs multis cum Episcopo Bracharense. Lamecense. ipse Rex primam lapidem iecit, acclamantibus militibus, & cohortibus suis, & dedit Abbati Ioanni Cirillae cantum, cuius tenor talis est.*

Diz em nosso vulgar. Passados poucos dias vieraõ os Mouros, & roubaraõ Trancoso, el Rey com seu exercito veio por Lamego, & passando pollo rio Barosa  
fe

*Relatorio  
de S. Ioaõ  
de Tarouca*

## *Liuro IX. da Monarchia Lusitana.*

se lembrou dos Frades que viuião naquella terra, & foy com algũs de sua companhia ver o lugar de sua morada, & como achasse estarem em estreita pobreza viuen-do em choças, se compadeceo delles. E rogoulhes mandassem em sua companhia a Frey Aldeberto para fazer oração a Deos por seu exercito. Os Frades o mandaraõ dandolhe hũa Cruz, & hum Caliz para celebrar Missa por ser sacerdote. E como entrassem em batalha, & o seruo de Deos fizesse oração, el Rey venceo os Mouros, & tornou a ganhar Trancofo. Mas na guerra se perdeo a Cruz, que trouxeraõ do Mosteiro: & pellas orações do santo Religioso alcançou el Rey muitos outros bens. E para satisfazer ao que deuia a Deos, & a seus seruos, prometeo de edificar o mosteiro. E quãdo tornaua venceo outra vez grande multidaõ de Arabes com ajuda de Deos, & pellas boas orações de Aldeberto. Por esta causa veio ao Mosteiro, & em presença dos Frades, & de Ioão Ciritta, & outros muitos, assistindo tambem os Bispos de Braga, & Lamego, lançou el Rey a primeira pedra com grandes acclamações dos Caualeiros, & gente de guerra. E deu ao Abbade Ioão Ciritta a escriptura do Couto, cujo theor he o seguinte, &c.

Destas palauras consta a maior parte do successo referido; as outras particularidades se co-

lhem do mesmo relatorio, & de doação feita à casa de São Ioão, a qual se pode ver na Chronica de Cister. Hũa duuida se pode mouer, a que importa dar solução, a qual he, como se nomea Bispo de Lamego entre os senhores que assistiraõ com el Rey ao principio da fabrica, se no anno de 1131. em que assentamos esta jornada, & vinda del Rey Dom Afonso a São Ioão, não auia ainda Bispo nesta Cidade. Duas repostas me occorrem. A primeira, que seria este o Bispo de Coimbra, cuja jurisdição se estendia naquelle tempo a Lamego, & nomearse só Bispo de Lamego, seria por ficar o Mosteiro de São Ioão nesta comarca, como vemos exercitar-se em os Principes de muitos titulos, os quais em algũas partes se denominão só do titulo daquelle Reyno, ou prouincia. Tambem se pode dizer (& pode ser que seja o mais certo) que el Rey D. Afonso não tornaria a São Ioão logo despois da jornada de Trancofo, mas despois do anno de mil & cento & quarenta, quando ja em Lamego auia particular Bispo. E conforme a esta computação se começaria a fundar a Igreja de São Ioão de Tarouca, q̃ hoje permanece, deste tempo em diante, & se acabaria em o de mil & cento & sincoenta & dous, como consta do letreiro referido.

CAP.

## CAPIT. XXII.

*Dos principios do insigne mosteiro de Santa Cruz de Coimbra com a relação do Arcediago Dom Tello, & outros companheiros, que com elle tomarão o habito.*

1131.



Elebre foi por este tempo a fundação de Santa Cruz de Coimbra Mosteiro illustre de Conegos Regulares de São Agostinho, & Seminario insigne de Prelados, & Santos. Foy seu primeiro fundador hum mancebo nobre chamado Tello, natural da mesma Cidade, o qual então era Arcediago da Sé, & vivia com notavel exemplo de vida. Nossas historias comumente dão por fundador de Santa Cruz de Coimbra o inclyto Rey Dom Afonso Henriques, mas com ser certo que elle fez muito nesta casa, & adotou das rendas que possuía em forma, que meritissimamente se pode nomear fundador della; não ha duvida que o Arcediago Tello foy o primeiro que emprendeu aquella obra, a qual el Rey D. Afonso tomou despois a sua conta, & porque de tudo isto nos vieraõ as mãos os testemunhos de mayor credito, será bem propor parte delles, para satisfação dos curiosos leitores.

Em o liuro dos testamentos deste mosteiro estão no principio as seguintes palavras. *Ab Incarnatione Domini anno 1131: octava indictione secundo anno rebellionis Petri Apostata filij Leonis contra piissimum sanctumque Papam Innocentium Secundum, dum adhuc Leodocus Francorum Rex viveret, & Hispanie Christianorum pars in tres diuisa Monarchias trino administraretur imperio: Superiores siquidem illius partes scilicet Aragon, & Navarra usque ad montem, quem incolae Ania vocitant, sub Alfonso Aragonensium Rege castissimo, atque in congressibus bellorum strenuissimo regebantur deuote, his exceptis quas bellicis studijs forti manu bellando ceparat à Sarracenis. Vltima vero quasi pars minima Portugal cum Colimbria ab Alfonso Comitis Henrici, & Reginae Tarasie Magnorum auctoritatis dignissima prole; paribus medijs vtpote maioribus Castella cum suis Extremitatibus, & Galecia Imperatori magno Comitis Raimundi, & Vrrace Regine filio Alfonso subditis. Archiepiscopo Bracharae Pelagio, & Colimbriensi Episcopo Bernardo, Archidiacono Tello sibi adiuncta procerum iuxta Apostolorum numerum duodenarium manu, Monasterij Sanctae Crucis in suburbio Colimbriae iacere adortus est fundamentum.*

Quer em Summa dizer, como no anno de 1131 o Arcediago D. Tello com doze companheiros deu principio ao mosteiro de Santa Cruz nos arrabaldes de Coimbra, & declarase como governa-

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

ua então a Igreja de Deos o Papa Innocencio Segundo; era Rey de França Luis, & em Espanha governauão tres Afonsos. Em Aragão, & Nauarra Dom Afonso, a quem louua de bellicoso, & casto. Em Portugal Dom Afonso, filho do Conde Dom Henrique, & da Rainha Dona Tareja. Em Castella, Estremadura, & Galiza Dom Afonso, filho do Conde Dom Raimundo, & da Rainha Dona Vrraca. Particulariza mais, que era Arcebispo de Braga Dom Pajo, & Bispo de Coimbra Dom Bernardo.

Lançou-se a primeira pedra do edificio em 28. de Junho, vespóra dos gloriosos Apostolos S. Pedro & S. Paulo, como consta do mesmo liuro, & logo no anno seguinte de 1122. em dia do Apostolo S. Mathias tomaraõ o habito os doze companheiros, os quais com outros que sobreuieraõ em breue tempo chegaraõ a numero de 72. Deste tempo que os seruos de Deos se recolheraõ em aquelle Mosteiro, tomou el Rey Dom Afonso a sua conta a fabrica delle, & o accrescentou, & enriqueceo de modo, que com muita razão lhe attribuem os autores toda aquella obra. E assi diz a historia dos Godos, que el Rey D. Afonso começou a edificar Santa Cruz de Coimbra, & a ponte sobre o rio Mondego em a Era de 1170. no quarto anno de seu reinado, que vem a ser o anno de 1122. em

que vestiraõ o habito aquelles religiosos. São as palauras daquella historia as que se seguem. *In Era M.C.LXX. idem Alfonsus cepit edificare monasterium Sancta Crucis in suburbio Colimbriae, & pontem fluminis Monde iuxta eandem urbem anno Regni sui quarto.*

Não sò as outras pessoas confessão ser o Mosteiro de Santa Cruz obra Real, & propria del Rey Dom Afonso, mas o proprio Rey o conhecia, & o affirmaua publicamente, como consta de algũas escrituras daquella casa; por ora baste hũa carta escrita por el Rey ao Papa Aléxandre terceiro de que temos a copia em o mesmo liuro dos testamentos as folhas 13. na qual assinando el Rey algũs seruiços que auia feito á Sé Apostolica, ajunta a casa de Santa Cruz, a qual diz fundara para peculio particular da Camara Apostolica. *Ecclēsiā Sancta Crucis in Camerā vobis fundauī, vestraq; iam dudū singulariter protectiōni obtuli.*

Com a grandeza das despesas feitas por mão Real, & tão liberal como a del Rey Dom Afonso, foi crescendo o Mosteiro em edificios, & rendas, de sorte que sempre foi, & he hoje (ainda que ja diminuido na fazenda, a qual se applicou ao Bispado de Leiria, & á Vniuersidade de Coimbra) hum dos mais ricos & sumptuosos q ha em Espanha. Nem faltou nos Religiosos em tanto discurso

curso de annos a religião, & exemplo, com que se fazião benemeritos de todo o respeito, & fauor dos Principes, & particularmente em os principios, como mais vezes acontece, florescerão insignes varoões em santidade, boas letras, & prelasias.

Doze companheiros teue em o principio o Arce-diago Tello; os mais insignes foraõ S. Theotónio de cuja vida auemos de tratar no anno de sua morte. Ioão cognominado peculiar, o qual por varias dignidades chegou a ser Arcebispo de Braga, Odorio Bispo de Viseu, Siluando prelado da Igreja de Monte mór, & o autor da historia antiga do liuro intitulado, Testamentos, o qual em o gentil estylo, & acertado discurso com que escreue, acredita bẽ seus merecimentos. Chamauase Saluado, segundo se colhe da inscripção da vida do santo varão Martinho, Prior, ou Vigairo de Soure; & ser dos primeiros companheiros do Arce-diago Tello, se vê em hũas palauras, que diz as folhas finco, quando mostra que o Arce-diago tinha em costume de lhe lançar a benção a elle, & aos outros, quando passauão por onde estaua.

Foi Tello natural da propria cidade de Coimbra, de paes nobres; (o pai se dezia Odoario, & a mãy Eugenia) dotado de gentis partes, & cultiuado em seus primeiros annos cõ bons exercicios

de letras, & uirtudes. Começou a florescer em tempo do Conde D. Henriq, & era ja então Arce-diago da Sê de Coimbra, & cõ este titulo, & o de principal ministro da casa acõpanhou o Bispo de Coimbra D. Mauricio, quãdo foi à terra Santa em o anno 1103. como ja temos assentado. Deu mostras de sua muita prudencia neste ministerio, & de grande amor de Deos na deuação cõ q̃ visitou os lugares sagrados. Fazêdo volta ao Reyno foi crescendo em reputação, & virtudes em forma q̃ por morte do Bispo de Coimbra D. Góçalo successor de Mauricio foi julgado por benemerito daquelle lugar, & ao parecer de todos se não podia sublimar a elle pessoa de mais talento. Foi cõtudo preferido D. Bernardo por mais fauorecido dos priuados do Infante D. Afonso, o qual neste tempo excluindo sua mãy D. Tareja do Reyno entrara no gouerno d'elle. Varios são os caminhos por onde o Senhor chama a seus escolhidos, & as desgraças da ventura são muitas vezes de gram felicidade a quem as padece. A repulsa que soffreo Tello lhe fez dar de mão a todas as cousas da vida, & a emprender hũa obra tão heroica, como a fundação de Santa Cruz, & a mudança de seu estado, tomando o habito Religioso em esta casa.

Moueraõse algũas duuidas entre os Conegos da Sê de Coimbra, & os nouos Religiosos de

S Santa

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

Santa Cruz; para atalhar a ellas se foy D<sup>o</sup> Tello a Italia, & achando o Summo Pontifice Innocencio Segundo em a cidade de Pisa foi delle bem recebido, & alcançou isenção, & muitas preminencias de seu Mosteiro, com cartas de fauor para o Infante Dom Afonso, & para Dom Bernardo Bispo de Coimbra, as quais mostrão ser feitas a 13. das Calendas de Junho, no anno sexto do Pontificado de Innocencio, que vem a ser a vinte de Mayo do anno do Senhor de mil cento & trinta & cinco. Chegando a Portugal não lhe durou a vida muito, porque passados cinco meses lhe nacéo hum a postema, que o molestou algum tempo, & ao fim o veio acabar, despois de ter feito no tocante a sua consciencia o que se esperaua de pessoa tão exemplar, & assi faleceo com grandes actos de contrição, & deução, finaes bem claros da saluação de sua alma. He muy louuado do autor daquella historia de casto, humilde, verdadeiro, obediente, constante nas aduersidades, soffredor nas tribulações, & finalmente insigne na obfernácia das tres virtudes Theologaes, Fé, Esperança, & Charidade. Cõ tão grande numero de virtudes podemos piamente crer, q̃ possue no Ceo muitos graos de gloria, & que nos pode mais fauorecer com sua intercessão, que necessita da nossa.

### CAPIT. XXIII.

*Doleuamento de D Bermudo Perez, cunhado do Infante Dom Afonso, como foi atalhado. Tocaõ se algũas cousas deste fidalgo & de sua successão.*

**N**O proprio anno de 1131. em que o Mosteiro de S. Cruz teue principio, ouue em Portugal hũ mouimento de guerra, o qual se não fora atalhado cõ diligencia pudera causar grãde perturbação no Reino. D. Bermudo Perez cunhado do Infante Dom Afonso tratou de se lhe rebelar no castello de Ceres, ajuntou o Infante com muita breuidade algũa gente de guerra, & dando sobre elle tomou o Castello, & o desterrou a elle, castigando algũs de sua parcialidade.

Era Dom Bermudo irmão do Conde Dom Fernando, & ambos estes senhores com fauor da Rainha Dona Tareja pretenderaõ os annos passados o senhorio de Portugal, o qual Dom Bermudo julgaria deuerselhe, porq̃ alem de estar casado cõ a filha da Rainha D. Tareja, a mesma Rainha como senhora proprietaria deste Reyno o escolheo para successor nelle. Assi o dá a entender a historia dos

dos Godos, quando diz que o Infante Dom Afonso venceu em Guimaraes seus aduersarios, os quais com o fauor da Rainha Dona Tareja tratauaõ de se apoderar do Reyno.

Ficaraõ por entãõ quieras estas discordias, o Conde Dom Fernando se foi para Castella, seu irmão Dom Bermudo se deixou ficar em o Reyno possuindo algũas terras que se lhe dariãõ para sustentar seu estado. Mas como destas differenças resultasse ficar Dom Bermudo mal visto do Infante (que nunca a competencia de reinar deixou lugar a muitos fauores) & por outra parte não faltassem aysi de seus criados como dos fidalgos, que fauoreceraõ as partes da Rainha maos conselheiros, intentou segunda vez apoderarse do Reyno, porem antes de executar seus intentos foi atalhado; deuia reuelarse ao Infante Dom Afonso seu pensamento, & pos nelle o remedio que conuinha. Em hũa memoria antiga achei, que Dom Bermudo fazendo resistencia em o Castello de Ceres, fora entrado por força, & ficara morto, & o Castello arruinado. Porem tenho por mais certo o que outros dizem, que el Rey ouue a suas mãos o cunhado, & a fortaleza, o que se confirma com escrituras do Mosteiro de Sobrado, que he da Ordem de Cister em Galiza, referidas pello Mestre Yepes, as

quais affirmão, q̃ D. Bermudo tomou o habito de Cister naquellẽ mosteiro, & acabou nelle religiosamente.

Parece, que quando o Infante Dom Afonso o ouue em seu poder, o obrigou a deixar as terras de Portugal, & retirar-se a Galiza, aonde desenganado com os successos aduersos da pouca constancia das cousas desta vida, fez aquella troca, & mudança de estado que as escrituras de Sobrado asinão. Dellas mesmas consta que a Infanta de Portugal filha do Conde Dom Henrique, com quem estaua casado Dom Bermudo, se chamaua Dona Oraca, & foi sua molher terceira, donde se ve claro ser falso o que diz o Conde Dom Pedro, & outros que o seguiraõ, que esta Infanta se chamaua Dona Tareja. Porem foi tão inconsiderado o Conde em o que el creueo deste casamento (dizendo, que Dom Bermudo fora primeiro casado com a Rainha Dona Tareja, mãy desta Infanta, & que por lha tomar seu irmão o Conde Dom Fernando, se casara entãõ Dom Bermudo com a filha da mesma Rainha,) que o menor erro que comete he, não lhe acertar com o nome.

Ja tenho mostrado o pouco fundamento com que estas cousas se escreueraõ, como não ha escritura antiga de que se colha o casamento da Rainha D. Tareja

## *Liuro I X. da Monarchia Lusitana.*

com Dom Bermudo, & ainda no casamento de seu irmão ha as duuidas que ja aponteij; como ha outras escrituras que referem algũas particularidades nesta materia, não perdoando ao credito da quella Rainha. & todavia não apontão cousa tão indecente, como casarse sua filha com aquelle que primeiro fora seu padraſto, sendo aſsi que teſteficação eſte casamento dá filha da Rainha com o meſmo D. Bermudo. Como o Sũmo Pontifice ouuera de atalhar eſtos excessõs, se os ouuera, & impedir não caſaſſe D. Bermudo cõ a Infanta de Portugal, se primeiro caſara com sua mãy della. Como he falſo dizerſe que o Mosteiro de Sobrado se edificara em penitencia deſte peccado, pois muito antes eſtaua fundado, como se pode ver em o que sobre iſto eſcreue o Padre Yepes. Todas eſtas couſas, & outras que não importa dizer, ou repetir, arguem de falſidade o que da indecencia deſte casamento se trata. E aſsi deue ficar só por certo que Dom Bermudo foi genro da Rainha de Portugal Dona Tareja caſado com Dona Vrraca sua filha mais velha, da qual Infanta poſto que o Conde Dom Pedro, & noſſas Chronicas lhe não ſabem o nome, ja mostramos por eſcrituras autenticas ſer filha de noſſos primeiros Príncipes o Conde Dom Henrique e a Rainha Dona Tareja.

Ficou decendencia de Dom

Bermudo, & da Infanta de Portugal, ſegundo refere o Conde Dom Pedro, que foraõ duas filhas, a primeira ouue nome Dona Sancha, a qual foi nora de Egas Moniz o Aio del Rey Dom Afõſo Henriques, molher de ſeu filho Sueiro Viegas, tiueraõ dous filhos, Vermui Soares, & Lourenço Soares, dos quais não ficou legitima decendencia, & hũa filha por nome Dona Tareja Soares, que caſou com Dom Gonçalo Mendez, & delles procedeo a ſucceſſão que toca à caſa dos Souſas, poſto que tambem eſta faltou. A ſegunda filha de Dom Bermudo, & da Infanta Dona Vrraca ſe chamou Dona Tareja, & foi caſada (ſegundo diz o Conde Dom Pedro) com Fernão de Airas Batitella, dos quais naceo João Fernandez o bom de Lima, & delle procederaõ outros fidalgos deſte appellido; do qual ha hoje em Portugal (ſem outras caſas, & morgados que não tem titulo) a caſa dos Viſcondes de Villa noua de Cerueira, Condes de Arcos, & vem tambem por linha masculina a Condeſſa que hora he de Caſtro, ſenhora proprietaria deſte eſtado, o qual por casamento eſtá vnido à familia dos Ataides. Hũa couſa notei em o contrato celebrado entre os Reis de Caſtella & Portugal D.õ Fernando Quarto, & Dom Diniz primeiro anno de mil duzentos & nouenta & ſete, q̃ faz mui-



*Terra do  
Tombo no  
lavr. 2. dos  
direitos  
Reaes at  
fel. 150.*

to em abono dos fidalgos da familia dos Limas, & he que entre os Grandes que os Reys trouxeram consigo para firmarem aquelle cõtrato vinha da parte del Rey de Castella Dom Fernão Fernandez de Lima, & da del Rey de Portugal Dom João Fernandez de Lima, ambos Ricos homens, que não he pequeno indício de nobreza florescer em ambos os Reynos esta familia em lugares tão levantados. Os Limas tem por armas o escudo partido em tres pallas. A primeira de Aragoão & as duas esquarteladas dos Sylvas, & Souto Mayor, & por timbre o Leão das armas.

Da nobreza de Dom Bermudo trata o Conde Dom Pedro no titulo 13. & nos temos ja dito o que tocava a nossa historia, quando escreuemos do Cõde D. Fernando irmão do mesmo Dom Bermudo, o que não he necessario repetir outra vez.

## CAPIT. XXIII.

*De algũs appellidos de familias nobres que se achão nas escrituras deste tempo.*



Este mesmo anno de mil cento & trinta & hũ no mes de Junho, faz Paio Gonçalvez doação ao Mosteiro de Loruão, de tudo o q̃ tinha em a villa de

Midoões, & diz que a faz com parecer de seus amigos Garcia Paez & Paio Carualho, para que os Religiosos se ajudem a sustentar & tenhaõ que repartir com os pobres, & para fabrica da Igreja com condição que sempre delle aja memoria em aquelle mosteiro. Os que se acharão presentes se nomeão nesta forma. *Pelagius Carualio, Garcia Pelaiz, Petrus Dominguis, Fernandes Brandião, Trude sendus. Pelagius presbiter, qui fuit Magister de Donno Pelagio Gonsalvitz, cum duobus Fratribus de Laurbano, Petrus, & Didacus, & alij multi homines qui audierunt, & viderunt, & unanimiter confirmaverunt. Ioannes Lazariz, Gundisaluo Sandiz.* Destas firmas, que não he necessario reduzir a Portugues se nos da noticia de tres appellidos, que ja então avia, que são Carualho, Brãdão, & Sande.

Dos Carualhos se conseruão neste Reyno muitos Morgados ricos, & de ramos diferentes. He muy antigo o dos senhores de Carualho. E posto que comumente se tenha por primeiro instituidor Bertholomeu Domingues, do liuro da Sè de Coimbra em q̃ se trata dos Bispos consta, que o instituiu Domingos Feirrol, & que o Bertholomeu Domingues deu principio ao hospital, & Albergaria daquelle morgado. Porẽ este liuro não he muy certo. Em outro volume das doações da mesma Sè se diz, que no

*No Archi  
uo de 107-  
uão no co  
dice anti-  
go de per-  
gaminha,  
escrito  
quasi todo  
de letra  
Gothica 3.  
folhas an-  
tes do fim.*

*O Codicẽ  
antigo dos  
Bispos de  
Coimbra  
na vida  
do Bispo  
Bermudo*

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

*Codice de  
Coimbra,  
fol. 116.*

anno do senhor de 1178. o Bispo de Coimbra Dom Bermudo deu a Dona Bellida, & a seus filhos Gonçalo Fernandez, & Bertholameu a Igreja de Carualho, & declara que o fazia por seu pay, & os de sua geração serem benemeritos da Igreja de Coimbra. E assim ficaõ bern antigos os que possuem aquelle morgado. Foraõ continuando os senhores d'elle com grande valor & fidelidade no serviço dos Reys de Portugal, & tẽdado alguns Capitaes de muito nome, entre os quais foy Gil Fernandez de Carualho Mestre de Santiago, q̃ floreceo em tẽpo del Rey Dom Afonso o Quarto, & outros Capitães mais modernos, que o imitarão, de que fará a historia menção em seus lugares. Os Carualhos tem por armas em campo azul hũa estrella de ouro entre hũa caderna de crecentes de prata; & por timbre hum Cisne de sua cõr de prata cõ hũa estrella dourada no peito armado de ouro.

*Conde D.  
Pedro sit.  
44.*

Dos Brandoes ha tradição q̃ vieraõ de Inglaterra, & que dõs irmãos do tempo do Conde Dõ Henrique jazem sepultados em Grijõ. Fala o Conde Dom Pedro em Bradoes no titulo 44. & mostra com Martim Brandão o velho casou com Dona Tareja Fernandez, neta de Diogo Gonçalves o famoso, que morreo na batalha de Ourique, & assi trata de outros do mesmo appellido. As

principaes casãs, & morgados desta familia foraõ nas cidades de Euora, aonde por falta de successão aunda ja em outras familias, em o Porto, aonde ainda permanecem, & algũs ramos se dirrãrão por outras partes. Se o Fernão Brandão, ou Brandiã, (como o nomea a escriptura atraz) foy ascendente de Martim Brandão, & dos mais não posso determinar; posto que se faz muy prouauel q̃ o seria, pois pello tempo adiante acho muitos do mesmo nome, & he proprio nas gerações tomar se ordinariamente o nome do primeiro ascendente. El Rey Dom Pedro deu o castello de Aronches a Fernão Martinz Brandão seu vassallo, & este mesmo, ou outro do mesmo nome foi Aio del Rey Dom Fernando. Tambem hum dos dous Regedores de Euora, q̃ defenderão as partes de Portugal em tempo del Rey Dom Ioão o Primeiro se chamaua Fernão Martinz Brandão. Trazem os Brandoes por armas em campo azul cinco Brandoes de ouro acesos em aspa; & por timbre tres brandoes do escudo em roquete atados com hum torçal de outro.

Ha fidalgos diferentes deste appellido, que trazem outras armas, dos quais trataremos quando lhe couber lugar.

Dos Sandes escreue o Conde Dom Pedro do titulo 45. & mostra decenderem do tronco illustre & antigo dos de Riba de Vissella,

*Liuro 3. de  
entre Tejo  
& Guadiana da  
Torre do  
Tõ o fol.  
194. da  
Liuro 1. dos  
esrauaçã  
res folhas  
214.*

fella, posto que lhe dà sua derivação, & nome mais moderno, q̃ este tempo do principio del Rey Dom Afonso Henriques, nem faz menção de Gonçalo Sandiz. Mas nos referimos o que contem as escripturas com toda a verdade; o ajustar com seus ditos as successeões das familias, he dos que escreuem da Nobreza. Os Sandes tem por armas em campo vermelho hũ Leão de ouro entre quatro flores de lis do mesmo postas em Cruz, & elle armado de prata; & por timbre meyo Leão de vermelho com hũa flor de lis de ouro sobre a cabeça.

## CAPIT. XXV.

*Como se fundou o Castello de Leiria. Descreue-se o sitio & fertilidade desta terra, & as cousas que tem mais notaveis.*

1135.



M o anno do Senhor de mil & cento & trinta & cinco mandou o Infante Dom Afonso fundar o Castello de Leiria em lugar acomodado, para reprimir a furia dos Mouros, & proseguir a conquista das terras de Estremadura. Differentes resoluções he esta da que seguem nossos Chronistas, os quais affirmão ganhar esta praça a primeira vez no anno do Senhor de 1117. por el Rey

Dom Afonso, & assi a suppoem fundada, & tornar-se a recobrar em o anno de 1145. Da primeira conquista diz Duarte Nunez, seguindo a Chronica de mão, estas palauras:

*Naquelle mesmo anno (vai falando do anno de 1117.) ajuntou o Infante alguma gente determinado de não estar vago, & ganhar honra com os maos visinhos que tinha, & fez entrada pella terra de Leiria, cujo Castello combateo rijamente, & posto que fosse mais forte, & os Mouros se defendessem com muito esforço, tomou o Castello por força, matando a espada os mais dos Mouros que achou. Tomada a Villa, a deu ao Prior Dom Theotonio de Santa Cruz de Coimbra, que era hum homem Santo, & em que elle tinha muita devuação, & a elle, & ao seu Mosteiro fez doação do temporal, & espiritual della, em que o Prior pos por Alcaide Paio Guterrez, homem principal, & esforçado.*

Muitos erros se contem nestas poucas regras. O primeiro da circunstantia do tempo em que se faz ganhada Leiria, & entregue ao Prior de Santa Cruz de Coimbra. O segundo, em se affirmar foi feita doação do temporal, & espiritual desta Villa ao mesmo mosteiro. O terceiro em se dizer que o Prior de Santa Cruz pos de sua mão o Alcaide. O quarto, em se dizer q̃ foi conquistada a mesma Villa. E quanto ao primeiro, ja fica bem prouado em que anno se fundou o mosteiro de Santa

## Liuro IX. Da Monarchia Lusitana.

Cruz, & assi he impossivel, que no anno de 1117. se fizesse a esta casa doação algũa. nem ao Prior della, pois nem era fundada, nem auia Prior ou forma de Conuento, nem a ouue em os quinze annos seguintes. Ajuntase a esta implicação ser o Infante Dó Afonso naquelle tempo minino de sette annos, & incapaz de exercitar a milicia; & ser por outra parte o anno de 1117. o menos acomodado que os Portugueses tiuerão para conquistas; pois com a entrada dos Arabes nas terras de Coimbra, destruição de Soure, & Santa Olaia, perda da batalha de Miranda, escassamente lhes ficaua lugar de se defenderem, quão to mais de proseguir as conquistas.

Archiuo  
des. Cruz  
& no li-  
uro do te-  
stamentos  
fol. 28.

O segundo erro se redargue bem da propria doação de Leiria por el Rey Dom Afonso a Santa Cruz. a qual se conserua na mesma casa, & nella se declara como se daua a Igreja de Leiria à Santa Cruz, & porque não pareça que isto se fez sô da segunda vez, se particulariza que isso mesmo era o que o mosteiro da primeira vez possuira: são as palavras que o declaraõ estas. *Cuius Castri Ecclesiam do supradicto Monasterio com omnibus illis, que in prima populatione possederant, &c.* De sorte que a doação primeira, & segunda foi do mesmo, & assi nunca se estendeo ao dominio secular daquella terra. Prouase mais

esta verdade de hũa notauel escriptura que ha em Santa Cruz, & té por titulo, o testamento del Rey Dom Afonso Henriques, não pelo ser, mas porque el Rey testou nella, & fez declaração de todos os bens que auia dado àquelle mosteiro. E tratando do que de- <sup>Archiuo</sup> <sup>des. Cruz</sup> *ra em Leiria, diz assi. Dedi etiam vobis totum Ecclesiasticum illius Castri quod dicitur Leirena, & omnes Ecclesias quæ in eodem Castro, & per suos terminos fuerint fabricanda. Deiuos* também (diz el Rey falando com os Religiosos de Santa Cruz) todo o Ecclesiastico daquella villa que se chama Leiria, & todas as Igrejas que nella, & em seus termos se fabricarem. E vai el Rey nesta escriptura apontado os tempos em que fizera cada hũa daquellas merces, & tratando dellas com tanta particularidade, que não ha duuida se algum ora dera o dominio secular de Leiria a Santa Cruz, que o declarara, & de o não fazer, se conuençe muito bem não lho auer dado.

E daqui se vai também manifestando o terceiro erro, porque se Santa Cruz não teue o dominio secular de Leiria, não pertencia a seu Prior nomear o Alcaide desta praça. Faz mais em confirmação dizer expressamente a historia dos Godos, que el Rey Dó Afonso fizera Capitão de Leiria a Paio Goterrez, & ser este hum dos fidalgos principaes que então auia, & não parecer cousa verisimil

rifimil quiseffe fazer omenagem daquella fortaleza a outra pessoa menor, que ao Rey & senhor da terra.

O ultimo erro de ser conquistada Leiria a primeira vez, se manifesta de muitos lugares autenticos do Archiuo de Santa Cruz & de outras partes. Em a doação de Leiria atraz referida diz el Rey Dom Afonso. *Quod castrum in ter-*

*No liuro dos testamen. de S. Cruz fol. 23. & o mesmo original*  
*ra deserta à fundamento ego primitus erexi, sed peccatis exigentibus à Sarracenis destructum iterum illud reedificauit, &c.* Isto he em lingoagem. O qual castello (entende Leiria) eu primeiro leuátei dos fudamētos em terra desabitada, & sendo despois por nossos peccados destruido pellos Mouros, o tornei a reedificar. O mesmo affirma este Rey em hũa carta que escreue ao Papa Adriano Quarto, na qual diz assi. *Obtuli namque ego ei inter cetera totum Ecclesiasticum cuiusdam castri, quod vocatur Leirena, quod ca-*

*Liuro dos test. de S. Cruz fol. 10.*

*strum credatis re vera me à fundamento in terra deserta construxisse, & contra Sarracenos qui prope erant armasse, per illud enim mihi dedit Deus Santarem, & totam terram eius per circuitum.* Vai el Rey falando do mosteiro de Santa Cruz, & pedindo ao Summo Pontifice o receba de baixo de sua protecção, & diz como lhe tinha dado entre outras cousas o direito Ecclesiastico de hũa fortaleza chamada Leiria, a qual elle auia edificado em terra despouoada, que fortificara con-

tra os Mouros visinhos, & por cujo meio entendia lhe dera Deos Santarem com as mais terras de seu termo.

Conforme a estas autoridades bem claro he, que não ganhou el Rey a primeira vez o Castello de Leiria por combate, mas que o fundou de nouo. E para saber-mos pontualmente em que tempo teue principio esta fundação, importa recorrer à historia dos Godos, na qual se achão as palauras seguintes. *Era M. C. LXXIII.*

*4. Idus Decembris idem Rex cepit edificare Castellum Leirene loco edito, & apto ad coercendos Barbaros, qui agrum Colimbriensem incurfabant. Est in extremis limitibus Scalabitani, & Colimbriensis agri situm hoc oppidum apertissimo loco ad hostes prohibendos. Cui praefecit strenuum ducem Pelagium Gutierrez. Ab illo tempore vis, & audacia Sarracenorum cepit infirmari.* Em vulgar dizem assi. Na Era de 1173. a 4. dos idos de Dezembro (vem a ser a dez de Dezembro do anno de 1135.) o mesmo Rey (entende Dom Afonso Henriques, de quem vai falando) mandou edificar o Castello de Leiria em lugar alto, & muy acomodado para reprimir os Barbaros, os quais fazião correrias pellos campos de Coimbra. Esta situado este Castello nos confins de Coimbra, & Santarem, & he accommodadissimo para rebater os inimigos. Fez el Rey entrega delle ao valeroso Capitaõ Paio Guterrez, & deste

## *Liuro IX. da Monarchia Lusitana.*

& deste tempo em diante começaram a declinar as cousas dos Mouros.

E para que se veja a boa elcicção que fez el Rey Dom Afonso em mandar pouoar, & fortalecer Leiria, darei hũa breue relação do sitio, & bondade desta terra. A quem faz caminho da parte do meio dia contra o Norte pela estrada que vem de Lisboa para Coimbra, se offerece despois de hum espaço de terras montuosas (mas fructíferas, cheas de Oliuaes, & vinhas) hum soberbo penhalco sobre hum monte prolongado pello mesmo modo de Sul a Norte, em o qual o Castello de Leiria está fundado. Do principio do Rochedo (o qual com mayor earranca fica opposto ao Sul) toma origem por aquella parte o muro, que decendo faz circuito á fralda do monte pello Oriente, & Norte, ate tornar a subir ao alto quasi para a parte do Occidente. Neste ambito se incluia a villa antiga de Leiria, ficando toda em terra montuosa, & leuantada, & mui defensiva por natureza. Ao presente ocupa mais hum valle de mayor capacidade que fica entre o Meio dia, & Oriente antes de se chegar ao Castello, pello qual faz hum largo rodeo o rio Lis, o qual deixando toda a Villa, & Castello à mão esquerda vai dobrando contra o Norte, aonde estão os arrabaldes da Cidade ate se ajuntar com o rio Lena,

que corre da outra parte do Castello mais desviado, & de ambos juntos Lis, & Lena se deriuou o nome de Leiria. O Castello he por extremo forte no sitio de grãdes, & fermosos edificios, fortalecido com torres, & baluartes, & cercado de particular muro, o qual, & o da pouoação que fica no alto com parte dos edificios vai sintindo os danos do tempo, & dá que notar o descuido de quem deixa ir perdendo tão nobres antigoalhas, que se poderaõ cõseruar com bem pouco custo. A Cidade não he grãde, mas mui alegre, & bem assentada, & faz apraziuel vista a quem a contempla do Castello, ou de outra parte alta. A terra he fertil, & abundante de paõ, azeite, & vinho, & pudera ser rica, se nao ouuera descuido na cultura dos campos, os quais regados dos rios Lis, & Lena, que corre em hũa vea, se vão estendendo para o Norte, & despois para o Occidente por espaço de quatro legoas com largura em partes de mais de meia.

Foy esta pouoação por algũ tempo assento dos Reys de Portugal, aonde celebraraõ Cortes algũas vezes, & o que mais a emnobrecio com sua presença foi el Rey Dom Diniz, & a Rainha Santa Isabel, como se conserua na tradição dos moradores da terra. Nem era muito folgar a Rainha Sãta de viuer nesta terra, pois era sua por doação q̃ el Rey lhe fez della

della a 4. de Julho do anno de 1300. como se vera em sua vida. Donde podem ver os moradores de Leiria a obrigação que tem de fazer particulares festas a esta Santa, cujos vassallos foraõ em outro tempo, & no presente he de crer saõ seus fauorecidos, & lêbrados diante de Deos. A mesma tradição nos assegura da occasião que ouue para suas armas, que saõ hum pinheiro verde, & hum coruo em cima delle. Porq̃ dizem que quando el Rey Dom Afonso tomou a vltima vez esta Cidade aos Mouros (suppoem q̃ a ganhou primeiro, & não mandou fundar, segundo temos dito) tendo posto seu campo em hum tezo, que agora chamão o Cabeço del Rey, se pos hum coruo em hum grande pinheiro que alli estava. & começando os nossos a combater o Castello, estene o coruo sempre com as asas, & vozes fazendo grande festa; o que tomado em bom final pellos soldados, cometeraõ a porta da treição, & achandoa sem vigias, ganharaõ com facilidade a fortaleza. Daqui dizem ficou a Leiria por armas o coruo, & o pinheiro.

Era antigamente Villa. El Rey Dom Ioão terceiro a fez Cidade, & alcançou do Summo Pontifice a fizesse Episcopal, desmembrando do Bispado de Coimbra, & do Mosteiro de Santa Cruz, & Arcebispado de Lisboa o que bastou para sustentação honrada do Bis-

po, & do Cabido. Em seu tempo se edificou a Sé junto ao rio (teruindo primeiro delgreja Cathedral a Igreja de São Pedro da povoação antiga,) & ficou hum dos nobres, & magestosos edificios deste genero q̃ ha em Espanha. Da outra parte do rio entre o Sul, & Oriente se levanta hũ monte da grandeza, & altura do do castello, em o qual por deuacão da Virgem sacratissima da Incarnação, que alli começou a resplanecer com milagres, fundou o povo desta Cidade cõ esmolas dos fieis que de varias partes concorrião, hũia Igreja da mesma inuocação, a qual he tambem obra de grande perfeição, & magestade. Tem mais a Cidade tres mosteiros, dous de Religiosos, & hum de Freiras, afora outro antigo de Conegos regulares, que esteue no Castello, & hoje se não habita. Mais quatro freguesias, & algũas hermidas todas de perfeição, & ornato conueniente. A Alcaldaria mór do Castello he da casa de Villa Real, & os Duques alem dos aposentos da fortaleza em que viueraõ algum tempo, tem casas junto ao rio da fabrica antiga, & mediana grandeza, em que se aposentão quando vem a esta Cidade.

Sendo pois Leiria terra abundante pella fertilidade do monte, & campo, estando o Castello, & povoação antiga em lugar defenível, & forte, entre Santarê, & Coim-

## Liuro IX. Da Monarchia Lusitana.

& Coimbra fronteiras principaes naquelle tempo dos Christãos, & Mouros, bem se deixa ver como era lugar acomodado para se fazer delle guerra, & impedir as correrias dos Arabes, & com quanta razão o escolheo el Rey D. Afonso para praça de armas, & freo dos Mauritinos, o que lhe soccedeo tão bem, que por este meio entendia lhe ficara facil a conquista de Santarem, & mais terras da Estremadura, como elle mesmo dà testemunho na carta escrita ao Papa Adriano Quarto, de que atras referimos algũas palauras.

### CAPIT. XXVI.

*Das guerras que se renoua-  
raõ entre o Infante Dom  
Afonso de Portugal, & o  
Emperador Dom Afonso  
de Castella, como ouue nel-  
las varios successos.*

1136.



Uma noua guerra se leuantara neste tempo entre Portugal, & Castella, se ja não foi cõtinuação da passada, de varios acontecimẽtos, & graues danos para ambos os Reynos. Trata della o Bispo de Tuy Dom Frey Prudencio de Sandoual, & cita hũa historia antiga do archiuo de Toledo. Não particulariza o tempo que duraraõ, nẽ quando aconteceraõ; mas

Sandoual  
na Chroni-  
ca do Im-  
perador  
D' Afonso  
7.º. 36.

por boas conjeituras se colhe, que teriãõ principio em o anno de 1136. & persequerariaõ atẽ o fim do anno seguinte, por sabermos que entãõ se assentou paz entre elles dous Principes, & parecer bastante o tẽpo de anno & meio para as cousas que se contaõ, & quãdo tiuessem o principio mais atrazado, não ha duuida que se remataraõ por entãõ no tempo que dizemos. Em nossa Senhora de Val paraissõ Mosteiro celebre de Cister entre Camora, & Salamanca ha hum privilegio do Emperador Dom Afonso o Septimo de que faz menção o Mestre Fr. Antonio de Yepes, o qual remata deste modo. *Facta carta donatio-  
nis Zamore quarto Nonas Octobris,  
tempore quo Guido Romana Ecclesia  
Cardinalis Concilium in Valle Olesi ce-  
lebravit, & ad colloquium Regis Por-  
tugallie cum Imperatore venit. Era M.  
C. LXXV.* Quer dizer: Foi feita esta carta de doação em Camora a quatro das Nonas de Outubro (que he a quatro do mesmo mes) no tempo que Guido Cardeal da Igreja Romana celebrou Concilio em Valladolid, & veio (entende a Camora) cõ o Emperador as vistas, & praticas que teve com el Rey de Portugal. Na Era de 1175.

Repetido. 7  
no appen-  
dice.

As causas deste rompimento entreos dous Principes não sinala o autor, sõ em certa entrada que fez o Emperador em Portugal diz, que pretendia tomar o Reyno



Reyno a seu primo. E o Emperador com toda a cavallaria, & gente do Reyno de Leão ( diz o Bispo de Tuy ) tomou o caminho para Galiza com determinação de entrar por aquella parte em Portugal, & não levantara mão da guerra ate conquistar o Reyno. E esta he sem duvida só a causa destas guerras, & a que a historia dos Godos tantas vezes allegada dá dellas. Parece que cada hum destes Principes queria para si o que o outro possuia. O de Portugal fundado em o direito que pretendia ter por sua mãy, do qual ja tratamos : & o de Castella ou pella offerta da mesma Rainha de Portugal quando esteue presa, ou para pagar a seu primo na mesma moeda.

Vindo á relação, diz o autor allegado, que el Rey Dom Garcia de Nauarra se concertou com o de Portugal, para que fizesse guerra ao Emperador pella parte de Galiza em quanto elle cõ sua gente o acometia pellas terras de Castella. Feitos estes contratos entrou el Rey de Portugal com exercito por Galiza, ganhou Tuy, & algũas terras outras desta provincia. Auia então nella dotis Condes muy poderosos que o ajudauão, a saber, Dom Gomez Nunez, senhor da terra de Toronho, & Dom Rodrigo Perez Velozo, o qual possuia grandes herdades, & senhorio em terra de Lima. Por parte do Emperador estauão os Condes Fernão Perez,

Dom Rodrigo Vela, & Fernand de Annes senhor de Alleriz, & de outras terras, ao qual dá o autor muitos lououres, pello valor que mostrou nestas guerras, affirmando, que não só defendeo bem o que lhe tocava, mas de tal modo offendeo el Rey de Portugal, que por vezes o lançou maltratado daquella comarca, & não declara nisto particularidade algũa.

Acrefenta o autor, como el Rey D. Afonso de Portugal edificou o Castello de Celmes em terra de Lima, & deixando nelle bastãte presidio de soldados, se voltou a Portugal a outros negocios de importancia. Nesta occasião tendo o Emperador noticia destas cousas se partio a grandes jornadas contra os de Celmes, dos quais tinha recebido mayores dannos, & apertando cõ cerco estreito, & grãdes combates o Castello, o ouue às mãos, & pôdo em prizão muitos Caualeiros Portugueses; & recobradas outras fortalezas ganhadas pelloos mesmos em aquella comarca, fez volta a Leão para continuar a guerra de Nauarra.

El Rey de Portugal entrou cõ nouo exercito por Galiza ( julga o autor que o fez por saber da ausencia do Emperador ) & tomando algũas terras, & fortificando outras que os Principes rebeldes lhe entregarão, fez volta a Portugal com breuidade pello pedir assi algũa necessidade do Reyno; & acrecentado seu campo

T tornou

## Liuro I X. da Monarchia Lusitana.

tornou à conquista de Galiza, aonde diz que fez males, & danos. E chegando à terra de Lima com intêto de recobrar Celmes, lhe sairão ao encontro os Capitães do Emperador com exercito ordenado, com os quais veio à batalha, a qual relata o mesmo autor com estas palauras.

*Sandoual  
na Chroni-  
ca de Dom  
Afonso 7.  
cap. 26.*

O Conde Dom Fernando Perez, & o Conde Dom Rodrigo Vela, & os demais Capitães do Emperador, se ajuntarão com toda a gente de guerra que tinham, & com ella caminharão em busca del Rey de Portugal, & chegaram a encontrar-se em o lugar que se diz (Cerneja) donde se desafiaram à batalha, à qual se derão com grande colera. Porém sendo os del Rey mais em numero, ainda que os Caualleiros Galegos pelejaram como bons, foram vencidos. Ficou preso o Conde Dom Rodrigo Vela com outros Caualleiros, & soldados, & com o ardil dos soldados, o Conde Dom Rodrigo fugio da prisão com elles.

Diz mais, que contente por então el Rey com esta victoria, acudio com presteza a Portugal a dar socorro ao Castello de Harena, o qual auia edificado fronteiro a Santarem, mas que antes de chegar a elle, os Mouros o entraram por combate, matando os defensores, que passauão de 250. entre os quais auia caualeiros principaes, successo que causou tristeza a todo o Reyno, & a el Rey pena notauel.

Ultimamente refere como o

Conde Fernando Ioannes, ou Fernam de Annes, continuandose a guerra de Galiza entrou por vezes em Portugal, & teue algũs recontros com el Rey, em hum dos quais hũ soldado do Conde deu a el Rey hũa lançada, da qual este teue em cama muitos dias, & com isto remata o capit. 26. reprehendendo a estes Principes por consumir assi as forças, & armas da Christandade, as quais se deuião empregar contra os inimigos da Fé Catholica.

Eu não tenho que acrescentar nem diminuir na relação destas guerras, pois em nossas histórias se não tratão, nem me veio a mão memoria autentica dellas, & assi me acomodo com o que diz o autor, só noto as aduertencias que faz escusadas, dizendo que el Rey D. Afonso de Portugal entrara por Galiza, sabendo q o Emperador se ausentara desta provincia, & que os Portugueses vencerão a batalha de Cerneja, por serem mais em numero q os Leoneses, ou Galegos. Parece-me que el Rey acudiria pessoalmente a estas guerras de Leão, & Galiza, quando as q trazia com os Mouros na Estremadura, & Alentejo lhe dessem lugar; tambem julgo que bem poderião vencer os Portugueses, ainda que fossem mais em numero seus contrarios. Da grandeza de animo del Rey Dom Afonso Henriques, de seu raro valor, & obras heroicas não tenho que

que fazer abonação, pois são bé notorias. A ousadia, & esforço dos Portugueses tão bem he sabido, & mais no tépo de seus Reys naturaes, & particulares, os q são julgados por pouco amigos o côfeição. Em o particular de acabar grandes coufas com pouca gente, tem dado tão notaveis exéplos, q admirados os escritores ou recorrem a milagre, ou notão os Portugueses de remerarios, sendo assi que he herança de nossos antepassados (como bem pondera o Poeta Portugues) que

*Os muitos por ser poucos não temamos,*

*O que depois mil vezes amostremos.*

E no discurso destas mesmas guerras se tinha experimentado esta verdade, quando el Rey de Portugal saindo ao encontro ao Emperador em os Arcos de Valdeuez com a pouca gente de seu senhorio alcançou vitoria, como nossos historiadores, & os de Castella confessão, & atras fica provuado.

Não carece de difficuldade dizer o autor, que el Rey D. Afonso ganhou a cidade de Tuy em o principio destas guerras, por sabermos que esta cidade, & outras villas, & castellos do Reyno de Galiza eraõ da Coroa de Portugal quando morreo a Rainha D. Tareja. Mas como em tépo de guerras aja tanta variedade, bé poderia acontecer que se perdesse esta

Cidade, & delpois se tornasse a ganhar pellas armas dos Portugueses. Pello menos em seus limites não ha duuida se fazia guerra, de que resultaraõ os danos que el Rey D. Afonso de Portugal mandou satisfazer à Igreja de Tuy có esinolas de sua fazenda, em 31. de Outubro do anno de mil & cento & trinta & sete, como consta de hũa doação referida pello mesmo autor em o liuro que fez dos Bispos desta Cidade.

*Sandoua  
dos Bispos  
de Tuy  
fol. 115.*

Sobre o Castello de Herena, o qual diz ganharaõ os Mouros a el Rey em o tempo destas discordias, pode auer mayor duuida, a qual he bem que se trate có mais particularidade.

## CAPIT. XXVII.

*Do que se pode ter acerca do  
Castello de Herena. Toca  
se a fundação de Tomar,  
& Ourem.*



ELLA semelhança do nome parece q o Castello de Herena, do 1136. qual se fez mção em o Capitulo antecedente, he o mesmo que Leiria. E pode se confirmar esta opinião por se dizer, que fundara el Rey Dom Afonso aquelle Castello para enfrear a foltura dos Mouros de Santarem. & lhe impedir as entradas que de ordinario fazião por suas terras, motiuo q el Rey teue na fudação

## Liuro IX. da Monarchia Lusitana.

de Leiria, como se refere na historia dos Godos, & memorias autenticas de Santa Cruz de Coimbra ja referidas.

Faz contra esta opiniaõ o tempo em que se trata da perda desta fortaleza, pois sêdo (segũdo diz o Bispo de Tuy) quando el Rey D. Afonso andaua occupado nas guer-  
ras de Galiza atras referidas, deuia ser em o anno dõ Senhor de 1136. ou ao muito em o seguinte de 1137. E como a destruiçãõ, & entrada de Leiria se fizesse depois da grande batalha de Ourique, & em o anno do Senhor de mil & cento & quarenta (como adiante veremos) se fica conuencendo não ser Leiria o Castello de Herena, ainda que em os nomes aja algũa semelhança.

Mais conforme ao succedido neste tempo, & ainda ao que se conta da fundaçãõ deste Castello fica, ser elle o mesmo que o de Tomar, insigne em os annos presentes pello assento da Ordem dos Templarios, & muito mais nos seguintes, por se escolher para cabeça da milicia illustrissima de Christo. Da fundaçãõ deste Castello se faz memoria em o liuro dos Mestrados da Torre do Tombo, aonde entre outras cou-  
sas tocantes a este ponto, se con-  
tem o testemunho antigo de hũ visinho de Tomar na forma que se segue.

*Gil Esteues visinho de Tomar te-  
stemunha jurada disse, que ouuira dizer*

*a seu aũd Martim Tinoca ouuira dizer a Dom Mendo da Poria (que fora no pobramento de Tomar) que el Rey de Portugal dera o castello de Ceres aos Freires do Templo por escambo das Igrejas de Santarem, & que pobrando elles, hum besteiro veio ao Mestre Dom Galdim paes, & disselhe, que lhe mostraria hum lugar que fora pobrado de antigo, & que assim viera pobrar o Castello de Tomar. E disse que onde estã Santa Maria de Tomar ouuira dizer a muitos velhos, que auia hũa nobre Cidade d'Christãos chamada Nabancia, & que a dita Igreja fora mosteiro de Frades.*

Não diz mais este testemunho nem aponta o anno da fundaçãõ deste Castello, mas com particula-  
rizar que fora pouoadado pello Mestre Dom Galdim, recorre ao tempo del Rey Dom Afonso Henriques, em que floreceo este Caualeiro. Entra a historia dos Godos & declara como no anno do Senhor de 1137. aconteeo hũa grande desgraça aos Christãos em Tomar. *Era M.C.LXXXV. euenit infortunium Christianis in Tomar.* E assi se pode deduzir com muita probabilidade não sô que antes do anno de mil & cento & trinta & sete se fundou o Castello de Tomar, mas que esta perda dos Christãos nelle em o anno referido foi a mesma que finala o Bispo de Tuy, aconteeo aos do Castello de Herena, por quanto não sabemos de outro Castello Fronteiro a Santarem em que se possa

*Liuro das  
Ordens mi-  
litares fol. 94*

*Sandoual  
sup.*

possa verificar o que diz aquelle autor.

E quanto a se chamar Herena, o que hoje se chama Tomar, se pode dizer se faria allusão ao nome de Santa Eyria, a qual em Latim se diz Herena, & padecendo antigamente martyrio nesta terra, crediuel he lhe desse tambem o nome, como a Santarem, aonde está sepultada, posto que só em Santarem ficou permanente. Bem vejo não serem estes fundamentos solidos, pois se firmão só em dedução do nome, & conjeituras, Mas aonde não concede mais luz a antiguidade, podem servir até se descobrirem outros mayores.

O Castello de Tomar se foi em este tempo entrado pellos Mouros, se restaurou despois, & fez tão forte, & de excellente fabrica, que pode muito bem, defendido pello esforço dos Canaleiros Templarios, fazer resistencia ao poder todo junto do Emperador de Marrocos, & à multidão de Arabes de Africa, & Espanha, quando em o anno de mil & cento & nouenta lhe vieraõ pór cerco, reinando em Portugal Dom Sancho o primeiro, como bem testefica hum leltreiro da mesma fortaleza, feito com lembrança de caso tão insigne, o qual tresladarei em seu lugar proprio, mostrando fazer allusão ao tempo referido, & não ao del Rey Dom Afonso Hen-

riques, como erradamente algũs imaginaraõ.

A villa de Tomar huma das mais conhecidas deste Reyno fica na prouincia da Estremadura, & está situada em hum plano. Diuidea das ruinas da antiga cidade de Nabancia o rio Nabam, feruindolhe de muro pella parte do Oriente. Da parte do Occidente a ampara hum monte, em cuja mayor altura, continuando com a obra antiga dos Templarios está hoje o Real Conuento dos Religiosos da Ordẽ de Christo, cabeça do Mestrado della. E fazendo o dito monte dous braços, hum para o Norte, & outro para o Sul, se auesinha cada hum delles tanto ao rio, que deixaõ duas estreitas entradas, como duas portas para a villa. O sitio della he fresco cercado de hortas & pomares, que se regaõ hũas cõ agoa do rio, outras com noras. Junto da ponte da banda onde esteue a pouoação da antiga Nabancia está o Mosteiro de Santa Eyria edificado no mesmo lugar onde degolarão a Santa, ficando-lhe a fonte onde foi martirizada dentro da clausura do Mosteiro. Todas as pedras que della tiraõ saem com veas de sangue, & fazẽ muitos milagres. He a villa, & todo seu termo mui abundante de azeite. Tem duas Igrejas Collegiadas; hũa dellas he Capella Real da inuocação de São Ioão Baptista. Santa Maria, que he a

## *Liuro IX. da Monarchia Lusitana.*

outra, he a Matriz, & Comenda da mesa Mestral, a que estão anexos todos os dizimos que sua Magestade come da barra a fora. Tem Tomar hum Prelado com jurisdição quasi Episcopal. Ha nella o Contador do Mestrado de Christo. Hum Iuiz da Ordem, & Almojarife do Mestrado. Tem alem disso Iuiz de fora, & Ouvidor, o qual he juntamente Corregedor de Abrantes.

Com ser prouauel o q̃ deixamos escrito de ser o Castello de Herena o mesmo que o de Tomar, pella certeza do tempo em que os Portugueses tiuerão aquella perda, contudo respeitando a etimologia do nome, se pode dizer que seria o Castello de Ouré, fundado em a mesma comarca, & de sitio inexpugnauel. O que aponto sò com a probabilidade que se tira de conjectura, & semelhança do nome. Foi esta Villa pellos annos adiante patrimonio da Rainha Dona Tareja, filha del Rey Dom Afonso Henriques, & na Torre do Tombo está o foral que esta Princesa mandou passar a seus moradores. Não ha inconueniente algum que el Rey a fundasse primeiro, & depois de restaurada a desse a sua filha. Mas como não temos escrituras que o certifiquem, não se pode dar disto segurança. Está a villa de Ourem fundada em alto, ao qual se sobe de todas as partes com alguma difficuldade, & ficaua por este

respeito muy defensauel em o tempo antigo. Tem Igreja Collegiada fundada pello Marques de Valença, filho primogenito do primeiro Duque de Bragança. Seu terreno he fertil, & principalmēte de vinho excellentissimo. He cabeça de Condado ha muitos annos, & foi o primeiro titulo q̃ el Rey Dó Ioão o Primeiro deu ao grande Cōdestable Dom Nuno Alures Pereira em premio de seus assinalados seruiços, & por esta causa se nomeão os Duques de Bragança primeiro Condes de Ourem, que de nenhum dos outros Condados que possuem.

### C A P I T. XXVIII.

*De alguns fidalgos que se assinalaraõ nestas guerras de Portugal, & Castella. Tocão se antiguidades mui notauéis.*

**N**O discurso destas guerras ouue algũs senhores Portugueses que seguirão as partes de Castella, & outros que se abalizarão no seruiço de seu verdadeiro senhor o Infante Dom Afonso Henriques. Destes hum dos principaes foy Gonçalo de Sousa tão estimado naq̃lle tempo do mesmo Infante. Delle refere o autor da vida de S. Senhorinha (o qual foi religioso professo do Mosteiro de

de Baslo da Ordem de S. Bento) hum successo que sem falta deuia ser neste tempo em que duraraõ as guerras entre Portugal, & Castella, & por me não constar do anno certo, o lanço neste lugar cõ as palauras do autor referido, que sãõ as seguintes.

Vida de S.  
Senhorin-  
ha e cri-  
ta de mão.

Digamos que estando folgando em sua terra hum Principe nobre, & canaleiro deste Reyno, o qual era mui priuado del Rey Dom Afonso, & auia nome Dom Gonçalo de Sousa, a muy poderoso, & a todo o conselho del Rey era com elle, estando elle assi hum dia em sua terra folgando, chegarãõ a el mensageiros dizendo, que os inimigos lhe corriaõ a terra, & Villas, & Castellos, & que tinhãõ os inimigos cercado o Castello de Aguiar. O qual Canaleiro logo chamou, & assou suas gentes as mais que elle pode auer da sua terra, & foise para auer de descercar o dito Castello de Aguiar, & chegando aonde jaz o corpo da Santa não lhe lembrou de pedir merce a esta Santa, & a lhe fazer reuerencia, & oraçom. E indo ainda perto da Igreja em ametade de hum campo, estene pegada a mula em que hia o dito Canaleiro, a qual elle cõ esporas nem pancadas não podia abalar: & vendo elle isto, lembrouse como passara pella Igreja de Santa Senhorinha sem lhe pedir a bênçom, & sem lhe fazer oraçom, & sofrendo a mula por detras para se tornar à Igreja desta Santa, a qual mula logo tornou, & o dito Canaleiro fez sua oraçom, encomendando-se mui deuotamente à Santa Senhorinha, & de li foise seu caminho com

suas companhas, & descercose seu Castello, & correo despois os inimigos, & tornou-se para sua casa com victoria. E deixou encomendado a todos os fieis Christãos que sempre fizessẽ honra, & reuerencia a Santa Senhorinha, & a todo aquel que alguma coisa que lhe demandasse com razom, a acharia nella.

Com estas palauras nos relata o autor o modo milagroso com que Dom Gonçalo de Sousa descercou o seu Castello de Aguiar, & segio o alcance aos inimigos, o que deuia ser por aquella parte de Monforte, & Rio lute sobre Chaues, ate os meter em Galiza, & terra de Monte Rey, & com isto seguraria tambem o mesmo Castello de Monforte, & terras vizinhas que estauão a sua obediencia, como consta de escrituras, & principalmente de hũa do cartorio da se de Braga do anno 1151. na qual se nomea Gõçalo de Sousa por senhor de Monforte sobre Chaues. *Domnus Gonsalvus de Sousa tenens Montem fortem supra Flauias.*

O Castello de Aguiar que Gõçalo de Sousa descercou era o castello de Aguiar de Pena: para o que he de saber, que auia em a prouincia de entre Douro & Minho tres Castellos fundados em alto, que se chamaraõ de Aguiar. Sobre o rio Sousa auia hum delles, & taõ antigo, que ja no anno de 993. quando Almáçor entrou por estas terras (como consta da

## *Liuro IX. da Monarchia Lusitana.*

historia dos Godos) era nomeado, & conhecido. De outro Castello de Aguiar de Neiva ha nouas no ducado de Barcellos, diferente do Castello de Neiva, que está junto ao mar. O terceiro he o Castello de Aguiar de Pena nos confins dentre Douro & Minho, & Tralos montes à vista das montanhas de Barrozo. He crespo de torres, baluartes, & cubelos, & está fundado sobre a coroa de hũa penha talhada de hũa parte por natureza, que parece obra feita a mão, donde tomou o nome de Aguiar de Pena. & deste terceiro fala o autor referido; porque da terra de Sousa folar de Dom Gonçalo, & aonde elle residia, fica a Igreja de Santa Senhorinha em meio do caminho, a que pelos concelhos de Vnhaõ, de Filgeiras, & Selorico de Basto vem demandar este Castello.

Não seguiu o mesmo partido de Gonçalo de Sousa o Conde D.º Gomes Nunez, que chamaõ de Pombeiro pellas muitas doações que fez àquella casa, & por estar nella sepultado. Era filho do Conde Dom Nuno de Cella noua, o qual posto que o Conde D.º Pedro faz irmão de São Rosendo, parece mais prouauel que era filho, ou neto de algum seu irmão, por quanto S. Rosendo foy antes d'elle mais de cento & cincoenta annos. Mas esta resolução examinarão mais de vagar os genealogistas. A mãy do Conde D.

Gomez se chamaua Dona Sancha irmãa de Mem Viegas de Sousa, & tia de D.º Gonçalo de Sousa.

Seguiu pois o Conde D.º Gomes a parcialidade da Rainha D.ª Tareja contra seu filho o Infante Dom Afonso Henriques, & depois as bandeiras do Emperador Dom Afonso contra o mesmo Infante, & deuia inclinar-se à parte da Rainha por estar casado cõ Dona Elvira filha do Conde D.º Pedro de Traua, como se diz no liuro velho das linhagês, & ficar por estavia cunhado dos dous irmãos Dom Fernando, & D.º Bermudo, principais contrarios do Infante Dom Afonso.

O fundamento que tenho para tomar este parecer, he achar no Conde Dom Pedro, que foi este Conde Dom Gomes Nunes deherdado, & que a sua herança viera a Gonçalo de Sousa sen primo em sua vida sòmente; & que por sua morte ficara ao Mosteiro de Pombeiro, & parece posto em boarazão, que hum tal fidalgo como o Conde se não deherdaria neste Reyno, se não fosse por encontrar a parte do Infante que preualeceo, & pode executar depois aquelle rigor. Ajuda muito a isto sabermos que andaua elle occupado no seruico do Emperador, & que tinha muitas terras em Galiza a que podia retirar-se, ainda que perdesse as que possuia neste Reino, & porque a confirmação pende de hũa doação mui notauel,

*Conde D.  
Pedro.*



notauel, que o Emperador lhe fez a darei aqui traduzida, reseruando para o appendice o Latim della.

Cartorio  
de Dom  
beiro.

Eu Afonso pella graça de Deos Rey de Espanha, filho do Conde Dom Raymundo, com consentimento de minha mãe Donna Vrraca, filha del Rey Dō Afonso de boa memoria, faço carta de doação a vos Dom Gomes Nunez de todas aquellas herdades que forão de vossa mãe a Condesa Donna Gontinba & de vosso tio o Conde Dom Fernão Mendez em toda aquella terra que de mim tendes em Toronbo, com toda a criação, a saber escravos, & escravas, arvores, & bemfeitorias, & donnos estas terras as i da jurisdição secular, como a dos Mosteiros, as que estão ermas & pouoadas, as parrocias, & ermidas, como milhor as possuirão os que forão de vossa geração, & da estranha. E alem disso vos dou minha palavra, que se Deos me der a terra, em qualquer parte da qual se acharem herdades de vossos paes, que todas desde agora vos prometo, pello bom serviço, & agradanel fidelidade que ate agora tuestes: para que possaes fazer dellas o que quiserdes, vendendoas, ou trocandoas, assi vos, como vossos descendentes, ou aquelles a quem as venderdes, & isto para sempre. Se alguem de vossa gente, ou da estranha quizer ir contra esta doação, primeiramente fique qualquer que seja excomungado, separado da comunicação da santa Madre Igreja, & atormentado no Inferno com Iudas o traidor. Foi feita esta carta em Segovia, quando voltava a Rainha Dona

Tareja com seu filho Dom Afonso do cerco de Toledo com o exercito de Gallaiza, correndo a Era de mil & cento & sincoenta & seis a doze das Calendas de Outubro. Responde a Era sobredita ao anno de Christo de 1118. em vinte de Setembro. Deuia ser posto este cerco á cidade de Toledo para a ganharem a el Rey D. Afonso de Aragaão, porq̃ neste tempo estaua de posse della, & lhe deu priuilegio, como se pode ver em Sandoual na Chronica do Emperador Dom Afonso Septimo, capitulo septimo. Segue-se a firma.

Reinando a Rainha Dona Vrraca com seu filho Dom Afonso na cidade de Leão.

Eu el Rey Dom Afonso confirmo o que mandei fazer.

Eu o Conde Pedro Froyas cō firmo.

Eu o Conde Gonçalo Bermudes confirmo.

Eu Alfonso Conde confirmo.

Eu Rodrigo Pirez filho do Conde Dom Pedro.

Eu Ansur filho do Conde Dō Sancho.

Eu Paio Rodrigues.

Eu Aires Pirez.

Eu Bernardo Arcebispo de Toledo confirmo.

Eu S. Bispo de Salamanca.

Eu Daniel Capellaõ del Rey.

Eu Pedro notario del Rey roboro o que escreui.

Desta escritura se vê como o Conde Dom Gomez Nunez seguia

## Liuro IX. Da Monarchia Lusitana.

guia as bandeiras do Emperador Dom Afonso auia alguns annos, por ser afeiçoado a este Principe, que o remuneraua com os acrescentamentos de que fala a escriptura naquellas palauras : *Se Deos me der a terra na qual ouuer fazenda de vossos paes, desde agora voua promettero.* Auialhe confirmado a terra de Toronho, & prometendolhe agora a fazenda que ouuelle de seus paes nas terras que ganhasse, mostraua que era aquella fazenda no mesmo Reyno de Galiza, aonde estauão muitas terras fogeitas a Portugal, que o Conde Dom Henriq tinha ganhado, como vimos no fim do liuro oitauo, & conseruou sua molher a Rainha D. Tareja, pella aução q̃ tinhaõ nellas, & como o Emperador as julgasse tambem por suas, intentaua recuperalas, & conditionalmente prometia inteirar na posse das que pertencessem â sua herança ao Conde Dõ Gomes, o qual ou por dependente do Emperador nas terras que eraõ de seu fenhorio, ou por genro do Conde Dom Pedro de Traua seu Aio seguio as bandeiras do Emperador, encontrando as partes do Infante Dom Afonso Henriques nas discordias que se moueraõ entre ambos caufadas ao principio da rebelliao do Coude Dõ Fernando filho do mesmo Conde Dom Pedro de Traua: donde resultou o deserdaremno do que tinha em Portugal, como diz o

Conde Dom Pedro, & passar-se a fazenda a Gonçalo de Sousa em sua vida, ou como a mim me parece mais certo por algum tempo de sua vida; porque no fim fez o Conde Dom Gomes seu testamento na era de mil & cento & setenta & nove, que vem a ser anno de Christo de mil & cento & quarenta & hum, & nelle deixa ao Mosteiro de Põbeiro muitas terras que possuia em Portugal, & se mandaua enterrar no proprio Mosteiro, final manifesto que residia ja neste Reyno, & lhe eraõ restituídas as terras que doaua. E podera bem ser, que fosse admitido â graça do Infante Dom Afonso no anno atras de mil & cento & quarenta, quando se fizeraõ as pazes entre os dous Reys de Portugal, & Castella, como adiante veremos. A fazenda se deuia dar a Gonçalo de Sousa pello valor com que elle, & seu irmão Sueiro Mendes o Grosso defenderaõ as partes do Infante na guerra, que teue com sua mãy a Rainha Dona

Tareja, & na que despois se seguio com el Rey de Castella.

(c)

Conserua  
se no Cartorio de  
Penbeiro

CAP.

## CAPIT. XXIX.

*Da successão dos Bispos do Porto, & Braga, com algũa relação de suas pejsas, & cousas notaveis.*

**M**agará por estes annos as Igrejas Cathedraes do Porto, & Braga; & coube a sorte de ambas successiuamente a João Peculiar, pessoa insigne daquella idade. Em o Porto faltou o Bispo D. Hugo em o anno do Senhor de 1135. E em Braga o Arcebispo Dom Paio Mendes em o de 1127. Foi Dom Hugo Prelado zeloso, amigo do bem, & augmento de sua Igreja, em seu tempo viuerão os Conegos em comunidade, ao exemplo dos de Braga, & Coimbra, & perseverarão annos neste modo de vida tão louuavel, ate que o tempo que tudo altera fez mudança nelles, & introduzio a diuizão das rendas entre os Bispos, & Cabido. Foi o Bispo Dom Hugo mui respeitado dos Principes de seu tempo, & por seu respeito fizeraõ muitas esmolas, & doações á Sê do Porto, pois alem das que fez a Rainha Dona Tareja, de que temos ja dito, sabemos que el Rey D. Afonso Henriques enriqueceo esta Sê cõ outras de nouo, dandolhe a Igreja de Meinedo, que oje he Arcedia-

gado, o Couto de São Pedro de Coua, & outras esmolas, com que aquella Sê foi em grande augmento, com louuor igoal do Bispo D. Hugo, o qual com seu procedimento, & industria lhe sollicitaua os acrecentamentos.

O Arcebispo Dom Paio Mendes (o qual como ja aduertimos entrou em lugar de Mauricio, o que foi Antipapa pellos annos de 1118. foi, segundo se colhe de doações do archiuo de Braga, pessoa muy illustre, & irmão dos insignes Capitaes Sueiro Mendez de Maia o bom, & Góçalo Mendez o Lidador. Em 9. de Junho do anno 1133. faz o Arcebispo Dom Paio doação de quatro casaes á Sê de Braga, & diz que os ouuera de seu irmão Sueiro Mendez, ao qual foraõ dados pella Rainha Dona Tareja, & despois confirmados pello Infante D. Afonso. *Et illas hereditates dedit ei Regina Tarasia Suario Menendi pro carta, & suo filio Infans Donnus Alfonsus postea confirmavit, & fratre meo Suario reliquit mihi omnia sua iniussione mea, &c.* Quer dizer o que ja fica relatado, & colhe-se claramente ser ja naquella anno morto Sueiro Mendez, o que tambem se deixaua ver das escriturás, nas quaes por este tempo vai faltando seu nome, sendo a vltima em que vi sua firma do anno de 1130. & he a doação do castello de Soure feita aos Templarios pello Infante D. Afonso. Em tempo deste Arcebispo

*Livr. fidei  
da Sê de  
Braga*

## Livro IX. da Monarchia Lusitana.

bispo creceu muito a Igreja de Braga em reputação, & rendas, porque sem outras esmolas de pessoas pias, & legados q' derao, a Rainha Dona Tareja dotou a esta Sé o Couto de Faloës, o Infante Dom Afonso a Igreja de Sam Paio de Moure, & o Couto de Regalados, com outras cousas de que faz memoria o livro fidei da mesma Sé.

Dom João peculiar successor do Bispo Dom Hugo no Porto, & do Arcebispo D. Paio em Braga foi Frances de nação, & hum dos memoraveis varões daquella idade, pello muito tempo que viveo, varios estados que teve, & grandes dignidades que alcçou. Parece que veio de França em o tempo do Arcebispo de Toledo Dom Bernardo quando dà volta que fez de Roma trouxe consigo a Espanha algus fogeitos principaes de sua nação Francesa. Em Portugal seguiu primeiro a vida Heremítica, & fundou o Mosteiro de São Christouão de Lafoës, em o qual foi primeiro Prior, & despois Abbade o insigne Santo João Ciritta, do qual daremos noticia mais larga em sua vida. Que fosse João Peculiar o fundador desta casa, dilo expressamente el Rey D. Afonso Henriques na escriptura do Couto que mandou passar ao Prior João Ciritta, & a seus hermitaës em o mes de Outubro da Era de 1175. que he anno de 1137. affirmado que os her-

mitaës daquella casa tomaraõ a regra hermitica de João Bispo do Porto, fundador daquella casa. *Qui ibi heremiticum Ordinem in praesentiarum tenent, vel tenebunt per manus Joannis Portugalensis Episcopi praefati loci fundatoris.*

*Escuritura original do Arquivo de São Christouão de Lafoës*

Deste lugar de São Christouão o qual he de grande aspereza no sitio, & de goal denação pello retrahimento, & solidão, se veio João Peculiar a Coimbra a rogo do Arcediogo D. Tello a dar principio ao illustre Conuento de Santa Cruz, & foi hum dos doze primeiros Companheiros que teve o Arcediogo naquella empresa, & hum dos que mais o ajudaraõ & animaraõ nella. Tudo isto cõsta do livro dos testamentos de Santa Cruz, em o qual não longe do principio estão escritas estas palauras tiradas do latim. *Tinha vindo hum mancebo chamado João por sobrenome Peculiar, & bem mostrou ser peculio do Senhor, pois vindo de França ordenou hum Mosteiro em São Christouão com sua doutrina, & exemplo. A este trouxe asi o Arcediogo para companheiro de seu trabalho, & premio, & lbe declarou seu proposito, & o lugar que escolhera, &c.*

*Livro dos testamentos de S. Cruz*

Ha quem julgue foi promeiro João Peculiar Mestre escola na Sé de Coimbra, donde fez companhia ao Arcediogo na fundação de Santa Cruz, & despois residindo em Grijo mosteiro taõbem de Conegos Regulares, foi eleito em Bispo do Porto. Porem o lugar referido

referido do liuro dos testamêtos, mostra bem claro que em S. Christouão residia, quando o Arceidia go Dom Tello quis dar principio a obra de Santa Cruz, & para dizermos que teria aquelle lugar na Sê de Coimbra antes de fundar o mosteiro de São Christouão, não o consentem as palauras alegadas, pois dão a entender, que tanto que veio de França se retirou logo a São Christouão, & deu principio àquelle mosteiro.

No liuro fidei da Sê de Braga ha hũa carta do Emperador D. Afonso Rey de Castella para este Arcebispo, em que lhe pede cõfirme em Bispo de Lugo a Dom Ioão Abbade Samacienle, da qual carta referida tambem por Vaseu em seus escritos querem colher algũs a Primazia de Braga, pois estãdo Portugal distinto dos outros Reynos, dos Arcebispos Bracharenles dependiãdo os outros Prelados. Porem daqui somente se conuence ser a Igreja de Lugo algum tempo suffraganea à de Braga, ou que o Arcebispo Dom Ioão como Legado que foi algũ tempo do Sumo Pontifice, daua seu consentimento nas eleições.

Quando o Bispo Dom Ioão Peculiar foi promovido da Igreja do Porto à de Braga, se elegeo em Bispo do Porto Dom Pedro o primeiro do nome, a quem o liuro dos obitos de Santa Cruz faz tambẽ Conego daquelle casa. Não foi sua vida larga, porque

gouernando o Bispado menos de sete annos, não deuia ter muita idade quando lhe foi dada aquella Igreja, pois era sobrinho de seu antecessor o Arcebispo D. Ioão Peculiar, o qual viveo ainda mais de trinta annos. Alcançou em seu tẽpo algũas terras, & Igrejas pela liberalidade, & piedade del Rey Dom Afonso Henriques, o qual lhe confirmou tambem algũas doações daquelle Sê, & falecendo deu lugar a ser nomeado em Bispo Dom Pedro o segundo, a quem chamãdo Pitoes, o qual teue tambẽ por successor outro Dom Pedro, & assi he difficuloso distinguir entre seus nomes, & apontar ao certo o tempo em que cada hum gouernou o Bispado.

## CAPIT. XXX.

*Dos foraes de algũas terras,  
& de outras cousas per-  
tinentes ao gouerno da  
paz destes annos.*



Osto que os primeiros annos do gouerno do Infante D. Afonso forão de pouca quietação, como se pode aduirtir das guerras, & variedades que temos contado; contudo como seu animo era generoso, & grande, não deixou de se aplicar aos negocios de paz, & bem de seus vassallos no meyo da mayor turbulencia das

V guerras,

## Liuro IX. Da Monarchia Lusitana.

guerras. A algũas terras se deraõ toraes, saõ as mais notaueis Guimaraes, Miranda, & Cea. Em o foral de Guimaraes ha hũas notaueis palauras, com que o Infante agradece aos moradores daquella Vila o estremado seruiço que lhe

Archiuo  
Real lib.  
dos foraes  
da leitura  
nona fol.  
71.

auiaõ feito. *Proinde quod vos fecistis bonorem, & cabum super me, & fecistis mihi seruitiam bonum, & fidele.* Por quanto vos me tratastes cõ respeito & bom acolhimento, & me seruiestes bem, & lealmente, & declarando mais a qualidade daquelle seruiço diz ser o trabalho, & pena que em sua companhia sofreraõ em Guimaraes. *Qui mecum sustinuerunt male, & pena in Guimaraes.* No que allude sem falta algũa ao trabalho do cerco que lhe pos o Rey de Castella; ou a algum aperto em que se viraõ os moradores daquella Villa no tempo das discordias passadas entre o Infante, & sua mãy, se por ventura seguirãõ a voz do Infante, no que se não pode determinar cousa certa, O que não tem duuidah, que os moradores de Guimaraes se assinalaraõ muito no seruiço do Infante, por cujo respeito lhe concede muitas preminencias, & da por liures suas herdades, & os isenta de pagarem para fossos, & outras imposições. Não està bem declarado o anno em que se passou este foral, mas consta que foi antes da batalha de Ourique, pois se não dá a este Principe mais que titulo de In-

fante, & assi que foi nos primeiros annos de seu reinado.

Nos foraes de Miranda, & Cea ambos os quais se deraõ em o anno de 1136. Estaõ as firmas de algũs fidalgos, & saõ Fernão Carino, Gõçalo Rodrigues, Egas Moniz, Gonçalo de Sousa o velho, Tructesendo Vermuiz, Gunstado Diaz, Paio Goterrez, Randulfo Zoleima, & estes parece que confirmão, seguemse como testemunhas no foral de Cea, Paio Carualho, Garcia Mouro, Saluador Trosendes, Pedro Reiriques, & Sueiro Mendes. Aduirto que nestas firmas as vezes ha embarço por culpa dos que copiaraõ os liuros da Torre do Tombo, & assi se apontão os nomes dos Ricos homens fora dos lugares, entre os outros que saõ testemunhas. Mas tambem se saiba que nas doações Reais ordinariamente todos os que firmão de qualquer modo saõ pessoas de qualidade, & da casa & seruiço dos Reys, & algũs achamos ao principio firmar como testemunhas que pello tempo adiante alcançaraõ a preminencia de Ricos homens.

Archiuo  
Real v. f.  
fol. 31. &  
54.

No original  
esta es-  
crita pela  
guia Car-  
ualho.

Hũa escritura original mui notauel deste tempo vi na Torre do Tombo, em a qual o Infante D. Afonso dá ao mosteiro de S. Romão de Neiuahum seu reguengo com tudo o que lhe pertencia. He a data no mes de Setembro da Era de 1171. que he anno de 1133. Na firma da escritura està hũa Cruz

Escritura  
original  
da Torre  
do Tombo

Cruz com o nome de Portugal á Roda, & os nomes de algũs Grãdes nesta forma. *Laurentius Bene adiutor huius rei, Gonfaluus de Sousa, Gonfalo de Sousa, Petro Fogaça, Fernandus Captiuus Alferes, Gonfaluus Vermois, & fratres eius, Ioannes Mendes Mayordomus huius Curie.* Estes senhores cõfirmão, seguemse por testemunhas: Pedro, Gonçalo, Gutierre, Pedro Cancellario do Infante.

O Lourenço que confirma em primeiro lugar nesta escritura, de sta escritura, deue ser Lourenço Viegas o espadeiro filho de Egas Moniz, parece que por seu respeito concedeo o Infante Dom Afonso aquella esmola. De firma rem algũs senhores com o nome proprio sõmente ha muitos exemplos. Na doação que el Rey fez do lugar dos banhos que chama uão da Rainha, aonde se fundou o mosteiro de S. Cruz de Coimbra, cuja data he em o anno de 1130. confirma em segundo lugar Fernando Alferes; o qual era Fernão Gomez dalcunha Catiuo, filho do Conde Dom Gomez de Sobrado. No foral que se dá aos Mouros Forros de Lisboa annode 1170. estão as firmas seguintes: *Comes Valascus, Cerueira Alcaide, Donus Galdinus.* E nesta conformidade ha outras escrituras.

Pode-se notar firmar primeiro Gonçalo de Sousa que Gomez de Sousa; sendo assi que Gomez de Sousa parece ser o avô de Gonçalo de Sousa, cujo nome era Egas

Gomez, por não sabermos neste tempo de outro do mesmo nome, mas isto seria inaduertencia, ou erro do notario. Mayor duvida faz chamar-se Gonçalo de Sousa nas outras escrituras de Miranda, & Cea o velho que se declara com a palaura, senior, pois ainda que elle teue hum neto do mesmo nome, a cujo respeito se poderia chamar assi, não era ainda nacido neste tempo. Pode ser que o nome de, senior, se referisse ao senhorio que teria em algũa destas terras, sendo Governador, ou Fronteiro nellas.

O appellido de Fogaça não he usado nas escrituras daquelle tempo, porem esta que allego he original, & assi carece de duvida. A continuação da decendencia que os fidalgos presentes deste appellido trazê de Pedro Fogaça examinaraõ os escritores da nobreza, nos trataremos do que pello tempo adiante fizeraõ em seruiço da Republica. Trazem elles por armas o campo franchado ao primeiro de vermelho cinco fa xas de ouro, & ao segundo de ouro hũa fogaça de azul gretada de praua, & assi os contrarios; & por timbre hum feixe de lenha ar dendo.







LIVRO X.  
DA  
MONARCHIA  
LVSITANA.

CAPITULO I

*Da lornada del Rey Dom Afonso às terras de Alentejo, como lhe sairão ao encontro sinco Reys Mouros com grande exercito.*

1139.



SEGVESE o anno do Senhor de 1139. memorauel pello apparecimento de Christo nosso Saluador, & famosa vitoria do campo de Ourique, & no felice auspicio do Reyno de Portugal, cujo titulo então se renouou com mayor firmeza, dos mais notauéis que no mundo ouue.

Eraõ estreitos os limites do senhorio do Infante Dom Afonso, & não cabia bem hum coração tão grande como o seu em tão

pequeno circuito de terra. Resoluto em dilatar seus estados, fez massa da melhor gente de guerra de todos elles, & ajuntou hum exercito de onze mil, ou segundo algũs, doze mil soldados, com o qual se deliberou de passar o rio Tejo, esperando em o Senhor, cujo zelo o guiaua naõlla empreza, abritia caminho à restauração da quella prouincia. Feitas as preparações necessarias, partio o exercito dos Christãos da cidade de Coimbra, aonde se ajuntara. Na primeira jornada dizem nossos historiadores, que faltou a el Rey

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitana.*

o fiel ministro Egas Moniz seu Aio, insigne Capitão, & prudentíssimo conselheiro, a cuja conta corria o pezo mayor dos negocios, cuja falta foi mui sentida del Rey, & de todo o exercito. Poré de memorias mais certas sabemos, que se achou elle na batalha & uiueo algũs annos adiante, como ainda mostraremos, pello q̃ não admittimos o que dizem os nossos, nem deixamos de notar o pouco exame, & o descuido cõ q̃ escreuerão. Passado o rio Tejo, & entrando o exercito na fertil prouincia que fica da outra parte, a qual por este respeito chamamos Alentejo, começaram os nossos a guerra com grande prosperidade; destruíraõ lugares povoados, puserão fogo às searas, catiuaraõ Mouros, & a ferro, & fogo foraõ abrindo caminho por toda aquella prouincia, ate chegar ao campo de Ourique, o qual fica em o remate della.

Tinhaõ chegado as nouas da preparação desta guerra, & depois da execusão della a Ismario Rey poderoso dos Arabes, o qual cuidadoso do perigo que o ameaua, ajuntara hum numeroso exercito de Mouros Andaluzes, & Africanos, em o qual auia mais quatro Reys, & tão grande multidão de soldados, que autores  
*Resende das antiguid. l. 4.* graues chegão seu numero a quatrocentos mil cõbatentes. O certo he (sem auerigoar o numero certo) que veio a esta guerra grã-

de parte dos Mouros de Africa, & Espanha, de que se formou hũ poderosíssimo campo, mui desigual ao pequeno numero dos Portugueses. Isto confirma a tradição recebida, de auer neste exercito quasi cem Mouros para hum Christão, a celebre fama que ficou desta vitoria, & a geral approvação dos autores, os quais escreuendo della confessão ser grandíssimo o exercito dos Mouros, & mui limitado o numero dos Portugueses. Em o qual se pode ainda considerar que não ouue ajuda algũa dos visinhos, ou estrangeiros, como em outras occasiões de grande perigo se vsou sempre.

Tiuerão vista os exercitos em hũ lugar abaixo de Castroverde, o qual oje se chama Cabeça de Reis junto dos dous pequenos rios Cobres, & Terres, os quais tendo seu nacimiento pouco distante, se ajuntão neste lugar, & cortẽ delle em hũa vea até o rio Gadiana onde perdem o nome. Ocupou o Infante Dom Afonso hum recosto mais leuantado que a outra terra, & o exercito dos Mouros se alojou nos lugares visinhos, enchendo grande espaço daquelles campos.

Confiados estauão em o principio os nossos lembrados do socorro que Deos costuma dar aos seus na maior necessidade; & com certeza que auia entre elles soldados de muita experiencia, & valor,

valor, & que os governaua hum Principe de grande animo, & vettura; contudo como o lanço fosse tão arriscado, não deixaraõ algũs de considerar a grandeza do perigo, & fazêdo nelle discursos, vieraõ ao fim a cõceber o temor que o caso requeria. E como se seguisse hum descontentamento exterior manifestado pellos sinais do rosto, & praticas dos menos animosos, se veio a espalhar o temor como mal contagioso pella mayor parte do exercito. Que não era lanço de valentia (deziaõ) arriscarse naquella occasiã, a qual a pratica militar dicta ua ser temeraria. Que as victorias, supposto que o Senhor as concedia, não se obrigaua contudo a serem sempre milagrosas. Que deuia o exercito retirar-se, ou fazer algum concerto com os inimigos em quanto o tempo daua lugar a hũa, & outra cousa, & não arrojarse com tanta desigualdade em hum tão euidente perigo. Isto disião entre si, & despois o propuserão ao Infante Dom Afonso, os Ecclesiasticos, os Nobres, & os soldados, cada hum por sua via: A pratica dos fidalgos nos ficou em memoria antiga de Santa Cruz de Coimbra, & diz assi.

Memoria  
escripta de  
mão de S.  
Cruz de  
Coimbra.

*Verba nobilium exercitus in Oratio ad Regem Alfonsum. Amorẽ, & bonam voluntatem, quam in personam tuam habemus, nos obligat dicere, quod arduum hoc negotiũ non tentes. Adest periculum, quia cincti a Mauris, illi*

*multi, nos pauci. Bene audisti paulo antea tuos vigilatores quod sunt infiniti equites, & multo plures pedones, taliter quod vnus nostrorum debet praeliare aduersus centum, & secundum hoc certum est vinci: & quod oblatrant pro victoria, diem vt citius veniat desiderant. Quare rogamus vt inuas aliquam pacem cum Ismaele per aliquod tempus, ne nos perdas infimul & regnum, nostras vxores, & nostros filios, Attenda Regno, & tue vtilitati, & bonori, diuersas ruinam quam imminet, quod iterum supplices petimus & cum instantia vt velis nos ab hoc discrimine eripere.* Em nosso vulgar diz assi.

O grande amor que vos temos, & a vontade com que zelamos o bem de vossa pessoa nos obriga senhor a dizeruos, que não queirais tentar este conflito. O perigo he manifesto, porque estamos rodeados dos Mouros, que são muitos, & nós poucos. Bem ouuistes as nouas que pouco ha trouxerão vossas centinelas, & como affirmão serem infinitos os de cavallo, & de pè muito maior numero; de sorte, que cadahum de nós deue pelejar cõ cem contrarios, & assi conforme a isto certo estã ficarmos vencidos. Elles como certos da victoria a appellidão ja dantemão, & dezejão se apresse o dia para a alcançarem: pello que vos pedimos mouais tratos de paz com Ismael para que vos não percais a vós juntamente com o Reyno, & a nossas molheres, & filhos.

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

Póde senhor os olhos neste Reyno, & ao que mais conuem a vós so proueito, & honra, deluiai uos desta ruina que nos ameaça. Isto tornamos a pedir com toda a sôgeição, & instancia, & he que nos queirais liurar deste perigo.

O Infante Dom Afonso vendo a perturbação de sua gente, não quis logo contrariar seu parecer, mas com rosto alegre, & sereno respondeo breuemente que agradecia todo o zelo que mostrauão da conseruação de seus estados, & segurança de sua pessoa; que consideraria a materia, pois era de tanto peso, & lhes daria breuemente resposta. Com isto se apartaraõ, & ainda conceberaõ bom pronóstico, vendo a fortaleza, & constancia de seu Principe em tempo de tanta confusão, & perigo. Passado algum espaço bastante a se quietarem os corações temerosos, & admitiré melhor as exortações de esforço mandou o Infante pôr os esquadroes em ordem, & posto a cavallo os andou correndo todos, mostrando no rosto segurança, & alegria, & com palauras de grande efficacia os foi persuadindo, como em o estado presente não consentia a boa ordem da milicia retirada, ou concerto algum, nem dilação no acometimento. Com a retirada alem da infamia de fugitiuos prouocauão a seus inimigos, os quais só com a cavalaria os podião entaõ desbaratar facilmen-

te. No concerto não podia auer firmeza, por quanto os Mouros não goardauão suas promessas, nem em aquelle tempo deuião prometer o que fosse aos nossos de honra, ou proueito. Com a dilação da batalha crecia o animo aos Mouros, os quais como excediaõ tanto em numero interpretariaõ a medo dos Christãos toda a tardança que fizessẽ em apresentar batalha. Pelloque (depois de Deos) o remedio só estaua em romper com grãde animo, & fortaleza por aquella barbara gente, a qual Deos lhe ajuntara em tão grande numero para ser mayor a satisfação que tomasse dos blasfemadores de seu santo nome. Que em os cinco Reys debuxara a vingança de suas chagas, & na grandeza da vitoria a mayor celebridade, & exaltação de sua Fé sagrada.

Com tão grande animo, & serenidade propos o Infante estas razoões, & outras acomodadas ao tempo, que no fim dellas se vio em sua gente hum geral contentamento, o qual se começou a manifestar logo na resposta que todos deraõ de o seguir em tudo, & pelejar com a fortaleza, & constancia que o caso requeria. Alegre entaõ com a resolução de sua gente se recolheo o Infante para a tenda a tomar algum descanso, deixando ordenadas as cousas importantes para goarda do exercito.

## CAPIT. II.

*Do apparecimento de Christo  
nosso Salvador ao In-  
fante Dom Afonso a noite  
antes da batalha, como foi  
levantado por Rey.*

**N**Aõ eraõ de qualidade as cousas que trazia entre mãos o esforçado Principe Dom Afonso Henriques, que lhe consentissem tomar muito repouso, nem os pñfamentos occupados na grandeza do negocio presente dauão lugar a se poder quietar, & tomar aliuio. E así para diuertir de algũ modo aquella molestia, lançou mão de hũa Biblia sagrada, a qual tinha em sua tenda, & começando a ler por ella, a primeira couisa que encontrou foi a vitoria de Gedeão, insigne Capitão do pouo Iudaico, o qual com tresentos soldados rompeo os quatro Reys Madianitas, & seus exercitos, passando a espada cento & vinte mil homēs, sem outros muitos que morrerão no alcanse. Alegre o Infante com tão bom encontro, & tomando desta vitoria pronostico feliz da que esperaua, se confirmou mais na resolução de dar batalha, & com o coração inflamado, & olhos postos em o Ceo rompeo nestas palauras.

*Dem sabeis vos meu Senhor IESV*

*Christo, que por vosso seruiço, & pela exaltação de vosso santo nome emprendi eu esta guerra contra vossos inimigos; vos q̃ sois todo poderoso me ajudai nella, animai, & dai esforço a meus soldados, para que os vñçamos, pois são blasfemadores de vosso sãtissimo nome.*

Ditas estas palauras lhe sobreueo hum brando sono, & começou a sonhar que via hum velho de venerauel presença, o qual lhe dizia tiuesse bom animo, porque sem duuida venceria aquella batalha, & com euidente final de ser amado, & fauorecido de Deos veria com seus olhos antes de entrar nella o Salvador do mundo, o qual o queria honrar com sua soberana vista. Estando o Infante neste alegre sonho, nem bem durmindo, nem de todo acordado, entrou na tenda Ioão Fernandez de Sousa de sua camara, & lhe fez a saber como a ella chegara hum homem velho, o qual pedia audiencia, & segundo daua a entender era sobre negocio de muita importancia. Mandou o Infante que entrasse sendo Christão, & tanto que o vio, reconheceo ser o mesmo que acabaua de ver em sonhos, com que ficou sumamente consolado. O bom velho repetio ao Infante as mesmas palauras que em sonho tinha ouuido, & certificádoo da vitoria, & apparecimento de Christo, acrecentou que tiuesse muita confiança em o Senhor por ser delle amado, & que nelle, & em seus decendentes tinha

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

tinha postos os olhos de sua misericórdia até a decima sexta geração, em que se atenuaria a descendencia, mas nella ainda nesse estado poria o Senhor os olhos, & aueria. Que da parte do mesmo Senhor o auisaua, que quando na seguinte noite ouvisse tocar o sino de sua hermidã, na qual moraua auia sessenta annos guardado com particular fauor do Altissimo, saísse fora ao campo, por que lhe queria Deos mostrar a grandeza de sua misericórdia.

Ouindo o Catholico Principe tão soberana embaixada, tratou o embaixador della com veneração, & deu a Deos com profundissima humildade infinitas graças. Saiosse fora da tenda o bô velho, & tornou a sua hermidã, & o Infante esperando pello final prometido, gastou em oração afeuerada todo o espaço da noite até a segunda vigia, na qual ouiu o som da campainha Armado então com seu escudo, & espada sahio fora dos Arraiais, & pondo os olhos no Céo vio da parte Oriental hum resplendor fermosissimo, o qual pouco & pouco se hia dilatando, & fazendo mayor. No meyo delle vio o salutifero final da santa Cruz, & nella encrauado o Redemptor do mundo, acompanhado em circuito de grande multidão de Anjos, os quaes em figura de mancebos fermosissimos appareciaõ ornados de vestiduras brancas, & resplande-

centes, & pôde notar o Infante ser a Cruz de grandeza extraordinaria, & estar leuâtada da terra quasi dez couados.

Com o espanto de visã tão marauilhosa, com o temor, & reuerencia devidos à presença do Salvador, pos o Infante as armas que leuaua, tirou a vestidura Real, & descalço se prostrou em terra, & com abundancia de lagrimas começou a rogar ao Senhor por seus vassallos, & disse:

*Que merecímētos achastes meu Deos em hũ tão grãde peccador como eu para me enriquecer cõ merce tão soberana? Se o fazeis por me acrescetar a fê, parece não ser necessario, pois vos conheço desde fonte do Baptismo por Deos verdadeiro, filho da Virgem sagrada, segundo a humanidade, & do Padre Eterno por geração diuina. Melhor seria participarem os infieis da grandeza desta marauilha, para que atominando seus erros vos conhecessem.* O Senhor então com suaue tom de voz que o Principe pode bem alcançar, lhe disse estas palauras.

*Não te appareci deste modo, para acrescentar tua fê, mas para fortalecer teu coração nesta empresa, & fundar os principios de teu Reyno em pedra firmissima. Tem confiança, porque não só vencerás esta batalha, mas todas as mais que deres aos inimigos da Fê Catholica. Tua gente acharas prompta para a guerra, & com grande animo pedirte ha, que com titulo de Rey comeces esta batalha; não duvides de o aceitar, mas conceda liuremente a petição, porque*

que eu sou o fundador, & destruidor dos Imperios do mundo, & em ti, & tua geração quero fundar para mi ham Reyno, por cuja industria será meu nome notificado a gentes estranhas. E porque teus decendentes conheção de cuja mão recebem o Reyno, comporas as tuas armas do preço com que comprei o genero humano, & daquelle por que fui comprado dos Iudeos, & ficará este Reyno santificado, amado de mi pela pureza da Fé, & excellencia da piedade.

As cinco  
Chagas,  
& o trin-  
ta dinhei-  
ros.

O Infante Dom Afonso quando ouvio tão singular promessa, se prostrou de nouo por terra, & adorando ao Senhor lhe disse.

*Em que merecimentos fundais meu Deos bñã piedade tão extraordinaria como vsas comigo? Mas ja que assi he, ponde os olhos de vossa misericordia em em os successores que me prometeis, conseruari liure de perigos a gente Portuguesa, & se contra ella tendes algũ castigo ordenado, peçouos o deus antes a mi, & a meus decendentes, & siq saluo este pouo a quem amo como unico filho.*

A tudo deu o Senhor resposta fauoravel, dizendo como nunca d'elle, nem dos seus apartaria os olhos de sua misericordia, porque os tinha escolhidos por seus obreiros, & segadores, para lhe ajuntarem grande ceara em regioes apartadas. Com isto desapareceo a visão, & o Infante D<sup>o</sup> Afonso cheo da fortaleza, & jubilos dalma quais se deixaõ entẽder fez volta para os Arraiacs, & se recolheo em sua tenda.

Amanheceo o venturoso dia, em que se contaão vinte & cinco de Julho, quando a Igreja celebra a festa do Apostolo Santiago primeiro ministro da Fé, & protector de Espanha, & se vio em todo o exercito dos Portugueses hum geral contentamento, & tão grande esforço, que bẽ parecia participado por particular fauor do Ceo, & effeito singular do apparecimento de Christo. El Rey Dom Afonso antes de ordenar as cousas competentes a milicia fez dizer algũas Missas, nas quais comungaraõ elle, & as mais peçoas do exercito que se acharaõ mais preparadas; & depois fez soltar sua bandeira, & armado de todas as armas andou a caualo ordenando sua gente, & foi (segundo dizem nossos Chronistas) na forma seguinte. A vanguarda com tres mil infantes, & trezentos genetes escolhidos tomou para si, como aquelle que se queria assinalar em aquella occasião, & dar exemplo aos seus. A retaguarda, a qual constaua de igoal numero de gente, cometeo a Lourenço Viegas, & Gonçalo de Sousa filho aquelle, & genro este de Egas Moniz seu Aio. As alas da mão direita, & esquerda se entregaraõ a Martim Moniz, & a Mem Moniz. Nossos autores affirmãõ serem estes dous Capitães filhos de Egas Moniz, mas quando lhe acerrem com os nomes, errãõ totalmente em os fazerem

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

zerem filhos daquelle fidalgo. Adiante tratarei de sua decendência, & mostrarêi como todos seus filhos tineraõ o sobrenome patronimico de Viegas, & entre elles não ouue algum que se chamasse Mendo, nê Martinho. Mem Moniz de Candarei era hum fidalgo illustre deste tempo, & delie affirmo o Conde Dom Pedro, que entrou primeiro em Santarê quando o tomaraõ aos Mouros. Tambem fala o mesmo Conde

*Cond. D.<sup>o</sup> em outro Mem Moniz bisneto de Egas Golendes, senhor de Balam; & sobre tudo he celebre a memoria que em o mesmo Conde, & em escrituras antigas ha de Mem Moniz irmão delgas Moniz o Aio del Rey Dom Afonso. Poderia ser o Capitão de hũa das alas algum destes, ainda que pello tempo se mostra mais que seria o primeiro, ou o terceiro.*

Martim Moniz não podia ser o ascendente dos Vasconcellos, se foi morto nesta batalha, como nossos Chronistas escreuem; porque viueo ainda mais algũs annos & entendo que acompanhou a el Rey na vanguarda, conforme a hum Cathalogo que adiante apõtarei. Se o genro do Conde Sisnãdo (do qual se tratou em o liuro Oitauo) era ainda viuo, bem poderia capitanear hũa das alas deste exercito, ou seria outro, cujo nome não achamos nas escrituras, que só de Martim Nunez sabemos pellos annos adiãte, o qual

(deixados outros lugares) confirmo na escritura de Santa Cruz de Coimbra, porque el Rey faz isento aquelle mosteiro da logeijão dos Bispos, cuja data he em Março do anno de 1162.

Antes de se começar a batalha se vieraõ estes Capitaes, & outros principaes do exercito ao Infante Dom Afonso, & declarando o proposito que tinhaõ todos de o levantar logo por Rey, lhe pediraõ encarecidamente consentisse na aclamação do titulo Real, por que alem de outras conueniencias importaua assi na occasiã presente, para animar mais os nossos & causar terror aos contrarios. Consentio o Infante na petição dos seus, sabendo ser esta a vontade do Senhor, & sendo diuulgada sua resolução pello campo, se alegraraõ sumamente os soldados, & com viuas, & aclamações repetindo aquellas palauras (vsadas despois em o levantamento dos Reys: ) *Real Real por Dom Afonso Rey de Portugal*, o foraõ acompanhando em o passeio que deu, & com o estrondo de atambores, trombetas, & mais instrumentos bellicos daquelle idade solenizaraõ este acto, fazendo nelle extraordinarias demonstrações de alegria. Repararaõ os Mouros nas festas dos nossos, se por ventura lhes chegara algum socorro de nouo, & não apparecendo mais gente, se vieraõ chegando com o exercito posto em boa ordẽ para dar



dar batalha com grandissima confiança da vitoria.

CAPIT. III.

*Da grande batalha de Ourique, & como depois de hũa porfiada peleja alcançaraõ os nossos a vitoria.*

**M**Andou el Rey Dom Afonso dar final de acometer, quando vio os inimigos em distancia acomodada, & inuocando o Apostolo Santiago deraõ os nossos cõ tanto impeto nos Mouros, que logo em os primeiros encontros se começou a conhecer a superioridade da gente Portuguesa. O Alferes Garcia Mendes por ordem del Rey rompeo pella vanguarda dos contrarios, & arrourou o estandarte Real no meyo delles. Foi o intento deste Principe, para que seguindo os de sua ala, que eraõ fortissimos soldados, a bandeira, desordenassem o esquadrão contrario, & causassem no principio terror aos inimigos; respondeo o effeito ao pensamento. Acompanharaõ os Portuguezes o estandarte, & começaraõ a fazer com notavel danno dos Mouros grandes prouas de seu esforço. El Rey Dom Afonso daua a todos marauilhozo exemplo. Hum Mouro principal, o qual se lhe adiantara atraueffou com a lança, & depois metido

entre a barbara gente fazia grandes estremos com a espada. Era este Principe de grande estatura, composição estremada de todas as partes do corpo, & respondiã lhe as forças em igoal proporção, tinha muita destreza, & exercicio das armas, o animo era inuenciuel, & pelejava então com mayor alento, & vigor, pella promessa de Christo nosso Saluador. E assi posto que seus feitos em armas em toda a vida foraõ insignes, na occasião presente pareciaõ fora dos limites da força humana. Não lhe paraua diante Mouro cõ vida, nem era necessario segundar muitos golpes, fazia largo campo por onde andaua.

Acudiraõ os inimigos em grã de numero a esta parte de mayor necessidade. Achouse el Rey cercado delles, & a virtude entre tantos pudera ficar arriscada. Aduirtaõ os senhores Portuguezes o perigo del Rey, & rompendo pellos Mouros, tratauaõ de conseruar, & defender a pessoa Real a troco de suas proprias vidas. Cahio em terra Diogo Goncaluez, tendo acabado em a presença del Rey grandes façanhas. E indo para o matar hum Capitão dos Arabes, se lhe oppoz Fernão Mendez de Bragança seu cunhado, & outros seus irmãos diante. Ficou o Mouro, & alguns de sua companhia estirados no campo, & seu canal foi dado ao Capitão Portuguez q jazia em terra. Estana neste tempo

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitana.*

muy ferido, & maltratado da queda, & ainda neste estado pelejou por grande espaço. Mas tinha o Ceo ordenado que fizesse neste lugar fim a seus dias, deixando eternizado seu nome com gloria de tão honrada morte; da qual se podem prelar seus decendentes.

Neste tempo se sentiaõ ja os Mouros da vanguarda opprimidos de nossas armas, & começaram a pelejar froxamente. Quiz reparar Ismario esta falta com meter o resto de suas forças. Entrou com grande animo na peleja com o corpo do exercito, & reataguarda, mas antes de causar dano a nossa gente, sobreuieraõ os Capitaes Portugueses da reataguarda, & ambas as alas com seu exercito, & a batalha se tornou a renouar com grande furia. Afinalouse muito Gonçalo Mendez da Maia o Lidador, & os mais fidalgos Portugueses, dos quais farei Cathalogo em o Capitulo seguinte, referir particularidades de cada hum he temeridade, pella incerteza das cousas. He certo que todos pelejaraõ com muito esforço, o mesmo animo mostrou a mais gente nobre, & soldados ordinarios. Pareciaõ os Christaõs incançaveis, os Mouros com a multidão & pertinacia se sustentauão. Durou a batalha em pezo ate o meio dia, sem se saber a que parte inclinaua a vitoria.

El Rey Dom Afonso entendendo como a principal força dos contrarios consistia em hum esquadrão muy forte, que seruia de goarda a el Rey Ismario, em o qual vinha por Capitão hum seu sobrinho por nome Homar Atagor, homem de incrediveis forças, se resolveo em rematar côtas, & juntos a si os mais fortes de seu campo o inuestio com tanto valor, & bom successo; que mortos os principais d'elle com seu Capitão, se começou a desordenar o exercito dos Arabes. Vendo el Rey Ismario o perigo que corria sua vida, sem poder remedear a ruina de seu Campo, se pos em fugida, & fazendolhe companhia os seus, os seguiraõ os nossos, & foraõ alanceando por grande espaço, ate que el Rey julgou que conuinha tomarem repouso, & mandou dar sinal para se recolherem. Entre os mortos de nossa parte de mais nome se conta Martim Moniz, Capitão de hũa das alas. Por sem duvida se pode ter que faltariaõ algũas pessoas insignes, & soldados de muito valor, pois a batalha durou tão grande espaço. Mas se a rudeza daquelles tempos lhes roubou a gloria de ficarem seus nomes em lembrança, não nos pode tirar a que elles alcançaraõ para a nação Portuguesa com suas mortes. Dos Mouros foi tão excessiua a multidão que pereceo nesta batalha, que affirma

Andre

Andre de Resende autor graue, não só inundaraõ os campos de sangue barbaro, & ficaraõ tintos delle os rios Cobres, & Terge; mas sobreuindo tempestade de agoa, renouara em os mesmos rios a cõr de sangue, do que ficara congelado nos corpos defuntos, com que correrãõ por grande espaço ate ensangoentar a corrente do Goadiana, aonde se metem.

Tambem aduerte o mesmo autor, como entre os corpos mortos dos Arabes se acharãõ alguns de mulheres, as quais pellas armas, & vestidos mostrãõ professar a milicia ao modo das antigas Amazonas. Ponto de que faz particular lembrança a historia dos Godos, quando comprehendea a victoria de Ourique nestas palauras.

*Era M. C. LXXVII. Iulio mense die Diui Iacobi Apostoli fuit victoria Alfonsi Regis, de Esmar Rege Saracenorum, & innumerabili prope exercitu in loco qui dicitur Aulic, tunc cor terræ Saracenorum quo perrexit Rex Alfonsus, semine Saracene in hoc prælio Amazonico ritu, ac modo pugnarunt, ut occise tales depense.* Reduzidas em vulgar dizem.

Na Era de mil & cento & setenta & sete no mes de Iulho em dia do Apóstolo Santiago alcançou el Rey Dom Afonso victoria de Ilmario Rey Dos Mouros, & de seu innumeravel exercito em o lugar chamado Ourique, o

qual então ficaua no meio da terra dos Mouros, aonde el Rey chegou. Nesta batalha entraraõ algũas molhieres Mouriscas, & pelejaraõ ao modo das antigas Amazonas, & foraõ conhecidas despois de mortas.

Esta he a celebradissima victoria que chamamos do Campo de Ourique, famosa entre as que venera a antiguidade, pella desigualdade do numero da gente, pertinacia dos Mouros, & duração de tempo; & no felice auspicio do Reyno de Portugal muy ootauel. Pondera o historiador del Rey Dom Afonso Henriques com gentil consideração, que Tito Liuiio, & outros autores Romanos celebraõ a victoria de Lucullo contra el Rey Tigranes pella maior que vio o Sol, pois não sendo os Romanos mais que onze mil, passaua o numero dos contrarios de duzentos & vinte mil. Com quanta mais razão puderaõ engrandecer a victoria do grande Rey Portuguez, o qual com onze mil soldados desfez o exercito dos cinco Reys Mouros, em que auia mayor numero de gente. Pois se os Romanos alcançaraõ tam desigual victoria, eraõ os contrarios tão fracos, & de tão pouco animo, que os mesmos vencedores se corriaõ de ter vestido armas contra gente tão apoucada. Assim confessa Strabo em o liuro da historia Romana, & Plutarcho na vida de Lucullo.

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

Pello contrario os inimigos dos Portuguezes eraõ a flor dos Mouros Elpanhoes, & Africanos, bellicosos, exercitados na guerra, & confiados pellas grandes victorias de sua gente, com as quais fogueitaraõ a seu imperio grande parte do mundo. Mas valeo aos Portuguezes seu grande esfoço, a ventura, & valor de seu Principe, & sobre tudo o particular, & extraordinario fauor do Ceo, que neste conflito tiueraõ.

Alcançada tão prospera victoria, el Rey se deteu no mesmo lugar ostres dias estabelecidos pela ordem da milicia, & despois se tornou a suas terras com o exercito saluo, & gram numero de despojos, & prisioneiros. Chegou a Coimbra antes de nossa Senhora da Assumpção, que he a quinze de Agosto, porque neste dia se fizeraõ na Cidade solenissimas festas, segundo hũa memoria de Santa Cruz. Pregou o Arcebispo de Braga Dom Ioão, disse a Missa o Bispo de Coimbra Dó Bernardo, ouue hũa procissão de grã de apparatus, seguiraõse canas, touros, & mais festas vsadas em Espanha, as quais se continuaraõ por algũs dias. Entre os catiuos vinha hũ illustre Africano, o qual se conuerteo à Fe estando doente, por ver a grande charidade com que eraõ tratados os enfermos catiuos. De tanta efficacia he a virtude, & piedade para a conuerção das almas.

Em o lugar da batalha não ouue em muitos annos memoria algũa, só permanecia a hermidã daquelle seruo de Deos, que veio falar a el Rey a noite antes da batalha, do qual nos não ficou outra memoria, nem ainda noticia de seu nome. Esta Igreja venerada pellos moradores da terra permaneceo até o tempo do Serenissimo Rey Dom Sebastião, o qual visitando as terras maritimas do Algarue, & fazendo caminho pello campo de Ourique, noton com muita particularidade o lugar da batalha, vio a hermidã muy desfeita, sem outro algum final de victoria tão finalada. Lastimado de tão grande descuido deu ordem com que se renouasse, & acrescentasse a Igreja, & mandou fabricar hum arco sumptuoso, em o qual se esculpio hum letreiro composto pello Mestre Andre de Resende, em que se contem com muita elegancia, & breuidade o successo do aparecimento de Christo nosso Saluado, & batalha de Ourique nestas palauras.

*Hic contra Ismarinum quatuorque  
alios Sarracenorum Reges, innume-  
ramque barbarorum multitudinem  
pugnaturus felix Alfonsus Henricus  
primus, Lusitania Rex appellatus est:  
& à Christo qui ei crucifixus apparuit,  
ad fortiter agendum commonitus; co-  
pijs exiguis tantum hostium stragem  
edidit, ut Corbis, & Tergis flauto-  
rum confluentes cruore inundarint.*

*Ingentis*

*Ingentis, ac stupende rei, ne in loco ubi gesta est, per infrequentiam abscesceret, Sebastianus primus Lusitan. Rex, bellicae virtutis admirator, & maiorum suorum gloria propagator, erecto titulo memoriam renovavit.*

Querem dizer. Estando para pelear neste campo com el Rey. Ilmario, & outros quatro Reys Mouros, que traziaõ exercito innumerauel, o venturoso Rey Dom Afonso Henriques foi aclamado primeiro Rey de Portugal, & animado por Christonofso Saluador ( que lhe appareceo crucificado ) a pelear valerosamente. Com pouca gente fez tanta destruição nos inimigos, que as correntes dos rios Corbes, & Terges se acrescentaraõ com o sangue derramado. Porque hũa façanha tão grande, & estupenda se não fosse pondo em esquecimento neste lugar onde aconteceu, por ser pouco frequentado; el Rey Dom Sebastião o primeiro do nome ( em quem foi igual o respeito do esforço militar, ao desejo que teue de acrescentar a gloria de seus antepassados ) renouou a memoria della com este titulo

que mandou le-

uantar.

(2)

## CAPIT. III.

*Em que se faz Cathalogo dos fidalgos Portuguezes que se acharaõ na batalha do Campo de Ourique.*

**O**S fidalgos que acompanharaõ a el Rey D<sup>o</sup> Afonso Henriques na vaõguarda são os nomeados abaixo conforme a memoria de Santa Cruz que nos veio á mão. Fernão Mendez de Bragança, Ruy Mendez, & Nuno Mendez seus irmãos, Egas Moniz, & seus filhos Sueiro Viegas, & Moço Viegas, o Alferes Garcia Mendez, Lourenço Mendez, Fernão Mendez, Egas Mendez de Gundar, todos tres irmãos, Pero Paes, o que despois foy Alferes, Gonçalo Mendes da Maia o Lidador, Diogo Gonçalves filho de Gonçalo Queques, Godinho Fafes, & Egas Fafes, filhos de Fafes Luz Alferes do Conde D<sup>o</sup> Hérrique, Paio Guterres, Martim Anaia, Gonçalo Díaz o Cide, Fuas Roupinho Alcaide de Coimbra, Fernão Pires, Martim Moniz.

Acerca de Fernão Mendes de Bragança, & seus irmãos auemos de suppor que falta o principio de sua geração no Conde D. Pedro. Porem no liuro antigo das gerações, o qual esteue na Torre do Tombo, & mostraua ser escripto no anno de 1343. se diz, que

X3

Mendo

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

Mendo Alam de Bragança ouue de hũa filha de el Rey de Armenia, a qual veio a Espanha em romaria a Santiago Dom Fernão Mendes o velho, de quem, & de hũa filha del Rey Dom Afonso o Sexto nasceo Mem Fernandez gero de Egas Gofendez casado com Dona Sancha Viegas sua filha, os quaes foraõ paes de Fernão Mendez, & de seus irmãos Rui Mendez, & Nuno Mendez. Fernão Mendez foi chamado o Brauo por sua condição, & valentia, del-le conta o Conde Dõ Pedro hũa cousa improuauel; & he, que sendo casado Sancho Nunez de Barboza com a Infanta Dona Tareja (a qual elle faz filha del Rey Dom Afonso Henriquez) se tirou esta Infanta a seu marido para a darem a Fernão Mendez o Brauo; o qual se mostrara afrontado, por se rirem delle, quando lhe cahio a nata pella barba em o banquete de Coimbra, & que por el Rey lhe aplacar a ira, tirara a molher a Sancho Nunez, & a fazenda a Gonçalo de Sousa, & lha dera. Que a graça da nata acõtecesse não duuidamos, mas que produzisse effeitos tão portentosos, temos por cousa futil, & quasi semelhante à historia da dama, a qual tendo o pé de cabra casou com Dom Diogo Lopez senhor de Biscaia, com condição que nũca se bensesse. Estes, & outros contos do Conde se deue reputar por fabulosos. E quã-

to a Fernão Mendez, entendemos fer casado com a Infanta Dona Sancha irmãa del Rey D. Afonso Henriquez, como se proua de escrituras que ja em outro lugar deixamos allegadas. Sancho Nunez poderia ter casado com a outra irmãa del Rei chamada Dona Tareja, como em o mesmo lugar dissemos. Não teue Fernão Mendez filhos da Infanta Dona Sancha, mas deixou-lhe o estado de Bragança, que era de seu senhorio, o qual por esta razão se vnio despois à Coroa. Isto diz o Conde Dom Pedro. Mas do liuro antigo das linhagēs consta, que Fernão Mendez foi casado com Dona Tareja Soares, filha de Sueiro Mendez o bom, & delles nasceo Pero Fernandez de Laedra, pay de Vasco Pirez Veiom, & de Garcia Pirez, em quem fala o Conde, & delles procedemos do appellido de Chacim. Teue Pero Fernandez de Laedra muita parte dos estados de seu pay, como cõsta de escritura da Sé de Braga, & assi a terra de Bragança, que o Conde diz ficou à Infanta, & por ella à Coroa, deuia ser algũa coisa tocante a suas arras.

E porque aos escrupulosos não fique nesta materia duuida algũa, digo que em o liuro do Cabido da Sé de Braga às folhas 118. está hũa carta de excomunhão do Arcebispo Dom Ioão Peculiar contra Pedro Fernandez, porque nas terras de seu senhorio occupaua algũas

algũas tocantes â Sé de Braga, & vai fazêdo menção particular das terras, que todas cahem nos termos de Bragança, & Miranda, q̃ foraõ do estado de Fernão Mendez. O mais da decendencia de Pero Fernandez, & de procederê delle os do appellido de Chacim consta do linro antigo das linhagens referido, & parece que tomaraõ o nome da villa de Chacim, que está em terra de Bragança, & permaneceria mais tempo em sua casa.

De Egas Moniz, & seus filhos se trata em capitulo particular no anno de 1146. que foi o de sua morte.

Garcia Mendez era neste tempo o Alferez del Rey Dom Afonso Henriquez. Erradamente escreuem algũs nossos autores, ser Pero Paes o Alferez, pareceolhes, como o Conde Dom Pedro o particulariza com este titulo, ser obrigação que sempre exercitasse o officio, não attentando que a vida del Rey Dom Afonso foi larga, & não era necessario que todos o igoalassem nella. Verdade he que Pero Paez foy algum tempo Alferez deste Principe, mas fora delle houue outros, como se deixa ver das escrituras, & se fará aduertencia quando for necessario. Que Garcia Mendez fosse Alferez neste tempo, se proua de varias escrituras. Na doação de São Romão feita por el Rey Dom Afonso a Santa Cruz em Setem-

bro, do anno de 1138. confirma em segũdo lugar Garcia Mendez com titulo de Alferez. O mesmo confirma em duas escrituras do anno seguinte de 1139. em hũa das quais da el Rey ao mesmo mosteiro de Santa Cruz a dizima dos Saueis do Mondego, & na outra concede ao Mosteiro de Grijo o reguengo da villa de Britto. O mesmo Garcia Mendez confirma com o titulo de Alferez em muitas doações do anno de mil cento & quarenta, hũa das quais he a do Couto de S. João de Tarouca. Nesta forma vai continuãdo algũs annos, ainda que poucos, porque no de 1145. era ja Alferez Aluaro Pirez, a quem socedeo Mem de Bragança, & depois entrou Pero Paez. De Garcia Mendez não pude alcançar a linhagê, nem decendencia.

Lourenço Mendez de Gundar, & seus irmãos Fernão Mendez, & Egas Mendez foraõ filhos de Mem de Gundar capitão do tempo do Conde Dom Hérique. De sua nobreza, & decendencia fica dito em o fim do liuro oitauo. Foraõ Fernão Mendes, & seus irmãos dos mais valerosos capitães de seu tempo, & seguirão a a milicia muitos annos, em particular Fernão Mendes, que foy hum dos companheiros de Gonçalo Mendes da Maia o Lidador, como ainda mostraremos.

Pero Paes, a quem o Conde dá titulo de Alferez de Portugal, &

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitana.*

Leão, era filho de Paio Soares Cypriota, & de Dona Chamoá Gomes, filha do Conde D.º Gomes Nunes, que jaz em Pombeiro, & neto por varonia de Dom Sineiro Mendes o bom da Maia, irmão mais velho de Gonçalo Mendes da Maia o Lidador decendentes ambos por linha masculina del Rey Dom Ramiro de Leão o segundo deste nome. Foi Pero Paes casado cō Dona Elvira Viegas, filha de Egas Moniz, seus decendentes conservaraõ algũs annos o appellido de Maia, ou Amaria. São as armas dos Maiaes em campo vermelho, hũa Aguiã de preto armada de prata, & ouro; & por timbre a mesma Aguiã das armas voando.

Gonçalo Mendes da Maia tio de Pero Paes o Alferes, irmão de seu avô alcançou a mayor parte do Reinado del Rey Dom Afonso o Sexto, confirma em doação do anno de 1082. feita á Sé de Braga por galindo Alnites. Dis o Conde Dom Pedro, que foi casado este fidalgo com Dona Leonor Viegas filha de Egas Moniz o aio del Rey Dom Afonso Henriques, de sua primeira mulher Dona Mayor Peres da Silva, & q̃ della ouue i Dona Continha Gonçalves, mulher de Egas Gomes de Sousa, & Dona Moninha Gonçalves casada com o Conde Dom Rodrigo Frojas de Trastamar.

Duas grandes difficuldades me occorrem acerca destes casamen-

tos, a primeira he, que Egas Gomes de Sousa foi avô de Gonçalo Mendes de Sousa, o que floreceo em tempo del Rey D. Afonso Henriques, & este Gonçalo Mendes de Sousa he certo ser genro de Egas Moniz o aio do mesmo Rey casado com Dona Dordia sua filha de segūdo matrimonio. Dilo expressamente o Conde D. Pedro, & tenho doações originaes dos mosteiros de Arroua, & da Salfeda, que o prouão. Supposto esta verdade não parece possivel que Egas Gomes casasse com Neta de Egas Moniz filha do Lidador, & que Gonçalo de Sousa neto desta neta de Egas Moniz casasse com hũa filha do proprio Egas Moniz. Fas nisto repugnancia o respeito do parentesco, & a impossibilidade dos tempos, por onde fica duuidoso o casamento de Gonçalo Mendes o Lidador com a filha de Egas Moniz.

A segunda difficuldade he, q̃ Dom Rodrigo Forjaz casado cō Dona Moninha Gonçalves, filha do Lidador, he segundo o mesmo Conde Dom Pedro aquelle celebradissimo Capitão que venceu el Rey Dom Sancho de Castella junto a Santarem, & acabou gloriosamente diante dos olhos de seu Rey Dom Garcia, & isto passou em o anno do Senhor de 1070. Parece muito que ja neste tempo tiuesse Egas Moniz o aio del Rey Dom Afonso neta casada, & com filhos, por quãto delle  
não



não acho memorias pellas escrituras, se não do anno do Senhor de 1100. por diante.

Aduertirei aos curiosos duas cousas, a primeira, que antes de Egas Monis o ayo del Rey Dom Afonso ouue em Portugal outro Egas Monis, pessoa tambem principal, cuja mulher se chamaua D. Dorothea. Entre os papeis do antigo mosteiro de Pedroso ha doação feita por Munio filho deste Egas Monis, cuja data he no anno de 1128. Ha mais hũa escritura do anno do Senhor de 1134. em a qual se relata certa duuida entre os Abbades de Pedroso, & Paço de Sousa, cujas palauras pertencentes a nosso intento são estas. *Dicente Donus Abbas Martinus, quia testauit Munio Venegas ad illo Acisterio Sancti Petri de Pedroso, dicente donus Abbas Ioannes quia testauit pariter suus Egas Munis, & mater sua Dorothea Odoris ad Palatioli.* Em suma quer dizer, que em o anno do Senhor de 1134. se compos a demanda entre os Abbades de Paço, & de Pedroso sobre certa herdade, a qual dizia o Abba de Pedroso deixara Munio Viegas a sua casa, & mostraua o Abba de de Paço a tinha dantes dado Egas Monis pai do dito Munio ao seu mosteiro. De sorte que em o anno sobredito de 1134. era ja falecido Munio, o qual viuiria em tempo do Conde Dom Henrique, & seu pai Egas Monis será do tempo del Rey Dom Afonso

Sexto, & del Rey Dom Fernando. Pode ser que este Egas Moniz fosse o sogro de Gonçalo Mendes o Lidador, & que equiuocasse o Conde Dom Pedro com os nomes.

Tambem acho em tempo do Conde Dom Henrique hum fidalgo por nome Rodrigo Forjaz, o qual confirma com outros na doação da Igreja de Cornelham feita pello Conde ao Apostolo Santiago em o anno do Senhor de 1097. Pode ser que este fidalgo fosse o genro do Lidador, & da propria familia dos de Pereira como era o outro Conde Dom Rodrigo. E ainda entendo, que este era o auô do Conde Dom Rodrigo que floreceo em tempo del Rey de Castella Dom Fernando, que chamão o Santo, como ja toquei no Capitulo 31. do liuro oitauo. Os doutos escolherão o mais prouauel. De Egas Gomes de Sousa, & de sua mulher Dona Gontinha, procedem não sô os desta familia tão antiga, mas grãde parte dos outros fidalgos com quem está liada, como diz o Códice de Dom Pedro, & se verá em alguns lugares desta historia. De D. Rodrigo, & de Dona Moninha (segundo o mesmo autor) decendem não sô os Pereiras por varonia, & por casamentos os Pimentes, Taueiras, Pachecos, os de Moles, os Rebutins, & Barretos, mas muita da outra nobreza de Espanha.

Diogo

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

*Conde D.  
Pedro no  
tit. 34.*

Diogo Gonçalves foi filho de Gonçalo Queques o que fundou o mosteiro de Cete. Casou com Dona Vrraca Mendes irmã de Dom Fernão Mendes de Bragança, cunhado del Rey Dom Afonso Henriques. Deste fidalgo (conforme diz o Conde Dom Pedro no titulo 34.) decendem os Freitas por varonia, & os Duroos; por fema os Leitoês, entre os quais se achão dous irmãos Mestres da Ordem de Christo, & por hũa irmã delles os Machados. Procedem mais por fema os do Auelar, os Brandoês, & outros. As armas dos Freitas são em campo vermelho cinco estrellas de ouro em aspa, de seis pontas cada hũa, & por timbre dous braços de Leão de ouro em aspa. E as dos Leitoês são tres faxas de vermelho em campo de prata, & por timbre hum Leão de prata com hũa faxa de vermelho. Os do Auelar tem por armas em campo de ouro tres faxas vermelhas, & sobre cada hũa tres estrellas de prata, & por timbre tres espadas fincadas no elmo com os cabos de ouro, & os punhos de vermelho em roquete.

São também decendentes de Diogo Gonçalves os fidalgos do appellido de Valentes (como se colhe do liuro do mesmo Conde titulo sincoenta & oito) de quem ficou o morgado da Povoia, o qual está incluído na illustre casa de Villa noua da familia dos Ca-

stellos Brancos. As armas dos Valentes he hum Leão de ouro, faxado de tres faxas de azul em campo vermelho; & por timbre o mesmo Leão das armas.

Dom Martinho de Anaia foy filho de Dom Anião da Estrada, de quem trata o Conde Dom Pedro no titulo 59. no qual lugar diz, que de Martim Anaia procedem os Sequeiras; sendo assi, q em o tit. 55. dos Cunhas nomea Dom Pedro Coronel por tronco dos Sequeiras. Parece que Dom Aniam da Estrada foi senhor de Gois, & da honra de Sequeira, & este senhorio veio depois a seu filho Dô Martim Anaia, do qual passou aos Coroneis por casamento de hũa sua filha, & assi tomou o appellido de Sequeira Martim Viegas, filho de Egas Pires Coronel de quem trata o Conde Dom Pedro no tit. 41. E posto que neste lugar não fale de sua decendência, nem de seus irmãos por estar salto em algũas regras; o liuro antigo das linhagês diz, que casou com Dona Sancha Pires da Veiga, filha de Pero Paes Grauel, & de Dona Ouroana Paes Correia. Assi que bem se compadece virem os fidalgos de Sequeira de D. Martim Anaia, como de principio de honra, & de Dom Egas Pires Coronel, como de tronco de sua varonia. São as armas dos Sequeiras em campo azul cinco vieiras de ouro em aspa estendidas de preto, & por timbre cinco penachos.

penachos do primeiro, com hũa Vieira no meio. Ha deste appellido os senhores da Torre de Palma, & outras casas principaes.

Faz o Conde Dom Pedro (como ja aduirti em outro lugar) casado Martim Anaia com Dona Toda Randufez viuua de Mendo Strema, o que não deixa de

causar difficuldade. Porque da doação do Castello de Abenameci feita por el Rey Dom Sanchinho o primeiro ao mosteiro de Alcobaça, sabemos que era viuo Mendo Strema em o anno do Senhor de 1191. & que tinha então por el Rey a Cidade, & comarca de Euora. Conforme a esta cóputação o casamento de Martim Anaia có Dona Toda Randufez se deuia celebrar despois deste anno, & sendo Martim Anaia em o anno de 1139. em que se ganhou a batalha de Ourique Capitão valeroso, & exercitado na milicia, & estando casado com Eluira Afonso no anno de mil & cento & sincoenta & quatro, como consta da escritura do Couto de Semide, mui velho deuia de casar com Dona Toda, ou o livro do Conde está errado neste ponto.

Gonçalo Diaz o Cide era sobrinho de Martim Anaia, & pertence á mesma familia dos de Goes. Diz delle o Conde Dom Pedro, que se achou no cerco de Seuilha em tempo del Rey Dom Fernando terceiro de Castella. Parece muito viuer, porque aquelle

cerco foi mais de cem annos depois da batalha de Ourique, & assi o Gonçalo Diaz que nelle se achou seria decendente do que florescia neste tempo.

D. Fuas Roupinho, que aqui se nomea Alcaide de Coimbra, o foi tambem de Porto de Mos. He mui celebrado em nossas historias pella primeira batalha naval dos Portugueses que ganhou aos Mouros, & por outras obras de valor, de que auemos de tratar adiante. De sua nobreza, & geração não pude alcançar noticia.

Fernão Pirez he hum dos Ricos homens daquelle tempo, cujo nome se acha muitas vezes nas escrituras. Succedeo a Egas Moniz no officio de, Dapifer, que era o Trinchante, ou Veador da casa, & o exercitou sem interpollação algũa do anno de 1146. em que falleceo Egas Moniz, ate o de 1154. em que entrou em seu lugar Fernão Catiao, filho do Conde Dó Gomes, & despois Gonçalo de Sousa. Não pude descobrir no Conde Dom Pedro a que familia pertencia este fidalgo, direi o que se colhe com probabilidade das escrituras. Fernão Pires Furtado irmão do Emperador D. Afonso o Septimo, seguiu algum tempo a Corte del Rey Dom Afonso Henriquez, & confirmava nas doações que elle fazia, & foi em certa occasião preso pellos Portugueses, seguindo as bandeiras de seu

*Esta doação del Rey D. Sanchinho está na Torre do Tombo no livro 12. da Escreitura madura as fol. 110*

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

seu irmão, de tudo darei o fundamento em outro lugar. Pode ser que este Fernão Pirez que se achou na batalha de Ourique fosse o mesmo, que não he cousa noua irem os senhores de hũ Reino ajudar os Reys vizinhos nas empresas mais finaladas, & que ficasse alguns annos em Portugal com o officio de Veador da caça, & quanto a não se nomear sempre Fernão Pires Furtado, não ha inconueniente algum, pois naquelle tempo se não vsauão muito as alcunhas, & appellidos, que sô os patronymicos seruião; & ainda ás vezes se não punha mais que o nome proprio, como ja em outro lugar tenho mostrado.

Martim Moniz he o ultimo dos que vem nomeados na relação dos Auentureiros, que acompanhão a elRey na batalha de Ourique. E sem falta deue ser o valeroso Capitão que morreo na tomada de Lisboa á entrada da porta que inda oje conserua o seu nome. Por esta cauza tratamos mais particularmente delle, & do que toca a sua nobreza, & decendencia em aquelle anno que he do Senhor de 1147.

### CAPIT. V.

*Do juramêto com que elRey Dom Afonso Henriquez confirmou a visão de Christo nosso Saluador.*

**E**stantissima era a tradição do apparecimento de Christo nosso Saluador, feito a elRey Dom Afonso Henriquez, & mais confirmandose com os escritos de nossos autores, & de muitos estrangeiros grauíssimos, para se ter por certo o fauor que Deos nosso Senhor quis fazer á nação Portugueza: mas para maior confirmação, ordenou o mesmo Senhor, parece que com particular providencia, nos ficasse outra memoria illustrissima desta verdade, & he hũa escritura authética, em que o mesmo Rey Dom Afonso jura aos Santos Euangelhos como vio com seus olhos indignos ao Saluador do mundo na forma que temos cõtado. Achouse em o anno de 1596 no cartorio do Real mosteiro de Alcobaça, & foi o instrumento o Doutor Frey Bernardo de Brito Choronista mór de Portugal, a quem o Reino deue com a gloria adquirida por seus escritos, as graças de tão ditoso achado. He hum pergaminho de letra antiga ja gastada com sello de elRey Dom Afonso, & ontros quatro de cera vermelha pendêntes de fios de seda da mesma cor, confirmado por pessoas de authoridade, em que se funda o maior credito humano que pode auer em escrituras.

O Doutor Fr. Lourenço do Spirito Santo Abbade então daquella

quella casa gèral da Religiaõ de Cister neste Reyno, pessoa de grã des letras, & muita prudencia, julgou ser vontade de Deos diuulgar le por todos esta memoria. E assi indo a Lisboa leuou o pergaminho, & o mostrou aos senhores do gouerno, & mais pessoas de calidade, & despois fazêdo jornada á Corte de Madrid, o apresentou ao Catholico Rey D. Phelippe II. & o viraõ tambem muitos grandes de sua Corte, & de todos foy venerado, & estimado como merecia hũa antigualha de tanto pteço da qual o theor he o seguinte.

**E**go Alfonsus Portugallie Rex filius illustris Comitis Henrici, nepos magni Regis Alfonsi coram vobis bonis viris Episcopo Bracharensi, & Episcopo Colimbriensi, & Theotonio reliquisque magnatibus officialibus vassalis regni mei in hac cruce aerea, & in hoc libro sanctissimorum Evangeliorum iura cum tactu manuum mearum, quod ego miser peccator, vidi hisce oculis indignis verum Dominum nostrum Iesum Christum in cruce extensum in hac forma. Ego eram cum mea oste in terris ultra Tagum, in agro Avrigio, ut pugnarem cum Ismaele, & alijs quatuor regibus Maorum habentibus secum infinita millia, & gens mea timorata propter multitudinem, erat fatigata, & multum tristis, in tantum, ut multi diceret esse temeritatem inire bellum, & ego tristis de eo quod audiebam capi mecum cogitare, quid agerem, & habebam unum librum in meo papillione, in

quo erat scriptum testamentum antiquum, & testamentum Iesu Christi. Aperui illum, & legi victoriam Gedeonis, & dixi intra me. Tu scis Domine Iesu Christe, quia pro tuo amore suscepi bellum istum contra tuos inimicos, & in manu tua est dare mihi, & meis fortitudinem, ut vincamus illos blasphemantes tuum nomen, & sic dicens dormivi supra librum, & videbam virum senem ad me venientem, dicentemque. Adefonse, confide, vinctes enim de bellis, bisque Reges istos infideles, contresque potentiam illorum & Dominus noster, ostendet se tibi. Dum hac video accedit Ioannes Ferdinandus de Sousa vassallus de meo cubiculo dixitque surge domine mi. Adest homo senex, vultque alloqui. Ingrediatnr, dixi, si fidelis est. Ingressus ad me, agnovi esse illum, quem in visione videram, qui dixit mihi, domine bono animo esto, vinctes, & non vinceris. Dilectus es Domino, posuit enim super te, & super semen tuum post te, oculos misericordie sue, usque in sex tam decimam generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attentata ipse respiciet, & videbit, ipse me iubet indicare tibi, quod dum audieris sequenti nocte tintinnabulum Remisorij mei, in quo vixi sexaginta sex annis inter infideles, servatus favore altissimi, egrediatis extra castra, solus sine arbitris, ostendere tibi pietatem suam multam. Parui, & reuerenter in terra positus, & nuncium, & mittentem veneratus sum, & dum in oratione positus sonitum expectarem, secunda noctis vigilia tintinnabulum audivi, & ense, & scuto armatus, egressus sum extra castra, vidique subito a parte dextra, orientem versus, micantem radium,

**Y** & paulatim

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

Et paulatim splendor crescebat in  
maius, Et dum oculos ad illam partem  
efficaciter pono, ecce in ipso radio cla-  
rior sole signum Crucis aspicio, Et le-  
sum Christum in eo crucifixum, Et ex  
vna, Et altera parte multitudinem iu-  
uenum candidissimorum, quos sanctos  
Angelos fuisse credo. Quam visionem  
dum video, deposito ense, Et scuto, reli-  
etisque vestibus, Et calceamentis, pronus  
in terram me projicio, lacrimis; abun-  
de missis, capiti rogare pro confortatio-  
ne vassalorum meorum, dixique nihil  
turbatus. Quid tu ad me Domine? Cre-  
denti enim fidem vis augere? Melius est  
ut te videant infideles, Et credant quā  
ego, qui à fonte baptismatis te Deum  
verum filium Virginis, Et Patris eter-  
ni agnoui, Et agnosco. Erat autē Crux  
miræ magnitudinis, Et eleuata à terra  
quasi decem cubitos. Dominus Iuani vo-  
cis sono, quem indignæ aures meæ per-  
ceperant, dixit mihi. Non ut tuam  
fidem augerem hoc modo apparui tibi,  
sed ut corroborem cor tuum in hoc con-  
futu, Et initia Regni tui supra firmam  
petram stabilirem. Confide Alfonso, nō  
solum enim hoc certamen vinctes, sed  
omnes alios in quibus contra inimicos  
Crucis pugnaveris, gentem tuam inue-  
nies alacrem ad bellum, Et fortem, pe-  
tentem, ut sub Regis nomine in hac pug-  
na ingreditaris, nec dubites, sed quidquid  
petierint, libere concede. Ego enim ædi-  
ficator, Et dissipator imperiorū Et Reg-  
norū sum: volo enim in te, Et in semine  
tuo imperiū mihi stabilire, ut defera-  
tur nomen meū in exterarum gentes, Et ut  
agnoscant successores tui datorem reg-  
ni insigne tuum ex precio, quo ego bu-

manum genus emi, Et ex eo quo ego à  
Iudeis emptus sum compones, Et erit  
mihi Regnum sanctificatum, fide parū,  
Et pietate dilectum. Ego ut hec audiui,  
humili prostratus adoravi dicens. Quibus  
meritis Domine tantam mihi annun-  
tias pietatem, quidquid iubes faciam,  
Et tu in mea prole, quam promittis  
oculos benignos pone, gentemque Portu-  
gallensem saluam custodi, Et si con-  
tra eos aliquod paraueris malum, verte  
illū potius in me, Et in successores meos,  
Et populum quem tanquam vnicum fi-  
lium diligo, absolue. Annuens Domi-  
nus inquit: Non recedet ab eis, neq; à te  
viquā misericordia mea, per illos enim  
paravi mihi messem multam, Et elegi  
eos in messores meos in terris longinquis,  
hec dicens disparuit, Et ego fiducia ple-  
nus, Et dulcedine redi in castra, Et  
quod taliter fuerit, iuro ego Aldefon-  
sus Rex per sanctissima Iesu Christi  
Euangelia hisce manibus tacta. Idcir-  
co precipio successoribus meis in per-  
petuum futuris, ut scuta quinque in  
crucē partita, propter Crucem Et quin-  
que vulnera Christi, in insigne ferant,  
Et in vnoquoque triginta argenteos, Et  
super serpentem Moysis, ob Christi fi-  
guram, Et hoc sit memoriale nostrum  
in generatione nostra: Et si quis aliud  
attentauerit, à Domino sit maledictus,  
Et cum Iuda traditore in infernum ma-  
ceratus. Facta carta Columb. III. Ka-  
lend. Novembris. Era M. C. LII.

Ego Aldefonsus Rex Portug.  
I. Columb. Episcop.  
I. Bracharens. Metropol.  
T. Prior.

Fernandus

*Ferdinandus Petri Curie Dapif.*

*Petrus Pel. Curie Signifer.*

*Velasus Sancij.*

*Alfonfus Menen. præs. Vlis.*

*Gondisaluus de Sausa procur. Imn.*

*Pelagius Menen. procur. Viseen.*

*Suer. Martin. procurat. Colomb.*

*Menendus Petri, pro Magistro Alberto Regis Cancellario.*

Cuja significação em Portugues he a seguinte.

Eu Afonso Rey de Portugal, filho do Conde Henrique, & neto do grande Rey Dom Afonso, diante de vos Bispo de Braga, & Bispo de Coimbra & Theotonio, & de todos os mais vassallos de meu Reyno, juro em esta Cruz de metal, & neste liuro dos santos Euangelhos, em que ponho minhas mãos, que eu miseravel peccador vi com estes olhos indignos a nosso Senhor Iesu Christo estendido na Cruz, no modo seguinte. Eu estava com meu exercito nas terras de Alentejo no Cápo de Ourique para dar batalha a Ismael, & outros quatro Reys Mouros que tinhaõ consigo infinitos milhares de homẽs, & minha gente temerosa de sua multidão, estava atribulada, & triste sobremaneira, em tão que publicamente dezião algũs ser temeridade acometer tal jornada. E eu enfadado do que ouuia, comecei a cuidar comigo que faria; & como tiuesse na minha tenda hum liuro em que estava escrito o Te-

stamento velho, & o de Iesu Christo, abriho, & li nelle a vitoria de Gedeão, & disse entre mim mesmo. Muy bem sabeis vos Senhor Iesu Christo, que por amor vosso tomei sobre mim esta guerra contra vossos aduersarios, em vossa mão está dar a mi, & aos meus fortaleza para vencer estes blasfemadores de vosso nome. Ditas estas palauras adormeci sobre o liuro, & comecei a sonhar, que via hum homem velho vir para onde eu estava, & que me dizia. Afonso tem confiança, porque vencerás, & destruirás estes Reys infieis, & desfarás sua potencia, & o Senhor se te mostrará. Estando nesta visão, chegon João Fernandes de Sousa meu Camareiro dizendo-me. Acordai senhor meu, porque está aqui hum homem velho que vos quer falar. Entre (lhe respondi) se he Catholico: & tanto que entrou, conheci ser apuelle que no sonho vira: o qual me disse: Senhor tende bom coração, vencereis, & não fereis vencido; sois amado do Senhor, porque sem duuida pos sobre vos, & sobre vossa geração depois de vossos dias os olhos de sua misericordia, ate a decima sexta descendencia, na qual se diminuiria a successão, mas nella assi diminuida elle tornará a pôr os olhos, & verá. Elle me manda dizeruos que quando na seguinte noite ouirdes a campainha de minha hermidã, na qual viuo ha sessenta

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

& seis annos guardado no meio dos infieis com o favor do muy Alto, saiais fora do Real sem nenhũs criados, porq̃ vos quer mostrar sua grande piedade. Obedeci, & prostrado em terra cõ muita reuerencia, venerei o Embaixador, & quem o mandava, & como posto em oração agoardasse o som, na segunda vela da noite ouui a campainha, & armado com espada, & rodela sabi fora dos Reais, & subitamente vi á parte direita contra o nacente, hum rayo resplandecente, & indose pouco & pouco clarificando, cada hora se fazia mayor, & pondo de proposito os olhos para aquella parte, vi de repente no proprio rayo o final da Cruz, mais resplandecente que o Sol, & Iesu Christo Crucificado nella, & de hũa & de outra parte hũa copia grande de mancebos resplandecentes, os quais creio q̃ ferião os santos Anjos. Vêdo pois esta visão, pondo a parte o escudo, & espada, & lançando em terra as roupas, & calçado me lancei de bruços, & desfeito em lagrimas comecei a rogar pella consolação de meus vassallos, & disse sem nenhum temor. A que fim me appareceis Senhor? Quereis por ventura acrescentar se a quem tem tanta? Melhor he por certo que vos vejaõ os inimigos, & creão em vos, que eu, que desde a fonte do Baptismo vos conheci por Deos verdadeiro, filho

da Virgem, & do Padre Eterno, & assi vos conheço agora. A Cruz era de maravilhosa grandeza, levantada da terra quasi dez couados. O Senhor com hum tom de voz suaue, que minhas orelhas indignas ouuiraõ, me disse. Não te apateci deste modo para acrescentar tua fé, mas para fortalecer teu coração neste conflito, & fundar os principios de teu Reyno sobre pedra firme. Confia Alfonso, porque não sô vencerás esta batalha, mas todas as outras em que pelejates contra os inimigos de minha Cruz. Acharás tua gente alegre, & esforçada para a peleja, & te pidirá que entres na batalha com titulo de Rey. Não ponhas duuida, mas tudo quanto te pedirem lhe concede facilmente. Eu sou o fundador, & destruidor dos Reynos, & Imperios, & quero em ti, & teus decendentes fundar para mim hum Imperio, por cujo meio seja meu nome publicado entre as nações mais estranhas. E para que teus decendentes conheçam quem lhe dá o Reyno, corporás o escudo de tuas armas do preço com que eu remi o genero humano, & daquelle porque fui comprado dos Iudeus, & ferme ha Reyno santificado, puro na fé, & amado por minha piedade. Eu tanto que ouui estas cousas, prostrado em terra o adorei dizendo: Por que meritos Senhor me mostrais tão grande misericordia? Ponde pois vossos benignos



nignos olhos nos successores que me prometeis, & goardai salua a gente Portuguesa. E se acontecer que tenhais contra ella algũ casti go aparelhado, executayo antes em mim, & em meus decendêtes, & liurai este pono, q̃ amo como a vnico filho. Conſintindo nisto o Senhor, disse. Não se apartará del les, né de ti nunca minha miseri- cordia, porque por sua via tenho aparelhadas grandes searas, & a el les escolhidos por meus segado- res em terras muy remotas. Ditas estas palauras delápareceo, & eu cheo de confiança, & suauidade me tornei para o Real. E que isto passasse na verdade, juro eu Dom Afonso pellos santos Euangelhos de Iesu Christo tocados com estas mãos. E por tanto mando a meus decendentes que para sempre su- cederem, que em honra da Cruz & ſinco Chagas de Iesu Christo tragaõ em seu escudo ſinco escu- dos partidos em Cruz, & em ca- da hũ delles os trinta dinheiros, & por timbre a serpente de Moy- ses, por ser figura de Christo, & este seja o trofeo de nossa gera- ção. E se alguem intentar o con- trario, seja maldito do Senhor, & atormentado no Inferno cõ lu- das o tredor. Foy feita a presente carta em Coimbra aos vinte & noue de Ourubro, Era de mil & centõ & ſincoenta & dous.

Eu el Rey D. Afonso.

João Metropolitano Bracha-  
rense.

João Bispo de Coimbra.

Theotonio Prior.

Fernão Perez Copeiro mór.

Vasco Sanches.

Afonſo Mendez Gouvernador  
de Lisboa.

Gonçalo deSouza Procurador  
de entre Douro & Minho.

Payo Mendez Procurador de  
Viseu.

Sueiro Martinz Procurador  
de Coimbra.

Mem Perez o escreueo por  
Mestre Alberto Cancellario del  
Rey.

Deuese aduertir que a data  
deste testemunho he annode Chri-  
sto, & não Era de Cesar, porque a  
ser era de Cesar, ficaua sendo an-  
tes da batalha de Ourique, & in-  
cluia implicação manifesta. Não  
deue de causar duuida nelle esta-  
rem todas as firmas de hũa meſ-  
ma letra, porque antigamête não  
punhaõ seu ſinal os que cõfirma-  
uão, & eraõ testemunhas, como  
alem da experiencia de pergami-  
nhos originaes, temos aduertido  
de se nomearem muitas vezes as  
Igrejas Cathedraes que estauaõ  
vagas, as quais claro he que não  
fazião estas firmas. Faz mais em  
abono deste testemunho, o que  
diz Duarte Galuão no Capitulo  
quinze da Chronica del Rey D.  
Afonso, que quando foi hũa meia  
hora ante menhãa se tangeo o  
fino, como o Hermitão disse-  
ra, & o Principe sabio fora de  
sua tenda, segundo elle mesmo

Y 3 disse,

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

disse, & deu testemunho em sua historia vio a nosso Senhor em Cruz na maneira que dissera o hermitaõ. E no fim do mesmo capitulo magoandose o autor do esquecimento que auia das promessas feitas por Christo nosso Saluador a el Rey Dom Afonso diz deste modo. *E por suas cousas andarem por culpa dos tempos em muy fatcada lembrança de escriptura, quis Deos segundo parece, que ficassem algũas em confirmada fama.* E posto que o autor na relação que dà das promessas de Christo não faça menção mais que dos fauores calando o outro ponto da diminuição da casa Real na decima sexta geração, nem por isso he de crer, q̃ o ignoraua, antes he verisimil, q̃ como em tempo do glorioso Rey Dom Manoel quando escreuia não faltassem mais que duas gerações para o effeito daquella prophesia, a qual se auia de cumprir em os netos ou bisnetos daquelle Principe ( como socedeo) o não quisesse desgostar, nem entristecer o Reyno fazendo semelhante lembrança.

### CAPIT. VI.

*Em que se mostra como antes del Rey D. Afonso Henriques, ouue outros Reys em Portugal, & se desmembrou esta prouincia das outras de Espanha.*



Inda que comummente se tenha ser el Rey Dom Afonso Henriques o primeiro Rey que ouue em Portugal, se deue entender dos Reys que com successão continuada perpetuaraõ esta Coroa. Porque falando absolutamente, notorio he entre os que tem algũa noticia das historias, não ser esta a primeira vez que Portugal aparece no mundo com titulo de Reinado. Antiquissimo he este nome, & a dignidade Real nesta prouincia. Por que deixando o modo de gouerno particular que sempre teue entre todas as mais de Espanha, & a separação que sempre fizeram os escritores dos natraes deste Reyno aos outros ponos de Espanha, não se contentando cõ lhe dar o nome generico de Espanhoes sòmente, como aos outros attribuindolhe sempre o de Lusitanos, como ainda oje se costuma: sabemos que quando ha declinação do Imperio Romano vierão nações varias do Norte, & occuparaõ Espanha, & outras prouincias, coube aos Alaios, & logo aos Sueuos a terra de Portugal, aonde reinaraõ com senhorio separado, & independente algũs annos.

No fim de hum martirológio antigo do mosteiro de Carquere estão estas palauras. *Rapanianus Lusitaniam à Romanis cepit, fuit Alanus*

*Alanus quidem & Lusitaniae Rex, sed breuiter à suis occisus successit Attacius, qui ultra Lusitaniã suum Regnum dilatauit, sed à Rege Gotcorum interfectus occubuit.* Quer dizer: Rapanfiano tomou Lusitania aos Romanos, foi Alano de nação, & Rey desta prouincia, & como os seus em breue tempo o mataffê, lhe socedeo Attaffes, o qual dilatou seu imperio alem dos limites de Lusitania, & ao fim o veyo a matar el Rey dos Godos.

Suscедераõ os Sueuos de Galiza no que os Alanos tinham em Lusitania, & ficou Hermenerico Rey de ambas as Galizas Lucense, & Barcareense, porque Attaffes não teue herdeiros. Estes Reys Sueuos assentaraõ sua Corte na Cidade de Braga, como consta de muitas memorias antigas. Em o Breuiario de mão desta Igreja nas liçoẽs do Arcebispo S. Martinho se diz que reinaua em Braga Theodomiro. *Bracara Regnabat Theodormus.* Em o liuro do Cabido da Sè ha hũa carta del Rey Theodomiro escrita aos Bispos de seu Reino congregados no Concilio de Lugo, a qual começa. *Cupio sanctissimi Patres ut prouida utilitate decernatis in prouincia regni nostri, &c.* Na qual lhe encomenda ordenem, & acrecêtem as Metropolis de seu Reyno, como em effeito executarão, dando a Lugo titulo de Metropolitana, & ordenando Bispado em Dume, a qué pertenceffe a familia Real,

o qual he final manifesto, que os Reys tinhaõ sua Corte em Braga, junto da qual està Dume, & he ao presente hũa parrochia da Cidade para o Norte. Foi escrita a carta de Theodomiro na Era de 607 anno de 569. & he pode ser hũa das mais antigas deste genero que ha em Espanha.

De outras escrituras da mesma Sè de Braga consta como reinou, & residia nesta Cidade el Rey Myro, & particularmente de hũa da Era de 610. anno de 572. a qual começa. *Post peracta Bracharensi Synodo ibidem in diebus gloriosissimi domini Mironis Regis in praesentia ipsius Regis.* Quer dizer: Despois de acabado o Synodo Bracharense em o reinado, & presença do gloriosissimo Rey Miro, &c. E por outra escritura do mesmo liuro, que he certa doação del Rey Dom Afonso Magno consta, que os Reys Sueuos se enterrauaõ na Igreja de Braga, & assi se nomea: *Ecclesia Sanctae Mariae Bracharenf. quod est cæmeterium Regale.*

Durou o reyno dos Sueuos, como se colhe da historia de Santo Ilidoro 177. annos, atè o anno 17. de Leouigildo Rey dos Godos, & de Christo 585. em que se vnio à Monarchia de Espanha. Porem tornou se a separar em o anno de 697. por quanto Flauio Egica largou o Reyno de Galiza a seu filho mayor Vuetiza, o qual possuio estes estados ate o an. de 701.

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

Depois da entrada dos Arabes, & restauração de Espanha pelos Reys de Leão, & Ouiedo, se tornou a restituir a Portugal o titulo de Reyno, & teue Reys particulares. El Rey Dom Afonso Magno algũs annos antes de sua morte deu Portugal & Galiza a seu filho Dom Ordonho. Ha deste Principe algũas memorias do tempo de seu reinado. Hum privilegio da Sè de Braga, cuja data he em Feureiro de 909. acaba assim. *Regnante in Galletia, & in extrema Minij, & in extrema Dorij Ordonius Rex Aldefonsi filius.* Isto he: Reinando em Galiza, & nos estremos dos rios Douro & Minho el Rey Dom Ordonho filho de D. Afonso.

Deste Rey se conta, que senhoreando Portugal, & Galiza, fez guerra aos Mouros com grande reputação, & chegou a conquistar a cidade de Beja, a qual estava então em o coração do Reino dos Arabes. Este Rey foi o q̃ fôgeitou a prouincia de Braga a Igreja de Lugo, por estar então aquella Cidade arruinada, como consta da escriptura de sua restauração ja referida. Finalmente pos suio estes Reynos separados ate o anno de 915. em que se tornaraõ a vnir com Leão por morte del Rey Dom Garcia seu irmão, a quem elle succedeo.

Em o anno do Senhor de mil & sessenta & quatro, em q̃ faleceo el Rey D. Fernando o Mag-

no, se diuidiraõ seus Reynos por seus tres filhos Dom Sancho, D. Afonso, & Dom Garcia. Em Castella succedeo D. Sancho, Leão se deu a D. Afonso, Portugal com Galiza ficaraõ a D. Garcia. Não importa referir neste lugar as cousas de seu reinado, pois no fim do segundo volume desta obra estão escritas: mas em confirmação do nome de Reyno que Portugal ja gozaua, pode seruir o epitaphio de sua sepultura, o qual diz assi.

*H. R. Donnus Garcia Rex Portugallie, & Galcie filius Regis Magni Fernandi. Hic ingenio captus à fratre suo in vinculis obiit Era M. C. XXVIII. Kalendaris Aprilis.* Quer dizer. Aqui descança Dom Garcia Rey de Portugal, & Galiza, filho do grande Rey Dom Fernando. o qual sendo preso por engano de seu irmão morreo na cadeia em a Era de M. C. XXVIII. a onze das Calendas de Abril. Vem a ser a 22. de Março do anno de Senhor de 1090.

Está a sepultura deste Rey na Igreja mayor de Leão, & nella se vê sua figura de meia talha com grilhoês, & cadeas na forma que elle deixou ordenado, por ter na morte, & sepulchro as insignias que o acompanharaõ na vida.

Ultimamente se desmembrou Portugal sò dos outros Reynos de Espanha em o anno de 1094. como ja temos mostrado por do te dado por el Rey Dom Afonso

*Durou o  
Reyno de  
Portugal  
na ultima  
separação  
486. ann.*

fo o Sexto à Rainha Dona Tareja sua filha, & deste tempo em diante ficou separada esta Coroa ate o anno de 1580. da qual se começou a chamar Rey o Infante Dô Afonso filho da mesma Rainha, antes da batalha de Ourique, & depois della foi continuando o titulo com maior firmeza, & o deixou estauel, & perpetuo a seus decedentes.

## CAPIT. VII.

*Do deriução, & significação das armas Reaes de Portugal, & como da batalha de Ourique emanarão outras muitas a diuersas familias.*



Conde Dom Hérique, & seu filho o Infante Dom Afonso trazião por armas hũa Cruz, a que chamaõ potentêa, por ter a hastea de alto a baixo mais longa que a outra que atraueffa de parte a parte. Não forão estes Principes os primeiros que vsarão de sta sagrada insignia, que o Emperador Constantino a pintou em seus escudos, em final da que lhe appareceo no Ceo, quando ouue de dar a batalha a Maxencio. Tão bem os Reis de Aragão, & ainda os de Leão despois del Rey Dom Afonso o Casto, tomarão a Cruz sagrada por armas, & vzarão del.

la algum tempo. Se foi esta empreza particular do Conde Dom Henrique, ou a tomou pella razão introduzida em seu tempo, dos que pallauão a terra Santa, & pella mesma causa se chamauão Cruzados, não podemos determinar.

El Rey Dom Afonso com a occasião da batalha de Ourique, tomou por armas as cinco Quinas tão celebradas, & conhecidas em todas as quatro partes do mundo, & por se não perder a memoria da insignia da Cruz, ordenou os escudos em forma de Cruz, & temos aduertido em sellos, & medalhas antigas, serem os escudos daquelle tempo feitos ao comprido, a modo de pontas de lanças, cõ que a sagrada Cruz mais propriamente se afiguraua. Quiz el Rey significar não só a Cruz sagrada em a posição dos cinco escudos, mas em o numero delles as cinco Chagas de Christo nosso Redemptor, & o preço por que foi vendido aos Iudeos, em os dinheiros que mádou pôr em cadahum dos escudos. Costumauasse a pôr trinta dinheiros em cadahum dos escudos: & porque este numero, além de grande, não tinha lugar muitas vezes pella incapacidade do sitio, se ordenou pello tempo adiante, que em cada escudo se metessẽ cinco dinheiros, com que o numero de trinta se podia encher contando duas vezes o escudo do meio, ou  
ajun-

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

ajuntado ao numero dos dinheiros os cinco escudos.

Algũs autores sofrem mal terem as armas de Portugal as significações que dizemos, & parecendo-lhe que em as cinco quinas se denotauão só os cinco Reys Mouros vécidos em a batalha de Ourique, & suas bandeiras ganhadas pellos Portuguezes, tem por vaidade, & delatino attribuirmos a sua significação as chagas de Christo; em o que excedeo demasiadamente João de Mariana, chamando vãos, & ignorâtes aos que isto diziaõ, & deu occasião neste, & em outros muitos lugares de sua obra de se crer delle trataua com pouca afeição as cousas de Portugal. Porem o que atras deixamos escrito do apparecimento de Christo, & da pratica que tene cõ el Rey Dom Afonso, mostraõ bẽ a verdade deste ponto; o qual seguem em seus escritos graues autores, confessando não só a visãõ

Gonzaga  
na hist. de  
S. Frãsc.  
p. 1.  
Nazarin  
cap. Nouit  
de iudicij  
Valdes. da  
nobrez a  
do Reyno  
de Espan.  
Simão  
Maiolo.  
Bozio dos  
finaes da  
Igreja.  
Torrellino  
& outros  
maiores.

de nosso Saluador, mas a deriuacão do escudo Real de Portugal deste apparecimento, & a significação misteriosa, & espirital de nossas armas. Os quais são Francisco Gonzaga Gẽral dignissimo da Serafica Ordem, o Doutor Nauarro, Valdesio, Simão Maiolo, Bozio, Torrellino, & outros muitos de Reynos estranhos, por não tratar dos nossos que constantemente defendem esta verdade, entre os quais nouamente a confirma o Licenciado Gaspar Alures

Lousada, em o liuro intitulado Escudo Real, obra bem trabalhada em que dá noticia de muitas cousas antigas deste Reyno.

Não se ordenarão logo estas armas passada a batalha de Ourique, por quanto vemos algũs annos adiante perseuerar a insignia da Cruz em os sellos de muitas escrituras, mas he certo que daquella vitoria, & do apparecimento de nosso Saluador se tomou a occasião dellas. Como as cousas daquelle tempo andauão embaraçadas por causa das guerras, & não cõcediaõ repouso, não teria el Rey Dom Afonso lugar para fazer a mudança nas armas, & aperfeiçoar o escudo Real na forma q̃ por Deos lhe fora mandado, & esperaria occasião acomodada, & tempo em que pudesse conuocar seus vassallos a Cortes, para então com mais solennidade ordenar aquella obra. Ficou o escudo naquelles principios muito differente do que oje o vemos, porque não sò em o numero dos dinheiros tinha o excessõ que deixamos aduertido, carecia da Orla dos Castellos, a qual lhe foi posta muitos annos adiante, como em seu lugar veremos, mas ainda nos escudos ou quinas auia notauel diuersidade.

El Rey Dom Afonso para ficar lembrança da grande vitoria que alcançou dos Mouros, mandou no principio atrauessar quatro cordões no escudo, dous em

Cruz

Cruz de meio a meio, & dous em aspa de canto a canto, fazendo de outro cercadura, & por elles pendurou muitos escudos, posto que quatro que ficão dentro no escudo, & o do Chefe da bordadura são notauelmente mayores, & feitos a modo de adargas, ou pontas de lança. Estes parece que alludê aos cinco Reys vencidos, os mais seriaõ de outras pessoas principais, ou os q el Rey por sua mão alcançasse. Este modo de escudo se ve em algũs sellos daquelle tempo, porem não era vniuersalmẽte vlado, por quanto em outros temos achado as cinco quinas somente, cõ os circulos ou dinheiros dentro.

Hũa moeda de ouro do tempo del Rey Dom Sancho primeiro vi em mão de Manoel Seuerim de Faria Chantre de Euora, que seria do tamanho de hum tostão, na qual de hũa parte está esculpido este Rey armado a cavallo cõ elpada na mão, & da outra os cinco escudos, & dentro em cada hum cinco dinheiros. Onde se vê, que posto que a ordem dos cinco dinheiros somente em cada escudo he moderna, todauia antigamente ja se vsaua algũas vezes, como desta moeda, & de algũs sellos tenho aduirtido, & assi parece que sô se estabeleceo se não variaſſe como dantes se fazia.

Os demais Reys tambem fizeram alteraçõ, & mudança no escu-

do, que deixo de apontar em particular, por não parecer coula de muito porte. Mas o que tenho obseruado, nunca faltaraõ em o effencial dos cinco escudos significação das cinco Chagas, & nos trinta circulos em que se representão os trinta dinheiros, porque o Salvador do mundo foi vellido, pois este numero ou estaua em cada hum dos escudos, ou se compunha de todos, ou de parte delles.

Alem das armas Reaes de Portugal, q emanaraõ da batalha de Ourique, he muy prouauel nuaõ principio outras algũas de diuersas familias nesta occasiã. Costume he muy antigo nos Reynos da Christandade tomarem-se as armas nas batalhas mais insignes, ou por feitos illustres que nellas fizeraõ os particulares que as tomaõ, ou por algum final marauilhoso, ou outra algũa occasiã notauel. Na insigne batalha das Nauas de Tolosa appareceo no Ceo o dia da peleja hũa Cruz floreteada, & por esta causa tomaraõ muitos fidalgos que alli se acharaõ a Cruz em suas armas, como largamente diz Gonçalo Argote, entre os demais que a tomarão temos por muy verisimil que foraõ algũs Portugueses, por ser certo se acharaõ la muitos, como diz o Arcebispo Dõ Rodrigo, & assi as Cruzes dos Pereiras, dos Almadas, Albergarias, Farinhas he muy prouauel, que daquella

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

quella occasião se deriuassem.

As Cruzes em aspa se trazem nas armas por deuação de Santo Andre, como mostra o mesmo Argote na conquista de Baeça, a qual Cidade se tomou no dia deste Santo. E os Nauarros dão a mesma origem ás aspas que muitas familias daquelle Reyno trazem. Com a mesma razão podemos entender, que as aspas que os Mirandas, Azevedos, Rochas, & outros fidalgos deste Reyno trazem em suas armas, se tomarão por deuação do Santo na conquista da cidade de Beja, a qual foi recuperada pellos Christãos em véspera de Santo Andre, como adiante mostraremos.

Com este fundamento sendo dada a batalha de Ourique, em dia de Santiago, ou na véspera do mesmo Santo (como li em algũas memorias.) As viciras que trazẽ em suas armas os Sequeiras, Pimeteis, Camellos, & outros fidalgos tenho por muy prouauel, se alcançaraõ nesta batalha, por serem estas as insignias antiquissimas do Apostolo sagrado.

Tambem as meias Luas proprias dos Mahometanos, que ajutarão a seus escudos os Amaraes, Barbozas, Homês, Souzas, & outros muitos, hũas postas em caderna, & outras soltas, he muy conforme ao bom discurso que desta grande batalha tiueraõ principio por occasião de algũas bandeiras que fidalgos daquellas familias

tomassẽ aos Mouros, & mandariaõ pintar em seus escudos em final de trofeo, & perpetua memoria de seu esforço.

A mesma occasião tiueraõ as estrellas, porque ordinariamente vsaõ os Mouros, alem das Luas, as cinco estrellas, por denotação dos cinco Planetas que tem estrellas, a que chamãõ errantes. E assi como vejamos hoje nas armas dos Auclares, Bairos, Coutinhos, Foneças, Monises, as estrellas não ha duuida se tomaraõ das bandeiras ganhadas aos Mouros, posto que não possamos certificar serem todas deste tẽpo, pois em o seguinte ouue tantas guerras, & batalhas em que poderia auer mais particulares occasiões para se tomarem.

Muitas cousas a este intento tras Manoel Senerim de Faria Chantre de Euora no liuro segundo que se intitula, Noticia de Portugal, aonde a dã de muitas cousas notaveis de grande honra, & credito desse Reyno.

### CAPIT. VIII.

*Da guerra que neste tempo auia entre Portugal, & Castella. Como se fizeraõ pazes. Toca se o principio da familia dos Furtados, & Mendoças.*



AM permaneceram muito tempo em concordia os dous primeiros



Sandoual  
na Chroni-  
ca de Afon-  
so 7.º. 37.

mos Reis de Portugal & Castella, ou ella se não assentou de todas as vistas q̃ tiueraõ em Camora no anno de 1137. pois em o fim do anno de 1139. & em o seguinte sabemos se continuaua a guerra cõ grande pertinacia. Diz o Bispo de Tuy, q̃ por este tempo andauão tão sanguinolentas as cousas de Portugal & Galiza (parte por onde estes Principes se fazião maior dano) que ainda q̃ o Conde D.º Fernando se defendia por parte do Emperador, & offendia as terras fronteiras del Rey D. Afonso, todavia o estado das cousas requeria muito a presença do mesmo Emperador, & assi lhe foi necessario acudir em pessoa com o mayor poder de seus Reynos.

E para isto (saõ palauras do mesmo autor) mandou o Emperador ao Conde Dom Rodrigo Gomez de Sandoual, & a Lopo Lopez, & a Gutierre Fernandez seu Maiordomo, & a outros Canaleiros & Capitães, que com hum bom exercito fizessem cruel guerra a Navarra. E o Emperador com toda a cavallaria & gente de guerra do Reyno de Leão tomou o caminho de Galiza com determinação de entrar por aquella parte em Portugal, & não leuanta-ra mão da guerra ate conquistar o Reyno. Entrou por elle como hum rayo fazendo a guerra a fogo & sangue, rendendo algũs lugares & castellos com muito dano da terra. Não se descuidou el Rey de Portugal, porq̃ era forte o inimigo, ajuntou sua gente, & sabio a resistir ao Emperador. Do exercito dos Leone

jes avia sabido o Conde Dom Ramiro Flores cõ hũ escoadraõ de caualos & de peões, el Rey de Portugal procurou pelejar cõ elle, & não o recusando o Conde, trahuõ bũa braua escaramuça, na qual por ser muitos mais os da parte del Rey, o Conde foi vencido, & preso. O Emperador assentou seu campo à vista do Castello que se dizia, Peña da Rainha; & el Rey de Portugal pos suas tendas defrõte do Emperador em lugar mais alto & aspero, & entre os dous campos avia hũ valle chão. Algũs capitães & soldados dos Imperiaes sem ordem do Emperador sabiraõ do campo, & assi mesmo outros da parte del Rey, & neste valle começaram a trauarse, & de escaramuça chegaram a batalha, na qual de bũa & outra parte cabiraõ muitos, & se cativaraõ & prenderaõ, sem auer conhecida ventagem entre elles.

Atequi saõ palauras do autor, & assenta o successo destas cousas entre o an. de 1139. ate o de 1140.

A historia dos Godos assina neste proprio tempo a guerra de Portugal & Castella, dizendo. Per idē tempus (entende o anno de 1140.) *Alfonsus Imperator Hispania, filius Raymundi, & Vrraca Regina, & frater amitius Alfonsi Regis Portugallie cum magnis copijs intrauit inter amnē regionem ad locum Valdenez, sed occurrente Rege Portugallie cū suo exercitu, & captis quibusdam Castellanis in loco qui vocatur Ludus Bufurdij, nempe Fernando Fortado fratre imperatoris, & Consule Pontio Cabreira, & Veremundo Petri, & alijs: sed cū bellum infelicitē ab Hispanis geri cepisset*

Z Impera-

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

*Imperator, fecit internuntiu Archiepiscopi Bracharenfis à praelio abstinere, & ambo Reges congressi, & final præsidi discedunt in pace.* Em lingoa gem quer dizer.

Por este tempo D. Afonso Emperador de Espanha filho de D.º Raimundo, & da Rainha D. Vrraca, primo de Dom Afonso Rey de Portugal entrou com muita copia de gente por entre Douro & Minho, até o lugar de Valdeuez; mas saindo-lhe ao encontro com seu exercito el Rey de Portugal, & catiuando no lugar que se diz, *Ludus Bufurdij*, algũs Castelhanos principalissimos, a saber, Dom Fernando Furtado irmão do Emperador, o Consul Poncio Cabreira, & Bermudo Perez, & outros; & assi como a guerra se principiasse pouco fauorauel aos Espanhoes, o Emperador fez dissistir da batalha, tomando por medianeiro o Arcebispo de Braga & ambos os Reys se virão, & dando-se as mãos, se partirão em paz.

Tambem o Bispo de Tuy confessa, que então se firmaraõ as pazes entre estes dous Principes, mas quer que el Rey de Portugal as procurasse, & que o de Castella as concedesse, por ser de condição generoso, & nada aspero a quem se lhe rendia. Mas como os Portugueses venceraõ a primeira batalha, & na segunda ficaraõ igoaes a seus côtrarios, (como elle mesmo confessa) & as cousas de Castella se fossem arruinando (co

mo diz a historia dos Godos) bem se deixa ver a quem imporeauão mais as pazes, & qué foi o primeiro q̃ tratou dellas, como declara a mesma historia.

O modo que ouue nestas pazes relata o mesmo autor cõ estas palauras. *Iuraraõ a paz & concerto os Reys, & juntamente com elles os Ricos homẽs, que se acharão em seus campos, indo da parte do Emperador algũs canaleiros a tomar o juramento a el Rey & aos seus em suas tendas: & vindo assẽtado mesmo outros da parte del Rey a receber do Emperador; logo com a solemnidade costumada se entregaraõ os Castelllos bũs aos outros, soltaraõ os prisioneiros que nas escaramuças auiaõ catiuado, &c.*

Pode-se fazer consideração no modo destas pazes em fauor da soberania, & ileução de Portugal, pois ouue nellas igoaldade nos juramẽtos que se tomaraõ, na restituição das terras, & prisioneiros, sem interuir da parte del Rey de Portugal algum modo de obediencia, a qual se fora deuida se não ensinãua nesta occasiã para as pazes se assentarem cõ maior firmeza.

Taõbẽ aduirto no q̃ toca à restituição das terras q̃ a cidade de Tuy cõ outras de Galiza deuiaõ ficar à coroa de Portugal, pois não sò em Agosto do anno de 1140. faz el Rey D. Afonso Henriques Couto do mosteiro de Oia, q̃ he em Galiza; mas vemos que alguns annos adiante par a o Emperador dar

dar certa confirmação ao Bispo de Tuy Dom João diz, que a faz com consentimento del Rey de Portugal, o que não importana declarar-se, quando esta Cidade pertencera ao senhorio do Emperador. Refere hũa cousa & outra o mesmo Bispo de Tuy em o liurinho dos Prelados daquella Igreja.

*Sandoual  
dos Bispos  
de Tuy fol.  
124. &  
130.*

Ultimamente aduirto na relação da historia dos Godos o nome de Fernão Furtado irmão do Emperador, com que se redargue bem o parecer do mesmo Bispo & de outros autores Castelhanos, os quais em fauor da Rainha Dona Vrraca negão ter ella este filho, & decenderem d'elle os Furtados. Debil fundamento he em pontos de historia reprovar algũa cousa por menos decente, quando cõsta por escrituras que he verdadeira. Em o mosteiro de S. João de Tarouca de nossa Ordẽ està a escriptura original do Couto daquella casa, que mandou fazer el Rey Dom Afonso em o mes de Julho do anno de 1140. em a qual confirma entre outros senhores Fernão Pirez Furtado, & este sem falta era o irmão do Emperador, o qual se deixaria ficar em Portugal para ajudar a seu primo na guerra dos Mouros, como o anno antes parece que fez na batalha de Ourique (como ja atras aduertí) ou por outros respeitos que não sabemos. Porque para dizermos seria algũ fidalgo Portuguez,

não achamos d'elle memoria em outras escrituras, nẽ se pode colher do liuro do Cõde D. Pedro; & assi julgo por bem fundada a opinião dos antigos, em darẽ este filho à Rainha D. Vrraca, & deriuarem d'elle a geração dos Furtados poderosa em rendas & vassallos nos Reynos de Espanha, a qual se vnio pello tempo em adiante à familia dos Mendoças, & assi se chamão os decendentes de hũs & outros promiscuamẽte Furtados, & Mendoças. Sãõ os Mendocas decendentes dos senhores de Biscaya, & ja conhecidos em tempo do Emperador D. Afonso Septimo, & ainda dos Reys mais antigos. Ha deste appellido, & familia muitas casas grandes em Castella. Os Duques do Infantado & Frãca villa, os Marqueses de Mondejar, Sãtillana, Cenete, Canete, Mõtes claros, os Cõdes de Corunha, Monte agudo, Pliego, Castro, Orgaz, Ribadauia, & outras. Em Portugal, alem de alguns ramos illustres, temos a casa dos Condes de Valdereis, & he o q̃ ao presente a possue hum dos dous Governadores de Portugal, de quẽ Iustio Lyphio deixou feita honrosa lãbrança em seus escritos, & eu deixo de a fazer, porque viue, & gouerna.

*Lyphio na  
epistã Na  
no de Men  
doça.*

Os Furtados tem por armas o escudo franjado de verde, & ouro, sobre o verde hũa vanda roxa perfilada com ouro, & sobre o ouro hum S. negro, & por timbre

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

bre hũa aza de Aguia de ouro estendida, com o S. das armas nella.

Dos Mendogas ha varias armas; porque huns trazem escudo partido em quartéis, na parte alta & baxa hũa banda com perfis de ouro em campo verde, & nos outros dous angulos letras azues de Aue Maria em campo de ouro. Outros tem o escudo franjado, & hũa banda roxa com perfis de ouro em campo verde com hũa cadea de prata, & nas outras duas partes dez, panelas de prata em campo de fangue, a que algũs ajuntaõ cadeas á roda.

### CAPIT. IX.

*Como os Mouros tomaraõ Leiria, & os Portuguezes a recuperararaõ; de hũa entrada que el Rey fez até Lisboa.*

1140.

**Q**Vando as guerras dos Principes Christaõs de Elpanha não foraõ de outro dano â Christãdade mais que facilitar aos Mouros a entrada de nossas terras, & impedir aos nossos a restauração & conquista das suas, era hũa perda de grande consideração, & digna de todos os bõs & fieis a sentirem. Mas com serem tanto de estranhar por esta causa, se fazião mais dignas de sentimento có os

males que vinhaõ ao Reyno por seu respeito. Neste tempo em que se exercitanaõ as armas dos dous primos Reys de Portugal & Castella nas partes de entre Douro & Minho, se arruinaraõ grandemente as cousas da Estremadura. El Rey Ismario magoado da afronta, & perda do anno passado & prompto a executar em os nossos vingança em qualquer occasiã que se offerecesse, lançou mão da presente, em q a occupação, & ausencia del Rey Dom Afonso prometteria facil execução a seu intento. Ajuntou có muita breuidade hũ grande exercito, & em companhia de Aufechri Alcaide de Santarem veio cercar Leiria. Foraõ tão fortes os combates, & dados com tanta continuação & perfiã, que mortos os mais valentes soldados do presidio, & mui ferido seu Capitão Paio Goterrez foi ganhada a fortaleza pellos Arabes, antes de aver lugar a se lhe mandar socorro. Particulariza a historia dos Godos a breuidade deste caso com as palauras seguintes.

*Sequenti anno cum Alfonso esset apud Tuden Galeciã occupatus, Esmar subito missis copijs Leirenã cepit & succendit. Quer dizer: No anno seguinte (entendese o anno despois da batalha de Ourique) estãdo el Rey D. Afonso occupado junto da cidade de Tuy em Galiza, mādou el Rey Ismario seu exercito, & tomou & destruiu Leiria.*

Bem sei, como affirmaõ nossos

Chronica  
del Rey D.  
Afonso es  
crita de  
mão c. 25.

fos historiadores, foi a perda de Leiria em o anno do Senhor de 1143. estando el Rey Dom Afonso em Coimbra, & que sua restauração se fez em o anno de 1145. & ainda acrescentão a tomada de Aronches feita neste meio tempo pello Prior de Santa Cruz Dom Theotonio em vingança do dano feito a seu mosteiro pellos Arabes na tomada de Leiria. Mas tudo isto tenho por fabuloso. E quanto a se não perder Leiria em o anno que dizem alem do testemunho da historia dos Godos se confirma da doação do Ecclesiastico desta terra feita a S. Cruz ja citada em o liuro antecedente, & do foral da mesma Villa. A doação foi fita em Abril do anno de mil & cento & quarenta & dous, & nella diz el Rey Dom Afonso tratando de Leiria. *Quod castrum in terra deserta a fundamento ego primitus erexi, sed peccatis exigentibus a Sarracenis destructū iterum illud reedificavi.* Isto he: O qual Castello eu primeiro fiz levantar dos fundamentos em hũa terra deshabitada, & sendo por nossos peccados destruido pellos Arabes, o tornei outra vez a mandar reedificar. Em Santa Cruz se conserva esta doação original, & confirmão nella Dom Ioão Arcebispo de Braga, Dom Bernardo Bispo de Coimbra, Dom Pedro Bispo do Porto. Egas Moniz cō titulo de Dapifer, Fernão Pirez, Mem Moniz, Gonçalo Rodri-

Arbino  
de S. Cruz  
& no liu.  
dos testa.  
fol. 28.

gues, Gonçalo de Sousa, Ioão Rania, Nuno Soarez, Pedro Paez Alcaide de Coimbra, Pero Mendez, Gonçalo Diaz, Fernão Gutierrez, Martin Anaia, Randulfo, & Osberto, & alguns destes vltimos firmão como testemunhas. De sorte que em Abril do anno de mil & cento & quarenta & dous não só Leiria se tinha perdido, mas estaua outra vez restaurada, & o mesmo se confirma do foral que neste tempo lhe foi dado, pello que he erro o que neste particular do tempo escreuem os nossos.

A tomada de Aronches, & casualarias do bemaumentado São Theotonio, que os nossos Chronistas referem, tenho taõbem por cousa sem fundamento. Já mostrei em o liuro passado como a defensão, & direito secular de Leiria não foi nunca de Santa Cruz, nem estaua à conta dos Religiosos desta casa, & assi não auia para que fazer guerra aos mouros por causa da destruição daquella praça. Por outra parte não acho que Aronches pertencesse a Santa Cruz quanto ao direito Ecclesiastico em tempo del Rey Dom Afonso, porque se tal cousa ouuera, se particularizara em o pergaminho, que chamão testamento del Rey Dom Afonso, em o qual estão apontadas todas as merces que el Rey fez à casa de Santa Cruz, & falta esta de Aronches. Tambem

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

na vida de São Theotonio se ou-  
uera de fazer algũa memoria da  
tomada de Aronches se fora ver-  
dadeira. Declarase exactamente  
o muito que ajudaua o seruo de  
Deos com suas orações em a guer-  
ra dos Mouros, & como el Rey  
não emprédia cousa notauel sem  
a comunicar com o Santo. Mas  
exercicio de caualaria algum se  
lhe não attribue. Pello que jul-  
go que se Aronches se ganhou  
em tempo del Rey Dom Afonso  
Henriques, (no que não tenho  
certeza, antes muita duuida) se  
fez por ordem deste Principe, &  
pellos ministros deputados a es-  
tas empresas, & não pellos Reli-  
giosos, aos quais não pertencião.

Em a Torre do Tombo temos  
a doação de Aronches feita ao  
mosteiro de S. Cruz por el Rey  
Dom Sancho Segundo, & não he  
só do direito Ecclesiastico, mas  
tambem do secular. Ha mais a  
renunciação desta Villa feita pel-  
lo Prior de Santa Cruz nas mãos  
del Rey Dom Afonso Terceiro,  
por entender que não conuinha  
a gēte Religiosa, & claustral a de-  
fensão dos lugares fortes, & fron-  
teiras do Reyno. De hũa & outra  
tratarei adiante em seus lugares,  
nesto tempo me consta ser Aron-  
ches de Santa Cruz, & antes del-  
le não vi memoria algũa que me  
assegure.

Em o modo da restauração de  
Leiria vejo difficuldades, porque  
os Chronistas dizem se ganhou

por combate, & a historia dos Go-  
dos afirma que ficou destruida,  
com a qual se confirma mais a  
doação del Rey Dom Afonso  
atras citada. Mas bem poderia  
ser que os Mouros arruinassem  
esta Villa quando a ganharaõ, &  
separada delpois, & presidada de  
sua gente a perdessem, & assi se  
conformem estas escrituras. O q̃  
eu tenho por mui prouauel he, q̃  
em o mesmo anno de 1140. em  
que se perdeu Leiria, tornou ou-  
tra vez ao poder dos Portugue-  
ses, por me constar de hũa cele-  
bre jornada que neste anno fez el  
Rey D. Afonso contra os Mou-  
ros da Estremadura, até chegar a  
pôr cerco â cidade de Lisboa.

E foi o caso, que neste anno  
(deuia ser em o tempo que assen-  
taraõ entre si pazes os Reys de  
Portugal, & Castella, como em o  
capitulo passado fica escrito) che-  
garaõ â cidade do Porto setenta  
navios de Franceses, os quais na-  
uegauaõ para a terra Santa. Pare-  
ceo a el Rey a occasião mui acomo-  
dada, assentou com elles que fos-  
sem pôr cerco a Lisboa. Não pô-  
de naquella occasião ganharle a  
Cidade, só ficaraõ os arrabaldes,  
& comarca toda destruida. Da  
ida ou volta se ganharia, & tor-  
naria a restaurar Leiria, por quan-  
to vemos que no principio do an-  
no de 1142. ja estaua em poder  
del Rey D. Afonso. A jornada, &  
cerco de Lisboa refere a historia  
dos Godos com estas palavras.

*Eodem*

*Eodem tempore obsidetur Olisipo ab Alfonso Henrico auxilio septuaginta navium Gallicorum, qui terram Sã-Elam navigabant, & pervenerunt ad Portum Gaie, & intraverunt Duriũ: sed tunc vrbs capi non potuit, suburbana tamen, & ager direptus, & vastatus. Querem dizer. No mesmo tempo (entende o anno de 1140. de cujos successos vai falando) pos el Rey Dom Afonso Henriques cerco à cidade de Lisboa, ajudado dos Franceses, os quais vieraõ ao Porto de Gaia entrando pello rio Douro, & sazião jornada à terra Santa com setenta navios. Não foi possiuel ganhar-se a Cidade, mas seus arrabaldes, & as terras de todo o termo ficaraõ roubadas, & destruidas.*

*Naõ deuia el Rey de gastar muito tempo nestas partes, & na execução destes negocios, porque no fim deste anno estaua ja nos confins de Galiza, seria por pacificar de todo aquellas terras perturbadas pouco antes com as armas de Castella, & entrada do Emperador D. Afonso naquella prouincia, ou por segurar & reedificar algũas pouoações daquelle fronteira, que sempre no tempo da guerra ficão danificadas: Que el Rey residisse então por estas partes, consta da escriptura do Couto que fez em Guimaraes à Sè de Coimbra do lugar de Orta, & de outras terras para a parte da Anadia, cuja data he a 3. de Dezembro da Era de mil & cen-*

*to & setenta & oito, que he anno de 1140.*

CAPIT. X.

*Como el Rey D. Afonso alcançou confirmação do titulo Real do Summo Pontifice, & fez o Reyno de Portugal feudatario à Igreja.*

**O**r mandado de Deos, 1142. em cuja mão estão as Monarchias da terra; por eleição dos vassallos, dos quais se transfere o dominio em os Principes, & ainda pello direito das armas, as quais derão principio a grandes imperios possuia o venturoso Rey Dom Afonso Henriques o nouo titulo de Rey de Portugal do tempo q̃ ganhou a batalha de Ourique: & quis ainda como obediente filho da Igreja Romana, que o Summo Pontifice desse nisto sua confirmação, & cõ exemplo de sujeição & zelo raro de Christandade fez seu Reyno feudatario à Sè Apostolica, & ao Apostolo S. Pedro. Ha hũa carta mui notauel desta offerta, a qual começa deste modo.

*Alfonsus Dei gratia Rex Portugalie sanctissimo, & beatissimo Domino D. Innocentio Papæ oscula pedum. Clauis regni celestis Beato Petro à Do-*

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

mino nostro Iesu Christo concessas esse cognoscens ipsum in patronum, & aduocatum habere disposui, apud Deum omnipotentem, & in vita presentis opè illius, & consiliam in meis necessitatibus sentiam, & ad præmia felicitatis æternæ valeam peruenire. Quocirca ego *Adefonsus Dei gratia Rex Portugallie* per manus domini G. Cardinalis Apostolicæ Sedis Legati domini nostri Innocentij Papæ, terram quoque meam Beato Petro, & sanctæ Romanæ Ecclesiæ offero sub annuo censu, videlicet quatuor vnciarum auri, ea conditione atque tenore, ut omnes qui tertiæ meam post decessum meum tenuerint, prædictum censum Beato Petro persoluant, ut ego tanquam proprius miles Beati Petri, & Romani Pontificis, ut tam in me ipso, vel in terra mea, vel in ijs quæ ad dignitatem vel honorem terre meæ attinent, defensionem, & solatium Sedis Apostolicæ habeam, ut nulli in posterum alicuius ecclesiastici, vel secularis domini, nisi tantum Sedis Apostolicæ, vel à latere eiusdem missi unquam in terra mea receiptam. Facta huius donationis firmitudine Idibus Decembris Era 1180.

*Ego supradictus Alfonsus Rex Portugallie, qui hanc cartam fieri inssi libenti animo coram idoneis testibus propria manu confirmo.*

*Ego Ioannes Bracharensis Archiepiscopus conf.*

*Ego B. Colimbriensis Episcopus conf.*

*Ego P. Portucalen. Episc. conf.*

A tradução desta carta he a seguinte.

Afonso por graça de Deos Rey de Portugal benja os pés ao santissimo & beatissimo senhor, o senhor Innocencio Papa. Conhecendo eu como as chaues do Reino dos Ceos foraõ entregues por nosso Senhor Iesu Christo ao bea nenturado Apollolo São Pedro, determinei de o tomar por auogado para com Deos todo poderolò, porque nesta vida me dê seu fauor & me aconselhe nos casos arduos, de sorte que possa alcançar os premios da bemauenturança eterna. Por tanto eu Dó Afonso pella graça de Deos Rey de Portugal por mão do senhor Cardeal G. Legado da Sê Apostolica, & de nosso senhor o Papa Innocécio offereço tambem minha terra ao bemauenturado S. Pedro, & à Santa Igreja de Roma com censo, & tributo annal de quatro onças de ouro, com tal condição, & pacto, que todos aquelles que despois de minha morte forem senhores desta terra pagem o sobredito tributo ao bemauenturado S. Pedro, como eu o faço em foro de seu caualeiro, & do Pontifice Romano, para que em minha pessoa, & em minha terra, & nas cousas que tocao à dinidade & honra de meu estado, ache a defensão, & consolação da Sê Apostolica, & de seus Legados a latere. Foi feita a presente carta de firme doação nos Idos de Dezembro da Era de 1180. (he anno de 1142.)

E eu



E eu o sobredito Rey de Portugal Dom Afonso, o qual mandei fazer esta carta, a confirmo por minha mão de boa vontade em presença de testemunhas idoneas.

Eu Ioão Arcebispo de Braga confirmo.

Eu Bernardo Bispo de Coimbra confirmo.

Eu Pedro Bispo do Porto confirmo.

O Summo Pontifice mandou hũa Bulla, da qual o treslado he o seguinte.

*Innocentius Episcopus servus servorum Dei, illustrissimo Regi Portugalie, eiusque heredibus successoribus in perpetuum salutem & Apostolicam benedictionem. Proinde nos attendentes personam tuam, sub Beati Petri, & nostra protectione suscipimus, & Regem Portugallie redintegritate honoris, Regnique dignitate que ad Reges pertinet, & alia loca Excellentie tue concedimus, & autoritate Apostolica confirmamus; hæc ipsa præfatis heredibus tuis duximus concedenda, eosque sub ijs que concessa sunt, Deo propitio pro inuncto nobis apostolatus officio defendimus. Ad indicium autem quod prædictum Regnum nostri iuris existat, duas auri marchas singulis annis nobis, nostrisque successoribus statim perfoluendas; qui utique census Bracharenses Archiepiscopi, qui pro tempore fuerint Romano Pontifici annualim transmittant.*

Reduzida a nosso vulgar contém o que se segue,

Innocencio Bispo servo dos servos de Deos ao Illustrissimo Rey de Portugal, & a seus descendentes, que para sempre lhe succederem, manda saude, & benção Apostolica. Por tanto pondo nos os olhos em vossa pessoa, vos recebemos debaixo da protecção do bemaumentado Apostolo S. Pedro & nossa, & vos confirmamos em Rey de Portugal com toda a honra, & dignidade Real que costumão ter os Keys, & vos concedemos os mais lugares, & preminencias que por esta causa se deuem a vossa Excellencia. E a vossos herdeiros concedemos também estes mesmos fauores, & preminencias, & com o fauor diuino os defendemos, & conseruaremos nellas com o poder Apostolico, & officio que nos he cometido. E em testemunho de ser o sobredito Reyno de nossa jurdição, vos obrigastes a pagar em cada hum anno, & a nossos successores dous marcos de ouro, o qual cêso teraão cuidado os Arcebispos de Braga que pello tempo forem de o mandar cada anno ao Romano Pontifice.

Estas cartas refere o Doutor Frey Bernardo de Brito que vieraõ de Toledo, em cujo archiuo estão. O mesmo affirma o Licenciado Gaspar Alures Loufada, a quem vieraõ dirigidas. E he pro-uauel que ficaraõ lá com outros papeis da recamara del Rey Dom Sancho o Segundo, que morreo,

& jaz

Brito na  
Chron. de  
Cister lib.  
3. cap. 4.  
& 5.

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

& jaz sepultado na mesma Cidade. Ha tambem em o cartorio do Real mosteiro de Alcobaça hũa escritura original, (a qual se proporá extensamente no Capitulo seguinte) & nella se confirma bé o conteudo nestas cartas, porque confessa el Rey Dom Afonso como fizera seu Reyno feudatario á Igreja, & ao Apostolo S. Pedro. São as formais palauras del Rey: *Et quia iam me, & omnia mea B. Petro & eius successoribus vestigalem constitui, cupiens & nunc Beatã Dei Genitricem apud Deum aduocatam habere.* Quer dizer. E porque ja me fogueitei & fiz tributario ao Apostolo S. Pedro, & a seus successores, desejando agora de ter tambem por auogada a Mãe de Deos, &c. Só pode auer duuida em ser esta escritura passada em Abril do anno sobredito de 1142. & a carta del Rey para o Papa em Dezembro do mesmo anno. Mas he de pouca consideração a circumstancia do tempo, quando poderia ser erro de quem treslados a carta; & assi nos parece, que ou o mes está errado nella, ou ainda o anno, por ser certo q ja em Abril do anno de 1142. estaua escrita. Tambem se pode dizer, que em o anno de 1141. ou no principio de 1142. faria el Rey Dom Afonso fogueição de seu Reyno á Sê Apostolica nas mãos do Legado Guido, & no fim deste anno escreueria ao Summo Pontifice. E na escritura de Alcobaça se fará re-

lação da fogueição feita ao Legado. Por qualquer destas vias fica a resolução facil, & corrente, & em confirmação della satisfarei a outras duuidas q me occorrem.

A primeira he, que o Summo Põtifice Alexandre Terceiro passou hũa Bulla em o vigessimo anno de seu Pontificado, que vem a ser no anno de Christo de 1179. E nella confirma a el Rey D. Afonso o titulo Real, & o recebe debaxo de sua protecção. E parecia isto desnecessario, se o Papa Innocencio segundo o tiuera ja feito: ou quando menos se ouuera de fazer menção na Bulla de Alexandre da outra primeira passada sobre a mesma causa. Respondo, q não só temos no archiuo Real a Bulla de Alexandre Terceiro, mas outras tres de Innocencio Terceiro, & Honorio Terceiro sobre o mesmo ponto, & desta multiplicação de letras Apostolicas se pode ao muito colher a grande fogueição dos Reys de Portugal aos Summos Pontifices. Não se tratar na Bulla de Alexandre da outra de Innocencio Segundo, não proua q a não ouue, mas ou aueria descuido, ou se não faria memoria della na supplica.

Segunda duuida. O Cardeal Cesar Baronio traz hũa carta do Papa Innocencio Terceiro para el Rey de Portugal Dom Sancho Primeiro. Na qual se dá a entender, que a fogueição de Portugal á Igreja Romana foi feita em tẽ-

Baronio  
12. ad an.  
1179. hila  
16,

po do Papa Lucio Segundo, logo a Bulla de Innocencio Segundo não carece de sospeita. Respondo primeiramente, que daqui consta como antes do Papa Alexandre Terceiro precedeo a fogueição de Portugal, & a proteção & confirmação do Papa. Digo mais, que o Summo Pontifice não diz ser feita a fogueição a Lucio, mas que constaua dos registos de Lucio da obediencia dada por el Rey Dom Afonso à Sè Apostolica, o que se pode verificar muy bem da fogueição feita em tẽpo de Innocencio Segundo, antecessor de Lucio. Acrescento que poderia ser não chegar a carta del Rey Dom Afonso a Roma se não em tempo de Lucio, ou não se registrar se não quando ja gouernaua. Por quanto Innocencio faleceo no anno de 1143. & seu successor Celestino. Segundo não viueo mais que cinco meses, de sorte que ja em Março do anno de 1144. era Lucio Summo Pontifice.

Terceira diuidida. Que do sobredito ao muito se colhe a fogueição feita por parte del Rey, mas não a confirmação do titulo Real dada pello Sũmo Põtifice. O que se confirma bem com a carta referida pello Cardeal Baronio, na qual o Papa Innocencio Terceiro diz estas palauras, *Ceteram cum idem pater tuus vsque ad tempora felicis memorie Alexandri Papæ prædecessoris nostri Ducis esset nomine appellatus, ab eodem meruit obtinere, ut*

*tam ipse quàm eius hæredes Regio nomine vocarentur.* Em vulgar dizem. Como vosso pai se chamasse Duque ate os tempos do Papa Alexandre de feliz memoria, mececeo alcançar delle o titulo Real para si & seus decendentes.

Digo que a confirmação do titulo Real se seguiu logo despois da fogueição feita por el Rey, como se ve da Bulla de Innocencio Segundo; acrecento que denia ser descuido do Notario do Summo Pontifice, escreuer nesta carta de Innocencio Terceiro que el Rey Dom Afonso não teue nome de Rey ate o tempo do Papa Alexandre. E não implica que em pontos de historia como este aja semelhantes descuidos nas Bullas dos Papas, por quanto não são couzas de fé, nem resoluções Moraes pertencentes ao bem comũ. El Rey Dom Afonso Henriques antes da batalha de Ourique se nomeaua ja Rey posto que raramente; despois della se intitula Rey em todas as escrituras. Em a escritura do Couto feito a S. Ioaõ de Tarouça em Junho de 1140. Na do Couto do Mosteiro de Villa boa em Feureiro de 1141. Na doação feita a Grijõ dos direitos de Tarouquella em Julho do anno de 1142. Em outra feita a Santa Cruz de Coimbra dos lugares de Lauaos & Quiaios em Junho de 1143. E assi em todas as mais dos annos seguintes, & não sô nas escrituras de Portugal vsa-  
ua

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

ua deste titulo, mas tambem em as cartas escritas aos Sûmos Pontifices, como se pode ver, deixando outros exemplos, em a que el creue ao Papa Adriano Quarto, antecessor de Alexandre Terceiro, a qual se conferua em o liuro dos testamentos de Santa Cruz de Coimbra. Pello que foi desatento o que contra isto se diz em a carta de Innocencio Terceiro, & assi fica bem prouado, que a sogeição de Portugal à Sè Apostolica, a confirmação deste Reyno, & do titulo Real delle se fez a primeira vez em tempo do Papa Innocencio Segundo.

### CAPIT. XI.

#### *Do tempo que Portugal pagou feudo, ou censo à Igreja Romana.*



Inda que el Rey Dom Afonso teue intêto de fazer perpetua a sogeição de Portugal à Igreja Romana, não pôde impedir ao tempo suas mudanças, né a alguns de seus decendentes o pouco cuidado de dar satisfação a sua promessa. Iulgâo estes Principes ficaua o Reyno mais soberano sem esta dependencia, ou tiuerao que offerta della fora mais de deuação que obrigatoria. Não se pode chamar propriamente feudatario o Reyno de Portugal,

ainda quando pagaua a pensão a Sè Apostolica, como ja aduertimos; por quanto a propriedade & dominio delle foi sempre dos Reys Portuguezes, & não pertencia aos Summos Pontifices. Poré não se pode tambem negar, que pello reconhecimento del Rey Dom Afonso ficou obrigado, & pensionario à Igreja Romana: pôto de que os Summos Pontifices se lembrarao por vezes em suas Bullas, ainda quando a paga do censo estaua mais esquecida. Não se deue approuar este descuido. He Deos nosso Senhor muy zeloso das promessas que se lhe fazem, & castiga graueamente aos q faltão ao cumprimento dellas.

Pagou el Rey pontualmente o censo que prometera, anticipándose na satisfação delle; mas logo por sua morte se começou a sentir falta nesta obrigação, como se colhe da carta de Innocencio III. para el Rey Dom Sancho allegada no capitulo antecedente, & posto que elle se disculpasse por não serem ainda passados os annos q seu pay dantemão pagara. Sabemos que el Rey Dom Afonso o Segundo satisfez em seu tempo a diuida de todos os annos que seu pay Dom Sancho reinara. Ha na Torre do Tombo hũa memoria, a qual pareceo bem tresladar aqui em proua desta verdade, & para constar da execução, & paga daquelle censo, & diz assi.

*Ego frater Gundisalvus Hispanus familiaris, & Nuncius domini Papae notum facio vniuersis istas literas inspecturis, quod cum fuisset à domino Papa Innocencio Tertio in Hispaniam destinatus, tam pro recoligendis Ecclesiae Romanae censibus, quam pro quibusdam alijs negotijs Ecclesiae generalis, recepi à domino Alfonso Rege illustri Portugalliae LVI. marchas auri, quae faciunt tria millia & trecentos & sexaginta morab. Port. pro XXVIII. annis transactis, cum teneretur in vnoquoque anno ad duas auri marchas. Unde in testimonium huius solutionis hanc cartam ei reliqui, sigilli mei charactere consignatam. Actum Colimbriae sexto Idus Decembris, Anno Dominicae Incarnationis M.C.XIII. domini Papae Innocentij Tertij xvj. in praesentia reuerendi viri Domini Stephani Bracharensis Archiepiscopi, sub cuius testimonio iam dictam censum dominus Papa specialiter persolui praecepit, & praesentibus testibus subscriptis Donno Martino Episcopo Portuensi, & Donno Suerio Episcopo Vlixbonensi, & Donno Fernando Abbate Alcobatie, & Donno Ioanne Priore monasterij Sanctae Crucis Colimbriae, & fratre Mendo Gonsalui Priore domus Hierosolimitanae hospitalens. in Regno Portugalliae, & fratre Fernando Magistro militiae Eborensis ordinis de Calatrana, & Petro Ioannis Maiordomo, & Donno Iuliano Cancellario Curiae Regis. Recognosco insuper ego iam dictus frater Gundisalvus.*

Traduzida em vulgar diz.

Eu Frey Gonçalo Espanhol fa

miliar, & Nuncio do senhor Papa faço saber a todos os que viré as presentes letras, que sendo eu mandado a Espanha pello senhor Papa assi para arrecadar as rendas da Igreja Romana, como a outros negocios pertencêtes à Igreja vniuersal, recebi do senhor D. Afonso Rey illustre de Portugal 56. marcos de ouro, que vem a fazer 3360. maravedis Portugueses: a qual he a paga dos vinte & oito annos passados, em cada hum dos puais era obrigado a pagar dous marcos de ouro, & em testemunho da sobredita paga lhe deixei esta carta consignada com meu sellos. Foi feita em Coimbra a oito de Dezembro do anno do Senhor de mil & duzentos & treze & do Papa Innocencio Terceiro, dezasseis, estando presente o reuerendo varaõ Dom Esteuaõ Arcebispo de Braga, o qual o senhor Papa especialmente mandou assistir, & dar fé a esta paga. E sendo disto testemunhas D. Martinho Bispo do Porto, Dom Sueiro Bispo de Lisboa, D.õ Fernando Abade de Alcobaça, & Dom João Prior de Santa Cruz de Coimbra, & Frey Mendo Gonçales Prior do Hospital de Ierusalem em o Reyno de Portugal, & Frei Fernando Mestre da milicia de Euora, a qual he da ordẽ de Calatrana, & Pedre Annes Mordomo, & D.õ Iulião Cãcellario del Rey, & de sua Corte. Reconheço tudo isto eu o sobredito Fr. Gonçalo.

Aa Conti-

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

Continuarão despois os Reys de Portugal com a paga deste cêso ate o fim do reinado del Rey Dom Afonso Terceiro, em o qual tempo este Rey teue grandes differenças com o estado Ecclesiastico, com que prouocou contra si as censuras dos Summos Pontifices, & então se foi descuidando de satisfazer a esta obrigação, como se colhe de hũa Bulla do Papa Gregorio Decimo, a qual se allegará a seu tempo. E posto que os Reys de Portugal decendentes de Dom Afonso cõpuserão pella maior parte as differenças antigas, & se sogeitaraõ aos mandados Apostolicos. Contudo neste ponto do censo se deixaraõ esquecer em forma, que nem de Roma se fez mais diligência, né em Portugal ouue lembrança d'elle. E assi se pos em esquecimento a paga desta pensão, que ouue autores que ouzaraõ affir-

*Duarte Nunes na vida del Rey Dom Afonso Hérriques fol. 49.* mar, que nunca os Reys de Portugal o pagaraõ, & achou para isto congruencia Duarte Nunes, dizendo q̃ como estes Principes fizeraõ sempre tanto seruiço a Deos, & à Igreja Catholica, extirpando a secta de Mafamede, & reuendicando delles as terras da Christandade que tinhaõ vsurpadas, não houue quem mais falasse nisso. Porem esta conjeitura do autor não foi bem fundada, como se deixa ver do referido neste Capitulo.

### CAPIT. XII.

*Como el Rey D. Afonso sogeitou o Reyno de Portugal ao mosteiro de Claraual, & tomou por padroeira a Virgẽ Maria. mãi de Deos.*



Mo insigne mosteiro de Alcobaça temos hũ celebre testemunho da piedade, & deuacão del Rey D. Afonso Hérriques. Não contente este inclito Principe de sogeitar seu Reyno à Igreja Romana, quis tambem reconhêcer cõ semelhante obrigação o mosteiro de Claraual, & a Virgẽ Mãy de Deos protectora d'elle. Ha em Alcobaça hũ pergaminho antigo cõ o sello das armas Reaes pendente em cera branca, o qual cõtem o seguinte.

*In Dei nomine, quoniam quidẽ decet vnumquemq; fidelem de bonis sibi collatis à superno largitore Dei ministros participes efficere, vt per eos celestium bonorũ particeps efficiatur. Ideo ego Alfonsus miseratione diuina Portugallensium Rex nouiter Deo iubente creatus, quia me plus omnes debitorem sentio, cupio me, & omnia mea Altissimo offerre, vt tam ego quam successores mei in perpetuum regnaturi agnoscant habere Regnum de manu Domini, qui præsentialiter tradidit eũ mihi, vt corde firmo, & charitate perfecta fidẽ Christianam ab infidelũ iniurijs defenderẽ,*

*Archiuo de Alcobaça o proprio original.*

*& san-*

& sanctam Ecclesiam de Regni redditibus ditarem, ut sic esset Regnum sanctum, Deo charum, & in perpetuum stabilitum. Et quia iam me, & omnia beato Petro, & eius successoribus veltigalem constitui, cupiens & nunc beatam Dei genitricem apud Deum advocatam habere, de consensu vassalorum meorum qui absque externo adiutorio me in Regnum solum constituerunt, me ipsum, Regnum meum, gentem meam, & successores meos sub Beate Mariæ de Clarenualle tutelam, protectionem, defensionem, & patrocinium constituo, & constituta fore decerno, ordinando, & mandando omnibus & singulis successoribus meis in hereditatem huius Regni legitime intrantibus, ut singulis annis eidem sanctæ Ecclesiæ Sanctæ Mariæ de Clarenualle, quæ est Cisterciensis ordinis, posita in Regno Franciæ in Diocesi Lingonienf. tribuant in modum feudi, & vassalitiij 50. morabitinos auri probati, boni, & digni quod recipiatur. Si vero contigerit per nostrum dominium aliquem eiusdem Monasterij, & ordinis prefati intrare, vel transire, vel monasterium inibi construxerit, personæ, & res talis monasterij sub tutela & patrocinio Regis erunt, taliter quod à nullo possint molestari, inquietari, perturbari, vel à suis bonis defraudari, quod si contingat in pristinam libertatem restituantur quacunque hora temporis vel momenti in quo maiori commoditate id fieri quiverit: quapropter bona talium monasteriorum, & personarum erunt tanquam bona Regalia, & de illis erit Regi eadem cura quam de suis debet habere. Si vero Rex aliquis, vel tyrannus (quem de lumbis no-

stris futurum non credimus) prefatas personas molestaverit, seu illarum bona surripuerit, non meam, aut earum, sed virginis hereditatem usurpare se credat, & tanquam domino suo infidelis, sub cuius tutela Regnum constitui-mus eodem priuatur, & semen eius non eluscat super terram. Fratribus vero in dicto monasterio de Clarenualle, & in alijs sui ordinis domino famulantibus, cura erit statum Regni nostri Deo devotè commendare, & animam meam, & parentum meorum Missis, & vigilijs adiuuare, & de feudo seu vassalitijs altare Beate Mariæ reparabunt. Abbas vero dominus Bernardus, & eius successores in perpetuum, huiusmodi feudum annuatim habebant in die Annuntiationis Beate Mariæ Virginis. Et ideo Virgo mater Domini mei Iesu Christi, in cuius laudem hic Ordo constitutus micat, ego humilis servus tuus Adefonsus Rex Portugalen. peto quatenus Regnum meum defendas à Mauris inimicis Crucis filij tui, & coronam hanc ab omni externo dominio liberam conferues, & de prole mea fideles servos, & feudi largitores in Regni sede corrobore. Si quis vero contra hoc vassalitijs, & feudi testimonium aliquid attentaverit, si vassalus fuerit, à Regno nostro expellatur; si vero (quod Dominus non consentiat) Rex fuerit, sit à nobis maledictus, & in stirpe nostra non numeretur, & à Domino Deo qui nobis Regnum dedit, omni dignitate spoliatus, & à suis inimicis victus, & cum Iuda traditore in Inferno sepultus. Facta carta in Ecclesia Lamecensi 4. Kalen. Maij. Era 1142. Ego Adefonsus Rex.

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

*Egas Curia Praeses conf. Petrus Pelai-  
des Curia signifer conf. Euas Ropinius  
Colimbræ Praefectus conf. Pelagius de  
Sausa confirmat. Gundisalvus de Sau-  
sa pro test. Vascus Sancius pro test. Al-  
fonfus Egea pro test.*

Em vulgar quer dizer.

Em nome de Deos por ser cou-  
sa decente a cada hum dos fieis,  
fazer participantes os seruos de  
Deos dos bês que o supremo Se-  
nhor lhe tem dado, para que por  
seu nome mereça ser participan-  
te dos bens eternos. Por tanto eu  
Dom Afonso pella diuina mise-  
ricordia Rey dos Portuguezes le-  
uantado nouamente a esta dini-  
dade por mandado de Deos, sen-  
tindome mais obrigado que to-  
dos desejo de me offerecer com  
tudo o q posso ao altissimo Se-  
nhor, para que assi eu como meus  
decendêtes q para sempre reinarê  
conheçamos ter o Reyno da mão  
de Deos, q por modo principal  
mo entregou para q cõ firme co-  
ração, & perfeita charidade deten-  
da a Fê Christãa das injurias dos  
infieis, & faça rica a santa Igreja  
com as rendas de meu Reyno, o  
qual por esta via fique sãtificado,  
amado de Deos, & confirmado  
para sempre. E porq ja me fiz eu  
& todas minhas cousas tributa-  
rio do bemaumentado Apostolo  
S. Pedro, & seus successores; dese-  
jando agora de ter tambem por  
auogada diante de Deos a bema-  
uenturada Virgê, de cõsentimen-  
to de meus vassallos, os quais por

seu esforço sem ajuda nê socorro  
estranho me colocaraõ no thro-  
no Real. ordeno q eu, meu Rey-  
no, minha gente, meus successores  
fiquemos debaxo da tutela & pro-  
tecção, defêsaõ & emparo da bẽa-  
uenturada Virgê MARIA de Cla-  
raual, & mando a todos & cada  
hũ de meus successores q legiti-  
mamente entrarem na successão  
deste Reyno, q dem todos os an-  
nos à Igreja de S. MARIA de Cla-  
raual, q he da Ordẽ de Cister sita  
no Reyno de França no Bispado  
de Longrès em modo de feudo,  
& vassalagê fincoenta marauedis  
de ouro bõ, & digno de se rece-  
ber. E se acontecer que entre, ou  
passe por nossas terras algum Re-  
ligioso deste Mosteiro ou ordem,  
ou queira fundar nellas algũ Mo-  
steiro, suas pessoas & bens do tal  
Mosteiro estaraõ debaxo do em-  
paro & defenção del Rey de tal  
modo, que nenhũa pessoa os pos-  
sa molestar, inquietar, ou pertur-  
bar, nem despojalos de seus bens.  
E se isto succeder serãõ logo resti-  
tuídos em sua liberdade, em qual-  
quer ora ou momento que com  
mayor commodidade se puder fa-  
zer, para o que serãõ os bens  
dos tais mosteiros, & pessoas da  
condição dos bens Reaes, & del-  
les terã o Rey o proprio cuidado  
que costuma ter dos seus. E se al-  
gum Rey (que não creb será meu  
decendente) molestar as pessoas  
sobreditas, ou lhe roubar seus bês  
crea que vsurpa não a minha, ou  
sua



sua herança delles, mas a da Virgem, & como infiel ao proprio senhor, debaixo de cujo emparo pomos este Reyno, seja priuado delle, & sua geração não florea sobre a terra, & os Religiosos que seruem a Deos no sobredito mosteiro de Claraual, & nos mais de sua Ordem terão lembrança de encomendar deuotaméte a Deos o estado de nosso Reyno, & ajudar com Missas, & vigílias minha alma, & a de meus paes, & do feudo, ou censo q se lhe pagar, repararão o Altar de S. MARIA, & o Abbade D. Bernardo, & seus successores para sempre receberão cada anno este feudo em dia da Annunciação da Virgem Santa MARIA. Por tanto vos Virgem Mãe de meu Senhor Iesu Christo, em cujo louuor se fundou, & florece esta Ordem, eu humilde seruo vosso D. Afonso Rey de Portugal vos peço que defendais meu Reyno dos Mouros inimigos da Cruz de vosso filho, & cõserueis minha Coroa liure da sogeição estranha, & coroboreis no throno Real fieis seruos de minha geração, que paguem este feudo. E se alguem intentar couza que contrarie esta vassalagem, & promessa de feudo, sendo vassalo seja deterrado de meu Reyno, & sendo Rey (o que Deos não consinta) aja nossa maldição, & não se cõte no numero de meus decendentes, seja despojado da dinidade pello mesmo Deos, que nos

deu o Reyno, & seja vencido de seus imigos, & sepultado no inferno, como Iudas o traidor. Foi feita a presente carta na Sé de Lamego em 28. de Abril de 1142.

Eu el Rey Dom Afonso.

Dei pois se seguem as firmas dos que assistirão, como ficaõ no Latim.

Affirma o Doutor Frey Bernardo de Brito, que esta sogeição se fez tambem com occasião do fauor que deu nosso Padre S. Bernardo, escreuendo ao Papa Innocencio Segũdo, de quem era muy valido sobre a confirmação do titulo Real del Rey D. Afonso; a qual contrariava muito el Rey de Castella. Bem pode ser que no tempo das guerras ja referidas tratasse o Emperador de fazer este mal a el Rey de Portugal. As cartas que sobre isto ouue, & mais cousas que passaraõ, tras o sobredito autor extensamente, & eu passo com breuidade, assi porque me não vieraõ à mão, como por ser materia ja tratada. Só faço aduertencia aos leitores, que se esta sogeição do Reyno de Portugal a N. Senhora de Claraual foi feita por el Rey D. Afonso estando em as Cortes de Lamego (das quais se trata em o capit. seguinte) como nella se tomou por auogada & padroeira deste Reino à Virgẽ Sacratissima por cõsentimêto, & aceitação comũ, ja não pode ser q se diminua este titulo

*Brito chronica de Cister lib. 3.*

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

cô padroeiros de menores quilaes, nem se priue este Reyno da gloria q̃ alcança com tão grande auogada, como he a Mãe de misericordia. Posto q̃ nos fica grande magoa de ver tem faltado de nossa parte o reconhecimêto devido, ordenado por el Rey Dom Afonso, o que pode ser com outros descuidos fosse causa dos castigos deste Reyno. Refere o mesmo autor como se pagou alguns annos este censo ao Mosteiro de Claraua, & no fim veyo a faltar em o mesmo tempo (segundo nos parece) que deixou de se pagar o que pertencia à Igreja de São Pedro de Roma, que este he o estylo das cousas como começa a descair, não fazerem termo na diminuição.

E porque não pareça a alguns estranho fazer hum Rey soberano seu Reyno feudatario a hum particular mosteiro, & por esta causa duuidem da escritura referida, saibaõ que não foi el Rey Dom Afonso o primeiro a quem aconteceu este lanço. Ia el Rey de Leão & Castella Dom Afonso o Sexto seu auô tinha usado outro semelhante com o mosteiro de Cluni, renouando nelle a obrigação feita por seu pay el Rey Dom Fernando. O Veneravel Pedro Abade Cluniacense o conta com estas elegantes palauras. *Vi enim innumera alia pietatis opera eidem monasterio ab eo impensataceam, magnificentissimus, & famo-*

*sus Rex censualem se Regnumque suū Christi pauperibus eiusdē Christi amore fecerat, & tam à se, quam à patre suo Fredelano constitutum censum, ducentas scilicet, & xl. auri uncias singulis annis Cluniacensi Ecclesie persoluebat.*

Não importa traduzir estas palabras, pois não contem mais q̃ a proua do que temos dito.

### CAPIT. XIII.

*Das Cortes que el Rey celebrou em Lamego, depois que o Summo Pontifice lhe mandou a Bulla da confirmação do Reyno.*



Vuidoso estive se poria neste lugar o treslado destas Cortes, porque como não vi escritura original dellas, & contem algũas cousas em que se pode reparar, nem eu tinha dellas a certeza necessaria, nem a podia dar aos leitores. Mas com dizer que não vi mais que o treslado em hum caderno que me veio à mão, & comprehende outras cousas do cartorio de Alcobaça; & parecer a algũas pessoas de bom juizo q̃ deuia publicalas debaixo desta duuida, satisfaço a minha obrigação, & não tem que me censurar. Ajuntouse a isto saber, que algũas pessoas a cuja mão veyo este papel depois de o eu ter diuulgado, fazião

fazião delle tanta estima, que não só lhe dauão o credito que merecem as escrituras authenticas, que se conseruão nos Archiuos dos Mosteiros, Sés, & Torre do Tóbo, mas ainda o queriaõ imprimir como cousa sem duuida, por onde julguei ser necessario propolo com a inteireza que tem, porq̃ não corra despois por certo, o que he sómente prouauel ainda em razão da historia.

Contem pois a relação destas Cortes o seguinte.

*Prima congregatio Regis  
Alfonsi, Henrici Comitis filij,  
in qua agitur de regni nego-  
tiji, & multis alijs rebus  
magni ponderis, &  
momenti.*

**I**N nomine Sanctæ, & indiuiduæ Trinitatis, Patris, Filij, & Spiritus Sancti, Trinitas inseparabilis, quæ nunquam separari potest. Ego Alfonsus Comitis Henrici, & Regine Tarasie filius, magnique Alfonsi Imperatoris Hispaniarum nepos, ac pietate diuina ad Regiam solium nuper sublimatus. Quoniam nos concessit Deus quietari, & dedit victoriam de Mauris nostris inimicis, & propterea habemus aliquantam respirationem; ne forte nos tempus non habeamus postea conuocauimus omnes istos, Archiepiscopum Bracharens. Episcopum Vicens. Episcopum Portuens. Episcopum Colimbriensem, Episcopum Lamecens. viros etiam no-

stra curiæ infra positos, & procurantes bonam prolem per suas ciuitates per Colimbriam, per Vimaranes, per Lamecū, per Viseum, per Barcellos, per Portum, per Trancozum, per Chanes, per Castiū Regis, per Bouzellas, per Parietes vetulas, per Senam, per Couilhanam, per Monte Maggiore, per Ugueiram, per Villa Regis, & per parte domini Regis Laurentius Venegas, & multitudo ibi erat de Monachis, & de Clericis, & congregati sumus Lamecum in Ecclesia Sanctæ Mariæ Almacae, seditq; Rex in solio Regio sine insignijs Regijs, & surrexit Laurentius Venegas procurator Regis, & dixit.

Congregauit vos Rex Alfonsus, quem vos fecistis in Campo Auriquio, ut videatis bonas litteras domini Papæ, & dicatis si vultis quod sit ille Rex. Dixerunt omnes. Nos volumus quod sit Rex. Et dixit procurator. Quomodo erit Rex, ipse aut filij eius, aut ipse solus Rex? Et dixerunt omnes: Ipse in quantum viuet, & filij eius posteaquam non vixerit. Et dixit procurator. Si ita vultis, date illi insigne. Et dixerunt omnes. Demus in Dei nomine. Et surrexit Archiepiscopus Bracharens, & tulit de manibus Abbatis de Laurbano coronam auream magnam cum multis margaritis, quæ fuerat de Regibus Gotorum, & dederant Monasterio, & posuerunt illam Regi. Et dominus Rex cum spata nuda in manu sua, cum qua iuit in bello dixit: Benediclus Deus qui me adiuuauit. Cum ista spata liberaui vos, & vici hostes nostros, & vos me fecistis. Regem, & socium vestram. Si quidem me fecistis constituamus leges;

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

per quas terra nostra sit in pace. Dixerunt omnes: volumus domine Rex, & placet nobis constituere leges, quas vobis bene visum fuerit, & nos sumus omnes cum filiis, filiabus, nepotibus, & nepotibus ad vestrum mandare. Vocauit citius dominus Rex Episcopos, viros nobiles, & procuratores, & dixerunt inter se, faciamus in principio leges de hereditate Regni, & fecerunt istas sequentes.

Vinat dominus Rex Alfonsus, & habeat Regnum. Si habuerit filios varones, viuant, & habeant Regnum, ita ut non sit necesse facere illos de nouo Reges. Ibunt de isto modo. Pater si habuerit Regnum cum fuerit mortuus, filius habeat, postea nepos, postea filius nepotis, & postea filios filiorum in secula seculorum per semper.

Si fuerit mortuus primus filius viuentis Rege patre, secundus erit Rex, si secundus, tertius, si tertius, quartus, & deinde omnes per istum modum.

Si mortuus fuerit Rex sine filiis, si habeat fratrem sit Rex in vita eius, & cum fuerit mortuus, non erit Rex filius eius, si non fecerint eum Episcopi, & procurantes, & nobiles curie Regis, si fecerint Regem, erit Rex, si non fecerint non erit Rex.

Dixit postea Laurentius Venegas, procurator domini Regis ad procurantes. Dicit Rex: si vultis quod intrent filias eius in hereditatibus regnandi, & si vultis facere leges de illas? Et posteaquam altercauerunt per multas horas, dixerunt. Etiam filie domini Regis sunt de lambis eius, & volumus eas intrare in Regno, & quod fiant leges

super istud. Et Episcopi, & nobiles fecerunt leges de isto modo.

Si Rex Portugallie non habuerit masculum, & habuerit filiam, ista erit Regina, postquam Rex fuerit mortuus de isto modo. Non accipiet virum nisi de Portugal, nobilis, & talis non vocabitur Rex, nisi postquam habuerit de Regina filium varonem, & quando fuerit in congregatione maritus Regine, ibit in manu manca, & maritus non ponet in capite corona Regni.

Sit ista lex in sempiternum, quod prima filia Regis accipiat maritum de Portogalle, ut non veniat Regnum ad estraneos, & si casauerit cum Principe estranio, non sit Regina, quia nunquam volumus nostrum regnum ire for de Portogalensibus, qui nos sua fortitudine Reges fecerunt, sine adiutorio alieno per suam fortitudinem, & cum sanguine suo.

Istae sunt leges de hereditate Regni nostri, & legit eas Albertus Cancellarius domini Regis ad omnes, & dixerunt, bonae sunt, iustae sunt, volumus eas per nos, & per semen nostrum post nos.

Et dixit procurator domini Regis. Dicit dominus Rex: vultis facere leges de nobilitate, & iustitia, & responderunt omnes: placet nobis, sit ita in Dei nomine, & fecerunt istas.

Omnes de semine Regis, & de generationibus filiorum, & nepotum sint nobilissimi viri. Qui non sunt de Mauris, & de infidelibus Indaeis, sed Portogalenses, qui liberauerint personam Regis, aut eius pendonem, aut eius filium, vel generum in bello sint nobiles. Si aliquis comprehensus de infidelibus mortuus erit

erit propter quod non vult esse infidelis, sed stat per legem Christi, filij eius sint nobiles. Qui in bello matauerit Regem inimicum vel eius filium, & gancauerit eius pendonem, sit nobilis. Omnes qui sunt de nostra curia, & fuerant de antiquo nobiles, sint per semper nobiles. Omnes illi qui fuerunt in lide magna de Campo Dauriquio, sint tanquam nobiles, & nominentur mei vassali per totas suas generationes.

Nobiles si fugerint de lide, si percusserint cum spata ou lancea mulierem, si non liberauerint Regem aut filium eius, aut pendonem pro suo posse in lide, si iurauerint falsum testimonium, si non dixerint veritatem Regibus, si male salauerint de Regina, & filiabus eius, si fuerint ad Mauros, si furtauerint de alienis, si blasfemauerint ad Iesum Christum, si voluerint matare Regem, non sint nobiles neque illi, neque filios eorum per semper.

Iste sunt leges de nobilitate, & legit eas Cancellarius Regis Albertus, & dixerunt, bonæ sunt, iustæ sunt, volumus eas per nos, & per semen nostrum post nos.

Omnes de Regno Portugalle obediunt Regi, & Alcazilibus locorum qui fuerint ibi per nomine Regum, & isti indicabunt per istas leges iustitiæ.

Homo si furtauerit, per prima vice, & secunda ponant eum medium vestitum in loco per ubi omnes vadunt; si magis furtauerit, ponant in testa latronis signum cum ferro caldo, si magis furtauerit moriatur; & non matabant eum sine iussu domini Regis.

Mulier si fecerit malfario viro suo

cum homine altero, & vir eius accusauerit eam ad Aluazil, & si sunt boni testes, cremetur cum igne, cum dixerint totum ad Dominum Regem, & cremetur vir de malfario cum illa. Si maritus non vult quod cremetur mulier de malfario, non cremetur vir qui fecit malfario, sed vadat liber, quia non est lex viuere illam, & matare illum.

Si aliquis occiderit hominem, sit quis est, moriatur pro illo. Si quis sforciauerit virginem nobilem, moriatur, & totum suum auere sit de virgine sforciata. Si non est nobilis maritentur ambo, siue homo nobilis sit siue non sit.

Quando aliquis per vim gancauerit auere alienum, vadat querelatus ad Aluazir, & ponat querelam, & Aluazir restituat illi suum auere.

Homo qui fecerit roxum cum ferro moludo, vel sine illo, vel dederit cum lapide vel ligno truncudo faciat illam Aluazir componere damnum, & pechare decem morabitanos.

Homo qui fecerit iniuriam Aluazile, Alcaide, homini misso a domino Rege, vel etiam Saione, si percusserit assignetur cum ferro caldo, sinon peche 50. morabitanos, & componat damnum.

Hæc sunt leges iustitiæ, & legit eas Cancellarius Regis Albertus ad omnes, & dixerunt, bonæ sunt, iustæ sunt, volumus eas per nos, & per semen nostrum post nos.

Et dixit procurator Regis Laurentius Venegas; vultis quod dominus Rex vadat ad Cortes Regis de Leone, vel det tributum illi, aut alicui persone for domini Papæ, qui illū Regem creauit; & omnes sarrexerunt, & spatibus

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

*dis in altam dixerunt. Nos liberi sumus; Rex noster liber est, manus nostrae nos liberuerunt, & dominus Rex qui talia consenserit moriatur, & si Rex fuerit non regnet super nos. Et dominus Rex cum corona iterum surrexit, & similiter cum spata nuda dixit ad omnes. Vos scitis quantas lides fecerim per vestram libertatem; testes estis, testis brachium meum, & ista spata, si quis talia consenserit, moriatur; & si filius aut nepos meus fuerit, non regnet; & dixerunt omnes. Bonum verbum. Moriatur, & Rex si fuerit talis, quod consentiat dominium alienum non regnet. Et iterum Rex. Ita fiat.*

O treslado das Cortes em vulgar contem o seguinte.

**E**M nome da sancta, & indiuidua Trindade Padre, Filho, & Spirito santo, que he indiuisa, & inseparauel. En Dom Afonso filho do Conde D. Henrique, & da Rainha Dona Tareja neto do grande D. Afonso Emperador das Espanhas, que pouco ha que pella diuina piedade fui sublimado á dinidade Rey. Ia q̃ Deos nos concedeo algũa quietação, & com seu fauor alcançamos victoria dos Mouros nossos inimigos, & por esta causa estamos mais desaliuados, porque não soceda despois faltarnos o tempo cōuocamos a cortes todos os que se seguem. O Arcebispo de Braga, o Bispo de Viseu, o Bispo do Porto, o Bispo de Coimbra, o Bispo de Lamego, & as pessoas de nossa Corte que se nomearaõ abaxo,

& os procuradores da boa gente cada hum por suas Cidades, conuem a saber por Coimbra, Guimaraes, Lamego, Viseu, Barcellos, Porto, Trancoio, Chaues, Castello Real, Bouzella, Paredes velhas, Cea, Couilham, Monte maior, Esqueira, Villa de Rey, & por parte do Senhor Rey Lourenço Viegas auendo tambem grande multidão de Mõges, & de clerigos. Ajuntamonos em Lamego na Igreja de Santa Maria de Almacaue. E assentouse el Rey no trono Real sem as insignias Reaes, & leuantandose Lourenço Viegas procurador del Rey disse.

Fezuos ajuntar aqui el Rey D. Afonso, o qual leuantastes no Campo de Ourique, para que vejais as letras do santo Padre, & digais se quereis que seja elle Rey. disserão todos. Nos queremos que seja elle Rey. E disse o procurador: Se assi he vossa vontade, dailhe a insignia Real. E disserão todos: Demos em nome de Deos. E leuantouse o Arcebispo de Braga, & tomou das mãos do Abbade de Loruão hũa grande coroa de ouro cheia de pedras preciosas que fora dos Reys Godos, & a tinhão dada ao Mosteiro, & esta puserão na cabeça del Rey, & o senhor Rey com a espada nua em sua mão, com a qual entrou na batalha disse: Bendito seja Deos que me ajudou, com esta espada vos liurei, & venci nossos inimigos, & vos me fizestes Rey, & com-

& companheiro vosso, & pois me fizestes, façamos leys pellas quais se gouerne em paz nossa terra. Dilleraõ todos: queremos senhor Rey, & somos contentes de fazer leis, quais vos mais quizerdes, porque nos todos com nossos filhos & filhas, netos & netas estamos a vosso mandado. Chamou logo o senhor Rey os Bispos, os nobres, & os procuradores, & dilleraõ entre si, façamos primeiramente leis da herança & successão do Reyno, & fizeraõ estas que se seguem.

Viuu o senhor Rey Dõ Afonso, & possuia o Reyno. Se tiuer filhos varoẽs viuão & tenhaõ o Reyno, de modo que não seja necessario tornalos a fazer Reys de nouo. Deste modo socederaõ. Por morte do pay herdarã o filho, despois o neto, entãõ o filho do neto, & finalmente os filhos dos filhos, em todos os seculos para sempre.

Se o primeiro filho del Rey morrer em vida de seu pay, o segundo serã Rey, & este se falecer o terceiro, & se o terceiro o quarto, & os mais que se seguirem, por este modo.

Se el Rey falecer sem filhos, em caso que tenha irmão, possuirã o Reyno em sua vida, mas quando morrer não serã Rey seu filho, sãõ primeiro o fazerem os Bispos, os procuradores, & os nobres da Corte del Rey, se o fizerem Rey serã Rey, & se o não elegerem,

não reinarã.

Dille despois Lourenço Viagas Procurador del Rey aos outros procuradores. Diz el Rey, se quereis que entrem as filhas na herança do Reyno, & se quereis fazer leis no que lhes toca? E despois que altercaraõ por muitas horas, vieraõ a concluir, & dilleraõ. Tambem as filhas do senhor Rey saõ de sua decendencia, & assi queremos que sucedão no Reyno, & que sobre isto se fação leis, & os Bispos & nobres fizeraõ as leis nesta forma.

Se el Rey de Portugal não tiuer filho varão, & tiuer filha, ella serã a Rainha tanto que el Rey morrer; porem serã deste modo, não casará se não com Portugues nobre, & este tal se não chamarã Rey, se não despois que tiuer da Rainha filho varão. E quando for nas Cortes, ou autos publicos, o marido da Rainha irá da parte esquerda, & não porã em sua cabeça a Coroa do Reyno.

Dure esta ley para sempre, que a primeira filha del Rey nunca case se não com portugues, para que o Reyno não venha a estranhos, & se casar com Principe estrangeiro, não herde pello mesmo caso; porque nunca queremos que nosso Reyno saya fora das mãos dos Portugueses, que com seu valor nos fizeraõ Rey sem ajuda alhea, mostrando nisto sua fortaleza, & derramando seu sangue.

*Estas*

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitana.*

Estas são as leis da herança de nosso Reyno, & leu as Alberto Cancellario do senhor Rey a todos, & disserão, boas são, justas são, queremos q valhão por nos, & por nossos decedentes, que depois vierem.

E disse o Procurador do senhor Rey. Diz o senhor Rey. Quereis fazer leis da nobreza, & da justiça? E responderão todos. Assim o queremos, fação-se em nome de Deos, & fizerão estas.

Todos os decedentes de sangue Real, & de seus filhos & netos sejam nobilissimos. Os que não são decedentes de Mouros, ou dos infieis ludeus, sendo Portuguezes que liurarem a pessoa del Rey, ou o seu pendão, ou algũ filho, ou genro na guerra, sejam nobres. Se acontecer que algum catiuo dos que tomarmos dos infieis, morrer por não querer tornar a sua infidelidade, & perseverar na lei de Christo, seus filhos sejam nobres. O que na guerra matar o Rey contrario, ou seu filho, & ganhar o seu pendão, seja nobre. Todos aquelles que são de nossa Corte, & tem nobreza antiga, permaneçam sempre nella. Todos aquelles que se acharão na grande batalha do Campo de Ourique, sejam como nobres, & chamem-se meus vassallos assim elles como seus decedentes.

Os nobres se fugirem da batalha, se ferirem algũa mulher com espada, ou lança, se não libertarẽ

a el Rey, ou a seu filho, ou a seu pendão com todas suas forças na batalha, se derem testemunho falso, senão falarẽ verdade aos Reys, se falarem mal da Rainha, ou de suas filhas, se se forẽ para os Mouros, se furtarem as cousas alheas, se blasfemarem de nosso Senhor Iesu Christo, se quizerem matar el Rey, não sejam nobres, nem elles, nem seus filhos para sempre.

Estas são as leis da nobreza, & leu as o Cancellario del Rey, Alberto a todos. E responderão, boas são, justas são, queremos que valhão por nos, & por nossos decedentes que vierem depois de nos.

Todos os do Reyno de Portugal obedeçam a el Rey, & aos Alcaides dos lugares que ali estiverem em nome del Rey, & estes se regeraõ por estas leis de justiça. O homem se for comprehendido em furto, pella primeira, & segunda vez o porão meio despido em lugar publico, aonde seja visto de todos, se tornar a furtar, ponhão na testa do tal ladraõ hum final com ferro quente, & se nem assi se emendar, & tornar a ser cõprehendido em furto, morra pello caso, porem não o matairão sem mandado del Rey.

A mulher se cometer adultério a seu marido com outro homem, & seu proprio marido denunciar della à justiça, sendo as testemunhas de credito, seja queimada depois de o fazerẽ a saber a el-



a el Rey, & queimefe juntamente o varaõ adultero com ella. Porém se o matido não quizer que a queimem, não se queime o cóplice, mas fique liure; porque não he justiça que ella viua, & que o matem a elle.

Se alguém matar homem seja quem quer que for, morra pello caso. Se alguém forçar virgem nobre, morra, & toda sua fazenda fique a donzella injuriada. Se ella não for nobre, calem ambos, quer o homem sejã nobre, quer não.

Quando alguém por força tomar a fazenda alhea, va dar o dono querella delle à justiça, que fará com que lhe seja restituida sua fazenda.

O homem que tirar sangue a outrem com ferro amolado, ou sem elle, que der com pedra, ou algum pao, o Alcaide lhe fará restituir o dano, & o fará pagar dez maravedis.

O que fizer injuria ao Agoazil, Alcaide, Portador del Rey, ou a Porteiro, se o ferir, ou lhe façã o final com ferro quente, quando não pague 50. maravedis, & restitua o danno.

Estas são as leis de justiça, & nobreza, & leas o Cancellario del Rey, Alberto a todos, & disserão, boas são, justas são, queremos que valhaõ por nos, & por todos nossos decendentes q̃ depois vierem.

E disse o Procurador del Rey

Lourenço Viegas, quereis que el Rey nosso senhor va às Cortes del Rey de Leaõ, ou lhe de tributo, ou a algũa outra pessoa tirando ao senhor Papa que o confirmou no Reyno? E todos se leuantaraõ, & tendo as espadas nuas postas em pè disserão. Nos somos liures, nosso Rey he liure, nossas mãos nos libertaraõ, & o senhor que tal consentir, morra, & se for Rey, não reine, mas perca o senhorio. E o senhor Rey se leuantou outra vez com a Coroa na cabeça, & espada nua na mão falou a todos. Vos sabeis muito bem quantas batalhas tenho feitas por vossa liberdade, sois disto boas testemunhas, & o he também meu braço, & espada; se alguém tal cousa consentir, morra pello mesmo caso, & se for filho meu, ou neto, não reine; & disserão todos: boa palaura, morra. El Rey se for tal que consinta em dominio alheio, não reine, & el Rey outra vez: assi se faça, &c.

CAPIT. XIII.

*Resoluemse algũas difficuldades que ha na relação das Cortes de Lamego a-tras escritas.*



NÃO tem era nem sub-  
scripção este papel,  
mas com se fazer nel-

1143.

Bb

le

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

le memoria dos Bispos de Viseu, & Lamego, se deuiaõ celebrar as Cortes de que nelle se trata depois do anno de 1143. on no fim delle, pois ate este tempo me consta de escrituras autenticas, que não ouue Bispos particulares naquellas Cidades, as quais estauaõ fogeitas até então aos Bispos de Coimbra, como atras fica dito.

Não ha inconueniente algum, que tendo ja os poucos de Portugal leuantado por Rey ao Infante Dom Afonso Henriques tornassem nestas Cortes dar seu consentimento; porque na batalha do Campo de Ourique, aonde a primeira vez foi aclamado, se não acharaõ presentes os procuradores das Cidades, & Villas, faltaraõ alguns Prelados, & ainda que assitisse a mayor parte da nobreza, todauia muitos auiaõ de faltar, como os Alcaides das fortalezas, os Capitães fronteiros das terras de Leão & Galiza, aonde a guerra duraua; & así para mayor solennidade, & perpetuidade desta eleição foi necessario acharemse presentes os tres estados do Reyno em nome de todò elle, & approuarem o titulo Real del Rey Dom Afonso. No que se pode considerar, que tanto se julgaua ser esta eleição do pouo todo, que ainda depois de o Papa ter dado o titulo de Real a el Rey Dom Afonso Henriques, se pedio seu con-

sentimento para el Rey possuir esta dignidade, confessando nisto, que não bastaua fazelo o mesmo Summo Pontifice, se o pouo o não aceitasse, como se co- lhe daquellas palauras das mesmas Cortes. *Vt videatis bonas litteras domini Papae, & dicatis si vultis quod ille sit Rex.* Isto he: Para que vejais as letras do senhor Papa, & digais se quereis que seja elle Rey.

Parece que quando no Reyno de Portugal socedeo el Rey Dom Diniz, ja estas Cortes se auiaõ derogado, ou algumas clausulas dellas, porque não consta que fosse eleito este Rey, deuen- do o ser conforme o assento que aqui se tomara. Porque nesta relação das Cortes expressamente se diz, que quando o Rey falecesse sem filhos herdeiros, lhe pudessem soceder seus irmãos, se os tiuesse; porem que os filhos destes para entrarem na herança tiuessem necessidade de consentimento do Reyno. E como el Rey Dom Afonso Terceiro alcançasse o sceptro Real por morte del Rey Dom Sancho seu irmão, que faleceo sem filhos, claro fica que para Dom Dinis, filho de Dom Afonso, ser Rey, era necessario ser admitido em Cortes pellos tres estados do Reyno. E como das historias não cõste de tal solennidade, auemos de dizer, qas Cortes de Lamego neste particular se teriaõ modificado, se ja  
nam

nam he que el Rey Dom Afonso em sua vida celebrou Cortes, em que fez jurar a D. Diniz por successor, com que deu satisfação á obrigação das Cortes antigas de Lamego.

O que parece não ter diuida he, que o vigor destas Cortes assi em excluir todos os estrangeiros, como em tudo o mais durou somente ate o tempo del Rey Dom Fernando, que foi o noueno Rey deste Reyno; porque como neste Principe se acabasse a decendencia legitima del Rey Dom Afonso Henriques, & as Cortes de Lamego não admittaõ a successão bastardos, nem estrangeiros, ficou o Reino outravez não só vago, mas deuoluto ao estado antigo, para o pouo eleger Rey cõ as condiçoẽs que lhe parecesse. Que a filha del Rey D. Fernando casada com el Rey D. João de Castella por duas clausulas ficaua excluida, por estar casada com Principe estranho, & por não ser legitima, que o matrimonio del Rey Dom Fernando com a Rainha Dona Leonor sua mãy se julgaua por nullo, por ser antes casada com João Lourenço da Cunha, que ainda era viuo, & por outras razoẽs que bem ponderou o Doutor João das Regras nas Cortes de Coimbra, quando excluiu da successão deste Reyno a filha del Rey Dom Fernando.

Ficando pois vago o Reyno nesta occasião, & sendo acabada a

concessão das Cortes de Lamego no que tocava á decendencia, celebraraõ os tres estados nouas Cortes em Coimbra, & nellas aceitaraõ por Rey a Dom João o primeiro, que era bastardo, & como entao se não pos condição algũa que impidisse casarem as infantas com estrangeiros, ou ficarem por esta via impossibilitadas á successão do Reyno; começou a correr outro elylo differente do passado, & daquelle tempo em diante se ouueraõ as Infantas Portuguezas como as dos outros Reynos de Espanha, as quais são admitidas á herança Real, ainda que estejam casadas com Principes estranhos.

Em tempo del Rey Dom João o Terceiro se trataua de renouar esta clausula das Cortes de Lamego, de não socederem em Portugal as Infantas q casassem fora do Reyno, & vi hum papel excellente que entao se fez sobre este ponto, & outros. Dizem que impidio a execução delle a Rainha Dona Catharina, por não ficar excluida da herança a Princesa Dona Maria sua filha, que entao casara em Castella, & poder vir de algum modo o Reyno algum de seus cunhados, ou a seus filhos. Por estes meynos, & outros traçaua a Diuina providencia de tirar o Reyno de Portugal dos Principes Portuguezes, como se vio em discurso de poucos annos.

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitana.*

Sobre o vltimo ponto das Cortes em que se tomou assento de não reconhecerem os Portuguezes outro Principe ( fora de seu Rey) se não o Papa, parece que se suppoem que tratava el Rey de Castella de lhe auerem de ter alguma sojeição, & assi se encontra de algum modo a resolução que neste particular remos tomado nos liuros antecedentes. Digo que o intento do Emperador D. Afonso Septimo Rey de Leaó & Castella nas primeiras guerras que teue com el Rey Dom Afonso Henriques, foi socorrer sua tia, & tomar o Reyno para si por concessão que ella lhe fizera. Isto se dá a entender em nossas Chronicas, & na historia dos Godos, como atras fica. Despois vendo que el Rey Dom Afonso Henriques lhe fazia guerra, & tomava muitas terras em Galiza, proseguindo o direito com que o Cõde Dom Henrique se occupou nas mesmas guerras, & tratou de ganhar aquelle Reyno, & o de Leaó, pode ser que publicasse que o Reyno de Portugal lhe deuia ao menos sojeição, para assi fazer mais a seu caso, & infirmar a aução de seu primo. Do mesmo estylo vsou el Rey Catholico Dom Fernando o Quinto nas guerras que teue cõ Dom Afonso Quinto Rey de Portugal, que vendo como este Principe se intitulaua Rey de Castella pello direito da excellente senhora cõ

quem estaua desposado, elle se começou a intitular Rey de Portugal, como dizem alguns autores Castelhanos, não por cuidar que o era, mas para mostrar que tanta justiça tinha el Rey de Portugal (segundo elle se persuadia) para se chamar Rey de Castella, como elle Rey de Portugal. Do mesmo modo parece que tinha acontecido no caso presente, & como esta confirmação do Reyno de Portugal, que então se fazia fosse com muita solennidade, a quizerão perpetuar, excluindo até as sombras de duvida que podia auer em cõtrario, & por isso se tocaria aquelle ponto.

E sendo certa a relação destas Cortes, pellas leys geraes que então se fizeram, junto com as particulares dos foraes de cada terra, se começaria a governar o Reyno de Portugal, recorrendo nas duvidas aos principaes das terras, como ja em outro lugar mostramos. Nem isto faz contra o que diffemos de não auer leis geraes até o tempo del Rey Dom Afonso Segundo; porque como este papel não he autentico, tratamos só do que nos constaua pellas escrituras.

(i.)

CAP.

CAPIT. XV.

*Das excellencias do Reyno de Portugal, & precedência que tem a outros, Reynos da Christandade.*

**E**ndado, ou renouado o Reyno de Portugal com tanta gloria, como em os Capitulos passados se tem relatado, & confirmado pella autoridade do Sũmo Pontifice, & aceitação do pouo, foi crescendo em reputação, & terras conquistadas, até chegar à grandesa em que nossos paes o viraõ, com o maior aplauso, & estimação das gentes que no mundo ouue. Lançou-se o fundamento sobre pedra firme, & o grande Rey Dom Afonso com seu valor & armas abriu altõs principios a este edificio.

Passada a batalha de Ourique, se foi continuando a guerra dos Mouros em todo o discurso da vida deste valeroso Principe, com tanta prosperidade, que alcançando o senhorio das terras da Estremadura, & Alentejo, fogueitando o Algarue, & grão parte de Andaluzia, ficou adquirindo por sua espada mayor parte do Reyno, do que lhe viera por herança, sendo hum dos Reys, ou o Rey que em Espanha tirou das mãos dos infieis maior numero de ter-

ras, & Cidades que outro algũ, & o que com menos gente, & mayores difficuldades continuou a guerra.

Não faltaraõ estas a seus descendentes, os quais ora perdendo, ora ganhando sustentaraõ a guerra dos Mouros em Espanha por mais de duzêtos annos com merauilhosa constancia. E sendo em todo este tempo diuertidos com guerras domesticas, & de outros Reys Christãos de Espanha, sem perda algũa da reputação de seu nome, antes cõ grande gloria (os proprios contrarios o confessaõ) firmaraõ seu imperio nas terras que lhe couberaõ em Espanha, sendo os primeiros que excluiraõ de todo o pòto os Arabes de seu senhorio.

Chegado o tempo do felicissimo Rey D. Ioão o Primeiro, o qual começou a reinar em o anno do Senhor de 1385. & libertado o Reyno de seus contrarios pellas armas deste vitorioso Principe, começação os Portugueses (não tendo já q fazer em Europa) a guerra de Africa. Ganharaõ as Cidades maritimas da costa de Mauritania, donde fizeraõ entradas de grande hõra pello interior da terra; sustentaraõ cercos muy famosos, alcançaraõ vitorias milagrosas, assombrando as nações de Europa cõ a grandeza de suas obras, fogueitando os Africanos pellas armas, & obrigandoos a lhe pagar tributo.

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

Pouco tempo adiante se seguiu a nauegação oriental, & descobrimento das Ilhas do mar Oceano, a que deu principio o Infante D. Henrique filho do proprio Rey Dom Ioão, & chegou a ver o desejado fim o inelyto Rey Dom Manuel seu bisneto. O qual por meio do famoso Conde Almirante Dom Vasco da Gama, fundador da casa da Vidigueira, descobrio ao mundo nouas partes, & fez corrente a todo o Occidente a jornada da India, que os antigos julgaraõ por impossivel. Pello esforço deste grande Capitão, & de outros que na mesma empresa auiaõ trabalhado, & despois se seguiroõ, resultou ficar engrandecida a Coroa de Portugal, com grande numero de Ilhas, de terras conquistadas, de Reys tributarios, nas costas de Africa, de Asia & com o augmento notauel da terra de Santa Cruz ou Brasil na quarta parte do mundo chamada America.

Em todas estas terras possuem os Portugueses grandes estados, em que ha Governadores, Capitães gèraes, VisoReys, que com os presidios de poucos soldados enfreado potentissimos Reys, tem sogeitas varias nações, & resistem ha muitos annos a fortes inimigos por mar, & terra. Em Africa sem os Capitães gèraes das Cidades maritimas de Mauritania, ha cinco gouernos nas costas & ilhas adiacentes, que são da Ilha da

Madeira, do Cabo verde, da Mina, de São Thome, & Angola. No Brasil ha dous, que são o desta prouincia, & o do Maranhão, as quaes se estendem por mais de quatrocentas legoas de costa, & são quasi igoaes a toda Europa. Na India Oriental (cuja distancia começando do Cabo de boa esperança ate o de Liampo na China, em que se contem muita parte de Africa, & toda a Asia marítima, passa de quatro mil legoas) ha sem o Viso Rey que reside na cidade de Goa, muitos Capitães gèraes de cidades, & fortalezas, q são colonias de Portugueses, sem outros Capitães môres de armadas, & ministros das frotas, em tão grande numero como he necessario para tantas prouincias, & tão distantes hũas das outras, o que deixo de particularizar, por ser cousa alhea da breuidade que fingo.

Na conquista, & conseruação de todas estas terras fizeraõ os nossos tão altas prouas de seu esforço, contendendo por vezes cõ o poder do Soldam do Egipto, com as armadas do Craõ Turco, com as forças dos Reys de Persia, dos de Cambaya, & de outros Monarchas do Oriente, & Africa, que de comum consentimento de todas as nações leuaraõ a palma aos que mais se asinalaraõ nas empresas militares, deixando atras (como asseguraõ grandes autores) as façanhas do grande

*Botero  
nas rela-  
ções*

de Alexandre, & dos maiores Capitaes que ouue no mundo. E alcançarão tão grande repuração nas armas, que quando aos Principes da terra se offerencia algũa guerra de grão difficuldade; a julgauão por facil, tendo da sua parte algũa gente Portuguesa. Não verificarei isto em varios acontecimentos de Africa & de Asia, de que eistão cheas, nossas historias.

Na Torre do Tombo  
do Livro das  
bullas; fol.  
84.

Mas no coração de Europa na occasião da mais perigosa guerra, com a approuação do maior Principe da terra.

Quando o Papa Pio Quinto quis fazer liga com alguns Principes Christãos contra o Grão Turco Selim segundo, que victorioso cõ a conquista de Chipre ameaçaua Italia, & os mais Reynos da Christandade. Escreueo a el Rey D. Sebastião, pedindolhe entrasse na liga, porque com isso sô tinha grande esperança do bom successo pello valor dos Portuguezes, & pratica militar que tinham da guerra dos Turcos; & para mouer a el Rey, o aduirtia ser notorio o zelo que sua Magestade tinha de dilatar a Fè, & ser proprio dos Reys de Portugal occuparse em semelhantes guerras, como a experiencia o auia mostrado. São mui notaucis as palauras do Pontifice, & assi as darei em o mesmo latim para cõsolação dos zelosos da honra de sua patria, & gofio dos curiosos.

*Magnum enim* ( diz o Summo

Pontifice a el Rey ) *si hoc feceris rei Christiane publicæ benè gerẽda spes in tua virtute tuorumque inclytam fortitudini repositam habere poterimus; quos quidem in pralijs contra Turcas gerendis exercitatissimos, magno ad communem expeditionem adiumento futuros esse intelligimus. Vt autem maiestatem tuam id prompto animo facturam esse speremus, non solum ea de causa adducimur, quia suum in propaganda Religione Christiana studium perspectissimum habemus. Sed etiam quia proprium esse videtur Portugalliae Regum pia bella libenter suscipere, & cum infidelibus praeliari, quod ex rerum ab ipsis contra eos gestarum magnitudine facile quouis cognoscere potest.*

Não pomos a tradução das palauras, porque ja o tentido dellas fica dado. El Rey não pode entrar na liga, porque sendo em aquelle tempo ordenada hũa poderosissima armada em fauor dos Catholicos do Reyno de França, da qual estaua nomeado por General o senhor D. Duarte Duque de Guimaraes, filho do Infante D. Duarte, & neto do grande Rey Dom Manuel, a maior parte della se perdeu na barra de Lisboa com hũa furiosa tormenta que se leuátou sem auer remedio humano que a pudesse contrastar. E assi vendo el Rey que não podia naquella occasião mandar armada igoal â grandeza de seu poder & animo, se contentou de locorrer o Pontifice com ajuda de dinheiro.

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

*Atributo  
Real no li-  
uro da bu-  
lasm mai-  
tos luga-  
res.*

Com o acrescentamêto de tantos estados , com o espanto devido a obras tão illustres foi crescendo a Coroa de Portugal na estimação das gentes, nos titulos de grandesa, no respeito dos Sûmos Pontifices, & mais Principes da terra. Os Papas em suas Bullas tratão os Reys Portuguezes com extraordinarios fauores, louuando suas empresas, seu zelo, suas vitorias. O Papa Leão Decimo fala por Magestade a el Rey Dom Manuel, em tempo que os Reys Christãos não usauão deste titulo, & pello mesmo estylo vão continuando os mais Pontifices aos Reys que se seguirão, como se pode aduertir da carta de Pio Quinto atras referida. Em os Concilios & actos gêraes, aonde se té respeito às precedencias, & se assignão os lugares conforme a magestade dos Principes, se deu lugar superior aos Reys de Portugal entre todos os Reys de Espanha (tirado os de Castella) E pello tempo adiante se preferirão aos Reys de Inglaterra, & mais Reys Christãos, excêpto os de França. Dous exemplos apontarei do primeiro caso, & do segundo referirei as memorias que ha na Torre do Tombo.

*Omphr.  
Pannin.*

Em o Concilio Constancienſe o qual se principiou em o anno do Senhor 1414. se ordenarão os lugares dos Reys Christãos na forma seguinte. Estaua o Papa Martinho Quinto (o qual foi eleito

no anno de 1417. durando o Concilio) na parte direita da Capella mór, & o Emperador Sigismundo da esquerda, seguiaſe fora da Capella abaixo do Papa em primeiro lugar o Embaixador de França, em segundo lugar o de Castella, em terceiro o de Aragão, em quarto o de Chipre. E da parte esquerda abaixo do Emperador estauão primeiro o Embaixador de Inglaterra, logo immediato o de Portugal, seguiaſe o de Napoles & Sicilia, & ultimo de todos os desta parte estaua o de Escocia. Em forma que o Embaixador de Portugal estaua na segunda ordem, & respondia ao de Castella, & abaixo delles estauão os Embaixadores de Aragão, & das duas Sicilias em terceira Ordem, hum da parte direita, outro da esquerda. Reynaua então em Portugal Dom Ioão o primeiro de boa memoria, & foy sem Embaixador nesta occasião Aluaro Goncalues de Ataide, que despos foi primeiro Conde de Atouguia. O qual dizem que trouxe hum breue Apostolico em testemunho publico & autentico de como em o dito Concilio se guardara a ordem referida.

O Concilio de Basilea se principiou alguns annos adiante, no de 1431. A elle forão por Embaixadores de Portugal Dom Afonso Conde de Ourem, Marques de Valença, filho primogenito do primeiro Duque de Bragança, com



com Vasco Fernádez Doutor em leys. Puferão-se os assentos dos Reys na propria ordem que temos referido, os de Castella, & Portugal em segunda classe abaixo dos de França, & Inglaterra, & em terceira classe os de Aragão, & Napoles abaixo dos de Portugal & Castella, como se pode ver nesta figura.

|               |          |            |                  |
|---------------|----------|------------|------------------|
|               | Papa     | Emperador  |                  |
| <i>Dexte-</i> | França   | Inglaterra | <i>Sinistra.</i> |
| <i>ra.</i>    | Castella | Portugal   |                  |
|               | Aragão   | Napoles    |                  |
|               | Nauarra  | Chipre.    |                  |

Fez hum curioso da cõpanhia do Marques de Valença hum relatório de toda sua jornada, & nelle se conta esta ordem dos lugares mui miudamente. E em cõfirmação de se ella vsar assi, podẽ os curiosos ver a Cassaneo, em o qual acharão a preferencia que Portugal tinha aos outros Reynos.

Despois que o Reyno de Portugal se engrandeceo com a nauegação & cõquistas da India Oriental, & os Reys deste Reyno virão seu Imperio dilatado por tantas partes do mundo com numero de Reys tributarios, & prouincias adquiridas, não consintirão mais que os Reys de Inglaterra, & outros lhe precedessem como antigamente, fundandose em a ampliação moderna da grandeza de seu Rey, & o ser propriamente

imperio com Reys & Reynos tributarios; que he a mesma razão porque os Reys de Espanha não querem soffrer a precedencia de França, que os Reys passados de Castella & Leão consentião pello muito que se tem acrescentado a esta Coroa, permanecendo a de França em seu ser antigo.

Em a Torre do Tombo vimos algũas cartas del Rey Dom Ioão o Terceiro para seus Embaixadores de Roma, & da Corte do Emperador, & repostas dos mesmos em que se trataua esta materia; & mandaua el Rey aos seus não cõsentissem o ser precedidos nos assentos dos Embaixadores de Inglaterra, ou de outro algũ Reino, tirando o do Emperador, que entãõ era tambem Rey de Castella, & del Rey de França. E por os Embaixadores Portuguezes terẽ declarado ao Summo Pontifice este mandado de seu Rey, & os fundamentos que para elle auia; rogou o Papa Iulio Terceiro ao Embaxador de Portugal, quando a Rainha Maria filha de Henriq outauo Rey de Inglaterra mandou dar obediencia, & reconciliar seu Reyno com a santa Sé Apostolica, se não quisesse achar presente, por não causar desgosto aos Ingrefes, em tempo que era bem os fauorecessem, & recolhessem benignamẽte como ovelhas perdidas que se tornauão ao rebanho. Que para outras occasiões lhe ficasse reseruado o direito

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

reito de sua justiça. Pareceo ao Embaixador que por esta vez de uia seguir a ordem do Summo Pontifice, & sobre isto escreveu largamente a el Rey Dom Ioão, que aprouou o feito, & mandou continuasse adiante com o que que lhe tinha ordenado.

### CAPIT. XVI.

*Da razão que ha para Portugal preceder a Aragoão, & Napoles nos titulos dos Reis de Espanha.*



Stando o Reyno de Portugal em o ponto mais subido de sua gloria, com hum Rey valeroso dotado de gentis partes, & no melhor de sua idade, temido, & respeitado de todos os Principes da terra; que prometia com nouas vitorias do Oriete & Africa grandes acrescentamētos de fama, & senhorio, o abateo Deos, & castigou seueramente aos Portuguezes, tirandolhe o Rey, & depois o Reyno com hũa breuidade pouco imaginada, & por meios não esperados. Assim se decretou no tribunal diuino, ou fosse por castigo de nossas culpas, ou por fins escondidos de sua providencia. Ficou este Reyno sogeito aos Monarchas de Espanha, & entre os ditados de sua grandeza começou aparecer o nome de Por-

tugal entre os mais Reynos.

Com esta mudança de estado, calamidades, & perturbações que ouue nelle, & outros infortunios domesticos que pello tempo adiante temos visto, ficou o Reyno de Portugal muy quebrantado, diminuida a reputação, trocada a felicidade, & abatido o valor em forma, que com maior razão nos poderamos magoar desta troca, do que o outro Poeta se mostrou sentido em nome de Roma, quando a vio opprimida por Gildas no senhorio de Carthago, & com a mudança de hũa só letta repetir aquelles seus versos.

*Hei mihi, quo Lysia vires, vrbisque potestas*

*Decidit in qualem paulatim fluximus vmbra.*

Porem he muito para considerar que com tantas perdas & danos não perderão os Portuguezes de todo o animo, nem desistirão ou afroxarão de suas conquistas; & assi o estado presente em que nos vemos, ainda que diminuidos, & trabalhados, he superior ao de outras prouincias, porque as sogeitas não tem a gloria das empresas que sustentamos; & as liures ou não merecem tanto nas suas porque são menores, ou as excedemos em continuar as nossas com Reyno sogeito, cousa que não vio o mundo, se não nesta nossa nação.

Em

Em hũa cousa haõ faltado muito os nossos, a qual he não trararem de conseruar as preminencias de seu Reyno, & o lugar que lhe he deuido entre os mais que obedecem aos Monarchas de Espanha. Pouco nos hia que se perdesse isto que he menos, quando outras cousas maiores se perderaõ. Mas porq̃ a culpa foi dos Portuguezes em não allegar sua justiça no principio, pois os Reys Catholicos não he visto quereem tirar o lugar a ninguem, antes folgariaõ de conseruar a cada hum suas preminencias, executando justiça, á que por tantos titulos estão obrigados, apontarei as razões que Portugal tem por si, para auer de preceder a Aragaõ, & Napoles com a breuidade que o lugar requiere.

E posto que nesta materia de precedencias se não deue respeitar antiguidade do tempo, pois esta sò tem lugar entre aquelles que são igoaes em honra & dignidade, contudo mostrarei como Portugal precede em tẽpo àquelles Reynos, & despois sem fazer caso deste fundamento, irarei o da excellencia & grandeza, porq̃ lhe compete a precedencia.

O Reyno de Portugal respeitando sua vltima promoção á dignidade Real teve principio em o anno do Senhor de 1139. não importa neste ponto dar maior luz do que atras fica dito. Napoles não começou a ser Reyno antes

da morte do Papa Innocencio Segundo, a qual foi em o anno de 1143. por onde he inferior em o tempo ao Reyno de Portugal. Para assentarmos esta verdade, auemos de suppor, que Rogerio Segundo do nome Conde de Sicilia, entrou com exercito em Italia pellas terras da Igreja, & tomando o Ducado de Apullia & Calabria, se começou a chamar Rey de duas Sicilias em o anno do Senhor de 1126. segundo algũs escreuem, ou no de 1129. como outros querem. Foi excomungado por esta causa pello Papa Innocencio Segundo, & posto que ao principio o não pode o Summo Pontifice desapossar das terras vsurpadas, ao fim com o fauor & exercito do Emperador Lothario o excluiu dellas, & o priuou do titulo de Rey, ou o obrigou a disstir do titulo q̃ injustamente auia tomado, & do qual ja dantes o auia priuado. Assim ficaraõ os sobreditos estados na sujeição & administração da Igreja em toda a vida do Papa Innocencio.

Socedetaõ no Summo Pontificado a Innocencio immediatamente estes Papas Celestino segundo, q̃ gouernou cinco meses, Lucio segundo q̃ foi Papa onze meses, & Eugenio terceiro, que o foi oito annos, & quatro meses, & Adriano quarto, eleito no anno do Senhor 1154. Os mais dos autores que escreuem as cousas de Napoles contão seu principio do

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitanã.*

do tempo deste Summo Pontifice pella inuestidura que elle deu a Guilherme filho de Rogerio. Pádolfo diz auella dado a Rogerio o Papa Celestino, ou Lucio, no que não pode alcãsar certeza. De qualquer modo que fosse, consta que não podia ser dada a inuestidura antes do anno de 1143. em que morreo Innocécio, & así por qualquer via fica elle Reyno mais moderno que Portugal, como temos visto.

Poderse ha dizer, que así como se não toma o principio do Reyno de Napoles, se não do tempo da confirmação do Papa, así deue ser em Portugal, & por esta via fica Portugal mais moderno que Napoles muitos annos, pois a confirmação solenne que teue de Reyno, & de que ficou memoria em a Torre do Tombo, foy no fim do Pontificado de Alexandre Terceiro, successor de Adriano Quarto.

Respondo que Portugal teue outra confirmação primeiro em tempo de Innocencio o Segundo, como adiante se verá. Digo mais que corre differente razão em Portugal para se não auer de contar seu principio do tempo da confirmação dos Pontifices. A razão he, porque as terras de Napoles eraõ, & são do patrimonio da Igreja, tendo os Papas o dominio direito dellas como senhores temporaes, & así para se nomear Rey dellas, era necessario

consentimento do Summo Pontifice. Porem nas terras de Portugal não tinhaõ os Papas mais que poder espirital, & así podiaõ os pouos quando não ouuesse outro impedimento nomear Rey se dependencia do Papa. Esta he doutrina certa, & recebida entre os Theologos, que os Papas não são senhores téporaes, mais que de algũas terras, a que chamamos do patrimonio de São Pedro, que os Principes Catholicos dotaraõ a Igreja, & nos outros Reynos do mundo não tem mais que o senhorio espirital, & do temporal só aquelle a que os Theologos chamaõ indirecto, cõforme o poder que Christo deu a São Pedro. Da calidade destes Reynos, que não são sujeitos no temporal ao Papa, he hum o Reyno de Portugal, porque ainda que seus Reys (como adiante auemos de ver) pediraõ por vezes confirmação do Reyno à Sé Apostolica foy por mostrarem o amor & deuacão que lhe tinhaõ, & não por lhe ser necessaria. Donde se pode colher que ainda que Portugal pagara oje senso ao Sumo Pontifice (como algum tempo pagou por offerta dos seus primeiros Principes) não ficaua tributario, ou feudatario, como Napoles, pois os Reys tinhaõ sempre o dominio liure sem dependencia temporal dos Papas, o que não he em Napoles, que como o direito senhorio daquellas terras he do Papa, são

saõ as Reys que as possuem verdadeiramente feudatarios do Sũmo Pontifice.

E daqui se tira a primeira razão de excelência que Portugal tem sobre Napoles, pois he Reino mais liure, mais isento, & mais soberano, que immediatamente se toma da mão de Deos, & não reconhece superior em a terra. Sendo pello contrario Napoles foyejoito a outro senhor temporal (fora do Rey) de cuja mão se recebe, sem cujo consentimento tacito, ou expresso se não pode possuir, ou succeder nelle.

*Arist. lib.  
1 de Reipho  
rit. c. 8.*

Outra razão principal se funda na doutrina, & philosophia de Aristoteles, o qual afirma que a nobreza da Cidade, ou Republica pende muito de serem naturaes os que morão nella, & terem della sahido muitos Principes illustres: o que tudo se verifica em Portugal despois da restauração dos Arabes, & não em Napoles. Por quanto foraõ taõ varias as nações que o occuparaõ do anno do Senhor de 1000. ate o presente, que com muita razão diz Pandolfo, que nenhum dos que morão em o Reyno de Napoles, he natural do mesmo Reyno. E menos os Reys que o senhorearaõ, que nenhum delles foi Italiano. Pois ao principio entraraõ os Normandos, & dominaraõ até o anno de 1191. Seguirão se os Sueuos, & permanecerão Principes desta familia ate o anno de 1265.

*Pandolf.  
lib. 1. c. 6.*

em que entraraõ Reys da casa de Anju Franceses. E despois no anno de 1281. succederaõ Vngaros, & duraraõ até o anno de 1434. em que faleceo a Rainha Ioanna Segunda, a qual perfilhou a Renato Duque Anju, & a el Rey D. Afonso de Aragaõ, & deste tempo tempo para qua bem se sabe quantas vezes entraraõ neste Reyno Espanhoes, & Franceses.

A ultima, & principal razão de excellência de Portugal, se toma da gloria das armas, do acrescentamento de estados, & famosas conquistas. E nisto o q Portugal aja luzido bé se sabe, & no capitulo antecedente se tocou em parte. Sendo assi que os acrescentamentos de Napoles & Sicilia foraõ poucos, não o sendo a perda q teue de reputação nas muitas vezes q foi vécido, & senhoreado de quasi todas as nações de Europa, & na diminuição de terras, pois tomádo el Rey D. Pedro de Aragõ a Ilha de Sicilia, nunca mais foraõ poderosos os Reis de Napoles para a recuperar, sendo Sicilia a primeira & original parte de seus estados.

Fazendo cóparação có Aragaõ, certo he, que quando el Rey D. Afonso Henriques foi levantado por Rey, ja auia Reys em Aragaõ alguns annos antes. Mas tambem temos mostrado que muitos annos antes do principio de Aragaõ, ouue por vezes Reys em Portugal separados da Coreia de Espanha. E respeitádo a este tempo he

C c      Portu-

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

Portugal Reyno muy mais antigo não só que Aragoão, mas que todos os outros de Espanha. O que se pode confirmar, por incluir Portugal a mayor parte de Lusitania, a qual em todas as idades foi prouincia distincta do restante de Espanha, teue sempre particular gouerno, & constituiu diuerso estado.

E quanto à Excellencia, primeiramente Portugal he mayor Coroa que Aragoão. Porque ou se tomão estes Reynos sòs, ou cõ suas conquistas, se sòs, claro he ser Portugal mayor outro tanto, & só Lisboa pode competir com todas as Cidades de Aragoão juntas. Se com as conquistas (no que parece q̃ não procede a questãõ, pois no ditado de sua Magestade se não ajuntãõ a estes Reynos as terras conquistadas, antes tem lugar por si) ainda Portugal precede, pois tem tantas ilhas, & tanto numero de terras conquistadas em todas as tres partes do mûdo.

E nestas conquistas se pode notar outra excellencia, que Portugal ha defendido as terras que ganhou contra os mayores Principes do mundo, como o Soldam de Egipto, o Graõ Turco, o Rey de Persia, & os mais poderosos da India, alcançando vitorias tão illustres, & tantas em numero, que causaraõ espanto a todos os Reynos da terra, naõ auendo da parte de Aragoão cousa semelhante q̃ allegar, pois só contenderãõ com

os Mouros de Espanha no tocante a sua parte, & de algũas terras Mediterraneas, & cõ algũas prouincias de Italia cõ varia fortuna.

Outra excellencia tem Portugal que não compete a Aragoão, & he ser Monarchia propriamente pello modo de gouerno independente de sens Reys, o que não ha em Aragoão, em que os Reys estaõ fogeitos às leis, & não tem o plenario poder de supremos Monarchas; & conforme a doutrina de Aristoteles & dos Iuristas se tem <sup>Arist. lib. 3 Polit. ca</sup> por menos perfeito o Reyno em que o Rey carece de supremo poder, como pello contrario da administração mais liure, & independente se colhe maior authoridade & dignidade. <sup>12.</sup>

Mais se pode allegar hũa excellencia que não tem alcançado até oje nenhũ Reyno da terra, a qual he, que estando em Europa tem dilatado seu imperio por todas as outras partes do mundo, pois como elegantemenre canta o Poeta Portugues em suas estancias. Esta Coroa

*Tem de Africa maritimos assentos,  
He na Asia mais que todas soberana,  
Na quarta parte noua os campos ara,  
Se mais mundos ouuera, la chegara,*

E bastaua esta sô razão para sua Magestade estimar esta Coroa mais que nenhum dos Reynos que possuiue, & darlhe o principal lugar entre todos, pois por elle só se estende sua Monarchia em todas as quatro partes do mûdo,

Vltima

Ultima razão que Portugal ja precedeo a Aragoão quando era mais limitado, & não incluia as terras de Asia, de Africa, & America, como temos visto nos exemplos referidos em o Capitulo antecedente. O que em parte confessa o historiador Aragones, dizendo que entre Portugal, & Aragoão auia duuidas & contendas sobre os lugares nos Concilios geraes, & quando elle fala por estes termos, menos era que duuida. Mas destas duuidas veuos, que Portugal preualeceo ainda naquelle tempo. Cõ quanta mais razão hoje em que se té feito tão notaueis acrescentamentos na Coroa deste Reyno se lhe deue lugar superior a Aragoão & Napoles, Reynosque lhe ficaraõ atras em sua menor fortuna. Nê deue de lhe fazer dano o estar vnido; porque a vnião, & aggregação de Reynos engrandece o Rey, & faz mayor a Monarchia, mas não tira a excellencia, & preminencia de cada Reyno.

CAPIT. XVII.

*Da entrada q̃fizerão os Mouros de Santarem em terra de Christãos: da batalha q̃ derão aos Caualeiros Templarios da villa de Soure.*

**O**r este tempo se continuaua a guerra dos Mouros nas terras da Estremadura cõ grande feruor, & dano de ambas as partes. El Rey Dom Afonso todos os annos ajuntaua sua gente, & fazia entrada por terra dos inimigos, não he conjeitura tirada da occasião, & necessidade do tempo, mas verdade que nos ficou certa & firmada com escriptura, Em a fundação de São Vicente de fora, mosteiro de Conegos Regulares da cidade de Lisboa se aduerte com particularidade o estilo que goardaua el Rey na continuação destas guerras de sair a campo todos os annos com exercito formado. *Colegit exercitum suum sicut annis singulis solitus erat aduersus Sarracenos.* Com tantas occasiões de guerras, com exercicio tão ordinario das armas bẽ se deixaver a multidão de successos, a variedade de batalhas, & prouas de esforço que neste tempo aueria. O descuido dos antigos nos roubou a notícia de cousas tão notaueis, & com ser esta falta muy propria dos tempos passados, em o del Rey Afonso Henriques vemos q̃ foi maior, assi como foraõ mais em numero as cousas illustres, & occasiões de honra que então ouue.

Em o anno de mil & cento & quarenta & quatro sabemos de hũa entrada que fizeraõ os Mouros com tão prospero successo que

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitana.*

a nosso Reyno ficou por muitos dias o sentimento dos danos recebidos, & aos mesmos Mouros se ordenou o principio de outros mayores. Viuia em Santarem hũ Alcaide bellicoso por nome Aufechri, o qual com perpetuos acoimetimentos molestaua a terra dos Christãos, & lhes fazia males irreparaueis, fora grande parte os annos passados na perda de Tomar, & Leiria, catiuara muita gente nestes assaltos, & em outros; seus soldados viuião ricos com os despojos dos Christãos, & sua cidade estaua chea de prisioneiros. Muito desejava el Rey Dom Afonso tirar de seus hombros hum jugo tão pesado como era Santarem aos nossos. Mas faltauão forças para conquistar esta praça fortissima por sitio & natureza, inuenciuel pella multidão & ouzadia dos defensores. Até que estimulado do dano causado por elles no anno presente, se resolveo de sogeitar por todas as vias possiueis aquella terra a seu senhorio; & os mesmos Christãos catiuos, de quem os barbaros então triumpharão, moueraõ á piedade diuina a abrir caminho ao remedio de tantos males, o que annunciou aos nossos o varaõ de Deos Martinho, Vigairo de Soure, quando lhes fez companhia nas misérias do catiueiro.

Entraraõ os Arabes có grande furia pellas terras dos Christãos,

& chegaraõ á comarca de Soure, praça defendida naquelle tempo pellos Caualeiros Templarios, aonde fizeraõ grandes males, & catiuaraõ com a mais presa de consideração grande copia de gente do campo. Não denia relidir naquella occasião el Rey Dõ Afonso em Coimbra, ou algũa das terras visinhas, pois sabemos que nem veyo, nem mandou dar socorro as cousas arruinadas. Os caualeiros do Templo tomaraõ só a sua conta a defensão dos miseraveis, & ajuntando breumentemente a mais gente que puderão, sairão ao encontro aos inimigos, & com grande animo lhe apresentaraõ batalha. Quiserão levar consigo á batalha seu Prelado, & Vigairo Martinho grande seruo de Deos, para que com sua intercessão lhe alcançasse do Senhor prospero successo. Não sahio elle, qual os varoões fortes se prometião, nem o Ceo se mostrou então fauorauel a resolução tão honrada, ou seria castigo de culpas, ou para mayor exercicio de paciencia, vindo os nossos ás mãos com os contrarios, ficarão vencidos. Muitos morrerão na batalha, outros foraõ leuados a Santarem em modo de triumpho, entre os quais hia o seruo de Deos Martinho, mais sintido da calamidade de suas ouelhas que de seu dano proprio. Em a vida do seruo de Deos escrita de mão em o liuro dos testamentos de Santa Cruz



Cruz estão as palauras seguintes de que consta o sobredito.

*Anno ab incarnatione Domini M. C. XLIII. tempore præclari Alfonso Portugallie Regis xvj. Regni sui anno, cum adhuc paganorum procella ferocius insaniret Sauriensium fines inuasit, & multos mortales homines, videlicet cum pecora aliisque præda captiuauit. Et erant tunc in eodem oppido veneranda Religionis milites in templo Salomonis Hierosolymis professi, nam ob defensionem sancti sepulchri sustentandam, prætexata Regina totius Castellæ Monarchiam cum suis redditibus præter Ecclesiastica iura, eis deuotissimè contulerat. Quam postea filius eius Rex Portugalensium Udesonsus eis manu propria confirmauit. Qui hostibus obuiare set agentes eundem præbiterum, de quo sermo transcribitur, sibi collegam asciuerant, qui Christianorum interitum, & detrimentum sanctæ Ecclesiæ condolens, tanquam reuerentissimis viris satisfaciens cum eis prædictis hominibus obuiauit: cum quibus ferè omnibus accidente infortunio captus in congressibus belli, in Scalabi castrimania, que tunc spurcissimis paganorum turbis pollebant, perductus est.*

Não he necessario traduzir estas palauras, pois ja temos referido o que se contem nellas.

Não foi de pouca importancia aos affligidos Christãos a companhia de seu Pastor Martinho, porque alem de se consolarem muito com suas amoeftações, & praticas espirituaes, receberam grande contentamento de saber

que cedo terião liberdade, & se reduziria aquella terra a poder del Rey Dom Afonso, que não só a virtude do seruo de Deos se occupaua em remedear as neccsidades presentes de seus subditos & dos mais que achou catiuos naquella Cidade, mas tambem se estendia a lhe anunciar os bens futuros. Respondeo o effeito a sua promessa. Santaré se ganhou pello esforço & industria del Rey Dom Afonso, & os catiuos de Soure cobraraõ liberdade em o anno que o seruo de Deos auia finalado. *Quæ omnia non longo tempore post* (se diz na memoria referida) *ut prædixerat claruerunt.* E val tanto como dizer, que todas as cousas auiaõ socedido como o seruo Deos as pronosticara. So elle não alcançou liberdade, porque antes de se ganhar Santarem, o tinhaõ passado a Euora os Arabes, donde o leuaraõ primeiro a Seuilha, & despois a Cordoua, dando com estas mudanças de seruidão noua materia de merecimento a sua paciencia, & apresando sua morte, bem digna de se escreuer com particularidade, pois se pode crer, que foy tão

preciosa nos olhos do Se-

nhor, como o fora

a vida.

(i.)

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

### CAPIT. XVIII.

*Da exemplar vida do seruo de Deos Martinho Prior ou Vigairo de Soure, dos grandes trabalhos que teve antes da morte.*



Archivo  
de S. Cruz  
de Coim  
bra li. dos  
test. fo. 46

Oy o seruo de Deos Martinho Portugues natural de hũa villa, a que o autor de sua vida nomea Aurancha, & diz estar distante de Coimbra vinte & seis milhas, que são pouco menos de noue legoas. Pella semelhança do nome parece a villa de Arouca, se a distancia de quinze legoas que ha della a Coimbra o consentira. Porem era sem falta outra povoação não longe do rio Vouga, & perto do monte, que se chama ua Aurancha, donde deuia tomar o nome. Em escritura de Pedroso faz Paio Gõçalves doação àquella casa da herdade que possuia em Osseloa, abaixo do monte Aurancha pella corrente do rio Vouga, no termo da cidade de Marnel. São as palauras formaes. *Facio donationem de hereditate mea propria, quam habeo in villa Osseloa subtus monte Aurancha, discurrente riunlo Vouga, territorio ciuitatis Marnel.* E he a data a quatro das Calendas de Março da Era de 1171. que he anno de 1133. O lugar de Marnel (que antigamente foy ci-

dade) he bem conhecido entre Agueda, & Vouga. A villa de Osseloa ficaua no mesmo limite, & era o celebrado Ossel aonde acõtecia o milagre da agoa baptismal em vespõra de Pascoa, do qual trata Gregorio Turonense. E aonde esteue cercado S. Hermenegildo, como hũa & outra cousa proua doutamente Antonio de Tauares de Tauora, Esmo ler mór de sua Magestade, em particular liuro q̃ tem composto.

Forão os pais de Martinho de mediana sorte, mas de grandes merecimentos para com Deos, & de muy solida virtude. O pay (o qual se chamaua Ayres Manoel) depois de viuuo escolheo a vida heremitica, em a qual perseuerou ate a hora da morte com boa fama, & exemplo de santidade. A mãy que auia nome Argio, criaua seus filhos em temor de Deos, & com o leite lhe comunicaua a boa inclinação, & natureza. A Martinho trataraõ sempre seus pais com particular afeição, vendo sempre nelle grandes indicios de temor, & amor de Deos. E tanto se confirmaraõ neste parecer, que julgaraõ por necessário dedicarem este filho ao seruiço de Deos, como o fizeraõ, obrigandose com voto, & dando ordem que fosse aprendendo as boas letras, & se fosse dispondo para o estado da vida Ecclesiastica.

Passou em boa occasiã por esta terra

terra o Bispo de Coimbra Dom Mauricio, vindo de Braga para sua Igreja, & como se agasalhasse em casa dos pais de Martinho, & notasse a boa indole do minino, & soubesse de seus pais a offera que delle se fizera, & a ordem de vida que leuaua, fez com elles o mandassem a Coimbra, aonde aueria lugar de cōtinuar melhor com os estudos, & aprender com a doutrina os bons costumes. Viuaõ naquelle tempo os Conegos de Coimbra (como ja aduertimos) em comunidade, & eraõ varoẽs muy exẽplares os daquella Igreja primitiua. Entre elles se criou Martinho, & aprendeo letras, & exẽplos de virtude. E como fosse alegre em seu trato, humilde na conuersação, pouco molesto aos companheiros, fauorecedor dos que via necessitados, nada enuejoso ou murmurador, foy cousa maravilhosa como conciliou a vontade, & afeição de todos. Ajuntauase o respeito que lhe começaraõ a ter, por notarẽ nelle hũa maravilhosa abstinencia, charidade com os pobres, para cujo remedio se defraudaua de sua ordinaria porção, diligencia no seruiço de Deos, exemplo admirauel na composição exterior, & ja em os annos da mpcidade madureza de varaõ, & grauidade de Santo.

Foi ordenado sacerdote, & cõ o nouo estado atresentou nouos merecimentos, & exemplos de

virtude. Tratou se por este tempo da restauração de Soure, que se arruinara no anno de 1117. com a entrada dos Arabes, & estaua despouoadado. Procurou a Rainha Dona Tareja que fosse o santo varaõ Vigairo daquella noua colonia, & para este effeito se ouue de valer do Bispo de Coimbra Dom Gonçalo, porque ao seruo de Deos uão era agradauel o nome de prelazia. Mas entendendo bem que com este cargo se lhe offerencia mais pobreza, & trabalhos, que titulos honrosos nem descanso, ouue de dar seu consentimento, & se mudou para Soure, leuando hum seu irmão por nome Mendo Arias, o qual lhe foi de grande ajuda, & outros companheiros, com os quais se começou a pouoar a villa de Soure. Teue principio esta restauração em o anno do Senhor de 1124. como ja temos aduertido, ainda que a memoria da vida deste Santo o não declara.

Grande materia de merecimentos teue o bom Prelado Martinho em os primeiros annos, porque sobre o trabalho da reedificação da Igreja, & restauração das casas padecia muita pobreza por não responderem as terras naquelle tempo menos cultiuidas com os frutos necessarios. A tudo daua saida seu sofrimento, & boa diligencia, com que em pouco tempo creceo a villa em edificios, & as terras acodiraõ

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

com a sustentação. Não se descuidava neste tempo do que mais importava, que era o pasto espiritual de suas ovelhas. Hum debuxo de vigilantissimo pastor offerece o autor desta memoria nas cousas que refere deste seruo de Deos. Não será possivel igoalarmos sua eloquencia, nem parece conueniente fazer a narração tão extensa. Em summa digo, que igoalmente resplandecia aos seus com a doutrina & com o exemplo da vida. Reprendia com zelo os vicios, & as vezes dissimulava com os peccadores mais obstinados, para ver se cô suauidade se podia remediar os q por meio de reprehensões se não emendauão. Ocupava bem o tempo, & raras vezes sahia fora de casa, mais q a obrigações precisas de seu officio. No trato de sua pessoa foi rigoroso, & penitente, mui deuoto, & dado à oração & contemplação das cousas diuinas. Sua charidade com os pobres foi extraordinaria, & tinha o animo muy grandioso, nada catiuo aos bens da terra, como mostrou por vezes na grandeza, & magnificencia com que hospedou a el Rey D<sup>o</sup> Afonso, & sua Corte quando passava por Soure. Com esta santa conuersação & modo de vida acrecentou grandemente o estado espiritual & temporal daquela villa, & amado de Deos, & dos homens, gouernou a Igreja por tempo de vinte & hũ annos.

Sobreueo a repentina entrada dos Arabes, da qual fizemos menção em o Capitulo antecedente. E saindolhe ao encontro aos caualeiros de Soure com o varaõ de Deos Martinho, ficaraõ vencidos, & elle com algũs dos seus foy leuado a Santarem, como ja mostramos. No trabalho & miseria do catiueiro tocou lugar o seruo de Deos, para dar maiores finaes de sua virtude. E não fazendo caso da paciencia & contentamento com que passava as misérias daquelle triste estado, não posso deixar de me admirar da grande charidade, & amor dos proximos que nelle mostrava, exercitando ainda então o officio de verdadeiro Pastor, que sô curava do bẽ de suas ovelhas. Foise ao carcere publico aonde padeciaõ os Christãos, & sem que a isso o constrãgessem, os quis acompanhar, & animava com suaues palauras, para que permanecessem firmes na Fè, & não perdessem de todo a esperanza. *Entrando o varaõ de Deos (diz o autor de sua vida) sem ter obrigação a isso, em hum estreito, & horriuel carcere, aonde estauão os Christãos presos com grilhoẽs & cadeas, mostrou tanta charidade & diligencia para com elles, que por não desfalecerem na Fè, & lbe vir ao pensamento a falsa crença dos Mouros, se pos a pregar a verdade Euangelica quanto o tempo & lugar consentia, &c.* E assi liure & catiuo exercitou bem o officio de pregador Euangelico.

De Santarem foy leuado para Euora em o anno de 1146. porque se diz que hum anno antes que Santarem se ganhasse profetizara elle sua tomada, estando na propria Villa, & de Euora o mudarão primeiro para Seuilha, & despois a Cordoua, principal assento do senhorio dos Mouros. E em todos estes lugares bem se deixa ver as misérias q̃ padeceria, proprias de hum catiuo, & mais sendo Ecclesiastico, cõtra quẽ os barbaros exercitão mais sua tirania. Veo a falecer cheo de trabalhos & merecimentos, em o vltimo dia de Janeiro (nã se aponta o anno, que foi grande falta) & os Christãos catiuos enterrarão seu corpo com grande reuerencia na Igreja de Nossa Senhora, a qual como em outras terras do senhorio dos Mouros permanecia naquella Cidade.

Parece que foi particular providencia, & fauor do Ceo dar ao Reyno de Portugal em seus principios cinco pessoas illustres em santidade para protecção & exẽplo das partes principaes deste Reyno. Na prouincia de entre Douro & Minho floreceo o santo Arcebispo de Braga Giraldo. Em Alentejo o hermitão que deu a embaxada da parte de Deos a el Rey Dom Afonso, & lhe annunciou a vitoria de Ourique, & o aparecimento de Christo. Em a Beira resplandecia o grande santo Ioão Cirita primeiro hermi-

tão, & despois Monge & Abba de da sagrada Ordem de Cister. Em Coimbra cidade Real, & assento da Corte, residia o primeiro Prior de Santa Cruz S. Theotonio, & vltimamente na prouincia da estremadura (em a qual està a villa de Soure) vivia o seruo de Deos Martinho deputado pello Senhor para ornamento & emparo desta terra, como consta do progresso de sua vida.

## CAPIT. XIX.

*Docasamento del Rey Dom Afonso Henriques com a Rainha Dona Mafalda, filha de Amaden Conde de Moriana, & Saboia, & dos filhos que tiueraõ.*



Osto que na historia dos Godos se assine o 1146 casamento del Rey D. Afonso em o anno do Senhor de 1145. por mais certo temos se efeituou em o seguinte de 1146. porque deste anno correm as doações com a firma da Rainha, & el Rey o declara expressamente em hũa memoria da tomada de Santarem, a qual temos em Alcobaça. Nella diz el Rey como em o tempo que ganhou aquella Villa aos Mouros, não auia ainda anno perfeito que estaua casado cõ a Rainha Dona Mafalda.

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

Mafalda. *Anno nondum euoluto, quo duxerant Mabaldam.* E como a tomada de Santarem seja certa em o anno de 1147. bem se conuençe que o casamento se fez em o de 1146. Em Iulho deste mesmo anno manda el Rey em certa escriptura que sejaõ priuilegiados todos os que morarem nas terras do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, & diz que ordena o sobredito juntamente com sua mulher a Rainha Dona Mafalda. *Vna*

*Archiuo de S. Cruz* *cum vxore mea Regina Dona Mafalda.* Sinal bem claro, que ja nestes mes estauão casados. Antes deste anno não vejo memoria algũa neste Reyno da Rainha Dona Mafalda, & assi me parece que a historia dos Godos deuia respeitar o tempo em que se tratou do casamento, & se celebrarião os côtratos d'elle, & não do anno em que a Rainha veyo a Portugal, & foi entregue a el Rey D. Afonso.

Era a Rainha Dona Mafalda filha de Amadeu Conde de Moriana & Saboia, ascendente dos Duques desta antiquissima, & incllyta casa, & não Castelhana da familia de Lara, como alguns erradamente escreueraõ. Ja Damiaõ de Goes autor graue tratou de tirar este erro, & em confirmação de ser a Rainha Dona Mafalda filha de Amadeu Conde de Moriana, citou tres doações da Torre do Tombo. Eu achei em o mesmo Archiuo as tres doações que Goes refere, & o original da

primeira vi tambem em Santa Cruz de Coimbra, & em todas se nomea a Rainha Dona Mafalda por filha de Amadeu Conde de Moriana.

Vi mais em o mosteiro de Loruaõ a doação de Serpins feita por el Rey Dom Afonso a Paio Alulitz, & a sua mulher Maria Fromariguez, a qual se passou em Outubro do an. do Senhor de 1154. & começa. *In Dei nomine ego Al-*

*fonsus, &c. vna cum vxore mea Mabald nomine Comitis Amadeu filia,* que he: Em nome do Senhor eu Dom Afonso, & c, juntamente com minha mulher por nome Dona Mahalda, filha do Conde Amadeu. Esta doação entre os papeis da Comarca de Coimbra no maço que se intitula Serpinz, numero 4. Em a memoria manu scripta do Mosteiro de Alcobaça, em a qual se relata a tomada de Santarem, diz el Rey Dom Afonso que sua mulher a Rainha Dona Mafalda era filha do Conde Amadeu, *Comitis Amadeu filiam.* A historia dos Godos diz assi. *Era M. C. LXXXIII. 17. anno Regni sui Afonsus duxit vxorē Matildam vel Mafaldam filiam Amadei Comitis de Moriana, & Sabandia.* Em vulgar: Na Era de 1183. (que he anno de 1145.) no anno 17. de seu reinado tomou por mulher el Rey Dom Afonso a Matilda, ou Mafalda filha de Amadeu Conde de Moriana, & Saboia. O mesmo se afirma em a vida de São Theotónio

nio

nio manu scripta, de Santa Cruz de Coimbra. Não parece necessario referir mais lugares em pro-ua desta verdade, & com a certeza della não podemos deixar de nos espantar dos escriptores de nobilitarios, & do autor da Chronica del Rey Dom Afonso Henriques, fazerem a Rainha Dona Mafalda filha de Dom Manrique de Lara, cousa tão sem fundamento, que me não persuado ao Cōde Dom Pedro a deixar escrita no liuro das linhagēs, mas que seria vicio de quem tresladou o liuro, & introduzio nelle algũas outras fabulas, de q̃ he notado.

Era o Conde Amadeu pay de Dona Mafalda aquelle vitorioso Principe, que entre as mais obras de valor, passou duas vezes á conquista da Terra santa por General da gente da Igreja, & da volta da segunda morreo na Ilha de Chipre no anno do Senhor de 1154. Foi o segundo do nome dos Principes que possuirão aquelle estado, quarto em numero entre os Condes de Moriana, & primeiro dos de Saboia Seu pai se chamou Vmberto, seu auó Amedeu, seu Bisauó Vmberto, todos Condes de Moriana, & decendentes do valeroso Principe Beraldo, o qual era filho de Hugo Duque de Saxonia, & neto do grande Emperador Orhon Segundo. De sorte q̃ a nobreza deriuada aos Reys de Portugal pella Rainha Dona Mafalda, & casa de Saboia, fica sen-

do das mais calificadas que se sabem na Christandade, & así foi mais necessario auerigoar este pōto de tanta importancia, em que nossas Chronicas se achão tão erradas como temos visto.

Pouca mais diligencia fizeraõ nossos escriptores até o tempo presente, para sabermos dos filhos del Rey Dom Afonso, & da Rainha Dona Mafalda. E por esta causa nem concordão, nem acertão no q̃ affirmão. Diz o autor da Chronica del Rey, que ouue elle de sua molher o Infante Dom Sancho que lhe socedeo no Reyno, Dona Vrraca Rainha de Leão, Dona Tareja Condessa de Frandes, & Dona Mafalda casada com o Principe herdeiro do Conde de Barcelona Dom Raimundo. Duarte Nunes nega esta terceira filha; & de seu parecer são algũs autores, os quais nomeão entre os mais filhos de nossos Reys Dom Henrique primogenito de todos.

Digo que el Rey Dom Afonso teue da Rainha sua molher tres filhos, & quatro filhas; a saber, Dom Henrique, Dom Sancho, Dom João, Dona Mafalda, Dona Vrraca, Dona Tareja, & Dona Sancha. Em a relação da tomada de Santarem, quando el Rey diz que casou com a Rainha Dona Mafalda filha de Amadeu acrescenta, *Ex qua primogenitus est natus Henricus filius meus III. Nonas eiusdem mensis.* E quer dizer. Que da mesma Rainha lhe naceo seu

filho

Guilhel.  
Paradin.  
& outros

Nachron.  
de Saboia  
cap. 30.

No c. 26.  
& segg.

No cap. 5.

Archino  
de Alcob.  
ça no fim  
do liuro  
escripto de  
mão onde  
ha as obras  
de S. Ful-  
gencio.

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

filho primogenito Dom Henrique a tres das Calendas do mesmo mes, que he a finco de Março de 1147. como consta de outras palauras antecedentes.

De Dom Sancho successor nesta Coroa, & segúdo Rey de Portugal sabemos por todas as historias, & faz aduertencia a dos Godos, que naceo elle em dia de São Martinho do anno de 1154. por onde lhe foi taó bem posto o nome do Santo, & se chamou Sancho Martinho.

Do terceiro filho varão del Rey, & da Rainha da noticia o liuro dos obitos de Santa Cruz, dizendo. *Octauo Kalend. Septembris obiit Ioannes Infans Domni Alfonsi Regis Portugallie, & Donna Mafalde Regina filius.* Isto he: A oito das Calendas de Setembro (São 25. de Agosto) morreo o Infante Dom João filho del Rey Dom Afonso de Portugal, & da Rainha Dona Mafalda.

Húa das primeiras filhas de nossos Reys, foy Dona Mafalda, & a primeira que casou, como adiante mostrarei. Consta della por algúas escrituras. Em o mosteiro de Salzeda ha húa muy notauel, em a qual Dom Mendo Bispo de Lamego, faz dimissão do direito Episcopal que tinha nas terras do dito mosteiro, a cuja conta recebeo del Rey Dó Afonso a Igreja de Bagasto, & recompensa de certos casais de Dona Tareja Afonso, fundadora

daquella casa, & confirma el Rey Dom Afonso, & seus filhos Dom Sancho, Donna Vrraca, & Dona Mafalda, & seguemse despois os nomes de alguns senhores alii Ecclesiasticos, como seculares, & he a data em Março do anno de Christo de 1167. quando ja el Rey estava viuuo.

Outra doação ha neste mosteiro, em que el Rey Dom Afonso lhe dà a Igreja de S. Martinho de Gaia, & algúas herdades, em terras de entrambolos rios, & se chama nella pio, vencedor, triunfante, & sempre inuenciuel, & nella estão as firmas seguintes. *Ego Rex Alfonsus roboro, & confirmo. Ego Regina Maalta roboro, & confirmo. Ego Rex Sancius roboro, atq; cōfirmo. Ego Regina Orraca roboro, utque confirmo. Ego Regina Maalta filia Alfonsi Regis roboro, & confirmo. Ioannes Peculiaris Archiepiscopus Bracharens. conf. Petrus cognomento Senior Episcopus. Portugalen. conf. Menend. Episcopus Lamecens. conf. Odorinus Vicens. Episcopus. conf. Fernandus Captiuus Dapifer Regis. Petrus Pelaiz Alferes, Sancius Nunes qui Arancam tenet. Remata a escriptura com húa Cruz, a qual té circulo com estas letras: *Confirmat Rex Alfonsus Portugallis, & mostra ser feita por Pedro Amarelo. Naó deuem parecer superfluas tantas circumstancias, pois são em materia impugnada por nossos autores, & que de necessidade pede mayor confirmação. Adiante tratarei do casamento desta Princesa, & tresla-**

Archiuo  
de S. Cruz  
de Coim-  
bra.

Archiuo  
do mostei-  
ro de Sal-  
zeda no  
liuro das  
doações  
fol. 9.



& tresladarei a escritura de arras que lhe fez seu sogro, cõ que ficará bem aueriguado como foy filha de nossos Reys, & não errou a Chronica de mão em a nomear entre elles.

Archivo  
Real liuro  
das Ordens  
milit. fol.  
17.

Das Rainhas Dona Vrraca, & D. Tareja filhas dos mesmos Principes ha muitas escrituras. Hũa se conferua na Torre do Tombo no liuro dos Mestrados do anno de 1169. em que el Rey Dom Afonso dá aos Templarios muitas terras em Alentejo, & diz el Rey que faz esta doação com seu filho Dom Sancho, & suas filhas Dona Vrraca & Dona Tareja. *Cum filio meo Rege Sancio, & filiabus meis Regina Vrraca, & Regina Tarsa.* Nestas Princezas não poê duvida autor algum, & consta que casaraõ com el Rey de Leão, & Conde de Frandes. E así não são necessarias muitas confirmações desta verdade.

Archivo  
de S. Cruz

Na Torre  
do Tombo

Da Rainha Dona Sancha cõsta taõbem por escrituras antigas. Em Março de 1158. faz el Rey Dõ Afonso merce ao conuento de S. Cruz de Coimbra de hũa quinta por nome Melesa junto a Sintra, & confirmão tres filhos seus nesta forma. *Ego Sancius filius eius confirmo. Ego Horraca filia eius cõfirmo. Ego Sancia filia eius confirmo.* Do proprio modo confirmaõ na doação de Tamugia feira por el Rey ao mesmo Mosteiro. E he a data em Mayo do anno de mil & cento & cincoenta & noue, &

saõ feitas ambas as escrituras por Mestre Alberto Cancellario del Rey. Em Santa Cruz estão os originaes, & taõbem os treslados dellas as folhas 35. & 36. do liuro antigo do tempo de Dom Ioão Theotonio següdo Prior daquelle casa. Alem de se acharem taõbem na Torre do Tombo em particular liuro, que contem as doações daquelle mosteiro.

# CAPIT. XX.

*De algũs filhos del Rey Dõ Afonso fora do matrimonio, & cousas tocantes a sua vida, & estado.*



Ambem acerca dos filhos bastardos del Rey Dom Afonso Henriques estão faltas & erradas nossas historias. De escrituras antigas consta, que foraõ filhos del Rey fora de matrimonio Fernando Afonso, & Pedro Afonso, os quais he mui prouauel serẽ filhos naturaes, pello pouco tempo q el Rey viueo casado. De Fernando Afonso dão noticia duas escrituras do mosteiro de S. Cruz de Coimbra, passadas em o anno do Senhor de 1166. He a primeira a doação do Lourical, & a segunda do Castello de Santa Olaya, em ambas despois das firmas del Rey, & dos Infantes Dom Sancho, & Dona Sancha se seguem

D d as

## Liuro X. da Monarchia Lusitanã.

as dos outros senhores por esta ordem. *Ego Fernandus Alfonsi filius eius confirmo. Comes Velasquez filius sororis eius confirmo. Gonsalvus de Sousa Curie Dapifer confirmo. Petrus Pelagii Vexillifer Regis confirmo, &c.* E assi se vão seguindo as firmas de outros muitos senhores. De sorte que não pode auer duuida em ser Fernando Afonso filho del Rey, como tambem em ser o Conde Dom Vasco seu sobrinho, pois elles mesmos o dizem.

Em os annos seguintes acho Fernando Afonso com titulo de Alferes na casa del Rey, como consta do Couto de Midoês dado em Nouembro do anno do Senhor de mil & cento & sessenta & noue; & da doação de hūas casas feita por el Rey ao Bispo de Coimbra em Agosto do anno de mil & cento & setenta & dous, & de outras muitas. E ao que posso alcançar, deuia este Principe ser feito Alferes despois da batalha de Badajoz, em a qual entendendo que perdeo a vida Pero Paez seu antecessor, por quanto sua memoria chega aquelle tempo, & não passa. Não me consta se casou Fernando Afonso, & se deixou decendencia neste Reyno.

Do outro filho del Rey chamado Pedro Afonso temos hū celebre testemunho de hūa doação, que elle proprio faz a Dó Fernando Abbade de Alcobaça, & a seu conuento de certa quinta em ter-

mo da villa de Tnmar, a qual comeca assi. *In Dei nomine notum sit presentibus, & futuris, quod ego Petrus Alfonsi filius Magni Regis Alfonsi Portugallie, facio chartam vobis Donno Fernando Abbati Alcobatie, & conuentui, &c.* Quer dizer. Em nome de Deos saibaõ todos os presentes & futuros, que eu Dom Pedro Afonso filho do grande Rey D. Afonso de Portugal, faço carta de doação a vos D. Fernando Abbade de Alcobaça, & ao conuento, &c. He a data desta escriptura no mes de Mayo da Era de 1244. que he anno do Senhor de mil & duzentos & seis, & assi consta claro ser este Principe filho del Rey Dó Afonso Henriques, pois ate aquelle anno não ouuera outro Rey Dom Afonso em Portugal.

Foy Dom Pedro Afonso muy deuoto da Ordem de Cister, & do mosteiro de Alcobaça. E assi quando el Rey Dom Afonso Henriques em o anno do Senhor de 1183. confirmou ao Abbade Dom Martinho a doação daquella casa & demarcou os limites de seu districto, Pedro Afonso foi o que andou assistindo ao pôr dos marcos, como elle mesmo diz em a cõfirmação da mesma escriptura.

Este Principe entendendo q̃ foi o Monge de Alcobaça, q̃ comūmente se té ser filho do Conde D. Hérique, pellas razões que allegarei, quando tratar de suas coulas em particular Capitulo.

Outro

Outro filho natural dão communmente os autores a el Rey Dom Afonso Henriques, que dizem foi Mestre da Ordem de S. Ioão, & se chamou Dom Afonso; & polto que alguns o querem confundir com o passado, nomeãdo Pedro Afonso, com tudo os mais, & que falão mais ao certo o conhecem por Dom Afonso, & este he o nome que té em o Epitafio de sua sepultura na Igreja de São Ioão da villa de Santarem. Passou este Principe á conquista da Terra Santa, & pello valor que mostrou nella, & respeito del Rey Dom Afonso seu pai, o fizeraõ Gram Mestre da Ordem os Caualeiros do Hospital, cuja vida professaua. Dizem delle que foi Religioso, & reformado, & que ordenou muitas leys importãtes ao bom gouerno de sua ordem; & como fosse taõbem de grão coração, & quisesse ser mui respeitado, começou a desagradar aos caualeiros, & teue algũas paixões, por onde renunciou o Mestrado, & se tornou a Portugal.

Não falta quem diz, que sabẽdo da morte de seu pay, se veio com intento de lhe soceder em o Reyno, & por esta causa o fez morrer com peçonha seu irmão el Rey Dom Sancho o Primeiro. Porem sabemos de certo, que chegou elle viuo quasi ao fim do reinado de seu irmão, donde fica sendo impossivel virse de Hierusalem tanto que morreo seu

pai com aquelle intento, & muito mais darlhe seu irmão a morte. Nem he crediuel que hum irmão natural, & homem de tanto juizo ouuesse de deixar o cargo que tinha para vir tomar o Reyno a seu irmão legitimo, que quando elle chegasse estaua ja de posse. Nem em Portugal ha escriptura ou tradição disto, & assi entendemos que foi mera calumnia.

Faleceo o Mestre Dom Afonso em o anno do Senhor de mil dozentos & sette, como diz o letrado de sua sepultura, o qual té tambem estes versos dignos de nos ficarem na memoria.

*Quisquis ades qui morte cadis, perlege, plora,*

*Sum quod eris, fueram quod es, pro me precor, ora.*

Querem dizer: Qualquer que estais presente fogeito às leis da morte, lede, & chora, no estado em que me vejo vos vereis, ja fui o que agora sois, peçouos que façais oração por mi.

Nossas historias dão a el Rey Dõ Afonso hũa filha illegitima, a que chamão Dona Tareja Afonso, a qual o Conde Dom Pedro faz casada com Sancho Nunez de Barbosa, filho, ou decendente do Conde Dom Nuno de Cella noua. Porem neste casamento ha muita duuida, ou impossibilidade, por quanto o Conde D. Vasco, filho de Sancho Nunez

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

se nomea em escripturas autenticas filho da irmãa del Rey Dom Afonso, & assi parece que Sancho Nunez casouco irmãa deste Rey, & não có sua filha. Mas não obstante a difficuldade deste casamêto, bem poderia ser, que tiuesse el Rey Dó Afonso esta filha chamada Dona Tareja Afonso, pois todos nossos autores o dizem, posto que eu atêgora não vi memoria della em escripturas autenticas.

De outra filha illegitima del Rey Dó Afonso Henriques chamada Dona Orraca Afonso, faz menção o Conde Dom Pedro no titulo trinta & seis, & diz que casou com Dom Pedro Afonso neto de Egas Muniz, & delles ficou decendencia, que não só toca a muitas casas de Portugal, mas também muitas de Castella, como se pode ver em o mesmo autor titulo 24.

### CAPIT. XXI.

#### *Da morte de Egas Moniz com algũas cousas tocantes à sua decendencia.*

1146.



O anno da morte de Egas Moniz erraõ muito nossos historiadores, parecendo-lhe q̃ foi antes da batalha de Ourique. Nem sei que motiuo podia ter o primeiro que isto disse, q̃ dos ou-

tros ja se sabe que o seguiraõ sem mais exame; mas de escripturas autenticas consta viueo este fidalgo até o répo presente, em q̃ vai correndo a historia. Em S. Cruz ha a doação do Aluorge dada em Fevereiro do anno de 1141. A do direito Ecclesiastico de Leiria passada em Abril de mil & cento & quarenta & dous. A de Quiajos & Lauaõs dada em Junho de mil & cento & quarenta & tres, em todas ellas está a firma de Egas Moniz com estas palauras. *Egas Moniz Curia Dapifer confirmat.*

Na Torre do Tombo está a doação feita por el Rey D. Afonso á Igreja de São Saluador em terra de Bragança, & tem por remate hũa Cruz com estas palauras, *Rex Portugallis*. Seguem-se as firmas de tres Grandes que se acharaõ presentes deste modo. *Egas Moniz Dapifer Curia confirmat. Aluarius Pedriz Alferaz confirmat. Fernandus Mendiz qui tenet terram confirmat.* E he a data desta escriptura a 16. de Mayo do anno do Senhor de mil & cento & quarenta & cinco. Outra ha passada a quatro de Agosto deste mesmo anno, em q̃ el Rey dà a Igreja de Meiamfrio a Martim Caluo, & cõfirmão nella as pessoas seguintes. *Egas Moniz Dapifer Curia confirmat. Aluarius Pedriz Alferaz confirmat. Petrus Pax suus frater cõfirmat.* De modo q̃ não pode auerduida de viuer Egas Moniz neste tépo, & de ser elle o aio del Rey D. Afonso

se

Archivo de S. Cruz  
 originaes  
 proprios.  
 & no lito.  
 dos testas.  
 fol. 26. 27  
 & 28.

Archivo Real lito  
 dos foras  
 da testura  
 rella fol.  
 13. & 14.

se conuence do titulo de, Dapifer, cõ que he conhecido nas escrituras.

Que chegasse ao anno seguinte de mil cento & quarêta & seis, declara o letreiro de sua sepultura, o qual està em o mosteiro de Paço de Sousa, & contem estas palavras. *Hic requiescit famulus Dei, vir inclytus. Egas Moniz, Era M. C. LXXXVIII.* Quer dizer. Aqui descansa o seruo de Deos, & inclyto varaõ Egas Moniz, na era de 1184. & vem a ser no anno de Christo de 1146.

Escolheo este fidalgo sepultura em o mosteiro de Paço de Sousa, não por ser seu primeiro fundador (como nossos autores também erradamente escreuem) mas por ser fundação de seus antepassados, a qual elle ampliou com grandes esmolas. Está o mosteiro de Paço, que se intitula São Salvador, junto ao rio Sousa, no Bispado do Porto. Foy edificado pelos annos de 1000. por Troicozendo Guedes, irmão de Sueiro Guedes, o que fundou o Mosteiro da Varsea, eraõ ambos filhos de Dõ Goido Araldes de Baiam, & netos de D. Arnaldo de Baiam, de cuja nobreza trata o Conde D. Pedro no titulo 41.

Conde D.  
Pedro tit.  
41.

Conde D.  
Pedro tit.  
40.

Dom Pedro Tricofendes, filho de Toitofendo Guedes, foi casado com Dona Toda Ermiguiz Alboazar, & a esta senhora (a qual era bisauõ de Egas Moniz) deuia ficar encarregada a fabrica da-

quelle mosteiro, por quanto vemos que os de sua familia lançarão mão delle, & o dotarão com grossas rendas. Egas Hermigez, irmão de Dona Toda, & sua mulher Dona Gontinha fizeram sagrar a Igreja do mosteiro de Paço, & lhe offerecerão hũa grande esmola em o anno de 1088. Destes fidalgos se deriuou a Egas Moniz a deuação, & protecção daquelle casa, & a causa de escolher nella seu jazigo, para cujo effeito lhe fez doações amplissimas, como consta de escrituras do mesmo mosteiro.

Archi  
do Most.  
ro de P  
ço.

Em o de Salzeda, que he fundação de Dona Tareja Afonso segunda mulher de Egas Moniz, está hũ contrato ou modo de testamento feito por este fidalgo cinco annos antes de sua morte, de que pareceo bem pôr aqui o treslado tirado do Latim, o qual diz assi.

O principio desta escritura seja feito em nome de Christo, por quanto he rara a Fè entre os mortaes, & as amizades da vida se conuertem muitas vezes em discordias perpetuas, importa firmar nesta escritura o que desejamos permaneça indissoluel, & perpetuo. Por tanto eu Egas Moniz faço doaçoõ a vos minba mulher D. Tareja Afonso da metade de minba fazenda; & da terra q̃ deixar por minba alma, para que a possuais em quanto viuerdes, em caso que eu morra primeiro. E se por ventura ficando viuua vos tornardes a casar, perdereis inteiramente esta parte, & a

Dd 3 que

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

que vos toca dos adquiridos. Porem se  
alguem tratar de vos receber por mo-  
lher por força, & vos deixado elle re-  
clamardes à justiça, & uos puserdes de  
parte de meus parentes, nenhũa cousa  
perdereis da minha & da vossa heran-  
ça; o contrario do que será se vòs der-  
des consentimento em o rapto. Ia tenho  
dito da fazenda de raiz, venhamos ao  
mouel. Em caso que eu morra primei-  
ro, dareis por minha alma ametade dos  
mouéis, a outra parte repartireis entre  
vos, & nossos filhos de menor idade,  
para que assi, & com a mais fazenda se  
fiquem inteirando do que ja tem seus  
irmãos maiores, não entrando aqui a  
parte que deixo por minha alma. De  
toda a criação de gados escolhereis as  
seis melhores cabeças que quizerdes, os  
demais repartão entre si todos os irmãos  
legitimos, reservando os que eu der por  
bem de minha alma. Despois de vossa  
morte todos meus filhos legitimos auer-  
rão a minha herança que vos deixo, &  
a vossa se dará a vossos filhos. Se al-  
guem for contra isto, &c. Foi feita esta  
escriptura em tempo do venerando Rey  
de Portugal Dom Afonso, em o dia sa-  
bido de depois das Calendas de Maio; da  
Era de 1179. & vem a ser a 14. de  
Abril do anno de Christo de 1141.

Destte papel consta, que forão  
muitos os filhos de Egas Moniz,  
assi da primeira, como da segun-  
da mulher, pois faz differença  
de filhos menores a mayores, &  
dos legitimos, que eraõ só seus, &  
de outros, que eraõ tambem de  
Dona Tareja. O Conde Dom Pe-  
dro diz em o titulo 36. que ouue

Egas Moniz de sua primeira mo-  
lher Dona Maior Perez da Sylua  
filha de Paio Goterrez, a Louren-  
ço Viegas, & a Dona Leonor Vie-  
gas; & da segunda mulher, que  
foy Dona Tareja Afonso, filha do  
Conde Dom Afonso de Asturias  
teue Afonso Viegas, o qual tam-  
bem se nomea Moço Viegas, Sui-  
ro Viegas, & Pero Viegas, Dona  
Orraca Viegas, Dona Eluira, & D.  
Dordea, ou Dorothea.

Em o mosteiro de Arouca está Archivo  
de Arouca  
a doação de São Saluador de Tu-  
ias feita por Dona Tareja Afonso  
& confirmada por seus filhos, &  
netos em Janeiro da era 1203. que  
he anno de 1165. & declaraõse os  
decendentes desta senhora com  
as palauras seguintes. *Quorum he-  
redum, & hanc scripturam corroboran-  
tium hxc sunt nomina. Ego Tarasia  
Afon. & filius meus Suarius Venegas,  
& filia mea Dona Vrraca, & Dona  
Eluira cum filijs earum, Moço Vene-  
gas cum filijs suis, & Monion filius Re-  
migij Venegas, & Dom Veia filius Ro-  
derici Venegas. Guisalvus Mendis cum  
illis suis filiabus quas habuit ex Dona  
Dordia.* Cõforme a estas palauras  
de que não importa dar a tradu-  
ção, faltou ao Conde Dom Pedro  
nomear Remigio Viegas, & Ro-  
drigo Viegas entre os mais filhos  
de Dona Tareja Afonso, & de  
Egas Moniz.

De Lourenço Viegas o filho  
mais velho de Egas Moniz, ficou  
hum filho natural, do qual decé-  
dem os Coelhos, assi os que pas-  
saraõ

*Argote li. 2.º, 153.* faraõ a Castella em tẽpo del Rey Dom Ioão o Primeiro, & instituirãõ a caia de Montaluo, & outros morgados; como os. que ficaraõ em Portugal, & se conseruaõ nos senhores de Filgueiras, & em outros ramos. Alguns autores modernos com pouca consideração nomeaõ Egas Moniz com o sobrenome de Coelho, não vendo que o primeiro a quem o Conde Dom Pedro dá este apellido, he Sueiro Viegas, bisneto de Egas Moniz.

Os Coelhos tẽ por armas em campo de ouro hum Leão de Purpura faxado de tres faxas empetuetado de ouro, & azul, armado de vermelho bordadura azul cõ sette coelhos de prata malhados de preto, & por timbre o mesmo Leão com hum dos coelhos nas ynhas.

Dona Lianor Viegas casou (segundo diz o Conde Dom Pedro) com Gonçalo Mendez da Maia o Lidador, de cuja decendencia, & duuida deste casamento ja temos tratado, quando nomeamos alguns fidalgos que se acharaõ na batalha de Ourique.

De Moço Viegas vieraõ os senhores de Refende, cuja linha faltou; & o senhorio se deu logo aos Castros, senhores tambem de Roriz. Procedem mais de Moço Viegas os Aluarengas, & outros muitos fidalgos, com quem elles se aparẽtarãõ, como se pode ver no titulo 26. do Conde D. Pedro

que se intitula de Sueiro Mendez o Grosso. Os Aluarengas tem por armas o campo de Veiros, & tres faxas vermelhas sobre elle, & por timbre hum meio Leão rompen te vestido de veiros.

Sueiro Viegas foy casado com Dona Sancha sobrinha del Rey Dom Afonso Henriques, filha de sua irmãa, & de Dom Bermudo Perez de Traua. Tiuerãõ filhos sem decendencia, & Dona Tareja Soares mulher de Gonçalo Mendes de Sousa, o filho do Conde D. Mendo, dos quais ficou successão, mas não permaneceu muito tempo.

De Pero Viegas vem os Attai-des, segundo a tradição, com a qual se conformãõ algũs nobilitarios; & outros dizem que procedem de Moço Viegas. Trazem mais os Attai-des outra decendencia de Egas Moniz por via de Dona Tareja Vazques filha de Vasco Martins de Refende. Ouue desta familia pessoas insignes em armas, & gouerno da paz; & ha della hoje tres casas titulares; a de Atouguia, a da Castanheira, & a de Castro; cujo Conde ao presente he hum dos dous gouernadores de Portugal, depois de ser Embaixador da Magestade Catholica del Rey nosso senhor D. Phelippe Quarto ao Emperador de Alemanha; & foi o primeiro Embaixador Portugues que ouue depois da vnião das Coroas. Tem por armas os Attai-des qua-

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

tro bandas de prata em campo azul, & por timbre hũa Onça de azul bandada de prata como que falta.

Dona Orraca Viegas foi mulher do Conde Dom Vasco Sanches, de cuja nobreza fica dito em outro lugar. Por sua morte casou com Gonçalo Rodriguez, hum dos Ricos homens daquelle tempo, de cuja linhagem me não consta, & posto que de ambos os matrimonios teue filhos, dos quais ficou decendencia nas casas de Cardona, Castro, Coronel, & outras, não sei de familia particular que delles decenda neste Reyno por linha direita.

Dona Eluira calou com Pero Paez o Alferez, de quem ja temos tratado; entre outros decendentes q̃ tiuerão foi o Conde D. Martin Gil, que floreceo em tempo del Rey D. Diniz.

Dona Dordia foi mulher de Gonçalo de Sousa, do qual teue duas filhas Dona Tareja & Dona Eluira, ambas forão casadas, Dona Tareja com Dom Vasco Fernandez, filho de Fernão Gomez Catino, & neto do Conde Dom Gomez de Sobrado, dos quais vierão os Seuerosas, & muita outra fidalguia, como se pode ver em o

*conde D. tit. 25. do Conde Dom Pedro. Do Pedro tit. 25.*  
na Eluira se chamou a Condessa de Faia, & casou com Sueiro Mendes mãos de Aguiar, o qual por seu pai decendia dos de Pereira, & por sua mãy era neto do Conde

Dom Gomez, que jaz em Pombeiro ( de quem atraz fica dito.) Tiuerão successão, que aparétou com muitas casas illustres de Portugal, & Castella.

Pello discurso do tempo se perpetuou o appellido de Monises *conde D. Pedro tit. 24.* em algũas familias, como nos senhores de Angega, & outros que tambem se tem por decendentes do grande Egas Moniz, & posto que a successão se não proue pello appellido, por ser antigamente sô patronimico: contudo não he improuauel que decendão del le por algũa via, ou de seu irmão Mem Moniz (de quem dizem forão as armas de que os Monises vñão;) porque não se tomando este sobrenome de terra algũa, nem sendo alcunha, claro he se deue reduzir a algũa pessoa illustre, que antigamente o teue; maiormente sendo certo que decende de Egas Moniz não sô a maior parte da fidalguia que hoje ha em Portugal, mas muita outra dos Reynos de Espanha, & o mesmo se pode dizer de outros fidalgos daquelle tempo, de quem ficou, & se continuou a successão, pois segundo esta se multiplica, & estende em discurso de annos, não he muito que comprehenda a tantos. Mas declarar as linhas, & decer a todos os particulares he cousa difficulosa. Bem se vê na successão presente, que tendo Egas Moniz dous filhos, de quem ficou decendencia, como vimos em a escriptura



tura de Arouca atras citada, os passa em silencio o Conde Dom Pedro, tão diligente inuestigador destas antiguidades.

Os Monifes tem por armas em campo azul cinco estrellas de ouro em aspa, & por timbre hum Leãoopardo de azul com hũa estrella das armas na testa.

Outros Monifes trazem o escudo esquartelado; no primeiro, & terceiro as cinco estrellas de ouro dos Monifes. O segundo, q he tambem esquartelado, tem no primeiro em campo de prata hũa Cruz potentêa de ouro entre quatro cruces do mesmo. O contrario hum Leão de purpura coroado de ouro em campo de prata; & o segundo composto de prata & azul de seis peças em fxa, & sobre tudo hum Leão vermelho batalhante coroado de ouro, & o contrario do segundo em campo vermelho hum Leão de ouro rompente coroado do mesmo, & sobre tudo isto tem hum escudinho de prata com hum Leão de preto: & assi os contrarios deste segundo quartel, & por timbre o Leão preto das armas, cõ hũa cruzinha das do escudo na espada.

(.)

CAPIT. XXII.

*Como el Rey Dom Afonso partio de Coimbra com intento de tomar Santarem: de algũas circunstancias notaveis que nisto ouue.*



E Santarê pouoa-  
ção principalissima  
do Keyno de Por-  
tugal, & está funda-  
do na parte direita

11 47.

do rio Tejo, em lugar alto & superior, ha mui dilatados campos que o cercaõ. Foi em tempo antigo hum dos tres conuentos juridicos, ou chancellarias que os Romanos ordenaraõ em Lusitania. Os Mouros o estimaraõ como força principal, & importante. Aos Reys de Portugal seruiro por vezes de assento de sua Corte. Seu nome antigo era, Scalabis, ficou com o de Santarem por occasião da gloriosa Martyr S. Eiria, & de seu milagroso sepulchro. Padecêra esta Santa em a villa de Tomar, a que em outro tempo chamaraõ Nabancia, & sendo lançado seu corpo em o rio Nabão, foi leuado de sua corrente ao Zere, & delle ao Tejo, & veio a parar junto a esta Villa no meio das agoas, aonde os Anjos lhe ordenaraõ hum milagroso sepulchro, & do nome da Santa se deriuou por esta causa o da mesma Villa.

Tem

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

Tem da parte Oriental o rio Tejo, o qual cõ suas agoas lhe fica seruiundo de caua inexpugnauel. No mesmo andar do Tejo se abatein dous valles do Norte & Sul (em o primeiro esta a Ribeira, & no segundo o lugar de Alfange, partes hoje da mesma Villa) com que fica por estes tres lados a subida aspera, & a terra inexpugnauel. Da parte Occidental aonde a terra he mais cham, a fez forte a industria com muros & baluartes, & estaua em tempo dos Arabes mais fortalecida. Neste monte, o qual por causa dos dous valles, & de outras quebradas parece aggregado de montes, se vé situada a famosa villa de Santarem, & fica gozando por esta causa de ares purissimos, & de hũa das mais aprasiueis, & deleitosas viſtas que ha em terras de Sertão. Alem do rio se vão estendendo por grande espaço contra o Nacente os fertilissimos campos tão celebrados da antiguidade, pella abundancia dos frutos, & breuidade com que se colhem (pois affirmão graues autores, & se sabe por experiencia, que em espaço de sete, ou oito somanas se lamea & colhe o pão nesta terra.) Pella criação de gados, & ligeireza dos caualos, a qual he tanta, q̃ deu occasião a crerem alguns que naciao do vento. Tambem da parte do Norte se estendem algũs campos aquem do rio, da mesma fertilidade, & por as outras partes appa-

recem os mōtes cubertos de Oliuaes, & aruores fructíferas, com q̃igoalmente se enriquece a terra & se faz aprasiuel. No vltimo remate do monte quasi pendente sobre o rio ficaua a força principal da Villa, a qual ainda hoje se conserua com o nome de Alcaceua, cercada de muros particulares, & com algũa diuisão das outras partes, para onde se entrava antigamente por ponte leuadiça, & oje se cõmunica com a demais pouoação, por hum breue espaço que esta terraplenado. A entrada desta fortaleza se leuanta hũ certo mais alto para a mão direita, em o qual permanece ainda hũa torre antiga, della se descobre grã de espaço de campina, & dizem que em tempo sereno se vê o Castello de Lisboa, distante de Santarem catorze legoas pello rio abaxo.

Com a fortaleza do sitio, fortificação da arte, multidão de moradores, & mais cousas notauéis que auia nesta Villa, se fazia mui difficullosa a conquista della, & cõ a ouzadia, & continuos assaltos com que estes Mouros infestauão a terra dos Christãos, era igoalmente temida, & desejada dos nossos. El Rey Dom Afonso por vezes tratou de a recuperar, & sahio com exercito contra seus moradores, mas elles com cautela se defendião, & sem querer vir à batalha se valião da noticia dos passios, & oportunidade da terra

contra

*Memoria de Alcolaga que vai traslada da no apêndice deste liuro.*

*A mesma memoria.* contra nossas armas. Vendo el Rey a grandeza, & difficuldade desta empreza, & como para ganhar por cerco esta praça era tempo perdido, se deliberou depois de varias traças & conselhos de a acometer de noite, & entrar com assalto repentino. Para este effeito mandou a Santarem hũ fidalgo de sua casa, pessoa de muita prudencia & confiança, a quem a historia de Alcobaca chama Mem Ramirez, para que com pretexto de tratar algũas cousas que leuava em apontamento, notasse de vagar o sitio da Villa, & considerasse por que parte com menos trabalho se poderia entrar. Fez tudo Mem Ramirez com grande satisfação, & dando volta a Coimbra facilitou a el Rey a empreza, & obrigou sua pessoa a ser o primeiro que levantaria o estandarte Real nos muros de Santarem, o que bem cumprio, como adiante se verá.

Contentissimo el Rey do que ouuia, sabio hũa tarde a passear (como se diz em sua Chronica) pello campo de Coimbra, que chamaõ do Arnado, o qual naquella tempo estaua vestido de verdura, & bem differente do estado presente, em que o rio Mõdego o tem posto com a inundação de suas areas, & chamando a parte Lourêço Viegas, Pero Paez, & Gonçalo de Sousa (de cuja nobreza, & valor se té aduirtido algũas vezes) lhe foi tratado como

estaua resolutos de dar assalto em Santarem, & descobrio o q̃ mais neste caso auia feito, encomendandolhe o segredo sob pena de morte. Approuaraõ os illustres Capitães o parecer del Rey, & offererãõ suas vidas, & pessoas para o feruir naquella empreza. E tornando-se ja el Rey para o paço, aduerte a Chronica antiga, que ouuo dizer a hũa velha para outra sua visinha, como aquella tarde andara el Rey tratando com seus Capitaes o modo que teria para ganhar Santarem aos Mouros. Caso de que el Rey não teue pouco que se admirar; & chegando ao paço disse aos tres com que comunicara aquelle negocio: Grã de risco correrãõ vossas vidas, se vos apartareis de mi antes de ouir aquella mulher, porque sem duuida pagareis cõ a cabeça seu dito.

Com a resolução da conquista de Santarem no modo referido, escolheo el Rey duzentos, & cinquenta Caualeiros todos de valor conhecido, & exercitados na guerra, em que entrauaõ muitos Templarios, & se partio de Coimbra em hũa segunda feira de Março (vou seguindo a memoria de Alcobaca, que tenho por mais certa que as Chronicas) & na primeira noite alojaraõ em Alfafar; fizeram jornada em o dia seguinte a Dornellas, & deste lugar mandou el Rey a Martim Moab, & outros dous companheiros a Santarem a denun-

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitanã.*

denunciar aos Mouros como as treguas eraõ acabadas (vzauase antigamente publicar a guerra tres dias antes que se começasse, & neste meyo tempo era calõ de aleiuozia cometer os inimigos). Puzeraõ elles em execucao o mado del Rey com tanta diligencia, que a quarta feira estauão ja no lugar de Aldegas, aonde chegara o exercito este dia. Na quinta feira madrugaraõ, & chegaraõ cedo a Serra de Aluardos, aonde gastaraõ a mayor parte do dia.

Neste lugar dizem que praticando el Rey com seu irmão Dõ Pedro na difficuldade daquella empreza, elle em boa occasiã lhe trouxe a memoria as marauilhas que o glorioso Padre São Bernardo obraua em França, & efficacia de sua intercessã para cõ Deos, com que moueo o piedoso Principe a se encomendar ao Santo, prometendo de fundar hum celebre mosteiro de sua Ordem, se por seus merecimentos alcançaua vitoria. Ha tradiçã q̃ em aquella noite appareceo o São a el Rey, & o certificou do bom successo, & isto dão a entender as figuras de vulto que estão em o remate do Coro de Alcobaça, & em hũa das vidraças do Capitulo. Tambẽ consta por tradiçã & memoria escritas, que em o mesmo ponto que el Rey fez o voto de fundar o mosteiro, foi reuelado ao Santo em França, aonde viuia, o qual com suas oraçoẽs & de seus sub-

ditos franqueou a el Rey D. Afonso o despacho daquella vitoria.

Partiose el Rey de noite com seu exercito, & ao romper da alua se achou no alto da Mata de Pernes, lugar que por ser ja perto de Santarem, & auer de descansar nelle o exercito aquelle dia, pareceo a el Rey conueniente declarar seu inteto a todos, porque os menos eraõ os que sabião delle, & assi os fez chamar, & de lugar acomodado lhes falou deste modo, seguindo a memoria referida de Alcobaça.

*Sabeis companheiros meus, sabeis & tendes bem conhecido, que em minha companhia, & fora della padecestes muitos trabalhos, de que foi causa esta Cidade em cujo termo estais ao presente. Tendes alcançado os dones que ella tem feito a vossa cidade de Coimbra, a vos, & a todo meu Reyno, & como ha muitos annos vos serua de hum laço em que ficais cativos, & de hum bocado amargo que vos desbota os dentes. Em esta occasiã bem entendo que se conuocasse todas as forças de meu Reyno, me acudiriaõ os meus de boa vontade, mas não quis meter tanto cabedal, & sò a vos escolhi, de quem tenho esperiencia larga, cujo valor, & lealdade tenho bem conhecida em minhas necessidades, & assi de vos confio meus pensamentos, a quem sei de certo que tocaõ tanto meus trabalhos, como a mim proprio. Credeme soldados meus que tão facil me fica este cometimento que com vosco determino fazer, que pelo grande contentamento da alma que*

ja sinto, só com a detença do dia seguinte me parece este interuallo de muito tempo, que tomara ja reduzido a hum momento. Ia quando vejo em vossos animos que me leuais ainda vantagem nestes desejos, & consilero a oportunidade que se me offerece de os pôr em effeito, me dou por tão seguro, & contente, como se estiuera ja de posse desta Cidade. Pello que vejamos ja o que he bem que primeiro se faça. Escolhaõs de vosso numero cento & vinte soldados, & fabriquem dez escadas, cada dozena a sua, paraq̃ quando subirdes aos muros, não se ache hum só, mas tenha dez compinhados, & assi não ficará a subida difficullosa, & impedida com esta repartição, nem faltaráõ combatentes com este numero finalado. Tanto que vos virdes nos muros, procurai de levantar logo men Estandarte Real, para que a sua vista se anime a nossa gente, & os inimigos se a casa acordarem fiquem desanimados. Logo acudi a quebrar as fechaduras das portas, para que o tropel dos que entrarem juntos por ellas cause perturbação aos inimigos, que bão de estar desarmados, & pouco espertos. E que difficuldade (me diz por reuerencia de Deo) aueamos de ter em tirar a vida à gente que ba de acudir, nem de todo vestida, nem bem acordada? Mas não ponhais isto em esquecimento, q̃ andem todos igualmente a espada. Não perdoeis a sexo, nem idade, morra o menino que pende dos braços da mãy, & o velho carregado de dias, a donzella moça, & a velha decrepita. Cobrem vigor vossos braços, porque sem falta alguma temos o Senhor

da nossa parte, com cuja ajuda cada hum de vos poderá desbaratar cem inimigos. E oje creio sem duvida que está orando por nos a comunidade de Santa Cruz, a quem dei conta desta empreza, & em quem confio muito, & assi tenbo pera mim, que são tambem nossos intercessores os Ecclesiasticos, & seculares do pouo Christão. Alem disto (perdoeme o Senhor o crime desta mentira, que com aduertencia lhes disse para acrescentar seu esforço) tenbo minhas intelligencias com alguns Mouros que vigiam o muro, que nos bão de dar entrada na cidade. Por tanto pelejai valerosos soldados por vossos filhos & decedentes, que ao vosso lado me achareis, como a qualquer dos mais arriscados, antes o primeiro no perigo, que não acerà cousa que em vida, ou morte me possa apartar de vossa companhia.

CAPIT. XXIII.

*Tratão os Caualeiros Portugueses que el Rey se não ache na tomada de Santarem, & elle não obstante suas razões acomete a villa, & a ganha.*



OM summa atencão começaraõ a ouuir os Caualeiros Portugueses a pratica de seu Rey Dom Afonso, & com igoacs mostras de animo, se queriaõ effe-  
E e           recer

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

4. Reg. 18.

recer ao trabalho daquella jornada: mas quando entenderão q o mesmo Rey auia de ser nella seu companheiro, attonitos, & aflitos com a grandeza do perigo a que se expunha, não puderaõ deixar de lhe dissuadir o intento por todas as vias possiueis. Imitaraõ elles bem os seus vassallos do poderoso Rey, & profeta santo, o qual resolutos de entrar na perigosa batalha cõtra o filho desobediente, foi impedido de seus Capitaes, & prudentemente se deixou vencer de seus rogos. Não tiuerão o mesmo effeito as amoeitações dos Portuguezes, que el Rey posto q agradecido a seu zelo os desenganou, que não determinaua viuer sem tomar Santarem na occasião presente. Lanços ha em que estã bem ao Principe expor-se aos perigos da guerra, & outros em q leria grande erro offerecer-se a elles. Grande exame, & distincão se deu fazer nesta materia. Estaua lembrado o grande Rey D. Afonso da promessa de nosso Saluador no Campo de Ourique, com que lhe assegurara o fauor na guerra dos Mouros. Tinha feitas as preparações necessarias de orações, & promessas, sabia que o zelo da honra de Deos, & da dilatação de sua Fè o guiaua nestas empresas. Constaualle do grande temor que os Mouros lhe tinhaõ, & como ouindo o seu nome auiaõ de perder o animo, sobre tudo deixaua segurada a successão do Reyno

com Principe herdeiro quando acontecesse algũa desgraça. Concorrendo tantas razões, julgou por conueniente offerecer a qualquer lanço perigoso sua propria vida, & não desamparar os seus naquella occasião. E assi animou sua gente a fez descansar do trabalho do caminho todo aquelle dia, & começando a escurecer a noite da sexta feira para o sabado se partio para Santarem com summo silencio & ordem.

Em o caminho virão os nossos não distante da terra hũa estrellas grande, & resplandecente, a qual *Memória de Alcobaca* immouel por hum grande espaço, fez seu curso despois pella parte direita do caminho contra o mar, & foi correndo por hũa grande distancia, até que de todo a perderão de visão. Animados os nossos com esta vista, se pronosticaraõ alegre successo, vendo em seu fauor o Ceo aberto, o qual com novos resplandores se offerecia por guia de seu caminho, & lhes prometia naquella noite facil entrada na Cidade. Tambem se teue por certo, & se soube despois de alguns catiuos, como na quarta feira desta somma, quando se quebraraõ as pazes, apparecto no ar sobre a mesma Villa a portentosa figura de hũa serpe afoguada, a qual por todo seu corpo lançaua chamas de fogo, & causou grande temor aos Mouros. Começando seus feiiceiros a discurrir sobre a visão

a visão, & affirmar ser chegada a ruina daquella terra, & que teria Santarem nouo Rey & senhor muito cedo.

Chegando el Rey com os seus perto do muro, se apearão dos cavalos, & pello valle que corre entre o monte Iria, & a fonte de Agoas amargas (o qual por esta causa em Arabigo se dizia Athamarima) forão andando cõ grande silencio. Gaiua a gente da Vaõ guarda o esforçado Caualeiro Mẽdo Ramires, como quem sabia bem os passos da terra, & na Rera guarda hia el Rey com o restante do exercito. Hum caso perturbou grandemente a todos (ordenando assi Deos, para entenderem, que sô em seu fauor deuião pôr a esperança) & foi que junto da Villa na parte mais solitaria ouuiraõ falar dous Mouros, como espertandose hum ao outro, por onde lhes foi necessario deter o passo, & emcobrirse entre o trigo daquelle valle, atè que os Mouros adormecessem. Sendo ja passado algũ tẽpo, se levantou Mem Ramires cõ seus cõpanheiros, & por onde chamão Alcudia tratou de arrimar ao muro a primeira escada. Aqui succedeo outro caso, que podia ser perigoso, porq̃ não se podendo segurar a escada, posto q̃ sustentada com a ponta de hũa lança, veio resaluando pella parede, & caio sobre hũa casa, fazendo grande estrondo. Tomou então com muita pressa o bõ Caua-

leiro sobre seus hõbros hũ mancebo alto, chamado Moigeme, para que atalie seguramente a escada nas ameas do muro, & como o tiuẽsse feito subio o que leuaua a bandeira Real, & logo Mem Ramires, & outros. Não tinhaõ chegado ao alto do muro mais de tres companheiros, quando acordarão as vigias, & começaram a perguntar ainda embaraçadas cõ o sono que gente era, & notando cõ mais atenção serem Christãos, começaram a bradar em vozes altas, Anachara, Anachara, que significa, Christãos, & suas ciladas, & tendo isto repetido ja tres vezes, começou Mem Ramires a apellidar o socorro de Santiago, & del Rey Dom Afonso. Respondeulhe de fora o mesmo Rey, & em voz levantada começou a dizer. *Santiago, Santiago patrão do povo fiel, Santissima Virgem MARIA socorrei aos vossos. Aqui está el Rey Dom Afonso. Animo meus soldados, feri nestes inimigos, & não escape algum com vida de vossas mãos. A confusão, & estrondo de voses, que se seguio de hũa, & outra parte a estas palavras, não daua lugar a se poder notar com distincão coula alguma.*

Ordenâra el Rey de sua gente duas companhias. Hũa dellas tomou para si, & a mandou caminhar para a parte direita, a qual se dizia Alphã. A outra entregou a Gonçalo Gonçalues, dandolhe ordẽ q̃ fizesse acometimento pella

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitana.*

parte esquerda, & occupasse a entrada da rua que se dizia Serecigo, para que os inimigos se não apoderassem da porta de Athammarma, & lhe impedissem a entrada com dano dos que já subiraõ pellas escadas. Hũa & outra couza se fez, & com mais facilidade do que se esperaua, porque leuãdo os nossos intento de subir pellas escadas ao muro, entraraõ cô menos perigo pellas mesmas portas. E foi o caso, que o esforçado Caualeiro Mem Ramirez, & seus companheiros que tinhaõ subido ao muro (não eraõ mais que vinte & cinco, & subiraõ só por duas escadas) foraõ correndo à porta da Cidade, & com pedras, & outros instrumẽtos fizeraõ por quebrar a fechadura, & o acabaraõ de fazer com hum martello de ferro, que da parte de fora lhe lançaõ os nossos, & deste modo pode entrar el Rey com a mais gente pella mesma porta. E tanto que se vio dentro postos os gílhosem terra fez breue, & feruente oração a Deos, & tal q o proprio Rey diz em seu testemunho que só Deos sabia a oração que elle entaõ fizera, & com quanta humildade o inuocara. E metendo mão à espada tantas vezes tinta em sangue dos Arabes, fez có ella tais extremos, que bem pudera pôr em esquecimento os dos mais famosos do mundo. A cujos merecimentos como se não possa dar igoal louuor, offerece-

mos o do silencio, ja que el Rey o goarda em a relação apontada, & só se remete ao testemunho dos que se acharaõ presentes; & não tratando do que pertencia a seu credito, se detem em contar o que fazia mais ao louuor de Deos.

Mas deste silencio del Rey taõ acautelado se levanta hum pregão da fama, a qual publica a grandeza desta insigne expedição das mais finaladas em armas q no mundo ouue; pois se ganhou hũa Cidade fortissima chea de gente exercitada nas armas por taõ limitado numero de soldados, & com tanta resistencia em algũs lugares, que impedio por vezes, & pos em duuida a el Rey a corrente da vitoria. Por onde foi necessario aos nossos mostrar o vltimo de suas forças, & renouar a peleja em varias partes, vencendo as difficuldades que de nouo se offereciaõ, como tudo se colhe das palauras del Rey, em que se mostra a duuida da vitoria, & a duração do tẽpo da peleja. Não ha para que tratar da confusão & espanto dos Mouros quando se viraõ com os inimigos das portas adentro, da perturbação & prantos das mulheres, do horror da morte, treuas da noite, & mais misérias dos tristes vécidos proprias em semelhantes tragedias; pois he cousa facil de entender, a qual não ficando relatada nas memorias antigas, pertence mais a confi-



à consideração do leitor, que à nossa escriptura. Concluo dizêdo, q̃ depois de os nossos auerem feito grande estrago em toda a sorte de gente, & passados à espada os principaes Mouros que lhe fazião resistencia, se sabio fugindo o Alcaide Auzechri lamentando a destruição de sua gente, & ruina de sua cidade, da qual tomou posse o venturoso Rey Dom Afonso Henriques Sabbado pella manhã 15. de Março, segundo a memoria de Alcobaça.

Dizê nossas historias, q̃ o Alcaide Mouro se fez na volta de Seuilha, aonde chegou a tempo que o Rey desta cidade estaua na Torre a que chamão do Ouro, & vêdo de longe os que vinhaõ, & notando em o modo delles serê gente destrocada, disse para os seus q̃ lhe daua no coração ser aquelle Auzechri Alcaide de Santarem, o qual ou deixaua a villa perdida, ou em termo de se perder. E como estes infieis fossem mui dados a superstições & agnuos, acrescentou, que se ao passar do rio deixassem beber os caualos era ja a Villa ganhada, & se passassem a espora fita sem fazer detêça, vinhaõ pedir socorro. E como elles deixassem beber os caualos, se retirou da janela lastimadissimo

pella perda de Sātarem,  
de que logo teue  
mayor certeza.

C A P I T. XXIII.

*De algũs caualeiros que acõpanbaraõ a el Rey na jornada de Santarem, como foraõ a ella os Tẽplarios, & das merces que el Rey lhe fez.*



Oy taõ memorauel a tomada de Santarem, q̃ todas as pessoas de melhor voto a julgarão por milagrosa, & o proprio Rey Dom Afonso a teue sempre por coroa & remate de suas victorias. E por esta causa não pôde deixar de ser muy gloriosa a todos os Portugueses que nella se acharão. Foraõ elles os principais guerreiros daquelle tempo escolhidos por el Rey D. Afonso para aquelle feito taõ arriscado & honroso. Mas (o que grande magoa) os nomes de quasi todos nos ficarão escõdidos. De Martim Moab & dos companheiros fala a relação del Rey Dom Afonso. Também faz menção do macebo Moygema, & deniãõ ser soldados ordinarios. Mem Ramires parece pessoa principal, como se aduer-te do negocio q̃ se lhe cometeo, & el Rey o louua de valeroso, & prudente.

O Capitão Gonçalo Gonçales deue ser aquelle a quem (como em o liuro nono fica dito) foy primeiro dado o gouerno &

E e 3 defen-

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

defensão da villa de Soure. De escrituras da Sé de Coimbra consta como residia em Viseu, & tinha lugar premitente naquella terra, pois se nomea primeiro entre os Baroës, & Infanções della. Em escritura do anno do Senhor de 1183. confirma Gonçalo Gonçalves, mal se pode determinar se era o mesmo que defendeo Soure, & acompanhou a el Rey na tomada de Santarem, né me consta de sua decendencia.

Os nobili-  
arios do  
Reyno.

Conde D.  
Pedro tit.  
53.

Tambem se diz, que os Machados procedem de Mem Moniz de Candarei, o qual com hũ machado quebrou as portas de Santarem nesta occasião. O Conde Dom Pedro faz decendentes os Machados por fêmea do Conde Dom Osorio de Cabreira; lha delles a casa de entre Homem & Cañado, & tem por armas em campo vermelho cinco machados de prata com os cabos de ouro postos em aspa, & por timbre dous machados das armas em aspa atados com hum torçal verde. As quaes parece se tomaraõ pella occasião referida.

Das historias da Ordem de Cristo & tradição de Alcobaça se sabe, que Dom Pedro Afonso, irmão, ou filho del Rey Dó Afonso Henriques foi seu companheiro nesta jornada. E da Chronica do mesmo Rey se colhe, como se acharão nella os tres illustres Capitães, Gonçalo de Sousa, Pero Paez, & Lourenço Viegas, a quem

el Rey communicou todo o negocio desta conquista.

De escritura da Torre do Tóbo sabemos, como foraõ com el Rey nesta empresa muitos Caualleiros do Templo, & fez el Rey voto em o caminho de dar a esta Ordem todas as Igrejas & direito Ecclesiastico da mesma terra, se o Senhor por sua misericordia lha concedia: dis a escritura deste modo.

*In nomine sanctæ, & indidivine Trinitatis, Patris, & filij, & Spiritus Sancti Amen. Ego Alfonsus Dei gratia Portugallensium Rex incipiens iter meum ad illud Castellum, quod dicitur Santarem, propositum feci in corde meo, & votum voui, quod si Deus sua misericordia illud mihi attribueret, omne Ecclesiasticum darem Deo, & militibus fratribus Templi Solomonis constitutis in Ierusalem, pro defensione sancti sepulchri, quorum pars mecum erat in eodem comitatu, & quia Dominus mihi talem fecit honorem, & bene complevit voluntatem meam. Ego Alfonsus supra nominatus Rex cum uxore mea Regina Dona Mafalda, facimus cartam supradictis militibus Christi de omni Ecclesiastico Sanctæ Herenæ, ut habeant, & possideant ipsi, & omnes successores eorum, iure perpetuo, ita ut nullus clericus in eis, vel laicus, aliquid interrogare possit; sed si forte euenerit, ut in aliquo tempore mihi Deus pietate sua daret illam civitatem, quæ dicitur Vlisbona, illi concordarentur cum Episcopo ad meum consilium, &c. Facta carta mense Aprilis. Era M. C. LXXXV.*

Torre do  
Tóbo lura.  
das Ordens  
milit. fol.  
61.

Reduzi-

Reduzida a nosso vulgar quer dizer. Em nome da Sãtissima Trindade Padre, Filho, & Espiritu Sãto. Eu Dom Afonso por graça de Deos Rey dos Portugueses, começando minha jornada para o Castello, que se chama Santarem propus em meu coração, & fiz voto, que se Deos por sua misericordia mo concedia, lhe offereceria todo o direito Ecclesiastico, & aos Caualeiros & mais Religiosos do Templo de Salamão, que residê em Hierusalem em defensão do santo Sepulchro, algũs dos quais me acompanharaõ nesta empresa. E porque o Senhor me fez tão grande mercê que dedusio a profpero fim meu desejo, por tanto eu Dom Afonso sobredito Rey, com minha molher a Rainha D. Mafalda, fazemos doação aos Caualeiros nomeados, de todo o direito Ecclesiastico de Santarem, para que o tenham & possuão assi elles, como seus successores, para sempre, de modo que se não entremeta nelle pessoa algũa secular, nem Ecclesiastica. E mais se a caso soceder, que em algum tempo me conceda o Senhor por sua piedade aquella Cidade, que se chama Lisboa, tratarei de o scõcordar com o Bispo della Foi feita esta escriptura no mes de Abril da Era de 1185. que he anno de 1147. em q̃ el Rey ganhou aquella praça.

Em virtude desta doação (da qual tambem consta como San-

tarem estaua ganhado em o mes de Abril, & assi he erro. dizem nossas Chronicas se tomou em Mayo) vemos fundada em breue tempo pellos Caualeiros do Templo a Igreja de Santa Maria de Alcaceua, collegiada da dita villa como consta do letreiro seguinte: o qual estã sobre a porta principal da mesma Igreja.

*Anno ab Incarnatione M.C.LIII. & ab vrbe ista capta VII. regnante Domino Afonso Rege, Comitum Henrici filio, & uxore eius Regina Mafalda, hac Ecclesia fundata est in honore Sãctæ Maria Virginis, & Matris Christi à militibus Templi Hierosolymitani, iussu Magistri Hugonis, Petro Arnaldo curam edificiij gerente, animæ eorum requiescant in pace Amen.* Quer dizer. Em o anno do Senhor de 1154. & auendo sette annos q̃ esta Cidade se ganhara, reinando el Rey Dom Afonso filho do Conde Dõ Henrique, & sua molher a Rainha Dona Mafalda, foi fundada esta Igreja em honra de S. Maria Virgem Mãy de Christo, pellos Caualeiros do Templo de Ierusalem, mandandoo o Mestre Hugo, & tendo cuidado da fabrica Pedro Arnaldo. Suas almas descansẽ em paz. Amen.

Naõ possuiraõ os Templarios em paz muito tempo as Igrejas de Santarem, porque ganhando-se em o proprio anno Lisboa, & sendo ordenado por Bispo desta Cidade hum religioso varaõ por nome Gilberto, tratou de auer a

Ec 4 que

## Livro X. da Monarchia Lusitana.

que pertencia a seu Bispoado, & moueo demanda aos Caualeiros do Templo; elles se querao defender com a posse adquirida, que nunca falta que allegar aos litigantes. Estaua ja a causa remetida ao Summo Pontifice, acudio a isto el Rey, & campos com geral satisfação ambas as partes. Aos Templarios fez doação do lugar & Castello de Ceras, & ordenou q o Bispo, & Cabido de Lisboa ouuesse o direito Ecclesiastico daquellas Igrejas. Ha na Torre do Tombo memoria desta composição com as palauras seguintes.

Torre do  
Tôbo liur.  
das Ordens  
militares  
fol. 20.

*Hæc est pax, & conuenientia, quam ego Alfonsus vna cum filijs meis facio inter Episcopum Vlixbon. & fratres milites Templi Hierosolymitani. Do, & concedo Deo, & militibus Templi illud Castrum, quod dicitur Cera pro Ecclesijs de Sanctarem, quas illis prius dederam, &c.* Em vulgar. Esta he a paz & concordia que eu D. Afonso juntamente com meus filhos faço entre o Bispo de Lisboa, & os irmãos Canaleiros do Templo de Hierusalem. Dou & concedo a Deos & aos Caualeiros do Templo aquelle Castello que se chama Cera, pellas Igrejas de Santarem, das quais primeiro lhe fizera doação, &c. He a data desta escriptura em Feuereiro do anno do Senhor de 1159. que atè aquelle tempo a confusão das guerras, & impedimento de outras cousas não deixarão tomar assento naquelle negocio. Mas da vltima resolu-

ção delle se deixa ver claramente a grandeza de animo del Rey Dom Afonso, & piedade Christãa de que era dotado, pois cortaua tanto por sua fazenda, para que aos Ecclesiasticos se conseruasse a jurdição & rendas das Igrejas. E aos Caualeiros, & pessoas militares, que defendião & dilatauão a Fè Catholica em seu Reyno, não faltasse o premio devido a seus trabalhos.

### CAPIT. XXV.

*Como el Rey D.º Afonso foy por cerco a Lisboa, & o ajudou nelle hũa armada de Christãos da parte do Norte.*



Endo el Rey D. Afonso a grande merce que Deos lhe fizera em a tomada de Sâtarem, & considerando como Capitão prudente, quanto serue para o bom sucesso das guerras a reputação & fama adquirida com algum feito illustre, & como fica muitas vezes sendo o remate de hũa celebre vitoria, principio de outras muitas, quis lançar mão da occasião, & aproueitar-se do tempo, & animo de seus soldados. Era a Cidade de Lisboa ja naquella idade cousa muy principal, escudo da gente Mahometana, & cruel inimiga do pouo Christão, el Rey Afonso

Dom Afonso a tratava de adquirir por esta causa, destinando nella o fundamêto principal da Monarchia Lusitana. Para este fim lhe pos cerco (como vimos) em o anno de 1140. mas sahio pequeno o apparatus para tão grande empreza. Neste anno do Senhor de 1147 venturoso ja para o Reyno de Portugal pella milagrosa conquista de Santarem tornou a fazer mayores preparações para a mesma guerra, & assi ordenadas as couças de Santarem em a melhor forma que foi então possivel, & a necessidade do tempo requeria, se partio para Lisboa com a mais gente de guerra que pôde ajuntar em seus estados. Gastouse nestas preparações todo o mes de Abril & parte de Mayo, que por este respeito se assenta com melhor discurso a tomada de Santarem em Março, segundo a memoria de Alcobaça, que em Mayo, conforme nossas Chronicas, pois durante o cerco de Lisboa do fim de Mayo ate o de Outubro, como todos escrevem, não ficava tempo bastante para se fazer a preparação desta guerra, se a tomada de Santarem foi tambem em Mayo.

Antes do cerco de Lisboa assignaõ nossos autores a tomada de Mafra & Sintra, no que tenho duvida, por me constar de memorias antigas (as quais ainda apontarei) se ganharaõ estas praças despois de Lisboa. Dizê mais

q̃ o Castello de Mafra foi dado por el Rey Dom Afonso a D. Fernando Monteiro, primeiro Mestre da Ordem de Auís. Mas em tudo se enganaõ, porque nem el Rey Dom Afonso fez esta doação, mas seu filho Dom Sancho, nem ella foi feita a Doro Fernando Monteiro, mas a Dom Gonçalo Viegas, nem aquelle Cavaileiro foi o primeiro Mestre da Ordem de Auís, como tudo veremos adiante com prouas evidentes.

Chegado el Rey com seu exercito a Lisboa, sobreueio em boa occasião á barra da mesma Cidade hũa armada de Christãos das partes do Norte, os quais navegauão para Siria à defensão & conquista geral da terra Santa. Algũs auteres tem para si ser esta armada de gente vulgar, sem trazer Capitão algum de grande nome, assi o escreuem Rogerio, & Henrique autores antigos dizendo, *Entre tanto hum exercito naval de soldados não muito poderosos, nem regidos por algum grande Capitão, mas confiados só em Deos todo poderoso, porque nesta guerra mostraraõ humildade, alcançaraõ o favor de Deos, & manifestaõ sua bondade, por quanto em Espanha ganbaraõ hũa Cidade famosa chamada Lisboa, & outra que se diz Almada, & as mais terras vizinhas, sendo poucas, & pelejando contra muitos, cooperando Deos com elles nella guerra. Vaõ contrapondo estes autores o prospero successo desta gente*

*Henrique  
Arceidia  
Hurtindo  
nienje lib.  
8. hist. an  
no 13. del  
Rey Este-  
uão.  
Rogerio de  
Houeden  
p. 1 da hist.  
del Rey Es-  
teuão.*

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

gente o outro pouco fauorauel, que em o mesmo tempo teue na jornada de Syria o Emperador de Alemanha, & el Rey de França, & mostra como Deos nosso Senhor costuma ajudar os pouco poderosos, quando nelle confiam, & desempara os grandes do mundo fundados em o poder humano.

Setho Caluísio na chronologia anno 1147. fol. 665.

Setho Caluísio quer que viessem a esta empresa de Lisboa Principes de muito nome, & de grande estado. Na jornada de Espanha (diz elle traduzido do latim) se acharão *Erico Rey de Dania, o Bispo Bremense, o Duque de Borgonha, Theodorico Conde de Frandes, o qual trazia principal parte do exercito com muitos Lotharingos, & Ingleses. Partirão de Inglaterra a doze de Abril, & chegarão a Espanha a 28. de Junho, aonde puserão cerco de Lisboa, a qual se libertou do cativoiro dos Mouros em 25. de Outubro, depois de sofrer o cerco cinco meses.*

Nossos autores affirmão ser o Capitão principal desta armada Guilherme de Longa espada, o qual consta ser irmão de Guilherme Duque de Normãdia, & Rey de Inglaterra. Nomeão mais outros tres Capitães de muito nome, estes são Gil de Rolim, Dom Licherte, & Dom Ligel.

Entre tanta diuersidade de opinioes he difficiloso tomar assento. Parece que se podem reduzir a concordia com dizermos não nomearão nossas chronicas

mais que os Capitaes, de quem neste Reyno ficou mayor noticia, porque acabada esta guerra permanecerão algus em seruiço del Rey Dom Afonso, & assi não he visto negarem os mais que particulariza Setho Caluísio. E se hũs & outros não parecerão tão illustres a Henrique, & a Rogerio, como na verdade erão, foy por fazerem comparação desta armada & exercito ao que leuaraõ em o mesmo tempo a terra Santa o Emperador & el Rey de França. O qual sem duuida algũa foi hũ dos mayores & mais luzidos de Europa, & ficaua a seu respeito a armada que veyo a Lisboa de menos consideração, & os Capitaes della como não igualauão aquelles dous mayores Monarchas, se podiaõ julgar por de menos nome.

Mandou el Rey tratar com os Capitaes da frota, que o ajudassẽ naõlle cerco, & como a causa fosse tão justa, não houue muita difficuldade em serẽ persuadidos. Desembarcarão em terra, & tomaraõ os postos que lhe foraõ assignados para os combates. Nossas Chronicas limitão a parte Occidental do bairro de São Francisco, dizendo q̃ do Oriente pelejaua el Rey D. Afonso, & tinha seus arraiaes aõde agora està o mosteiro de S. Vicẽte de fora. Porem da memoria antiga da fundação desta casa consta, como tambem nesta parte residiaõ os estrangeiros, & que el Rey cõbatia da parte do Norte, & deuia

Archiu  
de S. Vicẽ  
te de fora  
de Lisboa  
Archiu  
de S. Cruz  
de Coimbra



## *Liuro X. Da Monarchia Lusitana.*

Porem com tanta mais propriedade se applica a Lisboa quanto mais espaços de terra se tem conquistado della que de Roma. Ocupa alguns montes (huns contra linco, outros sete, & ainda pode ser mayor o numero, se fizermos caso dos que são menores) & valles vizinhos, de sorte q parte da Cidade pouco & pouco levantada em os altos, & parte pendente & estendida pellos valles deleita marauilhosamente a vista de quem a contempla. O antigo da Cidade se incluia em o monte mais alto do Castello com tudo o que corre entre as portas do Sol & Ferro ate a Ribeira. Sitio muy forte por natureza, & cercado de firmes muros, como se mostra em o que delles permanece. Seguião-se os arrabaldes do Oriente & Occidente, com que a pouoação se ennobrecia, & era já então das mayores de toda Espanha. Comprehende na idade presente para a parte Oriental o bairro de Alfama, que he hũa grande pouoação cercada de segundo muro, alem da qual se estendem os arrabaldes junto ao rio por grã de espaço. Respondem do Occidente & Norte ao monte principal do Castello outros dous em figura de triangulo comprehendidos tambem na segunda cerca, deixando entre si lugar a hũa grã de planicie em que hoje está fundada a parte mais principal da Cidade. Nesta correspondencia se

vaõ dilatando alem dos muros os dous valles da Annunciada, & Mouraria para a parte do Norte, ambos de igoal fermosura & frescura pellos edificios & hortas, fadios pella pureza dos ares que por elles se communicão á Cidade. Alé do monte Occidental opposto ao Castello ficão outros menores, parte pendentes sobre o rio Tejo, parte prolongados pello sertão, & interior da terra, todos pouoados de fermosas casas, & em tão grande distancia, que só esta parte da Cidade, que he fora das portas de Santa Catherina pode competir em fermosura & grandeza com as mayores & melhores de outros Reynos.

Ha na Cidade quasi quarenta freguesias, mayor numero de côuentos & recolhimentos com algũas hermidas, todos com tanta perfeição & fermosura, tauta magestade, riqueza & policia, que só pellas Igrejas de Lisboa se pode dizer com justa razão o que outro affirmar o outro Poeta illustre dos Templos de Roma, que por elles entendia não estar longe da gloria. *Rutil. vii  
sup.*

*Non procul à calo per tua templa  
sumus.*

E na verdade em o ornato dos Templos, & culto diuino se pode preferir a todas as nações da Christandade a gente Portuguesa, & principalmente o pouo de Lisboa,



Thom Bos-  
sius dos si-  
nais da  
Igreja de  
Deos.

Lisboa, aonde só em hũa cousa mui pequena se pode ver a grandeza deste excessão, pois se gastaõ em cada hum anno de vinte mil cruzados acima em aromas, & cheiros das Igrejas. Computação, & inuestigação curiosa de Thommas Bosius, diligente, & pio escriptor de nossos tempos.

Conferuão-se ainda algũs Paços Reaes com outros edificios publicos, que emnobrecem grãdemente a pouoação. He o primeiro a casa que chamão da Misericordia, em que se considera por menos a fabrica material, cõ ser elegante, por auer nella em respendencia de seu nome hũa irmandade ha mais de cento & vinte annos, deriuada despois a todas as partes do Reyno, em a qual se exercitão com singular exemplo as obras de piedade. Sostentaõ-se os pobres, visitãõ-se os enfermos, defendem-se os presos desemparrados, socorrem-se as necessidades de gente honrada, & sem auer nesta casa renda algũa, se despendem sincoenta mil cruzados, & ás vezes mais, todos os annos. Tão grande he a deuacão da gente, & tão notauéis as esmolas feitas a esta casa. O segundo edificio he hum famoso hospital da inuocação de todos os Sãtos, ao qual se reduziraõ outros algũs da Cidade. Tem trinta mil cruzados de renda para sustentação dos enfermos. Foi principiado em tempo del Rey Dom

Ioão o Segundo. O terceiro edificio chamado Estoas, foi fundado por ordem do Infante Dom Pedro, filho del Rey Dom Ioão o primeiro quando gouernaua este Reyno, & aplicado entãõ a aposentadoria dos Embaxadores. Serue hoje ao tribunal da Santa Inquisição acrecentado & ornado de casas muy grandiosas. Ao numero destes edificios acrescenta Damião de Goes o Terreiro ou Celleiro publico da Cidade, a casa da Alandega, a da India, & o Almazem Real, em o qual diz que auia em seu tempo quarenta mil corpos de armas, & tres mil de caualos acubertados com hũa copia excessiua de peças de bronze grandes & pequenas, & affirma o mesmo autor, que correndo todas as Cortes dos Principes de Europa, não achou cousa igoal em nenhũa dellas. Com a infelice jornada del Rey Dom Sebastião, & calamidades que sobreuieraõ a este Reino, & sobre tudo com a falta da assistencia de sua Magestade está mui diminuida esta grandeza.

Goes na  
descripção  
de Lisboa.

A fertilidade dos campos vizinhos a esta Cidade, o commercio do mar & rio, a bondade do clima, & mais circumstancias que a illustraõ, não tem menos que considerar. Da parte da terra a cercão com grande espaço campos, hortas oliuaes, & quintas de casas tão nobres, & tantas em numero que parecerã incrediuel

Ff

a quem

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

Gil Gon-  
çales de  
Aula na  
descripção  
de Madrid

a quem as não tiuer visto. Ouue quem notasse passauão sette mil. Da parte do mar lhe fazem alegre vista as armadas de varias embarcações, as quais entrando pela foz do Tejo, lanção ferro na enseada de frente da Cidade, cõ que apparece outra pouoação sobre as agoas, emula da que está em terra. O clima he temperadissimo, nem o inuerno he rigoroso, nem o estio ensofriuel, como em outras partes, mas sempre em bom modo, & pouco dissemelhante à primavera, como se pode ver em as rosas, & flores, que se colhem em todo o anno. Os ares são puros, & fazem o terreno sadio. O prouimento da Cidade he facil pella fertilidade da terra, & occasião do rio, & Mar Oceano. De sorte que concorrem a engrandecer esta Cidade muitas cousas juntas, cada hũa das quais fazem illustres outras pouoações, com que pode ter lugar entre as mais famosas do mundo.

Escreuem desta Cidade o Poeta Britonio em verso latino, Damião de Goes, Diogo Mendez de Vasconcellos, Christouão Rodrigues de Oliueira, Luis Nunez, & vltimamente Luis Mendez de Vasconcellos, em os quais se podem ver suas grandezas, que nesta breuidade não pode comprehender. Sõ aduirtirei hũa cousa acerca de sua fundação, que posto que nestes autores, & vulgar-

mente se ache ser Vlysses o fundador de Lisboa, mais verisimil he que foy fundada por Elysa, neto de Iaphet, de quem a escriptura faz menção, & Iosepho diz pouoara Europa ate o mar Oceano. Este he o Lysias de qué fala Plinio, de quem tomou o nome Lusitania. E faz muito por esta parte chamarem os autores a estes vltimos campos de Lusitania Elyseos. Alem disto consta dos Geographos, ser esta parte de Lisboa habitada pellos Turdulos antigos, primeiros pouos que ouue em Espanha, & destes diz Strabão, que tinhão leis, & historias de seis mil annos de antiguidade. Donde se faz verisimil serem dos primeiros pouoadores que vierão em tempo de Elysa, & que elle foy o autor, & fundador de Lisboa, a qual de seu nome se chamou Elysseia, & agora mudado o E, em V, Vlysseia. São deste parecer varoões doutos em antiguedades Ioão Goro-

pio, & Brodeo, cuja opinião se pode confirmar, por se não colher a contraria de Homero, sendo assi que escreueo com grande particularidade as cousas de Vlysses.

(?)

CAP.

Genes. 10.  
Ioseph. li.  
3. das an-  
tiguedades  
cap. 11.

Ioão Goro-  
pio no li-  
uro 4. da  
origem de  
Espanha

CAPIT. XXVII.

*De hũa vitoria que os nossos alcançarão dos Mouros junto a Sacauem.*



M o principio do cerco de Lisboa alcançaram os nossos junto a Sacauem hũa vitoria milagrosa. E foy o caso, que como os Mouros da Estremadura, & de outras terras vizinhas a Lisboa vissem o risco em que ficauão, se aos de Lisboa acontecse alguma desgraça, se animarão a lhe mandar hum importante socorro, com que obrigassem a el-Rey a levantar o cerco, ou lhe pusessem em mayor contingencia aquella empresa. Ajuntarãse cinco mil caualos, & com muita breuidade se fizeraõ na volta de Lisboa dez dias despois que o cerco se principiara. Foi el Rey auisado da vinda dos Mouros a tempo que se vinhão chegando a Sacauem, duas legoas da Cidade. Mandou logo bastante numero de gente para lhe impedirem o passo. E por mais diligencia que puserão em o caminho, tinhão já os Mouros, quando elles chegaraõ passado o braço de mar de Sacauem pella ponte que então auia. Era maior o numero dos Arabes, cõtudo os Christãos os acometerão, & despois de

grande peleja vierão alcançar vitoria. Ouue muitos mortos de ambas as partes, com que se proua bem a difficuldade da batalha, & se acredita o fauor particular da Virgem Santissima comunicado aos Christãos na força do mayor perigo. Ganhou-se o Castello em o recosto do monte, fazendo entrega delle o Alcaide Mouro, o qual se tornou Christão por hũa visão maravilhosa que teue. A memoria que ficou deste caso pouco sabido, & não tratado em nossas historias, he a seguinte, conforme a vemos escrita em o liuro dos priuilegios da Torre do Tombo, q̃ está citado â margem.

*Sendo Lisboa de Mouros no anno de mil e duzentos e hum, era ja tomado neste tempo Santarem, e o Campo de Ourique, e muita parte de Alemeyo. El Rey Dom Afonso primeiro Rey de Portugal, estando em Sintra, do monte alto virão passar caçadores grande frota de naos de longo da terra. Foi duto a el Rey. Mandou ver que caminho leuaraõ. Trouxeraõ-lhe recado que se amarraraõ no porto grande na entrada do rio de Lisboa. Veio logo em pessoa, e achou que erão Ingicfes que bião pelear pella Fé de Christo contra os Mouros, se concertou com elles, que tomaessem Lisboa, q̃ seria de ambos, por sô se não atreuer, por ser muito populada, e forte de guiza, q̃ se não podia tomar se não por muita gente, por ser abondos de agoas e*

*Torre do  
Tôbo liur.  
dos priuilegios do  
anno de  
1577. até  
o de 1582.  
fol. 42.*

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

mantimentos. Os Ingrefes affentaraõ o arraial no monte frágoso de fronte da porta, que ora de ferro toda chapada, & no baixo ao longe do mar auia muitas mortes. El Rey no outro monte da banda de Sacauem defronte da porta, onde dá o Sol quando nace, & no baixo auia muitas mortes de encontros, porque durou este cerco quatro mefes & meio. Neste tempo vieraõ em fauor dos Mouros de Lisboa os de Tomar, & Torres nouas, Alenquer, & Obidos. Eraõ cinco mil de caualo, & corredores. Tanto que el Rey o soube, mandou de sua gente mil & quinhêtos de caualo, & corredores, todos Portuguezes, para os desbaratar. E muita pressa que se derão ja os Mouros erão passados pella ponte do rio, braço de mar para a banda de Lisboa, & pegado ao braço, de so pe ouuerão bũa grande batalha, & milagrosamente os Portuguezes venceraõ, posto que morresse a mór parte da gente, & dos Mouros morreraõ tres mil & tantos, & por na fugida não caberem tantos pella ponte dos que se escapauão, se lançauão ao mar, & muitos se afogauão, & os Christãos forão entrados no cimo do teso. El Rey mandou logo fazer hi bum Oratorio de Nossa Senhora dos Martyres, & o primeiro hermitão que tene cuidado delle, foy Bezai Zaide Mouro Alcaide do Castello que está no cimo alto no braço do mar, o qual foi nesta volta, & fugio para seu Castello, & o entregou logo aos Christãos, dizendo que vira a Virgem em visão, & lhe dissera, que auiaõ de ser desbaratados, & este Mouro era muito

amigo dos Christãos, & caridoso a todos, & se fez Christão, & tal morreo. Foy de muito boa vida, & morreo nesta casa ha muito tempo, & sua molher, & filhos todos morrerão Christãos. Acabada esta batalha forão enterrados os Christãos sobre o dito braço do mar ao redor do Orador da Virgem, & muitos juntos, & visto os muitos mortos que auia, lhe puserão às cabeceiras da parte do chaõ Cruzes de pedra para saberem que erão Christãos. E nesta volta se affirma que viraõ os Cristãos muitos homens estranhos entre elles, que os ajudauão a rogo da Virgem que estava por elles, rogando denia ser a seu bento filho, pello que esta casa foi a primeira que se fez derredor de Lisboa, que se começou a dez dias depois da batalha, & vinte depois do cerco. Atequi são pa luras da memoria.

Auia em Sacauem tradição deste successo, & perseverana a hermitida antiga fundada por el Rey Dom Afonso. Quis o generoso Rey Dom Sebastião saber de rais o que nisto auia, mandou em o anno do Senhor de mil & quinhentos & settenta & sette hum Desembargador a Sacauem a tirar informação do caso. Achou elle hum liuro antigo em a Igreja da Villa, & nelle a memoria allegada, alem da fama q corria entre os moradores, de q os mais velhos do lugar deraõ testemunho. E como em este mesmo tempo pedisse a el Rey Miguel de Moura seu Secretario (o qual depois morreo

morreo gouernando a Portugal ) aquella hermita para fundar hũ conuento de Religiosas , el Rey lha concedeo, & na escriptura se faz menção assi da diligencia, como da memoria sobredita, & esta foy a causa de nos ficar escripta a relação em o liuro citado da Torre do Tombo.

Porem aduirto aos curiosos, que contem ella alguns erros, como em o anno do cerco de Lisboa, no assento dos exercitos, em dizer que todos os estrangeiros eraõ Ingleses, & em outras cousas accidentaes, as quais não deuem ser impedimento ao credito deuido a esta vitoria, que he o ponto sustancial pretendido nella.

CAPIT. XXVIII.

*Dos grandes trabalhos que os Christãos passaram em o cerco de Lisboa, & como em o fim de cinco meses a vierão a ganhar por combate.*

1147. **G**Randes difficuldades tiueraõ os nossos que vencer nesta empresa, & ouue nella grandes effeitos de guerra. Porem delles sabemos a menor parte. Em a memoria antiga da fundação de São Vicente se relata por maior q

foy a peleja muy cruel da parte do mar & terra, & que em os combates morreo grãde numero dos Christãos. *Aconteceo* (saõ palauras da relação) *que da parte da terra e mar se fazia cruel peleja contra os Mouros cercados, tendo-se leuantadas contra a Cidade as máquinas e fortificações ordinarias. E como os Franceses* (era este nome geral a todos os que tinhão vindo dos confins de França) *quissem com mais ousadia chegar aos muros, parte delles perecia muitas vezes em o conflito.*

Vendo el Rey Dom Afonso como faltaua muita gente em os combates, & julgando na causa da morte destes Caualeiros, & zelo da fé com que pelejavão se lhes deuia respeito em seus sepulchros ordenou se deputassem lugares sagrados para seu enterro. Estaua em o exercito o Arcebispo de Braga Dom Ioaõ, com o qual communicando el Rey seu pensamento, o fez sagrar dous cemiterios em os lugares mais conuenientes, prometendo de fundar nelles dous mosteiros, se o Senhor lhe concedesse a vitoria, & a Cidade. E aduerre a memoria referida, q com esperança anticipada da mercê que esperaua do Senhor começou a pôr a mão na obra, quasi certo do bom despacho, & assi tiueraõ principio o mosteiro de São Vicente de fora, & a Igreja dos Martyres junto a S. Francisco, ainda antes de Lisboa ser ganhada.

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

Morrera gloriosamente em hum combate hum illustre Alemão natural da villa de Bona não longe de Colonia por nome Henrique, & fora enterrado em o Cemiterio de São Vicente, deputado aos de sua nação. E como fosse de vida inculpavel, & acabasse em tão sãta empresa, se começou a manifestar cõ milagres a gloria de sua alma. Dous mancebos estrangeiros ambos mudos & surdos se foraõ a seu sepulchro, & como em o discurso da oração se deixassem vencer do sono, lhes appareceo o Santo com hum bordão de palma em a mão, & habito de peregrino usado dos que hião à terra Santa, & lhes disse como Deos por seus rogos, & dos outros Martyres seus companheiros, os quais perderão a vida naquelle cerco, lhes concedia perfeita saude. Acordaraõ saõs os mancebos, & prorompndo em diuinos lououres foraõ dar a el-Rey conta do caso, o qual diulgado pello exercito, causou a todos consolação marauilhosa.

A hũ criado deste Santo morto tambem pella mesma causa em a peleja se dera sepultura inferior a sua. Apareceo elle em sonhos a hum homem que alli seruia, & lhe mandou desenterrasse a seu criado, & o lançasse com elle em seu sepulchro, & para este effeito lhe appareceo segunda, & terceira vez, & o obrigou a executar seu mandado; auendo não ser

justa a desigualdade do enterro em aquelles a quem a morte, & merecimentos goalaraõ. Foi tambem este caso grande motiuo de darem os do exercito graças a Deos, vendo que lhe era aceto o sacrificio de suas vidas, sem auer aceitação de pessoas.

Na sepultura deste mesmo Santo naceo hũa palmeira, & como por deuação se tirassem della algũas particulas, se achou por experiencia que trazidas ao peffosso, ou lançadas na agoa, ou desfeitas em cinza, & tomadas com deuação causauão milagrosos effectos. A mesma deuação da gente veio a pôr limite a este remedio, porq̃ diminuindo se muito a palmeira com o que della se tiraua, se mudou a outra parte a titulo de ser melhor goardada, & faltando ella cessaraõ tambem os milagres.

Era passado ja o veraõ todo em que se tinha pelejado cõ porfiada contenda de ambas as partes. Os nossos não só fazião guerra aos cercados, mas resistião os assaltos dos Mouros, que de varias partes concorriaõ por mar, & terra. Ha quel julgue se deriuão as armas dos Cunhas de certas cadeas de ferro fortemente acunhadas, ordenadas na foz do rio Tejo por Paio Góterrez, o qual fez raras demonstraçoẽs de seu esforço neste cerco. Se bem a outros parece se tomaraõ as armas das cunhas que foy metendo em o muro

*Sandoral  
na caxades  
Cunhas*

muro este Capitão quando se ganhou a Cidade, no que se não pode afirmar cousa certa. Em todo este tempo mostrara grande constancia o valeroso Rey Dom Afonso, igoalando com o esforço & pratica militar, a piedade Christãa, & mais virtudes q̃ nelle resplandião. Aprouve ao Senhor de gratificar ao Christianissimo Rey o serviço que lhe avia feito naquella guerra, & alegrar o seu pouo com o senhorio daquella nobilissima Cidade. Contavaõse 25. dias de Outubro dia finalado dos gloriosos Martyres São Crispim & Crispiniano, quando se deu hum fortissimo assalto á Cidade, & se escalarão seus muros por força de armas. Assim o dizem muitos autores; posto que mais nos parece que em o dia de São Crispim & Crispiniano entrou el Rey na Cidade com pompa, & procissão solennissima, como expressamente declara a memoria de São Vicente, auendo ganhado quatro dias antes em dia das onze mil Virgēs.

Durou o combate seis horas continuas, em que se pelejou com furia desusada. Morreo Martim Moniz á entrada da porta q̃ conservava o seu nome, parte mais arriscada por onde os Portuguezes acometerão. Hũs dizem que tendo os nossos entrado na Cidade, & sendo rebatidos dos Mouros que pretendião fechar outra vez aquella porta, pelejou com tanto

valor o esforçado Capitão, ate q̃ perdendo ainda fez de seu corpo ponte para os nossos passarem, & impedio aos Mouros seu intento. Outros querem que sendo ferido na entrada desta porta de hum golpe mortal, foi milagrosamente seguindo & ferindo os Mouros com a cabeça meia cortada ate cahir morto em a outra parte do Castello, para onde fica a Igreja do Apostolo Santiago. De qualquer modo se teve sua morte por notavel, & em hum nicho sobre a mesma porta se mandou pôr hũa cabeça de pedra, que ainda hoje se conserva em memoria da sua. Honrosa lembrança, & justa remuneração devida a quem com tanta gloria offereceo a vida pella fè & honra da patria, na entrada da mayor Cidade, no lugar de mayor difficuldade.

Pelejou se com igoal fervor das outras partes, & os estrangeiros fazião marauillas, & tudo lhe era necessario, porque os Mouros se defendião obstinadamente. Alguns mais principais fazendo corpo em hum lugar defensavel, mandaraõ pedir a el Rey lhe cedesse as vidas, offerecendo se a lhe entregar os tesouros escondidos. El Rey aceitou o partido, mandou dar sinal para que cessasse a peleja, com isto se começou a quietar o tumulto da gente armada, & a Cidade ficou em poder dos nossos. Grande foi o numero dos mortos de ambas as partes,

## Livro X. da Monarchia Lusitana.

poſto que noſſos autores o paſſaõ em ſilencio, ſeu deſcuido ſe remedeou com a diligencia dos eſtranhos, os quaes eſcreuem faltaraõ duzentos mil dos inimigos, o que deviaõ alcançar por relação dos de ſua nação, que ſe acharaõ preſentes, & ſe deue entender de todos aquelles que pereceraõ em o diſcurſo deſte famoso cerco, aſi da gente da Cidade, como da que lhe vinha em ſocorro de varias partes. Se ainda aſi parecer o numero demaſiado, o aco- mode o leitor ao que julgar por mais ajuſtado a razão, que a nos baſta referir neſte ponto o que os antigos differaõ.

Aſſirmaõ que offerecendo el-Rey aos Capitaes da frota parte da Cidade, & deſpojos como lhe tinha prometido em o principio, elles ſatisfeitos do bom termo del Rey accitaraõ só as riquezas, deixando a parte da Cidade que lhe cabia. E dando ordem a ſua partida, ſe deſpediraõ del Rey, & dos ſenhores Portugueſes com moſtras de grande amor & cortesia, leuando a ſuas terras com a fama de valeroſos a gloria de ter ajudado com ſuas armas a Chriſtandade de Eſpanha com a reſtauração de hũa pouoação tão principal, & importante.

Viſando el Rey da ocaſiaõ de tão ſingular victoria, ſogeiou brevemente a ſeu ſenhorio as forças principaes viſinhas a Lisboa, Sintra, Almada, Palmela, & outras,

facilitando a fama de ſeu nome todas eſtas conquiſtas, & o temor que os Mouros lhe auiaõ cobrado. Rogerio o autor antigo atraz referido he de parecer, que Almada ſe ganhou antes da partida dos eſtrangeiros, & o Conde Dom Pedro primeiro faz tomada da Palmela que Lisboa. A hiſtoria dos Godos não particulariza eſtas circumſtancias, mas ſimplemente comprehende os triumphos adquiridos por el Rey no anno de 1147. neſtas breues palauras.

*Era M.C.LXXXV. capitur Santarenã 8. Idus May, eodem anno capitur Viſipo Octobri menſe, feria ſexta meridiano tempore poſt quinque menſes obſidionis. Per idem tempus cepit Sintria, Almada, Palmela. Isto he: Na Era de 1185. ſe tomou Santa-rem aos oito de Mayo. No meſmo anno ſe ganhou tambem Liſboa, no meſ de Outubro em feſta feita ao meio dia, paſſados ſinco meſes de cerco. E neſte meſmo tempo ſe conquiſtou Sintra, Almada, & Palmela. Bem ſei que noſſas Chronicas aſſinaõ em anno differente a tomada de Palmela. E dizem que Almada ſe começou a fundar neſte tempo. Mas deuemos dar mayor credito às*

*Rogerio  
ubi ſup.*

*Conde de  
Pedro iii.  
69.*

*Hiſtor. de  
Godos.*

*Memoria  
da fundação  
de São  
Vicente.*

hum



hã as terras, & herdades vizinhas  
conforme seus merecimentos.

CAPIT. XXIX.

*De algũs Capitaẽs Portu-  
gueses, & estrangeiros q̃  
se acharaõ em o cerco de  
Lisboa, & do que toca a  
suas decendencias.*



Artim Moniz o illu-  
stre Capitão que mor-  
reo à entrada da porta  
de Lisboa, era (segun-  
do refere o Conde Dom Pedro)  
neto do Conde Dom Osorio de  
Cabreira, que passou a Portugal,  
segundo parece em tempo do  
Conde Dom Henrique, ou pou-  
cos annos antes, casou com Do-  
na Tareja Afonso, de quem ouue  
dous filhos; do primeiro chama-  
do Pero Martinz da Torre pro-  
cedem os Vasconcellos, & do se-  
gundo por nome Ioão Martinz  
Salsa vem os Aluelos. Em os Vas-  
concellos vemos mais continua-  
da a nobreza deste tronco, do  
qual ouue a casa titular dos Cõ-  
des de Penella, & ha hoje a de Ca-  
stel melhor, os senhores de Figue-  
ro, & Pedregão, os Alcaides mo-  
res de Pombal, os Morgados do  
Esporaõ, & outros ramos. Os Vas-  
concellos tem por armas em câ-  
po preto tres faixas veiradas &  
contraueiradas de prata & ver-  
melho, & por timbre hum Leão

Conde D.  
Pedro tit.  
33.

preto faixado de tres faixas de ar-  
mas.

As armas dos Aluelos são em  
campo vermelho cinco estrellas  
de ouro de sette pontas cada hũa  
em aspa, & por timbre hum me-  
io pescoço de Leão vermelho cõ  
hũa estrella das armas.

Pero Viegas foi o primeiro Al-  
caide de Lisboa depois de sua  
restauração, & assi he materia sem  
duida que se achou com elRey  
Dom Afonso neste cerco. Não  
particulariza o Conde Dom Pe-  
dro em o titulo 68. quando fala  
nelle de que geração fosse. Mas  
considerada a importancia do car-  
go que lhe foi cometido, & a cir-  
cunstancia do tempo em que vi-  
ueo, entendo ser Pero Viegas que  
taõbem se diz Pero Paz, irmão de  
Ermigio Viegas, Nuno Viegas, &  
Ioão Viegas Rainha, ou Rania to-  
dos filhos de Egas Hermiges, &  
decendentes de Dom Arnaldo de  
Baia, em quem o mesmo Con-  
de dà principio ao titulo 40. A  
nobreza de Pero Viegas, & seus  
irmãos se califica bem alem da q̃  
procedia do tronco, por se acha-  
rem seus nomes nas cõfirmações  
das escrituras entre os Ricos ho-  
mens daquelle tempo.

Conde D.  
Pedro tit.

De Paio Delgado diz o Con-  
de Dom Pedro, que foi bom Ca-  
ualeiro & honrado, & se achou  
com el Rey Dom Afonso o Pri-  
meiro na tomada de Lisboa. Fun-  
dou a Albergaria que se dizia de  
seu nome, a qual segundo boas  
conjei-

Conde D.  
Pedro tit.

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

Conde D.  
Pedro. III.  
30.

conjeituras estaua na freguesia de S. Bertholameu de Lisboa. Esta possuirão seu decedentes até o tempo del Rey Dom Ioão o primeiro, em que se deu aos Nogueiras, por se passar a Castella o possuidor. Os Soares de Albergaria são decedentes de Paio Delgado, & o appellido de Albergaria tomaraõ despois por seir senhores della. Trazem por armas em campo de prata hũa Cruz vermelha florida, & vazia, cõ hum perfil preto, & a bordadura chea de escudinhos das quinas Reaes; por timbre hũa Serpe vermelha.

Filho de Paio Delgado foi Martin Pacz, de quem diz o Conde Dom Pedro que vierão os Cavalleiros que chamaraõ os Rebellos.

Trazem os Rebellos por armas em campo azul tres faxas de ouro, sobre cada hũa sua flor de Lis vermelha posta em banda, & por timbre meio Leão pardo de ouro armado de azul, com hũa flor de Lis de vermelho na testa.

Chronica  
del Rey D.  
Afonso.  
Duarte  
Nunes:

Liuro dos  
foraes da  
leitura no  
ua fol. 100

Dos Capitaes estrangeiros, os quais despois de assistir ao cerco de Lisboa ficaraõ neste Reyno, nomearaõ nossos autores em primeiro lugar Childe Rolim, a que foi dada Azambuja, & huns que rem fosse o Capitão principal da frota; outros dizem não ser este, mas outro seu parente. Em a Torre do Tombo está a doação de Azambuja feita a Dom Rolim, a qual começa assi. *In Dei nomine, &c. Ego Sancius Dei gratia Portugal-*

*lie Rex vna cum filio meo Rege Dono Alfonso, & ceteris filiis ac filiabus meis, facio cartam donationis, & perpetua firmitudinis vobis Rolino, & omnibus Flandrensibus tam presentibus quam futuris, qui morantur in Villa Franca, damus vobis hanc villam, &c. E remata. Facta apud Vlixbenem mense Ianuario E. M. CC. XXXVIII. anno Regni nostri decimo quinto.*

Quer dizer. Em nome de Deos &c. Eu Dom Sancho por graça de Deos Rey de Portugal com meu filho el Rey Dom Afonso, & os mais meus filhos, & filhas, faço carta de doação, & perpetua firmeza a vos Rolino, & a todos os Framengos presentes, & futuros que morão em Villa Franca, douuos esta Villa, &c. Foi feito em Lisboa no mes de Janeiro da Era de 1238, & de nosso reinado decimo quinto.

Esta mesma doação cõfirmou despois el Rey D. Afonso, filho deste Rey Dom Sancho a 20. de Fevereço da Era de 1256. estando em Santarem, & declara, que a Villa Franca, da qual fala a doação, he a mesma que Azambuja. *In Villa Franca* (são palauras da cõfirmação) *que nunc Azambuja vocatur.*

Nome do  
liuro &  
lugar da  
Torre do  
Tombo.

Supposta esta verdade, parece coula difficultosa que Childe Rolim, o que se achou na tomada de Lisboa, ou outro seu parente daquelle tempo seja este mesmo a quem foi feita a doação, não pella impossibilidade de ser

vivo

viuo em o anno referido, quando auita ja 53. que Lisboa fora ganhada, mas por se dilatar tanto o premio de seus seruiços, & não ser el Rey Dom Afonso o remunerador delles, mas el Rey Dom Sancho. Bem quísera ver o que nisto dizião os curiosos. Sei que em tempo del Rey Dom Sancho Primeiro se ganhou Sylues, & as mais Cidades do Algarue aos Mouros, & que então vieraõ muitos Framengos ajudar ao mesmo Rey nesta guerra. Bem pode ser, que o Dom Rolim, a quem se fez a doação de Azambuja fosse destes, & filho ou parente dos que assistiraõ ao cerco de Lisboa. Se não contentar este modo de dizer, não contendemos, nem julgamos resultar d'elle menor gloria aos decendentes de Dom Rolim, pois não hũa, mas muitas vezes vieraõ seus progenitores ajudar os Reys deste Reyno em suas conquistas.

Duar. N.º  
112. fol.  
44. col. 4.  
Conde D.  
Pedro 1.º  
7.º

Com pouco tento escreueo Duarte Nunez afirmando não constar por escrituras de q̃ nação fosse D. Rolim, a que se deu Azambuja. Pois alé da doação referida o Conde Dom Pedro diz expressamente, que era de Frandes, & declara como casou sua filha Dona Maria Rolim com Gonçalo Fernandez de Tauares, de cuja nobreza trata em particular titulo. Em os decendentes destes fidalgos se continuou a successão dos senhores de Azambuja, com

o appellido de Rolins, como oje se conserua; mas ja pella linha, & varonia dos Mouras, & hunos, & outros vsaõ das mesmas insignias, como veremos adiante.

Dom Ligel foi tambem natural de Frandes, & acompanhou el Rey Dom Afonso em o cerco de Lisboa. O proprio Rey o casou com Dona Dordia filha do Alcaide Pero Viegas, de quem atras falamos. Foi bisneta de D.º Ligel Dona Tareja Pirez, & casou com Giraldo Gonçaluez decendente do Capitão estrangeiro a quem foi dada Atouguia.

Conde D.  
Pedro 1.º  
69.

Dom Guilherme de Lacorni, & Dom Roberte de Lacorni eraõ ambos irmãos, deulhes el Rey Atouguia, porque foraõ com elle em a tomada de Lisboa, foi bisneto de D. Roberte Giraldo Gonçaluez o q̃ casou com D. Tareja Pirez, & era decendente por sua mãy dos Varellas fidalgos antigos, dos quais faz titulo particular o Conde Dom Pedro. De Giraldo Gonçalues ficaraõ decendentes com o appellido de Attouguia, os quais segundo consta dos Nobiliarios, possuem hum bom Morgado em Beja, & o senhorio da villa de Bellas, com o appellido ja mudado em o de Correa. E saõ taõbem Alcaides mōres de Villa Franca de Xira.

Nossos Chronistas dizem que os fidalgos do appellido de Alma da saõ decendentes dos Capitaes Ingreses que se acharaõ no cerco de Lis.

Chronica  
del Rey D.  
Afonso

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitana.*

*Duar. Nu  
nez.* de Lisboa. E acrescentão q se contē  
taraõ elles muito do fido de Al-  
mada, & a pouoarão chamãdolle  
ao principio Vimadel, q quer di-  
zer pouoação de muitos. Ia citei  
a autoridade de Rogerio, & da hi-  
storia dos Godos, porq se mostra  
estar fundada a villa de Almada  
quãdo se poscerco a Lisboa, & assi  
mal podia ter esta pouoação prin-  
cipio dos Ingrezes. Com tudo po-  
deria ser ficallẽm herdados nella  
aquelles Capitaes, cujos decendẽ-  
tes pello tempo adiãte tomariaõ  
o apelido de Almada, ou por se-  
rem da propria Villa, ou terem  
nella algum senhorio. Alcanfa-  
raõ elles (sem outras merces dos  
Reys de Portugal) o Condado  
de Abranches, dos Reys de Fran-  
ça, & dos de Inglaterra a cavala-  
ria da Garrotea, tudo bem deu-  
do ao valor com que se assinala-  
raõ em varias partes. Ha hoje mor-  
gados ricos desta familia com o  
appellido de Abranches, & de  
Almadas. E tem por insignias  
de sua nobreza em campo de ou-  
ro hũa banda azul com duas cru-  
zes de ouro floridas, & vazias en-  
tre duas Aguias vermelhas esten-  
didas armadas de preto, & por  
timbre hua das Aguias do escu-  
do estendida.

*Archius  
Real no li-  
uro dos fo-  
raes da lei-  
tura no-  
ua fol. 16.  
E no Ar-  
shivo da  
Lourinhã* Ao numero destes fidalgos que  
nossas historias nomeaõ se pode  
ajuntar Dõ Iordão primeiro po-  
uoador & senhor da villa da Lou-  
rinham, a qual elle deu foral em  
tempo del Rey Dom Afonso Hẽ

riques, & nelle admite os Fran-  
ceses por moradores. E por escri-  
tura del Rey Dom Afonso Segũ-  
do dada na Villa de Santa em em  
Março do anno do Senhor de  
1218. se diz que Dom Iordão pas-  
sou este foral por concessaõ do  
illustrissimo Rey Dom Afonso  
seu auõ. Por onde he claro ser D.  
Iordam daquelle tempo, & que  
era estrangeiro, pois admite em  
sua pouoação Franceses. Não me  
consta da decendencia deste fi-  
dalgo.

Dom Alardo foi outro fidal-  
go deste tempo Frances de naçaõ, *No liuro  
dos foraes  
de leitura  
nova fol.  
6.* a quem el Rey Dom Afonso deu  
Villa verde. Ha na Torre do Tõ-  
bo a doaçaõ que foi passada em  
Janeiro do anno do Senhor de  
1160. & nella concede el Rey a  
Dom Alardo (a quem nomea por  
Alcaide) que possa dar foral para  
se governarem os outros France-  
ses moradores da dita Villa. Deste  
appellido Alardo ouue & ha al-  
gũa decendencia, que se tem vir  
de Dom Alardo, & traz por ar-  
mas em campo vermelho três  
flores de Lis em triangulo, & en-  
tre elles hũa meya Lua de prata,  
por timbre hum meio Leão ar-  
mado de vermelho com coleira  
do mesmo. Tambem alguns  
nobillarios assinaõ algũs  
Barbas, & Pouoas  
decendentes de  
D. Alardo.

(.)

CAPIT. XXX.

Como se ordenou Bispo em Lisboa. Dos primeiros Bispos de Viseu & Lamego. Successão dos mais Prelados do Reyno

1141.

**N**Am aua neste tempo em Portugal por causa dos tumultos da guerra, & pouco uso das letras, a multidão de Ecclesiasticos necessaria, & a esses poucos faltava o ornato das sciencias, & escrituras; & assi era forçado no prouimento dos Bispados, & dignidades da Igreja lançar mão dos estrangeiros benemeritos, a quem acreditada a sciencia & pureza da vida. Toledo se entregou os annos passados ao Arcebispo D. Bernardo Frãces de nação, & de sua gète se puserão Bispos em outras Igrejas de Castella. Em Braga florescia S. Giraldo, & ao preséte gouernaua João Peculiar. Cõ o exêplo destes, & de outros insignes Prelados se nomeou por Bispo de Lisboa Gilberto també estrangeiro.

Memoria de S. Vicente.

Era Gilberto conforme a memoria da fundação de S. Vicente natural de Inglaterra, varaõ douto, pio, & de bõ exemplo, partes bem necessarias para plantar, & conseruar a Fé naquella Cidade, a qual constaua entã de Christãos de varias nações, & dos mesmos Mouros, q̃ ao uso de outras partes se deixãrão ficar com a so-

geição ordinaria dos tributos. Toda esta variedade de gète importaua ser bem regida para que nem os maos fossẽm de impedimento aos bõs, nẽ a diuersidade das nações causasse dissensão em aq̃lle pouo. A tudo deu boa satisfacão o Religioso Prelado, & del Rei foi por esta causa muy fauorecido. Logo ao principio lhe fez doação da Igreja dos Martyres, hũa das que aua edificadõ em o cerco de Lisboa, reseruando a de S. Vicente para o seu Padroado. Tã bem em breue tempo se fundou a Igreja Mayor deputada para assento daquelle Bispado, Ha tradição ser primeiro Mesquita de Mouros, & o modo antigo do edificio o persuade. Porem de escrituras autenticas consta como a mandou fundar el Rey D. Afonso. Assi o relata a memoria da Tresladação de Sam Vicente, escrita em aquelle tempo, o liuro dos obitos da mesma Sã, & outras memorias.

Fez Gilberto acto de sogeição ao Arcebispo de Braga, o q̃ não deixa de causar algũa duuida, por quanto sua Igreja era antigamente da Metropoli de Merida, & não de Braga. A promessa da sogeição tirada do liuro fidei diz assi. Ego Gilbertus S. Vlixbonensis Ecclesie Episcopus subiectionem, & reuerentiã a sanctis patribus constituã, secundũ precepta Canonũ Ecclesie Bracharesis, rectoribusq; eius, in presetia domni Joãnis perpetuo me exhibiturũ promitto

Liuro da Sã de Braga.

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

*Et usque sanctum altare propria manu confirmo.* Quer dizer. Eu Gilberto Bispo da Santa Igreja de Lisboa prometo para sempre sujeição & reuerencia ordenada pelos santos Padres, conforme os preceitos dos Canones á Igreja de Braga, & a seus Prelados, em prefeção de D. Ioaõ, & conforme esta promessa até por minha mão em o sãto altar. Em tẽpo dos Godos era Lisboa da Prouincia de Merida; & mudãdose a Santiago a dignidade Metropolitana de Merida ficaua sendo de seu destrito, porẽ vemos sujeitar-se a Braga. Quicã pretenderia o Arcebispo D. Ioaõ por esta via a cõfirmação da Primacia deuida a sua Igreja exercitando aqto de superioridade em Bispos de outra Prouincia. O que se manifesta mais em o Concilio Prouincial celebrado em Braga em o fim deste mesmo anno de 1147. ou no principio do seguinte, do qual nos ficou esta memoria.

*Liuro da  
Sede de Bra  
ga.*

*In era M.C.Lxxx.vj. Ioannes Bracharensis Archiepiscopus, habuit colloquium in Brachara, cum omnibus Episcopis Portugalliae suffraganeis eiusdem Ecclesiae, videlicet cum Petro Portugalsensi, & Menendo Lamecensi, & Odorio Visensi, & Ioanne Colimbriensi: & hoc totum fuit factum praesente domino Bosone Clerico domini Papae, qui tunc venerat conuocare omnes Archiepiscopos, & Episcopos, & Praelatos Ecclesiae per Hispaniam constitutos, ad Concilium, quod dominus*

*Papa Rhemis celebraturus erat: & huic colloquio interfuit quidam Archidiaconus ciuitatis Vlixbonensis nomine Eldebredus. Quae Ciuitas tunc fuit deliberata de potestate Sarracenorum, & in potestate Christianorum redacta auxilio Dei, per dominum Alfonso illustrem Regem Portugalliae, per diuersas gentes, quae illi uenerunt per mare in auxilio Dei, & illius, & consilio praefati Archiepiscopi, & omnium supradictorum Episcoporum.*

Em nosso vulgata diz assi.

Na era de 1186. Dom Ioaõ Arcebispo de Braga, teue colloquio na mesma Cidade cõ os Bispos de Portugal sufraganeos de sua Igreja. Conue a saber cõ Pedro Bispo do Porto, Mendo de Lamego, Odorio de Viseu, & Ioaõ de Coimbra. Foi feito isto em presença de D. Boson, clerigo do senhor Papa, o qual então viera chamar os Arcebispos, Bispos, & mais Prelados de Hespanha para assistirẽ ao Cõcilio q o senhor Papa auia de celebrar em a Cidade de Rhems. Archouse tãbẽ presente hũ Arcebispo de Lisboa chamado Eldebredo, a qual Cidade pouco auia qfora restaurada do poder dos Sarracenos, & restituída ao senhorio dos Christaõs cõ o fauor diuino por D. Afonso illustre Rey de Portugal, & por varias gẽtes, as quaes por mar chegarão em socorro da causa de Deos, & sua; & cõ cõselho do sobredito Arcebispo, & de todos os Bispos nomeados.

Nesta

Nesta escritura não só se confirma a sogeição dos Bispos de Lisboa aos Arcebispos de Braga, mas também se allegura o tempo da tomada daquella Cidade no anno do Senhor de 1147. em q' algũs autores desacertão. Pois sendo feita esta junta de Prelados em o principio do anno de 1146. (porque em Março logo seguinte se celebrou o Cõcilio em Rhés, como consta de todas as historias Ecclesiasticas, & a jũta foi antes d'elle) & affirmandolhe q' pouco auia q' Lisboa fora ganhada, fica claro q' se tomou no fim do anno passado de 1147. como deixamos assentado.

Cartorio de Lorna em o liuro antiquissimo das doações de leira Gótica;

Outra cousa mui notauel se nos descobre nesta escritura, q' he noticia dos primeiros Bispos de Viseu & Lamego. Algũas vezes encontramos cõ Bispos destas Cidades despois da irrupção dos Arabes, ou nas occasiões em q' se libertauão pelas armas dos Christãos, ou q' conseruaraõ (como em outras partes) seus Prelados em algũ tempo debaixo da sogeição dos Mouros. Na era de 999. q' he anno de 961. era Bispo de Viseu Hermegildo, consta da doação q' faz a Lornam hũa senhora illustre chamada Enderquina Palla. E de outra da era de 1019. anno 991. feita por Góçalo Moniz & sua mulher Muina Donna ao mesmo Mosteiro sabemos serẽ Bispos de Coimbra Veliulgo, de Viseu Iquilano, & de Lamego Iacobo. Cõ tudo a dig-

nidade Episcopal faltou nestas Cidades por algũ tempo, q' deuia ser todo o q' vai do anno de 996. em q' Almançor Capitaõ Arabe del-Rey de Cordoua tornou a recuperar estas terras, atẽ o tempo del-Rey D. Fernando o primeiro, em q' se cõquistaraõ outra vez pelos nossos. Ainda entãõ nẽ muitos annos adiante foy possiuel nomear Bispos em Viseu & Lamego, porq' como as terras cõ as perdas & variedades passadas estauão pela mayor parte deshabitadas, não eraõ capazes de se assentar nellas a Cadeira Episcopal. Chegou o tempo do felicissimo Rey Dom Afonso Henriquez, em que as cousas dos Christãos se foraõ reduzindo ao estado antigo, & as Igrejas Cathedraes alcançaraõ a restituição de seus Prelados.

Ainda em o anno do Senhor de 1143. não tinhaõ Bispos as Sès de Viseu, & Lamego, porque neste anno escreuerão muitos Prelados destes Bispados, hũa carta ao Summo Pontifice contra o Arcebispo de Braga, & em fauor do Bispo de Coimbra, & nella confessaõ serem Diocesanos dos Bispos desta Cidade.

Liuro antigo da Sè de Coimbra.

Foy D. Odorio, que se intitula Bispo de Viseu na escritura referida hum dos doze companheiros do Arcebispo D. Tello, na fundação de S. Cruz de Coimbra, & profissão da vida Religiosa. Pelo nome parece ser o mesmo que em tempo da Raynha D. Tareja fora

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitana.*

eleito sem ordem pello pouo, & clero daquella Cidade, & fizera ja renunciação do cargo em o anno de 1120. Com a entrada do Mosteiro, & exercicios, se fez mais capaz das honras, que he bem se cõcedaõ aos que as desprezão, & el Rey Dom Affonso obrigado de seu bom procedimento & partes, o fez nomear em Bispo de Viseu, na qual dignidade permaneceu até o anno de 1166. em o qual se começa a ver nas escrituras o nome de seu successor Dom Gonçalo.

Dom Mendo, o Bispo de Lamego, conforme a escritura apõtada gouernou muito tempo a sua Igreja, & chegou até o anno do Senhor de 1173. em que entrou em seu lugar Dom Godinho. Falão em Dom Mendo muitas escrituras dos Mosteiros de S. João de Tarouca & Salzeda da Ordem de Cister vezinhos a Lamego, dos quais elle se mostrou sempre deuoto, & bẽfeitor. Em o anno de 1164. renũciou á Salzeda o direito Episcopal das terras do Mosteiro, a troco de certas rêdas & Igrejas que lhe forã dadas. Por esta causa se tratão os Abbades daquelle Mosteiro como Bispos, tẽ Prouisor, Meirinho, passão reuerêdas para ordẽs, & exercitão outros actos de jurdição Episcopal. Em o anno de 1169. se achou Dom Mendo presente com outros Prelados á dedicacão, & consagração da Igreja de Sam João

de Tarouca.

O Bispo do Porto Dõ Pedro deuia ser o segundo do nome, chamado Pitoes, do qual ha memorias naquella Sê do anno de 1146. E conta que não podia viuer no anno de 1169. por auer entam ja outro Bispo do proprio nome, o qual a differença dos dous primeiros se chama terceiro. Também a este Bispo Dom Pedro o segundo fez el Rey D. Affonso doações como a seus antecessores em particular: o anno passado de 1147 lhe fez conto da herdade de Loriz, limitando o distrito, & demarcando as terras d'elle na forma em que hoje o possuem os Bispos do Porto.

Dom João nomeado Bispo de Coimbra em aquella escrituras, foy pessoa de illustre geração como se pode ver em o Cõde Dom Pedro, & entrou naquella dignidade em o fim do anno de 1142. por morte de seu antecessor Dom Bernardo. Teue grandes differenças no principio de seu gouerno com o Arcebispo de Braga Dom João Peculiar, & ao que se colhe de Relações anten-  
ticas da See de Coimbra era a causa do Arcebispo pouco justificada, porque fundado na so-  
geição que lhe deuiaõ os Bispos de Coimbra, se estendeo a lhe fazer agrauos, na honra & fazenda, sem ter respeito aos mêsmos lugares sagrados santificados com a presença de Deos Sacramentado.

Acu-

*Conde D.  
Pedro III.  
33.*

*Liuro da  
Sê de Co-  
imbra fol  
148.*



Acudirão as pessoas Religiosas daquelle idade, & nomeão-se em primeiro lugar os Monges de São João de Taronca, & de São Pedro das Aguias, da Ordem de Cister, & fizeraõ relação ao Papa Innocencio Segundo muito em fauor do Bispo de Coimbra, com que as exorbitancias do Arcebispo se atalharão.

Quieto o Bispo Dom João em sua Igreja, & applicado ao gouerno della, tratou de a engrandecer com edificios, & santuarios. Não longe da cidade de Coimbra no recosto da Serra que fica Oriental a mesma Cidade está o lugar de Semide, aonde o Bispo Dom João, & seu irmão Martin Aniam, ou Anaia tinham grandes heranças, pareceo bem aos dous fundar, & dotar nelle hum mosteiro. Conseruase a escriptura do Couto desta casa que el Rey D. Afonso Henriques mandou passar em Abril do anno de 1154. em a qual se nomeão o Bispo Dom João, & seu irmão por fundadores do mosteiro de Semide. Poré não se applicou elle no principio para Conuento de Freiras, porque em a mesma escriptura se declara auer alli Abbade, & chamar se Dom João. Pello tempo adiante quiserão os decendentes de Martin Aniam recolher suas irmãs & parentas naquella casa, & feito algum contrato com os Religiosos, a alcanarão delles, & lhe applicarão mais rendas, & fize-

raõ capaz de bõ numero de freiras. Assim o dà a entender outra escriptura do anno de 1183 nestas palavras. *Offerimus vobis nostris sororibus, & consanguineis, videlicet Sanctæ Martini, cum sororibus suis, quatenus ordinem Sancti Benedicti quē Deo vovistis, secundum quem viuere debetis, diligentissime custodiat, & monasterium ibi faciat ubi vna vobiscum & post vos multe possint inhabitare ad saluationem animarum suarum.* Quer dizer. Fazemos offerta a vos nossas irmãs, & parentas, conuem a saber, a Sancha Martinz cõ suas companheiras, para que goardeis a Regra de São Bento que profestastes, & conforme a qual vos conuem viuer, & façais hum mosteiro, aonde comuoscão & depois de vos muitas Religiosas possa viuer para bem & saluação de suas almas.

Nomeão-se os que fazem esta doação Rodrigo Martinz, & Vasco Paez com seus filhos, Rodrigo Fernandez com sua mulher Maria Martinz, Aluare Apones cõ sua mulher Orraca Martinz, Gonçalo Gonçalvez com seus filhos, & Pero Mendez com sua mulher Maria Pirez, & Pero Fernandez com sua mulher Orraca Fernandez. Todos estes se chamão, *Nepotes Anaia*, netos, & decendentes de Anaia, o qual foy o pay do Bispo Dom João, & de Martin Anaia, & hum dos fidalgos que acompanharaõ o Conde D. Henriq. nas guerras de sen ré-

Archiuo do Mosteiro de Semide.

Archiuo Real no Livro del Rei D. Afonso 3 fol. 21.

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

po. Nem moua alguns curiosos faltará os nomes destes fidalgos entre os decendentes de D. Anaia, nomeados pello Conde Dom Pedro, porque deue ter entendido, que nem sempre o Conde nas familias trata de todos os decendentes, ou por não pertencerem á successão, ou por não saber delles, & nos allegamos escriptura original, em que não pode auer erro.

Por este modo teue principio o mosteiro de Semide de Religiosas do Patriarcha São Bento, as quais tomarão a reza & estatutos da sagrada Ordem de Cister, em que perseverarão até o anno do Senhor de mil seiscientos & vinte & cinco. He mosteiro muy obsetnante, & ouue nelle algũas Religiosas muy notaucis em santidade, de que tiue relação, & a darei a seu tempo. Em o anno do Senhor de mil & seiscientos & doze passaraõ estas Religiosas a Coimbra com intento de viuer em o mosteiro nouo de Santa Anna, que entrão acabara de fundar com grande magnificencia o Bispo Dom Afonso de Castelbranco insigne Prelado, & gram bemfeitor daquella Cidade. E como não ouuesse ordem de permanecerem no habito, & regra do Patriarcha São Bento, se ouueraõ de tornar a seu mosteiro antigo de Semide contra vontade do Bispo, desestimando o lugar & edificio auentajado, por

segurar a primeira vocação, & regra que professarão.

### CAPIT. XXXI.

*Do estado das cousas de Palestina, socorro que lhe foi do Occidente por meio de São Bernardo. Como esse Santo ajudou os nossos na tomada de Lisboa.*



Ntrara em o Reyno 1147.  
de Hierusalé por morte de seu sogro Balduino segundo do nome  
Fulcon, Conde de Cenomania, & Andegauia, Principe dos mais insignes em sangue & armas que então auia. Tomou a posse do Reyno em o fim do anno do Senhor de 1131. como ja aduirtimos, & pos logo todo o cuidado, & industria proprio de hum Principe vigilante em a conseruação, & acrescentamêto do Reyno. Compôs as cousas de Antiochia, as quais estauão perturbadissimas por morte de Boemundo o segundo filho do outro Boemundo, a quem se entregou esta Cidade na primeira conquista. Depois se oppos ao Conde de Tripol, o qual tratava de perturbar a Republica. Resistio aos inimigos da Fé, & os pos em fugida. E sobreuindo discordias entre os senhores daquelle Reyno, & algũs

Guilh. Ty  
ris daq  
ra sagr  
da lib. 14.  
cap. 1. & 2.

Guilh. ci  
tado l. 4.

Cap. 7.

Cap. 11. 16  
& 25.

Cap. 27

Guil Tyr.  
lib. 6. c.  
1. & 2.

No mes-  
moliuro  
cap. 5.

Baron. an  
na 45.  
Tepes ten-  
100. 7. fol.  
363. &  
368.

gũs danos pois a todos remate a  
desastrada morte del Rey quan-  
do menos se esperaua. Saindo hũ  
dia ao campo fora da cidade de  
Acon com a Rainha & mais gen-  
te da Corte, o oprimio o caualo  
diante de todos, correndo incon-  
sideradamente hũa lebre que se  
leuantara. Não pode falar pala-  
ura, que fora a principal lesão na  
cabeça, mas viveo ainda três dias  
com oppressão terribel. Causou  
lastima este triste caso a todos os  
bõs q d'elle soberão, & corria en-  
tão o anno do Senhor de 1142.

Balduino filho primogenito  
de Fulcon, & successor no Reyno,  
posto que dotado de gentis par-  
tes, & de grandes esperanças, não  
passaua então de treze annos, ida  
de pouco acomodada a tratar os  
negocios do Reyno, quando os  
inimigos vigiaão em seu dano.  
Soberão elles lançar mão da oca-  
sião que o tempo, & desgraça dos  
fieis lhe offerecia. Sanguino Rey  
dos Turcos mui poderoso pos  
cerço á cidade de Edeffa, & aga-  
nhou fazendo grande estrago na  
gente bautizada. Causou esta tri-  
ste noua grande abalo nos Prin-  
cipes do Occidente, & o Summo  
Pontifice Eugenio Terceiro a sin-  
tio notaclmente.

Tinha este santo Pastor subi-  
do á cadeira de S. Pedro por mor-  
te de Lucio Segundo successor  
Celestino, os quais ambos gouer-  
naraõ menos de dous annos des-  
pois de Innocencio Segundo, de

quem atras temos tratado. Fale-  
ceo Innocencio em 24. de Setê-  
bro de 1143. E Eugenio foy elei-  
to em Março de 1145. Era Mon-  
ge de Cister discipulo na Religiao  
do grande Padre São Bernardo,  
& imitador de sua virtude, de grã  
de talento, cultiuado com letras  
& negocios de importancia. Al-  
cansou o Summo Pótificado sem  
fer ainda Cardeal, cousa raras ve-  
zes vsada naquelles tempos, & em  
os nossos de todo esquecida.

Tanto que Eugenio se vio na-  
quelle lugar, tomou logo a sua  
conta o emparo dos fieis de Pa-  
lestina, & com as nouas da perda  
de Edeffa applicou a isto mayor  
cuidado. A gente de França co-  
mo mais interessada naquella em-  
preza, em que os de sua nação ti-  
ueraõ a mayor parte, desejava  
muito dar socorro aos seus, & el-  
Rey Luis o Septimo, o qual por  
morte de seu pai Luis o Gordo  
reinaua do anno de 1138. & os  
mais senhores de seu Reyno o pre-  
tendião. Ajutaraõse para este fim  
muitos Principes de ambos os  
estados na cidade Carnotense, &  
de voto commum de todos sabio  
decretada aquella guerra. Estaua  
presente São Bernardo Abbade  
de Claraua, de quem pendião as  
cousas mais importantes daquel-  
la idade, & todos de commum  
consentimento o nomearaõ por  
Capitão geral daquella guerra.  
Resolução a mais rara que ouue  
no mundo, & ponderada como

Panuin.  
na chroa  
loga.

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

Baron. an tal do Cardeal Cesar Baronio.  
no 1.º 46. Hũa cousa notavel (diz elle) que es-  
num. 2. pantára a todos os ouuintes se decretou  
nesto Concilio, em concordarem to-  
dos fosse São Bernardo o Capitão ge-  
ral daquelle empresa. O Santo se va-  
leo do Summo Pontifice na re-  
nunciação deste cargo, o qual jul-  
gaua por desproporcionado, &  
em seu lugar tomou outro mais  
conueniente, qual foi a pregação  
da Cruzada pellos Reynos de  
França, Frandes, & Alemanha cõ  
grande feruor, & numero de mi-  
lagres, com que se moueraõ mui-  
tos senhores, & multidão grande  
de gente popular, & ate o proprio  
Emperador, que então era Con-  
rado successor de Lothario, & el-  
Rey Luis de França, a fazerem  
aquella jornada.

Quem dissera que hũa obra  
tão santa principiada por tão bõs  
meios não auia de ter os fins mui  
fauorauels, que hũa empresa or-  
denada por seruos de Deos, acre-  
ditada com milagres feitos em  
testemunho de ser esta a vontade  
diuina não auia de encher de pal-  
mas & triumphos a Christanda-  
de? Con tudo vemos que mais  
causou confusão & pouco credi-  
to. Por quanto o Emperador sen-  
do mal guiado dos Gregos, veyo  
a cair nas mãos dos inimigos, dõ-  
de se tirou com difficuldade dei-  
xando muitos dos seus mortos,  
& outros catiuos. El Rey de Fran-  
ça ainda que com trabalho che-  
gou a Ierusalem, & foi pòr cerco

a Damasco, & ao fim se recolheo  
despois a seu Reyno sem deixar  
feito cousa de importancia. Ver-  
dadeiramente os juizos de Deos  
são incomprehenhíueis, & defa-  
certa muito nossa rudeza em lhe  
querer dar alcance, como fizeraõ  
em França algũs sabendo a noua,  
murmurando do seruo de Deos  
Bernardo, principal autor daquel-  
la infelice empresa. E que mal  
encaminhados vão os que mede  
as obras pellos successos. Ia ouue  
quem a estes taes desejou desfacer  
to em seus intentos. E o mesmo  
São Bernardo nota de inconside-  
rada gente semelhante, & com  
algũas razões que dá ao Papa Eu-  
genio mostra bem sua innocen-  
cia.

Bernard.  
liuro 2.º de  
confide-  
ras.

Acudio Deos pella honra de  
seu seruo, & manifestou como  
aquella jornada de tão pouco ef-  
feito lhe não fora desagradavel.  
Pregando hum dia o mesmo San-  
to a grande auditorio, & sendo-  
lhe trazido hum minino cego pa-  
raque o sarasse, pediu elle a Deos  
em presença de todos lhe desse  
saude, se a pregação que fizera  
sobre a empresa da terra Santa  
auia sido ordenada por sua Diui-  
na magestade. Acabada a oração  
ficou o minino com vista, & os  
circunstantes foraõ vendo serem  
mal fundadas suas imaginações,  
& discursos. Quis Deos por este  
caminho levar ao Ceo muitas al-  
mas que tinha predestinado, segu-  
rando a saluação de muitos nos  
traba-

Entre as  
Epistolas  
de S. Ber-  
nardo nu.  
333.

trabalhos daquelle viagem, que no descanso, & prosperidade de suas terras pode ser ficasse arriscada. Assim foi revelado ao Santo Abade Ioão Caceriariense, como elle confessa em hũa carta consolatoria a São Bernardo, em a qual diz, que os gloriosos Martyres Ioão & Paulo, de cuja inuocação era o seu Conuento, lhe apparecerão algũas vezes, affirmando se auião pouoadas as cadeiras dos Anjos desobedientes, com os soldados que perderão a vida naquella jornada. Donde resolve o Santo se colherão della grãdes fructos, ainda que não forão quais os homens esperauão, que era a victoria dos inimigos, & despojos das cidades vencidas.

Daqui podemos tirar os naturaes deste Reyno hum singular exemplo para consolação da infelice jornada de Africa, a que o Senhor quis dar o successo que todos choramos, sendo emprendida com não menor zelo da Fé que esta de Ierusalem. Porque na verdade se se não tirou della o fim que o brio Portugues intentaua, que era renouar a sogeição que ja muita parte daquelle provincia lhe reconhecera (menos gloriosa com sua propria liberdade) & obuiar a outros inconuenientes temporais que os estadistas prooosticauão a toda Hespanha, accões todas tambem coradas com o soccorro de hum Principe despojado de seus Reinos.

Ainda que se não alcançou nenhum fim destes, adquirio contudo Deos nosso Senhor o que desejaua, que era premiar com os triumphos da gloria todos os q se fizerão capazes della, acabando as vidas em seu seruico nos largos campos de Alcacer, entre as lancas Africanas. Assim o confessa a gloriosa Santa Tareja, a qual sentida com a triste noua desta desgraça, disse o mesmo Christo. Se eu os achei dispostos para os trazer a mi, de que te affiges tu?

Acerca da empreza da terra Santa, & gente que a ella se moue com a pregação do glorioso São Bernardo, temos memoria no Fortalitium Fidei com as palavras seguintes fielmente traduzidas. Em o anno de 1147. deu S. Bernardo a insignia da Cruz a el Rey Conrado o qual estava em Francfortia, & quasi a todos os Principes, & os cõpanheiros desta peregrinação se multiplicarão grandemente. O exercito Natural que se ajuntou de Frandes, Inglaterra, & Lotaringia partindose a 12. de Abril do Porto Temundo com vinte naos chegou a Lisboa a 28. de Junho, & esta Cidade foy tomada depois de quatro meses de cerco. Forão vencidos os inimigos cujo numero chegaua a ditzentos mil & quinhentos, chegando o dos Chriãos escassamente a treze mil.

Conforme esta autoridade de tanto credito a mayor parte da gente que veyo a Lisboa era da que S. Bernardo moue com sua pregação, & fica por esta causa obriga,

Tepe na  
riã de S.  
Tareja. 3  
cap. 17.  
Moura de  
opus. 1.  
foll. 2. 63  
n. 43.

Fortalicio  
da Fé lib.  
4. bello  
153. f. 125

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

obrigado o Reyno de Portugal ao Santo, pois foi tanta parte, & quasi o principio das felicidades com que o Senhor o engrandeceo neste anno. Em a tomada de Santarem alcançou aos nossos o fauor do Ceo, & como outro Moyſes com as mãos levantadas a Deos franqueou a entrada daquella insigne Villa. Com a gente conduzida por seus regos se facilitou ao grande Rey de Portugal a tomada de Lisboa: & de crer he não faltou aqui a intercessão do Santo para com Deos, pois estava tam empenhado na protecção da gente Portuguesa, & na gloria deste Reyno fogeito a seu Mosteiro de Claraua, & offerecido por el Rey com cento annal & perpetuo. E se os fauores do Santo se hiaõ cada vez manifestando mais nas empresas del Rey Dom Afonso, não faltaua o piedoso Rey no agradecimento delles. Fundara o Mosteiro de São Ioaõ de Tarouca, recolhendo em este Reyno os Monges de S. Bernardo com singular piedade, fogeirá este Reyno ao Mosteiro de Claraua, tomando por padroeira a Virgem gloriosa, a quem está dedicada aquella casa. Agora em comprimento do voto feito na jornada de Santarem, se resolveo em ter hum retrato de Claraua neste Reyno, mandado fundar o grãde Mosteiro de Alcobaça a sua imitação, cujo orago fosse també a Virgem sacratissima N. S.

### CAPIT. XXXII.

*Da fundação de Alcobaça.  
Tocaõse as grandezas de  
sta casa, preminencias dos  
Abades della, & santida  
de dos Monges.*



Lgũas memorias antigas daõ a entêder que o Mosteiro de Alcobaça teue principio em o anno do Senhor de 1152. Aſsi consta de hũa pedra que está a entrada da Igreja vindo da Clausta, & contem estes versos.

*Templa duo posuit, facti monamenta  
potentis*

*Alfonſus populi gloria magna ſui.  
Vallibus his primũ struxit non gran  
de ſacellum*

*Anno quem Lector Curx tibi ſan  
cta notat.*

✠ & M.CXC. XI. KAL. Oſob.

Cuja ſignificação he a ſeguinte.

Dous templos fundou o poderoso Rey Dom Afonso gloria soberana do Reyno Portugues para memoria de seu grande poder. O primeiro dos quais fundou aqui nestes vales com pequena fabrica, na era que mostra a Cruz pintada abaixo, que he na Era de Cesar de 1190. a onze das Calendas de Outubro. E vem a  
ſer

ser a vinte dias do mes de Setembro do anno de 1152.

Concorda com esta memoria, & difere só em tres dias, outra do liuro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, a qual diz assi. *E. M.C. LX. viij. Kal. Octobris sumpsit initium domus Alcobasia.* Quer dizer. Na era de 1190. (deuele aduertir omo a letra X. val quarenta) a 8. das Calendas de Outubro teue principio a casa de Alcobaga.

O Doutor Frey Bernardo de Brito fundado em outras relações he de parecer que a casa se começou a fundar quatro annos antes em o de Christo 1148. & explica os versos referidos do tempo em que se acabou a primeira Igreja. No que conuem tambem o letreiro da sepultura de Dom Pedro Afonso junto ao altar da Capella môr desta casa, em a qual se diz que applicou el Rey á Ordem de Cister esta terra em o anno que ganhou Santarem aos Mouros.

Mais antiga se faz esta casa em o liuro das fundações dos Mosteiros filhos de Claraual, como se pode ver em as obras do Padre S. Bernardo de impressão moderna, aonde se aponta a fundação de Alcobaga em o anno de 1142. E có este liuro concordão algúas memorias de mão do Mosteiro de Alcobaga, de cem annos & mais, que deuião conformarse com a tradição, & com outras mais antigas.

Não ha que espantar desta variedade, pois a vemos em cousas mais modernas. Nem ella he de consideração, pois a duuida he de tam poucos annos. Sô se deue aduirtir, que em Alcobaga ouue duas Igrejas, & dous Conuentos. Em o primeiro cuja Igreja ainda permanece com o titulo de Santa Maria a velha, moraraõ os Religiosos alguns annos, & para o segundo em que oje vinem se mudarão quando esteue acabado. Do primeiro Conuento & Igreja tratão os versos referidos, & se toma o principio da fundação de Alcobaga. Do segundo dizem outros versos da mesma pedra q se começou em a Era de 1216. a 6. dos Idos de Mayo, que vem a ser a 10. de Mayo do anno de 1178.

*Indicat endigitus, quo fundamenta secundum*

*Huius & ingentis, tempore iacta forent,*

*E. M. cc. xvj. Idus Mai.*

Cuja significação he a seguinte.

Mostra o dedo abaixo esculpido a era em que se lançou a primeira pedra dos fundamentos a este segundo, & sumptuoso templo. E foy na era de Cesar de 1216 a 6. dos Idos de Mayo. E ser este o tempo em que se começou o segundo templo, parece mais conforme ao anno em que se mudarão para elle os Religiosos, que foy

## Livro X. Da Monarchia Lusitana.

foy em o de Christo de 1223, como consta de huns versos de letra antiga que estão na claustra da

Colação à mão esquerda quando saem da Igreja, & dizem assi.

*Nos trabe vergo pi  
Nos trabe, nos patri<sup>a</sup>  
Sic quia translat<sup>i</sup>  
Nobis nosque tib<sup>i</sup>  
Hic te laudamu<sup>s</sup>  
Quo loca transstlimu<sup>s</sup>  
Augusti mensi<sup>s</sup>  
Eram si quæri<sup>s</sup>  
Mille Ducentoru<sup>m</sup>  
Extitit annoru<sup>m</sup>*

*Trabe nos virgo Mari  
Pone tuere tu<sup>a</sup>  
Vinemus ad astra vocat<sup>i</sup>  
Consociemur ib<sup>i</sup>  
Cordib<sup>9</sup> pectore vocib<sup>9</sup> himni<sup>s</sup>  
Inueterata noui<sup>s</sup>  
Octauus tunc erat Idu<sup>s</sup>  
Huic erat iste modu<sup>s</sup>  
Tunc sexagesima prima*

O sentido dos quaes em nosso vulgar he o seguinte.

Guiamos Virgem piedosa, guiai nos Virgem Maria para a patria Celestial, & mostrainos para ella o caminho seguro, de tal modo, que passando desta vida, sejamos chamados para o Ceo, & viamos junto com vosco em vossa companhia. Aqui vos louuamos com os corações, com o animo, com as vozes, & himnos, neste lugar para onde nos mudamos de nouo deixando o antigo. E era entam o outauo dia dos Idos de Agosto, & se perguntardes pela era corria entam a de 1261. a qual cae em o anno referido de 1123.

He o Templo desta casa de grã de Magestade, & grandeza, & excede em hũa, & outra a todos os que ha no Reyno de Portugal. As claustras, dormitorios, & mais

officinas do Conuento são respondentes a esta machina. Toda a fabrica da Igreja, & da mayor parte das outras casas he de pedra branca de tanta graça & fermosura, que auendo tanto numero de annos que são fundadas, estão como se em o tẽpo presẽte se acabarão. Muitos Reys & Principes concorrerão para esta obra. A Igreja, & dormitorio que chamamos velho se fez em tẽpo dos tres primeiros Reys Dom Afonso Henriquez, Dom Sancho Primeiro, & Dom Afonso Segundo. As claustras mandou edificar el Rey Dom Diniz. El Rey Dom Manoel a Sanchristia, & Coro, seu filho o Cardeal, & Rey Dom Henrique os dormitorios nouos, & huns paços que hoje seruem de Hospedaria. Estas peças se fundarão de nouo por serem as antigas que



que se edificaraõ no principio de menos capacidade. Em o tempo presẽte se vai acrescentado, & aperfeiçãoando a casa toda pella industria dos Abbades q̃ a gouernão.

Por doação del Rey D. Afonso Henriques pertentẽ a esta Abbadia 31. Villas, algũas das quaes sãõ portos de Mar, & muitos lugares de terra fertil, & abundante, cuja opulencia se deixa ver, em que tẽdo se desmẽbrado das rendas do mosteiro, a maior parte da sustentação de 80. Religiosos do mosteiro de Coz fundado por hũ dos Abbades antigos de Alcobaça A terça ecclesiastica dos Bispos, a Comenda q̃ hoje possue sua Alteza o Cardeal Infante D. Fernando, & rende 10. & 12. mil cruzados, sẽ outras cousas de menos importãcia, como sãõ hũas quintas, q̃ largou o Mosteiro de N.S. do Desterro de Lisboa, & o que gastou em lhe comprar o sítio, & na fundação do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre. Sõ do remanente se sustentão cem Religiosos em Alcobaça, se fazem os gastos de visitas, & Capitulos geraes da Ordem, & se despẽde em obras mais de mil cruzados todos os annos. Donde nãõ he de marauilhar, q̃ com esta multidão de rendas, quãdo estauão vnidas chegassem o numero dos Monges em algũ tẽpp a 999. com que se introduzio laus perennis, que era perpetua assistência dos Monges no Coro de dia, & de noite. Ainda q̃

nesta multidão nãõ approuou a pontualidade q̃ algũs imaginaraõ de nãõ chegar nunca o numero a mil, & morrer hũ Mõge tãto q̃ entra outro, por parecer isso milagre cõtintuado sêm necessidade.

Foraõ sempre os Abbades de Alcobaça muy respeitados neste Reyno, & estimados dos Reys delle. Eraõ Esmoleres mõres, preminencia q̃ se concedeo aos primeiros Abbades. & se continuou em os mais ate o tẽpo presente, em q̃ os Abbades cõmendatarios prouẽ esta dignidade, como couisa daquella Abbadia. Foraõ algũ tẽpo cõfessores dos Reis de Portugal. Eraõ do cõselho dos mesmos Reys, & cõfirmatõ nas doações immediatos aos Bispos, & primeiro q̃ os Mestres das Ordẽs Militares (o q̃ em direito he grande preminencia, como aduerte Cassaneo.) Em o tẽpo das guerras acudiraõ com certo numero de soldados como os mais Bispos. Visitaraõ algum tempo os Mosteiros de Portugal da Ordem do Patriarcha S. Beto de habito negro, & os da Ordem de Cister muitos annos primeiro por cõmissãõ do Capitulo gẽral, & despois por mãdado do Sũmo Pontifice, & autoridade Real. Em o anno de 1393. se nomea o Abbad Dom Ioão Dornellas Visitador, & Reformador de todos os Mosteiros de Cister do Reyno de Portugal, & deste titulo vsaõ os outros Abbades atẽ os Infantes de Portugal

*Archiuo de Alcobaça liu. 2. da leitura noua fol. 30. de varias doações.*

*Chronica del Rey D. Ioão I.*

*Archiuo de Alcobaça liuro 2. da leitura noua fol. 3. & fol. 41*

*Archiuo de Almozer.*

*Epist. d. Abbad Isidoro Abbadi de Arouca anno 1488.*

## Livro X. da Monarchia Lusitana.

*Liv. 1. de  
Alcobaça  
fol 33 34.  
35. 49. 41  
42. &c.*

Dom Afonso & Dom Henrique, ultimos Prelados perpetuos. Em os triennais se renouou esta dignidade com maior firmeza. Prouiuaõ muitas Abbadias de Mosteiros de sua filhação, como eraõ, Ceixa, Bouro, São Paulo, Tamarães, Maceiradam, Estrella, Priorado de Odioellas, sem os Conuentos terem liberdade de eleger, mas os Abbades de Alcobaça onde quer que estauão, nomeauão os Prelados. Confirmauão as Abbadessas outro fi de sua filhação, quaiseraõ Coz, Odiuellas, Almofter, São Bento de Euora, São Bernardo de Portalegre, & Nossa Senhora de Tauri-

*Torre do  
Tôbo luv.  
das Ordens  
milit.*

*Archiuo  
de Alcobaça  
liv. 2.  
da leitura  
nova fol.  
106.*

ra. Eraõ Prelados maiores da Ordem militar de Christo. Quando se elegia o Gram Mestre assistia o Abbade de Alcobaça, confirmaua sua eleição, & visitaua a Ordem. Perdeose o vso desta preminencia em tempo do Cardeal Dom Henrique Abbade de Alcobaça, que como a respeito de sua pessoa fosse cousa de pouca consideração, se não fez então caso della, & hoje está esquecida.

*Torre do  
Tôbo luv.  
dos foraes  
del Rey D.  
Afonso 3.  
fol. 13.*

O Abbade Dom Esteuão, o qual floreceo pelloos annos de mil duzentos & sessenta, gouernou o Arcebispado de Lisboa por mandado do Papa. Os mais Pontifices cometião aos Abbades de Alcobaça grauissimos negocios, & por tantas vezes, que compadecido o Papa Honorio Terceiro do trabalho dos Abbades, con-

*Archiuo  
de Alcobaça  
fol. 2.  
& da propria  
bulla*

cadeo á sua instancia em o sexto anno de seu Pontificado não pudessem ser constrangidos a aceitar estas commissões tão ordinarias pouco compatueis cõ a clausura, & exercicios monasticos.

A Santidade dos Monges desta casa se prova bem dos titulos, que adquiriraõ de santos, pobres de Christo, de grande hospitalidade. Em doação do anno de mil & cento & settenta & noue feita por Dona Dordia Perez aos Monges de Alcobaça os nomea por Santos. El Rey Dom Afonso na segunda doação desta casa feita ao Abbade Dom Martinho em o anno de mil & cento & oitenta

*Archiuo  
de Alcobaça  
fol. 3.  
da leitura  
nova fol.  
9.  
Doação 2.  
del Rey D.  
Afonso 1.*

& tres lhes dà titulo de pobres de Christo. El Rey Dom Fernando em a doação de Pataias louua esta casa de grande hospitalidade & deuação, & os Monges de zelosos no seruiço de Deos. E o mesmo diz el Rey Dom João o primeiro em outra escritura. São Elogios estes mui abonados, por que as palauras dos Principes soẽ ser recebidas por texto em todas as materias. Hũ argumento mui efficaz se pode fazer da santidade dos Monges de Alcobaça, & dos mais da Ordem de Cister neste Reino, que sendo o Mosteiro de S. Cruz de Coimbra de tãta clausura, & religião como he notorio, se tratou em tempo del Rey Dom Afonso II. que os Religiosos desta casa se mudassem ao habito de Cister, & não estaua ja o negocio em

*Livro 12.  
de leitura  
nova fol.  
6.  
ibid. fol. 3.*

mais

Torre do  
Tôbo 1.º  
dos f.ºs 225  
velho fol  
42. pag. 2

mais que na licença do Summo Pontifice. Ha disto memoria escripta em a Torre do Tombo em hum dos liuros dos foraes de leitura antiga as folhas 42. pag. 2. que por ser antigoalha digna de se saber, he bem va aqui treslada-da, & diz assi.

Ego Alfonsus Dei gratia Portu-  
gallicæ Rex, notum esse volo vniuersis  
presentem paginam inspecturis. Quod  
si Abbas Cisterciensis potueris facere  
cum domino Papa, quod ponat Ordi-  
nem Cisterciensem in monasterio San-  
ctæ Crucis, placet mihi multum, &  
firmum habeo, & acceptum, retentis  
tam mihi, & successoribus meis in eo-  
dem Monasterio iure patronatus, &  
colleclis, & alijs seruitijs, quæ inde fa-  
cere consueuerunt, auctore meo, & patri  
meo, & mihi tali pacto, quod semper  
faciant inde Prætori, & fratribus san-  
ctæ Crucis, amorem, & honorem, se-  
cundum Ordinem suum, quandiu ibi  
voluerint ipsi vivere in suo Ordine. Ta-  
li etiam pacto, quod dent Magistro  
Vincentio Vlixbonen. Decano, & Ma-  
gistro Pelagio Cantori Portugal. sua  
præstimoniam, quæ nunc ab ipso tenent  
Monasterio. Vt autem factum nos-  
trum maius robur obtineat, hanc car-  
tam præcepi fieri apertam, & meo si-  
gillo plumbeo communiri, quæ fuit  
facta apud Colimbriam mense Martio.  
Era M.CC.LVIII.

Ego Vrraca eiusdem Regni Regi-  
na hoc approbo, & confirmo, & nos  
Infant. Donnus Sancius, & Donnus

Alfonsus, & Donnus F.º. & Donna  
Alianor, hoc approbamus, & confir-  
mamus: qui assuerunt, Donnus Mar-  
tinus Ioannes Signifer Domini Regis,  
Donnus Petrus Ioannes Maiordomus  
Curie, Donnus Gonsalvus Mendiz,  
Donnus Laurentius Suarij, Donnus  
Egidius Valasquis, Donnus Garcias  
Mendiz, Donnus Rodericus Mendiz,  
Donnus Petrus Garcia, Donno Pon-  
tius Alfonsi, Donnus Lupus Alfonsi.

Todos estes senhores são Ri-  
cos homens que confirmão. Se-  
guemse os Prelados.

D. Stephanus Bracharensis Ar-  
chiepiscopus. D. Martinus Portuens.  
Episcopus. Donnus Petrus Colimbrien-  
sis Episcopus. D. Suarius Vlixbonen-  
sis Episcopus. Donnus Suarius Ebo-  
rensis Episcopus. Donnus Petrus La-  
mecensis Episcopus. Donnus Bartho-  
lomeus Visensis Episcopus. D. Mar-  
tinus Egitanensis Episcopus. Magister  
Pelagius Cantor Portuens. Petrus  
Garcia testis. Martinus Petri testis.  
Vincentius Mendiz testis. Suarius Ste-  
phani testis. Gonsalvus Mendiz Can-  
cellarius. Dominicus Petri scripsit.

Não ponho a tradução desta  
escriptura, porque para fazer fê-  
do que digo, & satisfazer aos  
curiosos, basta o Latim della. Sò  
aduirto, que a Era de mil & du-  
zentos & sincoenta & oito, em  
que se passou, vem a cahir em  
o anno de Christo de mil duzen-  
tos & vinte, quando passaua ja de

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

120. annos que a Ordem de Cister era fundada, & com tudo per seuerava em a obseruancia de seu mayor rigor, proprio de todas as Ordens em seus principios. Entendo que a causa de se não reduzir a effeito este intento del Rey, foy porque em o fim deste anno de mil duzentos & vinte se mouerão grandes duuidas entre elle, & o Arcebispo de Braga, & mais Prelados do Reyno, as quais durarão até o principio do anno de mil duzentos & vinte & tres, em que el Rey morreo, & assi não aueria lugar para se aplicar este negocio, & solicitar a licença do Summo Pontifice, o qual por este tempo estaua pouco fauorauel a el Rey Dom Afonso.

### CAPIT. XXXIII.

*Como em o Mosteiro de Alcobaça tomou o habito de Monge Pedro Afonso, que foy filho del Rey Dom Afonso Henriques.*

1148.



ESTE Real Conuento floreceo Dom Pedro Afonso, a quem comúnmente fazem irmão del Rey Dom Afonso Henriques, & porque não consta de certo em que anno o chamou o Senhor para a bemauenturança, (como piamente cremos) resu-

mirei aqui breuemente sua vida, com as duuidas que pode auer sobre o parentelco que tinha com el Rey Dom Afonso.

Primeiramente he materia que não cabe em disputa viuer, & morrer em habito de Monge nesta casa hum Principe de sangue Real chamado Dom Pedro Afonso. Isto alem da tradição & memorias que ha nella, assegura o letreiro de sua sepultura, a qual está na Capella mòr da parte do Euangelho, & diz assi.

*Hic requiescit dominus Petrus Alfonsi Alcobacie Monachus F. domini Alfonsi illustrissimi, primi Regis Portugallie. Eius labore, & industria locus iste Cisteriensi Ordini, videlicet hunc loco de Alcobatia fuit datus in Era 1185. Quo anno cepit Rex Alfonsus Primus Portugallie Sanctarenam, quem dominum Petrum Alfonsi de Claustro Alcobatie, ubi prius fuerat sepultus, in die Sancti Ioannis Baptiste in Era 1321. Dominicus Abbas transtulit ad hunc locum.*

Cuja significação em vulgar he a seguinte.

Aqui descansa Dom Pedro Afonso Mõge de Alcobaça, irmão ou filho ( porque hũa, & outra cousa se pode deduzir da letra F. como hũa plica que tem) de Dom Afonso illustrissimo Rey Primeiro de Portugal, por cujo

cujo trabalho , & industria esta terra foy dada á Ordem de Cister, applicandose a este Mosteiro de Alcobaça na era de mil cento & outêta & sinco. No qual anno el Rey Dom Afonso Primeiro de Portugal ganhou Santarem. Ao qual Dom Pedro Afonso, o Abbade D. Domingos mandou tresladar do claustro, aonde primeiro esteue sepultado a este lugar em dia de S. Ioaõ Bautista na era de 1331.

Supposto que deste epitafio se não colhe claramente ser este Principe irmão, ou filho del Rey Dom Afonso. As razões que persuadem ser mais filho que irmão são as seguintes.

Primeira, q de D. Pedro, ou de Pedro Afonso irmão del Rey D. Afonso Henriquez, não ha memoria algũa nas escrituras antigas, & de filho sy; & he cousa muy difficullosa por não dizer impossivel , que Pedro Afonso irmão del Rey não firmasse algũa das escrituras que entam se faziaõ, como os outros ricos homens, supposto que seguio a Corte de seu irmão, & o acompanhou na guerra muitos annos, como todos confessão.

Mais. Se este Principe fora irmão del Rey, & filho do Conde Dom Henrique, otuera de tomar o sobrenome patronymico de Henriques, & não de Afonso. Bem sey que Afonso Diniz foy irmão del Rey Dom Diniz,

& por seu respeito tomou o appellido do irmão. Porem isto foy em tempo, em que ja auia muitos appellidos fora dos patronymicos, & destes se não vsaua com tanto rigor, o que não era naquelles tempos antigos del Rey Dom Afonso Henriquez, em o qual os patronymicos se obseruauão inuiolauelmente. Alem do que ouue differente razão para Afonso Diniz tomar o sobrenome do irmão, a qual se dará a seu tempo.

Faz em confirmação hũa Chronica de mão antiga, que trata dos Reys de Hespânia, a qual se conserua na liuraria do Marques de Castel Rodrigo, & diz claramente que Dom Pedro Afonso, o que acompanhou a el Rey Dom Afonso de Portugal na tomada de Santarem, era seu filho.

Nem ficou a nossos Authores esta verdade escondida, porque Duarte Nunes nomea Dom Pedro Afonso filho bastardo del Rey, entre os que foraõ escollidos para escalar a Villa de Santarem. E posto que tambem falla em outro Dom Pedro irmão del Rey, por cujas amoestacoens diz, que prometeo el Rey de edificar o grande Mosteiro de Alcobaça, com tudo, como os mais Authores falem em hum só Dom Pedro, & pellas escrituras autenticas saibamos, que foy filho del Rey, parecenos

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

fer erro darlhe outro irmão do proprio nome.

Das escrituras porque consta ser Dom Pedro Afonso filho del Rey Dom Afonso Henriques, fizemos ja memoria em o capitulo 18. deste liuro. E supposta esta certeza, & a afeição que este principe reue ao Conuento de Alcobaca, como tambem mostramos, não carece de probabilidade dizer que elle foy o que tomou o habito naquella casa no fim de sua vida, pois do outro irmão del Rey ha as duuidas que ja apontamos. E assi vindo ao particular de sua vida, digo que foy Dom Pedro dotado de singulares partes naturaes, muy inclinado ao exercicio das armas, por cujo respeito era muy estimado del Rey Dom Afonso, cujas bandeiras vitoriosas seguio nas principais occasiões de seu tempo. Dizem que o occupou el Rey em hũa jornada de França a fim de alcançar por meyo de S. Bernardo a confirmação do titulo Real, & neste tépo poderia ja ter quinze annos de idade, a qual era bastante para fazer esta jornada acompanhado de pessoas prudentes que (como he de crer) el Rey mandaria com elle. Depois que reduzio a effeito o sustancial desta embaixada, & gastou algum tempo por aquellas partes seguindo os actos militares, de que vsauão os Caualeiros mancebos; se tornou ao Reyno, & ajudando a

el Rey na guerra dos Mouros deu em todas as occasiões singulares mostras de valeroso, até que ao fim seguindo a milicia mais acertada se dedicou a Deos, tomando o habito no Real Conuento de Alcobaca, sendo ja de idade; porque segundo nos parece foy em o proprio anno em que fez a doação atras referida ao Abade Dom Fernando.

O Doutor Frey Bernardo de Brito tem para sy, que Dom Pedro foy companheiro daquelles mancebos illustres que no Mosteiro de Claraual beberão da cerueja benta pello glorioso S. Bernardo. E passou o caso (segundo contão os Autores da vida deste Santo) que como viessem ter a Claraual huns fidalgos mancebos do Reyno de França, o Santo Abade os recebeu com sua natural afabilidade, & mandandolhe oferecer a despedida algũa cousa de regalo lançou a benção na cerueja que auiaõ de beber, & foy ella de tanta efficacia, que todos os q̃ a tocarão fizeram proposito de mudar a vida, & se fazer Religiosos, o que pello tempo adiante executarão.

Só Dom Pedro Afonso dilatou mais de dar a execução a vocação do Senhor até que (segundo o mesmo Author) a pos em effeito por hum caso milagroso q̃ aconteceu; & foy, que vindo em certa occasião vitorioso de hũa entrada que fizera em terra de Mouros

Mouros com multidão de catiuos, & despojos, & lançandose a dormir à sombra junto de hum Rio começou a sonhar, que Sam Bernardo (o qual ja então era falecido) cõ hũa cogula nas mãos lhe dizia. Por certo tu obedeces mal à graça diuina, que ha tantos annos te espera, & pois tu a não conheces, nem queres seguir tua vocação por ti mesmo eu te obrigarei ao fazer lançandote este meu habito contra tua vontade. E chegando-se a elle parecia vestir-lhe a cogula com tanta preça, que Dom Pedro Afonso se não podia desuiar, & com temor lhe dizia, que pello menos lhe deixasse primeiro despir as armas: porque não assentaua bem habito de Religioso sobre insignias de soldado. Ao que o Santo lhe tornaua, que o Abbade de Alcobaca o liuraria daquelle pezo.

Acordou Dom Pedro, & conferindo este sonho com os pensamentos que antigamente tiuera de deixar o mundo, entendeu ser vontade do Senhor dalos à execução. Foi-se a Alcobaca, aonde recebendo o habito de Religião começou a fazer vida santa, mostrandose tão pontual em seguir a imitação de Christo crucificado como antes o fora em professar a ordem da milicia. Louuase nelle a mortificação, & humildade, o cuidado com que se entregou à oração, & a grande deuação que tene à Virgem nossa

Senhora como verdadeiro filho de São Bernardo. Porque dizem que tanto se enternecia vendo a imagem desta Senhora cõ o menino Iesus nos braços, que não podia conter as lagrimas, & suspiros. Em pouco tempo alcançou muito de Deos, & chegada a hora da morte recebidos deuotamente os Sacramentos da Igreja deu a alma ao Senhor com finais claros de se partir à bemauenturança. Referem, que ao tempo de espirar deixou a casa chea de hũa soberana fragancia em testemunho de ser sua alma pura & agradavel nos olhos de Deos.

## CAPIT. XXXIII.

*Prosegue el Rey Dom Afonso em suas conquistas, e ganha aos Mouros as Villas, e Castelllos que ha entre Leiria, e Lisboa.*



Senhorio dos Arabes se diminua em todas as partes de Hespanha, & no Reyno de Portugal hia descaindo de todo o ponto de sua grandeza. O valor, & felicidade del Rey Dom Afonso se lhe oppunhaõ terribes dous contrarios de sua conseruação, & permanencia. Vendo el Rey quebratados os Mouros com as perdas

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

do anno passado, determinou em o presente de 1148. de seguir a ventura, que se lhe mostrava fauorauel, aproueitándose do temor de seus inimigos. Fez noua lista de gente de guerra, & acometendo os Castellos, & pouoações dos Arabes, da terra da Estremadura os foy logoitado por força de armas em o discurso de algum tempo. Afsinaõ nossas Chronicas o espaço de seys annos em que dizem se fez el Rey Dom Afonso senhor destas terras, & com summa breuidade passão pellas coufas memorauéis daquelle tempo, sendo ellas tam dignas de ficar escritas, como se deixa entender da materia, duração, & mais circumstancias dellas.

Obidos he hũa das praças que nestes tempos se ganharão aos Meuros, Villa forte, cercada de muros firmes, em lugar eminente, & com hũa fortaleza fundada em Rocha, & por estremo defensivael. O territorio fertil de pão, prouido de pescado com a vizinhança do mar, & de hũa lagoa muy notauel. Foy esta Villa pello tempo adiante do tal das Raynhas de Portugal com outras terras, de que costumauão fazer grossas esmolas, & algũas obras insignes que hoje permanecem.

Torres Vedras he outro lugar principal adquirido neste tempo por el Rey Dom Afonso. Tem hum Castello em lugar alto, a terra fertil & apraziuel. Foy tambẽ

algum tempo das Raynhas de Portugal, & em particular a possuiu a Raynha santa Isabel, a qual teue mais terras da Coroa que nenhũa outra Raynha deste Reyno, como mostrarei em sua vida.

Seguiu-se a tomada de Aléquer à conquista das outras Villas, em cujo cerco dizem nossas historias que gastou el Rey dous meses, & deuiaõ de ser bem notauéis os feitos em armas, que então se obrassẽ. He Alenquer hũa das Villas principaes deste Reyno, chamandose antes Ierabrica ficou com o nome de Alenquer do tempo dos Alanos. He terra igualmente abundante de campo & monte, situada em lugar alto, & com vista apraziuel. Hum Rio corre do Sertão, o qual rega suas veigas por grande espaço até se meter em o Tejo, com cuja vizinhança, & principalmente da Cidade de Lisboa, da qual dista hũa breue jornada he a Villa muy estimada. A Infanta Dona Sancha neta del Rey Dom Afonso Henriques foy a primeira pessoa de sangue Real, que possuiu esta Villa. Esta no archiuo Real a carta de foro que mādou passar a seus moradores. Permaneceo pellos annos seguintes em a obediencia das Raynhas Portuguezas, & em algũas occasiões defendeo seu partido, & sustentou guerra com muita constancia. Poucos annos ha que seus moradores se logoitarão

*Resend da  
antigueda  
de lib.*

*Damião  
de Gouveia  
descripção  
de Lisboa*

*Archiuo  
Real lib. 3  
del Rey D.º  
n.º 10. fol.  
38º*



ao Conde de Salinas Visorrey q̃ foy deste Reyno, o qual possuio a Villa com titulo de Marquez della.

Alem destas forças mais principaes que nossas Chronicas apõtaõ, foytõ el Rey Dom Afonso outras de igual nome, & algũs Castellos com que ficou absoluto senhor da Estremadura, que he toda a terra que corre de Coimbra até Calcaes, & Sintra entre o Rio Tejo, & mar Oceano, em distancia quasi de quarêta legoas. Ganharão se as Villas, de Abrâtes & Torres Nouas, ambas muy fortes em o sitio, firmeza dos muros, & Castellos, de terreno fresco & abundante. O Castello de Penella, Ourem, & outros por esta comarca mais interior, & pella parte do mar o Castello de Porto de Mós, os de Alfeizeram, Alcobaca, & a Villa de Mafra (a qual tenho por mais prouauel se tomou despois de Lisboa) & finalmente todas as mais terras fortes em que os Mouros residiaõ, os quais forão lançados fora, & derão lugar ao senhorio dos Christãos para sempre em aquella Prouincia.

Todas estas terras, & outras muitas eraõ ja habitadas em aquelle tempo, porque a terra posto que menos povoada entam que no presente, não estaua de todo herma, como algũs imaginão, & a mesma razão o persuade, pois os Mouros que tinhaõ feito

assento por estas partes auiaõ de cultiuar, & habitar pello menos as mais abundantes. Temos alem da conieitura o testemunho de escripturas que conuence & confirma bem esta verdade. Em a doação das terras de Alcobaca feita por el Rey Dom Afonso a Sam Bernardo em o anno de 1153. se nomea ja Algibarrora, bem afamada despois pella insigne victoria del Rey Dom Ioão o Primeiro, a Pederneira, Sélir, & outros lugares. E do Castello de Alcobaca consta ser lugar muy forte quando o Mosteiro se fundaua, pois el Rey Dom Sancho o Primeiro filho del Rey Dom Afonso Henriques tinha alli depositada parte de seus thesouros, como elle diz em seu testamento, do qual daremos razão em outro lugar.

*Tomo 4º  
lib. 12º*

Esta fundado o Castello de Alcobaca em hum lugar alto quasi encostado em hum monte mais leuantado, prolongado do Norte ao Sul, de grande frescura, & fertilidade. Da parte do meyo dia se leuanta outro monte de igual abundancia diuidido do primeiro, com hum estreito valle, por onde vem fazendo seu curso hum pequeno rio, ao qual se ajunta em hũa planicie muy alegre & cheia de arvores fructiferas, outro rio que vem da parte Oriental, & correndo ambos para o Norte, junto ao primeiro monte, fazem volta para o Occidente, & regão por grãde espaço

os

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

os fertilissimos campos da Maiorga, & Abbadia, até que vão pagar tributo ao Mar Oceano junto da villa da Pederneira. Entre estes dous rios pouco antes de se juntarem, está fundado o Real, & mui sumptuoso Mosteiro de Alcobaça, & pella margem delles diuididos & juntos se estende a villa com o nome deriuado dos mesmos rios, que são Coa, & Baga, & com hum dos mais aprasiueis & deleitosos assentos que pode ser ha em grande parte do Reino de Portugal, & fora d'elle; porque seodo a terra dos montes tão fructifera & viçosa, como temos dito, a excede a do mesmo valle com grande ventagem; & assi causa deleitosa vista a que a contempla do Castello, ou de outro lugar mais alto. A fortaleza do Castello era grande para o tempo antigo, porque alem da firmeza do edificio & altura das torres que nelle se leuantaraõ, he cercado de muros & baluartes mui fortes. Em o tempo presente se vai danificando, & não parece a fabrica de muita dura contra a força da artilharia, se fosse bacida.

### CAPIT. XXXV.

*Do nascimento del Rey Dõ Sancho o primetro, de outras cousas deste tẽpo To case a antiguedade do apellido dos Costas.*



Felicidade destes annos se rematou com o nascimento do Infante Dom Sancho, a quem o Ceo tinha destinado para herdar a Coroa deste Reyno. Teue outros irmãos mais velhos, & foi dos vltimos entre todos os filhos & filhas del Rey Dom Afonso. Naceo em Coimbra a 11. de Dezembro do anno de 1154. em dia do glorioso São Martinho, por cuja causa lhe foi posto tambem o nome do Santo. A historia dos Godos refere hua & outra cousa com as palauras seguintes. *Ex maribus solus remansit Martinus cognomento Sancius, qui nocte festi Beati Martini natus fuerat. Era M. C. LXXXXI.* Quer dizer. Dos filhos varoões del Rey Dom Afonso ficou só Martinho cognominado Sancho, o qual naceo em a noite da festa de São Martinho da Era de Cesar de 1192. E ser este o anno proprio do nascimento deste Principe, declara a memoria da tresladação de São Vicente do Archiuo da Sêde Lisboa, & de Alcobaça, dizendo, que em o anno de 1173. era o Infante Dom Sancho filho del Rey Dom Afonso Henriques de dezanoue annos, & que daua grandes mostras de sua boa inclinação, & natural excellente.

*Histor. dos Godos,*

*Memoria da tresladação de S. Vicente*

Neste mesmo anno de 1154. mandou el Rey passar a escriptura do Couto do Mosteiro de Semide

mide, de que atras se tem dito, & nella confirmão os senhores seguintes.

Fernão Pirez com titulo de Dapifer, que he o Mordomo da casa, ou Trinchante, como ja aduirtimos. Pero Paez com titulo de Signifer, Vasco Pirez, Moço Viegas, Lourenço Viegas, Ermigio Viegas, Paio Paez, Rodrigo Paez, que se intitula, *Princeps Colimbria*, isto he Governador, Pero Viegas Procurador da mesma Cidade, Mendafonso, que tinha o Castello de Arouce, Gonçalo da Costa, Rádulfo Zoleima, Martim Ania, Pedro Guauinas, Martim Zouparel. Dó Ioão Bispo de Coimbra. Amberto Cancellario.

Mal se pode determinar, se era Gonçalo da Costa Rico homem, como sabemos que são outros aqui referidos, por não ser a escriptura original, fora das quaes se poem as vezes as firmas sem ordem. Contudo não duuido que fosse fidalgo principal, & do seruiço del Rey Dom Afonso, o que me assegura tambem certa memoria de Santa Cruz de Coimbra, que está em hum liuro escripto de mão, que contem homilias de Santo Agostinho, & diz assi.

*Era Millesima centesima nonagesima tertia pridie nonas Decembris. D. Gonsaluus de Sousa, & D. Rodericus Alcaide, & Donno Goalterio, & Menendus Alfonsi, & Gonsaluus de Costa, & Martinus Nunes, & Petrus Viegas Maiordamus Colimbria, &*

*Fuas de Belfurado. Omnes isti ad Sanctam Crucem venerunt numerare aurum Regis, & inuenerunt ibi viginti septem millia morabitinorum, quos inde Gonsaluus de Sousa leuauit. Quer dixer.*

Na Era de 1193. (que he anno de Christo de 1155.) hum dia antes das nonas de Dezembro, que he a 3. do proprio mes, D. Gonçalo de Sousa, & D. Rodrigo Alcaide, & Dom Goalterio, & Mendafonso, & Gonçalo da Costa, & Martim Nunes, & Pedro Viegas Mordomo de Coimbra, & Fuas de Belfurado, todos estes vierão a Santa Cruz a contar o ouro del Rey, & acharão vinte & sete mil marauedis (eraõ moedas de quinhentos reis) os quaes leuou dahi Gonçalo de Sousa.

Do teor destas palauras consta ser Gonçalo da Costa do seruiço del Rey, & hum dos fidalgos de sua casa.

Em tempo del Rey D. Afonso Terceiro acho Martim Mendafonso Alcaide de Eua, consta da doação de Aluito, que fez a Camara da dita Cidade ao Chancelier Esteueanes, grão priuado do mesmo Rey.


Pellos annos seguintes em varios tempos achamos Costas, & hoje sabemos que ha casas muy principaes, & morgados ricos deste appellido. Trazem os Costas por armas em campo vermelho seis costas de prata formadas nos cabos do escudo, & postas em tres faxas,

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

faxas, & por t timbre duas costas das armas em aspa, atadas com hũa fita vermelha.

### CAPIT. XXXVI.

*Da restauração do Conuento de Chellas junto á Cidade de Lisboa. Tocaõ sealgũas antiguidades.*

 Vnto á cidade de Lisboa, meia legoa pello Tejo acima corre o valle que chamão de Chellas, quasi do meio dia para o Norte, o qual he fresquíssimo, & aprasiuel, pella multidaõ & fermosura das quinras, & hortas de que està occupado. Em o remate d'elle se fundou hum Conuento de Religiosas mui principal, & insigne pella antiguidade de seus primeiros principios; porq̃ querem dizer, & ha d'isso tradiçãõ, & alguns indicios, que em o tempo da gentildade viuerãõ neste lugar virgens vestaes. Despois em o tempo da primitiua Igreja se fundou Téplo aos gloriosos Martyres São Felix, & Santo Adrião, os quaes em diuersos tempos, & por varios casos vieraõ aportar, & desembarcar neste lugar, aonde então (segundo tambem dizẽ) subia o Mar.

Da morada das Vestaes em Chellas duuidão alguns, por lhe parecer, que as não ouue fora de

Roma, & que era obrigação de serem todas de Italia. Porem este fundamento desfazem outros afirmando as auia em Troia, & muito antes de Roma; pois Rheia Syluia mãi de Romulo fundador de Roma foy Virgem Vestal, & antes della outras. Porem ainda assi fica duuidoso, se moraraõ as Vestaes em Chellas, que em tanta antiguidade não ha certeza.

Da Igreja antiga de Chellas dedicada aos gloriosos Martyres São Felix, & Santo Adriano, & da vinda destes Santos a esta casa cõ seus cõpanheiros, não pode auer duuida. Padeceraõ estes Santos em tempo dos Imperadores Diocleciano, & Maximiano, São Felix Diacono cõ doze companheiros em Espanha na cidade de Girona, Santo Adriano cõ sua mulher Santa Natalia, & outros onze companheiros em Nicomedia de Bithinia. Foi o Senhor seruido que suas reliquias viessem aportar ao lugar de Chellas, São Felix primeiro (não se sabe o tẽpo certo) por cujo respeito se chamou a Igreja que os Christãos alli fundaraõ de seu nome. Santo Adrião muitos annos adiante estando ja Espanha sogeita ao imperio dos Arabes, permanecendo contudo Christãos em Lisboa, & em seus termos, ou dos q̃ ficaraõ viuendo nella em tempo dos Mouros, ou dos q̃ a vierãõ habitar na restauração, que por este tempo fez el-Rey D. Afonso o Magno.

Este

Onufrio  
colheu das  
coufas de  
Roma fol.  
85. & 86

Este Principe, do qual diz Sampyro que chegou com suas conquistas ate o rio Tejo, mandou hũa embaixada ao Papa Ioão Oitauo pellos annos do Senhor de oitocentos & setenta & dous, & foraõ os Embaixadores dous Clerigos chamados Seuerio, & Alerico, & por o Papa o obligar com outra embaixada, & promessa de lhe mandar muitas Reliquias, tornou a mandar a Roma o Conde lesuado, senhor das Montanhas de Bonhal, a quem o Papa recebeu com grande contentamento, & quando se ouue de partir, lhe mandou dar alem de outras Reliquias os corpos de Santo Adriaõ, & Santa Natalia com seus companheiros. Parece que o Conde fez a volta por mar, & vindo aportar a Lisboa, deixou aos Christãos que alli auia parte das Reliquias, para se depositarem em a Igreja de Chellas, & parte leuou a el Rey Dom Afonso, o qual mandou fazer hum Mosteiro no Valle de Tunhon da inuocação dos mesmos Santos. Isto dizem autores graues fide dignos, a cuja conta quero que fique o credito deste ponto.

Não consta se esta mesma Igreja permaneceu nos annos seguintes, quando a furia dos Mouros se embraueceu mais contra os Christãos destas partes, ou se por causa da perseguição as desampararão de todo os nossos, &

a Igreja ficou destruida, posto que dizem se achou alli huma pedra de letra Gotica, a qual declara como na Era de mil auia alli Igreja. O que he certo, que as sagradas Reliquias se esconderao em o proprio lugar de Chellas, ate que restituida vltima vez a Cidade de Lisboa ao senhorio dos Christãos pello valeroso Rey Dom Afonso Henriques, se descobrião os corpos sagrados, se renouou a Igreja, & se tornarão a venerar pellos fieis da terra, o que deuia soceder por este tempo em que vai proseguindo a nossa historia pouco mais ou menos, & por esta causa nos pareceo referir aqui a restauração desta casa.

Deuse este lugar primeiro a a frades, como consta de hũa escriptura da Torre do Tombo feita no mes de Agosto do anno do Senhor de mil & cento & noventa & dous por el Rey Dom Sancho o Primeiro, & da confirmação della por el Rey Dom Afonso o Segundo no anno de mil & duzentos & dezanoue, em ambas as quais se diz, que viuiaõ em Chellas frades, aos quaes se faz a doação, que he de hũa vinha. Não pude descobrir nas escripturas que vi de que Ordem fossem. O autor da Chronica de São Domingos diz, que eraõ da Religião Militar de São Ioão que chamamos de Malta.

Sampyro  
na histor.  
de Es.  
nha.

Morales  
liu. 5. fol.  
156.

Reyes 4.  
p. fol. 355.

Morales  
liu. 15. fol.  
168.

Reyes 4.º  
fol. 348.  
e 352.

Torre d  
do Tombo  
liu. 1.º  
dos si  
raes ant  
gos fol. 6

## Livro X. da Monarchia Lusitana.

Torre do  
Tôbo lib.  
das mer-  
ces de so-  
rais del-  
Rey Dom  
Afonso 3.  
fol. 26.

Em o anno do Senhor de mil & duzentos & settenta & hum ja aũa freiras em Chellas. Faz el Rey Dom Afonso Terceiro troca com a Prioressa por nome Tareja Fagundes, de hũa herdade que tinha em termo de Lisboa por outra do lugar de Maloza junto a Santarem, que as freiras lhe deraõ. De outras escrituras tambem consta morarem freiras naquella casa antes do anno referido. De que Ordem foffem estas Religiosas naquelle tempo (que no presente são Conegas Regulares) se duvida. Eu vi algũas escrituras originaes naquella casa, & Breues dos Summos Pontifices, em que se diz serem as freiras de Chellas da Ordem de Santo Agostinho. E hum Breue do Papa Gregorio Nono, o qual està tresladado em publica forma em Lisboa a desfete de Junho do anno de mil & quatrocentos & vinte & sete, Escriuão Martim Afonso, declara serem Conegas, & chama sua Ordem de Conegas, são as palauras formaes estas. *Vt ordo Canonicus, qui secundum Deum, & Beati Augustini regulam in eodem loco institutus esse dignoscitur.* Em outros Breues se acha serem freiras de Santo Agostinho conforme os estatutos dos Frades Pregadores. Assim diz hum Breue de Gregorio Vndecimo dado no segundo anno de seu Pontificado, & outro de Martinho V. passado em Roma

nos idos de Outubro anno 9. de seu Pontificado.

Não he cousa noua que as freiras de hũa Ordem se sojeitem a outra, mayormente quando em ambas se guarda a mesma Regra, como vemos fizeraõ as freiras de Semide, as quaes sendo de habito negro do Patriarcha São Bento, goardaraõ os estatutos & reza de Cister ate nossos tempos (como o fazem ainda as de Muimenta da Beira) & foraõ governadas por Monges de Alcobaça. Assim parece que fizeraõ as freiras de Chellas, as quais por mayor perfeição goardaraõ algum tempo os estatutos de São Domingos, & se sojeitarão á sua Ordem, sendo Conegas Regulares.

E posto que o autor da Chronica de São Domingos se persuade, que foraõ as Freiras de Chellas algum tempo de sua Ordem, fundado em os Breues referidos, & em outro de Clemente Quarto, em que diz serem da Ordem de Santo Agostinho, & goardarem os estatutos, & estarem debaixo do governo dos Frades Pregadores. E em dizer em certa escriptura hũa Prioressa de Chellas, tratando da Ordem dos Pregadores, *De cuja Ordem nos fomos sojeitas*, & finalmente não serem estas freiras chamadas Conegas Regrantes, se não Conegas de Santo Agostinho. Contudo mais nos parece, que foraõ sempre Conegas Regrantes, porque para serem

Liv. X. c.  
13. & 14

ferem primeiro de hũa Ordem, & depois de outra, auia de preceder licença do Summo Pontífice, ou de quem tiuesse suas vezes, & esta nem se allega, nem cuidando que a pode auer, porque senão costuma dar ainda a particulares pessoas, senão a fim de mayor perfeição. E ou ella se concedeo em o tempo antigo, quando diz, que os Religiosos de São Domingos pedirão absoluição do gouerno daquela casa, ou em os tempos proximos, quando as freiras deixaraõ de todo a reza & ceremonias dos Padres Pregadores. Não em o primeiro, porque o mesmo autor diz se pedio aquella absoluição, por as Religiosas não quereré goardar a clausura & mais rigores a q̃ as obrigauaõ, & assi não tratauaõ então de se melhorar: menos em nossos tempos em que se faz tanto por qualquer preminencia; & obrigação tinhão os Padres de S. Domingos de impedir a tal mudança por não confessar tacitamente mayor perfeição na Ordem para a qual se fazia; o que não he de crer de gente tão sabia, & attentada.

Nem os fundamentos contrarios tem força, porque nos breues allegados distintamêre se nomea a Ordem de que erão as freiras de Chellas, que era a de Santo Agostinho, & a dependencia que tinhão dos frades Pregadores, que era só na administração, & em goardarê seus estatutos, como das

freiras de Semide temõs dito, que sendo de hũa Ordẽ, as gouernauão Religiosos de outra, cujos statutos goardauão. O lugar referido da Prioressa proua o côtrario do que o autor pretende; porque se estas freiras forão de S. Domingos, ouuera de dizer sómente, *de cuja Ordem nas fomos*, mas acrescentando, *sogettas*, mostra claramente diuersidade das Ordens, & conueniencia só na sogeição & dependencia do gouerno. A palavra, *regantes*, não importa que se especifique quãdo se trata das freiras, porque esta se costuma ajuntar aos Religiosos por distincão dos Conegos seculares. Por este modo se tira a confusão, se dá melhor expedição aos breues & escrituras de Chellas, & se concilião os lugares dellas que parecem encontrados.

Porem o ponto não he de importancia, & ou se siga nelle hũa ou outra opinião, sempre fica certo q̃ em tempo del Rey D. Afonso Henriques, & depois da tomada de Lisboa se renouou a Igreja de Chellas, se deputou a gente Religiosa, & se descobrirão os preciosos thesouros das Reliquias de S. Felix, Adriano, & seus companheiros. Em nossos tépos se aperfeiçoou muito esta Igreja, & Mosteiro, & em dous altares se depositarão as Reliquias dos Santos Martyres Felix, & Adriano, cada hum com seus companheiros em hum Altar, & a ambos se puse-

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

rão Epitafios, que dizem deste modo.

O de S. Felix da parte do Euãgelho he este.

*Beatissimo Christi Domini Martyri Felici Diacono, alijsque duodecim Martyribus, qui impiorum gladio sub Diocleciano occubuerunt, quorum corpora hic iacent ante Alfonsum primum Portugallie Regem, hoc altare dicatum est.*

O de Santo Adrião he o seguinte.

*Fidelissimo, atque inuictissimo Christi Domini Martyri Adriano, & Natalie uxori eius, alijsque undecim socijs, qui sub Maximiano vario tormentorum genere occubuerunt: quorum corpora ante Alfonsum primum Portugallie Regem hic quiescunt, hoc altare dicatum est.*

A lingoagem do primeiro diz assi. Este altar se dedicou ao beatissimo Martyr de Christo nosso Senhor Felix Diacono, & a outros doze Martyres, que foraõ mortos pellos tyrãos, sendo Emperador Diocleciano; cujos corpos aqui jazem sepultados antes do tempo de Dom Afonso primeiro Rey de Portugal.

A lingoagem do Epitafio de S. Adrião he esta. Dedicou se este Altar ao fidelissimo, & inuictissimo Martyr de Christo Nosso Senhor S. Adrião, & a Santa Natalia sua mulher, & a outros onze companheiros, os quais, imperando Maximiano foraõ mortos cõ va-

rios generos de tormentos, cujos corpos descansão neste lugar antes de Dó Afonso primeiro Rey de Portugal.

### CAPIT. XXXVII.

*Dã el Rey D. Afonso principio à conquista de Alentejo, & faz hũa entrada nas terras dos inimigos. Toma principio a Ordem de S. Iulião do Pereiro.*



Não tomava repouso o grande Rey D. Afonso Henriques, em o excicio das armas, antes o dar fim a hũas emprezas lhe abria caminho a outras, & em lugar do descanso deuido aos trabalhos passados, entrauaõ nouas occupaões & cõquistas. Assi acõteceo em o tempo presente, que dando fim com tanta gloria à conquista da Estremadura, emprendeo logo a de Alentejo, a qual durou muitos annos cõ porfiada obstinação de ambas as partes: em cuja guerra ouue feitos mui insignes, variedades notauéis, ainda q não sabemos de muitas destas cousas, por se descuidarem os antigos de as deixar em lembrança, & sô a caso temos dellas algũas memorias.

Do liuro antigo da Sé de Coimbra sabemos, que em Agosto do anno do Senhor de 1156. se prepa-

1154.

Liuro de  
Coimbra  
fol. 175



preparava a gente de Coimbra para hũa importante jornada. Hũ fidalgo por nome Pedro Froiaz faz testamento neste tempo, & de clara nelle, como quer que a sua herdade de Lourola venha à Sê de Coimbra por sua morte, & ao mosteiro de Santa Cruz da mesma Cidade muitas terras em Alchebedec, & Almalaguez. E fazêdo esta piedosa repartição, diz q̃ faz seu testamento, por temer o dia de sua morte naquelle caminho, & acrescenta estas palauras. *Si autem in hac expeditione mortuus fuero, & amici mei me adducere huc potuerint, sepeliant me in Ecclesia Sanctae MARIAE.* Isto he. Se eu morrer nesta jornada, & for caso que meus amigos possão trazer o meu corpo, lhe daraõ sepultura em a Igreja de Santa MARIA.

Mal se pode determinar que jornada fosse esta, & menos o successo della. Porem daqui consta clarissimamente não só a verdade, mas tambem a difficuldade da empreza, pois este Caualeiro fazia para ella as preparações como quem tinha a morte por muy vezinha.

Em este mesmo anno se assina o principio da Ordem militar de São Iulião do Pereiro, sendo ja Pontifice Adriano Quarto por morte de Anastasio també Quarto, successor de Engenio Terceiro, Monge da sagrada Ordem de Cister. Eugenio falleceo a noue de Julho do anno de 1153. tendo

gouernado santamente a Igreja do Senhor oito annos, quatro meses, & doze dias, & aduerte delle Gaufrido escritor daquelle seculo ser de tão grande merecimento para com Deos, que sua virtude se manifestou em Roma com copia de milagres. Anastasio não viveo mais em o summo Pontificado que hum anno, quatro meses, & vinte & quatro dias. Foy Conego regular assi como seu successor Adriano, posto que alguns os fação Monges da Ordem do Patriarcha S. Bento.

O principio da Ordem Militar de São Iulião foi este. Alguns Caualeiros do Reino de Leão (o principal dos quais dizem se chamava Dom Sueiro, & era natural de Salamanca) moidos por particular inspiração de Deos, se resolverão de gastar toda sua vida em a guerra dos Mouros. Pareceo a todos conueniente fundar primeiro hum Castello forte, donde pudessem fazer entradas nas terras dos inimigos, & resistir quando fossem acometidos. Em Riba de Coa (terra então da fronteira dos Mouros) acharão hum Hermitão por nome Atuando, o qual fora em outro tempo gram soldado; por sua ordem fundarão o Castello perto da hermita em que viuia, & se dizia São Iulião de Pereiro, ribeira do rio Coa, & dez legoas distante de Salamanca. Com breuidade chegou à perfeição o

Gaufrido  
navega de  
S. Bernar  
do 1153. co  
2.

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

edifício pella industria dos nobres Caualeiros, & deuacão dos fieis daquella comarca. Começarão elles com grande animo a guerra, & com a fama de seu nome adquirida em algũas prosperas jornadas, se atemorizarão grãdemente os Arabes.

Para que estes principios se continuassem, importaua muito a concordia, & para esta era necessario algum modo de vida religiosa em que se vnisssem. Por Reys Cen  
turia 7. conselho do mesmo Hermitão Amando se forão a Salamanca, aonde era então Bispo hum Religioso varaõ da Ordem de Cister por nome Ordonho. Por seu parecer se fogeitarão à mesma ordem, & aceitaraõ da mão do Bispo os estatutos & regra de viuer. Não era em aquelle tempo necessaria approuação do Summo Pontifice para se instituirem de nouo Religioes, bastaua que o Bispo da prouincia as approuasse. Assim o fez Ordonho à noua Ordem de São Iulião, a qual contudo quis ser confirmada alguns annos adiante pella Sê Apostolica a primeira vez sendo Papa Alexandre Terceiro, em o anno do Senhor de 1177. A segunda em tempo do Papa Lucio Terceiro, correndo o anno de 1183. E a terceira em o anno de 1205. governando o Summo Pontificado Innocencio taõbem Terceiro.

Quando se cõcedeo a primeira confirmação, era ja morto Dõ

Sueiro em certo recontro que teue com os Mouros, & governaua seu irmão Dom Gomez, a quem o Papa nomea por Prior de São Iulião do Pereiro. Mas em a segunda confirmação se lhe dá ja nome de Mestre da dita Ordem, o qual se perpetuou em seus successores, & deriuou aos mais Prelados supremos das Ordens militares. Teue Dom Gomes grandes guerras cõ os Mouros, & tomou alguns lugares, por cujo respeito elle & seus companheiros foraõ mui fauorecidos dos Reys de Leão.

Ganhou-se a villa de Alcantara aos Mouros em o anno do Senhor de 1213. & foi dada por el-Rey de Leão Dom Afonso o nono aos Caualeiros de Calatraua (outra Ordem militar de q̃ adiante trataremos) cujo Mestre era então Dom Martim Fernandes de Quintana. Foi-lhe posta condição que ordenasse nesta Villa outro Conuento semelhante ao de Calatraua, donde se fizesse guerra aos Arabes. Pello tempo adiante julgou o Mestre, & Caualeiros de Calatraua que se obrigaraõ a muito, & lhes não seria possiuel sustentar Alcantara & Calatraua juntas. Renunciaraõ a doação de Alcantara ao mesmo Rey Dom Afonso estando em Ciudad Rodrigo. Chegára neste tempo a mesma Cidade o mestre de S. Iulião do Pereiro Dom Nuno Fernandez o terceiro, contando a Dom Gomez

Gomez por primeiro, o qual se offereceo a el Rey que defenderia Alcantara, & mudaria para la o seu Conuento. Aceitou el Rey a offerta & o Mestre de Calatraua renunciou logo em o de S. Iuliao todo o direito que tinha na villa de Alcantara; & para que ficasse algũa lembrança desta renunciação, ordenaraõ entre si, que a Ordem de São Iuliao fosse visitada pellos Mestres de Calatraua, & tiuesse outras dependencias, com q os de Calatraua se persuadem ter superioridade naquella Ordem, & que seja filiação sua. Mas os Caualeiros de Alcantara alem de mostrarem que são mais antigos, allegão ser feito aquelle contrato sem ordem do Summo Pontifice, & o arguem de outras nullidades que nos não importão.

Deste tempo em diante não sò mudou sitio a Ordem de São Iuliao, mas tambem o nome, & se chamou de Alcantara, ao que ajudou muito vir o Conuento de São Iuliao & sua comarca á Coroa de Portugal, & perderem os Caualeiros de Alcantara o que por estas partes possuião. O vestido de que usaraõ em o principio, foy escapulario, que chegaua abaxo dos gíolhos com capello atras. Este lançauão sobre certa vestidura pouco mais cumprida, & acomodada a pessoas Religiosas. E como pello tempo adiante se visse ser este modo de vestido de algum impedimento para a

milicia, se mudou este traje, & trazem oje sobre os vestidos a Cruz verde com remates de flor de Lis como he notorio. Em o Coro, & actos conuentuaes usaõ de mantos brancos, segundo o estylo dos conuerlõs da Ordem de Cister, cuja regra professão, & destes mantos usaõ tambem os freires, que são os Religiosos, que não seguem a milicia. Teue esta Ordem trinta & seis Mestres atè se vnir á Coroa Real, & todos com seus Caualeiros se empregaraõ em as guerras de sorte que a seu valor, & das mais Ordens militares se deue a mayor parte do que adquiriraõ em suas conquistas os Reys de Espanha.

CAPIT. XXXVIII.

*Da morte da Rainha Dona Mafalda de Portugal, & do Emperador Dom Afonso de Castella.*



OMEÇA o Anno do Senhor de 1157. calamito. 1157. so aos Reynos de Espanha, pella morte do Emperador Dom Afonso Rey de Castella, & Leão, & da inclyta Rainha de Portugal Dona Mafalda. Da morte daquelle Principe trataõ as historias de Espanha, & a da Rainha D. Mafalda, alsinaõ os liuros da Nea, & dos obitos de Santa Cruz de Coimbra, par-

*Liuro d  
Nea &  
obitos d  
S. Cruz*

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

ticularizando que foi a 4. de Novembro deste mesmo anno.

Louuaõ muito nostros escritores as perfeições natraes desta Princesa, & as virtudes que exercitou em o discurso de sua vida. Mostraõ como se auantejou em o zelo do culto diuino, em a hospitalidade & misericordia. Aquelle se manifestou na fundação das Igrejas, esta em a instituição dos hospitaes & esmolas dos pobres. E com ser certo que a Rainha Dona Mafalda, & el Rey D. Afonso Henriques fundaraõ muitas Igrejas & Mosteiros, erradamente se lhe atribue a fundação de algũs, & se lhe nega a de outros. Onde não sei se he certa a computação de 150. Mosteiros, & Igrejas que lhe assinaõ.

Hũa das Igrejas que dizem ser edificada pella Rainha Dona Mafalda he a de S. Pedro de Rates, porem sabemos ser fabrica do Conde Dom Henrique, & da Rainha Dona Tareja, como expressamente se relata em a doação feita por estes Principes ao Mosteiro de Charidade do Reyno de França. Tambem o Mosteiro de Leça, cuja fundação se applica à Rainha Dona Mafalda, consta de varias escrituras da Sé de Coimbra, & de outras partes ser muito mais antiga. Por outra parte o Hospital & Igrejas de Canaueses mandou fazer esta Rainha, & não a outra Rainha de Castella Dona Mafalda filha del Rey Dom

Sancho o primeiro de Portugal, como algũs escreuem.

Em hum liuro pequeno de leitura antiga da Torre do Tombo escrito em folhas de pergaminho vi o testamento da Rainha Dona Mafalda molher del Rey Dom Afonso Henriques, em o qual pude ler as palantras que se seguem. *E destas portagens que eu assi leixo ao meu Hospital de Canaueses, se repararõ sempre bem & cumpridamente o paço que para ello deixo ordenado, o qual estará sempre liure, & bem reparado de telha & madeira, & com boas portas fechadas, porque os peregrins, q bi albergarem não recebão algum desaguifado, & sejam bi camas boas, & limpas em que se possãõ bem albergar none desses peregrinz, aos quais serãõ dadas rações da entrada, & saída, & lume, & agoa, & sal quanto lhe fizer mister. E finandose algum destes peregrinz, seja enterrado com tres Missas de sobre altar, & com pano & cera, & porque isto nunca pereça, todosse deuebem arrecadar assi as portagens, como as outras rendas. E porque me el Rey deu priuilegios porque se esta cousa melhor firmasse, não será escuso nenhum da dita portagem, por razão da obra ser para bem dos mingoados, que tenho que será prol das almas del Rey & minha, & dos Reys & Rainhas que de nos vierem, &c.*

Destas vltimas palauras se ve bem claro, como esta Rainha era molher del Rey Dom Afonso, & não sua neta Dona Mafalda, que morreo donzella em Aronca, cu-

jo testamento se cõserua naquella casa.

Faleceo a Rainha Dona Mafalda em a cidade de Coimbra, ordinaria morada então dos Reis de Portugal, & foi sepultada em o mosteiro de S. Cruz da mesma Cidade. Não foi a sepultura qual se deuia a sua grandeza, que os Principes daquelle tempo vsuão de menos faustos. O grande Rey Dom Manoel mandou fazer dous sepulchros insignes para jazigo dos primeiros dous Reys q̃ estauão sepultados naquella casa. Para o del Rey Dom Afonso Henriquez se tresludaraõ os ossos da Rainha sua molher, & estão nelle em ataude distincto, como alcansei de hũa relação manuscrita daquelle casa.

A morte do Emperador Dõ Afonso primo, & comperidor antigo del Rey Dom Afonso Henriquez foi em o lugar de Calzona, na Serra Morena, quãdo voltava de hũa entrada que fizera em terra de Mouros. Assistiolhe o Arcebispo de Toledo Dom Ioão, & recebidos de sua mão os Sacramentos com grande deuacão, deu sua alma ao Senhor, em 21. dias de Agosto. Engrandecem muito os escritores suas virtudes, affirmando não ser menos illustre na paz, que nos negocios da guerra. Sua deuacão, & amizade com S. Bernardo testemunhaõ os celebres Conuentos da Ordem de Cister, edificados & dotados por

elle mesmo. Hum caso lhe acon-teceo, que por ser raro, merece ser aqui particularizado. Hum Ca-ualeiro Galego, dos que antigamente tinham titulo de Infanções (era dignidade pouco menor que a de Rico homem) tomou a hum laurador seu visinho a mayor parte de sua fazenda, sendo amoe-estado porem Rey que a restituisse, se não daua por achado, nem trataua de obedecer. A perturbação dos tempos, a necessidade das guerras, a dependencia que os Reys tinham de seus vassalos, fazia insolentes os nobres daquelle tempo. Este se ajudaua tambem da distancia da terra, a qual ficando nos vltimos fins de Galiza, como tão desuiada da Corte lhe prometia mayor seguran-ça ao castigo de seus excessos. Dis-simulou o Emperador algũs dias, & quando vio occasiã se partio aforrado para Galiza, & dando de subito em a terra daquelle fidalgo, o ouue às mãos, & mandou enforcar diante de sua mesma casa. Com isto se restituiu a fazenda vsurpada, & com a fama de tão exemplar castigo se remedearão de algum modo as demasiãs dos poderosos.

Hũa cousa se nota neste Principe, que foi o desejo demasiado de dilatar seu senhorio, tentação que dá brauos combates aos animos dos Principes, & tanto com mayor dano, quanto as menos vezes se conhece. Virtude heroica  
he,

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

he, & digna de animos Reais, tratar do acrecentamento de seus Reynos: mas se excede os limites da razão, & procede fora das conquistas justificadas, causa irremediáveis danos, além da condenação das almas. Com muita elegancia, & energia reprende Pomponio Letto aos Principes Christãos esta cobiça de acrescentar seus estados com diminuição dos vizinhos, tendo os inimigos da Fé tão largos campos em que poderão satisfazer seu desejo. Com igual zelo o cantarão em suas Estancias o Poeta Portuguez, & o Toscano. Muito louvor se deve aos Principes que se liurão desta peste, & mayor aos que se occupão nas emprezas justificadas, que são em gloria de Deos, & augmento de sua Igreja, como sempre fizeram os inclytos Reys de Portugal, cujos santos intentos deriuados a seus successores, possue ainda como prenda de mayor estima esta Coroa, porque para dilatar a Fé, & ampliar o estado da Christandade, como disse o mesmo Poeta,

*Não saltarão Christãos atreimentos  
Nesta pequena casa Lusitana.*

Quando o Emperador Dom Afonso morreo, tinha dous filhos já nomeados Reys em sua vida, Dom Sancho o mais velho Rey de Castella, & Dom Fernando o mais moço Rey de Leão, ambos de excelente natural, & gentis

partes, posto que a Dom Sancho não deixou a breuidade da vida manifestar suas grandes virtudes.

Em os outros Reynos de Espanha taõbem auia por este tempo novos Principes. Em Nauarra reinaua Dom Sancho, a quem as obras excellentes de sua vida derão appellido de sabio. Entrara no Reyno em o anno de 1150. por morte de seu pai Dom Garcia, o que dissemos fora chamado à successão daquela Coroa, quando foi morto sobre Fraga D. Afonso o Batalhador, que possuio Aragoão junto com Nauarra.

Dom Ramiro o Monge, irmão, & successor de Dom Afonso em Aragoão, era falecido em o anno de mil & cento & quarenta & sete, & deixara por herdeira sua filha Dona Petronilla casada com Dom Ramon Conde de Barcelona, por cuja via se vnio a Aragoão o estado de Catalunha. Fizeram este Principe liga com o Emperador antes de sua morte para mouer guerra a Nauarra, mas o nono Rey Dom Sancho confederandose com os Franceses, fez galharda resistencia a estes Principes, & não deu lugar a preua-lecerem seus intentos menos justificados em esta acção, que na guerra dos Mouros, em que

obrarão cousas

infignes.

(.)

CAP.

CAPIT. XXXIX.

*De hũa grande vitoria que  
el Rey Dom Afonso al-  
cançou dos Mouros junto  
a Alcacere do Sal, & co-  
mo ganhou a propria vil-  
la despois de dous mezes  
de cerco*

1158.



Vma das praças q̃  
mais sangue custou  
aos Portuguezes, cu-  
jos campos teruiraõ  
por vezes de thea-  
tro em que se representarão va-  
rios acontecimentos de guerra,  
foi a villa de Alcacere do Sal, mui  
celebrada em o tempo antigo, &  
fortalecida grandemente por ar-  
te & natureza. Está este lugar ao  
longo da Ribeira do Sadão, que  
faz o famoso porto de Setuual,  
comunicando suas agoas com as  
do mar. O Castello he altíssimo  
de taipa de formigaõ, foi fortíssi-  
mo antigamente, & agora quasi  
de todo arruinado cõ o tempo.  
Fica sobre o rio quasi rocha talha  
da posto da parte da terra, que es-  
tá para a banda de Lisboa. Aqui  
esteue o Conuento de Santiago  
na Igreja de Nossa Senhora dos  
Marryres (dõde se mudou a Mer-  
tola, & despois a Palmela) obra  
sumptuosa, & de muitas Capellas,  
agora ja deserta, & com hum só

Capellão. Tambem aqui ouue  
Paços dos Commendadores, que  
erão cabeça de Religião neste  
Reyno antes de auer Melires, aõ-  
de agora está o Conuento de Ara-  
celi de Religiosas Claras. Tem  
na terra & termo trigo, gado, le-  
nha de pinho, pomares; no mar  
sal em grande abundancia, & nu-  
merosos peiscados. Os Salemas,  
Freires, Fonssecas, Correas, Bote-  
lhos, & Mascarenhas possuê aqui  
Morgados, & se rem por decen-  
dentes dos principaes conquista-  
dores.

Ia os annos passados tratara  
el Rey Dom Afonso com muito  
calor reduzir esta praça a seu se-  
nhorio; mas era tão grande sua  
fortaleza, & estava tão bem pro-  
uida de soldados, & cousas neces-  
sarias para soffrer o cerco, que fo-  
rão de balde estes acometimen-  
tos. Duas vezes fairs el Rey com  
seu exercito por terra, fazendolhe  
companhia por mar algũs baxeis  
de Franceses, & de outras nações  
do Norte, & com todo este po-  
der junto não pode auer às mãos  
a villa de Alcaçar, por mais com-  
bates que lhe deu, & diligencias  
que fez nesta materia. Parece que  
não quer Deos que nestes calos  
da vitoria contra os inimigos os  
homens vão muy confiados em  
suas proprias forças: samente na  
esperança de sua ajuda. Donde  
vem vermos casos cometidos por  
tantas & taes pessoas, que no ju-  
zo dos homens parece não auer  
cousa

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

couza que lhe possa resistir, & tudo succede ao contrario: & outros em que tudo fica na misericordia de Deos, & succedem prosperamente, como aconteceu nesta empreza tornada a repetir dentro de pouco tempo. Porque el-Rey D'Afonso partidos os estrangeiros tornou em outra occasião, correndo o anno do Senhor de 1158. com exercito só de Portuguezes, & com a confiança mais firme no fauor do Ceo, & pos hū apertado cerco a esta villa, em o qual durou ate a ganhar com famosa vitoria de seus contrarios.

Dous meses durou este cerco, em o qual se fizeraõ altas prouas de esforço de ambas as partes, porque os combates se dauaõ a meude, & em todo o discurso deste tempo não ouue dia em que não ouuesse peleja entre os Christãos & Mouros, como se relata em a historia dos Godos, & em hum recontro que ouue em desasete de Junho morrerão alguns dos nossos, de que faz memoria o liuro dos obitos de Santa Cruz de Coimbra com estas palauras.

*Liuro dos obitos de S. Cruz.* Decimo quinto Calendas Iulij commemoratio illorum qui mortui sunt in oppugnatione Castri qui dicitur Alcaçar. Isto he: que a quinze das Calendas de Julho (que são 17. de Junho) se faria comemoração pelos que morrerão no combate da villa de Alcaçar. Finalmente em 24. do proprio mez, quando o mundo venera a festa do gran-

de precursor de Christo, combaterão os nossos a villa com tanto esforço, que não valêdo aos Mouros o muito cô que se defendião, ella ficou entrada, & el-Rey D. Afonso lançando fora as reliquias dos Arabes, a fez pouoar de gente bautizada, & fortaleceo conforme o lugar requeria. Faz relação de todo este successo a historia dos Godos com as palauras seguintes.

*Histor. dos Godos.* Era 1196. septimo Calendas Iulij feria secunda, in die Sancti Ioannis Baptistae captum fuit Castellum de Alcaçar à Rege Donno Alfonso. Iam quidem prius obsederat eum, per duas vias adiutus multitudo nautium, quae aduenierant de partibus Aquilonis, id est de Francia, & finitimis eius partibus. Sed nondum auerterat Deus miserationem suam ab eis, nunc vero iam completa erat malitia & iniquitas eorum, & auertit faciem suam ab eis, & tradidit eos in manus Christianorum. Obsedit autem eum Rex Donnus Alfonsus tantummodo cum exercitu suo fere per duos menses, quotidie oppugnans eum fortiter, & tradidit eum illi Dominus in die Sancti Ioannis Baptistae, eieclis inde omnibus Sarracenis. Anno regni eius trigesimo tertio.

Não ha para q̃ traduzir estas palauras, pois ja a sustancia dellas fica relatada. Sô aduirto que antes desta tomada de Alcacere parece que em o tempo deste cerco asina a mesma historia aquelle insigne feito que obrou el-Rey Dom Afonso, quando o feriraõ em



*Histor. dos  
Godos.*

em hũa perna, & foy que com sessenta de caualo desbaratou quinhentos caualeiros Arabes, & dez mil infantes, o que attribue a mesma historia a grande milagre, dizendo. *Item sexaginta milites Christiani dnce Alfonso Rege semiamati vincit atque prostigauit in agro Salaciensi decem millia peditum bene armatorum, & quingentos equites ferocissimos, quod fuit instar ingentis miraculi. Rex Alfonso lancea sauciatus est in tibia.*

Este successo he muy parecido a outro q̃ contão nossos historiadores, & foi, q̃ estando el Rey D. Afonso em o anno do Senhor de mil & cento & sessenta & sinco na villa de Aleaçar do Sal, como saisse afforrado com sessenta homens de caualo, & algũa gente de pé a ver o sitio de Palmela (a qual estaua em poder de Mouros, & denia ser ganhada algum dos annos atras, despois do anno de mil & cento & sincoenta & oito, em que el Rey a tomou a primeira vez) encontrou com el Rey de Badajoz, & dando sobre elle repentinamête, lhe desfez seu exercito, o qual constaua de sessenta mil homens de pé, & quatro mil de caualo. Alguem poderia julgar serem estes dous o mesmo acontecimento, pois em ambos se mostra auer da parte del Rey sessenta caualos, & da parte dos inimigos muy desigual numero. Poré temos por mais certo que os casos forão diuersos, não sô pella

variedade do tempo, & numero dos Mouros, mas por termos alcãçado ser a guerra muy cõtinuada por aquelles tempos, & que podiaõ produzir não só estes effeitos em algum modo semelhâtes, mas muitos outros, que não chegarão a nossa noticia.

CAPIT. XXXX.

*Instituição da Ordem de Calatrava, & outras cousas notauéis desle tempo.*



Ouernaua os annos <sup>1158.</sup> passados o Imperio dos Arabes de Africa, & Espanha Albohali Rey dos Almorauides, familia q̃ auia ja muitos annos possuia o sceptro daquella gente. Leuátou-se em Africa hũ homẽ de baixa sorte chamado Abdelmon, a quẽ certo Astrologo por nome Tumerto tinha declarado, que o Ceo & as estrellas lhe prometião imperio. São os Mouros muy dados a esta vã sciencia, & tem por couisa certa o que os Astros pronosticão, & que se não pode quebrantar o que por esta via se alcança. Florecia nesta occasião hum pregador daquella seita, tido por homem de vida santa, & de singular doutrina por nome Almohades, o qual publicando certas declarações de sua ley, ritos, & ceremonias com que

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

se despertaraõ os animos do vulgo inconstante, chegou a persuadir a muitos tomassem as armas debaixo da bandeira de Abdelmon, com quem tinha conhecimento & amizade. Não ha cousa que mais perturbe hũa Republica, & dê atrauez com o governo della, que os motinz levantados com pretexto de Religião, & piedade. Bastarão estes a destruir de todo o ponto o Reyno dos Almorauides, & introduzir novos senhores entre os Mouros, que do nome daquelle seu pregador se ficaraõ nomeando Almohades. Estes não contentes com o senhorio de Africa, passarão a Espanha, aonde persuadirão facilmente aos Arabes as opinioes de sua feita, & com isto os obrigarão a seguir o novo imperio fundado em Africa. Vierão a Espanha em o anno do Senhor de mil & cento & cincoenta, & deste tempo em diante se tornaraõ a renouar as guerras que tinham com os nossos com mayor furia. A Portugal coube boa parte, como nossa historia irã declarando. Em Castella, & nas outras prouincias não estauão ociosos, fundouse a illustre Ordem da Caualaria de Calatraua, para resistir ao impeto desta gente na forma seguinte.

Era o lugar de Calatraua em aquelle tempo fronteiro dos Mouros, & por estar em sitio forte muy estimado dos Christãos. Es-

taua a cargo dos Caualeiros Templarios por concessão del Rey Dom Afonso o Septimo, o qual os annos passados o restaurara do poder dos Arabes, que o tinham usurpado aos nossos depois que el Rey Dom Afonso o Sexto o adquirio com suas armas. Soaraõ neste anno de mil & cento & cincoenta & oito novos apparatos de guerra, & movimentos dos Mouros Espanhoes & Africanos contra esta villa. A fama foy exaggerando estas novas de maneira, que os Caualeiros do Templo desconfiados de suas forcas, & temerosos da infamia que se lhe seguiria, se aquella fortaleza se perdesse em seu poder, se foraõ a Toledo, & a renunciaraõ liuremente nas mãos del Rey Dom Sancho, que então reinaua em Castella. El Rey que assi por causa da guerra, como de outras occupaçoens importantes se via então cercado de cuidados, fin-tio muito o lanço daquelles Caualeiros, & muito mais quando despois de fazer offerta da renécia daquelle Castello a muitos Grandes de sua Corte, não ouue quem se arreuessse a lançar mão della. Porem acudio o Senhor aonde parece que os remedios humanos hião faltando.

Andaua naquelle tempo em a Corte hum santo Abbade da Ordem de Cister, por nome Dõ Raymundo, cuja Abbadia era Fiteiro, não juto ao rio de Pisuerga, como

*Lobeira  
da vida de  
S. Eloylan  
Brat. Cro-  
nica de Ci-  
ster hu 5.  
c. 6.  
Tepes 10.7*

como alguns imaginarão, mas em o Reyno de Nauarra, como doutamente mostraõ alguns de nossos escritores, & trazia por companheiro hum Monge chamado Frei Diogo Velasquez, o qual fora gram soldado viuendo em o mundo. Tratou este com o Abbade pedisse a el Rey a defensão da villa de Calatraua, offerecendose a sustêntala mediante o fauor diuino contra o poder dos Mouros. Resolusão era esta muy desproporcionada às forças de hum pobre Monge, mas como hia guiada por ordem superior, foy o Senhor dispondo as cousas de modo, que se vio bem fer inspiração sua. Porque o Abbade D. Raymundo, ainda que ao principio lhe pareceo este negocio muy arduo, ao fim persuadido das razões de Frei Diogo Velasques, se offereceo a el Rey, que sustentaria Calatraua à sua propria custa, sendo sua Alteza seruido de lhe dar o senhorio della, como promettera. El Rey posto que ficou admirado, considerando contudo, que não sem ordem do Ceo se moueraõ aquelles Religiosos a cometer cousa tão fora de seu estado, & profissão concedeo o que lhe pediaõ, & fez doação a Dom Raymundo, & aos mais Abbades de Eireiro seus successores da villa de Calatraua, com o que se dispuserão logo à sua defensão o Abbade, & Frei Diogo com grande cuidado.

Não faltaraõ fies que offerecessem grossas esmolas para os gastos da guerra. O Arcebispo de Toledo (em cuja diocese cae Calatraua) deu muito dinheiro, & com sua authoridade, & amoeftações se offereceraõ muitos por companheiros dos varoës Religiosos naquella empreza. Com estas preparações & gentil ordem com que Frei Diogo Velasques dispoz as cousas da guerra se fortaleceo muito a Villa de Calatraua, & os Mouros ou temerosos destes apparatus (que logo chegaraõ a sua noticia) ou diuertidos com outras occupaões, não fizeram por então a jornada q̃ tinhaõ publicado.

Daqui tomou principio a inclyta Milicia de Calatraua, porque o Abbade Dom Raymundo vendo a muita gente que concorria a ajudalo na guerra dos Mouros, para que o feruor destes Principes não faltasse, ordenou tornassem todos o habito Religioso, & se obrigassem por votos àquelle modo de vida. E porque o habito Monachal podia causar embarço ao exercicio das armas, fez vsassem de outro mais competente quando sabião ao campo, que era hum pequeno escapulario sobre as armas; & assim se occupauão no tempo da paz em os diuinos lououres, como verdadeiros Religiosos, & seruião em a occasião da guerra como valerosos Caualeiros. O tempo

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

foy apurando estes estylos, & introduzio distincção entre Monges & Caualeiros; porque quando tomauão o habito se dedicauão logo alguns sòmente à milicia, & eraõ tratados como Caualeiros, vsando da reza de contas, & ceremonias dos connerfos da Ordem de Cister. Os outros que se offerecião ao seruiço do Coro, & exercicios Monachaes, eraõ ordenados sacerdotes, & guardauão mayor clausura. Em huns & outros vemos que ouue mudanças, mayormente em os vestidos, porque os Caualeiros com trazerem em o peito as cruces vermelhas com remates de flor de Lis, não differem em o mais trajo dos seculares. Os Religiosos em o habito de Clerigos trazem as mesmas Cruces, & sò em o Coro cõseruão os mantos brancos em memoria do habito Cisterciense. Creceo esta Ordem em rendas, & casas, & morto o Abbade Dõ Raymundo (de quem o Arcebispo de Toledo Dõ Rodrigo diz, que floreceo com milagres) se gouernou por Mestres, em cujo tempo se fizeraõ cousas muy finaladas em a guerra dos Mouros. Em o tempo presente são os Reys de Espanha administradores della, & repartem as comendas pella principal nobreza de seus estados.

El Rey Dom Sancho de Castella foi atalhado cõ a morte, & não pode executar as heroicas

virtudes de que era dotado, porque faleceo em o vltimo dia de Agosto deste mesmo anno de 1158 Pella breuidade de sua vida, & gouerno, & bõs principios que nelle mostraua, alcançou o sobrenome de desejado, porq̃ hoje se conhece. Foi casado com Dona Rica irmã del Rey Dom Sancho de Nuarra, della ouue Dom Afonso o Oitauo deste nòme, que lhe socedeo em o Reyno minino de tres annos, & varaõ perfeito em os annos seguintes, obrou cousas insignes em paz & em guerra, como em parte veremos.

Por este tempo faltou em Coimbra o Bispo Dom Ioão Anaia prelado illustre, & de grande animo. Foi posto em seu lugar Dom Miguel Religioso de Santa Cruz, o qual deu a esta casa muitas izenções, & a jurdição Episcopal, principio das grandes differenças que despois ouue entre os Bispos de Coimbra, & os Conegos Regulares naquelle Mosteiro.

### CAPIT. XXXXI.

*Do casamento feito entre a Rainha Dona Mafalda, filha del Rey Dom Afonso Henriques, & o Principe de Aragoã.*



Staua em o principio deste anno na cidade de Tuy (pertencente então

então a seu senhorio) o vitorioso Rey Dom Afonso Henriques, quando chegou D. Ramon Conde de Barcellona à mesma Cidade. Viuia este Principe casado (como ja aduirtimos) com Dona Petronilla Rainha proprietaria de Aragão, & tinha vnido por esta causa àquelle Reyno os seus estados de Catalunha. E como fosse de animo generoso, igoalmente illustre em os negocios de paz & guerra, desejou de trauar estreita amizade com el Rey Dom Afonso Henriques, de cujas excellencias o mundo publicaua grandes cousas. Para este fim lhe pareceo meio acomodado o casamento de seu filho herdeiro Dom Ramon (o qual despois da morte do pay se chamou Afonso) com Dona Mafalda filha segunda do mesmo Rey Dom Afonso Henriques. E tendo isto ja contratado (como he de crer) por meio de seus embaixadores, se fez na volta de Portugal com illustre acompanhamento, & chegou à cidade de Tuy como temos dito. Bem poderia ter tambem outro fim a viagem daquelle Principe, que as cousas daquelle tempo perturbadas com occasião das guerras não consentião viuer os Reys muito quietos. Mas só do contrato que então fizerao do casamento de seus filhos, nos chegou a memoria.

Trata deste casamento a Chronica manu escrita del Rey Dom

Afonso, ainda que com alguns erros. E o nega com hum largo discurso o Licenciado Duarte Nunes, affirmando não só ser falso o que a Chronica antiga diz deste casamento, mas que nem era possiuel effectuar-se, por quanto em Aragão não ouue Principe D. Ramon filho do Cōde Dom Ramon, & da Rainha Dona Petronilla, nem em Portugal a Rainha Dona Mafalda filha del Rey Dō Afonso Henriques.

Eu digo tres cousas. A primeira que Aragão teue aquelle Principe. A segunda que em Portugal ouue esta Rainha. A terceira que entre ambos se fez em a Cidade de Tuy contrato de casamento. Da primeira daõ testemunho os historiadores de Hespanha, affirmando como por morte do Conde Dom Ramon, que faleceo em o anno do Senhor de 1163. entrou em o principado do pai seu filho Dom Ramon, o qual mudando o nome se chamou D. Afonso, & foi entre os Reys de Aragão o segūdo daquelle nome.

Da segunda verdade fazem demonstração muitas escrituras antigas. Hũa do Mosteiro da Salzeda da Ordem de Cister, o qual está junto à Cidade de Lamego, diz assi. *In nomine sancte, & indiuidue Trinitatis Patris, & Filij, & Spiritus Sancti Amen. Veteris, ac noui testamenti autoritas nos monet, vt quodcumque ratum ac stabile fore velimus memorie literis commendemus. Ea-*

*Chronica del Rey D. Afonso 1.º. Duar. Nunes fol. 37 na vida del Rey D. Afonso.*

*Mariana lib. 1.º. c. 9.º. Caril. na chronolog. ann. 1163.*

*Archiuo do mosteiro de Salzeda, & o liuro das doações fol. 2.*

## Liuro X. da Monarchia Lusitana.

propter ego *Alfonsus Portugalsium Rex*, & *uxor mea Regina Mabalda* una cum filiis meis, Rege scilicet *Sancio*, Reginaque *Orraca*, & *Regina Mabalda*, facimus tibi *Tharasia Alfonsi* cartam donationis, ac scriptum in perpetuum firmissimum, de toto illo cauto de *Argeriz* cum omnibus suis pertinentijs, &c. Facta carta mense Iunii per manus *Petri Amarelli*, qui est scriba sub manu *Alberti Magistri Cancellarij Regis Alfonsi* in Era M. C. LXIII.

Quer em Summa dizer, como el Rey Dom Henriques com sua molher a Rainha Dona Mafalda, seus filhos Dom Sancho, Dona Orraca, & Dona Mafalda fazião doação da terra de Argeriz a Dona Tareja Afonso, &c. E mostra ser feita a escritura em a Era de 1193, que he anno de 1155. Muitas outras escrituras tenho visto, as quais confirmão o mesmo ponto, & não he necessario fazer mayor declaração dellas.

Quanto ao terceiro ponto do casamento desta Princesa com o Principe de Aragão, apresento a escritura seguinte da Sê de Braga, a qual diz assi.

*In nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti Amen. Notum sit omnibus hominibus tam presentibus, quam futuris, quontam ego Raymundus Dei gratia Comes Barcinonensis, & Princeps Aragonensis recipio à te Alfonso eadem gratia Rege Portugallie filiam tuam Reginam nomine Mabaldam, eo pacto vt tradam eam in uxorem filio*

*Liur. fidei  
da Sê de  
Braga.*

meo *Raymundo*, qui debet esse post me *Comes Barcinonensis*. *Dono itaque & concedo iam dicta Regina in Arris iure matrimonij ciuitatem Gerundam cum omnibus terminis, & cum vniuerso comitatu suo, & Castrum de Capraria cum omnibus terminis, & hoc donum facio tali ordine & pacto, vt memorata Regina habeat & possideat omnibus diebus vite sue, & post mortem suam remaneat infantibus, qui ex ea & filio meo fuerint generati; si verò ex ea & filio meo filius superstes non fuerit, remaneat propinquioribus meis. Facta carta in Tudensi ciuitate tertio Kal. Februarij Era M. C. LXVIII. presente me *Comite Barcinonensi* cum Rege *Portugallie*, presente etiam *Ioanne Bracharensi Archiepiscopo*, & *Vilhelmo Barcinonensi Episcopo*, & *Petro Cesaraugustano*, & *Menendo Lamecensi Episcopo*, nec non & *Isidoro Tudensi Episcopo*. Presentibus quoque *Raymundo de Prouincia*, & *Mergurio*, & *Pontio de Capraria*, & *Arnaldo Palariensi*, & *Comite Donno Petro de Asturias*, & *Comite Donno Ramiro*, & *Donno Gansaluo*, nec non & *Comite Donno Valasco*. Presentibus quoque alijs Baronibus, videlicet *Gansaluo de Sousa*, memorati *Regis Dapifero*, *Petro Pelagij Signifero*, necnò & *Egea Fasila eiusdem Regis Barone*.*

Traduzida em vulgar diz assi, Em nome do Padre, Filho, & Espirito Santo Amen. Saibão todos presentes & futuros, que eu Raymundo por graça de Deos Conde de Barcelona, & Principe de Aragão recebo de vos D. Afonso, pella

pellá mesma graça Rey de Portugal vossa filha a Rainha Dona Mafalda com tal condição que a dê por mulher a meu filho Dom Raymundo, o qual ha de herdar o Condado de Barcellona despois de minha morte. E dou em arras por causa deste casamêto à sobredita Rainha a Cidade de Gerunda com seus termos, & todo seu Condado, & o Castello de Cabreira com todos seus termos, para que ella os possua em sua vida, & por sua morte fiquem aos Infantes que della & de meu filho nascerem. E em caso que não tenham filhos, os aueraõ os meus parentes mais chegados. Foi feita esta escritura em a cidade de Tui a trinta de Janeiro da Era de mil & cento & nouenta & oito, estando eu presente com el Rey de Portugal, & assistindo tambem o Arcebispo de Braga Dom João, Dom Guilherme Bispo de Barcellona, Dom Pedro de Caragoça, Dom Mendo de Lamego, D.º Isidoro de Tny. E sendo tambem presentes os Condes Dom Raymundos de Proença, Mergurio & Pontio de Cabreira, & Arnaldo Palariense, o Conde Dom Pedro de Asturias, o Conde Dom Ramiro, & Dom Gonçalo, & o Conde Dom Vasco. Assistindo mais outros Baroẽs, conuem a saber Gonçalo de Sousa Trinchante del Rey, Pero Paes Alferez, & o Barão Egas Fafes.

Destá notauel escritura se pro-

ua bem a verdade deste casamento, ou do contrato delle. Tambem se conuence não ser possível o que diz a Chronica manuscrita del Rey Dom Afonso, de se achar presente a elle a Rainha Dona Mafalda mulher do mesmo Rey, pois conio temos mostrado, era falecida auia tres annos. Do argumento q̃ faz Duarte Nunes da pouca idade da Princesa quando a ouuesse, por onde lhe parece impossivel este casamêto, não ha que fazer caso, pois neste anno de 1160. em que tuerão vista aquelles Reys na cidade de Tuy, não dizemos mais que contratarê casamento entre seus filhos, o que bem podia ser, ainda que elles fossem (como eraõ) de pouca idade.

Se chegarão a consumar o matrimonio, ou a Princesa foi leuada a Aragão he ponto de mayor difficuldade, em que me parece mais certa a parte que nega hũa cousa & outra, por quanto em o anno de 1164. no Mes de Março estaua ainda a Rainha Dona Mafalda em Portugal, & como neste tempo ja fosse morto o Conde Dom Raymundo que solicitou estas vodas, & não aja noticia alguma em os escritores de Aragão de se falar nellas despois de sua morte, entendendo que se impidiraõ ou por morte da Rainha (da qual pellos annos adiante não acho memoria) ou por razões de estado de algũ destes Reynos. Que a

## Livro X. Da Monarchia Lusitana.

Rainha Dona Mafalda estiveſſe em Portugal em o anno de 1164. apontado, mostra claramête hũa eſcritura do moſteiro da Salzeda, em a qual o Biſpo de Lamego D<sup>o</sup> Mendo dimittre áquelle Moſteiro a jurdição Episcopal de ſeu conto, & diz que o faz por parecer do Excellentiſſimo Rey D<sup>o</sup> Afonſo, & de ſeus filhos D. Sancho, Donna Vrraca, & Dona Mafalda, & acaba a eſcritura cõ eſtas palauras. *Fuit autem factū hoc ſcriptum per manum Magiſtri Petri Gun-*

*Archivo  
de Salze-  
da, Glu.  
das doa-  
ções fol. 9*

*ſalvi Regis Sancij Cancellarij. In Era M.CC. 11. Menſe Marcia. Martinus Compoſtellanus Archiepiſcopus teſtis. Petrus Portugalenſ. Episcopuſ teſtis. Gunſalvus de Sausa Dapifer Regiſ teſtis, Petrus Pelaiç teſtis. Ego Alſonſus Portugalenſium Rex roboro atq; confirmo. Ego Sancius Rex roboro, atque confirmo. Ego Regina Oiraca roboro, atque confirmo. Ego Regina Maalda roboro, atque confirmo. Ego Menendus Dei gratia Lamecenſis Episcopuſ hoc ſcriptum quod fieri ſeci propria manu roboro. Ego Petrus Mauruſ Canoniciſ Lamecenſis confirmo. Ego Robertuſ Canoniciſ confirmo.*

### CAPIT. XXXXII.

*Em que ſe trata da conquiſta de Beja, & das vezes que foi ganhada.*

1162.



Ontinuauaſe neſte tẽpo com grande proſpectividade a guerra dos

Arabes na provincia de Alentejo, & as pouoações de mayor nome reduzião por força de armas ao ſenhorio del Rey Dom Afonſo. Em o anno preſente de 1162. ſe ganhou a cidade de Beja illuſtre em tempo antigo, & de maior fertilidade que ha em toda eſta provincia. Eſtã fundada em hũa eminencia de terra chãa, a qual ſe leuãta com pouca deſigualdade em o meio de campinas muy abundantes, com cujos fruitos ſe enriquece a terra de pão, vinho, & azeite em grande copia. Tem figura circular, & eſtã cercada de muros com muitas torres, em q̃ ſe ſingulariza hũa por eſtremo forte, & de altura deſmedida. Foi antigamẽte Cidade mais eſtimada, porque em tempo dos Romanos era hum dos tres conuentos juridicos ou Chancellarias q̃ auia na Luſitania; antes da entrada dos Mouros em Eſpanha foi cabeça de Biſpado, cujo titulo ſe mudou deſpois a Badajoz. Ficou tão arruinada com a guerra & ſenhorio deſtes barbaros, que ainda que reſtaurada pellos noſſos, não pode leuantar cabeça ao que dantes fora. Eſta Cidade ſe conquistou com menos trabalho do que ſe imaginaua; porque appellidandoſe algũs Capitaes del Rey Dom Afonſo, a acometeraõ em hũa noite de inuerno, & eſcalaraõ animoſamente com grande felicidade. Relata a hiſtoria dos Godos eſte inſigne feito cõ eſtas palauras.

*Era*



*Era M.CC. pridie Kalendos Decembris in nocte Sancti Andrea Apostoli, Civitas Paca, idest Begia ab hominibus Regis Portugallis Donni Alfonsi, videlicet Fernando Gonsalui, & quibusdam alijs plebeis militibus, nocte invaditur, & viriliter capitur, & Christianis possidetur anno regni eius 35.*

Em nosso vulgar quer dizer. Na era de 1200. (he anno de 1162) hum dia antes das Calendas de Dezembro, em a noite da festa do Apostolo Santo Andre a cida de Pacense, que he a mesma que Beja, foi acometida de noite pelos homens del Rey Dom Afonso, conuem a saber por Fernão Gonçalvez, & outros Caualeiros ordinarios, & foi por elles ganhada com marauilhofo esforço, & así ficou em poder dos Christãos em o anno 35. do reinado daquel le Rey.

Para a palaura, *plebeis militibus*, a qual traduzi nesta de, Caualeiros ordinarios, se deue aduirtir, que o nome Latino, *miles*, o qual significa soldado, se toma nas escrituras antigas por soldado de caualo, & consequentemente por pessoa de calidade. Muitos exemplos pudera trazer, hum só apon- to do foral de Leiria dado por el Rey Dom Afonso em o anno de 1142. no qual em respeito da gente nobre, & plebea estão estas palauras. *Miles de Leirena stet pro meliore milite de tota terra Regis in iudicio, & peon pro meliore peone.* Isto he: que ao Caualeiro de Leiria se

goardaria em juizo o foro do melhor Caualeiro do Reyno, & ao pião, do melhor soldado de pé. Así que o nome, *miles*, se contra- poem ao de soldado de pé, & denota nobreza. Porem como nem todos os Caualeiros podiaão descender de geração antiga de nobreza conhecida, pois com a variedade das guerras se levantauão cada dia muitos, & dauão principio a casas illustres, como ainda hoje acontece, se fazia differença entre os Caualeiros de antiga nobreza, & os que não descendião de sangue illustre, nomeandose aquelles sômente Caualeiros por natureza. Em o mesmo foral se segué estas palauras, *Si miles per naturam ibi perdiderit equum suum, & recuperare non poterit, semper stet in foro Militis. Alius vero miles qui non fuerit per naturam, si perdiderit equum stet in foro militis per duos annos, deinde si non habuerit, de rationem.* Quer dizer. O Caualeiro por natureza em caso que perca seu caualo, & o não possa recuperar, sempre vencerá o foro de Caualeiro. Mas o Caualeiro q o não for por natureza, perdendo o caualo, estará só dous annos nesta reputação, & no fim delles se o não puder tornar a alcançar, pagará razão, isto he, o foro da gente plebea.

Em outros lugares se declarão algũas differenças entre estes Caualeiros, que não he deste lugar apon- talas, & o dito só ferue a decla-

## Liuro X. Da Monarchia Lusitana.

á declaração daquellas palauras, *plebes militibus*, que querem dizer, caualeiros dos ordinarios, & não da antiga nobreza, os quais ganharão a el Rey Dom Afonso a Cidade de Beja. De seu Capitão Fernão Goncalves ha memoria em algũas escrituras, em que assina com outros fidalgos fora do numero dos Ricos homens. Hũa de Santa Cruz de Coimbra se apontará adiante, que servirá de proua a esta verdade.

*Chronica del Rey D. Afonso c. 37.* Outra tomada de Beja se refere em nossas Chronicas muy differente desta que temos relatado. Porque se afirma, que ganhando el Rey Dom Afonso Alcacere do Sal, & outras praças de Alentejo em o anno do Senhor de 1155. pos logo cerco à cidade de Beja, o qual se foi dilatando alguns dias. Os mouros de Andaluza neste meio tempo ou com intento de diuertir el Rey, & lhe fazer levantar o cerco de Beja, ou por se satisfazer dos danos que fazia a sua gente, entraraõ em Portugal, & foraõ destruindo algũas terras da Beira, atè chegarẽ à villa de Trancofo, á qual puserão cerco. Foi el Rey certificado da entrada desta gente, & ou pela desestimar, ou por lhe parecer que a villa de Trancofo estaua bẽ fortalecida, & com bastante presidio para defender o cerco, & resistir á furia daquelles barbaros, não quis fazer mudança, nem desisttir dos combates de Beja. Foi

de igoal dano esta resolução aos moradores de Trancofo, & Beja, porque huns & outros foraõ entrados pella furia de seus contrarios, acrescentandose a estes com a desgraça de ficarem vencidos a feueridade de que vlarão os vencedores, quando souberaõ o mau successo de Trancofo. El Rey mã dando presidar Beja com a gente que lhe pareceo necessaria, fez restaurar Trancofo, que os inimigos deixarão arruinado. Desta jornada que os Mouros fizerão contra Trancofo, & dos danos que della resultou aos Christãos daquela comarca, com a destruição da propria Villa, parece que trata o liuro dos obitos de Santa Cruz, assinandoo em 13. de Setembro com estas palauras. *Commemoratio illorum qui interfecisti sunt à Sarracenis in subuersione Castellum quod dicitur Trancofo, & in partibus eius.*

Conforme a estas relações a cidade de Beja foi duas vezes ganhada pellos nossos. A primeira por el Rey Dom Afonso despois de largo cerco. A segunda por seus Capitaes com o repentino assalto de hũa só noite, & tudo isto em espaço de sette annos. E para quem alcança a grande pertinacia com que em aquelle tempo se pelejava da parte dos Christãos, & Mouros, não fica difficil de crer a variedade dos successos, posto que dos menos fação menção nossas historias, que por estremo foraõ diminutas. Nesta resolução

Bleda na  
restaur. de  
Espanha  
13. 6. 45.

resolução de ambas as tomadas de Beja concorda com nossa opinião hum autor moderno, o qual admittindo a primeira tomada de Beja por el Rey Dom Afonso em o anno que finalão nossas Chronicas, diz que as historias dos Mouros contão como em o anno de mil & cento & sessenta & dous el Rey Dom Afonso Henriques de Portugal mandou hum exercito com Fernão Gonçalves seu Capitão, & ganhou aos Mouros a cidade de Beja; & acrescenta que pode muy bem ser que os Mouros a ouvessem cobrado despois q̃a ganhou outra vez, como fica dito.

CAPIT. XXXXIII.

*Da morte de São Theotónio primeiro Prior de Santa Cruz de Coimbra, com a relação de sua vida, & virtudes.*

1162.



Oy S. Theotónio Portugues natural da provincia de entre Douro & Minho, do lugar de Ganfei, o qual pella visinhança que tem com a cidade de Tuy deu occasião a alguns imaginarem que fora natural desta Cidade. Seu pai se chamou Oueco, sua mãy Eugenia de geração nobre, a qual o Santo illustrou muito com a santidade de sua vida. Ga-

Archivo  
de Santa  
Cruz de  
Coimbra.

stou os primeiros annos de sua idade em Coimbra em casa do Bispo Dom Cresconio seu tio, & por sua morte, a qual como ja adquirimos foi em o anno do Senhor de 1098. se mudou a Viseu, & foi pello tempo adiante Prior daquella Igreja, quando ainda carecia de Bispos, & estaua fogueira á Sê de Coimbra.

Com a obrigação deste cargo se começou a manifestar a virtude do Santo. Era marauilhozo o exemplo que daua, o desprezo q̃ mostrava das honras humanas, a pouca estima que fazia das riquezas, a alegria, & serenidade com que passava as aduersidades, & hũ pejo natural que sempre teue, & lhe seruiu muito para conseruar a pureza & honestidade. Grandes eraõ estas cousas, porem menores a respeito do grande amor de Deos que em seu peito ardia, & do zelo da saluação dos proximos que o acompanhava. Tratou de se oppor a tão altos principios o inimigo do genero humano, & tomando por instrumento duas mulheres, armou ao Santo em diuersas occasiões a cilada, que em tempo antigo foi posta ao santo Ioseph, mas não tirou mayor gloria que da outra, pois a imitação de Ioseph soube Theotónio fugir, deixando despojos de seu vestido nas mãos de hũa destas matronas, a qual com pretexto de hospitalidade o recolhera em sua casa.

Era

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitana.*

Era em este tempo muy frequentada a nauegação de Syria pellos Christãos do Occidente. Huns passauão o mar para defensão das terras que se ganharaõ, outros com a deuação de ver os lugares sagrados, em que o filho de Deos obrou nosso remedio. Foy hum destes São Theotónio, que renunciando o Priorado de Viseu, emprendeo este caminho, & chegando a Palestina, visitou com singular deuação aquelles lugares santificados com a presença do Saluador do mundo. Tornando a Portugal, como fossem grandes as lembranças que lhe ficaraõ impressas na alma daquelles Santuarios, quis outra vez repetir a mesma jornada. Teue então mayor lugar de exercitar sua paciencia com os perigos, & trabalhos do caminho, & ainda de manifestar sua rara santidade em obras miraculosas. Porque nauegando pello Mar Mediterraneo, lhe sobreueio hũa grande tormenta, na qual o menos era o impeto de ventos, a crecente das agoas, a furia das ondas, com que todos se dauão por perdidos, pois em remate destas misérias sobreueio outra mayor com a vista de hum monstro horrendo (crerão alguns que era dragão do mar, outros por causa de sua grande fealdade sospeitaraõ ser o proprio Diabo) & parecia dispor-se para engulir os miseraveis nauegantes, tanto que a embar-

cação fizesse naufragio. Não faltou São Theotónio a seus companheiros em passo tão perigoso, porque alem de os animar a pedir socorro a Deos, & ter grande confiança na diuina misericordia, se pos em oração, a qual foy de tanto effeito, que com ella os ventos cessaraõ, o mar se aquietou, sossegaraõ as ondas, desapareceu aquella portentosa figura, & o nauio chegou a saluamento à cidade de Ioppe, donde puderão todos fazer sua romaria com summa deuação ao santo Sepulchro.

Terceira vez tratava S. Theotónio (despois de tornar a Portugal) de exprimentar os trabalhos da viagem de Palestina, mediante os quais esperaua de conquistar a gloria; mas offerecendo-lhe outro atalho para o Ceo mais compendioso, lançou mão d'elle, & foi correndo pello caminho da perfeição cõ mayor suavidade. Por diuina disposição o Arcediago de Coimbra D.º Tello renunciando as Pompas da vida se inclinara a fundar o religioso Mosteiro de Santa Cruz nos arrabaldes da mesma Cidade, para fazer nelle com alguns companheiros vida religiosa. Era a empresa difficilissima, como o costume ser todas as resoluções extraordinarias, & mais quando se trata de mudança de vida para mayor aspereza. Importaua tomar por guia hum excellente piloto,

loto, que por meio das mayores tempestades os pudesse encaminhar, & levar a saluamêto. Deos o tinha ja preparado em S. Theotonio, varô de vida inculpauel, & larga experiencia nas cousas espirituas. Este escolheo Dom Telo & seus companheiros por Preciado daquella noua casa, & o Santo entendendo ser vontade do Senhor, aceitou o cargo. E posto nelle como se toda a sua vida ate aquelle tempo fora chea de imperfeiçoês, começou a dar nouas mostras de santidade, auantajándose na singularidade da abstinencia, na frequencia da oração, na continuacão da lição sagrada, na grauidade da pessoa, & em todas as outras virtudes, de forte que nem aos mais religiosos faltauão exemplos que seguir em sua vida, nem ficaua lugar de o poderem imitar nos rigores della. Hũa cousa he muy digna de se particularizar neste seruo de Deos, a grande charidade, & fraternidade com que amaua a seus subditos, pois os não trataua como a sугeitos & inferiores, mas como irmãos, & igoaes em tudo, & em fim como rebanho daquelle grande pastor, o qual comêdo suas ouelhas ao primeiro Vigairo que teue na terra, quis reteruar para si o dominio dellas, & o nome de suas, para mostrar o grande amor, & respeito com que deuem ser tratadas.

Com tão grande copia de me-

recimentos, com officio de Prelazia tão bem exercitado chegou a alcançar o seruo de Deos credito na terra, abonos do Ceo, respeito & temor do proprio Inferno. El Rey Dom Afonso Henriquez lhe pedia muitas vezes a benção cõ os geolhos postos em terra. E dá por razão deste excesso o autor da vida do Santo, ser tão manifesta sua santidade, que a todos obrigaua a terlhe respeito, & mais acreditandose com obras milagrosas. Estando hum dia o Infante Dom Afonso (antes de ser Rey) muy atribulado de febres, fez vir á sua presença o seruo de Deos, o qual em lhe tocando com as mãos, logo se abrandou o mal, & o Infante coualeceo de sua infirmitade. O mesmo fauor experimentou a Rainha Dona Mafalda, agonizando em hum parto, porque em lhe fazendo o final da Cruz São Theotonio, pario hum filho no mesmo momento com muita facilidade. Hum Monge Ingres por nome Samuel, da companhia dos que vieraõ á conquista de Lisboa, estaua em Santa Cruz de Coimbra, & como em certa infirmitade o atormentasse o inimigo do genero humano com algũas vizoês, não tinha outro remedio se não a presença do Santo varaõ, diante do qual não oufaua apparecer o Diabo. O mesmo acontecia quando o proprio inimigo em figura de hum Etiope

Ll

muy

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

muy feo se mostraua a hum conuerſo da meſma caſa, que com a viſta do Santo ſe eſcondia logo, não ouſando de ſe manifeftrar em ſua preſença. Tão grande era o temor que auia cauado nos ſpiritus infernais a virtude do ſeruo de Deos.

Teue noticia o glorioſo São Bernardo em França da grande Santidade que illuſtraua o Reyno de Portugal por meyo do ſeruo de Deos Theotonio, & deſejando que participaffem della ſeus Monges, que mandou a eſtas partes, tratou por meio delles eſtreita amizade com o varaõ de Deos, donde reſultou que entre Claraual & Santa Cruz ouue por eſte tempo grande correſpondencia, & comunicação das orações, & graças eſpirituas entre os Religioſos deſtes Moſteiros. Hum Monge de Claraual veio a eſte Reyno, & vendo a São Theotonio, affirmou a algũas peſſoas como em França lhe fora moſtrado o Santo em certa viſão, como Prelado, & deſenſor de muitas peſſoas veſtidas de branco, as quaes lhe parecia ver em hũa grãde praça cercada do mar; & entendia ſer eſta a caſa de Santa Cruz, a qual eſtaua junto da Corte & ondas do mũdo.

Teue São Theotonio antes de ſua morte hũa viſão marauilhofa, com que ficou ſummamente conſolado. Apareceolhe o Apolto São Pedro, & o certificou

como ſua partida para o Ceo ſeria em breue tempo, & lhe moſtrou hũa eſcada, por onde ſubiaõ à patria celeſtial os Religioſos daquella ſanta caſa guiados por ſua doutrina, & bons exemplos. Sobreuindo ao Santo dahi a poucos dias a vltima infirmitade, & chegando com ella a hora da morte, a reue muy diroſa, & ſemelhan-te em tudo à pureza da vida. E o proprio Rey D. Afonſo Henriques (o qual então ſe achou em Coimbra) affirmaua conſtante-mente, q primeiro a alma do varaõ de Deos chegaria a ver a diuina eſſencia, que o corpo foſſe leuado à ſepultura. Foy o dia de ſeu bemauecurado tranſito hũa feſta feira pella menhãa a 18. de Feureiro do anno do Senhor de 1162. paſſando ja o ſeruo de Deos de 70. de idade, & de 31. de habito religioso. Deſcanſa em o Capitulo de S. Cruz, & ſua memoria he celebrada todos os annos com grande veneração pellos religioſos daquella caſa.

### C A P. XXXXIII.

*Como em S. Cruz de Coimbra ouue Conuento de Religioſas. Tocãoſe algũas antiguidades.*



A em tempo de S. Theotonio, ſegundo ſe colhe de algũas eſcrituras, auia recolhimento de mulheres

mulheres Religiosas, que chama-  
uão Canonicas em Santa Cruz de  
Coimbra. O lugar proprio onde  
viuião se declara por hũa carta de  
venda feita a Dom Ioão Theoto-  
nio, segundo Prior daquella casa,  
a qual diz assi.

Cartorio  
de Santa  
Cruz de  
Coimbra.

*In nomine Domini Amen. Hæc est  
charta venditionis, & firmitudinis, quã  
iussimus facere Ego Egas Godini, &  
uxor mea Maria Pelagij vobis Donno  
Ioanni sanctæ Crucis Priori, & cæteris  
fratribus ibi in perpetuum commoran-  
tibus, de illa nostra domo, quam ha-  
buimus in suburbio Colimbrie iuxta  
atrium Sanctæ Crucis; cuius isti sunt  
termini. In Oriente domus sororum san-  
ctæ Crucis, in Occidente via publica.  
In Aquilone riuulus de balneis, in ve-  
ro parte Africa via sororum, &c. Fa-  
cta charta Era M.CC.XII.*

Em vulgar diz assi.

Em nome do Senhor Amen.  
Esta he a carta de venda, & firme-  
za que mandamos fazer eu Egas  
Godinho, & minha mulher Ma-  
ria Paez, a vos Dom Ioão Prior  
de Santa Cruz, & aos mais Frades  
que ahi morão para sempre da-  
quella nossa casa que tiuemos no  
arrabalde de Coimbra junto ao  
terreiro de Santa Cruz, a qual se  
demarca deste modo. Da parte  
do Oriente lhe fica o Conuento  
das irmãs de Santa Cruz, do Oc-  
cidente a rua publica, do Norte  
o ribeiro que vem dos banhos, &  
do Sul a rua das mesmas religio-  
sas. Foi feita em a Era de 1212. he  
o anno de 1174.

Desta escriptura, & de outras q  
se não apontão consta claríssima-  
mente, como ouue estas Religio-  
sas de Santa Cruz, & que viuião  
junto ao mesmo Mosteiro. Não  
he cousa noua o estylo de viueré  
algũas mulheres Religiosas junto  
aos Conuentos dos homens, vfan-  
do da mesma Igreja com separa-  
ção nos dormitórios, & outras  
officinas. O Cardeal Iacobo de  
Vitriaco (que floreceo pellos an-  
nos de 1220.) confessa que em seu  
tempo auia em Brabante & Han-  
nonia muitas destas Religiosas  
Canonicas junto aos Mosteiros  
dos Conegos, com os quais se  
achauão no Coro em os dias mais  
solennes, & nas procissões, fazen-  
do Coro cada huns de sua parte.  
Eraó pella mayor parte senhoras  
illustres no sangue, & viueraõ al-  
gum tempo com bastante credi-  
to, & reputação de sua fama.

Iacobo Vi-  
triano na  
hystor Oc-  
cidental  
cap. 31.

Não approuaua ja então o  
Cardeal este modo de vida, antes  
era de parecer que de todo se ti-  
rassse, reformandose estes Mostei-  
ros com mayor clausura, como  
ja auiaõ feito alguns reduzindose  
à Ordem Cisterciense. E na ver-  
dade mal se poderia compadecer  
semelhante estylo nestes nossos  
tempos com a malicia presente.  
Naquelle seculo antigo auia mais  
fingeleza, & menos escandalo. Pa-  
rece que não era a virtude tão  
violenta. Não podemos declarar  
se vzaão as Canonicas de Santa  
Cruz do proprio modo de vida

Ll 2 que

## *Liuro X. da Monarchia Lusitana.*

que tinhaõ as de Brabante & Hãnonia, ou se tinhaõ a clausura mais apertada, só se pode affirmar, que procederão com vida inculpauel, pois a santidade dos Conegos de Santa Cruz (dos quais ha mayor noticia) não daria lugar a outra cousa. Muito tempo permanecerão em Santa Cruz estas Religiosas, se auemos de dar credito a algũas memorias daquella casa; porque dizem se extinguirão em a vltima reformação, feita no reinado del Rey D. João o Terceiro. Mas parece que desta continuação & permanencia se ouuera de conseruar tradição mais sabida em o Reyno, & ainda poderião viuer ha poucos annos algũas pessoas que a alcançassem, das quais contudo nos não consta.

Em o proprio anno de 1162. em que foi o transito do glorioso São Theotónio, se vio em o Mosteiro de Santa Cruz a valia da intercessão do Santo; porque não eraõ passados dous meses de seu falecimento, quando se concederão aquelle mosteiro grãdes isenções & preminencias, porque se ordenou que com suas Igrejas ficasse liure & izento da subordinação dos Bispos de Coimbra, & constituísse por si Bispado particular; & concorreo para este fauor el Rey Dom Afonso, o Bispo de Coimbra, que então era Dom Miguel, & os Conegos da Sê, & quasi toda a Corte. Celebrouse

o contrato em Santa Cruz estando presente el Rey & seus filhos Dom Sancho, & Dona Vrraca, os quais confirmão nelle; confirma mais o Bispo & Cabido da Sê de Coimbra, & seguemse os Grandes, & mais testemunhas, asfi Ecclesiasticas como seculares.

O Conde Dom Vasco, Fernão Vermuiz, Gonçalo de Sousa, Sancho Nunez, Nuno Velho, Pedro Paez, Paio Capata, Pero Fernandez, Moço Viegas, Egas Fafez, Gonçalo de Maranhão, Hermigio Moniz, Sueiro Viegas, Pero Gutierrez, João Mendez, Martim Nunez, Pero Nunez. Seguemse como testemunhas, Tição Archario, que deue ser Thesoureiro de Coimbra, Martim Anaia, Martim Zouparel, Fernão Gôçaluez, Saluador Gonçalues, Mem Gonçaluez, Pero Randulfez, Fernão Fernandez, Pero Paez, Simão Paez, Afonso Rodriguez, Gonçalo Rodriguez, Fernão Rodriguez, Saluador Viegas, Paio Perez, Bermudo Perez, Mendo Aluo Aconymo de Coimbra, Pero Viegas Iustiza.

Os Ecclesiasticos são, Dom João Arcebispo de Braga, Dom Goaltero Abbade de Moreruela, Dom Guilherme Abbade de Bonaualle, Dom Giraldo Abbade de São João de Tarouca, Dom Pedro Abbade de São Saluador da Torre, Dom Cresconio Abbade de Cabanas, Dom João eleito Abbade de Loruão, Dom Diego

*Archio de Santa Cruz de Coimbra*

*Esles Abades são da Ordẽ de Cister, & deuião naquelle tempo visitare este Reio por ordem do Capitulo geral.*

Abbade



Abbate de Pedroso, Dõ Miguel Abbade de São Christouão de Lafoés, Dom Martinho Abbade de Ceixa, Monges de Alcobaça, Pedro Alfonso, Pedro Miquilin, Pedro João ou Annes. Seguemse com algũa separação, Pero Viegas Alcaide de Lisboa, Gonçalo Gonçalues, Sueiro Paez, Guiam Alcaide de Santarem, Pedro Galego, Paio Domingues Conego de Santa Cruz a escreueo.

Os Abbades de Bonzualle, & Moreruella eraõ Visitadores da Ordem de Cister, que se acharaõ nesta occasião em Coimbra. Os Monges de Alcobaça que asinão crão daquelles, que os primeiros Reys de Portugal trazião em sua Corte, como deste & de outros lugares se colhe, para edificação, & por deuação que tinham a quella casa.

Guiam, ou Gaiam Alcaide de Santarem he aquelle famoso Ladrão Gaiam, de que vulgar, & confusamente se fala. Foi homem poderoso pouco aceito ao pouo, & deuia ser nas materias de justiça feuerio, por isso não foy sua memoria agradavel á gente vulgar, a qual lhe applicou o nome que ainda dura. O Morgado de Dõ Gaiaõ anda hoje na casa dos Viscondes, Côdes de Arcos por doação que el Rey Dom João Primeiro fez delle aos Attaydes, dos quais o herdaraõ por casamento do segundo Visconde. D'antes andaua na familia dos Velhos fidalgos

principaes, dos quais ha muita memoria no Conde Dom Pedro entre os decendentes de D. Goido Araldes, filho de Dom Arnaldo de Baiam, cujo bisneto era Nuno Velho Rico homem, que vai nomeado na escriptura atraz. Se procedião tambem de Dom Gaiam, não posso determinar, né em o Conde Dom Pedro se achaluz bastante, posto que alguns delles foraõ semelhantes a Dom Gaiam, & de condição terribel, & por isso os chamaraõ os Brauos de alcunha.

Trazem por armas os Velhos em campo vermelho cinco vieiras de ouro em aspa, empequetadas de preto, & por timbre hum chapeo pardo com hũa vieira das armas em hũa borda.

CAPIT. XXXXV.

*Do Mosteiro de Ceixa, & sua antiguidade, & como se incorporou na Ordem de Cister.*



Mo contrato celebrado entre o Bispo, & a cidade de Coimbra, & o Mosteiro de S. Cruz no anno de 1162. confirma entre outros Prelados Dom Martinho Abbade de Ceixa, donde se vê claro que ja neste tempo era habirado aquelle Mosteiro, & assi que he sua fundação mais antiga

## *Liuro X. Da Monarchia Lusitana.*

do que a fazem alguns autores. O Doutor Frey Bernardo de Brito trata largamente na Chronica de Cister, & na segunda parte da Monarchia Lusitana, como em este lugar de Ceíça pos remate a sua vida occupado em contemplação das couças do Ceo D. Ioaõ, que diz ser tio del Rey Dom Ramiro o primeiro de Leão, & depois Monje, & Abbade de S. Benito em o antigo mosteiro de Loruão. Refere deste Abbade grandes cauallarias contra os Mouros, principalmente no cerco de Montemor o velho, Villa que então estaua sogeita ao mosteiro de Loruão, aonde o Abbade Ioaõ com pouca gente não só rompeo os Mouros, mas os foi segando com grande matança até as matas de Ceíça. E ficou mais celebre a victoria, quando souberão serê resuscitadas as mulheres & mininos, que por ordem sua foraõ degolados em Monte mór antes de sahirem aos Mouros, presupondo que hião morrer as suas mãos & não querendo que elles gozassem depois este despojo.

O Mestre Fr. Antonio de Ypes referindo estas cousas por autoridade do Padre Frey Bernardo de Brito, parece que poem duuida a estas cauallarias do Abbade Ioaõ, porem não tem razão, que a tradição & memoria dellas he neste Reino mui antiga. Hum romance tenho que trata da batalha do Salado, composto por

Afonso Giraldes auter daquelle tempo, em o principio do qual entre outras guerras antigas que se apontão se faz menção desta que o Abbade Ioaõ teue com os Mouros, & cõ seu Capitaõ Almásor. E assi não he noua esta noticia, mas muy antiga, & admitida como cousa sem duuida.

Não quis o santo Abbade apartar-se das matas de Ceíça, aonde acabou de alcançar perfeita victoria dos Mouros, & lhe chegaraõ as boas nouas, que as mulheres, & mininos de Monte mór auião resuscitado. Fundou hũa hermi-da, & nella o altar de Nossa Senhora, em cuja imagem, & na do minino Iesu mandou pôr hũ vinculo & golpe vermelho nos peccos, em lembrança do milagre acontecido em Montemor nos q̃ resuscitaraõ, em os quais ficou aquelle sinal da ferida.

Viueo santamente o Abbade Ioaõ o restante de sua vida naquelle lugar solitario, aonde era visitado dos Monges de Loruão, os quais o acompanharaõ ao tempo de sua morte, & o sepultaraõ por sua ordem em a mesma hermi-da, em a qual fundada de nouo em nossos tempos junto ao proprio lugar, se conseruaõ seus ossos em hũa caixaõ de madeira.

Foraõ continuando neste sitio algũs hermitaẽs santos, & conseruando aquelle modo de vida, até o tempo do felicissimo Rey Dõ Afonso Henriques, em o qual vi-  
uia

uia alli hum hermitão, cujo nome não ficou em lembrança. Indo el Rey hum dia visitar esta santa casa, ou polla fama que della tinha, ou por esperecer, & descansar do trabalho da guerra, foy be do hermitão tudo o que aue-mos contado do Abbade João, & da fundação daquella hermidã, o que elle auia alcançado por tradição & memorias antigas. Pareceo a el Rey lugar conueniente, assi por sua solidão, como pella veneração daquella Capella, para fundar nelle hum conuento de Religiosos, merendo officiaes na obra, asinou as despezas, & mandando vir Monges de Loruão lhe entregou o Mosteiro. O Doutor Frey Bernardo refere a escritura de Couto que el Rey fez na Era de Cesar de mil duzentos & treze, que vem a ser anno de mil & cento & settenta & cinco, sendo Abbade daquella casa Dom Paio Egas. E posto que ao mesmo autor pareça que foy este o primeiro Abbade, da escritura de Santa Cruz allegada em o Capitulo passado consta ser antes d'elle Dom Martinho, & assi fica a casa de Ceiça mais antiga, posto que lhe não saibamos o anno certo em q teue principio.

Por morte del Rey Dó Afonso Henriques ficou encatregada aquella casa, & as obras della a el Rey Dom Sancho seu filho. Não se descuidou o Catholico Principe deste legado, mas com grande

diligencia mandou continuar a obra, & a teue breuemente em estado de recolher em li mais Religiosos, & vendo como os Monges de Cister florecião em grande obferuancia, & que era dedicada esta Religião a perpetuo lou-uor da Virgem Maria Senhora nossa, determinou de lhe entregar aquella casa, cujo Orago era da mesma Virgem, & para este effeito fez hũa solenne doação ao Abbade de Alcobaça, cujo theor traduzido do Latim he o seguinte.

*Em nome de nosso Senhor Iesu Chri* No cartorio de Alcobaca h. a propria original e traslado n os livros de dourados as folas 74  
*sto. Amen. Porque de antiga institui-*  
*ção de tempo, & obrigação de direito*  
*se introduzio em todos hum justo costu-*  
*me, de deixarem escrito a ordem das*  
*coisas, o numero dos successos, & os*  
*acontecimentos da fortuna, para que*  
*escritos não possam cahir da memoria*  
*dos homens, antes essem sempre presen-*  
*tes a todas as coisas passadas. Por tan-*  
*to eu Dom Sancho por graça de Deos*  
*Rey dos Portugueses, juntamente com*  
*minha molher a Rainha Dona Dulce,*  
*& meus filhos & filhas, faço carta de*  
*doação & perpetua firmeza a vos Dó*  
*Mendo Abbade de Alcobaça, & a vos-*  
*sos frades do Mosteiro de Ceiça, o*  
*qual damos a vos, & a vossos successo-*  
*res de juro & herdade, para que o pos-*  
*suais pera sempre, com todas as coisas*  
*que lhe pertencem, para que seja filho*  
*do mosteiro de Alcobaça, & vos conce-*  
*demos plenario poder de instituir, ab-*  
*Abbade, & Prior, & os tirar consen-*  
*te a discreção & vontade do Abbade*

## Libro X. da Monarchia Lusitana.

*o* conuento de Alcobaça em todos os tempos futuros. E vos Abbade Dom Mendo, & o conuento de Alcobaça, & todos vossos successores, tereis inteiro poder para ordenar todas as cousas no Mosteiro de Ceica pera todo o sempre; & se alguem se atreuer a vos resistir, seja tratado do modo que bem vos parecer; & quem quer que presumir de encontrar isto que fazemos, seja maldito de Deus, Amen. E quem quer que volo conseruar inteiramente, seja cheo de bençãos. Foy feita esta carta de firmeza em Leiria ao primeiro de Março da Era de 1233. (q he anno de Christo de 1195.) Nos sobreditos Reys q mandamos fazer esta carta, a fortalecemos diante das testemunhas abaixo escritas, & fizemos os presentes finais.

El Rey Dom Sancho, sua mulher a Rainha Dona Dulce, seus filhos Dom Afonso, Dom Pedro, Dom Fernando, Dona Tareja, D. Sancha, Dom Martinho Arcebispo de Braga, Dom Martinho Bispo do Porto, Dom Ioão Bispo de Lamego, Dom Nicolao Bispo de Viseu, Dom Pedro Bispo de Coimbra, Dom Sueiro Bispo de Lisboa, Ioão Fernandes copeiro del Rey, Gonçalo Mendez mordomo da Corte, Pedro Afonso, Martim Vasques Alferez del Rey, Afonso Ermigues, Rodrigo Vasquez, Gonçalo Gonçalves; & como testemunhas Pedro Saluador, Sueiro Suares, Pero Gomes, Pelaiio Viegas, Iulião Notario del Rey a elcreueo.

Por virtude desta doação ficou

incorporado o Mosteiro de Ceica na Ordê de Cister, & foyeito aos Abbades de Alcobaça, com dependencia de nomearem os Abbades desta casa os Prelados de Ceica, & mandarem visitar este mosteiro, o qual he hoje hũ dos melhores desta congregação em edificios & rendas, & na deuacão & concurso de gente por causa da Imagem de Nossa Senhora, & milagres que faz hum dos mais frequentados, posto que esta em deserto.

Hũa cousa muy notauel, & q folgarão de saber os curiosos ha neste Mosteiro, & he, que no frontispicio da Igreja junto à porta principal estão as armas de Portugal com a orla de Castellos à roda. Não ha duuida em ser esta Igreja edificada em tempo del Rey Dom Sancho Primeiro, posto q outras officinas do Mosteiro são obra moderna, porque alem de ser estylo dos antigos começará estes edificios pellas grejas, a mesma fabrica della mostra ser muy antiga, & o mesmo consta da tradição dos Religiosos; & sabemos, que fazendose mudanca nas mais casas do conuento do Sul para o Norte, se não bolio até o presente na Igreja. A pedra em q estão as armas de Portugal não foy acrescentada de nouo na parede do edificio, mas mostra a mesma antiguidade & disposição que tem as outras da mesma parede.

Nossos autores dizem, que a orla

orla dos Castellos se ajuntou às  
quinas Reaes, por causa do Rey-  
no do Algarue. E sendo isto assi,  
como o Algarue se ganhou aos  
Mouros em tempo del Rey D<sup>o</sup>  
Sancho o Primeiro em forma que  
este Principe se intitulou alguns  
annos Rey de Portugal & do Al-  
garue, não vem fora do caminho  
dizer que este mesmo Rey foy o  
primeiro que tomou por armas  
os Castellos, & que por isso os  
mãdava pôr nos edificios, & mais  
partes em que as armas Reaes ti-  
nhão lugar. E como pello tem-  
po adiante se tornasse a perder o  
Algarue, se desfistiria das armas,

assi como do titulo, até que recu-  
perado outra vez este Reyno em  
tempo de seus netos Dom San-  
cho Segundo, & Dom Afonso  
Terceiro pellas armas dos Portu-  
gueses, se renouou o titulo, & se  
tornaraõ a tomar as insignias dos  
Castellos. Isto me parece muy  
pronaue; & quanto â tomada do  
Algarue em tempo del Rey D<sup>o</sup>  
Sancho o Segundo, & mais con-  
quistas que pello tempo adiante  
se fizeraõ, em o tomo seguinte se  
tratarãõ com toda a verdade, &  
por modo bem differente do q̃  
atêgora se escreuerão.







# LIVRO XI. DA MONARCHIA LVSITANA.

## CAPITULO I

*Como foy instituida em Portugal a Ordem Militar de Auis.  
Cathalogo dos Mestres que teve, & de algumas cousas  
tócantes a seus principios*

1162.



Man. Ro.  
drig 19. I.  
da quest  
Regul. 7. 5.  
art. vlt.

Vriamente falão os autores sobre a instituição, & antiguidade da Ordem de Auis, a primeira das Militares q̃ nossos Reys fundaraõ, igoal em reputação às mais insignes, & mais gloriosa & venturosa que todas, em fahir della hum Rey de Portugal de tanto valor, como foy Dom Ioão o primeiro. Frei Manoel Rodrigues dà principio a esta milicia em o anno de 1147. o proprio em que se ganhou aos

Mouros Santarem, & Lisboa. Mais antiga a faz Frey Ieronymio Romano, affirmando que a instituiu el Rey Dom Afonso pouco despois da batalha de Ourique, com cujo parecer concordão nossas Chronicas, suppondo que antes de se ganhar Lisboa auia Cavaleiros desta Ordem, pois ao Mestre delles (segundo dizem) se fez doação da villa de Mafra. O Doutor Frey Bernardo de Brito com ter para si que esta Ordem se não instituiu antes do anno de 1162. fundado em hũa escritura antiga, contudo confessa q̃ muito antes

Hieron.  
Rom. ne  
tra. de  
o adins Mi  
litares de  
Portugal

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

*Brito na  
Chronica  
de Cister l.  
5 e 11.  
Tepes cen  
tur. 4. an.  
1162. fol.  
504.*

antes se tinham confederado os  
Caualeiros desta Ordem de gastar  
a vida na guerra dos Mouros, ar-  
riscando-se huns pellos outros,  
goardando entre si certos estatutos,  
que a boa cortezia & primor  
do sangue lhes ensinava; donde  
resultou tratar el Rey Dom Afonso  
para mayor firmeza & credito  
destes principios, que professas-  
sem vida religiosa como fizerao,  
de sorte que florecendo ja dantes  
esta milicia, deste tempo em di-  
ta somente se pode contar por  
religião formada. Traz o autor  
a relação disto em o liuro quinto  
Capitulo onze da historia de Cis-  
ter, & nesta se nomea por pri-  
meiro Mestre desta Ordem Dom  
Pedro Afonso, que diz ser filho  
do Conde Dom Henrique.

Dos mais Mestres fazem Cathalogo o Padre Frey Ieronymo Romano, & outros aucthores na  
forma seguinte. Dom Gonçalo  
Viegas. Dom Fernão de Annes.  
Dom Fernão Rodriguez Montei-  
ro. Dom Martim Fernandez. D.º  
Fernando Soares. Dom Simão  
Soares. Dom Lourenço Afonso.  
D. Vasco Afonso. D. Gil Martinz.  
D. Garcia Pirez. D. Gil Pirez. D.º  
Afonso Mendez. Dom Gonçalo  
Vaz. Dom João Rodriguez Pi-  
mentel. Dom Sancho Soares. D.º  
Diogo Garcia. Dom João Afon-  
so. Dom Egas Martinz. D. Mar-  
tim do Auelar. Dom João filho  
natural del Rey Dom Pedro, des-  
pois Rey de Portugal o primeiro

do nome. Dom Fernão Rodri-  
gues de Sequeira. O Infante D.º  
Fernando filho del Rey D. João  
o Primeiro. Dom Pedro filho do  
Infante Dom Pedro, & neto do  
mesmo Rey. O Principe Dom  
João filho del Rey Dom Afonso  
Quinto, o qual despois reinou, &  
foi o segundo do nome. O Prin-  
cipe D.º Afonso filho deste mes-  
mo Principe Dom João. D.º Jorge  
filho bastardo do proprio Rey  
Dom João, progenitor dos Du-  
ques de Aveiro, por cuja morte  
se vnio o Meltrado na Coroa  
Real.

Dom Frey Lopo de Sequeira  
Pereira dignissimo Bispo de Por-  
talegre, & ja da Goarda, sendo  
Dom Prior mór de Auís fez hum  
tratado muy curioso das cousas  
insignes desta Ordem, & nelle  
põe Cathalogo differente dos Me-  
stres della; porque despois de D.  
Martim Fernandez quinto Mes-  
tre nomea em sexto lugar Dom  
Simão Soares. Tambem dá lugar  
primeiro a Dom Garcia Pirez, q  
a Dom Gil Martinz, & traz dous  
Mestres, que são Dom Egas Mar-  
tinz, & Dom João Pirez, de que  
o Padre Romano nem os outros  
tratão. E segundo a diligencia q  
fez, & o tempo que residio em o  
Conuento de Auís, deue de tratar  
estas cousas com mayor certeza.

Não ha duuida que foy estrá-  
nho o rigor das Religioes Milita-  
res em seus principios, pois a ob-  
servancia Monastica ajuntaua os  
maiores



mayores trabalhos & perigos da milicia. Goardauão em casa além dos tres votos essenciaes, clausura, jejús, & silencio, & mais exercicios dos Religiosos. Padeção fora mortes, catueiros, injurias do tempo, o pezo das armas, & mais difficuldades que tras consigo a guerra. E sofridos todos estes trabalhos com fogação, & paciencia, bem se deixa alcançar a grande perfeição destas Ordens, & o grande merecimento que para com Deos alcançauão os Caualeiros dellas.

A Ordem de Auis foy hũa das que mais se asinalou na obferuancia regular, & sabendo os Caualeiros della a muita perfeição com que viuião em Castella os Religiosos de Calatraua, se vnirão com elles em forma de irmandade, ordenando certos estatutos entre si, como serem visitados os de Auis pellos Mestres de Calatraua, & admitirem seu voto na eleição dos Mestres de hũa, & de outra parte, com que não só permaneceraõ algum tempo com grande reputação, mas vieraõ a ser chamados huns & outros Caualeiros de Calatraua, tanta foy a vnião & amizade a que chegaraõ entre si estes Religiosos. Não approuo ser a causa desta amizade certa doação que aponta o Licenciado Rades, de huns Alcaceres de Euora, feita pellos Caualeiros de Calatraua aos de Auis, pois nem consta que

a Ordem de Calatraua tiuesse heranças naquella Cidade, & sabemos que se não vnio á de Auis antes desta possuir os Alcaceres de Euora, & sobre tudo que el Rey Dom Afonso Henriques os deu á Ordem de Auis, por onde a causa da vnião foi a que temos dito.

O primeiro assento (segunda tradição) dos Caualeiros de Auis foi em Coimbra, donde se mudaraõ para Euora despois do anno do Senhor de mil & cento & sessenta & seis, em que se ganhou aos Mouros esta Cidade. Aqui tiueraõ conuento, de que permancee ainda a Igreja de São Miguel da Freiria. Nomeauãose Caualeiros da noua Milicia, ou da Freiria de Euora, ate que feita vnião com os de Calatraua, se começaraõ a chamar da Ordem de Calatraua, & despois mudado o conuento a Auis, retiueraõ este nome, ainda que aos principios se chamauã hũas vezes da Ordem de Auis, & outras de Calatraua. Tudo isto nos consta de escrituras antigas. Em o anno do Senhor de mil & cento & settenta & seis, fazendo el Rey Dom Afonso doação a esta Ordem da villa de Coruche a nomea Milicia de Euora. O Papa Innocencio Terceiro em breue particular do anno de mil & duzentos & vinte & hum, em que tomou esta Religião debaixo de sua protecção, a chama Milicia de Euora,

M m que

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

que professaua a Ordem de Calatrava. Pellos annos adiante se lhe dá o nome de Auis, como em a doação de Albofeira, feita no anno de 1250. & em outras, como se verá no discurso da historia.

A causa de se mudar o Conuento de Euora foy, que como em tempo del Rey Dom Afonso Segundo os lugares vizinhos de Euora estinhessem ja liures dos Mouros, & a mesma Cidade por sua grandeza, & frequencia popular não fosse tão acomodada para a obsequencia daquelles Cavaleiros, pareceo conueniente mudal-os para lugar mais separado, & vizinho ás terras dos inimigos. Era Mestre então desta Milicia Dom Fernão de Annes, o segundo dos Mestres, cõforme a computação comũ. O qual buscando com seus Freires lugar acomodado para fundar conuento da Ordem o achou não longe da antiga villa de Vaiamonte, em hũ lugar alto: & porque subindo a elle se levantaraõ duas Aguias, ou (como se escreue na Regra ordenada em tẽpo do Mestre D. Iorge) se achou hũa Aguia que alli criara, ficou ao lugar o nome de Auis, q̃ hẽ o nome generico de Aguia. Traçada & principiada a fortaleza, se diz que tiueraõ os nossos grande trabalho, por quanto os Mouros de Vaiamonte, que ficauão fronteiros, & á vista começaraõ a impedir a fabrica com perpetuos assaltos, & por este respei-

to dizem que a mayor parte da obra se fazia de noite, & que de dia a encobrião com ramos, ate que chegando a altura que se podia defender, a foraõ continuãdo abertamente, & resistiraõ aos contrarios com mais facilidade.

O habito de que ao principio usaraõ os Cavaleiros desta Milicia, era hum escapulario pequeno com capello, da seicção que oje trazem os nouiços da Ordem de Cister. Este trajo se mudou na Cruz verde com remates de flor de Lis de que usaõ. Huns attribue esta mudança à concessão do Papa Innocencio Sexto, outros à do Bonifacio Nono, & foi ella muy conforme á razão, pella impedimento que causaua aquelle habito antigo ao exercicio da guerra. Trazem oje alem da Cruz verde hum bentinho branco debaixo dos vestidos, em o qual està tambẽ a mesma Cruz, & para os actos Ecclesiasticos tem mantõ da Ordem de cõr branco, o qual he a modo de mantilha abotoada cõ hũ cordão no colo, & Cruz verde da parte esquerda, só os nouiços a trazem cõ algũa differença, por quanto a ponta inferior da Cruz fica reuitada para dentro.

Os sellos, & insignias desta Ordem foraõ taõbẽ differentes em varios tempos. Algum tempo se trazia nas bandeiras a insignia de hum homẽ armado posto em hũ caualo acubertado cõ a lança enfiada, & tres Cruzes das q̃ oje usa a  
Ordem

Ordem no escudo, peito & ancas do cavallo. Tambem riueraõ hum sello em que auia hum Castello com tres torres, a do meyo mais alta, & nella hum Cruz da Ordem com duas Aguias nos lados, & em cada lado das torres hũa traua. Hoje se feruem de hum sello que tem a Cruz da Ordem com duas Aguias nos lados inferiores. E a Chancellaria da Ordem vsa da Cruz sò com hũa letra que diz. *Sigillum Ordinis militie de Auis.* Nas constituições ordenadas em tempo do Mestre Dom Iorge se declarou que fosse de còr branca o campo em que auia de andar a insignia da Ordem, por ser mais propria de Nossa Senhora, & pella mesma razão se ordenou que fosse a còr do manto branca, tendose em hũa cousa & outra respeito à sogeição que a Religião deue á Virgem Sacratissima como filha da Ordem Cisterciense, da qual a mesma Senhora he auogada. Mais se ordenou, que à imitação das casas da sagrada Ordem de Cister fosse a inuocação do Conuento de Auis de Nossa Senhora da Assumpção, com demonstração clara do muito que se presaua esta Ordem da filiação, & sogeição que tinha á Cisterciense; o que não deue esquecer aos Caualeiros, & Freires deste tempo, sendo cousa de que os antigos fizeraõ tanto caso.

Costumauão naquelles prin-

cípios (como ja tenho aduirtido) assi os Freires clerigos, como os leigos sahir a Campo a pelear contra os Mouros (que ha casos em que os Clerigos podem tomar armas sem encorrer irregularidade, como entre outros proua doutamente Molina da doutrina de Santo Thomas). Donde resultou aquelle dito obseruado <sup>Molin. de iustiz. & iure disp. 108.</sup> por graues autores del Rey Dòm Sancho de Castella ao Abbade Dom Raymundo, instituidor da Ordem de Calatrava, o qual achando se presente a hum rebate dos Mouros, & vendo o animo com que sahião a elles os sacerdotes, & clerigos, & se mostrauão valerosos na peleja, & despois notando a composição, & deuacão com que assitião no Choro aos officios diuinos, disse para o Abbade. Parece-me Padre Abbade que o som das trombetas faz a vossos subditos leões, & o dos sinos os torna mansos cordeiros. Porem como pello discurso do tempo se fosse multiplicando o numero de Religiosos destas Ordens Militares, puderaõ fazer distincção entre Freyres deputados ao seruiço do Coro, & soldados que seguião a Milicia, ficando a huns a administração do culto diuino, & aos outros o exercicio das armas.

Daqui naceo ficar em cada hũa destas Religioes Militares hum Prelado mayor, alem do Gram

Mm 2 Mestre,

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

Mestre, que chamão o Dó Prior, & tem jurdição no spiritual, & temporal do Conuento, exercitando o poder espiritual não só com os Clerigos residentes na casa, mas com os Caualeiros leigos, que viuem separados della. Tem o Prior mór de Auís as preminencias dos Abbades de Cister em dar Ordens menores a seus subditos, benzer Altares, Calices, & outros valús sagrados, vís de mitra, & bago, & traz roxere como Bispo, & así he esta dignidade de muita importancia, & se não costuma dar se não a pessoas muy calificadas, as quais despois são promouidas aos Bispados & dignidades mayores.

As comendas desta ordem não são muitas em numero, pois segundo o Cathalogo do Padre Frey Ieronymo Romano não passaõ de quarenta: porem são todas muy rendosas, & tirando duas passaõ as outras de mil cruzados, & muitas rendem a conto, & a dous contos, auendo algũas que valem muito mais.

### CAPIT. II.

*Da antiguidade do Mosteiro de Bouro da Ordem de Cister, com algũas cousas tocantes à familia dos Almeidas.*



Continuando el Rey D. Afóio em obras de piedade, mādou este anno passar noua carta de Couto ao Abbade de Bouro Dom Payo, por se consumir em hum incendio com outros papeis a que em outro tempo mandara dar a seu antecessor. E porque as palauras são notauéis em confirmação da piedade del Rey, & demonstração de algũas cousas antigas, as proponho na forma que estão na escriptura da Torre do Tombo, & são as seguintes. *Ego Alfonso Rex Portugalis, vna cum filijs meis facimus cantum vobis Abbati de Burio Domino Pelagio, & vestra heremite; vestrisque successoribus in perpetuum promouendis, sicut iam alij Abbati feceramus. Sed quia scriptura vestra in domibus vestris cum alijs rebus asere, Cantum illum deletum esse, & elemosinam nostram distitui, Deo donante, passi non sumus. Querem dizer em nosso vulgar. Eu Dom Afonso Rey de Portugal em companhia de meus filhos fazemos Couto a vos Dom Payo Abbade de Bouro, & á vossa hermida, & a vossos successores para sempre, así como tinhamos feito ao outro Abbade. E porque a escriptura da doação, & as vossas casas padecerão incendio, não soffremos que por esta causa ficasse extinto aquelle couto, & se frustrasse a nossa esmola, que com o fauor de Deos tinhamos dado.*

Vai

Vai despois demarcando as terras do Couto do Mosteiro na forma em que oje as possui. Tinha ja dantes concedido o proprio Rey ao Abbade Dom Nuno antecessor de Dom Paio a Igreja & Villa de Santa Marta, como consta de escritura da Torre do Tombo dada no anno do Senhor de mil & cento & quarenta & oito. E porque daqui declara mayor antiguidade daquelle Mosteiro, importa fazer o exame necessario neste ponto, & descobrir o que temos alcançado.

O Doutor Frei Bernardo de Brito reduz o principio deste mosteiro a hum priuado do Conde Dom Henrique, chamado Pelaio Amado, de quem diz que procedem os Almeidas. Refere como estando Pelaio Amado viuo se retirou para hũa hermidã de São Miguel, poucas legoas distante da Cidade de Braga, aonde viuia hum hermitão de Santa vida, em cuja companhia começou a servir a Deos, & deu principio ao Mosteiro de Bouro no lugar que agora chamaõ Nossa Senhora da Abbadia, aonde achã hũa Imagem da sacratissima Virgem Maria, que ficara alli de tempo antigo, & se manifestara com certos resplandores que appareção de noite. Daqui se mudou o Mosteiro para o lugar aonde oje permanece, ficando a hermidã antiga com a Imagem de Nossa Senhora, a qual ainda he fre-

quentada com grande concurso & deuacão de todo aquelle entre Douro & Minho.

Em hum memorial que me veio à mão dos Mosteiros do Patriarcha São Bento neste Reyno, se nomea o Mosteiro de Bouro entre os antigos da familia Cluniacense, & delle dizem que está hũa verba no cartorio de Braga no tombo chamado Ecclesiastico das Igrejas & beneficios daquella Sé, que diz assi. *A Sancta Maria de Bouro monasterio Cluniacen* *se in montanis ab anno vsque octocentesimo octogesimo tertio soluitur Ecclesia Bracharenfis.* Que vem a dizer. Do mosteiro de Santa Maria de Bouro da Ordem Cluniacense, que está nas montanhas desde o anno de oitocentos & oitenta & tres se paga à Igreja de Braga.

Cõforme a esta memoria muito mais antigo he o Mosteiro de Bouro, & não teue principio em hermitães, como diz o autor referido, se não em Monges do Patriarcha São Bento. Porem cõsiderando o estado das cousas, & a destruição que os Mouros fizeram na cidade de Braga, aonde não deixaraõ pedra sobre pedra, como diz a escritura de sua re-

*Liuro 8*  
*cap. 5.*  
stauracão, com toda a comarca

visinha, em cujo distrito fica o Mosteiro de Bouro: não he de marauilhar ficasse tambem destruido, & despouado, mayormente não auendo memoria de que sabamos perseverasse entre

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

a furia da guerra dos Mouros, como foi o de Loruão, o de Vacariça, & outros de que ha noticia permanecerem naquellas aduerfidades.

He muy prouauel que os Mõges que alli viuião, quando deixaraõ o Mosteiro fugindo á furia dos Arabes, escondel-se a Imagem da Senhora, que despois se manifestou aos hermitaës na forma q̃ refere o Doutor Frei Bernardo de Brito, & a serem estes segundos restauradores do Mosteiro de Bouro hermitaës no principio, parece que o faz creiuel a palaura da escritura atras apontada, em que el Rey posto que chame a Dom Paio Abbade, nomea a sua casa hermida. Mas ou tomasse este segundo principio em hermitaës, ou em Monges do Patriarcha São Bento, elle se mudou aos nossos Cistercienses, em que oje permanece, & se annexou ao Mosteiro de Alcobaça, cuja filiação he, posto que seu principio seja mais antigo que a propria casa de Alcobaça, como se vé na escritura da Torre do Tombo do anno referido de 1148.

E quanto a ser Pelaio Amado o que deu segunda vez principio a esta casa de Bouro com outro hermitão da Igreja de S. Miguel, em cuja companhia viuia, não ha implicação algũa, como tambem em ser o mesmo Pelaio Amado o assendente dos Almeidas, ainda que lhe não possamos dar a

confirmação das escrituras de q̃ vñamos em semelhâtes materias.

O que eu tenho alcançado he, que ja em tempo del Rey Dom Sancho o Primeiro auia Almeidas. Em o liuro das Inquirições del Rey Dom Afonso Terceiro, que está na Torre do Tombo ha estas palautas. *Item dixit quod Fernandus Canellas comparauit tempore Donni Regis Sancij au i istius Regis villam de Pinheiro forariam de Caballaria, & modo filij de Ioanne Fernandes de Almeida habent ipsam hereditatem, &c.* O Portugues dellas he. Tambem disse Fernão Canellas comprou em tempo del Rey Dom Sancho Auõ deste Rey a quinta de Pinheiro, que era foreira a de Caballaria, & agora os filhos de Ioão Fernãdes de Almeida a possuem.

Conforme a esta memoria os filhos de Ioão Fernandes de Almeida viuião em tempo del Rey Dom Afonso o Terceiro, & o mesmo Ioão Fernandez seu pay seria do tempo del Rey D. Afonso Segundo, pay do mesmo Rey. Nisto não ha duuida. Pello sobrenome patronymico de Fernãdez, Ioão Fernandez de Almeida era filho de Fernando, o qual entendendo ser Fernão Martinz de Almeida, de quem fala o Conde D. Pedro, & o liuro antigo das linhãges, & que era o proprio Fernão Canellas nomeado nas palauras da Inquirição atras referidas. Pro uase esta verdade por outras palauras que se seguem na mesma Inquirição,

Liuro das  
Inquiri-  
ções del-  
Rey Dom  
Afonso 3.  
fol. 34.

Inquirição, em que se diz, que D. Pedro Portugal senhor da comarca em que cahia a villa de Pinheiro a tomara ao sobredito Fernão Canellas em tempo del Rey Dó Afonso o Segundo. E como pelos annos adiante a vejamos nos filhos de João Fernandez de Almeida se colhe com muita probabilidade, que lhe foi restituída, por ser cousa de seu auô Fernão Canellas, ao qual se deu esta alcunha, por ser tambem senhor da quinta de Canellas, como se acha no mesmo liuro das Inquirições. De sorte que o Fernão Canellas parece ser o Fernão Martinz de Almeida, por causa do sobrenome patronymico. Alcançou o reinado de Dom Sancho o Primeiro, & pode ser que del Rey Dom Afonso Henriques, pois seu filho João Fernandez de Almeida era do tempo del Rey Dom Afonso o Segundo, & sua nobreza se manifesta pellas quintas privilegiadas que possuia.

Isto quanto ao que se colhe por conjecturas, & discurso provavel. O que não tem duvida he ser esta hũa das familias illustres & benemeritas do Reyno, da qual ouue a casa titular de Abrantes, & ha muitas outras de Morgados ricos, de que sairão algũas pessoas insignes, assi no governo da paz, como da guerra. Trazem por armas em campo vermelho tres besantes de ouro entre hũa dobre Cruz, & bordadura do mesmo

ouro, & por timbre hũa Aguia de vermelho abezetada de ouro.

CAPIT. III.

*Da fundação de Alcanede.  
Trata-se que cousa era  
vassalo em o tẽpo antigo.*



Este anno de 1163. se começou a fundar o 116; Castello, & Villa de Alcanede, ficando senhor da terra el Rey Dom Afonso no temporal com Gonçalo de Sousa, & no espirital & ecclesiastico o Mosteiro de S. Cruz de Coimbra, em cujo Archiuo se conserua a doação, de que hei de apontar algũas palauras, por tocarem hum ponto que he necessario se aclarar para as mais vezes que se encontrar nesta historia. São estas as palauras. *Ego Alfonsus Rex, &c. dedi, & concessi fideli vassallo meo Gunfalu Menendi de Sansa locum illum Alcanede ad populandum, tali videlicet pacto, ut ambo habeamus ipsam populationem per medium, in quo loco nunquam vlla videtur fuisse populatio.* Querem dizer. Eu el Rey Dom Afonso dei, & concedi a meu fiel vassallo Gonçalo Mendez de Sousa aquelle lugar de Alcanede, cõ tal condição que ambos possuamos a dita pouoação, no qual lugar nunca parece que a ouue.

He para notar o titulo de vassallo que el Rey dà a Gonçalo de Sousa.

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

Souza. Para o que he de saber, q̃ este nome, *vassalo*, segundo algũs, se deriuou da palaura, *vasso*, que significa inferior; & sendo alsi que por esta causa competia a toda a sorte de gente sujeita a algum Principe, contudo com particular appropriação se começou acomodar só àquelles que recebiam dos Reys algũs fauores, como senhoria de terras, renças, dignidades, como declarou el Rey Dom Afonso o sabio nas partidas, dizendo: *Vassallos son aquellos que reciben honra, & buen hecho de los senhores, assi como cavallaria, o tierras, o dineros, por seruicio señalado.* E por esta causa naquelle tempo antigo não conuinha este titulo senão a gente principalissima, quaes eraõ os Condes, & Ricos homens, & Capitaes famosos, que mais se afinlauão no seruico dos Reys, & com quem elles repartião mais largamente do seu, segundo consta de doações & historias. As folhas quarenta & seis do primeiro liuro del Rey Dom Fernando se fala no Conde de Barcellos Dom João Afonso por esta maneira. *Fazemos saber, que esguardando nos como Dom João Afonso nosso fiel vassalo & concelheiro, &c.* E no mesmo liuro às folhas cento & noue está hũa escriptura que começa. *Carta porque o dito senhor (entende o mesmo Rey Dom Fernando) mandou entregar hũa terra de Pena com a Igreja do Salvador, & taballados do dito logo ao Conde Dom Gonçalo seu vas-*

*salo em pagamento de sua conta.* He a data della em Santarem a vinte & noue de Mayo da Era mil quatrocentos & vinte & hum, que he anno de Christo de mil & trezentos & oitenta & tres. De sorte q̃ aos Condes, que antigamente era o mayor titulo que auia, competia o titulo de *vassalo*, & se lhe daua por honra, & preeminencia grande. E que se não desse senão a gente de grande qualidade, declara a Chronica del Rey Dom Pedro, quando diz delle. *Foy grande criador de fidalgos de linhagem, por que naquelle tempo se não costumaua ser vassalo, senão filho, neto, ou bisneto de fidalgo de linhagem.*

*Chronica del Rey Dom Pedro.*

Não só aos homens, mas também às mulheres illustres se daua o titulo de *vassalos*, como se pode ver em doação que a Rainha Dona Tareja faz ao mosteiro de Pedroso do lugar de Santa Cruz, cuja data he na Era de mil & cento & sincoenta & sinco, que vem a cair no anno do Senhor de mil & cento & deasete, & diz desta maneira. *Ego Regina Tarasia de Portugal Regis Alfonsi filia, tibi Ausenda Gonsaluis vassala mea, placui mihi per bonam pacem, & voluntatem, ut facerem tibi cartam de hereditate mea propria, quam habeo in villa que vocitant Sancta Crucis in territorio Portugal subtus mons grande, discurrente riualo Feueros.* Quer dizer. Eu Dona Tareja Rainha de Portugal filha del Rey Dom Afonso, a vos Ausenda Gõçalues minha vassala,

*Cartorio de Pedroso.*

foy



foy meu gosto pella afeição, & amor que vos tenho, de vos fazer escritura de minha herdade propria que tenho na villa que chamão de Santa Cruz na comarca do Porto abaixo do monte grande, onde corre o rio Feueros. Sen do pois Gonçalo de Sousa Rico homem, & hum dos principaes senhores de Portugal, com razão lhe competia o titulo de vassalo; & a fidelidade que el Rey lhe atribue mostrou bem em todas as occasiões do seruico do mesmo Rey, de que se tem aduirtido alguns lanços particulares.

Pello tempo adiante se estendeo o nome de vassalo, & coube á gète de menos qualidade, quais eraõ os soldados particulares que estauão alistados para seguir a guerra. Porem não foi isto sô do tempo del Rey Dom Afonso V. adiante, como alguns querem, mas muito antes, como se ve do capitulo nono da primeira parte da Chronica del Rey Dom Ioão o Primeiro, quando o Mestre de Anis pedio à Rainha Dona Leonor lhe mandasse dar mais gente para defender a comarca dentre Tejo, & Goadiana, aonde o Chronista diz as palauras seguintes. *Ella mandou chamar logo Ioão Gonçalves escrivão da puridade que visse os livros dos vassalos daquelle comarca, & que desse ao Mestre quantos quizesse.* Eraõ estes soldados (que chamauão acontiadados, por estarem alistados em certo numero) assi

de pè, como de caualo, & por vezes se alistaraõ neste Reyno, para constar aos Reys das forças que tinhão, & terem milicia prestes para as occasiões que se offerecessem. O nome de vassalos se lhe applicou pella mesma causa, que aos grandes senhores, pellos soldados, & merces que recebião dos Reys, & pellos seruicos que lhe fazião. Em o tempo presente parece que o nome de vassalo naquella particular significação está extinto, & de especial se fez geral, & comprehende todos os subditos do Reyno.

## CAPIT. IIII.

*Como el Rey Dom Afonso deu obediencia ao Papa Alexandre Terceiro. Da dissensão que ouue na eleição deste Pontifice, & de algũas causas de Palestina.*

**Q**UANDO a morte do Summo Pontifice Adriano Quarto, o qual faleceo em Agnania no vltimo de Setembro do anno de 1159. tinha entrado no summo Pontificado Alexandre Terceiro Principe de raro valor, qual conuinha a necessidade presente, em que se leuantou hũa cruel perseguição na Igreja Catholica.

Gouernaua

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitanã.*

Governaua o Imperio Romano em lugar de Conrado que faltou em o anno do Senhor de 1153 Frederico Primeiro deste nome seu sobrinho, a quem por occasião da cór da barba como de metal encendido chamaraõ Eneobarbo. Foy hum dos Principes mais valerosos que teve o Imperio Romano, dotado de muitas graças naturaes, & aquiridas. Em nobreza de sangue igoal aos mayores, pois alem do parentesco do Emperador Conrado, era neto por parte de sua mãy do Emperador Henrique Quarto. Em disposição & gentileza fazia ventagem a todos os de seu tempo, era discreto, & de bom expediente em negocios de importancia, esforçado, & feroz na guerra, affabel & modesto na paz. Porem como fosse de condição altiva, amigo de querer ser respeitado, & inclinado a seu parecer, deu occasião a graues escandalos na Christandade. Ia em tempo do Papa Adriano impidira a seus vassallos o recurso á Curia Romana nas causas Ecclesiasticas, & não admitia em suas terras Legados Apostolicos. Fizera-se a eleição de Alexandre com algũa contradição, porque algũs Cardeaes deraõ voto em sua competencia a hũ nobre Romano chamado Octauiano, o qual se ouzou a chamar Papa Victor Quinto. O Emperador lançou mão desta occasião, para entabolar melhor suas cousas, &

fauorecendo a parte dos rebeldes, deu causa de auer Schisma na Igreja de Deos pouco menos de vinte annos.

Proueo o Senhor de varoões Apostolicos que illustrassem neste tempo sua Igreja de Doutores & Pastores que declarassem a verdade, & guiassem os fieis pello caminho de sua saluação. Da se o primeiro lugar aos Monges de Cister, & da Cartuxa, & alsi diz Anthelmo Bispo Bellicense graue escriptor daquelle tempo, que os Monges da Cartuxa & de Cister forão causa de ser reconhecido & venerado em breue tempo em França, Espanha, & Inglaterra o verdadeiro Pontifice Alexandre. E o que nessa materia leuou a palma, sendo Capitão & guia principal do pouo Christão, foy o grande Pastor daquelle tempo São Pedro Arcebispo de Tarantasia, firme columna da Fê, & defensor do patrimonio de I E S V Christo, o qual não só se oppóz ao Emperador Frederico, & lhe resistio como outro Moyse a Pharaõ, mas foy causa de os Reys Christãos do Occidente darem a obediencia ao Summo Pontifice Alexandre. Com a certeza desta verdade faz aclamação della ao pouo Christão o Cardeal Cesar Batonio digna de nos ficar em perpetua lembrança, dizendo assi.

Vedes Leitor a grande providência de Deos em reger sua Igreja, porque

*Anthelm.  
Bellicens.  
apud Baron.  
tom. 12. ad an.  
1161. n. 4.  
& apud Suriũ tom.  
3. 27. m.  
mje*

porque aquelle que na schisma de Pedro Leão preparou hũa tocha a seu vngido, a qual foy (como fica ditto) mandar em socorro do verdadeiro Pontifice Romano Innocencio, a São Bernardo tocha verdadeiramente ardente, & resplandecente, com o qual varaõ tão afinalado preparando caminho em todas as terras ao Pontifice, e ndireitou os passos torcidos, & fez chaõs os que eraõ asperos, não quis que Alexandre carecesse do mesmo fauor, tirando da mesma aljaua hũa setta escolhida para fazer vingança nas nações, & castigo em os pouos, pois aparelhou em socorro de Alexandre nesta necessidade hũ discipulo do mesmo São Bernardo, Monge da mesma Ordem de Cister, professõ no Mosteiro de Bonauai, & de Abade que disse-mos ser eleito em o répo do mesmo São Bernardo em Arcebispo de Tarantasia, &c. Atequi o Cardenal Baronio.

Do effeito que resultou das prêgações deste Santo, & dos outros varões Apostolicos em nosso Reyno de Portugal, temos hum celebre testemunho em Sãta Cruz de Coimbra, que he hũa carta del Rey D. Afonso para o Papa Alexandre, na qual não só declara sua foygeição ao Pontifice, mas dá tantas mostras de verdadeiro filho da Igreja de Roma, que he bem as não ignorem seus decedentes, & as faibão sensvassallos para par-

ricular consolação sua, & memoria honrosa deste piedoso Principe. A carta começa assi.

*Sanctissimo Patri & Domino summo & Apostolice Sedis, per Dei gratiam Pontifici Alexandro, Alfonsus eadem gratia Portugalesium Rex, quod deuotissimus filius optimo patri. Satis superque satis nouit vestre paternitatis sublimitas, me vestre Sanctitatis ita esse filium specialem, ut aut nullum penitus, aut vix aliquem mihi per omnia habeatis consimilem. Alij enim Imperatores, Reges, Duces, Principes, ceterique potentes à parentibus proprijs terras de iure Beati Petri acceperunt, cum quibus celsitudini vestre, & Romano Ecclesie obsecuntur. Ceteram aut nulla superadijciunt, aut si que à barbaris nationibus lucrantur, sua tanquam propriæ potestati adiijciunt. Ego autem cum his que de possessionibus parentum meorum per Dei gratiã mea industria acquisiui Beato Petro fideliter seruans plura quam haberem, per eius auxilium à Sarracenis abstuli, unde ea libens Apostolico patrimonio adieci animo gerens strenuus Beati Petri miles existere, & vestre Paternitatis semper iussuibus obedire, &c.*

Archino  
de Santa  
Cruz de  
Coimbra.

Em vulgar contem o seguinte. Ao Santissimo Padre & Senhor da sũma Sê Alexandre pella graça de Deos Summo Pontifice, D. Afonso pella mesma graça Rey de Portugal, deseja o que hũ deuotissimo, & obediente filho pode desejar a seu bom pay. Bastantissimamente deue ter entendido vossa Santidade que sou filho seu

raõ

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

taõ especial na affeição, & deuacão que não ha outro: ou que difficoltamente se poderã achar quem me seja nella semelhante. Porque os outros Emperadores, Reys, Duques, Principes, & mais poderosos da terra ouuerão por herança o patrimonio de seus pais pertencente ao peculio de São Pedro, com o qual permanecem na foygeição de vossa Santidade, & da Igreja Romana. Porẽ ou não acrescentão cousa algũa do que alcançaraõ, ou se algũa cousa vão adquirindo das nações barbaras, o approprião a si mesmos como a verdadeiros senhores. Mas eu feruindo fielmente ao bemauenturado São Pedro com o que me ficou de meus paes, & cõ o mais ganhado por minha industria, acho ter tomado aos Mouros cõ o fauor do sagrado Apostolo muito mais do que dantes tinha, por cujo respeito offereci tudo de boa vontade ao patrimonio Apostolico, pretendẽdo mostrar-me sempre esforçado Caualeiro do bemauenturado São Pedro, & obedientissimo aos mandados de vossa Santidade.

Atequi são palauras del Rey Dom Afonõ bem demonstradoras da foygeição, & affeição que tinha a Igreja Romana. O que se mais segue na carta he petição de certos fauores para o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a que el Rey se mostraua muy affeioado.

Por este tempo em que a Christandade do Occidente se reduzia á obediencia do verdadeiro Pontifice Alexandre, chegaraõ ao Oriente as nouas da dissensão q̃ auia na Igreja, & Balduino Rey de Hierusalem, juntos os Prelados de seus estados, & proposta a causa, ainda que contra voto de alguns, que querião pôr dilação na materia, aceitou por verdadeiro Papa Alexandre, sendo o principal autor desta acertada resolução Pedro Arcebispo de Tyro Prelado de grande valor, & autoridade. Tomado esse assento, não durou a vida a el Rey muito tempo, porque no mes de Feureiro do anno de 1162. passou desta vida, deixando por herdeito (por causa de não ter filhos) seu irmão Aymerico Conde de Ioppe, & Ascalon.

Foy Balduino hum dos melhores Reys que gouernarão aquella coroa, de gẽtil disposiçã, de costumes muy suaues, affabel, manso, temente a Deos, amigo de letras, & de homens sabios, fofredor de trabalhos, constante nas aduersidades, grande cortezaõ, & que sabia conciliar a graça de todos. Com estas boas partes, alem de outras que teue de bom Capitão, era bem merecedor de mais larga vida, & assi foy muy lametada sua morte tão anticipada; & tão grande foy o sentimento em seus vassallos & ainda nos estranhos, que afirma o

Arcebispo.

Arcebispo de Tyro se não lembrava as memorias dos homens de cousa semelhante. Então acoteco o celebre dito de Noradino Principe dos Turcos, o qual sendo persuadido pellos seus acommetesse os Christãos naquella occasião, respondeo. Deixemoloshor, que tem grande causa, pois perderão o melhor Rey que avia no mundo, não he justo impedir-lhe o sentimento, tempo virá em que lhe façamos guerra.

Tinhase ganhado em tempo deste bom Rey aos infieis a cidade de Escalon, despois de hum cerco muy porfiado, onde o mesmo Rey mostrou seu valor, & constancia. Foraõ desbaratados os Turcos, que ouzaraõ a entrar pellas terras de Ierusalem em grande numero. Descerouse a Cidade de Paneas, a qual estava opprimida do exercito de Moradino. Ganhouse outra Cidade chamada Cesarea com o socorro de Theodorico Conde de Frandes. E fizeraõ outras cousas de importancia a troco das quais padeceraõ os nossos suas calamidades em Anriochia, aonde foy morto o Principe Raymundo, & se perdeu muita parte de seu senhorio, & na Palestina, aonde o exercito Real foy desbarata-

do por causa de hũa  
cilada.

(.?.)

CAPIT. V.

*Da vida do Santo Frey Ião Cirita Monge de Cister, & Abbade de São Christouão de Lafoës. Tocase o principio desta casa, & de outras da mesma Ordem.*

**N**O tempo que o glorioso S. Bernardo mandou a primeira vez seus dicipulos a Portugal a fundar a Abbadia de São Ião de Tarouca, florescia nestas partes do Occidente hum santo varão por nome Ião Cirita, o qual de soldado do mundo se conuertera á milicia de Christo, & o seguia pello aspero caminho da penitencia. Dera principio à sua cõuersão hum recontro pouco fauorauel, de que saira ferido, & por meyo da aflicção do corpo, se lhe abrião os olhos da alma, & vira como a vida militar era arriscada, & a saluação perigosa nella. Tanto que teve melhoria, feita renunciação dos bens, & esperanças da terra se dedicou ao seruiço de Deos com vontade muy resoluta. Passou algum tempo em companhia de hum santo Sacerdote nos confins de Galiza, despois escolheu hum lugar solitario de Entre Douro

Nn & Minho

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

& Minho, & ao fim metido mais no coração de Portugal, fez seu allento jûto ao rio Vouga em hũa ferra aspera, em cõpanhia de hũs santos hermitaês que alli viuião.

Dous casos se referem em demonstração da virtude deste seruo de Deos, que a engrandecê muito, por serem em seus principios. He o primeiro mui semelhãte ao que la teue o outro Monge do hermo, de que se faz menção no Prado espirital, o qual recolhendo hũa noute em sua cella o inimigo do genero humano disfraçado em figura de molher, que segundo dizia viera ter por erro âquellas partes, & com lagrimas pedio ao seruo de Deos a não consentisse ser mantimento de animaes feros, ficando fora de seu aposento: & como pello discurso da noite sentisse graue tentação com a vista da molher fingida, & instigação do inimigo encuberto, fez hum acto heroico de meter a mão no fogo, com que o appetite se reprimio, & o inimigo domestico desapareceo. Não de outra sorte Ioão Cirita recolhendo em sua cella hũa molher que vinha fugindo de seu marido, como se sentisse tentado de sua vista, se deixou estar hum grande espaço com hum braço no fogo, com que de todo se mitigou o que a concupiscencia leuantara em seu coração.

Foy o outro caso, que como ao Conde Dom Henrique tar-

dasse a Rainha D. Tareja de parir filho herdeiro, se valeo das orações do seruo de Deos, as quais foraõ de tanta efficacia, que em breue tempo concebeo a Rainha & pario hum filho, que foy o esclarecido Rey Dom Afonso Henriques, gloria da nação Portuguesa, & fundamento do titulo Real desta Coroa.

Tene noticia em França o glorioso saõ Bernardo da rara virtude do seruo de Deos, & mandando seus Monges a estas partes a fundar hũa Abbadia os encaminheu Ioão Cirita, o qual por hũa reuelação que teue os foy buscar, & encontrou não longe da cidade de Lamego. Astenaraõ se fundasse o Mosteiro naquella terra, & auida licença do Infante Dom Afonso Henriques, que ou ja possuia o estado de Portugal, ou junto com sua mãy começaua a entender na materia do gouerno, se deu principio ao Mosteiro de São Ioão de Tarouca, & com elle á Ordem de Cister neste Reyno. Por occasião de hũas luzes que appareçãõ se mudou o Mosteiro do primeiro lugar em que se fundaua, & em hũa & outra parte eraõ os edificios muy humildes, atè que com occasião da jornada de Trancoso, & boa ajuda que a ella deu com suas orações Aldeberto Prior daquella casa, se fundou a Igreja por mandado del Rey Dom Afonso Henriques, & a casa começou

começou a crescer em fabricas & rendas, dando os Religiosos della tão notavel exemplo de virtude, que João Cirita se mudou ao habito de Cister com todos os hermitaës que vivião junto do rio Vouga.

Fundara aqui hum Mosteiro a que se deu nome São Christouão João Peculiar, que por varias dignidades veyo a ser Arcebispo de Braga, & segundo a computação dos tempos, deuia ser pello anno do Senhor de mil & cento & vinte, pouco mais ou menos, por quanto este Prelado quando veyo a Santa Cruz de Coimbra pello anno de mil & cento & trinta & hum, o deixava ja fundado. Consta hũa cousa & outra do liuro dos testamentos, aonde despois dese referir a fundação de São Christouão, & a vida que alli fazia João Peculiar se acrescenta, que o Arcediago Dom Tello o chamou a Coimbra para lhe ser companheiro na nova vida Religiosa, que emprendia.

Nesta casa de São Christouão foy Prior o santo varão João Cirita, & o era no anno do Senhor de mil & cento & trinta & sette, como se manifesta de hũa escriptura original deste Mosteiro, em que el Rey Dom Afonso diz assim. *Facio cautum firmissimum per huius scripturae firmitatem. Ecclesia Sancti Christophori de Lafões, & ipsis heremitis qui ibi habitant scilicet Joanni*

*Cirita eiusdem loci Priori, & omnibus alijs qui ibi heremiticam Ordinem in presentiarum tenent, per manus Ioannis Portugalensis Episcopi, praefati loci fundatoris. Quer dizer. Faço Couto firmissimo pello vigor desta escriptura à Igreja de São Christouão de Alatoës, & aos hermitaës que ahi morão, conuem a saber, a João Cirita prior do mesmo lugar, & a todos os mais que de presente goardão a Ordem heremitaica, ou a goardarem por ordem de Dom João Bispo do Porto, fundador da propria casa. Este Bispo he o mesmo João Peculiar, de que temos dito.*

Entre este anno de mil & cento & trinta & sette, & o de mil & cento & quarenta se fez a mudança de João Cirita, & seus hermitaës para a Ordem de Cister, porque ja em o anno de mil & cento & quarenta o acho feito Monge, & com nome de Abade. Consta da doação que o mesmo Rey Dom Afonso lhe fez do Couto de São João de Tarouca, na qual ha estas palauras:

*Et pro vobis Abbate Donno Ioanne Cirita, una cum fratribus vestris Regulari Beati Benedicti tenentibus, atque successoribus vestris, qui in vita sancta perseveraverint. E significa que fazia el Rey Couto áquella casa, auendo respeito ao Abade João Cirita, & aos mais Monges seus que perseverassem na obliervancia regular, & goar-*

Nn 2 da

Liuro dos  
testam.

Archivo  
de S. Chri  
stouão es-  
critura  
original.

Archivo  
de S. João  
de Tarou  
ca escriptu  
ra origi-  
nal.

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

da da regra do Patriarcha São Bento.

*Archivo de S. João de Tarouca. Doação q' faz Erme gunda cõ seu filho Froyla. Outra escriptura entre a Abbade e o Abbade Randulfo e outras.*

Não poderei determinar quanto tempo gouernou o Santo varão esta Abbadia, nem ainda resolver se propriamente foi Abbade della, por quanto no discursão de sua vida temos noticia de outros Abbades daquella casa. Em Junho do anno de mil & cento & sincoenta era Abbade deste Mosteiro Dom Randulfo, & o mesmo governaua em o anno de mil & cento & sincoenta & tres, consta hũa cousa & outra de doações autenticas. E assi pode auer duuida se foi Abbade o santo varão desta casa, ou se conseruando o nome de Abbade de S. Christoão se lhe fazião as doações das outras casas, como a Portugues, & varaõ insigne em santidade.

*Archivo de Salzedada doação original. E no liuro das doações no principio.*

Em o anno de mil & cento & sincoenta & seis a llustre senhora Dona Tareja viuua de Egas Monis fundando o Mosteiro de Salzeda, fez a doação d'elle ao Abbade João Cirita, saõ as palauras da escriptura. *Facio cartam testamenti pro remedio anime mee vobis Dono Ioãni Abbati Cirita, & omnib' fratribus vestris, atque sequacibus, qui ibi regulariter iuxta normam Patris Benedicti vinere voluerint, de loco illo qui dicitur Salzeda, &c.* E remata. *Fuella carta testamenti mense Maio 4. Kalend. Iunij, Ildefonso Rege regnante, Menendo Lamec. Episcopo existente Era M. C. LXIII.* Destas pala-

uras, que não he necessario traduzir, se ve que a Era da escriptura cae no anno do Senhor de mil & cento & sincoenta & seis, porque alem de ter a letra X. applica com a qual val quarenta se conuence do proprio teor da doação, pois se diz que reinaua então Dom Afonso, & era Bispo de Lamego Dom Mendo. E a valer a letra X. dez, sômente ficaua sendo falsa hũa cousa & outra; porque cahia então a Era no anno de mil & cento & vinte & seis, tempo em que nem Dom Afonso era Rey de Portugal, nem ainda tinha o gouerno d'elle, nem era Bispo de Lamego Dom Mendo, pois entrou no Bispado depois do anno do Senhor de mil & cento & quarêta & tres, como de alguns lugares desta historia se pode ter aduertido.

Não permaneceu o Santo nesta Abbadia de Salzeda; porque em o anno de mil & cento & sincoenta & nove auia nesta casa outro Abbade, chamado Dom João Nunez, ao qual foy feita segunda doação do Mosteiro, donde parece que o seruo de Deos se occupaua sô em aceitar estas casas, & de as incorporar na Ordem Cisterciense. E daqui se manifesta bem sua grande virtude & reputação em que estaua com os Principes, pois auendo naquelles principios tantos Santos da Ordem de Cister, a este só se offerecião os Mosteiros, & se



se fazião as doações; nem argue menor credito nesta Religião sagrada, que sendo tão calificado em santidade o seruo de Deos, julgasse por acertada a mudança do habito que fez a ella com todos os hermitaës de sua obediencia.

Marques  
na Chronica  
dos  
hermitaës  
de S. Au-  
gostinho.

Eraõ elles oito, segundo consta de hũa carta escrita pello Doutor Frey Bernardo de Brito ao Arcebispo Primaz D. Frey Aleixo de Meneses, da qual faz menção o Mestre Marques, & seus nomes Pedro, Froyla, Pelaio, Aluaro, Luluza, Germano, Rosendo, & Hermano. E posto que na doação del Rey Dom Afonso feita a S. Christouão, de que attraz fiz memoria se não declare mais que goardarem elles antes a Ordem dos hermitaës: *Qui ibi heremiticum ordinem tenent.* São os autores referidos de parecer ser esta Ordem de hermitaës de Santo Agostinho. He certo que viuerão elles em ambos os estados santa & religiosamente, em particular o santo Abbade João Cirita, do qual conta hum relatorio manu scripto do mosteiro de São João de Tarouca, que floreceo em santidade, & tratando de sua mudança do habito, diz estas palauras traduzidas do Latim.

E o mesmo Abbade (entende Boemundo, do qual attras tinha falado) *resplandeceo com milagres, & deu o habito de nossa Ordem a João Cuita, o qual foygeitou à mesma regra,*

*& reformation os seus frades do Convento de Lafoës, & viuco nella santissimamente; como deixamo. escrito em o volume grande.* Atequi são palauras deste memorial, do qual darei a copia no appendice deste liuro cõ outras escrituras. E se o tempo nos não tiuera roubado as memorias antigas, & aquelle volume grande permanecera, por sem duvida se pode ter aueria nelle coufas marauilhosas deste santo Abbade, & dos mais Religiosos daquelle tempo.

Sabemos que o seruo de Deos algum tempo antes de sua morte se tinha retirado ao mosteiro de São Christouão de Lafoës, lugar de sua primeira vocação, & renunciara todas as preminencias, & dignidades que nesta casa, & nas outras alcançou, das quais teue o gouerno algum tempo, ou foi como prelado geral, por quanto em São Christouão era Abbade Dom Miguel, & nas outras casas os que deixamos apontado: ás quais ajuntamos o Mosteiro de São Pedro das Aguias, o qual sendo de Monges negros do Patriarcha São Bento, elle reduzio á familia Cisterciense. E não julgo a renunciação que este santo fez das dignidades por obra de menor porte q̃ as outras de sua vida, & das q̃ obrou no ministrio das Prelazias; porque na verdade se he louuauel gastar a idade em doutrinar, & gouernar es subditos, & exercitar officios publicos

No 3 quem

## Liuro XI. da Monarchia Lusitanã.

quem tem talento para aprouei-  
tar nelles, mayor excellencia he  
deixalos, mayormente em idade  
que he necessario tratar cada hũ  
de si com mais particularidade.

*Daut. 36.* Como lemos do Santo Moyſes,  
que vendose ja velho, fez renun-  
ciação da capitania do pouo He-  
breo, & do famoso Audencio, o  
qual offerecendolhe o Imperio  
*Herodian lib. 4.* por morte de Antonino, o não  
quis aceitar, por ser ja velho.

Chegou o Santo á hora da  
morte cheo de merecimentos, &  
de annos, & como tiuesse reuel-  
ção do dia de sua partida, se pre-  
parou com grandes actos de cha-  
ridade, dando marauilhoſo ex-  
plo aos Monges presentes, & aos  
ausentes mandou hũa carta, na  
qual se pode notar assi o bõ esty-  
lo & discurso, como a charidade  
paternal do santo Abbade. Não  
dou a copia della, por andar estã-  
pada na Chronica de Cister. Na  
sepultura deste seruo de Deos, q̃  
se ve oje de obra moderna na  
Capella mór de S. Christouão esta  
o letreiro seguinte.

*Aqui jaz o corpo do santo Abba-  
de Frey Ioão Cirita P. F. deste mo-  
steiro.*

Outro Epitafio auia mais an-  
tigo em sua sepultura, segũdo re-  
fere o Doutor Frey Bernardo de  
Brito, & dizia assi. *Ioannes Abbas  
Cirita rexit monasterium Sancti Ioan-  
nis, Sancti Christofori Salzedæ, San-  
cti Petri, clarus vita, clarus meritis, cla-  
rus miraculis claret in celis. Obijt de-*

*cimo Kalendas Ianuarij Era M.CC.II.*  
Quer dizer. O Abbade Ioão Ci-  
rita governou o Mosteiro de São  
Ioão, de São Christouão da Sal-  
zeda, & de São Pedro, claro na  
vida, claro em merecimentos, cla-  
ro em milagres resplandece nos  
Ceos. Faleceo em 23. de Dezem-  
bro da Era de 1202. que he anno  
de 1164.

### CAPIT. VI.

*Como el Rey Dom Afonso  
ganhou algũas praças aos  
Mouros, & rōpeo o exerci-  
cito del Rey de Badajoz.*



Ontão nossas historias  
que estando el Rey D. 1165.  
Afonso em Alcacer  
do Sal neste anno de  
1165. teue nouas que a villa de Si-  
zimbra se poderia ganhar aos  
Mouros, por estar sem bastante  
presidio. E por não perder a oca-  
siaõ, junta algũa gente lhe foi pór  
cerco com breuidade. Eraõ os lu-  
gares cercados, & fortalezas na-  
quelle tempo muy defenſaveis,  
por faltarem os instrumentos de  
artilheria, que as arrazão. Auia  
por todas as fronteiras gente ex-  
ercitada na guerra, & que se não  
consumaua espátar com qualquer  
monimento de seus contrarios, &  
por esta causa posto que a Villa  
não estiuessẽ bem presidiada, foy  
sostentando o cerco por alguns  
dias,

dias, ate que não podendo fazer mais resistencia, foy entrada com grande dano dos cercados, & reduzida á foygeição del Rey Dom Afonso.

Soube el Rey de Badajoz da oppressão dos de Sizimbra, quando estauão cercados, & achando não cõuinha á sua reputação des-emparalos no perigo, ajuntou cõ muita breuidade hũ campo muy luzido, com que veyo demandar el Rey Dom Afonso. Chegou tarde este socorro, que a villa de Sizimbra estaua ganhada pellos nossos, & el Rey Dom Afonso tinha partido com pouca gente a contemplar o sitio de Palmela, a qual se deuia perder os annos atras, despois que no de 1148. foyra conquistada pellos nossos, como deixamos escrito.

*Nesta diz-  
jeção de  
mil de pé,  
e 1500 de  
caualo.*

Vinhão no exercito del Rey de Badajoz 60. mil homẽs de pé, & 4. mil de caualo, assi dizẽ nossos escritores, ainda que a multidão da caualaria não parece tão grande a outros. Não leuaua el Rey Dom Afonso consigo mais que setenta, ou setenta de caualo, & alguns peoẽs, os quais não passauão de duzentos. Com esta pequena companhia teue vista do exercito contrario. Não pareceo ella bem a alguns dos nossos, que bem quizerão verselõge daquelle encontro. Mas el Rey cujo animo superior a todas as difficuldades não sofria dar entrada a desconfianças, resolutõ de não vol-

tar as costas ao inimigo, nem deixar de si aos que viessem exemplo algum de cobardia, virando o rosto a seus caualeros, & á mais gente de pé, que poderia ter menos alento, começaram de os animar com palavras de tanta magestade, com rosto tão alegre & sereno, que ate nos menos animosos le vio logo o pouco temor q̃ tinhaõ. Com isto mandou fazer sinal de acometer, & cõ o mayor estrondo possivel appareceo repentinamente sobre os inimigos, os quais se vinhão chegando a hum alto, que encubria a mayor parte de nossa gente.

Fizeraõ os Portuguezes tão gallardo encontro na vaõgoa da Mourisca, & cõ tão acôrdo se ouuerão naquella primeira refrega, q̃ dos inigos muitos perderão a vida, & outros ficaraõ incapazes de defenõsa, & algũs começando a resistir tanto que ouuiraõ nomear el Rey Dõ Afonso, perderão logo o animo, julgando que vinha o exercito Real, & o poder de todo o Reyno sobre elles. Os nossos lhe não dauão lugar a se ordenarem, nem a verem a confusão & engano em que estauão; pello que mortos os mais valerosos, começaram os outros a virar o rosto. O corpo do exercito, & retagoarda vendo a perturbação, & não podendo bem alcançar a causa do dano, por julgarem os que fugião dos seus pellos vencedores que os seguião, nem po-

Nũ 4      dendo

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

dendo imaginar quão poucos e-  
rão os Portuguezes, imitarão os  
primeiros em voltar as costas, &  
foy isto feito com tanta desordê,  
& medo, que os nossos tiueraõ  
bom lugar de os ir alanceado por  
grande espaço. Quem vira nesta  
ocasião o grande Rey D. Afonso,  
& notara as marauilhas que obra-  
ua, bem conhecera ser só este fei-  
to bastante a lhe dar lugar entre  
os famosos, & venturosos Capi-  
tães do mundo. Seguiu-se o alcan-  
se quanto foy necessario para as-  
segurar a vitoria, & feito o smal  
de retirada, se recolheraõ os nos-  
sos, & gozaraõ liuremente dos  
despojos que ficaraõ.

Bledalib.  
3644.

Com tão prospero successo  
foy facil a el Rey recobrar outra  
vez a villa de Palmela; porque  
os Mouros sabido o desastre del  
Rey de Badajoz, & ruina de seu  
campo, entregaraõ a villa aos Por-  
tuguezes. Outras entradas fez el-  
Rey D. Afonso neste anno por  
terra de Mouros, de que tirou  
grandes prezas, como affirmão  
algũs autores, os quais se lastimaõ  
da breuidade com que se escreue-  
raõ as cousas deste tão finalado

Principe, & do descuido que  
ouue em se passarem por  
alto muitas de suas  
façanhas.

(?.)

### CAPIT. VII.

*Da doação que el Rey fez ao  
Mosteiro de Santa Cruz,  
do Castello de Sãta Oliaia.*



Emos memoria neste  
anno de hũa celebre  
doação feita por el-  
Rey Dom Afonso a  
Santa Cruz, da qual pareceo tres-  
ladar aqui as palauras que se se-  
guem por serem notaveis. Consi-  
derans quæ & quanta beneficia con-  
tulit mihi omnipotens Dominus quo-  
modo custodiuit me a iuventute mea  
vsque in senectutem, quomodo Regnũ  
mihi dederit, & multum amplius dila-  
tauerit, & quomodo me incolumem in  
omnibus prælijs & negotijs obseruaue-  
rit, placuit mihi dare donarijs Domini  
quandam oblationem, videlicet Castel-  
lum Sanctæ Alalie. Palauras ver-  
dadeiramente Christãas, dignas  
de hum animo tão pio & Catho-  
lico, como o del Rey Dom Afon-  
so. Considerando (diz elle) quan-  
tas, & quão grandes mercês me  
tem feito o Senhor todo pode-  
roso, como do principio de mi-  
nha idade até o estado de velho  
me ha goardado, como me deu  
o Reyno, & mo tem muito mais  
ampliado, como em todas as ba-  
talhas, & mais occasiões me ha de-  
fendido & conseruado saõ & sal-  
uo: tomei deuação de dar entre  
as offertas do Senhor hũa, que he  
o Castello

1166.

Archivo  
de Santa  
Cruz es-  
critura  
original

o Castello de Santa Olaia. Acaba a escritura. *Faça carta mense Decēbris, Era M. CC. III. Ego Rex Alfonsus una cum filiis meis D. Sancio, & Dona Sancia. Qui presentes fuerunt. Ego Fernandus Alfonsi filius eius confirmo. Comes Valasus filius sororis eius, Gōsaluus de Sausa Curia Dapifer, Petrus Pelagij Vexillifer Regis, Fernandus Alfonsi, Suarius Menendi, Sancius Nunes, Suarius Venegas, Gūnsalvus Menendi, Cerueira Prator Colimbria, Michael Garcia Maiordomus Colimbria, Fernandus Gūnsalvi, Menendus Stemma, Suarias Pelaes, Hermigius Menendi, Valasco Fernandi, Petrus Nunes, Tizon, Martinus Anaia, Saluador Gūnsalves, Petrus Galecus, Suerius Dias Iudex Colimbria, Petrus Fernandi, Petrus Nunes, Petrus Velio, Suarius Dias. Os Prelados são os que se seguem. Ioannes Bracarensis Archiepiscopus. Michael Colimbriensis Episc. Suarius Eborensis Episc. Aluarius Vlisbonensis Episc. Petrus Portigalensis Episc. Menendus Lamecensis Episc.*

Este Castello de Santa Olaia, de que ja algũas vezes se ha feito menção, era fortissimo pello sitio, & acomodado pella abundancia da terra a se fazer guerra delle, & por este respeito muy estimado os annos passados, em que seruia de freo aos Mouros da Estremadura, & de escudo à gente Christãa. Para o que he de saber, que junto à villa de Montemor o velho para a parte do Norte, como hum quarto de legoa se leuanta hũa serra

não muito alta, a qual correndo para o Occidente por algum espaço, fica cercada de campos fertilissimos, & terras muy abundantes. A ponta desta serra diuidida do mais corpo por espaço de cincoenta passos, faz hum monte leuantado em forma de ilha, rodeado de todas as partes dos mesmos campos. Terà de circuito seiscentos passos, & se leuanta como quatorze ou quinze braças em alto, & ficando pella parte do Occidente rocha talhada a pique, & pellas outras a subida difficultosa. Eica no alto hũa planicie, na qual esteue antigamente o Castello de Sãta Olaia, & ha hoje hũa Igreja da inuocação da mesma Santa. O Castello conforme a tradição, & indicios de algũas pedras, & de hum Idolo de lano de metal fundido, que ha pouco tempo se achou, parece ser obra dos Romanos.

Ficaua senhoreando a villa de Maiorca, & os lugares vizinhos, & pella fertilidade da terra, & commercio do mar (que se lhe comunica por hum esteiro notauel, que vai ter ao rio Mondego pouco distante) era muy acomodado a sostentar gente de guerra. E assi achou el Rey Dom Afonso, que não sendo tão importante ja à milicia, a qual se tinha transferido a outras partes fazia notauel esmola a Santa Cruz concedendolhe aquellas rendas.

Em o tempo presente está o  
Castello

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

Castello destruido, & teue antes de se entregar áquelle conuento os Alcaides seguintes, conforme consta de outra memoria do mesmo Mosteiro. Dom Paio Guterres, Dom Fernão Pirez, Dom Rodrigo Moniz, o Conde Dom Rodrigo, o Conde D. Gomez Paes. A este fidalgo (o qual possuia o Castello em o anno presente de 1166.) fez el Rey recompensa de muitas herdades na ribeira do rio Minho, & em outras partes, dizendo, que as ouuera da Condesa Dona Eluira Pirez. Trata esta segunda escritura (a qual não tem era) de certas discordias que os criados da Rainha Dona Tareja filha do mesmo Rey Dom Afonso, & senhora de Montemor o velho tiueraõ com os officiaes do Mosteiro de Santa Cruz sobre as rendas das portagens, & mais direitos de nauios, que entravaõ pella foz do Mondego. Recorreo o Prior de Santa Cruz a el Rey Dom Afonso sobre o caso, o qual feitas as diligencias necessarias conseruou ao Mosteiro no dominio, & rendas do Castello que lhe pertensião quando era gouernado por senhores seculares. São as palauras da escritura que declaraõ isto, & apontão os nomes daquelles fidalgos Alcaides de Sãta Olaya estas que se seguem.

A primeira  
ra Insan  
ta de Por  
tugal se  
nhora de  
Montemor  
o velho.

Archiuo  
de Santa  
Cruz de  
Coimbra.

*Hoc fuit forum, & dominium Castellum Sanctæ Eulalie, quando cum tenuit Donus Pelaius, & post eum Donus*

*Fernandus Petri, & post ipsum Donus Rodericus Montiz, post eum quoque Comes Donus Rodericus, & post eos Comes Donus Gomes Pelagij, &c. Não importa dar a traducção destas palauras, pois nas antecedentes fica apontada sua significação.*

Em o proprio anno de 1166. deu el Rey o dito Mosteiro a Villa do Lourical, a qual oje pertence à Vniuersidade de Coimbra pella parte das rendas que ouue de Santa Cruz. E pouco depois mandou fazer hũa confirmação muy ampla de todas as rendas, & terras que tinha dado ao mesmo Mosteiro, particularizando tudo muy miudamente, & os tempos em que fizera estas doações. Conseruase em Santa Cruz com o nome de testamento del Rey Dom Afonso Henriques, & remata deste modo.

*Facta carta testamentorum, & donationum mense Decembrio, Era M. CC. III. Ego Rex Alfonsus Comitis Henrici, & Regine Tarasie filius, qui hanc cartam facere iussi coram meis Baronibus propria manu robor, & confirmo, & hoc sig. Xnum facio. Qui presentes fuerant Deo adiuuante, & auxiliante. Ego Sancius Rex hoc datum patris mei robor, & confirmo. X. Similiter ego Sancia Regina hoc datum patris mei grato & perfecto animo robor, & confirmo. X. Ego Fernandus Alfonsi filius eius confirmo. Comes Velasco filius sororis eius confirmo. Gonsalvus de Sousa Curie Dapifer conf. Petrus Pelagij Vexillifer Regis conf.*

Archiuo  
de Santa  
Cruz es-  
critura  
original.

Sancius

*Sanctius Nunes conf. Suarius Mendi conf. Suarius Venegas conf. Ermigius Menendi conf. Valasco Fernandi conf. Petrus Fernandi conf. Petrus Vellio conf. Suarius Dias conf. Cerueira Praetor Colimbrie, Martinus Ania, Fernandus Gunfalus, Salvador Gunfalus, Petrus Nunis, Pelagius Petris, Petrus Venegas Iustitia, Michael Garcia Aconomus Colimbrie, Suarius Dias Iudex Colimbrie. Testes, Magister Albertus Cancellarius Regis, Magister Petrus Alfarde notant.*

Foy importante pôr todas as firmas desta escritura, & da passada, porque com ellas se confirmaõ alguns pontos da historia ja tratados, como de Fernão d'Afonso ser filho del Rey, & o Conde Dom Vasco seu sobrinho, &c.

O Cerueira que se nomea Alcaide de Coimbra (isto he Alcaide mór) foi pessoa de grande respeito naquelle tempo, rico, & conhecido, & bem digno de fazermos d'elle lembrança, porque posuindo dignidades, favores, & bês da terra, os soube desprezar, & buscar os do Ceo, fazendo se Religioso em Santa Cruz de Coimbra, a quem deixou muita parte de sua fazenda, como tudo colhemos de escrituras daquella casa, que não he necessario allegar. Em todas ellas o acho nomeado Cerueira, & mal se pode determinar se era o seu nome proprio, se o sobrenome. Como tambem se por seu respeito tomaraõ este appellido alguns fidalgos que pello

tempo adiante se seguirão. Faz delles memoria o Conde Dom Pedro em alguns lugares, & mostra como estauão liados por casamentos com a gente principal daquelle tempo. Alguns querem se tomasse este appellido de Villanoua de Cerueira, & outros o deriuão de certo lugar de Aragoão, o que examinaraõ mais de vagar os que escreuem desta materia.

Trazem os Cerueiras por armas em campo de prata duas Ceruas de purpura passantes, & hũa bordadura chea de escudinhos das armas do Reino, & por timbre hũa das Ceruas do escudo.

# CAPIT. VIII.

*Dos Côdes que ouue em Portugal em tẽpo del Rey D. Afonso Henriques, & de seus pais, com o tocante a suas familias.*



Orq na memoria referida do capitulo antecedente, se nomeãdous Condes, os quais em tempo del Rey Dom Afonso Henriques gouernaraõ o Castello de Santa Olaya; & em outras escrituras se faz menção de outros do mesmo tempo, & mais antigos, conuem dar noticia delles, pois nossos escritores se descuidaraõ de o fazer tomando principio no Conde Dom Mendo de Sousa,

Conde L  
Pedro. ii  
31 & 34

Escritu-  
ras de S.  
Cruz de  
Coimbra.

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

Sousa quando fazê Catalogo dos Condes deste Reyno.

E deixado o Conde D. Fernando com quem se diz casou segunda vez a Rainha Dona Tareja, por delle se tratar ja em outros lugares, & o Conde Dom Gomes Nunes de Pombeiro, de quem tambem se fez particular memoria em o Capitulo 28. do liuro nono, o qual não teve descendentes varoões, mas suas filhas casaraõ nas casas de Pereira, & Amaia, & deixaraõ successão. Em primeiro lugar se me offerece outro Conde Dom Gomez contemporaneo deste primeiro. Fala del le o Conde Dom Pedro em seu Nobiliario no titulo 25. aonde tratando de Dona Tareja Gonçalvez de Sousa diz estas palavras. *Esta Dona Tareja Gonçalvez foy casada com D. Vasco Fernandes, filho de D. Fernão Gomez por sobre nome Catiuo, o qual foy filho do Conde Dom Gomez de Sobrado.* A memoria de Fernão Catiuo corre nas doações do primeiro tempo do reinado del Rey Dom Afonso Henriques, & assi seu pay o Conde Dom Gomez de Sobrado fica claro ser do tempo da Rainha Dona Tareja, & do Conde Dom Henrique. Os decendentes do Conde Dom Gomez, & de seu filho Fernão Catiuo se chamaraõ de Soueroza. São muy nomeados em nossas Chronicas pelas guerras ciuis que tiueraõ com outros fidalgos, como Martim

Gil que venceo a batalha do Porto, & Gil Vasques, o que morreo na batalha de Gouuea, & assi outros.

Na escritura de Santa Cruz arras citada se nomea o Conde Dom Gomez Paez por ultimo Alcaide do Castello de Santa Olaia, & parece ser filho de Paio Goterres da Silua, assi pella semelhança do nome Patronymico, como da conueniencia do tempo & senhorio daquella fortaleza, a qual primeiro fora entregue ao mesmo Paio Goterrez. Do q̃ toca á familia dos Syluas, ja em outro lugar se disse sumariamente o que conuinha.

Na propria escritura se fala no Conde Dom Rodrigo, & del le achamos memoria em tempo da Rainha Dona Tareja, como ja em outro lugar fica, pode ser que este seja o Conde Dom Rodrigo Perez, chamado o Veloso, o qual foy afeiçoado a este Reyno, & seguiu as vandeiras del Rey Dom Afonso Henriques contra o Emperador seu primo, como escreue o Bispo de Pamplona; pello tempo adiante encontramos nas doações deste Reyno entre outros senhores com o Conde Dom Rodrigo. No anno de 1140. confirma na escritura de Couto de São João de Tarouca. E no de 1141. na doação da villa de Freitas feita por el Rey a Paio Formarigues, & nesta escritura se nomea, *Curie dapifer*, & finalmete assina



afina na escritura do Castello de Ceres, o qual el Rey Dom Afonso deu aos Templarios no anno do Senhor de mil & cento & cincoenta & noue. Os antecessores deste Conde Dom Rodrigo Veloso foraõ os Reys de Leão, como se pode ver no liuro do Conde Dom Pedro tit. 12. & delle diz o Bispo de Pamplona, que decendem hoje os Duques de Alcala, & outras casas illustres de Castella.

Nossos Chronistas escreuem q quando o Infante Dom Sancho filho del Rey Dom Afonso Henriques fez aquella celebre jornada pellas terras de Andaluzia até chegar a Seuilha, o acompanharaõ dous Condes, que saõ Dom Pedro que chamão das Asturias, & Dom Ramiro. Estes mesmos Condes se nomeão entre os senhores que se acharão com el Rey D. Afonso Henriques na cidade de Tuy em o anno de mil & cento & sessenta, quando se vio com o Conde de Barcelona, como atras fica. Não achei mais noticia delles, nem seus nomes apparecê nas escrituras.

O Conde Dom Vasco he muito celebrado em o tempo del Rey D. Afonso Hérriques, & se nomea em varias doações. Em hũa do anno de mil & cento & sessenta em que el Rey dà a Santa Cruz Aluorge, Germanelo, & Athania. em o qual anno acompanhou el Rey Dom Afonso á cidade de Tuy às vistas que então teue com

o Conde de Barcelona, como fica relatado. Foi Mordomo da casa Real, & seu trinchante mór, como se colhe das mesmas doações, & principalmête de hũa do anno de 1169. em q se faz Couto a Midoës, que a todas as dignidades abria caminho seu grande merecimento, & o parentesco que tinha com el Rey Dom Afonso.

O Conde D. Pedro no titulo 37. escreue, que D. Sancho Nunez de Barbosa filho do Conde Dom Nuno de Cella noua foi casado com a Infanta D. Tareja Afonso, filha del Rey Dom Afonso o primeiro, & por lhe ser tirada esta mulher, casou segunda vez com D. Tareja Mendez, filha de Mem Moniz de Riba Douro, & q della ouue entre outros filhos o Cõde D. Vasco Sâches. Deixados outros erros q neste lugar té o autor referido, he manifesto engano negar o parentesco entre o Cõde D. Vasco, & el Rey Dom Afonso, por quanto consta de escrituras originas, em q não ha erro. Na doação q o proprio Rey fez a Santa Cruz do Castello de S. Olaia, & na outra q chamão testamento del Rey, depois de confirmarem os Infantes D. Sancho & Dona Sancha filhos del Rey, se seguem estas duas firmas: *Fernandus Alfonsi filius eius confirmo, Comes Velasus filius sororis eius confirmo.* Isto he: Fernam d'Afonso seu filho confirmo, o Conde Dom Vasco filho de sua irmãa confirmo. E em

Conde D.  
Pedro tit.  
37. §. 2.

Archivo  
de Santa  
Cruz es-  
critura  
original

Archivo  
de Santa  
Cruz

O o      boa

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

boa grammatica assi como Fernão d'Afonso era filho delRey, assi o Conde Dō Vasco era filho de sua irmã, porque o relatiuo; *emus*, em ambas as partes mostra referirse á mesma pessoa. E assi o Conde Dom Vasco fica não só com o parentesco delRey, que lhe não dá o Conde, mas com o de sobrinho seu, que he contra outro erro do mesmo autor, em fazer primeiro casado Sâcho Nunes com filha & não irmã delRey Dom Afonso.

*Liuro 10.  
cap. 21.*

Este Conde Dom Vasco foy casado com Dona Orraca Viegas filha de Viegas Moniz, como ja dissemos, & ouueraõ decendencia, posto que não permaneceu sua casa neste Reyno, & faltou nella a linha masculina.

*No liuro  
antigo da  
Sê de Co-  
imbra as  
fol. 134.*

Os Condes Dom Rodrigo, & Dom Fernando confirmão em escritura do anno de mil & cento & setenta & dous, a qual he a doação de hũas casas feita por elRey Dom Afonso ao Bispo de Coimbra Dom Miguel, & declara elRey estarem junto de outras casas, que elRey Dom Fernando seu bisauo dera á Sê da mesma Cidade. Confirmão nesta escritura muitos senhores, que então estavam na Corte, & seus nomes são estes. Primeiramente confirma elRey & seus filhos el Rey Dom Sancho, & a Rainha Dona Tareja, & cada hum acrescenta hũa Cruz no seu final. Seguemse Fernam d'Afonso Alferez, Sueiro

Mendez, Pero Pacz, Sueiro Aires, Afonso Hermigiz, Hermigio Mendez, Pedro Odoris, Sueiro Diaz, o Conde Rodrigo, o Conde Fernando, Valco Fernandez, Mem Gonçaluez, Sueiro Viegas, Fernão Gonçaluez, Gonçalo Viegas, Garcia Garcez, Pero Fernandez Mordomo da Corte del Rey Dom Sancho. Falta o Mordomo delRey Dom Afonso, que então era o Conde Dom Vasco seu sobrinho, como vi em outra escritura do mesmo anno. Não pude saber de que familia fossem estes dous Condes, Dom Rodrigo, & Dom Fernando. Só alcansei que o Conde Dom Fernando tinha o senhorio de Viseu & de Zurara, como se declara em hũa escritura original do Mosteiro de Maceiradaõ da Ordem de Cister, que he do Conto da casa dada em o vltimo dia de Outubro do anno do Senhor de mil & cento & setenta & tres.

*Escritura  
original  
de Macei-  
radaõ.*

O Conde Dom Afonso confirma na doação que elRey Dom Afonso faz ao Mosteiro de Loruaõ do Canal de Aulantes, cuja data he em Mayo da Era de mil & duzentos & quatorze, que he anno de mil & cento & setenta & seis. Não achei delle

*Escritura  
original  
de Loruaõ  
tit. 5. n. 16*

outra memoria.  
(2.)

CAP.

CAPIT. IX.

*Como foy ganhada a Cidade  
de Euora aos Mouros.  
Descreue-se o sitio em que  
está fundada.*

1166.



Vora illustrissima cidade do Reino de Portugal, & cabeça da provincia que chamamos Alentejo, está fundada em hum lugar não muito alto, mas superior a hũa campina grande de terras fertilissimas, cujo remate he quasi rodeado de todas as partes de montes muy distantes. He nisto muy semelhante à cidade de Roma; porque assi como esta grande Cidade alem dos dilatados campos que a cercaõ, têm do Oriente, & Norte os montes Tiburtinos, & para o medio dia os Sabinos, & outros que coroaõ suas campinas. Assi a cidade de Euora alem dos campos visinhos, tem da parte do Oriente & Norte a Serra de Ossa, fresquissima pella multidão de fontes, & aruores fructíferas. Do meo dia os montes de Portel & Viana, aos quais se segue a Serra que chamamos de Monte de muro, & outros montes menores com grande ornato da terra que

se inclue neste circuito. Era ja esta pouoação insigne em tempo do famoso Capitão Viriato, o qual floreceo cento & quarêta annos antes da vinda de nosso Saluador ao mundo. Foy acrecenrada pello grande Sertorio, & fez della particular assento, quando com o valor dos Lusitanos pos em contingencia o poder de Roma. Este Capitão a cercou de muros tão firmes, como se mostraõ ainda em algũas ruinas. Ao mesmo se reduz o principio daquelle celebrado aqueducto que chamão de prata, o qual restaurado por el Rey Dom Ioão o Terceiro leua à Cidade muita copia de agoa, com que se restaura em parte a falta do rio, & fontes. O Imperador Iulio Cesar teue em muita estima esta Cidade, & pellos grandes pruillegios que lhe concedeo, se veio a chamar *liberalitas Iulia*. O proprio Emperador a fez Municipio do antigo Latio, que era certa dignidade com a qual ficauão igoados seus moradores aos proprios moradores de Roma. Alguns escriptores Latinos a chamão Elbora, outros Ebura, mas seu nome entre os mais doutos foy sempre Ebora, que com pouca corrupção dizemos Euora.

Foy venturosa esta Cidade, por ser das primeiras que no mundo receberam a Fè de Christo. S. Mancio hum dos setenta & dous discipulos foi seu primeiro

O o 2 Bispo,

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

Bispo, & com seu mesmo sangue deu nella testemunho da Fé que pregaua. Foraõ celebres em tempo de Diocleciano os inclytos Martyres & irmãos Vicente, Sabina, & Christina, naturaes desta Cidade, ainda que o Padre João de Mariana os quis levar a Talaueira com tão pouca razão, como confissão varoões doutos, que por esta & outras causas o tem censurado. Em tempo dos Godos floreceo esta Cidade com reputação, & dignidade Episcopal. Foy conquistada pellos Arabes na gêral perda de Espanha, & permaneceu debaixo de seu Imperio pouco mais de quatrocentos annos.

Reduzida ao poder dos Christãos na forma que logo contaremos, se lhe restituiu a dignidade Episcopal, da qual foy promovida á de Metropoli no anno do Senhor de mil & quinhentos & quarenta pello Summo Pontifice Paulo Terceiro á instancia del Rey Dom João tambem Terceiro. Foy delle & dos mais Reys de Portugal muy estimada, & por vezes fazião nella assento de sua Corte. Está hoje toda a pouoação cercada de muro & barbacam, & ocupa em circumferencia mais de legoa, no qual espaço se abrem dez portas, que lhe fazem seruintia. Ha nella noue mosteiros de Religiosos, & sete de Freiras. A Igreja Cathedral he de grossas rendas, a mais rica

de Portugal, & das mais opulentas de Espanha. Foraõ seus Prelados dous Infantes de Portugal, os Cardeaes Dom Afonso, & Dom Henrique filhos del Rey Dom Manoel, & dous senhores da casa de Bragança, Dom Theotónio, & Dom Alexandre, sobrinho aquelle, & este bisneto do proprio Rey; alem do Bispo Dõ Afonso da propria casa, que foy bisneto del Rey Dom João o primeiro. Do Arcebispo Dõ Theotónio he fundação a sumptuosa casa da Cartuxa, & do Cardeal Dom Henrique o celebre Collegio da Companhia de I E S V, & as escolas da mesma Cidade, aonde florecem as letras diuinas & humanas com grande utilidade da Republica, & fazem singulares prouas os bons engenhos, & talentos desta terra. Não se prezão os naturaes della menos de bellicosos, como se tem visto nas occasiões das guerras passadas, & se verá tambem no discurso desta historia. O modo com que se reduzio esta Cidade ao poder dos nossos, he este.

Hum Caualeiro muy esforçado por nome Giraldo, a quem chamaraõ sem pauor, pello pouco medo com que nas batalhas rompia pello exercito dos inimigos, & se metia aonde o perigo era maior, cometeo hum delito graue, & não se dando por seguro nas terras del Rey D. Afonso, fugio

fugio para Alentejo, ordinario valhacouto dos homicidas daquelle tempo. E como naquelles annos de guerras, & tumultos não estivesse a Republica muy quieta, não faltaraõ sediciosos q se lhe offerceessem por companheiros. Com elles viueo algum tempo exercitando o latrocínio, que por ser em forma de guerra ficaua autotizado. Fazia caualgadas nas terras dos Mouros & Chri stãos igoalmente, & ganhaua o necessario a ponta da lança. Seu principal afeito era na Serra de Monte de muro, pouco distante da Cidade de Euora.

Algum tempo passou neste estylo de vida pouco honroso, mas a necessidade, & desesperação fazem cometer excessos. Bem se via contudo no desgosto com que viuia o pobre Caualeiro, quaõ alheos eraõ estes exercicios de sua inclinação, & nobreza, & como se deixaua levar a elles com repugnancia da vontade. E como por outra parte o estimulasse o remordimento da consciência, o qual sempre acompanha os peccadores no meyo de suas bonanças, se resolveo de pôr termo a seu modo de vida, & obrar algum feito illustre com que se pudessem sancar das faltas passadas, & restaurar a reputação perdida. Via tambem a prospera ventura del Rey Dom Afonso, & como tarde, ou cedo era impossivel escapalle, & que o me-

nos feria então perder a vida, pois com a morte auia de deixar infamada sua geração, que era o que mais sentia. Nenhũa cousa auia naquella occasião de mayor gloria que a conquista de Euora, potem faltanãolhe forças para tão grande feito; & vsar de furto & engano impedia o sitio da Cidade, a qual fundada em parte eminente, & cercada de câpos, não deixaua lugar para se armar cilada. Só para a parte Occidental, aonde oje está fundado o Mosteiro do Patriarcha São Bento de Monjas de Cister, ficaua hum alto com o qual se podião encubrir, mas nelle se edificara hũa Torre, a qual seruia aos Mouros de Atalaia, & así impedia de todo a execução do feito.

Porem como aos fortes, & ouzados nada pareça impossivel, & a mesma ventura facilite as mayores difficuldades, rompeo o animoso Caualeiro por todas, & assentou de tentar a empreza. Traçou consigo de tomar hũa noite a Torre da Atalaia, donde faria sinal aos da Cidade que andauão inimigos no campo, & como era certo auerem de sair fora, que trataria então com os seus de se fazer senhor da porta que se abrisse, & por ella de toda a Cidade. Este pensamento communicou a seus companheiros, & o persuadio cõ razões tão viuas, & de tanta efficacia,

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitanã.*

que todos se resolueraõ de o acompanhar, ou pôr a vida naquella empreza.

### CAPIT. X.

*Em que se prosegue a mesma materia da tomada de Euora. Trata-se de seus primeiros Bispos.*

**E**M hũa noite que lhe pareceo acomodada sabio Giraldo de seus alojamentos cõ a gente posta em ordem de guerra, & tomando o caminho de Euora, chegou perto da torre da Aralaia. Aqui se adiantou da mais companhia, & cuberto de ramos de aruores, por não fazer differença à verdura dos campos, se chegou ao pé da Torre, ao tempo q a guarda della se tinha ido a recostar, encomendando a hũa sua filha ficasse em vigia. A moça ou pouco acattelada do que podia acontecer, ou vencida do sono se lançou a dormir no rebate da propria janella donde vigiaua. Não tinha a torre outra subida mais que hũa escada leuadiça da parte de fora, a qual se levantaua tanto, que os goardas se metião dentro. Foy sobindo Giraldo pela parede fazendo firma na lança, & em certas cunhas que hia metendo por entre as pedras, & para este fim trazia preparadas,

& chegando ao alto lançou a Moura abaixo, a qual continuando a morte com o sono fez logo fim a seus dias. Entraudo na Torre cortou a cabeça ao Mouro que jazia dormindo, a qual trouxe a seus companheiros com a da filha em bom principio, & pronostico da vitoria. Por esta causa tomou por armas a cidade de Euora hum Caualeiro armado com a espada nua em hũa mão, & na outra duas cabeças de homem & molher, alludindo a esta façanha de Giraldo, donde teue principio sua restauração, & liberdade.

Contentíssimos ficaraõ os companheiros de Giraldo, vendo o bom successo que tiuera seu Capitão, & animados mais a proseguir a empreza, se repartiraõ em duas tropas por ordem sua, a hũa foy fazer trilha com os caualos para hũa parte do campo desuiada, a outra ficou com elle para se apoderar da porta da Cidade. Entretanto fez elle da torre final aos da Cidade como andauão inimigos no campo para a parte onde tinha mandado seus soldados. E como as vigias da Cidade respõdessem com outro final, se rocou logo arma, começou acordar a gente, & se foy levantando o tumulto ordinario em semelhantes casos. Saindo os descobridores ao campo, certificaraõ que auia inimigos, & que não era o numero da gente muito grande. Com isto creceo o desejo aos Moors de

de irém castigar aquelles atreuidos, que os vinhão inquietar de noite a sua casa. Sahio fora algũa gente armada, & foy marchando para a parte onde andauão os nossos. Entre tanto o Capitão Portugues seguindo o caminho da Cidade com a gente de sua cõpanhia, se apoderou da porta cõ grande felicidade, & pondo nella recado bastante foy discorrendo com os seus pellas ruas publicas, correndo hũs os ferrolhos das portas, & metendo outros pellas armelas huns paos que leuauão para este effeito; com esta traça impedido o fauor da gente que ainda estaua pellas casas, foraõ faceis de desbaratar alguns que lhe sahiraõ ao encontro, & os nossos com valor & industria se foraõ apoderando da Cidade.

Não foi mais fauoranel a ventura aos que tinhaõ salido fora, porque os nossos se desuiaraõ delles, & frustrandolhe o encontro se vieraõ ajudar seu Capitão, por onde fazendo os inimigos volta acharaõ á porta da Cidade mayor resistencia. E como a confusão do caso não imaginado, os tristes gemidos dos seus, assi dos que morrião á mão dos nossos, como dos que dentro das casas se lamentauã, & o horror da noite os tiuesse hum pouco atonitos, se resolueraõ ao fim de remedear aquelle dano a troco de suas proprias vidas, & com grande impeto acometeraõ a entrada da por-

ta. Mas os nossos lhe fizeraõ tão braua resistencia, ajudados de algũs seus cõpanheiros que os acometeraõ pellas costas, que mortos os mais, os outros se puleraõ em fugida, a quem os Portugueses não trataraõ de seguir o alcance, por se assegurarem da merce que Deos lhe tinha feito.

Entregouse a Cidade a faco aos soldados, impedindose a matança dos Mouros, por não auer ja quem resistisse; & recobrado hum riquíssimo despojo, se deu saluo conduto aos Mouros que quizessem viver na Cidade, muitos dos quais ficarão, & seus descendentes permaneceraõ, até a expulsão total feita em tempo del Rey Dom Manoel de gloriosa memoria.

Concluidas estas cousas com tanta prosperidade, se ordenou por Giraldo, & seus companheiros hũa embaixada a el Rey Dõ Afonso, a summa da qual era q a cidade de Euora estaua a sua obediencia, que mandasse tomar a posse della, ordenando Capitão & soldados que a defendessem, & que a Giraldo & seus cõpanheiros fossem perdoados os delitos passados. Cõ grande contentamento ouuio el Rey os Embaixadores, & tratandoos com muito fauor & benignidade, não sò admitio a sua graça o esforçado capitão & seus companheiros, mas ordenou que o proprio Giraldo ficasse por capitão da cidade,

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

de, pois com tanto valor & industria a auia recuperado. Deste modo se ganhou aquella insigne praça, & ficou para sempre sujeita ao senhorio dos Portuguezes, para onde elRey mandou passar os soldados necessarios, entre os quaes se mudaraõ os caualeiros de Auiz, como temos tratado.

Ha tradição que aeste caualeiro foraõ dadas as casas em que viveo Sertorio, o illustre Capitão Romano, que antigamente fez assento em Euora, o que não he improuauel, supposto que as ouuesse neste tempo. Em o presente està nellas fundado hum Mosteiro muy religioso de Freiras de São Francisco do Orago do Saluador, & na porta trauessa em lugar alto se talharaõ em hũa pedra estes elegantes versos por ordem de Manoel Seuerim de Faria Chantre da mesma Cidade, grande inuestigador de antiguidades, & zelador da honra de sua patria.

*Hanc olim angustam coluit Sertorius  
ædem.*

*Hospitis angusta est numine facta noui.*

*Par fuit illa Duci, sed Saluatoris  
imago*

*Maior, ab angusta templa minor  
ra facit.*

Cujo sentido he, q̃ sendo aquella casa angusta, & grandiosa quando moraua nella Sertorio, ficou muy

limitada a respeito do nouo hospede, que he o Saluador, porque sendo igoal ao Capitão, a Imagé do Saluador com sua grandeza a fazia parecer estreito aposento.

Estas casas vieraõ aos Sylueiras senhores de Goes, & Sortelha dos Pestanas, de quem descendem, os quaes segundo fama vem do Capitão Giraldo sem pavor. O Conde da Sortelha Dom Luis da Sylueira foy o vltimo possuidor dellas, & as largou não ha muitos annos, para se fazer o Mosteiro. Dos Sylueiras Condes da Sortelha já eissimos em o Capitulo 30. do liuro oitauo, quando se tratou dos senhores de Goes decendentes de Dom Anaia da Estrada; porem não particularizamos as armas desta casa, as quaes se compoem das tres faxas carmezis em campo de prata dos Sylueiras ( de que vsaõ táobem os Pestanas ) & de quatro crecentes (ou meias Lũas) de prata, prezas pellas pontas em campo azul, que são as dos senhores de Goes (ou segundo alguns) parte dellas.

Ha mais da familia dos Sylueiras duas casas titulares, que são as do Barão de Aluito, titulo dos mais antigos do Reyno, a dos Condes de Sarzedas, porem ambos vsaõ em primeiro lugar do appellido de Lobo, cujas armas são cinco Lobos pretos armados de vermelho em aspa, & hũa bordadura de azul chea de aspas de Santo Andre de ouro, & o mesmo timbre



timbre dos Lobos com hũa aspa na espada. Da casa do Barão procede a dos Capitaes da Goarda, com o appellido de Sousa, q̃ lhe compete por via do Mestre Dom Lopo Diaz de Sousa, & a dos Craueiros da Ordem de Christo, que conserua o appellido de Silueira.

Isto quanto a successo das casas de Giraldo, & dependencias de sua successão. A sepultura deste Capitão se descobrio não ha muito tempo em o Alpendre de São Francisco de Euora, segundo me informaraõ, o que bem poderia ser, se este Capitão viuesse sincoenta ou sessenta annos depois da tomada desta Cidade, até se fundar aquelle Mosteiro.

Da tomada de Euora fala a antiga historia dos Godos na conformidade que fica escrito, dizendo.

*Era M. CC. III. Cinitas Elbora capta est, & depredata, & noctu ingressa a Giraldo cognomento sine pauore, & latronibus socijs eius, & tradidit eam Regi Dono Alfonso.* Em vulgar. Na Era de 1204. (he anno de 1166.) foy ganhada, & saqueada a cidade de Euora por Giraldo dalcunha sem pauor, o qual a entrou de noite com os salteadores seus companheiros, & a entregou a el Rey D. Afonso.

Neste proprio anno assina a tomada de Euora o liuro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, & acrecenta, q̃ el Rey ganhou tam-

bem Moura & Serpa, saõ suas paulas estas. *In Era M. CC. III. dedidit Dominus ciuitatem Eboræ, & Mauram, & Serpam ad Regem Ildesum.* Querem dizer. Na Era de 1204 entregou Deos nas mãos del Rey Dom Afonso a Cidade de Euora, & as villas de Serpa, & Moura. Concorde em o tempo da conquista de Euora, & em todo o successo relatado o Mestre Andre de Resende no douto liurinho que fez da antiguidade desta Cidade, & có testemunhos tão calificados deuemos reputar por errada a conta de nossas Chronicas, quando poem a tomada de Euora em o anno de 1155.

Tambem erraõ em nomear por primeiro Bispo desta Cidade depois de sua restauração Dom Paio, ao qual attribuem a fundação da Sé, & repartição das rendas entre a mesa Episcopal, & o Cabido; porque sem duuida neste tempo o primeiro Bispo de Euora foy Dom Sueiro. Em doação feita por el Rey Dom Afonso ao Mosteiro de Santa Cruz da villa do Lourical, cuja data he em Dezembro deste anno de 1166. confirma em terceiro lugar Dom Sueiro Bispo de Euora. O proprio confirma no Couro de Midoes dado por el Rey a Dom Miguel Bispo de Coimbra em 7. de Novembro do anno de 1169. & nesta forma se acha o nome de Dom Sueiro nas escrituras dos annos seguintes

*Liuro de Coimbra fol. 30.*

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

Archivo  
Real l. 170  
dos foraes  
fol. 129.

seguintes até o anno de 1180. em o qual era eleito Dom Paio em Bispo de Euora, como consta do foral de Ceira, dado no mes de Setembro por el Rey Dom Afonso a Iulião seu Cancellario, em o qual está a firma de Dom Paio a ultima dos Prelados neste modo: *Pelagius Elborensis electus confirmat.* Pello que se pode ter por certo que antes de Dom Paio ouue outro Bispo, o qual permaneceu na dignidade pouco menos de 14. annos.

A algúas pessoas doudas parece, que Dom Sueiro era ja Bispo de Euora em tempo dos Mouros, & que Dom Paio foi o primeiro eleito despois desta Cidade ser ganhada, & por isso se nomea por primeiro Bispo. Trata este ponto doutamente Manoel Seuerim de Faria Châtre de Euora na historia que tem composto dos Prelados daquella Igreja, & proua com muitos argumentos, & boas conjeituras, q̃ assi como em outras Cidades de Espanha permaneceraõ Bispos, assi os ouue em Euora em tempo dos Ara-

bes, & descobré outras an-

tiguidades bẽ nota-

ueis cõ sua costu-

mada cru-

dição.

(.?.)

### CAPIT. XI.

*Das grandes vitorias que alcançou el Rey Dom Afonso, & como tomou aos Mouros Moura, Serpa, Alconchel, & Coruche, & a Cidade de Eluas.*

**E**nturoso foi este anno de 1166. ao Reyno de Portugal pellas grandes vitorias que nelle alcançou o valeroso Rey Dom Afonso Hêriques. Porem he grãde magoa ver a breuidade com que nossos escriptores as relatão, & como a obrigação da historia nos não deixe estender mais que à summaria relação que temos dellas, ficaremos com o sentimento de as não poder tratar como merecião. A historia dos Godos tantas vezes allegada, com seu modo de dizer abbreuiado ajunta à relação da conquista de Euora estas palauras immediatas. *Et post paululum ipse Rex cepit Maurã Serpam, & Alconchel, & Coluchi, & Castrum mandauit reedificari, anno regni eius 39.* <sup>Histor. dei Godos,</sup> Quasi dizendo, que pouco despois da tomada de Euora ganhou o mesmo Rey Dom Afonso pellas armas Moura, Serpa, Alconchel, & Coruche, & mandou reedificar o Castello desta Villa, & que isto se fez em o anno 39. de seu reinado. Em outro  
exemplar

exemplar desta historia, que foy do Mestre Andre de Rezende se não trata da tomada de Coruche, mas sò se diz, que el Rey mandou reedificar o Castello, o que tenho por mais certo, por ser ja dantes conquistado, como logo se verá. Ia mostrei como o principio do reinado deste Principe se deue tomar em dia de São João Baurista do anno de 1128. pello que em outro dia semelhante do anno de 1166. se aperfeiçoa o numero de 38. annos, & como as conquistas das terras nomeadas se fizessem no fim do verão, & no Outono deste anno, pois se diz serem feitas despois da tomada de Euora, bem acerta a relação em dar a el Rey 39. annos de reinado, isto he 38. perfeitos, & o ultimo principiado.

*Liuro da  
Noa des.  
Cruz.  
Conde D.  
Pedro. tit.  
7.º. 5.  
Rezende  
das anti-  
quidades  
de Euora.*

Concorda com a historia referida na tomada de Serpa, & Moura o liuro de Santa Cruz allegado no Capitulo antecedente. O Conde Dom Pedro, o Mestre Andre de Rezende, os quais são de parecer, que neste anno de 1166. fizeraõ os Portuguezes grandes cousas em armas na recuperação de Alentejo. E como parte desta conquista se estendesse alem do rio Goadiana (aonde ficão as sobreditas villas) não posso deixar de aduirtir neste lugar. o que em outros se proua mais largamente, como o Reyno de Portugal não teue no principio limite algum em suas emprezas. Na

presente occasiã passa o venturoso Rey Dom Afonso Hénriques os termos da Lusitania antiga, & occupa parte de Betica, nos annos seguintes veremos prosseguida esta conquista com a do Reyno do Algarue, até que desobedecendo algũas destas terras se torna a renovar nellas a sogeição dos Portuguezes, & el Rey Dom Sancho o Primeiro se intitula alguns annos Rey do Algarue; & ultimamente perdêdofe o senhorio dellas, se tornão a recuperar por el Rey Dom Sancho o Segundo, & Dom Afonso Terceiro nos annos em que mostrarà nossa historia; & tudo antes de reinar em Castella Dom Afonso o Sabio. Donde se califica bem o erro dos que dizem dera este Rey o Algarue a D. Afonso Terceiro em dote cõ sua filha, ou a rogo della.

Está a notauel villa de Moura assentada em hũa planicie de tierra fresca cercada de dous ribeiros, que pouco abaixo se vem a juntar em Ardita ribeira grande, que muita parte do anno se não vadea, & chea de proprias, & alheas agoas vai desembocar no famoso rio Goadiana. O Castello da Villa occupa hum lugar alto, he forte para o tempo antigo, tem fontes de agoa natua, bons aposentos, & hum Conuento de freiras de São Domingos. A povoação he grande, tem mais tres Mosteiros nobres, dous de Religiosos, que São o do Carmo, o qual he

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

he o mais antigo dos que a provincia tem neste Reyno, & outro de São Francisco da obſervancia. O terceiro he de Freiras de Santa Clara, que antes eftaua fora entre as hortas, & agora ſe mudou para dentro da Villa. Ha nella mais duas Igrejas, que ſão fregueſias, & pertencem à Ordem Cisterciense de Auiſ. Caſa da Miſericordia muito bem acabada, com Hoſpital ſeparado, & outras Hermidas. Tem muita gente rica, & algũas caſas de familias nobres. O termo & toda a comarca he fertil de pão, vinho, & ſobre tudo de azeite, freſco de hortas & pomares, com que ſe pode igoalar às mais abundantes terras que ha no Reyno.

Das outras terras atras referidas, Alconchel pertence hoje a Coroa de Caſtella, que neſtas terras ganhadas por el Rey D. Afonso alem do rio Goadiana ouue grandes mudanças nos annos ſeguintes. Serpa he do Reyno de Portugal, & lhe compete (alem de outros titulos) por ſer duas vezes conquistada pellos Portugueſes, como ſe verá em o tomo ſeguinte. He quaſi do meſmo clima & fertilidade de Moura, villa murada & forte, em ſitio alto, muy perto do rio Goadiana.

O Caſtello de Coruche fica em Alentejo entre Euora, & Santarem, eſtá em lugar alto, & de alegre viſta, porq̃ da parte Oriental ſe eſtende hum fertiliffimo

campo regado de dous rios, que produz com mão liberal os frutos a terra, com que ſe orna, & fazem ricos os moradores della. Ao pé do Caſtello junto ao primeiro rio ſe fundou pello tempo adiante a pouoação, que he villa de boa grandeza & bem aſſentada. O Caſtello ſe reſtaurou em o anno de 1166. como diz a memoria atras, & parece que el Rey Dom Afonso o ganhara por combate quatro annos antes, quando fez doação delle à Ordem, q̃ deſpois ſe chamou de Auiſ. Mas agora por eſtar muy arruinado, o tornou a reedificar, & deixou mais deſenſauel. Mas não bafataraõ todas eſtas preuenções, para q̃ nos annos ſeguintes em tempo do meſmo Rey deixaffe de ſentir a furia dos barbaros, os quaes (como ainda veremos) o entraraõ por força, & reduziraõ a ſeu ſenhorio: atè que el Rey D. Afonso lho tornou a tirar das mãos, como ſe declara em o foral deſta Villa paſſado a ſete de Junho do anno do Senhor de 1182. de que ainda ſe fará memoria.

Tambem ſou de parecer, que no proprio anno de 1166. ſe ganhou aos Mouros a cidade de Elvaſ, poſto que a Chronica de mão o não declare, antes remeta ao anno de 1155. confuſamente todas as emprezas de Alentejo, por quanto neſte anno de 1166. corraõ os Portugueſes eſta provincia com as armas vitorioſas, & ſe

tomou

*Torre do  
Tôbo lin.  
dos foraes  
da leitura  
antiga fol  
13.*

*No liuro  
dos foraes  
fol. 70.*

tômou Euora; & não parece bom estylo de guerra, que estando pelos inimigos esta praça mais visinha a Santarem & Lisboa, tentasse elRey de lhe fazer guerra em Eluas, & em outras partes distantes.

He esta Cidade hũa das nobres do Reyno de Portugal, situada em lugar eminente, & forte por natureza, fortalecida de muros & torres firmes, ornada de grandes edificios, & habitada de gente nobre & rica. Seu terreno he fertilissimo, principalmente de pão, & azeite, no qual se lhe dà lugar entre as principaes terras do Reyno. Veio ao senhorio dos Montros coro as mais pouoações de Lusitania na calamidade geral de Espanha, restaurada agora por el Rey Dom Afonso, ainda tormou a seu senhorio, até que vltimamente a libertou elRey Dom Sancho o Segundo em o anno do Senhor de mil & duzentos & vinte & seis, no quarto anno de seu reynado. Não pareça isto nouidade aos leitores, porque he verdade muy autentica, como mostraremos. Nem se embaracem achando em algum autor anda esta pouoação na Coroa de Portugal desde anno do Senhor de mil & duzentos em diante, porque não foy então a primeira nem vltima vez conquistada pelos Portugueses E assi respeitando ao primeiro tempo he mais antiga sua redução,

& fazendo caso do segundo, he mais moderna.

Tambem se não crea que alcançou ella o titulo de Cidade, & a dignidade Episcopal em tempo delRey Dom Ioão o Terceiro; porque elRey Dom Manoel a fez Cidade como dizem seus Chronistas, & dà testemunho o liuro 7. da Torre do Tombo de entre Tejo & Goadiana as folhas 160. pello qual consta alcantar esta preminencia a 21. de Abril do anno de mil & quinhentos & treze. A dignidade Episcopal se deu a Eluas em tempo delRey Dom Sebastião, como affirma o Mestre Resende, o qual então viuua. Mostraraõ os moradores de Eluas grande constancia, defendendo a liberdade do Reyno em tempo delRey Dom Ioão o Primeiro, & capitaneados pello esforçado Caualeiro Gil Fernandez de Eluas, fizeraõ honrosas entradas por Castella, & sostentarão algum tempo cerco a todo o poder junto daquella Coroa. Em memoria destes grandes seruiços & de outros semelhantes, diz elRey Dom Manoel na carta em que dà titulo de Cidade a Eluas estas palauras.

*Fazemos saber, que esgoardando nos aos muitos & grandes seruiços que os Reys nossos antecessores em estes nossos Reynos sempre receberam, & nos temos recebidos dos fidalgos, caualeiros, escudeiros, & pouo de nossa muy nobre & leal villa de Eluas com riscos*

Pp de

*Dam. de  
Goes na  
Chronica  
delRey D.  
Man. liu.  
4.6.vlt.*

*Hist. vulgar de S.  
Domíngs  
liuro 4.º.  
vlt.*

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

de suas pessoas, & grandes gastos de suas fazendas, assi como bons, & leais vassallos como elles erão, & sempre nos serviços dos ditos Reys nossos antecessores forão achados, assi nas guerras antigas & passadas dentre estes Reynos como os de Castella, como em todos os outros serviços, nos quais grande & lealmente sempre servirão, &c.

### CAPIT. XII.

*Da tradição que ha de ser ganhada a villa de Moura pellos fidalgos da familia dos Mouras.*

1166.



A M particularizão mais as historias antigas referidas em o capitulo antecedente da tomada de Moura, que o que fica dito. Porem ha tradição como huns fidalgos antigos, dos quais decendem os do appellido de Moura tomaraõ esta Villa, sendo Alcaideffa della hũa senhora por nome Saluquia, matando primeiro o Mouro Frabame senhor de Aroche, que se vinha desposar com ella.

Esta tradição se confirma com hũa escriptura da Rainha Dona Brites mulher del Rey Dom Afonso o Terceiro, a qual fazendo doação de Moura a Valco Martinz Serraõ, a quem nomea por parente, diz estas palauras.

Torre do  
Tôbo lio.  
das doa-  
ções de D.  
Afonso 3.

E considerando mais como Dom Aluaro Rodriguez, & seu auô Pero Rodriguez fazendo guerra aos Mouros tomaraõ o Castello de Moura a Alcaideffa della, matandulbe seu desposado no caminho, o qual tene, & defendeo cõ seus amigos & soldados, em quanto o não largou a Ordem do Hospital de consentimento dos Reys, & resgoardando os grandes diuidos de linbagem que hei com elle & com aquelles de que elle decende. Are qui são palauras da escriptura, da qual se conferua o treslado em liuro da Torre do Tombo.

Duas cousas se colhem desta escriptura. A primeira, que Dom Aluaro Rodrigues, & Dom Pero Rodriguez auô de Vasco Martinz Serraõ ganharão Moura. A segunda, que este fidalgo era parente da Rainha Dona Brites. Quanto a primeira se pode duuidar se foi esta tomada de Moura a mesma que temos tratado, feita em tempo del Rey Dom Afonso Henriquez. E não me inclino a crer seria outra diferente, por se não attribuir na historia dos Godos mais que a el Rey Dom Afonso; pois as obras insignes dos Capitaes illustres vemos que não sô redundaõ em gloria dos Reys cujos vassallos são, mas ainda se costumão reputar por proprias dos mesmos Reys; & assi não seria muito, que sendo Moura ganhada por aquelles fidalgos, se attribuisse a conquista della a el Rey Dom Afonso

Afonso. Porem o que me faz duuidar he saber que a villa de Moura, & outras praças adquiridas neste tempo tornaraõ a poder dos Arabes, & foraõ outra vez ganhadas pellos nossos, & podesse verificar desta segunda restauração, o que affirma a tradição, & diz a escriptura da Rainha Dona Brites Deste ponto feito o exame necessario, resolveremos o que for mais verisimil em o tomo seguinte.

Quanto ao parentesco de Vasco Martins Serrão com a Rainha Dona Brites, se pode ter por confisa indubitavel, suposto que a mesma Rainha o confessa. Era esta Princeza filha bastarda del Rey Dom Afonso o Sabio de Castella, & de Dona Maria Guilhem de Guzman, a qual era filha de Guilhem Perez de Guzman, & neta de Dõ Pero Rodriguez de Guzman, Mordomo del Rey D. Afonso Oitauo, & tronco dos fidalgos do appellido de Guzman tão illustre & dilatado em Espanha. Foy casado Dom Pero Rodriguez de Guzman, segundo escreue Argote, com Dona Eluira Gomez de Mançanedo, irmãa do Conde Dom Gomez de Mançanedo. E seu filho Guilhem Perez casou com D. Eluira Rodrigues, filha de Ruy Dias senhor dos Cameiros, & da Condeffa D. Viraca Diaz de Haro, filha de D. Diogo Lopez del Haro senhor de Biscaya. De sorte que os auõs de D. Maria

Guilhem mãy da Rainha D. Brites eraõ das cascas de Guzmão, Haro, Cameiros, & Mãcanedo, todas tão antigas, & illustres como aos liados nas historias de Espanha deue ser notorio, & por algũa dellas deuia proceder o parentesco de Vasco Martins Serrão com a Rainha, q não me persuado seria pello tronco Real, por quanto nas historias se não faz delle memoria.

Não pode auer duuida o ser Vasco Martins Serrão pessoa principalissima, ainda que não ouuerá esta doação da Rainha D. Brites, por quanto vemos q neste Reino casou cõ irmãa de Afonso Pirez Conde D  
Pedro, etc Farinha Prior do Hospital, & grão 192 priuado del Rey D. Afonso, o qual era de tronco illustre, decendente de D. Anaia da Estrada; & não ser conueniente, que hũ senhor tão grande como o Prior desse sua irmãa por molher, se não a pessoa de nobreza muy conhecida. Esta haõ cõtinuado os decendentes de Vasco Martins por espaço de quatro cõtos annos, os quais tomaraõ o appellido de Moura, ou pella conquista desta terra, ou por terem algum tẽpo o senhorio della, & foraõ fundando algũs Morgados do Castello de Moura, a casa do Marmelar, a Corte do Serrão o senhorio da Ponoa & Meadas. E por casamento de Aluaro Gonçalues de Moura com Vrraca Fernandez senhora proprietaria de Azambuja alcançaraõ o

## *Liuro XL. Da Monarchia Lusitana.*

senhorio desta Villa, o qual possuem hoje huns de seus descendentes com o appellido de Rollim. E outros conseruando o appellido de Moura de sua varonia são Marqueses de Castil Rodrigo, Condes de Lumiares, & Grandes de Espanha. Preminencia he esta a mais estimada que hoje ha nesta Coroa, sendo assi q̃ nem he antiga nella, nem inclue mayor excellencia que a dos Ricos homens, & Condes antigos. Começou-se a praticar em Castella em tempo del Rey Dom Phelipe primeiro do nome, & despois se renouou em o reinado do Emperador Carlos Quinto com mayor firmeza. E a occasião foy, q̃ como os titulos de Frades & Alemanha, aonde se não costuma estar cubertos os Grandes diante das pessoas Reaes, tomassem mal ser os Espanhoes tratados por differente estylo, ordenaraõ aquelles Principes q̃ tambem os titulos de Espanha estivessem descubertos, pois não precedião aos de outros Reynos em estado, nê calidade. Por ello tempo adiante respeitando o costume antigo dos Espanhoes mandaraõ cubrir alguns, que parece se auentelauão em casas, & estados, & eraõ cabeças de algũas familias illustres. Porem isto foy com tanta limitação ao principio que no reynado do Catholico Rey Dom Phelipe Segundo, quando pellos annos do Senhor de mil & quinhentos & sessenta

& oito succedeo a rebellião dos Mouriscos de Granada, não auia nos Reynos deste Principe mais que doze Grandes, dos quais o autor que escreueo esta guerra não nomea mais que dous, que eraõ os Duques de Arcos, & de Medina Sidonia. Em o tempo presente todos os Duques são Grandes, & noue Condes, & outros tantos Marqueses. As preminencias que tem são cubrirem-se diante de sua Magestade, & terem na Capella Real banco cuberto em que estão assentados, Darem as Rainhas a suas molheres coxim, & lugar no estrado; & na materia de izensoes, quasi tudo o que pertencia aos Ricos homens do tempo antigo. Isto quanto ao Reyno de Castella & mais Reynos de Espanha, tirado Portugal.

Neste Reyno como ficou mais tempo com Reys particulares, & naturaes de Espanha, se cõseruou o costume antigo de se cubrirem todos os titulares diante de seus Reys, & terem assento na Capella Real, ainda que com grande differença entre os Duques, Marqueses, & Condes; porque aos Duques se dá cadeira raza cõ coxim junto ao lugar onde el Rey está; os Marqueses tẽ cadeiras mais apartadas sem coxim; & finalmente os Condes tem banco em q̃ se assentaõ, & cõ muita razão & prudẽcia se ordenou esta diuersidade, pella q̃ auia entre estes senhores; porque



porque nunca os Reys Portuguezes deraõ o titulo de Duques, & Marqueses se não a filhos seus, ou a Principes do sangue Real. Este estylo se goardou sempre em tempo dos Reys de Portugal, & o mesmo fazem goardar neste Reino os Reys Catholicos de Espanha que lhe succederaõ. Porem na Corte de Madrid não estão em vso algũas destas preminencias, como a de terem assento na Capella Real os Condes Portuguezes; posto que todos se cobrem diante de sua Magestade. E ao Marquez de Castel Rodrigo se concedeo com o titulo de Grande, tudo o de que gozão os outros Grandes de Castella. He o q̃ ao presente possue a casa Embaixador da Magestade del Rey Dõ Phelippe Quarto nosso senhor na Corte de Roma.

Os Mouras tem por armas em campo vermelho sete Castellos de ouro em tres pallas, & os tres ficão por meio, conr portas lauradas de preto, & por timbre hum Castello das armas. Destas mesmas insignias vsão os Rolins, os quais (como ja diffemos) são Mouras por varonia, & deixaraõ as antigas de seus mayores, por serem estas ganhadas em a guerra; porque ha tradiçãõ que el Rey Dom Afonso Terceiro por algum seruiço finalado que na conquista do Algarue lhe fez alguma desta familia (que devia ser Vasco Martins Serrão) o honrou

cõ lhe dar parte das armas Reaes daquelle Reyno, que são os Castellos.

## CAPIT. XIII.

*Das grandes guerras que ouue entre os Reys de Portugal, & Leão, & da causa, & fim que tiueraõ, & quanto tempo duraraõ.*



OR este tempo se moue hũa guerra muy 1168. cruel entre os Reys de Portugal & Leão, tio & sobrinho, a qual teue muy affigidos os pouos de ambos os Reynos. A causa desta guerra dizem alguns autores que procedeo del Rey Dom Fernando de Leão repudiar a Rainha Dona Vrraca filha del Rey Dom Afonso de Portugal, com a qual estaua casado. Porem he erro, porque o casamento del Rey de Leão com esta Princeza soy de spois da guerra q̃ teue com seu pay, como logo veremos. Outros a attribuem a demalias que os moradores de Ciudad Rodrigo (pouoação fundada ou renouada naquelle tempo por el Rey Dom Fernando) fizeraõ em Portugal com algũas entradas. E outros são de parecer, procederaõ estas discordias de algũas duuidas que os Reys tiueraõ sobre as terras de Galiza;

*Chronica del Rey D. Afonso*

*Rades de Andrade na Chronica das Ordens Militares,*

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

& demarcação dos limites do Reino, o que tenho por mais certo, pois esta foi também a causa das guerras entre o mesmo Rey de Portugal, & o Emperador, pay del Rey Dom Fernando, como em os liuros antecedentes fica relatado.

Sobre o tempo das mesmas guerras ha diuersos pareceres. O Chronista del Rey Dom Afonso assina o anno de 1159. outros autores apontão o de 1179. a cujo parecer se arrima o Bispo de Tuy, a que parecem durarão estas guerras pello menos 10. annos, & se rematarão em o de 1180. A verdade he que a batalha de Badajoz successo principal destas guerras se deu em o anno de 1168. assi o declara a historia dos Godos com estas palauras. *Era M.CC.VI. accidit infortunium Regis Alfonsi, & fuit exercitus apud Badalioz, ubi captus est à Rege Fernando Legionis genero.* Isto he. Na Era de 1206. (que he anno de 1168.) aconteceu a perda del Rey Dom Afonso, & de seu exercito junto á cidade de Badajoz, aonde ficou catiuo por el Rey Dom Fernando de Leão seu genro. O mesmo se acha escrito em o liuro da Noa de Santa Cruz de Coimbra com pouca differença de palauras, & o assegura hũa escriptura original do proprio mosteiro, em a qual se dá conta como em o anno de 1169. ja el Rey tinha vindo de Badajoz, aonde lhe auia acontecido o desastre.

Faz el Rey Couto da herdade de Oliueira de Frades junto ao rio Vouga, a qual Rodrigo Alcaide de Coimbra, & sua mulher Eluira Raabaldez tinhão dado a Santa Cruz, & remata a escriptura. *Facta est huius Cauti firmitudo mense Novembri in Era M.CC.VII. quando Rex venit de Badalioz, & iacebat infirmus in Balneis de Alfoen.* Quer dizer. Foy feita a firmeza desse Couto no mez de Novembro na Era de 1207. quando el Rey veio de Badajoz, & estava enfermo nos Banhos de Alfoés.

Daqui se conuence que não tiueraõ estas guerras principio no anno de 1169. como escreue o Bispo de Tuy, pois a batalha de Badajoz, em a qual se rematarão, como logo veremos, se deu antes desse anno. E muito menos, que não durarão até o anno de 1180. como o mesmo autor escreue. Também não approuo (o que outros dizem) se principiaraõ em o anno de 1159. pellas occupaões que neste anno, & nos mais seguintes ate o de 1166. reue el Rey Dom Afonso na guerra de Alentejo; & por me parecer não durarão muitos annos, & assi me he prouavel que tomaraõ principio despois da conquista de Eluas, feita em o anno de 1166. & se acabaraõ em o de 1168.

E daqui tenho por impossivel ser o repudio da Rainha Dona Vrraca a causa destas guerras, por quanto vejo calada esta Princesa

Archivo  
des. Cruz  
escriptura  
original.  
& no liu.  
2 da letu  
ra noua  
fol. 11.

cesa alguns annos adiante. Em Abril da Era de mil & duzentos & doze, q̃ he anno de mil & cento & setenta & quatro, estava el-Rey Dom Fernando casado com a Rainha Dona Vrraca, de quem tinha o Principe Dom Afonso. Em Alcobaça ha hum priuilegio deste Rey passado em Zamora, porque concede aos Religiosos daquella casa, que possa sua fazenda & mercadorias passar livremente por seu Reyno sem pagar portagem, & confirma el-Rey nelle com sua mulher a Rainha Dona Vrraca, & seu filho el-Rey Dom Afonso.

Ia em o anno do Senhor de mil & cento, & setenta & noue estava o mesmo Rey casado com a Rainha Dona Tareja sua segunda mulher, filha do Conde D. Nuno de Lara, como consta de outro priuilegio do mesmo Rey dado no mes de Dezembro em Ciudad Rodrigo ao Mosteiro de São João de Tarouca, o qual se conserva nesta casa. E suppostas estas verdades, a separação feita entre a Rainha Dona Vrraca & el-Rey Dom Fernando necessariamente auia de ser entre annos de 1174. & 1179. & assi não podia dar causa ás guerras que tinham precedido. Antes pode ser fosse este casamento effeito das pazes que se celebraraõ em o anno de 1168. entre os dous Reys de Portugal, & Leão, & a razão de não permanecer, foy o parêtelco destes Prin-

cipes, que eraõ primos segundos, & casaraõ sem serem dispêçados. Por onde não he creiuel, ainda q̃ ouuera a conueniencia dos tempos, que el-Rey Dom Afonso mouesse por esta causa guerra a seu sobrinho, pois auia de por meio materia de Religião, em que este Principe não podia deixar de obedecer a Sé Apostolica. E por outra parte sabemos, que el-Rey de Leão não deixou sua mulher senão obrigado com censuras.

Elcreue o Bispo de Tuy, que no tempo destas guerras ganhou el-Rey Dom Afonso em Galiza o castello de Cedofeita & que ajuntando el-Rey Dom Fernando seu exercito veio cercar o mesmo Castello; & como o não pudesse ganhar, o ajudara o Ceo manifestamente, lançando hum rayo na torre da Omenagem, com o qual mortos algũs Portuguezes, os demais ficaraõ tão espantados, que em o dia seguinte fizeraõ entrega da fortaleza. E tudo proua o autor de certa doação do mesmo Rey feita a 18. de Março do anno de 1170. na qual se attribue este milagre a particular favor do Apostolo Santiago. Mas sendo todos Christãos, & Espanhoes, não auia razão para o Santo ajudar mais a huns que a outros, & assi deuia ser o caso natural, & não milagroso.

Affirmão alguns autores, que em tempo destas guerras foy aquella jornada, que chamão do

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

Arganhal, em a qual capitaneando o Infante Dom Sancho a gente Portuguesa, deu batalha ao exercito del Rey de Leão, & durou grande parte do dia. E na relação della ha tambem variedade, affirmando huns ficaraõ os Leoneses cõ melhoria, & outros se diuidiraõ os exercitos sem auer conhecida ventagem de parte algũa. Se o Infante Dom Sancho se achou nesta jornada, deuia ser muito moço, por quanto naceo em Nouembro do anno de 1155. & a batalha foy antes do successo de Badajoz, que como atras fica aconteeo no anno de 1168.

Referese mais hũa entrada poderosa del Rey Dom Afonso pello Reyno de Galiza, em a qual dizem ganhou toda a terra de Toronho & Lima, & acrescentaõ tambem a cidade de Tuy, em que eu tenho duuida, por me parecer segundo o que se colhe das escrituras, quel Rey Dõ Afonso possuia algũas terras naquelle Reyno, entre as quais ficaua esta Cidade; por onde creio que na occasiã presente ganhou el Rey outras terras de nouo, as quaes, com as que dantes tinha em seu poder, largou a el Rey de Leão quando se vio preso.

A prisão del Rey se occasionou deste modo. Puõera cerco este Principe à cidade de Badajoz, a qual era de Mouros, mas reconhecia a el Rey de Leão com tributo, & como passados algũs cõ-

bates a entrasse por força de armas, se retiraraõ os Mouros ao Castello, que he por estremo forte. Neste meio tempo el Rey Dõ Fernando auisado do que passaua, postas em ordem com muita breuidade suas gentes, acudio a Badajoz em fauor dos Arabes. Não duuido el Rey Dom Afonso de lhe apresentar batalha, posto que tinha a gente diminuida, & cansada com os assaltos passados, & era necessario ficar algũa fazendo resistencia aos Mouros, por não ferirem os nossos pellas costas. Porem foy a desgraça que ao sair pella porta da Cidade para o campo, deu el Rey cõ a perna em o ferrolho, que ficara mal corrido, com que recebeo notauel dano, & o cavallo em que hia ficou muito ferido. Chegando deste modo aos contrarios, sostentou a batalha ate que o cavallo cahio, & leuandolhe a mesma perna debaixo, o deixou impossibilitado para se levantar, & deu lugar a seus inimigos o prenderem.

Pelejaua naquella parte onde el Rey cahio Dom Fernão Rodrigues de Castro, fidalgo muy principal de Castella ( de cuja familia se tratará em o tomo seguinte, quãdo se mostrar a primeira vez que aparentou na casa Real de Portugal ) que vendo a el Rey caido, se foy a pressa dizelo a el Rey de Leão, o qual sobreueio com muita gente, & por os Portugueses

rugueſes que a elRey viraõ cahir & lê hi acertaraõ achar ſerẽ poucos, foy logo preſo, & diuulgandoſe o deſaſtre, & prizão delRey, ficou o campo pellos Leoneſes.

Alguns autores Caſtelhanos tratão de duas ſaidas da Cidade, hũa que elRey fez a pelear cõ os Leoneſes, & outra para ſe pôr em ſalũo. Porem (alẽ de noſſos Chro-

Rogério  
na vida de  
Henrique  
2 de Ingla  
terra ſol.  
641.

niſtas) Rogério autor Ingres da-  
quelle tempo sô de hũa trata, &  
neſta diz que elRey quebrou a  
perna, & foy deſpois prezo, por  
o caualo cair com elle em hũa  
grande coua. E aereſenta, que ao  
tẽpo que chegou elRey de Leão,  
eſtaua muy diminuido o campo  
dos Portugueſes, & diuidido em  
outras partes, por elRey D. Afon-  
ſo ter feito treguas com os Mou-  
ros. Erra eſte autor em dizer que  
iſto aconteceo em Sylues.

### CAPIT. XIII.

*Como ſe fizeraõ pazes entre  
os Reys de Portugal, &  
Leão. Aduertemſe algũas  
circunſtancias dellas.*

1168. **E**cou laſtimado o vale-  
roſo Rey Dom Afon-  
ſo Henriques, quando  
ſe vio em eſtado tão  
alheo de ſua grandeza, pois ſo-  
bre tantas vitorias, & triumphos  
paſſados, deſcaindo ao preſente  
daquelle alto ponto da proſperi-

dade que acẽ entãõ o acompanha-  
ra, eſtaua não sô prezo, mas ſua  
vida poſta em grande perigo. El-  
Rey Dom Fernando não pôde  
negar a compaixão deuida a eſ-  
pectaculo tão triſte, antes como  
Principe dotado de prudencia, &  
humanidade não só vſou tempe-  
radamente da vitoria, mas tratou  
a elRey Dom Afonſo com gran-  
de cortezia & regalo, & não me-  
nor cuidado de ſua ſaude, do que  
o pudera ter o Infante Dom San-  
cho filho do proprio Rey Dom  
Afonſo. E porque o quebranta-  
mento da perna delRey pedia re-  
medio com breuidade, o fez apli-  
car logo; & com a meſma diligen-  
cia ſe foy continuando todo o  
tempo que elRey eſteue em ſuas  
terras, a primeira das quais dizẽ  
que foy Zamora, & deſpois Aui-  
la, donde cobrada algũa melho-  
ria, & firmados os contratos das  
pazes ſe tornou para ſeu Reyno.

Sobre o modo deſſas pazes  
vejo falar com pouco exame al-  
guns autores modernos, affirman-  
do que elRey Dom Afonſo pro-  
meteo a elRey Dom Fernando  
de ir a ſuas Cortes, tanto que pu-  
deſſe andar a caualo. E como pel-  
lo tempo adiante ſentife melho-  
ria, não quis nunca vſar do cau-  
alo, por não ficar obrigado ao que  
prometera. Reſolução he eſta  
muy alhea da verdade, & do que  
deixaraõ eſcrito os autores gra-  
ues & antigos, os quais dizem que  
elRey Dom Afonſo deſpois da  
batalha

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

batalha de Badajoz andaua em cohe, por se não poder pôr a cavallo por causa da lesão da perna. E o assento das pazes entre os dous Reys dizem ser, que el-Rey de Portugal restituíffe ao de Leão as terras de Galiza que lhe tinha toniado, & as outras sobre que auia contenda, ficando com tudo o que em Portugal herdara & adquirira, & sobre sogeição ou reconhecimento algum não falão palaura, antes dizem, que offerecêdo el-Rey de Portugal ao de Leão seu Reyno & pessoa pello agrauo q' lhe auia feito, respondera o de Leão, que com o seu se contentaua. Importa referir as palauras formaes dos mesmos autores. O Arcebispo Dom Rodrigo diz así.

*Sed Rex Portugallie grauis discriminis attendens statum, confessus est se Regem Fernandum indebite offendisse, & pro satisfactione Regnum obtulit, & personam. Sed Rex Fernandus pietate solita mansuetus suis contentus Regi Portugallie sua remisit. Tunc restituit Rex Aldefonsus Regi Fernando Limam, & Taronium, & cetera que fuerant sue ditionis, & dimissus ad propria est reuersus, nec propter lationem tibi potuit postea militare officium exercere.*

Em vulgar. Mas el-Rey de Portugal considerando seu perigoso estado, confessou ter offendido sem causa a el-Rey Dom Fernando, & em satisfação lhe offerecia seu Reyno & pessoa. Mas el-Rey

Dom Fernando usando de sua costumada brandura contentandose com o que era seu, deixou a el-Rey de Portugal suas terras. Então restituio el-Rey Dom Afonso a el-Rey Dom Fernão Toronho & Lima, & as mais terras pertencentes ao senhorio do proprio Rey Dom Fernando, & deixado ir liurementemente se tornou a seu Reino, & por causa da lesão da perna não pode exercitar daquelle tempo adiante o officio militar.

Mais propriamente fala o Bispo de Tuy Dom Lucas dizendo que el-Rey Dó Afonso ficou tão quebrantado com a lesão da perna, que daquelle tempo em diante não pode subir a cavallo. *Et in tantum debilitatus fuit de fractura cruris, quod de cetero non potuit equitare.*

A Chronica geral relata isto mais extensamente dizendo.

*Y fue tal, apresentado al Rey Don Fernando, y recibíol muy bien, y con piedad assentol consigo en estrado Real a Don Alfonso Rey de Portugal. E mesurando alli el su estado y su pecado, y el peligro en que era, confessó y dixo, que buscara ruído no deniando, ni aniendo derecha razon, porque contra el Rey Don Fernando de Leon deniesse venir a fazerle guerra, & porende queriendo fazerle emenda otorgol alli el Reyno y su persona, y dauagelo todo. Mas el Rey Don Fernando manso cō la piedad que solia, touose por abondado de lo suyo, que su padre le dexara, y que el auia ganado, y de lo que este Rey de Portugal dana nom quiso tomar ninguna cosa.*

*Esto*

Esto fecho el Rey de Portugal folto a Don Fernando Rey de Leon tierra de Limia, y Turon, que deuen ser del Rey Dñ Fernando de Leon, maguer que este Don Afonso Rey de Portugal los auia entonces ganado de nueuo a los Moros, y diogelos asy libres y quitos sin otra contienda. E fecha alli esta aueniencia, y deslindados sus terminos, y puestas sus omenages entre los Reys, fincho suelto Don Alfonso Henriques Rey de Portugal, no pudo vsar de camalleria por razon de la pierna quebrada, que le quebraron a la salida de la puerta de Badajoz.

Finalmente Rogerio de Houedem autor daquella idade falando desta prizão del Rey de Portugal diz, que el Rey de Leão o pos em liberdade, por lhe restituir 25. Villas, & Cidades que lhe auia tomado, & por mais algum dinheiro que lhe deu, & aos Grandes de sua Corte. *Qui dedit ei pro redemptione 25. oppida, que ipse super eum acquisierat, & 15. summarios oneratos auro, & 20. dextrarios, & alijs Regi assistentibus, vt citius liberaretur dedit multa.* E em ponto de fogueição não diz palavra, nem trata de outra condição algũa com que a el Rey de Portugal se desse liberdade.

Por este termo falaõ os autores antigos. Nem o Padre Ioão de Mariana com se mostrar pouco afeiçãoado às cousas de Portugal, ousou neste passo dizer mais do que elles affirmão. Onde não posso deixar de me mara-

uilhar de algũs escritores Portugueses, aos quais pareceo melhor leguir nisto a Lucio Marineo Siculo, autor de pouca noticia nas couzas de Espanha, & nas de Portugal tão ignorante, que confessa de si, que del Rey Dom Afonso Henriques não sabia mais que tomar Lisboa, vencer a batalha de Ourique, & prender sua mãy; porque de pois de apontar estas couzas, acrecenta. *De quo nihil ultra legimus, neque quis fuerit finis eius comperit habemus.* Quer dizer. Do qual Rey não li outra cosa, nem pude alcançar o fim que tene. Mas fez nisto tanto exame, como em dizer, que o Papa São Damaço foi natural de Madrid, o qual (por mais que alguns autores Castelhanos tragaõ em seu fauor a Flauio Dextro autor antigo nouamete diulgado com as cores que lhe deraõ seus inuentores) fazem Portugues natural de Guimaraes todos os escritores antigos, & modernos, que escreuem as vidas dos Summos Pontifices.

Fique logo como cousa sem duuida que o contrato das pazes entre os Reys de Leão & Portugal se fez na occasião presente, cõ el Rey de Portugal restituir ao de Leão a parte de Galiza que pretendia ser sua, & mais terras que nestas guerras lhe tomara, & com ficarem os Reys em tudo o mais com seus estados liures, & senhor cada hum do que dantes possuia.

Feitas as pazes na forma que temos

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

temos affentado, se veio elRey Dom Afonso liure para seu Reino; & como a aleijão da perna o tiueſſe ainda muy debilitado, tratou de lhe aplicar os remedios mais côuenientes. São os banhos de Lafoés junto a Bouzella, & corrente do rio Vouga muy celebrados, pella efficacia de ſuas agoas, & facilidade com que curaõ. Pareceo couſa muy conueniente darſe a elRey eſte remedio. Partio para elles acompanhado de ſeus filhos, & de algũs ſenhores principaes de ſua Corte, & porque a detença auia de ſer de alguns meſes, deixou ordenadas as couſas da guerra em as frõteiras dos Mouros em forma, que ſe não ſentiſſe ſua auſencia. Em particular encarregou aos Caualleiros do Templo, dos quaes tinha muita ſatisfação, a deſenſão de Alentejo, & continuação de ſua conquista. Ha diſto memoria em a Torre do Tombo, a qual contem o ſeguinte. *Facio ſcripturam*

*Archino donationis de omni certa parte quam*  
*Real liuro per Dei gratiam populare potero à flu*  
*das Opões mine Tago, & ultra; tali conditione,*  
*militares ut quidquid modo vobis do, & ſum da-*  
*fol. 12. turus, expendatis in ſeruitio Dei, &*  
*meo, & filij mei, & totius progeniei*  
*mea, uſque dum guerra Sarracenorum*  
*durauerit.* Douuos (diz elRey falando com os Templarios) parte de tudo o que ſe pouoar alem do rio Tejo, mediante o fauor diuino, com tal condição, que em quanto durar a guerra dos Ara-

bes vos ocupeis em ſeruiço de Deos, meu, & de meu filho com as rendas que de mi recebeis, & vos hei de dar ainda. Remata a doação. *Facta carta menſe Septembris apud Alaphoem Era M. Cl. VII. Rex Alphonſus cum filio ſuo Rege Sancio, & filiabus ſuis Regina Vrraca, & Regina Tharaſia. Comes Velafcus Dapifer Curie, Petrus Fernandi Regis Sancy Dapifer. Petrus Saluadore.*

Deſtas palauras, que não contém mais que a firma delRey de ſeus filhos, & alguns grandes, & por iſſo ſe não dão traduzidas, ſe vê como a Rainha Dona Vrraca eſtaua ainda em Portugal em Setembro do anno de mil & cento & ſeſſenta & noue. E como em o de mil & cento & ſetenta & quatro eſtiueſſe caſada com elRey de Leão, como em o Capitulo paſſado moſtramos, conſta euidentemente o que ja fica dito, que não foi ſua ſeparação deſte matrimonio cauſa das guerras paſſadas, antes poderia ſer effeito da paz eſtabelecida no remate dellas. E daqui ſe ficarã vendo, de quantos erros ſe liuraõ as hiſtorias, ſe ſe faz boa cópntação dos annos.

Neſte anno, & em o proprio mes de Setembro mandou elRey dar carta de foro aos moradores da villa de Linhares, cabeça hoje de Condado. E neſte papel confirmaõ os Prelados, & ſenhores neſta forma. *D. Ioannes Bracharenſis Archiepiſcopus conf. D. Guſaluns Viſenſis*



*Vifensis Episcopus conf. Donnus Menendus Lamecensis Episcopus conf. D. Michael Colimbriensis Episcopus conf. Donnus Petrus Portuensis Episcopus confir. Donnus Aluarnus Vlixbonensis Episcopus conf. D. Suarius Elborensis Episcopus conf. Comes Velascus Curia Dapifer confir. Fernandus Alfonsi Regis Signifer confir. Petrus Fernandi Regis Sancij Dapifer conf. Nuno Fernandiseius Signifer conf. Snerius Menēdi Extremature dominus conf. Velascus Fernandi conf. Petrus Saluatoris conf. Magister Albertus Cancellarius.*

CAPIT. XV.

*Da successão dos Bispos do Reino, & dos primeiros Abbades que houve em Alcobaga.*

**D**A escriptura proxima referida em o Capitulo antecedente, & de outras destes annos, consta cō certeza dos prelados q̃ governauão as Igrejas Cathedrais do Reyno. Em Braga residia ainda o Arcebispo Dō Ioão Peculiar, do qual se té falado em outros lugares, & permaneceo nesta dignidade ate o anno de 1175. em q̃ o Senhor o leuou desta vida, despois de ter governado aquella Igreja 37. annos & alguns meses. Entrou em seu lugar D. Godinho, & posto q̃ em algũas relações se tenha, q̃ foy primeiro Bispo de Lamego, consta das escripturas o contrario,

nas quais se achão contemporaneos, D. Godinho Bispo de Lamego, & D. Godinho Arcebispo de Braga, donde se conuence foraõ pessoas distintas, pois em Lamego não ouue nesta occasiã dous de hum mesmo nome.

Bispo de Viseu era D. Gonçalo, & de memorias antigas se sabe q̃ foi primeiro Monge de Alcobaga. Assim o diz o liuro dos obitos de S. Cruz de Coimbra cō estas palavras. *Idibus Ianuarij obiit Dōnus Guntalvus Vifensis Episcopus monachus S. Mariae de Alcobata.* Naquelle casa temos pouca noticia do Bispo D. Gonçalo, q̃ os antigos como humildes & santos interpretauão a vaidade, a notificação de suas virtudes ou (o que tenho por mais certo) que se perderão estas memorias por descuido dos q̃ succederaõ. Mas constando q̃ foy este Prelado dos primeiros Monges daquelle insigne mosteiro quãdo florescia mais em santidade, he de crer q̃ sua virtude seria muy conhecida, & obrigarã a el Rey Dō Afonso darlhe a prelazia de Viseu, em a qual foi successor de D. Odorio primeiro Bispo despois de sua restauração. Não passa a memoria do Bispo D. Odorio nas escripturas que vi do anno de 1166. né a de D. Gonçalo do de 1174. por quanto ja no fim d'elle auia nouo Bispo em Viseu, cujo nome era Dō Godinho.

Em a Sē de Lamego presidia ainda o seu primeiro Bispo Dom

Q q Mendo,

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

Mêdo, & permaneceu nesta dignidade até o anno do Senhor de 1173. Teue por successor Dom Godinho, o qual viueo até o anno de 1188.

Em Coimbra viuia o Bispo Dom Miguel, & teho delle noticia até o anno de 1176. Entrou em seu lugar Dom Bermudo, o qual viueo pouco tempo, por quanto já em o anno de 1181. era Bispo Dom Martinho.

Era Bispo do Porto Dom Pedro terceiro do nome, successor de outro Dom Pedro, de quem já tratamos. Não consta do anno certo em que Dom Pedro terceiro entrou no Bispado, mas sabemos que já no anno de 1169. estava confirmado nelle, como consta de hũa pedra de São João de Tarouca, em que se declara como assístitio à sagração desta Igreja com outros Prelados do Reyno. Não chegou ao anno de 1175. porque em o principio d'elle era Bispo Dom Fernão Marinz, de quem se diz ser primeiro Conego regular do Religioso Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, seminario de varoês santos, & Prelados illustres.

Em a Sé de Lisboa presidia o Bispo Dom Alvaro, o segundo Prelado que teue esta Igreja depois de sua restauração. Ha memoria de Dom Gilberto o primeiro Bispo até o anno de mil & cento & sessenta & cinco, em que faz concerto com os Cone-

gos & Cabido de Lisboa sobre o coimer & vestido que cada hum auia de ter, parece que até então se colhião & gastauão as rendas da Sé em comunidade, & deste tempo em diante se começara a diuidir. Os Conegos que então auia são os seguintes, de que pareceo bem pôr os nomes, por se ver como eraõ os mais delles estrangeiros. Roberto Deaõ, Bertholameu Arcediago, Arnulpho Arcediago, Bento Chantre, Esteuão Cancellario, q̃ he Mestre Schola, Menelao Thesoureiro, Roberto de Valles, Martinho de Rumener, Vicente, Reinaldo de Aluringela, Goaltero de Tornay, Pedro do Porto, Paio de Coimbra, Iacob, Nizo, Cypriano, Goalterio, Nicolao, Theobaldo, Mendo, Paio Gomul, Gilberto, Roberto.

Este mesmo contrato confirma o Bispo Dom Alvaro tres annos adiante em o de mil cento & sessenta & oito, donde se vê que Gilberto faleceo neste mesmo tempo, & deuia ser em o proprio anno em que fez o concerto com os Conegos, por quanto em a doação que el Rey faz em o anno seguinte da villa do Lourical a Santa Cruz de Coimbra, confirma ja Dom Alvaro, o que se colhe tambem de outras escripturas. Vai correndo a memoria do Bispo Dom Alvaro por todo o tempo del Rey Dom Afonso Henriquez, até o anno primeiro do reinado de seu filho Dom

Dom Sancho, em o qual por sua morte foy eleito D. Sueiro em Bispo de Lisboa.

Na Igreja de Euora viuia ainda o veneravel Bispo Dom Sueiro, ate que por seu falecimento foi eleito Dom Payo em o anno de mil & cento & oitenta, o qual communmente se tem por primeiro Prelado desta Igreja, mas ja mostrei em outro lugar o que nisto auia.

A grande Abbadia de Alcobaça (cujos prelados confirmão nas escrituras Reaes immediatamente abaixo dos Bispos, & primeiro que os Mestres das Ordens Militares & outros prelados, o que em direito he grande preminencia, segundo ja aduerti de Cassaneo) se ouuermos de dar credito a nossas Chronicas, foi governada em o principio por hum santo varão que veio de Claraual chamado Dom Ranulpho, a quem dizem soceder outro por nome D. Fernando. Porem guiado pelas doações daquella casa, & de outros cartorios, digo que o primeiro Abbade foy Dom Martinho, a que socedeo Dom Pedro Mendez, & em terceiro lugar outro D. Martinho. Deste segundo D. Martinho, & terceiro Abbade se vê a sepultura em o Capitulo de Alcobaça, a qual contem este Epitafio. *Era M.CC.XXIX.II.Ka- lendas Octobris obiit Dominus Martinus Abbas HI. Alcobatie.* Quer dizer. Na Era de 1229. a dois das Ca-

*Cartorio de Alcobaça e scriptura original.*

lendas de Outubro (he o ultimo de Setembro do anno de 1191) faleceo D. Martinho Abbade terceiro de Alcobaça. Deste prelado ha memoria que era ja Abbade em o anno do Senhor de 1183. por que então lhe fez el Rey D. Afonso Henriques seguda doação das terras de Alcobaça. De seu antecessor Dom Pedro Mendez consta que era Abbade em o anno do Senhor de 1179. porque no mez de Março deste anno lhe vê de hũa herdade em termo de Lisboa Sueiro Mendez, & sua mulher Tareja Ermigiz. Antes deste tempo he certo que era Abbade de Alcobaça Dom Martinho, o qual confirma em a doação de Abiul feita por el Rey D. Afonso Henriques ao mosteiro de Lornão, cuja data he no mez de Setembro da Era de 1213. que he anno do Senhor de 1175. Está a firma do Abbade D. Martinho logo depois da do Bispo de Lisboa Dom Aluaro, que he o ultimo dos Bispos q̃ alli assinao. Se pois o Abbade Dom Martinho que faleceo em o anno do Senhor de 1191. foi o terceiro prelado de Alcobaça, como está dito. Claro he que este Dom Martinho que confirma na doação de Abiul foy o primeiro, pois entre ambos houue o Abbade Dom Pedro, como temos visto.

*Escritura original a qual está também no primeiro liuro dos dourados num. 314.*

*Cartorio de Lornão doação original, e no liuro pequeno das doações fol. 34.*

(.)

Qq 2

CAP.

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

### CAPIT. XVI.

*De hũa jornada que fizeraõ  
os Portugueses contra os  
Mouros. Referemse duas  
vitoras muy finaladas dos  
nossoz.*

1170.



Onsta que neste anno de mil & cento & setenta ouue batalha entre Christãos & Mouros, posto q̃ não sabemos as particularidades della. Em o liuro dos obitos de Santa Cruz de Coimbra se faz comemoração daquelles Caualeiros Portugueses q̃ foraõ mortos pellos Mouros, & se aponta este successo em o mez de Iulho com estas palauras. *Commemoratio illorum qui interfecti sunt de Regno Portugallie in exercitu Saracenorum Era M.CC.VIII.* E como por outra parte tenhamos noticia de duas vitorias que Alcançou dos Mouros em hum dia Gonçalo Mendez da Maya o Lidador, & outros Caualeiros illustres seus companheiros, sem sabermos do tempo em que se adquiriraõ, não he fora de bõ discurso imaginar se alcançariaõ neste anno, pois alem da memoria referida de S. Cruz, se suppoem residir então o Lidador por fronteiro em Beja, o que forçadamente auia de ser despois do anno de 1166. em que se ganhou esta Cidade.

Saindo hũ dia Gonçalo Mendez com alguns Caualeiros principaes a correr o campo de Beja, encontrou com Almoileimar Capitão Arabe de grande nome, & seu exercito, & tanto que tiueraõ vista huns dos outros, se puseraõ em ordem de batalha, a qual foy muy rija & porfiada, por serem os Portugueses excellentes Caualeiros, & os Mouros muitos, & muy valerosos. Quebradas as lanças se deceraõ hũs & os outros dos caualos, & continuaraõ sua batalha temerosa, assinalandose os dous Capitaes Christão, & Mouro, os quais se tinhaõ ferido das lanças em o primeiro encontro. Sobreueio socorro aos Christãos em bom tempo, com o qual os Mouros não só perderaõ o campo, mas ficaraõ de todo desbaratados, & o seu Capitão Almoileimar entre os demais mortos.

Não passou muito que os Portugueses sem se poderem dar os parabens da vitoria, nem recolher os despojos dos vencidos, se não vissem em segunda afrenta. Apareceo hum fermoso esquadraõ (serião mil homens de caualo) em que vinha apressadamente Alboazem Rey de Tangere, por se achar com Almoileimar na batalha. Passara este Mouro a Espanha bẽ acõpanhado, por reduzir a sua obediencia avilla de Mertola, que dizia pertencerlhe de seus antepassados, com a qual se lhe auia rebellado hũ seu tio.

Com

Com a vista desta gente se prepararaõ os Portuguezes para nova batalha. E Gonçalo Mendez sem fazer caso de sua muita idade, & das perigosas feridas que recebera, começou animar seus companheiros com palavras de muita confiança; mas por entender não poderia durar muito por causa do sangue que tinha derramado, dizem que pediu aos Portuguezes, que sendo caso que morresse em aquella batalha, aceitassem em seu lugar a D.õ Egas Gomes de Sousa, casado com sua filha. Não só o prometerão os nobres Caualeiros, mas fizeraõ instancias ao Lidador não entrasse na peleja, pois estaua tão mal ferido, o que nunca se pode acabar com elle, dizendo, que em quanto lhe duraua a vida não auia de faltar a seu officio.

Vinhão ja os Mouros com hũ galope apressado, persuadidos de ter a vitoria facil, pois tomauão aos Christãos cansados da primeira batalha; porem como fosse gente muy escolhida, & exercitada na guerra deraõ mais que fazer aos Mouros do que imaginauão. Encarece o Conde Dom Pedro principal relator deste caso os monstruosos golpes, & terriueis encontros desta peleja; porque se affirmaua se cortarão alguns corpos pello meio, & outros se fenderão de alto abaixo, & alguns sobre o dano que faziaõ aos homens, passauão a cortar as cellas,

& ainda parte dos caualos. De sorte que os Christãos de Espanha, & os Mouros, a cuja noticia chegou este espectáculo, dizião não poderem ser dados aquelles golpes por mãos de homens, affirmãdo alguns que o Apostolo Santiago os fizera por sua mão, sendo a verdade que os bõs fidalgos Portuguezes com ajuda de Deos, & do santo Apostolo fizeraõ semelhantes prouas de seu esforço. Cabio em terra o Capitão Portuguez faltandolhe as forças, & o alento da vida; mas nem com seu perigo perderão o animo (como muitas vezes acontece) os demais companheiros, antes inflamados no desejo da vingança renouaraõ a peleja em tal forma, que o escoadraõ dos Arabes não podendo resistir a seu impeto, se pos em vergonhosa fugida, deixando primeiro a terra semeada de corpos mortos, & regada de seu proprio sangue.

Pudera contar-se esta batalha entre as mais gloriosas, & causar grande contentamento aos fidalgos de Portugal, se lho não agozara a morte do bom velho Gonçalo Mendez da Maya seu Capitão, que nesta occasião tão honrada a alcançou das muitas feridas de hũa & outra batalha. Fizeraõ hum grande pranto sobre seu corpo, & com muita honra o trouxeraõ em sua companhia, admirandose despois que o desarmaraõ, de como pudera aturar tanto

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

na batalha com as muitas feridas que tinha.

O Conde D<sup>o</sup> Pedro nomea os fidalgos que aqui se acharão pella maneira seguinte. D. Afonso Ermigues de Baia, Dom Godinho Fafes o velho, Dom Mem Fernandez de Bragança, Dom Sancho Nunez, Dom Egas Gomez de Souza. Dom Alvaro Rodriguez de Guzman, Dom Egas Pirez Coronel, Dom Gomes Medez Gedeão, Dom Sueiro Aluarez de Valadares, Dom Reymam Garcia de Porto Carreiro, Dom Nuno Soares, que chamaraõ D<sup>o</sup> Nuno Velho, Dom Sueiro Paez, Sueiro Mouro, Dom Moço Viegas, Dom Lourenço Viegas o Espadeiro, Dom Pero Viegas, Dom Sueiro Viegas, todos filhos do bom velho Egas Moniz de Riba de Douro, D<sup>o</sup> Gonçalo Oueques, Dom Ligel de Flandes, D<sup>o</sup> Fernão Mendez de Gundar, Dom Pay Delgado, Dom Anaia da Estrada, Dom Pedro Paes Escacha, Dom Gomez Paes da Siylua ambos irmãos, Dom Payo Godins, Dom Ero Mendez de Moles, Dom Payo Soares Capata, Dom Mem Moniz de Riba de Douro.

(.?.)

### CAPIT. XVII.

*De Gonçalo Medes da Maia o Lidador, & seus companheiros. Toca-se o que pertence a sua geração, & de cendencia.*

**E** Oraõ pessoas tão insignes Gonçalo Mendes da Maya o Lidador, & os fidalgos que seguirão a sua bandeira na guerra dos Mouros, que julgou o Conde D. Pedro era obrigação fazer particular memoria delles com remissão ao tronco de suas familias: auendo que com esta diligencia se leuantaua hũ honroso trofeo à principal nobreza de toda Espanha. E pella mesma causa nos compete taõbem tratar algũa cousa tocante a sua geração, & decendencia.

Gonçalo Mendez da Maya foy filho de Mem Gonçaluez da Maya, decendente por linha masculina del Rey Dom Ramiro de Leão o segundo do nome. De sua decendencia, & das duuidas do seu casamento temos ja dito em o Capitulo 4. do Liuro decimo. De seu valor se pode com verdade afirmar que foy raõ grande, que igoalou aos mais insignes Capitães que o mundo teue. Continuou tanto o exercicio da guerra, que

Conde D.  
Pedro. III.  
21.

que por este respeito veyo a alcançar o titulo de Lidador. E bem se deixa ver, pois capitaneava exercitos tendo nouenta & cinco annos de idade, que tantos lhe dão os autores em o tempo das duas vltimas batalhas, em que valerosamente perdeu a vida.

O primeiro que o Conde D. Pedro nomea entre os cõpanheiros do Lidador, he Dom Afonso hermiges de Baiam. Era filho de Ermigio Viegas, & neto de Egas Gozendes, todos Ricos homens, decendentes de Dom Arnaldo de Baiam, em quem o Conde Dom Pedro dà principio ao titulo quarenta. Casou Afonso Ermiges duas vezes, a primeira na casa dos Bargançoës, a segunda na dos de Riba Douro, que he a de Egas Moniz, & seu irmão. Procederaõ delle Dom Fernão Lopez, & D. Diogo Lopez Ricos homens pelo tempo adiante, não me consta de particular familia que delles proceda por varonia, sua decendencia por linha feminina se pode ver no Conde Dom Pedro no lugar citado.

Godinho Fafes foy filho do Alferes Dom Fafez Luz, ja tocamos o que pertence a sua nobreza & decendencia em o capitulo 30. do Liuro oitauo.

Dom Mem Fernandez de Barança foy casado com Dona Sancha Viegas, filha de Egas Gozendes, tiueraõ por filho Fernão Mendes o Brabo, & outros irmãos,

dos quais falamos em a relação da batalha do câpo de Ourique, onde se acharão.

Dom Sancho Nunez de Barbosa era filho do Conde Dom Nuno de Cellanoua, & sobrinho de São Rosendo, segundo diz o Conde Dom Pedro. Porem nisto ha difficuldade, por quanto o Conde Dom Nuno morreo no anno de mil & vinte, como temos notado de algũas escrituras antigas, & assi nos parece mais prouauel que seria Sancho Nunes seu filho, ou decendente. Procede delle (alem da successão do Conde Dom Vasco, de que fica dito) por via de seu filho Nuno Sanches á casa de Barbosa tão illustre no tempo antigo, & em o presente quasi diminuida, ou acabada. São suas armas em campo de prata hũa banda azul com tres crecetes de ouro entre dous Leões de purpura batalhantes armados de prata, & por timbre meio Leão de purpura com crescente das armas na espada armada de prata.

Egas Gomez de Sousa foy pai de Mem Viegas, & auõ de Gonçalo de Sousa, dos quais se té feito memoria em muitos lugares desta obra, & para my he cousa muy difficultosa, q̃ Egas Gomez fosse ainda viuo neste tempo, & muito mais que fosse genro do Lidador, como diz o Cõde D. Pedro, & por isso tratarei estas duuidas em particular capitulo, que será o proximo seguinte.

Qq 4 Dom

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

Dom Aluaro Pirez de Guzmam. Fala o Conde Dom Pedro neste fidalgo no titulo de Lafette, aonde trata da familia dos Guzmanes. He esta geração hũa das mais illustres, & estendidas que ha em Espanha, como he notorio; porque alem das tres casas grandes, que são dos Duques de Medina Sinonia, dos Condes de Oliuares, dos Duques de Medina de las Torres, ha os Marqueses de Aiamonte, os Condes de Orgas, os Condes de Teba, Marqueses de Ardales, os Marqueses de Algaba, & outros senhores sem titulo, & ouue della muitos Ricos homens antigamente, como mostra por escrituras Dom Frey Prudencio de Sandoval no tratado particular que fez desta casa. Suas armas são hum escudo partido em aspa com duas caldeiras jaqueladas de ouro & sangue em campo azul, & nos outros dous angulos sinco arminhos negros em campo prata.

D. Egas Pires Coronel. Trata o Conde Dom Pedro dos Coroneis, & mostra virem de Dom Arnaldoo de Baiam por linha de Dom Goido Araldes. Ouue deste appellido fidalgos de muita estima no Reyno de Aragaão, como confessa Argote no liuro 2. cap. 30. Dom Egas Pires teue por filho a D. Reimaão Viegas de Sequeira, do qual faremos memoria entre os fidalgos Portuguezes que se acharão no cerco de Siuilha.

Dó Gomes Mendez Gedeão foy cunhado de Gonçalo de Sousa. De sua decendencia que foy amplissima se tratara logo.

Dom Suero Ayres de Valadares. Fala neste fidalgo o Conde Dom Pedro no titulo 25. Hum seu filho casou com Dona Eluira filha de Vasco Gil de Souerosa. Tem os Valadares por armas o escudo esquartelado, no primeiro de azul hum Leão de prata armado de vermelho, o segundo empequetado & prata de seis peças em faxa, & por timbre o mesmo Leão das armas empequetado de vermelho na carranca.

Dom Reimam Garcia de Porto Carreiro, he a segunda pessoa em que fala o Conde Dom Pedro no titulo 43. dos de Porto Carero. Ha em Castella delles a casa dos Marqueses de Barca rota, dos Marqueses de Alcala da Lameda, os Côdes de Medelhim, os Côdes de Palma, & outros senhores. Em Portugal se vnio esta familia ás mais principaes do Reino, como se pode ver em o lugar citado. As armas de Porto Carreiro são 15. esquaques de ouro & azul, a que ajuntão os Marqueses de Barca rota orla de castellos & leões; os Condes de Palma quinze bandeiras, & a Cruz de S. Iorge.

D. Nuno Soarez o Velho, descendente de D. Arnaldo de Baiam por via de D. Goido Araldes seu filho. De Nuno Soarez procedê  
não



não sò os Velhos de que atras se disse, mas os Barretos, de que ha algũas casafs principaes, & tambem os Calheiros, & Carpinteiros, como aduerte particularmente o Conde Dom Pedro, & por casamentos muita da nobreza de Portugal, & Castella. Os Barretos tem por armas o campo de arminhos, & por timbre hũa meia donzella vestida de arminhos em cabelo, & sem braços. Os Calheiros trazem em campo azul cinco vieiras de prata, & ao pé tres estrellas do seguhdo em faxa de cinco pontas cada hũa, & as vieiras estendidas de preto, & por timbre dous bordoës de prata em alpa cõ hũa vieira das armas arados com hum torçal azul, & ferrados de azul.

Dom Sueiro Perez Mouro, foy filho de Paio Pirez Romeu decendente do mesmo Dom Arnaldo de Baiam por seu filho Goffendo Araldes, sua may se chamou Dona Goda Soares, & era filha de Sueiro Mendez o bom da Maya, irmão de Gonçalo Médez o Lidador.

Destes fidalgos Payo Pirez Romeu, & sua molher Dona Goda diz o Conde Dom Pedro em o titulo 16. que decenderão os Rebotinz, os Gedeãos, os de Tavares, os Pachecos, & Merlos, & he sem duuida por seu filho Sueiro Mouro, como consta dos titulos 41. & 26. Não deixa de causar enleo, que tendo todos estes

fidalgos, ou os mais delles troncos differentes, de quem o mesmo Conde fala em particulares titulos, & o que he mais, que auendo quasi todos estes appellidos antes de contrahirem parentesco com Paio Pirez Romeu, lhe assine com particularidade esta ascendencia. Mas era tanta nobreza de Sueiro Mouro por ambas as vias de pay & mãy, que julgou o Conde por honrosa esta memoria para qualquer familia, ainda que fosse das mais illustres.

Dos Rebotins fala o Conde no titulo 41. & 26. Dos Gedeãos faz titulo particular, que he o 30. em ordem, tomando o principio em Dõ Gomes Mendez, cunhado de Gonçalo de Sousa, de que atras falamos. E posto que o appellido de Gedeãos seja desusado, ficou de D. Gomes muy ampla de cendencia; porque (deixados os que delle procedem de appellidos de varias familias, que pertencem a outros lugares) nomea o Conde entre seus decendentes, Barrosos (dos quais vem Freires, & Aluins) Bastos, Cogominhos, todos fidalgos conhecidos, posto que algũs delles em o tempo prete com diminuição da antiga grandeza.

As armas dos Barrosos são em campo vermelho cinco Leões de prata faxados de duas faxas de purpura cada hum, hũa pello pescoço, & outra pella barriga empequetados de ouro postos alpa,

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

em aspa, & por timbre hum dos Leoões das armas.

As armas dos freires são em campo verde hũa banda vermelha acutilada de ouro, que tem duas cabeças de Serpe do mesmo, & por timbre dous pescos de Serpe retorcidos, armados de vermelho batalhantes postos em fugida. São hoje os Freires senhores de Bobadela alem de outros Morgados, & por Freires veio o Condado de Alcoutim à casa de Villa Real, & chamão se promiscuamente Freires & Andrades. Os Cogominhos tem por armas em campo vermelho cinco chaues de prata em aspa, & por timbre duas chaues em aspa atadas com hum torçal vermelho. Forão senhores de Chaues, Alcaides môres de Coimbra, possuem hoje o Morgado da torre dos Coelheiros.

Dos de Tauares fala o Conde Dom Pedro em titulo particular, & os louua de bons Cavalleiros, & diz que quer começar em Dom esteuão Pires de Tauares, donde dê a entender que antes d'elle ouue outros em quem pudera tomar principio. Não declara o Conde em parte algũa por q̃ via decêdem estes fidalgos de Paio Piriz Romeu, & de sua mulher Dona Goda. Dizei o que me parece prouauel, suppostos

*Liuro das  
doações  
de Salzedo  
da fol. 116* os fundamentos certos que acho nas escrituras. Em hũa doação da Salzedo do anno de mil & du-

zentos & tres, tempo em que reinou em Portugal D.º Sancho o primeiro, acho que era Alcaide da Guarda Sueiro Viegas, & senhor da mesma Cidade Dom Pedro Viegas de Tauares. Em o liuro velho das linhagẽs, que esteue na Torre do Tombo se diz, que Dona Goda Soares teve tres filhos, & duas filhas de Dom Paio Romeu, & que hũa das filhas se chamou Dona Mor Pais de Curueira, a qual foy casada com D.º Egas Bufo. Se respeitamos o tempo, & os appellidos patronymicos, bem podia Dom Pedro Viegas de Tauares ser pay de Dom Esteuão Pirez de Tauares, aquelle em quem o Conde Dom Pedro dà principio aos desta familia. E o mesmo Dom Pedro Viegas podia ser filho de Dom Egas Bufo, & neto por sua mãy de D.º Payo Romeu, & de Dona Goda, & assi fica certa a decendencia q̃ o Conde Dom Pedro diz que os de Tauares trazem destes fidalgos, posto que não he polla linha masculina de seu filho Sueiro Mouro. Se não contentar a algũa esta diriução, busquem outra melhor, & se for bem fundada, de todos será admitida.

Forão os de Tauares muitos annos Alcaides môres de Portalegre, do Acumar, & de Alegrete, & algum tempo da Cidade de Faro. Hoje são senhores do lugar de Mira com muitas rendas em Aveiro, Esgueira, & na cidade de Coimbra.

Coimbra. Trazem por armas em campo de ouro cinco estrellas de vermelho de sette pontas em aspa, & por timbre meyo Leão de ouro armado de vermelho, & arnelado de ruelas vermelhas.

Dos Pachecos ja fica dito em o Capitulo 31. do liuro 8. o que toca a sua familia & successão. A decendencia que trazem de Sueiro Pires Mouro, & de Paio Romeu, declara o Conde Dom Pedro nos lugares allegados.

Os Merlos, que são os mesmos q̃ Mellos, são decendêtes outrossi de Dom Paio Pirez Romeu. Desta geração vieraõ os Condes de Oliuença, & permanecem os Marqueses de Ferreira Côdes de Têtuguel, os quais posto que tem a varonia Real como ramo da casa de Bragança, todavia a sua casa he dos Mellos, & delles tomaraõ o appellido. Ha mais os Monteiros môres, os senhores de Mello, & outras casas, que tem dado pessoas muy aysinaladas. Trazẽ por armas em campo vermelho seis bezantes de Prata entre hũa dobre Cruz, & hũa bordadura de ouro, & por timbre hũa Aguiã preta abezentada de prata.

São tambem direitos decendentes de Dom Sueiro Pires & de Paio Pires Romeu os Taveiras, de cujo appellido côsta ser a mãy de Santo Antonio, grande gloria não sò dos desta familia, mas de todo Portugal, & ainda da Christandade. As armas dos Taveiras

são em campo de ouro noue torreaux de vermelho em tres palas, & por timbre meyo Leão de ouro armado de vermelho, & arnelado com ruelas vermelhas.

Dom Moço Viegas, Dom Loureço Viegas, Dom Sueiro Viegas, & Dom Pedro Viegas, são filhos de Egas Moniz, dos quais se tratou em o Cap. 21. do Liuro 10.

Dom Gonçalo Queques foy pay de Diogo Gonçalves o que morreo na batalha de Ourique, & ja delles & de sua decendencia fica dito em o Cap. 4. do mesmo Liuro.

Dom Ligel de Frandes hum dos Capitaes estrangeiros que se acharaõ na conquista de Lisboa, como vimos em o Capit. 29. do Liuro 10.

D. Fernão Mendez de Gúndar foy hum dos filhos de Mem de Gúndar o Capitão que acompanhou o Conde Dom Henrique a Portugal, & delle vem os Mortas, de cujo tronco (como ja vimos) foi João Rodrigues de Morta, cujo zelo & esforço se manifestou muito em tempo del Rey Dõ João o Primeiro contra Castella. E não he pequena felicidade para os desta familia terem logeitos de valor em ambas as conquistas do Reino.

Dom Paio Delgado, o que se achou na tomada de Lisboa, como fica ditto.

Dom Arraia, ou Aniam da Estrada, de quem se falou em o Capitulo

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

pitulo 30. do liuro 8.

Dom Pedro Paes Escacha, & D<sup>o</sup> Gomez Paes fora<sup>o</sup> filhos de Payo Guterres da Sylua, dos quais ja dissemos em o Capitulo 31. do liuro 8. & em outros lugares.

Dom Paio Godinz, foy filho de Godinho Viegas, neto de Egas Gozendes, primo de Dom Afonso Hermiguis, o primeiro que vai nomeado no cathalogo destes fidalgos companheiros do Lidador. Aduerte o Conde Dom Pedro, que de Payo Godiz proced<sup>e</sup> os Azevedos, de cujo appellido ha em Portugal a casa dos Almirantes, & dos senhores de S. Ioa<sup>o</sup> de Rey, & em Castella os Condes de Fontes, & a gr<sup>ã</sup>de casa dos C<sup>o</sup>des de Monte Rey (que tambem sa<sup>o</sup> Fonsecas, & Zuniga) os quais goza<sup>o</sup> do titulo de grandeza por merc<sup>e</sup> do Catholico Rey Dom Phelipe Quarto. Os Azevedos tem por armas o escudo esquartellado, o primeiro de ouro, & h<sup>u</sup>a Aguias de preto estendida, o segundo de azul com sinco estrellas de prata em aspa, & bordadura de vermelho chea de aspas de ouro, & assi os contrarios, & por timbre h<sup>u</sup>a Aguias do escudo com h<sup>u</sup>a estrellas das armas no peito. Os senhores de Castella atras nomeados tem as armas diferentes destas.

Conde D.  
Pedro. tit.  
52.  
Conde D.  
Pedro. tit.  
16,

Dom Paio Soares Capata, era filho de Sueiro Mendes da Maya, de quem falamos em o liuro 8. Cap. 7. o qual foy irm<sup>o</sup>

de Gonçalo Mendez da Maya o Lidador. Filho de Paio Soares foi Pero Paes o Alferes del Rey D<sup>o</sup> Afonso Henriques, do qual se tratou em o Cap. 4. do Liuro decimo. Em seus decedentes se conservou o appellido de Maya, ou Amaya laigo tempo, como se pode ver em o titulo 16. do Conde Dom Pedro.

Dom Mem Moniz de Ribadouro. He o vltimo dos companheiros do Lidador na relação do Conde Dom Pedro, mas igoal na nobreza aos que fica<sup>o</sup> primeiro nomeados, por ser irm<sup>o</sup> de Egas Moniz o bemanenturado aio del Rey Dom Afonso Henriquez; pello que fica notoria sua nobreza & ascendencia do que temos escrito de Egas Moniz em o Liuro oitauo, & tratao Conde Dom Pedro no titulo 36. Casou Mem Moniz com Dona Ourroana Mendez, irm<sup>ã</sup>a de Gonçalo de Sousa, da qual houue filhas que casara<sup>o</sup> com os principaes senhores daquelle tempo, quais era<sup>o</sup> os Barganço<sup>es</sup>, os de Barbosa, & os de Dom Fafez Luz, de quem procedem muitos outros fidalgos de differetes appellidos. Vejase o Conde

Conde D.  
Pedro. tit.  
31.

Dom Pedro no

titulo 31.

(?)

CAP.

CAPIT. XVIII.

*Examinãose alguns pontos do Conde Dom Pedro tocantes às batalhas do Lidador, & ao parentesco que com elle teve Egas Gomes de Sousa.*

1170.



Om fer cousa muy difficul-  
tosa aueriguar o tempo certo em que se  
deraõ estas batalhas

Conde D.  
Pedro sit.

do Lidador, causa mayor embaraço o Conde Dom Pedro com algũas particularidades, a que se não pode dar boa saída. Como he dizer que nellas se achara Dõ Ligel de Flandes, & Egas Gomez de Sousa, o qual diz ser jentro do mesmo Gõçalo Mendez da Maya o Lidador. E a razão he, porque achandose Dom Ligel presente, não podião ser as batalhas se não despois do anno de mil & cento & quarenta & sete, em que se ganhou Lisboa, & foy a occasião em que Dom Ligel veio de Frandes a este Reino, tempo tambem em que Egas Gomez de Sousa não podia estar em disposição de continuar a guerra, antes denia ser ja morto, como prouaremos por doações autenticas. He hũa dellas de Pombeiro, conuento do Patriarcha São Bento, na qual se declara, que correndo demanda en-

tre as irmãas Flamula, & Adozinda Ketas, vieraõ a Pombeiro, aõde residia Egas Gomez, para que decidisse aquella causa. *Deuenimus inde ad concilium hic in acisterio de Palumbario, vbi fuit Egas Gomise,* etc. Esta escriptura he da Era mil & cento & noue, que responde ao anno de Christo de mil & setenta & hum, no qual anno era Egas Gomez varaõ perfeito, & q̃ alsistia nos conselhos, & resoluiã as causas. Donde parece difficul-  
toso q̃ dahi a mais de 80. annos, q̃ tantos correm ate o de mil & cento & quarenta & sete tiuesse disposição para andar na guerra, pois sò de Gonçalo Mendes da Maya se conta por cousa muy rara, que exercitava a milicia sendo de nouenta & cinco annos.

Cartori  
de Pom-  
beiro.

Outra escriptura ha no mesmo mosteiro de Pombeiro do anno de Christo mil & cento & doze, em que a Rainha Dona Tareja faz couto àquella casa, & nella se mostra que ja então era falecido Egas Gomez, porque se faz menção de seu filho Mem Viegas, & de seu sobrinho Gomes Nunez no que tocava às terras pertencentes ao Mosteiro, & de crer he que se Egas Gomez fora viuo, elle fora o nomeado, como senhor & possuidor daquella fazenda, & que pois o não nomeão era ja falecido: o que se pode confirmar de falar seu nome nas escripturas daquelle tempo, nas quais forçosamente auia de cõfirmar, como

R r os

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

os outros Grandes do Reyno. Mas seja o que for da idade deste fidalgo: no que toca a seu parentesco com Gonçalo Mendez da Maya, ha mayores inconuenientes. Consta de escrituras autênticas dos Mosteiros de Salzeda, & Arouca, as quais refiri já noutros lugares, que Gonçalo de Sousa neto de Egas Gomez de Sousa foy genro de Egas Moniz, sendo pois Gonçalo Mendez de Maya o Lidador, genro do mesmo Egas Moniz, como diz o Conde Dom Pedro, mal podia Egas Gomez de Sousa auô de Gonçalo de Sousa ser seu genro: donde venho a entender que falou com mais certeza o liuro velho das linhagens, o qual no casamento de Egas Gomes de Sousa diz desta sorte. *Dom Egas Gomes de Sousa foi casado com Dona Continha Gonçalues, filha de Dom Gonçalo Trastamires, & de Dona Gusco Godinz, & fez nella Dom Mem Viegas, que casou com Dona Tareja Fernandez, filha de Dom Fernão Gonçaluez de Marnel, & fez nella Dom Gonçalo de Sousa, & Dom Suetiro Mendez o Gordo, & Dona Chamoá Mendez, &c.* Ate aqui as palauras do liuro velho, conforme as quais não fica sendo Egas Gomez de Sousa genro do Lidador, se não tio calado com sua tia irmãa de seu pay, & filhos ambos do dito Gonçalo Trastamires. Esta razão de parentesco parece mais conforme à verdade, & concurrencia dos tempos em que floreceraõ

estes fidalgos, & assi julgo estar errado o liuro do Conde Dom Pedro, quando diz que Egas Gomez de Sousa casou com Dona Gontinha, filha de Gonçalo Mendez da Maya o Lidador, & que em lugar de Gonçalo Mendez se ha de pôr Gonçalo Trastamires.

Entendo que está errado tambem o mesmo liuro do Conde, em fazer casado a Mem Viegas, filho do sobredito Egas Gomez, & pay de Gonçalo de Sousa, com Dona Elvira Fernandez, filha de Pedro Afonso de Toledo; porq diz expressamente o liuro antigo que casou com Dona Tareja Fernandez, filha de Dom Fernão Gonçaluez de Marnel, & que delles procederaõ Gonçalo de Sousa & seus irmãos. E mostra ser isto verdade húa escritura do Mosteiro de Pedroso, da Era de mil & cento & vinte & sette, que he anno do Senhor de mil & setenta & noue, na qual doação Dona Flammula filha de Onorigo faz doação a este mosteiro de algũas terras exceptuando a metade de Eixo & Oes, por pertencerem a sua prima Dona Tareja Fernandez, filha de Dom Fernão Gonçaluez de Marnel, & molher de Dom Mem Viegas. São as palauras da escritura. *Excepta Medietate tota de Eixo, & Oes quod sunt com omnibus pertinentijs suis de mea congermana Dona Tarastia Fernandi, filia de Domno Fernando Gonçaluo de Marnel, vxore Domni Menendi Egee.* Que

Que fosse este Mem Viegas de Sousa pay de Gonçalo de Sousa se confirma pelas inquirições del Rey Dom Afonso Segundo, que estão no liuro intitulado, Proprios de Coimbra, no qual se mostra, que aquellas terras de Oes, & Eixo, & outras visinhas a Marnel pertencião ao Conde Dom Men do filho de Gonçalo de Sousa, & não podia ser por outravia, senão por parte de sua mãy Dona Tareja Fernandez, filha de Gonçalo Fernandez de Marnel, como dissemos.

Eraõ mui conhecidos os fidalgos de Marnel naquelle tempo pello que se colhe das escrituras, & assi seguraremos sua nobreza com duas do Mosteiro de Pedroso, em que se declara bem a qualidade de Dona Flamula prima irmãa de Dona Tareja Fernandez molher de Mem Viegas. Hũa dellas he do anno do Senhor de mil & quarenta, & outra do anno seguinte, em ambas concedem os paes de Dona Flamula Onorio Gozezindes, & Adozinda, e muitas herdades ao dito Mosteiro, & dizem que aquellas terras lhe ficarão de seu bisauo o Duque o Capitão Godifindo, filho de Eres, & de Adozinda. *Qua fuerunt de bisauo nostro Duce illo Godesindo, prolis Eris, & Adosinda.* Quem fosse este Duq ou Capitão Godifindo, declara marauilhosamente outra escritura do mesmo cartorio de Pedroso, q principia desta

maneira. *Dubium quidē nō est se ple-  
risque mane conitum, atque ordinamen-  
tum in veritate, quod ego Godifindo  
prolis Eris, & Adosinda accepi mulier  
in contugio nomine Enderquina Palla  
filia Dux Menendo Gutteresi, & Er-  
mezende germana de Domna Geluira  
Regina, quae fuit mulier de Ordonius  
mater rannirus Principe.* A signifi-  
cação em Portugues ( deixada a  
barbaria do Latim) he a seguinte.  
Não ha duuida, antes a muitos he  
notorio, como cousa muy verda-  
deira, que eu Godesindo filho de  
Eris, & de Adosinda, recebi por  
molher a Enderquina Palla, filha  
do Duque Mem Guterres, & de  
Ermezenda, a qual era irmãa da  
Rainha Dona Eluira, molher del  
Rey D. Ordonho, & mãy del Rey  
D. Ramiro. A data desta escritura  
foi a quatro das Calendas de Mar-  
ço da Era de 935 que são a 25. de  
Feuereiro do anno de 897.

XIX.

*Em que se trata do titulo de  
Dom, como em tempo an-  
tigo se vsaua raramente.  
Tocaõse algũas curiosi-  
dades.*

**D**isto que no liuro do  
Conde Dom Pedro se  
nomeão com Dom to-  
dos os companheiros  
de Gonçalo Mendez da Maya, &  
assi mesmo em nossas Chronicas

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

se dà Dó muitas vezes a pessoas que o não tinham, me pareceo bé fazer aduertencia nesta materia, ainda que seja diuertirme algum tanto do fio da historia.

Aduirto pois que o titulo de Dom se deriu da palaura Latina, *dominus*, a qual romanceando a nos mal conuertemos na de senhor, sendo assi q̃ esta palaura, senhor, he vocabulo taõbem Latino corrupto, que val tanto como, *senior*, que quer dizer o mais velho. Assi vemos que na sagrada Escritura se chamão, *seniores*, os setenta varões principaes que o São Moyses escolheo para o ajudarem no gouerno do povo que tinha a sua conta, os quais foraõ figura dos Cardeaes que assistem com o Sũmo Pontifice. Em muitas doações antigas tenho notado, chamarem-se *seniores* os senhores das terras. Hũa escritura original do Couto de Eiaes Mosteiro da Ordem de Cister junto a Melgaço do anno de 1157. diz, q̃ era senhor de Valadares Sueiro Aires: *Senior de Valadares Suarto Arias*. Na composição que se fez entre o Bispo de Coimbra D. Mauricio, & Munio, hum homẽ particular daquelle tempo se lhe encarregou que seria zeloso do seruiço do Bispo sem tratar de outro senhor, são as palauras. *Illi deseruiat remota alterius senioris acclamatione*. O mesmo se vê em outras muitas escrituras, que por breuidade senão allegaõ. De sorte que o senhor, & senior

ficão sendo hũa mesma cousa.

O nome, *dominus*, do qual se abreuuiou a Dom, se deriu do verbo, *dominor dominari*, que quer dizer, mandar, o que algũ applicaõ sò aos que tem gouerno despotico de algũa familia, ou casa. Por onde o graõ Iurisconsulto Vlpiano deduz este nome de *domus*, que he a casa, & conforme a isto ao nome, *dominus*, ouueramos de dar o romance de mandador, ou governador de algũa casa, & não o de senhor, que responde á palaura Latina, *senior*. Mas ja estes vocabulos andão corruptos, o de *dominus*, em senhor, & o de *senior*, naquelles, a quem a veneranda velhice faz respeitados. Donde não deixarei de aduertir hũa impropriedade grande que por esta causa se tem introduzido no modo de falar ordinario, quando se diz o senhor Dom fulano, que he hũa repetição nugatoria, & pouco necessaria; porque como o senhor seja romance de *dominus*, que he o Dom abreuviado, se fica incluindo duas vezes naquellas palauras, & val tanto o senhor Dom fulano, como o senhor senhor fulano.

Era tão grande cousa chamar-se *dominus*, ou senhor antigamente, que com chegar a Monarchia Romana á summa potentia que ouue na terra, não quis o Emperador Augusto que nenhũa pessoa liure desse a outrem este titulo, & ate em sua pessoa o não quis



quís admitir tanto, que como hũa  
dia hum representador o chama-  
se, *dominus*, se lhe notou no rosto  
aue-lhe pezado do dito, como re-  
fere Paulo Orozio. E Suétonio  
Tranquillo louua ao Emperador  
Tiberio por aborrecer muito os  
aduladores, & não querer lhe cha-  
massem senhor.

Este mesmo estyllo se guar-  
dou nas ourras prouincias do Im-  
perio, onde o nome, *dominus*, ou  
Dom se não applicaua ainda aos  
mayores Principes ou Governadores.  
Algũ tem para si, que to-  
talmente se não vſou em Espa-  
nha antes de sua primeira resta-  
ração por el Rey Dom Pelayo,  
em o que pode auer duuida; por-  
que em tempo do Papa São Gre-  
gorio Magno o auia em Italia, co-  
mo consta de algũs lugares do Sã-  
to, & dahi se deuia dermar as mais  
prouincias do Imperio Romano.  
Mas ou elle fosse rarissimo em Es-  
panha, ou de todo se não praticas-  
se antes da entrada dos Mouros,  
o que sabemos he, que os Reys  
Godos & Sueuos q̃ dominarãõ es-  
ta prouincia eraõ nomeados com  
seu nome proprio sem titulo al-  
gũ de Dom, ou senhorio. Em Dõ  
Pelaio, & nos mais Reys de Leão,  
& Ouiedo se começou a introdu-  
zir, & ficou estauel o titulo de Dõ,  
& delles se diriuou primeiro a  
seus filhos, despois aos decenden-  
tes, & dahi a algũas familias mais  
illustres. Pello tempo adiante se  
veio a estender tanto, q̃ coube a

muitas pessoas, q̃ se bem se aueri-  
guar a verdade, tẽ mais parietesco  
cõ os seruos que cõ os senhores.  
Mas antigamẽte como diziamos  
o titulo de Dõ em todas as partes  
era rarissimo, pois vemos q̃ nunca  
se deu ao Conde de Castella Fer-  
nãõ Gonçalues, sendo assi que era  
senhor absoluto, & comperia no  
poder com os mesmos Reys que  
então auia em Espanha. Em o  
Reyno de Portugal se guardou  
inuiolauelmente o mesmo estyl-  
lo, & tirados os Reys & seus filhos  
legitimos, todos os mais careciãõ  
de Dom, posto que fossem Ricos  
homẽs, & grandes senhores. Isto  
nos asseguraõ as doaçoẽs origi-  
naes daquelle tempo, em as quaes  
não ha os erros das Chronicas, nẽ  
dos liuros das linhagẽs, q̃ despois  
se tresladarãõ. Donde temos por  
mais certo, que todos estes fidal-  
gos companheiros de Gonçalo  
Mendez da Maya o Lidador, que  
o Conde nomea com Dom, o  
não tinãõ, & ou fosse vicio de  
quem tresladou o liuro, ou que o  
mesmo Conde respeitando sua  
nobreza os quis nonrear com este  
titulo, o certo he, que então se  
não vſaua. E se em algũas histo-  
rias se foi introduzindo, seria por  
se acomodarem os autores com o  
tempo em que escriuiãõ, em o  
qual pareceria grande despropor-  
ção nomearemse sem Dom os  
Ricos homens, & mais senho-  
res do tempo antigo. E nos  
tambem pellas mesmas razõs.

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

os imos imitando, entendendo que damos muitas vezes o Dom a pessoas que o não tinham, & para que se veja o fundamento desta verdade, me irei valendo de algumas doações & escrituras antigas.

Em o testamento delRey D<sup>o</sup> Sancho o Primeiro estão nomeados quasi todos os seus filhos & filhas bastardas sem Dom. O mesmo faz elRey Dom Afonso o Sabio, cujo testamento temos na torre do Tombo, a hũa sua filha que nomea Vrraca Afonso. Pello mesmo modo trata elRey Dom Dinis a sua filha Maria Afonso, & a suas noras Tareja Martins, & Froilhe Annes. Onde se vê claramente, que só aos Reys & a seus filhos legitimos comperia o titulo de Dom. Nas doações do tempo delRey Dom Afonso Hêriques estão as firmas dos Grandes sem Dom, como se pode ver em algumas q<sup>as</sup> temos allegadas. Algumas vezes acho nomeado com Dom o Conde Dom Vasco Sanches, o qual (como ja disse) era sobrinho delRey. Em o anno de mil cento & oitenta & hum fez elRey doação a Dom Gonçalo Viegas Mestre da Ordem, que depois se chamou de Avis, de certas herdades no termo de Euora, em a qual se dà Dom a todos os Ricos homens que confirmão. Porém nisto vejo pouca constancia; porque no anno de mil & cento & oitenta & tres os mesmos Grã

des estão asinados sem Dom em outra doação q<sup>a</sup> elRey faz a Egas Gomez seu priuado.

Em tempo delRey Dom Sancho o Primeiro ha a mesma variedade que no foral de Gouuea feito no anno de mil & cento & oitenta & seis estão as firmas dos Grandes com Dom, & esses mesmos se escreuem sem Dom na confirmação que fez elRey ao mosteiro de Santa Cruz das terras que possuia, cuja data he no proprio anno. No reinado delRey Dom Afonso o Segundo se acha o titulo de Dom em os nomes dos senhores que confirmão com menos interrupção, ate que no tempo dos Reys Dom Sancho o Segundo, & Dom Afonso Terceiro se vai continuando cõ maior firmeza, ou com mudança tão piquena, que não he consideravel. Onde venho a inferir, que nos tempos mais antigos se nomearão os Ricos homes cõ Dom por cortezia dos que fazião as escrituras, & nos annos seguintes aueria ja para isso algum privilegio, se não he que o vso foy cobrando forças, com que se admittio aquelle estyllo.

Em as gerações particulares se foy introduzindo o Dom ou por se deriuarem de sangue Real, ou por privilegio dos Reys, mas foy este dado com tanta limitação ate os tempos delRey Dom Afonso o Quinto, que não só nos fidalgos, mas em senhoras principais

palíssimas não auia o vso delle. No tempo deste Rey se multiplicaraõ os titulos de Condes, Marqueses, & Duques, não só neste Reyno, mas em toda Espanha, & daqui em diante se ampliou o Dõ notauelmente. Conseruaõse com tudo algũas familias illustres, & ainda senhores titulares sem Dõ, no que vemos neste Reyno de Portugal menos abuso, que em todos os outros de Espanha.

CAPIT. XX.

*De hũa notauel doação que fizeraõ os padroeiros de S. Pedro das Aguias ao dito mosteiro. Tocaõse algũas antiguidades acerca dos berdeiros dos Mosteiros, & Igrejas.*

1170.



Uma notauel doação fizeraõ por este tempo hũs fidalgos ao Mosteiro de S. Pedro das Aguias, a qual pareceo conueniente lançar aqui, porque descobre o modo com que antiguamente as pessoas se tinham por senhores das rendas Ecclesiasticas por titulo de herança, o que deu causa em muita parte às differenças que alguns de nossos Reys tiueraõ com a Igreja, & as censuras que por vezes fulminaraõ os Summos Pon-

tífices contra este Reyno, de que auemos de tratar largamente em os tomos seguintes. Diz pois a doação, cujo original vi em hum pergaminho antigo, que se conserua no mesmo mosteiro de São Pedro das Aguias.

*Escuritura original do mosteiro de São Pedro das Aguias.*

*In nomine sanctæ, & indiuiduæ Trinitatis, Patris, & Filij, & Spiritus Sancti, quorum vna maiestas, parque honor, æqualis gloria duxit in perpetuū Amen. Nos omnes heredes Sancti Petri de Aquilis quicunque de stirpe Garcia Rodrigues, & dominæ Dordie uxoris eius nati sumus, timentes illam prophetica maledictionem qua illi iuste plectuntur, qui loca diuino cultui mancipata ad contemptum Dei, atque iniuriam in proprias possessiones vsurpare præsumunt, qui dixerunt hereditatem possideamus nobis Sanctuarium Dei, Deus meus pone illos vt rotam, & sicut stipulam ante faciem venti, & cetera quæ de hac maledictione sequuntur. Cartam libertatis atque firmitatis ob honorem Dei, & Beate semper Virginis Mariæ, & Beati Petri Apostolorum principis, facimus de suprascripto loco cum omnibus quæ ad eum pertinent vobis fratribus, qui ibidem sub regula Beati Benedicti Domino seruire satigatis, & omnibus successoribus vestris. Concedimus itaque, atque statuimus, vt nullus nostrum, seu de potestate nostra habeat ibi dominium vel potestatem inde vnquam aliquid auferre, neque inquietudines vel perturbationes aliquas per violentiam, vel fraudem, siue per dolum, vel alio aliquo modo ei-*

Rr 4 dem

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

dem loco inferre præsumat. Adijcimus etiam, ut nullus vnquam ibi Abbas constitutatur, nisi quem sanior pars congregationis secundum Dei timorem canonice elegerit, neque alia aliqua persona Ecclesiastica, vel secularis in huiusmodi ordinatione se participem facere audeat, quod omnino prohibemus, atque modis omnibus interdiciamus. Si igitur (quod absit) aliquis ex nobis, vel de posteritate nostra contra hanc scripturam temerè venire voluerit, eamque in alijs infringere tentauerit, ex parte Dei omnipotentis, & Beati Petri Apostoli sit maledictus, & excommunicatus, & cum Iuda, Dei ac Domini nostri Iesu Christi traditore tartareis pœnis damnatus. Insuper vero si non congrua satisfactione secundum arbitrium Abbatis, & fratrum eiusdem loci, & duorum heredum fidelium se emendauerit, omnes alij heredes vno animo insurgant in eum, & tam diu eum persequantur atque constringantur, quousque præfato loco quingentos solidos dare cogatur. Quod si facere neglexerint, eumque in sua pertinacia atque malitia perdarare demiserint, suprascripta pena maledictionis, & excommunicationis in hoc seculo, & in futuro simul cum eo sortiantur. Era M.CC.VIII. mense Maij facta est scriptura hæc libertatis, regnante in Portugali Rege Alfonso, Henrici Comitis, Reginaque Tarasie filio. Nos omnes heredes Sancti Petri de Aquilis hanc cartam proprijs manibus roboramus. Ego Ioannes Bracharensis Archiepiscopus confirmo. Ego Menendus Lamecensis Episcopus confirmo. Gonsalvus notauit.

Quer em summa dizer, que os herdeiros de São Pedro das Aguias todos os que eraõ decendentes de Garcia Rodrigues, & de Dona Dordia sua mulher, temendo a maldição da escriptura contra os que vltrauão dos bês da Igreja em vlos profanos, & se faziaõ senhores delles. Dimittião primeiramente aos Frades de S. Pedro das Aguias, que goardauão a regra do Patriarcha São Bento, o mesmo lugar, & terras de São Pedro, ordenando que não lhe ficasse delle & dellas dominio, ou poder algum. Assentaraõ mais, que não pudessem tomar cousa algũa ao dito Mosteiro, nem causar nelle inquietações. Ultimamente ordenaraõ, que a eleição dos Abbades daquella casa fosse feita pella melhor parte da congregação, sem se entremeter nella algũa outra pessoa Ecclesiastica, ou secular. He a data desta escriptura em Mayo da Era de mil & duzentos & oito, que he anno de mil cento & setenta. Confirmaõ alé dos sobreditos herdeiros de São Pedro das Aguias o Arcebispo de Braga Dom Ioão, & Dom Menendo Bispo de Lamego.

Hũa duuida se offerece neste lugar, a que importa satisfazer antes de passarmos adiante, & he que os Tauoras decendentes dos senhores de Mogadouro, se nomeaõ padroeiros desta casa. Respondo, q̃ antigamente auia muitos fidalgos de diferêtes familias, que

que se tinham por padroeiros de hum mesmo Mosteiro. Digo mais que possivel será q̃ decendão os Tauras do mesmo GarciaRodriguez de que se aqui trata, & que por algũa destas vias lhe pertença o padroado.

*Liuro 3.º.  
1.º. & 13.º.*

Da familia dos Tauras, & de sua antiguidade trata largamente o Padre Frey Bernardo de Brito na historia de Cister, & conforme ao que alli diz he muy antiga & illustre, porque a reduz a el Rey Dom Ramiro de Leão o segundo do nome. Ha desta geração a casa titular dos Condes de S. João da Pesqueira, que tem muitos vassallos, & grossas rendas, & outros Morgados por varonia, & por easamētos procede della muita parte da nobreza do Reyno. São suas armas em campo de ouro cinco faixas de azul ondadas de agoa, & por timbre hum Delfim de sua cōr sobre hũa capella de ramos vermelhos floridos de flores de Lis de ouro.

Garcia Rodrigues o astendete dos fidalgos que fizeraõ a oblação atras, parece pellas circumstancias do tempo, & senhoria das terras, o que possuiu o Couto de Leomil, perto do qual fica o Mosteiro de São Pedro, & deste fidalgo se falou ja em o Cap. 21. do Liuro 8. Porem como nisto não tenhamos certeza, recorrendo ao que mais nos importa, que he poder aquellas palauras, *herdeiros de São Pedro das Aguias*, & as ou-

tras, que nenhum delles pudesse tomar causa algũa ao dito Mosteiro, se ha de preſuppor, que antigamente era estylo dos que fundauão algũa Igreja, ou Mosteiro, terem se por senhores della, em forma que não só gozauão do padroado, mas das rendas, & fazenda que lhe applicauão. E os filhos, & descendentes destes primeiros fundadores continuauão do mesmo modo, aproueitandole dos bens que seus paes, & antepassados deixaraõ às Igrejas. E como estes pello discurſo do tempo se fossem multiplicando em grande numero ( pois sō ao Mosteiro de Grijó de Conegos regulares, achamos duzentos & oito padroeiros, & ao de S. Gens de Monte Longo, o qual està annexo à Igreja Collegiada de Guimaraes, duzentos & setenta & tres ) vieraõ a limitar certos dias, & ainda a taxar as rações que auiaõ de ~~as~~ *das* ditas casas. Erão muy estimadas estas rações & comedorias, que os fidalgos auiaõ dos Mosteiros; porq̃ daqui se conhecia como seus antepassados foraõ os fundadores, & dotadores, & se manifestaua sua nobreza, & piedade.

*Cartorio  
de Grijó.*

*Cartorio  
da Igreja  
Collegiada de Guimaraes.*

Vieraõ pello discurſo dos annos estes padroeiros ( que també se chamauão naturaes ) a fazer grãdes violencias, & extorſões às Igrejas, indo a ellas muitas vezes com suas familias, & fazendolhe gastos demasiados, donde resultaua não se poderem sustentar as pessoas

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

peſſoas Religioſas q̃ eſtauão nelleſas deputadas para o culto diuino, & darem diſſo queixas aos Reys, & aos Summos Pontifices. He muy notauel hũa carta del Rey D. Afonſo Quarto a eſte intento, conſeruare na Igreja Collegiada de Guimaraẽs, & diz aſſi.

Dom Afonſo por graça de Deos Rey de Portugal, & do Algarue, a vos Pay de Meira meu Meirinho mór em entre Douro & Minho ſaude. Sabede que o Meſtre eſcola do Porto, & Abbade da Igreja de São Gens de Monte Longo me enuiou a dizer, que a dita ſa Igreja ha muitos naturaes, & outros muitos encargos, pella razão que diz que ſe não pode manter no temporal, & no eſpiritual, nem ſe faz nella ſeruiço de Deos aſſi como cumpre. E enuiome a pedir por mercê que lha mandafſe tauſar. E eu vendo o que me pedia, tenho por bem, & mandonos que façades per ante vos vir o Procurador dos fidalgos, ſe o hi ha, & ſe o não ha, que lhe digades que o faça, & vos comeſſe Procurador ſabede as rendas que ha eſta Igreja, & outro ſi os naturaes, & os oueros encargos, & ſe achardes que be para tauſar, vos tauſadea, ſegundo be contendo no decreto por tal guiſa, que ſe poſſa manter no temporal, & no eſpiritual, & ſe poſſa hi fazer o ſeruiço de Deos aſſi como dene. E ſe por ventura hi non quiſer ir o Procurador dos fidalgos, vos ide hi chamade o laiz, & o Tabellião da terra, & dous, ou tres naturaes a eſta Igreja mais perto, & ſabede a verdade, & tauſadea pella guiſa que ditto be. Onde al nom façades, & o

dito Abbade, ou alguem por elle tenha eſta carta. Dante em Coimbra 18. dias de Nouembro, el Rey o mandou por Afonſo Eſteues, & por Meſtre Pedro das Leis, ſeu vaſſalo Francisco Lourenço a ſer Era 1376.

Por eſta maneira tratarão também outros Reys antes & deſpois del Rey Dom Afonſo o Quarto de pôr taixa aos gastos; mas como os coſtumes introduzidos ſão maos de tirar, não puderaõ conſeguir ſeu intento: mayormente que nem aſſi ficauão liures de oppreſſão as Igrejas; porque como os padroeiros eraõ muitos, pôr pouco que cada hum leuaſſe, ſe ficauão defraudando grandemente as rendas Eccleſiaſticas. Por onde foy neceſſario meterem os Summos Pontifices a mão neſte negocio, & por vezes fulminarem excomunhoẽs, & porerem interdiços, até que em tempo del Rey Dom Dinis ſe celebrou hũa notauel concordata ſobre eſte ponto, & outros, em que auia differenças entre o eſtado ſecular, & Eccleſiaſtico, com que em parte ſe reformaraõ eſtes abuſos das comedorias dos Moſteiros, as quaes de tudo ſe vieraõ a tirar neſte Reyno em tempo del Rey D. João o Segundo, como de tudo daremos mais extenſa relação na historia daquelleſ annos.

(.?.)

CAP.

CAPIT. XXI.

*Da morte de Dona Tareja  
Afonso molher de Egas  
Moniz com algũa relação  
de suas cousas, & do Mo-  
steiro da Salzeda que ella  
fundou.*

1171.



M o anno de mil cen-  
to & settenta & hum  
faleceo a illustre ma-  
trona D. Tareja Afon-  
so molher de Egas Monis, como  
se colhe do letreiro de sua sepul-  
tura, que esta no mosteiro da Sal-  
zeda da nossa Ordem, & diz de-  
sta maneira.

*Hac loco latet cuius per sacula latere  
fama nequit*

*Solita perpetuare bonos, fama mori  
claros nec morte*

*Sinit, sed & ipsa clarorum meritis, vi-  
uere semper habet*

*Multis Dñe modis licuit Tbarasia fa-  
mam*

*Sanguine, progenie, moribus ac operis.*

*Ex duobus sanguis, soboles clarissima  
Regum*

*Absque votu mores, est opus ista domus.*

*De bis sexcentis, & denis Monade dep-  
ta*

*Inuenies Eram que sepelivit heram.*

Em lingua Portuguesa quer  
dizer. Neste lugar se encerra a-

quella a quem a fama costumada  
a perpetuar os bons não deixara  
nunca esquecer; porque he pro-  
priedade da fama dar vida aos il-  
lustres no proprio tempo da mor-  
te, & sustentarse a si mesma com  
os merecimentos & obras de pes-  
soas famosas. Dona Tareja ajun-  
dou a viuer sua fama por muitas  
vias, por sangue, geração, bõs co-  
stumes, & obras. Foi de sangue de  
Duques, & da mais clara decen-  
dencia do Reyno; os costumes te-  
ue alheos de reprehensão, & a  
obra que fez foy esta casa. A Era  
em que foy sepultada esta senho-  
ra achareis contando duas vezes  
seiscentos & dez menos hum, q̃  
vem a cair no anno de Christo de  
mil & cento & settenta e hum.

Estaua o sepulchro de Dona  
Tareja detras da Capella mór da  
parte de fora, que (como ja ad-  
uertiu) naquelles tempos antigos  
era costume não se enterrar nin-  
guem dentro das Igrejas. Poucos  
annos ha que trasladaraõ seu cor-  
po para dentro da Capella mór,  
& foy notauel descuido não lhe  
porem o Epitafio referido, ou  
outro de que constasse aos futu-  
ros quem ali se depositaua. Eu vi  
ainda o mesmo Epitafio antigo  
em hũa pedra fora da Sancerstia,  
& faço esta declaração, para que  
saibão os que despois vierem, que  
relatamos verdades.

Tres cousas se particularizão  
(& com razão) desta illustre ma-  
trona, nobreza, bõs costumes, & a  
empreza

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

empreza que tomou na fabrica daquelle conuento, O Conde D. Pedro no titulo trinta & seis diz, que Dona Tareja era filha do Cō de Dom Afonso das Asturias, & nisto diz tudo o que pode ser em abono de sua nobreza, pois naquelle tempo & muitos annos adiante era tão estimada & rara a dignidade de Conde, que quando os Reis querião honrar seus proprios filhos lha dauão; & assi não se concedia se não a pessoas insignes & muy calificadas.

Os costumes & procedimento desta senhora em todo o discurso de sua vida foi mui louuauel, & em particular no estado de viuua, que teue vinte & cinco annos; porque como se colhe de escrituras da Salzeda & Arouca, todo o cuidado seu era enriquecer a alma com virtudes, & a Igreja do Senhor com esmolas & doações grandiosas. Admira certo ver o muito que dotou a Mosteiros, & Igrejas, pois alem dos gastos q̃ fez na fabrica da Salzeda, & da muita renda que lhe ajuntou, cō que he hum dos opulentos Mosteiros do Reyno, fez tambem ao Mosteiro de Arouca grossas esmolas, & por sua causa alcançou elle pello tempo adiante a Igreja de São Saluador de Tuyas com muitas outras herdades, posto q̃ a primeira doação que se fez foy a Conegos Regulares de Santo Augustinho.

No tempo em que Dona Ta-

reja andaua occupada na fabrica da Salzeda, & viuia em hūs paços junto da propria casa, os quais permaneceraõ ate nossos tempos lhe encarregou el Rey D. Afonso Henriques ja viuuo a criação do Infante Dom Sancho seu filho, & das Infantas, confiado na experiencia que tinha de pessoa de tanta virtude & perfeição como era Dona Tareja, que por meyo de sua educação sabirião aquelles Príncipes encaminhadosa tudo o que conuem aos que haõ de occupar superior estado, & seruir para exemplo do pouo. Ia em outro lugar referi escritura autentica do mesmo Mosteiro da Salzeda, em q̃ el Rey D. Afonso nomea D. Tareja ama de seus filhos, isto he aya, & Mestra. Neste retirameto trataua sō Dona Tareja (fora da occupação da fabrica do Mosteiro) do que conuinha ao bem de sua alma, dandose à oração, & exercicios da virtude, para o que seruiria muito a vida exemplar, & instrucções dos Monges de S. Bernardo, q̃ vieraõ pouoar aquella casa, & florecião naquelle tempo em grande santidade.

A fabrica da Salzeda he cousa tão principal, que com justa causa se podia jaçar della qualquer Rey, ou Rainha. A Igreja té grandeza & magestade conueniente, & as mais officinas são respondêntes a ella, principalmente no tempo presente, em que se tem acrescentado com hospedarias & dormitórios



rorios muy grandes, & sumptuosos. Não me consta do anno certo em que se lançou a primeira pedra, & se começou este edificio. A primeira doação que ha feita pella mesma Dona Tareja ao santo Abbad de João Cirita he do anno mil & cento & sincoenta & seis, como ja aduerti em a vida deste Santo, & não do anno mil & cento & vinte & seis, como algũs erradamẽte imaginaraõ, enganados com a letra X, a qual neste lugar val quarenta, & não dez, porque era entaõ Bispo de Lamego Dom Mendo, o qual não entrou nesta dignidade antes do anno de mil & cento & quarenta & tres, como tambem atraz deixo pro-uado.

Neste anno de mil & cento & sincoenta & seis, em que Dona Tareja fez a doação referida não auia ainda ali Religiosos, porque se diz nella que daua o lugar de Salzeda ao Abbad de João Cirita, & a seus frades & discipulos que ahi quizessem viuer conforme à regra de São Bento. O Doutor Frey Bernardo de Brito diz, que dia de Santiago do anno de mil & cento & sessenta & sete, onze annos depois que se fez a doação, entraraõ os primeiros Religiosos nesta casa. Bẽ poderia ser q̃ neste anno viessem para a Abbadia que oje permanece, & antes della habitassem desde o anno de 1156. em que se lhe fez a doação referida na Abbadia velha, cu-

jos vestigios se conhecẽ ainda oje junto ao rio Barosa distantes hum quarto de legoa do mosteiro; por que ha tradição que como em Alcobaca, assi tambẽ na Salzeda ouue Abbadia velha, que se edificou primeiro para os Monges viuerẽ nella em quãto durauão as obras daquelles mosteiros. Sagrouse o da Salzeda correndo o anno do Senhor mil & dñzentos & vinte & sinco, reinando ja em Portugal Dom Sancho o Segundo, como consta de huns versos que estã na propria casa, & tras o Doutor Frey Bernardo de Brito na Chronica de Cister.

Entre outras grandezas que alcançou para este conuento sua fundadora Dona Tareja foi a jurisdição Episcopal de que goza, isentandoo dos Bispos de Lamego em tempo do Bispo D. Mendo na Era de Cesar de mil & dñzentos & dous, que fica sendo anno de Christo de mil & cento & sessenta & quatro: & em satisfação doou elRey Dom Afonso Henriquez ao Bispo a Igreja de Bagauito, que he muy rendosa, & a mesma Dona Tareja lhe deu dons casaes, do que ha escrituras naquella casa. E ate o tempo presente se conserva a posse de serem os Abbades de Salzeda Bispos em seu couto, & terem a jurisdição Episcopal cõ Prouisor, Vigairo gêral, Meirinho, Escriptuão & mais officiaes de justiça Ecclesiastica postos pello Abbad. O

*Archivo  
da Salze-  
da escri-  
turas ori-  
ginaes, as  
quais es-  
tão taõbẽ  
no liuro  
das doa-  
ções fol. 2*

St que

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

que tambem se goarda em outros Mosteiros da Ordem de Cister, & se vſou em o Mosteiro de Alcobaça algum tempo, & por este respeito os breues dos Summos Pontifices dirigidos aos Abades daquella casa, vſaõ de diffinitiua, dizendo que ou he izenta, ou pertence a dioceſi de Lisboa.

### CAPIT. XXII.

*Da entrada que fez el Rey de Seuilha em Portugal, & como foy vencido junto a Santarem pelloſ Portugueſes.*

71.



A forte villa de Santarem eſtaua el Rey D<sup>o</sup> Afonſo, quando lhe chegarão nouas certas da entrada de Albaraque Rey de Seuilha em Portugal com exercito poderoso, & determinação de chegar em ſua busca a eſta Villa. Sentioſe el Rey não tanto com a noua dos danos que o inimigo vinha fazendo, como pella confiança que moſtraua em deſprezo de ſeu eſforço: & aſſi para lhe moſtrar que o não tinha ainda perdido, fez como experto Capitão todas as preuenções neceſſarias, fortificando o lugar, & ajuntando gente baſtante para deſencação ſua. Chegarão os inimigos a tempo que ſe tinha ja tudo bem ordenado; porem el Rey receado que ſe lhe auſinhaſſem demaſia-

damente aos muros, em forma q̃ não ficaffe cãpo capaz de ſair del pois darlhes batalha como intentaua: fez ſair a melhor gente com intento de os entreter, & fazer tomar poſto mais aſtado: executaraõ os noſſos eſta ordem com tanta reſolução, que ſe retiraraõ os contrarios com perda grande, & elles ſe recolheraõ com muito accordo. Não inquietou eſta primeira perda o Rey Mouro, ſnado na multidão da gente com que ſe achaua, nem a mais que foi perdendo nos diſcomodos, & acções deſte cerco, que o noſſo Rey D<sup>o</sup> Afonſo não quis ſe dilataſſe tão como pudera ſer, por ſe não preſumir o tinhaõ ſeus inimigos cercado por lhe faltar animo de os cometer em cãpo: & aſſi ou com eſta deſcôfiança de Canaleiro, ou receando a chegada del Rey de Leão ſeu genro, q̃ caminhaua cõ bõ exercito, & eſperaua lhe não foſſe em fauor pellas emulações antigas, que nunca reconciliadas ficão de todo firmes: ſe ja não foi querer levar ſõ o louuor da victoria, aſſentou reſolutamête de ſair à batalha cõ eſta pouca gente q̃ tinha. Duuidas lhe puſerão os mais zelosos, & não era a menor a inhabilidade em que a deſgraça de Badajoz o deixara para ſubir a caualo: mas el Rey atalhou todas, & os mandou apreſtar, & elle retirado aquella noite a ſeu apoſento, encomendou com todo aſecto a Deos eſte negocio, tomando

do por intercessor o bemaventurado Archanjo São Miguel, de quem era particular deuoto. Em rompendo a menhãa sairão os nossos com boa ordem da batalha, exhortados de seu Rey, & alentados com o santissimo Sacramento da Eucharistia que receberão.

Festejarão os Mouros a vista de seus contrarios, porque sabendo a vinda del Rey de Leão ser contra elles por melhores conjeituras; auiaão o feito por melhor parado, sendo antes das duas forças juntas. Enuistiraão com os Portugueses a todo brio militar, que os nossos lhe rebaterão por grande espaço valerosamēte sem declaração de nenhũa das partes, até que por morte do Alferes mór foy ganhado o estandarte Real, com que os Mouros se auuarão, & os nossos perderão o animo, se el Rey não baixara do carro militar em que andaua, & acudira animosamente a esta parte, pelejando a pé com tal esforço, que a imitação sua o fizeraão todos tão bem, que não sô recuperaraão o estandarte, & detiue-raão a furia dos contrarios, mas ainda os arrancaraão do campo com morte da melhor gente, pondo a demais em vergonhosa fugida em companhia del Rey Mouro. Recolheo el Rey Dom Afonso Henriques a sua, & os despojos que o inimigo deixou riquissimos repartio entre todos

liberalmente, em particular a aquelles que trabalharaão na recuperação do estandarte.

Correo a noua da vitoria, & alcançou a el Rey de Leão Dom Fernando tres jornadas antes de Santarem: estimoua elle por estremo, mandando logo o parabem a el Rey Dom Afonso Henriques seu sogro, certificandoo do animo com que vinha a socorrêlo, què lhe foy de igoal gosto que a mesma vitoria, pella legurança de nouos rompimentos de guerra por esta parte. Fez merces ao Embaixador del Rey de Leão, & enuiuou com reposta agradecida acompanhada de hum presente das peſſas principais do despojo. Feito isto entendendo o bom Rey a diuida grande em que a Deos estava pello beneficio presente, lhe deu as graças, & com demonstração particular gratificou hum fauor extraordinario do Ceo que nesta occasião experimentou, & foy este. Andando o valeroso Reyno mais feruoroso na batalha, se vio a seu lado hum braço com aza, pelejando com espada, que se julgou assistencia do glorioso Archanjo São Miguel, a quem se encomendara, fauorecendoo & abrigandoo o Ceo com este socorro, como outra vez o fizera a Judas Machabeo na perigosa batalha em que venceu a Timotheo. Reconhecido el Rey Dom Afonso disto, dizem que instituiu

No 2. dos  
Machabeos l. 10.

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

Brito na  
Chronica  
de Cister  
l. 5. c. 18.

hũa caualaria com a insignia da  
aza, que he final com que pin-  
tão os Anjos, & daqui se intitu-  
lou a Caualaria, ou Ordem da  
Ala, ou Aza: não permaneceu mui-  
to, porque nem todas as cousas  
hẽ ordenadas alcanção perpetui-  
dade.

Em o mes de Março do anno  
de 1172. fez el Rey Couto do Mo-  
steiro de Tamaraes, que he da  
Ordem de Cister a Frey Gonça-  
lo, & seus Monges, & os tomou  
debaixo de sua proteção. O pa-  
droado deste Mosteiro deu des-  
pois el Rey Dom Afonso o Se-  
gundo a Dom Pedro Abbade de  
Alcobaça em o anno de mil du-  
zentos & deasete a 8. de Dezem-  
bro, & permaneceu debaixo da  
obediencia dos Abbades de Alco-  
baça, ate se vnir com outros con-  
uentos da filhação da mesma ca-  
sa ao Collegio de São Bernardo  
de Coimbra. O Doutor Frey Ber-  
nardo de Brito escreue na Chro-  
nica da Ordem de Cister, como  
Frey Gonçalo antes de tomar o  
habito da Religiaõ seguiu as ar-  
mas, & com alguns companhei-  
ros intentou de tomar Alcacere  
do Sal aos Mouros, em cujas ter-  
ras fez algũas entradas com re-  
putação & bom successo. Como  
não temos as relações antigas  
donde tirou estas cousas, as não  
podemos confirmar mais que  
com seu dito, que alem de sua  
autoridade se mostra verisimil;  
porque os Caualeiros daquelle

tempo como exercitados nas ar-  
mas buscavão occasiões particula-  
res para mostrar seu esforço, quã-  
do faltavão as geraes de todo o  
Reyno.

### CAPIT. XXIII.

*Da treladação do corpo do  
insigne Martyr São Vi-  
cente do Promontorio de  
seu nome à famosa cidade  
de Lisboa.*



O tempo que pellos  
peccados de Espanha  
se fizerão os Mouros  
senhores da mayor  
parte desta prouincia, & o Impe-  
rio dos Godos se acabou total-  
mente, entre as mais miserias q̃  
naquelle gèral calamidade affi-  
giaõ muito aos Christãos, era a  
mayor, verem profanados os lu-  
gares sagrados, conuertidas as  
Igrejas, & Santuarios em casas  
ordinarias, ou mesquitas do fal-  
so profeta: & o que mais era pa-  
ra sentir, as Reliquias dos San-  
tos Martyres, Confessores, & Vir-  
gens veneradas de tẽpos antigos  
queimadas, & destruidas. Algũas  
pessoas deuotas, & de mais acor-  
do naquelle tempo rão reuoltoso  
acudiraõ a conseruar estes despo-  
jos sagrados, & fugindo para par-  
tes menos cursadas, & adonde  
a furia dos barbaros não tinha  
chegado,

chegado, as escondião em lugares conuenientes, pondolhe letreiros, & fazendo relações com que pudesse constar à posteridade dos thesouros que para seu bem resguardauão, deixando á disposição diuina a manifestação delles no tempo que julgasse mais conueniente. Hũa das Reliquias de mayor veneração que em Espanha auia era o corpo do inuenciucl Martyr São Vicente, martyrizado em tempo de Diocleciano na cidade de Valença, sendo Presidente, ou Viso Rey de Espanha Daciano. Conseruauaõse as Reliquias do Santo nesta Cidade desde o tempo de seu martyrio até a perda de Espanha que temos apontado: no qual tempo entrãdo os Mouros neste pouo, & sogetandoo como aos mais, algũas pessoas deuotas & religiosas recolhẽrão as santas Reliquias, & vierão parar com ellas na parte mais Occidental de Espanha, que he o Algarue, junto ao Cabo que por este respeito se começou a chamar São Vicente do Coruo, & em Arabigo, *El Kenicietal corab*, que quer dizer, Igreja do Coruo, por causa destas auẽs, que ordinariamente acompanhão & acõpanhão o corpo deste Santo. Em lugar tão remoto pudẽrão viuer aquelles piedosos Christãos que vierão de valença em aposentos humildes que fizeraõ junto ao lugar em que depositaraõ o Santo Martyr, & nelle permanecẽ-

raõ seus decendentes ainda em tempo que os Mouros senhorearaõ esta terra, supposto que perseguidos, & auxados com tributos, como era ordinario aos Christãos que então viuião entre os Arabes, aos quais chamaũo Muçarabes, nome corrupto do Latino, *Mixtiarabes*, que significa gente que viuia de mistura entre os Arabes.

Chegado o tempo do felicissimo Rey Dom Afonso Henriques, cujas armas reduziraõ á cultura da Igreja Catholica muita parte da Lusitania & Betica, se tratou de recuperar este precioso tesouro, o qual per tradição dos antigos, & relação dos presentes sabiaõ estar no lugar finalado Fez o valeroso Rey para este effeito hũa entrada de muito risco no Reyno do Algarue até chegar ao lugar em que as santas Reliquias estauão mas não foy Deos enũteruido de lhas manifestar, por mais diligencias que no caso se fizeraõ: costumaua o piedoso Rey a dar por razão quando despois se acharaõ, & trouxeraõ a Lisboa, que não fora Deos seruido, nem seu Martyr São Vicente de lhas manifestar buscandoas pessoalmente, porque determinãua naquella occasião tresladas a Coimbra, ou Braga, por estar Lisboa ainda em poder dos Mouros, & o santo Martyr que nesta grande Cidade tinha escolhido seu jasigo encubrira seu corpo, por se lhe

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

não leuar a differente parte. Desta jornada em que se deuião fazer muitas cousas de valor, penetrando o exercito Christão tanto pellas terras do inimigo, trouxe elRey entre outros despojos & catiuos algũs daquelles Christãos Muçarabes, entre os quais auia dous mancebos varoës Religiosos, os quais despois da conquista de Lisboa residirão nesta Cidade, & foraõ occasião aos moradores a fazer viagem por mar em busca das sagradas Reliquias na forma que logo contaremos. Bem sei dizerem as historias deste Reino, & outras memorias que deste caso temos que os dous Christãos Muçarabes vieraõ quando se ganhou a batalha de Ourique, no q̃ não dilputo agora, & ainda acrescentão virem elles mal tratados como catiuos, & que para sua liberdade fora necessaria intercessão de São Theotónio Prior de Santa Cruz de Coimbra, o que approuo menos: porque a piedade & Religião delRey D. Afonso que sò vestia as armas para augmento da Igreja do Senhor, & defensão dos freis, não daria lugar a serem maltratados estes que entre os Mouros se descobrião: & sobre tudo figo a memoria da tresladação do glorioso São Vicente, a qual se conserua no cartorio da Sé de Lisboa, & no nosso Conuêto de Alcobaça, a que se deue todo o credito, por ser o autor della Esteuão Chantre, que era da

mesma Sé, & viuia naquelle tempo, o qual diz expressamente, q̃ estes & outros muitos Christãos liurara então elRey Dom Afonso do catineiro dos Mouros, o q̃ não deuia ser para os tratar como catiuos.

Incitados pois os animos dos freis que viuiaõ em Lisboa por estes dous Christãos Muçarabes, sendo passados já vinte & seis annos da conquista desta Cidade, & correndo o do Senhor em mil & cento & setenta & tres, instruidos do lugar em que estaua o corpo do sagrado Martyr, armaraõ os Lisbonenses algũas embarcações, cujos Capitaes a memoria não particulariza, demandaraõ o promontorio a que hião encaminhados & aportados a elle, precedendo muitas vigílias, orações, & mais obras de piedade, tentaraõ os lugares que viraõ responder às confrontações que leuauão, & ao fim de grande trabalho descobrião aquelle celestial tesouro, não sem diuina reuelação, como o mesmo autor o aduerte. Carregaraõ as naos de tão preciosa mercadoria, & leuada ancora se fizeram na volta de Lisboa com tal alegria, que se não pode bem explicar pella escriptura. Fazo o autor menção de hum milagre já succedido, quando se acharão estas Reliquias, que o Senhor deuia permitir para certeza de ser aquelle o sagrado corpo, & foy que escondendo hũ dos Christãos presentes

sentas parte dellas, se finto logo priuado da vista, a qual não cobrou até não fazer plena restituição do furto confessando seu peccado.

Chegados os venturosos navegantes ao porto da cidade de Lisboa, mais rica, & engrandecida com o tesouro que então lhe entrava pella foz de seu Tejo, que com quantos despojos depois lhe vierão de suas famosas conquistas; pareceo (por não dar lugar a motins no pouo) que se desembarcasse de noite o santo corpo, & assi foy traduzido a Igreja de Santa Iusta naquella tempo ja fabricada Fama popular he, que a esta Igreja vieraõ desembarcar naquella occasião, no que não posso vir de boa vontade, por achar escrito em hum relatorio da tomada de Lisboa, que está no Cõuento de São Vicente de fora, como naquella cerco auia escaramuças no valle que está entre o Castello & o lugar aonde se fundou a Igreja dos Martyres, no qual valle a Igreja de Santa Iusta fica situada. Por onde se deixa ver não estaria cuberto de agoas, né capaz para ser naugeauel: ainda q se não pode negar, que em tempos antigos ouue differença & variedades no sitio & disposição das terras com as enchentes & migrações, o que se tem visto em muitas partes, & o mesmo poderia ser em Lisboa, aonde tanto que se diulgou a chegada dos

Portuguezes cõcorreõ com todo aluoroço o pouo, & diuidido em pareceres, algũs assentauão se recolhesse o sagrado corpo no Cõuento de S. Vicẽre de fora, outros q na Sè se depositasse. Era neste tempo Capitão gèral da Estremadura o valeroso Caualeiro D. Gonçalo Viegas Mestre da Caualaria, que depois se intitulou de Anis neste Reyno. Este fidalgo para aquietar o pouo interpondo sua autoridade, mandou se não falasse na materia até noua ordem del Rey que estava ausente. Porẽ o Deão da Sè Roberto, por sua virtude respeitado de todos, parendolhe ser mais conueniencia, & decencia depositarse o corpo do Santo Martyr na Igreja mayor, ordenou hũa solenne procissão do Cabido, & leuando algũa gente de armas para resguardo em caso q ouesse tumulto, passou as sagradas Reliquias à Sè, & as collocou com grande pompa & veneração no lugar em que hoje permanecem.

Não se pode bem explicar o grande jubilo, & contentamento d'alma que o Catolico Rey Dom Afonso mostrou quando lhe chegou a noua da inuenção deste diuino tesouro, & do deposito ja delle em Lisboa, tendo, como diz o autor a boa fortuna illustrar se, & emparar se esta Cidade por seu esforço restituída ao gremio da Igreja, & a Sè della por elle tambem fundada & dotada, cõ pre-

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

da de tanto valor, como era o sagrado corpo de São Vicente: & así por lhe não ficar diligencia q̃ nã materia não fizesse, tornou a manda ao Cabo de São Vicente noua frota com a gente da passada para que buscassem mais algũas Reliquias do corpo, ou do sepulcho do Santo: não foy em balde a diligencia, porque alem de outras cousas, acharaõ parte do casco da cabeça do Santo, o qual trasido a Lisboa com tudo o mais que pareceo sagrado, abonou a piedosa tenção del Rey, & a verdade do que era com hũa fragrancia & cheiro marauilhofo, que despois se cõtinuou por muito tẽpo. Experimentou o Chantre da Sê de Lisboa, a quem succedeo na dignidade o autor desta historia, porque estando hum dia em oração diante das sagradas Reliquias, se fintio cercado de hũ soberano cheiro, com que ficou quasi em extasi, & eleuado por espaço grande.

Varios são os milagres referidos pello mesmo autor, & feitos todos em seu tempo por intercessão do innenciuel Martyr São Vicente, em abonação de suas Reliquias santas, alguns dos quais proporemos com summa brevidade. Hũa donzella desta cidade de Lisboa tolhida dos membros, & que por força da doença perdera a fala, foy leuada ao Altar do Santo, aonde a ocupou hũ sono brando, no fim do qual se le-

uantou com saude & fala, affirmando que o Santo lhe apparecera, & tomandoa pella mão a mandara levantar, & que falasse, & diz o autor que se achara presente a este milagre. *Vidi ego ipse, & que presens aderat multitudo maxima.*

A outra moça desta Cidade paralitica sarou tambem o Santo, & concorreo no milagre hũa repetição gloriosa da mesma marauilha digna de se aduirtir, & foy que amoestádo os Clerigos quãdo sarou a primeira vez se abstieuesse do vso conjugal tres dias em reuerencia do santo Martyr. Ella por não seguir o conselho se tornou outra vez achar com a propria doença, levando demais nesta recaida a perda da fala; reduzida a tão miseravel estado, & aduertida bẽ de sua liuandade, recorreo de nouo ao Santo cõ promessa de emendar a vida, & cobrou segunda vez saude perfeita.

Hum minino tambem de Lisboa ficou de certa doença com deformidade notauel no rosto, & tal que atẽ a seus proprios paes causaua horror quando o viaõ, foi leuado ao Santo, de que alcançou saude, & hũa extraordinaria beleza.

Furtouse de casa de hum homem honrado desta mesma Cidade quantia de dinheiro que se lhe auia dado a goardar, condemnaramno por justiça a que pagasse; era pobre, & não tinha com que satisfazer: vendose elle & a  
mulher



molher nesta estreiteza, acudiraõ a remedios differentes, consultou a molher certas feiiceiras, as quaes responderaõ tão desuairadamente como costumão, dizendo que o furto era levado á villa de Trancofo, o marido como mais atentado se foi á Se enomé dar ao Santo: appareceolhe elle na noite seguinte, & disselhe que se passasse a Almada como amaneceffe, & que o primeiro homem que do Castello fuisse lhe entregaria o seu dinheiro, felo affi, & encontrou o homé que lhe restituiu o furto, & pediu o segredo que no caso conuinha.

Outro homem assombrado do demonio se foy pedir remedio ao Santo, na mesma noite q̃ Dom Galdim Mestre dos Templarios neste Reyno, assistia na Sé ás vigílias do Santo Martyr. Tres vezes o acometeo o demonio, porem animado pello Mestre Dom Galdim se chegaua ao sepulchro do Santo, com que ficaua desassombrado, & por fim se achou de todo liure.

CAPIT. XXIII.

*Em que se proua com razões & autoridades como o corpo de S. Vicēte que está em Lisboa he do proprio q̃ foi martyrisado em Valença.*



Alguns autores escreue que o corpo do glorioso Martyr São Vicente não está em Lisboa, se não em França. Seguem nisto a Aymoino autor antigo, o qual diz se tresladou a hum lugar de Aquitania chamado Castro. Ia o Doutor Andre de Resende respõdeo ao que diz Aymoino, mostrando com euidentes razões o pouco fundamento delle, & dos que o seguem: mas como despois de Resende seguiu a parte de Aymoino Frey Francisco Diago nos seus Annaes de Valença, he necessario dar razão do que estes autores escreuem em fauor desta opinião, para que se não imagine os condenamos injustamente.

Diz Aymoino que no anno do Senhor de oitocentos & sincoenta & sinco, reinando em França Carlos Caluo, filho do Emperador Luis, & neto de Carlos Magno auia hũ Monge muy virtuoso por nome Hildeberto em hũ mosteiro de Aquitania, chamado Conkitrás: este ouuiu hũa voz de noite estando dormindo, que lhe mandaua fosse a Valença, & buscasse fora dos muros o lugar onde estaua o corpo de São Vicente, & o tresladasse a outra parte aonde fosse venerado. Partio se Hildeberto para Espanha a este feito acõpanhado de outro Monge por nome Audaldo, o qual lhe approuou a empreza com dizer

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

zer ouuira a hum Espanhol chamado Berta seria facil tirar o corpo do santo Martyr do lugar adõ de estaua.

Chegando Audaldo só a Valença por adoecer Hildeberto no caminho, se concertou com hum Mouro por nome Zacharias de lhe dar quarenta Reales polla entrega do corpo sagrado. E indo ambos de noite ao lugar onde estaua, & achando o precioso tesouro, o enuolueo Audaldo em ramos de palmas, & se partio cõ elle para sua terra. Chegando a Caragoça, se agasalhou em casa de hũa molher deueta, por cuja relação mandou o Bispo da Cidade tomar o corpo do Santo, & pos a tormento o Monge Audaldo, para que declarasse cujo era, & elle não tendo outro remedio veio a dizer que se chamaua Martinho. De sorte que tornandose sem o corpo do Santo, & sendo por isto mal recebido dos Monges, & tido por mentiroso, lhe foy necessario mudarse ao Conuento de Castres.

Passados oito annos tornou o proprio Monge a Cordoua favorecido do Conde de Cerdenha, & fez queixa ao Rey Mouro que alli reinaua, como o Bispo de Caragoça lhe tomara o corpo de hũ seu parente chamado Sunario, o Rey de Cordoua obrigado de cẽ soldos que o Monge lhe dera, escreueo sobre o caso ao de Caragoça, que era entã Abdilla, o

qual obrigou ao Bispo restituiffe o corpo do Santo, que foy logo reconhecido pello Monge. E hũ seu companheiro por nome Adiberto pôdo duuida se seria aquelle, começou a sentir lesão em hũa perna, & finalmente farou della encomendandose ao Santo. Esta he a summa da tresladação de S. Vicente ao Reino de França acreditada com milagres, confirmada com o vfo da Igreja de Valença na qual se celebraua a 23 delanceiro, quando tinha Breuiario proprio.

A esta relação chea de tantas cousas improuauéis respondeo doutamente o Mestre Andre de Resende, que na tresladação de São Vicente feita a Lisboa não se allegaua com furtos do Monge Audaldo, mas com os Annaes publicos do Reino, & com a historia del Rey Dom Afonso. E na verdade o q se refere do Monge Audaldo padece mil instancias. He cousa difficultosa que o corpo de São Vicente estinesse à custodia daquelle Mouro Zacharias de Valença, & elle o entregasse por quarenta reales, por quanto os Arabes na entrada de Espanha costumauão a queimar as Reliquias dos Santos, & se algũas escapauão era por ordem dos Christãos, os qnais só sabião os lugares de seu deposito.

Tambem o termo do Bispo de Caragoça com o Monge Audaldo que se refere carece de credito,

dito, pois deixada a crueldade, & a indecencia dos tormentos que se aponta, mal se compadece que em hũa cidade sogeita a Mouros, onde os Christãos viuião tão affligidos tiueſſe o Bispo tão grande poder, que pudesſe castigar com tanta crueldade.

A carta del Rey de Cordoua ao de C, aragoça chamado Abdilla ſe mostra ſer falſa, por não auer naquelle tempo tal Rey em C, aragoça, & chamarſe Ablenafage o que então reinaua, como ſe pode ver na historia de Hieronymo Blancas. E poſto que ao Padre Meſtre Diago pareça ſe deue mayor credito a Aymoino que a Ieronimo Blancas, ſe ha de aduertir, que a fê da historia de Aymoino ſe funda ſò no dito do Monge Audaldo, & aſi não he propria do autor; alem de ſer couſa indubitauel que mayor credito ſe deue dar ſempre aos autores naturaes, quando tratão de propoſito as couſas da ſua terra, que aos eſtrangeiros. Aymoino era Frances, & em França eſcreuia o que lhe contaraõ auia acontecido em Eſpanha. Ieronymo Blancas he Eſpanhol diligente eſcritor das couſas de Aragaõ. Não ſe pode dizer que ſabia Aymoino melhor o catalogo dos Reys de C, aragoça que quem andaua verſado nas antiguidades daquelle Reyno.

O que ſe diz da reza & feſta da Igreja de Valençã na treſladação de São Vicente faz mais por

noſſa parte, pois confeſſando ſe não celebra ja tal feſta naquella Igreja, dão a entender ſer a treſladação fabuloſa. Todas eſtas couſas fazem ſoſpeitoſa a historia de Aymoino, & a treſladação de S. Vicente para França.

Pello contrario a historia Portugueſa da treſladação deſte Santo do Algarue para Lisboa he toda veriſimel & cóforme ao bom diſcurſo, & ainda ao ſucedido na deſtruição de Eſpanha, quando os Chriſtãos coſtumauão fugir com as Reliquias dos Santos para terras diſtantes, & apartadas da furia dos Barbaros. Porem eu não offereço por noſſa parte a autoridade dos Annaes do Reyno, & da historia del Rey Dom Afonso, como fazia o Meſtre Reſende. Não recorro aos eſcritos do Monro Razis, que concorda neſte póto com o que dizem noſſas historias. Nê allego hũa Cronica de mão antiga, que comprehende as obras de Razis, & de outros muitos autores de Eſpanha. Não me valho da authoridade de São Boaventura, o qual na vida de S. Antonio diz expreſſamente eſtar o corpo de São Vicente na Sê de Lisboa. Sô proponho a relação do Meſtre eſteuão Chantre da Sê deſta Cidade, autor antigo do tempo del Rey D. Afonso Henriques, o qual conheceo, & falou com os Muçarabes do Algaíne, decendentes dos Chriſtãos que vieraõ com o ſanto corpo de Valençã.

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

Valença. Assistio em Lisboa quando se fez a tresladação do Santo, & escreueo sendo viuos os Portuguezes que forão por elle ao Algarue. Este autor tão calificado não só affirma o que temos contado da tresladação deste Santo, mas tras alguns milagres feitos particularmente em demonstração de serem as reliquias trazidas em seu tempo a Lisboa do proprio & verdadeiro corpo do inuenciuell Martyr S. Vicente. He o primeiro.

Vivia em Lisboa hum homem muito pobre, o qual em outro tempo fora soldado & rico. Andando buscando hũa vaca que só tinha de seu, & se lhe perdera; afflito com o dano & angustia rompeo nestas palauras, dirigindoas a São Vicente. *O martyr gloriose Vincenti, si constans & indubitabile verum est sanctissimas corporis tui reliquias esse Vlisipone, meam miseriam inueniundo mihi obsecro quod quero restitua.* Que he o mesmo que dizer. O glorioso martyr São Vicente, se he cousa certa & sem duvida que as santissimas Reliquias do vosso corpo estão em Lisboa, peçouos que pondo os olhos em minha miseria me restituais o que busco. Acabada esta breue oração, ouuiu balar a vaca, & a vio junto de si, & foi dar graças ao Santo. Este homem diz o autor que vivia, & era seu visinho quando elcreueo este caso. *In vicinia nostra moratur.*

Outro milagre refere o autor, em o qual faz hum discurso sobre esta mesma verdade. O milagre foy sahir o diabo fora do corpo de hũa moça por intercessão do Santo, a quem os paes della fizeram oração & vigilia. Discorre então o autor sobre os dous coruos que andauão na Sê, & voauão muitas vezes ao lugar aonde se depositou o Santo, o que lhe parece acontecia por particular ordem do Ceo, em testemunho de ser aquelle o corpo do sagrado Martyr São Vicente: por quanto estas mesmas aues o defenderão em Valença no tempo de seu martyrio. Ainda hoje ha na Sê de Lisboa estes coruos, succedendo huns a outros, que parece como dedicados ao seuiço de São Vicente, não querem deixar sua companhia. Ia em o lugar do Algarue, aonde esteve o seu corpo auia coruos, & por esta causa lhe chamaraão os Arabes Igreja dos coruos. Vierão despois com o Santo a Lisboa em sua tresladação, & andão na Sê com bem semelhança a outros coruos que acompanharaão ao Patriarcha São Bento indo da coua de Sublaco por ordem diuina a fundar o Mosteiro de Monte Cassino: dos quais diz São Pedro Damião, que ainda perseverauão em seu tempo, & q era tradição ficaré hũs por morte de outros.

Em hũa addição de Eleca Bispo de Caragoça inserta nos fragmentos

mentos de Flauio Dextro se diz, que ouue dous Martyres Vicentes quasi em hum mesmo tempo, hum Espanhol, Frances o outro. Este foy mandado por São Valero prègar a França, aonde recebeu martyrio no anno do Senhor de duzentos & oitenta & sette. Sendo despois seu corpo trazido a cidade de Valença, foy dahi tresladado para França no anno do Senhor de oitocentos & sincoenta, & este he o que os Franceses tem no lugar de Castres. O outro Santo Espanhol foy martyrizado em Valença no anno do Senhor de trezentos & quatro, & dahi foy tresladado ao promontorio sagrado, que chamamos Cabo de São Vicente no anno de settecentos & sincoenta & sette; o proprio em que Abderamen foy pór cerco a cidade de Valença.

Supposta esta relação, bêm confirmada fica nossa opinião, & acreditada por verdadeira, pois ainda que em França aja hum São Vicente Frances, cujas Reliquias foraõ leuadas da cidade de Valença pello Monge Audaldo (ainda que sempre se ha de ter por sospeitoso o modo de contar de Aymoino) contudo o São Vicente Espanhol, de cujo martyrio dizem tantas cousas os escriptores, veyo ter na destruição de Espanha ao Promontorio, que tem oje o nome do Santo, & delle se tresladou à cidade

de Lisboa em tempo del Rey Dom Afonso Henriques na forma que temos ditto. Donde fica claro ser a Sê desta Cidade o lugar que o Santo vltimamente escolheo para deposito de suas Reliquias, & ser esta a terra que Deos quis honrar com tão precioso thesouro.

Donde não sem grande fundamento se podem apropriar a Lisboa os lououres que São Pedro Damião dá a Veneza, tratando da tresladação do Evangelista São Marcos de Alexandria para esta Cidade. São tão elegantes as palauras do Santo, que me obrigarão a dar neste lugar a copia dellas. *Felix quidem Alexandria (diz elle) quam hic Christi bellator inuictus triumphali martyrij sui sanguine purpauit, sed precipue tu felix es, & nimium beata Venetia, quam ad hoc vt preciosum corporis sui thesaurum tibi commendaret, elegit. Plurima quidem diuitiarum copia ex diuersis in te mundi partibus confluit, sed hæc gemma celestis quæ in medio tui posita est, in excelsum te gloria conspicue dignitatis attollit.*

S. Pedro  
Damião  
no Sermão  
de S. Mar-  
cos Evan-  
gelista.

Do mesmo modo digo que foy bêm afortunada a Cidade de Valença, a qual São Vicente escolheo para theatro de seu martyrio, & illustrou com o triumpho de seu vencimento. Porẽ mais venturosa he Lisboa, a quem o mesmo Santo elegeo para depositar nella as Reliquias de seu sa-

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

grado corpo. Grande he a multidão de riquezas que concorrem à cidade de Lisboa de varias partes do mundo; porem o thezouro celestial, esta joya preciosa do corpo do inuenciuel Martyr São Vicente, a qual está no coração & no Templo mayor desta Cidade acrescenta mais sua opulencia, dalhe mayor lustre, & a faz mais gloriosa.

Acrescenta mais São Pedro Damião as palauras seguintes, que he hũa deprecação a Christo Senhor nosso sobre os successos maritimos das armadas Venezianas. *Quem humiliter imploramus, ut sicut Beatum Petrum de mari vocauit, & nauti, sic remigium tuum inter discrimina marina custodiat, & te cum filijs tuis ad portum quietis eterne subducatur.* Destas palauras lançou mão com igoal vontade, & as offereço como petição a nosso Saluador em nome de Lisboa, pedindo, que assi como tirou a São Pedro da barca, & do nrrar tempestuoso, & despois o sustentou para que não perigasse, assi defenda nossas naos, & armadas liures de perigos por intercessão, & merecimentos deste Santo.

Nem he possiuel que o glorioso Martyr São Vicente se esqueça de apadrinhar hũa Cidade, a qual alem da veneração com que celebra sua festa, se quis honrar com perpetua memoria sua, tomando por insignias hũa nao, & dous coruos, em lem-

brança daquella em que foy trazido a este porto. Parece sem falta que se pronosticaraõ nesta eleição aquelles antigos heroes Portuguezes as grandes felicidades que o Ceo tinha destinado a esta Cidade por meyo da naugação. E como de seu porto auiaõ de partir naos, que por mares dantes nũca nauegados abrissem caminho ao Euangelho entre remotas, & barbaras nações da terra; mais dignas por isso de illustres encomios, & de ser celebradas com superior estylo do que foy a nomeada Argos, taõ decantada dos Poetas antigos. E acertaraõ mais nossos antepassados nesta escolha do que os antigos Romanos, quando culpirão na figura de Iano a popa de hũa nao, em memoria da vinda que por mar fizera Saturno a Italia em seu tempo, acerca do que disse hum de seus Poetas.

*Ouid. lin.  
1. dos Nau  
flora*

*At bona posteritas puppim formauit  
in are*

*Hospitijs aduentum testificata  
Dei.*

Elles offereceraõ em lembrança, & veneração de hum Deos fallo: nos em memoria de hum Martyr inuictissimo de Christo, de hum Santo, que não só he honra & gloria desta Cidade & Reyno, mas o principal Martyr de toda Espanha: como confissão varoões doutos quando tratão dos Martyres

Martyres mais illustres de cada prouincia; & o fez aduertidamente o outro Poeta, despois de nomear os de outras partes, dizendo.

*Venatio  
Fortuna-  
ta*

*Vincenti Hispana surgit ab arce de-  
cas.*

CAPIT. XXV.

*Do principio que teue a il-  
lustrissima Ordẽ Militar  
de Santiago.*

**O**R este tempo se instituiu em Espanha a inclyta miliciados Caualeiros de Santiago. E posto que algũs autores queiraõ reduzir seu principio aos tempos del Rey Dom Ramiro o Primei-meiro, & outros ao del Rey Dom Fernando o Magno, contudo os escriptores mais attentados assentãõ sua instituição por estes annos em que vai correndo nossa historia, quando os Caualeiros desta religiãõ aceitaraõ a ordem, & modo de vida Religiosa.

Em o prologo da Regra de Santiago se aduerte ser ordem particular do Ceo fundarse esta Religiãõ no tempo da mayor turbulencia, & discordia que ouue em Espanha, por quanto os Reys Christãos della andauãõ todos desunidos em guerras muy perniciosas; el Rey de Leão contra

el Rey de Castella, & Portugal, el Rey de Castella contra o de Leão & Portugal, & contra el Rey de Nauarra; el Rey de Nauarra contra os Reys de Aragaõ, & Castella. Pera o que he de saber, que em Castella reinaua Dõ Afonso o oitauo. Em Leão seu tio Dom Fernando. Por morte de Dom Sancho pay de Dom Afonso ouue grandes mouimentos no Reyno de Castella. Duas familias principaes de Castros, & Laras contenderaõ sobre o gouerno do Reyno & tutoria del Rey Dom Afonso, que por morte de seu pay ficou minino. Ouue sobre isto guerras ciuis, que duraraõ muitos annos. El Rey Dom Fernando de Leão por outra parte fez algũas entradas por Castella, em que reduzio muitas Cidades a sua obediencia, pretendendo deuerselhe o Reyno, ou ao menos o gouerno delle. Foy crescendo el Rey Dom Afonso, & como fosse de animo valeroso, & inclinado a guerra, tornou por armas a recobrar o perdido. Estas eraõ as differencas entre os Reys de Leão & Castella que dá a entender o prologo da Regra de Santiago.

Em Aragaõ faltara em o anno de mil cento & sessenta & dous o valeroso Cõde D. Ramon casado com a Rainha D. Petronilla, Principe digno de perpetua memoria, porq̃ alem de deixar a seus successores estados engrãdecidos

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitanã.*

com a união de Aragoão & Catalunha, & com conquistas de seu tempo, foy exelente na paz, & em particular he benemerito da Ordem Cisterciense, por lhe fundar hum conuento tão insigne, como he o de Poblete, cuja real grandeza se deue tambem inuito a elRey Dom Afonso seu filho, & successor. Este Principe (a quem chamaraõ primeiro Ramon como ao pay) acho que teue guerras com elRey de Castella em o anno do Senhor de mil & cento & settenta. Mas compostas breuemente estas discórdias, conuerteraõ hum & outro as armas contra elRey de Navarra, & persistiraõ nesta guerra mais tempo.

Reinaua então em Nauarra Dom Sancho filho de Dom Garcia Principe illustre na paz, & valeroso na guerra, o qual se defendeo com muito esforço das armas destes dous Reynos, permanecendo com a Coroa que herdara de seu pay, a qual deixou liure a seu filho Dom Sancho em o anno do Senhor de mil & cento & nouenta & quatro, em que faltou desta vida.

Das guerras del Rey Dom Afonso de Portugal com elRey de Leão temos ja tratado, das quais deuiaõ de durar ainda reliquias, como tambem aueria as discórdias entre este Reyno, & o de Castella, de que o prologo da regra de Santiago fala, posto que

dellas não remos particular noticia.

Neste tempo pois de tanta confusão & discordia teue principio a inclyta milicia de Santiago. O primeiro lugar em que fez seu assento foy o Mosteiro de Loyo de Conegos Regulares de Santo Augustinho em Galiza, aonde deraõ sua obediencia os Caualeiros da Ordem de Santiago, accitando sua regra, & institutos. El Rey Dom Fernando de Leão os começou a fauorecer, & em pouco tempo se diriuaraõ pellas outras prouincias de Espanha, porem com mayor grandeza em Leão & Castella, aonde se fundaraõ & dotaraõ casas desta Ordem muito ricas. Tambem ao Reyno de Portugal coube sua parte, admitindose estes Caualeiros logo em seus principios, reinando ainda o grandioso Rey Dom Afonso Henriques. Pella liberalidade deste Principe diz o Padre Frey Ieronymo Romano que alcançou a Ordem de Santiago Messagena em termo de Beja, Vilarinho, Valmilhor, Monte negro, & outras terras em varias partes do Reyno. Imitarão a grandeza del Rey Dom Afonso Henriques seus decendentes, em particular os Reys Dom Sancho Primeiro, & Segundo, em cujos tempos foy esta Ordem muy fauorecida, & dotada; & no delRey Dom Dinis, o qual despois de varias difficuldades isentou



isentou os Caualeiros della da obediencia que até então tiueraõ aos Mestres de Vcles, alcançando do Summo Pontifice q̃ elegessem os Caualeiros Portugueses Mestres particulares de entre si que os gouernassem.

Teue esta Ordem no que toca a Portugal seu primeiro assento na cidade de Lisboa no Mosteiro de Santos o velho, aonde permaneceraõ os Caualeiros até o tempo del Rey Dom Afonso o Segundo, em que se mudaraõ para Alcacere do Sal, quando se ganhou esta villa aos Mouros. Daqui se foraõ (reinando Dom Sancho o Segundo) para a villa de Mertola, conquistada nouamente pellas armas deste Principe. Ultimamente se passaraõ a Palma em os tempos que a historia irá declarando. Bem sei que não cõcorda em muitas destas cousas o Padre Frey Ieronymo Romano, mas o que digo tenho por mais certo, como se verá com as mais particularidades desta Ordem em outros lugares. O mosteiro de Santos de Lisboa ficou à Ordem deputado para recolhimento das mulheres & filhas dos Comendadores quando hião à guerra. Não se professou nesta Religião em seu principio a castidade monastica como nas outras, mas somente a conjugal, & assi foi cõueniente deputar-se casa para recolhimento daquellas fenhoras. Ainda persevera em parte este estillo não

nesto conuento antiguo, mas em Santos o nouo fundado em tempo del Rey Dom Ioão o Segundo, para o qual se mudaraõ as freiras a cinco de Setembro do anno de 1492. A prelada se chama Comendadeira, he de ordinario fenhora principal, & ouue algũas muy chegadas à casa Real.

O habito dos Caualeiros he hũa espada corada em forma de Cruz, segundo as guarniçoẽs das espadas antigas, esta trazem sobre o manto branco, & tambem sobre os vestidos ordinarios do proprio modo que os Caualeiros das outras Ordens trazem seus habitos. As armas da Ordem sãõ a mesma espada com as vieiras ou conchas, insignias do Apostolo Santiago. Entre os sellos dos Mestres da Ordem & dos conuentos aua algũa differença, a qual ao presente he mais notoria, despois que os Reys tomaraõ posse do Mestrado.

O catalogo dos Mestres de Portugal, conforme o traz Frey Ieronymo Romano, he o seguinte.

Dom Ioão Fernandes gouernou anno & meyo.

D. Lourenço Annes foy Mestre 23. annos.

D. Pedro Escacho teue o Mestrado 15. annos.

D. Garcia Pires era Mestre no anno de 1346.

D. Vasco morreo ao que parece no anno de 1367.

*Hum autor moder  
no nomea  
D. Pedro  
Sigaço, pu  
rẽ he con-  
tra as es-  
crituras  
da Torre  
do Tõbo.*

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

Dom Gil Fernandez de Carualho, de quem fala o Conde D.º Pedro.

Dom Esteuão Gonçaluez feruiu nas guerras de Castella a el-Rey Dom Fernando.

D.º Fernando Afonso de Albuquerque, de quem se faz menção na historia do mesmo Rey.

Mem Rodriguez de Vasconcellos feruiu valerosamente a el-Rey Dom João o Primeiro nas guerras contra Castella, & acompanhou o Conde Estable Dom Nuno Alueres na jornada que fez contra os Mestres de Santia-go, & Calatraua.

O Infante D.º João filho del-Rey Dom João o Primeiro.

Dom Diogo filho do Infante Dom João.

O Infante Dom Fernando filho del-Rey Dom Duarte.

D.º João filho do dito Infante.

O Principe Dom João filho del-Rey Dom Afonso o Quinto.

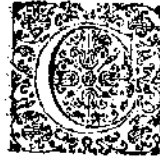
O Principe Dom Afonso filho del-Rey Dom João o Segundo.

Dom Jorge Duque de Coimbra, filho do proprio Rey, por cuja morte se vnio a Coroa Real este Mestrado, & o de Auis, de q tambem foy gram Mestre.

### CAPIT. XXVI.

Como o Infante Dom Sancho filho del-Rey D.º Afonso Henriques, entrou com

exercito por Andaluzia, chegou a Seuilha, & alcançou hũa insigne vitoria dos Mouros.



Omeça o anno do Senhor 1178. glorioso a 1178.  
nação Portuguesa pela famosa jornada que o Infante Dom Sancho fez pelas terras de Andaluzia, & celebres vitorias que alcançou dos Mouros desta prouincia. Tratão desta jornada do Infante, & asseguraõ o tempo della algũas memorias antigas. A historia dos Godos diz *Histor. dos Godos.* *asi. Era M. CC. XVI. Rex Sancius filius Alfonsi Hispalim vsque peruenit, & vi cepit Thirianam, que nunc Triana, antiquam urbem Felicie, eamq; diuipuit.* Quer dizer: Na Era de 1216. (que he o anno referido de 1178.) el-Rey D.º Sancho filho del-Rey Dom Afonso chegou até Seuilha, & tomou por força de armas a Tiriana (que agora se diz Triana) antiga cidade de Felicia, & a pos a sacou. Em o liuo da Noa de S.ªta Cruz estão estas palauras. *Era M. CC. XVI. Sancius Rex cum exercitu suo perrexit Hispalim, & intravit Trianam.* Que he o mesmo que dizer. Na Era de 1216. el-Rey Dom Sancho com seu exercito marchou até Seuilha, & entrou por força em Triana. Com a autoridade destes lugares, & concordancia das Chronicas manu escritas não té que nos mouer algũas historias

Mariana.

*Bleda.* historias de Espanha, as quais poẽ cinco annos adiante esta jornada, nem outras de Portugal, que a assentão no anno de mil & cento & oitenta.

Era o Infante Dom Sancho neste tempo mancebo de vinte & quatro annos, porem dotado de tanta prudencia, de hum animo tão capaz & generoso, que se lhe podia bem fazer entrega desta expedição, & de outras de mayor importácia. Era casado auia mais de tres annos, & ao que colligo de bons fundamentos, tinha ja successores. O primeiro ponto se proua (deixados outros lugares) da doação de Abiul feita por el Rey Dom Afonso ao mosteiro de Loruão em Setembro do anno de mil & cento & setenta & cinco, na qual confirma a Rainha Dona Dulce com estas estas palavras. *Ego Regina Donna Dulcia vxor Regis Sancij confirmo.* O segundo ponto se colhe de hũa carta do mesmo Infante escrita despois de ser Rey ao Papa Urbano Terceiro no anno de mil & cento & oitenta & seis, em a qual diz, que no mosteiro de Santa Cruz esta uão seus filhos enterrados. E tendo el Rey neste tempo viuas as Infantas Dona Tareja, & Dona Sancha, & o Infante Dom Afonso seu herdeiro, o qual nacera no anno de mil & cento & oitenta & cinco, fica claro teue outros filhos mais velhos que este Infante, & así he muy prouauel, que nos

primeiros tres annos de seu casamento lhe naceo algum ou algũs delles.

Acõpanharaõ ao Infante nesta jornada os principaes senhores de todo o Reyno, & os Caualeiros de mais nome que então auia, que para empreza tão perigosa quis el Rey prouer de exercito forte, & de Capitaes experimentados. Aponta o Cronista del Rey Dom Afonso, D. Ioão Arcebispo de Braga, o Conde Dom Gonçalo, Dom Pero Paez Alferes, Dom Mem Muniz, Dom Gonçalo de Sousa, Dom Lourenço Viegas, D. Pedro das Asturias, & o Conde Dom Ramiro. Porem ou fosse desatento ou ignorancia do escriptor, os mais destes senhores que aqui se nomeão não podiaõ ser companheiros do Infante nesta occasião. O Arcebispo Dom Ioão auia mais de cinco annos que era falecido, & governaua seu successor Dom Godinho, o qual confirma (deixadas outras doações) em hũa do anno de mil & cento & setenta & seis, dous annos antes deste em que o infante fez jornada a seuilha, na qual doação dá el Rey D. Afonso ao Mosteiro de Loruão o Canal de Aulantes no rio Mondego.

Tambem Dom Pero Paez não era ja viuo, ou pello menos não exercitaua o officio de Alferes, por quanto se não acha sua memoria mais que até o anno de mil & cento & sessenta & nove,

*Archiuo de Loruão original proprio, e no liu. antigo das escrituras daquelle casa.*

*Archiuo de Santa Cruz de Coimbra.*

*Archiuo de Loruão*

## *Liuro XL Da Monarchia Lusitana.*

*Torre do  
Tôbo lin.  
dos Me-  
strados  
fol. 17.*

*Cartorio  
de Loruão  
doação o-  
riginal.  
Liuro da  
Sê de Co-  
imbra  
fol. 30.*

em que foy a batalha de Badajoz. Ia no fim deste anno tinha o cargo de Alferes Fernão d'Afonso, como consta da doação feita aos Templarios de muitas terras na prouincia de Alentejo, & de outra feita a Dona Sancha Paez, em que elRey lhe dá a villa de Golais, & de outra do couto de Medoës feita a Dom Miguel Bispo de Coimbra. Neste officio foy continuando até lhe succeder nelle Dom Pedro Afonso, o qual o exercitou em todo o tempo da vida delRey Dom Afonso, & alguns annos do reinado de seu filho Dom Sancho. E muitos annos antes da morte delRey Dom Afonso acho pellas escrituras que tinha Alferes particular o Infante Dom Sancho, o qual se chamaua Mem Gonçalves: assi consta de hũa doação de Verna, & Paraes dada a Loruão por elRey Dom Afonso em Dezembro do anno de mil & cento & setenta & quatro, & de outras muitas dos annos seguintes, que deixo por breuidade. Por onde entendo q̃ na jornada de Andaluzia este mesmo Alferes acompanharia o Infante, & não Pero Paez, que ja deuia de ser morto.

O nome do Conde Dom Gõçalo não se acha em escrituras daquelle tempo, nas quais tambem falta a firma de Lourenço Viegas, & de alguns outros, & assi pode auer duuida se eraõ viuos. Isto julgo por mais prouauel, tendo

por certo hia neste acõpanhamente a flor da caualaria de Portugal, & os Capitaes de mayor nome & fama. Chegaua o numero do exercito q̃ partio de Coimbra, segundo achey em algũas memorias, a dous mil & trezentos de caualo, & quatro mil de pé, o qual despois se acrescentou com algũa gente da Estremadura, & Alentejo, que seria outra tanta.

Entrando pella terra dos Arabes começaraõ os Portugueses a fazer guerra a fogo & sangue. Destruirãõ as nouidades, allolaraõ lugares, colherãõ despojos, ate q̃ sem contrariedade notauel chegaraõ á vista da cidade de Seuilha. He esta pouoação hũa das mayores, & milhores de Espanha, & por sua grandeza & fortaleza, & por estar então distante da terra dos Christãos se tinha por impenetravel a suas armas, poré a onzadia dos Portugueses não auia lonjes nem impedimentos: Louue-se a esta nação as entradas que fez cõ grande gloria nestas partes mais remotas de seus inimigos, do que deu no répo futuro mayores mostras, penetrando não só pello coração das terras sabidas, mas descobrindo nouos climas, & nouas terras em que fizesse guerra. Onde não sem fundamento podemos affirmar que sempre a conquista de Espanha durara menos, se aos Portugueses coubera mayor parte della, pois em o tempo que os outros Christãos

stãos pelejauão com os Mouros desta prouincia, tinham elles conquistado aos mesmos inimigos muitas cidades em Africa, abrindo caminho para as outras duas partes do mundo.

Tanto que em Seuilha se teue noua certa da chegada do Infante, sairão os moradores da Cidade, & passado o rio Guadalquivir, se oppuserão ao exercito dos Christãos em ordem de batalha. Não engeitaraõ os nossos a offer ta, sendo hum dos que com mayor gosto festejou a occasião o mesmo Infante, o qual se alegrava de ver chegado o tempo em que pudesse manifestar o valor de sua pessoa, & dar com vitoria illustre ditofo principio a suas cavalias. Fez chamar assi os Capitaes do exercito, & os mais soldados, a quem exhortou com hũa pratica cheia de muito esforço, & de mayor prudencia que a idade, cõ que os nossos se animarão grandemente, louuãdo muito ver nos poucos annos do Infante tantas mostras de animo & pratica na milicia.

E porque os Mouros tinham dilatado seu campo por grande espaço, ordenou o Infante, segũdo referem algũas memorias, cinco esquadroes de toda a sua gente, & repartio os em forma, que com pouca distancia se podião fôcorrer huns aos outros. Deuse o signal de acometer, o que se fez com tanto esforço de ambas as

partes, que durou a batalha por muito tẽmpo, atẽ que no fim foy o Senhor feruido de conceder aos Portugueses a vitoria. Nella não descreuo particularidades, por me não parecerem dignas de credito algũas que se referem. O que renho por sem duuida he, ser esta hũa das bem feridas batalhas daquella idade, em a qual morreo grande numero de inimigos da Cruz de Christo. Dizem nossos escriptores, que Mem Moniz fez abater a bandeira Real dos Mouros, dando em terra com o Alferes despois de o auer ferido. E alguns crem que as armas dos Mo nises, em as quais vemos as cinco estrellas dos Mouros, se tomaraõ deste feito rão finalado. Os nossos seguiraõ a vitoria perfeitamente, & no alcanse ganharaõ a parte q̃ fica alem do Goadalquivir, chamada Triana, & lempre passaraõ à mesma cidade de Siuilha, se os Mouros não tiueraõ aduertencia em desfazer a ponte, o que foy tambem causa de ser mayor nos seus a matança, porque fogindo à cidade, & achando os passos impedidos, ficauão nas mãos dos nossos, que os hião alanceando, ou se afogauão no rio, o qual pelo muito sangue dos mortos dizẽ leuou suas agoas por algum espaço sanguinolentas. Assi o tem nossas Cronicas, & vi em memoria antiga de S. Ioão de Tarouca, da qual proporei adiante algũas palavras.

CAPIT. XXVII.

*Em que se prosegue a materia da jornada do Infante Dom Sancho, como pos cerco a Niebla, & alcançou vitoria dos Mouros junto a Beja.*

**A**lcansada vitoria tão importáte, se recolheu o exercito Portugues a seus alojamentos, aonde descansou, & se deteu o tempo que pareceo cōueniente para gozar perfeitamente da vitoria. Como em o campo não apparecessem inimigos, nem por então fosse de muita importancia fazerem mayor detenção naquella terra, levantaraõ suas tendas, & recolhidos os despojos, se partirãõ os nossos com boa ordem para este Reyno. Desta volta lhe derãõ obediencia muitas terras de Andalusia, não se atreuendo resistir as armas vitoriosas, & foy tão grande o numero dellas com outras que ja na ida se tinham conquistado, que a breue historia dos Godos fazendo allusão a esta jornada attribue às armas del Rey Dom Afonso Henriques, & a seu imperio a sogeição das terras que caem entre os rios Goadalquivir, & Mondego. *A Monda fluio vsque ad Bethim, quæ Hispalim præterfluit,*

*Histor. dos  
Godos,*

*propagavit imperium.* O que se deue entender da sogeição em que ficaraõ estas terras que o Infante Dom Sancho com suas armas fez tributarias.

Chegando o exercito Portugues à villa de Niebla pouoação forte, & importante (a qual em algum tempo foy cabeça de Reyno) se puzeraõ os moradores em resistencia. Ordenou entãõ o Infante de os sogeitar por combates, & feitas as preparaçõs, lhe pos cerco muy apertado. Nelle se continuou por algũs dias com grande esforço, até que o obrigou a desistir hum caso não esperado. E foy, que como as fronteiras de Alentejo ficassem muy falhas de gente, pella muita que o Infante Dom Sancho tirara para esta jornada, dous Alcaides Mouros, a quem nossas historias chamãõ Alboazil, & Halê Camassim, atreuidamente entraraõ por esta prouincia, & foraõ cercar a cidade de Beja. Resistiraõ os poucos soldados que na pouoação auia, & hum delles desmentindo as goardas foy leuar nouas ao Infante do grande perigo de seus companheiros.

Diuulgada esta noua pello exercito, & feita a consulta que o caso requeria, assentaraõ os senhores do conselho de guerra do Infante ser necessario dar socorro a Beja, pois alem do aperto em que ficaua, era ponto de mais importancia conseruar o proprio, que

que conquistar o alheo. E porque a dilacão do socorro não causasse aos cercados algum dano, se partio logo o Infante com parte do exercito mais desembaraçado, deixando ordem aos mais o fossem seguindo com a bagagem na melhor forma que pudessem.

Não pode o Infante D. Sancho por mais que se desviou dos caminhos ordinarios de fincitar as atalayas dos Mouros, as quaes foraõ dar rebate aos seus, quando viraõ passar a nossa gente pelo vao do rio Gadiana. Grande aluoroço ouue no arrayal dos Arabes diuulgandose esta noua. Os mais & de melhor conselho eraõ de parecer se fizesse hũa retirada honroza, antes de chegar o Infante, contentandose com a gente que era morta na villa, & despojos das terras visinhas, pois não era acerto esperar em batalha a gente victoriosa, a quem a mayor parte de Andalusia, & a grande cidade de Siuilha não podera fazer resistencia. Outros de menos experiencia dizião, que o exercito dos Christãos alem de vir diuidido, auia de chegar cansado da jornada, com que seria facil o vencelo. Que seria grande infamia os soldados cõ as armas nas mãos virar o rosto antes de ver o inimigo, & fugir sem verem de quem fugião. A este parecer inclinaraõ os dous Alcaides desejosos da honra, & temerosos do abatimento da fugida. Apareceo

o Infante Dom Sancho com sua gente bẽ ordenada, & os Mouros saindo dos alojamentos dispuserão tambem suas batalhas, & se offerecerão a peleja. Durou ella com mostras de valor de ambas as partes, mas foy tanta a impressão que os caualeiros Portuguezes fizerão nos inimigos, que mortos os dous Alcaides Mouros, & a principal gente de seu campo, puserão aos mais em fugida, & lhe foraõ seguindo o alcance por grã de espaço. Em ambas estas batalhas se louua muito o Infante D. Sancho em satisfazer não só ao officio de Capitão muy acordado, mas tambem a obrigação de valeroso soldado. O mesmo se pode dizer dos outros Capitães & mais gente de seu exercito, cujas cousas memorauẽs em toda esta jornada temos magoa de se não poderem relatar com a particularidade que merecião.

Foy grande parte em ambas estas victorias, & nas mais cousas bem succedidas ao exercito Portuguez, hum santo Monge da Ordem de Cister por nome Bernardo, o qual viuia em São João de Tarouca, & acompanhou, & ajudou com suas orações ao Infante Dom Sancho nesta jornada. Temos disto memoria em hũ relatorio manu escripto daquella casa, do qual pareceo conueniente trasladar aqui as palauras seguintes.

*Post discessum suum elegerunt fratres*

*Archiu  
do mostei  
ro de São  
João de Ta  
rouca.*

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

*tres in Abbatem Priorem Bernardum, qui semper fuit cbarus Regi Sancio, & cum ipse adhuc infans irret contra Sibilliam per Serram Morenam iuit cum illo predictus Prior: & per bonas orationes consecutus est victoriam de Anaxaraphe, & insecutus est Mauros vsque in Trianam, & tantus sanguis effusus est, vt flauius Goadalquibir flueret mixtus sanguine rubro colore. Et propter hanc victoriam venit Infans ad monasterium, & dedit ei multa donaria, & fecit inde bonam partem de officinis, & instaurauit partem de cellulis, & stramentis fratrum, quos adhuc paupertas reddituum premebat. Et cum sciuit quod esset electus Abbas, gaudisus est, & salutauit eum primum per suo Alferes, & per aduentum venit ipse ad monasterium personaliter, & fecit ibi multa opera bona.*

Em Portugues contem o seguinte. Despois de sua morte (entende o Abbade Aldeberto, de quem antes falara) elegerão os Monges em Abbade ao Prior Bernardo, o qual foy sempre muy fauorecido del Rey Dom Sancho & foy em sua companhia, quando fez a jornada contra Seuilha pella Serra Morena, sendo ainda Infante, & por suas orações alcão vitoria no Enxaraphe, & foi seguindo os Moutos até Triana, sendo tanto o sangue derramado que o rio Goaldalquibir mudou as agoas em côr vermelha. Por causa desta vitoria veio o Infante ao Mosteiro de São João de Tarouca, & lhe offereceo ricos

doês, mandou fazer muita parte das officinas, restaurando as cellas, & recolhimentos dos Religiosos, os quais viuião ainda em estreita pobreza. Quando o Infante soube que o Prior Bernardo fora eleito em Abbade, se alegrou muito, & o mandou visitar primeiro por seu Alferes, & pello tempo do aduento veio em pessoa ao mosteiro aonde gastou o tempo em santos exercicios, & obras de virtude.

### CAPIT. XXVIII.

*Do cerco que os Mouros pu  
serão á villa de Abrantes,  
& como os nossos os des-  
baratarão.*



**E**M o anno do Senhor de mil & cento & setenta & noue apontaõ 1179.  
nossas historias a vitoria que o Infante Dom Sancho alcançou dos Mouros junto a Beja. E sendo a jornada de Seuilha em o anno passado (como atras fica) ou parece que a guerra de Andalusia & redução das terras daquella pronincia se continuou por todo este tempo, ou se fez por diferentes vezes. Seja o que nisto fôr, pois a confusão de nossas historias o não declara, temos por certo que neste mesmo anno em que o Infante Dom Sancho triumphaua dos Mouros em Alentejo,



tejo, alcançauão gloriosos vencimentos outros Capitaes del Rey Dom Afonso na Estremadura.

Hum filho do Emperador de Marrocos, quer em vingança dos danos que os Portuguezes nestes annos fizeraõ a sua gente, quer por acrescentar a gloria de seu nome, & proffissão de sua feira, ajuntou grande exercito, com o qual entrou em Portugal, prometendose fauoraveis successos. E posto que as preuenções tão grandes pode ser que ouuesse alguns effeitos correspondentes, contudo só nos consta do acometimento que fez a villa de Abrantes, sobre a qual esteue algũs dias, & se retirou ao fim desbaratado. São as palauras da historia dos Godos, em a qual se relata este caso, as que se seguem.

*Era M.CC. XVII. obsidetur Castellum Ablantes, Abrantes vulgo ab Abem Iacob, filio Miramolim, eiusq; frater Focem, vel Ossem, sed innumerable eorum exercitus pulsus cum magna clade fuit, ex nostris nouem tantum desideratis.* Em lingoagem querem dizer. Na Era de mil duzentos & dezasete ( responde ao anno de Christo de mil & cento & setenta & noue) foi cercado o Castello de Ablantes, que vulgarmente chamamos Abrantes, por Abemjacob filho de Miramolim, & por seu irmão Fosseim, ou Ossem: porem seu exercito innumerauel recebendo graue dano se pos em fugida, & dos nos-

los não morrerão mais que nove.

Com esta breuidade se escreue hum negocio de tanta importancia como este; & o que mais he de espantar, que nossos autores não fazem delle memoria algũa, tam pouca diligencia puserão em saber a materia de que auião de tratar. Não se declara bastantemente se foy rebatido o exercito dos Mouros pellos moradores da villa, ou veyo algũa gente Portuguesa, & por batalha o obrigou a deixar o cerco. Este segundo modo parece mais conforme a bom discurso, & qualquer que fosse, bem digno he de se celebrar com superior estylo, pois a grandeza do exercito inimigo, a multidão dos mortos, pequeno numero dos Portuguezes que faltaraõ, asseguraõ hũa illustrissima vitoria.

# CAPIT. XXIX.

*De algũas cousas deste tempo tocantes ao gouerno da paz.*



ESTE tempo em que a guerra dos Mouros andaua muy acesa não se esquecia o grande Rey Dom Afonso Henriques do que pertencia ao bom gouerno da paz & quietação de seus vassallos, & porque os moradores de

Vu Lisboa

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

Lisboa nas emprezas daquelle tempo tinham sido muy grande parte, servindo com muito esforço, & lealdade; & até então não tinha a Cidade foral por que se governasse, o mandou elRey passar estando em Coimbra. Em o discursão da escriptura encarece elRey muito o trabalho que teve na conquista daquella Cidade, & a grande ajuda que deraõ por sua parte os proprios moradores que então vivião nella. E assi lhe faz alguns favores dignos de pouoação tão principal, & de gente tão benemerita. Ordena que os besteiros de Lisboa venção a moradia dos caualeiros, & destes os que fossem velhos & pella idade não pudessem continuar a guerra, permanecessem na mesma honra & foro devido aos Caualeiros q̃ exercitauão a milicia. Quer que sejam conseruadas as viuvas dos Caualeiros em seu foro antigo, tendo filho que seguisse a milicia; mas em caso que se casassem com homem piaõ, fossem tratadas pello foro delle. Os caualeiros de Lisboa serião igoaes aos Infanções de Portugal, & se algum delles recebesse soldo de Rico homem, elRey contudo o aueria no foro dos outros Caualeiros. Com estas preminencias, & outros favores dados aos moradores de Lisboa se começou a engrandecer muito esta Cidade, & se lançou nella o fundamento da machina presente.

No proprio dia & anno se passaraõ os foraes de Coimbra, & Santarem, quasi com as mesmas clausulas que o de Lisboa, parece se não contentou elRey dos que ja lhe foraõ dados pello Cõde D. Henrique seu pay, & por elRey Dom Afonso o Sexto seu auõ; mas quis obrigar de nouo os moradores destas insignes pouoações, que o auião bem servido nas guerras passadas. Deu mais elRey no proprio tempo foral aos moradores de Abrantes, & diz nelle, q̃ quer restaurar, & pouoar Abrantes, onde dá a entender q̃ estaua em parte arruinada esta Villa, o que procederia do cerco que se lhe tinha posto nesse mesmo anno. Tambem se passaraõ foraes a Pinhel villa forte, & fronteira muitos annos do Reyno primeiro em o tempo dos Mouros, & despois nas guerras de Castella: & a Marialua cabeça de Condado dos mais antigos deste Reyno, & de Penella cabeça também de Condado, & os dous primeiros não tem Era, mas declara-se que elRey Dom Afonso Henriques os mandou passar, & o de Penella se deu em o anno do Senhor de mil & cento & setenta & cinco. Das firmas destes foraes consta ser neste tempo Arcebispo de Braga Dom Godinho, Bispo do Porto Dom Fernando, & D. Bermudo de Coimbra, D. João de Viseu, Dom Aluaro de Lisboa. E dos senhores seculares que assistiraõ

sistiraõ na Corte Dom Vasco Fernandez, Mayordomo Dom Pedro Fernandez, Dõ Pedro Arias; Dom Gonçalo Viegas Fronteiro de Lisboa, Dom Soeiro Viegas, Dom Soeiro Dias, Pedro Salvador, Dom Pedro Afonso Alcaide de Abrantes, Dom Gonçalo Gonçalves Alcayde de Lisboa, Rodrigo Henriques Alcaide de Santarem, Mendo Estrema, Gonçalo Fernandez, Dom Afonso Hermigues, Dom Soeiro Aires, Dom Egas Afonso, Fernão Pirez Fasion Cancellario del Rey.

Tambem a Rainha Dona Tareja filha del Rey mandou dar foral neste tempo aos moradores de Ourem, pouoação de seu senhorio, & nelle ordena que se tirem algũas imposições ao pouo, occasião de roubos & injurias. *Necessarium duxi rapinas & iniurias populo mihi subdito misericorditer reuocare.* Dando nisto sinaes de animo piedoso, & verdadeiramente Real.

Neste mesmo anno de mil & cento & setenta & noue alcançou el Rey Dom Afonso Henriques do Papa Alexandre Terceiro noua confirmação do titulo Real. Ha na Torre do Tombo hũa Bulla, a qual por escusarmos leitura se não treslada neste lugar: nella louua muito o Summo Pontifice a el Rey, confessando os grandes seruiços que auia feito à Santa Igreja por meyo das vitorias alcançadas contra os ini-

migos da Fè Catholica, dizendo entre outras estas palauras. *Manifestis probatum est argumentis, quod per sudores bellicos, & certamina militaria inimicorum Christiani nominis intrepidus extirpator, & propagator diligens fidei Christianae tanquam bonus filius & Princeps Catholicus multimoda obsequia Matri tuae sacrosanctae Ecclesiae impendisti.* Isto he. Sabemos por euidentes successos, que como bom filho & Principe Catholico tendes feito Varios seruiços à Sacrosanta Igreja vossa mãy destruindo valerosamente os inimigos do nome Christão, dilatando a Fè Catholica por muitos trabalhos da guerra, & empresas militares.

Mostrouse el Rey obediente filho da Igreja em se logeitar de nouo, & procurar noua confirmação do Reyno, o que imitaraõ bem seus decendentes, alcançando outras confirmações, como Dom Sancho o Primeiro do Papa Clemente Terceiro, D. Afonso Segundo de Innocencio Terceiro, & de Honorio tambem Terceiro, como mostraremos adiante em proua desta verdade; não auendo por desnecessarias as diligencias nesta materia, de que resultaua a demonstração maior de sua Christandade, & segurança do Reyno.

(.)

# Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

## CAPIT. XXX.

*Alcança o Infante Dom Sancho dos Mouros bũa victoria: elles poẽ cerco a Portodemòs, & são desbaratados por Dom Fuas Roupinho.*

1180.



Continuauase a guerra dos Mouros com notaveis acontecimentos de ambas as partes. O Infante Dõ Sancho na provincia de Alentejo, aonde residia reprimia com grãde valor a furia dos Arabes, & sabendo que Radauan Capitão delRey de Badajos entrara com grande poder naquella provincia, moveo contra elle seu exercito, & vindo à batalha o venceu, & matou a mayor parte da gente que leuaua. Pode ser q̃ causasse este barbaro a destruição de Coruche, da qual faz memoria a historia dos Godos com estas palavras. *Era M.CC. XVIII. castellum Coluche subita incursione captum a Sarracenis, & dirutum omnibus hominibus in captiuitatem abductis.* Quer dizer. Na Era de mil & duzentos & dezoito (he anno de mil & cento & oitenta, em que vai correndo a historia) foy tomado repentinamẽte pellos Mouros o Castello de Coruche, ficando catiuos todos os Christãos

que nelle auia. Porem não lograraõ os Arabes muitos dias a alegria deste vencimento, pois em breue tempo lha conuerteo o Infante Dõ Sancho em dor, & tristeza, rompendoos na batalha referida, & alcançando outras muitas victorias naquelle tempo, como confessaõ os autores de mayor exame nestamateria.

Parece que ficon presidiada dos Mouros a villa de Coruche, por quanto elRey Dom Afonso Henriques no foral que dà a vinte & cinco de Mayo do anno de mil & cento & oitenta & dous declara como ganhara aquella praça por força de armas. *Volumus instaurare, atque populare Coruche, que à Sarracenis abstulimus.* Isto he, queremos restaurar & pouoar Coruche, que romamos por força aos Mouros.

*Torre do Tâbo lib. dos forais da leitura antiga fol 70.*

Hum autor moderno diz, que neste anno entraraõ os Alcaides de Merida, & Badajoz em Portugal, cercaraõ Santarem, & Eluas: mas como follem tributarios delRey de Leão, leuantaõ o cerco por seu mandado, & porque não pareça quer nisto confundir a jornada delRey de Siuil quando veyo a Santarem, da qual ja atras fizemos relação, acrescenta que no anno seguinte de mil & cento & oitenta hum entraraõ os Mouros pello Reyno de Portugal, & puzeraõ cerco á villa de Santarem, sendo Capitão

*Bleda.*

Capitão desta empreza o Alcaide de Badajos chamado Abenabel conforme affirmão alguns autores; ou segundo outros, sendo o principal do exercito elRey de Siuilha, a quem nomeão Busques. A este cerco diz acudira em pessoa elRey D. Fernando de Leão, & sabendo de sua vinda os Mouros, se puzeraõ em fugida antes que chegasse.

Não pode auer duuida que ouue neste tempo varias batalhas entre os Portugueses & Mouros, de que nossos historiadores não tratão, & confessa este mesmo autor; porem este cerco de Santarem o qual aponta em o anno de mil & cento & oitenta & hum, a cujo socorro acudio pessoalmente elRey D.º Fernando de Leão, tenho por mais prouauel que se foy hum só, como affirmão nossas historias, aconteceu no anno de mil & cento & settenta & hũ, & teue o fim que ja deixamos referido na historia daquelle tempo. A outra entrada delRey de Merida em o anno de mil & cento & oitenta admitem nossos escriptores, posto que nella não tratem do cerco de Eluas, nem de Santarem & sô fação menção, de como chegou a Portodemós, & foy ahi desbaratado pello esforço do Capitão Dom Fuas Roupinho, & foy o successo, segundo refere a Cronica antiga na forma seguinte.

Sabendo D.º Fuas Roupinho

da vinda delRey de Merida, & como despois de ter feitos grandes danos naquella comarca se vinha chegando a Portodemós, & vendo como não tinha na fortaleza gente bastante para lhe dar batalha, não lhe sofrendo a grandeza de seu animo verse muitos dias cercado, vsou de hum nouo ardid de guerra, cuja execução se concluiu cõ grande ventura conforme a traça de seu pensamento. Sahio fora da fortaleza deixãdo a encomendada a pessoas de confiança com algũs de seus soldados, & retirado a Serra de Mendiga, a qual fica perto desta Villa, deu recado aos Alcaides de Santarem, Alcanede, & outras terras visinhas lhe mandassem com breuidade algum socorro. Partido o capitão Dom Fuas, chegou o Rey Mouro a Portodemós com seu exercito, & vendo o Castello de piquena fabrica bem imaginou o entrasse nos primeiros assaltos, & com mais fundamento se poudera prometer esta boa sorte, se foyera da ausencia do Capitão, & da pouca gente que ali via. Resistiraõ os Portugueses da villa com seu costumado valor o acometimento dos Mouros, reprimindo seu impeto com grãde valentia, & ficando a hũs & outros parte do dano. Chegara ja neste tempo a gente da guerra que D.º Fuas auia pedido, & descobrindo do alto da Serra o castello, & os combates que os Mouros lhe

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

dauão, quizerão acudir-lhe logo, temendo com a tardança algum dano aos defensores. Mas o sabio Capitão a quem era notorio o esforço de seus soldados deteu o impeto dos nossos, dizendo o deixasse guiar as cousas conforme sua traça, a qual esperaua em Deos lhe sairia naquella occasião muy venturosa.

Chegada a noite se retiraraõ os Mouros do assalto da villa muy cansados, & se foraõ descansar a seus alojamentos, os quais tinhaõ aquem & alem dorio que passa junto da Villa. Para o que he de saber que està fundado o Castello, & a villa de Portodemos em hum recosto Occidetal a hũa serra, a qual se vem prolongando do Norte para o Sul, & da parte Meridional nace hum pequeno rio, & faz seu curso para o Norte pella parte Occidental da villa, & Castello. Entre o rio & as casas da pouoação està hũa pequena praça, para a qual se retirou o Rey Mouro, pondo os demais suas tendas pella margem do rio de hũa & outra parte, conforme a melhor situação q̃ nelle achasse.

O Capitão Portugues vendo o tempo acomodado, & instruindo seus companheiros na ordem do acometimento, deo do alto da Serra, & pelloz passos da terra bem sabidos foy demandar o arrayal dos inimigos. Chegaraõ os nossos a tão bom tempo, & aco-

meteraõ aos Mouros cõ tão boa ordem, que não puderaõ elles conhecer a pouca gente que os punha em reuolta, nem tiveraõ lugar para ordenarem seu campo. Confusamente se resistio em algũas partes, principalmente junto da tenda del Rey Gamir, aonde acudiraõ os Capitães, & soldados de mayor alento, mas nem esta defensão foy de muyta importancia, que o sobressalto repentino, as treuas da noite, o trabalho dos dias passados, & a pouca notícia dos passos da terra se conjuraraõ em dano dos Mouros, & lhes eraõ occasião de ruina. Depois de muitas mortes se puzeraõ os Arabes em fugida, ficando em poder dos nossos o Rey Mouro, & hum seu irmão a quem catiou por sua mão o Capitão Dom Fuas, sendolhe companheiros outros muitos, que ou por feridos, ou por mostrar mayor fidelidade não quiseraõ delamparar a seus senhores.

Alcançada esta vitoria com tão grande ventura, & passados algũs dias em que se tratou da cura dos feridos, se partio Dõ Fuas para Coimbra, aonde entaõ estaua el Rey Dom Afonso, a quem offereceo os Principes Mouros, & alguns outros prisioneiros dos mais nobres, cõ as peças de mayor preço adquiridas naquelle despojo. Hia acompanhado Dõ Fuas de muitos soldados Portugueses, os quais se acharaõ neste  
insigne

insigne feito, & de crer he que diante del Rey os abonou, dando verdadeiro testemunho da fortaleza de cada hum. Particular excellencia de bom Capitão manifestar ao Principe o esforço alheo, para que nem á virtude falte o premio, nem aos Reys o conhecimento da verdade. Com grande honra foy recebido del Rey o esforçado Capitão, & os mais soldados Portugueses, remunerando a todos com larga mão os seruiços daquella guerra. Aos Mouros mandou tratar conforme pedia sua Real clemencia, principalmente os Principes, que em toda a occasião he bem se tenha respeito á grandeza do estado. Com tudo dizem que el Rey Gamir morreo em Coimbra dentro de poucos dias, por serem mortaes as feridas que recebera no assalto passado, ou se fariaõ incuraveis com o abalo do caminho, & pouco resgoardo que aueria no principio.

CAPIT. XXXI.

*De algũas vitorias nauaes que os Portugueses alcançaraõ dos Mouros, leuando por General Dõ Fuas Roupinho.*

1180.



Or este tempo eraõ as costas do mar Oceano de Setuual, & Lisboa

infestadas de hũa armada Mourisca, que auia feito graues danos naquellas partes. Sabendo el Rey do que passaua, & como importaua muito atalhar no principio a estes males, escolheo Dom Fuas Roupinho, a quem a vitoria passada & muitas occasiões de reputação tinhaõ acreditado para o remedio delles, escreueo por elle á Camara de Lisboa se ordenasse hũa armada com q̃ fuisse ao mar a reprimir a furia dos inimigos. Em breue tempo se pos em ordẽ o mandado del Rey, & Dom Fuas com bastante recado de embarcações & gente sahio fora da barra em demanda dos inimigos; não apontão nossas historias o numero das embarcações ou gente, como tambem o não fazem da armada Mourisca, só dizem que hũa & outra se vieraõ a encontrar pouco adiante do cabo de Espichel a 29. dias do mes de Julho do anno de mil & cento & oitêta, & começaraõ entre si hũa temerosa batalha.

Pouco vzaraõ os Portugueses ate aquelle tempo a guerra maritima, sendo tão exercitados nas batalhas da terra como temos visto no discurso desta historia. Mas o valor do Capitão Portugues, & o esforço de seus soldados, sendo quasi todos gente voluntaria, & magoada dos insultos daquelles barbaros, supriraõ có ventagens a falta da experiencia, & pelejaraõ com tanta braueza,

Vu 4 que

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

que a multidão da gente pagã começou a perder o animo, & mais vendo rendida a galé Real, & morto o Capitão general de toda a frota, a quem nossas historias nomeão locontero Dalgemi. E durando algum espaço nesta confusão se vieraõ ao fim a render, ficando todas as galés inimigas em poder dos Portugueses.

A modo de triumpho entrou Dom Fuas Roupinho no porto de Lisboa, donde saira auia pouco tempo. Foi recebido com extraordinario aparato dos governadores da Cidade, & mil viuas & acclamações da gēte popular, chamadolhe huns libertador da patria, outros restaurador da honra Portuguesa, confessando todos ser benemerito do cargo de general daquella armada q̃ elRey lhe dera. Foi tão festejada esta vitoria por ser a primeira naval que naquelles tempos ganharaõ os Portugueses, os quaes sendo ate então inuensiueis pella terra, se mostrauão de nouo vencedores no mar. Ia Eutropio fez memoria q̃ os Romanos pella mesma causa celebraraõ muito a sua primeira victoria naval que do primeiro Anibal ganhou o Consul Duilio junto a ilha Liparia.

Como a prosperidade desta jornada causasse nouo animo, & alento nos Portugueses, determinou o sabio Capitão de vsar da occasião que a ventura lhe offerencia. Escreueo a elRey Dom Afonso,

& dandolhe conta da vitoria passada, pedia licença para tornar a correr aquellas costas, & vsar do fervor dos soldados, pois estauão tão contentes & animados. ElRey Dom Afonso como todo seu desejo era destruir os inimigos da Cruz de Christo, dilatar, & exaltar a Fé Catholica, julgando por conueniente aquelle meyo, mandou se armassem de nouo as galés, & sahissẽ com o mesmo Capitão Dom Fuas a correr a costa.

Com muita breuidade se pos em execução a ordẽ delRey, & se acrescentou o numero dos soldados, os quaes para este effeito concorrião em cõpetencia de varias partes. E como corresse a frota as costas de Portugal & Algarue sem encontrar baxeis Mouriscos, nem algũa occasião honroza, foy costeando a terra de Andalusia até chegar ao porto da cidade de Ceita. Esta fundada esta insigne pouoação (a qual em os annos futuros seruirá de grande gloria a materia desta historia, pellos insignes feitos da gente Portuguesa em sua defensão & conquista) em a ponta de Africa, que no estreito de Gibraltar confina com Espanha. Tem aqui de distãcia hũa Prouincia de outra cinco legoas sómente, por onde fica facil a entrada de hũa parte a outra, o que deu occasião a se facilitar aos Mouros mais a conquista de nossas terras. Foi sempre por esta causa  
muy



muy estimada dos Arabes esta Cidade, & pello sitio, temperamento, & commodidade do porto, reputada entre as melhores de seu senhorio. Tinha sabido Dom Fuas que neste porto auia embarcações em que poderia fazer emprego, & recuperar os gastos da armada; deu assalto nellas, & matando alguns Mouros que lhe quizerão fazer resistencia, & pôdo outros em fogida, ficou senhor de todos os baxeis que alli auia. E como não apparecessem inimigos no mar com que pelejasse, nem Mouro ousado a lhe pedir conta do que tinha feito, passados dous dias se fez na volta de Lisboa, aonde chegou a saluamento, & foy recebido com grande pompa & alegria.

CAPIT. XXXII.

*Da successão dos Papas.  
Tocãose algumas cousas da  
terra Santa, & do gouerno  
de Portugal.*

1181.



Altou no fim deste anno de mil & cento & oitenta & hum o grande Pontifice Alexandre Terceiro, tendo governado a Igreja do Senhor vinte & hum annos & nouete dias. Foy hum dos bons prelados que nella ouue; porque não só presidio santamente, mas com grande animo resi-

stio a seus contrarios, conseruando a magestade Pontifical em tempo de schismas & discordias, & sobre tudo tendo por aduersario o Emperador Frederico, o qual com o poder do Imperio se oppos contra o Summo Pontifice, fauorecendo os emulos & rebeis da Igreja. Conuocou o Papa Alexandre em seu tempo varios Concilios, sendo o principal o Lateranense celebrado no anno de mil & cento & oitenta, em o qual se ordenaraõ leis justissimas, & outras muitas cousas importantes ao bem geral da Christandade. Teue por successor no summo Pontificado Lucio Terceiro deste nome, de illustre sangue da cidade de Lucia em Toscana, o qual gouernou tambem santa & religiosamente.

As cousas de Ierusalem se hiaõ dispondo por estes annos á ruina que pouco depois tiueraõ. Começaua a florecer Saladino hum dos mayores Capitaes que a fama celebra; o qual com a corrente de suas vitorias se fez não só temeroso aos fieis de Palestina, mas ainda aos Principes Christãos do Occidente. Era falecido em Ierusalem el Rey Almerico em o anno de mil & setenta & tres, tendo doze annos de reinado, & trinta & oito de idade. E posto que em seu tempo alcançaraõ os Christãos algumas vitorias, & defenderaõ o cerco de Escalona posto por Saladino, tiueraõ tambem

algũas

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

algũas perdas com que se foi diminuindo aquelle Reyno, & sobre tudo com a pouca liberalidade del Rey Almerico se entorpeceraõ as mãos aos soldados, que não costumão ser valentes sem esperança de premio, & se foraõ dispondo as cousas á ruina que sobreueyo. A el Rey Almerico herdou seu filho Balduino quarto do nome, moço de treze annos dotado de gentis partes, & excellentes virtudes, mas tão enfermo em todo o discurſo da vida, que não ouue lugar para exercitar o talento dellas.

Em Portugal procedião nossos Principes não obstantes os tumultos da guerra em seu acertado governo. E porque os Mouros que viuião entre os Christãos eraõ muitos, & se podia temer algum mouimento pella vizinhança dos seus que os fauoreciaõ, ordenou el Rey certo estatuto, em que de modo enfreada seu orgulho, deputandoos a seruiços mecanicos, que tambem lhe dá priuilegios & fauor para não serem oprimidos de suas justiças. Ha na Torre do Tombo o theor deste priuilegio, o qual contem o seguinte.

*In Dei nomine ego Alfonsus Rex Portugalis vna cū filio meo Rege Sancio facio cartam firmitatis & firmitudinis vobis Mauris qui estis foris in Vlixbona, & in Almadana, & in Palmela, & in Alcaçar, vt in mea terra nullum malum iniuste recipiatis, & nullus meus*

*Christianus, neque Indæus super vos habeat nocendi potestatem, sed ille quem vos de gente vestra super vos pro Alcaide elegeritis, ipse iudicet vos. Et hoc facio vt reddatis mibi Alfitam, & Moque, & totam decimam de vniuerso labore vestro, & omnes vineas meas præparetis, & vendatis meas ficus, & meum oleum, quomodo vendiderint habitatores terre tertia parte de meis minus. Facta carta mense Martio Era M.CC. VIII.*

Quer dizer em summa que cõcede el Rey aos Mouros forros de Lisboa, Almada, Palmella, & Alcaçere elejaõ entre si hum Alcaide que os gouerne, sem terem dependencia algũa das justiças del Rey, nẽ de seus vassallos, os quais lhe não fariaõ dano algum; & os Mouros alem do tributo que pagauão se occupariaõ em adubar as vinhas del Rey, & vender o azeite de suas herdades. Aduirto que nesta escriptura deue faltar hũa letra X. com que se aperfeioe a Era de mil & duzentos & deſoito, & responda ao anno de mil cento & oitenta, por quanto confirma a Rainha Dona Dulce mulher del Rey Dom Sancho, & suas filhas as Infantas Dona Tareja, & Dona Sancha, o que não era possivel, sendo a Era de mil duzentos & oito, a qual responde ao anno de mil cento & setenta. Confirma nesta escriptura Dõ Galdim, que era o Mestre dos Tẽplarios neste Reyno, Cerueira Alcaide de Coimbra, do qual (como ja vimos)

mos) ha muita memoria em escrituras de Santa Cruz, & consta como despois de grandes caualarias se meteo Religioso nesta casa, & lhe deixou toda sua fazenda, confirma mais Payo Barregam, & outros que não aponto, por serẽ seus nomes mais ordinarios nas escrituras daquelle tempo.

CAPIT. XXXIII.

*Como Fuas Roupinho perdeu a vida pelejando com os Mouros de Africa. Referẽse algũas doações feitas à ordẽ de Avis.*

1182.

**P**osto que nossas historias confundão em o mesmo anno as victorias do insigne Capitão Fuas Roupinho, & o triste successo de sua morte, me pareceo mais conueniente assentala neire anno de mil cento & oitenta & dous, assi por achar hũa escritura que o faz nelle ainda viuo, como por parecer pouco tempo o de hum veraõ para jornadas tão multiplicadas como nossos Chronistas apontaõ em o anno de mil cento & oitenta. O modo da perda deste Capitão foi o seguinte. Saindo da barra de Lisboa com sua armada a correr as costas do mar Oceano, como outras vezes costumara, o leuou o temporal ao porto de Ceita. Auia aqui sincoenta

& quatro galès cheas de gente de guerra, que os Mouros ou magoados das perdas passadas, & desejosos de se satisfazer dellas, ou auilados da sahida dos Portugueses, concorreraõ de varias partes de Africa. Não sabia o Capitão Portugues de preparação tão grande, nem teue lugar de se desuiar do perigo em que o tempo & a fortuna o pos, & assi ouue de vir à batalha desigoal com seus contrarios.

Postos os nossos em ordem de peleja, não faltou o Capitão Dom Fuas o que se deuia a tão constante animo, & tão pouco fogeito a temores como era o seu, animou os seus soldados, & elle por sua pessoa começou a fazer obras não só de Capitão, mas de qualquer delles. Pelejou-se com muito esforço, mas como o numero da nossa gente fosse muy desigoal ao dos contrarios, não seruiu seu valor mais que para dilatar a vitoria aos Mouros, & fazer lhe custasse muito sangue. Fez D<sup>o</sup> Fuas fim a sua vida cheio de mortaes feridas, deixando a primeiro bem vingada com as muitas que tirara. Com sua morte se pos em disbarate a armada de Portugal de vinte & hũa galès de que constaua, ficaraõ as onze parte catiuns, parte lançadas ao fundo, as outras se recolheraõ a Lisboa, levando com a perda dos soldados mortos o sentimento, & a noua do triste successo. Sendo el-Rey.

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

Rey D. Afonso certificado delle, ficou muy sentido, pois alem da perda geral de seus vassallos, lhe faltava hum Capitão de tanto valor, & experiencia como Dom Fuas.

A memoria que o faz ainda viuo no anno de mil & cento & oitenta & dous, he certa escriptura referida pello Doutor Fr. Bernardo de Brito na segunda parte desta obra, da qual consta, que saindo à caça Dom Fuas em hũa menhãa de nenoa pella costa do mar Oceano, onde agora està fundada a Igreja de Nossa Senhora de Nazareth, foi seguindo hum veado, & chegou com o caualo á ponta do penedo, em que oje se vê a hermidã da memoria. Faz a terra igoal recebimento da parte do Norte a quem por ella vem andando, mas chegando a esta parage, se deixa cahir sobre o mar para a parte do meyo dia có altura tão desmedida, que causa horror a quem a contempla. Neste terribel rrance se vio D. Fuas, & inuocando o socorro da Virgẽ sacratissima Nossa Senhora, se deixou ficar o caualo immouel na ponta do rochedo, de que ainda oje duraõ os sinaes na propria pedra. Teue lugar de se poder apear do caualo, & venerando hũa imagem da Virgem Sagrada que alli estava metida em hũa lapa, deu principio à hermidã, que chamaõ da memoria, dõde se tomou occasiã de fundarem a Igreja de Nos-

sa Senhora perto della, a qual em nossos dias se vai renouando com mayor sumptuosidade, & he hũa das casas de mayor deuacão, concurso de gente, & numero de milagres que ha em Espanha.

Em o anno seguinte de mil & cento & oitenta & tres fez el-Rey Dõ Sancho doacão de Mafra ao Mestre da Ordem que depois se chamou de Auis, por nome Gonçalo Viegas. São as palavras da escriptura as seguintes. *Ego Sancius Dei gratia Portugallie Rex, magnifici Domini Regis Alfonsi, & Reginae Donnae Mafalda filius vna cum uxore mea Regina Donna Dulcia, & filijs ac filiabus meis facio cartã donationis, & perpetua firmitudinis vobis Magistro Dono Gonçalo Venegas, & fratribus vestris iam presentibus quã futuris de illo nostro Castello, quod vocatur Mafra, &c. E remata. Facta carta apud Obados prima die Maij Era M.CC.XXI. Em vulgar significa. Eu Dom Sancho pella graça de Deos Rey de Portugal, filho do magnifico Rey Dom Afonso, & da Rainha Dona Mafalda, juntamente com minha molher a Rainha Dona Dulce, & meus filhos, & filhas, faço carta de doacão, & perpetua firmeza a vos o Mestre Dom Gonçalo Viegas, & a vossos Caualeiros assi presentes, como futuros, daquelle nosso Castello, que se chama Mafra, &c. Foy feita esta carta em Obados em o primeiro de Mayo da Era de mil & duzentos*

1183.

Archivo  
de autographos  
critura  
original

duzentos & vinte & hum, que he o anno apontado de 1183.

Confirmação nesta escritura, da qual vi o proprio original, os preladados, & fidalgos seguintes. *Donus Martinus Bracharenfis Arch. Donus Martinus Portuensis Episc. Donus Petrus Colimbriensis Episc. Donus Ioannes Lamecenfis Episc. Donus Nicolaus Vifensis Episc. Pelagius Elborensis Episc. Suarius Olisbonensis Episc. Martinus Valasques Signifer Regis. Donus Gonfaluus Menendi Maiordomus Curiae. Donus Petrus Alfonsi. Donus Gonfaluus Gonfalai. Donus Rodericus Velasques. Donus Ioannes Fernandi Dapifer Regis.* Estes confirmação, & cô titulo de testemunhas se seguem. *Egeas Pelagij. Petrus Nunes. Petrus Gomes. Suarius Suarij. Giraldu Pelagij. Tullianus Notarius Domini Regis scripsit.*

Quis apontar todas estas particularidades, para se ver como o Castello de Mafra não foy dado por el Rey D. Afonso Henriquez (como dizem nossas historias) antes de ganhar Lisboa a D. Fernando Monteiro, a que fazê primeiro Mestre de Avis, em cuja resolução se contê tantos erros juntos, q me corro de fazer memoria delles, mas importa mais saberse a verdade: a qual he, q nem Mafra se deu, né se podia dar em o anno q dizem a D. Fernão Monteiro, por quanto este fidalgo não foi o primeiro Mestre, né governou a Ordem se não em tempo del Rey D. Afonso o Segundo, & assi não lhe

podia ser feita a doação quando se tomou Lisboa, tépo em q nem auia Ordê de Avis, né D. Fernão Monteiro quádo fosse nacido podia ter idade para andar na guerra. D. Gonçalo Viegas foi o segundo Mestre desta Ordê (se quizermos nomear em primeiro lugar Dô Pedro Afonso, no que tenho duuida) governou em todo o tempo do reinado del Rey D. Afonso Henriquez, & dez annos del Rey D. Sancho. Morreo pelejando valerosamente na batalha de Alarcos, á qual leuou socorro em fauor del Rey de Castella, como mostraremos mais largamente na historia daquelle anno. Não foy filho de Egas Moniz, como erradamente escreue Duarte Nunez, & Fr. Hieronimo Romano, mas foy filho de Egas Fafes, & neto de Fafes Luz, o Alferes do Conde Dô Henrique, como expressamente diz o Conde D. Pedro.

Archivo de Santa Cruz de Coimbra.

Roman: no trat. manu escripto das Ordens milites.

A este Mestre fez el Rey D. Sancho a doação de Mafra, & a duuida que pôde occorrer, de ser ainda então viuo el Rey Dom Afonso Henriquez se respôde, que o mesmo Rey deuia dar seu consentimento, ou nestes annos vltimos de sua vida, cometeria ao Infante o pezo maior dos negocios, em quanto elle cô mais particularidade trataua os de sua alma.

Outro ponto digno de aduertencia se colhe desta doação de Mafra, o qual he nomear el Rey Dom Sancho em o anno de 1183.

Xx seus

## Liuro Xi. da Monarchia Lusitana.

seus filhos, & filhas, por quanto nossas historias dizem que o Infante Dom Afonso que lhe socedeo em o Reyno naceo em o anno de 1185. Mas isto confirma o que ja atras deixamos aduertido, q̃ teue elRey D. Sancho filhos varoẽs antes de D. Afonso, os quais morreraõ mininos, & se enterraõ em S. Cruz de Coimbra, & algum destes he muy prouauel que naceo antes do anno de 1178. em que o Infante entrou por Andalusia, & alcançon as celebres victorias que ja ficão relatadas.

Torre do  
Tõbo lib.  
dos forais  
velhos da  
leitura  
antiga  
fol. 70.

Antes deste tempo tinha elRei Dom Afonso feito algũas merces á Ordem de Auis, & ao mesmo mestre Gonçalo Viegas. Porque estando em Coimbra em o anno de 1176. lhe deu a villa de Coruche, & hũs Alcaceres na Cidade de Euora, & faz memoria q̃ attentaua nisto não só ao bem de sua alma, mas á vtilidade da Christandade, & defenõ de seu Reino. *Considerans salutem anime, & vtilitatem Christianitatis, & defensionem Regni.* Em o anno de 1181. estando tambem em Coimbra pello mes de Abril, dá á propria Ordem & ao Mestre D. Gonçalo muitas herdades figueiraes, & vinhas no termo de Euora ambas estas doações estão cófirmadas por elRey Dom Afonso o Segundo no mes de Agosto da Era de mil duzentos & sincoenta & seis, que he anno de Christo de mil & duzentos & dezoito. E daqui se fica cõ-

uencendo o erro do Chronista das Ordẽs Militares de Castella, quando diz que a Ordẽ de Auis se vnio á de Calatrana, por esta lhe largar hũs Alcaçares que possuhia em Euora. Pois alem de não leuar caminho que a Ordem de Calatraua tiueffe possessões nesta Cidade, consta que as casas & Alcaceres de Euora foraõ dotados á Ordem de Auis por elRey Dõ Afonso Hériques. São as palauras formaes com que o declara. *De domibus quas habeo in Elbora cum suo Alcafer veteri.*

Liuro dos  
forais vlti  
sup.

### CAPIT. XXXIII.

*De appellidos antigos de algũas gerações q̃ se achão nas escrituras destes annos.*



Algũs appellidos de familias alem dos que nos liuros atras ficão apontados, se descobré nas escrituras do tempo delRey Dom Afonso Henriques; & porque naquella idade eraõ muy raros, refirirei os que pude descobrir, ainda que nem todos se perpetuassem na grandeza que tem alcançado outros mais modernos.

O primeiro appellido he o de Barriga, achase em hũa escritura de Loruão da Era de mil & cento & nouenta & sette, que he anno de

de 1159. na qual Gonçalo Fernan dez dá ao Sacerdote Sueiro o seu casal de Brasfemias, & em outra da Era de 1291. que he anno de 1163. em a qual Diogo Bom, & sua mulher Iusta Martins doão ao Abbade de Lornão D. Ioão certa herdade em o proprio lugar, & em ambos està assinado Martim Barriga. Em os tempos proximos passados ouue hū grande Capitão deste appellido, q̃ foi Lopo Barriga, de cujas façanhas estão cheas as historias das cousas modernas de Africa. Seus decendentes tem por armas em campo vermelho hum castello de prata laurado de preto cō hūa bandeira de Christo aruorada pella fresta de hūa torre, que està assentada sobre hūa rocha junto a hū rio, & por timbre o mesmo castello. Foraõ dadas por elRey D. Ioão Terceiro, em o anno de 1533.

O outro appellido he o de Netto, em hūa escritura de Loruão da Era de mil 1206. que he anno do Senhor de 1168. na qual Eldora Gonçalues, & outros fazē veda ao mesmo Abbade Ioão de certa herdade em Salasterno de Coimbra, & étre outros q̃ assinaõ he hū delles Pero Netto. Tratar de sua successão & linha continuada, he cousa difficullosa. Em Castella parece que se conseruou mais esta geração, porque em Salamanca, & outras partes ha fidalgos deste appellido. Os Nettos tem por armas o escudo partido, em palla

vermelho & azul, & sobre tudo hū leão de ouro rompente armado de prata, & hūa bordadura de ouro com quatro flores de Lis de azul, & quatro folhas de figueira, & por timbre o mesmo Leão das armas com hūa folha de figueira na testa.

Em a doação de Serpins feita ao mesmo mosteiro por elRey Dom Afonso Henriques no mes de Feuereiro Era de 1207. que he anno do Senhor de 1169. ha noticia de dous appellidos, que são Goes, & Barregaõ, confirma nella Paio de Goes, & assina como testemunha Payo Barregaõ. Dos Goes tratamos ja no fim do liuro oitauo, porque conforme o Conde Dom Pedro descendem de Dom Anaia, ou Aniam da Estrada, de quem ali se fez memoria. Porem este Paio de Goes não parece seu decendente, porque nem o Conde Dom Pedro o nomea, & o appellido de Goes nos decendentes de Dom Anaia he mais moderno.

O appellido Barregaõ he conhecido nas Cronicas de Portugal, & se acha em pessoas muy finaladas, como veremos no discurso da historia. Porem nestes nossos tempos se vŕa pouco, ou està de todo esquecido.

Tambem o appellido de Coelho he deste mesmo tempo em que reinaua elRey Dom Afonso Henriques, porque em hūa escritura de venda que faz Martim

*O mesmo liuro das doações de Loruão fol. 42.*

*Liuro pequeno das doações de Loruão fol. 4. pag. 2.*

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

Anaia, & sua molher Eluira Afonso ao Abbade de Loruão Dom João do seu casal de Soufelas, se acha o nome de Martim Coelho entre outros que assinaõ com estas palauras. *Martinus Coelho testis.* E he a data no mes de Mayo da Era de mil trezentos & doze, que he anno do Senhor de mil cento & setenta & quatro. Dos Coelhos decendêtes de Egas Moniz ja traxi em outro lugar, & em o tomo seguinte se falará em João Soares Coelho priuado del Rey Dom Afonso Terceiro do nome, que foy dos primeiros que tomaraõ este appellido, se foi por algũa dependencia que tiuesse de Martim Coelho nomeado nesta escriptura, ou se delle ficou algũa decendencia, não saberei determinar. Os genealogistas se occuparaõ nestas especulações, que a mi basta mostrar como este appellido he muy antigo, & parece que andou em outras pessoas fora dos decendentes de Egas Moniz.

Em o proprio anno de mil & cento & setenta & quatro se acha o nome de Pero Feijõ Cancellario del Rey Dom Afonso no foral de Mauráz, que se conserua no proprio mosteiro de Loruão; & o mesmo vemos em outras escripturas. Tambem na doação de Abiul feita por el Rey Dõ Afonso Henriques á propria casa no anno do Senhor de mil & cento & setenta & cinco se assina en-

tre outros Paio Correa, nome bemafortunado por causa do Grande Mestre de Santisgo Dom Paio Correa; & assi parece que se foi cõtinuando este appellido do tempo do Conde D. Henrique, como ja vimos em o fim do liuro Oitauo.

Finalmente apparece o appellido de Feo em escriptura de hũa venda que fazem ao Abbade de Loruão Dom João Gonçalo Paradella, & sua molher Dona Oraca, de certa herdade em Moinhos Ruinos termo de Montemor, porque entre outros assina Mendo Feo. Aos Feos senhores do Morgado de Monte Redondo deraõ por armas em campo azul tres bandas vermelhas perfiladas de ouro, & por timbre hum Leão de prata bandado & armado de vermelho rompente.

### CAPIT. XXXV.

*Da poderosa entrada que o Emperador de Marrocos fez em terras de Portugal, como pos cerco a Sãtarem, & foi roto em batalha pellos Portuguezes.*



Ouernaua neste tempo o Imperio dos Arabes de Africa, & Espanha hũ valeroso Principe por nome Ioseph Abemjacob, segundo Rey da familia dos Almoha-



Almohades, filho de Abdelmon, o que os annos atras se leuantara como temos relatado, contra el-Rey Albohali, & destruiu de todo o ponto a geração dos Almorauides. Este Rey por ser experimentado na guerra, de penfamentos altiuos, não podia sofrer as calamidades & oppressões dos seus causadas pellas armas dos Principes de Espanha. Passara em principio de seu reinado a esta prouincia com grande exercito, & fazendo muitos danos nas terras dos Christãos retardara a corrente de suas vitorias. Pello tépo adiante sempre fauoreceo aos seus cõ grossas armadas, & mais cousas necessarias para a guerra, trazendo sempre nos olhos a recuperação de Espanha, & destruição da Christandade della.

Multiplicaraõse as queixas dos Mouros com as vitorias que a gente Portuguesa alcançou delles por mar & terra em os annos proximos passados, dizião como não cõtetes os Portugueses de ganhar as terras da Estremadura & Alentejo, faziaõ entradas perigosas pello Algarue, & Andalusia, aonde tinhão reduzidas muitas praças a sua obediencia, sendo tão grande sua ousadia, que não satisfeitos cõ o de Espanha, assaltauão os portos de Africa, & lhe catiuauão os naturaes dentro de sua terra: que não auia mais que esperar, que quando lhe irião bater as portas de Marrocos, pondo em risco sua

pessoa, & estados. Com estas razões indinado o Emperador dos Mouros, se resolveo passar em Espanha, & fõgeitando Portugal, abrir caminho á conquista dos outros Reynes que os Christãos possuiam. Escreueo aos Reys, & Alcaldes Mouros destas partes effituessem preparados, & por seus Cacizes mandou pregar a Gazua em Africa, para que com pretexto de Religião lhe acudisse mais gente, & de toda ella com a mais que se ajuntou em Espanha formou hum poderoso campo, cõ o qual se achou em Seuilha a ponto de guerra em o principio do veraõ do anno de mil cento & oitenta & quatro.

Alguns são de parecer fundados em hum letreiro do Castello de Tomar, que vinhaõ neste exercito quatrocentos mil homens de caualo, & quinhentos mil de pé. Cõtudo quãdo aja certeza no numero desta gente, o letreiro não fala desta jornada, mas de outra differente emprehendida seis annos adiante pello filho deste Emperador dos Mouros, gouernando ja Portugal el Rey Dom Sancho. Mais ao certo fala a historia dos Godos, a qual sem particularizar o numero deste exercito, diz sõ por mayor que era innumeravel. São suas palauras estas.

*Era 1222. accidit victoria maxima  
Alfonso, de Iosepho Abenjacob Miramolino, filio Abdelmone, qui dictus est*

*Histor.  
Godos;*

*Xx 3 Rex*

## *Liuro XI. da Monarchia Lusitana.*

*Rex asini, propterea quod semper asino  
veberetur, & propheta Sanctus à po-  
pulo omni Sarracenorum haberetur.  
Hic Iosephus cum esset Rex Maurita-  
nia, Bettica, Murcia, & Valentia, po-  
tentissimè cogitauit de tota Hispania  
recuperanda, & coegit Hispali copias,  
quorum numerum solus Deus numera-  
re poterat, qui pluuie guttas numerat.  
Plurimis Regibus septus inuasit Sca-  
labium, sed pulsus, & victus. Huius fi-  
lius Iacob postea victus est in Bettica  
apud Nauas Tolosa.*

Quer dizer. Na Era de 1222.  
que he anno de 1184. alcançou el-  
Rey Dom Afonso a grandissima  
vitoria do Miramolim Ioseph  
Abelacob, filho de Abdelmon, o  
q̃ chamaraõ Rey do jumêto, por  
andar sempre neste animal, & ser  
tido dos seus por profeta santo.  
Este Ioseph sendo Rey podero-  
sissimo de Mauritania, Andalu-  
fia, Murcia, & Valença, traiou de  
se fazer senhor de toda Espanha.  
Para este effeito ajuntou em Si-  
uilha tão copioso exercito, que  
só Deos o qual pode contar as go-  
tas de agoa quando choue lhe po-  
dia saber o numero. Acõpanhado  
de muitos Reis acometeo a villa  
de Santarem, porem foy rebati-  
do, & vencido. O filho deste cha-  
mado Iacob foy o que despois  
em Andalusia perdeo a batalha  
das Naças de Tolosa.

Trazia o Miramolim em sua  
companhia treze Reys Mouros  
seus vassallos & aliados, numero  
que não parecerà grande a quem

considera a potencia deste Bar-  
baro em Africa, & sabe os mu-  
tos Reynos em que os Arabes di-  
uidiraõ a prouincia de Espanha.  
Não será desagradauel aos curio-  
sos hũa grossa do Mestre Andre  
de Rezende, a qual achei de sua  
letra propria em hũa Crooica  
manu escrita del Rey Dom Afonso  
Henriques, que tem em seu po-  
der Manoel Senerim de Faria,  
Chantre de Euora. E no cap. 38.  
diz assi.

*Additio mea.* Achei em hũa Cro-  
nica velha de Pergaminho em La-  
tim (que fazia algũa memoria dos  
Godos atè proceder a el Rey Dõ  
Afonso Henriques) que com o Mi-  
ramolim vinhão treze Reys, &  
doze exercitos com seus Capitães.  
Conuem a saber os Reys eraõ  
estes, el Rey Abuzeo de Abdera,  
Hemé, el Rey Azum, el Rey Hoy-  
za Aben Muza, el Rey Abazach,  
el Rey Imahe & Abunizef, el Rey  
de Zus, el Rey Calema de Che-  
dela, el Rey de Bugia, el Rey de  
Seuilha, Alborach (que acima se  
disse) el Rey de Cordoua, el Rey  
de Granada, el Rey de Murcia &  
Valença, el Rey de Fez & do Al-  
garue, Albozach filho deste Em-  
perador: o exercito de Cumca, o  
exercito do Algarue, o exercito de  
Gumera, o exercito Cheega, o  
exercito de Bem viuer, exercito  
de Benihahyalgar, exercito de  
Chemizne, exercito de Harga,  
exercito de Hentegas, com outras  
muitas gentes q̃ cobrião os mon-  
tes

tes de diuerſas terras, toda eſta gente vinha cõ elle, a fora a gente de ſeu ſenhorio de Marrocos. Atẽ aqui ſão palauras do Meſtre Andre de Reſende.

Entrando o Miramolim em Portugal com eſta poderosa cõpanhia, foy pôr cerco à villa de Torres nouas, à qual ſegundo parece a algũs obrigou a renderſe paſſado o primeiro combate, poſto que não falta quem diga durou o cerco ſeis dias, em os quaes ſe deraõ brauiſſimos aſſaltos. De hum modo ou de outro a villa ficou entrada, mortos muitos dos defenſores, & o Miramolim a mãdou arrazar magoado da muita gente que lhe cuſtara.

Tinha neste tempo o Infante Dom Sancho fortificadas as praças daquella comarca ſegundo a breuidade do caſo dera lugar, & deixando baſtante preſidio em Lisboa, ſe recolhera a Santarem aonde tinha por nouas q̃ o inimigo trataua de vir. El Rey D. Afonso eſquecido do repouzo devido a ſua idade, & infirmitade de Coimbra aonde eſtaua comuocaua a gente de entre Douro & Minho & Beira ordenaua as couſas importantes para acudir onde foſſe muy neceſſario. Moueo o Rey Mouro ſeu campo, & chegando a Santarem começou a executar o intento que trazia, dando braues aſſaltos aos moradores da villa. Elles animados com a preſença do Infante reſolutos em ven-

der caras ſuas vidas, fizeram tão grande reſiſtencia, que logo em os primeiros combates foraõ conhecendo os Mouros quaõ fortes eraõ ſeus aduerſarios, & como a cõtenda auia de cuſtar muito ſangue. A hũa quinta feira dez de Julho, ſegundo a mais cerra conta, chegaraõ os Mouros à viſta de Santarem, & em o dia ſeguinte deraõ o primeiro aſſalto. Pelejaraõ com muita variedade de instrumentos bellicos, & tão grande pertinacia, que durou o combate todo o dia. Os noſſos ſe defenderaõ valeroſamente, & a cuſta de ſeu ſangue deraõ muito que ſentir aos contrarios com o que lhe derramaraõ, enchendo de corpos mortos as cauas, & o lugar do combate. Não teve melhor ſucceſſo o aſſalto do ſegundo dia, & dos outros tres ſeguintes, os quaes ſe deraõ com tanta porfia, & continuação, que nem aos noſſos ficaua lugar de respirar, nem aos inimigos, poſto que reueza- dos baſtauaõ as forças para os cometer. Alguns autores dizem, q̃ foy o aſſalto hum sô, & durou os ſinco dias referidos com ſuas noites, dãdolhe aos Mouros ſua multidão lugar a tudo, & pretendendo por eſta via de oprimir os noſſos. De qualquer modo foy couſa muy digna de admiração, poderem tão poucos Portugueſes defender a villa, & preualecer cõtãrãõ grãde poder, & multidãõ de gente.

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

Em grande afronta se vião os soldados Portuguezes faltando ja alguns dos mais esforçados, estãdo muitos feridos, & entre elles o Infante Dom Sancho; quando acudio o Senhor com o remedio, aparecendo elRey Dom Afonso com hum exercito que pode ajuntar naquelles breues dias. Grande foy o sobressalto dos Mouros com a vista delle, & como quem perde o que ja tinha ganhado, se perturbaraõ sobre modo; & mais do que a materia pedia, pois todo o poder junto de Portugal ficaua muy limitado em sua cõparação. Mas o nome delRey D. Afonso, a fama de suas vitorias, a soberania q̃ sempre teue cõtra estes inimigos lhe perturbou os animos, & amedrentou os coraçõs. Retirados os Mouros a suas trincheiras, sahio o Infante fora da villa a receber elRey, & considerada por ambos a confusão dos Arabes, tomaraõ assento de lançar mão da occasiã, & offerecer logo batalha. Alguns dizẽ que acometendo o Infante de rosto aos Mouros chegou elRey Dom Afonso, & dandolhe pellas costas, os pusera em fugida, o certo he, que ambos pay & filho acompanhados dos valentes soldados Portuguezes, desbarataraõ o copioso exercito dos Mouros, alcançando illustrissima vitoria, & hũa das mais insignes que no mundo ouue. Foi grãde a mortandade dos infieis, morreraõ algũs dos Reys,

& o Miramolim ficou ferido de morte, sendo hum dos que lhe puzeraõ a lança, segundo dizem, o Infante Dom Sancho. Acabou este barbaro a vida passando o Tejo, ou antes, como alguns querem, das feridas que recebeu nesta batalha. Alcançou o Imperio de Africa & Espanha Abenlacob seu filho, que causou grandes danos a este Reyno.

### CAPIT. XXXVI.

*Em que se trata da grandeza desta vitoria, & se conta o q̃ succedeo aos Mouros que escaparaõ da rota de Santarem.*



Om ser a vitoria de 1184. Sãtare hũa das mais illustres que celebra a antiguidade, he magoa grande ver o pouco que della se escreue em nossas historias, pois nem se particulariza Capitão, ou soldado insigne que aqui se auentagasse, nem se aponta cousa memoravel mais que a simples narração do successo della, & como nos não seja licito estender a relação fora do que as memorias authenticas certificação, & seja fora de nosso estylo engrandecer as cousas deste Reyno com exegeraçõs, ou hyperboles, contudo nos pareceo conueniente discor-

rer sobre as excellencias deste successo, ja que as circumstancias delle nos ficaraõ tão escondidas.

Duas vitorias muy finaladas engrandecem as historias de Espanha, & lhe dão o primeiro lugar entre todas as que os Christãos alcançaraõ dos Mouros na conquista della. Foi a primeira a das Nauas de Tolosa, a qual ganhouel Rey Dom Afonso Oitauo de Castella em cõpanhia dos Reys de Aragoão & Navarra contra o Emperador de Marrocos, filho deste que agora mataraõ os Portugueses. A segunda vitoria que chamão do Salado ganharaõ os Reys Afonsos de Castella, & Portugal contra os Mouros de Africa & Espanha, & contra seus Reys de Granada, & de Marrocos. Na primeira tiueraõ boa parte os Portugueses, ainda que se não achou seu Rey nella, porque acudiraõ muitos caualeiros, & hũa copiosa multidão de gente de pè. Assim o confessa o Arcebispo Dom Rodrigo, que se achou presente. Na segunda se achou junto o poder de Portugal, & Castella; porque ainda que o Doutor João de Mariana sô faz menção de mil caualos Portugueses, he certo que de Euora foraõ mil infantes, & duzentos caualos. Assim o certifica hum letreiro antigo da mesma Cidade referido pello Mestre Resende, & outros authores. Das outras Cidades & Villas de Portugal, não deuia de ficar a gẽ-

te em casa ociosa, quãdo seu Rey passaua em pessoa a hũa guerra de tão perigo. Sabemos que sem auer preuenção algũa se ajuntaraõ em Tauria 20. mil soldados Portugueses em espaço de cinco dias, quãdo el Rey D. Manoel da gloriosa memoria, tendo recado do cerco de Arzilla foi correndo de Euora a Tauria para lhe dar socorro. Não era esta occasiã mais perigosa, & não faltou a gẽte Portuguesa nella ao q̃ deuia. Assim he de crer que acõpanhou a el Rey Dom Afonso na jornada do Salado hum justo exercito, & isto asseguraõ os mais autores, sem a limitação do Padre Mariana.

A terceira batalha das famosas, & primeira no tempo, & a meu parecer mayor, he esta que venceu o grande Rey Dom Afonso Henriques, & seu filho o Infante D. Sancho. Nella concorreraõ todas as razões de grandeza das outras duas, & ouue particularidades notauéis, que a fazem mais sublime. Porque se nas primeiras duas do Salado & Nauas foraõ vencidos os Emperadores de Marrocos, & seus grandes exercitos, nesta ficou desbaratado o mesmo Rey com todos seus aliados, & desfeito seu exercito quasi innumeravel. Se nas duas ouue da parte dos Mouros intento de recuperar Espanha, que a este fim ajuntaraõ aquelles Principes Arabes todo o poder de seus Reynos. Na batalha de Santarê trazia o mesmo

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

mo designio o Emperador dos Mouros, como expressamente afirma a historia dos Godos, & quis começar pello Reyno de Portugal, cuja gente o tinha mais agrauado, & contrariava mais seus intentos. Se nas duas batalhas das Nauas & Salado morrerão poucos Christãos, sendo pello contrario grande numero o dos contrarios que perecerão na batalha de Santarem, auendo hũa mortandade nos Mouros quasi excessiua, a dos Christãos não pode ser grande, quando o numero delles era tão limitado.

Daqui se pode tirar hũa razão muy efficaz em abono desta victoria, & he o pequeno numero dos vencedores, & muy differente do que ouue nas outras batalhas de Nauas, & do Salado, por concorrerem em a primeira tres Reys de Espanha com o poder de seus Reynos, & na segunda dous, & nesta de Santarem não auer mais que o exercito de Portugal, & esse se muy diminuido, pois faltava muita parte da gente de Alentejo, de Lisboa, & de outras partes, que naquella occasião foi necessario estaré bem fortalecidas, pois se não sabia em qual dellas se daria primeiro o assalto. Ponderada bem esta razão, ella só basta para sublimar tanto mais esta victoria, que as outras duas quanto á designaldade dos exercitos he mais conhecida. Ficou alem disto na batalha de Santarem não só ven-

cido o Miramolim como nas outras duas, mas ferido & morto; & deuse ella em tempo que o grande Rey de Portugal Dom Afonso Henriques carregado de annos, debilitado com a lezaõ da perna estava mui trocado do que fora no outro tempo de suas grãdes caualias.

Não he cousa noua acabare os Portugueses sòs suas emprezas, sendo assi que se prezaraõ sempre de serem bõs companheiros de quem se valia de sua ajuda. No principio deste Reyno parece teue por brio a nação Portuguesa de não buscar nem pretender socorros estranhos, a caso vieraõ alguns das partes do Norte, & do mesmo modo o trazia el Rey de Leão a Santarem, o qual não chegou a ser necessario. De sorte que conquistaraõ & defenderaõ nòs os antepassados a terra de Espanha que lhe coube em sorte com o valor & industria de seus naturaes. Passaraõ as armas a Africa, onde ganharaõ Cidades & Reynos, & sendo assi que mandaraõ por vezes grossissimas armadas, se não quizeraõ valer de socorro estranho. Correrã as costas de Africa, & Asia, as ilhas do mar Oceano, adquirindo Reynos & senhorios fizerã assento na America, aonde contenderã cõ os naturaes & estranhos, sem em todas estas emprezas terem de sua parte mais que o fauor do Ceo, & o valor de sua gente. E posto que alguns

alguns autores graues notem de pouco considerados os Reys em não cõuocarem milicia estranha para a pouoação & conquista de tão distantes prouincias, pois cõ o muito que se tiraua de Portugal era forçoso deffangrar-se o Reyno, & ficar menos forte. Eu por agora sô relato o feito sem disputar das conueniencias.

Por outra parte foraõ sempre liberalissimos os Portugueses em dar do seu, & ajudar nas empresas alheas. O Mestre de Auis Dõ Gonçalo Viegas acudio com os caualeiros de sua Ordem, & bom numero de gente Portuguesa em socorro del Rey D. Afonso Oitauo de Castella, & perdeu a vida pelejando valerosamente na batalha de Alarcos. A batalha de Na uas foi bõ numero de caualeiros & muito mayor de infantes Portugueses em fauor do mesmo Rey de Castella, & não foi em pessoa el Rey de Portugal, como tinha determinado, por lhe sobrenirem guerras domesticas, & do Reyno de Leão, como mostrarè quando chegar áquelle tempo a nossa historia. Na batalha do Salado se achou el Rey de Portugal D. Afonso o Quarto com o poder do seu Reyno em ajuda del Rey D. Afonso o vndecimo de Castella seu gẽro. Por vezes mandou o mesmo Rey D. Afonso de Portugal & seu filho D. Pedro socorro de soldados a Castella. O que mandou o Infante Dom Pedro duas vezes

a el Rey D. Ioão o Segundo de Castella contra os Infantes de Aragão, foi de muita importácia. El Rey D. Afonso o Quinto enniou hũa poderosa armada a Italia, offerecida ao Summo Pontifice para a guerra dos Turcos. Não menor mandou el Rey Dõ Manoel contra os mesmos inimigos em socorro dos Venesianos. Quando o Emperador Carlos Quinto passou a Tunes, o acompanhou o Infante D. Luis seu primo & cunhado cũ hũa armada de gente muy lizada, & valerosa. Outra semelhante foy por mandado del Rey D. Sebastião à tomada de Penhão de Velez. O mesmo Rey fez preparar hũa grossissima armada em fauor dos Catholicos do Reyno de França, a qual se desbaratou com tormenta. Acudio cõ ajuda de dinheiro em o mesmo tempo ao Papa Pio Quinto para a guerra dos Turcos. E com zelo de Rey verdadeiramente Christão se offerecia de aceitar por mulher sem dote algũa irmãa del Rey Christianissimo, com quem se trataua que casasse, a troco de elle entrar na liga que então se fazia contra o Turco. Tais foraõ os Reys Portugueses, tal animo tiveraõ sempre para fauorecer os amigos, & o bem cõmum da Christandade.

Os Mouros que escaparaõ da rota de Santarem, como fossem ainda em grande numero, determinaraõ de caminho roubar algũs lugares de Portugal em vingança

## Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.

gança da perda passada. Puzeraõ cerco a Alemquer, & achando ser villa forte, & q̃ não poderia facilmente ser entrada, passarão à villa de Arruda, a qual por ser praca aberta destruíraõ, catiuando algũa gente. Dahi se foraõ a Torres Vedras, a qual despois de a combater sem effeito, se resolverão fazer volta a suas terras. Na passagem do Tejo dizê algũs morreo o Miramolim, agrauandofelhe a doença causada das feridas que recebera em Santarem, ao que se ajuntou o desgosto do mau successo daquella jornada. Todo o tempo della, diz o liuro da Noa de Santa Cruz, que foraõ cinco semanas, em os quais posto que os nossos ficaraõ triumfantes cõ tão insigne vitoria, não deixaraõ de sentir alguns lugares a furia dos Barbaros, & o danno que costumão causar os grandes exercitos por onde passaõ.

### CAPIT. XXXVII.

*Do casamẽto da Infanta D.  
Tareja filha del Rey Dõ  
Afonso com Felipe Con-  
de de Frandes.*

1184.



Iuia por este tempo tempo sem tomar estado a Infanta Dona Tareja filha del Rey D. Afonso Henriques, & da Rainha Dona Mafalda. Era senhora das vil-

las de Monte mór o velho, & de Ourem, & de outras terras com que sustentaua grande casa. Foy Princesa liberal, & piedosa, segundo se colhe da brandura de que vsaua cõ seus vassallos, & merces q̃ lhe fazia, como ja aduirtimos, tratando do foral de Ourem. A hũa sua colação por nome Eluira Gonçaluez, deu para seu casamento em o anno de 1175. muita riqueza & fazenda que tinha em Alcanede, como achei em memoria do Archiuo Real, & confirmão na escriptura do dote, Orraca Vaz, Tareja Paes, Gontina Perez, Orraca Rodrigues, Sancha Pires, & Eluira Gonçaluez, que deuião ser damas da Infanta. Nem cause escandalo a chaneza & humildade dos nomes; porque naquelles seculo dourado estes eraõ os das fidalgas illustres. Donde podem ver os curiosos (o que ja atras aduerti) como em o liuro do Conde Dõ Pedro se dà Dõ a muitas pessoas que o não tinhão, o q̃ deuia proceder da culpa dos que o tresladeraõ.

Estaua contratado casamento entre esta Princesa, & o Conde de Frandes Philippe de Allacia, neste anno se celebraraõ as vodas na cidade do Porto. Paulo Emilio, & outros historiadores dizem que o Cõde veio em pessoa a esta Cidade, acrescentando que a Rainha D. Tareja (a quem elles chamão Matildes) era viuua del Rey de Portugal. Mais verisimil he, que

Torre do  
Tõvulim,  
dos foras  
velhos  
43.

Paul Emilio  
ho so'io  
285. &  
286.  
Guichard,  
dino.



*Sueiro na  
hister. de  
Frandes.*

*Marchan  
no no l'u.  
2. da def.  
cripção  
de Frandes*

que mandou o Conde seus Embaixadores, não lhe dando por então lugar os receos que tinha dos Franceses, para se ausentar de sua terra; nem sendo este o tempo em que tornou da terra Santa, quando Emilio diz que chegou a Portugal; por quanto esta volta foy em o' anno de 1178. como bem aduerte Manoel Sueiro. O engano de fazerem dantes casada esta Princesa, devia nacer àquelles autores de verê se chamaua Rainha; não aduertindo ser este o costume usado então, & muitos annos adiante nas filhas legitimas dos Reys de Espanha, & obseruado tamhem algum tempo nas Infantas de França. Dôde teue pouca desculpa Marchancio em escrever que com menor direito que ambição quis esta Princesa q'sempre a chamasssem Rainha.

Foy a Infanta entregue a seu marido pello mes de Agosto, & na cidade de Brujas aonde então residia se fizeraõ solenissimas festas; viuco algum tẽpo muy conforme em companhia do Conde, o qual tinha tanta opinião de sua prudencia, que passando outra vez a Syria a deixou com o gouerno de seus estados. E como falecesse naquella jornada, mandoulhe a Infanta trazer os ossos, & enterralos no mosteiro de Clarual, por ser muy deuota do glorioso S. Bernárdo.

Por morte do Conde Phelippe (que morreo sem successão) se

perturbaraõ grandemẽre as cousas de Frandes, & o Principe de França Felipe tratou de se apoderar de Gante. E como a Rainha Dona Tareja por assecurar seu partido quizesse casar com o Duque de Borgonha, el Rey de França o impedio. Ao fim se vieraõ a quietar as cousas, & a Rainha permaneceu até o tempo do Conde Balduino (que veio a ser Emperador de Constantinopla) muy respeitada & rica, pellas muitas terras que lhe ficaraõ. E como desejasse ver acrescentado, & autorizado o Condado de Frandes que algum hora possuira, contrahou casamento entre o Infante de Portugal seu sobrinho filho de el Rey Dom Sancho Primeiro com Madama Ioanna filha herdeira de Balduino, o qual teue effeito, como em seu lugar mostraremos. Ao fim veyo a morrer a Rainha Condesa de lastradamente afo- gando se em hum lago, ou pantano junto a Furnes, que ainda hoje se chama o Barranco da Rainha. Seu corpo foy leuado a Clarual, aonde tinha escolhida sua sepultura. Estas cousas succederaõ muitos annos adiante, mas apontaõ se neste lugar, porq' não auerá occasião de tornar a ellas.

O casamento da Infanta Dona Tareja se effectuou, segundo dizem nossas historias, no fim do anno de 1184. & logo no seguinte sobreueio a el Rey Dom Afonso a doença de que faleceo. Pouco

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

antes de sua morte, como quem se preparaua para ella com cabedal de obras pias, rematou com hũa celebre doação à Sê de Euora, & a Dom Paio Bispo eleito da mesma Cidade, a qual pareceo conueniente pôr neste lugar, por ser a vltima que referimos deste Rey, em q̃ se manifesta bẽ sua piedade; & porq̃ della tambẽ se proua o q̃ atras se tocou do tẽpo da eleiçã do Bispo D. Paio, & se fica tendo noticia de alguns Grandes & Prelados q̃ então acompanhão elRey. Diz pois a escriptura.

Archiuo  
da Sê de  
Euora l. 1.  
original  
fol. 1.

In nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti Amen. Quoniam morum assiduitate, quæ loco legis habetur, & legis sanctione inuenimus, quod bonorum virorum acta scripto commendari debeant, quatenus ab hominum memoria non decidat, & omnibus præterea præsentialiter consistant. Idcirco ego A. Dei gratia Portugalensium Rex, magni A. Hispania Imperatoris nepos, Comitum Henrici, & Regine Domine T. filius, in honorem Beate Virginis Marie facio cartam donationis, & perpetuæ firmitudinis vobis Domino Pelagionum diuino Elborensium electo de decima parte mearum quintarum, quas cumque in Elbora potuero habere. Do itaque vobis, & perpetuo eam concedo triplicis considerationis intuitu, tum pro honore & utilitatis prouentu Beate Marie Sedis Elborensium, tum pro bono & probabili obsequio à parte vestra exhibitio, tum pro remissione meorum delictorum. Habeatis ergo eam in perpetuum tum vos, tum posteri vestri

in Sede præfata electi, vel Episcopi existentes. Si verò aliquis venerit, qui eam vobis aut successoribus vestris auferre voluerit, & contra hoc factum ire præsumperit, sit maledictus, & excommunicatus, & à consortio sanctæ Ecclesiæ segregatus. Facta carta mense Nouembris Era M. CC. XXIII. Ego Rex A. qui hanc cartam scribere iussi, propria manu roboro & confirmo. Qui præsentibus fuerunt, Dominus Martinus Colimbriensis Episc. conf. Dominus Petrus Prior Sanctæ Crucis conf. Dominus Godinus Bracharensis Archiepisc. confir. Dominus Fernandus Portugalens. Episc. conf. Dominus Ioannes Visesensis Episc. conf. Dominus Gonsalvus Lamecensis Episc. conf. Dominus Suerius Vlixbonensis electus conf. Dominus Valasus Maiordomus Curie testis. Comes D. Fernandus testis. Donus Petrus Fernan. testis. D. Alfonsus Ermigij testis. Donus Martinus Gonçalues testis. Dominus Velasus prætor Colimbriæ testis. Donus Petrus Saluad. Dapifer Regis testis. Rex Dominus Alfonsus. Iulianus Notarius Curie.

Em Portugues he a summa desta doação, dizer elRey que concedia a D. Paio Bispo de Euora para elle & para seus successores em perpetuo a decima parte das quintas que pudesse ter em Euora, respeitando primeiramente a honra & proueito de Santa Maria da Sê desta Cidade, & em segundo lugar o bom & aprouado seruiço que o mesmo Bispo lhe auia feito, & vltimamente por remissão de seus peccados.

CAP.

## CAPIT. XXXVIII.

*Como adoeceo, & veio a falecer em Coimbra o grande Rey D. Afonso Henriques, & foy sepultado em o mosteiro de S. Cruz.*



HEGAVA ja o tempo em que o grande Rey D. Afonso Henriques deixado o Reyno temporal q fundara auia de ser mudado ao eterno, que no discurso de sua vida tinha merecido, segund piedosamente se pode crer, refeitando suas boas obras & insignes virtudes. Sobreuenhe a vltima doença, a qual durou muito segundo nossas historias dão a entender. Por este meyo parece quis o Senhor purificar a alma deste Principe de alguns descuidos que como homem teria em sua vida. No vltimo mes deste anno de mil & cento & oitenta & cinco se agravou mais a enfermidade a el Rey, & como o tomasse ja debilitado, o chegou a ponto de morte. Fez elle as preparações de Christão, que de hũ tão Catholico Rey, & tão piedoso Principe se esperauão, & faleceo a seis de Dezembro, tendo de idade settenta & cinco ou settenta & seis annos; & mais algũ mes, segundo a computação mais prouauel que deixo aueriguada.

Não se pode emcarecer o sentimento que ouue na Cidade de Coimbra, & nas mais partes do Reyno, quãdo se diuulgou a morte del Rey Dom Afonso, que como seja proprio da nação Portuguesa hũa entranhauel affeição a seus principes, & este grande Rey fosse tão benemerito & digno de ser amado por suas raras virtudes, não podião seus pousos receber consolação quando se lembrauão do bẽ que perdião. Chorauão o autor & defensor do Reino, terror dos Arabes, emparo dos fieis, & pay vniuersal de todos. Não auia quem não achasse mil razões obrigatorias a grande sentimento.

Foy enterrado em Santa Cruz de Coimbra, aonde se fizeraõ solenes exequias com o apparato, & grandeza deuida à magestade Real. Porem a sepultura não respondeo na grandeza à pessoa del Rey, nem a seus merecimentos, que a humildade, & pouca vaidade dos Principes daquelles tempos não daua lugar a se lhe fizessem os sumptuosos sepulchros q despois se vltarão, & assi permanecco muitos annos o corpo del Rey em hũa sepultura humilde, a qual, segundo acho em memorias de Santa Cruz, se costumaua cobrir com hũ pano honesto até o tempo del Rey D. Duarte, que a mādou ornar com hum riquissimo dossel de seda & ouro. Mais se auentejou o inclyto Rey Dom

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

Manoel, que passando por Santa Cruz em o principio de seu reinado, & notando como o sepulchro del Rey D. Afonso, & o del Rey D. Sancho não respondião á grãdeza de cujos eraõ, mādounas paredes da Capella mór daquelle mosteiro fabricar dous, de obra singular, & sumptuosidade admiravel; em o da mão direita se depositou o corpo del Rey D. Afonso Henriques, & no outro o del Rey Dom Sancho. Em memorias de Santa Cruz achei escrito, que para estes sepulchros se tresladaraõ també os ossos das Rainhas suas molheres, & de algũs filhos destes proprios Reys, & se depositaraõ em caixões distintos, no que não posso assegurar cousa certa, por me não parecerem as memorias muy autenticas.

No sepulchro antigo del Rey Dom Afonso Henriques auia hũ Epitaphio em verso, & despois quando se fez o nouo, mandou el Rey Dom Manoel estampar hũ composto em proza; & porque se não perdesse a memoria do antigo, se tresladaraõ os versos em hũa taboa manual, a qual està jũto da sepultura, acrescentandose outros, em que se dá a razão da mudança destes Epitaphios.

O letreiro que està em prosa he o seguinte.

*Alfonso Henrico primo Portugal-  
lie Regi, Regio sanguine, religione, &  
armis clarissimo, qui Imperatore Al-*

*fonso Castelle Rege pro patria; ac viginti potentissimis Maurorum Regibus cum maximis copiis, parua manu, sed fide animoque ingenti diuersis prelijs pro Christiani nominis augmento instacue superatis: Vlyssiponem, Santarenã, Eboram, aliaque quatuordecim munitissima oppida, & vniuersam ferè Lusitaniam ab infidelium manu recuperans Christi peculio adiecit. Hoc & Alcobatie, pluraque alia Canobia extruxit, ditauitque; nec Regno solum posterisque insignia Christum qui ei apparuit Crucifixum, referentia; sed cunclis etiam maximum exemplum reliquit. Cuius virtus suis contenta factis cetera exequi non patitur. De fide, de patria, de Regno, de suis benemerenti, pientissimi heredes hoc sepulchrum possuere. Obijt anno Domini 1185. regni sui 73. & etatis 91. sexta die Decembris.*

Traduzido em lingoagem diz assim.

Ao primeiro Rey de Portugal Dom Afonso Henriques, clarissimo pello sangue Real, religião, & armas, o qual vencidos em varias batalhas o Emperador D. Afonso Rey de Castella, em defença de seu Reyno; & vinte Reys Mouros poderosissimos, acompanhados de grandes exercitos, em augmento da Christandade, & não tendo elle da sua parte mais que poucos soldados, & a pureza da fè, & grandeza de animo, de que era dotado: liurou da seruidaõ dos Mouros, & restituiu a Igreja de Christo, Lisboa, Santarê, Eborara,

ra, & outras catorze pouoações fortíssimas. Fundou, & dotou liberalmente este mosteiro, & o de Alcobaça, & outros muitos. Não sò deixou ao Reyno & a seus descendentes as armas em que se representão as Chagas de Christo, o qual lhe appareceo; mas hum exemplo marauilhofo. Cujavirtude com suas obras se igoala, & não dà lugar a se passar adiante em seus lououres. A este inclyto Principe tão benemerito da Republica Christãa, de sua patria, Reino, & de seus vassallos mandaraõ seus piadosos herdeiros leuãtar este sepulchro. Faleceo no anno do Senhor de mil & cento & oitenta & cinco, tendo settenta & tres de seu reinado, & de idade nouenta & hum, no sexto dia do mes de Dezembro.

Neste numero de annos que se dão a elRey deReyno & vida, se deue aduertir, que o Epitaphio se compos conforme à opiniaõ da Chronica de Duarte Galuão, que então corria. Nos temos assentado ja como mais prouauel não passar o tempo da vida delRey Dom Afonso de settenta & cinco, ou settenta & seis annos & meyo. E assim o tempo de seu reinado não se estender mais que a sincoenta & sette annos, & alguns mescs, pois tomou principio em dia de São Ioão Bautista do anno do Senhor de 1128. como se pode ver em o que nesta materia deixamos tratado, & veio a falecer em Dezembro do anno de 1185.

Os versos do Epitaphio antigo são os que se seguem.

*Alter Alexander iacet hic, aut Iulius alter  
Belliger innictus, splendidus orbis honor.  
Pacis, & armorum cauto moderamine doctus  
Alternare vices tempora tanta dedit.  
Quid pietas Christi, vel quantum debeat isti,  
Ad fidei cultum Regem subacta docent.  
Post Regni fastus fidei moderamine pastus,  
In miseris inopes accumulauit opes.  
Quod Crucis hic tutor fuerit, nec non Cruce tutus,  
Ipsius clipeo Crux clipeata docet.  
Vixit fama licet tibi tempora longa reserves,  
Digna suis meritis dicere nemo potest.*

Em nosso vulgar querem dizer. Aqui jaz enterrado outro Alexandre, ou Iulio Cesar guerreiro inuenciuel, honra & lustre do mû.

do. Segurou os répos de seu reinado có a marauilhosa variedade & alternacão de paz, & guerra. Os Reynos que reduzio a poder

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

da Igreja estão mostrádo o muito que mereceo á religião Christãa & fê de nosso Saluador. Depois de fazer os gastos que conuinhão á magestade de seu real estado, entezourou para os pobres & miseraueis, leuado a isso com a suauidade da ley Euangelica. Bem mostra que foy defensor da Cruz de Christo, & defendido por ella, o seu escudo Real, em o qual se vê a mesma Cruz repartida em escudos menores. Ainda que a fama costumada perpetuar acrefente tempos mais dilatados, ninguem auerá que possa dar louvores iguais a seus merecimêtos.

### CAPIT. XXXIX.

*Em que se faz cõpendio das cousas principaes del Rey Dom Afonso Henriques, & se tocão algũs indícios de sua santidade, & saluação de sua alma.*

**E** Oy el Rey D. Afonso Hériques Principe excellentê em paz, & guerra. Nesta igoalou os famosos Capitães que celebra a antiguidade; por que se algũs o excederão em numero de terras conquistadas, & na multidaõ de grãdes exercitos, nenhum pode ser o igoalou na difficuldade das empresas, & desproporção da pouca

gente a respeito de seus inimigos, & mais sendo elles de tanto esforço & exercicio na guerra, que tinhamo fogeito a seu imperio grande parte do mundo. As muitas vezes que pelejou com seus contrarios, mal se podem reduzir a numero. Bem se colhe esta verdade do que se diz em o liuro da fundação de São Vicente de fora, onde se afirma que todos os annos de sua vida (que foraõ muitos) costumaua el Rey D. Afonso ajuntar seu exercito, & fazer entradas pelas terras de seus inimigos. Vese tambem clara esta verdade do que se escreue na historia dos Godos, a qual confessa não se podem numerar as vezes que el Rey pelejou com seus contrarios. *Nã pralia que gesit* (diz esta memoria) *nemo poterit annotare.* E não foi cõ pequeno effeito, pois foy hũ dos Reys Christãos que mais terras conquistou em Espanha do poder dos Mouros, dilatando seu imperio (como ja em outro lugar aduirtimos da mesma historia dos Godos) desde o rio Mondego até o Goadalquibir pello interior da terra, & pella costa do mar Oceano.

Em cinco batalhas mais principaes alcançou el Rey, vitoria de vinte Reys, & de dous Emperadores. Do Emperador D. Afonso o Settimo na batalha de Valdeuez. Do Emperador de Marrocos, & treze Reys de sua companhia na batalha de Santarem. Dos

Dos cinco Reys no campo de Ourique; dos Reys de Seuilha, & Badajoz nos campos de Santarem & Alcaçar.

Foy el Rey Dom Afonso por sua pessoa de tantas forças corporaes, & exercicio das armas, que podemos affirmar auantajou a todos os Reys de Espanha em hũa cousa & outra; pois nem a largidade lhe impidio a continuação da guerra, nem as obras de valor que fazia por seu braço, como se vio na batalha de Santarê, dada hum anno antes de sua morte. Acompanhaua estas forças naturaes del Rey Dom Afonso hum animo & confiança grande, & o gentil discurso & pratica militar, com que alcançou as partes de perfeito Capitão, & governador excellente.

E para lhe não faltar o meio mais efficaç nos bons successos da guerra, que he ter os soldados contentes, foy dotado de singular liberalidade & magnificencia, de forte que mais podemos dizer serem as riquezas adquiridas por suas armas dos seus que suas; porque separando a principal parte que mandaua applicar ao culto diuino na fundação dos grãdiosos templos, & celebres mosteiros, que fundou: a mayor parte da que ficava se repartia com os soldados & Capitaes illustres de seu tempo. O que se deixa bẽ ver alem das doações de seu tempo, pois sendo el Rey tão vitorio-

so, & conquistador de tantas terras, em que necessariamente auia de auer ricos despojos, não se sabe delle que ajuntasse tesouros, como se conta de outros Reys, que tiueraõ menos occasiões de os adquirir. Teue tambem el Rey Dom Afonso outra felicidade em suas conquistas, a qual foy não só lançar o fundamento de seu Reyno, mas chegalo á summa perfeição com as terras conquistadas. Em os outros Reynos de Espanha vemos, que pouco & pouco forão ganhando seus Principes as terras de seu distrito, até que vltimamente em espaço de tempo ficaraõ senhores de tudo. Só no Reyno de Portugal fundado por este famoso Principe vemos, que o mesmo foy chegar á perfeição, que ter principio; o mesmo foy começar, que ter alcançado tudo: porque este grande Rey conquistou em seu tempo tudo o que em Espanha possuirão seus decendentes, & a elles não ficou mais que sustentar a terra adquirida, & tornar a ganhar parte da que se perdeu, até que vltimamente não tendo que fazer em Espanha, & não cabendo nella pella grandeza de animo herdada do primeiro Rey Dom Afonso, buscaraõ em todas as partes do mundo novos Reynos & senhorios em que se estendessem, verificandose bem nelles, & pôdose em pratica o conselho q Felipe Rey de Macedonia

## *Liuro XI. Da Monarchia Lusitana.*

daua a seu filho o grande Alexandre, quando lhe dizia que buscasse outros Reynos, pois o de sua herança era tão limitado à grandeza de seu animo.

Em os negocios da paz foy el-Rey Dom Afonso Principe excellente, de grande religião, modestia, afabilidade, venerador das cousas sagradas, zelador da Fé, obedientissimo filho da Igreja Catholica, & dos Sûmos Pontifices. A foygeição que tinha aos Vigairos de Christo mostrou bem em lhe foygeitar seu Reyno, & nas demonstraçoẽs que fazia nas cartas, como ja deixamos adnertido, & na obediencia com que se somettia aos mandados Apostolicos, o zelo da exaltação da Fé declara bem a continua guerra q̃ sempre teue com os inimigos da Cruz de Christo, & o muito que trabalhou por reduzir à Igreja as terras possuidas pellos Arabes. Sua grande religião & veneração das Igrejas, & cousas sagradas, se conhece mui bem pello numero de Igrejas & mosteiros que mandou fundar, que posto que não seja certo o de cento & sincoenta, como alguns querem, todavia não pode auer duuida que foy muy grande. Mostrase tambem pollo favor com que tratou as religioẽs, & pessoas religiosas. Em seu tempo vieraõ a Portugal os Monjes de Cister, os quais por sua grande santidade & respeito deuïdo ao glorioso Padre S. Ber-

nardo que entãõ viuia, foraõ del-Rey muy fauorecidos. Os Conegos Regulares de Santo Agostinho alcançaraõ deste Rey casas sumptuosas, & grandes rendas. Os Caualeiros Templarios chegarãõ neste Reyno em o tempo del-Rey Dom Afonso á mayor parte da grandeza que despois tiueraõ. Empreza particular deste Catholico Principe foy a instituição da Ordem militar de Auiz, & da Ala, que não duro muito tempo. Tambem os Caualeiros de São João, que hoje chamamos de Malta, & os de Santiago foraõ admitidos em Portugal em tempo deste glorioso Principe, que com todos repartio liberalissimamente de grossas rendas pello respeito de Religiosos q̃ veneraua, & de Caualeiros que tanto estimaua.

Em seu tempo se restauraraõ as Igrejas Cathedraes de Lamego, Viseu, Euora, & Lisboa, & em todas ellas pos el-Rey os primeiros Bispos, a quem ajudou muito naquelles principios com doaçõs grandiosas. Fundouse mais a Igreja collegiada da Alcaçoua de Santarem com as esmolas deste Principe, a commenda da qual posto que hoje pertence à Ordem de Auiz, foy no principio dos Templarios. Ha nesta Igreja Conegos, dignidades, & mais ministros em forma, que para Igreja Cathedral lhe não falta mais que ter Bispo. Como tão-  
bem



bem se ve na Igreja Collegiada de Guimaraes, cuja grandeza se deve muito a este Principe, por instituir nella Prior, & Conegos de tanta opulencia que podem competir com as Igrejas mais ricas de todo o Reyno. Parece que quis el Rey engrandecer sua patria com esta honrosa preminencia, & de crer he a levantara a titulo de Cidade, pondo nella Bispo, se a visinhança de Braga o não impidira. Os Conegos desta Igreja forão regulares no principio segundo o vzo das Igrejas Cathedraes, nas quais se viuia em communidade.

A modestia & piedade del Rey Dom Afonso Henriques se descobre em alguns exercicios de sua vida, pois sabemos, que quando os negocios da guerra lhe dauão lugar a mayor consolação que tinha era assistir nos conuentos dos Religiosos, & occupar o tempo na meditação das cousas sagradas. Algũas vezes sabemos q se retirou aos mosteiros de Alcobaça, & São de Tarouca, como em seus lugares deixamos aduertido. E ordinariamente quando estaua em Coimbra acompanhaua os Religiosos de Santa Cruz, & com hũa sobrepelis vestida assistia no Choro aos diuinos officios, como se sabe de memorias antigas daquella casa. De tudo o sobredito se pode colligir, que foy el Rey Dom Afonso Henriques não só hum dos inclytos

Reys da Christandade em guerra, & paz igoalmente clarissimo, mas varaõ admirauel consumado em todo genero de virtudes.

Alguns indicios ha de bemauenturança de sua alma, os quais proporei como os alcancei de memorias antigas. Em hum liuro de mão do mosteiro de Alcobaça, em que se trata de São Martinho, & se contem algũas coulas escritas por Gregorio Turonense, Seneca Sulpicio, & outros aucthores, ha estas palauras referidas a el Rey Dom Afonso Henriques.

*Este bom Rey Dom Afonso a noite que se filhou Ceita aos pagãos pello honrado senhor Rey Dom Ioão o Primeiro appareceo no Conuento de Santa Cruz de Coimbra todo ornado, sendo os frades Conegos em Sembra no choro às matinaes a lhe disse, que el por querer de Deos fora com Dom Sancho seu filho ajudar a cobrar Ceita aos Mouros, a logo transportalceu que não foy ende mais visto, quedando consteiros todos, pasmados do que hauião visto.*

Tambem em memorias de Sancta Cruz se contaõ algũs apparecimentos deste Rey em defesaõ daquella casa: Fyua só apõtarei feita ao proprio Rey Dom Ioão o Primeiro. Tinha elle mandado a hum seu official, que todas as terras de seus Reynos pertencentes aos regengos Reais, ainda que estinellsem fogueitas às Igrejas,

ou

## Liuro XI. da Monarchia Lusitana.

ou pessoas particulares se applicasse à Coroa até se informar do modo, & causa porque foraõ desmembradas. Com esta diligencia se tomou ao Mosteiro de Sancta Cruz, a quinta da Atamuia, que he em termo de Alemquer. Apareceo em snhos el Rey Dõ Afonso Henriques a el Rey Dom Ioaõ, & com palauras graues lhe disse restituisse ao seu Mosteiro de Sancta Cruz a quinta que elle lhe dotara quando viuia, & soubesse como tinha tomado debaixo de sua protecção as cousas daquelle Mosteiro. Acordou el Rey Dom Ioaõ, & contando à gente de sua casa o que lhe acontecera mandou logo restituir a Sancta Cruz a quinta que lhe fora tomada.

Destes, & de outros casos semelhantes se fica entendendo, que viue el Rey Dom Afonso glorioso na eterna bema venturança, pois do lugar dos mor-

tos não era conueniente que viesse exercitar estes actos de esforço, & religiosa piedade. Bem entendiaõ itto os Religiosos antigos de Alcobaca, pois não só ordenarão se fizessem os officios, & celebrassem Missas por este Rey com ornamentos de festa, como ainda oje se vza, mas tambem lhe compuserão hũa comemoração, como de bema venturado. Em o Mosteiro de Loruaõ vi hum liuro de pequena leitura escrito em pergaminho, em o qual está a commemoração que digo del Rey Dom Afonso Henriques. E outra quasi do mesmo theor ainda que mais acrescenta da nas palauras achei em a liuraria de Alcobaca em o fim do liuro da vida de Sam Martinho, em o qual ha muitas cousas tocantes a Santiago, & ao Emperador Carlos Magno. Diz a commemoração deste modo.

### ANTIPHONA.

**I**nuielissime Rex Alphonse propugnator strenue nostri Regni defensor sanctissime, qui mox à puero in fide Beatae Virginis Matris Dei dominae nostrae susceptus, cuius oraculo, & patrocinio tibiarum sanitatem recepisti: ac tibi in maturam aetatem peruenisti, fidei armis, spei galea praemunitus, & zelo charitatis accensus, cum viginti Maurorum Regibus, & Imperatore Miramolino collatis signis, sed parua manu dimicasti, ac Christum Dominum nostrum Cruci affixum nocte intempesta uidisti, & vniuersam Lusitaniam fidei iugo subdidisti, & Regni nomen subymasti, quaesumus pro nobis apud Deum tuis precibus intercede, ut nos mente puros, Regnum nostrum florentissimum esse velit, & ab omni calamitate munire.

Vers. Ora pro nobis famulis tuis inuielissime Rex Alphonse.

Resp. Ut digni efficiamur promissionibus Christi.

ORATIO

O R A T I O.

**D**EVS omnium bonorum largitor melliflue, apud quem summa hominum regnorumque potestas est, quique beatissimum Alonsum Regem ad Lusitania sceptrum euexisti, & in hoc mundo agentem summis beneficijs decorasti, concede qua sumus eiusdem meritis nostrum hoc Regnum, Reges, ac Principes tranquillitate, & optata pace semper gaudere, nosque supplices tuos virtutum omnium incrementis, sic eiusdem Regis Alonsi vitæ instituta sectari, ut gloria quoque participes fieri mereamur. Per Dominum nostrum, &c.



APPEND



**A P E N D I C E D A T E R C E I R A**  
*parte da Monarchia Lusitana, em que se poem algũas Bul-  
 las, Privilegios, Doações, & outras escrituras de  
 Pontifces, de Reys, & outras pessoas principaes  
 citadas pello discurso della obra em certifi-  
 cação & confirmação das verdades  
 que nella se tratão.*

**ESCRITVRA PRIMEIRA.**

Que he a historia dos Godos, serue para muitos lugares della histo-  
 ria; ha dous exemplares della, o que aqui vay impresso foy do Me-  
 stre Andre de Resende, & o tem em seu poder o Chantre  
 de Euora Manoel Seuerim de Faria. Outro mais bre-  
 ue, cujas palauras por essa mesma causa allego  
 mais vezes, se tirou de Alcobaça,  
 & S. Cruz de Coimbra.

**CHRONICA GOTTORVM.**



- RA 349. egressi sunt Goti de terra sua.*  
*Era 366. ingressi sunt Hispaniam, & regnauerunt ibi annis 387.*  
*de terra autem sua perueniunt ad Hispaniam per 17. annos.*  
*Era septuagesima trigesima nona. Alias Era 749. expulsisunt de*  
*Regno Hispania regnante Vuitiza.*  
*Era 749. alias Era 750. Sarraceni Hispaniam adepti sunt regnante Roderico, an-*  
*tequam dominus Pelagius regnaret. Sarraceni regnauerunt in Hispania annis*  
*quinque.*  
*Era 754. Pelagius Fasilani Ducis filius regnavit annis 19.*  
*Era 773. Fasilanus filius eius regnavit duobus annis, & mensibus sex.*  
*Era 776. Adefonsus filius Petri Ducis regnavit annis 19.*  
*Era 785. Froyla filius eius regnavit annis undecim, ac tribus mensibus. (Alc. an.*  
*xi. mens. v. d. xx.*  
*Era 806. Aurelius consobrinus eius regnavit annis 6. & mensibus 6.*  
*Era 812. Silo regnavit annis 9. & decimo vitam finivit Alcob. annis octo mens. 1.*  
*d. 1.*  
*Era 821. Mauregatus regnavit annis 6. vitamque finivit. Alcob. regnavit ann. 5.*  
*mens. 5. alias mens. vi. & addunt sub vno sunt an. LXXXI.*  
*Era 826. Bermudus regnavit an. 3. Hic sponte regnum dimisit, & sobrinum suū*  
*Adefonsum quem Mauregatus a regno expulerat Regem fecit.*  
*Era 828. Adefonsus iste regnavit annis 52.*  
*Era 880. Ordonius filius Ramiri regnavit annis 7.*

Alcobaça  
em hum  
liuro de  
mão, q̃ 12  
por titulo  
Summa  
Chronico  
rũ Eusebij  
Cesariem  
sic.  
S. Cruz  
de Coim-  
bra no li-  
uro de  
ũaõ con-  
tam hame  
lias de S.  
Agosti.

Era 883.

Era 888. Ordonius filius Ramiri regnavit annis 16.

Era 904. Adefonsus Ordonij filius regnavit annis 18. Iste primo regni sui anno, & natiuitatis decimo quarto ab Apostata Fruuillano Gallecia Comite per tyrannidem Regno priuatur, sed ipse Rex Castellam se contulit, & non multo post eodem Fruuillano Rege tyranno & infaussto à fidelibus Regis Adefonsi Quieto interfecto idem gloriosus puer ex Castella reuertitur, & in patris solio feliciter collocatur. Qui ab initio sui regni semper inimicos victoriarum fauorem semper habuit. Illius tempore innumerabilis Ismaelitarum exercitus ad Legionem venit Duce Almundarim filio Abderrabarnen Rege fratre de Mahometh Rege Cordubensi, sed minus sibi nocuit, quia ubi venit iam ibi multa millia erant occisa, ceterus vero exercitus fugiendo euasit. Ipsi dictus alter exercitus in Berdigo est ingressus, sed gratias Deo sine nocumento istius Regis est interemptus. Multosque etiam inimicorum terminos acquisiuit Rex iste, cepit namque Castrum quod dicitur Nazan. Antencam vero pace acquisiuit. Conimbriam ab inimicis possessam heremitauit, & ex Gallicis postea populauit, multa quoque alia castra sibi subiecit. Eius tempore Ecclesia creuit, Regnumque ampliavit: vrbes quoque ista à Christianis populantur, scilicet, Bracharensis, Portugalensis, Aucensis, Visensis, Eminiensis, & ceteros Lusitania limites gladio & fame consumptos usque Emeritam, & maris littora heremitauit, atque destruxit, permansit autem Regnum Hispania Christianorum usque ad Almanzor anno 124.

Era 1206. Tertio Calend. Iulij Almanzor Benamet cepit Colimbriam, & sicut à multis senibus audiuimus deserta fuit septem annis, postea readificauerunt eam Hismaelita, & tenuerunt eam.

Era 1028. Quarto Non. Decembris, Almanzor cepit Montem maiorem.

Era 1033. Almanzor cepit Castellum de Aguilar, quod est in ripa Sausa in Portugalensi prouincia.

Era 1046. 2. Non. Octobris occisus fuit Comes Menendus.

Era 1054. Octauo Idus Septembris uenerunt Lormanes ad Castellum vermudi, quod est in prouincia Bracharensi. Comes tunc ibi erat Aluissus Nuniz.

Era 1056. Obijt Rex Donnus Adefonsus Visco. Et in ipso anno obijt magnus Comes Nunus Aluares.

Era 1072. Secundo Idus Octobris Gundisaluus Trastamiris cepit Montem maiorem, & reddidit cum Christianis.

Era millesima septuagesima sexta Calend. Septembris, Gundisaluus Trastamiriz occisus est in Auenozo.

Era 1083. Decimo Calend. Aprilis Rex Donnus Vermudo habuit victoriam de Mauris, pugnavit cum eis, & cepit ibi Regem eorum Cemias in villa Casari in territorio Castelli S. Maria.

Era 1085. Obijt ipse Rex Vermudus.

Era millesima nonagesima quinta Rex Donnus Fernandus cum coniuge sua Regina Donna Sancia cepit Lamecum tercio Calend. Decembris in festiuitate Sancti Saturnini lucescenti die Sabbathi.

Era 1096. Quarto Calend. Augusti in die S. Cucufatis Rex Donnus Fernandus cepit ciuitatem Viscom, postea Geisam, & S. Martinum de Mauris, & Trauancam, & Penaluiam, atque cetera Castella Christianarum vicinalium per annos 8.

Era 1102. Octauo Calend. Augusti feria 6. in uespera Sancti Christofori Rex D. Fernandus cepit Colimbriam.

Era 1103.

Era 1103. Rex Dominus Fernandus mortuus est, & septimo Cal. Ianuarij sepultus est in Legionensi ciuitate.

Era 1103. Sexto Calend. Decembris mortuus est Menendus Gonsaluis vir illu-  
stris, & magna potentia in toto Portugalli, filius Gonsalui Trastamiriz.

Era 1109. Decimo quinto Calend. Februarij Portugallenses commiserunt pra-  
lium aduersus Regem Donnum Garciam, fratrem Regis Donni Fernandi, ha-  
bebantque tunc caput in ipso bello Comitem Nuno Menendiz, periit ipse ibi, &  
cuncti alij sui fugerunt, obtinuit autem Rex de illis victoriam in loco qui dici-  
tur Pertalini inter Bracharam & fluuium Canado.

Era 1110. Occisus est Rex Sancius, filius Regis Donni Fernandi ad faciem Za-  
mora ciuitatis, post cuius mortem frater eius Rex Dominus Alfonsus Regnum  
obtinuit Hispania, qui bella multa exercuit annis multis aduersus Sarracenos  
Christianis nostris inimicos, alijs bellum dabat, ab alijs tributum accipiebat.

Era 1115. mense Septembris cepit idem Rex Alfonsus Cauriam ciuitatem.

Era 1123. Octauo Calend. Iunij Rex Dominus Alfonsus cepit ciuitatem Toletum,  
postea Talauram, cunctaque castella quae sunt in Carpania provincia Carthagi-  
nis, subiaccntia Regiae vrbi Toleti, quae est Metropolis.

Era 1125. Rex Dominus Alfonsus magnum praelium habuit cum Rege Sarraceno-  
rum Iusef Bennamarim Transmarino ad faciem ciuitatis Ladaioz in loco qui  
dicitur Sagalias, vbi vniuersimode conueniunt cum Rege nostro Christiani à  
partibus Alpes, multique Francorum in adiutorium ei affuerunt, sed Diabolo  
aduersante timor magnus inuasit plurimos nostrorum, & fugerunt ex eis mul-  
ta millia, nullo eos persequente. Rex verò fugae eorum inscius confidenter in-  
gressus est praelium, in quo aderant omnes Sarraceni totius Hispania armati.  
Iusef Benaisasim, quem sibi in Regem assumpserant, nec non ipse Iusef multa  
millia barbarorum transmarinorum, Moabitum, Arabumque secum tradu-  
xerat, quorum numerum nec ipse eorum Rex, nec aliquis homo scire poterat,  
nisi solus Dominus. Pugnavit itaque Rex Dominus Alfonsus, & qui remanserant  
cum eo aduersus Sarracenos usque ad noctem, nullorumque inimicorum susti-  
nens valebat eius presentem incursionem, sed se concludentes Sarraceni, in-  
terficebant Christianorum multitudinē. Intantum verò Rex Castellum Sarrace-  
norum, & acies inuasit, & interficiendo eos, & dispergendo expulit huc, & illuc  
quousque pervenit ad locum, vbi Regis Ioseph tentorium fixum erat, atque per cir-  
cuitum magno valle vallatum quem Rex dum acriter expugnaret, & fortiter  
inuadens insisteret, quidam suorum veniens hoc ei nuntiavit. Noveris domine  
mi Rex quoniam interim dum tu hic pugnas, Sarracenorum insidiae tua inuadunt  
castra, quo audito, & à suis consilio accepto, Rex Regem Maurum reliquit, &  
ab eius tentorio discessit. Festinus ergo cum suis qui secum aderant, ad Sarr-  
acenos qui castra sua inuasent accessit, multosque ex eis interfecit, & à castris  
fortiter expulsi. Ibi quidem multi corruerunt Christianorum qui remanserant  
congregati sunt ad Regem. Rex autem plagatus lancca cum nimium sitiret prop-  
ter fluxum sanguinis decurrentis à plaga, vice aquae propinauerunt ei vinum,  
quia aquam non inuenerant, unde syncopin passus, cum his qui secum aderant  
reversus est Cauriam, Sarraceni quoque reversi sunt, unusquisque ad sua  
loca.

Era 1129. Octauo Cal. Septembris obiit Aluazil Dominus Sifnandus.

Era 1131. Secundo Calendas Maij Sabbatho hora nona, Rex Dominus Aldefonsus  
cepit ciuitatem Santarem anno Regni sui vigesimo octavo, mense 5. sexto die

mensis. Et in eadem hebdomada pridie Non. Maij feria quinta cepit Vlixbonam. Post tertiam autem diem octauo Idus Maij cepit Sintriam, praposuitq. eis generum suum Comitem Dominum Reymundum maritū filia sua D. Vrraca & sub manu eius Suarium Menendi, ipse autem Rex reuersus est Toletum.

Era 1147. Tercio Cal. Iulij obiit Rex D. Alfonsus Regis D. Fernandi filius.

Era 1147. Mense Iulio iterum capta fuit Sintra à Comite D. Henrico genero D. Alfonsi Regis marito filia sua Regina D. Tarasia. Audientes enim Sarraceni mortem Regis D. Alfonsi, ceperunt rebellare.

Era 1148. Factum est magnum infortunium supra Christianos qui ibant ad Sanctarem, in loco qui dicitur Vatalandi. Dum enim vellent ibi Christiani figere tentoria, & requiescere, cum subito ex improviso multitudo Sarracenorum, & Moabitum, & Arabum audito numero eorum venerunt super eos repente, & imparatos eos inuenientes, interfecerunt ex ijs plurimos, ibique mortuus fuit Suarius Fromarigis pater Domni Nuno Suariz, qui erat dux super eos, & Mido Cresconis pater Domni Ioannis Midiz.

Era 1149. Rex Cyrus cepit Santarem septimo Cal. Iunij.

Eras 1. Era 1151. Natus fuit Infans Alfonsus Comitis Henrici, & Regina D. Tarasia filius Regis D. Alfonsi nepos.

Erasmus do. Era 1152. Cal. Maij obiit Comes D. Henricus.

del Rey D. Era 1154. Castellum de Miranda à Sarracenis captum est, & magna cades, & captiuitas in Christianis facta est.

Asfo. & Era 1154. Nonis Iulij captum fuit Castellum S. Eolalia à Sarracenis, quod est sitū da morte sub Monte maiore, & captus fuit ibi Didacus cognomento Gallina, & magna D. Henri captiuitas Christianorum inde translata est etiam ultra mare.

que effuso Era 1155. Rex Sarracenorum Hali Ibenjuces veniens de ultra mare cum multo erradas. exercitu obsedit Colimbriam adiuncto simul & omni exercitu qui erat circa mare, quorum numerus erat innumerabilis sicut arena maris, soli Deo tantum cognitus erat. Obsedit autem Colimbriam viginti diebus quotidie fortiter in toto exercitu oppugnans eam, sed per voluntatem Dei non potuit nocere, & Ciuitas illa remansit, & inhabitantes in ea.

Era 1160. Magna fames fuit in ciuitate Colimbria, & in tota Portugallensi regione à Mineo vsq. in Tazum.

Era 1163. Infans inclytus Dominus Alfonsus Camitis Henrici, & Regina D. Tarasia filius, D. Alfonsi nepos habens etatis annos fere quatuordecim apud sedem Zamorensē, ab altario Santi Saluatoris ipse sibi manu propria sumpsit militaria arma ab altari, & ibidem in altari indutus est & accinctus militaribus armis, sicut moris est Regibus facere in die sancto Pentecostes. Induit vero se lorica sicut Gygas, qui magnus erat corpore, & succinxit se arma bellica sua, in praelijs similis factus est leoni in operibus suis, & sicut catulus leonis rugiens in venatione. De hoc autem viro tanto tamque inclyto fari digne quis poterit. Nemo. Fuit namque vir armis strenuus, lingua eruditus, prudentissimus in operibus suis, clarus ingenio, corpore decorus, pulcher aspectu, & visu desiderabilis, totus in fide Christi Catholicus, erga cultores Religionis supplex, multumque beneuolus, ac deuotus, protexit totum Portugalle gladio suo, adeptus est Regnum, & dilatauit Dominus per eum fines Christianorum, & auxit terminos fidelium populorum a flumine Mondeco, qui discurrit iuxta muros Colimbria vsque ad fluium de Alquuir, qui vadit per Hispalim ciuitatem, & vsq. ad Mare Magnum, & Mare Mediterraneum. Qualiter autem Regnū sit adeptus,



adeptus, castella, & munitiones quas ibi fecit, sed & ciuitates & castella quæ Sarracenis accepit breuiter annotabimus, nam prælia quæ gessit nemo poterat an-  
notare, fuerunt namque multa & innumerabilia non solum cum Paganis, sed  
etiam cum Christianis, qui nimium inuidentes ei volebant diripere & inuadere  
Regnum eius, in omnibus quidem superans, & semper victor existens, & de  
omnibus triumphans diuina clementia semper adiutus.

Era 1166. mense Iunio in festo Sancti Ioannis Baptiste Infans inclitus Donnus  
Alfonsus Comitis Henrici, & Regine Donna Tarasie filius, magni Imperatoris  
Hispanie Domini Alfonsi nepos Domino auxiliante & diuina clementia & pro-  
pitante studio & labore suo magis, quam parentum voluntate, aut inuamine  
adeptus est Regnum Portugallis in manu forti. Siquidem mortuo patre suo Co-  
mite Domino Henrico cum adhuc ipse puer esset duorum aut trium annorum,  
quidam indigni, & alienigenæ vendicabant Regnum Portugallis matre eius  
Regina Donna Tarasia eis consentiente volens & ipsa superbe regnare loco ma-  
riti sui, amoto filio à negotio Regni. Quam iniuriam valde inhonestam nulla-  
tenus ferre valens (erat enim iam grandæuus atate, & bonæ indolis) conuocatis  
amicis suis & nobilioribus de Portugal, qui cum multo maxime quam matrem  
eius, vel indignos & externos natione volebant regnare super se. Commisit cum  
eis prælium in campo Sancti Mametis, quod est prope castellum de Fimaranes,  
& contriti sunt, & deuicti ab eo, & fugerunt à facie eius, & comprehendit eos.  
Obtinuit ipse principatum, & Monarchiam Regni Portugallis.

Era 1168. obiit Regina Donna Tarasia mater Domni Alfonsi Calend. Nouembris  
anno secundo regni.

Era 1169. Vermudus Petri gener Regina Donna Tarasia voluit eis rebellionem  
facere in castello Sene. Sed non valuit, quia idem Infans cognoscens occurrit ei  
cum militibus suis, & eiecit eum de Castello.

Era 1170. idem Rex capit adificare monasterium Sanctæ Crucis in suburbio Co-  
limbria, & pontem fluminis iuxta ciuitatem anno regni sui quarto.

Era 1173. Quarto Idus Decembris prædictus Rex Donnus Alfonsus capit adifi-  
care castellum Leirena anno Regni sui septimo, videns enim frequentes incur-  
siones, & depredationes quæ fiebant per campum Colimbria, & frenari eos volens  
in manu forti, & brachio extento quæsiuit locum idoneum, & munitionem Reg-  
ni sui, & aptum ad detrimentum inimicorum suorum, inuenit itaque montem  
illum in loco vastæ solitudinis in confinio Sanctarem & Colimbria positum,  
distans quibusdam à castello Sanctarem quadraginta, de Colimbria vero fere  
quingenta miliaribus. Ibi primo edificauit castellum & collocauit ibi habi-  
tantes in eo, & præfecit illis quendam militem strenuum nomine Pelagium Gu-  
terriz, ab illo ergo virtus & audacia Sarracenorum capit infirmari, quia vi-  
debant quidæ alterum Scipionem Africanum qui eos valde opprimeret, & affli-  
geret, & redigeret velut palleam in tritura arca.

Era 1175. euenit infortunium super Christianos in Tomar.

Era 1177. Octauo Calendas Augusti in festiuitate Sancti Iacobi Apostoli anno  
Regni sui undecimo. Idem Rex Donnus Alfonsus magnum bellum commi-  
sit cum Rege Sarracenorum nomine Esmar in loco qui vocatur Aulic.  
Ille namque Rex Sarracenorum cognita virtute, & audacia Regis Domni  
Alfonsi, & videns eum frequenter intrare in terram Sarracenorum, &  
depredari, nimiumque atterere suam regionem, voluit si facere posset ut  
eum incautum, & imperatum alicubi inueniret, ut cum eo gereret bellum,  
quadam

quadam itaque vice cum Rex D. Alfonsus cum suo exercitu intraret per terram Sarracenorum, & esset in corde terra eorum. Esmar Rex Sarracenus congregata infinita multitudine Sarracenorum transmarinorum quos secum adduxerat, & eorum qui morabantur citra mare à terminis Sibilie, & de Badalioz, & de Eluas, & de Elbora, & de Begia, & de omnibus castellis usque Sanctarem venerunt ei obuiam, ut pugnaret cum eo, confidens in multitudine virtutis sue, & sui exercitus, quia erat copiosius in tantum quod mulieres ibi affuerunt Amazonico ritu belligerantes, sicut exitus postea probauit in eis qua ibi occise inuenta fuerunt, licet Rex D. Alfonsus esset cum paucis suorum, & esset in quodam promuntorio fixis tentorijs ex omni parte obsesus, & circumuallatus est à Sarracenis à mane usque ad vesperam, cum vellent irrumpere, & inuadere castra Christianorum. Electi milites irruerunt in eos fortiter pugnantes cum eis, expulsos extra castra occiderunt & diuiserunt eos, quod cum vidisset Rex Esmar, scilicet virtutes Christianorum, & quod parati erant magis vincere, aut mori, quam fugere, fugit ipse, & omnes qui cum eo erant, omnisque illa multitudo Pagannorum partim occisione partim fuga occisa est & dispersa. Rex etiam Esmar illorum superatus per fugam euasit, comprehenso ibi quodam suo consuprino, & nepote Regis Hali nomine Homar Atagor, & interfectis ex parte sua viris innumeris, & sic D. Alfonsus diuina se protegente gratia magnum de inimicis obtinuit triumphum, & ex illo tempore fortitudo, & audacia Sarracenorum valde infirmata est.

Era 1178. anno regni sui duodecimo, Rex Esmar cognoscens Regem D. Alfonsum esse ultra Vimarancs in partibus Galletie circa Tudem, & esse illuc præoccupatum quibusdam negotijs unde facile non poterat expediri, consilio animatus cuiusdam sui Prætoris qui erant in Sanctarem nomine Auzecri, congregata multitudine de Badalioz, & de Elbora, & de Sanctarem venerunt subito & ex improviso, & inuasit Castellum Leirena & succendit, occisis ibi quibusdam militibus, & alios secum adducens in captiuitatē, Pelagius etiam Guterri, cuius Castellum cura fuerat commissa ibi captus est.

Per idem tempus Imperator D. Alfonsus filius Comitis Raymundi & Regina Dena Orraca filia Imperatoris magni D. Alfonsi, coadunato omni suo exercitu de Castella & de Galletia, voluit intrare Regnum Portugallie, & venerunt usque ad locum qui dicitur Valdeuez, sed Rex de Portugal D. Alfonsus occurrit ei cum exercitu suo, & obsedit iter per quod ille venire volebat, fixitque tentoria sua, isti ex hac parte, & illi ex altera parte, cumque veniret aliquis ex parte Imperatoris ad Ludendum, quod populares dicunt Bufurdin, statim egrediebantur ex parte Regis Portugalis occurrentes eis, & ludentes cum eis, qui in exercitu comprehenderunt Fernandum Furtado fratrem Imperatoris, & Consulem Pontium de Cabrcira, Veremundum Petri, & Varella filium de Fernando Ioannis germanum de Pelagio Curuo, & Rodericum Fernandi patrem de Fernando Roderici, & Martinum Kabra consobrinum Consulis D. Pontij, & alios multos, qui cum eis venerant. Videns itaque Imperator quod omnia prospera eueniebant Regi de Portugal, & bona fortuna regebat eum, & quod Deus adiuuabat eum, sibi autem omnia contingebant aduersa, & quod si amplius cum eo in malum voluisset contendere, maiora interim consequerentur detrimenta. Misit pro Archiepiscopo Bracharensi D. Ioanne & alijs bonis hominibus, & rogauerunt eos ut venirent ad Regem Portugallie, ut pacem bonam, & firmarent ea que pacis sunt in perpetuum. Ita factum est, conuenerunt namque in uno tentorio

torio ab eo pariter Imperator, & Rex Portugallis, & osculati sunt inuicem, & comederunt, & biberunt in unum, & locuti sunt soli secretius, & sic remeavit unusquisque in propria pace.

Eodem quoque tempore venerunt quadam naues ex insperato de partibus Galliarum, plene armatis viris votum habentes ire in Ierusalem, cumque venissent ad Portum Gaye, & intrassent Dorium, audivit hac Rex, & gaudius est cum eis, erant enim fere septuaginta, & pace initus cum eis ut irent ad Flixbonam ipsi per mare, & ipse cum exercitu suo per terram, & obsiderent eam, forsitan placeret Domino ut traderet eam in manibus eorum. Conuentione itaque facta, illi per mare, & Rex per terram cum exercitu suo venerunt undique ad Flixbonam, & circumdederunt, & oppugnaverunt eam, sed non potuerunt aduersus eam, quia nondum aduenerat tempus ut traderetur in manibus Christianorum, sed irruerunt suburbana eius, & demoliri sunt multas vineas, & succenderunt domos, & fecerunt plagam magnam in terra. Videntes itaque quod non cito, nec per multum temporis spatium non posset capi, etiam si quotidie foret obfesse, quoniam erat multum referta, & populo, & tunc satis abundabat omnibus bonis, reliquerunt eam. Rex cum exercitu suo regressus est in terram suam, & illi marini nauta abierunt viam suam, quo tendebant ire in Ierusalem.

Era 1180. Idem Rex Portugallensium idem Rex D. Alfonsus cepit edificare Castellum de Germanello anno regni sui decimo quarto. Videns namque habitatores de Colimbria in timore & tremore positos, nec ausos se extendere ad laborandum per suos terminos Villam Germanello, Aluorge, & Alheania propter frequentes incursiones, & depredationes, quae ibi quotidie fiebant à Sarracenis, ita circo visum est ei facere Castellum illud in corde terra ad securitatem, & munimentum laborantium Christianorum, & detrimentum superuenientium latrunculorum Sarracenorum, posuit ibi milites qui custodirent illud, & essent tutamento, & defensionem Christianorum.

Per idem temporis insurrexerunt Hismaclita aduersum Moabitas. i. Andeluces aduersus Arabes, & expulerant eos de ciuitatibus, & de castellis suis, aduenerat namque iam tempus quo miseretur Dominus populo Christiano, & amoueret iram suam ab eis, quam induxerat super eos tempore Regis Roderici propter peccata eorum, & induxerat super eos Sarracenos, qui deuastarent Christianos, & possiderent terram eorum. Nunc autem placatus est Dominus propitius suo populo Christiano, & auertit indignationem suam ab eis, & immisit gladium inter Ismaclitas, & Moabitas. i. inter Endeluces & Arabes, ut dissolaretur regnum eorum, & dissiparetur potentia & virtus eorum, quae praeualebant aduersus Christianos. Mortuo namque Herico Rege, qui Arabes magis diligebat, quam Endeluces & eos eis proponebat, & praeiciebat, Endeluces non valentes sufferre iugu eius, quod graue erat nimis, & importabile, omnes similiter pari voto & uno animo concordantes Endeluces insurrexerunt contra Arabes, & eiecerunt eos de ciuitatibus, & de Castellis, & expulsos coegerunt eos relinquere Hispaniam, & transire ultra mare, hoc autem operabatur diuina clementia, ut releuaret Christianos, & dilataret terminos eorum. Ex quo enim Arabes mare transierant, & venerant in Hispaniam propter peccata eorum male se habuerunt Christiani, misit autem Dominus gladium inter eos, ut dissiparetur regnum eorum, & inualesceret regnum Christianorum, qui eatenus fuerant conculcati & deminorati. Postquam autem expulerant eos, Rex Portugalliae D. Alfonsus vehementer eos deuastabat, & depredabatur terram eorum militum, eos depri-

mens, & ad nihilum redigens. Idcirco coacti venerunt ad eum, & Homagium ei facientes dabant ei tributum, & censum de ciuitatibus, & de Castellis de Sanctarem, & de Vlixbona, & de vicinis suis, donec adimpletum est tempus quo traderet Dominus ciuitates istas, & castella in manus Christianorum.

Era 1182. Idem Rex Portugallis Donnus Alfonsus cepit reedificare Castellum Leirena in eodem loco quo prius fuerat constructum decimo sexto Regni sui anno.

Era 1183. Idem Rex Donnus Alfonsus accepit uxorem Donnam Matildam Comitiss Amadae de Moriana filiam, & eam sibi legitimo coniugio copulauit anno regni sui decimo septimo, genuitque ex ea tres filios & tres filias, quarum unam postea copulauit Regi Legionensium Donno Fernando. s. D. Orracam. Aliam vero. i. D. Tarasiam misit in uxorem Consuli Flendrensi D. Mortua est in prima uia etate, duoque e filijs mortui sunt unus solus remansit. s. D. Martinus cognomento Sancius.

Era 1185. Idem Rex Portugalis D. Alfonsus decimo nono anno regni sui nimia audacia & animositate succinctus noctu inuasit castellum de Sanctarem viriliter cum paucis suorū, fretus Dei auxilio, & vendicauit eum sibi, & Christianitati, interfecit & exclusis inde Sarracenis habitantibus in eo. Hoc autem factum est per voluntatem Dei quinto Idus Maij ad galli canium, illuscensente die Sabbati. Et in eodem anno mense Iulio Vlixbonam obsedit, cui prouidente ex alto diuina clementia multitudo nauium de Galliarū partibus calitus transmissa subito ex insperato aduenit in auxilium, quorū auxilio valde fretus obsedit ciuitatem per quinq. menses, fortiter vexans & oppugnans eam terra & mari, nullum permittens egredi, vel ingredi. Tandem vero nono Calendas Nouembris feria 6. sexta diei hora cepit Ciuitatem in manu valida & in bethio extenso, cooperante Domini pietate, & adiuuante Domino Iesu Christo, exclusis inde Sarracenis.

Et Per diuersa tempora & annos accepit Sintriam, & Almadauam, & Palmellam castella munitissima, & vendicauit ea sibi & Christianitati cum suis.

Eodem tempore accidit quoddam miraculum à Domino prestantissimum omnium quod operatus est Deus in mundū per seruos suos Reges antiquos, nam Rex D. Alfonsus cum 60. militibus de Sanctarem nullam habentes armaturam nisi tantum clypeos, & hastas, & gladios sine loriceis & galeis, & ferreis caligis fretus Dei auxilio, & adiutus diuina clementia pugnavit cum 500. militibus Sarracenis bene armatis, & ferro coopertis, & ad bella doctissimis, & cum 40. millibus peditum bene armatis in campo de Alcacer, & deuicit eos, & interfecit multos ex eis, & ceteri fugerunt in munitionem. Ipse quoque ibi lancea vulneratus est à Sarracenis in tibia, quod qualiter gestum sit, breuiter narrabo.

Era 1192. Natus est Rex Sancius filius Regis D. Alfonsi, & Reginae D. Matilda in nocte S. Martini feria quinta, idcirco in baptismo vocatum est nomen eius Martinus, postea cognominatus est Sancius. Natus est anno patris sui 26.

Era 1195. Mense Septembri obiit D. Alfonsus Imperator, filius Comitis D. Raymundi, & Reginae D. Orraca.

Era 1196. Tertio Non. Decembris feria quarta, hora diei tertia obiit famula Dei Illustrissima, clarissima, & nobilissima genere orta Regina D. Matilda, clarissimi Comitis Amadae filia, uxor D. Alfonsi Portugallensium Regis, cui sit rarequies. Amen. 30. anno regni Regis D. Alfonsi.

Era 1196.

Era 1196. Septimo Calend. Iulij, feria 2. in die Sancti Ioannis Baptista captum fuit Castellum de Alcacer à Rege D. Alfonso. Iam quidem prius obsederat eum per duas vices adiutus multitudine nauium quæ aduenerant de partibus Aquilonis. i. de Francia, & finitimis eius partibus, sed nondum auerterat miserationes suas ab eis, nunc vero iam completa erat malitia, & iniquitas eorum, & auertit faciem suam ab eis, & tradidit eos in manus Christianorum. Obsedit autem eum Rex D. Alfonso tantummodo cum exercitu suo, fere per duos menses quotidie oppugnans eum fortiter, & tradidit eum illi Dominus in die S. Ioannis Baptista, electis inde omnibus Sarracenis anno regni eius 33.

Era 1200. Pridie Calend. Decembris in nocte Sancti Andrea Apostoli ciuitas Paecæ Regia, ab hominibus Regis Portugallis D. Alfonsi videlicet Fernando Gonsalui, & quibusdam alijs plebeis militibus noctu inuaditur, & viriliter capitur, & à Christianis possidetur, anno regni eius 35.

Era 1204. Ciuitas Elbora capta & depradata, & noctu ingresa à Giraldo cognominato sine pauore, & latronibus socijs eius, & tradidit eam Regi D. Alfonso, & post paululum ipse Rex caput Mauram, & Serpam, & Alconchel, & Coluchi castrum mandauit reedificari anno regni eius 39.

Era 1206. Factum est infortunium Regis D. Alfonsi, & sui exercitus in Badalioz anno 41. regni eius.

Era 1209. Mense Augusto natus fuit Rex Alfonso filius Regis Ferdinandi, & Regina D. Orracæ nepos Regis Portugallis D. Alfonsi.

Era 1212. nupsit Rex Sancius cum filia D. Raymundi Comitis de Barcinona Donna Dulcia, sorore Regis Aragonensium D. Alfonsi, anno Regni patris eius 48.

Era 1216. Rex Sancius perrexit ad Hispalim cum exercitu suo, & intravit Trianam antiquam urbem Sibillia, & dirrupit muros eius, & depredatus est eam anno regni patris sui 41.

Era 1217. Mense Octobrio venit Iacobus filius Elmunimo Imperatoris Sarracenorum, & frater eius Froccen ad Castellum de Ablantes cum multitudine magna sui exercitus, quam dinumerare nemo poterat, & circumdederunt illud, illud inuasere, secum detrimento maximo sui exercitus 4. die recesserunt inde peremptis ex eis multis militibus. Christianorum in propria obsidione per voluntatem Dei non sunt interfecti nisi nouem tantummodo. Factum est autem hoc anno regni Regis D. Alfonsi 52.

Era 1218. Iterum venerunt ex improviso & de insperato ad castellum de Coluchi, & occupantes diruerunt illud, interfectis & in captiuitatem ductis omnibus habitatoribus eius, 53. anno regni eius.

Era 1222. Anno Regni sui Regis Portug. D. Alfonsi Incef Abenjacob Emir Elmunimo secundus Imperator Sarracenorum, filius de Ali Abelmuinē, qui dictus est Rex de asino, propterea quod in asino semper deambulans propheta, & sanctus ab omni populo putaretur, anno regni sui 32. Postquam subiugauerat sibi transmarina Regna, & inuaserat maximas regiones ultra mare. s. Capza & Gumeræ quæ fuerunt Regis Ali, & totum Regnum de Marrocos, & citra mare totum Regnum quod tenuerat Rex Lupus. s. Valentiam, Murciam, & Granatam, & reliquas Ciuitates & Castella quæ fuerant Regis Lupi, videns quod nemo erat qui ei posset resistere, & quod terror eius inuaserat omnes gentes, etiam usque ad Orientales partes, eleuatum est cor eius, & cogitauit venire in Hispaniam, & comprehendere Ciuitates, & Castella, quæ aliquando fuerant à Sarracenis possessa, videlicet Vlixbonam, Sintriam, Santarem, Elboram, Alcacer, & omnia alia

Outro ex  
emplar tē  
antiquā  
vrbem Sibillia

alia Castella, vel venire Colimbriam, & sic denique subiugata sibi tota Lusitania usque Doriū, ascendens per ripam fluminis Dori perueniret usque Tole-  
tum, nec desineret ab hac re, & ab hoc facto, etsi Rex Francia, & Rex Anglia,  
& Rex Aragonum, & Rex Castella, & Rex Gallia, & Rex Portugallia pariter  
conuenirent, & pugnarent. Quantumque hac secum permeditans, & cum ami-  
cis consiliarijs, & Principibus suis se prope pertractans, misit nuncios ad om-  
nes Reges qui ultra mare erant, & ad omnia Regna terrarum transmarina, ut  
omnes venirent. s. in auxilium, & concurrerent omnes, & subuenirent ad fa-  
ciendam maximam mercedem ad delendam Christianitatem, & exaltandam  
& glorificandam suam gentilitatem, permittens omnibus qui ad eum venirent  
victualia, & annonam, & omnia necessaria in unum annū sufficienter & abun-  
danter daturum se eis. Quod audientes omnes, excepto toto suo exercitu de Mar-  
rocos, conuenerunt ad eum exercitus de Cumia, exercitus de Algarbe, exerci-  
tus de Gumā, exercitus de Cenbega, exercitus de Vminener, exercitus de Vi-  
nihubialgar, exercitus de Chenierne, exercitus de Hela, exercitus de Hescora,  
exercitus de Henchega, exercitus de Hargā, exercitus de Hienchegar, & de  
multis alijs terris & prouincijs, quas non possum numerare. Sed & alius exer-  
citus magnus, & sortis nimis conductus, qui venit ad eum in auxilium, sicut  
Reges multi, Rex Auzobi de Abderrahemē, Rex Azum frater eius Rex Hetic  
Aben Muza, Rex Abuzach, Rex Ismaē, & Abemjucef fratres eius, & Abder-  
ramen Rex Zuz, & Zoleima, & Aburabe Rex de Chedala, & Rex de Bugia  
Omnes isti de ultra mare naues quoque multas bellicas praparauit & onerarias  
portantes arma, & frumenta, & machinas ad soffodiendum muro, & ad transi-  
liendum eos, misit etiam literas & nuncios ad filios suos, qui erant citra mare,  
videlicet ad Abozach, qui erat Rex Sibillia, & Abdacu Abualne, qui erat Rex  
de Corduba, & Abdarrhamā Abuzcide, qui erat Rex de Cranata, & ad Gamū,  
qui erat Rex de Murcia & de Valentia, ut omnes prepararent se in prelium, &  
quo die ipse mare transnauigaret, & veniret Sibilliam, omnes pariter conueni-  
rent ad eum, & statuit illis tempus & mensem. Cumque omnia parata essent vsui  
totius exercitus de diuersis profutura, & naues praparate, & omnis exercitus  
de diuersis partibus uenerunt pariter esset conglobatus, ipse Imperator Sar-  
racenorum Emirelmunimo Iucef Abenjacob ascensis nauibus cum suo omni exer-  
citu transnauigauit mare, & venit Sibilliam, Iacob quoque Abenjucef filius  
eius qui post eum regnaturus erat, cui ipse post mortem suam relinquebat to-  
tum Imperium, venit eum eo alius filius eius Abozabz qui erat Rex, fecit &  
de Algarbio, & dominum de omnibus Arabibus venit cum eo, cumque conglo-  
bati essent omnes in Sibilia, videlicet qui venerant de ultra mare, & hi qui  
conuenerant ad eum de citra mare. Noluī ibi diutius immorari, sed statim  
struit castra, timens ne Christiani audito nunc etiam prapararent ciuitates suas  
& castella ad resistendum, noluit itaq. dare eis spatium ut muros instaurarent,  
alimenta prapararent, aut machinas edificarent, sed ueniebant valde velociter,  
veniebant autem in multitudine graui, & innumerabiles sicut stellæ Cali, &  
ultra arenam maris, quæ dinumerari non potest præ multitudine, ut ferebatur.  
Ipse Imperator Emirelmunimo resensuerat annales libros omnium Regum Sar-  
racenorum, qui fuerant ante ipsum, & uenerunt in Hispaniam ab eo tempore  
quo primitus ingressi sunt in Hispaniam, & multoties deuastarent eam, & enu-  
merato maximo exercitu illorum qui inuasert Hispaniam usque ad Alpes, ip-  
se multo maiorem secum ferebat exercitum 78. millia virorum plus secum ad-  
ducens

ducons, erat autem exercitus magnus valde, & fortis occupans montes, & val-  
les, & uniuersam superficiem terra, cuius numerum ille solus Deus dinumerare  
poterat, qui pluuia guttas potest dinumerare.

No outro  
exemplar  
se relata  
o successo  
desta guer-  
ra como  
vas na hi-  
storia

## ESCRITURA II.

Que he o testamento do Conde de Coimbra Dom Sefnando,  
& serue para confirmação do que se diz no Capitulo  
quarto do Liuro Oitauo.

**N** nomine Patris, & Filij, & Spiritus sancti. Ego Sefnandus David  
proles gratia Dei Consul Colimbriensis, complendo legem Dominicam, Liuro das  
& timendo ultimum tempus vite mea, placuit mihi prompto animo, & doações  
sana voluntate scribere, & bene discernere omnia mea, quia nullus est da se de  
qui noscat quantum in hoc mundo uiuat, vel quando de hoc seculo exeat. Sed quā- Com'ra  
do hoc feci eram destinatus cum Rege & imperatore domino meo (exaltet illum as sul. 12.  
Deus) & cum omnibus Christianis ad pugnandum paganas gentes, & non potest  
homo scire ultimum diem, sed qui antea aliquid faciat sine dubio ante Dominum  
misericordiam inuenit. Et ideo ego praedictus Sefnandus cum prona mea volun-  
tate mando, & sano animo do ad illam Ecclesiam nouam quam edificauit in Colim-  
bria pro remedio anima mea in illo loco quem vocitant Mirleos, do & concedo de  
meis uasis argenteis duas partes ad illam Ecclesiam, unde faciant frontalem, cru-  
ces, calices, & cappas, & quod de ornamento Ecclesiae fuerit, & aliam tertiam par-  
tem de illis omnibus uasis do ad meam filiam Geluiram, exceptis uasis quae ibi sunt  
de auro, sicut ad illam Ecclesiam, & non do inde ad meam filiam, & faciant inde  
unam crucem minorem de illo auro, & mittent ibi de ligno Domini, quod est in  
Sancta Maria apud Priorem illum Dominum Martinum, & sit ad illam Ecclesiam  
nostram, & consumment illam Ecclesiam edificando de meo ganato, de meas vac-  
cas, aut de meas equas, vel de quo inuenerint in mea casa, usque sit de meo con-  
summat. Et testor, & do, & concedo ad illam Ecclesiam nostram cum bono animo, &  
sana mente de meas hereditates, quas ganauit, & populaui, & edificauit in here-  
mo, & do medietatem de illa azeria de Colimbria cum suis molinis, & appresta-  
tionibus, & medietatem de villa Tentugal, qua fuit ex hereditate parentum meo-  
rum. Et postquam praesit Rex dominus Fernandus, cui sit beata requies Colimbria, Parte  
populaui ego ipsam villam, & medietatem de villa Cantonic eidem ad integrum, Cātanbe  
& in illa angustata sub Castello Sancta Eolalia duas villas ad integrum Arazet, & de  
Lamasma, & illam Almuniā, qua fuit de Domino Paterno Episcopo, cum suis  
uincis & aprestamentis, & medietatem de illis Castellis qua ego populaui Arauz  
& Penella, & illas casas de Sena cum suis apprestationibus. Et de meis acitharis  
que sunt in Colimbria, & in Monte maiore, tres do ad meam filiam Geluiram,  
& attas do ad illam Ecclesiam supranominatam. Ego Sefnandus gratia Dei Consul  
mea. Era M.C.XXV. meam scripsi, & roborauit prompto animo, & sana mente pro remedio anima

Martinus Prior conf.  
Petrus Abbas.  
Mendus Valdemiriz.  
Gonsalvus Venegas.  
Ioannes Gansendiz.

Ego Patrinus Episcopus.  
Aluarius Telliz.  
Dominus Belide.  
Odorius Telliz.  
Pelagius Heriz.

ESCRI-



## ESCRITURA III.

Que he hũa constituição que fez o Conde Dom Sisenando ao Bispo  
Dom Paterno sobre cousas pertencentes á Igreja de Coimbra,  
& a viuerem os Conegos em communidade. Serue pera  
se prouar o que se tratou no quarto, & quin-  
to Capitulo do liuro Oitauo.

Liuro das  
doações da  
Sê de Co-  
imbra ás  
fol. 9.



*VB nomine sanctæ, & indiuiduæ Trinitatis Patris, & Filij, & Spiritus Sancti. Audiant presentes, & futuri verba relationis huiusmodi. Nam transactis temporibus Deus Omnipotens elegit Regem Dominum Fernandum Catholicum Christianorum protectorem, qui consurgens eius adiutorio cepit non paucas ciuitates, atque oppida in omnibus finibus Regni sui, à paganis auferens, & Christianis hominibus concedens. Deinde obsedit Colimbriam ciuitatem cum consilio Domni Sisenandi Consul, qui antea honorifice in vrbe Hispali morabatur, & sublimis habebatur, cepitque suprafatus Rex Colimbriam presente iam dicto consule Sisenando, & dedit eam illi, tribuitq; ei potestatem dandi, & auferendi, atque iudicandi, & omnia ordinandi secundum suam voluntatem. Deinde Rex prædictus reuersus est ad locum sancti Iacobi orationis causa, & inuenit Donum Patrinum Episcopum venientem ad se missum à Rege Cesaraugusta urbis, qui suprafatus Episcopus eo tempore Tortuosana urbis Sedem tenebat, sed propter societatem paganorum officium & ordinem suum minime adimplere valebat. Rogauitque eum Rex præfatus cum supradicto Domino Sisenando Consule ut veniret Colimbr. & moraretur ibi. Spondit autem Episcopus venire, sed in diebus ipsius Regis non venit, quia cito mortuus prædictus Rex, cui beata sit requies. Deinde successit Dominus Adefonsus Rex in Regno patris sui, qui valde dilexit Consulem Sisenandum prædictum, & confirmauit ei omnia quæ suus pater ei dederat, insuper & multa ei addidit. Postea Episcopus prædictus vocatus à Consule, & Rege prædicto, venit Colimbriam, in qua omnem Episcopatum cum omni diocesi accepit, qui simul cum consule prædicto pueros nutrit, & eos docuit in Sede Episcopali Sanctæ Mariæ prædictæ ciuitatis, atque ad ordinem presbiterij applicauit, & ordinauit eos communiter habitare secundum regulam Sancti Augustini. Deinceps placuit prædicto Consuli, nec non & Pontifici studium eorum quod habebant in ordinibus tenendis, & domibus edificandis secundum possibilitatem eorum, fecerunt ei testamenti cartam, ut habitarent in supradicto loco, & possiderent eum, & ut non præponatur eis alius dominator, sed ex eis eligatur semper præpositus sub regimine Episcopi, secundum quod rectum est. Quamobrem ego suprafatus Consul Sisenandus una cum Pontifice Domino Patruino, sub gratia Dei, & Domini nostri Regis Adefonsi, placuit nobis ut faceremus Martino Simonis filio Presbiteri, & Ero Pelai presbitero, qui & Zalema, & Ioanni presbitero, & Salomoni presbitero, & Petro Leuita, & cuiusque vobis placuerit, qui in societate vestra permanere voluerit, secundum regulam Sancti Augustini, sicut & fecimus textum scripturæ firmitatis, prædictæ Sanctæ Mariæ Colimbriæ urbis, ut habeatis, & possideatis eam omnibus diebus vitæ nostræ. Igitur & placuit nobis ambobus*

*quam*



quam omnibus vobis supranumeratis praeponere caput, & praepositum Martinum praebiterum supradictum, ut omnia quae sunt in praedicta Ecclesia, & canonica, sint in manu sua, tam de vestimentis, quam de ornamentis Ecclesiae, atque hereditatibus, siue & omne praestamen, & ipsius canonici eius & soris. Nam & ipsi clerici praenominati stent per suum arbitrium, ut liber Regula B. Augustini docet. a. & doctrinam ipsius libri secundum vestram possibilitatem adimplere studeritis, & assidue nostrorum habeatis memoriam, tam vos praenominati, quam subsequenter vestri per secula, saeculorum Amen. Igitur & ipse praedictus Martinus nihil sine consensu fratrum illius, & Episcopi audeat agere, sciendum quippe est, ut si aliquis cuiuslibet ordinis, siue sexus dissumpere voluerit quid, de quo supra Sisenandus & patrinus Episcopus diximus atque scripsimus, & sit excommunicatus, & a corpore, & sanguine Christi sit separatus, & cum Iuda traditore habeat portionem, insuper & ipsam canonicam habeat dupl. secundum praeceptum libri iudicij. Facta testamenti carta Idus Aprilis. Era M. C. XXIIII.

Scripsi, & reboravi ego Patrinus Episcopus manu mea. Ego Sisenandus praedictus Consul manu mea subscripsi, roboravi, & confirmaui.

Ego Petrus Abbas manu mea confirmaui. Menendus prator Balduini proconsul test. Gunfaluus Venegas testis. Odoarius Telliz. Ioannes Gondefindiz. Almarus Telliz. Piniolus Garcia. Gunfaluus Cidiz. Bellius Iustis. Ioannes Iustis.

Martinus supradictus praebiter qui subscripsit.

Placuit praedictis Canonicis deinceps scribere hos clericos volentes, & promittentes subijcere se eis, eo quod maiores natu erant, ut Regula docet. Hac sunt nomina. Dominicus Praebiter. Petrus Diaconus. Dominicus Subdiaconus. Zulcimen Praeb.

### ESCRITURA III.

Que he o foral que el Rey Dfonso o Sexto deu a Santarem quando aganhou. Serue para o que se diz no Cap. 6. do Livro 8.

Tirado do  
cartorio  
da Camara  
de Coimbra



Nomine Dei viui atque Redemptoris mundi, pijsissimi atque inuictissimi miseratoris, & humani generis Redemptoris filij eius Iesu Christi, ex ambobus procedens Spiritus Sanctus. Omnibus hominibus, modernis namque, & futuris loquor, & ut mansuete quae dicuntur audiat deprecor. Verba enim sunt domini nostri Imperatoris Alfonsi. Certum namque, vobis est qualiter Omnipotens Deus, non meis meritis, neque virtutibus, sed propria voluntate sicut ipse voluit, tradidit civitatem Sanctae Herenae in manibus nostris, quod incredibile ab omnibus aliquando erat, quam ego volens Christianis populare, ut in ea maximus Christi cultus honoraretur, matrisque eius Virginis Mariae, spopondi omnibus Christianis in ea habitantibus me facturum in eis consuetudinem cartae, ad honorem omnipotentis Dei, & S. Mariae Virginis, pro remedio animae meae, vel parentum meorum, sicut & facio, & per actum confirmo. Ego enim gratia Dei Imperator Alfonsus vobis omnibus Christianis in S. Herena comorantibus huiusmodi facio scripturam, ut habeatis vestras cortes, & omnes vestras hereditates iure hereditario vos, & omnis posteritas vestra. Et si aliquam gentem de quacunque parte non habueritis hereditatem, de ea aliquem hominem quemcumque volueritis, vel offeratis ea alicui monasterio, etiam de homicidio vel de quacunque calumnia seu liuore si contigerit inter vos, non pariatis plusquam quintam partem. Sed si aliquis iniuste sine aliquo facto occiderit iudicem, ita ut omnis civitas per exquisitam virtutem quod iniuste occiderit eum, pariat totam calumniam usque ad summum. Quod si causa eueniente quod non sit voluntas eius, occiderit eum, & per exquisitorem vestram quod non fuerit voluntas eius mortem illius, pariat quintam partem homicidij: qui enim furtum fecerit, pariat usque ad summum.

summū calumniā partē Regis. & illi cui fuerit furiū duplex. Illi vero qui aliquam calumniā fecerit ducatur ante maiores ciuitatis, & per exquisitā virtutē, secundū certitudinē, pariat quintā partē Regis, excepto quod cūplenerit vsque ad summū. Si autē calumniā aliquā conuincerit inter vestros homines de vestras villas proprias, omnis calumniā sit vestrā. Maurū quis occiderit, vel mortē illius celauit, per certā exquisitionē meliorū ciuitatis mittant illū homicida in potestātē Regis, vt faciat de eum secundū suam voluntatē. Adhuc autē si transmutare se quisierit aliquis ad alias terras, siue in Francia, vel in Castella, vel in quacūq; terra, habeat suā hereditatem in S. Herena tota. Et adhuc si cūparare potuerit altera, habeat ille & suos filios, vel suos nepotes, & si filios non habuerit, suos propinquos: aut si quisierit, vendat donec faciat de ea suā voluntatē. Et teneatis has hereditates laboratas, & bene populas de militibus qui seruiant domino Sācta Herena. Hoc facio vobis propter seruitiū bonū quod mihi fecistis, & adhuc facietis. Etiā & adhuc supponimus, vt si alicui dixerit occidisse Maurū, & ille se testauerit, quia nō sum factor huius criminis, alius vero dixerit, quia tu fecisti, & inter omnes exquirere non poterint veritatē, & defendere se voluerit per vnas armas, secundū hoc iudiciū etsi factor fuerit mittant illū in potestatem Regis, sicut iam dictū est superius. Mortē vero alicui si euenerit, & equum vel loricā Regis tenuerit, ante eum presentetur. Si illum nō tenuerit aliquid ab illo, & suū propriū fuerit, licitū est homini mortuo donandi cui voluerit. Omnes has vero consuetudines confirmo vobis, & omni progeniei vestre, vt sint firmissima in perpetuū. Quod si ego, aut aliquis ex meis vel extraneis hoc testamenti certitudinē, quod ego sponte decreui, destructor esse voluero, vel voluerit, quisquis fuerit propinquus, siue extraneus, à corporis, & sanguinis Dñi nostri Iesu Christi sit segregatus, & cū Iuda traditore in ima tartari sit damnatus. Amen. Hoc fœdus meū sit stabile atque aequali aeuo perenni, & secula cuncta, tam vobis quā etiā & omni progeniei vestre in perpetuū. Facta cartula est firmationis Idus Nouembris concurrente Era M. C. XXXIII. Ego Alfonso gratia Dei potestas totius orbis Esperie Imperator, hoc confirmationis factum quod libentes scribere iussi. Bernardus Toletana Sedis Archiep. conf. Comes Guterre prolis Ordonio conf. Episc. Gomice Burgensis Sedis conf. Petrus Ansuris Comes conf. Raymundus Palentina Sedis Episc. conf. Martinus Flainiz Comes con. Petrus Ep. Legionense Sedis conf. Froila Diaz Comes conf. Cresconius Colimbriense Sedis Episc. conf. Nunus Velasqui Comes conf. Gunfaluus Nuniz conf. Fernandus Raymundo conf.

## ESCRITURA V.

Que he a entrega que fez o Monge Cresconio de si, & de seus bês ao Mosteiro de Arouca. Serue pera prouar o que se diz no Capitulo Settimo do Livro oitauo.

Cartorio  
de Arou-  
ca cader-  
no da idoa  
fols n. 7<sup>a</sup>



*N* nomine Dñi nostri Iesu Christi. Dubiū non est enim, sed multū mihi plene cognatus manet in veritate, ob inde ergo frater Cresconius placuit mihi aīto animo, & prōpta mea mente, & voto meo cōplente vt facerem textū scripturæ firmitatis, sicut & facio de meo corpore, & de mea ōnia re ad vobis Abba D. Godinus, & à fratribus qui sunt habitantes in Monasterio S. Petri de Arauca abrenūtio me, & do, & cōcedo mea hereditate que habeo in villa Moldes de parte de meo patre: Moqueime in loco pradicto in casal q̄ dicet de Quedino de ipsa hereditate de meo patre medietate integra, & in villa Romarisi hereditate, quos venit mihi de mea matre nomine Lonesenda, & habui illa hereditate de patre

pâtre suo Erigo, & venit a me inde quarta integ. & ibi adiicimus alia hereditate in villa Fiquereto de portione quo fuit de Moqueime Cresconici, medietate integra, cū quantū in se cōtinet & ad prastitū hominis est, ubi illa potuistis inuenire, damus ipsas hereditates qua iam nominauimus cū quantū in se obtinent, & ad prastitum hominis est, in montes, in fontes, in villas, in exitus accessū vel ingressū ubi illas potueritis inuenire, & habent ipsas villas iacentia in territorio Arauca subtus mons fuste, & Serra sicca discurrente ribulo Molues a Pauiola, & Romaria ab Alarda, do & concedo ipsum qui iam diximus ad vobis porq̃ me curiares in vita mea, & ad meas infirmitates vsque ad obitū meū, qui habeatis me firmiter, & omnia mea rē iuriquietū sub Christi Dci nomine habeatis potestatem. Et si aliquis homo venerit vel venerimus ad interrūpendū factū nostrū, quantū interrūperit tantū duple & insuperinducato a qui illa terra imperauerit, & insuper aurī talenta, & sedeat excommunicato, & cū Iuda traditore ab ea participiat in eterna damnatione. Obinde ergo Cresconius facta scriptura firmitatis die erit viij. Kal. Maias. E. M. XX. Ego Cresconius in hūc scriptura manu mea reborauī. Gaunus conf. Loueredus cōf. Iustus conf. Teudia conf. Adefonsus presb. conf. Sisnandus Epīf. conf. Godesindus Epīf. conf. Erus subdiaconus conf. Ederomias conf. Menendus protonot. notauit.

isset erat  
Bispos ti-  
culares.

## ESCRITURA VI.

Que he doação feita pello Bispo de Coimbra D. Cresconio ao mosteiro de Arouca dos bés que foraõ de Gauino Froilaz. Serue pera confirmar o que se ha dito no Capitulo settimo do Liuro oitauo.

**I**N nomine Domini nostri Iesu Christi, in honorem Sanctorum Apostolorum Petri, & Pauli, quorum basilica fundata est in Arauca inter duos montes Fuste, & Serra sicca discurrente ribulo Alarda in Villa que vocatur Sancto Petro. Ego famulo Dei Cresconius Colimbriens. Sedis Episcopus, placuit mihi ut aliquod munus de proprijs rebus meis altari vestro concederē. Ita & dono hereditate mea propria qua habeo in Arauca ad locū supradictū monasterio Sancti Petri, & tibi Gudinus Prior, & fratribus qui ibi Deo seruierint, ut pro me, & pro anime Gauino Froilaz. Deo memores sint semper. Et habeo ego ipsa hereditate de parte de ipso Gauino Froilaz, qui dedit mihi ea ad obitum suum per scriptura firmitatis, & corā idoneis testibus in loco supradicto monasterio Sancti Petri Arauca ubi corpus eius sepultus est. Omnis hereditas illius & rebus in potestate & arbitrio meo ad obitū suū dedit. Et ego ex propria mea voluntate pro remedio anime mea, & de ipso dño Gauino facio testamentū ad Sancti Petri de omni hereditate que ipse dño Gauino habuit in Arauca inter Durio & Fuste monte, inter ribulo Pauia & villa Flauī, in villa Tempezo, in villa Ribulo Mollites, in villa de Foste, & in villa Ficeilanis, & in villa Gondemari, & in S. Stephano de Ribulo Mollides, & in villa Canellas, & in S. Martino de Spelunca, & in S. Cruce de Aluarenga. Omnia hereditate que in ipsas villas dño Gauino habuit, vel in ipsas Ecclesias possedit: ad integrū ad monasteriū supradictū S. Petri Arauca concedo, & omnibus rebus quidquid in ipsas hereditates fratribus de ipso monasterio inuenerint, exceptis si in vita mea aliquid de fructu villarū panē & vinū voluerim expendere, per manus fratrum accipiam ad obitū quoq̃ meū, ad omnia que dixi ad integrum cum omnibus suis rebus & ad rationibus per dignum testamentū ad ipsū

Cartorio  
de Arouca  
ca cader-  
no da dona-  
ção n. 91

supradictum Monasteriū, & fratribus ibi habitantibus concedo, ut ibi pro remedio anime mee, & ipsius Dñi Gauino sit per omnia seruendū. Alia autem hereditate qua de ipso Dñi Gauino fuit, & mihi relinquit, qua iacet in Aluarenga, & inter Durio, & Tamica, facio inde testamentū firmissimū ad monasteriū S. Iohannis qui est sū datū inter Durio & Tamica pro remedio animarū nostrarū, quod & adiuratione confirmo per indiuiduā Trinitatē: ut contra hunc factum, & votū meum ad interrumpendū venturus non ero. Quod si aliquis homo de propinquis, vel de externis de qualibet persona venerit maior vel minor qui hoc testamentū interrumpere rep- tauerit, imprimis sit excommunicatus à caro & sanguinis dñi nostri Iesu Christi, & cū Iuda traditore luceat penas in aeterna damnatione. Et insuper damna secularia quantum de isto testamento usurpauerit tantum ad partem monasterio dicto pariat duplatū, & triplatū, & duo auri talenta, & ad partē Regis vel Comes qui terra illa imperauerit alio tantū exsoluat, & indicatū testamentū istū firmā semper obtineat roborē. Facta series testamenti 4. Idus Augusti, E.M.C. XXXII. regnante Rex Alfonso in Toletis, in Colimbria Comes Raymundus genero Regi Adelfonso. Ipse D. Cresconius Episcopus in Sedis Colimbria mandante Arauca Martino Moriz, & Iudex Iusto Dominguez. Ego Cresconius Episcopus in hoc testamento quod fieri iussi verbis confirmari manu roborari. **H**uius, qui presentes fuerunt. Iustus Iudex conf. Sandinus presb. conf. Arias presb. conf. Petrus presb. conf. Oneca Ermigiz conf. Trudilo Froilaz conf. Alomo Venegis conf. Iohannes prolis Arias conf. Godesināus Monachus conf. Fredenāus Episcopus conf. pro test. Froila test. Gundisalvus test. Arias test. Godinus Episcopus scripsit.

## ESCRITURA VII.

Que he hũa carta do Infante D. Henrique tio & tutor del Rey de Castella para el Rey D. Dinis, porque lhe promete, & se obriga que lhe faça entregar as villas de Moura, & Serpa, & os lugares de Aroche & de Aracena. Serue pera confirmar o que se diz no capitulo 10. & 11. do Liuro oitauo.

Torre do  
Tôbo liu.  
3. dos di-  
reitos Re-  
aes fol. 138



Onoscan quantos esta carta vieren, y lex oieren, q̃ yo Infante D. Henrique fillo do mui nobre Rey D. Fernando, & tutor del mui nobre Rey D. Fernando mio sobriño Rey de Castilla, y de Leon, fiço del mui noble Rey D. Sancho, entendiendo, y sabiendo por verddade q̃ los Castillos, y las Villas de Mora, de Serpa, de Aroche, de Aracena forom, y de derecho deuen ser del señorio del Reino de Portugal, & que forom è som ende alienados muy sem razon, prometto è fago tal preito a vos muy noble Rey D. Dinis Rey de Portugal, è del Algarue, q̃ vos faga dar è entregar fasta dez dias andados del mes de Ottobre primero que ven los Castillos, e las villas de Mora e Serpa con sus terminos derechos quales hauian quando eran del señorio de Portugal, e que vos faga ende dar cartas, e firmidumbre de otorgamiento del sobredicho D. Fernando Rey de Castella, e de Leon, e de la Rcina D. Maria su madre las mas firmes que pudierèn ser. Otrofi vos prometo, & fago preito, q̃ vos faga dar, e entregar los Castillos, y las villas de Aroche, e Aracena con todos sus terminos derechos, quales auian quando eran del señorio de Portugal, desde dia de S. Miguel de Settiembre primero q̃ vien fasta dizocho meses, è q̃ vos faga dar, e entregar fasta estar cambio por essos Castillos, y Villas de Aroche y Aracena carta de vuestra terrada q̃ vos aiades pagado, e q̃ vos faga

vos faga ende dar cartas de firmitud, y de otorgamiento del dicho Rey Don Fernando, y de la Reyna Doña Maria su madre las mas firmes que pudieren ser, & daqui fasta el tiempo que aiades ende la entregue que vos faga dar cada anno tres mil maravedis por la renda deffos castillos, y villas de Aroche, y de Aracena. Orosi vos prometto, q̄ sobre aquellos terminos sobre que era contienda entre vos, y el Rey D. Sancho, q̄ faga que se metan hi homes buenos de la una parte, y de la otra, q̄ soban la verdate como fue usado em tiempo del Rey D. Fernando mio padre, & q̄ em aq̄lla guiza se demarque, y q̄ aya cada vno su derecho. E fago menage a vos Rey D. Dinis, e juro sobre los santos Evangelios, q̄ vos faga cumplir & guardar todas estas cosas sobredichas, y cada una dellas, & se se esto nom cõpriße, fagouos menage que me pare com vosco, e vos ayude con vassalos, y cõ amigos, y cõ consejos, y cõ todos los otros q̄ por mim ham de fazer, fasta q̄ todas estas cosas seam cõpridas, e se non que fique perende en pena de traçon, como aquel q̄ trae Castillo, ò mata senhor, e todo isto deue fazer a buena se lo mejor, y mas derechamente que puder. E porq̄ esto sea mas firme, doi a vos Rey D. Dinis esta mi carta sellada cõ mio sello, fecha en la Goarda seis dias de Settembro, Era de mil è trezientos e trinta è tres años.

### ESCRITURA VIII.

Que he hũa carta del Rey de Castilla, por que manda entregar os Castellos de Moura, & Serpa, por serem da jurisdicção deste Reyno. Serue pera a mesma confirmação.

**D**ON Fernando por la gracia de Dios Rey de Castilla, y de Toledo, de Leon, de Galiza, de Seuilla, de Cordoua, de Murcia, de Iacn, del Algar- Torre do  
ue, y señor de Molina, a los consejos, y a los Alcaldes de Mora, y Serpa Tõbo no  
salud, y gracia. Sepades que yo por autoridade, e por otorgamiento de la mesmo li.  
Reina D. Maria mi madre, y del Infante D. Henrique mio tio, y mio tu- dos direi-  
tor, y guarda de los mios Reynos, y por consejo de los homes buenos de la mia terra los Reaes  
mande, y mando a Estevan Peres Alcalde de los Castillos deffas villas, o a aquellos fol. 138  
q̄ los tienen en su lugar que entregen luego esos Castillos a Ioan Rodrigues, Portero del Rey de Portugal, en tal guiza que los pueda entregar a Nuno Fernandez Cauallero. E esto fago porq̄ falle q̄ esas Villas è Castillos son, y deuen ser de derecho del señorio de Portugal, è porende quitome deffas villas, & castillos de Mora, y de Serpa, y de todo el derecho q̄ yo hi auia, è de derecho deuia hauer per qual raxon quier, è pongolo todo en el Rey de Portugal, e en sus successores, è en el su senhorio, y quito a vos el omenage q̄ fizestes al Rey D. Alfonso mi abuelo, y al Rey D. Sancho mi padre, y a mi deffas villas, y castillos, y mandouos que recèbades a el Rey de Portugal y sus successores por Rey, y por señor, y les agoardedes senhorio, y les respondades daqui adelante de todo los derechos q̄ deucdes a respõder a Rey, è a señor. Y si lo assi no fizerdes, mado q̄ caiades en aq̄lla pena q̄ caen aq̄llos q̄ menguan senhorio a señor de villas, y de castillos. E yo Infante D. Henrique de susodicho tutor del dicho Rey D. Fernando, è guarda de los sus Reynos, por el poder q̄ yo he de tutor otorgo è confirmo todas las cosas de susodichas, è cada una dellas, e porq̄ esto sea firme, è mas estable, è nõ venga en dubda, nos el sobredicho Rey D. Fernando, y la Reina D. Maria, è yo Infante D. Henrique, tutor del dicho Rey D. Fernando, y guarda de sus Reynos mandamos sellar esta carta con nuestros sellos colgados. Dada en Cibdad Rodrigo 20. dias de Ottobre, Era de 1333. años. Gutier Ximenes la mandò fazer per mādado del Rey, y de la Reina, y del Infante D. Henrique tutor del dicho Rey D. Fernando. Yo Ioan Martinez la fiz escriuir.

## E S C R I T V R A IX.

Que he hũa composiçãõ, & conuença entre os Reys Dom Dinis de Portugal, & el Rey D. Fernando o Quarto de Castella, porque o dito Rey Dom Fernando deu a el Rey Dom Dinis as villas, de Oliuença, Campo maior, S. Felices de Gallegos, & Ouguella com todos seus termos, pellas villas de Arouce, & Aracena, &c. Serue pera o que se diz no capitulo decimo, & vn-  
decimo do Oitauo liuro, como as conquistas de Portugal naõ foraõ limitadas.

Torre do  
Tubo lin.  
3. dos di-  
reitos Re-  
aes fol. 150



*En el nombre de Dios Amen. Sepan quantos esta carta vieren, y le-  
oieren, que como fosse contienda sobre villas, y Castillos, y terminos e  
partimieutos y posturas y pleitos entre nos Don Fernando por la gracia  
de Dios Rey de Castilla, de Leon, de Toledo, de Galizia, de Seuilla, de  
Cordona, de Murcia de Iaen, del Algarbe, y señor de Molina, de la  
una parte, y D. Diniz por la gracia de Dios, Rey de Portugal, y del Algarbe de la  
otra, y por razon destas contiendas de susodichas naciesen entre nos muchas guer-  
ras, y omezillos, e excessos en tal manera, que las nuestras tierras de ambos fue-  
ron muchas robadas, y quemadas, y estragadas, en que se fizo hi mucho pezar a  
Dios por muerte de muchos homes. Viendo, y guardando que si adelante fuesse estas  
guerras, y estas discordias, que estaua la nuestra tierra de ambos en punto de se  
perder por los nuestros peccados, y de venir a manos de los inimigos de la nuestra  
Fe. A la cima por partir tan gran deservicio de Dios, y de la santa Iglesia de Roma  
nuestra madre, y tan grandes daños, y perdidas nuestras, y de la Christiandad, y  
por ajuntar paz, y amor, y gran seruicio de Dios, y de la Iglesia de Roma. Yo el  
Rey D. Fernando el sobredicho con consejo, e otorgamiento, y por autoridad de la  
Reina D. Maria mi madre, y del Infante D. Henrique mio tio, y mio tutor, y guar-  
da de mios Reynos, y de los Infantes D. Pedro, y D. Felipe mios hermanos, y de D.  
Diogo de Haro señor de Biscaia, y de D. Sancho fijo del Infante D. Pedro, & de D.  
Ioan Obispo de Tui, y de D. Ioan Fernandes, adelantado maior de Galizia, y de D.  
Fernan Fernandez de Lima, y de D. Pedro Ponce, & de D. Garcia Fernandes de  
Villamaior, y de D. Afonso Perez de Gusman, y de D. Fernan Peres Mestre de  
Alcantara, y de D. Estuan Peres, y de D. Tello Iusticia maior de mi casa, y de otros  
Ricos homes, y homes buenos de mios Reynos, y de la Hermandad de Castilla, y de  
Leon, y de los consejos deffos Reynos, y de mi Corte. Yo el Rey D. Dinis de suso-  
dicho cõ consejo, y otorgamiento de la Reyna D. Isabel mi muger, y del Infante Don  
Alfonso mio hermano, y de Don Martino Arcobispo de Braga, y de Don Ioan Obispo  
de Lisbona, y de D. Sancho Obispo del Puerto, y de Don Valasco Obispo de Lamego,  
y de los maestros del Temple y de Auis, y de D. Ioan Alfonso mio Mayordomo mayor  
señor de Albuquerque, y de D. Martin Gil mio Alferrez, y de D. Ioan Rodriguez de  
Britteiros, y de D. Perianes Portel, y de Lorenzo Soares de Valladares, y de Mar-  
tin Alfonso, y de Ioan Fernandez de Limia, y de Ioanne Mendez, y de Fernan Pe-  
rez de Barboza mios Ricos homes, y de Ioan Simhon Merino maior de mi casa, y  
de los*

de los Consejos de mis Reynos, y de mi Corte, oñemos acordio de nos auenirmos, y fazer aueniencia en nos en esta manera que se segue. S. Que yo Rey D. Fernando sobredicho entendiendo, y conociendo, que los Castillos, y las villas de tierra de Aroche, & de Aracena con todos sus terminos, y con todos sus derechos, y con todas sus pertinencias, que eran de derecho del Reyno de Portugal, y de su señorio, y que los ouo el Rey Don Alfonso mio abuelo del Rey D. Alfonso vuestro padre contra su voluntad, siendo estos lugares de derecho del Rey Don Alfonso vuestro padre, è quo otro si los tuiera el Rey Don Sancho mio padre, y yo. E por esso quize conuiesco en Cibdad Rodrigo que vos diciste, & vos entregasse essas villas, & esses castillos, è cambio por ellos apar de los vuestros Reynos de que vos pagassedes desde dia de S. Miguel que passo de la Era de 1334. años fasta seis meses, è porque volo así non cumpli, douos por essas villas, por esos castillos, & por los sus terminos, & por los frutos dellos que ende ouiemos mio abuelo el Rey Don Alfonso, y mio padre el Rey Don Sancho, y yo otro si fasta o dia de oy. s. Oliuença, y Campo maior, que sam a par de Badajoz, & S. Felizes de los Gallegos con todas sus terminos, y con todos sus derechos, y con todas sus pertinencias, y con todo señorio, y jurisdicion Real que aiades vos, & vuestros successores por herdamiento para siempre tambien la possession, como la propiedad, y tuelgo de mi, y del señorio de los Reynos de Castilla, y de Leon los dichos lugares, y todo el derecho que yo hi he, y denia hauer, y douoslo, è pongolo en vos, & en vuestros successores, e en el señorio del Reyno de Portugal para siempre. Y otro si meto en vuestro señorio, y de todos los vuestros successores, y del Reyno de Portugal para siempre el lugar que dizen Ouguela, que es cabe Campo maior de susodicho con todos sus terminos, y con todos sus derechos, y con todas sus pertinencias, y do a vos y a todos vuestros successores, y al señorio de Portugal toda la jurdicion, y el derecho y señorio Real que yo he, è deno hauer de derecho en el dicho lugar de Hogela, y tuelgo de mi y del señorio de Castilla, y de Leon, y pongolo en vos, y en todos vuestros successores, y en el señorio del Reino de Portugal para siempre, salvo el señorio, y los derechos, y las herdades, y las Iglesias deste lugar de Hogela, que las aya el Obispo, y la Iglesia de Badajoz; e todas las otras cosas que ane en este lugar, segundo que alas ouieron fasta aqui. E todas estas cosas de susodichas vos fago, porque vos quitedes de los dichos castillos, y villas de Aroche y Aracena, y de sus terminos, y de los frutos que ende ouiemos el Rey D. Alfonso mio abuelo, el Rey Don Sancho mio padre, y yo. Y otro si yo el Rey Don Fernando entendiendo, y conociendo que vos auades derecho en algunos lugares de los castillos, y villas de Sabugal, è de Alfaiates, è de Castel Rodrigo, e de Villar maior, è de Castelbueno, y de Almeida, è de Castelmilhor, è de Monforte, & de los otros lugares de Riba de Coa, que vos Rey Don Dinis tenedes agora en vuestra mano. E porque me vos partides del derecho que hauades en valencia, è en Ferrera, è no Sparregal que agora tiene la orden de Alcantara a su mano, y que auades en Aiamonte, y en otros lugares de los Reynos de Leon, y de Gallizia, y otro si, porque me vos partides de las demandas que me faziades sobre razon de los terminos que son entre el mio señorio, y el vuestro, por esso me vos parto de los dichos Castillos, è villas, è lugares de Sabugal, è de Alfaiates, è de Castel Rodrigo, è de Villar maior, è de Castelbueno, è de Almeida, e de Castelmilhor, è de Monforte, è de los otros lugares de Riba de Coa que agora vos tenedes en vuestra mano con todos sus terminos, y derechos, e pertinencias, & partome de toda a demanda que yo he, o podria hauer contra vos, è contra vuestros successores por razon destos lugares sobredichos, è de Riba de Coa, è de cada uno dellos. Y otro si me parto de todo el derecho, o



jurisdiction, y señorio Real tambien en posesion como en propiedad, como en otra manera qualquier que yo hauiá, y tuégo de mi, y de los míos successores, y del señorio de los Reynos de Castilla, y de Leon, y pongolo en vos, è en vuestros successores, è en el señorio del Reyno de Portugal para siempre. E mando, è otorgo, que se por aventura algunos priuilegios, ò cartas, ò estrómentos parecerem, que fuessem fechos entre los Reys de Castilla, y de Leon, y los Reys de Portugal sobre estos lugares sobredichos de aueniencias, ò de posturas, ò demarcamentos, & en otra manera qualquier sobre estos lugares que seiam contra vos, o contra vuestros successores, ò en vuestro daño, ò en daño del señorio del Reyno de Portugal, que daqui adelante non valan, ni teñan ni ajam firmidumbre, ni me pueda ajudar dellas yo nin míos successores, y renocolos todos para siempre. Y yo el Rey D. Dinis de susodicho por Olinçga, y por Campo maior, y por S. Feliz de los Gallegos que vos a mi dades, e por Ouguela que metedes en el mio señorio, segundo sobredicho es, partome vos de los Castillos, y de las villas de Aroche, y de Aracena, y de todos sus terminos, y de todos sus derechos, y de todas sus pertinencias, y de toda la demanda que yo he o podria auer contra vos, o contra los vuestros successores por razon de estos lugares sobredichos, e de cada vno dellos, ò de los frutos dellos que el Rey Don Alfonso nuestro abuelo, è el Rey D. Sancho vuestro padre, e vos ouiestes, e recebiestes de estos lugares, è do a vos, è a vuestros successores, e del señorio del Reino de Portugal, è pongolo en vos è en vuestros successores, è en el señorio del Reyno de Castilla, e de Leon para siempre. Otro si yo el Rey D. Dinis de susodicho, porque me vos quitades de los Castillos, y de las villas de Sabugal, è de Alfaiates, è de Castel Rodrigo, e de Villamaior, è de Castelbuero, è de Almeida, è de Castelmilhor, è de Monforte, è de todos los otros lugares de Riba de Coa con sus terminos que yo agora tengo a mi mano assi como de susodicho es, quitemouos, è partimonos de todo el derecho que yo he en València, y en Ferrera, & no Esparregal, è en Ayamonte. Otro si me vos parto de todas las demandas que yo he, o podria hauer contra vos en todos los otros lugares de todos los vuestros Reynos en qual maneira quier. Otro si me vos parto de todas las demandas que yo auia contra vos por razon de los terminos que son entre el mio señorio, y el vuestro sobre que era contienda. Y yo el Rey D. Fernando de susodicho por mi, y por todos míos successores con consejo, è con otorgamiento, y por autoridad de la Reyna D. Maria mi madre, y del Infante D. Henrique mio tio, è mio tutor, è guarda de míos Reynos, prometto a buena fe, y juro sobre los santos Evangelios, sobre los quales puse mis manos, è fago omenage a vos Rey D. Dinis a tener, e a cumplir, è a guardar todas estas cosas de susodichas, è cada vna dellas para siempre, e de nunca venir contra ellas por mi ni por otre de fecho, ni de dicho, ni de consejo. E se lo assi no fizier, que fique por perjuro, e por traidor, como quien mata señor, e trae Castillo. E nos Reyna D. Maria, y el Infante D. Henrique de susodichos otorgamos todas estas cosas, y a cada vna dellas, y damos poder, y autoridad al Rey D. Fernando para fazerlas, y promettemos en buena fe por nos, y por el dicho Rey D. Fernando, y juramos sobre los santos Evangelios, sobre los quales pusimos nuestras manos, e fazemos omenage a vos Rey D. Dinis, que el Rey D. Fernando, e nos tengamos, e cumplamos, e guardemos, e fagamos tener, e cumplir, e guardar todas las cosas sobredichas, e cada vna dellas para siempre, e de nunca venir contra ellas ni por nos, ni por otre de fecho, ni de dicho, ni de consello, y si lo assi no fiziessemos, que fiquemos por perjuros, y por traidor como quien mata señor, e trae Castillo. E yo Rey D. Dinis por mi, y por la Reyna D. Isabel mi muger, y por el Infante D. Alfonso mio fijo primero, y heredero, y por todos míos successores prometto a buena fe, y juro sobre



sobre los santos Evangelios, sobre los quales pongo mis manos, e fago omenage a vos Rey Dom Fernando por vos, e por vuestros sucesores, e a vos Reina D. Maria, e a vos Infante D. Henrique de tener, y guardar, y cumplir todas estas cosas de susodichas, e cada una dellas para siempre, e de nunca venir contra ellas ni por mi, ni por otre de fecho, ni de dicho ni de consello. Y si lo asi no fizere, que fiquen por perjurio, e por traidor, como que mata señor, e trae Castillo. Y porque todas estas cosas sean mas firmes, y mas ciertas, e non puedan venir en dubda, fiziemos ende fazer dos cartas en un tenor, tal la una como la otra selladas con nuestros sellos de plomo de nos ambos los Reyes, y de los sellos de las Reinas de susodichas, y del Infante D. Henrique, y en testimonio de verdad, de las quales cartas cada vnos de nos Reyes deucmos de tener señas. Fecha en Alcañizes jucues doze dias del mes de Settiembre, Era de mil e trezientos e treinta e cinco annos.

## ESCRITURA X.

Que he hũa doação del Rey Dom Afonso o Sabio a sua filha Dona Brittes das villas de Moura, & Serpa. Serue pera o que se diz no Capitulo vndecimo do Livro oitauo, sobre o direito com que Portugal ouue a villa de Moura.



Orque (segun dize el Sabio) la amiziad verdadera mas cumplidamente se prucua en el tiempo de la coita que en otra sazon, y aquel es verdadero amigo, que ama en todo tiempo. Sepan quantos este privilegio vieren y oieren, como nos Rey Don Alfonso por la gracia de Dios reynar en Castiella, en Leon, en Toledo, en Galizia, en Sevilla, en Gordova, en Murcia, en Iacn, e en el Algarbe. Catando el grande amor, y deudadero q' nos teniamos en nuestra fija la mucho honrada D. Beatriz por essa misma gracia Rey de Portugal, y del Algarbe, y la lealtad que siempre mostro contra nos, y de como nos fue obediente, y mandada en todas cosas como buena fija y leal deue ser a parte y selladamente, porque a la sazon que los otros nuestros fijos, a la mayor partida de los homes de nuestra tierra se alçaron contra nos por cosas que le dixieron, y les fizieron entender como no eran, el qual alçamiento fue contra Dios, y contra derecho, y contra razon, y contra fuero, y contra señorío natural. Y atiendo ella esto, y conociendolo q' ellos desconocieron desampararon fijos, y heredamientos, e todas las otras cosas que hauiamos, y vino padecer aquello que nos padecemos, por a biuir y morir con nosco. Y como quier que ella mercede todo aquel bien que nos fazer le iudicamos. Pero porque luego tan cumplidamente no lo podemos fazer como nos quiriemos daquello que nos finco, y tenemos en nuestro poder, damosle por heredad luego por en todos los dias de su vida las nuestras villas Moura, y Serpia, e Nodar, e Moron con sus castillos, e con todos los otros logares, que son sus terminos, assi como los nos agora auemos, que los aya ella con todas las rentas, y los derechos para servirse dello para toda la su vida, y despues de su muerte, que finque a aquel que nos heredamos en el Reyno de Sevilla, e retenemos pera nos moneda, e justicia, e jantar, e minieras, si las hi a, o las ouiere daqui adelante. Onde Rogamos, e mandamos a los consejos de Moura, e de Serpia, e de nodar, e de Moron a todos los otros consejos de sus terminos,

Torre do  
Tombo li-  
uro 4. das  
direitos  
Reais fol.  
114.

terminos, e conjurámoslos por el debdo de naturaleza que á nós conuusco, e por la lealtad que siempre fizieron e nos deuen fazer, que recudan ellos, e sean teñudos de fazer recodir bien e cumplidamente daqui adelante en todas las rentas, e con todos los derechos q̄ son en sus logares a nuestra fija la Reina sobredicha, o a quien ella mandare en toda su vida, & que ella, o aquellos que tuuieren por ella las villas sobredichas, e castillos de Mora, e de Serpia, e de Nodar, e de Moron, & de todos los otros lugares de sus terminos que fagan ende guerra e paz por nos, o por aquel que heredare el Reino de Senilla, así como sobredicho es. E outrossi mandamos a aquel que heredare el Reino de Senilla, y suere, y Rey por nuestro mandado, que agoarde a nuestra fija la Reina sobredicha todas estas cosas de susodichas en este priuilegio en toda su vida, &c.

Depois lança maldição a quem contrariar isto, & pede ao Papa o confirme.

Fecho el priuilegio en Senilla Iueves 4. dias andados del mez de Março en Era de mil trezientos e vinte y vn año.

El Infante D. Iaimés conf.

Pedro Rodrigues de Villegas Repostero mayor del Rey.

D. Remondo Arçobispo de Senilla conf.

La Iglesia de Santiago vaga.

Lope Alfonso Portero mayor del Rey en el Reyno de Castilla.

D. Frai Aymar electo de Auila.

La Iglesia de Plasencia vaga.

D. Ioan Alfonso de Haro.

Diego Alfonso tesorero del Rey.

D. Gutier Suares de Mirates.

D. Gonçalíanes fijo de D. Iuan Alfonso.

D. Garcí Gutierrez.

Alfonso Fernandez sobrino del Rey, y su Maiordomo.

Alfonso Perez de Gusman.

Pedro Suares.

Tel Gutierrez Justicia de la casa del Rey.

Garcí Iofre Copero mayor del Rey.

Don Fredolo Obispo de Ouedo.

La Iglesia de Salamanca vaga.

La Iglesia de Orense vaga.

La Iglesia de Lugo vaga.

La Iglesia de Mondoñedo vaga.

Don Suero Obispo de Cadiz.

Don Fernando Peres Ponf.

Don Martin Gil.

Suero Peres de Barrosa.

D. Garcí Fernandez Maestro de la Orden de Alcantara.

Don Ioan Fernandez Maestro de la Orden del Temple.

Garcí Fernandez de Sencbria Portero mayor del Rey en el Reyno de Leon.

Pelai Peres Chanciller del Rey en Castilla, y en Leon, y Abbad de Valladolid.

Pellai Perez. To Millan Peres de Aellon lo fiz escrivir por mandado del Rey en treinta y vn año, q̄ el Rey sobredicho regno.

## ESCRITURA XI.

Que heo foral dado pello Conde D. Henrique à Cidade de Coimbra. Serue para o que se diz no Liuro oitauo capitulo 24.

Tirada do  
cartorio  
da Cama-  
ra de Co-  
imbra,



N Dei nomine placuit mihi Comiti Henrico, & uxori mea Tharasia Regis Domni Alfonsi filia, vobis qui Colimbria estis maioribus, & iunioribus cuiuscunque sitis in ea morantibus Kartam facere firmitatis vobis, & filijs vestris, & progenijs, de stabilitate vestra, & foro, atque seruitio nunquam faciatis vobis senaram, & de preda de fossato non detis nobis plus quam quintam partem, & azaga,

azaga, & vobis remaneant duas, & de azena nobis quintam partem, vobis quatuor absque vlla alcaidaria, si quis emerit vincam à tributario sit libera, & si acceperit prius ad iugum uxorem tributarij, omnem hereditatem quam habuerit sit libera, & tributarius si potuerit esse miles, habeat morem militum. Milites qui iugarios potuerint habere in hereditate sua quam habuerint intus Colimbria, vel extra, tam in villis, quam in munitionibus, habeant illos libera in suo seruitio, & non introeat vias rapinam vel homicidium. Et si aliquis militum venerit in senectute ut non possit militare, quandiu vixerit sit in honore militum, & si miles obierit, uxor quæ remanserit sit honorata ut in diebus mariti sui, & nullus eam, vel filiam alicui accipiat in coniugem sine voluntate sua, & parentum suorum, non eat domum alicui sigillari, sed si aliquis fecerit aliquid illicitum veniat in concilium, & iudicium recte. Iudex, & Alcaido sint vobis ex naturalibus Colimbria, & sint positi sine offretione. Clerici Colimbria habeant morem & honorem militum in vineis & terris & domibus: & si alicui militum obierit equus, & non potuerit emergere alterum, debemus eidare, & si non dederimus esset honoratus donec possit habere unde emat. Insanzom non habeat in Colimbria domum vel vincam, nisi qui voluerit habitare vobiscum, & seruire sicuti vos. In illas azenias nō detis plus quam quartam decimam partem sine offretione. Pedites de ratione quam solebant dare dent medietatem. Per quartano de sexdecim alqueires siue brachio posito & tabula de lino & vino dent octauam partem. In lagaradiga de vino de quinque quinales inferius. dent almude, & si supersuerit dent quariam sine vlla offretione & jantar. Nullus milles extraneus introeat domum alicui sine voluntate domus domini. Si aliquis laborator habuerit munitionem, non faciat eum aliquod fiscum. Almoqueire faciant unum seruitium manno, & inter vos non sit vlla manana. Et si aliquis vestrum voluerit seruire alio domino, vel ire in aliam terram habeat potestatem suæ hereditatis habendi, vendendi, vel donandi. ponamus nos medietatem anni & vos medietatem, non detis portaticum vel alkaualam, aut cibariam custodibus ciuitatis vel porta. Colimbriam nunquam dabo per alkaualam alicui, non introducam mutuum ebraldum Colimbriam. Homines de Bolon dent vobis quartam partem, & nos coruana; promittimus non tener in mente vel corde malam voluntatem vel iram de hoc quod nunc vsque egistis aduersum nos, sed habebimus gratum quod collegistis nos, & honorabimus vos ut melius potuerimus, & neque in vestra re, vel in vestris corporibus habebitis desonor, vel perdidit. Ego Henricus & Tharasia qui hoc scriptum facere iussimus proprijs manibus roborauimus, facientes hac signa. Facta carta septimo Kalendor. Iunij Era millesima centesima quadragesima nona. Qui iurauerunt quod hic scriptum est seruare semper cum se sine malo ingenio, imprimis Comes Henricus, & Tharasia. Fernāndus Telliz. Fasila Luz. Pelagus Pelais. Petrus Gundisaluez. Menendus Venegas. Gomez Nunez. Petrus Pelaiz. Qui presentes fuerunt. omnis schola Comitum, & omne Conciliū Colimbria. Tellus presbiter notauit.

ESCRI-

## ESCRITURA XII.

Que he hũa doação do lugar de Fragoas feita pella Rainha Dona Tareja a Garcia Garces, o qual lugar veio despois ao Mosteiro de Arouca por via de Dona Aldonça Durandi, Religiosa na mesma casa. Serue pera o que se disse no Capitulo segundo do Liuro nono.

Cartorio  
de Arouca  
escritura  
original



*I*N Dei nomine. Ego Regina Tarasia Toletani Imperatoris filia in in Domino salutē Amen. Placuit mihi ut facerem tibi Garsea Gar-seas, & uxori tue Leloira Menendiz carum donationis de hereditate mea propria que habeo inter Tarauca, & Ferraria in loco qui dicit Frauctas, dono vobis ista hereditate quanta que ibi habeo tota ab integro quomodo diuidit cū Tarauca per ribulo de Conceleira vsque intrat in Pauia, & de alia parte quomodo diuidit cum rotia pro venario de valle de Cavallos, & de alia parte per muro meſado, & inde in ponte de Pauia, & inde per fontano de Trananca de loco unde leuasse iste fontano vsque feret in Pauia, & inde per cima de Trananca vsque feret in directo per Cauceira quantum concludent istos terminos in omni genere. Habeas illum firmiter, & omnis posteritas vestra iugiter eam, & quicquid de ea facere volueris liberam habeas potestatem. Et si aliquis homo venerit, & hunc factum nostrum vel frangere voluerit, sedeat excommunicatus, & à corpore & sanguine Christi separatus, & lepra à vertice capitis vsque ad plantam pedis, & postea habeat penas cum Iuda traditore in eterno baratro. Facta carta donationis & firmitatis sub Era M.C. LXVI.

Ego Tarasia Regina hanc cartam iussi fieri, & manu mea roboravi. Infans Adeconsus Regina Tarasia filius propria manu confirmo. Comite Fernandus continentiis Colimbria eos vi, & propria manu conf. In Sede Bracara Archiepiscopo. Sede Portugale Episc. Vgo. Colimbria Archidiacono Tello. In Viseo Odorio Prior. In Sede Lameto Archidiacono Monio. Veremundo Petris continentiis Viseo. Pelagius Suarij cont. Amala conf. Gundisaluo Rodrique cont. Veremundi conf. Egas Gonsendix cont. Balam conf. Petrus cognomento Episcopus pinxit. Pro testibus, Petrus testis. Pelagius test. Gundisalvus test. Nuno Osoris quos vidi. Garcia Rodriguez quos vidi. Garcia Suariz quos vidi.

## ESCRITURA XIII.

Que he hũa carta do Papa Pascoal Segundo para Dom Gonçalo Bispo de Coimbra. Serue ao que se diz no Capitulo oitauo do Liuro nono.

Cartorio  
da Sé de  
Coimbra  
& Braga.



*I*sc. Episcopus, &c. Venerabili fratri G. Colimbr. Episcopo salutem, & Apostolicam benedictionem. Quam criminis habeatur Ecclesiastica authoritatis contemptus, ex profeticis verbis agnoscitur, ubi scriptum est, quasi schelus idolatria nolle acquiescere. Fraternitatē tuam missis & remisistis

& remissis literis admonuimus, ut confratri nostro Mauricio Brachar. Archiepiscopo tanquam Metropolitano tuo reuerentiam obsequiumque impenderes. Tu vero & literas contempsisti, & privilegia quae Brach. Ecclesia Apostolica Sedis autoritate indulsimus, sub contempnū eiusmodi conculcasti, adhuc tamen penes te patientiā exhibentibus precipimus, ut eidem Archiepiscopo tanquam Metropolitano tuo deinceps debeas obedire. Porro nisi intra dies 40. postquam has literas acceperis, debitam ei obedientiam presentaueris, ex tunc ab Episcopali officio te suspendimus. Datum Agnia 3. Non. Nouemb.

### ESCRITURA XIII.

Que he hũa carta do Papa Paschoal a D. Mauricio Bispo de Coimbra, em que se mostra como as Igrejas Cathredaes de Viseu, & Lamego estiuerao fogeitas algũ tempo aos Bispo de Coimbra. Serue pera algũs lugares desta historia.

**R** Episc. seruus seruorum Dei Venerabili fratri M. Colimbriensi Episc. salutē, & Apostolicā benedictionē Apostolica Sedis, cui autore Deo deferuimus autoritas nos debitūq; cōpellit, & desolatis Ecclesijs providere, & nō desolatas prona sollicitudine consouere, eas maximē quae barbarorū ferocitati vicina sunt, & habitationibus circumspecta conuenimus, statuimus enim, ut quaecunq; bona, quamq; diocēsim in presentiarū eadē Ecclesia iuste possidet, vel in futurū iuste, & Canonice poterit adipisci, firma tibi tuisq; successoribus & illibata permaneant, ut si quis de antiquis parrochia terminis, quos hodie Mauri, & Moabita possident, auxiliante Deo in futurū reparare potuerit, eadē se integrentur Ecclesia. Interim à Colimbria vsq; ad Castrū antiquū, sicut Theodomiri Regis ab Episcopis diuisio facta est Ecclesia Colimbr. perseueret. Secundo praterea Episcopaliū quondā cathedraliū Ecclesias Lamecū, & Viseū tua tuorūq; successorū prouisioni curaq; cōmittimus, donec disponente Dño, aut Colimbria diocēsis restituatur, aut illa parrochijs proprijs restituta, Cardinales Episcopos habere nequiverint. Terrio Vaccaricā cū Ecclesijs, & colonijs, ac pradijs suis sub Episcoporū Colimbriensiu cōfirmamus, sicut ab egregio Comite in scriptorū testimonijs oblata est, &c.

Do Cartorio de Coimbra.

### ESCRITURA XV.

Que he hũ sumario da fundação do Real Conuento de S. Cruz de Coimbra. Serue pera o que se diz no Capitulo 22. do liuro nono, & em outros lugares.

**A** Incarnatione Dñi an. 1131. octaua indictione, secundo an. rebellionis Petri Apostata filij Leonis contra pijs. sanctūq; Papā Innoc. 11. dñ adhum Laodoicus Francorū Rex vinceret, & Hispania Christianorū pars in 3. diuisa monarchijs, trino administraretur imperio, superiores naq; illius partes sicut Aragon, & Navarra vsq; ad montē quē incola Auia vocitant sub Alfonso Aragonens. Rege castissimo, atq; in congressibus bellorū strenuissimo regerantur deuote His acceptis quas bellicis studijs forti manu bellando ceperat à Saracenjs. Vltima vero quasi pars minima Portugal, cū Colimbria ab Alfonso Comitis Henrici, & Regina Tarasia magnorū auorū dignissima prole, partibus medijs, ut pote maioribus Castella cū suis Extremat. & Galletia Imperat. magno Comitis Raimūdi,

Cartorio de S. Cruz de Coimbra no liuro antigo dos testamentos no principio.

& Vrraca Regina filio Alfonso subditis. Archiepiscopo Brachara Pelagio, & Colimbria Episcopo Bernardo, Archidiaconus Tello sibi adiuncta procerum iuxta Apostolorum numerum duodenarium manu, monasterij Sanctæ Crucis in suburbio Colimbr. iacere adortus est fundamentum. De cuius, quasi de nihilo exortu, & maximo in prosperis profectu silere, ignauiam maximam, scelusque Coram Deo, & rectis hominibus esse perpendo. Videtur siquidem res memoria digna, tum quia in his partibus prima quasi fidei apostolica sancta, & admiranda renouatio, actuum, morumque perutilis exornatio, tum quia ceteris qui Canonorum profitentur esse professionis proponitur exemplo, ut à proprijs ad communia de profundis vitiorum ad excelsa virtutum de morte ad vitam resurgere contentur. Apostolus namque Ioannes in Epistola prima, qua quia talibus scribitur canonica dicitur, ait inter cetera, nolite diligere mundum, &c. Huius igitur tanti, ac tam perclari facinoris Tello Archidiaconus autor à primæ ætatis suæ tempore, & super omnes suæ urbis animi prudentia, morum honestate superemicuit coetanos. Odario patre, & Eugenia matre natus, etsi mediocribus ciuib. erat tamen corpore magnus, facie venustus, pulcher aspectu, sed mente pulchrior, vultu alacrior, honestatem magis quam lasciuia ostentans, maioribus assurgens, inferioribus condescendens, indigentis compatiens, dominus fidelis, affabilis cunctis, iustus, sed misericordia pius, mente, & corpore castus, sed eximia humilitate securus, sapientia plenus, prudentia perspicuus, morum honestate decorus, in omni perturbatione securus. Vnde familiaritate Principum habetur charus, & maxime illius qui tunc tēporis erat Colimb. Episcopus D. Mauritius. Rogatus namq. cū eo Ierosolimam petijt per triennium totius curia, & Episcopi Curam apud se gerens, & cuncta pro suo nutu componens. Ibi cum sanctorum loca prout tante discretionis vir circumspiciendo, visu, & gressu pererraret, & diuersorum loco habitu ordinum calles diuersissimos, sed tenaci charitatis vinculo confederatos, ad summum & unicum ascendentes triniū quod est summū bonum, quo nihil inuita restat melius animi sagacitate, admiraretur, & admirando obstupeceret, intra semetipsum quantum valens comprimens doloris gemitus ait. Hec mihi quia incolatus meus, &c. Sed amoris ardorem minimè in silensio valens ferre, capit institutores horum diligenter perquirere, ipsumq. Dominum nostrum Iesum Christum reperit caput, & Apostolos membra, Petrum dico & Paulum, & ceteros 12. Tunc nimio exhilaratus gaudio addit & ipsas scrutari institutiones, propositorum videlicet officia, & subditorum mentes sanctarum scripturarūlectionibus, & exemplis assidue muniatur, ne lupus inuisibilis adiū inueniat quo ouile ingredi, & aliquam ouium surripere valeat. Subditorū eximia, ac in omnibus deuotam humileq. obedientia, puerorū arctissimā, ne lasciuia eorum, pronaq. ad malū periclitetur ætas, custodiam, & Ecclesiasticis disciplinis assiduā perfectāq. doctrinam. Senum piissimam in se, deniq. in omnibus sufferentiā, minorū deuotā subiectionē, maiorū amabilem charitatē. Sed ubi satis est exhausti per triennium nauigantes appulerunt Bisantiū, ubi ferme per mediū cōmorantes annum, si quod deerat supradictis Archidiaconus addebat institutis, cumque sani indeq. incolumes repedarent ad propria, defuncto sanctissimo Bracara Archiepiscopo Giraldo, D. Mauritius illius subrogatur loco. Colimbria verò sublimatur bona memoria Gonsalvus pro Episcopo, & efficitur cor Episcopi Tello, qui licet opibus, personaq. opitulantibus, desideratū nequit, vel incipere votū, cōsocijs, locoq. ubi statueretur deficientibus. Plurimis vero labēlibus annis præterea, Archiepiscopus Mauritius Roma Papa ab Imperatore instituitur, & Pelagius, us Archidiaconus loco illius sublimaretur Archiepiscopus, Pontifexq. Colimbria nō iā senio, quā infirmitate cōfectus calo redderet spiritū, Tello Archidiaconus honestior

honestior vita omni clero, & moribus quarebatur precibus à clero, & populo Episcopus, quod & tunc fieret, Regina Tarasia, & Comite Fernando in hoc nitentibus, nisi diuino nutu Regina una cum suo Comite à Regno expulsis eius filius auorum seu attanorum propago dignissima, uno die bellando, quod forte videbitur mirum, suscipere principatum. Qui iuuenis etsi regendi imperij iam bene scioius, tamen amore laudis ardens plenus, ad quoscunque aures status, ut arundo fragilis ferebatur procliuis. Unde à quibusdam sanctitatis religionisque inimicis facile sibi persuadetur in Episcopum ordinare Dominum Bernardum, Deo ad tantum, tantaque sanctitatis opus, reseruante, ac stimulante Archidiaconum. Quare vir religione plenus de canoso, quasi de profunditatis liberatus lacu, in dies, & noctes caput urgere propositum, sed deficiebat adhuc locus. Venerat siquidem iuuenis quidam Ioannes nomine, Piculiaris agnomine, quod euidenti ostendit iudicio se dominicum esse peculium, siquidem in suo de Gallie partibus aduentu, quoddam suo ductu, & doctrina statuit monasterium apud Sanctum Christosorum. Hunc Archidiaconus sibi accitum laboris, & premij socium, suum aperiendo edocuit propositum, & locum in suburbio Colimbriae repertum his vsibus satis superque congruum. Scà qua ratione, quibusue machinis, vel quo consilio his vsibus haberetur, ab ipsis prorsus ignorabatur. Peruenit namque quondam ipse Presbyter a Regina, & promissam non dederat, quia tunc omnia perturbata, nec sui ipsius potestatem habuerat. Venit ergo tempus ut desideratum Presbyteri Deus vellet adimplere vultum, suumque propositum. Emerat forte non sine Deo apud Montem Petulanum quandam, quam vulgo sellam appellare solent, nimis pulchram, & equitandi vsibus superque decente, qua dum die quadà sedens super mulam per Colimbriam Archidiaconus solito viam incidens regiam, ab aulicis visa, cerneretur pulchra, quidam de auricularijs illius venustatem animo contemplan, rogabat infantem ut ab Archidiacono sibi postularetur in dono. Nec mora, regatus dat, subiiciens subitus Iudeos balneas Regias munusculum pro pratio. Sed quia Regia censura alia quam nostra agitur causa, pijsimus Princeps, animi hilaritatem frontis extensione, & faciei hilaritate ostentans, dixit Archidiacono, se prius rem visurum, illud recogitans Salomonis sapientissimi Regis. omnia fac cum consilio, &c.

## ESCRITURA XVI.

Que he hũa memoria notauel do exordio do Real Mosteiro de São João de Tarouca, & de algũas confas do Reyno de Portugal daquelle tempo. Serue pera o que se diz em algũs Capítulos desta terceira parte.



**N**E facta memorabilia ab hominum memoria decidunt, inuentum est Cartorio scriptura remedium, idcirco nos fratres S. Ioannis de Tarauca memorauimus omnia que nobis acciderunt in primordio nostro. Cum enim beneficio boni viri Abbatis Ioannis Cirita iuxta serrã de Aiasum sanctitas, & bonitas splenderet, accidit ut ministerio Dei Omnipotentis venirent octo fratres, quorũ caput erat Boemãdus, alter Alacbertus, tertius Iõãnes, 4. Bernardus, 5. Albericus, 6. Sifnãdus, 7. Rolãdus, 8. Alanus, qui à P. nostro Bernardo tunc Claravalense Abbate missi, supradictum Abbatem in via iuxta Lamecum inuenerunt,

inuenerunt, cum quo summe letati epistolam presentem dederunt. Venerabili fratri Deo dilecto, & in via saculi huius comilitoni nostro Ioanni Cirita Bernardus Abbas dictus de Claraualle, salutem in Domino sempiternam. Permittente patre miserationum, & Deo totius consolationis, qui non finit animas peccatorum in aeternum baratrum demergi, sciuius de fraternitate tua, quo pacto assiduis orationibus peccatus dominicum pro peccatorum venia pulsare non sinis, & quia vir desideriorum es, adimpleuit Dominus desiderium tuum dum nobis aperuit exaudiri deprecationes tuas, & nos qui in eadem voluntate societatem tuam sequimur, mittimus hos filios tuos, quos lacte sanctissime doctrina Domino nutriuimus, ut quocumque misratio diuina disposuerit, & signum celeste micauerit, monasterium condatis, cuius tu dum aduixeris, tanquam pater, & ceterorum signifer praeeris, & sub inuocatione sancti Ioannis, eidem & altissimo, qui sic voluit, consecrabis, fraternitatem tuam seruet Dominus, & in melius augeat. Perlecta litera, quam fratres adduxerunt, inter Vuimaranes ubi tunc residebat bonus Princeps Alphonfus Portugalsium Rex, à quo Abbas Ioannes postulauit locum in quo Monasterium construeret, & Princeps supradictus dedit ei, & monachis qui cum eo ibant supradictam chartam, & cautum. Alphonfus gloriosissimus Princeps, & Dei gratia Portugalsium Rex, comitis Henrici, & Regina Tarasie filius, magni quoque Alphonfi Nepos pro remedio animae meae, & parentum meorum facio vobis Abbati Ioanni, & fratribus qui vobiscum sunt chartam, & cautum, ne quis vos impediat eundi, & adificandi monasterium Ordinis Sancti Benedicti sub noua reformatione, tali pacto, ut solum ubi eum feceritis sit nostri domini, & si alterius fuerit ematur nostris expensis: & si aliquis de vassalis nostris, vel militibus contra hoc venerit, sit maledictus a Deo, & in inferno damnatus. Facia charta Cauti apud Vuimaranes, Cal. Octobris, Era M.C.LXXXVII. Ego supradictus Rex hanc chartam proprijs manibus roboro. Inito enuto sic accepto redeunt iuxta fluuium Barosa, & in decliue montis construunt sacellum, ubi per aliquot dies permanserunt in oratione, Dei sperantes misericordiam suam, ut opere adimpleret quod promiserat seruo suo Bernardo, & quadam nocte die 25. Aprilis frater Boemundus dum caelum aspexit, micantem radium in imo vallis iuxta fluuium conspexit, & sic per septem alias noctes mirantibus reliquis, qui vocati ab ipso eundem radium videbant, & credentes quod hoc erat signum ostensum à Deo, ut monasterium construerent, scribunt omnia Abbati Ioanni, qui tunc erat in Romitorio de Lasum. Venerabili Patri Ioanni Cirita Boemundus, & reliqui qui cum eo sunt salutem. Noueritis miseratione diuina sic disponente, signum mirabile indignis oculis conspexisse, non solum ego, sed & nos omnes quos in hoc loco reliquistis, & quia duodecim iam transierunt noctes postquam illud primitus vidimus, & à patre nostro qui nos huc direxit simile prodigium audiuius, ideo visum est hoc sibi eis referre, ne forte velit Altissimus hac parte monasterium stabilire. Valeat paternitas tua, & hos filios apud Deum commendatos habe. Ad hanc epistolam, quam non sine lachrymis legit praedictus Abbas Ioannes, respondit hoc modo. Dilectissimis fratribus, qui sunt in Romitorio supra fluuium Barosa ad montem curuum, Ioannes indignus seruus Christi in Salvatore mundi perpetuam salutem. Misericordiam Domini in aeternum cantabo, quam dignatus est ostendere super seruos suos. Fiduciam habete, & credite verbis magistri vestri, quia secundum ea appropinquat dies gaudij vestri, & ne falsis ostentationibus seducamini, innixe obseruate, & cum lachrymis petite à Domino vniuersorum, ut signum istud iterum dignetur ostendere, & quo loco post missarum celebrationem claritatem videritis, signete, & circum-

Essaera-  
da a Era.



& circumualate, ut in eo, Domino adiuuante, monasterium construamus. Seruet nos seruator omnium, & in sanctis orationibus vestris veniam postulate pro peccatis meis. His transactis dum fratres obtemperanti Abbati Ioanni, iterum lux micat in pristino loco, quem fratres diligenter consignauerunt, & vallarunt, & paucis post dictis venit Abbas, & cum esset in oratione apparuit similis lux, & ipse profectus ad Euimaranes, non inuenit dominum Regem, qui erat in Brachara, & ipsi profecti adierunt illum, atque dixerunt. Domine per vestram voluntatem abiuimus, & in terra vestra sunt quatuor menses, postquam fecimus unum Romitorium supra fluium Barosa, sed Dominus non iuxta verba Patris nostri Bernardi Abbatis de Claranalle ostendit nobis alium locum in quem transeamus, volumus de Celsitudine tua facultatem, ut possimus monasterium ibi construere, & nos orabimus pro te, & pro parentibus tuis, & ipse Rex fecit illis bonam acolbensam, & dedit eis facultatem construendi monasterium, & ipsi venerunt, & ceperunt facere, & Egas Moniz pro adiutorio, & seruitio Dei dedit illis septuaginta marabittos auri, & ipse Rex dedit septuaginta quatuor frisantos de argento, ut facerent seruitia Ecclesie. Post paucos dies Mauri venerunt, & depopularunt Trancosum, & ipse Rex cum suis cohortibus venit per Lamecum, & transibat iuxta Barosam, & recordatus est fratrum qui erant in illis locis, & iuit cum bonis hominibus videre locum de sua viuenda, & cum inuenisset eos pauperes, & viuentes in tuguribus, compassus est de illis, & rogauit ut mitterent cum eo fratrem Adebertum, ut oraret Dominum pro sua hoste, & miserunt eum, & unam Crucem, & unum calicem, ut celebraret, quia sacerdos erat. Et dum bellum committeret, & ipse oraret, Rex vicit Mauros, & tulit Trancosum, sed in bello amisit crucem quam tulerat de Monasterio, & consecutus est per suas orationes multa alia bona, & ut satisfaceret illi, suis fratribus, & Domino Deo, promisit adificare monasterium, & dum rediret vicit iterum per Dei adiutorium, & bonis orationibus Aldeberti magnam multitudinem Sarracenorum, propter quod venit in hunc locum, & astantibus fratribus, Ioannes Cirita, & alijs multis cum Episcopis Bracharens. Lamecen. ipse Rex primum lapidem iecit, acclamantibus militibus, & cohortibus suis, & dedit Abbati Ioanni cautum, cuius tenor talis est.

In nomine Sancte, & Indiuidua Trinitatis, Patris, & Filij, & Spiritus Sancti, Trinitas indiuisa qua nunquam erit finienda, sed permanens per infinita seculorum sacula, Amen. Iccirco ego Rex Alfonsus Cornitis Henrici, & Regina Dona Tarasia filius, atque bona memoria magni Alfonsi Imperatoris Hispanie nepos, in honore Domini nostri Iesu Christi, & Beati Ioannis Baptiste, & pro remedio anime mee, & parentum meorum, & pro vobis Abbate Dño Ioanne Cirita una cum fratribus vestris regulam B. Benedicti tenentibus, atque successoribus vestris, qui in vita sancta perseuerauerint. Facio cautum ad ipsum monasterium S. Ioannis de Tarauca. Sunt autem termini istius caui ab Oriente per illum fontem, & inde per illam estradam de Paredes secas, & quomodo discurrent aqua de illo monte de Sauto redondo, & quomodo diuidit cum Villa plana, aqua discurrente ad cautum, & inde ad illam focem de Trauuita, & inter per cacumina montis Fisineira, & per illum Carnalliu de illa proua, & inde per ubi intrat ipsum fontanum in Barosa, & inde per illum auterium de Armata, & inde per illum montem de Pineiro usque ad fontem ubi primitus inchoauimus. Si autem aliquis tam de extraneis, quam de propinquis hoc factum meum corrumpere voluerit, imprimis sit maledictus, & excommunicatus, & cum Iuda traditore in Inferno damnatus, & insuper Regia potestati persoluat quod liber iudicium precipit, id est, 500. solidos. Facta carta istius caui mense Iunij Era M.C.LXXVIII.

Ego Alfonsus hoc scriptum concedo, &  
 propria manu roboro.  
 Ioannes Bracharensis Archiep. confir.  
 Bernardus Colimbr. Episc. conf.  
 Petrus Portug. Episc. conf.  
 Comes Rodericus conf.  
 Fernandus Petris Furtatus conf.

Fernandus Captiuus conf.  
 Egas Curia Dapifer conf.  
 Gasias Menendus Alseres conf.  
 Menendus Moniz conf.  
 Alfonsus Venegas conf.  
 Petrus test. Suario test. Munio test.  
 Petrus Cancellarius Regis notauit.

Videntes fratres bonum statum sui Monasterij, elegerunt in Abbatem ipsum Aldebertum per discessum Boemundi, qui in vita sancta disceperat, & ipse Abbas claruit miraculis, & dedit habitum Ordinis nostri Ioanni Cirite, qui suos fratres in Romitorio de Alasum commorantes, sub eadem Regula, & reformatione constituit, & in ea sanctissime vixit, ut scripsimus in volumine magno.

## ESCRITURA XVII.

Que he hũa carta del Rey Dom Afonso Henriques pera o Papa  
 Adriano sobre o Ecclesiastico de Leiria. Serue pera o  
 que se diz no Cap. 25. do Liuro 9.

Cartorio  
 de S. Cruz  
 de Colim-  
 brano li-  
 uro do te-  
 stamento  
 fol. 10.  
 pag. 2.



Ono Adriano Summo Pontifici suo venerabili Patri Alfonsus Portu-  
 gal. Rex, quidquid patri filius, & quidquid potest in utroque saculo  
 optari melius. Non ignoret sublimitas vestra Pater Sancte me militē  
 vestrum, & deuotum filium esse velle, sicut fui Apostolicorū, qui suc-  
 runt ante vos, & nimium vestra benedictione velle perfrui. Ideo quod  
 attentius commendo me Sanctitati scilicet, & maiestati vestra per omnia. Nunc  
 autem notifico Sanctitati vestra Monasterium Sanctae Crucis, quod est in suburbio  
 Colimbriae temporibus meis, & à me ipso (gratias Deo) esse fundatum, & secundum  
 Regulam B. Augustini institutum, quod quantum ego diligo vobis exprimere nullo  
 modo valeo. Vtpote ubi corpus meum sepeliri iubeo, & etiam suffragium per bene-  
 ficium orationum anima mea Deo donante specialius euenire spero. Rogo itaq; San-  
 ctitatem vestram, & attentius exoro, ut praefatum Monasterium quod iam antea  
 antecessores vestri sub tutela & defensione Sanctae Romanae Ecclesiae susceptis, vos  
 quoque tanquam proprium manu teneatis, defendatis, & privilegio quod ei utile  
 cognoueritis contra impugnantium calumnias, pro amore Dei & nostro bene & fir-  
 miter veniatis, quidquid ego, vel alij fideles ibi deuote obtulimus, scripto vestro  
 confirmetis. Obluli namque ego ei inter cetera totum Ecclesiasticum cuiusdam ca-  
 strum quod vocatur Leirena, quod castrum credatis re vera me à fundamento in ter-  
 ra deserta construxisse, & contra Sarracenos qui prope erant armaſſe, per illud e-  
 nim mihi dedit Deus Sanctarem, & totam terram eius per circuitum. Obluli idcir-  
 co totum Ecclesiasticum ipsius Castrum liberum praefato Monasterio Sanctae Crucis per  
 suos terminos antiquos, cum omnibus quae in praesentiarum possidet, vel in futurum  
 auxiliante Deo possidere poterit, quia ita prius noueram, & postea, Deo annuente,  
 votū exolui. Ita scilicet ut nullus Episcoporum seu aliquis hominum habeat ullam po-  
 testatem super illud Ecclesiasticum, nisi tantum Monasteriū S. Crucis. Valeat amor  
 vestrae Paternitatis, & petitionem meam rogo exaudire dignetur.

ESCRITURA

## E S C R I T V R A XVIII.

Que he o foral que el Rey Dom Afonso Henriquez deu aos moradores de Leiria. Serue pera o que se diz no Capitulo vinte & sinco do Liuro nono.



*N*omine Domini. Ego Alfonsus gratia Dei Portug. Rex Comitatus Henrici, & Regina Tarasia filius, magni quoque Regis Alfonsi nepos, facio cartam de foro hominibus habitatoribus de Leirena. Hoc est, si aliquis disruperit domum alterius, peitet quingentes solidos: quod si fuerit miles cuius domus fuerit disrupta, detur inde medietas illi, & alia medietas Regi: si vero fuerit peon duplet illi quod rapuerit, & det quingentos solidos Regi. Si quis traxerit arma ferrea in villa contra inimicum suum peitet 60. solidos, & sancti damnum quod fecerit cum illis. Qui mactauerit hominem in villa, aut inter Leirenā, & Herenam riuulos, & usque ad palatium Randusi, peitet quingentes solidos, & qui extra hos terminos hoc fecerit, peitet 60. Quicunque foras habuerint hereditates sint cautata, & si homines illorum calumniam fecerint, peitent quintam partem calumnia per iudicium bonorum hominum. Et si habitator de Leirena habuerit intentionem cum extraneo, habeat iudicium in ponte de Leirena antequam querat de illo directum, duplet illi quod iniuste fecit, & peitet 60. solidos Regi. Quidquid homo de Leirena in terra Sarra-cenorum lucratus fuerit, det quintam partem Regi, prater equos quos debet accipere Alcaide de Leirena, & facere inde novos milites, & dare his qui perdiderint suos. Miles de Leirena stet pro meliori milite de tota terra Regis in iudicio, & peon pro meliori peone. Mercator de Leirena non det portatum in terra Regis. Vidua mulier militis dum bene vixerit habeat iudicium militis. Post annum qui voluit vendere, vel donare hereditatem suam, habeat licentiam: si miles comparauerit hereditatem peonis, sit libera; si peon de milite, sit tributaria. Si miles per naturam ibi perdiderit equum suum, & recuperare non potuerit, semper stet in foro militis. Alius vero miles qui non fuerit per naturam, si perdiderit equum stet in foro militis duos annos: deinde si non habuerit det rationem. Peon si habuerit equum, stet miles si vult. Miles qui ibi habuerit equum sanum, & non exierit in appellido, det quinque solidos in vino. Laborator sine equo det de unoquoque bone unum sextarium, medium tritici, & medium secunda. Postquam habuerit quinque quinales de vino, det unum puzal. Montarium de Zana det de venato lumbum costale. Cunicularis post unam noctem det unum cuniculum cum sua pelle. Mellitor det per annum unum almude de melle, & unam libram de cera. Piscator de villa qui ibi vendidit pisces, det decimam partem. Piscator de foris de una bestia det duos pisces, & de peone unum. Qui verberauerit saionem peitet viginti solidos. De pugna qua fuerit in fiada, si miles fuerit victus, det decem solidos, si peon quinque. Ataliam in hoc primo anno, totam teneat Rex, & aliam medietatem moradores. Placuit quoque mihi Regi Alfonsi, & firmiter statui dare terminos eidem castello Leirena per circuitum, incipiens à mari aq Occidentali parte, & à parte meridiana per venam de Alcobatia, & perueniens ad fontem de Sôo, & inde ad Austrum pertinet per Taigiam, & inde vadit ad Lombam, qua est in medio de Mendiga, & inde ad Cimalias de Aluardos, & inde ad Cimalias de Serra de Maede, perueniens ad fontem de Sen-

Cartorio  
de Santa  
Cruz de  
Coimbra  
li do egu  
do Prior  
Dom Jo  
Theotónio  
fol. 409

tor, qua est in Orientem. Ab Orientali vero parte diuidens per castellum Carapato-  
sum per stratam, & inde ad portum de Ourem, & inde ad Antas vergēs ad Aquil-  
lonem, & ab Aquilonari parte diuidens per reuicm de Aleten, quomodo intrat in  
Cabremeas, & inde ad Cartizoe, & inde ad Soureiro de Brahamino, & inde des-  
cendit ad Occasum, & ad mare per Lumbam, qua est intra viam qua vadit de Lau-  
rizal per Coruaga ad Leirenam, & alteram viam qua vadit ad Coruagiam, & in-  
de quomodo vadit ad Lacunam, qua dicitur Ernedoza, & ferit in mare. Totum ve-  
ro Ecclesiasticum ius de Leirena concedo Canonicis, & monasterio Sanctae Crucis  
pro remedio animae meae. Ego Alfonsus Portugalensium Rex istos supradictos foros,  
& terminos roboro, & confirmo, sub era M.C.LXXX. quos quicunque frangere vo-  
luerit sit à Deo Patre maledictus, & excommunicatus, & à liminibus sanctae Ecclesiae  
sequestratus, & cum Iuda traditore in ima inferni precipitatus. Et hoc statutum  
semper habeat firmitatem perpetuam, Amen, Amen, Amen, &c.

Egas Muniñ Dapifer Cuaia conf.  
Aluarius Petriz Alferez conf.  
Fernandus Petriz conf.  
Mendus Moniz, conf.  
Gunsalvus dias, test.  
Martinus Anaia test.

Randulfus Zoleimas test.  
Fernandus Gutierrez test.  
Martinus Zoupairel test.  
Petrus Gouuinas test.  
Magister Albertus notauit.

## ESCRITURA XIX.

Que he hum relatorio da vida de S. Martinho de Soure. Serue  
pera o que se diz no Capit. 17. do Liuro 10.

Vita Sancti Martini.

Domino suo Menendo gratia Dei Sauriensium Presbitero,  
Saluatus de suis vnus, sed ex eis paruus.

Cartorio  
de Santa  
Cruz de  
C Coimbra  
no liuro  
antigo es-  
crito de  
mão, que  
se intitula  
da dos re-  
flavictos,  
as fol. 46



**E**rgo à me pie Presbyter ut charissimi fratris vestri domini mei  
Martini Sauriensium innocentis præsbyt. vitam, moresque vobis ali-  
quibus literulis edisseram. Cuius petitionis affectui teste conscientia ob-  
sequia non negarem, ut est status vestre mentis id quandoque relegen-  
do tanti doloris remedium consolabiliter susciperet, & in posterum  
quoque ipsius bene gesta in nobis obliuio non deleteret, nisi tanti viri materia  
meae paruitatis ingenio comprobaretur indebita. Præterea dum sub disciplina illius  
olim tenerer, ego ipse utpote rudis, & magis lasciuia quàm doctrina deditus, de eius  
actibus, probitatibusque moribus ut puerulus paucorum reminisco. Ac ne excusatio-  
nis causam mihi videar conferre arrogantiam, licet agresti calamo, diuina pietas  
tamen opitulante clementia iniuncti operis negotium tentando parlatim aggre-  
diar. Igitur vestra narrationis assertio ab oppido Sauriensium ubi dominus meus re-  
ligiose vixerit sumat exordium, & ubi situm sit, quibusque finibus coarctetur, vel  
quid inde maiorum nostrorum cana sentiat senectus, cuius etiam vel quo tempore  
Hispanorum Regis adminiculo cum ceteris Portugalensium municipijs libere sit  
positum, iterumque ob infidelium Hismacitarum incursum ab incolis igne perustum,  
postque

postque readificationis dono concretum, prout possumus, euoluamus, ut istis sicut gesta sunt enucleatis, ad praefati viri materiam, prout Dominus dederit calamus conuertamus.

Est ergo circa decursum Ancicuiusdam aluci amenè porrectum, frondosis undique adumbratum nemoribus, fertilibus piscium circumseptum gurgisibus, gramineis pulchre ditatum conuallibus, longis equidem persunctum noualibus, vineis consitum circumquaque seracibus. Quid moror? partibus cunctis optatum cultoribus, ab urbe vero Colimbrianorum xviii. austrum versus distat millario, ad orientem sunt Tapiei montis saxosa cacumina, à septentrionali regione vetustissima Civitatis Condisia, necnon & Ariei portus latissima panduntur confinia, ab Africa vero parte Columbarij castri pateſcunt campeſtria. In hac quoque parte planicies eius profusus ostenditur, sed ob Ismaelitarum excubias inculta ab incolis relinquuntur. Versus occidentem subest Oceanus. Hic itaque ab antiqua rerum congerie arcis vetustissima panditur adificium, in qua priscorum monumenta serunt claustralium fuisse canobium. Ad hanc igitur arcem, & locum amenissimum complurimis hominum turmis ad iure viuendum concurrentibus praurgente labore construxerunt oppidum, quod nomine suo nuncupati sunt Saurium. Cum autem diuina gratia annucleante, longo tempore post urbis Colimbriensis restauratio ab infidelissimis Ismaelitarum gentibus per Fernandum strenuissimum Hispaniarum Regem mirabiliter enituit, praefatum quoque Saurij castrum cum alijs municipijs sibi confinio telluris sociatis libertatem accepit. Verum enim vero post longa annorum curricula sub Adefonsi Regis imperio per praefectum suum Anasit Sennandum Abenamir qui tunc temporis Colimbriensem urbem, Montismaiorenſem quoque municipium suo solerti pectore procreabat, readificationem habere capit. Mortuo vero eodem Rege supramemorato Adefonso, nefandissima Maurorum rabies aduersus christicolarum fidem iterum capit aspirare. Ibeniſſima namque Rex Maurorum nefandissimus ingenti Agarenorum multitudine circumſusus Colimbrianorum confines crudeliter diripuit, factaque belli congreſſione apud municipium quod dicitur Miranda, complures Portugalensium nobiles sceleratissimus ipse necando deuicit. Nihilominus quoque plaustri municipio sancta Eulalia natura munissimmo ab eodem Rege ad solum vsque interfectis hominibus redacto, ad propria rediens in oppidum Sauriensem frustra venisse cognouimus. Nam Saurienses serocè eius aduentum pauentes, de praxati oppidi adificio, defidentes ingenti percussu timore, eidem imposito igni castello, in urbem Colimbriam profugose redierunt. Per septem igitur annorum curricula, ferarum cubicula depopulatum existens, per nobilissima denuo Regina Tharasia consensum a praefata urbis restauratione anno LXI. in habitationem hominum renouari conualuit. Regina namque ibidem causa morandi, confluentibus bonum, & ut ita dicam largissimum populandi forum, spontanea voluntate conceſſit, atque cartam inde firmitudinis manu propria roborauit, quam Sauriensem Ecclesia pro maximo munere vsque in perpetuum hereditario iure reſeruat.

Vestrorum igitur destructionem resarsire incipientes, eiusdem oppidi cultores, ad Reuerendissimum Gundisaluum Colimbria venerabilis vita Episcopum venerunt, Paternitatem ipsius precibus exorantes, ut in eis consilij, & pietatis habundare, atque eis praebiterum qui eis diuini pabuli foueret, & in sacrosancti fontis unda leniret, dare non differret. Reuerendissimus igitur Gundisalvus prout tanta religionis praesul paterno affectu Saurienses benignissime alloquens, eorumque petitionibus nihilominus consulens, in regenda Sauriensem Ecclesia Praebiterum nomine

mine Martinum ordinavit, de quo vobis amodo sermo tractandus occurrit.

Vir itaque progenitus in vicco quod dicitur Auranca, quod, ut fertur, ab urbe Colimbriensium xxvj. distat millario. Pater eius Arias Manuclis, mater vero Argio vocabatur; qui quamvis de humili germine, erant tamen simplices, & recti, & quod rerum exitus probavit, Deum precipue timentes, nam post felicem matris ab hac luce discessum, pater usque ad sua vite terminum heremiticam vitam peregit. Qui superstites, id est, dum in hoc mundo vixerunt, hunc prae ceteris filium Martinum videlicet nimio affectu nutriendos à primævo infantia sua tempore cum literarum rudimenta docuerunt, atque diebus omnibus cum Domino servitium promiserunt.

Accidit autem quodam tempore ut prefata urbis venerabilis vita Antistes Mauricius nomine, de finibus Brachara Metropolitanae urbis adveniens, per supramemoratum vicum contigit habere transitum, quem parentes ipsius, de quo nobis est sermo Martini, hospitio onanter suscipientes, & ut eis possibilitas affuit, hilare obsequium affectuosissime ministrarunt, dicentes sese in liberalibus studiis cleri dictum filium habere, quem tanti praesulis arbitrio obtemperare desiderabant. Quorum Episcopus de motionem agnoscens, in sui Episcopatus sedem puerum deferri praecepit. Deinde prosequente divina spiritu pietatis Canonorum consensu, atque bonae memoria doctissimi Martini eiusdem sedis Prioris assensu in numero Canonico puerulum Martinum praefatus Mauricius canonicauit. Qui in iuvenilibus adhuc positus annis mira simplicitatis existens gramaticae professioni operam sollicitus impendit, neque enim erat obstrepens doctrina. Hinc cum per sacri ordinis gradus Christo duce ad presbyterium venit, bona opera atque virtutes exercendo, veterem hominem cum actibus suis à se omnino removit. Sic quippe per omnia omnibus hominibus in bono placere studebat, quoniam omnes de societate illius plurimum gaudebant, atque Deum Patrem qui in caelis est glorificabant, non erim erat invidus, aut elatus, non murmurans, aut verbosus, aut vana verba, aut fabulas diligens, non servus gula, tanta enim in eo ciborum vigeat parcimonia, ut semper propriae portionis panem pupillis distribueret, atque egenis, non erat negligens, aut piger, non oculis vagus, aut in incessu levis, sed per omnia gravis, maturus, & bonus. Qui presbyter, ut diximus ordinatus visitationis assidua medicamine agrotantium curas lenire solebat. In divinis quoque officiis plurimum erat assiduus, & quod non parvi muneris creditur in omnibus suis motibus signum humilitatis habebat. Sed qualiter ad Sauriensem regendam accesserit Ecclesiam, veniamus.

Talibus, ut diximus ornatus moribus Tellois Archidiaconi, omniumque Canonorum rogatu, D. Gundisalvo fauente Episcopo, Sauriensis Ecclesiae curam suscepit. At cum propter Agarenorum insidias, qui tunc viarum comeatus clam necnon & publice incurfabant, graue captivitatibus pondus eum acerbae mortis casibus hominibus inferentes, vir Dei D. Martinus per abrupta collum devius ire cogeretur, propriis humeris sui sumptus necessaria deferens, asperitatem propter insolentiam admirans, tanti laboris onus fastidians, in urbem Colimbriam unde illuc advenerat regressus est: timens ne propter aliquorum bacchantium stultitiam, nisi de praefata Ecclesia aliquo munitus esset privilegio, unde postea elusus ipse, vel sua progenies eijceretur, quocirca D. Gundisalvus praefata Diocesis Episcopus, & D. Prior eiusdem Sedis Martinus, Telloque Archidiaconus, omniumque Canonorum conventus per supramemorata Regina Tarasia Regis Alfonsi filia consensum, quae tunc Portugalen. praerat imperio, sibi videlicet Martino Presbytero, & sua pro-

Daqui se  
colle co-  
mo a Rai-  
nha D. Ta-  
reia goner  
nou algi  
tempo

genica

geniei de Sauriensi Ecclesia cartam firmitudinis hereditario iure in hunc modum fecerunt.

*In nomine Domini. Cum illud castrum quod appellatur Saurium ob frequentem guerram Sarracenorum raro incoletur habitatore: placuit divina voluntati per proximam Raginam Tarasiam praeferentem eidem Castello Gunsaluū Gunsaluis pro Principe manu teneri cum Dei adiutorio ac defensari. Quod ubi ego Episcopus Colimbriensis compertum habui, utilitati nostra Sedis providens, sollicitus fui Canonicos nostros Martinum Arias, fratremque suum Menendum ad Ecclesiam qua ibi iacebat destructa readificandam atq; obtinendam dirigere. Sed quamvis multum resisterent propter pauorem Maurorum, illi ire tamen gratia nostri perpermoti flexerunt animum suum qua imperabantur facere, si ex testamento scripturam firmitudinis de illa supradicta Ecclesia factā à nobis sibi reciperet. Quibus nos propter utilitatem Sedis S. Maria acquiescentes, placuit mihi Gunsaluo Episcopo, & Martino eiusdem Sedis Priori, una cum assensu Canonorum domina nostra Regina Tarasia, cartam donationis, & firmitudinis facere tibi videlicet praedicto Martino, fratrique suo Menendo de supra nominata Ecclesia, tali videlicet pacto, ut firmiter illam obtineatis, & secundum vires vestras reficiatis, & in unoquoque anno ius quod inde ad Sedem pertinet fideliter reddatis, & ab hac die in tempore tam vos, quam quisque vestrum ex propinquitate vestra professione clericus fuerit per successiones temporum firma stabilitate obtineatis, & nunquam eam sine vestra culpa secundum decreta canonum pro aliquo alio homine perdati. Supponimus etiam, quod si peccatis exigentibus, iterum ab incursione Maurorum destructa fuerit, & praeterea vos potueritis illam recuperare, licentiam habeatis semper possidendi eam quocumque tempore volueritis. Si qua igitur persona hoc nostrum factum temerario ausu disturbare temptauerit, non sit ei licitum per ullam assertionem, sed quisquis fuerit quia illam Ecclesiam vobis auferre praesumpserit, sit à Deo omnipotente excommunicatus, & sacratissimo corpore Domini Iesu Christi alienatus, & cum Iuda in inferno, nisi resipuerit collocatus, & hac carta plenam stabilitatem semper obtineat qua facta est vi Idus Octobris. Era. MCCC. LX. I. Ego Gunsaluus Episcopus conf. Martinus Prior conf. Tellus Archidiaconus conf. Laurentius Archidiaconus conf. Ego Tarasia Regina conf. Gundisaluus Gundisaluus test. Anaia Vestrariz test. Donis Artaidus test. Menendus Nuniz test. Martinus presbyter conf. Ioannes presbyter Michael conf. Ioannes de Anaia conf. Nicholas Subdiaconus conf. Petrus Presbyter notauit.*

Post stipulari itaque testamenti confirmationem, vir venerabilis Martinus Sauriensium docturus venit Ecclesiam, nec eò terreni emolumentum hic venit deductus, quoniam ut animarum mederet languoribus, ubi post necessariorum inopiam nonnullos corporis labores perpassus est. Erat namque ipsa suffocata Ecclesia, sicut manibus paganorum pridem fuerat obruta, hanc igitur interius, exteriusque purgavit, & ad diuinum officium, ut res poscebat, primitus resarsuit. Sed postquam rei familiaris copia domi contreuit, cum Menendo Ariei fratre eius, qui post discessum ipsius videlicet Martini, ibidem est Presbyter subrogatus praefatā Ecclesiā post tempore, & loco cōuenientius fabricauit, altaria inferius ordinauit, libris quoque, sacerdotilibus indumentis eam pulchrius adornauit, fabricam totius domus nihilominus consumauit. Praeterea vinea, oliueta, pomaria, & alia plurima arborum genera suis manibus complantauit, terras quoque, & nouales excolendo perripuit. Sed iam ad eius laudabiliora vitæ cōtēplatina negotia stylū, licet parumper eleuare delectat, & qualiter sui gregis, & aliarum plebium curam habuerit, de multis pauca libare.

*Plebem*



Plebem igitur sibi commissam catholicae fidei regula sapientissime instituebat, quippe omnes de pio religionis opere comonens, nunc alios ad confessionem Sanctissime Trinitatis conformans, nunc reliquos de promissione Regni caelestis inuitans, ceteris futuri examen iudicii minando proponens, non cessabat verba veritatis fructu fidei redundantia in plebe seminare. O virum nimia curiositatis circa omnes ne in vitium laberentur, ac si eos omnes parturiret. Si aliquis ex his quos pro zelo rectitudinis arguens in contumeliam verborum deducebatur, quanto amplius ipsi efferebantur, tanto magis eorum ipse miserebatur insaniam, ita videlicet ut ad eorum furorem sapientissime lenitatis fomenta praeberet, donec sua mansuetudine iras lisigantium demulceret. Si vero aliquis officium ciuitatum, vel locorum seminam aliquam, filiamue alicuius, vi eam oprimens ad id loci quo ipse morabatur, deducebat, ut in huiusmodi assolet extremitatis, vir Dei illico eis obuiabat, cognitoque examinationis negotio, vel eos sedere legitimo, si ius poscebat, coniungebat, vel nisi iuxta Canonum decreta suo obtemperarent imperio, eos inde proculdubio expellebat. Et si aliquis de numero clericorum talia illicitis modis, sacrilegus efficere praesumpsisset, hunc velut hostem Catholicae fidei procul inde reiciebat. Nec petulantium iuuenum lasciniam, seu bacchantium hominum stultitiam sustinebat, quos omnes ad aeterni Regis solium venire cupiebat. Et quia, ut ait B. Gregorius Ecclesiasticus Doctor non tam doctrina debet clarere quam vita, ipse non solo sermone ad aetherei Regni amantatem populum conuocabat, verum omnibus bene operandi sese praestabat exemplum, omnia namque quae de operibus misericordiae cunctos edocebat, hac & plura praestantissime peragebat, non immemor Apostoli Pauli sic dicentis: Castigo corpus meum, & in seruitutem redigo, ne forte alijs predicans, ipse reprobus efficiar. Qui dum in arce virtutis altius existeret, hospitalitatem praecipue alacri mente omnibus hominibus exhibebat, quibus ea quae diuina sibi dispensatio largiretur cum gratiarum actione, & vultu hilari ministrabat. Sic enim Apostolus praecipit: Hilarem datorem diligit Dominus. Et tanto charitatis flagrabat ardore, ut non solum aduentitios hospites dictis quibuslibet inuitaret, imo & quandoque resistentes trahens, eos secum vi domum ire compellebat. Hos frequentius quam diuites & potentes ad mensam conuocabat, nec tamen aulicos mensa eius minus capiebat, qui multoties regium agmen cum suo Principe accuratissime suscipiebat. Hac & plurima misericordia opera peragens, incredibile est memoratu quantum laudis humana fauorem velut pestem fugiebat. Nec laude extollebatur, nec vituperatione frangebatur, non diuitijs tumescebat, nec paupertate contrahabatur: & sic miles Christi gradiendo, lata contemnebat, & tristitia. Cum totius domus paterfamilias existeret, de suis substantijs nihil repositum in aliquo habere cupiebat, v.g. non aurum, nec argentum in archa, vel in marsupio reconditum possidebat, & omnino quid de talibus fieret in propria domo ignorabat. Quibus taliter vii maximum crimen putabat. Mira res! cum dominus domus, ut dictum est diceretur, quoties sub sua clamidis tegumento, panem egenis, atque pauperibus deferebat? Quibus descendendo veram exhibebat humanitatem, & eorum miseras compatienter tolerabat. Sic omnia sua bona in commune habebat, quatenus vniuersis vtilius quam sibi proficeret. Quis unquam in concilijs eum ociose sedere conspexit? Si tamen eo quandoque veniebat, aut tumorem baccantis populi lenire satagabat, aut de exemplis Sanctorum Patrum sedatis iurgiorum tumultuationibus eos plenius edocebat. Nunquam ociositas quae inimica est anima eum domi torpentem inuenit, quin potius in assiduijs agrorum laboribus sua sponte urgeretur, si quoniam mens ab oratione, & à diuinorum officiorum celebratione cessabat. De quibus



quibus laboribus vberes fractus colligens, Omnipotenti Deo honorum omnium largitori gratias referebat, & cum summa animi diligentia hunc Davidicam commemorabat versum. Labores manuum tuarum manducabis, beatus es, & bene tibi erit. Cum vero ab operatione manuum cessando domum rediret, licet medius esset dies, prius tamen solito more sacra solemnia Missa celebrabat: nec prius corpus alimentis reficiebat. quam forum, & castelli plateas, si aduentitius esset, circuiret, quem secum ad cibum capiendum aduocaret. Cuius corpus non pulchris vestibus ornabatur, sed moribus, & precipue pudicitie habitu pollebat. Talesque socios semper desiderabat, quorum contubernio sancta Ecclesia non infamaretur. Rexit autem eandem Ecclesiam bis undecim uno dempto annis. Complures paganorum ab illa profana Mahometis superstitione, sua predicatione ad Christi fidem conuertit.

Ne huius ergo pagina series tum styli rusticitate, tum etiam loquendi nimicitate prolixius extensa vilescat, huic operi scribendi metas imponere iam volo. Hoc unum tamen reducere ad memoriam cupiens, quomodo ab huius mundi profluuiis extinctus migraverit.

Anno igitur ab Incarnatione Domini M. C. XLIII. tempore praelari Alfonsi Portug. Regis, xvj. regni sui anno, cum adhuc paganorum procella ferocius insaniret, Saariensium fines inuasit, & multos mortales homines videlicet cum pecore, atque praeda captiuauit. Et erant tunc in eodem oppido veneranda religionis milites in templo Salomonis Ierosolimis profesti, nam ob defensionem sancti Sepulchri sustentandam praxata Regina totius Castellii Monarchiam cum suis redditibus propter Ecclesiastica iura eis deuotissime contulerat, qua postea filius eius Rex Portugalensium Ildefonsus eius manu propria confirmauit, qui hostibus obuiare satagentes eundem Praebiterum de quo sermo transcurritur sibi collegam ascinerant, qui Christianorum interitum & detrimentum Ecclesiae condolens, tanque reuerentissimis viris satisfaciens cum eis praedictis hostibus obuiavit, cum quibus fere omnibus accidente infortunio, captus in congressibus belli, in Scalabi castris mania, quae tunc spurcissimis paganorum turbis pollebat, perductus est. Ingressus est itaque sua sponte, nullo cogente inte in horribile & satidum ceteris angustulum, ubi Christiani compedibus tenebantur astricti. Tanta animi diligentia erga Christicolas, & fidei consortes in eo erat, quos ne spurcissimis Maurorum ritibus commacularentur, & sic deformes fidei periclitarentur, predicatione Euangelij pro tempore, & loco congruenter extruxit, & eis in proximo libertatem futuram, & Christianis eandem ciuitatem habituram, Christo exclusa multitudo Agarenorum fiducialiter agens praedixit. Quae omnia non longo tempore post, ut praedixerat claruerunt. Nam in sequenti anno a praedicti Regis industria eadem ciuitas est capta. Nec hoc aliquis ex desperatione grauiter accipiat, quod religiosus vir tam acerba captiuitati addictus sit. Postquam enim a patria cecidimus vipereo haustu versati serpentis, captiui & exules in huius mundi exilio viuimus. Nec unquam mundus diuersas tormentorum clades praecipue bonis hominibus cessat inferre, testante Apostolo, qui ait. Sancti ludibria, & verbera experti sunt, & vincula, & carceres, & quidquid eis in hoc mundo aduersatur, ut sancta refert Scriptura, pro merito virtutis habetur. Deinde a Scalabi castris in Eiborensium deductus ciuitatem, tandem Hispalensem ciuitas cum Cordubam misit, ibique pridie Kal. Februarii spiritum exhalauit. Cuius corpus a Christianis honorifice sepultura traditum est in basilica B. Mariae. Cui sit perennis vita iuuante Domino nostro Iesu Christo, &c.

## ESCRITURA XX.

Que he hum relatorio da tomada de Santarem por el Rey D. Afonso Henriques. Serue pera o que se diz no Capitulo 22, & 23. do Liuro decimo.

Quomodo sit capta Santarem ciuitas à Rege Alfonso Comitis Henrici filio.

Cartorio  
de Alcoba  
ça em lã  
liuro grã.  
de escrito  
de mão  
em perga-  
minho q  
contem as  
obras de S.  
Fulgencio



*Antemus Domino fratres Charissimi, cantemus Domino in tympano, & choro, & iubilemus in cordis & organo exultationis voce. Magnificatus est enim gloriose subiiciendo gentes Mahometh adorantes, sub pedibus nostris, elegit nobis hereditatem speciosissimā quam dilexit. Et vos qui propria voluntate obtulistis animas vestras periculoso discrimini, benedicite Deo summo Regi, qui pedibus nudis innitentes hastis, & clipeis, accincti gladijs, & scalas ligneas portantes humeris, viriliter per montis crepidinē properastis ad murum: ad laudē Christi conuocate omnē populū, plaudite manibus, bene psalite ei in vociferatione, ac dicite. Audite Reges auribus percipite Principes vnuerse terra, quoniā Dominus elegit noua bella in diebus nostris, non in trecentis decem & octo vernaculis, ut quondā Abraham, qui quinq; Reges diuicit, vel Gedeon qui in trecentis aquā manibus lambentibus Sisarā Principē militia labin prostrauit. sed in viginti quinq; aut parū supra Rex noster, imo Deus per Regē nostrū omnīū Hispania ciuitatē munitissimā cepit Santarem. Eleua ergo & tu o Rex noster Alfonso, eleua in iubilo gressū, & cōfiteri quia non tuis meritis ascribis, vel viribus hoc magnū prodigiū, sed Christo Regi vero, cuius est omnis terra, & merito cui curuatur omne genu, qui est in secula benedictus Deus, & ediffere nobis gesta rei prodigiosa exordium, ordinem, & exitum.*

Abhinc Rex.

**T**Estor Deum cali, oculis cuius nuda & aperta sunt omnia, quia tunc muros Hierico subruos, nec solis stationem prece Iosue ad Gabaon in comparationē huius in me pietatis & misericordia facti pro miraculis duco, sed nomen Christi magnifico cuius profunda sunt cogitationes, & magnifica opera, & pro se suaq; pietate pia in nouissimis tēporibus nouis mirabilibus non renouat, sed supergreditur antiqua mirabilia: omnes enim qui audierint ducent pro re incredibili Santarem ciuitatem munitissimā omni multitudine hominū, omniq; genere machinarū inexpugnabilē à tam paucissimis viris inuasam. Siquidē auus meus Alfonso Hispania Imperator non potuit eam debellare nisi famis deditione. Moabitarū etiā Rex Cyrus similiter, sed necdum Abzzechri, qui ferme per triginta & quatuor annos eiusdem tenuit regimen: erexerat muros, & antemurale, & turres à parte occidentali, qua vocatur Alplan, eo quod ad comparationē precipitij totius circuitus planum videbatur: quia antiquos repleuerat terra vsque ad summū in promontoriū modum captiuorum humeris asportata: à parte verò Orientali adeo locus ruit in praeceps, ut lingua Arabica vocetur, Alhasa, id est, timor, quia inde precipitabantur qui capitalem subierant sententiam, ut fractis seruicibus, & toto corpore ad ripam vsque proruere.

proruere Tagi aurcas, ut ferunt, arenas habentis. A parte vero Australi propter precipitium quod fit ex natura terra quasi hiantis, & abissum euntis, vocatur, alān se, id est, coluber, eo quod nullo possit adiri modo, nisi per anfractus, & quosdam meandros. Ex parte vero Aquilonis munivit eam ipsa montis natura petrosa, & aspera, & velut inter nubes perrigens ipsam ciuitatem: in sua summitate planam, non magnam ne ad tenendum sit difficilis: nec modicam, ne furetur à paucis. Quomodo ergo huius speciositatem describere queam, cum nec hominum facietur visus cernentium ad Orientalem plagam plana, & omni genere frugum fertilissima arua ferme per centum & sexaginta stadia? Ad Occidentalem, & Austrum deficit omnino acies oculorum. Ad Aquilonem versus montuosa vinearum, & olcarum sunt loca. Quid de fertilitate dicam, cum nec sit inferior Apulia, sed superabundet, vel piscium multitudine, vel salubritate aque? Est equidem Dei paradysus, id est, deliciarum ortus, ut quondam Egyptus venientibus Segor. Sed ad rem gestam veniamus, & qualiter capta sit aperiamus.

Capta est idus Marcij illucescente die Sabbati in Era M. C. LXXXV. quo anno Mauri qui Arabice Mozanida vocantur ingressi Hispaniam destruxerunt, me tunc agente tricesimum ferme ac septimum aetatis annum, & Regni decimo octauo, anno nondum euoluto quo duxeram uxorem Mahaldam nomine Comitiss Amadeu filiam, ex qua primogenitus est natus Henricus filius meus iij. Nonas eiusdem Mensis, quo ciuitas capta est hoc ordine. Fuit hac ciuitas quia fortissima, & secundissima semper bellicosa insidians Colimbria, & mecum Regnum pene pessundans ex multo tempore, quam non poteram debellare, quia, ut praedixi, erat inexpugnabilis, nec depraedare propter impedimentum aquae. Cum enim tendere insidias ex parte dextera fluzij, confugiebant ad sinistram, vel è conuerso cum pecoribus, & iumentis. Praeterea planicies ista est paludibus plena & insulis, & ob hoc nemini peruia, nisi nauius temporibus congrua. Cogitavi itaque mecum sapientissime si quomodo eam inuaderem, vel vi, vel aliqua deceptione. Sed quibus profitebar, infirmitatis praeiudicabant excusationem mortis, perculsi timore. Tandem pactita cum eis pace: Mencendum Ramiridem mei consilij consciū praeiussi totius scrutatorem negotij, qua semita vel parte muri securius possemus nocte ingredi. Qui prout erat vir prouidus, & acri ingenio, & ad omnia audenda quae mihi placere cognouerat audus, prospectans omnia solito diligentius animauit me, secreto se iturum in prima fronte, promittendo & erecturum meum vexillum supra murum, serasque portas, & anfracturum: quod & fecit. sicut rei gesta euentus probauit, quia omnia sibi videbantur facilia, omnique periculo secuta. Itaque statim die preparatis cibarijs cum Colimbrianis, & Fernando Petride cum alijs de meis paucis: egressi Colimbria feria secunda castra metati sumus in Alsathar, & haec fuit nostra mansio prima, sequenti die mansimus in Cornudellos, vnde missimus Marinum Mohabet alios duos, qui renunciarent habitatoribus Santarem solutam fore pacem usque in tertium diem. Qui iussa perficientes venerunt ad nos feria quarta in Abdegas. Inde proficientes castra metati sumus in Aluardos, mansimusque ibi totam quintam feriam usque ad noctem. Indeque promouentes nocte illa ambulauimus usque Ebrabaz in summitate Pernez feria sexta illucescente. Tunc existimans fore idoneum omnibus meum aperire desiderium, conuocaui ad me omnes à minimo usque ad maximum, & hoc ordine sum eos allocutus. Nostis comitatores mei, nostis, & bene nostis, quia & mecum & sine me multos labores sustinistis ex hac urbe in cuius conspectu estis. Nostis quanta mala fecerit ciuitati vestra, & vobis, omniq; meo Regno, qualiter sit in laqueum, & stupore dentium multis temporibus,

Et nunc si conuocarem omne robur totius mei exercitus: ferrent auxilium unus-  
quisque pro viribus, sed nolui. Vos solos elegi quos assidue in meis angustiis exper-  
tos habui, et vobis meum committo consilium, de quibus bene certus sum pro me  
dolere dolorem meum. Credite mihi milites mei, quoniam videtur adeo perfacile,  
et opportunum quod vobiscum inire paro, quod pre gaudio animi mei, et mora veni-  
turi dici, crescunt mihi dies medij quos vellem transire subito. Sed et cum vos vi-  
deo magis hoc optare quam ego, et ipsam in faciendo opportunitatem attendo, quasi  
iam sim in ciuitatis medio, sic exulto, sed hoc est quod prius facere debemus. Eligan-  
tur centum et viginti de numero vestro, qui decem fabricent scalas diuisim per duo-  
denos, et cum unusquisque ascenderit per suam, non sit unus, sed decem supra ciuitatis  
murum, et ita facile erit ascensus, et ascendentium multiplicabitur numerus, quo  
cum fuerit peruentum, meum erigite vexillum prius, ut a nobis ad robur, et ab eis forte  
excitatis ad detrimentum possit conspici eminus. Postea portarum confringite seras,  
ut impetus simul introeuntium perturbet inermes, et somnolentos. Cuiusmodi erit  
difficultas interficiendi: dicite mihi pro amore Dei, nudos, et male sopitos? Sed hoc  
erit quod obseruabitis attentius, nulli atati vel sexui parcatis: moriatur Infans  
ad vbera pendens, et senex plenus dierum, adolescentula, et anus decrepita. Cor-  
fortentur vestra manus, Dominus est enim nobiscum, nam unus de vobis poterit ex  
eis percutere centum. Hodie, sicut credo, fit pro nobis communis oratio a Canonicis  
Sanctae Crucis, quibus praedixi hoc nostrum negotium, et in quibus confido, et a ca-  
tero Clero simul cum omni populo. Praterea quidam de vigilijs sunt nos recepturi.  
(Parcat mihi Deus huius crimen mendacij, quia ideo scienter sum mentitus, ut co-  
rum animi consolidarentur fortius). Pugnate ergo pro filiis vestris ac nepotibus, ego  
enim ipse ero unus de vobis, et primus, nec est qui a vestro me possit seiun-  
gi consortio, vel in morte ullo modo. Huc usque me audierunt auribus arce-  
ntis, ut videbatur mihi, et ad audienda quae praecabar parato animo. Sed  
cum de mei periculo cum eis fieret sermo, obstupuerunt nec se cohibere po-  
tuerunt. Ut quondam Iohab, et ceteri Principes militiae Dauid, dicentes non  
ibis nobiscum. Si enim fugerimus, non magnopere ad eos pertinebit de nobis, siue  
media pars vel omnes ceciderimus non satis erit vlla cura, quia tu unus computaris  
pro decem millibus, nec inficietur familia nostra sempiterno elogio ut filij prodito-  
rum, si te permiserimus comisceri tam aperto periculo. Ad quos ego benignissime  
iuxta charitativam eorum rationem respondi haec pauca. Velit Deus oro, ut si in hoc  
anno excessurus sum vita, nisi ciuitas sit capta, non egrediar ab hac pugna. Qui cum  
me obstinato viderent animo prouum ad subeunda discrimina, parauerunt omnia  
quae negotio erant necessaria, et dimissis ibidem sarcinis properauimus ad urbem  
ascensis equis iam subeunte nocte, vidimusque miraculum quod maxime nostros  
erexit animos. Siquidem quadam stella magna cadens ut facula, discurrens per  
cali plana a parte dextera, prolapsa est in mare, maxime illuminans superficiem  
terrae, diximusque continuo, tradidit Dominus ciuitatem in manibus nostris. Si-  
militer et ipsis eo die quo pax est soluta horrendum apparuit prodigium, portendens  
eorum in tertiam noctem futurum excidium: namque diderunt media die quasi quen-  
dam colubrum ferri per cali medium comis ignitum a cauda usque ad caput, et  
prophetauerunt inter eos sapientes nouum Regem habere Santarem. Cum iam ergo  
non longe essemus ab urbe pedites, et velut cursarii parati omnes, tenuimus semi-  
tam inter montem Iraz, et fontem qui propter amaras aquas Arabice appellatur  
Athumarmal per mediam vallem, praecunte Menendo Ramiride in prima fronte,  
qui transitus et exitus nouerat bene, et ego in posteriori parte: hinc libet attendere  
quam

quam mirabilis clarescat Dominus in suis operibus, qui ne videretur aliquid nostro fieri arbitrio, mutauit consilia, tamen in melius, sua propria virtute quo enim loco nullam formidabamus fore custodiam, ibi enim videbatur facilis ascensus, erant duo mutuo sese ad vigilandum hortantes, unde quicquid parum in herba tritici quiescentes, donec consopirentur somno à domino utraque, statimque promouens Menendus ascendit cum suis per Alchudiam, & figuli, domum viriliter ad murum, ictenduque schalam in summitate haste, qua non potuit herere sursum, sed repensuque de orsum dedit magnum sonitum. Condoluit itaque Menendus ne vigilia excitarentur strepitu, & incuruatus parumper super se fecit ascendere iuuenem nomine Moqueime, qui erectus sursum, ascendit illico supra murum, & incedens schalam propugnaculis, ascendit alius cum vexillo Regis, erexitque illud. Interim ascendit Menendus deinde ceteri, prout poterant melius, sed cum tres tantum adhuc essent supra, excitantur subito male dormientes vigilia, respicientesque vexillum iuxta mirantesque clamauerunt rauca voce, Manhum? id est, qui estis? Cumque cognouissent frustra christianos fore, clamauerunt voce sublimi, & confusa Anna-chara, id est Christianorum insidia. Post tertiam itaque vigiliarum vocem, exclamat Menendus inuitans ad auxilium sanctum Iacobum Hispania patronum, & Regem Alonsum. Conclamaui & ego clamore magno, Sancte Iacobe, & Beatissima Maria Virgo succurrite, hic est Rex Alonsus, cadite eos, nec sit unus qui euadat gladium. Tanta deinde secuta est confusio vocum utrarumque partium, ut nulla possit notari discretio. Aio ergo meis, feramus auxilium socijs, teneamus dexteram, si poterimus ascendere per Alphan, & Gundisaluu Gundisalui cum suis sinistram ut preoccupet callem, qui venit de Seterigo ne porta aditus ab illis preoccupetur, nosque frustrati pereant nostri qui intus sunt ad opprobrium nostrum, quod & factum est non nostra, sed voluntate Domini sola. Qui enim proposueramus per scallas conscendere murum, ingressi sumus per portam ciuitatis multo securius, & qui decem fabricaueramus, due sola compleuerunt totum officium, per quas ascenderunt, ut aiunt, qui interfuerunt ad xxx. tantum. Laudetur ergo Deus in suis operibus. Tunc hi qui erant intus ad portam concurrentes citius nitebantur frangere valuas lapidibus, sed malleus ferreus de foris porrectus confregit seras, & vestes fortius, & ita cum magno gaudio, & meis intus sum receptus. In medio ergo porta fixis genibus, que orauerim, vel ex quanta profunditate animi scit Deus, nec nunc referam, quia exciderunt iam à memoria. Quas congressiones, vel impetus fecerim: dicant apud qui interfuerunt, quia non est meum. Itaque ista sufficiant pro magnitudine gaudij cordis mei, & letitie, &c.

## ESCRITURA XXI.

Que he hum relatorio da fundação do Real Mosteiro de São Vicente de fora. Serue pera o que se trata da conquista de Liboa, do Capitulo 25. do Liuro decimo por diante, & pera firmar outros lugares desta obra.



Quo, vel quando, seu qualiter fundatum sit monasterium Beati Vincentij, quod situm est circa urbem, que appellatur Vlisbona, ad plagam eius orientalem, qui scire voluerit, hanc paginam legendo percurrat. Ibi enim breui, & simplici stylo ponimus hæc, relatu eorum qui sese profitentur

Cortorio  
de S. Vicē  
te de fora  
da cidade  
de Lisboa.

profidentur rebus his interfuisse dum gerebantur. Ex quibus adhuc supersunt aliqui, *Fernandus Petri* scilicet homo militaris, magnum in Civitate semper obtinens locum sibi à Rege constitutum, & apud omnes suos fide præclarus, non præcæsus, nec iudex in illis gratus existens. *Otho* quoque vir natione Theutonicus, & præfati monasterij bonus conuersus fere à prima eiusdem fundatione vitam ducens ibidem satis religiosam. Hi duo Dei miseratione adhuc superstites, quasi de vno confitentur ore qua hic ponimus, & præsentis negotij fidem austruendam, & ad certam inde notitiam posteris relinquendam. Verum de cætero narrationi insistamus, rerumque summum ordinem sequamur.

Anno igitur ab Incarnatione Domini 1148. Christianissimus Portugalsium Rex *Alfonfus*, Comitibus *Henrici*, & Regina *Tarasia* filius, inimicorum Crucis Christi mirificus extirpator, ac voluntarius 18. regni sui anno, ætatis 40. collegit exercitum suum, sicut annis singulis solitus erat, aauersus Sarracenos, applicuitque ad *Vlixbonam* tunc civitatem illorum, & obsedit eam mense Iunio fixis in circuitu papilionibus: habuitque in comitatu suo electam virorum fortium manum, quos illi auxilio in centum & sexaginta navibus, quas *barcias* nominamus, de diuersis partibus Septentrionis, zelo suo Dominus misit accensos. Hos itaque Rex ex parte maris, quod prædictam circumfluit urbem, oppugnare constituit, erant enim viri bellatores fortissimi robore, uniuersi loricati, galeati, hastas, scuta portantes, & gladios intendentes arcum, eruditique ad prælia. Qui iussa Regis libenter suscipientes, more anchoratis in alto navibus, atque decenti statione depositis, ad litus prosilire intrepidi, sua certatim aduersus urbem castra metantes, singuli tamen per generationes, & linguas suas. Porro castra Theutonicorum cæterorumque diuersis qui venerant prouincijs, domos occupant suburbiorum, quæ sunt ad plagam urbis orientalem, & expulsi inde Sarracenis, ingressi habitant ibi. Angli viri, & reliqui Britanni, Aquitaniaeque populus in suburbijjs, quæ sunt ad urbis occasum, suas constituunt mansiones, fugatis inde paganis. Nam Rex cum ducibus, & cæteris Baronibus suis à parte Septentrionis præstabat obsidionem per colles, vallisque quæ prope sunt fusa multitudine vulgi. Factum est igitur ut de terra, marique pugna vehemens Sarracenis daretur inclusis, firmatis contra se undique munitionibus, & instructis machinis. Cumque Franci (erat enim hoc vocabulum commune omnibus, qui de finibus Galliarum aderant ibi) vellent audacius agere, pars eorum conflictu sæpe ruebat, in ipso nimis accensi, nixique viribus ac mole corporea, credabantur quippe gigantea membra gestare, accedebant ad muros propinquius, telorum de super hostiliū pluentibus nimbis, spretaque pro Christo corporis morte vulnerati usque ad necem, non cessabant instigare. Ad quorum corpora more catholico dando sepulchris, Rex accelerat habere consilium, commouebantur quippe super eis viscera eius. Quamobrem mox accersire facit *Bracharensem* Archiepiscopum *D. Ioannem* reuerendissimū Dei sacerdotem, cui protinus aduenienti Rex ait. Contemplor Barrones istos fortissimos de terris suis ad hoc egressos fuisse, & ad hoc venisse ut hic moriantur pro Christo, eius bella bellando, & contra hostes fidei dimicando viriliter, qui nihil curantes de vita præsentis, ipsos etiam per enses in se ipsos conantur delere paganos. Nam zelus Domini Dei tantus feruet in illis, oportet igitur ut & nos circa humanandos artus eorum qui cadunt ex ipsis curam adhibeamus, & humanitatem. Vnde vs martyrum Christi eorum exequias dignis prosequamur honoribus, non enim hæsitio eos fore, Dei dignatione sanctis martyribus associandos in calis, quorum vestigia tanto studio sequi comprobantur in terris. Quare pater meus Pontifex ultra non differat consignare illis loca cæmeterij congrua, & à castris eorum non valde remota, ad vestrum

vestrum quippe officium spectat hac ordinare. Et addidit votum etiam vouens hac domino dicens. Si Dominus Deus noster tradens tradiderit seruis suis Civitatem hanc, placueritque sibi delere nationem infidelium istorum de terra, nouerit ipse omnino me seruum suum sibi constructurum in ipsis locis, in quibus cameteria hac fieri rogo, duo Monasteria, & positurum in eis Religiosorum Collegium, qui pro me, & ipsis qui hic sepulti fuerint, officijs intenti diuinis coram Domino semper assistant. Tunc sanctus Archiepiscopus tantam in Rege comendat pietatem, votumque collaudat. Nam in eius affectibus nimis latus fuerat affectus, magnumque suscepit gaudium. De loco igitur velox consurgens, coepiscopos qui aderant conuocatos omnes, Regisque aperit voluntatem, illisque secum assumptis, subsequente pariter cum clero, adit castra Francorum, utraque quo adueniens notat loca cameterijs apta, & inuocato Trino Deo, ut mos est, latius aspergit sanctificatos. Hoc facto duos statim lapides signat, traditque Regi ad Ecclesias, ut promiserat, in illis fundandas; quos Rex acceptos mox curat erigere, cupiens praeuenire quod vouerat votum, dum non hesitat Dei pietatem sibi tradere urbem quam tenebat obsessam, ex illis itaque figit unum in cameterio Theutonicorum, ubi iactum est nunc monasterium gloriosissimi Martyris Vincentij, pro quo suscepimus ista narrare. Alterum vero in cameterio ponit Anglorum, ubi nunc Ecclesia est nuncupata Sancta Maria ad Martyres, propter eos scilicet sic dicta, qui usque ad mortem certantes pro Christo, ibidem sepulti sunt. His itaque gestis capere Franci Ecclesia consuetudine, interfectos suos mandare sepulturis, & inchoatas super eos fabricare basilicas, opemque ferre de proprijs sumptibus, proposito Regis, cuius animum cernebant esse promptissimum ad constituenda ibidem in proximo canobiorum adfugia, ceteraque diuina officia qua celebrant deuotissimi clerici, qui secum venerant plurimi, & sacris literis eruditi ad plenum. Ex quibus nonnulli monachi erant religiosissimi, & in timore Domini ambulantes solliciti. Porro Theutonici basilicam S. Vincentij, quia in cameterio construebatur eorum, praeposuerunt praebiterum nomine Roardum, velut alij dicunt Finardum, qui per singulos dies Missas cantaret, quibus orationes recipiat à populo ad fabricam basilica erigendam. Constituerunt & alium bona-vita nomine Henricum laicum, qui more patriae suae pulsaret ad horas campanam, quam ibidem suspenderat, excubansque pro foribus Ecclesia atentius atrium custodiret intus, & foris.

Eo namque silentio praeire queremur, ne inde aliquam incurramus accusationem apud eum qui operando videtur hac in palam venire. Dum enim agerentur ea qua praediximus, contigit quendam militem Coloniensem nomine Henricum, oriundum à villa quondam ultra Coloniam per quatuor leucas nomine Bona, virum itaque stheme nobilem, & moribus, in urbis corruiſſe conflictu, quo sepulto sicut ceteri in eodem cameterio S. Vincentij indicare ceperunt miracula ad tumbam eius diuina operatione creberrime facta, eundem fuisse verissimum Christi martyrem, mortemque eius in conspectu Domini praeiosam existere. De quibus videlicet miraculis hic vel pauca attingere nitimur, ut liquido appareat quanta Dei beneficia comitantur eos qui toto corde querunt illum. Factum est igitur ut duo iuvenes ambo surdi, ambo muti à nativitate, qui videlicet insimul cum ipsis venerant Francis, sigillatim iuxta sepulchrum Christi militis Henrici excubarent, ipso ut fertur martyre in effigie peregrini palmam ad scapulas deferentis, illis apparente, & ad excubias inuitante, ubi cum paululum quieuiſſent, mirabile dictu, inuenerunt se ita loquentes simul & audientes, ac si semper loquela vſi fuissent pariter & auditu: quodque multo mirabilius est, ut terra diuersi erant, & natione, sic conceditur

No circo  
de Lisboa  
asistirá  
os Bispos  
de Portu-  
gal.



diuersa & ipsa loquela. Propalato igitur in castris tam mirabili factō, cuncti qui videbant & audiebant glorificabant Dominum semper mirabilem in Sanctis suis, habentes de caetero militem Henricum utpote dilectum martyrem Christi. Post paucos vero dies accidit ut armiger eius occidisset in bello, quem tollentes contribulles eius sepelierunt aliquantulum longius à sepulchro domini sui. In somnijs itaq; Christi miles Henricus adiit eum qui excubabat in atrio praefata basilica S. Vincentij, de quo antea fecimus mentionem, & vocans eum nomine suo, rogat, multūq; precatur, ut surgat, tollatq; de nocte armigerū suum à loco in quo est, & ponat eum iuxta se, quod factum est semel & bis, cumque ille deprecanti non acquiescisset, venit tertio, vultum gerens quasi iratum, multumque terribilem, etiam minabatur ei, si ultra differret implere rogata. Quamobrē ille expergesfactus surrexit tremens, pauensque, erat enim solus in loco, venitque ubi humatus erat armiger ille, quem leuans sepeliuit circa dominū suum, seorsum tamen in proprio monumento, qui narrans de mane quod acciderat, dicebat, se illum in leuando, vel deponendo nullum sentire laborem, nullamque molestiam.

Dicam & aliud quod per idem tempus in eadem basilica operatione diuina contigit miraculum. Factum est autem ut populus ad Ecclesiam iturus, peractis Missarum solemnij, eulogijs vel pane benedicto cuperet praemuniri, ita enim quotidie consueuerat, cumq; sacerdos vellet facere particulas quas singulis peringeret, & iam vni ex panibus secandis cultelum immitteretur (res miranda) ecce secuta panis medietas cruentata reperitur sanguinis desudans. Tunc sacerdos, omnesque qui aderant in stuporem conuersi sunt subitus, nam visa re vehementer fuerant perterriti, cumque causam rei indagine sedula quererent, inuentum est panem illum fuisse confectum de usurpata farina, quam quidam moriens egenis praeciperat erogari. Quod tandem cum annuntiatum esset in castris ad spectaculum conuenerunt vniuersi, videntesque quod factum fuerat, reuertebantur admirantes, & diuinum adiutorium secum esse non dubitantes, plena fide laudabant, & glorificabant Dominum, qui facit mirabilia magna solus. Castra igitur Dei tantis illustrata virtutibus, talibusque nutrita fomentis, resumunt vires, acies formant, machinas erigunt, muros per circuitum arietibus quassant, instant manibus telis, & iaculis, hostes undique coangustant, nec sinunt vel ad momentum quiescere. Pagani vero tantam Christianorum constantiam, tantamque cernentes instantiam, desperant amplius posse resistere, urbemque tradunt, bellicos ultra non valentes ferre sudores. Erant enim tam pene consumpti, foris gladio, intus inedia panis, & aquae.

Anno igitur ab Incarnatione Domini 1148. mense Octobris, Ecclesijs Dei Sanctorum Martyrum Crispini, & Crispiniani natalitia celebrantibus, illustrissimus Rex Alfonsus ope diuina, optato potius triumpho, cum omni exercitu suo captam ingreditur urbem, cordis letaniam laudes Dei cunctis resonantibus in Ecclesijs, eisque immensas referentibus gratias de victoria sibi celiis concessa. Igitur post aliquot dies dispositione ciuitatis peracta, ordinatisq; rebus, domibus quoque, agris, vineis victori populo distributis, Rex deuotissimus beneficiorum Dei coram se, & misericordiarum eius non immemor, votum quod vouerat, cum adhuc esset in castris persolvere curat. At circa adificationem monasteriorum qua fundauerat in cimiterijs Francorum, ut praeaxauimus, diligentiam adhibet. Ob quam causam ad se facit venire Antistitem ciuitatis, quem tunc nouiter fecerat ordinari, Gilbertum nomine natione Anglicum, virum itaque bene instructum literis sacris, & pia semper memoria dignum. Hunc Rex accitus, talibus alloquitur.

Ego, inquit, bone Pontifex, cum adhuc essem in castris aduersus ciuitatem istam expugnandam



expugnandam paratus, motus pietate super illis, qui hostili ense vulnerati cadebant in bello, gratuito me voto constrinxi apud Dominum nostrum Iesum Christum, amore cuius mori & ipsi non dubitabant, vovi siquidem in basilicis quas inchoatas apud eorum sepulchra videtis viros aggregare religionis, qui divinis obsequiis ingiter imbuentes, pro mea eorumque defensione in conspectu Domini semper isisterent, si duntaxat divina me pietate coningeret, hostili me frui victoria, ut est hodie. Nunc ergo cupiens quod pollicitus sum effectui mancipare, Concilium Pontificis peto pariter & auxilium. Nam res huiusmodi effici non potest, nec debet absque Episcopi providentia similiter, & opere. Ad hac Episcopus. Virum, inquit, quod vovuit Dominus meus Rex saluberrimum est. Deoque gratissimum, ac perfecta indiget consumatione, scriptum est enim, vovete & redite Domino Deo vestro. De suffragio vero dando in hoc opere tam sancto, tamque praclaro, quid servus debeo facere, nisi quod ipse imperare voluerit? Indicet mihi Dominus meus Rex, quid ipse me facere vult, & ego libenter suscipiam. Cui Rex. Volo, ait, bone Pontifex quatenus partem sancti tolerando laboris, ad participationem recipiendam perveniat tribuere de mercedis unius sane supradictarum basilicarum, quae scilicet vobis placuerit, curam suscipiatis habendam, cedatque vobis vestrisque successoribus hereditario iure cum omnibus quae possidet, & possessura est in omne tempus. Alteram vero mihi, meaque posteritati, cum omni iure suo possidendum libere relinquatis. Eam quippe quae scilicet mihi cessit, volo liberam, semperque ab omni redditu manere immunem, cum omnibus facultatibus quae ibi collata fuerint à me, ceterisque fidelibus, ad sumptus in ea degentibus necessarios. Fas igitur sit vobis quantilibet ex illis statim eligere, vestraque supponere potestati. Respondit Episcopus. Si Regi placet quod sibi respondeam ad haec, det inducias consulendi capitulum, meosque fratres quorum concilio talia agere debeo. Ait Rex mihi, inquit, placet omnino. Eat vestrosque consulatis canonicos, & certum dere mandare responsum non differatis. Perrexit igitur Episcopus, convocatisque in unum universis clericis suis, hoc & hoc mihi locutus est Rex, convocavi ergo vos, ut in concilio accernatis quod illi respondentes dixerunt Episcopo. Quod regi placet faciendum est, omnes sui sumus, de suo accepimus, quidquid possidemus, ipse (Christo sibi fauente) gladio suo paganos expulit à terra quam incolimus. Verum quia nobis data est optio, basilica sancta Maria ad Martyres potius est eligenda, quippe vicinior est urbi, & largiores ibi fierent oblationes. Altera vero quae sancti Vincentii est, ut libet Regi, res libera relinquatur. Hoc Episcopus accepit concilio, mox ad Regem retulit idem. At Rex libenter annuit. Ex eo igitur tempore Vlixbonensis Episcopus cum clericis suis cepit ad integrum possidere basilicam sancta Maria ad Martyres, quam Rex Alfonso concessit illis ob perpetuam libertatem basilica S. Vincentii, quam semper possidendam cum omni iure suo, tali conditione sibi retinuit. Post hac quarente diligentius Rege quinque conversationis viros, quos in eadem basilica constituere posset, ad sepulchrum Christi militis Henrici divina renouantur miracula. Nam palma, morte peregrinorum ad scapulas est Hierosolimis allata, secumque ad sepulchrum ad caput deposita, paruo post tempore reuirescens ascendit de terra, qua crevit in altum, factaque arbor vestita folijs atque virore. Omnes ergo male habentes ad sepulchrum illius, supplicandi gratia venientes, tollentesque de palma illa suspendebant ad collum, vel redactam in pulverem bibebant, statimque curabantur à quacumque derinebantur infirmitate, stetitque ibidem, sicut perhibent qui viderunt, donec tota languentium manibus inde leuata est. Sunt autem qui dicunt, nullo custodiente furtim fuisse eradicatam, vitaliter transplantaretur.

Cogitante interea Rege (ut prädiximus) de constituenda ibidem Collegio, ecce quidam summa sanctitatis Abbas nomine Gualterus Flamencus natione Vlixbonam aduenit, comitantibus se quatuor sui Ordinis fratribus, cuius itineris causa erat nouam velle edificare congregationem. De quo Rex audiens plurima bona dici, in eius aduentum nimis laetus efficitur, iamque parat proponere illam praefata basilica, circa cuius commoda tenebatur sollicitus. Prædictus igitur Abbas cum intrasset ad Regem, & ab eo postulasset locum edificare ad congregationem aptum, Rex petitioni eius tale fertur dedisse responsum. Est mihi Abbas quaedam basilica de nouo fundata, quam apud me vehementer diligens usque modo seruavi, sperans de die in diem mihi destinari à Deo hominem, cui securus regimen eius committere possem. nunc ergo cernens spem meam diuino nutu ad votum esse completam, opto vos eiusdem basilicae libenter suscipere curam, & consilium plene nostrum, & auxilium cum patrocinio aequae Regio vos semper committabuntur. His à Rege peroratis, Ecclesia S. Vincentij gubernacula suscipit Abbas Gualterius, & ex inde capit Rex eidem Ecclesiae delegare agros, vineas, hortos, molendina, greges ouium, equarum, armentorum, pecorumque, & cetera stipendijs fratrum in ea commorantium necessaria. Omnes etiam qui ibi sepulturam eligere deliberauerint, partemque de suis conferrent facultatibus, suos cohæredes fecit in ea, super cuius confirmatione fieri fecit scriptum quod tale est.

Quia, inquit, Principum, ac Regum est, loca sacra ditare, benefactoribus concedere, possessionibus ampliare, idcirco ego Alfonsus vobis ciuibus Vlixbonae atque omnibus alijs fidelibus, facio cartam possidendi mecum Ecclesiam S. Vincentij, quam in captiuitate Vlixbonae à Mauris tuli, ut videlicet quicumque apud ipsam Ecclesiam sepulturam suam habere, summe ibidem beneficium vel eleemosinas dare voluerit, ipsi, & filij, & progenies eorum sint mecum & filijs, itemque progenies meae hæredes perpetuo in eadem Ecclesia, quod etiam vobis ego Rex Alfonsus proprijs manibus roboro, meoque sigillo communio, assistentibus mihi & subscribentibus Gilberto Vlixbonensis Ecclesiae Episcopo, & Gonsaluo de Sousa meo maiore domus, & Petro Pelagij meo Aferes. Talibus sanctis studijs circa constitutionem praefatae basilicae Rex Alfonsus operam dabat, talibusque eam beneficijs fovebat, quam denuo nuper fundauerat.

Verum de cetero restat dicere qui eiusdem fuerint rectores usque ad tempora nostra. Nam in prima eius fundatione rexit illam idem Rex Alfonsus per vices in ea constitutus praebiteros qui Missas quotidie cantarent, quorum primus fuit Rohardus, cuius supra memoriam fecimus, secundus Otha genere Anglicus, tertius Salericus similiter Anglicus, qui & Monachus fuit, deinde venit Abbas Gualterus, qui ut prädiximus Rege constituto, primo praelatus est ei. Sed cum velle eam subdere Pramonstrasensi monasterio, ut esset filia eius, Rex vero non acquiesceret, dimissa ea cum pace in terram suam, reuersus est ad suos. Quo abeunte Rex priorem constituit quendam Canonicum Ecclesiae, Dauidem nomine, qui & post paucos annos redijt unde venerat, Rege iubente. Huic successit in prioratu quidam Canonicus de Baluco nomine Godinus, qui post exstitit Episcopus Lamccensis Ecclesiae. Post hunc autem rexit eam fere per annos octo bona memoria Menendus, qui similiter fuerat Canonicus de Baluco, quo mortuo in senectute bona, in regimine eius successit Dominus Pelagius, qui adhuc superstes, Deo autore, curam illius agi satis strenue Rege Sancio praefati Regis Alfonsi filio, tertium Regni sui annum agente, anno ab Incarnatione Domini 1188. Ut ergo ex praedictis colligitur monasterium S. Vincentij de Vlixbona fundatum est à Rege Alfonso, & constructum anno 1148.

ab Incarnatione Domini nostri Iesu Christi, qui est benedictus in sacula Amen.  
Hec ibi.

## ESCRITURA XXI.

Que he hũa doação del Rey D. Afonso Henriquez feita ao mosteiro  
de São Christouão de Lafoës, eslã falta no principio das  
regras. Serue pera o que se diz  
no Liuro 11. Cap 5.

**E**T Filij, & Spiritus Sancti Amen. Precedentium autoritate Patrum amonemur, ut quidquid firmum ac stabile fieri volumus, scriptis, & literis tradendo prateruorum memoria commendemus. Quapropter ego Infans Alfonsus Henrici Comitis, & Regina Tarasia filius, gloriosi Imperatoris Ildesonsi nepos, ad & gloriam Domini nostri Iesu Christi, & ob amorem, & honorem S. Christophori gloriosissimi Martyris, & pro remissione peccatorum meorum, & pro redemptione animarum meorum, facio cautum firmissimum per huius scripturae firmitatem Ecclesia S. Christophori de Alafophnes, & ipsis heremitis qui ibi habitant, scilicet Ioanni Ciria eiusdem loci Priori, & omnibus alijs qui ibi heremiticum ordinem in praesentiarum tenent, vel tenebunt per manus Ioannis Portugalensis Episcopi praefati loci fundatoris itaque & confirmo ipsum cautum praedictis hominibus per illum riuium, qui dicitur Texoroa, ubi cadit in Barosum fluium, deinde per pontem ipsius Ba cum villa de S. Cruce, deinde ad illam reortam de Vauga, & sicut descendit per ipsum fluium usque ad illum locum ubi diuiditur domio Faerico, & ex alia parte sicut diuiditur per illum riuium qui vocatur Barolosium, & per montem de Iuste, & quomodo vadit ad Scaualen, & deinde in directum per supercilium montem, qui vocatur Alcorouta, & infra supradictos quomodo vadit in Teixeira terminos vel habere debet, praefata Ecclesia, & eius habitatoribus sicut superius sonat testor, & dono, & per cautum confirmo, ut habeant & possideant saculorum. Si quis vero aliquis de nostris propinquis, vel de alienis hoc firmissimum cautum irrumpere seu infringere tempt. quae incurrat, & a sanctissimo corpore, & sanguine Domini nostri Iesu Christi alienus fiat, & nisi emendauerit cum Iuda tradito habeat, & quod facere praesumpsit irritum sit, & euanescat, & insuper sex millia solidorum & auri talentum componat, sic firma, & inuiolata permaneat. Facta autem carta mensis Martij Era millesima centesima septuagesima pontificatus Innocentij Secundi. Regnante in Portugalen. Patria praefato Duce. Ego Alfonsus qui hanc cartam iussi boro.

Venegas testis Ioannes Presbiter notauit.

Escritura  
original  
do mostei  
ro de São  
Christo-  
uão de La  
foës.

## ESCRITURA XXII.

Que he a memoria do Castello de S. Olaia junto a Montemor o  
Velho. Serue pera o Capit. 7. do Liuro 11.

Eslã no  
Cartorio  
de S Cruz  
de Coim-  
bra no li-  
uro do te-  
stamentos  
de 1366.  
Tarasia.

**N**oscant omnes homines qui has literas legerint, vel audierint, quia postquam Rex D. Alfonsus dedit Castellum S. Eulalia monasterio Sanctae Crucis per testamentum, & concambium, exoluto multo tempore, multisque annis, dedit Castellum de Monte maiore filia sua Regina D. Tarasia.

Tarassia. Orta est itaque contentio inter homines de Monte maiore, & homines S. Crucis super portatico de Duarcos, qui est in fovea Mondeci, abiit itaque Prior Sancte Crucis D. Ioannes ad Regem D. Alfonsum, & locutus cum eo dixit illi, ut meminerit testamenti sui quod fecerat monasterio S. Crucis pro anima sua de Castello S. Eulalia, & de tota Anliada, quomodo illud nobis donauerat. Portaticum namque illius loci, quod semper habuerant prestamarii, qui illud castellum tenebant, nos non habebamus, sed Maiorini de Monte maiore illud accipiebant nobis. Cui respondit Rex, quod testamentum illud tale fecerat, & sic nobis concedebat, ut haberemus illud cum omni suo dominio, & cum omnibus suis directuris, sicut cum aliquando melius habuerant quicumque eum de manu sua prestantius tenebant. Nam dominium Castellum S. Eulalia per se debet esse, & similiter Castellum de Monte maiore per se debet stare unumquodque in suo iure cum suis directuris. Ad hac D. Prior illi respondit, quod sicut illi melius placeret, ac rectius populo videretur, sic & nobis placeret quomodocumque ipse vellet. Nam Maiorini de Monte maiore diripiebant nobis totum portaticum de mari. Unde Rex animatus mandavit venire ad se iudicem de Monte maiore, scilicet Petrum Martini, & Pelagium Menendi Sencinal, & Ioannem Sefnandi Maiordomum, & Pelagium Monachum, iustitia de Anliada, & Fernandū Fernandi iudicem, & praecepit illis quatenus vocato ad se Gundisaluo Menendi Alcaide de Monte maiore, & alijs bonis hominibus secum adiunctis inquirerent veritatem de hoc quomodo Prestamarius, qui aliquando melius, & prestantius tenebat Castellum S. Eulalia à tempore D. Pelagij Goterres de Sylua usque ad hoc tempus, quomodo se habuerit D. Pelagius Goterres de Sylua de illo portatico, & de omni iure illius Castellum. Qui abeuntes, & Regi satisfacere cupientes convocauerunt ad se Alcaide Gundisaluo Menendi, & alios bonos homines, & inquirentes quisserunt homines de hoc magis scientes, qui sciebant bene veritatem de hoc, à primo tempore quo fuerat populata illa Anliada, & dato libro Evangeliorum acceperunt iuramentum, & sacramentum ab eis super quatuor Evangelia, ut dicerent eis veritatem de hoc, & neque pro honore, neque pro timore deitarent à rectis, quia D. Rex volebat inde veritatem sapere, & si ipsi ei negarent veritatem maledicti essent. Tunc autem omnes uno ore dixerunt, se bene audisse, & nosse quia quando D. Pelagius Goterres de Sylua tenebat Castellum S. Eulalia, & Anliadam in prestimonium, totum portaticum tam de mari, quam de terreno, erat liberum de D. Pelagio Goterres de lo Monte qui vocatur, Ceano, quomodo vadit pelo esteiro de intratiboi, & intrat in Mondeco, usque ad focem Mira, & omnes mercatores, siue piscatores undecumque venissent ad emendum, vel vendendum siue piscandum, D. Pelagio Goterres dabant totum suum portaticum, exceptis quatuor piscatoribus de Monte maiore, qui ibant de Monte maiore in suas naues per aquam ad mare, & redibant per aquam cum suis piscibus, isti non dabant portaticum. Similiter si qui mercatores, Alsaqueques aduenissent de terra Sarracenorum, & nolentes venire per Saurium, vel per Montem maiorem transcendendo, sed diffugerent illuc cum suis athabias, isti non dabant portaticum D. Pelagio, sed omnes alij undecumque venissent ad emendum vel vendendum quidquid vellent D. Pelagio dabant totum suum portaticum. Omnis naus quae periclitaretur in mare, & ibi exisset siue aliud quodlibet lignum, D. Pelagij erat, & naus, & omne quod in ea reperiretur. Hoc fuit forū, & dominium Castellum S. Eulalia, quando eum tenuit D. Pelagius, & post eum D. Fernandus Petri, & post ipsum D. Rodericus Muniz, post eum quoque Comes D. Rodericus, & post eos Comes D. Gomez Pelagij, &c.

## E S C R I T V R A XXIII.

Que he hum priuilegio delRey Dom Fernando de Leão feito  
ao mosteiro de Alcobaça. Serue pera o Liuro II, Cap.13.  
acerca do tempo do casamento delRey Dom  
Fernando de Leão com a Rainha D.  
Vrraca filha delRey D.Afon-  
so Henriques.



*N*omine Domini nostri Iesu Christi, Amen. Regia maiestatis officium esse dignoscimus sancta loca, & religiosas personas diligere ac venerari, & eas largis ditare muneribus, ut dando terrena adipisci mereatur aeterna. Ea propter ego D. Fernandus Dei gratia Hispaniarum Rex recipio in protectione, & defensione mea omnes res monasterij de Alcobaça, videlicet mercaturas, & equitaturas, & uniuersam pecuniam supradicti monasterij, & mando quod in toto Regno meo nullus sit ausus pedagium siue de rebus, vel de mercaturis suis accipere. Quicumque igitur de cetero portaticum in aliqua parte Regni mei de rebus, vel de mercaturis iam dicti monasterij acceperit, vel ullam iniuriam, seu violentiam in illis eidem monasterio fecerit, iram Dei Omnipotentis, & Regis indignationem incurrat, & cum Iuda Domini traditore in inferno sit damnatus, & pro temerario ausu parti Regis mille morabitinos persoluat, & quod inualerit quadruplum reddat, & hoc scriptum semper maneat firmum. Facta carta apud Zamoram mense Aprilis, Era millesima CC.XII. regnante Rege D. Fernando Legion, Extremadura, Gallecia, & Asturijs.

Escritura original do mosteiro de Alcobaça. Também está no liuro 1. do dourados as fol. 19. pag. 2.

Ego D. Fernandus Dei gratia Hispaniarum Rex una cum uxore mea Regina Donna Vrraca, & cum filio Rege Domino Alfonso hoc scriptum quod fieri iussi proprio robore confirmo.

Ego D. Alfonso Rex hanc cartam patris mei roboro, & sigilli mei munimine confirmo.

Petrus Dei gratia Compostellanus Archiepiscopus confirmat. Ioannes Legion. conf. Ioannes Lucen. conf. Beltramus Tudensis conf. Alfonso Aurtensis electus conf. Fernandus Rodericus tenens tures Legionis conf. Comes Gomes de Castell. dominans in Monte Roso. conf. Comes Gomes de Gall. in Trastamar. conf. Aluarus Rodericus domini Regis Maiordomus, conf. Gontrodo Contr. Signifer Regis conf. Fernandus Dei gratia Hispaniarum Rex. Ego Petrus Ioan. Regis Notarius scripsi.

## E S C R I T V R A XXIII.

Que he a Bulla do Papa Alexandre III. em que daua a confirmação do Reyno a elRey D. Afonso Henriques. Serue pera o  
Cap. 29. do Liuro II.



Alexander Episcopus seruus seruorum Dei. Charissimo in Christo filio Alfonso illustri Portugalsium Regi, eiusque heredibus in perpetuum. Manifestis comprobatum est argumentis, quod per sudores bellicos

Está na Torre do Tombo do liuro das Bullas as fol. 5.

bellicos, & certamina militaria inimicorū Christiani nominis intrepidus extirpator, & propugnator diligens fidei Christianae, sicut bonus filius, & Princeps Catholicus multimoda obsequia matri tuae sacrosanctae Ecclesiae impendisti, dignum memoria nomen, & exemplum imitabile posteris derelinquens. Aequum est autem ut quod ad regnum, & salutem populi ab alio, dispensatio celestis elegit, Apostolica Sedes affectione sincera diligat, & iustis postulationibus studeat efficaciter exaudire. Proinde nos attendentes personam tuam prudentia ornata, iustitia praeclara atq; ad populi regimen idoneam, eam sub Beati Petri, & nostram protectionem suscipimus, & Regnum Portugallense cum integritate honoris Regni dignitate, quae ad Reges pertinet, nec non & omnia loca quae cum auxilio celestis gratiae de Sarracenorum manibus eripueris, in quibus ius sibi non possunt Christiani Principes circumpositi vendicare, excellentiae tuae concedimus autoritate, & autoritate Apostolica confirmamus, Ut autem ad obsequium Beati Petri Apostolorum principis, & sacrosanctae Romanae Ecclesiae vehementius accedaris, hac ipsa praesatis haeredibus tuis duximus concedenda, eosque super his quae concessa sunt Deo propitio, pro iniuncti nobis Apostolatus officio defendemus. Tua itaque intererit fili charissimi ita circa honorem, & obsequium matris tuae sacrosanctae Romanae Ecclesiae humilem, & deuotum existere, & sic te ipsum eius opportunitatibus, & dilatandis Christianae fidei finibus exercere, ut de tam deuoto, & glorioso filio Sedes Apostolica gratuletur, & in eius amore quiescat. Ad iudicium autem quod praescriptum Regnum Beati Petri iuris existat, pro amplioris reuerentiae argumento statuisti duas marchas auri annis singulis nobis nostrisque successoribus persoluedas. Quem utique sensum ad utilitatem nostram, & successorum nostrorum Bracharensi Archiepiscopo, qui pro tempore fuerit, tu, & successores tui curabis assignare. Decernimus ergo ut nulli omnino hominum liceat personam tuam, aut haeredum tuorum, vel etiam praesatum Regnum temere perturbare, aut eius possessiones auferre, vel ablatas retinere minui, aut aliquibus vexationibus fatigare. Si quae igitur in futurum Ecclesiastica, secularisue persona hanc nostrae constitutionis paginam sciens contra eam temere venire temptauerit, secundo, tertioque commonita, nisi reatum suum digna satisfactione correxerit, potestatis, honorisque sui dignitate careat, reumque se diuino iudicio existere de perpetrata iniquitate cognoscat, & sacratissimo corpore, & sanguine Dei, & Domini Redemptoris nostri IESU Christi aliena fiat, atque in extremo examine districtae ultioni subiaceat. Cunctis autem eidem Regno sua iura seruantibus, sit pax Domini IESU Christi, quatenus & hic fructum bonae actionis percipiant, & apud districtum iudicem praemia aeternae pacis inueniant. Amen, Amen, Amen.

Ego Ioannes Presbiter Cardinalis Sanctorum Ioannis, & Pauli, tit. Pamachij subscribo. Ego Ioannes presbiter Cardinalis Sancti. Anastasiae. Ego Ioannes presbiter Cardinalis tituli Sancti Martii. Ego Petrus presbiter Cardinalis tituli Sanctae Susanae. Ego Viceranus presbiter Cardinalis tituli Sancti Stephani Celiononte. Ego Cicius presbiter Cardinalis tituli Sanctae Ciceriliae. Ego Luigo presbiter Cardinalis tituli Sancti Clementis. Ego Arduinus presbiter Cardinalis tituli Sanctae Crucis in Ierusalem. Ego Mattheus presbiter Cardinalis tituli Sancti Marcelli. Ego Alexander Catholica Ecclesiae Episcopus subscribo.

Ego

Ego Vbaldus Ostiensis Episcopus. Ego Teodinus Portuensis, & Sancta Rufina Episcopus. Ego Petrus Tusculanus Episcopus. Ego Iacinius Diaconus Card. Ego Ardecio dictus Cardin. S. Theodori. Ego Haborans dictus Cardin. Sancte Maria in Portucri. Ego Rainerus dictus Cardin. S. Gregorij ad velum aureum. Ego Gratianus dictus Cardinalis Sanctorum Cosma, & Damiani. Ego Ioann. dictus Cardinalis S. Angeli. Ego Rainerus dictus Cardinalis Sancti Adriani. Ego Matheus dictus Cardinalis Sancte Maria noua, Ego Bernardus Sancti Nicolai in carcere Tulliano dictus Card. &c.

## ESCRITURA XXV.

Que he hum relatorio da tresladação, & Milagres de São Vicente.  
Serue pera o que se trata no Capit. 23. & 24. do  
Liuro Vndecimo.

Incipiunt Miracula Sancti Vincentij Martyris edita Vlixbone à Magistro Stephano Sedis Vlixbonensis Præcentore.



Criptura declarant Reges esse felices qui iusta imperant, nihilque loquuntur rebus humanis esse commodius, quam si Deo miserante habeant potestatem, qui scientiam regendi populos consecuti sunt. Illorum vero potentiam, qui Deum timent, diligunt, colunt, qui plus amant illud Regnum, ubi non timent habere consortes, qui suam potestatem ad Dei cultum maxime dilatandum diuina magestati famulari faciunt, non tam sibi præstatur, quam subditis. In his equidem laudum præconijs Regis Alfonso strenuitas admodum insignis effulsit, qui suam potentiam ad Ecclesiæ dilationem adeo frequentibus bellis exercuit, ut nunc cum sit atque <sup>Carrois de Alcoha ga no illud</sup> ~~atque~~ <sup>que se in-</sup> ~~atque~~ <sup>titula Ter</sup> ~~atque~~ <sup>passionit.</sup> ~~atque~~ <sup>Cartorio de Se de</sup> ~~atque~~ <sup>Luben.</sup> non solum vicinis, sed etiam cæteris sedeat Regibus formidabilis, hostesque malint cum eo pacem, aut amicitiam experiri quam bellum; Lusitania quoque titulis adscribit, quod potissima pars eius ab hostibus fidei libera, populisque repleta fidelibus, uberes Domino gratias, & sacrificia laudis exsoluit. Si loca quis diligens contemplator inspexerit, qua Rex illustris, aut diuinis cultibus contulit, & religioni, aut qua maribus, & populis ~~ad Regni~~ <sup>ad Regni</sup> firmamentum, & hostium infirmationem, seu ampliavit, seu de nouo construxit, profecto fatebitur, quantum humano licebit iudicio, ipsi diuinam gratiam contigisse felicem. Cum ergo me mea superet, de beneficijs scribere proponentem, que patria nuntius Dei, dum iste regnaret accepit, omisis alijs quibus nostri facultas ingenij minime sufficit, pauca interim qua diebus illius ciuitatem Vlixbonam per diuina pietatis intuitum, supra quam credi potest extollunt, relatu simplici sermonis attingam. Sicut igitur literis, & narratione maiorum certissime creditum est: beatissimus athleta Dei Vincentius apud Valentiam martyrio coronatus, ibique sepultus fuit. Verum quando sub Rege Roderico fere per totam Hispaniam Sarracenis irruentibus Christianitas interiret, quidam viri Religiosi iuliorum loca quærentes in loco remotissimo versus Occidentem, qui Latine dicitur, ad caput Sancti Vincentij de coruo, Arabice vero, ELKENICI ET AL CORABH, id est, Ecclesia Corui: præfata Martyris ossa sacratissima condiderunt, cellulasque quantas ille locus angustus,



& in mare porrectus excipere posset, extruxerunt. In quibus à viris Religiosis per aliquod tempus ad honorem Dei Martyri glorioso seruitum est, & eius obsequium non sine diuinis beneficijs cum multa deuotione peractum. At ubi præfatus Rex Alfonso iam tunc à puero admodum commendabilis, & famosa indolis adolescens sæpe victis hostibus, Regibus superatis, urbibus quoque vastatis & captis Mauris esse terrori capisces, ad locum prænominatum, ut inde secum beatissimum corpus afferret, virtute tam fidei, quam gentis armatus accessit; sed Regis pia deuotio, nõ tam incuria, seu minus perperito labore, quam ipsius Martyris voluntate cassa est. Libet igitur super re ista Regis ipsius rationem attendere, qui dicit idcirco beatum Martyrem à Rege senolle fuisse repertum, quia sibi placitum fuerat ab Vlixbonensi populo potius venerari: & contra Regis animus Brachara seu Colimbria, si repertum referret, condere proponebat. Præsertim cum nondum pietas diuina sibi contulerit Vlixbonam. Regi tamen inutilis pijs laboris cura fuit, nam placitam deuotionis obtulit & orationis hostiam Domino in memoriale altissimi Martyris, cuius ope atque suffragijs actum esse credibile est, quod eodem tempore quo Rex præfatus quamplurimos Christianos, qui Musarabes, quasi mixti Arabes nuncupabantur, ab infidelium seruitute terra restituit Christiana: inter quos duo fratres viri Religiosi ætatis prouecta habitus Monachalis, qui in loco præfato, & seruitio beatissimi Martyris suas ætates concorditer egerant, aduocati sunt. Qui dum honeste, & religiose Vlixbona vixissent, quamplures id maxime scire curantes, notitiam ubi ab antecessoribus Beatum Vincentium positum dediscerant, diligentissime docuerunt. Vnde post aliquod tempus, cum iam haberetur certitudo definita locorum, & tandem, volente Deo, pacis sadera inter Regem sæpe dictum, & Mauros, ad locum præfatum securus iter efficerent, quidam bono animo, & spiritu acti diuina nauigia parant, collectisque necessarijs maria tentant, pericula superant, & ad locum optatum felici nauigatione perueniunt. Vbi vigilijs, & orationibus insistentes circa loca præsignata terram aperiant, corpusque præoptatum post multum laborem per diuinam reuelationem inueniunt, nauique desiderabilem sarcinam imponentes, cum quibus gaudijs, quibus denique gratiarum actionibus, quæ læti, quam hilares redeant, prosequi facile dictu non est.

#### PRIMUM MIRACULUM.

**I**llud silencio dandum non est, quod de socijs vnus qui aderat, sibi ipsi quod accidit cuensse confusus est. Sibi videlicet de sacris ossibus quidam, dum multo metu hostium captum colligerentur, se furto tulisse: quo facto, tamdiu permansit vsu priuatus, quoad reliquis partibus partemquam tulerat trepidus admodum, & maestas adiungeret, statimque suum oculis officium impetrata uenia redditum est.

II. Miraculum. Sed certe nec hoc sine beneficio æstimandum est accidisse diuino, quod mare circa partes illas ventis semper horret, & undis, & tunc ita se mite redeuntibus, & placabile præbuit, ac si nullis vnquam solitum fuerit motibus agitari. Veniunt igitur Vlixbonam, & agente Deo portus intrantes optatos, lato remige litus attingunt, unusque sanctissimum pijs humeris imponentes, e naui deponunt. Sed ne violentia quorundam valeat inconsiderata nocere, sub nocte quasi clanculis gressibus ad memoriam Beatae Iustæ virginis occulte delatum est. Verum ubi ciuitati manifestum, rei tam excellentis euentus innouit, factus est concursus incermium, & armatorum. Hi ad Monasterium quorundam Regularium



Regularium extra ciuitatem commorantium cum violentia litigant, & contendunt debere deponi. Alij saniori sententia reclamant ad cathedralem Ecclesiam sanctissimum corpus oportere deferri. At verò Gualuinus Egee, quem in illis diebus Rex antedictus militia prefecerat Extremadura, vir viq; strenuus, & discretus, mandat e medio violentiam, & litigium tolli, Regisque super re tanta beneplacitum expectari. Tunc denique matris Ecclesie Decanus Robertus nomine, vir Deo, & populo ciuitatis acceptus, collectis socijs Canonicis, & sapienter ne plebis commotio rem aliter verteret, hinc inde depositis. M. personam ipsius Ecclesie ubi primum in ciuitate sanctissimum corpus fuerat depositum, gratanter honoribus donant, ipsumque diuino consulti fauore pijs manibus, & latis excipiunt, & cum totius ciuitatis veneratione, & hymnis diuinis, & laudibus ad maiorem Ecclesiam, dono nimirum celesti lacrimis apportant, & veneratione debita collocatum pijs affectibus, seruitijs incessabilibus, quantum denique vis humana permittit, honorant. Currunt igitur prænominati Regulares aliquid de reliquijs preciosi Martyris petitori, & Regias aures rumoribus adeo leuiter attingunt, ut inter illa qua sibi prospera dum viueret, Dei fauore cedere consueuerant, istud precipue dicerent accidisse. Posses itaque suas gaudij lachrimas in Regio vultu notare, posses in viro Catholico pium animum deprehendere, & commendare fidelem, quem adeo letum tantas exoluere grates, tantum diuinam extollere videres & laudare clementiam, & merito. Credit enim id totum fieri ad suum felicitatis augmentum; gaudet suam ciuitatem terram scilicet benedictionis, Dei nutu sua speciali militia, potestati redditam Christiana, suis temporibus tanto Martyre sublimari. Gaudet & insuper Ecclesiam quam ipse ad honorem Dei, & memoriam Beate Virginis Maria constituit, & ditauit, manuque propria, sumptuque suadatum adificauit, & beneficijs amplioribus successu temporis, edificatam profecto dotabit. Hanc, inquam gaudet alijs vicinatis Ecclesijs multis diuina gratia dotibus, & his maxime presentibus martyris gloriosi Reliquiis excellentissime preferendam. Vera igitur pietate, & prudentia de Liboa, summo permotus, hortatur, & mandat, quatenus viri commendabiles, & strenui ad locum in quo fuerat sacrum corpus inuentum, motu celeri properarent, & quidquid aut pulueris, aut tumuli apparatus, aut ostium esset ex aliorum inuitia derelictum, isti vigili cura, & omni diligentia reportarent. Quod totum ea festinatione, & felicitate peractum est, qua constat hunc qui hac inebat hoc exoptasse. Reuertunt enim qui missi fuerant, & sacros cineres, & ligna sepulchri, & partem teste capitalem, & cum reliquis partibus Vlixbona ingenti ciuium veneratione componunt. Sed quanta dulcedo miri odoris lignorum existat, adhuc in presenti die volentibus experiri, si proptas admittantur, mira flagrantia, & suauissimus odor occurrit.

III. Miraculum. Sed hoc praterendum non est quod Magister Benedictus Praecentor noster vir vita grauis, & moribus nuper expertus est. Qui dum more solito ad altare iuxta quod ossa sacratissima posita sunt, orandi animo propius accessisset, tanta se sensit odoris, & fragrantia suauitate perfusum, quod quasi stupore mentis, & extasi tactus orationi tandiu sese dedit, quoad odor ille quasi claritas summi cuiusdam abscederet. Scribitur itaque dies, & grata memoria feliciter celebratur, in qua beatissimi corpus Vincentij ad Vlixbonensem Ecclesiam constat esse translatum: qua translatio iocundaque statuitur xviij. Kalend. Octobris, anno Domini millesimo centesimo septuagesimo tertio; regni autem Regis Alfonsi quadragesimo quinto; vita vero eiusdem anno sexagesimo septimo, filioque Regis eiusdem Sancio conregnante xviiiij. annorum, adolescente mirabilis indolis. Ab urbis vero

præfata cæptione anno vigesimo sexto. Cum igitur ad totius Regni felicitatem attineat Martyris adeo gloriosi præsentia, maximè populus Vlixbonensis ingi teneatur debito, diuinam clementiam super tam excellenti beneficio laudibus incessabilibus benedicere, multis gratiarum actionibus extollere, & per omnia sermone magnifico predicare. Licet enim terram habeant virtute diuina incomparabiliter bonam, terram, inquam, omnium generum fructibus commendabilem, oleo, vino, frugibus abundantem, aere saluberrimam, vndarū beneficio copiosam, præsentis tamen cælestis generis dono cæteris potest, nostro iudicio, suæ vicinitatis ciuitatibus anteponi. Propter præsens siquidem donum, is qui est magestate mirabilis, & in Sanctis suis gloriosus mirifice magna, & magnifice mirabilia, per assuetæ bonitatis gratiam diebus singulis operatur. Demonia siquidem ab obsessis corporibus effugari, mutos loqui, claudis gressum restituere, in mari periclitantibus subueniri, cæcos illuminari, sublatis furto pecunias mirabiliter reddi, mulieres à diutino sanguinis fluxu sanari, tortos membra rectos effici, ab humanis corporibus varios languores expelli, quæ diuina gratiæ, aut Beatissimi Martyris Vincentij meritis non adscribunt, non solum Dei beneficiorum ingrati, verum etiam à fidelium numero alienissimi sunt habendi. De prælibatis igitur miraculis ex ordine tractaturus, ne diuina beneficia posterorum notitiam lateant, licet impediatur copia proponentem, tamen sicut hæc, & plurima gesta noscuntur, prout breuius possum expediam. Cum ergo tantis audita miraculis, hinc in populos fama contraheret, & hos ad videndum res mirabiles, illos ad glorificandum nomen domini conuocaret, plerisque tamen spes amplius properat, ut pietate diuina, & Vincentij meritis ad ægra corpora seu mentes, spiritu vexatas maligno, sanitas reducat.

V. Miraculum. Vidi ipse, & quæ præsens aderat multitudo quammaxima, puellam iam nubilem ab Vlixbona parentibus ortam ad Ecclesiam, in qua præfatus Martyr Vincentius honoratur, aliorum officio deportatam. Quæ dum gestu perditæ corporis, & gutturis impedito munere grauis, innueret quod vellet ad aliam deponi, à parentibus circumstantis turba quasi cuiusdam morbi puellam tanta miseria fatigaret. Quibus referentibus illam per aliquot dies agritudinis magna molestia fuisse grauata, demum insaniam tactam amisisse loquelam, & ideo se velle cum iam ab ope humana deficeret, misericordiam implorare diuinam. His inquam ita dicentibus, puella sacris Reliquiis in oratione supponitur. Pro qua dum à populo circumstante visis lachrimis, & cõmunibus votis oratur, quies insolita, & quedam soporis dulcedo membra puella demulcet, ita tamen ut mitiori motu videretur ab assistentibus hinc inde moueri: vnde mox seipsa fortior excitatur, restituitoque membrorum officio, cunctis præ mirabili euentu stupentibus surgit, & os quod culpa fuerat exigente ligatum, fit illico solutente Domino liberum, & ad laudem ipsius, & gloriosissimi Martyris expeditum. Exclamat itaque, & sibi dum semisopita taceret viuū in albis apparuisse testatur: querentique quisnam esset qui tam speciosus accederet. Ego sum, inquit, Vincentius qui te salutem reddidi: manūque puella, ut sibi visum fuerat appropinquasset, eleuauit eam præcipiens, ut surgens eloqueretur quod sibi senserat ex dono diuinæ bonitatis impensum. Quas igitur laudes, quas voces exultationis, quas lætitiæ lachrimas, signis undique ciuitatis sonantibus, vir, mulier, ætas omnis, ciuitas denique tota concurrens diuinæ virtuti deprompserit: eo minus sufficientius nos constat effari, quo Dei magnalia excellentius humanum pectus excandunt.

VI. Miraculum. Per idem tempus quidam Ecclesiæ nostræ Canonicus ardore febrium iam multis diebus ita molestia accesserat & debilitati, ut vix ad Ecclesiam spe

spe trahente salutis valeret accedere, in qua dum pernoctasset completis in oratione vigilijs, domum sanitate reddita validus remcauit.

VII. Miraculum. Simili modo quidā puerulus magistri operis antedicti filius, per beatissimum Martyrem salutem adeptus est. Cuius facie lesa tanta in vultu deformitas apparebat, quod & lasuræ parentibus horrorem incuteret, & salutis desperatio non minime contristaret. Mouit igitur deuotionem parentum filij dolor, & sicut moris est cum desperatur humana, diuinam supplices opem implorant. Veniunt itaque ad Sanctum Vincentium, lumen tam fide quam manibus ferentes, triennem puerum ante sacras Reliquias statuunt, verba quibus Vincentium salutem exposcat puerulam docent. Posses animo flecti, posses itaque mente compungi videndo elinguem, & balbulum flexis genibus, lachrymis suis astantem, & hac dicta cum parentibus iuerantem. O Sancte Vincenti da mihi salutem, & tuus dum vixero seruus existam. Huiusmodi verbis aliquoties repetitis, sana quidem & formosa facies puero redditur: nec ulterius vultus tener ulla morbi notula maculatur.

VIII. Miraculum. Quedam interim mulier sane fidelis, & timorata vicina prænominata moratur Ecclesia, que multis annis fluxu sanguinis, & magna molestia laborabat, præterquam imperitia medicorum consumpta pecunia nihil opis esse dederat, fide, & prece Vincentium adiit, sanitatem poposcit, & hoc modo recepit. Siquidem post factam orationem sibi quidem dormienti Sanctus Vincentius apparuit, præcipiens ut vestes ablutas & mundas indueret, nihil ulterius mali quod per decennium passa fuerat habitura: quæ verba præmissæ salutis effectus secutus est. Nam deinde mulier ab antedicta miseria liberata, clementiam Dei, & Vincentij beneficium grato sermone glorificat, se sanam esse populo confitetur, celestem misericordiam prædicat, & gratiam hodie datæ sanitatis extollit.

IX. Miraculum. In iisdem etiam diebus puellula quadam, octo sicut dicebatur annorum, ut à demonio liberaretur, ad gloriosissimi Martyris suffragium parentibus comitata peruenit. Huic inerat hostis adeo molestus & grauis, ut eam ter, aut quater indie in tantum laborioso vexaret incursu, quod ægra membra vix propriis spiritus sustentaret. Huius dolentis angustias post aliquot vigilias nocturnas, & orationes, illum intuitum fuisse credibile est, qui corruentes eleuauit, & erexit omnes elisos, hostisque opprimentis violentia, & improbitate depulsa, per beatissimi Martyris preces puellam saluti restituit, securamque de cætero atque incolumem conseruauit. Sed & de duobus coruis, qui iam à multis visi sunt sapius alacri volatu sub arcum, & testudinem anterioris Ecclesiæ peruenisse, quidam irrisores, & diuina pietatis ingrati subsannant. At ego quidem illud æstimo multo fuisse incredibilius, sane incredibilius, quia mirabilius, & tamen verissimum est quod inexplētæ auis adacitatis, & gula dedita, natura oblita voracis potuit carnē sanctissimi Martyris ferro, flamma, penaque multiplici tritam non solum non attingere, verum illasam à cæteris auibus, & quod magis mirandū est à feris bestiis custodire. Potuitne nutu diuino hæc auis etiam ieiuna sanctum Prophetam dies quadraginta cibare, & non potuit ad præfatam Ecclesiā, vel propter testimonium sancti corporis aduolare? Vnde ut apertiore dementia diuinis virtutibus inuidentes aberrant proposita narrationis ordinem exequatur oratio: & quos nec res auditu, vel visu miserabiles ad laudem diuine Maiestatis inclinant, maior incredulitatis causa conseruat.

X. Miraculum. Erat igitur Vlixbona septenis puella paralitica, quæ vultum habebat tanta deformitate distractum, ut amisso spiramine viæ naturalis, os ad aurium vnā vi morbi retortum retracti aeris vix flatum ferè iuxta tempus emit-

Os coruos  
queandā  
na Sē de  
Liboa (ad  
reflemt  
nhas de es  
tar all o  
corpo des.  
Vicente

teret. Unde parentes illius audito quod multos huiusmodi prefatus Martyr gloriosus à suis langoribus allinaret, puellam ad Ecclesiam sæpe dictam adducunt, oblationesque suas ad sacras reliquias in gemitu multo, & cordis contritione deponunt, & ne sermonem diutius quam opus sit teneam, puellam diuina clementia, & Beatissimo Vincentio monitam, ut quantum posset supplex oret exponunt. Nec mora quasi stupefacta, & visu nouo contrerita, officioque reuera non suo consurgens, hilarius tamen, & sana ore reddito, & suo loco restituito profatur, populoque qui presens aderat admirante, confitetur ex ordine, qualiter Beatus Vincentius sibi apparuit, & propria manus contactu agra maxilla appposito faciem puella restituit, & salutem. Fuit igitur in vrbe totaletus ad sydera clamor, & in excelsis Domino gloriam, & laudes vociferationis cum populo clerus extollunt, Deum, & Dominum Israel benedicunt, qui plebem suam per tanta miracula vifitat, & tam admirabilem genti facere in Martyre glorioso misericordiam. Miratur, & prædicat populus faciem puellæ beatam, quæ tanta, & tam sacra manu contingi meruit, & habere tam felicem contactu salutem. Hæret animus, & dum præ oculis plurima memoria digna, & valde miranda concurrunt, de multis nimirum ignoro, quod horum specialius debeat alijs anteponi. Quantum enim ad præsens, multis fortasse videbitur esse superfluum literis commendare quamplurima, quæ recenti memoria per omnium ora notissima celebrantur. Satis enim esse communi notitia potest, quod eperis Ecclesie prefate Magister gaudet, & per se quanta potest eloquentia prædicat, qualiter à Ecato Vincentio salute donatus est. Veruntamen quia non solum magistro, sed & operi prænominato Martyr gloriosus consuluisse credendus est: idcirco videor homini datum diuina debere clementie donum latius explicare.

XI. Iste cum esset ex Regio mandato profectus, ut locum exquireret, vnde facilius ad construendam Ecclesiam lapides erui possent, difficillime siquidem, & multis impensis quadratos lapides Vlixbone contingit haberi. Hor inquam animodum loca lapidum circuit aptiora, mula qua vectabatur peraspera montis, & decliuiam gradiens, ita casu subito lapsa est, ut onus impositum à se longe deiceret, & excussum hominem inter lapides aggrauando, sua mole desuper aduoluerit comprimeret. Accurunt igitur qui proprius aderam, & hominem leuantes semiuivum expediunt, & utrum integer uiuat, nomen mutando magistri requirunt. Is vero dum dubitat, & de se miratur an uiuat, respondet tandem querentibus se nescium esse quam partem laci corporis maior angustia molestaret. Equali quippe dolore quasi lasso una corpus attriuerat, magis tamen decostarum compage soluta torqueritur. Post biduum igitur Vlixbonam eger admodum quoquomodo reuectus adducitur, & desperata medicorum peritia, alienis manibus Beatissimo Martyri præsentatus. Vbidum suppliciter excubans noctem unam peregisset, mane facto, redditis membris, depulsa molestia, sanus & incolumis domum gradu firmi reuertitur, & quantam ex diuina bonitate receperit gratiam grato corde, & sermone latifico sua uxori, & latanti familia protestatur.

XII. Fuit eodem tempore iuuenis quidam de Fuimarannis quartanis febribus adeo multo tempore tanta debilitate confectus, quod nihil proficientibus medicis extremo defectui cederet, horamque qua diem clauderet tropidus expectaret. Auditis tamen Dei, & Beati Vincentii mirabilibus, spem animo colligit, & Martyrem gloriosum adeundum proponit, & vovit, & dum viam accelerat, antequam ad locum optatum perueniat, febrium longa molestia liberatur. Iter autem promissum matre grata persoluit, & Missa oblationis donis expositis, quid sibi Martyr beatissimus egerit, hodie coram populo Dominum glorificando declarat.

XIII. Tunc quoque temporis adolescentula, paucis ante diebus marito tradita neruorum dissolutionem incurrit, & parte lateris unius amissa, parentum obsequio ad Ecclesiam portatur, & ante sacras Reliquias spe salutis habenda prostermitur. Pro qua dum parentes orationē, & lachrymas faciunt, puella se paulatim recolligit, & membra de locis quo iacuerat fortius eleuat, & manu qua prius inutilis actui fuerat, collapsum mantellum humero superponit, ceterisque membris vsui solito restitutis, querenti matri se per Beatum Vincenium hilarem esse respondet, & sanam; manum in argumentum salutis extendit, pedibusq; reddito gradu consurgit, dicens, se esse sanatam, & velle domum, turba presentium admirante redire. Monetur tamen à clericis qui aderāt abstinere per triduum, & indicitur ne velit amplexibus uti mariti, donec vigilijs, & orationibus dignam faciat Deo, & glorioso Martyri de data salutis recordatione memoriam. Quos audire recusans, dum à parentibus iam latitia conuiuium apparatus, vetitis osculis, & marito miscetur. Vnde collata paulo ante sanitatis dono fraudata, nimirum ut aestimo ad euidentiā inobedientia etiam lingua præpedita loquelam amisit. Tristior igitur unde cum salute venerat ducitur: & post moram parvulam, voto vita melioris effecto, iterato diuina bonitatis dono, facta sana reuersa est. Sed & certo cum sit Martyr beatissimus, in dandorum sanitarum miraculis valde beneficus, pauperum tamen est oppressorū in rebus, furto, seu alijs modis ablatiis tam mirabilis consolator, quam rei perditæ utilis restitutor.

XIIII. Quidam namque in vicinia nostra moratur, homo sine querela, Deo timidus & amicus, diues ante aliquos dies, & inter sui similes Extrematura milites, rerum necessariorum abundans. Sed ut plerosque mortalium sors vite presentie obuiuit, huius quoque dies ultimos, rebus sinistre cedentibus, paupertas occupauit, & senectus viri tamen prudentis modestia pauperiem efficit dum patienter sustinet mitiorem. Sed hominis miseria processu temporis eo processit ut bouem unam totius possessiunculæ particulam optimam, dum sine custodia montibus oberaret, amitteret. Quam dum per aliquot dies homo præfatus per viam, & inuicem anxius terram lustrando quæsisset, rerum malarum tedio tactus hieme, inuicem inuicem fractus erratu, positis genibus ita lachrymis, & gemitibus præpediente profatur. O Martyr gloriose Vincenii, si constans, & indubitabile verum est, sanctissimas corporis tui reliquias esse Vlixbona, meam miseriam intuendo, mihi obsecro illa como quod quero restitue. Qui dicto statim mugitum bouis quasi de prope venientis at- tendit, & nebulis admodum spissis visum eripientibus sonos audiens iteratos gressu- meliore procedit, vaccamque oculis præsentatam grauidus plurimum, & latibunda agnoscit, secumque gratias referens Deo, & Martyri glorioso domum reducit.

XV. Miraculum. Sed non minus mirabile pietatis extitit argumentum, quod uenit, quidam Vlixbona habitans in in ijsdem diebus expertus est. Hic ab amico depositam pecuniam quatuor aureorum conseruandam receperat. Erat autem homo rerum exilium, sed morum, & vita fidelis abundans. Is, & uxor manuum labore communi liberis victum & sibi parabant, nihil præter domum qua se reciperent possidentes. Contrigit autem, ut quidam familiariter noscens ad locum in quo prædicta pecunia posita fuerat iam cognitum, & prenotatum accederet, aureisq; furtiue sublatiis suam tenuit, & se Almada transmissio Tago recepit. Is autem qui pecuniam custodie, sicut putabat fideli commiserat, post paucos dies aurum exigente necessitate requirit. Quod dum in promptu ceteros antea citius habere putaret, & quæsitam minime reperiret, exangui vultu, linguaque præ dolore deficiente, respondet, sibi pecuniam furto esse sublatam. Vixore ilico eiulatu flebili motam viciniam vertit in lachrymas

ohrimas, & miserabili voce conclamat se miseriam non amplius à paupertatis incommodis emersuram. Ducitur ergo ante Pratorem homo miser in causam, & quia cum omiſſa pecunia rei propria nihil amiserat, ipsam reddere iuxta terræ consuetudinem iudicatur. Tantis itaque malis anxius petit inducias; domum tristis reuertitur cum uxore quid facere debeat parū consilij habiturus: quæ consultis sortilegis dicit pecuniam iam ad Troncosam usque fore delatam: quod oppidum vig. distat Vlixbona dietis. Latronem itaque de via magnitudine persequi desperantes domum suam quo possent prætio vendere proponebant, sub aliqua postmodum spelunca mansuri, victum, panemque hostiarum ultima miseria petaturi. Redit tamen maritus ad coniugem, & obortis lachrimis ita miserandam affatur. O mulier inquit, ecce Sanctus Vincenſius petentibus miseris solatia confert, & nobis videntibus nemo, corde supplici, & animo mundo ad præsentiam Reliquiarum eius accedit, qui secum optata remedia non reportet. Surgamus itaque, & prout nostra facultas expetit munus, & animam potius offerentis coram ipso lachrimas nostra quarella ponamus, & nisi spes animum fallit, nostro dolori velox aderit sua pietate remediū. Placuit hic sermo duobus, & expositis quæ oblationi parauerant donis, vigilias celebrant, & parte noctis in orando peracta, certam notitiam de rebus amissis accipiunt. Quidam enim marito per visum apparens, vade, inquit, Almādam, & qui tibi de Castello veniens primo occurrerit, is de tua pecunia te certum efficiet. Nauigat igitur manifestō, & citus ad locum præmonstratum adueniens, statim hominem aureos habentem obuiam habuit, & ab ipso prius amito more saluere iubetur. Scio, inquit qui furtum amiserat, quod tuos aureos quaris, sed si tacitum semper de nomine meo, & secretum habueris quod inde fuero tibi confessus, ego cum pecunia reddita tua te latum uxori remittam. Data itaque fide, & rei malegesta taciturnitate promissa, partem quoque pecunie se daturū animo libenti spondit. Sed & alius, nequaquam, inquit, diutius inde quidquam mihi retinebo, quoniam ut hos male tuli, semper animus duris horroribus actus, quasi alienatione noua remota quiete vehementes obſtupuit. Recepit igitur aurum homo gaudens, & valde latissimus domum regreditur, secumque sua solatia deferi ad uxorem, de piſſimi Martyris tanto beneficio gauisuram.

Simili pietatis gratia quadam muliercula valde pauperrima pannos ad laudandum susceptos dum furto sublatos minime reperiret, ab exorato Martyre rediens, domi positos, & ad plenum restitutos inuenit. Alia quoque quæ in suburbio habitabat Vlixbona misera valde, decem aureos quos ad redimendum filium ex elemosina Regis supradicti receperat, & subraſtos non inueniens, susa cum lachrimis oratione à Beato Vincentio misericordiam petit, & domum reuerſa nutritum à se porcellum obuiam habuit prædictum aurum ore suo ad pedes dominae suae præsentantem.

Quidam autem eodem tempore pelliculas emere cirogillinas, & ut in eis operaretur, spe lucri quidquid habebat in illis emendis expenderat. Quibus conseruandis dum animum opere negligentiori impendit, ipsas alio curam agente, habendis alienis sollicitiorem amittat. Pro quibus vrbe fere tota quærendis euerſa ad misericordiam Beati Martyris implorandam consilio tandem meliore recurrit. Aderat tunc, & suas agebat vigilias Ecclesia prænominata Magister scholarum, & sicut ab eodem conficiente recepimus, ipse, & sua societas præſens, præfati negotiatoris verba huiusmodi risit. Intendens enim oculos, & faciem commonens ait: O Sancte Vincenſi de tua præſentia nequaquam mouebor, donec meas pelles mihi reddi præcipias. Prius igitur quam nox media fieret, propere surgens socios excitat dicens, se per

se per Beatum Vincentium certum effectum, quodammodo, & apud quem debeat hominem pelliculas inuenire. Quas ea certitudine scimus hominem inuenisse, quae fidei constantia ex certa fiducia Martyrem gloriosum rem perditam precabatur. Sed certe memoriter habendum est, & valde pensandum, quam magni meriti apud Dominum sit beatissimus huius Martyris spiritus, quantumque sua praece remittendis criminibus valeat animarum in celo, qui non solum corporibus à multiplici morbo sanandis, sed & rebus victui necessarijs tantum valere monstratur in terris. Verum & maria nullatenus beneficiorum illius expertia, rerum euentu mirabilium ostenduntur.

**XVII. Miraculum.** Quidam enim Vlixbone habitant eorum hodie, quae dicturi sumus minime testes existerent, nisi data de periculis tantis salute presentem vitam Martyri glorioso debent. Ij cum iam ad maris, & terra confinia litus, & portum sibi facili nauigatione promitterent, vis magna ventorum, & violentium aestus undarum contrarius, ruptis anchora funibus miseros nautas in altum à conspectu telluris longe frustra laborantibus remis inuoluit. Geminat autem adueniens non obscura procellas, & duplicatis tenebris quorsum tenere nauiculam debeat, rector nimirum ignorat. Pars itaque lachrimans fundit & undas, & nauem imbre, marique grauata euacuat: pars autem quod dulce domi reliquerat, memorat, & quod sui defuncti agat curam exoptat. Tres ergo noctes & diu hieme, & tenebris indiseretos, sine cibo, potuque nequaquam mortis incerti vexantur. Enim vero etsi tempestate dilatam, certam tamen expectant per longa ieiunia mortem. Tum denique Sanctum Vincentium miserandis vocibus intonant, unanimes vota Vincentij faciunt, statimque curam prosperam mari reddito, & aere clarificato recipiunt, & praeter speratum mira celeritate in portus inferuntur optatos. Et quam ad suas domos adcant, ante Beato Vincentio vota persoluunt, cuius se gratia, & ineffabili pietate testantur populo admirante de periculis immensitate saluatos. Verum uxores, & ut quaeque periclitantibus proximior fuerat, vultu deformis, & crine gentis suae ritu venias egerant, & Missis de more cantatis animas commendauerunt Martirum. Quibus viuis iterum apparentibus, omnem luctum in gaudia commutantes, quantum de salute suorum Deo, & beatisimo Martyri debeant, mirabilium actionibus gratiarum ostendunt.

**XVIII. Miraculum.** Huius profecto Martyris gloriosi dignum est meritis imputari, quod nauis Alcobacia de consimili periculo naufragia maris euasit. Enimvero Dominus Abbas communi prouidens vsui fratrum, nauem oncrariam sale, qui multum abundans est Alcobacia repleti praeceperat, & ad portum alium, ubi carius emititur, apportari. Nauis igitur aura fallaci fauente, portus exierat, & dum multum à terra longius agitur, subito vehemens irruit ventus in vella contrarius, & turbine nauem tanto percussam inuoluit, ut horrendo undarum incursum, nauis ad scopulorum anfractus, & loca de quibus nullus eunderet praecipit inferretur. Tunc vero viri Religiosi qui aderant presenti periculo territi uno clamore vociferantes ad Sanctum Vincentium preces emittunt, & ut eos de praesentia mortis eripiat, euolatim magno conclamant. Miro igitur modo oratione finita statim procella cessante, ventus in auram suauissimam vertitur, & nauis in portum ubi Beatus Vincentius honoratur cum magna tranquillitate deuehitur. Vbi de tanto metu securi ad Beati Martyris praesentiam festinant, & multas illi de periculis emersione grates exsoluunt, populoque quam praesentem mortem per meritum illius euaserint gratis sermonibus eloquuntur, sed etiam alij quamplures, qui sibi vicium, & vestitum piscando conquirunt, votis per saepe Beato Vincentio factis naues ab alto reducunt multitudinem.



titudine piscium admodū oneratos. Ijs, & alijs multis virtutum inditijs navigantes Vincensium potentē maris appellant, & minus marina pericula timent, quicunq; frequenti memoria revocatum sibi propitium Martyrē gloriosum efficiunt. Verum ad ea quæ per illū Dominus circa miseros operatur, narrationem vertamus.

*XIX. Miraculum.* Quidam autē multo tempore visum oculorum amiserat, & supplicanti Deo, & glorioso Martyri, sanitas oculis diu perditā restituta est. Quod ipse qui cæcus fuerat, coram D. Gonsaluo præfato tribuno militia, qui tunc suas vigilias ad Beatum Martyrem celebrabat, confessus est.

*XX. Miraculum.* Ipsaque eadem nocte puellula quadam muta, & demoniaca salute reddita, sibi donata est.

*XXI. Miraculum.* Sed & post paucos dies alius quidam à demonio sæpe vexatus mirabili gratia, & memoria digna sanatus est. Iste ad petenda remedia nocte venerat eadem forte qua Donnus Galatinus procurator rerum, & Magister militiae templi per Regnum Portugallia, vir utiq; gratosus, & illustris, suas vigilias una cum alijs multis militibus animo magna devotionis agebat. Contigit præfatum infirmū corā Magistro prænominato ante sacras Reliquias sisti, & solito morbi venientis signo percepto, capit emissā voce clamare, & contra violentiam inuadentis hostis à confedentibus opem expetere. Cui Magister confidenter, ne timas, inquit, villane, sed bonam fiduciam habe, & extendens manum arcam attinge. Dicebat enim is qui à demonio vexabatur quod per dexteræ manus digitum minimum se solitus fuerat malignus spiritus occupare. Hanc itaque manum extendens tetigit arcam in qua Reliquiæ sacræ reponuntur, & ab hoste paululum respiravit. Ter igitur in ipsa nocte miserum hominem suus hostis exterruit, & archa sanctæ per mādātū præfati Magistri tactum, data per Martyrem securitate perniciem hostis deinde sanus evasit.

*XXII. Miraculum.* Alius quoque iuuenis à multis diebus invalidus ab umbilico inferius omnium vsum membrorum amiserat, & de sanitate medicis desperantibus ad præsentiam Martiris Beatissimi meliore consilio per manus aliorū deductus est. Is cum suæ devotionis lacrimas, & orationes beatissimo Martyri sapius obtulisset, ita sanus restitutus membris abscessit, ac si nunquam fuisset aliqua molestia prægravatus.

*XXIII. Miraculum.* Similiter alius à damone frequenter in die correptus intolerabiliter laborabat, & multis diebus, & noctibus ad sanctum Martyrem excubans, & cū vigilijs diutissime factis orationibus, tandem donec viveret perpetuum corporis sui servitium Vincensio glorioso promisit, & nobiscum diutius morans, ex toto præfata miseria liberatus est.

*XXIV. Miraculum.* Alius itidem apud turres moratur in tantum spiritu vitali defecerat per longam febrilis morbi molestiam, ut iam ultimum fatalis horæ terminum trepidus expectaret. Quem dum ultimus ut timuit angeret dolor, vicinis præsentibus se vouit ad sanctum Vincentium si viveret profecturum, & statim facto voto, cunctis qui aderant admirantibus, sanitati perfectissime redditus est. Cuius beneficii gratiam ipse postmodum, & alij quibus Martyris beatissimi donum notum extiterat, cum Vlix bonam peruenissent, debita gratiarum actione diuulgare postmodum beati Martyris merita non cessarunt, &c.

FINIS.

LAUS DEO, VIRGINI QVE MATRI.

TABOA



# TABOADA

## DOS LIVROS, E CAPITVLOS

### desta terceira parte da Monarchia

### Lusitana.

## LIVRO VIII.



- Cap. 1.** Da vinda do Conde D. Henrique a Espanha, varias opiniões que ha de sua linhagem. fol. 1.
- Cap. 2.** Resolue-se como cousa mais prouauei ser o Conde Dom Henrique filho dos Duques de Borgonha, & descendente por varonia dos Reys de França. fol. 3. vers.
- Cap. 3.** Em que tempo veio a Espanha o Conde D. Henrique, como se occupou na guerra antes delhe ser dado Portugal, & se effectuar seu casamento. fol. 5.
- Cap. 4.** Do Conde, & Governador de Coimbra D. Sisenando, & do que ouue em Portugal mais notauel em seu tempo. fol. 7. vers.
- Cap. 5.** Do estado Ecclesiastico de Portugal, quando o Conde D. Henrique chegou a Espanha. Trata-se dos primeiros Bispos de Braga, & Coimbra, de sua restauração. fol. 10. vers.
- Cap. 6.** Como gouernou o estado de Coimbra Martim Moniz genro do Conde D. Sisenando, das cousas notauéis de seu tempo. fol. 13. vers.
- Cap. 7.** Como foy Portugal entregue ao Conde Dom Raymundo. Das cousas de seu tempo, da successão dos Bispos de Coimbra. fol. 14. vers.
- Cap. 8.** Do tempo em que foi dado o estado de Portugal ao Conde D. Henrique, & se celebrou seu casamento. fol. 16. vers.
- Cap. 9.** Em que forma foi Portugal dado ao Conde Dom Henrique, mostra-se como os Reys de Portugal não reconhecerão superioridade a outro Rey. fol. 18.
- Cap. 10.** Como as conquistas de Portugal não forão limitadas, & comprehenderão sempre o Algarue. Mostra-se como este Reyno não foi dado pellos Reys de Castella. fol. 21.
- Cap. 11.** Em que se prosegue a materia dos limites da conquista de Portugal. Referem-se escrituras antigas. Mostra-se como este Reyno não foy nunca Concedido. fol. 23.
- Cap. 12.** Em que se trata da legitimidade da Rainha Dona Tareja. Disputa-se se foi filha legitima del Rey Dom Afonso o Sexto. fol. 25.
- Cap. 13.** Prosegue-se a materia da legitimidade da Rainha Dona Tareja. Cita-se hum Breue do Papa Gregorio 7. do qual consta a resolução deste ponto. fol. 27.
- Cap. 14.** Mostra-se como a Rainha Dona Tareja teve auctoridade à herança de Leão, & Castella. Referem-se escrituras notauéis. fol. 29.
- Capit. 15.** Do principio do gouerno do Conde Dom Henrique. Dos Principes Christãos que então ouia. Referem-se a ida do Conde à Igreja do Apostolo Santiago. fol. 31. vers.
- Cap. 16.** Dos principios que teve a sagrada Ordẽ de Cister, & como os Christãos



flã

- staõs fizeram jornada à terra Santa, & ganharão a Ierusalem. f. 33. vers.
- Capit. 17. Da jornada que fez a Roma o Arcebispo de Braga São Giraldo, das preminencias, & fauores que alcançou do Summo Pontifice. fol. 35.
- Capit. 18. Do direito da Primazia de Espanha, o qual pertence à Igreja de Braga. fol. 36.
- Cap. 19. Em que se prosegue a mesma materia da Primazia, & se mostra como pertence ao Arcebispo de Braga. fol. 37. vers.
- Capit. 20. Como o Conde Dom Henrique reprimio certa rebelião dos Mouros de Lamego, & repartio as terras desta comarca por algũs Caualeiros. fol. 40.
- Cap. 21. Da nobreza de Egas Moniz, & de outros fidalgos. Trata-se que cousa era antigamente Rico homem. fol. 41. vers.
- Cap. 22. Da jornada que fez o Conde D. Henrique a Terra Santa. Tocãse algũas cousas que succederão em Palestina, & como o Conde tornou a seus estados. fol. 43.
- Cap. 23. De algũas doações feitas pello Conde Dom Henrique, & a Rainha D. Tareja às Igrejas & mosteiros, & de algũas terras. fol. 45. vers.
- Cap. 24. Do cerco de Coimbra, em que os Portuguezes resistirão a todo o poder dos Mouros. De algũas duvidas que o Conde Dom Henrique teve cõ os moradores desta cidade. fol. 47. vers.
- Cap. 25. Da morte de São Giraldo Arcebispo de Braga, & del Rey D. Afonso Sexto. Como se rebellou Sintra, & a tornou a ganhar o Conde Dom Henrique. fol. 48. vers.
- Cap. 26. Examina-se o anno em que nasceu el Rey Dom Afonso Henriques. Citãse varias escrituras ao intento. fol. 49. vers.
- Cap. 27. De algũas cousas tocantes à criação del Rey D. Afonso Henriques, & de suas irmãs as Infantas. f. 52.

Cap. 28. De como o Conde Dom Henrique ganhou algũas terras em Leão & Galiza. Como se perderão outras na Estremadura. fol. 54.

Cap. 29. Da morte do Conde Dom Henrique, & de algũas cousas tocantes a a seu enterro, & sepultura. fol. 55. verso.

Cap. 30. De Algũas pessoas insignes do tempo do Conde D. Henrique, & do que pertence a suas familias. fol. 57.

Cap. 31. De outros fidalgos deste tempo do Conde Dom Henrique, dos quais se sabe pellas escrituras, & pello liuro das linhages. fol. 58. vers.

Cap. 32. Como a vida heremitiica teve principio em Portugal. Trata-se particularmente dos Hermitães da Serra de Offa, que começaram em tempo do Conde Dom Henrique. fol. 61.

## LIVRO IX.

Cap. 1. Da morte do Conde Dom Henrique, governa o estado de Portugal a Rainha Dona Tareja. fol. 64.

Cap. 2. Em que se trata se casou segunda vez a Rainha Dona Tareja, & se apontão razões por ambas as partes. fol. 65. vers.

Cap. 3. Em que se prosegue a mesma materia, & se assina como mais prouaue, que não casou segunda vez a Rainha Dona Tareja. fol. 68.

Cap. 4. Intenção os Mouros algũas novidades, & são atalhadas. Na cidade do Porto se põem o primeiro Bispo, a quem a Rainha Dona Tareja faz hũa doação amplissima. fol. 70.

Cap. 5. Dos officios principaes da casa Real, conuem a saber, Maiordomus, Dapifer, & signifer. Tocãse algũas antiguidades. fol. 72.

Cap. 6. Como nossa Senhora fez milagre em o Infante Dom Afonso, & se fundou por

- por este respeito o Mosteiro de Car-  
guerc. Tocaõse algũas coriofidades.  
fol.73.vers.
- Cap.7. Das entradas que fizerão os Mon-  
ros em Portugal, da batalla de Mi-  
randa, cerco de Coimbra, & outros  
sucessos fol.75.
- Cap.8. De algũas cousas tocantes ao Ar-  
cebispo de Braga D.Mauricio, & sua  
deposição. fol.77.
- Cap.9. Da primeira entrada que fizerão  
os Monges de Cister neste Reyno. To-  
caõse particulares preminencias que  
Portugal tem nas cousas Ecclesiasti-  
cas de Espanha. fol.78.
- Cap.10. De algũas cousas tocantes ao go-  
verno, & jurisdicção da Sè de Coim-  
bra. fol.79. vers.
- Cap.11. Restaurese o Castello de Santa  
Olaia, & a villa de Soure. São admi-  
tidos os Cavaleiros Templarios neste  
Reyno. Do principio desta Ordem, &  
da de S.Ioão. fol.81.
- Cap.12. Como não sò os Reys, mas senho-  
res particulares dauão foraes às ter-  
ras. Do modo do gouerno que então  
auia. fol.82.vers.
- Cap.13. Proseguesse a mesma materia  
do modo da decisaõ das cousas. Tra-  
ta-se da dignidade dos Infanções. fol.  
84.
- Cap.14. O Infante D.Afonso Henriques  
se arma Cavaleiro em a cidade de C, a  
moira. fol.85.vers.
- Cap.15. Das discordias que se leuanta-  
rão entre a Rainha Dona Tareja, &  
seu filho. Da batalha de Guimaraes, &  
outros sucessos. fol.87.
- Cap.16. Como el Rey de Castella entrou  
com exercito em Portugal em fauor  
de sua tia a Rainha Dona Tareja, &  
como ouue ouue batalha com seu pri-  
mo o Infante Dom Afonso Henriquez.  
fol.89.vers.
- Cap.17. Como o Infante Dom Afonso to-  
mou o gouerno de Portugal. Do esta-  
do das cousas da Christandade, em  
particular de Espanha. fol.91.
- Cap.18. De algũas cousas tocantes ao go-  
verno da paz. Dos primeiros annos do  
Infante D.Afonso. fol.93.
- Cap.19. Do cerco de Guimaraes posto  
por el Rey de Castella. Da ida de Egas  
Moniz a Toledo. Da probabilidade de-  
stes sucessos, & da causa delles. fol.95  
vers.
- Cap.20. Da morte da Rainha Dona Ta-  
reja, em que tempo socedco. Referem  
se algũs lanços de piedade desta Prin-  
cesa. fol.97.vers.
- Cap.21. Acometem os Mouros a villa  
de Trancofo. Acode o Infante D.Afon-  
so, & alcança algũas vitorias. Da aju-  
da que nellas deu hum Monge de Ci-  
ster por nome Aldeberto. f.99.vers.
- Cap.22. Dos principios do insigne Mo-  
steiro de Santa Cruz de Coimbra, cõ  
a relação do Arce-diago Dom Tello, &  
outros companheiros que com elle to-  
marão o habito. fol.102.
- Cap.23. Do levantamento de Bermudo  
Perez cunhado do Infante Dom Afon-  
so, como foi atalhado. Tocaõse algũas  
cousas deste fidalgo, & de sua succes-  
saõ. fol.103.vers.
- Cap.24. De algũs appellidos ~~algũs~~  
nobres que se achão ~~em~~ ~~as~~ ~~inscrições~~ de  
este tempo. fol.105.
- Cap.25. Como se fundou o castello de  
Leiria. Descreue-se o sitio, & fertili-  
dade desta terra, & as cousas que tẽ  
mais notaucis. fol.106.
- Cap.26. Das guerras que se renouarão  
entre o Infante Dom Afonso de Por-  
tugal, & o Emperador Dom Afonso de  
Castella, como ouue nellas varios su-  
cessos. fol.108.vers.
- Cap.27. Do que se pode ter acerca do ca-  
stello de Herena. Toca-se a fundação  
de Tomar, & Ourem. fol.110.
- Cap.28. De algũs fidalgos que se asina-  
larão nestas guerras de Portugal, &  
Castella. Tocaõse antiquidades muy  
notaucis. fol.111.vers.

- Cap. 29. Da successão dos Bispos do Porto, & Braga, cõ alguma relação de suas pessoas, & cousas notaveis. fol. 114.
- Capit. 30. Dos foraes de algumas terras, & de outras cousas pertencentes ao governo da paz destes annos. fol. 115.

## LIVRO X.

- C**apit. Da jornada del Rey Dom Afonso às terras de Alentejo, como lhe sairão ao encontro cinco Reis Mouros com grande exercito. fol. 117.
- Cap. 2. Do apparecimento de Christo nosso Saluador ao Infante Dom Afonso a noite antes da batalha, como foileuandado por Rey. fol. 119.
- Cap. 3. Da grande batalha de Ourique, & como despois de hũa porfiada peleja alcançaraõ os nossos a victoria. fol. 121.
- Cap. 4. Em que se faz Cathalogo dos fidalgos Portugueses que se acharão na batalha do Campo de Ourique. fol. 123.
- Cap. 5. Do juramento com que el Rey D. Afonso Henriques confirmou a visão de Christo nosso Saluador. fol. 126. verso.
- Cap. 6. Em que se mostra como antes del Rey Dom Afonso Henriques ouue outros Reis em Portugal, & se desmembrou esta prouincia das outras de Espanha. fol. 129. vers.
- Cap. 7. Da dirinação & significação das armas Reaes de Portugal, & como da batalha de Ourique emanarão outras muitas a diuersas familias. fol. 131.
- Cap. 8. Da guerra que neste tempo auia entre Portugal, & Castella. Como se fizerão pazes. Tocase o principio das familias dos Furtados, & Mendoças. fol. 132 vers.
- Cap. 9. Como os Mouros tomarão Leiria, & os Portugueses a recuperaraõ. De hũa entrada que el Rey fez ate

- Lisboa. fol. 134. vers.
- Cap. 10. Como el Rey Dom Afonso alcançou confirmacão do titulo Real do Summo Pontifice, & fez o Reyno de Portugal feudatario à Igreja. fol. 136.
- Cap. 11. Do tempo que Portugal pagou feudo, ou censo à Igreja Romana. fol. 138. vers.
- Cap. 12. Como el Rey Dom Afonso sujeitou o Reyno de Portugal ao Mosteiro de Claraual, & tomou por Padrocira à Virgem Maria mãy de Deos. fol. 139 vers.
- Cap. 13. Das Cortes que el Rey celebrou em Lamego, despois que o Summo Pontifice lhe mandou a Bulla da confirmacão ds Reyno. fol. 141. vers.
- Cap. 14. Resoluemse algumas difficuldades que ha na ralação das Cortes de Lamego atraz escritas. fol. 145.
- Cap. 15. Das excellencias do Reyno de Portugal, & precedencia que tem e outros Reynos da Christandade. fol. 147.
- Cap. 16. Da razão que ha para Portugal preceder a Aragão, & Napoles nos titulos dos Reis de España. fol. 149. vers.
- Cap. 17. Da entrada que fizerão os Mouros de Santarem em terra de Christãos: da batalha que derão aos Cavalleiros Templarios da villa de Soure. fol. 152.
- Cap. 18. Da exemplar vida do seruo de Deos Martinho Prior, ou Vigairo de Soure, dos grandes trabalhos que teve antes da morte. fol. 153. vers.
- Cap. 19. Do casamento de Rey D. Afonso Henriques com a Rainha Dona Mafalda filha de Amadeu Conde de Moriana, & Saboia, & dos filhos que teve. fol. 155.
- Cap. 20. De alguns filhos del Rey D. Afonso fora do Matrimonio, & cousas tocantes a sua vida, & estado. fol. 157.
- Cap. 21. Da morte de Egas Moniz, com algumas cousas tocantes à sua descendencia. fol. 158. vers.

- Cap. 22.** Como elRey D. Afonso partiio de Coimbra com intento de tomar Santarem: de algũas circunſtancias notaveis que niſto ouue. fol. 161.  
**Cap. 23.** Traição os Cavaleiros Portugueſes que elRey ſe não ache na tomada de Santarem, & elle não obſtates ſuas razões acomete a villa, & a ganha. fol. 163.  
**Cap. 24.** De algũs Cavaleiros que acompanharam o elRey na jornada de Santarem, como foram a ella os Templarios, & das merces que elRey lhe fez. fol. 165.  
**Cap. 25.** Como elRey Dom Afonso foi por cerco a Lisboa, & o ajudou nelle hũa armada de Chriſtãos da parte do Norte. fol. 166. verſ.  
**Cap. 26.** Deſcreveſe a cidade de Lisboa. fol. 168.  
**Cap. 27.** De hũa vitoria que os noſſos alcançaram dos Mouros junto a Sautem. fol. 170.  
**Cap. 28.** Dos grandes trabalhos que os Chriſtãos paſſarão em o cerco de Liſboa, & como em o fim de ſinco meſes avierão a ganhar por combate. fol. 171.  
**Cap. 29.** De algũs Capitães Portugueſes, & eſtrangeiros que ſe acharão em o cerco de Liſboa, & do que tocã a ſuas decendencias. fol. 173.  
**Cap. 30.** Como ſe ordenou Biſpo em Liſboa. Dos primeiros Biſpos de Viſeu, & Lamego. Suceſſão dos Bispados do Reyno. f. 175.  
**Cap. 31.** Do eſtado das couſas de Paleſtina, ſacramento que lhe foy do Occidente por meio de S. Bernardo. Como eſte Santo ajudou os noſſos na tomada de Liſboa. fol. 177. verſ.  
**Cap. 32.** Da fundação de Alcobaga. Tocãſe as grandezas deſta caſa, preminencias aos Abbades della, & ſanctidade dos Monges. fol. 179.  
**Cap. 33.** Como em o Moſteiro de Alcobaga tomou o habito de Mõge Pedro Afonso, que foy filho delRey Dom
- Afonso Henriques. fol. 182. verſ.  
**Cap. 34.** Proſeguc elRey Dom Afonso em ſuas conquiſtas, & ganha aos Mouros as villas, & Caſtellos que ha entre Leiria, & Liſboa. fol. 184. verſ.  
**Cap. 35.** Do nacimiento delRey Dom Sancho o primeiro, & de outras couſas deſte tempo. Tocaſa a antiguidade do appellido dos Coſtas. fol. 185. verſ.  
**Cap. 36.** Da reſtauração do Conuento de Chellas junto a cidade de Liſboa. Tocaſe algũas antiguidades. fol. 186. verſo.  
**Cap. 37.** Da elRey Don Afonso principio à conquista de Alenquer, & faz hũa entrada nas terras dos inimigos. Toma principio a Ordem de S. Iulião do Perciro. fol. 188. verſo.  
**Cap. 38.** Da morte Da Rainha Dona Maſalda de Portugal, & do Emperador Dom Afonso de Caſtella. fol. 190.  
**Cap. 39.** De hũa grande vitoria que elRey Dom Afonso alcançou dos Mouros junto a Alcacer de Sal, & como ganhou a propria villa deſpois de dous meſes de cerco. fol. 192.  
**Cap. 40.** Da iñſtituição da Ordem de Calatrava, & outras couſas deſte tempo. fol. 193.  
**Cap. 41.** Do caſamento feito entre a Rainha Dona Maſalda filha delRey Dom Afonso Henriques, & o Principe de Aragão. fol. 194. verſ.  
**Cap. 42.** Em que ſe trata da conquista de Beja, & das vezes que foy ganhada. fol. 196. verſo.  
**Cap. 43.** Da morte de S. Theotônio primeiro Prior de Santa Cruz de Coimbra com a relação de ſua vida, & virtudes. fol. 168.  
**Cap. 44.** Como em ſanta Cruz de Coimbra ouue conuento de Religioſas. Tocaſe algũas antiguidades. fol. 199. verſ.  
**Cap. 45.** Do moſteiro de Ceica, & ſua antiguidade, & como ſe incorporou na Ordem de Ciſter. fol. 201.

## LIVRO XI.

**C**apit. 1. Como foi instituida em Portugal a Ordē militar de Aviz, Cathalogo dos Mēstres que tene, & de algũas cousas tocantes a seu principios. fol. 204.

Cap. 2. Da antiguidade do mosteiro de Bouro da Ordem de Cister, com algũas cousas tocantes à familia dos Almeidas. fol. 206. vers.

Cap. 3. Da fundação de Alcanede. Trata-se que couza era vassalo em o tempo antigo. fol. 208.

Cap. 4. Como el Rey D. Afonso deu obediencia ao Papa Alexandre Terceiro. Da diffenção que ouue na eleição deste Pontifice, & de algũas cousas de Palestina. fol. 209.

Cap. 5. Da vida do Santo Frei Ioão Cirita Monge de Cister, & Abbade de São Christouão de Lafoës. Toca-se o principio desta casa, & de outras da mesma Ordem. fol. 211.

Cap. 6. Como el Rey Dom Afonso ganhou algũas pracas aos Mouros, & rompeo o exercito del Rey de Badajoz. f. 213. verso.

Cap. 7. Da doação que el Rey fez ao mosteiro de S. Cruz do Castello de Santa Olaia. fol. 214. vers.

Cap. 8. Dos Condes que ouue em Portugal em tempo del Rey Dom Afonso Henriquez, & de seus pais, com o tocante a suas familias. fol. 216.

Cap. 9. Como foy ganhada a cidade de Euora aos Mouros, descreue-se o sitio em que està fundada. fol. 218.

Cap. 10. Em que se prosegue a mesma materia da tomada de Euora. Trata-se de seus primeiros Bispos. f. 219. vers.

Cap. 11. Das grandes vitorias que alcançou el Rey Dom Afonso, & como tomou aos Mouros Moura, Serpa, Alconchel, & Curuche, & a cidade de Eluas. fol. 221. vers.

Cap. 12. Da tradição que ha de ser ganhada a villa de Moura pellos fidalgos da familia dos Mouras. fol. 223. verso.

Cap. 13. Das grandes guerras que ouue entre os Reis de Portugal, & Leão, & da causa & fim que tiuerão, & quanto tempo durarão. f. 225.

Cap. 14. Como se fizeram pazes entre os Reis de Portugal, & Leão. Aduertem-se algũas circumstancias dellas. f. 227.

Cap. 15. Da successão dos Bispos do Reyno, & dos primeiros Abbades que ouue em Alcobaça. f. 229.

Cap. 16. De hũa jornada que fizeram os Portugueses contra os Mouros. Refere-se duas vitorias mui finrladas dos nossos. f. 230. vers.

Cap. 17. De Gonçalo Mendes da Maia o Lidador. Toca-se o que pertence a sua geração, & decendencia. f. 231. vers.

Cap. 18. Examina-se alguns pontos do Conde Dom Pedro tocantes as batalhas do Lidador, & ao parentesco que com elle teue Egas Gomes de Sousa. fol. 235.

Cap. 19. Em que se trata do titulo de Dom, como em tempo antigo se vzaaua raramente. Toca-se algũas curiosidades. fol. 236.

Cap. 20. De hũa notauel doação que fizeram os padroeiros de São Pedro das Aguias ao dito Mosteiro. Toca-se algũas antiguidades acerca dos herdeiros dos Mosteiros, & Igrejas. f. 238.

Cap. 21. Da morte de Dona Tareja Afonso, mulher de Egas Moniz com algũa relação de suas cousas, & do mosteiro da Salzeda que ella fundou. f. 240.

Cap. 22. Da entrada que fez el Rey de Seuilha em Portugal, & como foi vencido junto a Santarem pellos Portugueses. fol. 241.

Cap. 23. Da tresladação do corpo do insigne Martyr São Vicente do Promontorio do seu nome à famosa cidade de Lisboa. 242.

Cap. 24. Em que se proua com razões, & autoridades

- autoridades, como o corpo de São Vicente que está em Lisboa, he do proprio que foi martyrizado em Valença. fol. 245.
- Cap. 25. Do principio q̃ teue a illustrissima Ordem militar de Santiago. fol. fol. 248.
- Cap. 26. Como o Infante Dom Sancho filho del Rey D. Afonso Henriques entrou com exercito por Andaluzia, & chegou a Seuilha, & alcançou hũa insignie vitoria dos Mouros. f. 249. vers.
- Cap. 27. Em que se prosegue a materia da jornada do Infante Dom Sancho, como pos cerco a Niebla, & alcançou vitoria dos Mouros junto a Leja. fol. 251. vers.
- Cap. 28. Do cerco que os Mouros puserão à villa de Abrantes, & como os nossos os desbaratarão. f. 252.
- Cap. 29. De algũas cousas deste tempo tocantes ao genero da paz. f. 253.
- Cap. 30. Alcança o Infante dos Mouros hũa vitoria: elles poem cerco a Porto de Mos, & são desbaratados por Dom Fuas Roupinho. fol. 254. verso.
- Cap. 31. De algũas vitorias nauaes que os Portugueses alcançaraõ dos Mouros, tauando por General Dom Fuas Roupinho. fol. 256.
- Cap. 32. Da succeßão dos Papas. Tocãose algũas cousas da Terra Santa, & do governo de Portugal. f. 257.
- Cap. 33. Como Fuas Roupinho perdeo a vida pelejando com os Mouros de Africa. Referemse algũas doações feitas à Ordem de Auiz. fol. 258.
- Cap. 34. Dos appellidos antigos de algũas gerações que se achão nas escrituras destes annos. fol. 259. vers.
- Cap. 35. Da poderosa entrada que o Emperador de Marrocos fez em terras de Portugal, como pos cerco a Santarem, & foi roto em batalha pellos Portugueses. fol. 260. verso.
- Cap. 36. Em que se trata da grandeza desta vitoria, & se conta o que succedeo aos Mouros que escaparaõ da rota de Santarem. fol. 262. vers.
- Cap. 37. Do casamento da Infanta Dona Tareja filha del Rey D. Afonso com Felipe Conde de Frandes. f. 264. vers.
- Cap. 38. Como adoeceo, & veio a falecer em Coimbra o grande Rey D. Afonso Henriquez, & foi sepultado em a mosteiro de S. Cruz. fol. 266.
- Cap. 39. Em que faz compendio das cousas principaes del Rey D. Afonso Henriquez, & se tocão algũas inuencões de sua santidade, & saluacões de almas. fol. 267. verso.



# T A B O A D A

## DAS COVSAS PRINCIPAES QUE SE TRATAM NESTA TERCEIRA

Parte da Monarchia Lusitana. O primeiro numero he das folhas, as letras A.B.C.D. significão as columnas, & quando se não apon-  
ta mais que o primeiro numero,  
contem o que se trata em  
todá a folha.

A.



*Abades de Alcobaça q̃ pre-  
minências tiuerão neste Rey-  
no. fol. 181. Como se cha-  
marão os primeiros. 229.  
C.D.*

*Abbate Ioão, veja-se Ioão Abbade.*

*Abdelmon Rey Mouro passa a España.  
193. C.*

*Abem Iacob, & seu irmão foffem filhoo  
do Miramolim, cercão o Castello de  
Abrantes, & são rebatidos pellos Por-  
tuguezes, de quem recebem grandes  
danos. 253. A.B.*

*Abrantes ganhada por el Rey D. Afonso  
Henriques. 185. B. cercada por Abem  
Iacob. 253. A.*

*Adelaís irmãa de Guido Conde de Ver-  
mol, casou em Saboia com Amadeu pri-  
meiro do nome Conde Moriana, &  
Saboia. 4. C.*

*S. Adrião, seu corpo, & o de S. Natalia  
sua molher, & os de seus companhei-  
ros estão sepultados en Chellas. 188.  
C.*

*Adriano Quarto Summo Pontifice foy  
Conego Regular. 189. B. Em que an-  
no morreo 209. B.*

*D. Afonso Sexto Rey de Leão & Castella  
em que tempo começou a reinar. 1. D.  
ganhou Santarem, Lisboa, & Sintra.  
14. B. As vezes que foi casado, & cõ  
quem. 28. C.D. Morreo em Toledo no*

*anno de 1106. 49. Nelle se unirão os  
Reinos de Castilla, Leão, Portugal, &  
Galiza. 62. C.*

*D. Afonso Septimo Emperador, cujo filho  
foi 2. A. Celebrou Cortes em Leão, on-  
de tomou o titulo de Emperador. 20.  
B. Veio em socorro de sua tia a Rai-  
nha Dona Tareja 89. C. Foi vencido  
pello Infante Dom Afonso Henriques  
na veiga de Valdeuez. Retirouse a  
seus Reinos. 90. Veio cercar Guima-  
raes. 95. C. Leuantou o cerco per sua-  
dido de Egas Moniz, 96. A. Deu por  
quite a Egas Moniz da omenagem que  
lhe fez pera leuantar o cerco, 96. B.  
Teue guerras com el Rey Dom Afonso  
Henriquez: varios successos dellas, 108  
109. 110. Morreo no anno de 1157.  
em o lugar de Calzona. Prouase sua  
amizade com São Bernardo. Refere-se  
hũ caso em proua de sua justiça. 191.  
A.B.*

*Dom Afonso Conde de Bolonha entrou  
no gouerno de Portugal o anno 1245.  
E começou a reinar no principio do  
anno de 1248. 20. C.*

*El Rey Dom Afonso Henriques. Exami-  
nase em que anno naceo, das fol. 49. D.  
ate as 52. Naceo em Guimaraes. On-  
de foi criado os primeiros annos. Te-  
ue por ama de Leite a Dona Auxen-  
da 52. B. Passou os annos de sua me-  
ninice nas quintas de Cresconhe, &  
Resende, sendo seu ayo Egas Moniz.*

52. C.



52. C. Naceo com as pernas pegadas  
 hũa na outra, 73. D. Alcançou saúde  
 nellas por meio da Virgem Maria, 74.  
 B. Visitou o mosteiro de S. João de  
 Tarouqua: mandou fundar sua Igreja:  
 fez-lhe Couto: engrandeceo a com  
 esmolas. 78. D. Arrouse Canaleiro  
 na Igreja Cathedral de C, amora no  
 anno de 1125. 85. D. 86. Teue dissen-  
 sões, & guerras com sua mãy. 87. 88.  
 Venceo os que seguião as partes da Rai-  
 nha junto a Guimaraes. 88. C. Fez-se  
 senhor de Portugal. 89. 90. Venceo a el  
 Rey de Leão, & Castella na veiga de  
 Valdeuez, 90. A. Começou a governar  
 o Reyno no anno de 1128. 91. Em que  
 grao era parente dos Reys de Espanha  
 93. A. E. Quando entrou a governar  
 Portugal que terras tinha este estado,  
 & ate onde o estendeo, 63. B. Nunca  
 usou do titulo de Conde, se não de  
 Principe, Infante, Capitão, & de Rey,  
 93. C. Não elego o Bispo negro, que  
 dizem em Coimbra. 94. C. Não veio  
 a reprede-lo o Cardeal, como se conta,  
 95. A. B. Foi cercado em Guimaraes  
 pello Emperador Dom Afonso. & des-  
 cercado por industria de Egas Moniz.  
 96. Foi descercar Trancofo. Visitou o  
 Mosteiro de S. João de Tarouqua 100.  
 Mandou abrir os alicerces da Igreja,  
 & lançou a primeira pedra. 101. En-  
 riqueceo, & dotou o mosteiro de San-  
 ta Cruz de Coimbra, & mandou fa-  
 zer a ponte da mesma cidade. 102. C.  
 D. Mandou fundar o castello de Leiria.  
 106. Teue guerras com o Emperador  
 D. Afonso Septimo, 108. 109. 110. Ga-  
 nhou Tuy, & outras terras daquella  
 provincia. Edificou o castello de Cel-  
 mes. Venceo em batalha os Capitaes  
 do Emperador, 109. Prendeo o Conde  
 Dom Rodrigo Vela. Foi ferido de hũa  
 lançada. 109. C. D. Mandou fazer à  
 Igreja de Tui, 110. B. Deu foraes a al-  
 guas terras, 115. 116. Entrou nas ter-  
 ras de Alentejo destruindo tudo, 117.  
 C. Teue vista do exercito de Ismar,

& outros Reys no Campo de Ourique,  
 117. D. Pratica que lhe fizeram os fi-  
 dalgos A resolução do Infante, 118.  
 A. D. Oração que fez a Deos, 119. A.  
 O sonho que teue, & pratica com hum  
 Ermitão 119. B. C. Vio a Christo cru-  
 cificado, as palavras que lhe disse, &  
 as que lhe respondeo o mesmo Christo  
 119. C. D. Ordenoulhe Christo as ar-  
 mas do escudo Real. As promessas que  
 lhe fez. 120. A. Como ordenou sua gen-  
 te para dar batalha aos Mouros, 120.  
 B. Foi leuantado por Rey, 120. D. Deu  
 batalha aos Mouros, & alcançou vito-  
 ria delles, 121. Juramento que fez de  
 como Christo lhe appareceo, 127. As  
 armas que trazia sendo Infante, 131.  
 As que tomou despois da vitoria do  
 Campo de Ourique, 131. B. Venceo o  
 Cõde Dom Ramiro, 133. B. Fez pazes  
 com o Emperador Dom Afonso, 133.  
 C. D. Fez hũa entrada até Lisboa, &  
 ganhou Leiria, 134. 135. Pedu con-  
 firmção do Reyno ao Papa Innocencio  
 Terceiro, & fez feudatario seu Reyno  
 à Igreja Romana, 136. A. Tomou à  
 Virgem de Claraval por Padroeira de  
 Portugal, & sellou seu penhor. 139.  
 D. 140. Celebrou Cortes em Leiria.  
 141. ate 145. Fazia todos os annos  
 entrada nas terras dos Mouros, 152.  
 B.. Os filhos que teue fora do matri-  
 monio, 157. Trata de tomar Santarẽ,  
 o que nisto soccedeo, 162. ate 164. Que  
 gente leuou consigo, & pratica que lhe  
 fez, 162. 163. Toma a Villa 164. Deu  
 aos Templarios o direito Ecclesiastico  
 della, 165. Sendolhe tirado pello Bis-  
 po de Lisboa, deu-lhe em recompensao  
 castello de Ceras, 166. C. Cercou Lis-  
 boa, & ajudou no cerco gẽte da parte  
 do Norte. 167. Fundou o Mosteiro de  
 S. Vicente de fora, 171. Toma a cidade  
 172. B. Toma Sintra, Almada, Palmel-  
 la, & outras terras, 172. C. Ganhou as  
 villas, & terras que ha entre Leiria,  
 & Lisboa, 184. 185. Deu principio à  
 conquista de Alentejo, 188. D. 189. A.  
 Tomou

Tomou Alcaçar do Sal, 192. D. Duas vitórias admiráveis que alcançou dos Mouros, 193. A. Tratou o casamento de sua filha D. Mafalda com o Príncipe de Aragão Dom Ramon, 195. Cerrou, & tomou Beja, 197. C. D. Em que anno deu carta de couto ao Mosteiro de Bouro, 206. D. Deu obediência ao Papa Alexandre Terceiro, 210. Ganhou Sizimbra, 214. A. Alcança hũa grande vitória del Rey de Badajoz junto a Palmella, 214. A. B. Torna a cobrar Palmella, 214. C. Fez doação do castello de Santa Olaia ao mosteiro de S. Cruz, 214. Do Loureçal faz doação ao mesmo mosteiro, & confirma todas as mais rendas, 215. D. Ganhou Alconchel, Moura, Serpa, 221. D. Mandou reedificar o castello de Curuche, 222. A. Tene guerras com el Rey Dom Fernando de Leão: por que causa, & em que annos, 225. 226. Entrou em Galiza, & ganhou muitas terras nella, 226. C. Foi preso junto a Badajoz pello mesmo Rey, por que desgraça, 226. D. Fez pazes com o mesmo Rey. Mostra-se que não foram com a condição que assisti-se a suas Cortes, 227. 228. Foi aos Banhos de Lafoes. Deu a administração de Alentejo aos Cavalleiros do Templo. Deu foro aos Moradores de Linhares, 228. C. D. Venceo a el Rey de Sevilha junto a Santarem, 242. A. Instituiu a Ordem da Cavalaria da Ala, ou Aza, 242. C. Fez couto ao mosteiro dos Tamaraes, 242. C. Fez hũa entrada no Algarue em busca das reliquias do Martyr S. Vicente, 243. B. Aceitou em seu Reyno a Ordem dos Cavalleiros de Santiago, & deu-lhe terras, 248. D. Deu foral à cidade de Lisboa com grandes privilegios, 252. C. Deu foraes a Coimbra, Santarem, Abrantes, Pinhel, Marialva, Penella, 253. D. Alcançou do Papa Alexandre Terceiro nova confirmação do titulo Real, 254. A. B. Deu ienções aos Mouros de Lisboa, 257. C.

Venceo ao Miramolim com hum poderoso exercito junto a Santarem, 262. Fez humã doação ao Bispo de Evora D. Paio, & à sua Sê, 265. C. morreu em Coimbra. Foi enterrado em Santa Cruz. Suas sepulturas antiga, & moderna; seus Epitafios, 266. 267. Faz-se hum compendio da fortuna, esforço, bom governo, virtudes, & Religião deste Rey. Apontão-se alguns indícios de sua santidade, & salvação. 267. 268. 269. 270.

D. Afonso Ramon quem foi, 54. A.

Dom Afonso Batalhador Rey de Aragão, suas guerras, 54. A. Quantos annos reinou, & sua morte, 92. A. Por sua morte se diuidio o Reyno de Aragão do de Navarra, 92. B. Era primo de Dona Vrraca Rainha de Castella, & de Dona Tareja Rainha de Portugal, 93. A. B.

D. Afonso Conde de Ourem, Marquez de Valença, Embaixador de Portugal no Concílio de Basilea, que lugar teve nelle, 149. A.

D. Afonso filho natural del Rey D. Afonso Henriques, passou à terra Santa. Foi Graõ Mestre da Ordem do Hospital. Faleceo no anno de 1207. Está sepultado na Igreja de S. Ião de Santarê, 158. A. B.

Afonso Viegas: veja-se Moco Viegas.

D. Afonso Rey de Castella filho del Rey D. Sancho o descejado, em que idade herdou o Reyno, 194. D.

D. Afonso Conde, que floreceo em tempo del Rey D. Afonso Henriques. 217. D.

D. Afonso Hermigues de Balam, toca-se sua descendencia, 232. A.

D. Afonso 8. Rey de Castella em que tempo reynou. Guerras que teve com el Rey de Aragão, & com o de Navarra, 248. A. B. C.

D. Afonso chamado primeiro D. Ramon, filho do Conde D. Ramon, em que annos floreceo. Guerras que teve com Navarra, & Castella, 248. C.

D. Afonso quarto Rey de Portugal foi em pessoa

peffoa ajudar a elRey D. Afonso undecimo de Castella na batalha do Salado, & por vezes mandou elle & seu filho Dom Pedro socorro a Castella.

164. A.

D. Afonso Quinto Rey de Portugal mandou em socorro do Papa hũa grossa armada contra o Turco, 264. B.

Alauquer ganhada aos Mouros por elRey Dom Afonso. Discreue-se seu sitio.

184. D.

Alardo fidalgo Frances primeiro seõor de Villa verde, que fidalgos descendẽ delle, & suas armas, 174. D.

Albaraque Rey de Seuilha entra em Portugal com exercito, 241. C. Foi vencido a Santarem por elRey D. Afonso, 242. A.

Alboalhi Rey de Africa, ultimo Rey da familia dos Almorauides, 193. B.

Aluacazam Rey de Badajoz vem com exercito sobre a Beira. Toma Trancofo. He lançado della pello Infante D. Afonso, & vencido em algũs recontros. 100. D. 101. A.

Alcaçar do Sal seu sitio, & cousas principaes, 192. A. B. Foi cercada, 192. C.

Ganhada em dia de São Ioaõ, 192. D.

Alcaçoua Igreja collegiada de Santarem instituida por elRey D. Afonso Henriques, 268. D.

Alcanede em que anno foi fundada, & a quem ficou sojeita no temporal, & espiritual, 208. B.

Alconchel ganhada por elRey D. Afonso Henriques, 220. D.

Aldeberto monge de Claraual veio em companhia de Boemundo a fundar S. Ioaõ de Tarouca com outros cõpanheiros, 73. B. Acompanhou o Infante D. Afonso quando foi descercar Trancofo, & ajudouo cõ suas orações. 100. D.

Alcobaca, seu mosteiro em que anno foi fundado. 179. 180. quantos Reys concorrerão em edificar aquella casa, 180. D. As rendas que se lhe tirarão. Os Atonges que teve algum tempo. Suas preminencias; a santidade dos Reli-

giosos, 181. Seus monges seguirão a Corte pera edificação, & denação della. 201. A. O castello da villa fernio de guardar os thesouros delRey Dom Sancho o primeiro. O sitio, & frescura da terra se descree, 185. B. C.

Aleixo Comneno Emperador do Oriente, em que tempo gouernou, 31. D.

Alexandre Terceiro em que anno entrou no Pontificado, & a scisma que ouue em seu tempo, 209. Em que anno morreu. Tocase seu gouerno, 257. A. B.

Alquer cercada pellos Mouros, 264. C.

Alferez mór pertence aos Menezes, 73. C.

Alferez he o que leua o guião delRey, 73. C.

Alferez mór costumava na paz & na guerra leuar a bandeira Real, 73. D.

Algarue não foi dado a elRey Dom Afonso Terceiro, 20. C. Sempre foi da conquista de Portugal, 21. 22. 23. Sua conquista acabou elRey Dom Afonso Terceiro, 22. B.

Almada tomada por elRey Dom Afonso Henriquez, 172. C.

Almadas de quem se diz que descendem. Tiverão o Condado de Abrantes, & outras merces de elRey Dom Afonso Henriques, 117. C.

Almeidas sua antiguidade, & suas armas 207. 208.

Almirantes de Portugal são Azuevedos, 234. C.

Almohades pregador dos Mouros persuade os de Africa tomar por Rey a Abdelmon, 193. C.

D. Alvaro Gonçalvez de Ataide primeiro Conde de Atouguia Embaixador de Portugal, no Concilio Constanciense que lugar teve, 148. D.

Aluarengas de quem descendem. Suas armas, 160. A. B.

Alvaro Radriguez soy hum dos fidalgos que tomaraõ Moura, 223.

D. Alvaro Gonçalvez de Moura com quem casou, & que descendencia deixou. 224. B. C.

D. Aluara

D. Alvaro segundo Bispo de Lisboa, em que tempo entrou no Bispado, 229. D. quantos annos durou nelle, 230. A.

D. Alvaro Pirez de Guzmão companheiro de Gonçalo Mendez o Lidador, 232. B.

Aluclos de quem descendem. Suas armas, 173. A. B.

Aluio Abbade do Mosteiro da Vaccarica, 15. B.

Amadeu pay da Rainha Dona Mafalda, Conde de Moriana & Saboia, de quem descendia, 156. A.

Amando hermitão, por cujo conselho se instituiu a Ordem de S. Iulião de Pereiro, 189. B. C.

Americo Conde de Joppe & Ascalon succedeo a seu irmão Balduino no Reyno de Hierusalem, 210. D. Em que anno morreo, 257. B.

Anastasio quarto Conego Regular em que tempo foi Summo Pontifice, 189. B.

D. Anaia da Estrada fidalgo do tempo do Conde Dom Henrique. Donde foi natural. Sua descendencia, 58. A. B. Nomeão se alguns netos seus 177. B.

Santo Antão primeiro Collegio que tiue-  
rao no mundo os Padres da Com-  
panhia, 79. D.

D. Antonio de Attaide Conde de Castro Governador de Portugal, 160. B.

S. Antonio de Padua he da familia dos Taueiras por sua mãy, 234. A.

Arcebispos de Braga costumão trazer Cruz leuamada nas terras dos outros Metropolitanos. Tiueão sempre o ti-  
tulo de Primazes 36. B. C. Não reco-  
nhecerao nunca os de Tolcáo por Pri-  
mazes, 39.

Arco, & letreiro que mandou fazer el-  
Rey Dom Sebastião no Campo de Ourique, 112. D.

Ardita ribeira junto a Moura, 222. B.

Argio mãy de São Martinho Vigairo de Source, 13. D.

Armada que se perdeo na barra de Lis-  
boa no tempo del Rey Dom Sebastião,  
148. B.

Armada das partes do Norte que ajudou  
a el Rey D. Afonso na tomada de Lis-  
boa, que qualidade de gente trazia.  
167. B. C. D.

Armas dos Continhos, 43. B.

Armas dos FONSECAS, 43. B.

Armas dos Fafez, 57. B.

Armas Teixeira, 57. B.

Armas dos Correias Babarês 57. B.

Armas dos Godinhos, 57. B.

Armas dos Cunhas, 58. A.

Armas dos Goes, 58. B.

Armas dos Sylueiras 58. B.

Armas dos Farinhas, 58. C. Donde tiue-  
rao principio, 131. B.

Armas dos Mottas, 58. C.

Armas dos Perciras, 59. B. Donde tiue-  
rao principio, 131. B.

Armas dos Correias, 59. C.

Armas dos Pachecos, 59. D.

Armas dos Sylvas, 60. A.

Armas dos Pintos, 60. C.

Armas dos Limas, 150. A.

Armas dos Carualhos, 105. C.

Armas dos Brandoes, 105. D.

Armas dos Sandes, 106. A.

Armas dos Fogaças, 116. B.

Armas dos Mayas, ou Amayas, 124. C.

Armas dos Freitas, 125. C.

Armas dos Leitoes, 125. C.

Armas dos de Anclar, 125. C.

Armas dos Valentes, 125. D.

Armas dos Siqueiras, 125. D.

Armas do Conde D. Henrique, & do In-  
fante D. Afonso, 131. A.

Armas Reaes de Portugal, sua origem,  
& significação, 131. Tinhão na orla  
castellos no tempo del Rey D. Sancho  
primeiro. A causa porque se lhe de-  
uião, por 202. 203.

Armas, & braços d'onde costumão ter  
principio, 132. B.

Armas dos Albergarias, & Almadas do  
de tiueão origem, 132. B.

Armas dos Furtados, 134. B.

Armas dos Mendoças, 134. C.

Armas dos Coelho, 160. A.

Armas dos Aluarengas, 160. B.

Armas

Armas dos Attáides, 160. B.  
Armas dos Vasconcellos, 173. A.  
Armas dos Alucelos, 173. B.  
Armas dos Soarez de Albercaria, 173.

C.

Armas dos Rebellos, 173. C.  
Armas dos Almadas, 174. C.  
Armas dos do apellido de Alardo, 174.

D.

Armas dos Velhos, 201. B.  
Armas dos Almeidas, 208. A.  
Armas dos Lobos, 220. D.  
Armas dos Mouras, 225. A.  
Armas dos Rolins, 225. A.  
Armas dos Guzmães, 232. C.  
Armas dos Valadares, 232. D.  
Armas dos de Porto Carreiro, 232. D.  
Armas dos Barrettos, 233. A.  
Armas dos Calheiros, 233. A.  
Armas dos Barrozos, 233. B.  
Armas dos Freires, 233. C.  
Armas dos Cogominhos, 233. C.  
Armas dos de Tavares, 233. D.  
Armas dos Mellos, 234. A.  
Armas dos Tauciras, 234. A.  
Armas dos Azevedos, 234. C.  
Armas dos Tauoras, 239. A.  
Armas da cidade de Lisboa, 247. C.  
Armas dos Barrigas, 260. A.  
Armas dos Netlos, 260. A.  
Armas dos Feos, 260. D.

Aronches em que tempo foi dada a Santa Cruz, 135. C.

Arruda destruida pellos Moabos, 264. C.

Ascendencia dos Reis de Espanha, 92.

B.

Aspas das Armas dos Mirandas, Azevedos, Rochas, & outras familias donde tiueão principio, 132. B.

Bastões Rey de Portugal, 130. A.

Attáides de quem descendem, que casas tem em Portugal, suas armas, 160.

B.

Auelar, os deste apellido de quem descendem, 125. C.

Dona Ausenda ama de leite del Rey Dom Afonso Henriquez, 52. B.

Auzechri Alcaide de Santarem, cercou, & tomou Leiria, 134. Vem correr a terra dos Christãos. Vence os Capaleiros Templarios junto a Soure, 152. C.

D. Perde a villa de Santarem, & foge pera Sevilha, 164. 165. A.

Auranca pouação junto ao rio Vouga, 153. C.

Azambuja dada a Dom Rolim por el Rey D. Sancho, 174. B.

Azuevedos de quem descendem, que casas tem em Portugal, & Castella, suas armas, 234. C.

Ayres Gomes da Sylua que decendencia deixou em Castella. 60. A.

Ayaes Manoel pay do seruo de Deos Martinho Vigairo de Soure 153. D.

B.

B Alchonio Bispo de Braga, 36. B.

Balduino Rey de Hierusalem, quem era, 2. C. O que fez em seu tempo, 44. C. D. 45. Que terras ganhou aos inimigos, & sua morte, 91. C.

Balduino de Burgo Conde de Flandres Rey de Ierusalem, 91. C. Foi cativo por Balaac Rey dos Turcos. Resgatado. Alcançou algúas vitórias. Sua morte, 91. D.

Balduino filho de Fulcon Rey de Ierusalem em que anno succedeo a seu pay, 178. A. Deu obediencia ao Papa Alexandre Terceiro. Morreo no anno de 1162. Apontão se suas virtudes, 210. D. As terras que se ganharão em Palestina em seu tempo, 211. A.

Balduino quarto do nome succedeo a seu pay Almerico no Reyno de Ierusalem, 257. C.

Barbas decendentes de Dom Alardo, 174. D.

Barbofas de quem decendem. Suas armas, 232. B.

Barretos de quem decendẽ, 125. B. Suas 233. A.



Barri

*Barrigas, em que tempo se acharão fidalgos deste apellido. Armas dos que hoje ha, & porque lhe foram dadas, 259. D. 260. A.*  
*Barregão, achase este apellido no tempo del Rey Dom Afonso Henriques, 260. B.*  
*Barrosos de quem decendem, & suas armas, 233. B.*  
*Barões de Aluio São Sylueiras, & Lobos suas armas. Que senhores procedem desta casa, 220. D. 221. A.*  
*S. Basileu segundo Arcebispo de Braga, 38. B.*  
*Batalha de Sagulias junto a Badajoz entre el Rey D. Afonso o Sexto, & Ioseph Aben Texefin, 6. B.*  
*Batalha no lugar do Pedroso entre Braga, & o rio Cauado, 9. B.*  
*Batalha a primeira que ouue entre Portugueses, & Castelhanos, 90. A.*  
*Batalha do Campo de Ourique, nomease que leuaua a vanguarda, & reitaguarda, & as alas direita, & esquerda, & as que mais se finalaraõ, 117. & dahi por diante.*  
*Batalha junto a Soure, 100. D.*  
*Batalha junto a Seuilha, 251.*  
*Batalha junto a Beja, 252. A. B.*  
*Batalha naual no porto de Ceita, 258. B.*  
*Batalha junto a Santarem, 262.*  
*D. Beatris molher del Rey D. Afonso Sexto, 28. D.*  
*D. Beatriz Rainha molher del Rey Dom Afonso terceiro, fez doação de Moura a seu parente Vasco Martins Serrão, 224. Dase noticia dos pais, & ascendentes desta senhora, 224. A.*  
*D. Beatriz da Sylua instituidora da Ordem de N. Senhora da Conceição que foi, 79. C.*  
*Beja, descreue-se seu sitio, dase noticia de sua antiga preminencia, 196. D. Contase como foi ganhada aos Mouros duas vezes, 196. 197. Cercada por Alboazil, & Hale Camasim, 251. D.*

*D. Bermudo terceiro foi vigesimo quarto Rey de Aragão, 92. B.*  
*D. Bermudo Perez cunhado do Infante D. Afonso Henriquez, & irmão do Cão de D. Fernando, rebellado, & castigado pello mesmo Infante, 103. D. Segunda vez rebellado no Castelo de Ceres, & vencido. Acabou a vida no habito de Cister, 104. Não foi casado cõ a Rainha D. Tareja, se não com D. Vrraca sua filha, 104. C. Sua decendencia, D.*  
*D. Bermudo Bispo de Coimbra que tempo governou aquella Igreja, 229. C.*  
*S. Bernardo, & seus Monges tomão a proteccão deste Reyno a sua conta em seus principios, & fauorecem nas conquistas de Santarem, Lisboa, Trancoso, jornada de Seuilha, Vitoria de Aljubarota, 34. S. Bernardo por reuelação do Ceo manda fundar mosteiros em Portugal, 78. Ordenou estatutos aos Cavalleiros do Templo, 82. A. Fez pazes entre o Emperador Lothario, & os Duques Conrado, & Federico, 91. D. Foi eleito no Concilio Carnotense por Capitão geral do socorro da terra Santa. Renunciou o cargo, & pregou a Cruzada, 178. C. Milagre q Deos fez por sua petição, 178. D. Com sua pregação moueo a tomar a Cruzada os soldados que ajudarão a tomar Lisboa, 179. Teue amizade com S. Theotónio, 199. C.*  
*S. Bernardo primeiro Arcebispo de Toledo, 37. B. Depos a Mauricio Arcebispo de Braga de sua Igreja como Legado. 39. B.*  
*D. Bernardo Bispo de Coimbra em que tempo foi eleito, 93. D.*  
*Bernardo Monge de São João de Tarouca ajudou muito com suas orações ao Infante Dom Sancho nas batalhas que teue junto a Seuilha, & junto a Beja, 252. B.*  
*Dona Bertha molher del Rey Dom Afonso Sexto, 28. D.*  
*Bezançon Cidade de Borgonha, 2. D.*  
*Boemundo*

Boemundo Monge de Claraval veio com outros companheiros fundar o Mosteiro de S. João de Tarouca por mandado de São Bernardo, & foi o primeiro Abade nelle, 78. B. Floreceo com milagres. 113. A.

Botelhos onde tem seu morgado, & de quem decendem, 192 B.

Bouro, mosteiro hoje da Ordem de Cister, antigamente da Ordem de São Bento, da familia Cluniacense, quem foi seu restaurador, 207. Dado ao Abade de Alcobaça, & seus Monges, 207. C.

Braſemi Rey Mouro, morto o Conde D. Henrique, intentou guerra contra os Portuguezes, 70. C.

Braga, foi sua Igreja fundada por S. Nho, 36. C. Restaurada por Vestrio Bispo de Lugo, & Cresconio Bispo de Iria por mandado del Rey Dom Garcia, 11. C. O primciro Bispo que teve depois de restaurada foi Dom Pedro no tempo del Rey Dom Sancho, 11. D. Sua Primazia se trata da fol. 36. até 40. Foi colonia insignie dos Romanos, 36. D. Confirmaſe a resolução de sua Primazia, 175. D. 176. A.

Breniario Muçarabe saltou fora do fogo, & por q razão foi lançado nelle. 6. C.

Bulla da confirmação do Reyno a el Rey D. Afonso do Papa Innocencio terceiro, 137. A.

### C.

**C** Alexio Papa segundo do nome, cujo filho foi, 2. A. Quando foi eleito Summo Pontifice, 77. C.

Calheiros de que decendê, & suas armas 233. A.

Capitães da Guarda São Souſas, & de quem procedem, 221. A.

Cardenes quão antigos são, 95. B.

Cartagena sua Igreja mais antiga que a de Toledo, & Metropoli da della, 39. A.

Carta del Rey D. Afonso, em que pede a

confirmação do Reyno de Portugal ao Papa Innocencio Terceiro, 136.

Carta del Rey D. Afonso Henriquez pera o Papa Alexandre Terceiro, fol. 210. B.

Carpinteiros de quem decendê, 233. A.

Carta del Rey D. Afonso 4. pera Paio de Meira meirinho mór, 239. C.

Carualhos, sua antiguidade, & suas armas, 105. B. C.

Castello de S. Oláia tomado pellos Mouros, 75. D. Entregue ao Conde D. Fernando, 81. Fez delle doação el Rey D. Afonso Henriquez ao Mosteiro de S. Cruz. Descreue-se seu sitio, 215. A. B. Os Alcaides que teve, 215. C.

Castello de Soure Soure queimado pellos moradores, 75. D.

Castello de Leiria em que tempo foi fundado, 106. A.

Castello de Celmes edificado por el Rey D. Afonso. Tomado pello Emperador D. Afonso Septimo. Restituido por el Rey D. Afonso Henriques, 109.

Castello de Herena. Investigase qual seja. Mostra-se com probabilidade ser o de Tomar, ou o de Ourem. fol. 110. 111.

Castellos de Aguiar de Pena. De Aguiar de Souſa. De Aguiar de Neiva,

112.

Castellos de Penella, Oure, Porto de Móz, Alcobaça, Alfeizerão ganhados por el Rey D. Afonso Henriquez, 185. A.

Castello de Curuche reedificado por el Rey Dom Afonso Henriquez, 222. A. Descreue-se seu sitio. As vezes que foi restaurado, & destruido, & em q annos, 222. C. D.

Cathalogo dos fidalgos Portuguezes que se acharão com el Rey Dom Afonso Henriquez na batalha do Campo de Ourique, 123. B. Dos que se acharão com o Lidador em duas batalhas, 231. C.

Cavaleiros da Ordem dos Templarios resistirão a grande poder dos Mouros no castello de Tomar, fol. 111. B.

✠ ✠ 2 Forã

Foraõ vencidos pellos Mouros junto a  
 Soure, 152.D. Acharaõse na tomada  
 de Santarem, 165. Deulhe elRey  
 Dom Afonso o direito Ecclesiastico  
 daquella villa, 166. A. Fundaraõ a  
 Igreja de Alcaçova nella, 166.B. Foi-  
 lhe em lugar della dado o castello de  
 Ceres, 166.C.  
 Causas, & demandas como se julgaõ  
 & decidaõ antigamente, 83.D. 84.  
 Casa de Bragança, sua nobreza, 58.  
 Ceíça Mosteiro da Ordem de Cister, sua  
 antiguidade, 201. Quem o fundou.  
 Foi do mosteiro de São Bento. Foi da-  
 do ao Abbade, & Monges de Alcoba-  
 ça, 202.B.  
 Celestino Papa sucessor de Lucio Segun-  
 do, em que tempo gouernou a Igreja  
 de Deos, 178.B.  
 Ceita onde està fundada, 256.D.  
 Cerco de Lisboa, & o que nelle succedeo  
 171.  
 Cerco de Coimbra, 47.D. 75.  
 Cerco de Guimarães, 95.C.  
 Cerco de Santarem, 55.C.  
 Cerco de Alcaçar do Sal, 192.C.  
 Cerco de Beja, 251.C.  
 Cerco de Abrantes, 258.A.  
 Cerco do Castello de Curuche, 254.C.  
 Cerco do Castello de Porto de Móz,  
 255.  
 Cerueira Alcaide mor de Coimbra to-  
 mou o habito em Santa Cruz, 216.A.  
 Cerueiras de quem tomaraõ este appel-  
 lido, & suas armas, 216.B.  
 Chacim. Os deste apellido de quem pro-  
 cedem. 123.D.  
 Chelas mosteiro de Religiosas junto a  
 Lisboa. He prouauel que foi de Vir-  
 gens Vestacs antigamente. Tem os cor-  
 pos de São Felix, & Santo Adrião, 186  
 C.D. Foi mosteiro de Religiosos, des-  
 pois de Religiosas. 187. De que Ordem  
 eraõ, 188.A. He hoje de Conegas Re-  
 grantes, 188.B.  
 S. Christouão de Lafoes mosteiro da Or-  
 dem de Cister, em que tempo foi fun-  
 dado, & por quem, 212.A.

S. Christina foi natural de Euora, 118.C.  
 Cobres, rio no Cãpo de Ourique. 117.D.  
 Coimbra cercada, & defendida pello Cõ-  
 de D. Henrique de grande poder dos  
 Mouros, 47. D. Seus moradores ti-  
 ueraõ diuidas com o mesmo Conde,  
 48. Segunda vez cercada dos Mou-  
 ros, & defendida pellos Portugueses,  
 75. Nunca teve Bispo negro. 94. C.  
 Sua Igreja restaurada no tempo del-  
 Rey D. Afonso, 12.C.  
 Coelhos de quem procedem. Suas armas,  
 160. A. Em que anno se acha memo-  
 ria delles, 260.C.  
 Cogominhos de quem decendem, suas ar-  
 mas, as heranças que tiueraõ, & tem  
 hoje, 233.C.  
 Concordia celebrada entre os Bispos de  
 Coimbra, & Porto, 80.D. 81.A.  
 Concilios de Braga. Sempre presidiraõ  
 nelles os Bispos da mesma Cidade 36.B.  
 Concilio Lateranense celebrouse no tem-  
 po de Alexandre Terceiro, 257.B.  
 Concilio celebrado em Celenas remetio  
 seus decretos a Balconio Bispo de Bra-  
 ga pera que os confirmaße, 36.B.  
 Condes de Feira de quem decendẽ, 59.A.  
 Condes de Buen dia descendem de Mar-  
 tim Vasques, 57.D.  
 Condes da Sortelha de quem procedem,  
 58.D.  
 Condes de Cifuentes decendentes de Ay-  
 res Gomes da Sylva, 60.A.  
 Condes de Portalegre Marqueses de Gon-  
 uen, de quem decendem. 60.A.  
 Condes de Salinas de quem procedem,  
 60.A.  
 Condes de Miranda Governadores do  
 Porto são Souzas, 60.B.  
 Condes do Prado senhores de Beringel  
 são Souzas, 60.B.  
 Conaes do Redondo, Continhos de quem  
 se diz que procedem, 43.  
 Condado se chamaua antigamente mui-  
 tas terras dadas por elRey aos fidal-  
 gos, 86.D.  
 Condes Dom Gomes Nunez, & Dom Ro-  
 drigo Perez Veloso seguem as partes  
 do



do Infante Dom Afonso Henriquez.  
109. A.  
Condes Fernão Peres, Rodrigo Vela, & Fernando Anes senhor de Alleriz seguem ao Emperador Dom Afonso Settimo, 109. B.  
Condes da Corunha, Monte agudo, Pliego, Castro, Orgas, Ribadania são Furtados, & Mendocás, 134. B.  
Condes da Atouguia, Castanheira, & Castro são Attaiades, 160. B.  
Condes de Castel milhor são Vasconcelos 173. A.  
Condes de Salzedas são Sylueiras, & Lobos, 220. D.  
Condes, Duques, & Marquezes de Portugal que differença tem nos assentos diante del Rey, 224. D.  
Condes de S. João da Pescueira são Tanoras, 239. A.  
Conegos de Coimbra viuião em communidade debaixo da Regra de S. Agostinho, 13. A. B.  
Conegos de Lisboa os primeiros que ouue despois de sua restauração fizeram concerto com o Bispo sobre as rendas, nomçaõse quaes eraõ, 229. D.  
Conrado Emperador socorre pessoalmente a terra Santa. O successo que teve na jornada, 178. C. D. Em que anno morreu, 178. C.  
Consul Mancino Hostilio entregouse aos moradores de Numancia despidõ, & maniatado, porque. 96. C. D.  
Contrato de paz entre a Rainha Dona Tareja de Portugal, & sua irmã D. Vrraca Rainha de Castella. 30. B.  
Cordario mosteiro em Galiza. 11. C.  
Cornelham foi dado ao Apostolo Santiago por el Rey Dom Ordonho segundo, porque causa. 32. B.  
Cortes em Guimaraes celebradas pello Conde Dom Henrique. 32. A.  
Cortes que el Rey Dom Afonso Henriques celebrou em Lamego. Dasse a copia della. E responde se a algũas annidas que pode auer sobre ellas. 142. ate 146.

Correas Baharcns donde descendem, suas armas. 57. C.  
Correas onde tem morgado, & de quem descendem, 192. B. Em que tempo se achã este appellido. 26. D. Sua origem, suas armas, 59. B. C.  
Dona Costança mulher del Rey D. Afonso sexto. Em que anno se celebrou seu casamento. 4. D. 27. 28.  
Costas em que tempo se achão fidalgos deste appellido, suas armas. 186.  
Coutinhos de quem decendem, suas armas, quantas casas titulares tem. 43.  
Craueiros da ordem de Christo são Sylueiras. De que familia procedem. 221. A.  
Cresconio Bispo de Iria restaura a Igreja de Braga. 11. C.  
Cresconio Bispo de Coimbra foi primeiro Religioso do mosteiro de Arouca. Seu gouerno, sua morte. 16. A. B.  
Crazada quando teve principio. 34. D.  
Cruzes que trazem por armas os Pereiras, Almadas, Albergarias, & Farinhas donde tiuerão principio. 132. B.  
Cunhas de Portugal sua ascendencia. Delles se dirão por varonia as casas dos Marquezes de Vilhena, Duques de Escalona, os Duques de Osuna, os Condes de Buen dia, 57. Suas armas, 58. A. Donde as tomarão. 171. D. 172.  
Cyro Rey dos Arabes, cercou, & tomou Santarem em que tempo. 55. A.

## D

**D** Amazo Papa natural de Guimaraes. 228. B.  
Dapifer q officio era na casa Real. 72. D. Não era officio perpetuo. Nomçaõse algũas pessoas que o tiuerão no tempo del Rey Dom Afonso Henriques. 73. A.  
Dom Diniz Rey de Portugal obrigou por forza de armas aos Reis de Castella a lhe tornarẽ certas terras que  
el Rey

el Rey Dom Afonso Terceiro lhe tinha largado, 23. B.

D. Diogo Gelmires Bispo de Santiago alcançou do Summo Pontifice a preminencia dos sete Cardens, & dignidade de Metropolitana a sua Igreja. 15. D.

Diogo Gonçalvez fidalgo aventureiro na batalha de Ourique, cujo filho era, com quem foi casado; as familias que d'elle decendem, 125. C.

Fr. Diogo Velasques Religioso de Fiteiro fez com seu Abbade que aceitasse a defensão da villa de Galatrana. 294. A.

Dito del Rey Dom Sancho de Castella, 206. B.

Doação feita ao Mosteiro de Charitate de Monges Cluniacenses pello Conde D. Henrique, 46.

Doação feita à Sê do Porto, 71. A.

Doação do Castello de Santa Olaia feita por el Rey D. Afonso Henriques ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. 214. D. 215.

Doação notavel feita ao Mosteiro de S. Pedro das Aguias, 238.

Doação feita por el Rey D. Sancho ao Mestre de Avis Gonçalo Viegas, 258 D. 259. A.

Doação feita por el Rey D. Afonso Henriques a Dom Paio Bispo de Euora, & sua Sê, 265. C.

Dom. Este titulo Donde se diria. Quão raramente se dava antiguamente. Em que tẽpo se começou a usar d'elle em Espanha, 236 C. D. 237.

S. Domingos Mosteiro de Santarẽ o mais antigo de Espanha dos da sua Ordem. 79. C.

D. Dordia filha de Egas Moniz, foi casada com Dom Gonçalo de Sousa. Sua decendencia, 160. C.

D. Duarte Duque de Guimaraes cujo filho era, 148. B.

Duques de Bragança seus progenitores, & nobreza, 59. A.

Duques de Ossuna decendentes de Mar-

tim Vasques, 57. D.

Duques de Pastrana de quem procedem em Portugal, 60. A.

Duques de Infantado, & Franca villa, são Furtados, & Mendocas, 134. B.

Duques de Portugal que differença tem dos Marquesses, & Condes nos assentos diante del Rey, 224. D.

Duroos de quem decendem por varonia, 125. C.

## E.

**E** Gas Ermizis foi senhor nas terras de Arouca no anno de 1085. 9. A.

Egas Gomez (o de Sousa) foy senhor em terras de Sousa, & Pombeiro, foi hum dos companheiros de Gonçalo Mendez da Maya o Lidador, 10 B. 232. B.

Egas Paes foi liure do Demonio por São Giraldo, 32. A.

Egas Moniz achou-se em hũa batalha em que o Conde D. Henrique venceo el Rey de Lamego junto a Arouca, 40. C.

Sua nobreza 41. C. D. Seus filhos todos tiveram sobrenome de Viegas, 41. D. Foi ayo del Rey Dom Afonso Henriques. Foi senhor de S. Martinho de Mouros. Tive debaixo de sua protecção o castello de Lamego, 52. C.

Pri-meira vez foi casado com Dona Mór Peres, segunda vez com Dona Tareja Afonso. Apareceolhe a Virgem em sonhos, & mandoulhe fizesse hũa Igreja a certa Imagem sua, 74. A.

Criou na quinta de Resende a el Rey Dom Afonso Henriques. 74. Fez levantar o cerco de Guimaraes ao Emperador Dom Afonso, 96. A.

Foi a Castella entregar-se ao Emperador D. Afonso em satisfação de não cõprir sua palavra. Foi perdoado por elle, 96. 97.

Aueria guase em que anno morreo, 158. Está sepultado em o mosteiro de Paço de Sousa, 159.

Foi neto de Dona Toda Ermigues, 159. A.

Contrato que fez com

com sua mulher D. Tareja, 159. B. C.  
 Os filhos que teve da primeira, & segunda mulher, 159. D.  
 D. Egas Moniz o Gasto quem foi, 41. D.  
 Egas Fafez marido de D. Vrraca Mendes de Sousa, cujo filho era, 57. B.  
 Egas Gomes de Sousa quem foi, 60. A. 232. E.  
 Egas Mendes filho de Mem de Gundar fidalgo aventureiro, que se achou na batalha de Ourique, 124. B. Sua ascendencia, 58. C.  
 Egas Moniz marido de Dona Dordia fidalgo do tempo del Rey Dom Afonso sexto, 125. A. E.  
 Egas Gomes de Sousa marido de Dona Gontinha Goncalves filha de Goncalo Mendez da Maia o Lidador, 124. C. Progenitor dos Souzas, 125. B. 235.  
 Dom Egas Pires Coronel companheiro do Lidador de quem decendia, 232. B.  
 Santa Eiria martyrizada em Nabancia sepultada no Tejo em hum Sepulchro feito por ordem do Ceo. Deu nome a Santarem. 111. B.  
 D. El duara Condeça de quem foi filha. 9. B.  
 Eliza filha de Theobaldo Conde de Campania foi mulher de Guilherme irmão dos Reis de Ierusalem. 4. A.  
 Dona Eluira ou Geluira filha do Conde Dom Sisenando. 13. C.  
 Dona Eluira filha de Egas Moniz foi mulher de Pero Paes o Alferes 16. C.  
 Eluas em que tempo se ganhou aos Mouros, 222. D. Descreve-se seu sitio, & fertilidade. Apontase em que anno foi segunda vez ganhada. Quando teve o titulo de Cidade, & alcançou a dignidade Episcopal. 223. A. B.  
 Imperador dos Mouros se chamava Hali Abentefim ou Texefim. 76. C.  
 Ermigis Viegas quem foi, 41. D.  
 Estevão Conde de Bolonha quem foi, 2. A.  
 Em que tempo foi para a terra santa, 44. D.  
 Estevão Rey de Vngria não teve filhos. 4. A.

Estevão Conde de Bles em que tempo foi para a terra Santa, 44. D.  
 Estreilas que são armas dos Auelares, Bairos, Coutinhos, Fonsicas, Monizes donde tiveram principio 132. D.  
 Eugenio Papa terceiro do nome, foi monge Cisterciense, em que anno foi eleito. Aplicou o socorro da terra Santa. 178. B. Em que anno morreu, & quantos governou a Igreja de Deos. 189. A. E.  
 Eugenia may de São Theotonio. 198. A.  
 Evora Cidade, & cabeça da Prouincia de Alentejo. Seu sitio, sua antiguidade, & grandezas. Como, & por quem foi ganhada aos Mouros, & em que anno. Das fol. 218. ate 221.  
 Expedição da Terra Santa quando se principiou, & que Papa lhe deu principio. 34. C. Segunda expedição que effeito teve. 45.

## F

Fafez Luz Alferes do Conde Dom Henrique casou com Dona Froilhe Viegas. Seus filhos, & sua descendencia. 57. B. Farinhas donde procedem, & suas armas. 58. B. C. 87. A.  
 Felix primeiro instruidor da vida Heremetica discipulo do Apostolo Santiago, viveo junto a Braga. 61. B. 79. B.  
 S. Felix, & seus companheiros padecerão na perseguição de Dioclesiano. 187. A. Seus corpos estão no mosteiro de Chelas. 188. C.  
 Feo em que tempo se acha este appellido. Os do morgado de monte Redondo q' armas tem. 260. D.  
 Dom Fernando o primeiro Rey de Castella, & Portugal visitou a Igreja de Santiago, & deu priuilegios aos moradores de Cornetham por sercu do padroado do Apostolo. 32. B. Foi casado com hũa irmãa del Rey Dom Bermudo de Leão. Teve guerras com elle. Fez-se senhor de Leão. Deixou dinadi

dos seus Reynos a tres filhos, 92. C.  
 Fernão de Anes Canaleiro da milicia de  
 Euora. Foi Ermitão na Serra de Offa,  
 & despois eleito Mestre da mesma Ca-  
 nalaria, 62. A. B. Fez guerra aos Mou-  
 ros, & ganhou algũas fortalezas, 62.  
 C.  
 Dom Fernando Conde. De quem dizem  
 foi casado com a Rainha Dona Tarcia  
 despois da morte do Conde D. Henri-  
 que, quem era, & sua nobreza, 70. A.  
 B. Foi-lhe entregue o castello de San-  
 ta Oiaia, & Sourc, 81. B. Seguiu as par-  
 tes da Rainha contra o Infante. Foi  
 replendido por S. Theonio, 88. Pa-  
 rece que se redusio à graça do Infan-  
 te D. Afonso, 98. A.  
 Fernão de Aires Batifella marido de Do-  
 na Vrraca que decendencia deixou.  
 104. D.  
 D. Fernão Fernandez de Lima Rico ho-  
 mem em Castella, 105. A.  
 Fernão Mendez de Bragança o Branco  
 fidalgo aventureiro dos que se acha-  
 rão na batalha do Campo de Ourique.  
 Trata-se sua ascendencia, & decenden-  
 cia, & com quem foi casado. B. C. D.  
 D. Fernão Mendez de Guntar fidalgo  
 aventureiro na batalha de Ourique:  
 124. B. Sua ascendencia, 58. C. 234. B.  
 D. Fernão Pirez Rico homem aventurei-  
 ro na batalha de Ourique. Teue o of-  
 ficio de Trinchante, ou Veador del Rey  
 D. Afonso Henriquez. Dase noticia de  
 quem podia ser, 126. B. C. He prouavel  
 q̃ foi progenitor dos Furtados, 134. A.  
 Fernando Afonso filho natural del Rey  
 Dom Afonso Henriquez, 157. B. Foi  
 Alfercz do Reyno: em que tempo, 250.  
 C.  
 D. Fernando Rey de Leão filho do Empe-  
 rador Dom Afonso quando começou a  
 rcinar, 191. C.  
 Fernão Gonfalez Canaleiro do tempo  
 del Rey D. Afonso Henriquez, ganhou  
 Beja aos Mouros, 197. C.  
 Fernão Canellas quem foi, 207. D. 208.  
 D. Fernando Conde de Viseu floreceo em

tempo del Rey D. Afonso Henriquez,  
 217. C. D.  
 Dom Fernando Rey de Leão teue guer-  
 ras com el Rey D. Afonso Henriquez;  
 por que causa, em que annos, 225. Ca-  
 sou com Dona Vrraca filha do mesmo  
 Rey D. Afonso. Foi apartado della: em  
 que anno, 226. A. Entregou-lhe o ca-  
 stello de Cedo feita, por q̃ causa, 226.  
 B. Veio socorrer el Rey D. Afonso seu  
 sogro, 242. B. Fez hũa entrada em Ca-  
 stella, & sogeitou algũas terras, 248.  
 B. Prendeo el Rey Dom Afonso junto a  
 Badajoz por hũa desastre, 226. D. Fez  
 Pazes com o mesmo Rey Dom Afonso.  
 Mostrase que não entrou nellas a obri-  
 gação de assistir em suas cortes, 227.  
 228.  
 D. Fernão Martinz Bispo do Porto, pri-  
 meiro Conego de Santa Cruz, em que  
 anno se acha memoria de sua Prela-  
 cia. 229. C.  
 Fernão Genemias fidalgo do tempo do  
 Conde Dom Henrique ascendente dos  
 Pachecos, 59. C.  
 Feudo que el Rey D. Afonso Henriquez  
 offerceco a Igreja Romana, quanto  
 tempo se pagou, 138. 139.  
 Feudo que pagaua Portugal a Virgẽ Ma-  
 ria de Claraual, que tẽpo durou, 140.  
 141.  
 Filhas legitimas dos Reys se chamanão  
 Rainhas, & Infantes, & não as illegi-  
 timas, 25. D.  
 Filhas de Catelio Bracharense primei-  
 ras Martyres de Espanha, 79. A.  
 Flancensio Capitão do Castello de Santa  
 Maria no tempo do Conde Dom Sis-  
 nando, 9 B.  
 Fogças que armas tem, 116. B.  
 Fonssecas de quem decendem, suas ar-  
 mas. Dos de Portugal decende o Mar-  
 ques de Orelhana, & outras casas de  
 Castella, 43. 192. B.  
 Foral de Guimaraẽs dado pello Conde D.  
 Henrique em que anno, 32.  
 Foraes dados a algũas terras por el Rey  
 D. Afonso Henriquez, 115. 116.  
 Foraes

Foraes dauão às terras não só os Reis,  
mas outros senhores 82.D. Apontão-se  
alguns exemplos, 83.

Frabame senhor de Aroche, 223.C,  
S.Francisco mosteiro de Alêquer o mais  
antigo de Espanha na sua Ordẽ. 79.C.  
Frederico primeiro chamado Encobar-  
bo quem fosse. Suas boas partes natu-  
raes. Fauorece o Antipapa Victor V.  
209.C.

Freires de quem decendẽ, onde tem mor-  
gados, suas armas, 192.B. 133.B.C.

Freitas de quem decendem por varonia  
suas armas, 125.C.

Froias sua Origem, 58.

D.Fuaz Roupinho, Alcaide de Coimbra,  
achouse na batalha do Campo de Ou-  
rique, 126.B. Alcançou vitoria del-  
Rey de Merida, 255. Feito Capitão  
da costa por el Rey Dom Afonso Hen-  
riquez, 256.B. Alcançou vitoria no  
mar do Mouro chamado Iocôfero Dal-  
xemi, 256.C. Fez preza de alguns na-  
uios no porto de Ceita, 257.A. Foi  
vencido, & morto no porto de Ceita,  
258.B.

Fulcon Rey de Ierusalem casado cõ Me-  
lezenda filha del Rey Balduino, 91.D.

Fulcon Conde de Cenomania, & Ande-  
gauia succdeo no Reyno de Palestina  
a Balduino. O que fez em seu gouer-  
no, 177.D. Sua morte, 178.A.

Furtados unidos com os Mendogas. To-  
case sua geração. As casas que ha de-  
ste apellido em Castella, & Portugal.  
Suas armas, 134.B.

## G.

**D**om Galdim Caualeiro dos Templa-  
rios nomeado Mestre da Ordem  
em Portugal, natural de Braga,  
sua nobreza, seu valor. Que castellos  
fuzdou neste Reyno. 82.E.C.

Gamir Rey Mouro de Merida vencido  
por Dom Fuaz Roupinho. Sua morte,  
256.A.

D.Garcia Rey de Portugal, & Galiza mã-

dou restaurar a Igreja de Braga. 11.  
Sua sepultura & Epitafio, 130.D.

D.Garcia Moniz o Gasto que foi. 41.D.

D. Garcia Rodriguez em que tempo vi-  
ueo, & a que casas deu principio, 43.  
239.A.

D.Garcia filho del Rey D. Sancho Maior  
Rey de Nauarra, foi morto por seu ir-  
mão Rey de Castella. 92.C.D.

D.Garcia filho de D. Ramiro succdeo no  
Reyno de Nauarra a seu tio D. Afon-  
so Batalhador. 93.A.

Garcia Mendez foi Alferes del Rey Dom  
Afonso Henriques na batalha do Cam-  
po de Ourique. 124.

Gedeões de quem decendem. 233.A.

Gelasio segundo em que anno foi eleito  
Summo Pontifice, & sua morte. 77.

Gerardo instituidor da Ordem de São  
Ioaõ, & seu primeiro Mestre. 82.C.D.

Gil Fernandez de Eluas fez honrosas  
entradas em Castella, em que tempo,  
223.B.

Gil Fernandez de Carualho Mestre de  
Santiago em q tempo floreceo, 105.C.

D.Gilberto primeiro Bispo de Lisboa, de  
que nação era. 175.A. Fez contrato  
com os Conegos sobre o comer, & ve-  
stido de cada hum. Até que anno go-  
uernou sua Igreja. 229.

São Giraldo eleito em Arcebispo de Bra-  
ga no anno de 1096. fol. 12.C. 17.C.D.

Liurou hum homem do Demonio, 32.

A. Alcançou de Urbano segundo in-  
do a Roma grandes preminencias pe-  
ra sua Igreja 35. Sua Morte: mila-  
gre q fez: uido por santo em vida. 48

Giraldo Gonçaluez neto de Roberto de  
La Corni, progenitor dos do apellido  
de Atouguia. 147.

Giraldo a quem chamarão sem pavor to-  
mou a cidade de Euora aos Mouros.  
Como, & que causa teue pera este sei-  
to, 218.D. 219. 220. Sua decendencia  
220 Sua sepultura, 221.

D.Godinho Fafez filho de Fafez Luz, de  
quem decendem os Fafez, 57.B.

D.Godinho Fafez filho de Fafez Sarra-  
zins

- zins deu principio à geração dos Godinhos, 57.B.
- Godinhos de quem decendem, suas armas, 57.B.
- D. Godinho Bispo de Lamego em que anno entrou a governar seu Bispado, 176.C.
- D. Godinho Arcebispo de Braga em que tempo floreceo, 229.A.
- D. Godinho Bispo de Lamego quantos annos esteve na sua Igreja, 229.C.
- Goes de quem decendem, suas armas, 58.B. 260.B.
- D. Goido Araldes de Baia quem foi pai, & que filhos teve, 159.A.
- Conde Dom Gomes Nunez o de Pombeiro cujo filho era. Seguiu a parcialidade da Rainha, & do Emperador Dom Afonso, 112. Foi deserdado por el Rey D. Afonso Henriques, porque causa, 112. 113. com quem casaraõ seus filhos, 216.C.
- D. Gomes primeiro Mestre da Ordem de S. Iulião do Pereiro, 189.D.
- Conde D. Gomes de Sousa quem foi, & seus decendentes, 216.C.
- Conde D. Gomes Paes Alcaide do Castello de S. Olaia, 216.D.
- D. Gomes Mendez Gedeão companheiro do Lidador, foi cunhado de Gonçalo de Sousa, 232. A decendencia que deixou, 233.B.C.
- Gonçalo Moniz grande senhor em Portugal, com quem casou. 10.A.
- Gonçalo Viegas Mestre da Ordẽ de Avis cujo filho foi, 57. Morreo na batalha de Alarcos, 62.B.
- Gonçalo Rodriguez Froias quem foi. Sua ascendencia, & decendencia, 59.A.
- D. Gonçalo Bispo de Viseu foi Monge de Alcobaca, 229.B.
- D. Gonçalo Conde, bispo do Conde Dom Nunalurex Pereira, sua decendencia, 59.A.
- Gonçalo Gonçalves Capitão do castello de Soure, 81. C. Foi Capitão de hũa companhia na tomada de Santarem, 164. Era pessoa nobre, 165.
- D. Gonçalo filho del Rey D. Sancho Maior Rey de Sobarue, 92.C.
- Gonçalo de Sousa primado do Infante D. Afonso Henriquez, 111. Decerrou o castello de Aguiar de Pena. Milagre q̃ lhe socedeo no caminho, 112. Achou se na batalha de Ourique, 120.B. E na tomada de Santarem, 165.C. Senhor de Alcanede, & vassallo del Rey, 208.
- Gonçalo Mendez da Maia o Lidador fidalgo aventureiro que se achou na batalha de Ourique, de quem decendia, 124.C. Com quem foi casado, 124.D. 125. Alcança hũa victoria dos Mouros, 230.D. Morreo em hum reconcro que teve com elles, 231.B. Era decendente del Rey Dom Ramiro, 231. D. Exercitava a milicia sendo de noventa & cinco annos, 235.B.
- Gonçalo Diaz o Cide aventureiro na batalha de Ourique, de que familia era. 126.
- D. Gonçalo Bispo de Viseu em que anno começou a governar seu Bispado, 176.C.
- Gonçalo da Costa fidalgo do tempo del Rey D. Afonso Henriquez, 186.
- D. Gonçalo segundo Bispo de Viseu, foi primeiro Monge de Alcobaca, quantos annos Governou a sua Igreja, 229.B.
- D. Gonçalo Viegas Mestre da milicia de Evora, Capitão geral da Estremadura 244.B. Morreo na batalha de Alarcos 259.B. 264.A. Foi filho de Egas Fafez, & neto de Fafez Luz, 259.B.
- D. Gontrode Cõdeça, filha do Conde Nuno Aluitiz, & da Condeça D. Elduara 94.
- Gosfredo Duq de Loreina primeiro Rey de Ierusalem de quem era filho. 250. Em que anno morreu. 44.D.
- Grandes de Espanha. Quando teve principio esta dignidade nella, & suas premincias, 224.C.D.
- Guerras entre el Rey de Aragão, a Rainha Dona Vrraca, & seu filho o Infante D. Afonso sobre a successão dos estados del Rey D. Afonso o sexto. 29. C. 54.

Guerras entre Portugal, & Castella entre o Emperador Dom Afonso, & el-Rey Dom Afonso Henriquez, o successor dellas, 108. C. & dahi por diante.

Guerras entre el Rey Dom Afonso, & el-Rey D. Fernando de Aragão, que occasião tiuerão, & em que tempo forão, 225. 226.

Guerras civis de Castella, porque causa, 248. B.

Guerras entre el Rey D. Afonso de Aragão, & D. Afonso de Castella, 248. C.

Guerras del Rey D. Afonso de Castella, & el Rey D. Afonso de Aragão contra el-Rey D. Sancho de Navarra, 248. C.

Guião, ou Gaiam Alcaide de Santarem, foi aquelle que o vulgo chamou o Ladrão Gaiam. Seu morgado em que familia anda, 201. A.

Guido Conde de Vernob, 2. D.

Guido de Lusinhano, quando foi à terra Santa, 44. D.

Guido filho de Guilherme Conde de Bolonha, & irmão do Conde D. Raymundo, 2. A. Eleito em Papa chamou-se Calixto Segundo, 77. C.

Guilherme irmão dos Reis de Ierusalẽ, 2. C.

D. Guilherme de La Corni, fidalgo Flamengo, que se achou na cerco de Lisboa, 174.

Guimaraes teve foral dado pello Conde D. Henrique, em que anno, 32. A. Foi Corte dos primeiros Reis de Portugal, 53. C. Patria del Rey Dom Afonso Henrique, 52. B. & de suas irmãs, 53. A. Cercada por el Rey Dom Afonso, 95. C. A Igreja Collegiada que ha nella foi instituida por el Rey D. Afonso Henriquez. Os Conegos della forão regulares, 269. A.

Gundimaro Rey dos Godos fez Metropoli a Toledo, 39. A.

D. Guterre fidalgo do tempo do Conde D. Henrique, donde era natural. Sua descendencia, 57. D.

Guterre Alderete primogenitor dos Syluas, 59. D.

Guizmaes os deste apellido que casar tem em Espanha. Suas armas, 232. C.

H.

**H** Ali Aben Ioseph Texesim Emperador dos Mouros com grande exercito cercou Coimbra, & foi rebatido pello Portuguezes, 47. D. Alcançou victoria dos Castelhanos na batalha de Vcles, 48. Cerca segunda vez Coimbra sem effeito, 75. Venceo os Portuguezes junto a Miranda, & tomou o Castello de Santa Olãia, 75. D.

Henrique Duque de Borgonha, foi tio del Rey Roberto de Franca, 3. B.

Conde Dom Henrique. Trata-se sua origem, da fol. 2. B. por diante. Feio a Espanha em companhia da Rainha Dona Costança, 4. D. Era sobrinho seu, 4. D. Apontãose varias opinioes sobre sua vinda a Espanha. Resolue-se ser o anno de 1080. 6. B. Seguiu a Corte del Rey D. Afonso até lhe ser dado Portugal, & achouse no cerco de Toledo, & na batalha de Sagulias, 6. D. Achouse na conquista, & tomada de Lisboa, 7. B. Em que tempo lhe foi dado Portugal, & em que tempo casou, 16. 17.

Precedo por armas os Reynos de Leão & Galiza por morte de seu sogro el-Rey D. Afonso Sexto, porque razão, 29. D. Quando começou a governar Portugal, 32. Fez Cortes em Guimaraes, & deu-lhe foral. Tomou a sua conta a protecção dos moradores de Cornelhã, por serem caseiros do Apostolo Santiago, & visitou a Igreja do Santo, 33. Venceo a el Rey de Lamego junto a Aronca, 40. Deu muitas terras a hũ Cavaleiro Mouro que se fez Chrião, 40. Reprimio as alteraçoes dos Mouros da comarca de Lamego, & repartio aquellas terras entre alguns fidalgos, 40. Fez jornada à terra Santa, 43. Em que tempo veio por Constantinopla, & trouxe Leliquas que lhe deu o Emperador Aleixo Comeno

45. Fez

45. Fez muitas doações a mosteiros,  
 & Igrejas, 45. 46. Deu foras a mu-  
 itas terras, 47. Rompeo os Mouros em  
 desasce batallas, 47. Teue duuidas  
 com os moradores de Coimbra, 48. Te-  
 ue guerras com os Leoneses, & Gale-  
 gos, porque causa. Perdeu algũas ter-  
 ras, & ganhou outras, 49. 54. Os filhos  
 q̃ teue, 53. Morreo no anno de 1112.  
 na cidade de Astorga, & foi trazido,  
 & sepultado na Se de Braga em hũa  
 Capella pequena. Foi trasladado à Ca-  
 pella mór, 54. seu Epitafio 55. Suas  
 armas, 131. A.

Henrique Quarto Emperador do Occi-  
 dente, em que tempo imperou, 31. D.

Henrique quinto do nome Emperador  
 fez eleger em Sumo Pontifice a Mau-  
 ricio Arcebispo de Braga, 77. B.

D. Henrique filho primogenito del Rey D.  
 Afonso Henriquez, & da Rainha Do-  
 na Mafalda, 156. B. C.

S. Henrique Alemão de nação morreo no  
 cerco de Lisboa, as obras milagrosas  
 que Deos obrou por sua intercessão,  
 171. C. D.

Hermitães da Serra de Ossa quando co-  
 meçarão, & quaes foram os primeiros,  
 & em que tempo, 61. D. 62. Coninua-  
 rão ate nossos tempos com bom exem-  
 plo, & tiuerão algũs varoẽs insignes  
 em virtude, 62. C. D. O Cardeal Dom  
 Henrique alcançou confirmação do Pa-  
 pa, 63.

Hermigio Moniz Capitão general, &  
 grande priuado do Infante D. Afonso,  
 84. C.

Hermenrico Rey de Portugal, 130. A.

Hermegildo Bispo Bispo de Viseu, em q̃  
 tempo regeu sua Igreja, 176. A.

Honras, nome que se attribuia a certos  
 lugares, que privilegio era, 74. D.

Honorio Segundo em que tempo gover-  
 nou à Igreja Catholica. Sumaria re-  
 lação de sua vida, 91. B. C.

Hugo Capeto Rey de França, visauo do  
 Conde D. Henrique, 3. B.

Hugo o Grande foi segunda vez a Ieru-

salem, 44. D.

Hugo primeiro Bispo do Porto, em que  
 tempo, 71. A. Falecco no anno de 1135  
 Tocase sua vida 114. A.

Hugo, & Iofre instituidores da Ordem  
 dos Templarios, 81. D.

I.

I Acinto Cardeal vindo por Legado à  
 Espanha, 95. B.

Iacob Aben Texcfin Rey dos Almorau-  
 des, passou com grande exercito de  
 Africa a Espanha, 5. C.

Iacobo Bispo de Lamego, em que tempo  
 floreceo, 176. A.

Ida Duquesa de Loreina, 2. C.

Ierusalẽm ganhada em 15. de Agosto do  
 anno de 1099. Quem foi occasiã de sua  
 conquista. Que Papa a ordenou. Que  
 senhores se acharão nella, 34. D.

Igreja de Coimbra restaurouse gover-  
 nando o Conde D. Sisnando, & pos-se-  
 lhe primeiro Bispo, 8. D.

Igreja de Braga restaurada, 11. C.

Igreja de Toledo sujeita a Cartagena,  
 quando começou ser Metropoli, 36. A.

Igrejas Cathedraes de Viseu, & Lamega  
 dadas ao Bispo de Coimbra, 79. D.

D. Ines mulher del Rey D. Afonso Sexto,  
 28. C.

Infanções que preminencia, & dignida-  
 de tinham, 84. D.

Innocencio Segundo em que tempo foi  
 eleito em Sumo Pontifice, 91. C. Em  
 que anno morreo, 178. B.

D. João Anaia Bispo de Coimbra de quem  
 foi filho, 58. B. Fundador do Mostei-  
 ro de Semide, 177. A. Em que tempo  
 morreo, 194. D.

João Rodrigues da Motta hum dos in-  
 sensores da patria no tempo del Rey  
 D. João Primeiro, 58. C. 234. B.

João Fernandez Pacheco senhor de Bel-  
 monte, sua decendencia em Castella,  
 59. D.

S. João Cerita Ermitão ajudou aos Mon-  
 ges de Claraval a fundar o Mosteiro  
 de



de S. João de Tarouca, 78. B. Escrevense sua vida, obras de virtude, & morte, 211. 212. 213. Tomou o habito de Cister com alguns companheiros seus em S. João de Tarouca. 212. A. Nomeãose os companheiros, & julgase prouauel serẽ ermitães de Santo Agostinho, 213. A.

João Monge de Claraual veio com Boemundo & outros companheiros fundar S. João de João de Tarouca, 78. B.

S. João de Tarouca mosteiro da Ordem de Cister fundado por ordem do Ceo. Em que tempo. He mais antigo que todos os da Ordem em Espanha. Floreceo sempre em obseruancia regular. Deulhe conto o Infante D. Afonso Henriques. Tem algũas filhações. 78. 79. Lançou a primeira pedra em sua Igreja o Infante D. Afonso. 100. A. Aueriguase em que tempo. 100. B. C. Fez doação do couto delle el Rey D. Afonso Henriques a São João Cirita, 212. C. As merces que lhe fez el Rey D. Sancho primeiro, 252. B. C.

Trey João da Matta autor da Religião da Santíssima Trindade, he prouauel que foi Portugues, 79.

João de Deos instituidor dos irmãos que curão nos hospitaes foi Portugues, 79. C.

João Comneno Emperador de Constantinopla que tempo imperou, 92. A.

João Froilaco Mestre das obras de São João de Tarouca, 101. A.

D. João cognominado Peculiar, foi companheiro de D. Tello na edificação do Santa Cruz de Coimbra, 103. A. Foi Bispo do Porto successor de Dom Hugo, & Arcebispo de Braga successor de Dom Paio. Era Frances de nação. Fundou o mosteiro de São Christouão de Lafoes, 114. C. D. 212. A. Em que anno morreo, 229. A.

João Fernandes o Bom de Lima progenitor dos deste apellido cujo filho foi, 204. D.

João Fernandes de Lima Rico homẽ em

Portugal em que tempo viuco, 105. D.

D. João filho terceiro del Rey D. Afonso Henriques, & da Rainha Dona Mafalda 156. C.

João Martinz Salsa progenitor dos Aluelos, cujo filho era, 173.

João Abbade de Loruão tio del Rey Dom Ramiro, fundou a Ermida de Ceifa, & viuco nella, porque rezão, 201. D.

D. João Nunes Abbade do Mosteiro da Salzeda. 212. D.

Iofre, & Hugo instituidores da Ordem dos templarios, 81. D.

Iquilino Bispo de Viseu em que tempo floreceo, 176. A.

D. Iordão fidalgo do tẽpo del Rey D. Afonso Henriques senhor da Louribam. 174. C.

Joseph Aben Tixefin Rey dos Almorauides fez se reconhecer por superior aos mais Reys Mouros de Espanha, 40. B.

Joseph Aben Iacob segundo da familia dos Almohades passou a Espanha, & fez muitos danos nella, 260. A. Tornou a entrar em Portugal com poderossimo exercito segunda vez, pos cerco à villa de Torres novas, & arrazoua, 262. A. Pos cerco a Santarem, 262. B. Foi vencido em batalha junto a mesma villa, onde foi ferido mortalmente, & acabou a vida passando o Tejo. 262. C. D.

D. Isabel molher del Rey D. Afonso Sexto, chamada por outro nome Zaida, cuja filha foi, 28. C.

Ismario Rey dos Arabes com quatro Reys Mouros vem em busca del Rey Dom Afonso Henriques, 117. He vencido com elles no Campo de Ourique, & posto em fugida, 121. Cerrou, & tomou Leiria, 134. D.

Juramento del Rey D. Afonso Henriquez em testemunha que vio a Christo Senhor nosso, 127. D.

Juizos de Deos ocultos se vem em permitir mau successo ao socorro da terra Santa, & na jornada de Africa del Rey D. Sebastião, 176.



Lenha

L.

**L** Enho Santo da Cruz alcançado por el Rey Dom Afonso na victoria de Valdeuez, está na Igreja de Grade. 90. A.

Leiria, & seu castello fundado por el Rey D. Afonso Henriquez, em que tempo, 106. Suas Igrejas deu o mesmo Rey a Santa Cruz de Coimbra. Descreue-se seu sitio, & fertilidade, 107. C. D. Suas armas, 108. A. Em que tempo foi feita Cidade, & algũas cousas mais notaveis della, 108. Cercada, & tomada pellos Mouros, 134. D. Restaurada por el Rey D. Afonso, 135. D.

Leitoões de quem decendem por semea. Tueraõ dous Mestres da Ordem de Christo. Suas armas. 125. C.

D. Lianor Viegas, filha de Egas Moniz he prouavel que foi casada com Gonçalo Mendez da Maia o Lidador, 160. A.

D. Ligel Framengo acompanhou el Rey Dom Afonso Henriquez na tomada de Lisboa. Com quem o casou el Rey, 174. B.

Limas de quem decendem, 104. D. Suas armas, 105. A.

Lisboa ganhada por el Rey D. Afonso Sexto. 14. A. Tornou ao senhorio dos Mouros em que tempo, 55. C. Cercada por el Rey Dom Afonso Henriquez. 45. D. Descreue-se seu sitio, grãdezas, & cousas notaveis, & fertilidade da terra, 168. 169. Foi fundada por Eliza neto de Iaphet, 169. D. Cercada, & tomada por el Rey D. Afonso Henriquez, em que dia. 171. 172. A. Em que anno teue o primeiro Bispo, 175. A.

Lobos, suas armas, 220. D.

Lopo Vasquez sua ascendencia, & decendencia, 57. D.

Lopo Barriga grande Capitão, seus descendentes, suas armas, 260. A.

Loruão foyeito ao Bispo de Coimbra pel-lo Conde Dom Henrique, 45. D. Foy de Monges de São Bento, agora de

Religiosas de Cister. Foi fundado em tempo de São Bento, 79. C.

Lothario Duque de Saxonia eleito Emperador, em que tempo, 91. D. Ate que tempo administrou o governo do Imperio, 92. A.

Lourenço Mendez de Gundar filho de Mem de Gundar. Achou-se na batalha do Campo de Ourique, & foi hum dos companheiros de Gonçalo Mendes da Maia o Lidador, 124. B. Sua ascendencia, 58. C.

Lourenço Viegas o Espadeiro, filho de Egas Moniz, teue a vanguarda do exercito Portugues na batalha de Ourique, 120. B. Foi Procurador del Rey nas Cortes de Lamego, 142. Teue hũ filho natural, de quem decendem os Coelhos de Portugal, & Castella, 159. D. 160. A. Achou-se na tomada de Santarem, 165. C.

Luas que trazem por armas os Amaraes Barbozas, Homens, Souzas, donde tueraõ principio, 132. C.

Lucio Segundo Summo Pontifice, em que tempo gouernou a Igreja, 178. A.

Lucio III. Papa natural de Lucia, em q̃ anno entrou no Pontificado, 257. B.

Luis o Gordo Rey de França primo do Conde Dom Henrique quantos annos reinou, 92. A.

El Rey Luis o septimo de França filho del Rey Luis o Gordo socorre em pessoa aos da Terra Santa. Que fim teue sua jornada. 176. C. D.

Dom Luis Infante de Portugal com hũa grossa armada acompanhou o Emperador Carlos Quinto quando passou a Tunes. 164. A.

M.

**M** Achados de quem decendem, 125. C. São senhores de entriaõ Homẽ, & Cauado, suas armas, 165. C.

D. Mafalda molher del Rey Dom Afonso Henriquez foy filha de Amadeu Conde de Moriana, & Saboia, 155. Tocase sua

sua ascendencia, 156. A. Os filhos que  
 teve del Rey, 156. B. Sua morte, 190.  
 Morreo em Coimbra, está sepultado  
 em S. Cruz, 191.  
 D. Mafalda filha del Rey D. Afonso Hen-  
 riques, & da Rainha D. Mafalda, 165  
 C. Seu casamento com D. Ramon, que  
 despois se chamou D. Afonso de Ara-  
 gão, 195. He prouauei que não teve  
 effeito este casamento, 196. B.  
 Maias, ou Amaias de quem procedem,  
 suas armas, 124. C.  
 S. Mancio hum dos settenta & dous dis-  
 cipulos de Christo, primeiro Bispo de  
 Euora, 218. B.  
 El Rey D. Manoel em cinco dias ajuntou  
 20. mil homens pera socorrer Arzila,  
 263. Deu socorro aos venezianos con-  
 tra os Turcos. 264. B.  
 Maria may de Deos padroeira da Ordẽ  
 Cisterciense, 33. D. Protecçõra de Por-  
 tugal. 34. C. 140. 141.  
 Marichal do Reyno, he da familia dos  
 Ceutinhos, de quem decendem, 43. A.  
 Marqueses de Vilhena decendentes de  
 Martim Vasquez, 57. D.  
 Marqueses de Gouvea são Syluas, 73. C.  
 Marqueses de Orclhana decendem dos  
 FONSECAS de Portugal, 43. B.  
 Marqueses de Mondejar, Cenete, Cane-  
 te, Montes Claros, são Furtados, &  
 Mendoças, 134. B.  
 Marnel antigamente cidade entre Ague-  
 da, & Vouga, 153. D.  
 Marqueses de Castello Rodrigo Condes  
 de Lumiares, & Grandes de Espanha  
 são do appellido dos Mouras. De quem  
 decendem, 224. O que possuiue esta ca-  
 sa he hoje Embaixador da Magesta-  
 de Catholica na Corte de Roma. 225. A.  
 Marqueses de Portugal que differença  
 tem nos assentos diante del Rey dos  
 Duques, & Condes, 224. D.  
 Marqueses de Ferreira são Mellos. 234  
 S. Martinho, Igreja de Coimbra funda-  
 da pello Conde Sisnando anno de mil  
 & oitenta, 9. A.  
 Martinho segundo Bispo de Coimbra.

13. B.  
 Martim Moniz eleito Governador de  
 Coimbra, 13. C. Ouue em seu tempo  
 grandes conquistas em Portugal, 14.  
 Conde D. Martim Vasquez da Cunha.  
 sua ascendencia, & decendencia, 57. D.  
 Martim Aniam, ou Anaia de quem fo-  
 filho, sua decendencia, 54. D. Auentu-  
 reiro na batalha de Ourique, sua de-  
 ccendencia, 125. D.  
 Martinho Vigairo, ou Prior de Soure.  
 103. A. Escreue-se sua sanua vida, 153.  
 C. D. 154. 155.  
 Martim Moniz fidalgo aaventureiro na  
 batalha de Ourique teve a Ala direi-  
 ta do exercito, 120. E. Inuestiga-se quẽ  
 seria, 126. C. Morreo na tomada de  
 Lisboa, 172. A. De quem era filho, &  
 sua decendencia, 173. A.  
 O Conde D. Martim Gil, que floreceo no  
 tempo del Rey Dom Diniz, de quẽ de-  
 ccendia, 160. C.  
 Martim Moab Caualeiro que foi manda-  
 do por el Rey D. Afonso quebrar as pa-  
 zes com os moradores de Santarem.  
 162. C.  
 Martim Mendez da Costa Alcaide de  
 Euora em que tempo viveo, 186. B.  
 D. Martinho Bispo de Coimbra, quando  
 começou a gouernar aquella Igreja,  
 226. C.  
 D. Martinho primeiro Abbade de Alco-  
 baça, 230. A.  
 D. Martinho terceiro Abbade de Alco-  
 baça está sepultado no Capitulo, 230. A.  
 Mascarenhas tem morgado em Alcaçar  
 do Sal, 192. B.  
 Mauricio Bispo de Coimbra, sua jornada  
 à terra Santa. 44. Bispo de Braga de-  
 posto de seu Bispado. 39. B. C. Eleito em  
 Sumo Pontifice com fauor do Empera-  
 dor Henrique Quinto. Foi antipapa  
 tres annos, 77. B. Acabou a vida em  
 França preso no mosteiro da Trinda-  
 de. 77. C.  
 Mem Moniz, & Martim Moniz não fo-  
 raõ filhos de Egas Moniz. 41. D.  
 D. Mem de Gundar fidalgo do tempo d

- Conde Dom Henrique, com quem foy casado, sua descendencia, 58. 3.
- Mem Moniz teue a ala esquerda no exercito Portuguez na batalha de Ourique, 120. B.
- Mem Ramires mandado por el Rey Dom Afonso Henriques, foi descubrir as forças, & sitio de Santarem, 162. A. O valor que mostrou na tomada da villa. 164.
- Mem Moniz de Gandarai achou-se na tomada de Santarem, & quebrou as portas com hum machado, fol. 165. C.
- Mem Fernandez de Bragança com quem foy casado, & que filhos teue, 232. A.
- Mem Moniz de Ribadouro companheiro do Lidador, que pessoa era, & com quem foi casado, 234. D. Fez abater o estandarte Real dos Mouros na grã de batalha de Senilha, 251. B.
- Mem Gonçaluez foy Alferez do Infante Dom Sancho, 250. C.
- Conde Dom Mendo progenitor da familia dos froinzes, & Pereiras, sua ascendencia, & descendencia, 58. 59.
- Mendo Afonso seguia a Corte do Conde Dom Henrique, de hũa filha sua procedem os Farinbas, 87. A.
- Mendo Arias irmão do seruo de Deos Martinho Figairo de Soure, 154. B.
- D. Mendo Bispo de Lamego em que annos viuco, 176. ate que anno chega sua memoria, 229. B. C.
- Mendoças de quem decendem. Unidos com os Furtados q casam tem, 134. C.
- Merlos, ou Mellos de quem decendem. Que casas ha deste appellido. Suas armas, 234. A.
- Mestre João hermitão da Serra de Offa, despois Bispo de Lamego, fez com q veio a Portugal a Ordem de S. Jorge de Alga, chamada dos Lojos, em que tempo, 62. 4.
- Mestres das Ordens militares. Veja-se a paizura, Ordem.
- Mido Crescenes Capitão Portuguez, morto na rota de Vetalandi, pay de João Midiz. 55. 3.
- D. Miguel religioso de Santa Cruz, eleito Bispo de Coimbra, 194. D. Ate que anno chega a noticia de sua Prelazia, 229. C.
- D. Miguel Abbade de S. Christouão em que tempo viuco, 213.
- Miles, & Plebeus, miles que peesas significação nas Escrituras antigas, 197.
- Myro Rey teue sua Corte em Braga, 130. B.
- Moço Viegas, por outro nome, Afonso Viegas filho de Egas Moniz, que descendencia deixou, 160. A.
- Molheres Mouras se acharam entre os mortos, que pelejavão como as Amazonas, 122. A.
- Molheres, & filhas dos Comendadores de Santiago ficauão no mosteiro de Santos quando elles hião às guerras, 246. A.
- Molles, os de Molles de quem procedem, 235. B.
- Monges de Cister, & da Cartuxa serviram muito à Igreja Catholica na schisma de Victor Quinto, 209. D.
- Monizes, suas armas, 161. A. Donde tuerao principio, 251. B. Este nome, Moniz, era patronymico, & não apelido. 41. D.
- Monteiros mores são Mellos, 234. A.
- Moqueime valeroso soldado q se achou na tomada de Santarem. 164. B.
- Dona Mor Perez da Sylua mulher primeira de Egas Moniz, 52. D.
- Moradores de Viseu elegerão Bispo que os governasse. Desistiram da eleição, A. B.
- Mordomo, que officio era na casa dos Reis primeiros de Portugal, suas preeminencias, 72. D. Não era officio perpetuo, 73. Nomeão-se alguns fidalgos que o serviram em tempo del Rey Dom Afonso Henriquez, 73. A.
- Mordomo mór, anda este cargo na casa dos Syluas Côdes de Portalegre, Marquezes de Gouvea, 73. 3.

Morgados do Esporão são Vasconcellos, 173. A.

Mosteiros da Ordem de Cister todos são dedicados a Virgem Maria, 33. D.

Mosteiro de São João. Veja-se S. João.

Mosteiro de Santa Cruz. Veja-se Santa Cruz de Coimbra.

Mosteiro de São Christouão. Veja-se São Christouão de Lafões.

Mosteiro de Semide. Veja-se Semide.

Mosteiro de Alcobaça. Veja-se Alcobaça.

Mosteiro de Chellas. Veja-se Chellas.

Mosteiro de Ceíça. Veja-se Ceíça.

Mosteiro de Bouro. Veja-se Bouro.

Mosteiro de Salzeda. Veja-se Salzeda.

Mosteiro de Tamarães. Veja-se Tamarães.

Mortas de quem decendem. Suas armas, 58. C. 234. B.

Moura ganhada por elRey Dom Afonso 221. D. Aponião-se as cousas principais desta terra, 222. B. C. Apronase-se ganhada pelos fidalgos da família dos Mouras, 223. C. D.

Mouras de quem decendem. Os morgados que possuem neste Reyno, 224. B. C. suas armas, 225. A.

Mouros que escaparam da rota de Santarem que danos fizeram nas terras de Portugal, 264. C.

Muçarabes, eram Christãos que viviam misturados com os Mouros, 243. B.

Muma Donna. Nome que tiveram tres senhoras illustres no mesmo tempo em Portugal, 10. D.

Muninho Viegas quem foi, & sua decendencia, 41. D.

Muninho Ermigues pai de Egas Moniz, 41. D.

## N.

Nabão rio junto a Thomar, 111.

Nabancia Cidade antiga junto a Thomar, 111.

Napoles em que anno teve titulo de Rey-

no, 150. B. C. Que nações o senhorearam, 151. A. B.

Nettos, em que tempo se acha memoria deste apellido: suas armas, 260. A.

Nomes de alguns fidalgos Portuguezes: viviam no tempo delRey D. Afonso 60. C. D.

Nuno Mendez Conde entre os Portuguezes, morio em batalha por elRey D. Garcia, & porque, 9. B. Quem foi este Conde 9. C.

Nuno Aluiz de quem foi filho, 9. D.

Dona Nuna mulher de Dom Sancho Mayor, Rainha de Castella, & Navarra, 92. B.

Nuno Mendez fidalgo que se achou na batalha do Campo de Ourique de que decendia, 123. C.

Nuno de Mendouça Conde de ValdeReys Governador de Portugal, 134. B.

Dom Nuno Fernandez terceiro Mestre da Ordem de São Iuliao do Pereiro, 189. D.

Nuno Soarez o Velho companheiro do Lidador de quem era decendente sua decendencia, 232. D. 233. A.

**O** Bidos ganhada por elRey D. Afonso Henriquez, seu filho, 184.

Odo Duque de Borgonha, fundador do mosteiro de Cister, 3. B.

Odoario companheiro de Dom Tello na edificação de Santa Cruz de Coimbra 103. A.

Dom Odorio eleito pello pouo de Viscem em Bispo da mesma Cidade. 80. A. Renunciou a eleição, 80. C. Tornou a ser eleito no mesmo Bispado por elRey Dom Afonso Henriquez, 176. B. C. Até que anno se acha sua memoria, 229. B.

Ordem de Cister em que tempo teve principio: Aonde, & por quem dedicada à Virgem Maria. Favorecida, & emparada della, 33. Teve novo lustre com São Bernardo. Chegou a ter dez mil

✠✠✠ 3 Abba

Abbadias. Teue muitos varoẽs insig-  
nes. Muitos Santos. Pedio que lhe não  
não canonizassem mais Santos. Teue  
sete Papas, & outras grandezas.

34.

Ordem dos Templarios quando teue prin-  
cipio, & seus instituidores, 81. D.  
Quando se admitio em Portugal, 82.  
A.

Ordem de São João do Hospital chama-  
da de Malta, em que tempo entrou  
em Portugal. Tocãse seus principios,  
& fundação, 82. C. D.

Ordem de Calatrava de São Julião do  
Pereiro, como foi instituida, & por  
quem. Sojeita à Ordem de Cister. Cõ-  
firmada pellos Papas, 189. Mudouse  
pera Alcantara, porque causa. Que  
insignia trazem. Quantos Mestres  
tiuerão, 190.

Ordẽ de Calatrava seus principios, 193.  
194.

Ordem militar de Auiz em que tempo te-  
ue principio. Nomeãse os Mestres  
que teue, 204. Vniose à Ordem de Ca-  
latrava. Teue seu assento em Coim-  
bra, despois em Euora, agora em Auiz,  
205. O habito de que usará. Os sellos  
& insignias da Ordem, & outras par-  
ticularidades, 205. 206. As merces  
que lhe fez el Rey Dom Afonso Hen-  
riquez, & el Rey D. Sancho o primei-  
ro, 258. 289.

Ordem da Cavalaria da Ala, ou Aza, in-  
stituida por el Rey Dom Afonso Henri-  
quez, 242. C.

Ordem da Cavaleria de Santiago em que  
tempo se instituiu, as terras, & bens  
que os Reys deste Reyno lhe deraõ,  
248. D. Quando se isentou do Mestre  
de Vcles. Os lugares em que teue seu  
assento. O modo de seu habito. As ar-  
mas da Ordem, & os Mestres que te-  
ue, 249.

El Rey D. Ordonho fogueitou a Igreja de  
Baga a Santiago, 11. B. Foy Rey de  
Portugal, & de Galiza, 130. C.

Ordonho Bispo de Salamanca Monge de

Cister confirma a Ordem de S. Julião  
de Pereiro, 189. C.

Orraca Afonso filha del Rey Dom Afon-  
so Henriquez bastarda casou com Dõ  
Pedro Afonso, 158. C.

Dona Orraca Viegas filha de Egas Mo-  
niz, molher de Dom Vasco Sanches;  
& segunda vez de Gonçalo Rodri-  
gues, 160. C.

Oselloa, ou Osel villa no tempo passado  
onde estava, 153. D.

Ourem descercue se seu sitio, 111. D.

Oueco pai de S. Theotonio, 198. A.

P.

P Achecos. Os de Portugal a que casas  
deraõ principio em Castella, 59. C.  
D. De quem decendem, 125. B. 234.  
A.

Paço de Sousa Mosteiro de São Bento,  
em que anno foi fundado, & por que,  
159. A.

Padroeiros dos Mosteiros tinham rações  
nos mesmos Mosteiros. Porque causa  
se acabou este costume, 239. B. C.

Payo Goterres da Sylva tinha as vezes  
del Rey na Comarca de Braga, 10. B.

Payo Delgado fidalgo, que se achou na  
tomada de Lisboa. Sua decendencia,  
173. C.

Dom Paio Mendez Arcebispo de Braga  
em que anno entrou a governar sua  
Igreja. 77. D. Tocasa quem era, sua  
vida, sua morte. 14. A. B.

Paio Goterres, sua nobreza, & piedade,  
57. D. Foi Alcaide de Leiria, 134.  
D. O valor que mostrou na tomada de  
Lisboa, 171. D. 172.

Dom Payo segundo Bispo de Euora, 221.  
B. Em que anno foi eleito, 221. C.

Dom Paio Pirez Romeu de quem era  
decendente, & os fidalgos que delle  
decendem, 233.

Dom Paio Godins companheiro do Lida-  
dor, de quem era filho, que decenden-  
cia deixou, 234. C.

D. Paio

D. Paio Soares C, apata, companheiro do Lidador cujo filho foi, 234. C.D.

Paio Guterres filho de Gutierre Alderete, ascendente dos Sylvas, 59.D.

Palmella ganhada por el Rey Dom Afonso Henriquez, 172.C.

Papas não são senhores temporaes de todo o mundo, se nao de Algũas terras, que são do patrimonio de São Pedro, 150.D.

Parentes por afinidade se nomeão com os nomes que são proprios dos que são conjuntos por consanguinidade, 5. A.

Pascoal segundo do nome, em que tempo governou a Igreja de Deos, 35. Morreo no anno de 1118. Tocase seu valor, 77.A.

Patrão, ou paterno Bispo de Braga, presidio no primeiro Concilio Toledano, 36. A.

Pazes feitas pello Papa Innocencio Quarto entre el Rey Dom Afonso o Sabio de Castella, & el Rey Dom Afonso terceiro de Portugal, 22. C.D. As que se fizerão entre el Rey Dom Afonso Henriquez, & seu primo o Emperador D. Afonso, 133. C.D.

Pedro Rey de Vngria não teve filhos, 4. A.

Pedro Bispo de Braga, 11. C. Excluido do Bispado, & recolhido em hum mosteiro, 11. D. Recuperou algũas terras pera sua Igreja, 12. B. Teve a dignidade Episcopal vinte & seis annos, acabou a vida em hum mosteiro, 11. C.

São Pedro Apostolo ordenou que as Primazias tivessem seu assento nas Cidades principaes dos gentios, 38.C.

Dom Pedro Afonso filho do Conde Dom Henrique, 53.D. Achouse na tomada de Santarem, 165.C.

São Pedro de Rates ordenou Bispo em algũas Cidades de Espanha, 36. B. Primeiro Arcebispo de Braga, & de toda Espanha feito pello Apostolo Santiago. O primeiro Martyr de Europa, 79. A.

Dom Pedro Rey de Aragão morreo no anno de 1104. 92. D.

Dom Pedro Bispo do Porto. Forão tres deste nome successivamente, em que tempo, 115. 176. D. O terceiro delles até que anno chegou, 229.D.

Pedro Fogaca fidalgo do tempo del Rey D. Afonso Henriquez, 126. A.

Dom Pedro Afonso filho illegitimo del Rey Dom Afonso Henriques, 257. C. Foi deuoto da Ordem de Cister, & he prouael que foi Monge em Alcobaca, D. Trazemse prouas em confirmação disto, 182. 183. Trata-se de sua vida, 183. 184.

Dom Pedro Troicosendes de quem foi filho, & com quem foi casado, 259. A.

São Pedro Arcebispo de Tarantasia Monge Cisterciense fez grandes seruicos à Igreja, encontrando ao Antipapa Victor Quinto, 209.D.

São Pedro das Aguas mosteiro de Monges de São Benito se reduz à Ordem de Cister por São João Cirila, 213. B.

Dom Pedro Mendez segundo Abbade de Alcobaca, 230. A.

Conde Dom Pedro, reformãose algũs pontos de seu liuro, 22. B.

Dom Pedro Afonso foi Alfercz del Rey Dom Afonso Henriquez, & de seu filho Dom Sancho, 250.C.

Dom Pedro Infante de Portugal, mandou algũas vezes socorro a el Rey de Castella, 264. A.B.

Pelaio Amado segundo reedificador do Mosteiro de Bouro, se he ascendente dos Almeydas, 207.

Pena firme primeiro mosteiro de sua ordem em Espanha, 79. C.

Pereiras de quem procedem, 58. 59. 125 B. Suas armas, 59.D.

Pero Correa fidalgo do tempo do Conde D. Henrique, 59.B.

Dom Peransures Conde porque causa se entregou a el Rey de Aragão com hũa corda ao peçoço, 96.B.C.

Pedro Fernandez de Laedra, pay de

Vasco Perez Vcirom, & de Garcia Perez, tronco dos do apellido de Chacim, de quem era filho, 123.D.

Pero Paes fidalgo auentureiro na batalha de Ourique: sua ascendencia: com quem casou progenitor dos Maiaes, ou Amaiaes, 124. C. Achouse na tomada de Santarem.

Pero Viegas filho de Egas Moniz progenitor dos Attalides, 160.B.

Pero Martins da Torre progenitor dos Vasconcelos de quem era filho, 173.A

Pero Viegas primeiro Alcaide de Lisboa quem foi, 173.B.

Pero Rodrigues auô de Vasco Martinz Serrão foi hñ dos fidaigos que tomaraõ Moura, 223.D.

D. Petronilla filha, & successora de Dom Ramiro Rey de Aragaõ, mulher do Cõ de D. Ramon, 191.D.

Phelippe Rey de França em que tempo reinou, 31.D.

Phelippe de Alsacia Conde de Frandes casou com a Rainha Dona Tareja filha del Rey D. Afonso Henriquez, 264.D.

Morreo na terra Santa. Foi seu corpo tresadado a Clarual, 265.A.

Pimenteis dor de procedem, 125.B.

Pintos sua origem. Alguns fidaigos deste apellido. Suas armas, 60.B.C.

plebeus mies, que significa nas escrituras antigas, 197.

Poblete mosteiro da Ordem de Cister por que ordem foi edificado, 248.A.

Portugal em que tempo foi dado ao Conde de Dom Henrique, 16. C. D. Em que forma foi dado, 18. Suas conquistas não forão limitadas, & comprehendem sempre o Algarue, 21. Nunca foi Condado, 24.C. He sujeito, & feudatario à Rainha dos Anjos de Clarual, 34.C. Que terras continha quando el Rey D. Afonso Henriques tomou o gouerno delic, 93.B. Teue Reys proprios antes del Rey D. Afonso Henriques, 129. Nomeaõse alguns, 130. Foy confirmacao em Reyno a el Rey D. Afonso Henriquez, 137. O tempo que pa-

gou o feudo prometido por el Rey Dom Afonso Henriquez à Igreja Romana, 138. 139. Sogeito, & feudatario à Virgem Maria de Clarual, 140. Proua-se a excellencia, & precedencia que tem a respeito de outros Reynos da Christandade, 147. até 149. As razões que tẽ pera preceder a Aragaõ, & Napoles, 150. 151. 152. Em que anno foi promovido à dignidade Real, 150.A, He Monarchia, 151.D.

Portugueses ajudaraõ na conquista da terra Santa, 45. Fizerão brava resistencia ao Emperador dos Mouros em Coimbra, 47.D. Vencidos pellos Mouros indo socorrer Santarem. 55. B. Preuenções que fazem pera se defender dos Mouros, 70. Forão vencidos junto a Miranda, 75. D. Defenderão o cerco de Coimbre, ibid. Em que tempo comecaõ as guerras de Africa, 147.B. Quando principiaõ a navegacao Oriental, 147.C. Os estados que possuem em Africa, & Asia, 147.C.D. O valor dos Portugueses, 148. Tratão de impedir a el Rey D. Afonso Henriquez. acharse na tomada de Santarem, 163. Alcançaraõ hũa victoria dos Mouros junto a Sacauem, 170. Alcançaraõ dos Mouros duas admiraveis victorias, capitaneados por Gonçalo Mendiz da Maia o Lidador. Nomeaõse alguns fidaigos Portugueses que o acompanharão, 230. 231. Fizerão grandes danos no exercito com que os filhos do Miramolim vieraõ cercar Abrantes, 253.A. Fizerão grandes feitos se ajuda de outras nações, 263. Forão liberalissimos em ajudar as nações estrangeiras em suas guerras, 260. A. B. Acharaõse muitos na batalha das Naues, 264.

Porto, despois de sua restauração em q tempo tene Bispo, 71.A.

Porto Carreiro, os deste apellido que casam em Castella, & suas armas, 232.D.

Porto de Mo: de se reue se seu sitio, 255.C

Pratica



Pratica que os fidalgos fizeram a el Rey D. Afonso Henriques antes de dar a batalha no Campo de Ourique, 118.

Primazia de Braga se proua das fol. 36. ate 40.

Privilegios dados por el Rey Dom Afonso aos moradores de Lisboa, 753.C.

Privilegios dados aos Mouros de Lisboa por el Rey D. Afonso, 257C.

## Q.

**Q**uantos Mestres ouue da Ordem de Auís. Veja-se Ordem de Auís.

Quantos Mestres ouue da Ordem de Santiago. Veja-se Ordem de Santiago.

Quintas de Cresconhe, & Resende, em que se criou el Rey D. Afonso Henriques, 52.B.C.

## R.

**R**aimundo Conde de Tolosa, & S. Gil, achouse em algũas guerras de Espanha, & despois na conquista da terra Santa, 2. A.

Raimundo filho de Guilherme Conde de Borgonha foi senhor de Galiza, 2.A. Foi genro del Rey Dom Afonso sexto, gouernou Portugal, 15. A.

Raimundo Abbade de Fiteiro Religioso Cisterciense da principio à Ordem de Calatrava, 194.

Dom Ramiro Monge de São Bento eleito em Rey de Aragão, 92. B. 93. A. Em que anno morreu. 191.D.

Dom Ramiro Rey de Aragão filho de D. Sancho Maior foi morto pellos Mouros junto a Graux. Quantos annos reynou, 92.D.

Dom Ramon filho del Rey Dom Garcia de Navarra matou seu irmão Dom Sancho, 92.D.

Dom Ramon Conde de Barcelhona casou com Dona Petronilla filha del Rey D. Afonso de Aragão, & por ella ouue o Reyno, 191.D. Veo tratar o casamento de seu filho Dom Ramon à Cidade

de Tuy, com Dona Mafalda filha del Rey Dom Afonso Henriques, 195. A. Fundou o mosteiro de Poblet, 248.C.

Dom Ramon Principe de Aragão que de pois se chamou Dom Afonso. Traia-se seu casamento com Dona Mafalda filha del Rey Dom Afonso Henriques. 195. Mostrasse ser mais prouauel q̃ não teue effeito este casamento. 196.

Dom Randulfo Abbade de São João de Tarouca, em q̃ tempo floreceo, 212.C.

Rapaciano Alano de nação foi Rey de Portugal, 130. A.

Rebelos de quem decendem, suas armas, 173.C.

Rebotins de quem procedem, 125. B.

Recoleta primeira de São Francisco tem principio em Portuzal, 79.C.

Regedores de Portugal são Siluas, de que procedem, 60.B.

Dom Reimão Garcia companheiro do Lيدador, 232.D.

Reynos de Aragão, & Navarra diuididos em que tempo. 92. B.

Reynos de Castella, & Navarra unidos em D. Sancho Maior, diuididos por elle mesmo cõ os mais estados entre seus filhos. 92.B.

Reynos de Castella, & Navarra, & Galiza unidos em el Rey Dom Fernando, diuididos por elle entre seus filhos tornados a vnir em D. Afonso o Sexto de Leão, & primeiro de Castella, 92.C.

Reynos de Navarra, & Leão unidos em D. Sancho Ramires. 93. A.

Reys de Portugal não reconhecerão superioridade a outros Reys, prouase fol. 18. 19. 20. Ouue algũs neste Reyno antes del Rey D. Afonso Henriques. 129. 130. Foraõ tratados algũs pellos Summos Pontifices com o titulo de Magestade. Precedem nos Concilios a todos os Reys de Espanha, tirado o de Castella, & a todos os da Christandade, tirado o de França. 149.

Rey de Lamego rebelado contra o Conde Dom Henrique & vencido por elle. 40. C. D.

Reys

Reys de Espanha. Tocasse sua ascendencia, 92. B.

Rico homem declarasse q̃ dignidade era. Chamaão-se de pendão, & caldeira. Suas preminencias Durarão neste Rey no ate o tempo del Rey D. Afonso Quin to, 42.

Roberto Duque de Borgonha foy filho de Roberto Rey de Franca, & pai do Con de Dom Henrique, 3. B.

São Roberto fundador da Ordem Cister ciense recebeu anel de desposorios da mão da Virgem Maria, 33. D.

D. Roberte de la Corni fidalgo Framen go que se achou na tomada de Lisboa, que decendencia deixou neste Reyno, 174. B.

Rodrigo Velasques Conde, & senhor de Chaus, 9. C.

D. Rodrigo Vela Conde, prezo por el Rey D. Afonso Henriques, 109. C.

Rodrigo Froias fidalgo do tempo do Con de D. Henrique, 125.

D. Rodrigo Froias marido de Dona Mo ninha Goncalves filha do Lidador, 124. C. Progenitor dos Pereiras por varonia. Por casamentos, dos Pimen teis, Tauciras, Pachetos, dos de Moles, dos Rebotins, & dos Barbetos, 125. B.

Conde D. Rodrigo que floreceo no tempo del Rey D. Afonso Henriques. Inuesti gase quem deuia ser, 216. D. 217. A.

D. Rolim fidalgo Framengo primeiro se nhor da Azambuja, 17. C. 174.

Rolins senhores da Azambuja são Tana res, & Mouras, por que via, 224. B. suas armas, 225. A.

Ruy Gomes de Gundar da Motta quem foi, 38. C.

Ruy Mendes fidalgo aaventureiro que se achou na batalha do Câpo de Ourique 123. C.

S.

**S** Adão rio junto a Alcaçar do Sal, 192. A.

Salado em que tempo floreceo, 257. B.

Salernas de quem decendem, & onde tem seu morgado, 192. P.

Salvador Gonçalues bisneto de D. Aniam da Estrada, com quem casou, & sua decendencia, 87. A.

Saluquia foy Alcaidesa de Moura, 223. C.

Salzeda mosteiro da Ordem de Cister fundado por Dona Tarcja mulher de Egas Moniz: sua fundação, fabrica, & grandeza, 240. D. Em que anno te ue religiosos, suas preminências, 241. B.

Dom Sancho Rey de Galiza, & Portugal fez cleger o primeiro Bispo em Braga depois de restaurada, 11. D.

El Rey D. Sancho o Primeiro, no anno de 1185. começou a governar Portugal, 20. C. Tomou Silves no Algarve, & outras terras, & intitulouse Rey do Algarve, 21. D. Em que anno & mes naceo, 185. D. Deu batalha ao exer cito del Rey Dom Fernando de Leão, 226. C. Entrou com exercito ate Se uilha, & tomou Triana, 249. D. De quantos annos era ja casado, & tinha successores, 250. A. 259. C. Quantos soldados leuou nesta jornada. 250. D. Alcançou hũa celebratoria dos Mou ros, 251. A. B. Sojeitaraõselhe muitas terras de Mouros, 251. B. Cercou a Niebla. Porque causa leuanteu o cer co, 250. D. Acudio a decercar Beja, & alcançou victoria de dous Alcaides Mouros, 252. A. B. Merces que fez ao mosteiro de São João de Tarouqua. 253. C. D. Venceo a Radauan Capitão del Rey de Badajoz, 254. C. D. Venceo ao Miramolim jũto a Santarem, 262. Está enterrado em Santa Cruz de Coimbra, 266. C. Foi o segundo filho del D. Afonso Henriques, & da Rai nha D. Mafalda, 156. C.

El Rey D. Sancho segundo do nome con quistou Eluas, Iurumenha, Serpa, Alie zur, Alfaia de Pena, Mertola, o Ca stello de Marachic, Cacella, Ajaman te, & Tauria, 22. A.

Dona Sancha filha do Conde Dom Hen rique

rique casou com Fernão Mendez, 53.  
C.  
D. Sancho ultimo Rey de Nauarra em  
que tempo reinou. Foi morto por seu  
irmão el Rey Dom Fernando, primeiro  
Rey de Castella, 92.B.  
El Rey D. Sancho Maior filho del Rey D.  
Garcia o Tembloso, quando reinou em  
Nauarra, com quem casou, sua decen-  
dencia, 92. Em que anno morreo. Re-  
partio seus Reynos entre seus filhos,  
92. C.  
D. Sancho filho do Conde Fernão Gonça-  
les foi pai de Dona Nuna Rainha de  
Castella, & Nauarra, 92.B.  
D. Sancho Ramires filho del Rey Dom Ra-  
miro de Aragoão morreo no cerco de  
Huesca no anno de 1104. 92. D. Foi  
Foi eleito Rey de Nauarra, 93. A.  
D. Sancho filho del Rey D. Garcia de Na-  
uarra foi morto por seu irmão D. Ra-  
mon, 92. D.  
D. Sancha filha de D. Bermudo, & de D.  
Vrraca filha do Conde D. Henrique,  
com quem casou, 104. D.  
D. Sancha se chamou hũa filha del Rey D.  
Afonso Henriquez, & de sua mulher  
D. Mafalda, 157. A.  
D. Sancho Rey de Castella, filho do Em-  
perador D. Afonso, em que tempo rei-  
nou, 191. C. Quando morreo, 194. C.  
Foi chamado o desejado, & casado cõ  
Dona Rica irmã del Rey D. Sancho de  
Nauarra, 194. D.  
D. Sancho Rey de Nauarra filho del Rey  
D. Garcia, quando entrou no gouerno  
de seu Reyno, 191. Em que anno mor-  
reo, 248. C.  
D. Sancho filho deste D. Sancho começou  
a reinar no anno de 1194. 248. C.  
D. Sancho Nunez de Barbosa de quem  
foy filho, sua decendencia, 232. B.  
Sandes donde procedem, suas armas,  
106. A.  
Sanguino Rey dos Turcos toma a cidade  
de Edefsa, 178. A.  
São Christouão de Lafões mosteiro da  
Ordem de Cister, fundado por João

Peculiar, 114. 212. A.  
Santa Cruz de Coimbra mosteiro de Co-  
negos Regulares, quando foi fundado,  
& por quem, 102. A. Augmentado, &  
dotado por el Rey D. Afonso Hêriquez  
102. C. Teue juntamente Religiosos,  
& Religiosas, & quanto tempo, 200.  
Suas izenções, preminencias, & ju-  
risdição Episcopal, 200. C. D.  
Santarem ganhada aos Mouros por el-  
Rey D. Afonso o Sexto. 14. A. Cercada  
por Cyro Rey dos Arabes, & tomada  
por fome, 55. A. Chamauase Schalabis,  
tomou o nome de Santa Eyria. Des-  
creue-se seu sitio, 161. Ganhada por el-  
Rey D. Afonso Henriques aos Mouros,  
164. Cercada por el Rey de Sevilha,  
241. D. & pello Miramolim, 226. B.  
Santiago Apostolo fundou a Igreja de Bra-  
ga, & fez o primeiro Bispo della São  
Pedro seu discipulo, 36. C.  
S. Sabina foi natural de Euora, 218. C.  
Scisma que ouue na Igreja do Papa Ale-  
xandre Terceiro quãto durou, 209. C.  
Sê de Coimbra dotada de muitas rendas  
pello Conde Dom Henrique, 45. 46.  
Alcançou da Rainha D. Tareja Góza,  
Arganil, & Lourosa, 2. . .  
Sê de Braga dotada do Couto de Moure,  
& Igreja de Santo Antonino pello Con-  
de Dom Henrique, & pella Rainha  
Dona Tareja, 46. dotada do Couto de  
São Mamede, & de outras terras pel-  
la mesma Rainha, 71. D.  
Sê do Porto dotada de rendas pella Rai-  
nha Dona Tareja, 71. A.  
Sê de Lisboa em que tempo foi edificada,  
& por quem, 27. B.  
El Rey D. Sebastião deu socorro ao Papa  
de dinheiro. 148. B. Ajudou com hũa  
armada na tomada de Penhã, com ou-  
tra aos Catholicos de França, 164.  
Seminario pera se criarem moços nelle  
se instituiu na Sê de Coimbra no tem-  
po do Conde D. Sifnando, 13.  
Senhores de Riba de Visella donde de-  
cendem, 59. A.  
Senhores de Angega são Monizes. He  
pronauç,

prouaueu que decendem de Egas Moniz, 160.D.  
 Senhores de Feigueiró, & do Pedrogão  
 São Vasconcellos, 173.A.  
 Senhores de Bellas de quem decendem,  
 174.  
 Senior, donde se diriuu este nome, & a  
 quem se daua nas escrituras antigas,  
 236.C.D.  
 Serpa ganhada por el Rey D. Afonso, 221  
 D. Foi duas vezes ganhada pellos Por-  
 tugueses, 222.C.  
 Senerosas de quem decendem, 160.3.  
 Signifer que officio era na casa Real, &  
 suas preminencias, 72. B. Não era  
 officio perpetuo, 73. A. Nomeão-se al-  
 guns que tiuerão este officio reinan-  
 do el Rey Dom Afonso Henriques, 73.  
 A. B.  
 Siluas, sua ascendencia, & nobreza. Que  
 casas tem em Portugal, & Castella,  
 59.D. 60. suas armas, 60.  
 Silueiras, sua ascendencia, & suas ar-  
 mas, 58. B. 220. D.  
 Semide mosteiro de Religiosos, depois de  
 Religiosas de S. Bento: por quem foi  
 fundado, 177. A.  
 Siqueiras de quem procedem, 58 B, suas  
 armas, 125.D.  
 Sintra ganhada por el Rey D. Afonso sex-  
 to, 14. A. Rebelada, & segunda vez  
 ganhada pello Conde D. Henrique, 49.  
 C. Outra vez tornou ao senhorio dos  
 Mouros 55.C. Terceira vez ganhada  
 por el Rey Dom Afonso Henriquez,  
 172.C.  
 Sisnando Conde, ou Consul das terras de  
 entre Douro, & Mondego, feito por  
 el Rey Dom Fernando, moraua em  
 Coimbra, 7.C. Parece que foi natural  
 da mesma Comarca, 8.B. Tinha nella  
 terras, & heranças. Achouse na toma-  
 mada de Coimbra, & na batalha jun-  
 to a Badajoz com el Rey D. Afonso, 8.  
 C. Ganhou algũas terras aos Mouros,  
 & fundou algũas Igrejas, 8.D.  
 D. Sisnando Bispo do Porto, quem era,  
 41.

Sisnando Monge de Claraual veio com  
 Boemundo fundar o Mosteiro de São  
 João de Tarouca, 78.  
 Sisnando Prelado da Igreja de Monte  
 mor o velho, foi companheiro de D.  
 Tello na edificação do mosteiro de S.  
 Cruz de Coimbra, 103. A.  
 Sizimbra ganhada aos Mouros por el Rey  
 D. Afonso Henriquez, 214. A.  
 Soares de Albergaria de quem decende,  
 suas armas, 173. A.  
 Souzas, sua antiguidade, nobreza. ascen-  
 dencia, as casas titulares que tem, 90.  
 A. B.  
 Soure, & seu castello queimado por seus  
 moradores, & restaurado por elles, 75  
 D. Sua reedificação, 81. C.  
 Sueiro Formarigues homem principal  
 viuia na terra de Santa Maria, 9. B.  
 Capitão dos Portugueses, & morto in-  
 do socorrer Santarem. Pay de Nuno  
 Soarez. Progenitor por linha femini-  
 na dos Vasconcellos, 55.  
 Sueiro Vicgas filho de Egas Moniz foi  
 casado com Dona Sancha filha de D.  
 Bermudo, & da Infanta Dona Vrraca  
 Que successores deixou, 104.D. 160. B.  
 Sueiro Guedes fundador da Varzea, cujo  
 filho foy, 159. A.  
 D. Sueiro primeiro instituidor da ordem  
 de S. João de Pereiro, 189.  
 D. Sueiro Ayres de Valadares cõpanhei-  
 ro do Lidador, 232. D.  
 D. Sueiro Perez Mouro companheiro do  
 Lidador de quem foi filho, & sua de-  
 cendencia, 233. A. B.

P.

**T** Amaraes, mosteiro da Ordem de  
 Cister, foi dado ao Abade de Al-  
 cobaca por el Rey D. Afonso segundo,  
 242. C.  
 D. Tareja Rainha molher do Conde Dom  
 Henrique em que tempo casou cõ elle,  
 17. A. Discute-se se foi filha legitima  
 del Rey D. Afonso o Sexto, das fol. 25.  
 ate 29.

- até 29. Teue aução à herança dos Reys de Leão, & Castella, das fol. 29. até 31. Por morte do Conde D. Henri que gouernou Portugal, & quanto tẽ-64. & dahi por diante. Disputase se foi casada segunda vez com o Conde D. Fernando, das fol. 65. D. até as 70. Dotou a Se do Porto de rendas sendo o primeiro Bispo della Hugo, 71. A. B. Doiou à Se de Braga o Couto de São Mamede, & de outras terras. A Se de Coimbra deu Coja, Arganil, & Lourosa, 71. D. 72. A. Entregou o castello de S. Oláia, & Soure ao Conde Dom Fernando, 81. B. Admitio os Cavaleiros Templarios em Portugal, 82. A. Teue dissenções com seu filho o Infante D. Afonso 88. Est. ue cercada no castello de Lanhoso, & foi presa por seu filho. 89. Prdiu socorro a Castella, 89. D. Não teue na prisão as indecencias que contaõ nossos historiadores. Morreo no anno de 1130. 97. C. He proua- uel que acabou no habito de Cister, 98. Suas perfeições naturaes, sua libera- lidade, humildade, & mais virtudes, 98. 99. Foi reprimida por São Theo- tonio. 88. Sua sepultura, 99. C. D.
- D. Tareja Afonso seguda mulher de Egas Moniz, em que tempo viveo na quin- ta de Salzedo, & fundouahi o mostei- ro, 52. D. Criou na mesma quinta os filhos del Rey Dom Afonso Henriques, 62. D. 240. D. Fez doação do mesmo mosteiro a São João Cirila, 212. C. Em que anno morreo, 240. A. Sua se- pultura 240. E. Sua nobreza, & vir- tudes, 240. C.
- D. Tareja filha do Conde Dom Henrique foi casada com D. Sancho Nunez, 53. C. D.
- D. Tareja filha del Rey Dom Afonso Hen- riquez, & de Dona Mafalda sua mo- lher, 157. A. Deu foral aos morado- res de Ourem, 254. A. Toca se sua li- beralidade, & como casou com Philip- pe Alsacia Conde de Frandes, 164. D. Morreo desastradamente. Estã enter- rada em Claraval, 265. A.
- D. Tareja Afonso, filha illegitima del Rey D. Afonso Henriquez, 158. B.
- Tauares, os deste apellido de quem de- cendem, 233. A. C. O que possuirão an- tigamente, & possuem agora, 233. D. suas armas, 234. A.
- Taveiras de quem procedem, 125. B. suas armas, 234. A.
- Tavolado que 1090 era, 74. C. D.
- Tanoras, sua antiguidade, & nobreza. São Condes de São João da Pesquei- ra, suas armas, 139. A.
- D. Tello Arcediogo de Se de Coimbra fez jornada à terra Santa, 44. A. Fundou o mosteiro de Santa Cruz, 102. Foy natural da mesma Cidade, filho de Odorio, & Eugenia. Os companheiros que teue. Toca se sua vida, 103.
- Teixeiras de quem decende, 57. B. suas armas, 57. C.
- Terges rio no Campo de Ourique, 117. D.
- Terra santa conquistada em que tempo, 34. C. Alguns successos que nella sine- rão os Christãos, 44. 45.
- Terra de Santa Maria, a que chamamos Terra da Feira, foi povoada de gente illustre, 85. B.
- Theodomiro reinou em Braga, 130. A.
- Theodorico foi filho de Guilherme senhor da casa de Loreina, & de sua mulher Eliza, 4. A.
- S. Theotónio primeiro Prior de S. Cruz de Coimbra: sua vida, milagres, & morte, 198. 199.
- Titulos de Duques, Marquezes, & Con- des se multiplicarão no tempo del Rey D. Afonso quinto, 238.
- D. Toda Ermigues Alboazar foy mulher de D. Egas Moniz o Gastlo, 41. D.
- D. Todabisaud de Egas Moniz. 159. A.
- Toledo, sua Igreja foi fojeita à de Caria- gena. Quando começou a ser Metro- poli, 39. A.
- Tomar, descreue se seu sitio, & fertilida- de, 111. B.
- Torres Vedras ganhada por el Rey Dom Afonso Henriquez, 184. C. Combati- da

da pellos Mouros, 264.C.  
 Torres novas ganhada pello mesmo Rey,  
 185.A.  
 Francofo tomada pellos Mouros, restaurada pello Infante D. Afonso Henriques, 100. 4. Segunda vez tomada pellos Mouros, & restaurada por ordem do mesmo D. Afonso Henriques, 197. D.  
 Trinchante, este cargo anda na familia dos Cunhas. 73. C.  
 Troicozendo Guedes, fundador do mosteiro de Paço de Sousa, cujo filho foi, 159. A.

# V.

**V**accariça mosteiro de monges de S. Bento, suas rendas, & jurisdição, 15. B. Annexo ao Collegio de S. Augustinho de Coimbra. 15. C.  
 Valadares que armas tem, 232. D.  
 Valentes de quem decendem, suas armas, 125. C. D.  
 Frei Vasco Ermitão da Serra de Offa, trouxe a Espanha os Ermitães q fundarão a Religião de S. Ieronimo, 62. C.  
 Frei Vasco Portugues fundou o mosteiro de Pena longa, & foi dos primeiros fundadores da Ordem de São Ieronimo, 79. B.  
 D. Vasco da Gama primeiro descobridor da India, & fundador da casa da Vidigeira, 147. C.  
 D. Vasco Fernandez quem era. Com que foi casado, que decendencia deixou. 160. C.  
 Conde Dom Vasco que pessoa foi, & que cargos teve na casa del Rey D. Afonso Henriquez, & cujo filho era, 217. A. B. C.  
 Vasco Martinz Serrão, a quem a Rainha Dona Brites fez doação de Moura. Inuestigase sua nobreza. Apontase cõ quem foi casado. Seus decendentes tẽ o apellido de Moura, 223. D. 224. B.  
 Vasconcellos decendentes por semea de Nuno Soares. 55. B. Decendentes de Martim Moniz por Pero Martinz

Torre. As casas que tem em Portugal. Suas armas. 173. A.  
 Vassalo, a que pessoas se daua este nome antigamente. 208. 209.  
 Velhos, de quem decendem os deste apellido, suas armas. 201. B. 233. A.  
 Veliulgo Bispo de Ciombrã em que tempo floreceo. 176. A.  
 Vestrio Bispo de Lugo: restaura a Igreja de Braga. 11. C.  
 S. Vicente natural de Euora, 218. C.  
 S. Vicente Padroeiro de Lisboa, foi martyrizado em Valença. Como foi trazido seu corpo ao Algarue. 243. A. Como foi trasladado a Lisboa. Referemse alguns milagres que fez. Proua-se como he aquelle o corpo do Santo que foi martirizado em Valença. 243 até 247.  
 Vida heremitica teve principio em Portugal, & continuouse em Espanha. Alguns Varoẽs que floreceraõ nella. 51.  
 Vieiras que trazem por armas os Siqueiras, Pimenteis, & Camellos, donde tomaraõ principio. 132. C.  
 Viscondes de Villa noua de Cerueira, São Limas. De quem decendem, 104. D.  
 Vitoria do Campo de Ourique se seijada em Coimbra, 122. C.  
 Vitoria que os Portugueses alcançaraõ dos Mouros junto a Sacauem. 170.  
 Vitorias admiraveis que el Rey D. Afonso Henriquez alcançou dos Mouros, 193. B.  
 Vitoria que alcançou el Rey Dom Afonso Henriquez del Rey de Cadajoz, 214.  
 Vitorias que alcançaraõ os Portugueses de Amolcimar Capitão Mouro, leuando por seu Capitão a Gonçalo Mendez o Lidador. 230. D.  
 Vitoria que alcançaraõ os mesmos Portugueses de Alboazem Rey de Tangere. 231. A. B. Dase o Cathalogo de alguns Caualeiros que se achaaõ nestas batalhas, 231. C.  
 Vitoria que alcançou el Rey Dom Afonso del Rey de Seuilha junto a Santarem. 242. A.

Vitoria

*Vitoria que o Infante D. Sancho alcançou dos Mouros junto a Seuilha, 251. A. B.*

*Vitoria que alcançou o mesmo Infante junto a Beja, 252. A. B.*

*Vitoria que D. Fuas Roupinho alcançou del Rey de Merida, 255.*

*Vitoria que alcãçarão os Mouros no porto de Ceita de D. Fuas Roupinho, & mais Portuguezes, 258. B.*

*Vitoria que teve el Rey Dom Afonso, & seu filho Dom Sancho do Miramolim junto a Santarem. 262. Comparase esta vitoria com a das Nauas de Tolosa, & do Salado, & mostrase ser mayor. E aponta-se entre que Reys succederaõ estas batalhas, 263.*

*Urbano Segundo em que tempo gouernou a Igreja de Deos. Dase notícia de sua vida. 31. C. Foi o primeiro que deu a Cruzada. 33. D.*

*D. Vrraca filha do Emperador D. Afonso Sexto, & da Rainha D. Costança, 27 A. Foi casada a primeira vez com o Conde D. Raymundo, a segunda com el Rey de Leão, 29. C.*

*D. Vrraca, ou Orraca filha do Conde Dõ*

*Henrique, & de D. Tareja sua molhe soy casada com Vermudo, ou Bermudo Paes, algũs nomeão Pires, & h' melhor deriução, porque seu pay chamou Pedro, 53. B. C. Sua decendencia, 104. D.*

*D. Vrraca filha del Rey D. Afonso Henriques, & da Rainha D. Mafalda, foi casada com el Rey de Leão, 157. A.*

*D. Vrraca senhora da Azambuja cõ qui casou, 224. B.*

*Vuitiza Rey de Galiza, & Portugal, 132. B.*

X.

**X** A letra X com esta plica val quarenta. 5. D.

*D. Ximena Munos foi mãy da Rainha D. Tareja. 26. E molher del Rey D. Afonso, 27. B. Cujã filha foi. 28. B.*

Z.

**Z** Aida, ou Izabel filha del Rey de Seuilha, foi molher del Rey D. Afonso Sexto. 28. C.

F I N I S.

